O ano sem par

Raymundo Teixeira Mendes

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

O Amor por principio, e a Ordem por baze;
O Progresso por fim.

Ordem e Progresso. *Viver para outrem.* *Viver ás claras.*

O ANO SEM PAR

ABRIL DE 1845 A ABRIL DE 1846

OU

Meditação religioza da incomparavel União
á qual os Fundadores do Pozitivismo,

AUGUSTO COMTE e CLOTILDE de VAUX (n. MARIE),

devèrão o preenchimento da sua missão.

ESBOÇO POR

R. TEIXEIRA MENDES
Vice-Diretor do Apostolado Pozitivista do Brazil.

RIO DE JANEIRO
NA SÉDE CENTRAL DA IGREJA POZITIVISTA DO BRAZIL
Templo da Humanidade
30, rua Benjamin Constant, 30
Dezembro de 1900
Ano CXII da Revolução Franceza e XLVI da Éra Normal

O ANO SEM PAR

ABRIL DE 1845 A ABRIL DE 1846

.... a religião cuja fundação a Posteridade te atribuirá (a Clotilde) tanto como a mim.

(VOLUME SAGRADO, *ultima Sta. Clotilde*, p. 239.)

.... O nosso dolorozo fadario deixou-nos pelo menos sempre saborear a plena convicção que todo leal exame da nossa conduta mutua aumentaria muito os nossos direitos respetivos á cordial veneração das almas honestas. Quando a Humanidade procurar, em uma escrupuloza apreciação da minha vida privada, essas justas garantias morais que ela deve sobretudo exigir dos verdadeiros filozofos, o conjunto da nossa correspondencia bastaria, si fôr precizo, para atestar a santidade contínua de um laço ecepcional, igualmente honrozo a ambos os nossos corações.

(*Dedicatoria da* POLITICA POZITIVA.)

Para fazer triunfar a Religião da Humanidade, só precizamos de amor, mais amor, sempre amor.

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

O Amor por principio, e a Ordem por baze;
O Progresso por fim.

Ordem e Progresso. *Viver para outrem.* *Viver ás claras.*

O ANO SEM PAR

ABRIL DE 1845 A ABRIL DE 1846

OU

Meditação religiosa da incomparavel União á qual os Fundadores do Pozitivismo,

AUGUSTO COMTE e CLOTILDE de VAUX (n. MARIE),

devérão o preenchimento da sua missão.

ESBOÇO POR

R. TEIXEIRA MENDES
Vice-Diretor do Apostolado Pozitivista do Brazil.

RIO DE JANEIRO
NA SÉDE CENTRAL DA IGREJA POZITIVISTA DO BRAZIL
Templo da Humanidade
30, rua Benjamin Constant, 30
Dezembro de 1900
Ano CXII da Revolução Franceza e XLVI da Éra Normal

Indice geral das materias

Indice geral das materias

TRANZIÇÃO FINAL

Outubro, Novembro, e Dezembro

TERCEIRA PARTE

Estado normal

Janeiro, Fevereiro, Março de 1846

EPILOGO

28 de Março a 10 de Abril de 1846

CONCLUZÃO

A Unidade

NOTA A' PAGINA 77

Templo da Humanidade no Rio de Janeiro.
Rozalia Boyer consagrando seu Filho,
o futuro Fundador do Pozitivismo,
á regeneração humana.
(Idealização do pintor brazileiro Eduardo de Sá)

O Ano sem par, *p. inicial.*

ADVERTENCIA

> A medida que se instala a *religião cuja fundação a Posteridade te atribuirá tanto quanto a mim*, sinto até que ponto tu serias agora precioza ao pozitivismo, no qual a necessidade de uma digna pena feminina torna-se hoje preponderante.
>
> (VOLUME SAGRADO. *Ultima confissão*, p. 239.)

Para explicar os motivos desta publicação, começarei recordando o que disse no Relatorio da minha *Vizita aos Lugares Santos do Pozitivismo:*

« O Pozitivismo foi o termo da longa evolução da Humanidade esforçando-se por fazer convergir, cada vez mais, para o aperfeiçoamento, isto é, para a felicidade dos seus filhos, todos os aspetos da nossa natureza, individual e coletiva, e todos os elementos do Mundo ao seu alcance. E' essa suprema coordenação que carateriza o problema da unidade humana, da qual as diferentes religiões constituem soluções provizorias, adaptadas ás exigencias de cada lugar e de cada época. O malogro sucessivo dessas tentativas empiricas, nas quais a nossa Especie jamais cessou de proseguir o seu alvo real, sob iluminuras mais ou menos chimericas, acabou por permitir a instituição da solução definitiva. Esta exigiu o concurso de duas influencias originais, uma mental e outra afetiva, em virtude da condensação respetiva dos progressos intelectuais e morais nas naturezas de Augusto Comte e Clotilde de Vaux. Depois de um surto independente, que a revolução moderna no seu apogeu tornou cheio de perigos e dôres, a Fatalidade aproximou felizmente essas almas incomparaveis e assegurou, por uma união sem exemplo, o preenchimento da santa missão que o conjunto dos destinos humanos lhes assinára. O dezenvolvimento sistematico de Augusto Comte pôde então tomar o seu verdadeiro carater, extendendo e regenerando a sinteze sientifica, mediante a assimilação

das inspirações morais de Clotilde e a meditação das perfeições da alma dela. E Clotilde, pelo seu lado, conseguiu assim o cumprimento dos seus votos mais ternos e mais nobres, em virtude da sistematização pozitiva dos sublimes vôos do seu coração imaculado.

« Ensaiar um esboço desse quadro para sempre unico, tentando reconstruir as situações sociais e morais em que se achárão os santos Fundadores da Religião da Humanidade, eis o sonho que nos seduziu. Esquecemos assim as dificuldades do assunto pelo pensamento que o inexbaurivel encanto de contemplar a grandeza humana no seu supremo dezabrochamento poderia levar as almas amorozas a comprehenderem melhor a vida dos nossos Pais Espirituais e a votarem os seus esforços á regeneração social. »

A estas linhas acrecentarei agora as poucas reflexões seguintes:

Para bem apanhar a natureza do consorcio ecepcional entre os Fundadores do Pozitivismo, cumpre refletir que a instituição da Religião Final requeria, ao mesmo tempo a plena satisfação das mais delicadas exigencias morais e dos mais ineludiveis reclamos industriais da Humanidade. Ora, o conjunto da nossa constituição cerebral, como da nossa situação planetaria, faz com que espontaneamente aquelas, donde depende o surto estetico, se rezumão no sexo feminino, e estes, aos quais é inherente o elance teorico, se condensem no sexo masculino. Era, pois, tão fatal que as primeiras tivessem para orgão a mais santa das Mulheres, e os segundos o mais sublime dos Homens, como que a solução do problema total requeresse a combinação dos esforços originais desse par unico. Aprofundando tal exame, é facil de reconhecer mesmo que, dos laços subzistentes entre os dois sexos, era o vinculo conjugal aquele de que mais provavelmente rezultaria a união suprema. Porque esse vinculo é o que mais forte e naturalmente rezume os caracteres altruistas peculiares em separado á maternidade, á filiação, á fraternidade, e á domesticidade.

Isto posto, algumas considerações mais bastão para acabar de expôr o objetivo do esboço atual.

A concepção sociologica da Humanidade exige energicos esforços de abstração, pois que é precizo assim elevar-se á imagem adoravel de uma Deuza de amor, mediante a contemplação confuza das gerações passadas e contempo-

raneas, trabalhadas continuamente por crueis vicissitudes. O mesmo não acontece, porem, quando, completando o exame sociologico pela consideração moral, se aprecia o Grão-Ser atravez das suas melhores *personificações*. Porque, então, as circunstancias perturbadoras de um virtuozo entuziasmo achão-se espontaneamente eliminadas, ao mesmo tempo que se realção os motivos de admiração e de reconhecimento. Seria, portanto, dificilimo, sinão impossivel, colocar de outro modo, atualmente, o Pozitivismo ao alcance das almas populares e especialmente dos corações femininos. Por isso tambem, no plano da reorganização social, o nosso Mestre determinou que a celebração direta da Humanidade fosse corroborada e elucidada pela comemoração dos grandes reprezentantes da evolução coletiva.

Comparando, porem, entre si, as diversas personificações da Humanidade, segundo a sua aptidão religioza, isto é, a sua aptidão a despertar um verdadeiro *culto*, não se tarda em perceber que tão santo apanagio cabe principalmente ao sexo feminino. Com efeito, tudo quanto, na existencia da nossa Especie, é de natureza a contrariar a expansão dos pendores benevolos tem por orgão a massa masculina. Para não conservar duvidas a tal respeito, si é que duvidas são então possiveis, basta lembrar as guerras e as revoluções. Ao passo que a imagem feminina evoca sempre, por contraste, as mais doces emoções do altruismo. Ora, entre todas as mulheres, conhecidas e legendarias, nenhuma reuniu em grau tão alto como Clotilde o conjunto dos mais nobres atributos humanos; nenhuma reprezentou um papel tão capital na existencia da Humanidade.

Na sua *Confissão* de 25 de Junho de 1848, o nosso Mestre dizia:

« . . . A tua celebração seria assegurada, si alguma mulher de elite pudesse hoje afastar assás toda verdadeira rivalidade para caraterizar dignamente a tua aptidão *mental e moral a constituir o melhor tipo feminino*. As exigencias essenciais do novo culto fizerão-me procurar com candura, no conjunto do passado, uma verdadeira personificação da mulher. Mas a minha consiencia sacerdotal fez-me sempre voltar para ti. *Não pude achar alhures essa plena harmonia entre o coração e o espirito que emprestaste á tua tocante Lucia.*

. . . .

« Que outra mulher celebre ofereceria esse mixto admi-

ravel de abandono e de dignidade, essa perfeita pureza izenta de toda secura? Mas enquanto fôr eu o unico a proclamar a tua ecelencia, explicarão pelo amor uma apreciação emanada sobretudo da justiça, e na qual a nossa união só intervem como tendo me permitido conhecer-te melhor. Espero entretanto que os corações ternos e os espiritos delicados sentirão o *profundo merito intelectual e moral* da tua unica publicação estetica. [1] Reproduzida como complemento da minha cara dedicatoria, após a compozição ecepcional [2] que começou a nova faze do pozitivismo, e seguida da tua suave *canzone*, [3] ela manifestará, sem duvida, a *intima justeza* dos meus elogios. O cotejo involuntario desse feliz preambulo com a obra capital [4] que ele ha de inaugurar poderá determinar *uma séria apreciação da parte espontanea que te atribûi a minha consiencioza gratidão na minha sistematização final.* (VOLUME SAGRADO, ps. 132-133.)

Essas sumarissimas reflexões bastão, segundo cremos, para mostrar que não seria dado nunca personificar melhor a suave Deuza dos *ricos de coração*, do que na encantadora imagem d'Aquela que o conjunto da sagrada evolução tornou a Virgem-Mãi de toda a Posteridade. Não é possivel ter um conhecimento aprofundado da sua martirizada e irreprochavel existencia sem sentir logo a alma arroubada por uma admiração e uma gratidão inecediveis. Mas a apreciação real de tamanha grandeza, requerendo o exame das condições que a produzirão, tal admiração e tal gratidão nos elevão imediatamente ao culto da Humanidade, de quem Clotilde constitûi, ao mesmo tempo, a mais maravilhoza creação e o mais sublime rezumo.

Para identificar-se, porem, assim, com a alma do nosso Mestre, é precizo aproximar-se, tanto quanto possivel, do conhecimento que Ele teve a ventura de possuir acerca da Mulher divina que Ele proclamou a sua Colega e a sua Inspiradora, bem como o seu Juiz Supremo. Ora, isso não será conseguido sem a meditação religioza da vida de ambos, tomando em conta todos os dados possuidos sobre as suas prodigiozas existencias, esclarecidos pelas luzes da

1 LUCIA. (Vide ps. 216-231.)—R. T. M.

2 CARTA SOBRE A COMEMORAÇÃO SOCIAL. (Vide ps. 179-187.)— R. T. M.

3 A poezia de Clotilde que tem por titulo: *Os pensamentos de uma flor.* (Vide ps. 512-513.)—R. T. M.

4 POLITICA POZITIVA.—R. T. M.

Sociologia e da Moral sientificas. Eis como o mesmo exame que nos mostra em Clotilde a Medianeira entre a Humanidade e os seus filhos, patenteia que só o nosso Mestre nos póde elevar á adoração da sua angelica Inspiradora. De sorte que assim fica realizado o voto que Ele exprimia, afirmando que acima de tudo ambicionaria sempre o titulo de seu adorador. *

Por outro lado, a anarchia moderna torna indispensavel similhante meditação para dissipar os sofismas engendrados pela ignorancia, a leviandade, e a malevolencia, mediante a tortura dos documentos lealmente entregues ao julgamento da Posteridade. A nossa situação no apostolado pozitivista nos foi manifestando cada vez mais sensivelmente essa fatalidade, acabando mesmo por convencer-nos que um trabalho com esse carater constituia o melhor serviço que poderiamos jamais prestar. Desde então fizemos convergir todas as véras da nossa alma para o dezempenho de tão gratissimo dever.

Tais são as razões do prezente escrito. Preferi publicá-lo em um só volume para evitar, tanto quanto em mim cabe, que os documentos que o compõe se dispersem. Apezar das suas imperfeições, creio que ele irá satisfazer essencialmente o seu destino. Nenhum problema podendo ser convenientemente posto sem uma solução qualquer, conforme mostrou o nosso Mestre, esta tentativa servirá incluzive para determinar porventura uma elaboração que não fique tão longe do sublime objetivo ora vizado. Espero, em todo cazo, que as almas honestas encontrarão aqui a demonstração irrefutavel da incomparavel grandeza moral dos nossos Pais-Espirituais. Com efeito, estou convencido que a leitura destas paginas dissipará as prevenções quaisquer oriundas de um imperfeito conhecimento dos fatos e das circunstancias de tão ecepcionalissimas existencias.

Terminando esta advertencia, devo testemunhar publicamente o meu reconhecimento áqueles sem cujo concurso especial tornar-se-ia impossivel a prezente publicação. Alem de varios esclarecimentos acerca da inteligencia e da melhor tradução da *Correspondencia Sagrada*, agradeço ao nosso chefe e amigo, o cidadão Miguel Lemos,

* Terminando a carta de 29 de Outubro de 1845, o nosso Mestre dizia: « Ambicionarei sempre acima de tudo o titulo de seu apaixonado Filozofo. » (Vide este volume, p. 446.)

a autorização de fazer a impressão na pequena imprensa rezervada ás publicações do Apostolado Brazileiro. Graças a essa concessão, a benevola assistencia do meu prestimozo amigo o Dr. Manuel Pereira Reis pôde assegurar a realização do trabalho tipografico. Este foi executado sobre a dedicada direção do nosso confrade e amigo, o cidadão Malaquias P. da Silva Junior, que fez toda a impressão. Encetado pelos cidadãos Vicente Ferrer e Patricio Noruega, o trabalho de compozição coube depois pela maxima parte ao cidadão A. Monteiro, sucessivamente auxiliado pelos cidadãos Alarico de Azevedo e Guilherme Prescott.

Quanto ás ilustrações que ornão este volume, devo primeiro lembrar que, em grande parte, são devidas á generoza colaboração do nosso ardorozo confrade e amigo da Igreja de Londres, o cidadão Tomaz Sulman, que uma morte inesperada acaba de arrebatar prematuramente á propaganda da Religião da Humanidade. * O simpatico interesse com que ele aguardava esta publicação constituirá sempre para mim uma das mais tocantes provas da fraternal afeição que tive a felicidade de ver surgir entre nós. *

As despezas para ultimação desta publicação determinárão a solicitar para ela assinaturas prévias. Na folha avulsa distribuida em 25 de Junho para esse fim, anunciavamos que o nosso confrade e amigo cidadão Montenegro Cordeiro se propunha a fazer para este volume um certo numero de ilustrações em platinotipia, que podião ser adquiridas na mesma ocazião ou em qualquer tempo. A vista do acolhimento que encontrou esse acrecimo cultual, o cidadão Montenegro Cordeiro julgou preferivel substituir as platinotipias *para alguns volumes* por fototipogravuras destinadas *a toda a edição*. Esse trabalho foi confiado ao cidadão E. Brand, sendo a impressão feita nas merecidamente conceituadas oficinas dos cidadãos Leuzinger. Conto que esta substituição será aprovada pelos que fizerão o favor de subscrever préviamente as platinotipias. Em todo cazo, aqueles que não concordarem com a alteração, poderão obter as platinotipias prometidas,

* Naceu a 21 de Julho de 1832 e faleceu em Londres a 17 de Frederico de 112 (21 de Novembro de 1900).

* Essas gravuras são as das ps. 25, 27, 29, 93, 145, 147, 175, 309, 496, 803, e 860.

mediante reclamação que nos dirigirem, devolvendo os seus volumes.

Cumpre-me finalmente agradecer ao nosso confrade e amigo cidadão Jozé Mariano de Oliveira o preciozo auxilio que me prestou na revizão das provas, sugerindo-me nessa ocazião uteis indicações literarias.

A todos asseguro aqui, mais uma vez, a minha sincera gratidão pela benevola assistencia que me derão, para levar avante o que se me afigura ser, agora e sempre, o mais util esforço de uma atividade desgraçadamente tão inferior á sua destinação.

R. Teixeira Mendes,

(42, Rua Benjamin Constant.)

Nacido, a 5 de Janeiro de 1855, em Caxias, Maranhão.

Rio, Mercuridia 3 de Bichat de 112 (5 de Dezembro de 1900).

P. S. Satisfeitas as despezas de publicação, o produto da venda deste volume reverterá para a Igreja Pozitivista do Brazil.

AUGUSTO COMTE trabalhando sob a inspiração dos seus tres Anjos: ROZALIA, CLOTILDE, e SOFIA. (Segundo o esboço que Etex fez do seu proprio quadro, e hoje pertencente ao nosso confrade chileno João Henrique Lagarrigue).

DEDICATORIA

Á MEMORIA SACRATISSIMA

DOS

FUNDADORES DA RELIGIÃO DA HUMANIDADE,

Clotilde de Vaux (n. Marie) e Augusto Comte;

BEM COMO DOS

Entes que os amárão e fôrão por Eles amados,

especialmente as santas Mulheres
que formárão com Clotilde a Trindade Angelica do nosso Mestre,

ROZALIA BOYER e SOFIA BLIAUX.

Exercite-se o vosso filho na imitação da vossa vida, porque ahi está a salvação e a verdadeira santidade. Tudo o mais quanto leio ou ouço não me recreia, nem deleita plenamente. (Parafraze de TOMAZ DE KEMPIS, livro III, C. XVI.)

Rio, Mercuridia 3 de Bichat de 112 (5 de Dezembro de 1900).

Adorados Pais, Martires supremos do Altruismo,

Depozito humildemente hoje, nas vossas tão modestas quanto gloriozas tumbas, esta meditação filial da vossa incomparavel União. Similhante ato se me afigura o mais eficaz concurso ao meu alcance para acelerar a realização dos vossos mais ardentes votos. Longe, porem, de arrefecer em nada o entuziasmo que fizestes a graça de acender em mim, essa homenagem fortificará, segundo espero, a vontade de auxiliar, quanto em mim couber, a ação regeneradora do Apostolo e irmão a quem devo a vossa revelação.

Mais de vinte e um anos de contínua propaganda me forão, com efeito, patenteando, com energia sempre

crecente, que a vitoria da Religião final está intimamente ligada á adoração sincera da vossa memoria. E esse edificante culto seria irrealizavel sem um minuciozo estudo das vossas atribuladas e santas existencias. Sim; é na contemplação das lutas sublimes que o vosso altruismo teve de sustentar contra os pendores pessoais, no seio da mais anarchica situação social e moral, que se fica em estado, não só de avaliar exatamente a vossa incomparavel grandeza, mas tambem de imaginar a Humanidade em todo o seu explendor. Apezar das suas imperfeições, este volume veio, pois, preencher apenas uma lacuna que a cada instante se fazia sentir no dezempenho do apostolado que a situação social me impôz. Cumprindo esse grato dever, sinto que a evangelização pozitiva se torna mais proporcionada aos meus recursos e mais adaptavel ao nosso meio social. Porque posso agora limitar-me a proclamar diretamente a vossa glorificação, sem concentrar as nossas principais solenidades sociolatricas na demonstração dos vossos serviços.

Oxalá este palido testemunho de uma gratidão e de uma admiração que tão mal posso exprimir leve aos que lerem estas paginas, e especialmente aos corações femininos e proletarios, o consolo e as esperanças que a vossa vida inspira em meio das convulsões modernas! Essa doce perspetiva constitúi, aliás, infelizmente! a unica compensação da benção que eu quizera poder solicitar aos vossos pés, e cuja falta objetiva ha de sempre amargurar as mais festivas expansões dos vossos filhos, na mais remota Posteridade!

O vosso humilimo filho, que só ambicionaria amar-vos dignamente.

R. Teixeira Mendes.

(Segundo a litografia publicada em 1856 por Constant Rebecque, no seu opusculo :– *Réflexions synthétiques.* Essa litografia foi feita por uma fotografia tirada em 1847, e pertencente ao Conde de Stirum.)

O ANO SEM PAR, *Introd. p. 1*

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

A UNIÃO

AUGUSTO COMTE E CLOTILDE DE VAUX

O ANO SEM PAR

ABRIL DE 1845 A ABRIL DE 1846

INTRODUÇÃO

Recordação das principais concepções morais do nosso Mestre antes de experimentar a influencia regeneradora de Clotilde.

No relatorio da nossa *Vizita aos Lugares Santos do Pozitivismo* esboçamos a edificante vida dos Fundadores da Religião final até o Venerdia 16 de Maio de 1845. Similhante data assinala, como vimos, a inauguração do surto religiozo do nosso Mestre, porque foi então que Ele proclamou a necessidade de sistematizar o predominio do amor no conjunto da nossa existencia individual e coletiva. Vamos agora assistir o maravilhozo dezenvolvimento dessa regeneração moral durante o *Ano sem Par* que constitúi a ultima faze da sublime carreira objetiva da nossa imaculada e terna Mãi Espiritual. Mas, para melhor apreciação de tão arrebatador espetaculo, convem recordar previamente as principais concepções morais a que chegára o nosso Mestre antes de experimentar a sua redentora paixão. Iniciaremos tal introdução pela expozição da teoria cerebral que Ele então admitia. Cumpre-nos, por outro lado, terminar a meditação desse epizodio supremo da evolução da Humanidade, indicando, embora de modo sumario, o proseguimento da acensão moral de Augusto Comte, depois que a mais calamitoza das mortes tornou puramente subjetivo o concurso de Clotilde na construção da Religião definitiva.

É no ultimo capitulo do III tomo do SISTEMA DE FILOZOFIA POZITIVA que se encontra a primeira expozição do nosso Mestre acerca da teoria sientifica da alma humana.

tituem os principais moveis da vida humana; e que, longe de rezultar da inteligencia, o seu impulso espontaneo e independente é indispensavel ao primeiro despertar e ao dezenvolvimento contínuo das diversas faculdades intelectuais, assinando-lhes um fito permanente, sem o qual, alem do vago necessario da sua direção geral, estas permanecerião essencialmente entorpecidas na maioria dos homens. É mesmo demaziado certo que os pendores menos nobres, mais animais, são habitualmente os mais energicos, e, por conseguinte, os mais influentes. O conjunto da natureza humana é pois muito infielmente retraçado por esses vãos sistemas, que, quando tomárão em alguma conta as faculdades afetivas, ligárão-nas vagamente a um principio unico, a simpatia, e sobretudo o egoismo, sempre suposto dirigido pela inteligencia. É assim que o homem foi reprezentado, contra a evidencia, como um ser essencialmente raciocinador, executando continuamente, sem ter consiencia, uma multidão de calculos, imperceptiveis, sem quazi espontaneidade alguma de ação, mesmo desde a mais tenra infancia. Um motivo respeitabilissimo contribuiu muito, sem duvida, para a manutenção dessa falsa noção, em virtude da consideração incontestavel que é *sobretudo pela inteligencia que o homem póde ser modificado e aperfeiçoado*. Mas a siencia exige, antes de tudo, a realidade das concepções, abstrahindo da conveniencia delas: e é sempre mesmo essa realidade, que torna-se a baze necessaria da sua utilidade efetiva. Todavia, sem menosprezar a influencia secundaria de tal intenção, póde-se facilmente constatar que duas cauzas puramente filozoficas, independentes de intuito algum de aplicação, e diretamente inherentes á natureza do metodo, conduzirão essencialmente os diversos metafizicos a essa hipotetica supremacia da inteligencia. A primeira consiste na van demarcação fundamental que os metafizicos forão forçados, como vimos, a estabelecer entre os animais e o homem, e que não teria podido certamente subzistir reconhecendo a preponderancia real das faculdades afetivas sobre as facul-

Mas a pouca atividade intrinseca das primeiras, na maioria dos homens, não permitindo quazi nunca a existencia de verdadeiras paixões intelectuais, introduziu-se o uzo de não aplicar esse termo sinão ás faculdades afetivas, unicas sucetiveis o mais das vezes de tal exaltação. Todavia importa talvez á precizão da linguagem sientifica evitar doravante, tanto quanto possivel, essa degeneração natural de uma expressão que é algumas vezes indispensavel de empregar na sua inteira acepção fundamental.

dades intelectuais, o que teria logo eliminado a diferença ideial que se supunha existir entre a natureza animal e a natureza humana. Em segundo lugar, uma cauza mais direta, mais intima, e mais geral dessa grande aberração rezultou da estrita obrigação em que devião achar-se os metafizicos de conservar, por um principio unico ou pelo menos soberano, o que eles chamárão a unidade do *eu*, afim de corresponder á rigoroza unidade da *alma*, que lhes era necessariamente imposta pela filozofia teologica, da qual não se deve nunca esquecer que a metafizica é apenas uma simples transformação final, si se quizer realmente comprehender a marcha historica do espirito humano. Porem, os sientistas pozitivos, que não se sujeitão de antemão a nenhuma outra obrigação intelectual sinão a de ver, sem embaraço algum, o verdadeiro estado das couzas, e *reproduzi-lo, com escrupuloza exatidão*, nas suas teorias, reconhecêrão, pelo contrario, segundo a experiencia universal, que, longe de ser unica, a natureza humana é, na realidade, eminentemente multipla, isto é, solicitada quazi sempre em diversos sentidos por varias potencias muito distintas e plenamente independentes, entre as quais o equilibrio se estabelece muito penozamente quando, como na maioria dos homens civilizados, nenhuma delas é, em si mesma, assaz pronunciada para adquirir espontaneamente uma alta preponderancia sobre todas as outras. Assim, a famoza teoria do *eu* é essencialmente sem objeto sientifico, pois que ela não é destinada sinão a reprezentar um estado puramente ficticio. Não ha, a este respeito como o indiquei já no fim da lição precedente, outro verdadeiro assunto de pesquizas pozitivas sinão o estudo final desse equilibrio geral das diversas funções animais, tanto de irritabilidade como de sensibilidade, que carateriza o estado plenamente normal, no qual cada uma delas, convenientemente temperada, acha-se em associação regular e permanente com o conjunto das outras, segundo as leis fundamentais das simpatias e sobretudo das sinergias propriamente ditas. É do sentimento contínuo de tal harmonia, frequentemente perturbada nas molestias, que rezulta necessariamente a noção, muito abstrata e muito indireta, do *eu*, isto é, do consenso universal do conjunto do organismo. Os psicologos quizerão em vão fazer dessa idéia, ou antes desse sentimento, um atributo excluzivo da humanidade: ele é evidentemente a consequencia necessaria

de toda vida animal propriamente dita; e,por conseguinte, pertence igualmente aos animais, conquanto estes não possão dissertar sobre tal; sem duvida, um gato ou qualquer outro vertebrado, sem saber dizer *eu*, não se toma habitualmente por outro que não a si mesmo. Talvez, aliás, nos animais superiores, o sentimento da personalidade seja ainda mais pronunciado do que no homem, por cauza da vida mais izolada deles: si entretanto se decesse demaziado longe na serie zoologica, acabar-se-ia por atingir organismos nos quais a degradação contínua do sistema nervozo atenua necessariamente esse sentimento composto, como os diversos sentimentos simples de que ele depende.

« Conquanto, pelos motivos precedentemente indicados, as diversas escolas psicologicas ou ideologicas tenhão estado de acordo em descurar essencialmente o estudo intelectual e moral dos animais, felizmente abandonado, desde a origem imediata da filozofia moderna, aos puros naturalistas, importa assinalar aqui a influencia funesta que as concepções metafizicas exercêrão todavia tambem, a este respeito, de uma maneira indireta, pela sua vaga e obscura distinção entre a inteligencia e o instinto, estabelecendo, da natureza humana para a natureza animal, uma ideal separação, da qual os zoologistas não se libertárão ainda suficientemente, mesmo hoje. A palavra *instinto* não tem, em si mesma, outra acepção fundamental sinão de dezignar todo impulso espontaneo para uma direção determinada, independentemente de alguma influencia extranha. Nesse sentido primitivo, tal termo aplica-se evidentemente á atividade peculiar e direta de qualquer faculdade, tanto das faculdades intelectuais como das faculdades afetivas; ele não contrasta então de modo algum com o nome de *inteligencia*, como se vê tantas vezes quando se fala daqueles que, sem nenhuma educação, manifestão um talento pronunciado para a muzica, para a pintura, para as matematicas, etc. Sob esse ponto de vista, ha certamente instinto, ou antes instintos, tanto ou mesmo mais no homem do que nos animais. Caraterizando, por outro lado, a *inteligencia* mediante a aptidão de modificar a sua conduta conforme as circunstancias de cada cazo, o que constitûi, com efeito, o principal atributo pratico da *razão* propriamente dita, é ainda evidente que, a esse respeito, como pelo motivo precedente, não ha lugar de estabelecer real-

O tomo é consagrado á apreciação da *Chimica* e da *Biologia;* e o capitulo mencionado foi escrito de 24 a 31 de Dezembro de 1837. * Simillhante expozição foi dezenvolvida, esclarecida, e aperfeiçoada nos volumes seguintes, especialmente relativos á *Sociologia*. Encontrão-se tambem dados para precizar as opiniões do nosso Mestre a tal respeito na sua correspondencia com Stuart Mill e com Sarah Austin, bem como no *Discurso sobre o Espirito pozitivo*, que serve de introdução á sua *Astronomia Popular*. Vamos extrahir de todos esses documentos os trechos que nos parecem indispensaveis para permitir fazer idéia exata das suas concepções neste assunto capital, antes de experimentar a redentora paixão que lhe inspirou Clotilde. Para auxiliar a meditação dessas passagens, juntamos o quadro anexo, no qual rezumimos os dados que elas encerrão.

O nosso Mestre começa pelo exame das teorias metafizicas que precedêrão á obra de Gall. Depois de hav[illegible] apontado os vicios logicos de tais concepções, diz:

« A psicologia ou ideologia, considerada agora, não n[illegible] quanto ao metodo, doravante assaz examinado, mas [illegible] tamente só quanto á doutrina, aprezenta-nos a prin[illegible] uma aberração fundamental, essencialmente comu[illegible] todas as seitas, por uma falsa apreciação das rela[illegible] gerais entre as faculdades afetivas e as faculdades ir[illegible] ctuais. Conquanto a preponderancia destas ultimas t[illegible] sido concebida, sem duvida, mediante teorias muit[illegible] vergentes, todos os diferentes metafizicos estão toda[illegible] acordo em proclamá-la como o ponto de partida pr[illegible] deles. O *espirito* tornou-se o assunto quazi exclu[illegible] suas especulações, e as diversas faculdades afetiv[illegible] quazi inteiramente descuradas, e sempre sub[illegible] aliás á inteligencia. Ora, tal concepção reprezen[illegible] mente o inverso da realidade, não sómente p[illegible] mais, mas tambem para o homem. Porque a [illegible] quotidiana mostra, pelo contrario, da ma[illegible] equivoca, que as afeições, os pendores, as pai[illegible]

* Já então havia cessado toda intimidade conj[illegible] Mestre e Carolina Massin.

** O nome de *paixão*, tão judiciozamente sinoni[illegible] dezigna, por si mesmo, sinão o mais alto grau nor[illegible] moral, o estado mais aproximado da mania propr[illegible] faculdade adquiriria assás preponderancia para [illegible] [illegible]lidade que carateriza o estado anormal Essa [illegible] pois convir tanto ás faculdades intelectuais co[illegible]

tituem os principais moveis da vida humana; e que, longe de rezultar da inteligencia, o seu impulso espontaneo e independente é indispensavel ao primeiro despertar e ao dezenvolvimento contínuo das diversas faculdades intelectuais, assinando-lhes um fito permanente, sem o qual, alem do vago necessario da sua direção geral, estas permanecerião essencialmente entorpecidas na maioria dos homens. É mesmo demaziado certo que os pendores menos nobres, mais animais, são habitualmente os mais energicos, e, por conseguinte, os mais influentes. O conjunto da natureza humana é pois muito infielmente retraçado por esses vãos sistemas, que, quando tomárão em alguma conta as faculdades afetivas, ligárão-nas vagamente a um principio unico, a simpatia, e sobretudo o egoismo, sempre suposto dirigido pela inteligencia. É assim que o homem foi reprezentado, contra a evidencia, como um ser essencialmente raciocinador, executando continuamente, sem ter consiencia, uma multidão de calculos, imperceptiveis, sem quazi espontaneidade alguma de ação, mesmo desde a mais tenra infancia. Um motivo respeitabilissimo contribuiu muito, sem duvida, para a manutenção dessa falsa noção, em virtude da consideração incontestavel que é *sobretudo pela inteligencia que o homem póde ser modificado e aperfeiçoado.* Mas a siencia exige, antes de tudo, a realidade das concepções, abstrahindo da conveniencia delas: e é sempre mesmo essa realidade, que torna-se a baze necessaria da sua utilidade efetiva. Todavia, sem menosprezar a influencia secundaria de tal intenção, póde-se facilmente constatar que duas cauzas puramente filozoficas, independentes de intuito algum de aplicação, e diretamente inherentes á natureza do metodo, conduzirão essencialmente os diverses metafizicos a essa hipotetica supremacia da inteligencia. A primeira consiste na van demarcação fundamental que os metafizicos forão forçados, como vimos, a estabelecer entre os animais e o homem, e que não teria podido certamente subzistir reconhecendo a preponderancia real das faculdades afetivas sobre as facul-

Mas a pouca atividade intrinseca das primeiras, na maioria dos homens, não permitindo quazi nunca a existencia de verdadeiras paixões intelectuais, introduziu-se o uzo de não aplicar esse termo sinão ás faculdades afetivas, unicas sucetiveis o mais das vezes de tal exaltação. Todavia importa talvez á precizão da linguagem sientifica evitar doravante, tanto quanto possivel, essa degeneração natural d[illegible] a expressão que é algumas vezes indispensavel de empregar na sua inteira acepção fundamental.

dades intelectuais, o que teria logo eliminado a diferença idéial que se supunha existir entre a natureza animal e a natureza humana. Em segundo lugar, uma cauza mais direta, mais intima, e mais geral dessa grande aberração rezultou da estrita obrigação em que devião achar-se os metafizicos de conservar, por um principio unico ou pelo menos soberano, o que eles chamárão a unidade do *eu*, afim de corresponder á rigoroza unidade da *alma*, que lhes era necessariamente imposta pela filozofia teologica, da qual não se deve nunca esquecer que a metafizica é apenas uma simples transformação final, si se quizer realmente comprehender a marcha historica do espirito humano. Porem, os sientistas pozitivos, que não se sujeitão de antemão a nenhuma outra obrigação intelectual sinão a de ver, sem embaraço algum, o verdadeiro estado das couzas, e *reproduzi-lo, com escrupuloza exatidão*, nas suas teorias, reconhecêrão, pelo contrario, segundo a experiencia universal, que, longe de ser unica, a natureza humana é, na realidade, eminentemente multipla, isto é, solicitada quazi sempre em diversos sentidos por varias potencias muito distintas e plenamente independentes, entre as quais o equilibrio se estabelece muito penozamente quando, como na maioria dos homens civilizados, nenhuma delas é, em si mesma, assaz pronunciada para adquirir espontaneamente uma alta preponderancia sobre todas as outras. Assim, a famoza teoria do *eu* é essencialmente sem objeto sientifico, pois que ela não é destinada sinão a reprezentar um estado puramente ficticio. Não ha, a este respeito como o indiquei já no fim da lição precedente, outro verdadeiro assunto de pesquizas pozitivas sinão o estudo final desse equilibrio geral das diversas funções animais, tanto de irritabilidade como de sensibilidade, que carateriza o estado plenamente normal, no qual cada uma delas, convenientemente temperada, acha-se em associação regular e permanente com o conjunto das outras, segundo as leis fundamentais das simpatias e sobretudo das sinergias propriamente ditas. É do sentimento continuo de tal harmonia, frequentemente perturbada nas molestias, que rezulta necessariamente a noção, muito abstrata e muito indireta, do *eu*, isto é, do consenso universal do conjunto do organismo. Os psicologos quizerão em vão fazer dessa idéia, ou antes desse sentimento, um atributo excluzivo da humanidade: ele é evidentemente a consequencia necessaria

de toda vida animal propriamente dita; e,por conseguinte, pertence igualmente aos animais, conquanto estes não possão dissertar sobre tal; sem duvida, um gato ou qualquer outro vertebrado, sem saber dizer *eu*, não se toma habitualmente por outro que não a si mesmo. Talvez, aliás, nos animais superiores, o sentimento da personalidade seja ainda mais pronunciado do que no homem, por cauza da vida mais izolada deles: si entretanto se decesse demaziado longe na serie zoologica, acabar-se-ia por atingir organismos nos quais a degradação contínua do sistema nervozo atenua necessariamente esse sentimento composto, como os diversos sentimentos simples de que ele depende.

« Conquanto, pelos motivos precedentemente indicados, as diversas escolas psicologicas ou ideologicas tenhão estado de acordo em descurar essencialmente o estudo intelectual e moral dos animais, felizmente abandonado, desde a origem imediata da filozofia moderna, aos puros naturalistas, importa assinalar aqui a influencia funesta que as concepções metafizicas exercêrão todavia tambem, a este respeito, de uma maneira indireta, pela sua vaga e obscura distinção entre a inteligencia e o instinto, estabelecendo, da natureza humana para a natureza animal, uma ideal separação, da qual os zoologistas não se libertárão ainda suficientemente, mesmo hoje. A palavra *instinto* não tem, em si mesma, outra acepção fundamental sinão de dezignar todo impulso espontaneo para uma direção determinada, independentemente de alguma influencia extranha. Nesse sentido primitivo, tal termo aplica-se evidentemente á atividade peculiar e direta de qualquer faculdade, tanto das faculdades intelectuais como das faculdades afetivas; ele não contrasta então de modo algum com o nome de *inteligencia*, como se vê tantas vezes quando se fala daqueles que, sem nenhuma educação, manifestão um talento pronunciado para a muzica, para a pintura, para as matematicas, etc. Sob esse ponto de vista, ha certamente instinto, ou antes instintos, tanto ou mesmo mais no homem do que nos animais. Caraterizando, por outro lado, a *inteligencia* mediante a aptidão de modificar a sua conduta conforme as circunstancias de cada cazo, o que constitûi, com efeito, o principal atributo pratico da *razão* propriamente dita, é ainda evidente que, a esse respeito, como pelo motivo precedente, não ha lugar de estabelecer real-

O tomo é consagrado á apreciação da *Chimica* e da *Biologia;* e o capitulo mencionado foi escrito de 24 a 31 de Dezembro de 1837. * Similhante expozição foi dezenvolvida, esclarecida, e aperfeiçoada nos volumes seguintes especialmente relativos á *Sociologia*. Encontrão-se tambem dados para precizar as opiniões do nosso Mestre a tal respeito na sua correspondencia com Stuart Mill e com Sarah Austin, bem como no *Discurso sobre o Espirito pozitivo*, que serve de introdução á sua *Astronomia Popular*. Vamos extrahir de todos esses documentos os trechos que nos parecem indispensaveis para permitir fazer idéia exata das suas concepções neste assunto capital, antes de experimentar a redentora paixão que lhe inspirou Clotilde. Para auxiliar a meditação dessas passagens, juntamos o quadro anexo, no qual rezumimos os dados que elas encerrão.

O nosso Mestre começa pelo exame das teorias metafizicas que precedêrão á obra de Gall. Depois de haver apontado os vicios logicos de tais concepções, diz:

« A psicologia ou ideologia, considerada agora, não mais quanto ao metodo, doravante assaz examinado, mas diretamente só quanto á doutrina, aprezenta-nos a principio uma aberração fundamental, essencialmente commum a todas as seitas, por uma falsa apreciação das relações gerais entre as faculdades afetivas e as faculdades intelectuais. Conquanto a preponderancia destas ultimas tenha sido concebida, sem duvida, mediante teorias muito divergentes, todos os diferentes metafizicos estão todavia de acordo em proclamá-la como o ponto de partida principal deles. O *espirito* tornou-se o assunto quazi excluzivo das suas especulações, e as diversas faculdades afetivas forão quazi inteiramente descuradas, e sempre subordinadas aliás á inteligencia. Ora, tal concepção reprezenta precizamente o inverso da realidade, não sómente para os animais, mas tambem para o homem. Porque a experiencia quotidiana mostra, pelo contrario, da maneira menos equivoca, que as afeições, os pendores, as paixões, ** con-

* Já então havia cessado toda intimidade conjugal entre o nosso Mestre e Carolina Massin.

** O nome de *paixão*, tão judiciozamente sinonimo de *sofrimento*, não dezigna, por si mesmo, sinão o mais alto grau normal de toda tendencia moral, o estado mais aproximado da mania propriamente dita, na qual a faculdade adquiriria assás preponderancia para determinar essa irrezistibilidade que carateriza o estado anormal. Essa qualificação geral poderia pois convir tanto ás faculdades intelectuais como ás faculdades afetivas.

tituem os principais moveis da vida humana; e que, longe de rezultar da inteligencia, o seu impulso espontaneo e independente é indispensavel ao primeiro despertar e ao dezenvolvimento contínuo das diversas faculdades intelectuais, assinando-lhes um fito permanente, sem o qual, alem do vago necessario da sua direção geral, estas permanecerião essencialmente entorpecidas na maioria dos homens. É mesmo demaziado certo que os pendores menos nobres, mais animais, são habitualmente os mais energicos, e, por conseguinte, os mais influentes. O conjunto da natureza humana é pois muito infielmente retraçado por esses vãos sistemas, que, quando tomárão em alguma conta as faculdades afetivas, ligárão-nas vagamente a um principio unico, a simpatia, e sobretudo o egoismo, sempre suposto dirigido pela inteligencia. É assim que o homem foi reprezentado, contra a evidencia, como um ser essencialmente raciocinador, executando continuamente, sem ter consiencia, uma multidão de calculos, imperceptiveis, sem quazi espontaneidade alguma de ação, mesmo desde a mais tenra infancia. Um motivo respeitabilissimo contribuiu muito, sem duvida, para a manutenção dessa falsa noção, em virtude da consideração incontestavel que é *sobretudo pela inteligencia que o homem póde ser modificado e aperfeiçoado*. Mas a siencia exige, antes de tudo, a realidade das concepções, abstrahindo da conveniencia delas: e é sempre mesmo essa realidade, que torna-se a baze necessaria da sua utilidade efetiva. Todavia, sem menosprezar a influencia secundaria de tal intenção, póde-se facilmente constatar que duas cauzas puramente filozoficas, independentes de intuito algum de aplicação, e diretamente inherentes á natureza do metodo, conduzírão essencialmente os diverses metafizicos a essa hipotetica supremacia da inteligencia. A primeira consiste na van demarcação fundamental que os metafizicos forão forçados, como vimos, a estabelecer entre os animais e o homem, e que não teria podido certamente subzistir reconhecendo a preponderancia real das faculdades afetivas sobre as facul-

Mas a pouca atividade intrinseca das primeiras, na maioria dos homens, não permitindo quazi nunca a existencia de verdadeiras paixões intelectuais, introduziu-se o uzo de não aplicar esse termo sinão ás faculdades afetivas, unicas suceptiveis o mais das vezes de tal exaltação. Todavia importa talvez á preciзão da linguagem sientifica evitar doravante, tanto quanto possivel, essa degeneração natural de uma expressão que é algumas vezes indispensavel de empregar na sua inteira acepção fundamental.

dades intelectuais, o que teria logo eliminado a diferença ideial que se supunha existir entre a natureza animal e a natureza humana. Em segundo lugar, uma cauza mais direta, mais intima, e mais geral dessa grande aberração rezultou da estrita obrigação em que devião achar-se os metafizicos de conservar, por um principio unico ou pelo menos soberano, o que eles chamárão a unidade do *eu*, afim de corresponder á rigoroza unidade da *alma*, que lhes era necessariamente imposta pela filozofia teologica, da qual não se deve nunca esquecer que a metafizica é apenas uma simples transformação final, si se quizer realmente comprehender a marcha historica do espirito humano. Porem, os sientistas pozitivos, que não se sujeitão de antemão a nenhuma outra obrigação intelectual sinão a de ver, sem embaraço algum, o verdadeiro estado das couzas, e *reproduzi-lo, com escrupuloza exatidão*, nas suas teorias, reconhecêrão, pelo contrario, segundo a experiencia universal, que, longe de ser unica, a natureza humana é, na realidade, eminentemente multipla, isto é, solicitada quazi sempre em diversos sentidos por varias potencias muito distintas e plenamente independentes, entre as quais o equilibrio se estabelece muito penozamente quando, como na maioria dos homens civilizados, nenhuma delas é, em si mesma, assaz pronunciada para adquirir espontaneamente uma alta preponderancia sobre todas as outras. Assim, a famoza teoria do *eu* é essencialmente sem objeto sientifico, pois que ela não é destinada sinão a reprezentar um estado puramente ficticio. Não ha, a este respeito como o indiquei já no fim da lição precedente, outro verdadeiro assunto de pesquizas pozitivas sinão o estudo final desse equilibrio geral das diversas funções animais, tanto de irritabilidade como de sensibilidade, que carateriza o estado plenamente normal, no qual cada uma delas, convenientemente temperada, acha-se em associação regular e permanente com o conjunto das outras, segundo as leis fundamentais das simpatias e sobretudo das sinergias propriamente ditas. É do sentimento contínuo de tal harmonia, frequentemente perturbada nas molestias, que rezulta necessariamente a noção, muito abstrata e muito indireta, do *eu*, isto é, do consenso universal do conjunto do organismo. Os psicologos quizerão em vão fazer dessa idéia, ou antes desse sentimento, um atributo exclusivo da humanidade: ele é evidentemente a consequencia necessaria

de toda vida animal propriamente dita; e, por conseguinte, pertence igualmente aos animais, conquanto estes não possão dissertar sobre tal; sem duvida, um gato ou qualquer outro vertebrado, sem saber dizer *eu*, não se toma habitualmente por outro que não a si mesmo. Talvez, aliás, nos animais superiores, o sentimento da personalidade seja ainda mais pronunciado do que no homem, por cauza da vida mais izolada deles: si entretanto se decesse demaziado longe na serie zoologica, acabar-se-ia por atingir organismos nos quais a degradação contínua do sistema nervozo atenua necessariamente esse sentimento composto, como os diversos sentimentos simples de que ele depende.

Conquanto, pelos motivos precedentemente indicados, as diversas escolas psicologicas ou ideologicas tenhão estado de acordo em descurar essencialmente o estudo intelectual e moral dos animais, felizmente abandonado, desde a origem imediata da filozofia moderna, aos puros naturalistas, importa assinalar aqui a influencia funesta que as concepções metafizicas exercêrão todavia tambem, a este respeito, de uma maneira indireta, pela sua vaga e obscura distinção entre a inteligencia e o instinto, estabelecendo, da natureza humana para a natureza animal, uma ideal separação, da qual os zoologistas não se libertárão ainda suficientemente, mesmo hoje. A palavra *instinto* não tem, em si mesma, outra acepção fundamental sinão de dezignar todo impulso espontaneo para uma direção determinada, independentemente de alguma influencia extranha. Nesse sentido primitivo, tal termo aplica-se evidentemente á atividade peculiar e direta de qualquer faculdade, tanto das faculdades intelectuais como das faculdades afetivas; ele não contrasta então de modo algum com o nome de *inteligencia*, como se vê tantas vezes quando se fala daqueles que, sem nenhuma educação, manifestão um talento pronunciado para a muzica, para a pintura, para as matematicas, etc. Sob esse ponto de vista, ha certamente instinto, ou antes instintos, tanto ou mesmo mais no homem do que nos animais. Caraterizando, por outro lado, a *inteligencia* mediante a aptidão de modificar a sua conduta conforme as circunstancias de cada cazo, o que constitúi, com efeito, o principal atributo pratico da *razão* propriamente dita, é ainda evidente que, a esse respeito, como pelo motivo precedente, não ha lugar de estabelecer real-

mente, entre a humanidade e a animalidade, nenhuma outra diferença essencial sinão a do grau mais ou menos pronunciado de que é sucetivel o dezenvolvimento de uma faculdade, necessariamente comum, pela sua natureza, a toda vida animal, e sem a qual não se póde mesmo conceber a existencia desta. De sorte que a famoza definição escolastica do homem como *animal racional* aprezenta um verdadeiro contra-senso, pois que nenhum animal, sobretudo na parte superior da escala zoologica, poderia viver sem ser, até certo ponto, racional, proporcionalmente á complicação efetiva de seu organismo. Conquanto a natureza moral dos animais tenha sido até aqui bem pouco e bem mal explorada, póde-se todavia reconhecer, sem a menor incerteza, principalmente nos que vivem conosco em estado de familiaridade mais ou menos completa, e pelos mesmos meios gerais de observação que se empregarião a respeito de homens cuja lingua e costumes nos fossem previamente desconhecidos, que eles aplicão, essencialmente da mesma maneira que o homem, a sua inteligencia á satisfação das suas diversas precizões organicas, ajudando-se tambem, quando os cazos o exigem, de um certo grau de linguagem correspondente á natureza e á extensão das suas relações. A mesma observação mostra demais que eles são igualmente sucetiveis de uma ordem de precizões mais dezinteressada, que consiste no exercicio direto das faculdades animais, só porque elas existem, e pelo prazer unico de exercitá-las. Isto os conduz muitas vezes, como as crianças ou os selvagens, a inventar novos brincos; e, ao mesmo tempo, os torna, porem em grau muito menor, sujeitos ao *tédio* propriamente dito. Similhante estado, erigido mal a propozito em privilegio especial da natureza humana, é algumas vezes mesmo assás pronunciado, em certos animais, para os levar ao suicidio, em consequencia de um cativeiro que se lhes torna intoleravel. Não posso, a esse respeito, recomendar demaziado a leitura aprofundada da interessante obra de Georges Leroy, de todos os verdadeiros observadores da animalidade, aquele que parece-me haver melhor comprehendido a natureza moral e intelectual dos animais, considerados em geral, sem prejuizo de algumas boas monografias, por infelicidade extremamente raras, limitadas ao estudo especial de certos generos. Introduziu-se pois uma van distinção metafizica, desmentida pelo exame atento do mundo real, quando,

desnaturando o sentido primordial da palavra *instinto*, dezignou-se assim a suposta tendencia fatal dos animais á execução machinal de *atos* uniformemente determinados, sem nenhuma modificação possivel segundo as circunstancias correspondentes, e não exigindo, nem mesmo comportando nenhuma educação propriamente dita. Essa supozição gratuita é um resto evidente da famoza hipoteze automatica de Descartes, cuja verdadeira filiação historica expliquei acima. G. Leroy demonstrou muito judiciozamente que, entre os mamiferos e as aves, essa ideal fixidez na construção das habitações, no sistema de caça, no modo de migração, etc., não existia sinão para os naturalistas de gabinete, ou para os observadores dezatentos. Deve-se todavia conceber, mas então sob um ponto de vista necessariamente comum ao homem e aos animais, que quando, por uma suficiente uniformidade de circunstancias, uma pratica qualquer, tendo adquirido todo o dezenvolvimento comportado pelo organismo correspondente, póde tornar-se assás profundamente habitual ao individuo, e mesmo á raça, ela tende, por isso mesmo, a reproduzir-se espontaneamente, sem nenhum estimulo exterior; salvo a modificar-se ulteriormente, com mais ou menos facilidade, si a situação vier a experimentar uma mudança dezacostumada. É nesse sentido, porem nesse sentido sómente, que se póde admitir, a meu ver, a formula notavel de M. de Blainville, que parece-me oferecer uma reprezentação mais exata da realidade do que nenhuma das sucessivamente propostas até aqui, neste assunto: *o instinto é a razão fixada; a razão é o instinto movel.* Entendido de qualquer outra maneira, esse aforismo não parece-me poder conduzir, contra a intenção evidente do seu ilustre autor, sinão a uma falsa apreciação da unica diferença que possa realmente existir entre a natureza frenologica dos animais e a do homem, e que, sob esse aspeto fiziologico, como sob outro qualquer, reduz-se necessariamente á simples plenitude do dezenvolvimento das faculdades, pelo menos enquanto não se sai da ordem geral dos osteozoarios. » (SISTEMA DE FILOZOFIA POZITIVA, 1ª ed., III, ps. 778-783.)

Segue-se a indicação dos vicios da teoria especial da inteligencia segundo essas doutrinas, e das aberrações a que a aplicação delas conduziu. Augusto Comte assinala assim os defeitos capitais das concepções de Condillac e Helvetius.

Tendo acabado de apreciar as teorias metafizicas acerca da alma humana, o nosso Mestre entra no exame filozofico da grande tentativa de Gall. Esse exame tinha por objeto « apanhar o que faltava então essencialmente á fiziologia frenologica para atingir á verdadeira constituição sientifica que lhe é propria, e da qual achava-se necessariamente ainda mais afastada do que a fiziologia vegetativa e mesmo a fiziologia animal propriamente dita ». Convem não esquecer que o nosso Mestre considerava, nessa epoca, a *Sociologia* como o ultimo termo da escala sientifica; de sorte que a teoria da alma humana formava o coroamento da *Biologia*. Foi só em 1852 que a *Moral* passou a constituir a mais eminente das *siencias abstratas* e veio a completar a jerarchia teorica.

Entrando na apreciação direta da doutrina frenologica, o nosso Mestre diz:

« Dois principios filozoficos, que não carecem mais da minima discussão, servem de baze inconcussa ao conjunto da doutrina de Gall, a saber: a inateidade das diversas dispozições fundamentais, quer afetivas, quer intelectuais; a pluralidade das faculdades essencialmente distintas e radicalmente independentes umas das outras, conquanto os atos efetivos exijão de ordinario o concurso mais ou menos complexo delas. Sem sahir da especie humana, todos os cazos de talentos ou de caracteres pronunciados, tanto para o bem como para o mal, provão, com irrezistivel evidencia, a realidade do primeiro principio. A propria diversidade desses cazos bem assinalados, a maioria dos estados patologicos, sobretudo daqueles nos quais o sistema nervozo é diretamente afetado, demonstrão, de maneira não menos irrecuzavel, a profunda justeza do segundo principio. A observação comparativa das principais naturezas animais não deixaria, aliás, sob ambos os aspetos, duvida alguma a tal respeito, si qualquer hezitação pudesse existir ainda. Enfim, esses dois principios, faces evidentemente co-relativas e mutuamente solidarias de uma mesma concepção fundamental, não constituem, na realidade, sinão a formulação sientifica dos rezultados gerais da experiencia universal sobre a verdadeira constituição intelectual e moral do homem, em todos os tempos e em todos os lugares. Esta coincidencia é um sintoma indispensavel da verdade, a respeito de todas as idéias-mãis, que devem sempre ser primitivamente ligadas ás indicações espontaneas da razão publica,

como o mostrei muitas vezes quanto ás principais noções da filozofia natural. Assim, alem da poderoza analogia tirada do exame prévio das faculdades elementares da vida animal propriamente dita, vê-se que os diversos meios gerais de exploração que convem ás pesquizas fiziologicas, a saber, a observação direta, a experimentação, a analize patologica, o metodo comparativo, vêm todos convergir exatamente para esse duplo principio, confirmado aliás pela sanção implicita do bom senso vulgar, cuja competencia é irrecuzavel a respeito de fenomenos continuamente submetidos, pela sua natureza, á sua atenta investigação. Tal conjunto de provas assegura necessariamente, a essa grande noção primordial, uma indestrutivel consistencia, plenamente ao abrigo de todas as transformações mais ou menos profundas que deverá sofrer ulteriormente a doutrina frenologica. * Na ordem anatomica, esta concepção fiziologica corresponde á divizão necessaria do cerebro em um certo numero de orgãos parciais, simetricos como todos os da vida animal. Esses orgãos, conquanto mais contiguos e mais similhantes do que em nenhum outro sistema, e por consequencia mais simpaticos e mesmo mais sinergicos, são todavia essencialmente distintos e independentes uns dos outros, como já se sabia para os ganglios afetos aos diversos sentidos exteriores. Em uma palavra, o cerebro não é mais, para bem dizer, um *orgão:* ele torna-se um verdadeiro *aparelho*, mais ou menos complexo, segundo o grau de animalidade. O objeto peculiar e elementar da fiziologia frenologica entra desde então na formula fundamental que estabeleci para a pozição geral de todas as questões essen-

* Aqueles dos meus leitores que não considerarem esta teoria sinão na sua fonte mais pura, isto é, na grande obra de Gall, não devem esquecer um indispensavel aperfeiçoamento geral introduzido por Spurzheim, conquanto, penetrando-se o fundo do pensamento de Gall, se deva achar talvez que tal progresso concerne antes as simples denominações do que as proprias idéias. Seja como fôr, esse melhoramento consiste em reconhecer que as diversas faculdades fundamentais não conduzem a atos, e sobretudo a modos e graus de ação, necessariamente determinados, como Gall parecia estabelecer a principio; mas que os atos efetivos dependem, em geral, da associação de certas faculdades, e do conjunto das circunstancias correspondentes. É assim que não póde existir, propriamente falando, nenhum orgão do roubo, pois que tal ato não é sinão uma aberração do sentimento da propriedade, quando o seu exagero não é suficientemente contido pela moral e pela reflexão: o mesmo dá-se com o pretenso orgão do assassinato, comparado com o instinto geral da destruição Igual consideração aplica-se, por mais forte razão, ás faculdades intelectuais, que, por si mesmas, só determinão tendencias, e de modo algum rezultados acabados.

ciais de fiziologia pozitiva. Consiste ela em determinar, com toda a exatidão possivel, o orgão cerebral particular a cada dispozição, afetiva ou intelectual, nitidamente pronunciada, e bem reconhecida previamente como sendo ao mesmo tempo simples e nova; ou, reciprocamente, o que é ainda mais dificil, determinar a que função prezide tal parte da massa encefalica que aprezenta as verdadeiras condições anatomicas de um orgão distinto. Em ambos os cazos se viza dezenvolver sempre, entre a analize fiziologica e a analize anatomica, a harmonia necessaria que constitûi essencialmente, a todos os respeitos, a verdadeira siencia dos corpos vivos. Assim concebida, esta ultima parte da fiziologia geral se propõe o mesmo fito racional que a fiziologia organica e a fiziologia animal ordinarias: isto é, ela estuda, de um ponto de vista analogo, fenomenos mais elevados. Infelizmente, a instituição dos meios está muitissimo longe de corresponder até aqui, de maneira conveniente, á dificuldade superior do assunto.

« O verdadeiro principio sientifico dessa dupla decompozição necessaria da natureza frenologica em diversas faculdades fundamentais e do aparelho cerebral em diferentes orgãos correspondentes, consiste essencialmente em encarar, em geral, as funções, quer afetivas, quer intelectuais, como mais elevadas, ou, si se quizer, mais humanas, e ao mesmo tempo tambem menos energicas, á medida que elas se tornão mais especialmente excluzivas da parte superior da serie zoologica. Cumpre outrosim conceber simultaneamente as suas sédes como situadas em porções da massa encefalica cada vez menos extensas e cada vez mais afastadas da origem imediata desta, considerando o craneo, segundo a san teoria anatomica, como um simples prolongamento da coluna vertebral, centro primitivo do conjunto do sistema nervozo. De sorte que a parte menos dezenvolvida e mais anterior do cerebro acha-se sempre afetada ás faculdades mais carateristicas da humanidade; e a mais volumoza e mais posterior ás que constituem sobretudo a baze comum de toda animalidade. . . . .

« Si, agora, considerarmos, mas sómente no seu conjunto, a doutrina geral que Gall deduziu do metodo assim caraterizado, será facil constatar que ela reprezenta, com admiravel fidelidade, a verdadeira natureza moral e intelectual do homem e dos animais. A primeira divizão fundamental das faculdades frenologicas as distingue em *afetivas* e *inte-*

lectuais, das quais umas correspondem a toda a parte *posterior* e *média* do aparelho cerebral, ao passo que a sua *parte anterior* é a unica afetada ás outras. Estas, nos cazos mais extremos, ocupão apenas assim o quarto ou o sexto da massa encefalica. Simillhante distinção restabelece, de uma vez, sobre uma baze sientifica inabalavel, a preeminencia necessaria das faculdades afetivas, tão viciozamente menosprezada por todas as seitas pzicologicas ou ideloogicas, e todavia tão altamente manifestada pela observação direta de todos os fenomenos morais, quer animais, quer mesmo humanos. Gall e Spurzheim não tiverão realmente, a este respeito, de afastar nenhuma outra objeção importante sinão a antiga opinião fiziologica, renovada por Cabanis e sobretudo por Bichat, que reconhecendo todavia e mesmo exagerando a separação indispensavel entre as faculdades afetivas e as faculdades intelectuais, e obstinando-se aliás a não conceber anatomicamente o cerebro sinão como um orgão unico, afetava excluzivamente esse orgão aos fenomenos intelectuais, e repartia as diversas paixões propriamente ditas pelos principais orgãos essencialmente relativos á vida vegetativa, tais como o coração, o figado, etc. É felizmente inutil doravante voltar á refutação especial de uma doutrina tão evidentemente vicioza, e tão judiciozamente apreciada por Gall e Spurzheim. Eles mostrárão, com efeito, que nem a observação direta, nem a analize patologica, nem sobretudo o metodo comparativo permitião manter um só instante essa irracional concepção, pertencente á primeira infancia da fiziologia. Póde-se sómente ajuntar a esse exame decizivo que o argumento sintomatico, tanto invocado por Bichat, alem de que seria, pela sua natureza, certamente insuficiente para constituir por si só uma noção sientifica de tal importancia, não tem mesmo, na realidade, a fixidez rigoroza que poderia dar-lhe algum verdadeiro valor logico. Si, de fato, como o diz Bichat, toda emoção, toda paixão, é sobretudo resentida nos orgãos da vida vegetativa, cada um póde facilmente reconhecer, não sómente sobre os diversos animais, mas diretamente sobre os diferentes estados de uma mesma economia humana, que a séde dessa impressão, puramente simpatica e consecutiva, é variavel. Ela acha-se, ora no estomago, ora no figado, depois no coração ou no pulmão, conforme aquele dentre estes orgãos cuja sucetibilidade nativa ou cuja perturbação acidental dispõe a experimentar princi-

palmente tal reação, que não póde assim fornecer, por si mesma, nenhuma indicação certa sobre o lugar da ação primitiva. Rezulta sómente, de tal ordem de considerações, a obrigação incontestavel de ter muito em conta, na concepção definitiva do conjunto da economia, a grande influencia que o estado do cerebro deve exercer sobre os nervos que se distribuem a todos os aparelhos da vida organica.

« Passando enfim ás noções de um grau de generalidade imediatamente inferior, não se póde, parece-me, contestar tão pouco a profunda justeza da *principal subdivizão* estabelecida por Gall e Spurzheim em cada uma das suas ordens essenciais de faculdades e de orgãos frenologicos. As faculdades afetivas ficão assim distintas em *pendores* e *sentimentos* ou *afeições*, as primeiras das quais rezidem na parte posterior e fundamental do aparelho cerebral, ao passo que a sua parte mediana é essencialmente afetada ás outras. E, do mesmo modo, as faculdades intelectuais distinguem-se em diversas faculdades perceptivas propriamente ditas, cujo conjunto constitûi o *espirito de observação*, e um pequeno numero de faculdades eminentemente refletivas, as mais elevadas de todas, compondo o *espirito de combinação*, quer este *compare*, quer *coordene;* a parte antero-superior da região frontal sendo a séde excluziva dessas ultimas, *principal atributo caracteristico da natureza humana*. Si considerarmos sobretudo a primeira subdivizão, que é a mais importante e mais bem estabelecida, reconheceremos facilmente que ela completa, de uma maneira muito satisfatoria, o esboço geral da verdadeira natureza moral, já delineada pela divizão fundamental. É assim que se acha confirmada e explicada a distinção incontestavel, vagamente estabelecida em todos os tempos pelo bom senso vulgar, entre o que se chama o *coração*, o *carater*, e o *espirito*, distinção que as teorias sientificas reprezentarão doravante com exatidão, segundo os grupos de faculdades que correspondem respetivamente ás partes *posterior*, *média*, *e anterior*, do aparelho cerebral. Em verdade, a definição comparativa dos *pendores* e dos *sentimentos* parece a principio carecer de nitidez e precizão; mas, no fundo, esse inconveniente, que importa não dissimular, e que a siencia deve empenhar-se em dissipar, provem muito menos do pensamento em si mesmo, cuja justeza é irrecuzavel, do que da

extrema imperfeição da linguagem filozofica atual. Formada em uma epoca na qual todas as noções morais e mesmo intelectuais estavão envolvidas em uma vaga e misterioza unidade metafizica, tal linguagem não póde ainda ser convenientemente retificada pelo uzo racional de expressões mais bem escolhidas, cuja introdução gradual deve fazer se com grande rezerva sistematica. Porque, a tomar as diversas denominações uzadas no estrito rigor do seu sentido literal, se iria assim ao ponto de desconhecer a distinção fundamental entre as *faculdades afetivas*, quer *pendores*, quer *sentimentos*, e as *faculdades intelectuais* propriamente ditas. Quando estas, com efeito, são muito pronunciadas, elas produzem, sem duvida alguma, verdadeiras *inclinações* ou *pendores*, que sómente a sua menor energia distingue ordinariamente das paixões inferiores. Não se póde negar tão pouco que a sua ação dá lugar tambem a verdadeiras *emoções* ou *sentimentos*, *os mais raros*, *os mais puros*, *e os mais sublimes de todos*, e que, conquanto sejão os menos vivos, podem todavia ir por vezes até as lagrimas. Isto é testemunhado por tantos admiraveis arroubos ecitados pela simples satisfação direta que a mera descoberta da verdade inspira, nos eminentes genios que mais têm honrado a especie humana, os Archimedes, os Descartes, os Kepler, os Newton, etc. Alguem, entre os bons espiritos, pensaria em autorizar-se de similhantes confrontos para negar toda distinção real entre as *faculdades intelectuais* e as *faculdades afetivas?* Não ha evidentemente outra concluzão a deduzir dahi sinão a incontestavel necessidade de reformar convenientemente a linguagem filozofica, para elevá-la enfim, por uma precizão rigoroza, á dignidade severa da linguagem sientifica. Ora, póde-se dizer outro tanto da subdivizão das proprias *faculdades afetivas* no que se chama, em falta de expressões mais bem carateristicas, os *pendores* e os *sentimentos*, cuja distinção não é, no fundo, menos real, conquanto deva ser muito menos assinalada, e, por isso mesmo, mais dificil de bem apreciar. Afastando doravante, a este respeito, toda van discussão de nomenclatura, póde-se dizer todavia que a verdadeira diferença geral entre essas duas sortes de faculdades afetivas não foi ainda assaz nitidamente apanhada. Para dar-lhe um verdadeiro aspeto sientifico, bastaria, parece-me, reconhecer que o primeiro genero, o mais fundamental, refere-se simplesmente ao *individuo izolado*, ou,

quando muito, á *mera familia*, sucessivamente encarada nas suas principais necessidades de conservação, tais como a reprodução, a educação dos filhos, o modo de alimentação, de moradia, de habitação, etc.; ao passo que o segundo genero, mais especial, supõe mais ou menos a existencia de algumas *relações sociais*, quer entre individuos de especie diferente, quer sobretudo entre individuos da mesma especie, *abstrahindo do sexo*, e determina o carater que as tendencias do animal deve imprimir a cada uma dessas relações, aliás passageiras ou permanentes. O *sentimento da propriedade*, isto é, a dispozição do animal a apropriar-se, de maneira exclusiva, de todos os objetos convenientes, constitúi a verdadeira tranzição natural entre os dois generos, sendo ao mesmo tempo *social* em si mesmo e *individual* pela sua destinação direta. Contanto que a comparação dessas duas ordens de faculdades afetivas seja sempre exatamente subordinada a essa consideração fundamental, pouco importarão os termos servidos para dezigná-las, uma vez pelo menos que essas expressões quaisquer tenhão adquirido, por um uzo racional, toda a fixidez necessaria.

« Tais são os grandes rezultados filozoficos consagrados para sempre pela doutrina geral de Gall, quando se a encara, como acabo de o fazer, afastando cuidadozamente toda van tentativa, mal concebida ou anticipada, de localização especial das diversas funções cerebrais ou frenologicas. Quaisquer que sejão os graves e numerozos inconvenientes aprezentados evidentemente hoje por tal localização, aliás inevitavelmente imposta a Gall, como o vou explicar, pela propria necessidade da sua glorioza missão, todo espirito justo e imparcial reconhecerá todavia, depois de um exame aprofundado do conjunto dessa doutrina, que, máu grado esse vicio fundamental, ela formula desde o prezente, um conhecimento real da natureza humana, e das outras naturezas animais, extremamente superior a tudo o que tinha jamais sido tentado até então. *

« Entre as inumeras objeções que forão sucessivamente levantadas contra essa bela doutrina, considerada sempre

* A equitativa posteridade não esquecerá de notar que o homem de genio, autor de tão importante revolução filozofica, que abre ao espirito sientifico uma nova e imensa carreira, foi sempre obstinadamente repelido dessa mesma Academia das Siencias, que já tinha deixado escapar a ocazião, desgraçadamente demaziado fugitiva, de honrar a sua historia com o gloriozo nome de Bichat.

unicamente nas suas dispozições fundamentais, e continuando a eliminar toda especialização, só uma merece ser assinalada aqui, tanto pela sua alta importancia, como pela nova luz que a sua inteira rezolução fez jorrar sobre o espirito da teoria. Consiste ela na pretensa irrezistibilidade que juizes irrefletidos crêrão dever assim ser atribuida ás ações humanas, e que é necessario examinar sumariamante do ponto de vista geral peculiar á filozofia pozitiva.

« Só uma profunda ignorancia do verdadeiro espirito da filozofia natural, poderia fazer confundir, em principio, a subordinação de acontecimentos quaisquer a leis invariaveis, com a irrezistivel consumação necessaria deles. No conjunto do mundo real, organico ou inorganico, é evidente, como já o estabeleci, que os fenomenos das diversas ordens são tanto menos modificaveis, e determinão tendencias tanto mais irrezistiveis, quanto mais simples e mais gerais são ao mesmo tempo eles. Sob este aspeto, os atos da gravidade, por serem relativos á mais geral e a mais simples de todas as leis naturais, são os unicos que possamos conceber como plenamente e necessariamente irrezistiveis, pois que não podem jamais ser inteiramente suspensos; eles se fazem sempre sentir, de uma maneira qualquer, já por um movimento, já por uma pressão. Mas a medida que os fenomenos se complicão, a sua produção exigindo o concurso indispensavel de um numero sempre crecente de influencias distintas e independentes, eles se tornão, só por isso, cada vez mais modificaveis, ou, em outros termos, a sua consumação se faz cada vez menos irrezistivel. Isso rezulta das combinações cada vez mais variadas que comportão as diversas condições necessarias, cada uma das quais continúa todavia a ser izoladamente sujeita ás suas leis fundamentais, sem as quais a concepção geral da natureza ficaria nesse estado arbitrario e dezordenado que a filozofia teologica é diretamente destinada a reprezentar. É assim que os fenomenos fizicos, e sobretudo os fenomenos chimicos, comportão modificações continuamente mais profundas, e aprezentão, por consequencia, uma irrezistibilidade sempre menor, como tive o cuidado de explicá-lo. Notamos igualmente que, em virtude da sua complicação e da sua especialidade superiores, os fenomenos fiziologicos são os mais modificaveis e os menos irrezistiveis de todos, conquanto sempre submetidos, na sua consumação, a leis naturais invariaveis. Por uma consequencia evidente da

mesma noção filozofica, é claro que os fenomenos da vida animal, em razão da sua menor indispensabilidade e da sua inevitavel intermitencia, devem realmente ser encarados como mais modificaveis e menos irrezistiveis ainda do que os da vida organica propriamente dita. Enfim, os fenomenos intelectuais e morais, que, pela sua natureza, são a um tempo mais complicados e mais especiais do que todos os outros fenomenos precedentes, devem evidentemente comportar mais importantes modificações, e manifestar, portanto, uma irrezistibilidade muito menor. Mas por isso cada uma das numerozas influencias elementares que concorrem para eles não cessa de obedecer, no seu exercicio espontaneo, a leis rigorozamente invariaveis, apezar do mais das vezes desconhecidas até ao prezente. É o que Gall e Spurzheim verificárão diretamente no cazo atual, da maneira menos indubitavel, por uma luminoza argumentação. Bastou-lhes, depois de ter lembrado que os atos reais dependem quazi sempre da ação combinada de varias faculdades fundamentais, observar, em primeiro lugar, que o exercicio póde dezenvolver muito cada faculdade qualquer, como a inatividade tende a atrofiá-la; e, em segundo lugar, que as *faculdades intelectuais, diretamente destinadas, pela sua natureza, a modificar a conduta geral do animal segundo as exigencias variaveis da situação dele, podem alterar muito a influencia pratica de todas as outras faculdades*. Em virtude desse duplo principio, não póde haver verdadeira irrezistibilidade, e por consequencia irresponsabilidade necessaria, conforme as indicações gerais da razão publica, sinão nos cazos de mania propriamente dita. Nestes a preponderancia exagerada de uma faculdade determinada, proveniente da inflamação ou da hipertrofia do orgão correspondente, reduz de alguma sorte o organismo ao estado de simplicidade e de fatalidade da natureza inerte. É pois bem vanmente, e com leviandade bem superficial, que se acuzou a fiziologia cerebral de menosprezar a alta influencia da educação, e da legislação que constitũi o prolongamento necessario desta, porque fixou judiciozamente os verdadeiros limites gerais de ambas. Por haver negado, contra a ideologia franceza, a possibilidade de converter, á vontade, mediante instituições convenientes, todos os homens em outros tantos Socrates, Homeros, ou Archimedes, e, contra a psicologia germanica, o imperio absoluto,

muito mais absurdo ainda, que a energia do *eu* exerceria para transformar, ao seu sabor, a sua natureza moral, a doutrina frenologica foi reprezentada como radicalmente destrutiva de toda liberdade razoavel, e de todo aperfeiçoamento do homem por meio de uma educação bem concebida e sabiamente dirigida! É todavia evidente, só pela definição geral da *educação*, que essa incontestavel perfectibilidade supõe necessariamente a existencia fundamental de predispozições convenientes, e, demais, que cada uma delas é submetida a leis determinadas. Sem estas não se poderia conceber que se tornasse possivel exercer sobre o conjunto das nossas dispozições influencia alguma verdadeiramente sistematica. De sorte que é precizamente, pelo contrario, á fiziologia cerebral que pertence excluzivamente a pozição racional do problema filozofico da educação. Enfim, segundo uma ultima consideração mais especial, essa fiziologia erige em principio incontestavel que os homens são, de ordinario, essencialmente mediocres, tanto para o bem como para o mal, na sua dupla natureza afetiva e intelectual. Isto é, a fiziologia cerebral mostra que, afastando um pequenissimo numero de organizações ecepcionais, cada um deles possúi, em grau pouco pronunciado, todos os instintos, todos os sentimentos, e todas as aptidões elementares, sem que a maioria das vezes faculdade alguma seja, em si mesma, altamente preponderante. É portanto claro que o mais vasto campo acha-se assim diretamente aberto á educação para modificar, quazi em todos os sentidos, organismos tão flexiveis; embora, quanto ao grau, o seu dezenvolvimento deva sempre ficar nesse estado pouco assinalado que basta plenamente para a boa harmonia social, como o explicarei mais tarde.» (*Ibidem*, ps. 795 a 813.)

O nosso Mestre mostra em seguida os altos motivos filozoficos e sociais que conduzirão Gall a propôr a sua localização cerebral, apezar dos inconvenientes que tranzitoriamente pudesse ter. A tal propozito faz a seguinte nota:

«Esta determinação pozitiva (dos orgãos cerebrais) póde mesmo ser já considerada como efetuada para com alguns orgãos muito pronunciados. Seria, parece-me, dificil de rezistir ao conjunto de provas segundo o qual Gall colocou a séde do amor materno nos lóbos posteriores do cerebro, e sobretudo a do pendor á propagação no cerebelo; conquanto, a esse ultimo respeito, a grave objeção apre-

zentada por varios zoologistas não esteja ainda convenientemente rezolvida.» (*Ibidem*, p. 818.)

Passa depois o nosso Mestre a assinalar os diversos aperfeiçoamentos indispensaveis que urgentemente exigia a teoria cerebral. Nesse intuito, mosara que a primeira condição sientifica consistia em uma judicioza retificação fundamental dos orgãos e das faculdades de todos os generos, mediante uma conveniente analize anatomica e fiziologica. Já então o nosso Mestre assinala a necessidade de efetuar a analize fiziologica independentemente da analize anatomica (p. 822). Rezume finalmente assim o seu exame :

« A analize frenologica fundamental está pois para refazer-se inteiramente, segundo o espirito filozofico que acabo de caraterizar, primeiro na ordem anatomica, e em seguida na ordem puramente fiziologica. Depois de ter convenientemente operado essas duas analizes preliminares, *distinguindo-as com muito cuidado*, e dirigindo cada uma delas conforme a sua natureza, será necessario finalmente estabelecer entre as duas uma exata harmonia geral, que é só o que póde constituir dignamente a filozofia frenologica sobre as suas verdadeiras bazes racionais. Mas esse grande trabalho, que se póde já, segundo as duas lições precedentes, considerar como essencialmente instituido a respeito da fiziologia vegetativa e mesmo da fiziologia animal propriamente dita, não está até aqui siquer concebido, no seu conjunto, para a fiziologia cerebral, em virtude da sua complicação superior e da sua pozitividade mais recente. » (*Ibidem*, ps. 827-828.)

O nosso Mestre passa a indicar então o metodo que devia seguir-se nessa grande operação sientifica, e termina pelas seguintes observações, que acabão de precizar a concepção a que, nessa epoca, chegára, acerca da natureza humana :

« Conquanto o estudo dos animais tenha sido por certo menos esteril (do que a observação patologica) ao aperfeiçoamento real da fiziologia intelectual e moral, é entretanto incontestavel que esse poderozo meio de exploração tem sido até hoje essencialmente viciado pelo deploravel acendente que ainda conservão, na maioria dos naturalistas, as vans subtilezas metafizícas sobre a comparação entre o instinto e a inteligencia, como o expliquei precedentemente. Si a natureza animal não póde ser racionalmente comprehendida sinão mediante a sua assimilação

fundamental á natureza humana, proporcionalmente ao grau de organização, é tambem igualmente indubitavel, em sentido inverso, para essa ordem de funções como para todas as outras, que o exame judiciozo e gradual dos organismos mais ou menos inferiores deve esclarecer muito o verdadeiro conhecimento do homem: a humanidade e a animalidade se servem assim uma á outra de explicação mutua, segundo o espirito geral de toda san explicação sientifica. O conjunto das faculdades cerebrais, *intelectuais* ou *afetivas*, constituindo o complemento necessario da vida animal propriamente dita, conceber-se-ia dificilmente que todas as que são verdadeiramente fundamentais não fossem, por isso mesmo, rigorozamente comuns, em um grau qualquer, a todos os animais superiores, e talvez ao grupo inteiro dos osteozoarios. Porque as diferenças de intensidade bastarião verozimilmente para dar razão das diversidades efetivas, tomando-se em conta a associação das faculdades, e abstrahindo aliás provizoriamente, tanto quanto possivel, de todo aperfeiçoamento do homem pelo dezenvolvimento do estado social: a analogia poderoza que fornecem todas as outras funções tende a confirmar tal concepção. Si algumas faculdades pertencem, de maneira verdadeiramente excluziva, sómente á natureza humana, não póde isso dar-se sinão a respeito das *aptidões intelectuais mais eminentes*, que devem corresponder á parte mais anterior da região frontal. E isso mesmo parecerá muitissimo duvidozo, si comparar-se, sem prevenção, os atos dos mamiferos mais elevados com os dos selvagens menos dezenvolvidos. É, parece-me, muito mais racional pensar que o *espirito de observação*, e até o *espirito de combinação*, existem igualmente, mas num grau radicalmente muito inferior, entre os animais, embora a falta de exercicio, rezultante sobretudo do estado de izolamento, deva tender a entorpecê-los, e mesmo a atrofiar os orgãos respetivos. Tem-se em vão objetado, contra os animais, o fato mesmo da nossa excluziva perfectibilidade social, sem refletir que a nossa especie não pôde dezenvolver-se assim sinão comprimindo, de toda necessidade, o surto gradual que terião podido tomar tantas outras especies animais suceptiveis de sociabilidade. Os animais domesticos, conquanto não sendo sempre *os mais inteligentes*, estando até longe disso, poderião fornecer neste assunto importantes luzes, em virtude de uma exploração mais facil, sobretudo si se soubesse

judiciozamente comparar a sua natureza moral atual áquela, mais ou menos diferente, que devia corresponder ás epocas mais aproximadas da sua domesticação primitiva. Porque seria de extranhar que as transformações tão evidentes que eles experimentárão a tantos respeitos fizicos não fossem acompanhadas de nenhuma variação real no tocante ás funções mais modificaveis de todas. Porem a extrema imperfeição do estudo frenologico dos animais é sobretudo manifesta na desdenhoza igualdade em que a nossa soberba inteligencia involve a consideração intelectual e afetiva das diversas naturezas animais, sem mesmo, de ordinario, tomar em conta os principais graus de organização. Do alto da sua supremacia, o homem julgou os animais pouco mais ou menos como um despota encara os seus suditos, isto é, em massa, sem perceber entre eles nenhuma deziguualdade digna de ser sériamente notada. É todavia certo, considerando o conjunto da jerarchia animal, que, sob o aspeto intelectual e moral, bem como sob todos os outros aspetos fiziologicos, as principais ordens dessa jerarchia diferem muitas vezes mais umas das outras do que as mais elevadas dentre elas diferem realmente do tipo humano. O estudo racional dos costumes e do espirito dos animais está pois ainda essencialmente por fazer-se, a maioria dos ensaios já tentados não podendo ter tido sinão só a eficacia preliminar de preparar gradualmente a sua verdadeira instituição sientifica. Esse estudo promete aos naturalistas uma ampla seára de importantes descobertas, diretamente aplicaveis ao progresso geral do verdadeiro conhecimento do homem, contanto que, dirigindo melhor as suas pesquizas, eles saibão tambem desprezar doravante, com firmeza mais energica, as vans e inconvenientes declamações dos teologistas e dos metafizicos sobre a pretensa tendencia de tal doutrina a degradar a natureza humana, cuja noção fundamental ela deve, pelo contrario, retificar, fixando, com precizão rigoroza, e ao abrigo de toda argumentação sofistica, as profundas diferenças que nos separão pozitivamente dos animais mais vizinhos de nós.

« Nessa construção filozofica da fiziologia cerebral, será precizo considerar, mais cuidadozamente do que se tem feito até aqui, as duas ordens de noções gerais relativas ao modo de ação, que, segundo a lição precedente, convem necessariamente a todos os fenomenos quaisquer da vida animal, e que já examinamos a respeito dos fenomenos

elementares de irritabilidade e de sensibilidade. A lei de intermitencia é, com efeito, eminentemente aplicavel ás diversas funções afetivas e intelectuais, tomando em conta, bem entendido, a simetria constante dos orgãos, segundo a judicioza observação de Gall, que torna-se aqui mais especialmente indispensavel. Mas esse grande assunto exige todavia um novo exame, sobretudo quanto ás faculdades mentais, visto a estrita necessidade imposta á siencia de conciliar a evidente intermitencia delas com a perfeita continuidade que parece ser exigida pela ligação fundamental que une entre si todas as nossas operações intelectuais, desde a primeira infancia até a extrema caducidade, e que não póde mesmo ser interrompida pelas profundas perturbações cerebrais, contanto que estas sejão passageiras. Similhante questão, cuja pozição as teorias metafizicas nem siquer comportavão, aprezenta por certo grandes dificuldades; mas a sua solução pozitiva deve lançar grande luz sobre a marcha geral dos atos intelectuais. * Quanto á associação, quer sinergica, quer simpatica, das diversas faculdades frenologicas, os fiziologistas começão a bem comprehender a alta importancia habitual dela, embora até aqui nenhum estudo verdadeiramente sientifico tenha sido diretamente instituido para a pesquiza das leis gerais dessas combinações indispensaveis. Sem tal consideração fundamental, o numero dos pendores, dos sentimentos, ou das aptidões, pareceria quasi suctivel de ser indefinidamente aumentado. É assim, para não citar sinão um só exemplo, que tantos exploradores da natureza humana crêrão dever distinguir varias sortes de coragens, sob os nomes de militar, civil, etc., conquanto a dispozição primitiva a arrostar um perigo qualquer deva, não obstante, ser sempre uniforme, e seja sómente *mais ou menos dirigida pela inteligencia*. Sem duvida, o martir que suporta, com firmeza inabalavel, os mais horriveis suplicios para evitar sómente a renegação solene das suas convicções, o sientista que emprehende uma experiencia perigoza cujas eventualidades calculou bem, etc., poderião fugir num campo de batalha si fossem forçados a combater por uma cauza que não lhes inspirasse interesse algum. Mas o genero de coragem de ambos nem por isso é menos essencialmente identico á coragem espontanea e animal

* To as as questões sublevadas aqui forão rezolvidas pelo no so Mestre, depois da sua regeneração.—*R. T. M.*

que constitûi a bravura militar propriamente dita; não ha, entre todos esses cazos, outra diferença principal sinão a *influencia superior das faculdades intelectuais*, salvo todavia as dezigualdades ordinarias de grau. Em geral, sem as diversas sinergias cerebrais, ou entre as duas ordens de faculdades fundamentais, ou entre as diferentes funções de cada ordem, seria impossivel analizar judiciozamente a maioria dos atos reais. E é sobretudo na interpretação pozitiva de cada um deles por tal associação, que consistirá a aplicação habitual da doutrina frenologica, quando uma vez ela tiver sido sientificamente constituida. Porem o estudo direto das leis dessa harmonia, e do equilibrio moral que dahi rezulta, seria por certo prematuro, enquanto a analize frenologica elementar não estiver mais bem concebida e mais assentada, no seu duplo carater anatomico e fiziologico. Quando chegar a epoca de examinar essa ordem importante de fenomenos compostos, e as determinações voluntarias que são a sua consequencia final, será necessario decidir então, por uma exploração mais delicada, si, em cada verdadeiro orgão cerebral, uma parte distinta não é especialmente afetada ao estabelecimento dessas diversas sinergias e simpatias. É o que já suspeitárão MM. Pinel -Grandchamp e Foville, em virtude de algumas observações patologicas, a respeito da substancia branca comparada com a substancia cinzenta, esta lhes tendo parecido mais particularmente inflamada nas perturbações cerebrais que afetavão sobretudo os fenomenos da vontade, ao passo que a outra o era mais nas que implicavão principalmente as operações intelectuais propriamente ditas.

« Si se póde assim com justiça exprobrar á frenologia atual de conceber de maneira por demais izolada cada uma das funções cerebrais que ela considera, deve-se, por mais forte razão, censurá-la por haver separado demaziadamente o cerebro do conjunto do sistema nervozo, conquanto as primeiras exigencias desse estudo nacente excuzem, até certo ponto, uma concepção tão imperfeita. É todavia evidente, como Bichat o lembrou tão frequentemente, que o conjunto dos fenomenos intelectuais e afetivos, apezar da sua extrema importancia, não constitûi, no sistema total da economia animal, sinão um indispensavel intermediario entre a ação do mundo exterior sobre o animal com o auxilio das impressões sensoriais, e a reação final do animal pelas contrações musculares. Ora, no estado

prezente da fiziologia frenologica, não existe concepção alguma pozitiva sobre a co-relação geral da serie dos atos interiores do cerebro que precedem a esta ultima reação necessaria, de que se supõe sómente que a medula espinhal constitùi vagamente o orgão imediato. *

« Generalizando tanto quanto possivel esta ordem de julgamentos filozoficos, deve-se enfim reconhecer que a fiziologia cerebral, quando mesmo encarasse, de maneira mais racional, o conjunto do sistema nervozo, aprezentaria hoje o grave inconveniente de izolar demaziadamente esse sistema do resto da economia. Sem duvida, ela deveu a principio afastar cuidadozamente os erros antigos sobre a pretensa séde das paixões nos orgãos da vida vegetativa, que terião impedido toda concepção sientifica da natureza moral do homem e dos animais, como já o expliquei. Mas ela desprezou depois demaziadamente a grande influencia que exercem sobre as principais funções intelectuais e afetivas os diversos generos dos outros fenomenos fiziologicos, influencia tão altamente assinalada na celebre obra de Cabanis, que, mau grado o vago e a obscuridade das suas vistas gerais, foi todavia tão util á siencia, servindo de precursor imediato á feliz revolução filozofica que devemos ao genio de Gall.

« O conjunto das diferentes considerações indicadas nesta lição, concorre pois para demonstrar que a fiziologia intelectual e moral é hoje concebida e cultivada de uma maneira a um tempo demaziado irracional e demaziado

* É ao estudo dessa reação que se prende a importante consideração da tradução exterior do conjunto da constituição intelectual, e sobretudo moral, pelo estado habitual do sistema muscular, principalmente facial, que determina a fizionomia propriamente dita. Conquanto Lavater tenha analizado, com grande sagacidade, essas indicações sintomaticas, cujo principio é incontestavel, tal serie de pesquizas não poderá tomar um carater racional, e comportar verdadeira utilidade, ao abrigo de toda indução erronea ou frivola, sinão quando puder ser subordinada, mediante uma determinação pozitiva das verdadeiras faculdades fundamentais, ás leis gerais da ação normal do aparelho cerebral sobre o aparelho muscular. Tais trabalhos serão até lá verdadeiramente prematuros: por isso Lavater não póde realmente formar escola, por falta de uma verdadeira doutrina, capaz de religar os seus esboços incoherentes.

Gall muito judiciozamente notou, a este respeito, que o sistema habitual dos gestos oferece um indicio mais racional e menos equivoco do que o estado passivo da fizionomia propriamente dita. A lei engenhoza, e muito plauzivel que ele propoz sobre a direção geral da mimica, conforme a preponderancia de tal ou tal orgão cerebral, parece-me constituir uma inspiração muitissimo feliz, ulteriormente suscetivel de verdadeira utilidade sientifica, contanto que seja convenientemente aplicada.

estreita, cuja influencia, enquanto subzistir, oporá necessariamente um obstaculo insuperavel a todo verdadeiro progresso de uma doutrina que não deu realmente ainda nenhum passo importante desde a sua primeira fundação. Este estudo, que, pela sua natureza, exige, mais do que nenhum outro ramo da fiziologia, o indispensavel habito preliminar das principais partes da filozofia natural, e que não póde frutificar sinão nas inteligencias mais vigorozas e mais bem educadas, tende hoje, em virtude do seu izolamento viciozo, a decer ao nivel dos espiritos mais superficiais e menos preparados, que a farião em breve servir de baze a um charlatanismo grosseiro e funesto, cujo dezenvolvimento já iminente todos os verdadeiros sientistas devem apressar-se em prevenir. Mas, sejão quais forem esses imensos inconvenientes, eles não devem fazer menosprezar o eminente merito de uma concepção destinada, apezar da sua imperfeição atual, a constituir diretamente um dos principais elementos pelos quais a filozofia do decimo-nono seculo se distinguirá definitivamente da do seculo precedente, o que tem sido até aqui tão vannente tentado.» (SISTEMA DE FILOZOFIA POZITIVA, III, ps. 831-842).

Tal foi a teoria que serviu de baze imediata á fundação da *Sociologia* e prezidiu á elaboração do Pozitivismo, enquanto o nosso Mestre não experimentou a influencia regeneradora de Clotilde. Similhante elaboração atingiu a sua faze critica em 13 de Julho de 1842, data em que Ele concluiu o ultimo capitulo da sua *Obra fundamental*. Publicada com o titulo de *Curso de Filozofia Pozitiva*, o nosso Mestre a dezignou posteriormente pelo nome de SISTEMA DE FILOZOFIA POZITIVA, conforme a mencionão desde então, em geral, os seus dicipulos. Mas, tendo acabado, em 31 de Dezembro de 1837, o volume donde fizemos os extratos precedentes, Ele só retomou a pena em 1º de Março de 1839. O ano de 1838 constituiu um periodo de meditação intima, durante o qual Ele preparou a redação da *Sociologia*. Essa preparação foi sobretudo caraterizada pelo surto decizivo da cultura estetica, cujo papel, no conjunto da evolução e da existencia normal da Humanidade, foi cada vez mais nitidamente apanhado. Convem não esquecer que essa epoca assinala tambem a incessante preocupação que animava o nosso Mestre quanto a corresponder, cada

MONTPELLIER

Vista da Caza de M. de Préville. rua Vieille Intendance, parochia Saint-Pierre, onde, a 3 de Março de 1837, faleceu Rozalia Boyer.

(O Ano sem par.—*Introdução, p. 25*)

vez mais dignamente, á sua glorioza missão, mediante o seu contínuo aperfeiçoamento moral. Foi de fato nesse ano (1838) que Ele aboliu o uzo do fumo, a que se acostumára desde muito. (VOLUME SAGRADO, p. 293-294).

Em Maio do mesmo ano 1838, deu-se a terceira separação formal de M[me] Comte, em consequencia das justas repugnancias do nosso Mestre por certas vizitas criminozas. Essa ruptura durou tres semanas. Mas Ele que, de outras vezes, solicitára a volta da indigna espoza, cessou então de fazer o minimo esforço em tal sentido. E, conquanto acolhesse com ecessiva indulgencia o regresso espontaneo de Carolina Massin, significou-lhe a rezolução em que estava de tratar como irrevogavel qualquer nova tentativa similhante. Deu mesmo á sua autoridade conjugal uma atitude de firmeza que já era, havia muito, exigida pela indiciplinada natureza dessa mulher, e que, em todo cazo, devia anunciar a esta a realidade das dispozições do Filozofo. (*Ibidem*, ps. 50).

Os tres tomos da *Sociologia* forão assim escritos, entre 1º de Março de 1839 e 13 de Julho de 1842, em meio de crueis dilaceramentos domesticos agravados por infames perseguições pedantocraticas. Apezar, porem, das terriveis reações de uma situação moral que estimulava incessantemente o egoismo e deprimia o altruismo, o nosso Mestre continuou na prosecução infatigavel da sua glorioza missão. A lembrança da redenção social a que se votára dava-lhe a força de que carecia para consumá-la. Só a tocante e calóroza adhezão do velho Charles Bonnin vinha robustecer a fé que cada vez mais depozitava no exito das suas incomparaveis locubrações, até que, a 12 de Novembro de 1841, recebeu as primeiras manifestações simpaticas de Stuart Mill. Já então o nosso Mestre habitava a caza n. 10 da rua Monsieur-le-Prince, para onde viera em 15 de Julho do mesmo ano (1841), e Sofia Bliaux já havia entrado para o seu serviço.

A elaboração da *Sociologia* ocazionou o dezenvolvimento e o aperfeiçoamento das concepções morais do nosso Mestre. Vamos extrahir, desses tres volumes, os trechos que nos parecem convenientes para ajuizar do estado da sua alma então. Esses trechos nos mostrarão especialmente que, na realidade, a teoria cerebral não deixou nunca de ser o objeto das contínuas meditações do nosso Mestre.

Tiramos as primeiras citações dos dois capitulos finais

do IV tomo, onde estes constituem, sob o titulo de *lições*, as de ns. 50 e 51 do *Curso de Filozofia Pozitiva.*

Não possuimos indicações precizas da data em que forão redigidos esses capitulos; mas o referido tomo foi escrito, com muito pouca interrupção, de 1º de Março a 1º de Julho de 1839. E', pois, de prezumir que os trechos que vamos citar sejão de fins de Maio ou principios de Junho do mesmo ano. O nosso Mestre considerava então a existencia social como devendo dar lugar á apreciação de tres ordens de condições gerais relativas: primeiro ao *individuo*, depois á *familia*, e, enfim, á *sociedade* propriamente dita. A noção desta ultima, chegada á sua inteira extensão sientifica, dizia Ele, tende a *abraçar a totalidade da especie humana*, e principalmente o conjunto da raça branca. E' a propozito do estudo dessas condições sociais relativas ao *individuo*, á *familia*, e á *sociedade* que o nosso Mestre entra nas seguintes considerações:

« No que concerne ao individuo, diz Ele, podemos previamente afastar aqui, como tendo se tornado hoje felizmente superflua para todos os espiritos esclarecidos, qualquer demonstração formal da sociabilidade fundamental do homem. A teoria cerebral do ilustre Gall terá sobretudo prestado, sob esse aspeto, um imenso serviço filozofico, dissipando para sempre, pelos unicos meios agora capazes de produzir uma convicção real e duradoura, as aberrações metafizicas do ultimo seculo sobre este assunto capital, já empiricamente assinaladas mediante a exploração especial e direta do estado selvagem. Esta teoria não estabeleceu sómente sientificamente a irrezistivel tendencia social da natureza humana; ela destruiu mesmo as falsas apreciações que tinhão sistematicamente conduzido a desconhecê-la. Tais apreciações consistião principalmente, por um lado, em atribuir ás combinações intelectuais uma chimerica preponderancia na conduta geral da vida humana, enquanto que, por outro lado, exagerava-se, no grau mais absurdo, a influencia absoluta das necessidades sobre a pretendida criação das faculdades. Além dessa precioza analize biologica, uma simples consideração de filozofia sociologica, que eu creio util de indicar aqui, bastaria para pôr diretamente em evidencia a alta irracionalidade necessaria da extranha doutrina que faz unicamente derivar o estado social da

MONTPELLIER

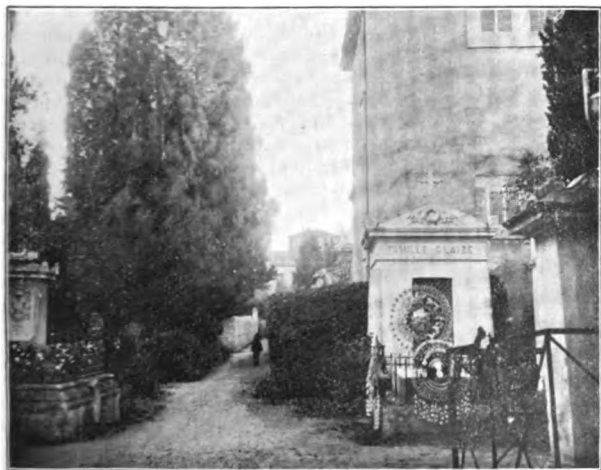
Igreja de S. Pedro, onde deve ter sido aprezentado o corpo de ROZALIA BOYER.

(O ANO SEM PAR.—*Introdução p. 27*)

utilidade fundamental que o homem tira de tal estado para a satisfação mais perfeita das suas diversas precizões individuais. Porque essa incontestavel utilidade, seja qual fôr a influencia que se lhe suponha, não pode realmente manifestar-se sinão depois de um longo dezenvolvimento preliminar da sociedade cuja criação se lhe atribûi. Tal circulo viciozo parecerá tanto mais decizivo quanto mais se refletir nos verdadeiros caracteres da primeira infancia da humanidade. Então as vantagens individuais da associação são eminentemente duvidozas, si mesmo não se póde dizer, em muitos cazos, que ela aumenta muito menos os recursos do que os encargos, como se vê ainda demaziado nas ultimas classes das sociedades mais adiantadas. E', pois, plenamente evidente que o estado social jamais teria existido, si não pudesse ter rezultado sinão de uma convicção qualquer da sua utilidade individual. Pois que essa convicção, bem longe de poder preceder o estabelecimento de tal modo de existencia, por mais habilidade que se supuzesse mesmo naqueles a quem se attribûi esse chimerico calculo, não pode, pelo contrario, começar a dezenvolver-se gradualmente sinão em virtude da realização já muito adiantada da evolução social. Esse sentimento está ainda assás fracamente enraizado, para que, em nossos dias, audaciozos sofistas tenhão podido, sem ser reputados alienados, tentar diretamente abalá-lo, negando dogmaticamente similhante utilidade, por um deploravel abuzo da liberdade necessariamente resultante da nossa anarchia intelectual. A sociabilidade essencialmente espontanea da especie humana, em virtude de um pendor instintivo para a vida comum, independentemente de qualquer calculo pessoal, e frequentes vezes mau grado os interesses individuais mais energicos, não póde, pois, ser doravante nenhumamente contestada, em principio, por aqueles mesmos que não tomarem em suficiente consideração as luzes indispensaveis fornecidas agora, a este respeito, pela san teoria biologica da nossa natureza intelectual e moral. Não posso aliás deter-me aqui na menor apreciação direta dos diversos caracteres especificos, quer fizicos, quer morais, quer intelectuais, que, uma vez estabelecida assim espontaneamente a existencia social, tendem naturalmente a fazer-lhe logo adquirir mais extensão e estabilidade, pelo dezenvolvimento mesmo que proporciona ao conjunto das precizões humanas. Essas diferentes explicações elemen-

tares, aliás utilmente esboçadas pela fiziologia atual, não podem convir sinão a um tratado especial: elas sobrecarregarião evidentemente um volume já demaziado extenso. Supondo-as aqui suficientemente efetuadas, como o permite essencialmente o estado prezente dos nossos conhecimentos biologicos, devo sómente advertir, em geral, que se atribûi de ordinario uma importancia exagerada á consideração izolada de cada condição propria, sobretudo no que concerne os caracteres puramente fizicos, mesmo aqueles cuja influencia social é mais irrecuzavel, como a nudez natural do homem, a sua infancia menos protegida e mais prolongada, etc. Seja qual fôr o poder real peculiar a cada uma dessas diversas condições, e especialmente a esta ultima circunstancia, para fortificar e dezenvolver a nossa sociabilidade espontanea, é principalmente o seu conjunto total que conviria apreciar, como unico plenamente carateristico, pois que a maioria dessas particularidades se acha aliás separadamente em outras especies sociaveis, sem produzir nelas efeitos similhantes. Em geral, toda essa parte preliminar da sociologia poderá ser um dia esclarecida com muita utilidade pela analize comparativa das diferentes sociedades animais, como o indiquei no antepenultimo capitulo.

« Sem insistir aqui sobre esta apreciação demaziado especial, importa sómente ao meu principal objeto assinalar, em virtude do conjunto de tal operação, a influencia necessaria dos mais importantes atributos gerais da nossa natureza para dar á sociedade humana o carater fundamental que lhe pertence constantemente, e que o seu dezenvolvimento qualquer não póde jámais alterar. É precizo, para esse efeito, considerar primeiro *essa energica preponderancia das faculdades afetivas sobre as faculdades intelectuais*, que, menos pronunciada no homem do que em nenhum outro animal, determina entretanto, com tamanha evidencia, a primeira noção essencial sobre a nossa verdadeira natureza, hoje reprezentada com tanta felicidade, a este respeito, pelo conjunto da fiziologia cerebral, como o reconhecemos no fim do volume precedente.

« Conquanto a continuidade de ação constitua, por certo, em todos os generos, uma indispensavel condição preliminar de sucesso real, o homem entretanto, como qualquer outro animal, repugna espontaneamente similhante perseverança, e não acha a principio verdadeiro prazer no exer-

MONTPELLIER

Vista da entrada do Cemiterio do Hospital Geral, onde foi enterrada, no terreno comum, ROZALIA BOYER.

(O ANO SEM PAR.—*Introdução p. 29*)

cicio da sua propria atividade sinão quando esta é suficientemente variada: esta diversidade importa mesmo, sob esse aspeto, mais do que a moderação de intensidade, sobretudo nos cazos mais ordinarios, nos quais instinto algum é altamente pronunciado. As faculdades intelectuais sendo naturalmente as menos energicas, a sua atividade, por pouco que se prolongue identicamente em certo grau, determina, na maioria dos homens, uma verdadeira fadiga, em breve insuportavel. Por isso, é principalmente ao exercicio delas que se aplica esse *dolce far niente*, cuja expressão universal e carateristica todas as idades da civilização reproduzírão por toda parte, sob fórmas mais ou menos ingenuas. Todavia, é *sobretudo* do uzo convenientemente opinaz dessas altas faculdades que devem evidentemente depender, para a especie como para o individuo, as modificações graduais da existencia humana durante o curso natural da nossa evolução social: de sorte que, por uma deploravel coincidencia, o homem tem precizamente *mais* necessidade do genero de atividade para a qual ele é menos apropriado. As imperfeições fizicas e as necessidades morais da sua condição lhe impõe, mais imperiozamente do que a nenhum outro animal, a indispensavel obrigação de empregar constantemente a sua inteligencia para melhorar a sua situação primitiva; por isso é ele, tambem, o mais inteligente de todos os animais, no que se deve, sem duvida, reconhecer uma certa harmonia. Porem essa harmonia, como todas as outras co-relações reais, é extremamente imperfeita, pois que a inteligencia do homem está muito longe de ser espontaneamente assás pronunciada para que o exercicio dela um pouco sustentado possa ser habitualmente suportado sem uma irrezistivel fadiga, que só póde ser prevenida ou temperada por uma estimulação energica e constante. Em lugar de deplorar vanmente essa insuperavel discordancia, cumpre notá-la como um primeiro documento essencial fornecido á sociologia pela biologia, e que deve radicalmente influir sobre o carater geral das sociedades humanas, independentemente do poder evidente que reconheceremos á similhante cauza, na lição seguinte, de concorrer para a determinação fundamental da velocidade ou antes da lentidão da nossa evolução social. Dahi rezulta imediatamente aqui que quazi todos os homens são, pela sua natureza, eminentemente improprios para o trabalho intelectual, e votados

essencialmente a uma atividade material: de sorte que o estado speculativo, cada vez mais indispensavel, não póde ser convenientemente produzido e sobretudo mantido neles, sinão mediante um possante impulso heterogeneo, sem cessar entretido por *pendores menos elevados* porém mais energicos. Seja qual fôr, a este respeito, a alta importancia das numerozas diferenças individuais, elas consistem necessariamente em uma simples dezigualdade de grau, como em qualquer outro cazo, sem que as mais eminentes naturezas estejão jamais verdadeiramente libertadas dessa comum obrigação. Sob esse aspeto, os homens podem ser sobretudo classificados sientificamente segundo a nobreza ou a especialidade crecentes das faculdades afetivas pelas quais é efetivamente produzida a ecitação intelectual. Percorrendo a escala geral acendente desse conjunto de faculdades diversas, segundo a luminoza teoria de Gall, vê-se facilmente que, no maior numero dos homens, a tensão intelectual não é habitualmente entretida, como entre os animais, *salvo alguns raros e curtos assomos dessa atividade puramente especulativa que carateriza sempre o tipo humano*, sinão pela estimulação grosseira porem energica derivada das precizões fundamentais da vida organica, e dos instintos mais universais da vida animal, cujos orgãos pertencem essencialmente á parte posterior do cerebro. A natureza individual do homem torna-se, em geral, tanto mais eminente, quanto mais essa indispensavel ecitação extranha rezulta de pendores mais elevados, mais peculiares á nossa especie, e cuja séde anatomica rezide nas porções do encefalo cada vez mais aproximadas da parte antero-superior da região frontal, sem que no entanto a atividade puramente espontanea dessa nobre região seja nunca assás pronunciada, mesmo nos cazos mais ecepcionais, para não exigir algum outro impulso, *pelo menos até que o habito da meditação se tenha tornado convenientemente preponderante*, o que é aliás infinitamente raro.

« Para prevenir qualquer falsa apreciação filozofica dessa evidente inferioridade fundamental das faculdades intelectuais, que, no primeiro dos animais, subordina necessariamente a atividade sustentada delas á indispensavel ecitação preponderante das mais vulgares faculdades afetivas, importa ajuntar agora que se póde sómente *lamentar*, nesse assunto, o grau real de tal inferioridade, cuja

noção geral não póde aliás comportar nenhuma reclamação racional. A economia social seria, sem duvida, *muito mais satisfatoria*, si, na natureza essencial do homem, essa preponderancia das paixões pudesse ser menos pronunciada, o que a nossa imaginação póde azadamente supôr. Mas si essa diminuição ideal se extendesse até a inversão total de similhante constituição, concebendo transportado para as faculdades inteleetuais o acendente espontaneo das nossas faculdades afetivas, essa nova dispozição da nossa natureza, bem longe de aperfeiçoar realmente o organismo social, tornaria a noção dele radicalmente inintelígivel: como si (por uma metafora util apezar de grosseira), á força de diminuir o atrito nas nossas estradas, se pudesse conseguir extinguí-lo inteiramente, o que, em lugar de melhorar a locomoção, tornaria o seu mecanismo logo contraditorio com as leis mais fundamentais do movimento. Porque, a preponderancia atual das nossas faculdades afetivas não é sómente indispensavel para tirar continuamente a nossa fraca inteligencia da sua letargia nativa, mas tambem para dar a toda a sua atividade um fito permanente e uma direção determinada, sem os quais ela se extraviaria necessariamente em vagas e incoherentes especulações abstratas, como o indiquei no volume precedente, a menos de supôr-se *ao nosso entendimento* uma força por tal modo superior que não podemos conceber a menor idéia nitida dela, quando mesmo imaginassemos que a região frontal se tornasse preponderante no conjunto do cerebro humano. Os mais misticos esforços do extaze teologico, para elevar-se á noção dos puros espiritos, inteiramente libertados de todas as precizões organicas, e extranhos a todas as paixões animais e humanas, não conseguirão efetivamente, nas mais altas inteligencias, como cada um póde facilmente reconhecer, sinão a simples reprezentação de uma sorte de idiotismo trancendente, eternamente absorto por uma contemplação essencialmente van e quazi estupida da magestade divina: tanto os mais utopicos devaneios são inevitavelmente subordinados ao imperio irrezistivel da realidade, embora tenha esta de ficar despercebida ou menosprezada. Assim, sob esse primeiro aspeto capital, a economia elementar do nosso organismo social é necessariamente o que deve ser, salvo o grau que é só o que póde ser concebido de outro modo, sem que convenha aliás entregar-se a estereis lamentações sobre

essa exorbitante preponderancia da vida afetiva comparada com a vida intelectual. É precizo enfim reconhecer a este respeito, que podemos efetivamente, entre estreitos limites, *diminuir gradualmente tal acendente necessario*, ou antes que essa *fraca retificação* rezulta espontaneamente do dezenvolvimento continuo da civilização humana, que, *pelo exercicio sempre crecente da nossa inteligencia, tende cada vez mais a subordinar-lhe os nossos pendores*, como o indicarei mais especialmente no capitulo seguinte, conquanto, de resto, não se deva por certo jamais temer, sob esse aspeto, a inversão real da ordem fundamental.

« O segundo carater essencial que devemos tomar em conta para a apreciação sociologica preliminar da nossa natureza individual, consiste em que, *alem do acendente geral da vida afetiva sobre a vida intelectual*, os instintos os menos elevados, os mais especialmente egoistas, têm, no conjunto do nosso organismo moral, uma irrecuzavel preponderancia sobre os mais nobres pendores, diretamente relativos á sociabilidade. Estamos finalmente dispensados hoje de discutir metodicamente as aberrações e os sofismas metafizicos que, no ultimo seculo, esforçavão-se a reduzir dogmaticamente ao puro egoismo o sistema da nossa natureza moral, menosprezando radicalmente essa admiravel espontaneidade que nos faz irrezistivelmente compadecer as dôres quaisquer de todos os entes sensiveis, e sobretudo dos nossos similhantes, bem como participar involuntariamente das suas alegrias, *ao ponto de esquecermos por vezes, em favor deles, o cuidado continuo da nossa propria conservação.* A escola escosseza tinha já utilmente esboçado a refutação dessas perigozas extravagancias: porem a fiziologia cerebral fez-lhes sobretudo, em nossos dias, irrevogavelmente justiça, substituindo-lhes para sempre uma reprezentação mais fiel da natureza humana. Por maior que seja a importancia capital dessa indispensavel retificação, sem a qual a nossa existencia moral seria necessariamente ininteligivel, é precizo todavia reconhecer, em virtude dessa san teoria biologica do homem, que as nossas diversas afeições sociais são desgraçadamente muito inferiores em perseverança e em energia ás nossas afeições puramente pessoais, conquanto a *felicidade comum deva sobretudo depender da satisfação continua das primeiras*, as unicas que, depois de nos terem espontaneamente conduzido no começo ao estado social, o mantem

essencialmente de ordinario contra a divergencia fundamental dos mais poderozos instintos individuais. Apreciando convenientemente a alta influencia sociologica desse ultimo grande dado biologico, deve-se antes de tudo conceber, como em relação ao primeiro, a *necessidade radical de tal condição, cujo grau é só o que póde ser razoavelmente deplorado*. Por motivos essencialmente analogos aos da explicação precedente, é facil comprehender, com efeito, que *só essa indispensavel preponderancia dos instintos pessoais* póde imprimir á nossa existencia social um carater nitidamente determinado e firmemente sustentado, assinando um fito permanente e energico ao emprego direto e continuo da nossa atividade individual. Porque, mau grado as justas queixas a que póde dar lugar o acendente exagerado dos interesses privados sobre os interesses publicos, fica incontestavel que *a noção do interesse geral não póde ter nenhum sentido inteligivel sem a do interesse particular*, pois que a primeira não póde evidentemente rezultar sinão daquilo que a segunda oferece de comum nos diversos individuos. Fosse qual fosse a potencia das afeições simpaticas, em uma ideal retificação da nossa natureza, não poderiamos entretanto jamais dezejar habitualmente para os outros sinão o que dezejassemos para nós mesmos, *salvo os cazos muito raros e estremamente secundarios em que um refinamento de delicadeza moral, essencialmente impossivel sem o habito da meditação intelectual*, póde nos fazer suficientemente apreciar, a respeito de outrem, meios de felicidade aos quais não ligamos mais quazi nenhuma importancia pessoal. Si, pois, pudessemos suprimir em nós a preponderancia necessaria dos instintos pessoais, ter-se-ia radicalmente *destruido a nossa natureza moral, em lugar de melhorá-la*, pois que as afeições sociais, desde então privadas de uma indispensavel direção, tenderião logo, mau grado esse hipotetico acendente, a degenerar em uma vaga e esteril caridade, inevitavelmente desprovida de qualquer grande eficacia pratica. Quando a moral dos povos adiantados nos prescreveu, em geral, a estrita obrigação de amar os nossos similhantes como a nós mesmos, * ela formulou, da maneira mais ad-

* A essa bela formula uzual, o respeitavel Tracy cria dever altamente preferir a formula indeterminada de S. João: *amai-vos uns aos outros*. Essa estranha predileção não é, a bem dizer, sinão um novo testemunho involuntario da tendencia caracteristica para as concepções vagas e absolutas,

miravel, o preceito mais fundamental, com esse justo grau
de exageração exigido necessariamente pela indicação de
um tipo qualquer, abaixo do qual a realidade sempre será
demaziado mantida. Porem, nesse sublime preceito, *o
instinto pessoal não cessa de servir de guia e de medida ao
instinto social*, como o exigia a natureza do assunto: de
qualquer outra maneira, o alvo do principio teria falhado
essencialmente; *porque, em que e como aquele que não se
amasse poderia amar a outrem?* Assim, muito longe da
constituição do homem ser, a este respeito, radicalmente
vicioza, vê-se, pelo contrario, que seria impossivel conceber
nitidamente, para o conjunto das afeições sociais, nenhuma
outra destinação real sinão a de temperar e de modificar,
em grau mais ou menos profundo, o sistema dos pen-
dores pessoais, *cuja preponderancia habitual é tão indis-
pensavel como inevitavel*, sem o que a existencia social não
póde ter sinão um carater vago e indeterminado, que re-
peliria qualquer previdencia regular da serie das ações
humanas. Não ha, pois, de verdadeiramente lamentavel,
sob esse aspeto, como sob o primeiro ponto de vista acima
examinado, sinão a demaziado fraca intensidade efetiva
desse moderador necessario, cuja voz é tão frequentemente
sufocada, mesmo nos melhores naturais, nos quais ele con-
segue com tamanha raridade comandar diretamente a
conduta. Nesse sentido, unico admissivel, deve-se con-
ceber, mediante um judiciozo confronto desses dois cazos,
o instinto simpatico e a atividade intelectual como desti-
nados sobretudo a suprirem mutuamente a sua comum
insuficiencia social. Póde-se dizer, com efeito, que, si o
homem se tornasse mais benevolo, isso equivaleria essen-
cialmente, *na pratica social*, a supô-lo mais inteligente,
não sómente em virtude do melhor emprego que ele faria
então espontaneamente da sua inteligencia real, mas tam-
bem porque esta não seria tão absorvida pela diciplina,
indispensavel conquanto imperfeita, que ela deve esfor-
çar-se por impôr constantemente á energica preponde-
rancia espontanea dos pendores egoistas. Mas a relação
não é menos exata reciprocamente, embora deva ser
menos apreciavel; porque todo verdadeiro dezenvolvimento
intelectual equivale finalmente, para a conduta geral da
vida humana, a um acrecimo direto da benevolencia na-

que toda filozofia metafizica inspira espontaneamente, mesmo aos melho-
res espiritos.

tural, quer *aumentando o imperio do homem sobre as suas paixões*, quer tornando mais nitido e mais vivo o sentimento habitual das reações determinadas pelos diversos contatos sociais. Si, sob o primeiro aspeto, deve-se altamente reconhecer que nenhuma grande inteligencia póde dezenvolver-se convenientemente *sem um certo fundo de benevolencia universal*, que é só o que póde proporcionar ao seu livre elance um fito assás eminente e um exercicio assás largo, tambem, em sentido inverso, não é licito duvidar que todo nobre surto intelectual tende diretamente a fazer prevalecer os sentimentos de simpatia geral, não sómente afastando os impulsos egoistas, mas ainda inspirando habitualmente, em favor da ordem fundamental, uma sabia predileção espontanea, que, apezar da sua frieza ordinaria, póde concorrer para a manutenção da boa harmonia social com tanta felicidade como pendores mais vivos e menos opinazes. Os reproches morais que mais justamente se têm dirigido á cultura intelectual, parecem-me, em geral, abstrahindo mesmo de toda exageração irracional, repouzar essencialmente sobre uma falsa apreciação filozofica. Em lugar de convirem ao dezenvolvimento proprio da inteligencia, eles se aplicão realmente, pelo contrario, na maioria dos cazos, a inteligencias demaziado inferiores ás suas funções sociais, e cuja espontaneidade pouco pronunciada exigiu mais o estimulo facticio devido aos pendores mais energicos, isto é, aos menos dezinteressados. Não se póde, pois, contestar mais a dupla harmonia continua que liga diretamente um ao outro os dois principais moderadores da vida humana, a *atividade intelectual* e o *instinto social*, cuja influencia fundamental, conquanto assim fortificada, fica todavia, necessariamente, sempre mais ou menos subalterna em relação á inevitavel preponderancia do instinto pessoal, indispensavel motor primitivo da existencia real. A primeira destinação da moral universal, no que concerne ao individuo, consiste sobretudo em aumentar tanto quanto possivel essa dupla influencia moderadora, cuja extensão gradual constitûi tambem o primeiro rezultado espontaneo do dezenvolvimento geral da humanidade, como o indicará mais especialmente a lição seguinte.

Tais são, pois, sob o primeiro aspeto elementar, as duas sortes de condições naturais cuja combinação determina essencialmente o carater fundamental da nossa existencia

miravel, o preceito mais fundamental, com esse justo grau de exageração exigido necessariamente pela indicação de um tipo qualquer, abaixo do qual a realidade sempre será demaziado mantida. Porem, nesse sublime preceito, *o instinto pessoal não cessa de servir de guia e de medida ao instinto social*, como o exigia a natureza do assunto: de qualquer outra maneira, o alvo do principio teria falhado essencialmente; *porque, em que e como aquele que não se amasse poderia amar a outrem?* Assim, muito longe da constituição do homem ser, a este respeito, radicalmente vicioza, vê-se, pelo contrario, que seria impossivel conceber nitidamente, para o conjunto das afeições sociais, nenhuma outra destinação real sinão a de temperar e de modificar, em grau mais ou menos profundo, o sistema dos pendores pessoais, *cuja preponderancia habitual é tão indispensavel como inevitavel*, sem o que a existencia social não póde ter sinão um carater vago e indeterminado, que repeliria qualquer previdencia regular da serie das ações humanas. Não ha, pois, de verdadeiramente lamentavel, sob esse aspeto, como sob o primeiro ponto de vista acima examinado, sinão a demaziado fraca intensidade efetiva desse moderador necessario, cuja voz é tão frequentemente sufocada, mesmo nos melhores naturais, nos quais ele consegue com tamanha raridade comandar diretamente a conduta. Nesse sentido, unico admissivel, deve-se conceber, mediante um judiciozo confronto desses dois cazos, o instinto simpatico e a atividade intelectual como destinados sobretudo a suprirem mutuamente a sua comum insuficiencia social. Póde-se dizer, com efeito, que, si o homem se tornasse mais benevolo, isso equivaleria essencialmente, *na pratica social*, a supô-lo mais inteligente, não sómente em virtude do melhor emprego que ele faria então espontaneamente da sua inteligencia real, mas tambem porque esta não seria tão absorvida pela diciplina, indispensavel conquanto imperfeita, que ela deve esforçar-se por impôr constantemente á energica preponderancia espontanea dos pendores egoistas. Mas a relação não é menos exata reciprocamente, embora deva ser menos apreciavel; porque todo verdadeiro dezenvolvimento intelectual equivale finalmente, para a conduta geral da vida humana, a um acrecimo direto da benevolencia na-

que toda filozofia metafizica inspira espontaneamente, mesmo aos melhores espiritos.

tural, quer *aumentando o imperio do homem sobre as suas paixões*, quer tornando mais nitido e mais vivo o sentimento habitual das reações determinadas pelos diversos contatos sociais. Si, sob o primeiro aspeto, deve-se altamente reconhecer que nenhuma grande inteligencia póde dezenvolver-se convenientemente *sem um certo fundo de benevolencia universal*, que é só o que póde proporcionar ao seu livre elance um fito assás eminente e um exercicio assás largo, tambem, em sentido inverso, não é licito duvidar que todo nobre surto intelectual tende diretamente a fazer prevalecer os sentimentos de simpatia geral, não sómente afastando os impulsos egoistas, mas ainda inspirando habitualmente, em favor da ordem fundamental, uma sabia predileção espontanea, que, apezar da sua frieza ordinaria, póde concorrer para a manutenção da boa harmonia social com tanta felicidade como pendores mais vivos e menos opinazes. Os reproches morais que mais justamente se têm dirigido á cultura intelectual, parecem-me, em geral, abstrahindo mesmo de toda exageração irracional, repouzar essencialmente sobre uma falsa apreciação filozofica. Em lugar de convirem ao dezenvolvimento proprio da inteligencia, eles se aplicão realmente, pelo contrario, na maioria dos cazos, a inteligencias demaziado inferiores ás suas funções sociais, e cuja espontaneidade pouco pronunciada exigiu mais o estimulo facticio devido aos pendores mais energicos, isto é, aos menos dezinteressados. Não se póde, pois, contestar mais a dupla harmonia continua que liga diretamente um ao outro os dois principais moderadores da vida humana, a *atividade intelectual* e o *instinto social*, cuja influencia fundamental, conquanto assim fortificada, fica todavia, necessariamente, sempre mais ou menos subalterna em relação á inevitavel preponderancia do instinto pessoal, indispensavel motor primitivo da existencia real. A primeira destinação da moral universal, no que concerne ao individuo, consiste sobretudo em aumentar tanto quanto possivel essa dupla influencia moderadora, cuja extensão gradual constitûi tambem o primeiro rezultado espontaneo do dezenvolvimento geral da humanidade, como o indicará mais especialmente a lição seguinte.

«Tais são, pois, sob o primeiro aspeto elementar, as duas sortes de condições naturais cuja combinação determina essencialmente o carater fundamental da nossa existencia

social. Por um lado, o homem não póde ser feliz, abstraindo mesmo das imperiozas necessidades da sua subzistencia material, sinão mediante um trabalho sustentado, mais ou menos dirigido pela inteligencia; e entretanto o exercicio intelectual lhe é espontaneamente antipatico: não ha e não deve haver de profundamente ativo nele sinão as faculdades puramente afetivas, cuja preponderancia necessaria fixa o alvo e a direção do estado social. Ao mesmo tempo, na economia real dessa vida afetiva, os pendores sociais são os unicos eminentemente apropriados para produzir e manter a felicidade privada, pois que o surto simultaneo deles, longe de ser contido por algum antagonismo individual, fortifica-se diretamente, pelo contrario, pela sua extensão gradual: e, no entanto, *o homem é e deve ser essencialmente dominado pelo conjunto dos seus instintos pessoais*, unicos verdadeiramente suscetiveis de imprimir á vida social um impulso constante e um curso regular. Essa dupla opozição nos indica já o verdadeiro germen sientifico da luta fundamental, cujo dezenvolvimento continuo deveremos considerar em breve, entre o espirito de conservação e o espirito de melhoramento, o primeiro necessariamente inspirado sobretudo pelos instintos puramente pessoais, e o segundo pela *combinação espontanea da atividade intelectual com os diversos instintos sociais.* *

«Devemos agora proceder a uma igual apreciação sientifica em relação á segunda ordem geral, assinalada no começo deste capitulo, das considerações elementares de estatica social, isto é, quanto ás que concernem a familia propriamente dita, depois de ter assim suficientemente

* Crê-se o mais das vezes, pelo contrario, que o espirito de inovação rezulta sobretudo dos instintos essencialmente pessoais. Mas essa iluzão provem apenas da falsa apreciação das numerozas reações intelectuais e sociais determinadas necessariamente por uma civilização muito dezenvolvida, mesmo nos atos que parecem os mais simples produtos de um egoismo direto. Salvo a inevitavel agitação periodicamente sucitada pelas primeiras necessidades materiais, o homem izolado, e cuja inteligencia não foi despertada, é, por sua natureza, como qualquer outro animal, eminentemente conservador. São, de ordinario, os inexgotaveis dezejos inspirados pelos contactos sociais, e a inquieta previdencia da nossa inteligencia, que sugerem principalmente a necessidade e o pensamento das mudanças graduais da condição humana. Em qualquer outra hipoteze, a evolução social teria sido por certo infinitamente mais rapida do que a historia no-lo indica, si o seu surto tivesse podido depender sobretudo dos instintos mais energicos, em lugar de ter de lutar contra a inercia politica que eles tendem espontaneamente a produzir na maioria dos cazos.

examinado, para o nosso objeto principal, as noções diretamente relativas ao individuo, e antes de passar ás explicações definitivas imediatamente peculiares á sociedade geral.

« Um sistema qualquer devendo necessariamente ser formado de elementos que lhe sejão essencialmente homogeneos, o espirito sientifico não permite considerar a sociedade humana como sendo realmente composta de individuos. *A verdadeira unidade social* consiste certamente na *simples familia*, pelo menos reduzida ao par elementar que constitûi a sua baze principal. Tal consideração fundamental não deve sómente ser aplicada neste sentido fiziologico, que as familias tornão-se tribus, como estas nações; de sorte que o conjunto da nossa especie poderia ser concebido como o dezenvolvimento gradual de uma familia primitivamente unica, si as diversidades locais não opuzessem demaziados obstaculos a tal supozição. Devemos aqui encarar sobretudo essa noção elementar sob o ponto de vista politico, por isso que a familia aprezenta espontaneamente o verdadeiro germen necessario das diversas dispozições essenciais que caraterizão o organismo social. Tal concepção constitûi, pois, pela sua natureza, um intermediario indispensavel entre a idéia do individuo e a da especie ou da sociedade. Haveria tantos inconvenientes sientificos em querer transpô-lo na ordem especulativa, quantos perigos reais ha, na ordem pratica, em pretender abordar diretamente a vida social sem a inevitavel preparação da vida domestica. Seja qual fôr o aspeto sobre o qual se a encare, essa tranzição necessaria reproduz-se sempre, quer quanto ás noções elementares da harmonia fundamental, quer para o surto espontaneo dos sentimentos sociais. É só por ahi que o homem começa realmente a sahir da sua pura personalidade, e que ele aprende primeiro a *viver em outrem, obedecendo embora aos seus instintos mais energicos*. Nenhuma outra sociedade póde ser tão intima como essa admiravel combinação primitiva, onde se opera uma *sorte de fuzão completa de duas naturezas numa só*. Pela imperfeição radical do carater humano, as divergencias individuais são habitualmente demaziado pronunciadas para comportar, em qualquer outro cazo, uma associação tão profunda. A experiencia ordinaria da vida confirma por demais, com efeito, que os homens têm precizão de não viver entre si de uma maneira demaziado

familiar, afim de poderem suportar mutuamente as diversas infermidades fundamentais da nossa natureza moral, quer intelectual, quer sobretudo afetiva. Sabe-se que as proprias comunidades religiozas, mau grado a alta potencia do laço especial que as unia, erão interiormente atormentadas por profundas discordancias habituais, as quais é essencialmente impossivel evitar quando se quer realizar a conciliação chimerica de duas qualidades tão incompativeis como a intimidade e a extensão das relações humanas. Essa perfeita intimidade não pôde mesmo estabelecer-se na simples familia sinão em virtude da energica espontaneidade do fito comum, combinada com a instituição não menos natural de uma indispensavel subordinação. Por mais vans que sejão as noções que hoje se fórmem da igualdade social, toda sociedade, mesmo a mais restrita, supõe, por uma evidente necessidade, não sómente diversidades, mas tambem certas dezigualdades: porque não póde haver verdadeira sociedade sem o concurso permanente em uma operação geral, proseguida por meios distintos, convenientemente subordinados uns aos outros. Ora, a mais inteira realização possivel dessas condições elementares pertence inevitavelmente só á familia, onde a natureza contribuiu com todos os requizitos essenciais da instituição. Assim, apezar dos justos reproches que tem podido muitas vezes merecer, por titulos diversos, uma abuziva preponderancia passageira do espirito de familia, ele não constituirá menos por isso, sempre, e a todos os respeitos, a primeira baze essencial do espirito social, salvo as modificações regulares que deve gradualmente sofrer pelo curso espontaneo da evolução humana. Os graves golpes que recebe diretamente hoje essa instituição fundamental, devem pois ser considerados como os mais medonhos sintomas da nossa tendencia tranzitoria para a dezorganição social. Porem, tais ataques, consequencia natural da inevitavel exageração do espirito revolucionario em virtude da nossa anarchia intelectual, não são sobretudo verdadeiramente perigozos sinão por cauza da impotente decrepitude atual das crenças sobre as quais faz-se ainda excluzivamente repouzar as idéias de familia, como todas as outras noções sociais. Enquanto a dupla relação essencial * que constitûi a familia continuar a não ter outras

* A relação entre os *sexos* e a relação entre as *idades*.— R. T. M.

bazes intelectuais sinão as doutrinas religiozas, * ela participará necessariamente, até certo grau, do descredito crecente que tais principios devem irrevogavelmente experimentar no estado prezente do dezenvolvimento humano. A filozofia pozitiva, tão espontaneamente reorganizadora a este respeito como a todos os outros, é só quem póde doravante, transportando afinal o conjunto das especulações sociais do dominio das vagas ideialidades para o campo das realidades irrecuzaveis, assentar, sobre bazes naturais verdadeiramente inabalaveis, o espirito fundamental de familia, com as modificações que convierem ao carater moderno do organismo social.

« Pelo curso espontaneo da evolução social, a constituição geral da familia humana, bem longe de ser invariavel, recebe progressivamente, de toda necessidade, modificações mais ou menos profundas, cujo conjunto parece-me oferecer, em cada grande epoca do dezenvolvimento, *a mais exata medida da importancia real da mudança total então operada na sociedade correspondente.* É assim, por exemplo, que a poligamia dos povos atrazados deve imprimir necessariamente á familia um carater muito diverso daquele que ela manifesta entre as nações assás adiantadas para já haverem conseguido realizar essa vida plenamente monogamica *para a qual tende sempre a nossa natureza.* Assim tambem, a familia antiga, da qual fazia essencialmente parte uma porção dos escravos, devia, sem duvida, radicalmente diferir da familia moderna, principalmente reduzida ao parentesco direto do par fundamental, ou ao primeiro grau de afinidade, e na qual aliás a autoridade do chefe é muito menor. Mas devemos aqui abstrahir totalmente dessas diversas modificações quaisquer, cuja apreciação real pertence diretamente á parte historica deste volume. Trata-se unicamente, neste capitulo, de considerar a familia sob o aspeto sientifico mais elementar, isto é, no que ela oferece de necessariamente comum a todos os cazos sociais, *considerando a vida domestica como a baze constante da vida social.* Sob tal ponto de vista, a teoria sociologica da familia póde ser essencialmente reduzida ao exame racional de duas ordens fundamentais de relações necessarias, a saber, *a subordinação dos sexos*, e depois *a das idades*, uma

* *Religiozo* aqui é sinonimo de *teologico.*— R. T. M.

das quais *instituí* a familia, ao passo que a outra a *mantem.* No conjunto do reino animal, um certo grau primitivo de sociedade voluntaria, pelo menos temporaria, a certos respeitos comparavel á sociedade humana, começa inevitavelmente, com efeito, a partir desse ponto da escala biologica acendente, no qual cessa todo hermafroditismo; e ele é então sempre determinado primeiro pela união sexual, e depois pela educação dos filhos. Si a comparação sociologica deve ser essencialmente limitada ás aves, e sobretudo aos mamiferos, é essencialmente porque essas duas grandes classes de animais superiores são os unicos que podem oferecer uma suficiente realização desse duplo carater elementar, principio necessario de toda coordenação domestica.

« Não se póde admirar com demaziado respeito essa universal dispozição natural, primeira baze necessaria de toda sociedade, pela qual, no estado de cazamento, mesmo muito imperfeito, *o instinto mais energico da nossa animalidade, a um tempo satisfeito e contido,* * acha-se espontaneamente dirigido de maneira a tornar-se *a fonte primitiva da mais doce harmonia,* em lugar de perturbar o mundo pelos seus impetuozos transbordamentos. Os audaciozos sofistas que, em nossos dias, renovando, em tempo demaziado oportuno, antigas aberrações, diretamente tentárão levar o machado metafizico até a essas raizes elementares da ordem social, fôrão, sem duvida, profundamente condenaveis si não fizerão assim sinão obedecer sientemente ás ignobeis paixões que se esforçavão por ecitar nos outros, ou deploravelmente cegos si, pelo contrario, como na maioria dos cazos, cedêrão apenas á involuntaria extensão da rotina anarchica peculiar á nossa desgraçada epóca. Em qualquer hipoteze, uma triste fatalidade não permitia esperar que a instituição fundamental do cazamento fosse a unica a escapar ao abalo revolucionario que todas as outras noções sociais tiverão de sofrer, em virtude da inevitavel decadencia da filozofia teologica que lhes servia tão perigozamente de baze exclusiva. Quando a filozofia pozitiva puder diretamente emprehender *consolidar para sempre essa indispensavel subordinação dos sexos, principio essencial do cazamento e por consequencia da familia,* ela tomará o seu ponto de

* O nosso Mestre refere-se ao instinto sexual. — R. T. M.

partida, como em qualquer outro assunto capital, em um exato conhecimento da natureza humana, seguido de uma judicioza apreciação do conjunto do dezenvolvimento social, e da faze geral que este consuma agora; o que deverá tender imediatamente a eliminar de modo irrevogavel todas as declamações sofisticas, inspiradas pela ignorancia ou pela depravação, e cujo unico rezultado pratico não póde ser sinão degradar o homem sob o pretexto de o aperfeiçoar. Sem duvida a instituição do cazamento experimenta necessariamente, como todas as outras, modificações espontaneas pelo curso gradual da evolução humana: o cazamento moderno, *tal como o catolicismo finalmente o constituiu*, difere radicalmente, por titulos diversos, do cazamento romano, assim como este diferia notavelmente já do cazamento grego, e ambos ainda mais do cazamento egipcio ou oriental, mesmo depois do estabelecimento da monogamia. Que estas modificações sucessivas, tendentes a dezenvolver incessantemente a natureza essencial desse laço fundamental, não hajão ainda chegado ao seu ultimo termo; que a grande reorganização social rezervada ao nosso seculo deva igualmente assinalar, em um aspeto tão capital, o seu verdadeiro carater geral: isso não póde ser nenhumamente contestado. Mas o espirito absoluto da nossa filozofia politica leva demaziado a confundir, a este respeito, simples modificações espontaneas com a subverção total da instituição. Nós estamos hoje, neste assunto, apezar da nossa van ostentação da superioridade moderna, em uma situação moral extremamente analoga a dos tempos principais da filozofia grega, nos quais a tendencia instintiva e despercebida para a regeneração cristan da familia e da sociedade, dava já nacimento, durante esse longo interregno intelectual, a aberrações essencialmente simillhantes, como o testemunha sobretudo a celebre satira de Aristofanes, na qual toda a devassidão atual se acha de antemão tão rudemente estigmatizada. Em que devão principalmente consistir essas inevitaveis modificações ulteriores do cazamento moderno, é questão de que a fizica social deve hoje *interdizer racionalmente o exame direto, como eminentemente prematuro*, em virtude da sua tendencia fundamental, explicado na quadragezima oitava lição, a proceder sempre do conjunto para os detalhes, conforme a evidente natureza do assunto, cuja irrezistivel autoridade sientifica

não poderia nunca ser mais pronunciada do que em tal cazo, pois que o estudo especial dessas modificações quaisquer deve ser necessariamente subordinado á concepção geral, *ainda profundamente ignorada, do verdadeiro sistema da reorganização social*, sob pena de extraviar a imaginação humana na perigoza e irracional prosecução de utopias vagas e indefinidas, unicamente sucetiveis de perturbar sem fito a vida real. Tudo o que se póde agora garantir, a este respeito, com plena certeza, é que, por mais profundas que possão ser essas mudanças espontaneas, cujo verdadeiro sentido geral a analize historica nos indicará aliás em breve, elas permanecerão, de toda necessidade, constantemente conformes ao invariavel espirito fundamental da instituição, que é só o que constitúi aqui o nosso objeto principal. Ora, esse espirito consiste sempre nessa *inevitavel subordinação natural da mulher para com o homem*, cujo indelevel carater todas as idades da civilização reproduzem, sob fórmas variadas, e que a nova filozofia politica saberá definitivamente prezervar de toda grave tentativa anarchica, tirando-lhe para sempre esse vão carater religiozo * que não póde mais servir hoje sinão para comprometê-la, para ligá-la imediatamente á baze inabalavel fornecida pele conhecimento real do organismo individual e do organismo social. Já a san filozofia biologica, sobretudo em virtude da importante teoria de Gall, começa a poder fazer sientificamente justiça dessas chimericas declamações revolucionarias sobre a *pretendida igualdade dos dois sexos*, demonstrando diretamente, quer pele exame anatomico, quer pela observação fiziologica, as diferenças radicais, a um tempo fizicas e morais, que, *em todas as especies animais, e sobretudo na raça humana*, os separão profundamente um do outro, apezar da comum preponderancia necessaria do tipo especifico. Confrontando, tanto quanto possivel, a analize dos sexos com a das idades, a biologia pozitiva tende finalmente a reprezentar o sexo feminino, *principalmente na nossa especie*, como necessariamente constituido, comparativamente ao outro, *em uma sorte de estado de infancia continua, que o afasta mais, sob os mais importantes respeitos, do tipo ideal da raça*. Completando, a seu modo, essa indispensavel apreciação sientifica, a sociologia mos-

* *Religiozo* é aqui sinonimo de *teologico*.— R. T. M.

trará primeiro a incompatibilidade radical de qualquer existencia social com essa chimerica igualdade dos sexos, caraterizando as funções especiais e permanentes que cada um deles deve excluzivamente preencher na economia natural da familia humana, que os faz espontaneamente concorrer para o fito comum por vias profundamente distintas, sem que a sua subordinação necessaria possa de modo algum prejudicar a sua felicidade real, eminentemente ligada, para um como para o outro, a um sabio dezenvolvimento da sua propria natureza.

« As principais considerações indicadas, na primeira parte deste capitulo, sobre o exame sociologico da nossa constituição individual, permitirião já esboçar com utilidade tal operação filozofica; porque, as duas partes essenciais desse exame podem diretamente estabelecer, em principio, uma a *inferioridade fundamental*, e a outra a *superioridade secundaria*, do organismo feminino, encarado sob o ponto de vista social. Tomando em conta a relação geral entre as faculdades intelectuais e as faculdades afetivas, reconhecemos, com efeito, que a *preponderancia necessaria destas*, no conjunto da nossa natureza, é entretanto *menos pronunciada no homem do que em qualquer outro animal;* e que um certo grau espontaneo de *atividade especulativa* constitũi o *principal atributo cerebral* da humanidade, assim como a *primeira fonte* do carater profundamente assinalado do nosso organismo social. Ora, a este respeito, não se póde seriamente contestar hoje a *evidente inferioridade relativa da mulher*, muito menos apropriada do que o homem para a indispensavel continuidade, bem como para a alta intensidade do trabalho mental, quer em virtude da *menor força intrinseca da sua inteligencia*, quer em razão da sua mais viva sucetibilidade moral e fizica, tão antipatica a toda abstração e a toda contenção verdadeiramente sientificas. A experiencia mais deciziva tem sempre eminentemente confirmado, dada a paridade da pozição em cada sexo, mesmo nas belas-artes, e sob o concurso das mais favoraveis circunstancias, essa *irrecuzavel subalternidade organica* do genio feminino, apezar dos amaveis caracteres que distinguem, de ordinario, as suas espirituozas e graciozas compozições. Quanto ás *funções quaisquer de governo*, reduzidas embora ao estado mais elementar, e puramente relativas á conduta geral da simples familia,

a inaptidão radical do sexo feminino é ainda mais pronunciada, a natureza do trabalho exigindo então sobretudo uma infatigavel atenção a um conjunto de relações mais complicado, do qual parte alguma deve ser descuidada, e ao mesmo tempo uma *mais imparcial independencia do espirito para com as paixões*, em uma palavra, *mais razão*. Assim, sob esse primeiro aspeto, a invariavel economia efetiva da familia humana não póde jamais ser realmente invertida, a menos que se não suponha uma chimerica transformação do nosso organismo cerebral. Os unicos rezultados possiveis de uma luta insensata contra as leis naturais, que, por parte das mulheres, forneceria novos testemunhos involuntarios da *propria inferioridade delas*, não podem ser sinão interdizer-lhes, perturbando gravemente a familia e a sociedade, o *unico genero de felicidade* compativel *para elas* com o conjunto dessas leis.

« Em segundo lugar reconhecemos igualmente acima que, no sistema real da nossa vida afetiva, os instintos pessoais dominão necessariamente os instintos simpaticos ou sociais, cuja influencia não póde *e não deve* sinão modificar a direção essencialmente impressa pela preponderancia dos primeiros, sem poderem *nem deverem nunca tornar-se os motores habituais da existencia efetiva*. E' pelo exame comparativo dessa grande relação natural, *tão importante conquanto secundaria em relação á precedente*, que se póde sobretudo apreciar diretamente a *feliz destinação social* eminentemente rezervada ao sexo feminino. E' incontestavel, com efeito, conquanto esse sexo participe inevitavelmente, a este respeito como ao outro, do tipo comum da humanidade, que as mulheres são, em geral, tão *superiores aos homens por um maior surto espontaneo da simpatia e da sociabilidade*, quanto lhes são inferiores *pela inteligencia e a razão*. Assim, a função propria e essencial delas, na economia fundamental da familia e por conseguinte da sociedade, deve ser espontaneamente *modificar*, sem cessar, *por uma mais energica e mais tocante excitação imediata do instinto social*, a direção geral sempre *primitivamente emanada*, de toda necessidade, da *razão* demaziado fria ou demaziado grosseira que carateriza habitualmente o sexo preponderante. Vê-se que para essa apreciação sumaria dos atributos sociais de cada sexo, afastei de propozito a consideração vulgar das dife-

renças puramente materiais sobre as quais se faz irracionalmente repouzar tal subordinação fundamental, que, em virtude das indicações precedentes, deve ser, pelo contrario, essencialmente ligada ás mais nobres propriedades da nossa natureza cerebral. Dos dois atributos gerais que separão a humanidade da animalidade, *o mais essencial e o mais pronunciado* demonstra irrecuzavelmente, sob o ponto de vista social, *a preponderancia necessaria e invariavel do sexo masculino*, ao passo que o outro carateriza diretamente a indispensavel *função moderadora* para sempre rezervada á mulher, mesmo independentemente dos cuidados maternos, que constituem evidentemente a sua mais importante e mais doce destinação especial, mas sobre os quais se insiste, de ordinario, de uma maneira demaziado excluziva, que não faz comprehender assás dignamente a vocação social direta e pessoal do sexo feminino.» (SISTEMA DE FILOZOFIA POZITIVA, Tomo IV, ps. 539-574).

O nosso Mestre completa esta apreciação da familia examinando em seguida as relações entre os filhos e os pais, que constituem o *segundo elemento fundamental* da familia humana, e as relações paternas que lhe *são accessoriamente inherentes*. E passando á analize direta da sociedade geral, considerada como *formada de familias e não de individuos*, aprezenta as seguintes reflexões de ordem moral:

«... Apezar da imperfeição da linguagem, que leva muitas vezes a confundir a ideia de familia na de sociedade, é incontestavel que o conjunto das relações domesticas não corresponde a uma associação propriamente dita, mas compõe uma verdadeira *união*, atribuindo a este termo toda a sua energia intrinseca. Em razão da sua profunda intimidade, a ligação domestica é pois de natureza bem diversa da ligação social. O seu verdadeiro carater é essencialmente moral, e muito accessoriamente intelectual; ou, em termos anatomicos, ela corresponde muito mais á *região média* do cerebro humano do que á *região anterior*. Fundada principalmente no *apego* e no *reconhecimento*, a união domestica é sobretudo destinada a satisfazer diretamente, só pela sua existencia, o *conjunto dos nossos instintos simpaticos*, independentemente de todo pensamento de cooperação ativa e contínua a um fito qualquer, a não ser o de sua propria instituição. Con-

quanto se deva estabelecer então espontaneamente em certo grau uma coordenação habitual entre trabalhos distintos, a influencia desta é por tal modo secundaria que quando, infelizmente, constitûi o unico principio de ligação, a união domestica tende necessariamente a *degenerar em simples associação* e mesmo na maioria das vezes não tarda a dissolver-se essencialmente. Nas *combinações sociais propriamente ditas*, a economia elementar aprezenta inevitavelmente um carater inverso: o sentimento de cooperação, até então accessorio, torna-se, por sua vez, preponderante, e o instinto simpatico, apezar da sua indispensavel perzistencia, não póde mais formar o laço principal. Sem duvida, o homem é, em geral, assás felizmente organizado para amar os seus cooperadores, por mais numerozos e por mais longinquos que possão ser, ou mesmo por mais indireta que seja a sua participação efetiva. Mas tal sentimento, *devido a uma precioza reação da inteligencia sobre a sociabilidade*, não póde certamente, pela sua natureza, ter jamais bastante energia para dirigir a vida social. Quando mesmo um conveniente exercicio pudesse dezenvolver assás o conjunto dos nossos instintos sociais, a mediocridade intelectual da maioria dos homens não lhes permite formarem, nem de leve, uma idéia assás nitida de relações demaziado extensas, demaziado desviadas, e demaziado extranhas ás suas proprias ocupações, para que possa rezultar dahi um verdadeiro estimulo simpatico, sucetivel de alguma eficacia perduravel. É pois excluzivamente na vida domestica que o homem deve habitualmente procurar o pleno e livre surto das suas afeições sociais; e é talvez por esse titulo especial que ela constitûi melhor uma indispensavel preparação para a vida social propriamente dita: porque a concentração é tão necessaria aos sentimentos como a generalização aos pensamentos. *Mesmo os homens mais eminentes*, que conseguem voltar, com energia real, o curso natural dos seus instintos simpaticos para o conjunto da especie ou da sociedade, são quazi sempre impelidos a isso pelos dezapontamentos morais de uma vida domestica cuja destinação fallhou por falta de suficiente realização das condições convenientes: e por mais doce que lhes seja em tais cazos uma compensação tão imperfeita, esse amor abstrato da especie não póde de modo algum comportar a plenitude de satisfação das nossas dispozições afetuozas que sómente um apego muito

limitado e sobre tudo individual é capaz de proporcionar. Seja como fôr, tais cazos são aliás com demaziada evidencia ecepcionais para deverem influir em qualquer estudo fundamental de economia social...»* (*Ibidem* ps. 589-592.)

Terminando o exame da constituição social, o nosso Mestre mostra a co-relação dela com o aparelho cerebral.

«Tal é pois a tendencia elementar de toda sociedade humana para um governo espontaneo. Esta tendencia necessaria está em harmonia, na nossa natureza individual, com um sistema correspondente de pendores especiais, uns para o *comando*, e os outros para a *obediencia*. Sob o primeiro aspeto, antes de tudo, não se deve, sem duvida, considerar a dispozição vulgarissima a mandar como o sinal de uma verdadeira vocação de governo, que deve ser infinitamente rara, por cauza da eminente preponderancia que exige. E' assim, por exemplo, que as mulheres, em geral tão apaixonadas pelo dominio, são de ordinario tão radicalmente improprias para todo governo, mesmo domestico, quer *em virtude de uma razão menos dezenvolvida*, quer tambem pela movel irritabilidade *de um carater mais imperfeito*. ** Em uma multidão de outras ocaziões, póde-se igualmente notar a tendencia do homem a crer-se sobretudo destinado para as atribuições que menos lhe convém, em virtude da iluzão despercebida que faz tantas vezes considerar um vivo dezejo como sinal de vocação real. Seja como fôr, sem que a dispozição a comandar deva, por si mesma, indicar alguma aptidão para o governo, é precizo todavia reconhecer que ela é indispensavel ao seu exercicio, tanto para inspirar, ao conjunto da sociedade, uma confiança incompativel com a nossa propria irrezolução, como para permitir que o sistema pessoal das nossas faculdades politicas dezenvolva toda a energia conveniente, afim de poder superar as inevitaveis rezistencias que devem oferecer mesmo os cazos mais favoraveis: o que, em uma feliz organização, erige em uma qualidade real e importante o pueril orgulho do vulgo. A tal carater pre-

* Essa comovente passagem traduzia, como sabemos, a tristissima situação do nosso Mestre. Ela carateriza a sublime retidão do incomparavel Filozofo. — R. T. M.

** Esta fraze mostra que a palavra *carater* deve indicar aqui as qualidades praticas, — coragem, prudencia, e firmeza —, visto como o nosso Mestre reconhecia então, como vimos, a superioridade simpatica da mulher sobre o homem. — R. T. M.

ponderante, deve corresponder e corresponde, com efeito, na maioria dos homens, uma dispozição inversa para a obediencia, não menos pronunciada na natureza eminentemente complexa do organismo humano. Si os homens fossem espontaneamente tão indiciplinaveis como se os supõe muitas vezes hoje, não se seria capaz de comprehender de modo algum como é que eles pudérão ser verdadeiramente diciplinados. E', pelo contrario, evidente que nós somos todos mais ou menos inclinados a respeitar involuntariamente nos nossos similhantes qualquer superioridade, *sobretudo intelectual ou moral*, mesmo independentemente de todo dezejo pessoal de vê-la exercitar-se em nosso proveito: e esse *instinto de submissão* é, na realidade, prodigalizado com demaziada frequencia a aparencias mentirozas. Por mais dezordenada que seja hoje, em consequencia da nossa anarchia espiritual, a sêde universal de comando, *não ha ninguem*, sem duvida, que, em um secreto e escrupulozo exame privado, não tenha sentido muitas vezes, mais ou menos profundamente, *quanto é doce obedecer*, * quando podemos realizar a felicidade, em nossos dias quazi impossivel, de ser convenientemente aliviados, mediante guias sabios e dignos, da pezada responsabilidade de uma direção geral da nossa conduta: *tal sentimento é talvez sobretudo experimentado por aqueles que serião os mais apropriados para bem comandar.* No instante mesmo das mais violentas convulsões politicas, quando a economia social parece momentaneamente ameaçada de proxima dissolução, o instinto das massas populares vem ainda manifestar espontaneamente, de uma nova maneira irrecuzavel, essa irrezistivel tendencia social, que, até na consumação das demolições mais revolucionarias, lhes inspira voluntariamente uma escrupuloza obediencia para com as *superioridades intelectuais e morais* cuja direção seguem espontaneamente, e cuja dominação temporaria muitas vezes solicitárão imediatamente, experimentando então, acima de tudo, a urgente necessidade de uma autoridade preponderante. Assim, a espontaneidade fundamental das diversas dispozições individuais mostra-se essencialmente em harmonia com o curso necessario do conjunto das relações sociais

* Esta apreciação basta para provar quanto era energico em nosso Mestre o instinto da *veneração*, sem o que aliás a sua obra teria sido impossivel. — R. T. M.

para estabelecer que a subordinação politica é, em geral, tão inevitavel como indispensavel; o que completa aqui o esboço elementar da estatica social propriamente dita.» (*Ibidem*. ps. 616-619).

E o nosso Mestre termina com as seguintes reflexões que rezumem a sua concepção da *Moral* nessa epoca:

«... Nessas tres ordens consecutivas de considerações estaticas, a *vida individual* mostrou-se sobretudo carateterizada pela preponderancia necessaria e direta dos *instintos pessoais*, a *vida domestica* pelo surto continuo dos *instintos simpaticos*, e a *vida social* pelo dezenvolvimento especial das *influencias intelectuais*; cada um desses tres graus essenciais da existencia humana sendo aliás necessariamente destinado a preparar o seguinte, em virtude do curso espontaneo da sua inalteravel sucessão. Tal encadeamento sientifico aprezenta, em si mesmo, a precioza vantagem pratica de preparar, desde este momento, a racional coordenação da *moral universal*, primeiro pessoal, depois domestica, e finalmente social; a primeira sujeitando a uma sabia diciplina a conservação fundamental do individuo, a segunda tendendo a fazer predominar, tanto quanto possivel, a *simpatia* sobre o *egoismo*, e a ultima a dirigir cada vez mais o conjunto dos nossos diversos pendores segundo *as luminozas indicações de uma razão* convenientemente dezenvolvida, sempre preocupada com a consideração direta da economia geral, de maneira a fazer habitualmente concorrer para o fito comum todas as faculdades quaisquer da nossa natureza, segundo as leis que lhe são peculiares.» (*Ibidem*, ps. 619-620).

O capitulo seguinte, relativo á teoria geral do progresso humano, foi concluido a 1º de julho de 1839. Dele extrahiremos as seguintes passagens que nos parecem convir ao nosso intuito atual:

«... Ora, considerando, do ponto de vista sientifico mais elevado, o conjunto total do dezenvolvimento humano, é-se a principio conduzido a concebê-lo, em geral, como consistindo essencialmente em fazer cada vez mais sobresahirem as faculdades carateristicas da humanidade, comparativamente ás da animalidade, e sobretudo em relação ás faculdades que nos são comuns com todo o reino organico, conquanto estas continuem sempre a for-

mar necessariamente a baze primordial da existencia humana, bem como de qualquer outra vida animal. É nesse sentido filozofico que a mais eminente civilização deve ser, no fundo, julgada plenamente conforme á natureza, pois que não constitúi realmente sinão uma manifestação mais pronunciada das principais propriedades da nossa especie, que, primitivamente dissimuladas por un inevitavel torpor, não podião tornar-se suficientemente salientes sinão em um alto grau da vida social, para a qual a sua destinação é excluziva é incontestavel. O sistema inteiro da filozofia biologica concorre para demonstrar, como o expliquei no volume precedente, que, no conjunto da jerarchia animal, a dignidade fundamental peculiar a cada raça é sobretudo determinada pela preponderancia geral cada vez mais pronunciada da vida animal sobre a vida organica, a medida que se aproxima mais do organismo humano. Sob tal aspeto filozofico, a nossa evolução social não constitúi pois realmente sinão o termo mais extremo de uma progressão geral, continuada sem interrupção entre todo o reino vivo, desde os simples vegetais e os menores animais, passando sucessivamente aos ultimos animais pares, subindo depois até ás aves e aos mamiferos, e, nestes, elevando-se gradualmente aos carniceiros e os macacos: o predominio necessario das funções puramente organicas tornando-se por toda parte cada vez menos assinalado, e o dezenvolvimento das funções animais propriamente ditas, principalmente o das funções intelectuais e morais, tendendo, pelo contrario, cada vez mais para um acendente vital, que todavia não póde jamais ser plenamente obtido, mesmo na mais alta perfeição da natureza humana. Esta indispensavel apreciação comparativa determina essencialmente a primeira noção sientifica que se deve formar do conjunto do progresso humano, assim ligado á serie universal do aperfeiçoamento animal, cujo grau mais eminente ele realiza. A analize geral da nossa progressão social demonstra, con efeito, com irrecuzavel evidencia, que, mau grado a invariabilidade necessaria das diversas dispozições fundamentais da nossa natureza, as mais elevadas dentre elas estão em estado continuo de dezenvolvimento relativo, que tende cada vez mais a erigi-las por sua vez em potencias preponderantes da existencia humana, conquanto tal inversão da economia primitiva não possa, nem mesmo deva, ser nunca com-

pletamente obtida. Tal se manifesta já, segundo o capitulo precedente, o carater essencial do nosso organismo social, quando se limita a encará-lo primeiro no seu estado puramente estatico, abstrahindo do seu movimento necessario. Mas esse carater deve ser naturalmente ainda mais pronunciado no estudo direto das suas variações continuas, como o confirma facilmente uma primeira apreciação geral da sua sucessão gradual.

« Dezenvolvendo, em grau imenso e sempre crecente, a ação do homem sobre o mundo exterior, a civilização parece a principio dever concentrar cada vez mais a nossa atenção para os cuidados só da nossa existencia material, cujo entretenimento e melhoramento constituem, em aparencia, o principal objeto da maioria das ocupações sociais. Porem um exame mais aprofundado demonstra, pelo contrario, que esse dezenvolvimento tende continuamente a *fazer prevalecer as mais eminentes faculdades da natureza humana*, quer pela seguridade mesmo que inspira necessariamente a respeito das precizões fizicas, cuja consideração torna-se assim cada vez menos absorvente, quer pela ecitação direta e continua que imprime necessariamente ás *funções intelectuais e mesmo aos sentimentos sociais*, cujo duplo surto gradual lhe é evidentemente indispensavel. Na nossa infancia social, os instintos relativos á conservação material são por tal modo preponderantes, que o proprio instinto sexual, apezar da sua grosseira energia primitiva, é essencialmente dominado por eles: * as afeições domesticas são então, sem duvida alguma, muito menos pronunciadas, e as afeições sociais ficão circunscritas a uma imperceptivel fração da humanidade, fóra da qual tudo torna-se estrangeiro e mesmo inimigo: as diversas paixões odientas permanecem por certo, depois dos apetites fizicos, o principal movel habitual da existencia humana. Sob esses diversos aspetos, é incontestavel que o surto contínuo da civilização dezenvolve necessariamente cada vez mais os nossos pendores

* Uma voracidade desmezurada, um gosto violento pelos diversos estimulantes fizicos, manifestão-se constantemente na vida selvagem, quando a dezenlace que ela deve tão frequentemente produzir não vem impôr uma sobriedade involuntaria, que muitas vezes cauzou iluzões. O mesmo dá-se, no fundo, apezar do estado de nudez, quanto ao ardor pelo enfeite, então indicado sobretudo por uma tatuagem mais ou menos complicada: ele mostra-se certamente muito mais pronunciado do ordinario do que entre os homens muito civilizados

mais nobres e os nossos sentimentos mais generozos, que, bazes unicas possiveis das associações humanas, devem receber espontaneamente nelas uma cultura cada vez mais especial. Quanto ás faculdades intelectuais, a imprevidencia habitual que, no meio das mais iminentes precizões, carateriza a vida selvagem, constata claramente a pouca influencia real que exerce então a razão sobre a conduta geral do homem: essas faculdades estão aliás então ainda essencialmente entorpecidas, ou pelo menos não ha atividade pronunciada sinão nas mais inferiores dentre elas, aquelas imediatamente relativas ao exercicio dos sentidos exteriores; as *faculdades de abstração e de combinação* permanecem quazi inteiramente inertes, salvo alguns curtos elances ecepcionais; e a curiozidade grosseira inspirada involuntariamente pelo espetaculo da natureza contenta-se então plenamente com os menores esboços de explicação teologica; enfim, os divertimentos, que se distinguem principalmente por uma violenta atividade muscular, elevando-se quando muito a simples manifestação de uma destreza puramente fizica, são, de ordinario, tão pouco favoraveis ao dezenvolvimento da inteligencia como ao da sociabilidade. A todos esses titulos, a superioridade sempre crecente da civilização é certamente ainda mais irrecuzavel do que sob o aspeto moral, de maneira a não exigir mais doravante nenhuma demonstração formal. A qualquer respeito que se estude a existencia comparativa do homem nas diversas idades sucessivas da sociedade, achar-se-á pois constantemente que o rezultado geral da nossa evolução fundamental *não consiste sómente em melhorar a condição material do homem*, pela extensão contínua da sua ação sobre o mundo exterior; mas tambem e *sobretudo em dezenvolver, por um exercicio cada vez mais preponderante, as nossas faculdades mais eminentes*, quer diminuindo sem cessar o imperio dos apetites fizicos, * e estimulando mais os diversos instintos

* A natureza humana não póde, sem duvida, nunca chegar realmente a esse refinamento de delicadeza, já sonhado talvez por algumas imaginações exaltadas, ou antes doentias, de extender, de alguma sorte, ás precizões habituais de ineceção esse sentimento de vergonha que, desde a origem da civilização, acompanha cada vez mais a satisfação das diversas precizões de excreção. Mas não fica por isso menos incontestavel que o entretenimento contínuo da nossa existencia material toma uma importancia cada vez menos excluziva pelo dezenvolvimento gradual da evolução humana, e ocupa cada vez menos os nossos pensamentos no conjunto da vida real.

sociais, quer ecitando continuamente o surto das funções intelectuais, mesmo as mais elevadas, *e aumentando espontaneamente a influencia habitual da razão sobre a conduta do homem.* Nesse sentido, o dezenvolvimento individual reproduz necessariamente sob os nossos olhos, em uma sucessão mais rapida e mais familiar, cujo conjunto é então mais bem apreciavel, conquanto menos pronunciado, as principais fazes do dezenvolvimento social. Por isso um e outro têm essencialmente por fito comum subordinar, tanto quanto possivel, a *satisfação normal dos instintos pessoais ao exercicio habitual dos instintos sociais*, e, ao mesmo tempo, *sujeitar as nossas diversas paixões quaisquer ás regras impostas por uma inteligencia cada vez mais preponderante*, afim de identificar sempre mais o individuo com a especie. Sob o ponto de vista anatomico, poder-se-ia nitidamente caraterizar tal tendencia, fazendo-a sobretudo consistir em determinar pelo exercicio um acendente cada vez mais assinalado nos diferentes orgãos do aparelho cerebral, á medida que eles se afastão mais da região vertebral para aproximar-se da *região frontal*. Tal é pelo menos o tipo ideal cuja realização cada vez mais perfeita carateriza necessariamente o curso espontaneo da evolução humana, quer no individuo, quer, em um grau muito superior, na propria especie, conquanto os nossos esforços quaisquer não possão nunca conduzir-nos efetivamente até esse limite fundamental. Similhante noção permite facilmente distinguir, em geral, as partes respetivas da natureza e da arte no nosso dezenvolvimento continuo, que deve ser julgado plenamente natural, por isso que tende a fazer cada vez mais prevalecer os atributos essenciais da humanidade comparada com a animalidade, constituindo o imperio das faculdades evidentemente destinadas a dirigir todas as outras; mas que, ao mesmo tempo, se aprezenta como eminentemente artificial por isso que deve consistir em obter, por um exercicio conveniente das nossas diversas faculdades, um acendente tanto mais assinalado para cada uma quanto menos energica primitivamente ela fôr: donde rezulta diretamente a explicação sientifica dessa luta eterna e indispensavel entre a nossa humanidade e a nossa animalidade,

Em uma palavra, as diversas considerações puramente pessoais tendem cada vez mais a se apagarem, sob todos os respeitos, perante as considerações diretamente sociais.

sempre reconhecida, desde a origem da civilização, por todos os verdadeiros exploradores do homem, e já consagrada sob tantas fórmas diversas antes que a filozofia pozitiva pudesse fixar o verdadeiro carater de tal luta. » (*Ibidem*, ps. 623-631).

« ... Pela extrema imperfeição da nossa natureza moral, e *sobretudo intelectual*, aqueles mesmos que mais poderozamente contribuírão, na sua viriiidade, para os progressos gerais do espirito humano ou da sociedade, não podem depois conservar por tempo demziado longo a sua justa preponderancia sem tornar-se involuntariamente mais ou menos hostís a dezenvolvimentos ulteriores, para os quais tivessem cessado de poder dignamente concorrer. (*Ibidem*, p. 637).

« ... Si *o ponto de vista intelectual deve predominar*, como o expliquei no capitulo precedente, no simples estudo estatico do organismo social propriamente dito, por mais forte razão o mesmo deve dar-se no estudo direto do movimento geral das sociedades humanas. Conquanto a nossa fraca inteligencia tenha, sem duvida, uma indispensavel precizão do despertar primitivo e do estimulo continuo que imprimem os apetites, as paixões e os sentimentos, é entretanto *sob a sua direção necessaria* que teve sempre de realizar-se o conjunto da progressão humana. É sómente assim, e pela influencia cada vez mais pronunciada da inteligencia sobre a conduta geral do honem e da sociedade, que a marcha gradual da nossa especie póde realmente adquirir esses caracteres de consistente regularidade e de perseverante continuidade que a distinguem tão profundamente do surto vago, incoherente, e esteril, das especies animais mais elevadas,conquanto os nossos apetites, as nossas paixões, e mesmo os nossos sentimentos primitivos, se encontrem essencialmente em muitas dentre elas, e *com uma energia superior, pelo menos a varios respeitos importantes*. » (*Ibidem*, ps. 648-649).

« ... Por uma consequencia, menos comprehendida, mas igualmente rigoroza e indispensavel, do mesmo principio, devemos sobretudo apegar-nos, nessa historia intelectual, á consideração predominante das concepções mais gerais e mais abstratas, que exigem mais especialmente o exercicio das nossas faculdades mentais mais eminentes, cujos orgãos correspondem á parte anterior da região frontal. É pois a apreciação sucessiva do sistema fundamental

das opiniões humanas relativas ao conjunto dos fenomenos quaisquer, em uma palavra, a historia geral da *filozofia*, qualquer que seja aliás o seu carater efetivo, teologico, metafizico, ou pozitivo, que deverá necessariamente prezidir á coordenação racional da nossa analize historica. Qualquer outro ramo essencial da historia intelectual, mesmo a historia das belas-artes (incluzive a poezia), apezar da sua extrema importancia, não poderia, sem graves perigos, ser artificialmente chamada a esse indispensavel oficio: porque *as faculdades de expressão*, mais intimamente ligadas ás faculdades afetivas, e *cujos orgãos se aproximão, com efeito, mais da parte média do cerebro propriamente dito*, deverão em todos os tempos, ser subordinados, na economia real do movimento social, ás *faculdades de concepção direta*, sem ecetuar as épocas da sua maior influencia real. » (*Ibidem*, ps. 650-651).

« ... Si, considerando mesmo as epocas mais adiantadas, esforçarmo-nos por apreciar, mediante uma analize convenientemente aprofundada, a influencia real do espirito religiozo * sobre a conduta geral da vida humana, acharemos sempre que a possante confiança que ele inspira muitas vezes rezulta muito mais, em cada cazo, da crença imediata num socorro atual e especial, do que da uniforme perspetiva, indireta e longinqua, de qualquer existencia futura. Tal é, parece-me, o principal carater da situação notavel que produz espontaneamente, no conjunto do cerebro humano, o importante fenomeno, a um tempo *intelectual e moral*, da *rezo*, quando chega á sua plena eficacia fiziologica, cujas admiraveis propriedades são incontestaveis, na *primeira idade da nossa evolução fundamental*. » (*Ibidem*, pg. 673).

« ... Um estado muito adiantado do dezenvolvimento sientifico póde permitir enfim conceber a cultura quotidiana dos conhecimentos reais *sem nenhum outro motivo determinante sinão a pura satisfação direta inspirada pelo exercicio conveniente da nossa atividade intelectual, junto ao doce prazer que a descoberta da verdade proporciona*: e ainda então é muitissimo duvidozo que esse simples estimulo pudesse habitualmente bastar, si não fosse assentado pelos impulsos colaterais da *gloria*, da *ambição* ou de paixões menos elevadas e mais energicas, a não ser

* *Religiozo* é aqui sinonimo de *teologico*. — R. T. M.

todavia em um pequenissimo numero de *espiritos eminentes*, e depois que eles pudérão contrair suficientemente os habitos necessarios.» (*Ibidem*, ps. 675-676).

« ... Apezar da fraca energia natural dos nossos orgãos puramente intelectuais no conjunto real da nossa economia cerebral, reconhecemos entretanto, no capitulo precedente, que a inteligencia *deve necessariamente prezidir*, não á vida domestica, *mas á vida social*, e, por mais forte razão, *á vida politica*. É sómente por ela que póde ser efetivamente organizada essa reação geral da sociedade sobre os individuos, que carateriza a destinação fundamental do governo, e que exige, *antes de tudo*, um sistema conveniente de opiniões comuns, relativas ao mundo e á humanidade. » (*Ibidem*, ps. 679-680).

« Em virtude das leis fundamentais da natureza humana, o dezenvolvimento da especie, como o do individuo, depois de um suficiente exercicio preliminar do conjunto das nossas faculdades, deve acabar por atribuir espontaneamente *á razão* uma preeminencia cada vez mais carateriza sobre a *imaginação*, conquanto o surto desta devesse ter sido, de toda necessidade, por muito tempo, preponderante. É assim que, em um ou outro cazo, os *mais eminentes atributos da humanidade* tendem gradualmente para o acendente geral a que são destinados, desde a origem, apezar da sua menor energia organica, e que póde só sujeitar a nossa economia cerebral a uma harmonia duradoura.» (*Ibidem*, ps. 692-693).

Á medida que progrediu a elaboração sociologica do nosso Mestre, a importancia dos instintos altruistas foi se tornando cada vez mais pronunciada e a necessidade de subordinar-lhes a inteligencia foi ficando tambem mais sensivel. Mas a sua apreciação do sexo feminino parece confirmar-se cada vez mais, ao ponto dele não ouzar decidir sobre a conveniencia do celibato para a futura classe espiritual. É o que demonstrão as passagens que vamos extrahir dos dois ultimos tomos da sua obra fundamental.

O primeiro capitulo do V volume foi escrito, sob o titulo de 52ª lição, de 21 de Abril a 2 de Maio de 1840. Ahi, depois de haver circunscrito o campo do conjunto da sua elaboração historica, o nosso Mestre examina a idade do fetichismo, que constitúi a faze inicial da evolução hu-

mana. Desse capitulo extrahimos as seguintes passagens:

« Apezar da van reputação de alta habilidade politica que se tem tentado de modo tão extranho atribuir á dissimulação e mesmo á hipocrizia, é felizmente incontestavel, quer mediante a experiencia universal, quer pelo estudo aprofundado da natureza humana, que um homem verdadeiramente superior jamais póde exercer nenhuma grande ação sobre os seus similhantes sem estar primeiro intimamente convencido. Essa condição prévia não provem sómente do fato de *não poder existir ação moral sem uma suficiente harmonia mutua entre os sentimentos e os pensamentos*. Demais, essa chimerica duplicidade mental, á qual não se receiou assim atribuir por vezes importantes efeitos, tenderia necessariamente, pelo contrario, a paralizar diretamente as principais faculdades daqueles que se tivessem desde então imposto a tarefa, evidentemente impossivel, de conduzir simultaneamente os seus pensamentos por duas vias opostas, uma real, e outra afetada, cada uma das quais teria de ordinario já suficientemente embaraçado a nossa fraca inteligencia.» (*Ibidem*, V, ps. 76-77).

« Por mais honroza que deva ser, ao genio adiantado do grande Pitagoras, a sua sublime utopia sobre as nossas relações com os animais, concebida em um tempo em que o espirito de destruição era ainda tão preponderante na elite da humanidade, ela não é menos radicalmente contraria ao destino fundamental do homem, que o obriga a dezenvolver sem cessar, a todos os respeitos, o seu acendente natural sobre o conjunto do reino animal. Mas, em razão mesmo dessa indispensavel dominação, e afim de que ela não degenere em uma cega tirania destrutiva, diretamente oposta ao fito principal, ela preciza, como qualquer outro imperio, ser submetida, de uma maneira permanente e regular, a certas leis essenciais, que tendem a prevenir e retificar, tanto quanto possivel, os desvios espontaneos.» (*Ibidem*, ps. 92-93).

O segundo capitulo (53.ª lição), escrito de 7 a 30 de Maio de 1840) tem por objeto: Apreciação geral do principal estado teologico da humanidade: idade do politeismo. Dezenvolvimento gradual do regimen teologico-militar. Desse capitulo extrahiremos as seguintes passagens:

« ... Porem, si o carater proprio da humanidade começou

a pronunciar-se, desde a sua primeira infancia, pelo *acendente do sentimento sobre o instinto animal*, o que foi essencialmente o rezultado espontaneo do fetichismo, não é duvidozo que essa *preponderancia da imaginação sobre o sentimento*, constituida pela evolução estetica realizada sob o politeismo, não tenha determinado um grande passo geral para o *estado definitivo* e *plenamente normal*, em que a *razão* toma enfim diretamente e abertamente as redeas do governo humano; situação final, da qual o monoteismo tendeu poderozamente a aproximar-nos, como o explicará a lição seguinte, mas que não póde ser suficientemente realizada sinão sob o imperio universal da filozofia pozitiva.» (*Ibidem*, ps. 150-151).

« ... A esta autoridade natural(dos velhos),vê-se tambem começar a junção espontanea de uma outra influencia elementar, *a das mulheres*, que, em todos os tempos, deveu constituir, para com qualquer poder espiritual, um importante auxiliar domestico, *tendente a modificar pelo sentimento*, como este pela inteligencia, o exercicio direto da preponderancia material. » (*Ibidem*, p. 170.)

« A maior imperfeição moral do politeismo concerne a moral domestica, cuja inevitavel interpozição natural entre a moral pessoal e a moral social não tinha podido ser dignamente sentida pela antiguidade, por se acharem as duas ultimas muito diretamente ligadas uma á outra, em consequencia da preponderancia necessaria da politica. Esse é sobretudo,como no-lo explicará o capitulo seguinte, o titulo mais especial do catolicismo ao eterno reconhecimento da humanidade, por ter enfim organizado a moral sobre os seus verdadeiros fundamentos, empenhando-se principalmente por constituir a familia, e por fazer depender as virtudes sociais das virtudes domesticas. Todavia não se póde desconhecer a influencia preliminar do politeismo no primeiro surto da moral domestica. Limitando-nos a indicá-lo aqui sob o aspeto mais fundamental, isto é, quanto ás relações conjugais, foi, evidentemente, durante o reinado do politeismo que a humanidade elevou-se irrevogavelmente á vida verdadeiramente monogamica. Conquanto se haja falsamente reprezentado a poligamia como um invariavel rezultado do clima, todos sabem hoje que, remontando assás a escala social, ela constituiu por toda parte, no Norte como no Sul, um atributo necessario da primeira idade da humanidade, logo que a penuria das subzistencias

não impede mais a brutal satisfação do instinto reprodutor. Porem, apezar dessa preexistencia necessaria e constante do estado poligamo, não permanece menos verdadeiro que, na nossa especie, ainda mais do que em tantas outras, em virtude mesmo da sua superioridade caraterística, o estado puramente monogamico é o mais favoravel, para cada sexo, ao mais completo dezenvolvimento das nossas mais felizes dispozições de todos os generos; o que seria aqui superfluo de demonstrar expressamente, sejão quais forem, a este respeito, as deploraveis aberrações momentaneas da nossa anarchica situação mental. Por isso o sentimento gradualmente manifestado dessa grande condição social determinou em breve, quazi desde a origem do politeismo, o primeiro estabelecimento da monogamia, prontamente seguido das mais indispensaveis prohibições sobre os cazos de incesto. As diversas fazes principais do regimen politeico forão mesmo sempre acompanhadas, como se verá mais adiante, de modificações crecentes nesse cazamento primitivo, cujo aperfeiçoamento gradual constantemente tendeu a dezenvolver melhor, em proveito comum da humanidade, a natureza peculiar de cada sexo. Todavia, o verdadeiro carater social da mulher estava ainda longe de ser suficientemente pronunciado, ao mesmo tempo que a sua dependencia inevitavel em relação ao homem conservava-se demaziado afetada da brutalidade primordial. Esse surto muito imperfeito do verdadeiro genio feminino se manifesta mesmo, sob o politeismo, por um indicio que importa notar aqui, *porque deve parecer aprezentar a principio, pelo contrario, um sintoma especial da importancia politica das mulheres*; quero falar dessa participação constante, conquanto secundaria, na autoridade sacerdotal, que lhes é então diretamente concedida, e que o monoteismo lhes arrebatou irrevogavelmente. A civilização dezenvolve essencialmente todas as diferenças intelectuais e morais, as dos sexos bem como todas as outras quaisquer: de sorte que esses sacerdocios femininos peculiares ao politeismo não constituem prezunção mais favoravel para a condição correspondente das mulheres, do que as que se poderião igualmente induzir dessa existencia quazi contemporanea de mulheres caçadoras e guerreiras, sempre e por toda parte demaziado inherentes a tal idade social para poder ser inteiramente fabulozas, por mais extranha que nos deva agora

parecer. De resto, seria certamente inutil assinalar aqui o conjunto decizivo das provas irrecuzaveis que, segundo a bela observação de Robertson, estabelecem, com inteira evidencia, quanto o estado social das mulheres era radicalmente inferior, sob o regimen politeico da antiguidade, ao que se tornou depois sob o imperio do cristianismo. Bastaria, si fosse precizo, lembrar, a tal respeito, esses amores infames, tão justamente reprovados pelo catolicismo, e que forão sempre a vergonha moral da antiguidade inteira, mesmo entre os mais eminentes personagens: pois que não se póde conceber um sintoma mais pronunciado da pouca consideração então concedida ás mulheres do que essa monstruoza predileção que fazia procurar alhures o dezenvolvimento das mais puras emoções simpaticas, rezervando essencialmente a união sexual para a sua indispensavel destinação fizica, como o expuzérão sistematicamente, com tão revoltante ingenuidade, na Grecia e em Roma, tantos ilustres filozofos e estadistas, a todos os outros respeitos muito recomendaveis. A intima correlação dessa grande aberração primitiva com a vida demaziado izolada do sexo masculino entre os povos caçadores ou mesmo pastores, e depois, apezar do estado agricola, entre as nações constantemente em guerra, é aliás por demais evidente para exigir qualquer explicação, quando se pensa na feliz influencia que exerce, a este respeito, na nossa vida moderna, a sociedade quazi continua dos dois sexos. Já assinalei, alem disso, suficientemente acima a influencia necessaria da escravidão na antiga economia social, como tendendo a alterar gravemente a propria instituição da monogamia. Porém, por mais fundados que sejão realmente todos esses diversos reproches essenciais, eles não podem anular a indispensavel participação do politeismo, em esboçar tambem, a todos os respeitos, o dezenvolvimento fundamental da moral domestica, embora com menos eficacia do que quanto á moral pessoal e á moral social, por um impulso espontaneo que não teria podido provir então de nenhuma outra fonte espiritual.» (*Ibidem*, ps. 219-223).

« . . . Enfim, sob o aspeto puramente moral, não se póde menosprezar a tendencia necessaria desse regimen (teocratico) a dezenvolver cuidadozamente, por uma primeira cultura, a um tempo espontanea e sistematica, a moral pessoal no que ela oferece de mais fundamental, mas so-

bretudo a moral domestica, demaziado descurada depois pelo politeismo militar, como o expliquei acima, e que, nessas teocracias, devia naturalmente tornar-se preponderante, o espirito de casta não sendo sinão uma extensão direta do espirito de familia, e a educação repouzando então sempre sobre o principio de imitação. Conquanto a poligamia fosse ainda essencialmente preponderante, salvo alguns cazos ecepcionais de monogamia muito imperfeita e muito precaria, a condição social das mulheres recebia todavia então o seu primeiro melhoramento fundamental, desde a idade da barbaria em que o sexo mais fraco ficava comummente sujeito aos trabalhos penozos desdenhados pelo sexo preponderante: a recluzão habitual delas, consequencia inevitavel da poligamia, constituia já, na realidade, uma primeira homenagem geral, e um testemunho involuntario de consideração, tendente desde então a atribuir-lhes, na ordem elementar da sociedade, uma pozição cada vez mais conforme á verdadeira natureza carateristica que lhes é peculiar.» (*Ibidem*, ps. 234-235).

« ... Ao primeiro aspeto, esse sistema politico (teocracia) parece racionalmente muito satisfatorio, *por isso que afigura-se constituir o reinado do espirito*, embora seja, no fundo, ainda mais o do medo, visto como repouza em breve no uzo continuo dos terrores superstíciozos, e mesmo dos diversos prestigios sugeridos por um grosseiro esboço dos conhecimentos fizicos; pouco mais ou menos como si a população estivesse submetida a conquistadores mais bem armados. Porém, por uma apreciação mais aprofundada, importa aliás reconhecer com franqueza, desde essa primeira epoca, uma alta necessidade social, consequencia inevitavel da economia fundamental da natureza humana, e que *condena diretamente a dominação politica da inteligencia*, como radicalmente hostil á consumação gradual da nossa verdadeira evolução. *Bem que o espirito deva espontaneamente tender cada vez mais para a suprema direção dos negocios humanos*, ele não póde certamente jamais consegui-lo, em consequencia da extrema imperfeição do nosso organismo, no qual a vida intelectual é de ordinario tão pouco energica: de sorte que, na ordem real, individual ou social, o espirito é sómente destinado a modificar essencialmente a *preponderancia material*, por um indispensavel oficio consultivo, mas sem poder habitualmente dar o impulso. Ora, essa mesma intensi-

parecer. De resto seria certamente inutil assinalar aqui o conjunto decizivo das provas irrecuzaveis que, segundo a bela observação de Robertson, estabelecem, com inteira evidencia, quanto o estado social das mulheres era radicalmente inferior, sob o regimen politeico da antiguidade, ao que se tornou depois sob o imperio do cristianismo. Bastaria, si fosse precizo, lembrar, a tal respeito, esses amores infames, tão justamente reprovados pelo catolicismo, e que forão sempre a vergonha moral da antiguidade inteira, mesmo entre os mais eminentes personagens: pois que não se póde conceber um sintoma mais pronunciado da pouca consideração então concedida ás mulheres do que essa monstruoza predileção que fazia procurar alhures o dezenvolvimento das mais puras emoções simpaticas, rezervando essencialmente a união sexual para a sua indispensavel destinação fizica, como o expuzérão sistematicamente, com tão revoltante ingenuidade, na Grecia e em Roma, tantos ilustres filozofos e estadistas, a todos os outros respeitos muito recomendaveis. A intima correlação dessa grande aberração primitiva com a vida demaziado izolada do sexo masculino entre os povos caçadores ou mesmo pastores, e depois, apezar do estado agricola, entre as nações constantemente em guerra, é aliás por demais evidente para exigir qualquer explicação, quando se pensa na feliz influencia que exerce, a este respeito, na nossa vida moderna, a sociedade quazi continua dos dois sexos. Já assinalei, alem disso, suficientemente acima a influencia necessaria da escravidão na antiga economia social, como tendendo a alterar gravemente a propria instituição da monogamia. Porém, por mais fundados que sejão realmente todos esses diversos reprochês essenciais, eles não podem anular a indispensavel participação do politeismo, em esboçar tambem, a todos os respeitos, o dezenvolvimento fundamental da moral domestica, embora com menos eficacia do que quanto á moral pessoal e á moral social, por um impulso espontaneo que não teria podido provir então de nenhuma outra fonte espiritual.» (*Ibidem*, ps. 219-223).

« . . . Enfim, sob o aspeto puramente moral, não se póde menosprezar a tendencia necessaria desse regimen (teocratico) a dezenvolver cuidadozamente, por uma primeira cultura, a um tempo espontanea e sistematica, a moral pessoal no que ela oferece de mais fundamental, mas so-

bretudo a moral domestica, demaziado descurada depois pelo politeismo militar, como o expliquei acima, e que, nessas teocracias, devia naturalmente tornar-se preponderante, o espirito de casta não sendo sinão uma extensão direta do espirito de familia, e a educação repouzando então sempre sobre o principio de imitação. Conquanto a poligamia fosse ainda essencialmente preponderante, salvo alguns cazos ecepcionais de monogamia muito imperfeita e muito precaria, a condição social das mulheres recebia todavia então o seu primeiro melhoramento fundamental, desde a idade da barbaria em que o sexo mais fraco ficava comumente sujeito aos trabalhos penozos desdenhados pelo sexo preponderante: a recluzão habitual delas, consequencia inevitavel da poligamia, constituia já, na realidade, uma primeira homenagem geral, e um testemunho involuntario de consideração, tendente desde então a atribuir-lhes, na ordem elementar da sociedade, uma pozição cada vez mais conforme á verdadeira natureza caracteristica que lhes é peculiar.» (*Ibidem*, ps. 234-235).

« ... Ao primeiro aspeto, esse sistema politico (teocracia) parece racionalmente muito satisfatorio, *por isso que afigura-se constituir o reinado do espirito*, embora seja, no fundo, ainda mais o do medo, visto como repouza em breve no uzo continuo dos terrores superstíciozos, e mesmo dos diversos prestigios sugeridos por um grosseiro esboço dos conhecimentos fizicos; pouco mais ou menos como si a população estivesse submetida a conquistadores mais bem armados. Porém, por uma apreciação mais aprofundada, importa aliás reconhecer com franqueza, desde essa primeira epoca, uma alta necessidade social, consequencia inevitavel da economia fundamental da natureza humana, e que *condena diretamente a dominação politica da inteligencia*, como radicalmente hostil á consumação gradual da nossa verdadeira evolução. *Bem que o espirito deva espontaneamente tender cada vez mais para a suprema direção dos negocios humanos*, ele não póde certamente jamais consegui-lo, em consequencia da extrema imperfeição do nosso organismo, no qual a vida intelectual é de ordinario tão pouco energica: de sorte que, na ordem real, individual ou social, o espirito é sómente destinado a modificar essencialmente a *preponderancia material*, por um indispensavel oficio consultivo, mas sem poder habitualmente dar o impulso. Ora, essa mesma intensi-

dade por demais pouco pronunciada, que, faça-se o que se fizer, não póde de modo algum permitir o reinado real da inteligencia, *tornaria*, por outro lado, *esse imperio muito perigozo, e em breve hostil ao progresso*, si se tentasse estabelecê-lo; baldo da estimulação continua da qual a sua fraqueza nativa tanto carece, e cujo principal poder essa chimerica dominação faria necessariamente cessar: o espirito, *nacido para modificar e não para mandar*, seria então essencialmente empregado para manter o seu monstruozo acendente, em lugar de seguir nobremente a sua grande destinação para o aperfeiçoamento.» (*Ibidem*, ps. 238-240).

« . . . Na moral domestica, o melhoramento (entre os Romanos), conquanto menos saliente, não é menos real, comparativamente ás sociedades gregas, nas quais os mais eminentes personagens perdião tão frequentemente a maior parte dos seus lazeres no meio de cortezans; ao passo que, entre os Romanos, a consideração social das mulheres e a sua legitima influencia se achavão certamente muito aumentadas, embora a sua existencia moral fosse, ao mesmo tempo, mais severamente reduzida, do que em Esparta por exemplo, ao que exige a sua verdadeira destinação, as diferenças carateristicas de ambos os sexos, bem longe de se apagarem, sendo sempre progressivamente dezenvolvidas, segundo a lei peculiar da evolução a esse respeito: aliás a simples introdução uzual dos nomes de familia, desconhecidos aos Gregos, bastaria para testemunhar claramente que o espirito domestico não havia decrecido.» (*Ibidem*, ps. 271-272).

O terceiro capitulo (54ª lição) é consagrado á apreciação do Catolicismo e foi escrito de 15 de junho a 2 de julho de 1840. Dele extrahimos os seguintes topicos, nos quais o nosso Mestre aprecia já as condições capitais a que deve satisfazer o poder espiritual, para corresponder ao seu destino politico e moral:

« Conquanto a inteligencia deva necessariamente exercer uma influencia cada vez mais pronunciada sobre a conduta geral dos negocios humanos, individuais ou sociais, a sua supremacia politica, sonhada pelos filozofos gregos, nem por isso constitúi menos uma pura utopia, diretamente contraria, como já o notei no capitulo precedente, á economia real da nossa natureza cerebral, na

qual a vida mental é *habitualmente* tão pouco energica comparativamente á vida afetiva. Nenhum poder humano, mesmo o mais grosseiro e o menos extenso, póde, sem duvida, inteiramente dispensar um certo apoio espiritual, pois que o que se chama, em politica, uma força propriamente dita, não póde rezultar sinão de um certo concurso de individualidades, cuja formação espontanea supõe inevitavelmente a existencia prévia, não sómente de alguns sentimentos comuns, mas tambem de opiniões suficientemente convergentes, sem as quais a menor associação não poderia perzistir, embora repouzando mesmo sobre uma suficiente conformidade de interesses. Entretanto, não fica por isso menos incontestavel que o *principal acendente social não póde jamais pertencer á mais alta superioridade mental*, ao mesmo tempo demaziado pouco comprehendida e demaziado mal apreciada para obter de ordinario do vulgo um justo grau de admiração e de reconhecimento. A massa dos homens, essencialmente destinada á ação, simpatiza necessariamente muito mais com as organizações mediocremente inteligentes, porém eminentemente ativas, do que com as naturezas puramente especulativas, apezar da intima preeminencia espiritual destas, aliás habitualmente menosprezada, em razão mesmo da sua demaziada elevação. Além disso, o reconhecimento universal deve espontaneamente preferir os serviços imediatamente sucetiveis de satisfazer ao conjunto das exigencias humanas, entre as quais as da inteligencia, seja qual fôr a sua incontestavel realidade, estão por certo muito longe de ocupar comumente o primeiro posto, como o estabeleci no terceiro volume deste tratado. Não é duvidozo que os maiores sucessos praticos, militares ou industriais, exigem, pela sua natureza, muito menos força intelectual do que a maioria dos trabalhos teoricos de certa importancia, sem ir mesmo até as mais eminentes especulações, esteticas, sientificas, ou filozoficas; e entretanto eles inspirarão sempre, não sómente um interesse mais vivo e uma gratidão mais perfeita, porém tambem uma estima mais bem sentida e uma admiração mais profunda. Sejão quais forem, na realidade, na vida humana, individual e sobretudo social, os imensos beneficios da inteligencia, dos *quais depende essencialmente, em ultima instancia, o progresso continuo da humanidade*, a participação espiritual é, todavia, em cada rezultado ordinario,

demaziado indireta, demaziado longinqua e demaziado abstrata, para ser jamais convenientemente apreciada, a não ser mediante uma analize mais ou menos dificil, que a imensa maioria dos homens, mesmo esclarecidos, não póde espontaneamente operar com bastante nitidez e prontidão para deixar nacer uma repentina impressão de entuziasmo, comparavel de algum modo ao energico arrebatamento determinado tantas vezes por serviços especiais e imediatos da atividade pratica, conquanto menos importantes, no fundo, como menos dificeis. Até no seio da siencia e da filozofia, as concepções mais gerais, sobretudo as que se referem diretamente ao metodo, apezar da sua superioridade final, não sómente quanto ao merito intrinseco, mas tambem quanto á utilidade efetiva, quando mesmo não são longo tempo desdenhadas, não atrahem quazi nunca para os seus sublimes creadores tamanha consideração pessoal como as descobertas de uma ordem inferior; conforme tão dolorozamente o experimentárão, em todas as idades da humanidade, os principais orgãos da grande evolução mental, os Aristoteles, os Descartes, os Leibnitz, etc. Nada é mais proprio, sem duvida, do que tal apreciação para verificar diretamente o absurdo radical desse pretenso reinado absoluto do espirito, tão proseguido pelos filozofos gregos e pelos seus imitadores modernos; pois que póde-se assim claramente sentir que, sob a influencia real de tal principio social, *aparentemente tão sedutor*, a maior autoridade politica, então com demaziada facilidade uzurpada por inteligencias mediocres porem prudentes, não poderia de modo algum pertencer aos mais eminentes pensadores, cuja superioridade carateristica não é quazi nunca convenientemente apreciavel sinão depois da inteira cessação da sua nobre missão, e que não podem ser habitualmente sustentados, na energica perseverança do seu admiravel devotamento espontaneo, sinão pela convicção, profunda porem pessoal, da sua intima preeminencia, e pelo sentimento inabalavel da sua inevitavel influencia ulterior sobre os destinos gerais da humanidade. Essas noções, capitais conquanto elementares, de estatica social, diretamente deduzidas de um exato conhecimento da nossa natureza fundamental, podem ser aliás accessoriamente corroboradas, com verdadeira utilidade, pela consideração especial da extrema brevidade da nossa vida, cuja influencia geral sobre a imperfeição necessaria

do nosso organismo politico já assinalei no quinquagezimo-primeiro capitulo. Concebe-se facilmente, com efeito, que uma maior longevidade, sem remediar de modo algum a enfermidade radical da nossa economia, tenderia por certo a permitir, na hipoteze que examinamos, um melhor classamento social das inteligencias, multiplicando mais os cazos, realmente tão raros, nos quais os pensadores de primeira ordem pódem, após um dezenvolvimento suficiente, ser convenientemente apreciados durante a sua vida, e antes que o seu genio esteja essencialmente extinto. » (*Ibidem*, ps. 302-307.)

O nosso Mestre explica em seguida a eceção que o regimen teocratico parece oferecer a esta apreciação, e continua:

« É pois evidente que, bem longe de poder diretamente dominar a conduta real da vida humana, individual ou social, o espirito é sómente destinado, na verdadeira economia da nossa invariavel natureza, a modificar mais ou menos profundamente, por uma influencia consultiva ou preparatoria, o reinado espontaneo do *poder material ou pratico*, quer militar, quer industrial. Ora, considerando sob outro aspeto essa irrecuzavel necessidade, achar-se-á que ela é certamente muito menos deploravel do que deve fazê-lo supôr a principio um exame pouco aprofundado; pois as mesmas cauzas gerais que a impõe como inevitavel, a colocão tambem em suficiente harmonia permanente com o conjunto das nossas verdadeiras precizões essenciais. Em primeiro lugar, a justiça sofre realmente muito menos com tal arranjo geral do que o fazem comumente prezumir as queixas exageradas, demaziadas vezes amargas e mesmo declamatorias, da maioria dos filozofos sobre a pretensa imperfeição radical do classamento social, que, de ordinario, é essencialmente conforme ás mais imperiozas prescrições da nossa imutavel natureza. As memoraveis reflexões de Pascal a esse respeito, conquanto atribuidas vulgarmente a uma intenção profundamente ironica, não constituem no fundo sinão uma exata apreciação geral da indispensavel necessidade de similhante dispozição elementar para a manutenção quotidiana da harmonia social, que seria continuamente perturbada por inconciliaveis pretenções, cujo julgamento, demaziado lento e demaziado dificil, seria muito frequentemente iluzorio, como o acabamos de ver, si o principio especiozo da superioridade mental pudesse só por si determinar

soberanamente os postos efetivos. Essa ordem real tão dezacreditada reduz-se, no fundo, a tomar para baze habitual de estimação politica a consideração direta da utilidade especial e imediata, individual ou social. Ora, conquanto tal principio seja por certo ecessivamente estreito, e conquanto a sua preponderancia excluziva deva ser justamente encarada como muito opressiva e eminentemente perigoza, ele não constitûi por isso menos, pela sua natureza, o unico fundamento solido de todo verdadeiro classamento humano. Na vida social, com efeito, quazi tanto como na vida individual, a razão é ordinariamente muito mais necessaria do que o genio; ecето em algumas ocaziões capitais, porém extremamente raras, em que a massa geral das idéias uzuais tem precizão de uma elaboração nova ou de uma impulsão especial, que, uma vez consumadas pela intervenção determinada de alguns eminentes pensadores, bastarão longo tempo ás exigencias quotidianas da aplicação real: como o mostra claramente o exame atento de cada uma das fazes importantes do nosso dezenvolvimento, nas quais, após uma suspensão, momentanea porem indispensavel, da sua preponderancia habitual, o simples bom senso retoma espontaneamente as rédeas do governo humano. O genio especulativo é tanto o unico capaz de preparar convenientemente, pelas suas meditações abstratas, as diversas mudanças essenciais que devem sucessivamente operar-se, quanto é, pela sua natureza, radicalmente improprio para a direção quotidiana dos negocios comuns: de sorte que o celebre dito do grande Frederico sobre a incapacidade politica dos filozofos, bem longe de dever ser encarado como uma injusta irrizão, não indica realmente sinão uma profunda apreciação, tão judicioza quanto energica, das verdadeiras condições elementares de toda economia social. As considerações especulativas são e devem ser, pela sua natureza, demaziado abstratas, demaziado indiretas, e demaziado longinquas para que os espiritos verdadeiramente contemplativos possão nunca tornar-se os mais proprios para o governo uzual, no qual, quazi sempre, trata-se sobretudo de operações especiais, imediatas, e atuais; e, a este respeito, as dispozições morais concorrem plenamente com as condições mentais, pois que o carater eminentemente pensador é e deve ser, de toda necessidade, pouco cuidadozo da realidade prezente e detalhada, o que, pelo con-

trario, constituiria certamente uma tendencia muito vicioza na conduta ordinaria dos negocios humanos, individuais ou sociais; ora, por outro lado, as inteligencias essencialmente filozoficas não podem ser condenadas a manter-se constantemente no ponto de vista pratico, sem que o seu surto proprio se torne, só por isso, com grande prejuizo da humanidade, radicalmente impossivel, como acontece espontaneamente sob o regimen puramente teocratico. Póde-se, aliás, acessoriamente ajuntar, a titulo de motivo intelectual-secundario, que os filozofos, mesmo entre os mais elevados, têm sido até aqui muitissimas vezes arrastados a afastar-se involuntariamente do *espirito de conjunto, principal atributo do verdadeiro genio politico*: apezar dos seus esforços ordinarios para assegurar a plenitude e a generalidade de vistas de que se glorificão principalmente, eles são frequentemente sujeitos a um genero particular de estreiteza mental, que consiste em proseguir muito longe o exame abstrato de um só aspeto social, descurando essencialmente quazi todos os outros, nos cazos mesmo nos quais a sua decizão deve diretamente depender da sua sabia ponderação mutua; dispozição que, já muito prejudicial na ordem teorica, póde tornar-se extremamente perigoza na ordem pratica. Quanto ao pequenissimo numero dos que, segundo a vocação carateristica da verdadeira filozofia, não perdem jamais de vista, nas suas especulações diversas, a consideração conveniente do conjunto real, esses, que a filozofia pozitiva deverá espontaneamente tornar um dia muito menos raros, não se queixão de que a suprema dominação dos negocios humanos não pertença á filozofia, porque sabem explicar plenamente a si mesmos a impossibilidade, e até o perigo, dessa utopia grega, cuja renovação moderna o interregno intelectual permitiu, reabrindo o curso das divagações politicas, como o indicarei no capitulo seguinte. Assim, a humanidade não póde certamente honrar demaziado, *como os primeiros orgãos necessarios dos seus principais progressos, essas inteligencias excepcionais* que, arrastadas por uma imperioza destinação especulativa, estetica, sientifica, ou filozofica, consagrão nobremente a sua vida a pensar para a especie inteira; ela não póde sem duvida cercar de demaziada solicitude essas preciozas existencias, tão dificeis de substituir, e que constituem, para toda a nossa raça, *a mais importante riqueza*: ela não póde enfim apressurar-se demaziado em secundar as suas

eminentes funções, quer oferecendo aos seus trabalhos todas as facilidades convenientes, quer dispondo-se a sofrer plenamente a sua vivificante influencia: mas ela deve todavia evitar cuidadozamente de confiar-lhes jamais a direção soberana dos seus negocios quotidianos, para os quais a sua natureza caracteristica as torna, de toda necessidade, essencialmente improprias.

« Tais serião pois, a este respeito, as indicações fundamentais da san razão, não considerando mesmo sinão os simples motivos de aptidão, e supondo a principio que esse pretenso reinado do espirito pudesse ficar suficientemente compativel com o surto real da atividade intelectual. Ora, é agora facil de reconhecer que, por uma consequencia necessaria da nossa extrema imperfeição mental, essa chimerica dominação, além das suas consequencias diretamente perturbadoras para a vida pratica da humanidade, tenderia inevitavelmente a exgotar, quazi na sua fonte mais pura, o curso geral dos nossos progressos, atrofiando cada vez mais esse mesmo dezenvolvimento especulativo, ao qual se teria assim imprudentemente tentado subordinar tudo. Com efeito, não ha, no conjunto da filozofia natural, principio mais geral e mais evidente do que aquele que nos indica, no moral como no fizico, e mesmo ainda mais naquele, a indispensavel precizão dos obstaculos convenientes para permitir o surto real de forças quaisquer. Essa insuperavel necessidade deve ser, na ordem social, tanto mais pronunciada quanto se trata de forças espontaneamente dotadas de uma menor energia propria; e por conseguinte esse importante principio deve tornar-se eminentemente aplicavel á força intelectual, a menos intensa, sem duvida alguma, de todas as nossas faculdades carateristicas, e que, *na maioria dos homens*, não solicita, por si mesma, quazi nenhum dezenvolvimento direto, aspirando o mais das vezes, pelo contrario, a uma sorte de repouzo absoluto, logo após o menor exercicio sustentado. O exame quotidiano da vida individual confirma claramente que a atividade mental não é habitualmente entretida ahi sinão pela exigencia continua das diversas precizões humanas, cuja imediata satisfação não é felizmente possivel sem esforços duradouros; e essa atividade se amortece essencialmente sob a influencia, suficientemente prolongada, de circunstancias demaziado favoraveis; ou, pelo menos, ela degenera então em um vago e esteril

exercicio cuja utilidade real é em extremo duvidoza, e que não é de ordinario estimulado sinão pelas frivolas ecitações de uma vaidade pueril. Nos espiritos verdadeiramente especulativos, o surto mental perziste eminentemente, e mesmo com muito mais eficacia, quer individual, quer social, depois que esse grosseiro aguilhão primordial cessou de fazer-se sentir; porém é sobretudo porque a economia efetiva da sociedade vem então substituir espontaneamente um mais nobre impulso habitual, inspirando-lhes inevitavelmente uma legitima tendencia para um acendente social, que, de toda necessidade, furta-se incessantemente á sua infatigavel prossecução: *e tal é, com efeito, a verdadeira fonte geral dos mais admiraveis esforços intelectuais.* Ora, é evidente que essa fonte precioza seria diretamente ameaçada de um proximo e irreparavel exgotamento, si a inteligencia pudesse realmente conseguir essa van supremacia politica cujo principio ideal consideramos aqui. *Destinado a lutar, e não a reinar*, o espirito não é espontaneamente assaz energico, mesmo nos mais felizes organismos, para rezistir por muito tempo á influencia deleteria de simillhante triunfo: ele tenderia necessariamente para uma funesta atrofia gradual, como baldo a um tempo de fito e de impulso, logo que, longe de ter de modificar uma ordem independente de si, e que reziste incessantemente á sua ação, ele não tivesse mais essencialmente sinão de contemplar com admiração a ordem de que seria criador e arbitro. Assim radicalmente desviada do seu verdadeiro oficio, a inteligencia, em lugar de se ocupar nobremente, segundo a sua natureza, em preparar convenientemente a satisfação geral das diversas precizões individuais ou sociais, não conservaria em breve sinão uma atividade essencialmente corruptora, unicamente votada a robustecer, contra os mais justos ataques, a manutenção continua dessa monstruoza dominação, segundo a marcha final de todas as teocracias propriamente ditas. Esse deploravel desfecho geral tornar-se-ia naturalmente tanto mais iminente, quanto, em tal hipoteze, já reconhecemos que o principal poder estaria necessariamente longe de pertencer de ordinario ás mais eminentes inteligencias: ora, *o espirito, destituido de benevolencia e de moralidade*, como o é tantas vezes nos pensadores medioeres, não é por certo sinão demaziado propenso a utilizar as suas faculdades para um simples fito de egoismo sistematico, quando

mesmo não tem que manter a todo custo a sua propria supremacia social. A antipatia profunda e a infatigavel inveja, que tanto têm perseguido quazi todos os eminentes genios especulativos de que a nossa especie se ha de honrar incessantemente, não emanárão essencialmente da massa vulgar, espontaneamente disposta, pelo contrario, para com eles a uma admiração sincera embora esteril: elas não proviérão o mais das vezes dos poderes politicos propriamente ditos, que, em todos os tempos, apezar do temor natural de uma certa rivalidade de acendente social, tão frequentemente glorificárão-se de haver protegido o seu surto mental: é sobretudo do seio mesmo da classe contemplativa que têm surgido habitualmente esses ignobeis e odiozos embaraços, sucitados instintivamente ao genio pela ciumenta medioeridade de impotentes concurrentes, que não pódem conceber outro meio eficaz de manter uma preponderancia uzurpada sinão impedir, com o auxilio de obstaculos quaisquer, o pleno dezenvolvimento de toda superioridade real, com a qual só eles se sentem de ordinario intimamente feridos. Nada é mais apropriado, sem duvida, do que esta triste porém irrecuzavel observação para verificar diretamente quanto seria, de toda necessidade, eminentemente fatal ao livre elance da inteligencia humana essa chimerica utopia do reinado do espirito, tão loucamente proseguida pela maioria dos filozofos gregos, com a unica ecepção capital do grande Aristoteles, e tão irracionalmente reproduzida por tantos imitadores modernos, que não pódem ter, como eles, a excuza fundamental de um estado social sempre caraterizado pela confuzão elementar de todos os diversos poderes. Pois, é evidente que, bem longe de haver assim verdadeiramente constituido a supremacia social da inteligencia, não ter-se-ia desde então realizado sinão um regimen no qual todos os esforços principais da classe soberana serião em breve concentrados espontaneamente, á maneira das teocracias degeneradas, vizando a mais intensa compressão possivel de todo dezenvolvimento mental na massa dos subditos, afim de que o seu embrutecimento geral pudesse permitir a manutenção indefinida de uma autoridade espiritual, que, privada de estimulação suficiente, se teria inevitavelmente abandonado á iminente apatia que a nossa fraca natureza especulativa tende incessantemente a produzir e a enraizar cada vez mais. Si, apezar de injustas acuzações,

os poderes não têm de ordinario tendido, na realidade, a impedir sistematicamente o surto intelectual, é isso precizamente, entre outros motivos, porque a verdadeira preponderancia politica não era concebida como suctivel de pertencer nunca á superioridade mental, cujo surto universal eles não podião por conseguinte, temer animar diretamente. » (*Ibidem*, ps. 309-320.)

Indicando, mais adiante, as condições indispensaveis ao pleno surto do Catolicismo, o nosso Mestre manifesta as duvidas em que se debatia acerca do celibato sacerdotal. Conforme já observamos, tais hezitações erão a consequencia fatal da teoria feminina a que o tinhão conduzido o exame da evolução social e o estudo do conjunto das mulheres mais eminentes que lhe fôra dado contemplar até então.

« A primeira consiste na instituição, verdadeiramente capital, do *celibato celeziastico*, cujo dezenvolvimento, por muito tempo embaraçado, e enfim completado pelo poderozo Hildebrando, foi depois com justiça encarado como uma das bazes mais essenciais da diciplina sacerdotal. Seria inteiramente superfluo recordar aqui os motivos assás conhecidos que, hauridos na san apreciação geral da natureza humana, explicão a sua influencia necessaria *sobre o melhor cumprimento, intelectual ou social, das funções espirituais*. Devemos mesmo evitar cuidadozamente entabolar, de uma maneira direta ou indireta, o *exame da conveniencia dessa instituição para o novo poder espiritual*, ulteriormente destinado a reorganizar as sociedades modernas. Seria certamente ociozo, e talvez perigozo, agitar essa questão delicada, *hoje demaziado prematura*; ela não póde ser decidida convenientemente, mediante uma experiencia gradual suficientemente aprofundada, sinão por esse proprio poder, já quazi constituido, a exemplo do catolicismo, conquanto muito menos tarde. » (*Ibidem*, ps. 356-357).

A proposito da confissão catolica, o nosso Mestre já se exprimia assim :

« ...Os poderozos efeitos morais dessa bela instituição para purificar pelo reconhecimento das proprias culpas e retificar pelo arrependimento delas, forão tão bem apreciados pelos filozofos catolicos, que estamos aqui felizmente dispensados, a este respeito, de qualquer explicação especial, a proposito de uma função que com tamanha utili-

mesmo não tem que manter a todo custo a sua propria supremacia social. A antipatia profunda e a infatigavel inveja, que tanto têm perseguido quazi todos os eminentes genios especulativos de que a nossa especie se ha de honrar incessantemente, não emanárão essencialmente da massa vulgar, espontaneamente disposta, pelo contrario, para com eles a uma admiração sincera embora esteril: elas não proviérão o mais das vezes dos poderes politicos propriamente ditos, que, em todos os tempos, apezar do temor natural de uma certa rivalidade de acendente social, tão frequentemente glorificárão-se de haver protegido o seu surto mental: é sobretudo do seio mesmo da classe contemplativa que têm surgido habitualmente esses ignobeis e odiozos embaraços, sucitados instintivamente ao genio pela ciumenta mediocridade de impotentes concurrentes, que não pódem conceber outro meio eficaz de manter uma preponderancia uzurpada sinão impedir, com o auxilio de obstaculos quaisquer, o pleno dezenvolvimento de toda superioridade real, com a qual só eles se sentem de ordinario intimamente feridos. Nada é mais apropriado, sem duvida, do que esta triste porém irrecuzavel observação para verificar diretamente quanto seria, de toda necessidade, eminentemente fatal ao livre elance da inteligencia humana essa chimerica utopia do reinado do espirito, tão loucamente proseguida pela maioria dos filozofos gregos, com a unica ecepção capital do grande Aristoteles, e tão irracionalmente reproduzida por tantos imitadores modernos, que não pódem ter, como eles, a excuza fundamental de um estado social sempre caraterizado pela confuzão elementar de todos os diversos poderes. Pois, é evidente que, bem longe de haver assim verdadeiramente constituido a supremacia social da inteligencia, não ter-se-ia desde então realizado sinão um regimen no qual todos os esforços principais da classe soberana serião em breve concentrados espontaneamente, á maneira das teocracias degeneradas, vizando a mais intensa compressão possivel de todo dezenvolvimento mental na massa dos subditos, afim de que o seu embrutecimento geral pudesse permitir a manutenção indefinida de uma autoridade espiritual, que, privada de estimulação suficiente, se teria inevitavelmente abandonado á iminente apatia que a nossa fraca natureza especulativa tende incessantemente a produzir e a enraizar cada vez mais. Si, apezar de injustas acuzações,

os poderes não têm de ordinario tendido, na realidade, a impedir sistematicamente o surto intelectual, é isso precizamente, entre outros motivos, porque a verdadeira preponderancia politica não era concebida como sucetivel de pertencer nunca á superioridade mental, cujo surto universal eles não podião por conseguinte, temer animar diretamente. » (*Ibidem*, ps. 309 320.)

Indicando, mais adiante, as condições indispensaveis ao pleno surto do Catolicismo, o nosso Mestre manifesta as duvidas em que se debatia acerca do celibato sacerdotal. Conforme já observamos, tais hezitações erão a consequencia fatal da teoria feminina a que o tinhão conduzido o exame da evolução social e o estudo do conjunto das mulheres mais eminentes que lhe fôra dado contemplar até então.

« A primeira consiste na instituição, verdadeiramente capital, do *celibato ecleziastico*, cujo dezenvolvimento, por muito tempo embaraçado, e enfim completado pelo poderozo Hildebrando, foi depois com justiça encarado como uma das bazes mais essenciais da diciplina sacerdotal. Seria inteiramente superfluo recordar aqui os motivos assás conhecidos que, hauridos na san apreciação geral da natureza humana, explicão a sua influencia necessaria *sobre o melhor cumprimento, intelectual ou social, das funções espirituais*. Devemos mesmo evitar cuidadozamente entabolar, de uma maneira direta ou indireta, o *exame da conveniencia dessa instituição para o novo poder espiritual*, ulteriormente destinado a reorganizar as sociedades modernas. Seria certamente ociozo, e talvez perigozo, agitar essa questão delicada, *hoje demaziado prematura*; ela não póde ser decidida convenientemente, mediante uma experiencia gradual suficientemente aprofundada, sinão por esse proprio poder, já quazi constituido, a exemplo do catolicismo, conquanto muito menos tarde. » (*Ibidem*, ps. 356-357).

A propozito da confissão catolica, o nosso Mestre já se exprimia assim :

« ....Os poderozos efeitos morais dessa bela instituição para purificar pelo reconhecimento das proprias culpas e retificar pelo arrependimento delas, forão tão bem apreciados pelos filozofos catolicos, que estamos aqui felizmente dispensados, a este respeito, de qualquer explicação especial, a propozito de uma função que com tamanha utili-

dade substituiu a diciplina grosseira e insuficiente, igualmente precaria e importuna, em virtude da qual, sob o regimen politeico, o magistrado esforçava-se tão vannente de regular os costumes por arbitrarias prescrições, em virtude da confuzão fundamental das duas ordens de poderes humanos. » (*Ibidem*, ps. 373-374).

Eis como Ele apreciava então o alcance da cavalaria medieva :

« É precizo, em ultimo lugar, conceber aqui a grande instituição da cavalaria como tendo, pela sua natureza, espontaneamente realizado um admiravel rezumo permanente dos tres caracteres essenciais (transformação da conquista em defeza, decompozição da autoridade temporal em pequenas soberanias territoriais, e finalmente transformação da escravidão em servidão), cuja apreciação sumaria na organização temporal da idade-média acabamos assim de completar. Sejão quais tenhão sido os abuzos que habitualmente a cercárão, é impossivel desconhecer a sua eminente utilidade social, enquanto o poder central não pôde prevalecer assás para regularizar diretamente a ordem interior da nova sociedade. Conquanto o monoteismo muzulmano não tenha sido extranho, mesmo antes das cruzadas, ao dezenvolvimento gradual dessas nobres associações, corretivo natural de uma insuficiente proteção individual, é todavia evidente que o seu livre surto é um produto espontaneo do espirito geral da idade-média, no qual não se póde desconhecer sobretudo a salutar influencia, ostensiva ou secreta, do catolicismo, tendendo a converter enfim um simples meio de educação militar em poderozo instrumento de sociabilidade. A organização caracteristica dessas memoraveis filiações, nas quais, até a extinção total do sistema feudal, o merito prevalecia sobre o nacimento e até sobre a mais alta autoridade, foi poderozamente secundada por essa conformidade geral com o espirito do catolocismo, conquanto ela tivesse tido a principio, como todos os outros elementos desse regimen, uma origem puramente temporal. Todavia, embora a cavalaria constitua uma das mais esplendidas manifestações gerais da inevitavel superioridade social da idade-média sobre a antiguidade, convem não esquecer de assinalar rapidamente o perigo capital que um dos seus principais ramos fez nacer contra o conjunto desse grande edificio politico, e sobretudo contra a admiravel divizão fundamental dos

dois poderes sociais. Esse perigo começou a surgir quando as necessidades especiais das cruzadas determinárão a formação regular dessas ordens ecepcionais de cavalaria européa, nas quais o carater monastico estava intimamente unido ao carater militar, afim de melhor adaptar-se ás necessidades peculiares dessa importante destinação. Concebe-se, com efeito, que, em tais cavaleiros, uma combinação tão contraria ao espirito e ás condições do sistema total devia tender diretamente, logo que o fito particular dessa criação anomala tivesse sido suficientemente atingido, a dezenvolver eminentemente uma monstruoza ambição, fazendo-lhes sonhar uma nova concentração dos dois poderes elementares. Tal foi, em principio, a celebre historia dos Templarios, cuja verdadeira explicação geral a nossa teoria faz assim espontaneamente descobrir : porque, esta ordem famoza deve ser finalmente encarada como instintivamente constituida, pela sua natureza, em uma sorte de conjuração permanente, ameaçando ao mesmo tempo a realeza e o papado, que, apezar das suas dezavenças habituais, souberão enfim reunir-se para a sua destruição : foi esse, parece-me, o unico grave perigo politico que teve de encontrar a ordem social da idade média, a qual, pela sua notavel correspondencia com a civilização contemporanea, manteve-se quazi sempre, de alguma sorte, pelo seu proprio pezo, enquanto essa conformidade fundamental perzistiu suficientemente. » (*Ibidem*, ps. 408-411.)

No seguinte trecho está consignada a conexão entre o esboço da moral universal instituido pelo Catolicismo e o conjunto da civilização medieva :

« O estabelecimento social da moral universal tendo constituido, sem duvida alguma, a principal destinação final do catolocismo, pareceria a principio que o exame dessa grande atribuição devia aqui seguir imediatamente o do organização catolica, sem esperar que a ordem temporal correspondente tivesse sido diretamente considerada. Porém, apezar dessa incontestavel relação, retardando propozitalmente tal apreciação moral até que o conjunto da apreciação politica pudesse estar convenientemente terminado, quiz colocá-la melhor sob a sua verdadeira luz historica, fazendo assim sentir que ela *deve ser sobretudo ligada ao sistema total da organização politica peculiar á idade-média*, e não excluzivamente a um

dos seus dois elementos essenciais, por mais fundamental, ou mesmo preponderante, que tenha devido ser, aliás a esse respeito, a sua indispensavel participação. » (*Ibidem*, p. 414.)

Fazendo a apreciação da moral catolica, o nosso Mestre patentea o esforço incessante que se operava na sua alma para subordinar o espirito ao coração :

« É assim que, por uma justa apreciação comparativa das diferentes precizões da humanidade, a moral foi enfim dignamente colocada á testa das necessidades sociais, concebendo todas as faculdades quaisquer da nossa natureza como não devendo jámais constituir sinão meios mais ou menos eficazes, sempre subordinados a esse grande fito fundamental da vida humana, diretamente consagrado por uma doutrina universal, convenientemente erigida em tipo necessario de todos os atos reais, individuais ou sociais. Deve-se, na verdade, reconhecer que havia, no fundo, como o explicarei adiante, alguma couza de intimamente hostil ao dezenvolvimento intelectual na maneira pela qual o espirito cristão concebia a supremacia social da moral, conquanto essa opozição tenha sido muitissimo exagerada; mas o catolocismo, na sua idade de preponderancia, espontaneamente conteve tal tendencia, por isso mesmo que tomava o *principio da capacidade* para baze direta da sua propria constituição ecleziastica : essa dispozição elementar, cujo perigo filozofico não devia manifestar-se sinão no tempo da decadencia do sistema catolico, não impedia de modo algum a justeza radical dessa sabia decizão social que *subordinava necessariamente o proprio espirito á moralidade*. As inteligencias, cada vez mais multiplicadas, que, sem serem verdadeiramente eminentes, atingirão, sobretudo pela cultura, um grau medio de elevação, têm sempre se insurgido secretamente, e principalmente hoje, contra esse aresto salutar, que embaraça a sua desmezurada ambição : mas ele será eternamente confirmado, com profundo reconhecimento, apezar das perturbações provenientes de tal antipatia mal dissimulada, quer pela massa social, em proveito de quem ele é diretamente concebido, quer pelo verdadeiro genio filozofico, que póde analizar dignamente a sua imutavel necessidade. *Conquanto a verdadeira superioridade mental seja certamente a mais rara e a mais precioza de todas*, é todavia irrecuzavel que, mesmo nos organismos

ecepcionais nos quais é convenientemente pronunciada, ela não póde realizar suficientemente o seu principal surto quando não está subordinada a uma alta moralidade, *em consequencia da pouca energia relativa das faculdades espirituais no conjunto da natureza humana.* Sem essa indispensavel condição permanente, o genio, supondo que ele pudesse ser então inteiramente dezenvolvido, o que seria bem dificil, degenerará prontamente em instrumento secundario de uma estreita satisfação pessoal, em lugar de proseguir diretamente essa larga destinação social que póde só, oferecer-lhe um campo e um alimento digno dele: desde então, si fôr filozofico, não se ocupará sinão de sistematizar a sociedade em proveito dos seus proprios pendores; si fôr sientifico, limitar-se-á a concepções superficiais, sucetiveis de proporcionar em breve sucessos faceis e produtivos; si fôr estetico, produzirá obras sem consiencia, aspirando, quazi a todo custo, a uma rapida e efemera popularidade; enfim, si fôr industrial, não procurará invenções capitais, porém modificações lucrativas. Esses deploraveis rezultados necessarios do espirito desprovido de direção moral, que, pelo menos, apezar de neutralizarem radicalmente o valor social do proprio genio, não pódem inteiramente anulá-lo, devem ser evidentemente ainda mais viciozos nos homens secundarios ou medíocres, de espontaneidade pouco energica: então a inteligencia, que não deveria servir essencialmente sinão para aperfeiçoar a previzão, a apreciação, e a satisfação das verdadeiras precizões principais do individuo e da sociedade, não consegue o mais das vezes, na sua van supremacia, sinão sucitar uma insociavel vaidade, ou fortificar absurdas pretenções de dominar o mundo em nome da capacidade, que, assim moralmente libertada de toda condição de utilidade geral, acaba por tornar-se de ordinario igualmente nociva á felicidade privada e ao bem publico, como se experimenta demaziado hoje. Para quem quer que aprofundou convenientemente o verdadeiro estudo fundamental da humanidade, o *amor universal*, tal como o concebeu o catolicismo, *importa certamente, ainda mais do que á propria inteligencia, na economia uzual da nossa existencia*, individual ou social, porque o amor utiliza espontaneamente, em proveito de cada um e de todos, até as menores faculdades mentais; ao passo que o egoismo desnatura ou paraliza

as mais eminentes dispozições, desde então frequentemente muito mais perturbadoras do que eficazes, quanto á felicidade real, quer privada, quer publica. A profunda sabiduria do catolocismo, constituindo afinal a moral, acima de toda a existencia humana, afim de diregir e controlar incessantemente os diversos atos quaisquer, *estabeleceu pois certamente o principio mais fundamental da vida social*, e que, conquanto momentaneamente abalado ou obscurecido por perigozos sofismas, surgirá sempre finalmente, com uma evidencia crecente, de um estudo cada vez mais aprofundado da nossa verdadeira natureza, sobretudo quando o pozitivismo racional tiver espontaneamente dissipado, a este respeito, as trevas metafizicas. » (*Ibidem*, ps. 429-433.)

Mostrando depois que o Catolicismo constituiu assim uma serie de tipos morais destinados a caraterizar o *limite* ideal da nossa conduta, o nosso Mestre diz:

« . . . O instinto filozofico do catolicismo fez-lhe preencher espontaneamente, da maneira mais feliz, essa condição indispensavel, conduzindo-o a fazer passar, para maior eficacia pratica, os seus tipos morais do estado abstrato para o estado concreto, prova verdadeiramente decizi-va que, em qualquer assunto, manifestaria logo o exagero efetivo das concepções iniciais: foi assim que os primeiros filozofos que esboçárão o catolicismo comprouvérão-se naturalmente na aplicação do seu genio social em concentrar gradualmente, sobre aquele a quem referião a fundação primordial do sistema, * toda a perfeição que podião conceber na natureza humana; de maneira a erigi-lo depois em tipo universal e ativo, *então admiravelmente adaptado á direção moral da humanidade*, e no qual, em qualquer cazo, os mais mesquinhos e os mais eminentes podião igualmente achar modelos gerais de conduta real; esse *tipo sublime* tendo aliás sido admiravelmente completado pela concepção, ainda mais ideal, que reprezenta, para a mulher, a mais feliz conciliação mistica da pureza com a maternidade.» ** (*Ibidem*, ps. 434-435.)

* Aluzão a Jesus-Cristo, a quem vulgarmente se atribûi a instituição do Catolicismo. Conforme o nosso Mestre demonstrou, porem, o fundador real de tão sublime construção religioza foi S. Paulo, que teve por verdadeiro precursor judaico S. João Batista. — R. T. M.

** Aluzão á concepção da Virgem-Mãi, realizada, segundo as crenças catolicas, em Maria. Para apreciar o verdadeiro alcance de tão sublime

Examinando o conjunto da moral catolica, o nosso Mestre assinala os aperfeiçoamentos introduzidos na moral pessoal, domestica, e social. Quanto á primeira observa:

«... De resto, as virtudes simplesmente pessoais começárão então a ser concebidas diretamente na sua destinação social, ao passo que os antigos as recomendavão sobretudo a titulo de prudencia puramente relativa ao individuo, izoladamente considerado: a filozofia pozitiva proseguirá cada vez mais essa importante transformação, que tende a tirar ao arbitrio da sabiduria privada habitos nos quais o individuo está longe por certo de ser o unico interessado.» (*Ibidem*, ps. 436-437.)

O nosso Mestre aprecia especialmente, a este propozito, não só o alto valor da *humildade*, estendida mesmo ás superioridades intelectuais, como o alcance da *prohibição do suicidio*. Depois entra na apreciação da moral domestica:

«A aptidão moral do catolicismo manifestou-se sobretudo na feliz organização da moral domestica, enfim colocada no seu verdadeiro posto, em lugar de ser absorvida pela politica, conforme o genio de toda a antiguidade. Pela separação fundamental entre a ordem espiritual e a ordem temporal, e pelo conjunto do regimen correspondente, foi-se conduzido, na idade média, a sentir que a vida domestica devia ser doravante a mais importante para a massa dos homens, *salvo o pequeno numero daqueles que a sua natureza ecepcional e as precizões da sociedade devião chamar principalmente á vida politica*, á qual os antigos havião sacrificado tudo, porque eles não consideravão sinão os homens livres em populações sobretudo compostas de escravos. Esse cuidado preponderante do catolicismo pela moral domestica teve tão admiraveis rezultados, que a sua analize sumaria não póde ser indicada aqui. Não me detenho pois em considerar o feliz aperfeiçoamento geral da familia humana, sob a intervenção continua da influencia catolica, penetrando espontanea-

concepção, convem examiná-la atravez dos mais eminentes santos do Catolicismo e especialmente o mais completo de todos, S. Bernardo, que sempre se esforçou por manter o carater puramente humano da Mulher escolhida para Mãi de Deus. Foi só em nosso seculo que o papado abandonou tão veneraveis tradições, e, proclamando a *Imaculada Conceição de Maria*, alterou profundamente a eficacia social e moral de uma adoração, que, apezar disso, continua a constituir a melhor preparação para o culto final da Humanidade. Vêde no fim deste volume uma carta de S. Bernardo a respeito da *Imaculada Conceição*. — R. T. M.

mente nas mais intimas relações, nas quais, sem tirania, ela dezenvolvia gradualmente um justo sentimento dos deveres mutuos: e entretanto, seria, por exemplo, de alto interesse apreciar melhor do que se tem feito ainda como o catolicismo, consagrando, da maneira mais solene, a autoridade paterna, aboliu totalmente o despotismo quazi absoluto que a caraterizava entre os antigos, e que, desde o nacimento, era tão frequentemente manifestado pela matança ou abandono dos recem-nacidos, ainda essencialmente legitimos fóra da esfera territorial do monoteismo. Restrito aqui por inevitaveis limites, indicarei sómente o que se refere ao laço mais fundamental, em relação ao qual, depois de uma profunda apreciação, todos os verdadeiros filozofos acabarão, a meu ver, reconhecendo logo, apezar das nossas graves aberrações atuais, *que nada resta a fazer de verdadeiramente essencial, sinão consolidar e completar o que o catolicismo organizou com tamanha felicidade.* Não ha quem conteste mais agora que ele tenha melhorado essencialmente a condicão social das mulheres, e entretanto ninguem observou que ele radicalmente arrebatou-lhes toda e qualquer participação nas funções sacerdotais, mesmo na constituição das ordens monasticas onde as admitiu. Deve-se ajuntar, alem disso, para fortificar essa importante observação, que ele igualmente lhes interdisse a realeza, tanto quanto possivel, em todos os paizes onde a sua influencia politica póde suficientemente realizar-se, modificando, com vistas de aptidão, a hereditariedade puramente teocratica, na qual a casta dominava a principio absolutamente. Essas incontestaveis restrições devem fazer comprehender que o aperfeiçoamento operado pelo catolicismo consistiu sobretudo, quanto ás mulheres, concentrando-as mais na sua existencia puramente domestica, em garantir a justa liberdade da sua vida interior, e em consolidar a sua situação, *consignando a indissolubilidade fundamental do casamento;* ao passo que, mesmo entre os Romanos, o repudio facultativo alterava gravemente, em detrimento das mulheres, o estado de plena monogamia. Em vão alegão-se alguns perigos ecepcionais ou secundarios, cuja realidade é por demais incontestavel, para depreciar hoje essa indispensavel fixidez, tão felizmente adaptada, * em geral, ás

* E o nosso Mestre escrevia estas linhas no meio dos mais crueis dilaceramentos domesticos, conforme indicamos acima. R. T. M.

verdadeiras precizões da nossa natureza, na qual a versatilidade não é menos pernicioza aos sentimentos do que ás idéias, e sem a qual a nossa curta existencia se consumiria em uma serie interminavel e iluzoria de deploraveis ensaios, nos quais a aptidão carateristica do homem a modificar-se conforme toda situação verdadeiramente imutavel, seria radicalmente menosprezada, apezar da sua importancia extrema nos organismos pouco pronunciados, que compõe a imensa maioria. A obrigação de conformar a sua vida com uma insuperavel necessidade, longe de ser realmente prejudicial á felicidade do homem, constitui ordinariamente, pelo contrario, por pouco que essa necessidade seja toleravel, uma das mais indispensaveis condições, prevenindo ou contendo a inconstancia das nossas vistas e a hezitação dos nossos dezignios; a maioria dos individuos sendo mais apropriados para proseguir a execução de uma conduta cujos dados fundamentais são independentes da sua vontade, do que para escolher convenientemente a que devem ter: reconhece-se facilmente, com efeito, que a nossa principal felicidade moral refere-se a situações que não pudérão ser escolhidas, como, por exemplo, as de filho e pai. Indicando, no capitulo seguinte, os graves golpes que o protestantismo tentou dar na instituição fundamental do cazamento catolico, terei ensejo de fazer mais diretamente sentir que a perigoza faculdade do divorcio, longe de aperfeiçoar tal instituição, em proveito real de algum dos sexos, tenderia, pelo contrario, si pudesse realmente introduzir-se nos costumes modernos, a constituir uma iminente retrogradação moral, dando curso demaziado livre aos apetites mais energicos, cuja repressão continua, *combinada com uma legitima satisfação*, deve necessariamente aumentar á medida que a evolução humana consumar-se, como o estabeleci, em principio, no fim do volume precedente. *Encerrando para sempre as mulheres na vida domestica*, o catolicismo ligou aliás tão intimamente os dois sexos, que, em virtude dos costumes a principio organizados sob a sua influencia, a espoza adquire necessariamente um direito imprescritivel, e mesmo independente da sua propria conduta, de participar, sem nenhuma condição ativa, não sómente de todas as vantagens sociais daquele que uma vez a escolheu, mas tambem, tanto quanto possivel, da consideração de que ele goza: seria por certo dificil imaginar uma dispozição

praticavel que favorecesse mais o sexo necessariamente dependente. Longe de tender para a chimerica emancipação, e para a igualdade não menos van, que se sonha hoje para ele, a civilização, dezenvolvendo, pelo contrario, as diferenças essenciais dos sexos bem como todas as outras, conforme o indiquei no capitulo precedente, arranca cada vez mais ás mulheres todas as funções que pódem desviá-las da sua vocação domestica. Não se póde, sem duvida, julgar melhor, a este respeito, da verdadeira tendencia universal do que examinando o que se passa nas classes elevadas da sociedade, nas quais as mulheres pudérão seguir mais facilmente o seu verdadeiro destino, e que devem, por conseguinte, oferecer, a este respeito, uma sorte de tipo espontaneo, para o qual convergirão ulteriormente, tanto quanto possivel, todos os outros modos de existencia: ora, *apanha-se assim diretamente a lei geral da evolução social no que concerne os sexos, e que consiste em desprender cada vez mais as mulheres de toda ocupação estranha ás suas funções domesticas*, de maneira, por exemplo, a fazer um dia repelir, como vergonhoza para o homem, em todas as classes sociais, assim como se o vê já entre as mais adiantadas, a pratica dos trabalhos penozos pelas mulheres, desde então por toda parte rezervadas, de uma maneira cada vez mais excluziva, *ás suas nobres atribuições caraterísticas de espoza e de mãi.* Conquanto não possa mesmo esboçar aqui a serie especial de observações sociais apropriadas para confirmar irrecuzavelmente esse principio geral, aliás tão conforme ao verdadeiro conhecimento da nossa natureza, mas que não póde ser convenientemente estabelecido sinão no meu tratado particular de filozofia politica, espero entretanto que esta rapida indicação, por mais imperfeita que ela deva ser, bastará para fazer já sentir aos melhores espiritos que, fóra de tal tendencia elementar, que resta doravante consolidar e completar em todas as classes quaisquer da sociedade moderna, não pódem existir, na realidade, meios eficazes de melhorar a condição atual das mulheres sinão os que rezultarão espontaneamente da regeneração racional da educação humana, em ambos os sexos, sob o acendente ulterior da filozofia pozitiva.» (*Ibidem*, ps. 439-445.)

Na seguinte passagem está esplicada a eficacia da diciplina catolica:

« ... Tal foi pois, no fundo, o grande oficio intelectual,

evidentemente tranzitorio, peculiar ao catolicismo: preparar, sob o regimen teologico, os elementos do regimen pozitivo. O mesmo dá-se, na realidade, na ordem moral propriamente dita, aliás intimamente ligada ao primeiro: porque, constituindo uma doutrina moral, plenamente independente da politica, e colocada mesmo acima dela, o catolicismo forneceu diretamente a todos os individuos um principio fundamental de apreciação social dos atos humanos, que, apezar da sanção puramente teologica que era só o que podia permitir a sua introdução primitiva, devia tender necessariamente a ligar-se cada vez mais á *autoridade preponderante da simples razão humana*, á medida que o uzo mesmo dessa doutrina fazia gradualmente penetrar os verdadeiros motivos dos seus principais preceitos; o que não podia evidentemente deixar de ter lugar em breve, sinão entre as massas vulgares, ao menos entre os espiritos cultivados, pois que nada é seguramente mais sucetivel, pela sua natureza, de ser finalmente apreciado mediante uma experiencia suficiente, do que as preserições morais: de sorte que a influencia teologica, a principio indispensavel a este respeito, devia pouco a pouco tornar-se essencialmente inutil, uma vez que a sua missão primordial estivesse assás preenchida; e mesmo depois finalmente antipatica, abstrahindo de toda repugnancia mental, em virtude das graves lezões, desde então sentidas com energia crecente, que as principais condições de existencia de tal regimen devião necessariamente produzir nos mais nobres sentimentos da nossa natureza, naqueles mesmos que o catolicismo esforçava-se com tamanha felicidade por fazer prevalecer, como o indiquei diretamente a diversos titulos importantes. » (*Ibidem*, ps. 474-475.)

O nosso Mestre interrompeu então (2 de Julho de 1840) a redação da sua obra fundamental, que só foi retomada a 10 de Janeiro do ano seguinte (1841). Nesse intervalo deu-se a espoliação da *cadeira de analize* da Escola Politecnica, para a qual foi nomeado Sturm, em vez do incomparavel Pensador, menoscabando-se assim todas as presrições da mais rudimentar justiça.

No capitulo 55º (escrito de 10 de Janeiro a 26 de Fevereiro de 1841), o nosso Mestre, apreciando a evolução metafizica, faz as seguintes observações:

« ... Essa supremacia religioza da salvação pessoal cons-

titúi, sem duvida, como Bossuet mostrou-o, uma indispensavel condição geral de eficacia social para toda moral teologica, que de outra fórma não conseguiria, na realidade, sinão consagrar uma vaga e perigoza inercia: ela é plenamente adaptada a esse estado de infancia da natureza humana que supõe mentalmente o acendente efetivo da filozofia correspondente. Mas, por ser inevitavel, tal carater não manifesta menos, da maneira mais direta e mais irrecuzavel, um dos vicios fundamentais de tal filozofia, que tende assim necessariamente a atrofiar, por falta de exercicio proprio, a mais nobre parte do novo organismo moral, aquela aliás cuja menor energia natural exige precizamente a mais ativa cultura sistematica, mediante um suficiente surto dezinteressado das afeições puramente benevolas. Ora, tal é, a bem dizer, o novo aspeto capital sob o qual a herezia do quietismo veio involuntariamente assinalar a inevitavel imperfeição das doutrinas teologicas, e sublevar imediatamente contra elas os mais admiraveis sentimentos da humanidade; o que teria seguramente proporcionado então uma grande importancia a semilhante abalo, si tal protesto não tivesse sido, nessa época, eminentemente prematuro, e *muito mais esboçado pelo coração* do que pelo espirito do seu amavel e imortal orgão.» (*Ibidem*, ps. 654-655.)

« ... Além da judicioza observação historica do criteriozo Hume sobre o apoio geral que o abalo luterano tinha devido secretamente achar nas paixões dos ecleziasticos fatigados do celibato sacerdotal e na avidez dos nobres pela espoliação territorial do clero, é precizo sobretudo notar aqui, como uma consequencia mais profunda, mais permanente, e mais universal, da situação fundamental cuja apreciação completamos, que a pozição social cada vez mais subalterna do poder moral tendia doravante a tirar-lhe radicalmente a força, e mesmo a vontade, de manter a inteira inviolabilidade das regras morais mais elementares contra a energia dissolvente, racional e ao mesmo tempo apaixonada, que se aplicava a ela desde então assiduamente. Basta aqui indicar, por exemplo, a grave alteração que o protestantismo teve de sancionar por toda parte na instituição do cazamento, primeira baze fundamental da ordem domestica, e por consequencia da ordem social, permitindo regularmente o uzo universal do divorcio, contra o qual os costumes modernos têm feliz-

mente sempre lutado espontaneamente, em rezultado necessario da lei natural da evolução humana relativamente á familia, já indicada no capitulo precedente. Conquanto essa poderoza influencia tenha essencialmente neutralizado os efeitos deleterios de tal alteração, eles nem por isso fôrão em breve menos caraterizados de uma maneira muito deploravel entre as diversas populações protestantes. Póde-se aplicar o mesmo juizo, conquanto em grau menor, á restrição crecente que o protestantismo fez sofrer aos principais cazos de incesto tão sabiamente proscriptos pelo catolicismo, e cuja retrograda rehabilitação moral devia concorrer tanto para a perturbação das familias modernas.» (*Ibidem*, ps. 684-686.)

A propozito do divorcio, o nosso Mestre faz mais as seguintes ponderações em uma nota:

«Considerando com cuidado as deploraveis discussões do nosso seculo a respeito do divorcio, é facil reconhecer ainda que, para um grande numero de espiritos atuais, o *grande principio social da indissolubilidade do cazamento* não tem, no fundo, outro defeito essencial sinão de ter sido dignamente consagrado pelo catolicismo, cuja moral é assim cegamente envolvida na justa antipatia inspirada ha muito tempo pela sua teologia. Sem essa sorte de instintiva repugnancia, com efeito, a maioria dos homens sensatos comprehenderia facilmente hoje que o uzo do divorcio não póde constituir verdadeiramente sinão um primeiro passo para a inteira abolição do cazamento, si o seu dezenvolvimento real pudesse ser autorizado pelos nossos costumes, cuja invencivel rezistencia, a este respeito, provém felizmente das condições fundamentais da civilização moderna, que ninguem é capaz de mudar. Não é essa por certo a unica ocazião decizіva em que se possa constatar nitidamente, quer em publico, quer em particular, o grave prejuizo pratico que acarreta agora para as diversas regras morais a sua irracional solidariedade aparente com as crenças teologicas, que lhes fôrão outrora tão uteis, mas cujo inevitavel descredito final tende doravante a comprometê-las radicalmente em todas as naturezas um pouco ativas.» (*Ibidem*, ps. 687-688.)

No seguinte trecho está apreciada a moral do interesse pessoal:

«Considerada agora sob o aspeto moral, ela (a elaboração da doutrina metafizica no XVII seculo) nos oferece a

primeira coordenação racional da famoza teoria do interesse pessoal, abuzivamente atribuida ao seculo seguinte, e que constitûi, pela sua natureza, o fundamento necessario da moral puramente metafizica. Já indiquei, no quadragezimo-quinto capitulo, como o irracional espirito de unidade absoluta que carateriza, em relação a um assunto qualquer, a filozofia metafizica * ainda mais do que a propria filozofia teologica, devia conduzir a essa inevitavel aberração moral, de modo algum pessoal ao subtil escritor que tornou-se, no XVIII seculo, o audaciozo propagandista dessa doutrina de Hobbes, necessàriamente commum, sob diversas fórmas, a quazi todas as escolas metafizicas. Porque, a irrecuzavel preponderancia efetiva dos pendores pessoais no conjunto do nosso organismo moral, segundo as explicações da quinquagezima lição, arrasta naturalmente a reduzir ao egoismo só todos os diversos impulsos humanos, quando, a exemplo dos metafizicos, si impôz a si mesmo de antemão a condição anti-filozofica de estabelecer, por um sofistico arcabouço de confrontos viciozos, uma van unidade facticia onde reina necessariamente uma grande multiplicidade real. Os penozos esforços tentados depois, em sentido inverso, mas não menos irracionalmente, conquanto com uma intenção mais nobre, para concentrar, pelo contrario, toda a nossa natureza moral na benevolencia ou na justiça, não puderão ter finalmente nenhuma eficacia pratica, a não ser a titulo de critica provizoria da precedente teoria metafizica, porque tal centro é, na realidade, muito menos energico do que o outro, de sorte que esse insuficiente protesto não póde impedir o triunfo crecente, sinão formal, pelo menos implicito, da aberração primitiva, com grande detrimento da nossa evolução moral, á qual só o verdadeiro conhecimento

* Apezar de insoluveis dificuldades logicas sucitadas pela obrigação continua de conciliar o acendente demaziado frequente do mau principio com a absoluta supremacia do bom, deve-se todavia reconhecer que a teologia propriamente dita, mesmo no estado monoteico, oferecia, pela sua natureza, para reprezentar, ao menos empiricamente, a verdadeira constituição moral do homem, recursos especiais, que não póde depois possuir igualmente a pura metafizica, dominada pela van unidade ontologica da qual não é sucetivel de libertar-se. Eis porque tal aberração moral deve ser sobretudo considerada como peculiar a essa ultima filozofia, ou pelo menos como um desses perigos fundamentais que uma sabia diciplina sacerdotal tinha podido conter suficientemente até então, e que deverão surgir ulteriormente atravez da livre divagação das especulações metafizicas.

da natureza humana póde satisfazer convenientemente, como se viu no quadragezimo-quinto capitulo. [1] Póde-se mesmo considerar esta ultima escola metafizica, alem do seu pouco acendente efetivo, como sendo moralmente quazi tão perigoza, pela hipocrizia sistematica que tenderia a produzir habitualmente, como a outra pelo ignobil cinismo que consagrou dogmaticamente. Seja como fôr, para completar a apreciação precedente, importa ajuntar que a teoria do egoismo, bem que especulativamente peculiar, segundo esta explicação, á filozofia metafizica, emanou sobretudo da propria teologia, que, depois de a ter mais ou menos iludido em principio, acabava, finalmente, na pratica, por uma equivalente consagração, pela preponderancia, tão exorbitante quanto inevitavel, que toda moral religioza [2] concede necessariamente, como o notei a respeito do quietismo, á preocupação da salvação pessoal, cuja consideração, habitualmente excluziva, deve naturalmente dispôr a desconhecer *a existencia real das afeições benevolas puramente dezinteressadas, que só a filozofia pozitiva póde sistematizar diretamente*, segundo o estudo verdadeiramente racional do homem intelectual e moral. E' assim que a metafizica, sem ser dominada pelas mesmas necessidades politicas, mas arrastada pela precizão filozofica da sua van unidade ontologica, não fez realmente, a este respeito, sinão mudar, por assim dizer, a destinação do egoismo fundamental, substituindo os calculos relativos aos interesses eternos por combinações unicamente relativas aos interesses temporais, *sem poder igualmente elevar-se á concepção de uma moral que não repouzasse excluzivamente sobre calculos pessoais de qualquer especie*. Por isso, o unico perigo capital que, a este respeito, é inteiramente peculiar a essa metafizica negativa, consiste sobretudo em que, confirmando, e mais dogmaticamente ainda, essa grosseira apreciação da natureza humana, ela dezorganizava radicalmente o indispensavel antagonismo em virtude do qual a sabiduria sacerdotal tinha tido até então a faculdade de neutralizar, em certo grau, a sua extrema imperfeição, por uma feliz opozição pratica dos interesses imaginarios aos interesses reais.

[1] E' o capitulo que trata da teoria cerebral e por onde começamos esta *introdução*. — R. T. M.

[2] *Religiozo* é aqui sinonimo de *teologico*. R. T. M.

Mas, quanto ao principio mesmo da moral dos interesses privados, não é duvidozo que a sua consagração empirica pertencesse primeiro, de toda necessidade, ás doutrinas puramente religiozas *, que impõe diretamente a cada crente um fito pessoal de tal importancia que a sua consideração contínua deve inevitavelmente absorver qualquer outra afeição, cujo surto deve sempre ficar-lhe essencialmente subordinado, pelo menos tanto quanto similhante filozofia póde embaraçar o curso espontaneo dos nossos sentimentos naturais. Vê-se, assim, em rezumo, que essa imensa aberração moral, longe de constituir, como se acreditou, um simples acidente izolado no dezenvolvimento geral da filozofia metafizica, caraterizou, pelo contrario, imediatamente, a sua formação normal, sob a influencia prolongada das concepções teologicas, das quais as concepções metafizicas, apezar do antagonismo o mais aparente, não pódem, no fundo, oferecer nunca, a titulo algum, sinão puras modificações dissolventes.» (*Ibidem*, ps. 716-721.)

Examinando enfim as aberrações morais do XVIII seculo, o nosso Mestre diz:

« ... Em especulações tão complicadas (concepções morais), nas quais as criações individuais e sociais devem ser frequentemente proseguidas até efeitos muito longiquos e muito desviados, quando aliás o juizo está quazi sempre exposto á sedução dos nossos mais energicos pendores, é por tal modo impossivel suprir suficientemente a falta de uma educação regular, que nem uma só noção moral póde ficar plenamente intacta sob a influencia dissolvente da metafizica negativa, *mesmo entre os homens mais inteligentes*, sobretudo quando tomavão uma parte ativa no abalo filozofico. Entre os testemunhos incontestaveis que se poderião facilmente multiplicar em apoio dessa triste observação, mediante os escritos daqueles que, proseguindo sistematicamente a regeneração social, parecião dever melhor respeitar as leis fundamentais da sociabilidade, bastará indicar aqui um só muito caraterístico em relação a cada um dos dois chefes principais. Tem-se dificuldade em comprehender hoje, por exemplo, como o odio cego por tudo que se ligava á influencia catolica póde conduzir um espirito tão eminentemente francez como o de Vol-

* *Religiozo* é aqui sinonimo de *teologico*.—R. T. M.

taire a esquecer assás todas as leis da moralidade humana para destinar expressamente uma longa elaboração poetica a estigmatizar a tocante memoria dessa nobre heroina (Joana d'Arco) á qual, em todos os paizes, toda alma elevada consagrará sempre uma respeitoza admiração, e que nenhum Francez deveria nomear nunca sem uma homenagem especial de terno reconhecimento nacional: o deploravel sucesso dessa vergonhoza produção indica a que grau tinha já chegado a desmoralização universal. Uma apreciação não menos severa deve certamente aplicar-se tambem a essa pernicioza obra, escandaloza parodia de uma imortal compozição cristan, na qual, no delirio de um orgulho sofistico, Rousseau, desvendando, com cinica complacencia, as mais ignobeis torpezas da sua vida privada, ouza todavia erigir diretamente o conjunto da sua conduta em tipo moral da humanidade. E' precizo mesmo reconhecer que esse ultimo exemplo, era, pela sua natureza, muito mais perigozo do que o primeiro, no qual se póde ver apenas uma criminoza devassidão de espirito; ao passo que Rousseau, aplicando uma capcioza argumentação á justificação sistematica dos mais condenaveis extravios, tendia certamente a perverter até o germen das mais simples noções morais: por isso é particularmente sob a sua inspiração, direta ou indireta, que se vê desabrocharem hoje tantas consagrações douterais, pessoais ou coletivas, *da mais brutal preponderancia das paixões sobre a razão.*» (*Ibidem*, ps. 770-772.)

Terminando o V tomo da sua obra fundamental, em 26 de Fevereiro de 1841, o nosso Mestre só começou a 29 de Maio seguinte a redação do VI. O primeiro capitulo deste, foi escrito, sob o titulo de 56ª lição, de 29 de Maio a 17 de Junho de 1841. O seu objeto é: — « Apreciação geral do dezenvolvimento fundamental dos diversos elementos peculiares ao estado pozitivo da humanidade: idade do especialismo, ou época provizoria, caraterizada pela universal preponderancia do espirito de detalhe sobre o espirito de conjunto. Convergencia progressiva das principais evoluções espontaneas da sociedade moderna para a organização final de um regimen racional e pacifico. »

Examinando ahi as bazes da jerarchia social, Ele diz:

« ... Na economia normal de tal conjunto, os primeiros postos dessa imensa jerarchia são caraterizados por uma

participação mais eminente e mais extensa, porém menos completa, mais desviada, menos certa mesmo, e que de fato malogra-se muitas vezes: os postos inferiores, ao contrario, pela plenitude, a prontidão e a evidencia peculiares aos seus irrecuzaveis serviços, compensão ordinariamente o que a sua natureza oferece de mais subalterno e mais restrito. Comparadas sob o aspeto individual, essas diversas classes devem manifestar espontaneamente uma preponderancia cada vez mais pronunciada *das nobres faculdades que melhor distinguem a humanidade;* pois que a *abstração e a generalidade crecentes dos pensamentos habituais*, assim como a aptidão correspondente a proseguir mais longe as *combinações racionais deles*, constituem seguramente os *principais sintomas da superioridade do homem* sobre todos os outros animais: contanto pelo menos que a evolução efetiva dessa *preeminencia intelectual* não seja finalmente neutralizada, em virtude de uma *demaziado grande imperfeição moral*, segundo uma anomalia organica felizmente muito pouco frequente. A essa *dezigualdade mental*, corresponde naturalmente, sob o aspeto social, uma concentração mais completa e uma solidariedade mais intima, á medida que nos elevamos a trabalhos accessiveis, em virtude da sua maior dificuldade, a menos numerozos cooperadores, ao mesmo tempo que a conveniente execução de tais operações não exige, com efeito, sinão uma menor multiplicidade de orgãos, segundo o alcance mais extenso da atividade respetiva destes. Dahi deve rezultar ordinariamente, em razão de relações mais frequentes, um dezenvolvimento mais vasto, conquanto menos intenso, da *sociabilidade universal*, que, ao contrario, na jerarchia decendente, tende cada vez mais a reduzir-se quazi só á vida domestica então, na verdade *mais precioza e mais bem saboreada.*» (*Ibidem*, VI volume, ps. 15-17.)

« . . . Pela conbinação racional dessas duas decompozições sucessivas, (primeiro entre a vida ativa e a vida especulativa, e depois entre a especulação estetica e a especulação sientifica) chega-se pois habitualmente á partilha sistematica do conjunto da jerarchia pozitiva peculiar á civilização moderna em tres ordens fundamentais, a saber: a ordem industrial ou pratica, a ordem estetica ou poetica, e a ordem sientifica ou filozofica, assim dispostas no sentido normal da serie acendente, de uma maneira essen-

cialmente conforme ás suas principais relações carateristicas.

« Igualmente indispensaveis nas suas destinações respetivas, e aliás igualmente espontaneos, esses tres grandes elementos diretos do regimen final da humanidade reprezentão a um tempo precizões tão universais conquanto muito dezigualmente pronunciadas, e aptidões uniformemente comuns apezar da sua diversa intensidade. Eles correspondem aos tres aspetos gerais sob os quais o homem póde encarar pozitivamente cada assunto qualquer, sucessivamente considerado como *bom*, quanto á utilidade real que a nossa criterioza intervenção póde tirar dele para melhor satisfação das nossas precizões privadas ou publicas, depois como *belo*, relativamente aos sentimentos de perfeição ideial que a sua contemplação póde sugerir-nos, e enfim como *verdadeiro*, tomando em conta as suas relações efetivas com o conjunto dos fenomenos apreciaveis, abstraindo então de toda e qualquer aplicação aos interesses e ás emoções do homem. E' segundo essa *ordem acendente* que se estabelece comumente a sua sucessão efetiva nas naturezas vulgares, nas quais a *vida mental é quazi apagada sob a exorbitante preponderancia da vida afetiva*, salvo alguns raros e curtos elances das tendencias especulativas que *caraterizão sempre a nossa especie*. A ordem decendente é evidentemente, ao contrario, a mais *racional*, a que tende constantemente a prevalecer, á medida que a inteligencia adquire gradualmente mais imperio na evolução humana, individual ou social. Segundo a teoria fundamental estabelecida, no ultimo capitulo do tomo terceiro, sobre a verdadeira constituição geral do organismo cerebral, vê-se mesmo que tal jerarchia se prende diretamente a um imutavel principio anatomico, em virtude da diversidade necessaria das sédes organicas respetivamente peculiares ás faculdades que cada um desses tres generos essenciais de atividade deve especialmente exigir. Conquanto as tres regiões principais do cerebro, a posterior, a média, e a anterior, atuem sem duvida sinergicamente em toda operação humana de alguma importancia, industrial, estetica, ou sientifica, póde-se todavia considerar hoje como verdadeiramente demonstrado, mediante a luminoza elaboração biologica devida ao genio de Gall, salvo toda van localização parcial, que o homem vulgar é sobretudo impelido á prosecução

habitual da imediata utilidade pratica pela preponderancia do conjunto dos energicos pendores relativos á primeira região; que a atividade especial dos sentimentos peculiares á segunda região dispõe diretamente certas naturezas felizes á concepção instintiva de uma perfeição ideal; e que, enfim, *sob o impulso suficiente* das faculdades carateristicas da terceira região, se manifesta a predileção espontanea de *algumas organizações superiores* pela pesquiza perseverante da pura verdade abstrata. » (*Ibidem*, ps. 18-21.)

Caraterizando o objetivo da evolução social, o nosso Mestre assinala a primazia do espirito na escala da dignidade dos atributos humanos:

« A concepção mais filozofica, e tambem a mais nobre, do conjunto dessa evolução (evolução humana) consiste, segundo os principios estabelecidos no fim do tomo quarto, em medir sobretudo o progresso mediante o acendente gradual das faculdades carateristicas da humanidade sobre as tendencias fundamentais da nossa animalidade: de sorte que a serie social aprezenta-se racionalmente como um prolongamento especial da grande serie animal. Ora, segundo essa regra geral, o predominio, começado na idade-média, da vida industrial sobre a vida guerreira, tendeu diretamente a elevar de um grau o tipo primitivo do homem social, pelo menos no conjunto da nossa raça. Considerando primeiro, sob esse aspeto, conforme a teoria do quinquagezimo capitulo, o *principal dos dois atributos fundamentais* da nossa natureza, é claro que o uzo normal da *inteligencia* para a conduta pratica é commummente mais pronunciado na vida industrial dos modernos do que na vida militar dos antigos, comparando judiciozamente organismos equivalentes, analogamente colocados nas duas jerarchias...... Quanto á influencia habitual do instinto social sobre o instinto pessoal, que constitúi o *segundo atributo essencial da humanidade*, ela aumentou certamente, pelo menos virtualmente, na existencia industrial dos modernos, que se tornou enfim diretamente compativel com uma benevolencia verdadeiramente universal, pois que cada um póde agora considerar realmente as suas operações quotidianas como imediatamente destinadas tanto á utilidade comum quanto á sua vantagem propria; ao passo que o antigo modo de existencia dezenvolvia necessariamente as paixões odientas, no meio mesmo do mais nobre devotamento. » (*Ibidem*, ps. 65-67.)

Apreciando as reações da evolução dos elementos pozitivos sobre a existencia domestica, o nosso Mestre pondera:

«... Foi sómente ahi (na idade-média, depois da substituição da servidão á escravidão) que pôde começar a plena manifestação direta da destinação final de *quazi todos os homens civilizados* a uma vida principalmente domestica, que, ao contrario, entre os antigos, tinha sido por um lado, radicalmente interdita aos escravos, e aliás pouco saboreada mesmo pela casta livre, habitualmente arrastada pelas barulhentas emoções da praça publica e dos campos de batalha.» (*Ibidem*, ps. 69-70.)

Ele mostra, porem, ao mesmo tempo, os perigos que, a este respeito, rezultão da falta de sistematização da vida industrial:

«... Poder-se-ia temer, por exemplo, quanto á relação principal (a subordinação da mulher ao homem), que um surto industrial dezordenado devesse finalmente alterar a *indispensavel subordinação dos sexos*, proporcionando habitualmente ás mulheres uma existencia demaziado independente, si uma apreciação mais bem aprofundada não reprezenta-se tal influencia como sendo necessariamente mais que compensada por uma tendencia popular, muito mais energica e mais constante, a fazer passar, ao contrario, para os homens muitas profissões a principio exercidas pelas mulheres, de modo a reduzir cada vez mais o sexo feminino á sua destinação eminentemente domestica, deixando-lhe apenas as carreiras plenamente compativeis com esta, segundo a marcha fundamental da evolução humana a tal respeito, diretamente caraterizada no quinquagezimo-quarto capitulo.» (*Ibidem*, p. 71.)

A propozito da evolução estetica, o nosso Mestre carateriza novamente a sua apreciação da inteligencia no conjunto dos atributos humanos:

«... Na marcha natural da educação humana, individual ou coletiva, o exercicio intelectual é a principio determinado commumente, pelo impulso pratico das precizões mais grosseiras porém mais urgentes, cuja suficiente satisfação permite depois a feliz eficacia contínua do impulso, mais elevado porém menos energico, derivado das faculdades esteticas. Estas, em virtude da doce mistura de pensamentos e emoções que as carateriza tão excluzivamente, constituem na realidade, visto a extrema imperfeição da nossa economia cerebral, as unicas faculdades

mentais assás pronunciadas, na maioria dos homens, para que a sua atividade regular possa tornar-se uma fonte de verdadeiros gozos. Ao passo que as faculdades sientificas ou filozoficas, *mais eminentes ainda*, porem muito menos dezenvolvidas, não determinão o mais das vezes, como é sabido, sinão uma fadiga em breve insuportavel, eceto no *pequenissimo numero* de homens verdadeiramente destinados á contemplação abstrata. É portanto facil de conceber o oficio fundamental do surto estetico, constituindo a tranzição normal da vida ativa para a vida especulativa. Por uma apreciação mais precíza, esse surto intermediario parece-me dever essencialmente caraterizar o grau habitual de exercicio mental em que pararia comumente a humanidade si, mediante um meio mais favoravel, ou em virtude de uma organização menos exigente, ela estivesse libertada das obrigações contínuas relativas ás precizões fizicas: como o indica assás a tendencia comum das situações sociais menos afastadas de tal supozição ideal. (*Ibidem*, ps. 176-177.)

« ... É assim que o genio estetico *destinado sobretudo ás massas*, e que se apouca, de toda necessidade, nas esferas privilegiadas, póde incorporar-se á sociabilidade moderna de uma maneira muito mais intima do que o podia ser de ordinario á da antiguidade na qual, mesmo sob o acolhimento mais favoravel, ele era sempre tratado como um elemento essencialmente extranho ao conjunto da constituição social. » (*Ibidem*, p. 179.)

« Entre as diversas aptidões fundamentais da nossa inteligencia, as faculdades sientificas e filozoficas são seguramente, em quazi todos os homens, as menos energicas de todas, como o expliquei diretamente no quadragezimo-quinto e no quinquagezimo capitulos, caraterizando a imperfeição da nossa constituição cerebral. Por isso tambem a influencia imediata delas sobre a vida real, quer privada, quer publica, é de ordinario muito menor do que a das faculdades esteticas, a seu turno sobrepujadas, a este respeito, pelas faculdades industriais ou praticas, cuja atividade contínua, a um tempo mais facil e mais urgente, deve ser comumente preponderante. Porém, apezar dessa menor energia natural, *o espirito sientifico ou filozofico* acaba, de toda necessidade, por obter indiretamente o *principal imperio* no conjunto da evolução humana, quer individual, quer sobretudo social, em virtude da sua

PARIS

Vista exterior da casa da rua Monsieur-le-Prince n.º 10, habitada por nosso Mestre desde 15 de Julho de 1841 até a sua morte, e por Ele considerada como o primeiro Templo da Humanidade.

ANO SEM PAR. *Introd. p. 93*

eminente destinação relativamente ás concepções gerais sobre as quais repouza todo o sistema das nossas idéias quaisquer a respeito do mundo exterior e do proprio homem. A extrema lentidão das grandes mudanças que se referem a esse espirito, confirma simultaneamente a sua importancia e a sua dificuldade superiores, conquanto haja muitas vezes dissimulado a realidade de um acendente elementar que a sua propria permanencia devia tornar menos apreciavel. » (*Ibidem*, ps. 224-225.)

Durante a elaboração do segundo capitulo do VI volume do SISTEMA DE FILOZOFIA POZITIVA deu-se uma outra interrupção de mais de cinco mezes. Esse capitulo, sob o titulo de 57ª lição, tem por objeto :— « Apreciação geral da porção já consumada da revolução franceza ou européa. —Determinação racional da tendencia final das sociedades modernas, em virtude do conjunto do passado humano : estado plenamente pozitivo, ou idade da generalidade, caraterizado por uma nova preponderancia normal do espirito de conjunto sobre o espirito de detalhe. »

A parte historica desse capitulo foi escrita de 25 de Junho a 14 de Julho de 1841, e a parte dogmatica de 23 de Dezembro de 1841 a 15 de Janeiro de 1842. No conjunto dos trechos que vamos extrahir, o nosso Mestre assinala a aptidão do Pozitivismo a fazer prevalecer a *Moral*.

« ... Em segundo lugar, essa extrema consumação da evolução intelectual (mediante a extensão do metodo pozitivo ao estudo racional dos fenomenos sociais) tende necessariamente a fazer doravante prevalecer o *verdadeiro espirito de conjunto*, e, por consequencia, o *verdadeiro sentimento do dever*, que, pela sua naturéza, acha-se estreitamente ligado a tal espirito, de maneira a conduzir naturalmente á *regeneração moral*. As regras morais não estão hoje perigozamente abaladas sinão em virtude da *sua adherencia excluziva ás concepções teologicas* com justiça dezacreditadas ; elas retomarão um irrezistivel vigor quando forem convenientemente referidas a noções pozitivas geralmente respeitadas.» (*Ibidem*, ps. 520-521.)

« ... Pois que reconhecemos, em principio, que a evolução humana é sobretudo caraterizada por uma *influencia sempre crecente da vida especulativa sobre a vida ativa*, conquanto esta conserve incessantemente o acendente efetivo, seria por certo contraditorio supôr que a parte contemplativa do homem deva ser para sempre privada de

cultura propria e de direção distinta no estado social em que a *inteligencia* terá o maior surto habitual, mesmo no seio das classes mais inferiores, ao passo que essa separação (entre o poder temporal e o poder espiritual) já existiu regularmente, na idade-média, em uma civilização mais aproximada, a todos os respeitos, da infancia da humanidade. » (*Ibidem*, p. 525.)

« . . . Uma seita efemera, sem alcance como sem moralidade, instituindo, sobre a confuzão sistematica dos dois poderes (temporal e espiritual), uma dogmatização retrograda, quiz, em nossos dias, tentar *tomar a riqueza para baze unica do classamento social*, concebendo só nela a *recompensa homogenea de todos e quaisquer serviços*. Mas os seus vãos esforços só conseguirão essencialmente fazer melhor sentir a todos os bons espiritos e a todas as almas elevadas que, na economia moderna, as operações de uma utilidade imediata e material constituirão indefinidamente, de toda necessidade, a *principal fonte das riquezas*, sejão quais possão ser os melhoramentos ulteriores do estado social; ao passo que os diversos trabalhos especulativos (esteticos, sientificos, e filozoficos), suctiveis de uma apreciação menos evidente, em virtude da sua destinação mais indireta e mais longinqua, embora a sua eficacia final seja realmente muito superior, são destinados, pela sua natureza, a encontrar sobretudo, em uma *veneração preponderante*, a sua justa remuneração social: de sorte que seria tão chimerico como dezastrozo querer habitualmente reunir os mais altos graus de *fortuna* e de *consideração*. » (*Ibidem*, ps. 529-530.)

« . . . Sob o primeiro aspeto (influencia da reorganização espiritual sobre os espiritos mais ativos), já estabeleci, suficientemente, em principio, a proposito do advento catolico, que o pretenso *reinado do espirito*, sonhado primeiro pela metafizica grega, constitúi, segundo a imutavel natureza da sociabilidade humana, uma concepção tão perigoza como chimerica, não menos contraria ás condições do *progresso* do que ás da *ordem*, e que, si pudesse realmente prevalecer, tenderia apenas, mau grado especiozas aparencias, a organizar uma degradante imobilidade, analoga á das teocracias propriamente ditas, entregando o imperio do mundo a mediocres inteligencias, desde então habitualmente privadas a um tempo de freio e de estimulo. » (*Ibidem*, ps. 532-533.)

«... A san teoria elementar do organismo social, instintivamente esboçada na idade-média, *interdizendo á inteligencia a suprema direção imediata dos negocios humanos*, destina o espirito a lutar constantemente, segundo a sua natureza, para modificar cada vez mais o reinado necessario da preponderancia material, sujeitando-a ao respeito contínuo das *leis morais* da harmonia universal, das quais toda atividade pratica, quer privada, quer mesmo publica, tende sempre a afastar-se espontaneamente, por falta de vistas assás elevadas e de sentimentos assás generozos. Assim concebida, *a legitima supremacia social* não pertence, falando propriamente, *nem á força, nem á razão*, porém *á moral*, dominando igualmente os atos de uma e os conselhos da outra: tal é pelo menos o limite ideal do qual a realidade deve gradualmente aproximar-se, conquanto sem poder jamais atingí-lo rigorozamente, como em relação a qualquer tipo. Desde então, o espirito póde enfim abandonar sinceramente a sua van pretenção a governar o mundo pelo pretenso direito da capacidade; porque a ordem regular lhe assina excluzivamente um nobre oficio permanente, tão apropriado para entreter a sua feliz atividade como para recompensar os seus eminentes serviços. A natureza nitidamente determinada dessas funções, essencialmente relativas á educação e á influencia consultiva que desta rezulta na vida ativa, segundo o principio estabelecido no quinquagezimo quarto capitulo, as condições exatamente definidas impostas ao seu exercicio, e a rezistencia contínua que ele encontra inevitavelmente, tendem aliás a conter espontaneamente essa autoridade espiritual, *sempre fundada em um livre assentimento*, entre os limites gerais suscetiveis de prevenir ou retificar os seus abuzos essenciais, por meio de precauções convenientes.» (*Ibidem*, ps. 536-537.)

«... Em geral, essa nova filozofia tenderá cada vez mais a substituir espontaneamente, nos debates atuais, a discussão vaga e tempestuoza dos *direitos* pela determinação calma e rigoroza dos *deveres* respetivos. O primeiro ponto de vista, critico e metafizico, deveu prevalecer enquanto a reação negativa contra a antiga economia não ficou suficientemente consumada; o segundo, pelo contrario, essencialmente organico e pozitivo, deve, a seu turno, prezidir á regeneração final: porque um é, no fundo,

puramente individual, e o outro *diretamente social*. Em lugar de fazer consistir politicamente os *deveres particulares* no respeito aos *direitos universais*, conceber-se-ão pois, em sentido inverso, os *direitos de cada um* como rezultando dos *deveres dos outros para consigo*: o que, sem duvida, não é de modo algum equivalente. Pois que esta distinção geral reprezenta alternativamente a preponderancia social do espirito metafizico ou do espirito pozitivo: um conduzindo a uma moral quazi passiva, *na qual domina o egoismo*; o outro a uma moral profundamente ativa, *dirigida pela caridade*. » (*Ibidem*, ps. 540-541.)

« . . . De resto, não é aqui o lugar de explicar-me convenientemente sobre a verdadeira natureza fundamental da *educação pozitiva*, a um tempo *industrial, estetica, sientifica e filozofica*, na qual o *surto moral corresponderá incessantemente ao progresso intelectual*: a importancia preponderante e a dificuldade superior de tal assunto me determinarão a consagrar-lhe mais tarde um Tratado excluzivo, que anunciarei mais distintamente no fim deste ultimo volume. » (*Ibidem*. p. 547.)

« Essa elaboração fundamental da educação pozitiva será principalmente caraterizada pela sistematização final da *moral humana*, que, desde então libertada de toda concepção teologica, repouzará diretamente, de uma maneira inabalavel, sobre o conjunto da filozofia pozitiva, como o indicarei melhor no sexagezimo capitulo. Na economia geral de tal educação, habitos sãos cuidadozamente entretidos sob a direção de preceitos convenientes, serão destinados, desde a infancia, *ao ativo dezenvolvimento do instinto social e do sentimento do dever*. Esses habitos serão definitivamente *racionalizados*, em tempo oportuno, mediante o conhecimento real da nossa natureza e das principais leis, estaticas ou dinamicas, da nossa sociabilidade. Desse modo serão estabelecidas solidamente primeiro as obrigações universais do homem civilizado, sucessivamente encarado quanto á sua existencia pessoal, domestica ou social, e depois as suas diferentes modificações regulares segundo as diversas situações essenciais peculiares á civilização moderna. » (*Ibidem*, p. 551.)

« . . . Os sentimentos humanos não sendo suficientemente dezenvolviveis sem um exercicio direto e sustentado, a moral pozitiva, que prescreverá a pratica habitual

do bem advertindo com franqueza que dahi não póde rezultar muitas vezes outra recompensa certa sinão uma inevitavel satisfação interior, deverá afinal tornar-se muito mais favoravel ao surto ativo das afeições benevolas, do que ás doutrinas segundo as quais até o devotamento era sempre ligado a verdadeiros calculos pessoais, cuja excluziva preocupação comprimia com demaziada facilidade o insuficiente protesto dos nossos instintos generozos. » (*Ibidem*, ps. 555-556.)

« ... Dahi (da necessidade de impedir que a vida habitual faça esquecer ou menosprezar os rezultados da educação) rezulta, para o poder espiritual, não sómente a necessidade de exercer sempre uma alta vigilancia sobre o movimento espontaneo do espirito humano, afim de lembrar as considerações de conjunto, mas principalmente a obrigação de instituir, á judicioza imitação do catolicismo, um sistema de habitos a um tempo publicos e privados, apropriados para reanimar energicamente o sentimento sustentado da solidariedade social. Como esse sentimento não póde ser assás completo sem o da continuidade historica peculiar á nossa especie, a filozofia pozitiva deverá dezenvolver um dos seus mais preciozos atributos politicos, prezidindo á organização de um *vasto sistema de comemoração universal*, do qual o catolicismo não pôde realizar sinão um fraco esboço, á vista do espirito demaziado estreito e demaziado absoluto da filozofia correspondente, impotente para conceber suficientemente o conjunto do passado social. Tal sistema, destinado a glorificar, por todos os meios convenientes, as diversas fazes sucessivas da evolução humana, e os principais promotores dos progressos respetivos, uniformemente apreciados mediante a san teoria dinamica da humanidade, poderá aliás, ser assás felizmente combinado para oferecer espontaneamente uma alta utilidade intelectual, popularizando o conhecimento geral dessa marcha fundamental. » (*Ibidem*, ps. 560-561.)

« ... Ao passo que o poder temporal depende finalmente de uma certa preponderancia material, *de força ou riqueza*, cujo inevitavel imperio é muitas vezes suportado com pezar, a autoridade espiritual, a um tempo mais doce e mais intima, repouza sempre sobre uma confiança espontaneamente concedida á *superioridade intelectual e moral*. Ela supõe préviamente um livre assentimento

continuo, por convicção ou persuazão, a uma doutrina commum fundamental, que regula simultaneamente o exercicio e as condições de tal acendente, arruinado logo que essa fé cessa. » (*Ibidem*, p. 564.)

« Antes de proceder imediatamente a esta importante indicação (da jerarchia social), é precizo primeiro afastar inteiramente a distinção vulgar entre as duas sortes de funções respetivamente qualificadas de *publicas* e *privadas*. Essa divizão empirica, peculiar aos nossos costumes tranzitorios, constituiria, com efeito, um obstaculo insuperavel a toda san concepção do classamento social, pela impossibilidade de referir essa van demarcação a alguma apreciação racional. Em toda sociedade verdadeiramente constituida, cada membro póde e deve ser encarado como um verdadeiro funcionario publico, por isso que a sua atividade particular concorre para a economia geral segundo uma destinação regular, cuja utilidade é universalmente sentida: salvo a existencia ocioza ou puramente negativa, sempre cada vez mais ecepcional, e que a sociabilidade moderna fará em breve dezaparecer essencialmente. » (*Ibidem*, p. 571.)

Depois de mostrar que a jerarchia social deve oferecer, em principio, uma extensão espontanea da escala animal, o nosso Mestre diz:

« Uma primeira aplicação dessa teoria jerarchica ao conjunto da nova economia social, conduz a conceber a *classe especulativa* acima da *massa ativa*, como o estabeleci precedentemente: pois que a primeira oferece certamente um surto mais completo das *faculdades de generalização e de abstração que mais distinguem a natureza humana*; a menos que *uma insuficiente moralidade* não venha ahi paralizar a espiritualidade, o que, nos tempos normais, não póde constituir sinão anomalias puramente individuais, cuja repressão possivel tornar-se-á o objeto contínuo de uma sabia diciplina. » (*Ibidem*, ps. 580-581.)

« Uma superficial apreciação poderia a principio fazer encarar essa preeminencia necessaria da dignidade especulativa como contraria ao nosso principio fundamental da separação dos dois poderes; porem as explicações do quinquagezimo-quarto capitulo, suficientemente completadas acima, prevenirão, espero eu, em todo leitor judiciozo, uma tão grave inconsequencia. Pois que reconhe-

vemos diretamente que, na sociabilidade moderna, a *consideração e o poder* erão necessariamente distribuidos segundo leis por tal fórma diferentes, que os seus graus superiores se excluem essencialmente. Ora, trata-se aqui da *ordem de dignidade*, e não da *ordem de poder*, do lugar ocupado na *estima universal*, e não da influencia direta exercida sobre os *atos reais*. » (*Ibidem*, ps. 582-583.)

Instituindo depois a decompozição da classe espiritual ou contemplativa, o nosso Mestre colocou então o espirito estetico ou poetico abaixo do espirito filozofico ou sientifico:

« ... Este (ponto de vista filozofico) é imediatamente relativo ás concepções fundamentais destinadas a dirigir o exercicio universal da *razão* humana; ao passo que o outro se refere *sómente ás faculdades de expressão*, que não pódem jamais ocupar o primeiro lugar no nosso sistema mental: de sorte que, *na classe filozofica, o tipo humano aproxima-se necessariamente mais da sua perfeição caraterística*, por um surto superior das *faculdades de abstrair, de generalizar e de coordenar*, que constituem certamente a *principal preeminencia da humanidade sobre a animalidade*. » (*Ibidem*, ps. 584-585.)

« ... Para a classe ativa ou pratica, que necessariamente abraça a imensa maioria, o seu dezenvolvimento mais completo e mais pronunciado deveu tornar já as suas divizões essenciais ainda mais pronunciadas e mais bem apreciaveis; de sorte que, a tal respeito, a teoria jerarchica tem apenas de racionalizar as distinções consagradas até aqui pelo uzo espontaneo. E' precizo, para esse fim, considerar primeiro a principal decompozição da atividade industrial, conforme limita-se á produção propriamente dita, ou se refere á transmissão dos produtos: o segundo cazo é evidentemente superior ao primeiro quanto á abstração das operações e á generalidade das relações; por isso tambem é ele mais excluzivamente peculiar á humanidade. Deve-se depois subdividir cada um deles segundo a produção concerne a simples formação dos materiais ou a sua elaboração direta, e a transmissão é imediatamente relativa aos proprios produtos ou sómente aos seus sinais reprezentativos: é claro que, de ambos os lados, a ultima ordem industrial aprezenta um carater mais geral e mais abstrato do que a precedente, conforme

a nossa regra constante de classamento. Essas duas decompozições sucessivas constituem espontaneamente a verdadeira jerarchia industrial, colocando no primeiro posto os banqueiros, em razão da generalidade e da abstração superiores das operações que lhes são peculiares, em seguida os comerciantes propriamente ditos, depois os manufatureiros, e enfim os agricultores, cujos trabalhos são necessariamente mais concretos e as relações mais especiais do que nas outras tres classes praticas. » (*Ibidem*, ps. 585-586.)

O nosso Mestre assinala em seguida a distinção entre os *emprezarios* e os *trabalhadores* (p. 588) e termina por esta apreciação:

« Por uma facil combinação das diferentes indicações que precedem, cada um póde doravante conceber espontaneamente um primeiro esboço racional do conjunto da economia pozitiva, regularmente disposta em uma só serie estatica, ordenada segundo a generalidade e a abstração sempre decrecentes do carater social correspondente, e destinada a servir de baze ulterior a toda san especulação qualquer sobre a harmonia final das sociedades modernas. A subordinação normal que dahi rezulta será naturalmente consolidada em virtude da sua intima homogeneidade; pois que, em tal jerarchia, cada classe não póde desconhecer a dignidade superior das precedentes sinão alterando logo o seu proprio titulo essencial, para com as seguintes, a vista da uniformidade constante do principio de coordenação. As classes mesmo mais inferiores não pódem esquecer que esse principio coincide necessariamente com aquele que, mais largamente aplicado, legitima a superioridade do homem em relação a todos os outros animais. Vê-se demais que, em virtude das explicações do quinquagezimo capitulo, esse mesmo principio hierarchico, estendido até a ordem domestica, comprehende então *a verdadeira lei da subordinação dos sexos.* » (*Ibidem*, p. 589.)

Assinalando depois a aptidão popular do Pozitivismo, o nosso Mestre diz:

« Um poder espiritual qualquer deve ser, pela sua natureza, essencialmente popular: pois que, a sua missão carateristica consistindo sobretudo em fazer diretamente prevalecer, tanto quanto possivel, a moral universal no conjunto do movimento social, o seu dever mais extenso refere-se á

Retrato de SOFIA MARTIN THOMAS
(n. BLIAUX,) Filha adotiva de
AUGUSTO COMTE.
(Segundo uma fotografia pertencente
ao nosso confrade PAULO THOMAS).

O ANO SEM PAR, *Intr. p, 100*

constante proteção das classes mais numerozas, habitualmente mais expostas á opressão, e com as quais a educação comum lhe faz mais entreter contactos quotidianos. » (*Ibidem*, p. 598.)

Mostrando em seguida como o novo poder espiritual regularizaria as relações entre os patrões e os operarios, o nosso Mestre assinalava tambem a necessidade de adiar questões resolvidas por Ele após a sua regeneração:

« ... Os deveres populares assim impostos ás classes superiores não serão regulados pelo principio cristão da *esmola*, que, sem dever jamais perder a sua *importancia secundaria*, não póde mais comportar nenhuma alta destinação social, em virtude do universal melhoramento realizado a um tempo, durante o curso da tranzição moderna na condição e na dignidade humanas. Esses deveres necessarios se formularão sobretudo pela obrigação fundamental, quer individual, quer coletiva, de proporcionar a todos, pelos meios convenientes, primeiro a *educação*, e depois o *trabalho*, condições unicas permanentes que devem ter em vista as justas reclamações sociais dos proletarios. A preponderancia geral destes deverá aliás influir muito sobre a judicioza determinação ulterior dos *salarios* quotidianos, sem que convenha hoje levantar, a tal respeito, discussões demaziado prematuras para não ser perigozas. Seria igualmente intempestivo querer agora apreciar até que ponto a mais grosseira parte dessa dupla obrigação universal será mais tarde sucetivel de ser especialmente fortificada pelas instituições politicas: o essencial é saber-se que o principio de tal regulamentação deve permanecer eminentemente moral, sob pena a um tempo de ineficacia e de perturbação, o que eu creio haver tornado aqui suficientemente incontestavel. » (*Ibidem*, ps. 605-606.)

O nosso Mestre conclúi esse capitulo expondo a sua concepção do *Comité pozitivo ocidental* destinado a conduzir a reorganização espiritual da sociedade moderna. A este propozito, Ele é levado a caraterizar melhor o seu pensamento, chegando a empregar a locução *igreja pozitiva* no seguinte trecho:

« ... Si caraterizei suficientemente a natureza e a extensão da reorganização espiritual, fundada no surto direto da verdadeira filozofia moderna, deve-se sentir que imensa atividade deveria, a todos os respeitos, dezenvolver por

toda parte essa sorte de *concilio permanente da igreja pozitiva.* » (*Ibidem*, p. 641.)

O nosso Mestre terminou a sua obra fundamental por tres capitulos de *Concluzões gerais* onde condensou os rezultados da sua prodigioza evolução filozofica. Esses capitulos forão começados quatro mezes depois da concluzão do precedente. Os extratos que deles vamos fazer acabarão de precizar o estado da sua alma quando a desgraçada que Ele tentou salvar da perdição, tomando-a por espoza, o abandonou definitivamente. Esses capitulos forão mesmo elaborados na mais angustioza situação domestica, como já lembramos em outro lugar.

O primeiro deles, consagrado á *Apreciação final do conjunto do metodo pozitivo*, foi escrito de 17 de Maio a 16 de Junho de 1842. O nosso Mestre refuta ahi o *materialismo* e demonstra a necessidade da supremacia do ponto de vista sociologico em todas as nossas concepções. Apreciando então o alcance da unidade mental assim conseguida, diz:

« ... Reconhecemos, no capitulo precedente, que entre a soberania espontanea da força e a pretensa supremacia da inteligencia, essa filozofia final (o Pozitivismo), tende a realizar diretamente a *universal preponderancia da moral*, que a admiravel tentativa do catolicismo tinha, na idade-média, tão nobremente proclamado, mas sem poder constituir suficientemente o seu advento normal então inevitavelmente subordinado a uma filozofia já implicitamente caduca, cujo acendente politico exigia havia muito tempo que a *evolução mental se separasse provizoriamente da evolução moral*. As propriedades morais inherentes á grande concepção de Deus não pódem ser, sem duvida, convenientemente substituidas pelas que comporta a vaga entidade da Natureza; mas elas são, pelo contrario, necessariamente inferiores, em intensidade, como em estabilidade, ás que caraterizarão a inalteravel noção da Humanidade, prezidindo enfim após esse duplo esforço preparatorio, a satisfação combinada de todas as nossas exigencias essenciais, quer intelectuais, quer sociais, na plena madureza do nosso organismo coletivo. Esta inteira preponderancia normal da moral torna-se doravante não menos indispensavel á eficacia intelectual da evolução mental do que á sua destinação social. Porque a indiferença pelas condições morais, longe de ser ainda motivada pela ur-

gencia superior das condições intelectuais, constitúi agora um obstaculo crecente á sua realização contínua, alterando diretamente a sinceridade e a dignidade dos esforços especulativos, que tendem hoje a degenerar cada vez mais em instrumentos de ambição pessoal, de maneira a sufocar gradualmente até o germen dos verdadeiros progressos sientificos.

« Para não deixar nenhuma grave incerteza sobre esse nó fundamental de filozofia pozitiva, importa hoje dissipar diretamente, em todos os bons espiritos, a ultima fonte essencial das iluzões metafizicas, fazendo especialmente ressaltar a verdadeira natureza do ponto de vista humano, que de toda necessidade, deve ser *eminentemente social, e não sómente individual :* porque, sob o aspeto estatico, bem como sob o aspeto dinamico, o *homem propriamente dito não é, no fundo sinão uma pura abstração ; não ha de real sinão a humanidade*, sobre tudo na ordem intelectual e moral.... » (*Ibidem*, ps 691-692.)

Mostrando o alcance social e moral de convergencia intelectual entre os diversos individuos, o nosso Mestre observa:

« ...Uma vez consumada, essa convergencia especulativa constitúi, a seu turno, a *primeira condição elementar* de toda a verdadeira associação, que exige, pela sua natureza, a indispensavel reunião permanente de um suficiente concurso de *interesses*, não sómente com uma conveniente conformidade de *sentimentos*, mas tambem, *e antes de tudo*, com uma *comunidade essencial de opiniões* : sem esse triplice fundamento indivizivel, nenhuma sociedade qualquer, desde a *familia* até a *especie*, póde ser nem ativa nem perduravel. Os odios profundos sempre suscitados por graves dissidencias intelectuais, e que, sob outras fórmas, não serião menos pronunciados no estado pozitivo, si essas divergencias pudessem ahi ser tão completas, indicão assás que, apezar da pouca energia intrinseca que a nossa natureza concede diretamente aos *impulsos puramente mentais*, a sua reação necessaria sobre o conjunto da nossa conduta, quer individual, quer sobretudo coletiva, exige evidentemente que a *sociabilidade humana repouze primeiro sobre a universal coincidencia deles.* » (*Ibidem*, ps. 738-739.)

E o nosso Mestre conclúi assim a sua apreciação do metodo pozitivo :

« A evolução fundamental do metodo pozitivo perma-

nece pois necessariamente incompleta até que se estenda suficientemente ao *unico estudo verdadeiramente final*, o *estudo da humanidade*, em relação ao qual todos os outros, *mesmo o do homem propriamente dito*, não pódem constituir sinão indispensaveis preambulos, e que é espontaneamente destinado a exercer sobre eles uma universal preponderancia normal, não só logica mas tambem sientifica, como reconhecemos acima....» (*Ibidem*, p. 780.)

O segundo capitulo de *Concluzões gerais*, relativo á «—Apreciação filozofica do conjunto dos rezultados peculiares á elaboração preliminar da doutrina pozitiva,—» foi escrito de 23 a 28 de Junho de 1842.

Dele extrahimos os seguintes topicos:

«... Segundo uma fórmula justamente celebre, esse estudo do homem e da humanidade foi constantemente considerado como constituindo, pela sua natureza, a *principal siencia*, aquela que deve sobretudo atrahir não só a atenção normal das altas inteligencias como a solicitude continua da razão publica.... » (*Ibidem*, p. 816.)

« Mas, alem dessa consideração temporaria (a necessidade da preparação cosmologica para que os biologistas possão impedir as invazões atuais das siencias inferiores), é precizo reconhecer, mediante uma apreciação mais profunda, que a biologia não póde ser completamente constituida *sem a intervenção preponderante da sociologia*; porque, ao passo que, pela sua extremidade inferior, ela toca á siencia inorganica, no estudo elementar da vida vegetativa, ela adhere, pela sua extremidade superior, á siencia final do dezenvolvimento social, no estudo trancendente da vida intelectual e moral. Ora, como o expliquei no capitulo precedente, este ultimo estudo, sem o qual o conhecimento biologico do homem é radicalmente insuficiente, não póde ser convenientemente instituido só do ponto de vista individual, e exige a indispensavel consideração de um surto coletivo que em si mesmo não póde ser sondado. De sorte que, apezar do eminente merito e da utilidade capital que devemos reconhecer tanto na imortal tentativa de Gall, a sua fraca eficacia até aqui não deve ser unicamente atribuida, nem mesmo principalmente, ás suas imperfeições radicais, nem ao pouco alcance dos que a têm continuado, mas sobretudo á vicioza constituição de um trabalho em que a biologia deveria subordinar-se judiciozamente á sociologia, longe de a poder dominar. Esse caminho sendo

hoje o unico aberto ao espirito teologico-metafizico para manter em biologia a sua antiga dominação, é facil sentir quanto a inteira preponderancia da pozitividade racional acha-se ahi profundamente ligada á fundação da siencia social, sem a qual todas as concepções já elaboradas não pódem jamais adquirir uma plena eficacia, nem mesmo uma verdadeira estabilidade. . . . .

« A unica siencia que póde ser *verdadeiramente final*, e em relação á qual a propria biologia não constitûi senão um ultimo preambulo indispensavel, rezulta pois agora do extremo acrecimo fundamental que a existencia real experimenta elevando-se do *organismo individual ao organismo coletivo*. . . . » (*Ibidem*, ps. 825-826.)

« . . . Em todos os graus da escala sociologica, e a todos os respeitos estaticos ou dinamicos, a biologia fornece necessariamente, sobre a natureza humana, no que esta póde ser conhecida pela méra consideração do individuo, noções fundamentais que devem sempre *controlar as indicações diretas da exploração sociologica e muitas vezes mesmo retificá-las ou aperfeiçoá-las.* Porem, alem disso, na parte inferior da serie, sem decer aliás até o estado inicial, onde só as deduções biologicas nos pódem guiar, é claro que a biologia, conquanto sempre dominada, como em todos os cazos anteriores desse genero, pelo espirito sociologico, deve fazer especialmente conhecer essa *associação elementar*, intermediario espontaneo entre a existencia puramente individual e a existencia plenamente social, que rezulta da *existencia domestica* propriamente dita, mais ou menos comum a todos os animais superiores, e que constitûi, na nossa especie, a verdadeira baze primordial do mais vasto organismo coletivo. . . » (*Ibidem*, p. 830.)

« . . . Enfim, a moral, cujas exigencias diretas erão implicitamente menosprezadas durante a elaboração preliminar, recobra logo os *seus direitos eternos em consequencia da supremacia mental do ponto de vista social*, restabelecendo, com uma energica eficacia, o reinado continuo do *espirito de conjunto*, ao qual o verdadeiro sentimento do dever permanece sempre profundamente ligado. Nos dois ultimos seculos, o acendente sientifico póde por muito tempo pertencer ao impulso, essencialmente matematico, emanado das siencias inferiores, sem nenhum grave perigo imediato para as condições naturais da mo-

ralidade, enquanto as precizões sociais não se tinhão tornado ainda de novo diretamente preponderantes. Afastando embora espontaneamente as contemplações sociais, afim de restringir-se primeiro aos estudos preliminares nos quais a pozitividade racional era mais facilmente dezenvolvivel, o instinto especulativo podia então ser sustentado por esse justo sentimento da harmonia fundamental dos nossos esforços privados com a commun destinação, que nos torna especialmente accessiveis ás inspirações morais. Mas o mesmo já não se dá depois que a crize final pôz em alta evidencia a urgencia universal das necessidades politicas. Desde então, esse espirito sientifico, que, em virtude da inevitavel convicção da sua impotencia radical para com as mais nobres especulações, tende a inspirar, a respeito destas, uma dezastroza indiferença, torna-se necessariamente cada vez mais imoral, conduzindo quazi sempre ao egoismo sistematico, que *só o acendente familiar das vistas de conjunto* póde hoje convenientemente sanar. Essa intima perturbação, tanto mais perigoza quanto corrompe diretamente a primitiva fonte mental da regeneração humana, é espontaneamente dissipada pela preponderancia filozofica d*o espirito sociologico*. O tipo fundamental da evolução humana, tanto individual como coletiva, é ahi, com efeito, sientificamente reprezentado como consistindo sempre no acendente crecente da nossa humanidade sobre a nossa animalidade, *mediante a dupla supremacia da inteligencia sobre os pendores, e do instinto simpatico sobre o instinto pessoal*. Assim, ressalta diretamente, do conjunto mesmo do verdadeiro dezenvolvimento especulativo, a universal dominação da moral, tanto pelo menos quanto o comporta a nossa imperfeita natureza. Seria seguramente superfluo assinalar aqui mais a aptidão moral de uma filozofia que dezenvolve sistematicamente, no mais alto grau possivel, o sentimento fundamental da solidariedade e da continuidade sociais, ao mesmo tempo que a noção geral da ordem espontanea que a economia total do mundo real erige, a todos os respeitos, em baze necessaria da nossa conduta, quer privada, quer publica. » (*Ibidem*, ps. 836-837.)

Houve depois uma semana de interrupção entre o capitulo que acabamos de considerar e o terceiro e ultimo das *Conclusões gerais*, relativo á — « Apreciação sumaria da ação final peculiar á filozofia pozitiva. » — Este foi escrito

de 9 a 13 de Julho de 1842. Demonstrando as aptidões morais da nova doutrina para consolidar e aperfeiçoar a todos os respeitos a moralidade humana, o nosso Mestre diz:

« . . . Ao passo que a perfeita unidade mental carateristica do estado pozitivo determinará assim, em cada um dos espiritos convenientemente cultivados, ativas convicções morais, ela constituirá, não menos inevitavelmente, poderozos preconceitos publicos, dezenvolvendo, a tal respeito, uma plenitude de assentimento que jamais póde existir no mesmo grau, e cujo irrezistivel acendente continuo será destinado a suprir a insuficiencia dos esforços privados, em cazo de cultura demaziado imperfeita ou de arrastamento demaziado energico. Aliás já expliquei de antemão bastante, sobretudo no quinquagezimo-setimo capitulo, que essa dupla eficacia moral da filozofia final não supõe só a influencia direta e espontanea das doutrinas correspondentes, que, seja qual deva ser o seu poder especulativo, bastarião raramente para conter as estimulações viciozas, *á vista da fraca intensidade dos impulsos puramente intelectuais no conjunto da nossa economia*. Reconhecemos plenamente que, sob o regimen, mais favoravel, tais rezultados exigirão, demais, pela sua natureza, primeiro a ação fundamental de um sistema conveniente de educação universal, e mesmo depois a intervenção contínua de uma sabia diciplina, a um tempo privada e publica, *emanada do mesmo poder moral* que tiver dirigido essa commum iniciação. Esquece-se demaziado hoje essa indispensavel consideração nas comparações superficiais e prematuras, com tanta frequencia injustas, e por vezes malevolas, que se tenta estabelecer da moral pozitiva, apenas mentalmente esboçada, e ainda desprovida de toda instituição regular, com a moral religioza, * completamente dezenvolvida por uma elaboração secular, e desde muito assistida de todo o aparelho social que a sua aplicação exigia.

« A influencia ulterior da filozofia pozitiva não sendo pois, a este respeito, agora apreciavel sinão relativamente ás proprias doutrinas, independentemente das instituições correspondentes, importa, para facilitar a sua apreciação sumaria, distinguir aqui rapidamente cada um dos tres graus necessarios que reconhecemos, no quinquagezimo

* *Religioso* aqui é sinonimo de *teologico*. R. T. M.

capitulo, serem peculiares á moral universal, primeiro pessoal, depois domestica, e enfim social.

« Sob o primeiro aspeto, a moral pozitiva, convenientemente organizada, comportará por certo muito mais eficacia pratica do que nunca pôde obter, mesmo no estado monoteico, a moral religioza*, apezar dos possantes meios de que dispôz. Alem de que a apreciação individual de cada sistema de conduta é, nesse cazo, mais direta e mais facil, esse grau inicial será desde então habitualmente encarado sob o seu verdadeiro aspeto, não mais só quanto á sua utilidade privada, mas como a baze primordial de todo dezenvolvimento moral, e, a esse titulo, radicalmente subtrahido ao arbitrio da prudencia pessoal, para ser doravante plenamente incorporado ao conjunto das prescrições publicas. Os antigos não pudérão obter tal rezultado, conquanto tivessem pressentido a importancia dele, e o proprio catolicismo não póde realizá-lo suficientemente, por uma consequencia inevitavel da preponderancia sempre concedida a um fito imaginario. Exagerando os perigos momentaneos de uma franca renuncia a qualquer esperança chimerica, menosprezárão-se ecessivamente até aqui as vantagens permanentes que deve produzir, sob uma sabia direção filozofica, a concentração final dos esforços humanos sobre a vida real, quer individual, quer sobretudo coletiva, cuja economia total o homem é assim diretamente impelido a melhorar o mais possivel, em virtude do conjunto dos meios que lhe são peculiares, e entre os quais as regras morais ocupão certamente o primeiro posto, como imediatamente destinadas a permitir esse concurso universal no qual rezide evidentemente o nosso principal poder. Si essa inevitavel restrição tende, a certos respeitos, a diminuir espontaneamente uma previdencia imoderada, fazendo melhor sentir o preço da atualidade, essa influencia, facil de regular, póde em si mesma utilmente consolidar a harmonia comum, desviando mais de todo acumulo ecessivo. Uma san apreciação da nossa natureza, na qual a principio predominão necessariamente os pendores viciozos ou abuzivos, tornará vulgar a obrigação unanime de exercer, sobre as nossas diversas inclinações, uma sabia diciplina contínua, destinada a estimulá-las e contê-las segundo as suas tendencias respetivas. Enfim a con-

* *Religiozo* aqui é sinonimo de *teolog co*.—R. T. M.

cepção fundamental, a um tempo sientifica e moral, da verdadeira situação geral do homem, como chefe espontaneo da economia real, fará sempre nitidamente sobresahir a necessidade de dezenvolver incessantemente, por um judiciozo exercicio, os nobres atributos, não menos afetivos do que intelectuais, que nos colocão á testa da jerarchia viva. O justo orgulho que deverá suscitar o sentimento contínuo de tal preeminencia, sobretudo sucedendo á inferioridade tão consagrada do homem para com os anjos, não póde aliás determinar nenhuma perigoza apatia, pois que o mesmo principio lembrará sempre um tipo de perfeição real, abaixo do qual será sempre extremamente facil sentir que ficaremos constantemente, conquanto os nossos esforços perseverantes possão aproximar-nos cada vez mais dele. Dahi rezultará sómente uma nobre audacia de dezenvolver em todos os sentidos a grandeza do homem, ao abrigo de todo terror opressivo, e sem reconhecer nunca outros limites que não os que nos são impostos pelo irrezistivel conjunto da ordem real, que é precizo aliás procurar modificar o mais possivel em nossa vantagem, mediante a sua exata apreciação contínua.

« Quanto á moral domestica, uma comparação decisiva fará sem duvida em breve apreciar a superioridade espontanea da filozofia pozitiva, unica apta doravante, segundo as explicações especiais do quinquagezimo capitulo, a refrear convenientemente as perigozas aberrações suscitadas pela metafizica, sem que a teologia pudesse contê-las. Era precizo talvez que a anarchia atual fosse levada até essas intimas perturbações, para tornar plenamente irrecuzavel a necessidade de constituir enfim o conjunto das noções morais sobre uma nova baze intelectual, unica apropriada para rezistir suficientemente ás discussões corrozivas, e mesmo para afastá-las irrevogavelmente, manifestando diretamente a imutavel realidade da subordinação fundamental que constitúi a economia elementar das sociedades humanas. É, com efeito, no tocante á união domestica, onde a apreciação sociologica confunde-se quazi com a apreciação biologica, que se fará mais facilmente sentir quanto as relações sociais são profundamente naturais, pois que se ligão assim ao modo de existencia peculiar á toda parte superior da jerarchia animal, da qual a humanidade oferece simplesmente o mais completo dezenvolvimento, em harmonia com a sua universal preemi-

nencia. Uma judicioza aplicação do principio uniforme de classamento, primeiro abstrato, depois concreto, peculiar á filozofia pozitiva, consolidará aliás essa subordinação elementar, ligando-a intimamente ao conjunto da constituição especulativa, como o notei no quinquagezimo-setimo capitulo. Enfim o estudo aprofundado da evolução humana, sob esse aspeto capital, demonstrará plenamente, segundo as nossas indicações historicas, que as diversidades naturais sobre as quais repouza tal economia são cada vez mais dezenvolvidas pelo progresso comum, que faz melhor tender cada elemento para a existencia mais conforme ao seu verdadeiro carater e mais conveniente á harmonia geral. Ao passo que o espirito pozitivo consolidará sistematicamente as grandes noções morais que se referem a esse primeiro grau de associação, ele fará diretamente sobresahir a preponderancia crecente da vida domestica para a imensa maioria da humanidade, á medida que a sociabilidade moderna se aproxima mais do seu estado normal. O encadeamento natural que, salvo algumas raras anomalias individuais, erige sempre, e a todos os respeitos, a existencia domestica em preambulo indispensavel da existencia social, será pois assim finalmente garantido contra toda sofistica alteração

« Apreciada, em terceiro lugar, em relação á moral social propriamente dita, a filozofia pozitiva dezenvolverá, ainda mais evidentemente do que nos outros dois cazos, a sua alta aptidão organica. Nem a filozofia metafizica, que consagra espontaneamente o egoismo, nem mesmo a filozofia teologica, que subordina a vida real a uma destinação chimerica, nunca puderão fazer sobresahir diretamente o ponto de vista social como o fará, pela sua natureza, essa filozofia nova, que o toma necessariamente para baze universal da sistematização final. Esses dois regimens anteriores erão tão pouco apropriados para permitir o surto das afeições puramente benevolas e plenamente dezinteressadas, que muitas vezes conduzírão a negar dogmaticamente a existencia delas, um mediante vans subtilezas escolasticas, e o outro sob o acendente inevitavel das preocupações continuas relativas á salvação pessoal. Sentimento algum qualquer sendo plenamente dezenvolvivel sem um exercicio especial e permanente, sobretudo si ele é naturalmente pouco pronunciado, deve-se pois considerar o senso moral, de que o grau social constitúi

sómente a mais completa manifestação, como tendo sido até aqui imperfeitamente esboçado por uma cultura indireta e facticia, cuja necessidade preliminar apreciei aliás suficientemente. Quando uma verdadeira educação houver convenientemente familiarizado os espiritos modernos com as noções de solidariedade e de perpetuidade sugeridas espontaneamente, em tantos cazos, pela contemplação pozitiva da evolução social, sentir-se-á profundamente a intima superioridade moral de uma filozofia que enlaça diretamente cada um de nós com a existencia total da humanidade, encarada no conjunto dos tempos e dos lugares: a religião [1], pelo contrario, não podia, no fundo, reconhecer sinão individuos passageiramente reunidos, todos absortos por uma destinação puramente pessoal, e cuja van associação final, vagamente relegada no céu, não devia oferecer á imaginação humana sinão um tipo radicalmente esteril, por falta de fito algum comprehensivel. A propria restrição de todas as nossas esperanças á vida real, individual ou coletiva, póde facilmente fornecer, sob uma sabia direção filozofica, novos meios de melhor ligar o surto privado á marcha universal, cuja consideração gradualmente preponderante constituirá desde então o unico caminho capaz de satisfazer tanto quanto possivel essa precizão de eternidade sempre inherente á nossa natureza. Por exemplo, o respeito escrupulozo pela vida do homem, que aumentou sempre á medida que a nossa sociabilidade dezenvolveu-se, não póde certamente sinão crecer muito em virtude da extinção geral de uma esperança chimerica, cuja preocupação continua dispõe tão facilmente a depreciar, aos olhos de todos, cada existencia prezente, sempre tão accessoria em comparação da perspectiva final. Mau grado as declamações retrogradas das diversas escolas religiozas [2], a filozofia pozitiva, convenientemente extendida até os *fenomenos sociais* que devem caraterizar a sua principal atribuição, aprezenta-se pois, a todos os respeitos, como mais apta do que nenhuma outra para secundar o surto natural da sociabilidade humana. O verdadeiro espirito filozofico não sendo, no fundo, *sinão o bom senso plenamente sistematizado*, póde-se mesmo assegurar que, pelo menos sob a sua fórma

[1] *Religião* aqui é sinonimo de *teologia*.—R. T. M.

[2] *Religiozo* é aqui sinonimo de *teologico*. -R. T. M.

espontanea, só ele mantem essencialmente, ha mais de tres seculos, a harmonia geral contra as perturbações dogmaticas inspiradas ou toleradas pela antiga filozofia. As divagações teologico-metafizicas desta terião já subvertido toda a economia moderna, si a rezistencia instintiva da razão vulgar não tivesse implicitamente contido a dezastroza aplicação social delas, conquanto os seus efeitos sejão aliás demaziado sensiveis, em consequencia da incoherencia natural dessa insuficiente opozição pratica, que não intervem nunca sinão em relação ás dezordens muito pronunciadas, sem poder sustar a sua renovação sempre iminente, fazendo cessar a anarchia mental donde elas provém necessariamente.

« Em virtude dessa triplice aptidão fundamental, a moral pozitiva tenderá cada vez mais a reprezentar familiarmente a *felicidade de cada um como sobretudo ligada ao mais completo surto dos atos benevolos e das emoções simpaticas em relação ao conjunto da nossa especie*, e mesmo em seguida, por uma indispensavel extensão gradual, *a respeito de todos os entes sensiveis que nos são subordinados, proporcionalmente aliás á sua dignidade animal e á sua atilidade social.* A sua eficacia contínua será tanto mais assegurada quanto poderá sempre adaptar-se espontaneamente, com plena oportunidade, e sem nenhuma inconsequencia, ás exigencias variaveis de cada cazo especial, individual ou social, segundo a natureza eminentemente relativa da nova filozofia. A imobilidade necessaria da moral religioza* devia, pelo contrario, mesmo nos tempos do seu principal ascendente, tirar-lhe quazi toda a sua força a respeito das situações que, dezenvolvidas depois da sua constituição inicial, não tinhão podido ser suficientemente previstas. Antes que o futuro haja dignamente realizado o surto universal desses eminentes atributos morais peculiares á filozofia pozitiva, é aos verdadeiros filozofos, precursores naturais da humanidade, que pertence já *constatá-las altamente, aos olhos de todos, pela superioridade sustentada da sua conduta efetiva, pessoal, domestica e social*, contrariamente á pernicioza maxima metafizica que quer hoje dogmaticamente interdizer toda publica apreciação da vida privada. É assim que irrecuzaveis

* *Religiozo* aqui é sinonimo de *teologico*. R. T. M.

exemplos deverão manifestar de antemão a possibilidade contínua de dezenvolver doravante, mediante os *motivos excluzivamente humanos*, um sentimento assás completo da moral universal para determinar espontaneamente, em cada cazo, quer uma invencivel repugnancia por toda violação real, quer um irrezistivel impulso ao mais ativo devotamento contínuo. » (*Ibidem*, ps. 855-863.)

Passando em seguida á apreciação da *ação politica* da nova doutrina, e que o nosso Mestre reputava então como devendo *constituir sempre o principal destino* do Pozitivismo (p. 863), diz Ele :

« . . . Constituindo por toda parte a preponderancia direta, a um tempo logica e sientifica, do *ponto de vista social*, a filozofia pozitiva não póde certamente menosprezá-la jamais em relação á *propria moral*, que deve oferecer sempre a principal aplicação dele, e, na qual, *até o cazo puramente individual*, tudo deve incessantemente ser referido, *não ao homem*, mas á humanidade. Póde-se evidentemente extender ás leis morais a observação essencial já indicada, nos dois capitulos precedentes, para com as leis intelectuais, como sendo, pela sua natureza, tanto umas como outras, muito mais bem apreciaveis no organismo coletivo do que no organismo individual. Conquanto o tipo fundamental do aperfeiçoamento humano seja necessariamente identico para o individuo e para a especie, ele deve ser todavia muito mais completamente caraterizado mediante o exame da evolução social do que segundo a evolução pessoal. E' portanto certo que a moral propriamente dita não cessará nunca, por esse duplo titulo, de ligar á politica convenientemente encarada o seu ponto de partida geral. A divizão necessaria de ambas não rezultará doravante, como o expliquei, sinão da instituição sistematica de uma decompozição interior entre *as vistas teoricas e as vistas praticas*, indispensavel á sua destinação comum. » (*Ibidem*, ps. 866-867.)

« Por motivos analogos, estamos igualmente dispensados de insistir ainda sobre a intima solidariedade espontanea, reconhecida no quinquagezimo-setimo capitulo, entre as *tendencias filozoficas e os impulsos populares*. Depois de haver essencialmente determinado o advento politico da economia pozitiva, essa possante afinidade mútua tornar-se-á naturalmente o mais solido apoio permanente de tal economia. A mesma filozofia que tiver feito sistematicamente

reconhecer a supremacia mental da razão comum, fará igualmente admitir, sem nenhum perigo de anarchia, a preponderancia social das verdadeiras precizões populares, constituindo cada vez mais o universal acendente da moral, dominando a um tempo as inspirações sientificas e as determinações politicas. »(*Ibidem*, p. 875.)

O nosso Mestre assinala em quarto lugar a aptidão estetica da nova doutrina. Ahi Ele pondera que :

« . . . O duplo *sentimento do verdadeiro* e do *bom* não se póde tornar nitidamente pronunciado, sem que o *sentimento do belo*, que não é, em qualquer genero, sinão o *instinto da perfeição rapidamente apreciada*, deva tambem surgir por toda parte : de sorte que essa ultima ação geral da filozofia pozitiva está, pela sua natureza, intimamente ligada a cada uma das tres que acabão de ser examinadas (sientifica, moral, e politica). » (*Ibidem*, p. 878.)

E, mais adiante, o nosso Mestre diz :

« . . . O principal rezultado filozofico dessa dupla progressão (de demolição do regimen antigo e fundação do novo) consiste na convergencia espontanea de todas as concepções modernas para a grande noção da Humanidade, cuja ativa preponderancia final deve, em todos os sentidos, substituir a antiga coordenação teologico-metafizica. Ora essa nova unidade mental, necessariamente mais completa e mais perduravel do que nenhuma outra, segundo as nossas ultimas explicações, comportará certamente, sem artificio algum, uma imensa aptidão estetica, quando houver convenientemente prevalecido. . . . E' pois em cantar os prodigies do homem, a sua conquista da natureza, as *maravilhas da sociabilidade*, que o verdadeiro genio estetico achará sobretudo doravante, sob o ativo *impulso do espirito pozitivo*, uma fonte fecunda de inspirações novas e poderozas, sucetiveis de uma popularidade que nunca teve equivalente, porque se acharão em plena harmonia, quer com o nobre instinto da nossa superioridade fundamental, quer com o conjunto das nossas convicções racionais. » (*Ibidem*, ps. 880-882).

O nosso Mestre termina a sua grandioza elaboração mostrando o concurso dos cinco elementos ocidentais na regeneração social :

« . . . Sob a salutar preponderancia, igualmente filozofica e politica, assegurada ao *espirito francez* em virtude do conjunto da tranzição moderna, o *espirito inglez* fará

poderozamemente sentir a sua predileção carateristica pela realidade e a utilidade, o *espirito alemão* aplicará a sua aptidão nativa para as generalizações sistematicas, o *espirito italiano* fará convenientemente penetrar a sua admiravel espontaneidade estetica, enfim o *espirito espanhol* introduzirá o seu duplo sentimento familiar da *dignidade pessoal e da fraternidade universal.* » (*Ibidem*, p. 885.)

O volume conclúi anunciando os quatro Tratados que o nosso Mestre projetava. Dois « erão diretamente destinados a consolidar metodicamente o novo sistema filozofico; e os outros dois devião referir-se sobretudo á *aplicação geral* deste. » Os primeiros versavão, um, sobre a *filozofia matematica*, e o outro, sobre a *filozofia politica*. Os segundos tinhão por objeto, um, a *educação pozitiva*, e a sua principal parte seria constituida pela *organização pozitiva da moral*; o outro seria consagrado á apreciação da industria pozitiva, isto é, da ação do homem sobre a natureza.

Para acabar de caraterizar o estado moral do nosso Mestre quando encontrou-se com a imaculada e terna Inspiradora da sua segunda vida, só nos resta fazer alguns extratos da correspondencia com Stuart Mill e com Sarah Austin. Estas citações versão sobre a apreciação que Ele então fazia do sexo feminino.

A propozito do *divorcio*, Ele escrevia a Stuart Mill, em 30 de Setembro de 1842:

« Quanto á nossa falta atual de concordancia a respeito do divorcio, estou persuadido que, mau grado o meu cazo individual, de natureza felizmente excepcional, embora hoje demaziado pouco raro, eu não tardarei a vos trazer a minha opinião sobre a importancia social da *plena indissolubilidade do cazamento*, ultimo complemento indispensavel da instituição monogamica, *condição essencial da economia final*; porque demorei-me muito tempo na faze sociologica na qual vos achais ainda em tal assunto, e sahi dela espontaneamente, contra as tendencias da minha propria situação pessoal, em consequencia das mais profundas convicções *rezultantes do conjunto das minhas meditações politicas*. Sem ostentar aqui o merito tão natural, em todo filozofo, de uma conduta conforme aos seus principios, devo pelo menos vos fazer observar que a inabalavel perzistencia dessa convicção, no meio dos motivos privados que deverião solicitar-me tão energicamente em

sentido contrario, constitûi certamente uma prezunção muito poderoza em favor da apreciação filozofica que conduziu-me a pensar assim, e que me faria opinazmente recuzar toda tentativa de divorcio, por mais feliz que ela pudesse ser excepcionalmente para mim, si, o que não seria impossivel, uma proxima comoção revolucionaria viesse uma segunda vez importar-nos esse dissolvente protestante. » (CARTAS A STUART MILL, 1ª edição, 1877, ps. 85-86.)

A propozito da apreciação do sexo feminino encontrão-se, na mesma correspondencia, as seguintes observações:

« Por mais imperfeita que seja ainda, a todos os respeitos, a biologia, parece-me que ela já póde solidamente estabelecer a jerarchia dos sexos, demonstrando a um tempo anatomicamente e fiziologicamente, que, em quazi toda a serie animal, e sobretudo na nossa especie, o sexo feminino é constituido em uma sorte de estado de infancia radical que o torna *essencialmente inferior ao tipo organico correspondente*. Sob o aspeto diretamente sociologico, a vida moderna, caraterizada pela atividade industrial e o espirito pozitivo, não deve menos dezenvolver finalmente, si bem que de outra maneira, essas diversidades fundamentais que a vida militar e teologica das populações antigas, embora até aqui a novidade dessa situação não haja permitido ainda uma suficiente manifestação dessas diferenças finais, ao passo que as primeiras parecião apagar-se. A idéia de uma *rainha*, por exemplo, mesmo sem ser *papiza*, tornou-se agora quazi ridicula, tanto precizava ela do estado teologico; mas, ha tres seculos sómente, não era ainda assim. Quanto á imperfeição necessaria das simpatias fundadas sobre a deziguakdade, convenho convosco; e, a esse titulo, penso que a *plenitude das simpatias humanas não póde existir sinão entre dois homens eminentes* cuja moralidade fôr assás poderoza para conter todo grave impulso de rivalidade; *esse genero de acordo parece-me bem superior áquilo que se póde jamais obter de um sexo para o outro*. Mas esse não póde ser, evidentemente, *o tipo normal das relações mais elementares e mais comuns*, nas quais a jerarchia natural dos sexos, e depois a das idades, constitûi o laço mais energico.

« A qualificação de *igualdade* tem sido demaziado sofisticada em nossos dias para ser empregada convenientemente com o fim de caraterizar o principio das relações universais; acho muito preferivel a fórmula *fraternidade*

que todas as populações modernas consagrárão espontaneamente a esse fito, e que tenho neste momento, por exemplo, a satisfação de encontrar tão profundamente e tão familiarmente impregnada na lingua espanhola, na qual ela se alia continuamente á expressão mais vivaz dos sentimentos hierarchicos. » (*Ibidem*, ps. 175-176.—Carta de 16 de Julho de 1843.)

« Quanto mais reflito no nosso grave dissentimento sociologico e biologico sobre a condição e a destinação social das mulheres, mais ele parece-me apropriado para caraterizar profundamente a deploravel anarchia mental do nosso tempo, mostrando a dificuldade de uma suficiente convergencia atual até nos espiritos de elite entre os quais existe, já, além da simpatia nativa, uma comunhão logica tão fundamental como a nossa, e que todavia divergem, pelo menos momentaneamente, sobre uma das questões mais fundamentais que a sociologia possa agitar, *sobre a principal baze elementar*, a falar a verdade, *de toda verdadeira jerarchia social*. Tal espetaculo seria mesmo proprio para inspirar uma sorte de dezespero filozofico sobre a *impossibilidade ulterior*, como o pretendem os espiritos religiozos, * *de constituir uma verdadeira concordancia intelectual sobre bazes puramente racionais*, si aliás uma profunda apreciação habitual do nosso estado mental e mesmo uma suficiente experiencia pessoal não tendessem a convencer-me nitidamente que a situação atual do vosso espirito não constitûi realmente, a este respeito, sinão uma faze necessariamente passageira, ultimo reflexo indireto da grande tranzição negativa.

« *Todos os pensadores que amão seriamente as mulheres*, a titulo diferente do de encantadores brinquedos, passárão em nossos dias, creio eu, por uma situação analoga; lembro-me muito bem, quanto a mim, do tempo em que a extranha obra de Miss Mary Wooltonseraft (antes de cazar-se com Godwin) produzia-me uma forte impressão. Foi mesmo sobretudo trabalhando diretamente em esclarecer para os outros as verdadeiras noções elementares da ordem domestica, *que puz irrevogavelmente o meu espirito*, ha cerca de vinte anos, ao abrigo definitivo de *qualquer sorpreza similhante do sentimento*. Não duvido que a minha apreciação especial desse principio fundamental, na

* *Religiozo* aqui é sinonimo de *teologico*.—R. T. M.

obra que vou começar, * baste para dissipar, neste assunto, todas as vossas incertezas si, antes desse momento, as vossas proprias meditações não se antecipassem essencialmente a essa importante demonstração, sobre a qual poderiamos conversar prematuramente um pouco na nossa fraternal entrevista.

« Retomando sumariamente, a este respeito, as indicações da vossa ultima carta, espero que o nosso concerto espontaneo esteja menos afastado do que receei no começo. Convindo embora nas diversidades anatomicas que *afastão mais o organismo feminino do grande tipo humano*, creio que não lhes concedeis uma participação fiziologica assás forte, ao passo que exagerais porventura a influencia possivel do exercicio que, antes de tudo, supõe necessariamente uma constituição conveniente. Si, segundo a vossa hipoteze, o nosso aparelho cerebral não passasse jamais ao estado adulto, todo o exercicio imaginavel não o tornaria sucetivel das altas elaborações que ele acaba por comportar; e é a isso que atribuo o malogro, muito frequente em nossos dias, de muitas crianças infelizes que são abuzivamente exercitadas em operações que a idade delas repele. As mulheres estão no mesmo cazo.

« Teria, em uma discussão metodica, poucas couzas essenciais a ajuntar á vossa judicioza apreciação dos limites normais das suas faculdades; mas acho que não ligais bastante importancia ás consequencias reais de tal *inferioridade nativa*. A sua inaptidão caraterística para a abstração e a contenção, a impossibilidade quazi completa de afastar as inspirações apaixonadas nas operações racionais, *embora as suas paixões sejão, em geral, mais generozas*, devem continuar a interdizer-lhes indefinidamente toda alta direção imediata dos negocios humanos, não sómente em siencia ou em filozofia, como reconheceis, mas tambem na vida estetica, e mesmo na vida pratica, tanto industrial como militar, onde o espirito de continuidade constitúi seguramente a principal condição de sucesso prolongado. Eu creio que as mulheres são tão improprias para dirigir alguma grande empreza comercial ou manufatureira como alguma importante operação militar; por mais forte razão são elas radicalmente incapazes de todo

* O tratado de filozofia politica prometido, como vimos no fim do tomo VI do SISTEMA DE FILOZOFIA POZITIVA.—R. T. M.

governo, mesmo domestico, porem sómente de administração secundaria. Em nenhum genero, nem a direção, nem a execução lhes convêm; elas são essencialmente rezervadas para a consulta e a modificação, funções nas quais a sua pozição passiva lhes permite utilizar, com muita felicidade, a sua sagacidade e a sua atualidade carateristicas. Pude observar de muito perto o organismo feminino, mesmo em muitas ecepções eminentes: poderia aliás, a esse respeito, *citar tambem a minha propria mulher*, que sem ter felizmente escrito coiza alguma, pelos menos até aqui, possúi realmente *mais força mental, profundeza, e ao mesmo tempo justeza* do que a maioria dos personagens com mais justiça elogiados no seu sexo: por toda parte encontrei os caracteres essenciais desse tipo, a saber, uma aptidão muito insuficiente para a generalização das relações e para a perzistencia das deduções bem como para a preponderancia da *razão sobre as paixões*.

« Todos os cazos desse genero são, ao meu ver, demaziado frequentes, e demaziado pronunciados para que se possa imputar sobretudo á diversidade das educações a diferença dos rezultados; porque eu encontrei os mesmos atributos essenciais naquelas nas quais o conjunto das influencias tinha por certo tendido a dezenvolver tanto quanto possivel dispozições bem contrarias a essas. Aliás, não é, em suma, a muitos respeitos, *uma vantagem final, antes do que um inconveniente real para as mulheres, o terem sido subtrahidas a essa dezastroza educação de palavras e entidades* que, durante a grande tranzição moderna, substituiu a antiga educação militar?

« Quanto ás belas-artes, sobretudo, não é evidente que, de dois a tres seculos a esta parte, um grande numero de mulheres tem sido muito felizmente colocadas e preparadas para a cultura estetica, sem nunca terem todavia podido produzir nada de verdadeiramente eminente, tanto em muzica ou pintura como em poezia? Por uma apreciação de conjunto, mais aprofundada, é-se, creio eu, conduzido a reconhecer que essa ordem social tão amaldiçoada está radicalmente disposta, pelo contrario, de maneira a favorecer essencialmente o surto proprio das qualidades femininas. Destinadas, alem das funções maternas, a constituirem espontaneamente os *auxiliares domesticos de todo poder espiritual*, apoiando pelo sentimento a *influencia pratica da inteligencia* para modificar *moralmente* o

reinado natural da força material, as mulheres achão-se colocadas cada vez mais nas condições mais apropriadas para essa importante missão, em virtude do seu izolamento mesmo das especialidades ativas, que lhes facilita um judicioso exercicio *da sua doce intervenção modificadora*, ao mesmo tempo que os seus *interesses proprios estão assim ligados necessariamente ao triunfo da moralidade universal*. Si fosse possivel que a pozição delas mudasse a esse respeito e elas se tornassem as *iguais* dos homens em lugar de *companheiras* destes, creio que as qualidades que lhes atribuis com justiça serião muito menos dezenvolvidas: a pequena sagacidade instantanea delas, por exemplo, tornar-se-ia quazi esteril logo que, cessando de ser passivas sem ser indeferentes, elas devessem conceber e dirigir em lugar de contemplar e aconselhar *sem responsabilidade séria*.

« Do resto, para filozofos verdadeiramente pozitivos, que sabem até que ponto, em todos os generos, a nossa influencia sistematica deve limitar-se a modificar sabiamente o exercicio das leis naturais sem jamais pensar em mudar radicalmente o carater e a direção que lhes são proprios, a imensa experiencia já consumada, a este respeito, pelo conjunto da humanidade, deve ser, parece-me, plenamente decisiva, porque sabemos o que valem filozoficamente as declamações teatrais sobre o pretenso abuzo da força por parte do sexo masculino. Quando mesmo a apreciação anatomica não tivesse ainda suficientemente esboçado a demonstração explicita da superioridade organica da nossa especie sobre o resto da animalidade, o que, com efeito, não se tornou possivel sinão muito recentemente, a exploração fiziologica não deixaria, a este respeito, duvida alguma, em virtude só do acendente progressivo obtido pelo homem. O mesmo dá-se, mais ou menos, na questão dos sexos, conquanto em grau muito menor; porque, como explicar de outro modo a constante subalternidade social do sexo feminino? A singular rebelião organizada em nossos dias em proveito das mulheres, mas não por elas, não fará por certo sinão confirmar finalmente essa universal experiencia, conquanto esse grave incidente da nossa anarchia produza aliás momentaneamente consequencias deploraveis, quer privadas, quer publicas. A massa da nossa especie esteve longo tempo mergulhada por toda parte em uma condição social muitissimo inferior áquela

pela qual hoje são lastimadas as mulheres; porem ela soube, desde o principio da idade-média, subtrahir-se gradualmente quanto ás populações de elite a tal situação, porque essa abjeção coletiva, condição temporaria da antiga sociabilidade, não se ligava realmente a nenhuma diferença organica entre os dominantes e os dominados. Mas, pelo contrario, a sujeição social das mulheres será necessariamente indefinida, conquanto cada vez mais conforme ao tipo moral universal, porque repouza diretamente sobre *uma inferioridade natural que nada póde destruir* e que é mesmo mais pronunciada no homem do que nos outros animais superiores. Tornando as mulheres cada vez mais apropriadas para a sua verdadeira destinação geral, estou convencido que a *regeneração moderna as chamará mais completamente á vida eminentemente domestica que lhes compete*, da qual a dezordem inseparavel da grande tranzição as desviou, creio eu, momentaneamente a diversos respeitos secundarios. O movimento natural da nossa industria tende certamente a fazer gradualmente passar para os homens profissões por muito tempo exercidas pelas mulheres; e essa dispozição espontanea não é, a meu ver, sinão um exemplo da tendencia crecente de toda a nossa sociabilidade a interdizer ás mulheres todas as ocupações que não são suficientemente conciliaveis com a destinação domestica que lhes é peculiar, e cuja importancia torna-se cada vez mais preponderante. Isto está bem longe, como sabeis, de lhes interdizer uma grande e util participação indireta no conjunto do movimento social, que sómente jamais póde ser conduzido por elas, mesmo *quanto ao surto essencial das opiniões e dos costumes que as interessão especialmente*. Qualquer outra maneira de conceber a sua pozição, e por consequencia os seus deveres e os nossos, seria realmente tão contraria, pelo menos, á sua propria felicidade como á harmonia universal. Si, da atitude de *protetores das mulheres*, os homens passasem em relação a elas para a situação de rivalidade, elas tornar-se-ião, creio eu, extremamente desgraçadas, pela impossibilidade necessaria em que elas se acharião em breve de sustentar tal concurrencia, diretamente contraria ás suas condições de existencia. Creio pois que aqueles que *as amão sinceramente*, que *dezejão ardentemente* o mais completo surto possivel das faculdades e das funções que lhes são peculia-

res, devem almejar que esas utopias anarchicas nunca sejão exprimentadas. » (*Ibidem*, ps. 183-191. Carta de 5 de Outubro de 1843.)

« Creio dever, todavia, pela ultima vez, retomar sumariamente os principais artigos da vossa carta, afim de caraterizar melhor do que o pude fazer até aqui, os pontos essenciais de opozição, a um tempo logica e sientifica, assim constatados entre nós a tal respeito.

....

« ... Sem duvida, como o dizeis, reagindo contra as aberrações filozoficas do ultimo seculo, os pensadores contemporaneos forão conduzidos por vezes a exagerar em sentido inverso: assim Gall, realçando dignamente a influencia preponderante do organismo primordial, descurou demaziado a da educação, tão abuzivamente preconizada por Helvetius. Mas, embora a verdade esteja seguramente entre ambos, ela está longe, a meu ver, de consistir no justo meio, e acha-se muito mais perto da opinião atual do que da precedente.

....

« ... Lamento muito que os graves defeitos de coordenação inherentes á obra de Gall tenhão chocado um espirito tão metodico como o vosso, a ponto de impedirem até aqui que aprecieis a realidade fundamental das suas demonstrações essenciais, abstraindo de toda localização irracional ou prematura. Talvez ficasseis, menos descontente, a este respeito, com a sua grande obra primitiva (*Anatomia e Fiziologia do sistema nervozo em geral e do cerebro em particular*, in-4º), conquanto essa leitura seja provavelmente anatomica demais para o vosso fim.

« Porem as mesmas idéias-mãis se vos aprezentarião sob melhor fórma logica nos trabalhos mais sistematicos de Spurzheim, isto é, as *Observações sobre a frenologia*, o *Ensaio filozofico sobre as faculdades morais e intelectuais*, a obra *sobre a educação*, e mesmo á relativa *á loucura*, o que constitûi sómente ao todo quatro volumes finos em 8º, facilmente legiveis em uma ou duas semanas. Sem que a subordinação dos sexos seja ahi diretamente examinada, póde-se todavia considerar essa doutrina como tendo já suficientemente estabelecido, tanto pelo menos quanto a biologia o póde fazer por si só, o principio fundamental da jerarchia domestica. Antes que a filozofia biologica houvesse convenientemente surgido sob Vic-d'Azir e

Bichat, e sobretudo independentemente da fiziologia cerebral, uma obra estimavel, embora pouco eminente, talvez util de reler-se hoje, tinha já tentado fundar esse principio sómente na consideração preponderante da destinação fizica: é o pequeno tratado de um medico de Montpellier (Roussel), intitulado: *Sistema fizico e moral da mulher*, publicado em 1775 sob o impulso sientifico dos trabalhos de Bordeu, o grande precursor de Bichat.

« A biologia comparada parece-me aliás não deixar hoje neste assunto duvida alguma essencial. Seguindo, por exemplo, as lições de M. de Blainville, conquanto ele não tenha em vista expressamente nenhuma teze a tal respeito, é impossivel não ver sobresahir do conjunto dos estudos animais a lei geral da *superioridade do sexo masculino em toda parte superior da jerarchia viva;* seria precizo decer até os invertebrados para achar, e ainda muito raramente, notaveis eceções a essa grande regra organica que aprezenta, além disso, a diversidade dos sexos como crecendo com o grau de organização. Estou pois longe de consentir, a este respeito, em abandonar as considerações biologicas, embora considere a apreciação sociologica como podendo bastar izoladamente para a constatação direta dessa importante noção; porém as inspirações biologicas devem então servir sobretudo para bem dirigir as especulações sociologicas, que, nesse assunto, bem como a qualquer outro titulo elementar, parecem-me não dever oferecer sinão uma sorte de prolongamento filozofico dos grandes teoremas biologicos.

« Quanto á apreciação sociologica, separadamente encarada, não posso conceder-vos de fato que o meio inglez seja mais favoravel ao dezenvolvimento intelectual e moral das mulheres do que o meio francez. Abstraindo de toda van inspiração de nacionalidade, de que sabeis certamente que sou em extremo independente, creio, pelo contrario, que as senhoras devem dezenvolver-se melhor em França, por isso mesmo que vivem em mais completa sociedade com os homens. Essa diversidade entre nós não é aliás sinão a consequencia de uma outra mais geral, consistindo em que a constituição social parece-vos até aqui desfavoravel ao dezenvolvimento feminino, ao passo que ela se me afigura muito apta para cultivar as qualidades peculiares ás mulheres. De resto, não sou em nada competente para contestar a vossa observação sobre as cazas

inglezas; mas creio que confundis demaziado a simples *administração* domestica com o verdadeiro *governo* geral da familia. Em todo o ocidente europeu, creio que, como na Inglaterra, as cazas são administradas pelas mulheres; mas por toda parte tambem, salvo as anomalias individuais, são os homens que governão os negocios comuns da familia.

« Não posso sobretudo admitir a vossa comparação da condição das mulheres com a de especie alguma de escravos. Eu não tinha indicado esse confronto sinão afim de prevenir uma objeção assás natural que tendia a infirmar indiretamente a minha concluzão sobre a passagem do fato para o principio. Mas, comparando diretamente os dois cazos, parece-me que, desde o estabelecimento da monogamia, e sobretudo na sociabilidade moderna, a denominação de servidão seria extremamente vicioza para caraterizar o estado social das *nossas doces companheiras*, e por consequencia não posso de modo algum aceitar o paralelismo historico das variações simultaneas de duas situações tão radicalmente heterogeneas. A venda e a imposse são os dois principais caracteres de toda escravidão; ora, eles não pudérão por certo jámais aplicar-se ás Ocidentais dos cinco ultimos seculos.

« Quanto ao progresso que, ha um seculo, se operaria gradualmente para a emancipação feminina, confesso que não creio de modo algum nele, nem como fato, nem como principio. Os nossos autores femininos não parecem-me em nada superiores, na realidade, a M^me^ de Sévigné, a M^me^ de Lafayette, a M^me^ de Motteville, e ás outras damas notaveis do decimo-setimo seculo: não posso dizer si o mesmo acontece na Inglaterra. A mulher que, sob um nome de homem * tornou-se hoje tão deploravelmente celebre entre nós, parece-me, no fundo, muito inferior, não sómente em conveniencias, mas mesmo em originalidade feminina, á maioria desses estimaveis tipos.

« Não vejo, na realidade, outro acrecimo notavel sinão do numero e da fecundidade material dessas literatas, como Molière o tinha provavelmente previsto; duvido porem que haja nisso um verdadeiro progresso. Esse movimento consiste sobretudo em uma crecente devassidão, que parece-me uma consequencia (ou antes face) deploravel,

* George Sand. — R. T. M.

porem muito natural, da nossa universal anarchia mental, desde a inevitavel decadencia dos franzinos fundamentos que a teologia fornecêra provizoriamente ao conjunto das grandes noções morais e sociais. Alem de que essa parte do abalo negativo deve ter se achado especialmente favorecida por energicas paixões, não teve ela de lutar sinão *contra a parte mais fraca talvez da sociabilidade teologica;* porque, o que haverá de mais estupido do que fundar a jerarchia domestica na costela supra-numeraria de Adão? É de espantar que principios tão levianamente constituidos não tenhão podido rezistir ao choque de uma anarchia apaixonada? Mas o discredito momentaneo deles não prova realmente sinão a necessidade de estabelecê-los melhor. A esse respeito, as deploraveis discussões assim levantadas, conquanto essencialmente desprovidas ainda de oportunidade logica, alem de serem desgraçadamente inevitaveis, terão pelo menos a utilidade de obrigar a aprofundar melhor os motivos intimos dessa indispensavel coordenação domestica. A rebelião atual das mulheres, ou antes *de algumas mulheres*, não terá finalmente outro rezultado sinão fazer sobresahir experimentalmente a realidade insuperavel do principio fundamental de semilhante subordinação, *que deve depois reagir profundamente sobre todas as partes da economia social;* mas essa util concluzão será assim comprada á custa de muitas desgraças publicas e privadas, que uma marcha mais filozofica teria evitado, si tal *racionalidade* fosse hoje possivel. Si essa dezastroza igualdade social dos dois sexos fosse jamais realmente tentada, ela perturbaria logo radicalmente as condições de existencia do sexo que se quer favorecer, e em relação ao qual a proteção atual que *precisa sómente ser completada regularizando-a*, achar-se-ia então convertida em uma concurrencia impossivel de sustentar habitualmente. Tal assimilação tenderia aliás moralmente a destruir o principal encanto que nos arrasta hoje para as mulheres, e que, sendo rezultante de uma suficiente harmonia entre a diversidade social e a diversidade organica, supõe as mulheres em uma situação essencialmente passiva e especulativa, que não *póde aliás impedir a justa participação delas em todas as grandes simpatias sociais.*

« Si tal principio de repulsa pudesse ser levado até o seu extremo limite natural, ouzo avançar que ele se

aprezentaria como diretamente oposto á reprodução da nossa especie, o que traz novamente, a este respeito, o ponto de vista biologico mais intimamente ligado ahi do que alhures ao ponto de vista sociologico.

« Tudo isso vos parecerá talvez demaziado extenso para uma discussão que considero como provizoriamente terminada; mas, por esse motivo mesmo, fazia empenho em caraterizar melhor as nossas principais dissidencias. De resto, embora sem rezultado atual, estou longe de lamentar que a tivesseis travado, porque ela terá servido muito para fazer-me sentir os pontos essenciais para os quais deve sobretudo convergir, no meu proximo tratado, o meu esforço de demonstração estatica no tocante a um principio que, apezar da sua natureza eminentemente elementar, é ainda tão profundamente menosprezado por um espirito tão superior e tão dignamente preparado. Permiti-me, porem, esperar, em virtude da minha propria experiencia anterior, que essa situação da vossa inteligencia não constitua verdadeiramente sinão uma ultima faze passageira da tranzição negativa peculiar ao nosso tempo. Restar-me-ia sómente explicar porque essa faze durou mais tempo para vós do que para mim, por motivos, até aqui pouco apreciaveis, inherentes quer ás nossas organizações, quer porventura tambem ás nossas educações, quer sobretudo, prezumo eu, ás nossas pozições respetivas. » (*Ibidem*, ps. 197-206—Carta de 14 de Novembro de 1843.)

Pouco tempo depois dessa carta, as relações do nosso Mestre com Stuart Mill conduzirão-no a fazer o conhecimento da Familia Austin. * Dahi rezultou uma correspondencia epistolar com Sarah Austin. Vamos extrahir de tais documentos os trechos que caraterizão as reações morais provenientes do trato com essa ilustre Senhora.

Antes, porem, de similhantes extratos, convem mencionar algumas passagens do *Discurso sobre o espirito pozitivo*, que serve de preambulo ao TRATADO DE ASTRONOMIA POPULAR, e foi publicado á parte em fins de Fevereiro de 1844. Esse discurso reprezentava a lição de abertura do *Curso de Astronomia* que o nosso Mestre fazia desde 1830 na Mairie do *III arrondissment* de Paris, com o intuito de difundir o Pozitivismo entre o Proletariado. Em 1844 similhante *lição* foi dividida em quatro

* Vide o opusculo *Uma Vizita aos Logares Santos do Pozitivismo*, p. 148.

sessões orais, em lugar da sessão de tres ou quatro horas do ano precedente. Sarah Austin assistiu, com o seu marido John Austin, a essas sessões, e foi provavelmente ahi que teve o ensejo de conhecer as opiniões do nosso Mestre acerca do sexo feminino. (CARTAS A STUART MILL, p. 220.)

Eis as passagens a que nos referimos:

« ... a tendencia sistematica que acabamos de apreciar no espirito pozitivo adquire enfim toda a sua importancia, porque indica nele *o verdadeiro fundamento filozofico da sociabilidade humana*, pelo menos no que esta depende da inteligencia, cuja *influencia capital, embora de modo algum excluziva, não póde ser contestada*. É, com efeito, o mesmo problema humano, em graus diversos de dificuldade, constituir a unidade logica de cada entendimento izolado ou estabelecer uma convergencia perduravel entre entendimentos distintos, e cujo numero não póde essencialmente influir sinão sobre a rapidez da operação. (DISCURSO SOBRE O ESPIRITO POZITIVO, p. 26).

« O *dogma do progresso* não póde pois tornar-se suficientemente filozofico sinão mediante uma exata apreciação geral do que constitúi sobretudo *esse melhoramento contínuo da nossa propria natureza, principal objeto da progressão humana*. Ora, a este respeito, o conjunto da filozofia pozitiva demonstra plenamente, como se póde ver na obra indicada no principio deste Discurso,* que tal aperfeiçoamento consiste essencialmete, *quer para o individuo, quer para a especie*, em fazer cada vez mais prevalecer os eminentes atributos que mais distinguem a nossa humanidade da simples animalidade, isto é, por um lado a *inteligencia*, por outro lado a *sociabilidade*, faculdades naturalmente solidarias, que se *servem mutuamente de meio e fim*. Conquanto o curso espontaneo da evolução humana, *pessoal ou social*, dezenvolva sempre a sua comum influencia, o *acendente combinado* desses dois atributos não póde todavia chegar ao ponto de impedir que a nossa principal atividade derive habitualmente dos pendores inferiores, que a nossa constituição real torna necessariamente muito mais energicos. Assim, essa ideal preponderancia da nossa humanidade sobre a nossa animalidade preenche naturalmente as condições essenciais de um verdadeiro *tipo* filozofico, caracterizando um *limite* determinado, do

* Essa obra é o SISTEMA DE FILOZOFIA POZITIVA. R. T. M.

qual todos os nossos esforços devem aproximar-nos constantemente, sem poder todavia atingi-lo jamais. » (*Ibidem*, p. 60.)

« ... Si, apezar de ativos principios de dezordem, a moralidade pratica tem melhorado realmente, esse feliz rezultado não póde ser atribuido ao espirito teologico, então degenerado, pelo contrario, em um perigozo dissolvente: ele é essencialmente devido á ação crecente do *espirito pozitivo*, já eficaz *sob a sua fórma espontanea*, que consiste no *bom senso universal*, cujas sabias inspirações secundárão o impulso natural da nossa civilização progressiva para combater utilmente as diversas aberrações, sobretudo as que emanavão das divagações religiozas. * Quando, por exemplo, a teologia protestante tendia a alterar gravemente a instituição do cazamento pela consagração formal do divorcio, a *razão publica* neutralizava muito os seus funestos efeitos, impondo quazi sempre o respeito pratico dos costumes anteriores, *unicos conformes ao verdadeiro carater da sociabilidade moderna.* » (*Ibidem*, p. 67.)

« ... Em virtude da teoria pozitiva da humanidade, irrecuzaveis demonstrações, *apoiadas sobre a imensa experiencia que possúi agora a nossa especie*, determinarão exatamente a influencia real, direta ou indireta, privada e publica, peculiar a cada *ato*, a cada *habito*, e a cada *pendor* ou *sentimento*; donde rezultarão naturalmente, como outros tantos corolarios inevitaveis, as regras de conduta, quer gerais, quer especiais, *mais conformes á ordem universal*, e que, por consequencia, deverão achar-se *ordinariamente mais favoraveis á felicidade individual*. » (*Ibidem*, p. 70.)

« ... E' impossivel que tal coordenação (pozitiva) dezenvolvendo familiarmente as *idéias de ordem e de harmonia*, sempre ligadas á humanidade, não tenda a moralizar profundamente, não sómente os *espiritos de elite*, mas tambem a *massa das inteligencias*, que deverão participar todas mais ou menos, dessa grande iniciação, mediante um sistema conveniente de educação universal

« Uma apreciação mais intima e mais extensa, a um tempo pratica e teorica, reprezenta o *espirito pozitivo* como sendo, pela sua natureza, o unico suscetivel de

* *Religiozo* aqui é sinonimo de *teologico*. R. T. M.

dezenvolver diretamente o *sentimento social*, baze primordial necessaria *de toda sua moral.* » (*Ibidem*, ps. 71-72.)

« . . . Os sentimentos benevolos e dezinteressados, que são peculiares á natureza humana, deverão, sem duvida, manifestar-se atravez de tal regimen (teologico), e mesmo, a certos respeitos, sob o seu impulso indireto; mas, conquanto o surto deles não tenha podido ser assim comprimido, o seu carater deve ter recebido então uma grave alteração, que *provavelmente não nos permite ainda conhecer plenamente a sua natureza e a sua intensidade, por falta de um exercicio proprio e direto.* Ha todo lugar de prezumir aliás que esse habito continuo de calculos pessoais em relação aos mais caros interesses do crente dezenvolveu, no homem, mesmo a qualquer outro respeito, por via de afinidade gradual, um ecesso de *circunspeção*, de *previdencia*, e finalmente de *egoismo*, que a sua organização fundamental não exigia, e que desde então poderá diminuir um dia sob um melhor regimen moral. Seja o que fôr de tal conjetura, fica incontestavel que o pensamento teologico é, por sua natureza, *essencialmente individual*, e jamais *diretamente coletivo.* Aos olhos da fé, * sobretudo monoteica, a vida social não existe, por falta de um *fim que lhe seja peculiar;* a sociedade humana não póde então oferecer imediatamente sinão uma simples *aglomeração de individuos*, cuja reunião é quazi tão fortuita como passageira, e que, ocupados cada um com a sua unica salvação, não concebem a participação na salvação de outrem sinão como um poderozo meio de melhor merecer a sua propria, obedecendo ás prescrições supremas que impuzerão tal obrigação. A nossa respeitoza admiração será sempre bem devida seguramente á prudencia sacerdotal que, sob o feliz impulso de um instinto publico, soube tirar por muito tempo uma alta utilidade pratica de tão imperfeita filozofia. Mas esse justo reconhecimento não póde ir ao ponto de prolongar artificialmente esse regimen inicial além da sua destinação provizoria, quando já chegou enfim a idade de uma economia mais conforme ao conjunto da nossa natureza *intelectual e afetiva.*

« O espirito pozitivo, ao contrario, é diretamente social,

* E' evidente que o nosso Mestre se refere á *fé teologica*, pois existe uma *fé pozitiva*. R. T. M.

tanto quanto possivel, e sem esforço algum, em consequencia mesmo da sua realidade carateristica. Para ele, o homem propriamente dito não existe, *só póde existir a humanidade*, pois que todo o nosso dezenvolvimento é devido á sociedade, a qualquer respeito que se o encare. Si a idéia de *sociedade* parece ainda uma *abstração* da nossa inteligencia, é sobretudo em virtude do antigo regimen filozofico; porque, a dizer a verdade, é á idéia de *individuo* que tal carater pertence, pelo menos na nossa especie. O conjunto da nova filozofia tenderá sempre a fazer sobresahir, tanto na vida ativa como na vida especulativa, a *ligação de cada um para com todos*, sob uma multidão de aspetos diversos, de modo a tornar involuntariamente familiar o sentimento intimo da solidariedade social, convenientemente extendida a todos os tempos e a todos os lugares. Não sómente a ativa pesquiza do bem publico será incessantemente reprezentada como o modo mais apropriado *para assegurar commumente a bem-aventurança privada*: mas, por uma influencia a um tempo mais direta e mais pura, finalmente mais eficaz, *o mais completo exercicio possivel dos pendores generozos tornar-se-á a principal fonte da felicidade pessoal, quando mesmo tal exercicio não devesse proporcionar eccepcionalmente outra recompensa sinão uma inevitavel satisfação interior*. Porque, si, como não se póde duvidar, a ventura rezulta sobretudo de uma sabia atividade, *ela deve depender principalmente dos instintos simpaticos*, embora a nossa organização não lhes conceda ordinariamente uma energia preponderante; visto como os sentimentos benevolos são os unicos que pódem dezenvolver-se livremente no estado social, que naturalmente os estimula cada vez mais abrindo-lhes um campo indefinido, ao passo que tal estado exige, de toda necessidade, uma certa compressão permanente dos diversos impulsos pessoais, cujo surto espontaneo suscitaria conflitos contínuos. Nessa vasta expansão social, cada um encontrará a *satisfação normal dessa tendencia a eternizar-se*, que não podia a principio ser satisfeita sinão com o auxilio de iluzões doravante incompativeis com a nossa evolução mental. Não podendo mais prolongar-se sinão pela especie, o individuo será assim arrastado a *incorporar-se nela* o mais completamente possivel, ligando-se profundamente a toda a sua existencia coletiva, *não sómente atual, mas tambem pa-*

ssada, e sobretudo futura, de maneira a obter toda a intensidade de vida que comporta, em cada cazo, o conjunto das leis reais. Essa grande identificação poderá tornar-se tanto mais intima e mais bem sentida quanto a nova filozofia assina necessariamente *ás duas sortes de vida* uma mesma destinação fundamental e uma mesma lei de evolução, que consiste sempre, *quer para o individuo, quer para a especie*, na progressão contínua cujo alvo principal foi acima caraterizado, isto é, a tendencia a fazer, num cazo como no outro, prevalecer, tanto quanto possivel, o *atributo humano*, ou a *combinação da inteligencia com a sociabilidade*, sobre a animalidade propriamente dita. Os nossos sentimentos quaisquer não sendo dezenvolviveis sinão por um exercicio direto e sustentado, tanto mais indispensavel quanto menos energicos são eles no começo, seria aqui superfluo insistir mais, junto de quem quer que possua, *mesmo empiricamente*, um verdadeiro conhecimento do homem, para demonstrar a superioridade necessaria do espirito pozitivo sobre o antigo espirito teologico-metafizico, quanto ao surto proprio e ativo do instinto social. Essa preeminencia é de natureza tão sensivel que, sem duvida, a razão publica a reconhecerá suficientemente, muito tempo antes que as instituições correspondentes tenhão podido convenientemente realizar as suas felizes propriedades. » (*Ibidem*, ps. 73-76.)

« ... A escola pozitiva deverá pois achar naturalmente um acesso mais facil para o seu ensino universal, e uma mais viva simpatia para a sua renovação filozofica, quando puder convenientemente penetrar nesse vasto meio social (o proletariado). Ela deverá encontrar ahi, ao mesmo tempo, *afinidades morais* não menos preciozas do que essas *harmonias mentais*, em virtude dessa comum despreocupação material que aproxima espontaneamente os nossos proletarios da verdadeira classe contemplativa, pelo menos quando esta houver tomado enfim os costumes correspondentes á sua destinação social. Esta venturoza dispozição, tão favoravel á ordem universal quanto á verdadeira felicidade pessoal, adquirirá um dia muita importancia normal, mediante a sistematização das relações gerais que devem existir entre esses dois elementos extremos da sociedade pozitiva. » (*Ibidem*, p. 87.)

Refutando as alegações de que a difuzão da instrução nas camadas populares tenderia a dezenvolver a funesta

dispozição ao *desclassamento* universal, o nosso Mestre mostra que tal rezultado era peculiar ao ensino metafizico:

« ... Quanto aos estudos pozitivos, sabiamente concebidos e convenientemente dirigidos, não comportão de modo algum tal influencia: aliando-se e aplicando-se, pela sua natureza, a todos os trabalhos praticos, eles *tendem*, pelo contrario, a confirmar ou mesmo a inspirar o gosto por similhantes trabalhos, quer enobrecendo o carater habitual destes, quer adoçando as suas penozas consequencias; conduzindo aliás a uma san apreciação das diversas pozições sociais e das necessidades correspondentes, tais estudos dispõe a sentir que a *felicidade real é compativel com todas e quaisquer condições, contanto que sejão honoravelmente preenchidas e razoavelmente aceitas.* » (*Ibidem*, p. 89.)

Quando foi publicado esse DISCURSO, o nosso Mestre ofereceu um exemplar dele a Sarah Austin, que agradeceu-lhe nos seguintes termos:

« Domingo, 3 de Março.

« Mil graças, Senhor, pela vossa precioza lembrança; tres vezes mil graças, porque estou encarregada pelo meu marido e minha cunhada de pedir-vos que aceiteis as deles. Sabeis já quanto tudo que dizeis nos interessa; sabeis o profundo respeito que o vosso corajozo amor da verdade inspira a pessoas que amão tambem a verdade; respeito ao qual algumas diferenças de opiniões não prejudicarão nunca; — deveis ter visto, segundo espero, que a sorte dessa pobre especie humana os ocupa assás para tornar-lhes caro todo homem que procura verdadeiramente melhorá-la. Assim não precizais de modo algum seguranças do apreço que nós ligamos quer ao vosso livro, quer á vossa companhia.

« *Não tendes uma opinião muito alta sobre as mulheres*, bem o vejo, Senhor, e esse *nós* vos parecerá um pouco arrogante; porem dir-vos-ei que, já que o meu marido deu-me a honra de m'o conceder ha vinte e dois anos, não permito que homem algum, mesmo vós, Senhor, m'o conteste. Não tenho outro motivo de altivez sinão o de ter sido julgada digna de ouvi-lo, e capaz de compreendê-lo, — mas com isso, considero-me igual a quem quer que seja.

« Assim não julgueis que é como *mulher livre* que tomo a liberdade de falar-vos, de admirar-vos, e mesmo de dis-

cordar de vós, Senhor. Não tenho a minima pretenção de tal sorte.

« Vou pôr-me a traduzir os trechos admiraveis e salutares de que falei, e os enviarei ao meu caro filho John Mill — porque é isso que ele é para mim desde a idade de 14 anos... — Depois de ter vos dito graças, digo perdão, e suplico-vos, Senhor, que acrediteis no meu profundo respeito. »

SARAH AUSTIN.

O nosso Mestre respondeu no dia seguinte :

« SENHORA,

« Entrando hontem á noite muito tarde, achei em minha caza a encantadora carta pela qual tivestes a bondade de recompensar a minha pequena remessa, de que jamais teria ouzado esperar tal fruto. A atenção especial que contais conceder a esse trabalho aumenta a minha sincera gratidão pela vossa escrupuloza assiduidade ás minhas sessões iniciais. Lamento só que essa leitura não possa preencher bastante o vosso dezejo natural a respeito da passagem que tivestes a benevolencia de notar sobre os perigos do *desclassamento* quanto ao povo propriamente dito; porque, esse dezenvolvimento, espontaneamente ajuntado sob o impulso oral, não se achava na redação escrita um mez antes. Si todavia julgardes dever reproduzi-la, reporto-me inteiramente neste assunto, quer á exatidão das vossas lembranças, quer sobretudo á vossa inteligente simpatia, para suprir essa omissão, que a impressão em vós cauzada por esse incidente faz-me agora lamentar.

« A importante explicação inserida na vossa carta de hontem fornece-me, Senhora, uma feliz ocazião de justificar-me diretamente de uma sorte de reproche, que muito me afligiria, e que eu creio não ter jamais merecido, sobre a minha suposta tendencia a uma insuficiente apreciação do valor das mulheres em geral, e do vosso em particular. Conquanto eu esteja convencidissimo que o oficio social do vosso sexo deve permanecer essencialmente distinto do do nosso, para a felicidade normal de ambos, penso todavia ter rendido, e com viva satisfação, ás qualidades morais e mesmo intelectuais que são peculiares ás mulheres, uma exata justiça fundamental que, de resto, tornar-se-á natu- turalmente mais explicita no grande tratado especial sobre a filozofia social, que vou começar este ano. A condição

geral das mulheres na sociabilidade moderna, de acordo com os caracteres organicos delas, as torna, a muitos respeitos, especialmente proprias para melhor apreciar uma verdadeira renovação filozofica, *de sorte que se deveria desconfiar extremamente de um sistema de filozofia, sobretudo social, que não encontrasse, entre as mulheres, nenhuma profunda simpatia.* Sem remontar alem do nosso grande Descartes, não esquecereis jamais que, máu grado a natureza abstrata e austera das suas principais concepções, que deixavão demaziado fóra as questões sociais, forão realmente as mulheres as primeiras que o comprehendêrão e o protegêrão, por uma venturoza consequencia da situação delas a um tempo mais imparcial e mais desprendida dos preconceitos filozoficos. Talvez convenha contar pouco, entre essas generozas padroeiras, a celebre Cristina, provavelmente determinada sobretudo, nos passos que deu, pelo seu oficio de rainha; porem não se póde levantar duvida alguma sobre o zelo constante e dezinteressado da amavel princeza palatina, que, desde a origem, soube apreciar intimamente a grande revolução mental a que Descartes punha o selo. Quanto a mim, Senhora, ouzo assegurar que, nas cincoenta pessoas, mais ou menos, cuja profunda simpatia propuz-me, ha vinte anos, obter, na Europa, como a principal garantia e a mais nobre recompensa dos meus trabalhos filozoficos, sempre pensei que se acharia uma forte proporção de damas. Porem, alem dessa especie de confissão geral, devo sobretudo exprimir-vos, com doce reconhecimento, quanto me honra e me toca especialmente a aprovação deciziva que julgastes dever conceder-me essencialmente, apezar de inevitaveis divergencias. Sem ter ainda tido a satisfação de entreter-me comvosco tanto quanto o teria dezejado, espero que reconhecereis em mim bastante gosto e dicernimento para ter já apreciado o vosso eminente valor, a um tempo intelectual e moral. Não deixei de agradecer, com a minha sinceridade acostumada, ao nosso caro amigo John Mill, o ter-me proporcionado uma relação tão afortunada como a rezultante da nobre e cordial troca de pensamentos e sentimentos que já operou-se da minha parte para comvosco e o vosso digno espozo. Embora a minha vida seja bem solitaria, eu tinha tido antes muitas ocaziões de conhecer damas verdadeiramente distintas *pelo seu alcance intelectual*; mas *vós sois até aqui a unica*, Senhora, que me pro-

porcionastes a ventura de ver *reunida a delicadeza moral á elevação mental*. Aquelas nas quais eu encontrava bastante superioridade verdadeira para colocarem-se acima dos habitos *blue* * oferecião-me o grave dezapontamento de uma deploravel tendencia para as aberrações da *mulher livre*.

« Permiti-me, Senhora, que vos testemunhe o meu vivo reconhecimento pela satisfação que me proporcionastes enfim de contemplar a feliz reunião dos dois atributos que eu considero *como igualmente indispensaveis*, mas que estão *hoje quazi sempre em opozição*. Essa alternativa deploravel entre duas sortes de senões que me repugnão *igualmente* rezulta tão naturalmente do conjunto da vossa situação atual, que devo estar especialmente disposto a admirar a precioza natureza que, sem nenhuma afetação, afastou-se igualmente de ambos.

« Aceitai, Senhora, a segurança bem sincera do afetuozo respeito do

« Vosso devotado criado

AUGUSTO COMTE.

« Lunedia, 4 de Março de 1844. » **

Em carta da noite de 3 de Abril do mesmo ano (1844), Sarah Austin escrevia ao nosso Mestre :

....

« Neste momento não poderia siquer escutar-vos. Uma cara e precioza menina, a filha mais velha de M. Guizot, está, creio até demais, a morrer de pleurizia. Eu vou e venho. Fico lá, quando me querem ter ; choro, e rogo a Deus, duas coizas que vos parecerão igualmente estupidas.

« Será como quizerdes. Pensareis um pouco menos bem do meu espirito, — dezafio-vos porem de desprezar-me, — e sabeis si tenho horror de vós pela vossa anti-religiozidade. »

....

S. AUSTIN.

* A palavra *blue* em inglez, e seu correspondente *bleu* em francez, que literalmente quer dizer *azul*, é empregada para dezignar as chocantes qualidades que se dezenvolvem commumente nas *mulheres-autoras*. A origem de semilhante epiteto é muito contestada. Em todo cazo, a palavra *azul* não tendo essa acepção, parece-nos preferivel adotar as locuções ingleza ou franceza e os seus derivados a alterar o sentido do vocabulo portuguez. — R. T. M.

** *Revista Ocidental*, 2ª serie, tomo XVII, 1º de Novembro de 1898, ps. 135-141.

O nosso Mestre recebeu esta carta no dia seguinte, 4 de Abril, e respondeu imediatamente:

....

« Peza-me muito que a saude de M. Austin se tenha perturbado outra vez, e não conto por consequencia gozar hoje, em caza de M. Grote, da sociedade de nenhum de vós tres. * Quanto a vós, Senhora, simpatizo profundamente com a melancolica situação em que vos achais agora colocada, e sinto quanto deveis estar absorvida pelos cuidados afetuozos que ela vos impôz e que vos convêm tão bem. Sabeis que as doces tendencias da vossa alma não são menos apreciadas por mim do que as raras qualidades da vossa inteligencia. Mas permití-me, Senhora, que eu me queixe um pouco da injustiça que acaba de escapar da vossa pena a propozito das emoções que vos agitão, e que me acuzais de ignorar ou desdenhar. Eu tambem sei chorar, crêde-me bem, não só de admiração, mas ainda de dor, sobretudo simpatica. Quanto á reza, não é realmente sinão uma fórma especial, no regimen antigo, de emoções estaticas ou inspirações gerais *cujo fundo indestrutivel pertencerá sempre á natureza humana*, tornem-se o que tornarem-se os seus habitos mentais. Quanto mais vivo, Senhora, mais tenho o ensejo de sentir que os filozofos pozitivos, *obrigados a conceber o homem tal qual ele é, e sob todos os modos quaisquer peculiares á sua existencia total*, são os unicos que pódem render plena justiça aos seus adversarios ou aos seus concurrentes, pelos quais não devem esperar ser tão equitativamente apreciados. Os estreitos habitos rezultantes da *religiozidade* ** levão a crêr que as emoções, e mesmo as concepções da nossa natureza não pódem existir sem as vestes que tiverão de trajar durante a infancia da razão humana. Outra injusta prevenção da mesma fonte dispõe a encarar a san filozofia como incapaz de abraçar jamais aquilo que o seu dezenvolvimento *apenas nacente* não permitiu-lhe ainda formular, sobretudo quando a falta de assistencia das instituições correspondentes se junta aos inconvenientes de tal insuficiencia de surto. Mas eu sinto muito bem, *por mim mesmo*, que *todos os nobres sentimentos de amor e elevação* que a filozofia teologica

* Sarah Austin, o marido e a cunhada.— R. T. M.

** *Religiozidade* aqui é sinonimo de *teologismo*.— R. T. M.

dirigia ao seu modo *poderão tornar a encontrar sob outras fórmas um alimento ao menos equivalente no novo regimen especulativo.* Não é excluzivamente ás idéias vagas, arbitrarias e nebulozas que pertence a ecitação sistematica dos sentimentos ternos e generozos. A elaboração austera e metodica a que devotei a minha vida, para organizar um conjunto de concepções sem o qual nenhuma regeneração póde mais achar baze solida, não impediu-me nunca de experimentar elanços regulares de amor universal e de contemplação dezinteressada, tanto vivendo familiarmente entre os meus similhantes como na silencioza concentração das minhas noites filozoficas. Ora, é isso, sem duvida, o que oferece de real a situação moral e mental reprezentada ou entretida pela *reza* propriamente dita, quando se afastão as *faixas religiozas* [1] que não lhe são de modo algum indispensaveis. Permiti-me, pois, minha cara Senhora, que, protestando ternamente contra as vossas prevenções a tal respeito, vos anuncie que, *quando chegar o tempo de dezenvolver convenientemente o carater sentimental da filozofia nova*, os juizes tão concienciozos como vós não tardarão a reconhecer que *ela não teme*, sob esse aspeto mais do que sob o aspeto especulativo, a *comparação real* com a antiga maneira de filozofar. *Deus não é mais necessario no fundo para amar e para chorar do que para julgar e para pensar.*

Jovedia, 4 de Abril de 1844. *

Todo vosso
AUGUSTO COMTE. » [2]

Tais são os documentos que nos permitem julgar dos progressos morais que o nosso Mestre efetuára antes de experimentar a redentora influencia da nossa imaculada e terna Mãi Espiritual. O conjunto destes trechos parece-nos suficiente para demonstrar com quanta sincera exatidão o sublime Fundador do Pozitivismo julgava mais tarde a sua situação nesse momento. Tão comovente sentença rezume-se nas passagens seguintes, com as quais encerraremos a prezente introdução.

1 *Religiozo* aqui é sinonimo de *teologico*.— R. T. M.

* Nesse mesmo dia, tres anos depois (4 de Abril de 1847), o advento do dogma da Humanidade vinha realizar, no meio da mais patetica efuzão, essa incomparavel profecia.— R. T. M.

2 *Revista Ocidental*, 2ª serie, tomo XVIII, 1º de Janeiro de 1899, ps. 137-139.

Escrevendo, seis mezes depois da morte da sua idolatrada Inspiradora, a *Dedicatoria* do SISTEMA DE POLITICA POZITIVA, * o nosso Mestre lhe dizia:

« A minha obra fundamental consistiu sobretudo em estabelecer esse grande principio (da subordinação do espirito ao coração), de modo a preparar a sua justa aplicação contínua, *constituindo a irrevogavel preponderancia*, logica e sientifica, das *concepções sociais* sobre todas as outras ordens de especulações reais. É em virtude de simillhante baze que, segundo a destinação essencial da verdadeira filozofia, o tratado atual (*Politica*) procede diretamente á sistematização final de toda a existencia humana, pela subordinação necessaria do espirito para com o coração. Em verdade, o meu principal empenho deve limitar-se ahi a fazer livremente aceitar pelo proprio espirito simillhante imperio, cujo advento normal não póde dispensar essa ratificação volantaria. Mas poderia eu esperar nunca produzir nos outros uma *renovação tão dificil, sem que ela se me tivesse tornado primeiro profundamente familiar?* É assim, minha bem-amada, que eu devia especialmtnte experimentar *a precioza reação filozofica* de uma virtuoza paixão *privada*. » (SISTEMA DE POLITICA POZITIVA, I, *Dedicatoria*, ps. VI-VII.)

Na sua *Confissão* de 11 de S. Paulo de 61 (31 de Maio de 1849), o nosso Mestre dizia:

« Menos de seis anos depois da minha obra fundamental, *na qual o Pozitivismo parecia excluzivamente destinado aos pensadores sientificos*, eis ahi um Discurso decizivo, ** no qual, *contra a espectativa universal*, o seu conjunto repouza diretamente sobre a preponderancia contínua do coração, de *maneira a convir sobretudo para as mulheres*. Esse progresso sem exemplo, te é radicalmente devido, minha Clotilde, embora não tenhas podido, desgraçadamente, assistir a ele, nem quazi entrevê-lo, mau grado os meus infatigaveis anuncios. *Uma paixão menos pura ou menos profunda ter-me-ia impedido de consagrar* assim a minha plenitude mental a sistematizar *definitivamente* o regimen normal do porvir. » (VOLUME SAGRADO, ps. 146-147).

* A 4 de Outubro de 1846.

** DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO, publicado em Julho de 1848. — R. T. M.

No *Prefacio* do primeiro volume da POLITICA POZITIVA, escrito a 23 de Aristoteles de 63 (jovedia, 20 de Março de 1851), Ele afirmava:

« ... Por isso tambem o meu principal pezar rezultará sempre da impossibilidade em que ela (Clotilde) ficou de assistir o dezenvolvimento decizivo dos imensos progressos que o pozitivismo deveu ao seu imortal acendente. Eles *surgirão* entretanto, no meio mesmo da minha justa exaltação inicial, como o testemunha já a minha carta filozofica de 2 de Junho de 1845, [1] cuja publicação vai mostrar a *primeira fonte privada das novas inspirações pozitivistas.*

« Desde essa estréa carateristica, as minhas concepções e as minhas fórmulas mais bem acolhidas emanárão sempre do meu culto intimo. Esta santa harmonia entre a vida privada e a vida publica, que tornar-se-á o privilegio pratico do pozitivismo, devia no começo dezenvolver-se em mim. Antes do fim do meu luto, ela dominou o meu curso decizivo de 1847, no qual a nova filozofia adquiriu a dignidade final de uma religião real e completa. O volume sistematico que dele rezultou, [2] no ano seguinte, determinou todos os outros progressos do pozitivismo religiozo. *A sua principal teoria emanou da sessão carateristica na qual eu tinha ouzado solenizar o primeiro aniversario da minha eterna viuvez, aprezentando a verdadeira doutrina feminina.* » (POLITICA POZITIVA, I, p. 10).

Na *Invocação Final* que serviu, quazi oito anos depois, * de santo coroamento a esse supremo monumento, o nosso Mestre volta á mesma apreciação:

« . . . A minha obra fundamental tinha irrevogavelmente desvendado a existencia composta e continua (a Humanidade) que domina cada vez mais o conjunto dos negocios terrestres. Ela havia mesmo *proclamado gradualmente* a preponderancia do coração sobre o espirito, como a unica fonte, espontanea ou sistematica, da

1 CARTA FILOZOFICA SOBRE A COMEMORAÇÃO SOCIAL, composta especialmente para Madame Clotilde de Vaux a propozito de sua festa, pelo autor do *Sistema de Filozofia Pozitiva*, publicada como complemento da *Dedicatoria* da POLITICA POZITIVA, ps. XXXIV-XXXIX. — R. T. M.

2 DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO, publicado em Julho de 1848. — R. T. M.

* 9 de Dante de 66 (24 de Julho de 1854).

harmonia humana. A *natureza* e o *destino* do *Gran-Ser* (a Humanidade) achando-se dest'arte revelados, *bastara*, para instituir a religião universal, que uma *santa ternura me tornasse assás familiar o principio fundamental a que acabara de chegar a minha primeira vida*. Eis como o dogma da Humanidade surgiu, *no aniversario inicial* [1] da nossa catastrofe, no curso decizivo [2] do qual deriva todo esse tratado. Quem quer que sentiu bem esta filiação deve agora reconhecer que é precizo fazê-la remontar até a dedicatoria que, alguns mezes antes, formulou a primeira manifestação de todos os germens de tal progresso. » (*Ibidem*, IV, ps. 546-547.)

Citaremos finalmente a seguinte passagem da correspondencia epistolar do nosso Mestre:

« Na vossa carta de domingo á tarde, recebida hoje de manhan, tocou-me especialmente a nobre apreciação em que precinto o juizo final da Posteridade pela minha santa colega eterna. Recentemente conquistei a este respeito uma segurança completa, reconhecendo que a sua glorificação moral está irrevogavelmente ligada á *convicção intelectual* da incontestavel superioridade da minha *Politica* sobre a minha *Filozofia*. Afim de melhor medir essa preeminencia decisiva, reli especialmente, nestes dias, a *melhor parte da Filozofia Pozitiva*, isto é, os tres capitulos extremos de *Concluzões gerais*, que não vira mais, ha quinze anos. Alem da sua sequidão moral, que me fez imediatamente ler um canto de Ariosto para reerguer-me, senti profundamente a sua *inferioridade mental* em relação ao *verdadeiro ponto de vista filozofico em que o coração estabeleceu-me plenamente*. Nenhum pensador digno poderá agora desconhecer tal contraste, nem, conseguintemente, esquecer a angelica influencia que o produziu, em virtude de uma filiação cujas fazes essenciais são todas nitidamente apreciaveis. » [3]

1 Conquanto Clotilde tivesse falecido no *domingo* 5 de Abril de 1846, o nosso Mestre refere-se ao *domingo* 4 de Abril de 1847. — R. T. M.

2 Lições da introdução do *Curso de Astronomia Popular*. — R. T. M.

3 Carta do Dr. Audiffrent, em 8 de S. Paulo de 69 (28 de Maio de 1857) — R. T. M.

Retrato de CLOTILDE DE VAUX (n. MARIE)
(Segundo uma miniatura colorida feita por sua Mãi,
depois do falecimento da Inspiradora
da Religião da Humanidade.)

O ANO SEM PAR, p. 111.

harmonia humana. A *natureza* e o *destino* do *Gran-Ser* (a Humanidade) achando-se dest'arte revelados, *bastava*, para instituir a religião universal, que uma *santa ternura me tornasse assás familiar o principio fundamental a que acabara de chegar a minha primeira vida*. Eis como o dogma da Humanidade surgiu, *no aniversario inicial* [1] da nossa catastrofe, no curso decizivo [2] do qual deriva todo esse tratado. Quem quer que sentiu bem esta filiação deve agora reconhecer que é precizo fazê-la remontar até a dedicatoria que, alguns mezes antes, formulou a primeira manifestação de todos os germens de tal progresso. » (*Ibidem*, IV, ps. 546-547.)

Citaremos finalmente a seguinte passagem da correspondencia epistolar do nosso Mestre:

« Na vossa carta de domingo á tarde, recebida hoje de manhan, tocou-me especialmente a nobre apreciação em que pre inte o juizo final da Posteridade pela minha santa colega eterna. Recentemente conquistei a este respeito uma segurança completa, reconhecendo que a sua glorificação moral está irrevogavelmente ligada á *convicção intelectual* da incontestavel superioridade da minha *Politica* sobre a minha *Filozofia*. Afim de melhor medir essa preeminencia decizivа, reli especialmente, nestes dias, a *melhor parte da Filozofia Pozitiva*, isto é, os tres capitulos extremos de *Concluzões gerais*, que não vira mais, ha quinze anos. Alem da sua sequidão moral, que me fez imediatamente ler um canto de Ariosto para reerguer-me, senti profundamente a sua *inferioridade mental* em relação ao *verdadeiro ponto de vista filozofico em que o coração estabeleceu-me plenamente*. Nenhum pensador digno poderá agora desconhecer tal contraste, nem, conseguintemente, esquecer a angelica influencia que o produziu, em virtude de uma filiação cujas fazes essenciais são todas nitidamente apreciaveis. » [3]

---

1 Conquanto Clotilde tivesse falecido no *domingo* 5 de Abril de 1846, o nosso Mestre refere-se ao *domingo* 4 de Abril de 1847. — R. T. M.

2 Lições da introdução do *Curso de Astronomia Popular*. — R. T. M.

3 Carta do Dr. Audiffrent, em 8 de S. Paulo de 69 (28 de Maio de 1857) — R. T. M.

Retrato de CLOTILDE DE VAUX (n. MARIE)
(Segundo uma miniatura colorida feita por sua Mãi,
depois do falecimento da Inspiradora
da Religião da Humanidade.)

O ANO SEM PAR, p. 141.

O ANO SEM PAR

ABRIL DE 1845 A ABRIL DE 1846

MEDITAÇÃO RELIGIOZA DO VOLUME SAGRADO

PREAMBULO

TORMENTOZA ESTRÉIA

CAPITULO UNICO

Outubro de 1844 a Maio de 1845

I

> Se cança de pensar e até de agir cançamos;
> Sómente amar não cança, e repetir que amamos.
>
> AUGUSTO COMTE, *Orações*.

Após uma luta dezesperadora, no cerebro que o Passado espontaneamente investira da elaboração teorica da religião final, o amor conseguiu triunfar da secular revolta do espirito. Tal foi, como vimos, * o rezultado da tempestuoza evolução que o nosso Mestre acabava de consumar, e que iniciára a sua faze deciziva em Outubro de 1844. Nesse momento afortunado, Ele encontrou, pela primeira vez, Clotilde, a divina Eleita da Humanidade para orgão supremo da cultura afetiva, que fórma o santo apanagio da Mulher. E esse encontro redentor constituiu, ao mesmo tempo, o premio inesperado do devotamento social do Pensador e o germen sorprehendente do preenchimento da sua missão. Porque essa dedicação, cauza primaria da sua elevação filozofica, não se limitára, conquistando o entuziasmo de Maximilien Marie, á conduzi-lo á prezença da sua futura Inspiradora. Tão gloriozo precedente dezenvolveu tambem, em todos os membros da egregia Familia do seu nobre dicipulo, as ternas afeições

* *Uma vizita aos lugares santos do Pozitivismo.*

que havião de adquirir no coração de Clotilde a sublime expansão indispensavel á salvação humana.

Desde esse encontro bem-aventurado, o Filozofo não pôde mais afastar o pensamento da Mulher em cuja alma imaculada e terna a Humanidade rezumira os sumos rezultados da sua graça. Sob o influxo dela, os preconceitos especulativos arruírão-se afinal, e o altruismo do nosso Mestre acabou por tomar o seu livre elance, em Fevereiro de 1845. Mas só em Abril do mesmo ano principiamos a encontrar os vestigios especiais dessa tocante acenção. E' d'ahi, como dissemos, [1] que datão mesmo as recordações consagradas nas suas *Orações*.

A primeira dessas lembranças é de Jovedia [2] 24 de Abril, data a que corresponde uma *imagem ecepcional*. Mas até hoje não conseguimos saber qual o epizodio de que se trata. Talvez entre os papeis do nosso Mestre se encontrem esclarecimentos a tal respeito. A segunda menção anterior á Correspondencia Sagrada é uma *imagem normal*, relativa ao Martedia 29 de Abril. Uma fraze do nosso Mestre permite conjeturar o que tal data assinala. Diz Ele na sua *Oração do meio do dia:*

« *Imagem de 29 de Avril 1845* — A vista completou o encanto do ouvido... *Gli occhi smeraldi!* » (VOLUME SAGRADO, p. 96.)

No dia seguinte o nosso Mestre inaugurava a Correspondencia Sagrada, com o seguinte bilhete:

Primeira Carta

Mercuridia 30 de Abril de 1845 (meio-dia).

SENHORA,

Sabendo, por experiencia, quanto é dificil não proseguir a leitura de *Tom Jones* quando por ventura se a começou não importa como, apresso-me em enviar-vos uma tradução que vos dispensará de saborear essa admiravel obra-prima atravez de uma indigna imitação. Como a obra original fica comigo, não me privareis de modo algum con-

1 *Uma visita aos lugares santos do Pozitivismo.*

2 Para a comprehensão das pessoas alheias á propaganda pozitivista, damos aqui os nomes que o Diretor da nossa Igreja, o Cid. Miguel Lemos propoz para os dias da semana, em substituição dos que são hoje vulgarmente uzados: — Lunedia, Martedia, Mercuridia, Jovedia, Venerdia, Sabado, Domingo.

servando este exemplar por tanto tempo quanto julgardes conveniente.

Tal apressuramento não póde ter outro valor sinão testemunhar-vos a satisfação que experimento em ser-vos agradavel.

Aceitai, Senhora, nesta ocazião a segurança bem sincera do afetuozo respeito do

Vosso devotado criado
Ate. COMTE.

Clotilde agradeceu imediatamente, com afetuoza modestia, essa manifestação de interesse, mostrando-se penhorada pela solicitude do Filozofo:

Segunda carta

Jovedia 1º de Maio de 1845.

As vossas bondades tornão-me bem feliz e bem orgulhoza, Senhor; e não me sinto com paciencia de esperar melhor ocazião para dizer-vos todo o prazer que cauzou-me *Tom Jones*.

Pois que a vossa superioridade não vos impede de fazer-vos tudo para todos, regozijo-me com a esperança de conversar convosco acerca dessa pequena obra-prima, e poder recolher por vezes no meu coração e no meu espirito os vossos belos e nobres ensinamentos.

Aceitai, Senhor, com a expressão de todo o meu reconhecimento, a da minha grandissima consideração.

DE VAUX, nacida MARIE.

Tal foi o inicio da santa união que devia redimir a Humanidade. A resposta do nosso Mestre a este graciozo bilhete já deixa transparecer o estado da sua alma:

Terceira carta

Venerdia 2 de Maio de 1845 (2 h. da tarde).

SENHORA,

Não posso tão pouco esperar até a venturoza ocazião de vos tornar a ver, para testemunhar-vos quanto tocou-me o preciozo acolhimento com que dignai-vos gratificar um leve sinal de atenção, apenas recomendavel por uma pressuroza oportunidade, aliás demaziado natural para convosco.

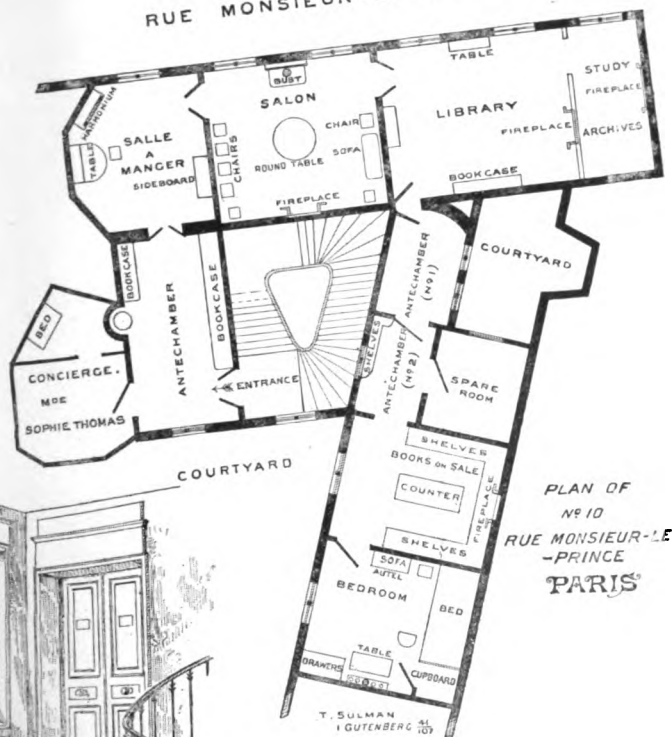
O apreço que tendes a benevolencia de ligar á minha conversação, anima-me a declarar-vos que eu veria com

muita satisfação multiplicarem-se tais relações tanto quanto o crerdes conveniente. Fui muitas vezes julgado pouco sociavel, por falta de achar, nos outros, uma dispozição de espirito, e sobretudo de coração, suficientemente em harmonia com a minha. Mas nem por isso apreciei sempre menos, no fundo, essa doce troca de sentimentos e pensamentos como a principal fonte da felicidade humana, quando as condições de tal comercio podem ser dignamente preenchidas. O confiante abandono que praz-me experimentar junto dos vossos pais deve indicar-vos assás a minha tendencia natural a saborear convenientemente o vosso amavel entretenimento. Alem da elevação de idéias e da nobreza de sentimentos que parecem peculiares a toda a vossa interessante familia, uma triste conformidade moral de situação pessoal constitûi ainda, entre vós e mim, uma aproximação mais especial.

Aceitai, Senhora, de novo a segurança bem sincera do afetuozo respeito do

Vosso devotado criado
Ate COMTE.

Ao receber esta carta, Clotilde mal suspeitava do abalo por que então passava a alma do nosso Mestre. Entretanto já a saude dele se resentia das duplas emoções que profundamente o agitavão. Depois de um letargo de trinta e dois anos, apenas interrompido pelos delirios da sua revolucionaria juventude, o seu coração despertava aos encantos do unico amor puro e profundo que comportava o seu destino. Por outro lado, a paixão social, que fôra em tão longo intervalo, o alimento quazi excluzivo do seu incomparavel altruismo, e o alivio dos seus acerbos infortunios domesticos, reclamava instantemente a sua solicitude filozofica. A situação moderna tornava-se cada vez mais grave, e Ele estava profundamente convencido que só dos seus trabalhos podia rezultar a regeneração humana. Depois de fundar a Filozofia Pozitiva urgia aplicá-la á solução do iniludivel problema que constituía o objetivo permanente das suas locubrações. Cada momento de demora era marcado por uma agravação revolucionaria que exigiria anos para a reparação.

Solicitado pelos sentimentos que assim tumultuavão no seu coração, o espirito do nosso Mestre ia e vinha da imagem suave e bela de Clotilde para as senas grandiozas

PARIS

Planta da casa da rua Monsieur-le-Prince n.º 10
(Esta planta foi feita pelo nosso confrade Thomas Sulman, da Igreja de Londres.)

O Ano sem par, p. 145.

do espetaculo social, sem poder repouzar em parte alguma. Apezar da energia indomavel de um carater sem rival, era-lhe impossivel dominar a tempestade tão cheia de seduções que lhe convulsionava a alma. Os esplendores com que a sua Filozofia fazia o Passado illuminar o Porvir erão ainda insuficientes para permitir descortinar com precizão o vago ideal que o afagava. Combatido por essas reações o corpo ia vergando sob os esforços titanicos para os quais não se achava proporcionado. Mas a esperança da vitoria final era tanto mais viva, quanto mais crecia o turbilhão sem exemplo de que era teatro aquele cerebro estupendo.

Este esboço da situação moral e mental do nosso Mestre em tal momento ficaria incompleto, si não lembrassemos que as magnanimas emoções e os nobres pensamentos que acabamos de indicar erão perturbados pelos apuros da iniqua perseguição material movida pelos sientistas.

No meio de todas essas inquietudes, o vulto meigo de Clotilde se tornava cada vez mais preponderante e mantinha a alma do Filozofo n'uma grata melancolia. Em vão, umas após outras, as suas ocupações e diversões diarias vinhão acastelar, em sua mente, as mais dolorozas perspectivas. A mavioza imagem se substituia involuntariamente a todas as sugestões de uma situação cheia de perigos, e se oferecia como si fosse a unica realidade entre tantas ameaças chimericas. Foi nesse deleitozo enlevo que Ele recebeu, no Martedia 13 de Maio, á tarde, onze dias depois da sua segunda carta, a gracioza vizita de Clotilde, com o seu irmão Maximilien Marie. O Filozofo achava-se então com duas pessoas desconhecidas para Ela, o que ainda contribuiu para aumentar a perturbação de Augusto Comte. Esta vizita foi a origem de uma das *imagens exepcionais* do culto intimo do nosso Mestre. *

* Esta vizita é indicada nas cartas quarta e quinta; mas ahi não está mencionada a circunstancia de Clotilde achar-se então com o seu irmão. A presença de Maximilien Marie é uma conjetura nossa, bazeada em uma informação que o Sr. San-Juan obteve do Sr. Laffitte. Disse este que tinha visto Clotilde uma unica vez, em caza do nosso Mestre, e em companhia de Maximilien Marie. Ora, das vizitas mencionadas no Volume Sagrado, essa é a unica que parece conciliar-se com tal informação. Demais não é crivel que duas pessoas desconhecidas para uma senhora conversassem sobre assunto que não a interesasse, si ela não estivesse acompanhada por alguem que alimentasse tal conversa. Esta observação parece-nos alias constituir, independentemente da informação citada, um indicio irrecuzavel em favor da nossa conjetura.

Mas a delicadeza afetiva do nobre Pensador fez-lhe nacerem escrupulos acerca da gentileza com que teria correspondido, nessa ocazião, a tão alta cortezia. Ao mesmo tempo o seu cavalheirismo se alarmava já com a possibilidade de molestar Aquela a quem só dezejava tributar homenagens que merecessem o mais grato acolhimento. Para aquietar, pois, os dignos melindres que o assaltavão, rezolveu confiá-los á generoza apreciação da criterioza Senhora:

Quarta carta

Mercuridia de manhan 14 de Maio de 1845 (7 h.)

SENHORA,

Alem do dezejo muito natural de vir agradecer-vos a vossa gracioza vizita, devo especialmente experimentar a urgencia de fazer-vos esquecer o mais depressa possivel a insipidez ou a insignificancia da minha recepção de hontem. Já, sem duvida, o vosso afortunado tato feminino, tão judiciozo quanto indulgente, terá espontaneamente explicado esse embaraço dezuzado, quer por um certo estado de indispozição, quer sobretudo pela prezença de duas pessoas que, sendo-vos desconhecidas, impelião a minha inexperiencia pratica a tornar a conversa demaziado vaga ou demaziado banal. Mas essa favoravel interpretação não póde compensar o dezapontamento de semilhante *soirée*.

Por maior que seja, porem, a importancia que ligo a vir excuzar-me diretamente, faço ainda maior empenho em não contrariar-vos, nem mesmo incomodar-vos. Si, pois, por qualquer motivo, que respeitaria sem procurar siquer penetrar, preferirdes só receber a minha vizita na caza dos vossos dignos pais, rogo-vos que tenhais a bondade de o declarar-me francamente, e saberei rezignar-me a tão imperfeita satisfação. Nesse cazo, como observei recentemente que a hora em que lá chegais agora coincide infelizmente com aquela em que devo naturalmente sahir, irei doravante depois do jantar, prezumindo que passais lá habitualmente a *soirée*: o dezarranjo que isso acarretaria assim aos meus habitos quazi constantes estaria em breve esquecido em favor do motivo.

Espero, Senhora, que esta pequena explicação, que convinha talvez provocar de uma vez por todas, não vos parecerá em nada indiscreta, e que a atribuireis sómente

PARIS

Entrada da Caza da rua Pavée n.º 24,
onde moravão os Pais e o Irmão de CLOTILDE e onde o
nosso Mestre conheceu a sua Inspiradora.

(O ANO SEM PAR, *p. 147*)

á respeitoza afeição de quem é com inteira dedicação vosso criado

ATE COMTE.

Antes de receber o bilhete em que Clotilde lhe respondia, [1] teve Augusto Comte ensejo de encontrar-se com Ela na rua Pavée, em caza dos seus Pais, no Venerdia 16 de Maio. [2] Ahi soube verbalmente das benevolas dispozições de Clotilde ao seu respeito. Ou fosse a influencia da emoção que a comunicação de similhante ventura lhe cauzára, ou fosse o simples rezultado da reação entuziastica da prezença dela, nesse dia, o nosso Mestre revelou a transformação deciziva que se acabava de operar na sua evolução. Agitava-se talvez, na intimidade daquela incomparavel reuniao familiar, a comparação entre os atributos superiores da natureza humana. E o Filozofo, que acabava de erigir o mais soberbo monumento intelectual e cujo genio constituia o assombro dos circunstantes, proclamou inopinadamente esta sentença carateristica: *não se póde pensar sempre, mas se póde amar sempre.*

Ao acento entuziastico dessa inesperada exclamação, um fremito de sorprendente admiração percorreu todos os corações como si assistissem uma maravilhoza transfiguração. E as fizionomias traduzírão ao Filozofo, em uma expressão sublime, as profundas reações que acabavão de produzir as suas palavras. Eis como, alguns anos mais tarde, Ele mesmo recordava esse patetico epizodio:

« ... O pozitivismo religiozo começou realmente em nossa precioza entrevista inicial do Venerdia 16 de Maio de 1845, quando o meu coração proclamou inopinadamente, perante a tua familia maravilhada, a sentença carateristica (*não se póde pensar sempre, mas se póde amar sempre*) que, completada, tornou-se a diviza especial da nossa grande compozição... » [3]

A revolta secular do espirito contra o coração terminava assim no cerebro investido da elaboração teorica da Religião final, pelo reconhecimento da supremacia sistematica

1 VOLUME SAGRADO — Carta de 17 de Maio de 1845.

2 *Imagem normal.*

3 VOLUME SAGRADO, p. 116 *Confissões*, Quinta Santa Clotilde, 31 de Maio de 1849. (11 de S. Paulo de 61) O nosso Mestre refere-se ao SISTEMA DE POLITICA POZITIVA, cujo DISCURSO preliminar SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO, publicado em Julho de 1848, trazia a diviza: *se cança de pensar e mesmo de agir; jamais se cança de amar.* — R. T. M.

do amor. O lema definitivo da reorganização social estava achado. Só restava tirar desse principio supremo todas as consequencias, morais, mentais, e praticas, que dele decorrem. Tal ia ser o objetivo da segunda carreira que se abria ao incomparavel Reformador. Mas, para que esse germen se dezenvolvesse, era ainda indispensavel uma gestação durante a qual as mais doces e as mais dolorozas emoções havião de confundir-se!...

Começa aqui a parte mais decziva e mais patetica da vida dos Santos Fundadores da Religião da Humanidade. Sob o influxo de um amor incomparavel, o nosso Mestre vai elevar-se gradualmente, dos limites da Filozofia, aos cavalheirescos idéais da Poezia; e dahi, ás beatitudes incecediveis da Santidade. Por seu lado, Clotilde vai patentear que os inestimaveis dotes da Mulher, em ternura e pureza, bastão, sem a minima exaltação mistica, para conduzir o coração masculino, dos arroubos de Dante aos extazes de S. Bernardo....

II

A grosseria do meu sexo me impunha, sem duvida, esta tempestuoza tranzição para acabar no puro estado de uma verdadeira amizade, que a delicadeza feminina vos permitia atingir diretamente sem nenhum preambulo de tal ordem.

(13ª carta de Augusto Comte a Clotilde.)

Clotilde achava-se completamente alheia aos profundos abalos de que era cauza involuntaria. Entretanto Augusto Comte experimentava, cada vez com maior violencia, os santos efeitos da sua paixão eccepcional. Ao entrar em caza, de volta da rua Pavée, Ele vinha possuido de uma ecitação agravada pelas insonias das noites precedentes. * A aurora de Sabado o encontrou ainda entregue aos seus melancolicos arroubos, a futurar venturas que jamais sonhára! O dia ia se escoando nessa indescritivel situação quando Ele recebeu o bilhete de Clotilde em resposta ao seu. Ahi Ela, entregando-se á sua afabilidade espontanea, comunicava ao Filozofo que teria prazer em testemunhar-lhe, quer na sua caza, quer na caza dos seus Pais, o valor que ligava ao interesse e á afeição que o nosso Mestre lhe mostrava.

* VOLUME SAGRADO, *Correspondencia*, p. 255.

Quinta Carta

Jovedia á tarde 15 de Maio de 1845.

Tendes um coração feito para comprehender o de uma mulher, Senhor, e não posso deixar de reconhecer a sinceridade com que me falais do que me concerne. E' com felicidade que aceito o interesse e a afeição que tiverdes a benevolencia de dar-me; e, em minha caza como na caza dos meus pais, espero provar-vos o apreço que ligo a isso. A minha situação izolada levou-me a receber raramente vizitas de homens; recebo-as entretanto algumas vezes, e será para mim uma honra contar-vos nesse numero. Sinão é demaziado dezinteressado, o oferecimento que tendes a bondade de fazer-me de ver-nos doravante á tarde, me é agradavel a mais não poder-se, e o será igualmente aos meus pais. Recebei pois de novo a segurança da minha gratidão pelas vossas bondades, e tratai-me um pouco como amiga velha.

Comprehendi perfeitamente as vossas boas intenções para comigo ante hontem á tarde; mas asseguro-vos, Senhor, que tive muito prazer em ouvir falar sobre a Academia, e que ha tambem um prazer muito grande em simplesmente escutar.

Recebei, Senhor, a expressão dos meus sentimentos de mais distinção e da minha muito perfeita consideração.

DE VAUX, nacida MARIE

E' facil imaginar a impressão que a leitura desse bilhete devia cauzar a Augusto Comte, no estado de exaltação a que havião atingido os seus sentimentos. Clotilde pensava apenas retribuir benevolamente as atenções com que um Filozofo respeitado pelo seu saber e o seu carater a distinguia. Entretanto acabava de provocar uma explozão que devia mergulhá-la no mais acerbo acabrunhamento. Afeito a patentear, áqueles a quem prezava, o fundo do seu coração, o nosso Mestre acreditou chegado o momento de revelar-lhe a natureza do afeto que Ela lhe inspirára. Quando menos esperava, Clotilde recebeu a ardente confissão do mais profundo amor. Ahi, Augusto Comte lhe dizia:

Sexta Carta

Sabado 17 de Maio de 1845 (1 h.)

MINHA CARA SENHORA,

Apezar do conhecimento verbal que inopinadamente

obtivera hontem das vossas benevolas dispozições, devia ligar muita importancia ao preciozo bilhete que acabo apenas de receber agora, quando mais não fosse afim de poder, á vontade, o reler tantas vezes quantas já o fiz com o precedente. Eu seria seguramente bem ingrato si não me apressurasse em testemunhar-vos fracamente o meu perfeito reconhecimento por isso. Sem esperar estritamente *essa venturoza autorização, já tinha*, é verdade, *espontaneamente cessado de combater o doce conjunto de sentimentos que gradualmente arrastou-me para vós*, e cujo surto importa tanto á justa satisfação da minha vida moral, até aqui demaziado comprimida exteriormente: porem a incerteza da vossa indulgente aprovação teria em breve sustado esse elance de um coração que recearia acima de tudo dezagradar-vos, enquanto não lhe tivesseis permitido consagrar-vos abertamente toda a intima afeição de um irmão mais velho. Já que, por desgraça minha, não posso tornar-me mais moço, porque não serieis vós, Senhora, menos bela e menos amavel, afim de compensar um pouco o fatal disparate existente entre o meu verdor moral e a minha madureza fizica! porem uma dessas alternativas não é, no fundo, mais possivel do que a outra... Espero, ao menos, que a pureza, a profundidade, e a constancia do meu devotamento concorrerão com a similhança natural das nossas situações para atenuar gradualmente esse obstaculo radical. Aos olhos de toda alma a um tempo pura e inteligente, colocados ambos involuntariamente em um mesmo estado ecepcional, *estamos moralmente autorizados* a achar nele, tanto quanto possivel, essa justa satisfação do coração que cada um de nós tem a plena convicção de haver em vão procurado lealmente e esperado por tempo demaziado longo na ordem regular. Oxalá possamos, um pelo outro, consegui-la dignamente!

Quanto reconhecimento já não vos devo por haverdes reanimado assim a minha vida moral graças ao impulso mais imprevisto, no tempo mesmo em que me vira obrigado a renunciar tristemente toda ventura dessa ordem! Sem duvida, os grandes sentimentos de amor universal em que entretêm-me habitualmente os meus trabalhos peculiares são deliciozos de experimentar-se: porem quanto á sua vaga energia filozofica está longe de bastar ás minhas verdadeiras exigencias de afeição! Nem vós, Senhora, por um lado, nem os meus adherentes especula-

tivos por outro, tereis jamais de temer aliás nenhum verdadeiro conflito entre duas ordens de emoções que sinto-me disposto a conciliar plenamente, e mesmo a fortalecer uma pela outra. Quando o nobre Vauvenargues disse: «Os grandes pensamentos vêm do coração», ele não sentia provavelmente toda a intima realidade desse apanhado instintivo. Estou bem certo, com efeito, que todas as altas aspirações, morais ou mentais, são espontaneamente solidarias, e estimulão-se mutuamente. A beleza fizica, a beleza moral, e a beleza intelectual, tornão-se reciprocamente mais bem apreciaveis pela sua intima afinidade gradual. Essa afortunada conexão entre o surto mental e o surto afetivo aplica-se, em geral, a todos os grandes trabalhos quaisquer, maugrado o que afirma a estulta austeridade dos nossos frios pedantes. Porem ela convem ainda mais aos trabalhos que, como os meus, diretamente relativos á filozofia social, propõe-se continuamente dezenvolver tanto quanto possivel a grandeza da natureza humana, a qual deve sobretudo *depender da generozidade dos sentimentos, mais mesmo do que da extensão das concepções*. É pois, minha encantadora amiga (já que vos dignais tolerar esse titulo), sem nenhuma van afetação sentimental, pouco conveniente ao meu carater, porem, em virtude de uma convicção tão arrazoada quanto intima, que felicito-me da venturoza coincidencia da doce ressurreição moral que vos devo com a elaboração nascente da minha segunda grande obra, * que, longe de sofrer com tal concurso, valerá certamente muito mais por isso, como já o indica a mim diretamente uma agradavel experiencia. Que preciozo contraste ela me oferece com o triste estado de compressão afetiva em que, a pezar meu, estava mergulhado quando comecei, ha quinze anos, a minha obra fundamental ** quazi inteiramente executada depois sob tão acabrunhadora impressão! Estou por tal modo compenetrado dessa salutar reação, que não hezitaria em endereçar-vos um dia a dedicatoria publica de um trabalho no qual tereis assim indiretamente cooperado, si respeitaveis conveniencias não me interdissessem similhante testemunho. Seja, porem, qual for o amigo que eu deva ulteriormente honrar com essa manifestação, uma secreta rezerva dirigirá sempre a melhor parte da minha intima gratidão para aquela que,

* Sistema de Politica Pozitiva. — R. T. M.
** Sistema de Filozofia Pozitiva. — R. T. M.

reanimando o surto dos meus mais doces sentimentos privados, houver, tão eficazmente secundado o meu impulso filozofico. Na verdade, enquanto uma situação tão inesperada não está ainda convenientemente assentada, essas preciozas emoções, essas efuzões intimas, essas lagrimas deliciozas, todo esse conjunto de afeições mais feito para sentir-se do que para descrever-se, contribuem hoje, no silencio das minhas longas noites, para prolongar momentaneamente a minha perturbação fizica passageira, já provocada pela primeira retomada dos meus tarbalhos essenciais: mas eu não trocaria de bom grado essas arrebatadoras insonias pela mais perfeita saude possivel. Estou aliás convencidissimo que as diversas condições indispensaveis dessa nova existencia não tardarão a ponderar-se e a coordenar-se espontaneamente, em comum proveito do meu trabalho, da minha felicidade, e mesmo da minha saude fizica, sem que devais nunca conceber a tal respeito nenhum escrupulo justo.

Estou encantado de que a minha proposta, muito menos dezinteressada do que o credes, de vermo-nos doravante á tarde em caza de vossos caros pais (ia quazi dizer *nossos*) lhes seja plenamente agradavel e a vós: não tardarei a começar a sua realização, que, em virtude das minhas sujeições pessoais, não póde todavia ter lugar sinão aos Mercuridias ou Venerdias, salvo os cazos ecepcionais. Talvez possa antes disso utilizar já a autorização mais doce que me concedestes, e de que saberei, segundo espero, sejão quais forem os meus votos, uzar sempre com a discreta moderação que o vosso izolamento requer.

Como tivestes a bondade de pensar em mim para o muzeu de Cluny, e que ainda lá não fostes, espero que me permitireis prevalecer-me assim de uma nova ocazião de feliz aproximação entre ambos, e que poderemos ir juntos, no instante que me indicardes, melhor avivar em nós, por preciozos sinais materiais, essas grandes lembranças, ao mesmo tempo tão nobres e tão ternas, de uma idade-média ainda demaziado pouco comprehendida, mau grado a afetação superficial das girias em moda.

Adeus, minha cara Senhora, cuidai melhor da vossa precioza saude, e aceitai de coração a afeição já profunda do

Vosso respeitozo amigo,

Ate COMTE.

10, rua Monsieur-le-Prince.

Devo recommendar-vos, em geral, o meu numero: olhando simultaneamente para ambas as vossas lindas mãos, não podereis esquecê-lo mais. Quando me dispunha a ir queixar-me no correio pela extranha demora do vosso caro bilhete, as informações prévias acabão de explicar-me o verdadeiro motivo de tal acidente, e que eu já devia desconfiar pelas diversas sobrecargas oficiais do endereço. Escrevendo o numero 5, em lugar do meu, ieis quazi outorgando uma demaziada felicidade a um estudante vizinho, que tem pouco mais ou menos o mesmo nome que eu; e devo sómente á benevola prudencia de um carteiro que me conhece o ter evitado esse fatal engano. O meu titulo politechnico oficial, * por mais insignificante que seja, tornar-se-me-ia doravante bem caro, si contribuisse para prevenir para sempre esse duplo dezastre, por um util acrecimo de indicações. Peço-vos que não me esqueçais junto de toda vossa ecelente familia. Espero que a fadiga dezuzada que experimentou hontem a vossa encantadora irman * não terá deixado, apezar do estado especial em que ela se acha, nenhuma consequencia dezagradavel.

E' com pezar que vos deixo, embora essa garatuja possa vos parecer um pouco longa.

Coração magoado por tantas deziluzões amargas, quem sabe a que tristes conjecturas e a que sombrios devaneios se entregava Clotilde quando recebeu esta carta. Ao conhecer, pela letra, o autor, talvez Ela esperasse achar na sua leitura uma consoladora diversão ás suas acerbas preocupações. Em meio dos seus infortunios era-lhe bem grato pensar que um dos maiores, sinão o maior dos contemporaneos, sabia comprehender a sua desventura e interessar-se pela sua digna felicidade. Com que doces emoções não teria pois aberto a honroza missiva e notado por ventura a sua dezuzada extensão...

Mas, já ás primeiras linhas, a alteração da sua fizionomia habitualmente tão suave e a expressão do seu vivo olhar devião traduzir o dezapontamento que lhe invadia

* Repetidor da Escola Politechnica e Examinador de admissão dos candidatos que se destinão a esse estabelecimento.—R. T. M.

* O nosso Mestre refere-se á cunhada de Clotilde, Mme. Maximilien Marie, tratada na Familia por Félicie. Ha aqui uma delicadeza de fraze que o portuguez não traduz; porque *cunhada* em francez é *bela-irman*, que Augusto Comte substitúi por encantadora irman.— R. T. M.

o animo. Que novos padecimentos lhe rezervaria o Destino?... E a terrivel interrogação de mais em mais se acentuaria a medida que ia percorrendo a extranha confidencia... Quantas vezes a teria interrompido, não mais pensando em si, mas no homem cuja desgraça estava ameaçada de cauzar involuntariamente. E assim, entretecendo as penozas agitações da sua alma com as apaixonadas expansões do seu entuziastico Adorador, ia urdindo a coroa do seu martirio. Ao terminar a doloroza leitura estava n'um profundo acabrunhamento. E, não querendo agravar a infelicidade de Augusto Comte com a repercussão das suas proprias dores, absteve-se de responder-lhe.

Do seu lado, o Filozofo entregava-se ás aprehensões inspiradas pela mais comovente espectativa. Não sabendo qual a impressão que a sua carta cauzára, não quiz ir á rua Pavée no Lunedia seguinte. Nesse interim a sua agitação afetiva foi cada vez tornando-se tanto mais violenta, quanto mais a demora da resposta lhe multiplicava a possibilidade das conjecturas para explicar o silencio de Clotilde. Esta agitação cerebral não tarda em agravar o estado da sua melindroza saude: no Martedia já é obrigado a conservar-se em caza. Mas não podendo suportar por mais tempo a duvida que o torturava, rezolveu-se a provocar uma manifestação de Clotilde.

Escreve-lhe, pois, a 20 de Maio, um bilhete, onde manifestando as graves perturbações fizicas provenientes do seu estado moral, deixa transparecer a solicitação de uma resposta.

Setima Carta

Martedia de manhan 20 de Maio de 1845 (6 h.)

MINHA CARA SENHORA,

Com pezar abstive-me hontem de ir ver-vos, quer afim de respeitar as vossas intimas deliberações sobre a minha carta decisiva de Sabado, quer para poder assim constatar, ao menos pelo vosso silencio, em falta de mais clara aprovação, que ela não vos chocou. Desgraçadamente, porem, não posso ir tambem hoje, como o havia projetado, em consequencia de *uma insonia mais completa* do que todas as da ultima semana: não pude dormir um só instante, e dessa vez é incontestavel que tal perturbação provem sobretudo da situação do meu coração. Embora esse estado de fraqueza seja sem dôr alguma, e ofereça-me até um certo

encanto melancolico, ele me inhibe hoje de qualquer sahida, mesmo para ir esta tarde ao meu serviço politechnico. E' no entanto bem triste ficar tanto tempo sem ver-vos, e retardar ainda uma explicação indispensavel; mas devo rezignar-me, e apresso-me em vo-lo prevenir, para o cazo em que houvesseis esperado por mim.

Vêdes bem que, segundo o vosso amavel voto, trato-vos já como velha amiga. Essas breves linhas enganarão um pouco a minha dòr de não poder ir. A' prudencia vedando-me aliás todo o trabalho, passarei hoje excluzivamente ocupado convosco, e os vossos dois caros bilhetes vão ainda bastar para alimentar todos os meus devaneios solitarios.

Vosso respeitozo amigo

A^{te} COMTE.

III

> Aqueles que se propõe a dirigir os outros precizão muitas vezes de toda a indulgencia destes, e eu temo haver bem pouco merecido a vossa.
>
> (*10ª carta de Augusto Comte a Clotilde.*)

Ao escrever esta carta é bem provavel que Augusto Comte afagasse a esperança de receber a todo momento uma resposta animadora, ou, quando nada, tolerante. Mas as horas escoavão-se com a lentidão das grandes anciedades e o cubiçado acolhimento não vinha.... O seu animo, até ali em grata, embora inquieta, suspensão, começa a vacilar... A demora já lhe devia fazer augurar mal do passo temerario que dera... Veio a noite...e a solidão maior uniu-se ao abatimento fizico para exacerbar ainda mais a exaltação cerebral da insonia prolongada... Relê os seus bilhetes e as cartas de Clotilde... O seu procedimento assume cada vez proporções mais inquietadoras... Não fôra simplesmente precipitado e temerario.... Incorrera quiçá em uma *grosseira tentativa*... * O seu ultimo bilhete era uma agravação das faltas anteriores, e talvez já não fosse tempo de impedir os seus dezastrozos efeitos. Entretanto era indispensavel reagir... dominar-se... e reparar a falta a que o arrastára o seu estado apaixonado.

Essas angustiozas reflexões conseguirão estimular a sua dignidade filozofica; crê que readiquiriu aos poucos o antigo

*Decima carta de Augusto Comte a Clotilde.

imperio sobre si; foi ficando mais calmo e logrou dormir algumas horas. Ao despertar estava com a sua rezolução tomada, e escreveu esta tocante explicação da sua conduta:

Oitava Carta

Mercuridia de manhan 21 de Maio de 1845 (6 h.)

MINHA CARA SENHORA,

O meu pequeno bilhete de hontem de manhan deve ter vos dezagradado, quizera não o ter escrito; reina nele uma insistencia pelo menos indiscreta, e aliás pueril, tão pouco digna de mim como de vós: peço-vos que não o atribuais sinão ao enfraquecimento momentanéo do meu imperio habitual sobre mim mesmo, em consequencia de uma certa perturbação fizica. Conquanto o bilhete atual seja unicamente destinado a reparar essa falta e solicitar-vos o perdão dela, o seu primeiro aspeto poderia fatigar a vossa paciencia, fazendo-vos temer um diluvio quotidiano de similhantes manifestações: tranquilizai-vos, Senhora, nada disso haverá. As reflexões espontaneas da minha sonhadora jornada de hontem, assistidas por um pouco de sono, restabelecerão já suficientemente o meu grau ordinario de generozidade e de razão. Terá sido esta, segundo espero, a unica vez, minha cara Senhora, em que fosse conduzido assim a abuzar um momento da confiante estima com que vos dignais honrar-me. Terei a ventura de aprezentar-me em vossa caza amanhan: mas não receeis nenhuma pergunta fóra de propozito. A não ter se dado um acidente de correio excessivamente inverozimil, recebestes com certeza a minha longa carta de Sabado, na qual o estado do meu coração vos é nitidamente caraterizado, embora talvez com um excesso de franqueza, ou ao menos de precipitação, que a minha extranha inexperiencia deve fazer excuzar. Ora deve bastar-me atualmente que tenhais tido a benevolencia de receber e guardar essa comunicação decisiva: não pertence-me aliás nem interpretar de modo algum o vosso silencio a tal respeito, nem determinar, seja como fôr, a duração das vossas proprias deliberações, ou a fórma das vossas decizões quaisquer. Devo, em tal assunto, esperar, com respeitoza paciencia, o rezultado espontaneo da vossa intima apreciação, sem perturbá-la ou apressá-la por nenhuma explicação intempestiva. O profundo sentimento que me anima é realmente, Senhora, tão nobre quanto

doce: estou convencidissimo que ele não póde fazer a minha felicidade, sinão concorrendo, ao seu modo, como é tão suctivel de fazê-lo, para o grande fito quotidiano de toda a minha vida privada, isto é, o meu proprio aperfeiçoamento moral. Em lugar de tornar-me mais exigente, mais grosseiro, e no fundo mais pessoal, ele tenderá sempre, como espero, a aumentar muito a minha pureza, a minha delicadeza, e a minha generozidade. A sua inevitavel reação sobre vós deve ter o mesmo carater habitual: ela adoçará, em vez de perturbar, uma doloroza pozição, que uma triste analogia pessoal deve fazer-me comprehender mais especialmente e respeitar melhor.

Esperando, sem nenhuma van impaciencia, o venturozo momento de vos tornar a ver, aceitai, minha cara Senhora, a homenagem bem sincera da profunda afeição do vosso respeitozo amigo,

A^{te} COMTE.

Infelizmente este bilhete não chegou em tempo oportuno ás mãos de Clotilde. Ainda sob as pungentes impressões da carta de Sabado, recebera Ela o bilhete de Martedia. Viu por ele que o Filozofo perzistia na exaltação afetiva que tão cruciantes alarmas lhe havia provocado. O seu silencio, em lugar de o dezanimar, como talvez esperava, parecia contribuir, ao contrario, para entretê-lo em falazes conjecturas. Era, pois, necessario deziludi-lo definitivamente, antes que um amor sem exito possivel o tivesse devorado todo. Comprehendia com profunda compaixão a rudeza de similhante golpe, que lhe despedaçava o coração bondozo antes mesmo de ferir o do seu Adorador. Mais cruel, porem, seria consentir que durassem e se avolumassem votos que jamais encontrarião execução. Culpou-se por ventura até de não o haver dezenganado mais cedo. Mas já agora não havia que hezitar.

Decidindo-se, porém, a tirar ao Filozofo qualquer iluzão sobre o surto do amor que Ele lhe oferecêra, Clotilde soube aliar esse indispensavel dezengano á piedade, á estima, e á afeição que Augusto Comte lhe inspirava. Não poderia jamais corresponder aos votos supremos do nosso Mestre, mas isso não lhe impedia que mantivesse os sentimentos de que o julgava digno. Animada por uma candura realmente incredivel, terminava pois a sua nobre e conciza resposta com palavras cheias de bondade, que traduzião ao

mesmo tempo a confiança na sinceridade dos sentimentos de Augusto Comte:

Nona carta

Mercuridia de manhan 21 de Maio de 1845.

Tenho sofrido demaziado para não ser ao menos sincera, Senhor; e, si não respondi a vossa carta de Sabado, foi porque ela cauzou-me sentimentos penozos, que não teria podido esconder-vos.

Aceitando a vossa amizade e o vosso interesse, acreditava eu, confesso-vos, contribuir para a vossa felicidade e para a minha: foi-me dolorozo ter de temer o contrario.

Si não me tivesse imposto ha muito tempo o habito de esconder o meu coração, vos teria inspirado ainda mais piedade do que ternura, estou disso bem certa. Ha um ano que pergunto-me a mim mesma cada noite si terei força de viver o dia seguinte... Não é com tais pensamentos que se pódem dar cabeçadas.

Vós não me conheceis, e a bondade do vosso coração vos levou, sinto-o, a exaltar em vós o interesse que a minha desgraça inspira. Peço-vos, porem, que façais um momento uzo das vossas belas faculdades, relativamente ao que me concerne, e não sereis tentado a dirigir-me um só reproche.

Poupai-me as emoções, como dezejo vo-las evitar: não sinto menos vivamente do que vós.

Adeus, Senhor Comte; crêde na minha sincera afeição como na minha estima, e recebei o oferecimento de ambas para sempre.

DE VAUX, nacida MARIE.

Augusto Comte estremeceu intimamente ao ver chegar este bilhete. Estavão confirmados os seus receios e mesmo alem das suas aprehensões. A carta que considerava expiatoria tinha sido tardia, e a confissão das suas faltas insuficiente. Era agora que media subitamente toda a extensão dos seus erros. Um sentimento de melancolica humildade se apodera dele. A resposta de Clotilde foi como o raio que estala em meio de uma noite tempestuoza, e, iluminando a estrada, desfaz os fantasmas com que a imaginação do viandante a povoa, para patentear-lhe os abismos reais que se abrem a seus pés. Assim aquela resposta afugenta em tropel as sugestões egoistas que tendião

a extraviar as sublimes potencias do seu coração e o impedião de perceber os escolhos que ameaçavão o seu gloriozo destino.

Desde então o seu altruismo vôa altivo para as regiões magnificas do bem sem remorsos. Em lugar de revoltar-se ante o malogro das esperanças que ouzára alentar, Ele abençoa o Anjo que o susteve em uma *verdadeira quéda*. O seu amor multiplica-se sem que Ele mesmo possa avaliá-lo; apenas não hezita em assegurar que conseguiu desde já regular assás os seus sentimentos. Tal é a nobre e comovente situação que se apressa em comunicar á sua idolatrada Inspiradora.

Decima carta

Mercuridia 21 de Maio de 1845 (meio-dia).

MINHA CARA SENHORA,

Tremia esta manhan de rever a vossa cara letra antes que tivesseis podido ler a carta que vos escrevia para reparar uma *grosseira tentativa*. A minha inquietude acaba desgraçadamente de realizar-se, e o dolorozo bilhete que acabo de percorrer faz-me subitamente sentir toda a extensão das minhas faltas... *Aqueles que se propõe a dirigir os outros têm bastantes vezes precizão de toda a indulgencia destes*, e receio de haver bem pouco merecido a vossa. Uma terrivel fraze desse pasmozo bilhete inspirar-me-ia graves alarmas e profundos remorsos si não pensasse que a vossa doce sagacidade terá sabido dicernir os meus honrozos impulsos reais atravez das fórmas da inexperiencia e da precipitação. Talvez não deva, em tal situação, aprezentar-me amanhan em vossa caza, como vo-lo anunciára esta manhan: fa-lo-ei todavia a menos que não decidais o contrario, afim de tranquilizar-vos sobre o futuro mostrando-vos que já soube regular assás os meus sentimentos; os homens do meu carater não carecem sinão de uma tocante advertencia para evitarem uma *verdadeira quéda*. Os vossos afetuozos reparos sobre as minhas faltas só podem hoje aumentar muito a precizão que sinto de vos fazer esquecê-las. Contai, minha cara Senhora, com a afeição tão pura como perduravel do

Vosso respeitozo amigo,

ATE COMTE.

A nobre rezignação destas palavras filtrou n'alma de Clotilde uma nova unção. Não amava Augusto Comte; mas não podia conter o sentimento de admiração e de terna piedade ante a revelação imprevista de tamanha grandeza moral aliada a tanta desventura. Sem querer, o seu entuziasmo habitual pelos rasgos cavalheirescos da Idade-Média, devia transportá-la para os tempos que a enfeitiçavão. Talvez diante de si tivesse a resurreição dos incomparaveis tipos que instituírão o culto feminino. Como os celebrados paladinos, Augusto Comte se consagrára á defeza de todos os fracos e de todos os oprimidos. Da mesma sorte que eles, sabia combinar a mais indomita energia com a mais delicada ternura. Sendo assim, para lenitivo das suas lutas sublimes, bastar-lhe-ia um discreto testemunho de graciozo indulto, e Ela sentiu-se feliz de lh'o dar respondendo-lhe no mesmo dia.

Undecima carta

Meremidia 21 de Maio de 1845.

Agradeço-vos o vosso bilhete, Senhor. Terei sempre grande prazer em ver-vos, e espero que evitaremos as conversas embaraçozas. Não posso achar-me em caza amanhan, nem os dias seguintes, pois devo ir vizitar uma amiga doente. Vos proporcionaremos o prazer de ouvir muzica na rua Pavée, quando ahi fôrdes; vou lá passar quazi todos os dias até o proximo nacimento. * Adeus, Senhor Comte, crêde na minha afeição, e conservai-me a de um amigo.

C. DE VAUX, nacida MARIE.

IV

Os homens do meu carater não carecem sinão de uma tocante advertencia para evitar um verdadeira queda.

(*10ª carta de Augusto Comte a Clotilde.*)

Fiel aos seus protestos, Augusto Comte aceitou com digna firmeza os limites que erão magnanimamente prescriptos á sua nobre paixão. Mas não estava em seu poder impedir as terriveis reações fizicas e intelectuais produzidas pelos choques de que era teatro o seu coração.

* Aluzão ao estado de Mme. Maximilien Marie. — R. T. M.

A transformação que se operava na sua alma era a cada instante mais profunda. Um mundo inteiramente novo se patenteava ao seu espirito extaziado, e o mantinha em uma vigilia que não parecia ter fim... Não era só o seu destino individual que o preocupava: a glorioza missão de que se achava incumbido pelo conjunto das Fatalidades humanas mostrava-se cada vez mais interessada nessa incomparavel revolução. O seu futuro e o porvir da Humanidade delineavão-se de momento a momento com uma nitidez e um esplendor que nunca imaginára. E, si uma gracioza intimação o impedia de falar de si, deleitava-se com a esperança de que, no proximo Venerdia, poderia talvez revelar á sua adorada Inspiradora os sorprehendentes rezultados das suas amorozas locubrações.

Mas o corpo já se achava quazi extenuado pelos rudes embates que incessantemente o solicitavão, havia dez dias e mais, quiçá. Aiquebrou-se afinal, e foi precizo repouzá-lo na vespera da projetada vizita aos pais de Clotilde. Talvez que um dia de descanso bastasse... A realidade não tardou, porém, em deziludi-lo. No dia seguinte ainda foi obrigado a conservar-se no leito, e o seu abatimento era tal, que não ouzava conjeturar quando lhe seria permitido sair. Tendo assim falhado o venturozo encontro que a si mesmo prometêra, e com o qual talvez Clotilde contasse, o nosso Mestre julgou do seu dever explicar-lhe os motivos da sua auzencia.

Duodecima carta

Sabado de manhan 24 de Maio de 1845 (6 h.)

MINHA CARA SENHORA,

Teria tido hontem a satisfação de ver-vos em caza dos vossos pais, si não fôra a agravação notavel do meu estado de profunda fraqueza e de melancolia opressiva, após dez dias de uma insonia quazi contínua e apezar da abstinencia conveniente. Forçado a principio a suspender todos os meus trabalhos peculiares, e em seguida todos os meus deveres quotidianos, serei tambem obrigado amanhan a faltar, pela primeira vez ha quinze anos, á minha lição publica do Domingo. * Alem disso, eis-me, ha dois dias,

* Refere-se ao *Curso de Astronomia Popular*. – R. T. M.

constrangido a ficar no leito, e não sei até quando, embora aliás nada sofra, e não corra perigo algum.

Como a verdadeira fonte do mal vos é bem conhecida, não me taxareis de imprudencia por não haver ainda chamado o meu medico. * Enquanto a minha rezignação e o meu regimen impedirem a febre e a irritação digestiva, o meu estado, demaziado pouco caraterizado aos seus olhos, não comportaria a sua util intervenção. Si a molestia permanecer puramente nervoza, não admitirá outro especifico verdadeiro sinão a minha inexgotavel paciencia. Sou aliás auxiliado pelo pensamento crecente da felicidade pura que promete-me, para sempre, a *nossa inocente afeição, quando ela se houver tornado tão virtuoza em mim quanto já o é naturalmente em vós.*

A indispensavel transformação que devestes prescrever aos meus sentimentos é muito mais doloroza do que podeis imaginar. Mas ela será por isso mais meritoria, e estou trabalhando lealmente para consumá-la, *tendo reconhecido agora* quanto ela importa á vossa felicidade e á minha. *O ativo sentimento da perfeição moral, um momento alterado em mim por uma encantadora paixão*, acaba de ser afinal dignamente de novo despertado, e mesmo com um acrecimo de energia, *pela tocante eloquencia emanada da vossa melancolica situação*, na vossa admiravel carta da manhan de Mercuridia. Sinto hoje que esse grave combate se terminará em breve para honra minha e proveito nosso, de maneira a permitir a realização gradual das doces esperanças que ligaveis a principio a essa virtuoza intimidade, e que *um instante de desvario* me expunha a vos fazer perder.

De resto, minha nobre amiga, a molestia nervoza rezultante dessa luta moral deve por si mesma, a seu turno, facilitar e acelerar o seu feliz desfecho. Porque, nos bons naturais, nada dispõe tanto para purificar as nossas afeições como as fazes de fraqueza fizica, durante as quais os nossos mais grosseiros impulsos se amortecem espontaneamente, ao passo que os mais belos se exaltão.

Adeus, minha cara Senhora, crede-me doravante, para sempre,

Vosso digno amigo,

AUG COMTE.

* O Dr. Pinel-Grandchamp. — R. T. M.

Si essa molestia si complicasse, sabei que tenho a dupla vantagem de possuir um ecelente medico, ha muito tempo investido da minha confiança, e tambem, o que por certo não é menos raro nem menos preciozo, *uma perfeita criada*, cujo ativo devotamento já me está provado.

Clotilde não julgou prudente responder a esta carta. A crize afetiva pela qual estava passando o nosso Mestre mostrava-se ahi bastante intensa para que a nobre e compassiva Senhora não receiasse alimentá-la com qualquer intervenção da sua parte. Essa tocante abstenção atuou favoravelmente sobre o estado de Augusto Comte. Ele conseguiu afinal superar as perturbações da sua alma e dar aos seus sentimentos o carater cavalheiresco que era o unico compativel com o conjunto das fatalidades que dominavão a sua existencia. Não quer isto dizer, porem, que houvesse dezistido completamente das suas esperanças. Aceitando o grau de afeição que Clotilde lhe dava no prezente, Ele afagava o sonho de que a egregia Dama poderia um dia aceitar a plenitude das suas homenagens. O nosso Mestre ignorava que o coração de Clotilde achava-se então sob a influencia da desventurada paixão de que já falamos. *

V

Os grandes pensamentos vêm do coração.
VAUVERNAGUES.

As reações dessa perigoza evolução afetiva sobre as concepções regeneradoras do nosso Mestre não tardárão em ter a mais comovente manifestação. O curso natural dos seus devaneios, sempre ligados ás suas preocupações regeneradoras, o levavão espontaneamente a refletir no regimen medievo. Era só ahi que podia encontrar situações afetivas analogas á sua. A festa de Santa Clotilde, a padroeira da sua Bem-Amada, se aproximava (3 de Junho) e lhe oferecia um ensejo incomparavel para sorprehendê-la agradavelmente. Em vez de tomar uma parte banal nas felicitações que Ela receberia em similhante data, podia aproveitar-se desse incidente para caraterizar-lhe a verda-

* *Uma vizita aos lugares Santos do Pozitivismo.*

deira indole da nova Filozofia. Clotilde veria assim que o Pozitivismo, longe de crestar, como o materialismo sientifico, as poeticas instituições que a encantavão na Idade-Média, vinha proporcionar-lhes uma juventude eterna. Ao mesmo tempo poderia consubstanciar por esta fórma, no mais tocante rezumo, os progressos que a sua ecelsa paixão determinára na doutrina regeneradora.

A escolha deste fito, determinando a identificação das suas emoções privadas com os seus deveres sociais, uma harmonia sem exemplo não tardou em estabelecer-se no cerebro do egregio Pensador. Os impulsos afetivos, que até ali se encontravão, coordenárão-se em um sentimento unico e rezumirão os seus pensamentos na mais bela das sintezes. Aquietado o cerebro, a prostração fizica começou a melhorar tambem; de sorte que, no Martedia 27 de Maio, Ele podia levantar-se pela primeira vez * e consagrar toda a manhan á compozição da sua CARTA FILOZOFICA SOBRE A COMEMORAÇÃO SOCIAL.

Acabada esta augusta efuzão sentiu que estava regenerado. O combate fôra tremendo sem duvida; mas orgulhava-se de ter conseguido afinal a mais esplendida vitoria. Todos os impulsos grosseiros estavão agora definitivamente amortecidos em si; já podia pensar na sua Amada e contemplá-la com a pureza com que Dante se extaziava diante da imagem de Beatriz. Aguardou pois a oportunidade para remeter a Clotilde o delicado mimo. Mas, na manhan do dia seguinte, não pôde rezistir ao dezejo de comunicar-lhe o seu digno triunfo.

Decima-terceira carta

Mercuridia de manhan 28 de Maio de 1845 (9 h.)

SENHORA,

Graças ás minhas precauções sustentadas, e sem a minima intervenção medica, mas sobretudo graças á calma inexprimivel que proporciona todo *justo triunfo obtido pelo dever sobre o pendor*, o meu estado acha-se agora assás melhorado para que eu conte retomar as minhas funções quotidianas depois d'amanhan Venerdia. Nesse cazo, não

* VOLUME SAGRADO, *Confissões* p. 150, *Correspondencia*, p. 200.

deixarei de ir, na mesma tarde, vos tornar a ver em caza dos vossos dignos pais.

Embora não tenhais respondido ainda á minha carta de Sabado 24, espero que ela já tenha dissipado um pouco as justas inquietudes que devêrão vos inspirar os meus primeiros votos indiscretos; porque ela vos indica a minha firme rezolução de respeitar doravante os virtuozos limites que fostes forçada a lembrar-me, quando o meu pensamento ouzou transpô-los um momento. Alem do vosso conhecimento geral da minha lealdade, essa mesma impossibilidade de dissimular coiza alguma que me havia involuntariamente conduzido a alarmar-vos deve hoje garantir-vos especialmente a *sinceridade do meu arrependimento*, e a eficacia de um combate, tão nobre quanto dolorozo, agora prestes a findar com honra minha.

Acabo pois de terminar, e sem ter vos visto de modo algum, essa curta crize inicial na qual a mesma semana viu a minha pena *cometer e reparar uma falta grave*, cuja desconfiada lembrança restar-me-á doravante fazer-vos perder. *A grosseria do meu sexo impunha-me, sem duvida, essa tempestuoza tranzição para alcançar o puro estado de uma verdadeira amizade*, que a delicadeza feminina vos permitia atingir diretamente sem nenhum preambulo de tal ordem. Deveis, como todo mundo, ter notado em mim essa exceção que impressiona, ainda mais relativa ao coração do que ao espirito, e todavia extranha sem ser unica, que faz-me conservar, na minha plena madureza fizica, todo o verdor e a impetuozidade da juventude, com todas as vantagens da sua espontaneidade, mas tambem com todos os inconvenientes da sua inexperiencia. Tal é, sem duvida, Senhora, o primeiro fundamento, talvez mesmo sem dar-vos conta disso, da vossa criterioza indulgencia para com as minhas *recentes loucuras*. Mas vós não podieis saber que esse coração tão expansivo devia ser tanto mais sensivel quanto jamais pudéra até hoje abrir-se convenientemente. *Era tão pouco verozimil que encontrasseis ahi o unico sentimento, a um tempo puro e profundo, que jamais experimentei!* E no entanto, nada é mais verdade: porque, o meu fatal cazamento não rezultou, no fundo, de uma verdadeira paixão; ele foi sobretudo determinado por uma generozidade irrefletida, em troca de uma confiança que parecia extrema. Oxalá essa confissão sincera, acuzando mais a inconsideração da minha

mocidade, obtenha hoje um acrecimo especial de *perdão pelas minhas primeiras faltas involuntarias para convosco!* Na vossa inteira ignorancia de um estado tão ecepcional, quanto devião ser profundas a estima e a confiança que eu tive a principio a ventura de inspirar-vos, para ter podido rezistir sem alteração a tal choque, que lhes teria, talvez, produzido um golpe irreparavel junto a qualquer outra mulher menos clarividente e menos pura! Porque eu não sei o que deva mais admirar aqui, Senhora, si a maravilhoza sagacidade das vossas apreciações, si a eximia imparcialidade das vossas decizões.

Antes de vos tornar a ver, experimento hoje a necessidade de testemunhar-vos diretamente o respeito e o reconhecimento de que me acho para sempre compenetrado em virtude do conjunto da vossa admiravel conduta nessa crize dificil, na qual, a vossa razão esteve invariavelmente ao nivel da vossa delicadeza, e na qual a vossa *suave bondade não alterou em nada a vossa justa firmeza. Quanto a vossa sabiduria pratica mostrou-se então superior, mau grado o contraste das nossas idades, á minha van preeminencia filozofica!* E' verdade que eu era o unico apaixonado aqui, o que explica, em parte, a minha inferioridade especial. Si pensaveis pois a principio que eu não vos conhecia, espero que doravante não conservareis mais duvida alguma a tal respeito. Pois que o que se acaba de passar constitûi certamente uma dessas fazes rapidas, porem decizivas, em que uma natureza moral patenteia-se inteiramente em alguns dias melhor do que durante o longo curso de muitos anos vulgares; o que as torna aliás eminentemente apropriadas para a arte dramatica, mesmo quando tudo consiste então, como neste cazo, em simples conversas. Deveis estar agora segura que eu vos conheço pelo menos tanto quanto vós me conheceis. Por mais admiravel que acabe de ser a vossa conduta, ela não sorprendeu-me em nada, no fundo; porque a achei essencialmente conforme ao que de vós esperava.

Importa-me a tal ponto, Senhora, de não poder ser taxado da minima leviandade no principal acontecimento do resto da minha vida privada, que não podeis censurar a minha insistencia especial em retificar o unico erro accessorio a que fostes arrastada quando acreditastes que eu me tinha apegado sem vos conhecer. Embora esse erro seja aqui demaziado natural para não ser muitissimo excu-

zavel, ele acha-se todavia em contradição direta com o nosso commum projeto de amizade: porque todo o mundo sabe que a amizade, ainda mais que o amor, exige sobretudo uma profunda estima prévia, a qual supõe uma justa apreciação anterior. Quando o vosso indulgente criterio me houver espontaneamente restituido essa precioza autorização geral de vizitas pessoais, cujo uzo a minha temeridade passageira vos determinára com justiça a suspender antes que eu tivesse aproveitado uma só vez dela, poderemos retomar esse interessante assunto, a menos que a vossa amigavel diciplina creia dever relegá-lo entre as *conversas embaraçozas*: vos farei então comprehender em que e como vos conhecia muito mais do que o podeis supôr, longo tempo antes desta crize caracteristica. Conquanto vos haja, sem duvida, muito mais advinhado até aqui do que observado, não me faltárão para julgar-vos as informações especiais nem os principios gerais. Basta-me hoje recordar-vos um unico traço decizivo, essa admiravel rezistencia, tão conforme ao meu proprio carater, pela qual repelistes um doce conforto dignamente adquirido, desde que era precizo comprá-lo a preço de uma dependencia pessoal que, nas almas da nossa tempera, não póde, com efeito, ser nunca plenamente honoravel, seja qual fôr a van decoração de que a cerquem. * Pensais, minha nobre Senhora, que um verdadeiro conhecedor tenha precizão de muitos documentos similares para dicernir uma eminente organização moral? Ah! quem pôde pois possuir tal tezouro, e não saber apreciá-lo?...

Aguardando, Senhora, a afortunada soirée de depois d'amanhan, praz-me prolongar esta ingenua expansão, doce privilegio da amizade, e que poderá aliás constatar espontaneamente a realidade atual da *virtuoza transformação que com justiça impuzestes aos eternos sentimentos, doravante assás purificados*, do

Vosso verdadeiro amigo

A^TE^ COMTE

1. [illegible]amos qual seja esse epizodio. Teria sido a recuza do oferecimento [illegible] da [illegible] caza lhe fizera seu Tio, o Conde Ficquelmont, ou a retirada [illegible] do seu Irmão Maximilien Marie, depois que este veio morar na rua [illegible] R. T. M.

VI

Quanto a vossa sabiduria pratica mostrou-se superior, apezar do contraste das nossas idades, á minha van preeminencia filozofica!

(13ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.)

Apezar da segurança com que Augusto Comte afirma a definitiva transformação do seu amor, Clotilde não podia desfazer-se das suas dolorozas aprehensões. Si Ela correspondesse á paixão que, sem querer, ateára, a dificuldade da sua situação consistiria em não comprometer a sua pureza, infringindo os grandes rezultados a que chegára a moral ocidental durante o regimen medievo. Tal tinha sido a crize determinada pelo desventurado amor cujas extremas reações ainda experimentava. Já vimos * com quanta sublimidade Ela a superára, não tendo outras luzes sinão as inspirações do seu coração.

As condições, porem, nas quais se achava criavão para o seu altruismo uma provação cuja gravidade rezultava justamente de não encontrar em jogo nenhum dos mais energicos pendores da natureza humana. Ela ignorava os detalhes da vida privada de Augusto Comte; não sabia absolutamente quais os graves motivos que determinárão o seu izolamento. Intimamente só podia apreciá-lo atravez das relações que o Filozofo tinha com os seus Pais e o seu Irmão. A sua carreira publica devia inspirar-lhe um respeito profundo pela sua dedicação social, o seu valor mental, e o seu carater energico, bem como a mais sincera compaixão pelas injustiças de que era vitima. Este conjunto de circunstancias bastava para tornar-lhe precioza a estima do Reformador, e mesmo para ufanar-se com a predileção que Ele lhe mostrasse. Mas, para julgar bem de tais sentimentos, convem não esquecer que Clotilde desconfiava da natureza arida e seca da nova Filozofia.

Com efeito, as informações que podia ter do Pozitivismo, e os proprios elogios que ouvisse acerca do nosso Mestre devião tender a inspirar-lhe até uma certa antipatia por similhante doutrina. Na rejeição de toda metafizica haveria de descortinar a dureza do especialismo sientifico e o indicio de uma esterilidade que seria a morte de tudo quanto a vida póde ter de ideal. Em rezumo, o Pozitivismo se lhe afiguraria como mais uma fórma de materia-

* *Uma vizita aos lugares Santos do Pozitivismo.*

lismo. Substituindo todos os consolos e todas as inspirações do sentimento por uma politica sientifica o seu predominio tornaria talvez a paz uma realidade. Seria, porem, a paz turbulenta de uma oficina, a paz que fatiga, mutila, e mata como a guerra. Ora, Ela não podia pensar que tal fosse o ideal da ventura accessivel á Humanidade. Sem duvida esse ideal era mais bem caraterizado na bem-aventurança que se goza nas grandiozas solenidades que têm por senario os templos magestozos do Catolicismo.

Quantas vezes, nos seus devaneios, não perguntaria a si-mesma porque a vida industrial não seria sucetivel dos arroubos poeticos e dos rasgos cavalheirescos que frequentemente suavizavão os cruentos epizodios da vida militar! Todos esses encantos erão manifestamente o fruto do coração, e não via por que motivo, deixando as chimeras teologicas, se teria tambem de abandonar ás deliciozas inspirações dos mais nobres sentimentos.

Portanto, desde que, entre Ela e Augusto Comte, se désse qualquer incidente choeante, só existia, para sustentar a sua simpatia por Ele, a ecelencia natural dos seus pendores altruistas, ajudados pelas mais eminentes, e, por isso, as mais fracas sugestões do amor proprio. E quanto mais, dolorozo lhe fosse o abalo, tanto mais precario se tornaria similhante auxilio. De sorte que, aprofundando suficientemente o exame da situação moral de Clotilde, ao receber a inesperada comunicação do imprevisto amor de Augusto Comte, se reconhece que Ela viu-se entregue, em tal crize, quazi que excluzivamente ás inspirações do seu altruismo. Ao passo que era fatal que sentisse alvoroçar-se, contra o Filozofo, a turba-multa dos preconceitos sociais e domesticos e dos mais delicados melindres femininos. Que grandeza d'alma não foi preciza para dominar as solicitações de tantos moveis que parecião justificar sobejamente uma altiva e imediata repulsa? Quanta piedade não teve de despender essa Mulher sublime, e que alto conceito já fazia do nosso Mestre, para esquecer-se de si, e só lembrar-se do mal que inocentemente cauzára a um homem que vinha subitamente perturbar o socego do seu sofrimento? E como é magestoza a nobreza com que procura dissipar a infortunada paixão, sem agravar os padecimentos do dezengano com os remorsos de ofensas cruelmente resentidas!

Aqueles que apenas sabem avaliar a magnitude da

natureza humana quando a contemplão em circunstancias identicas, pódem desconhecer aqui toda a elevação moral que Clotilde patenteia nesse lance da sua vida. Mas os que se acharem esclarecidos por uma teoria que permita estimar assás as potencias de nossa alma, em cada rasgo decizivo, descobrirão que Clotilde dezenvolveu, nesse ensejo, a superioridade moral que o nosso Mestre não cessava de confessar em relação a si. E' verdade que a desgraça havia amadurecido prematuramente o seu coração e o seu genio. Mas Ela não possuia, para guiar-se, sinão as suas emoções e os preconceitos sociais, profundamente abalados pelo voltairianismo. Augusto Comte tinha, do seu lado, a maioria dos anos e a preeminencia filozofica. Apaixonado, todas as véras da sua alma convergião para fazer triunfar o seu altruismo sustentado pelas mais energicas convicções. Clotilde estava quazi inteiramente á mercê da sua benevolencia natural, rudemente dezafiada por uma revelação amarga, e sitiada por tantos prejuizos sociais e domesticos que Ela prezava. No Filozofo, o apego foi assás energico para estimular a veneração e a bondade e transformar o amor conjugal em pura adoração, encantada pelo entuziasmo das brilhantes consequencias sociais e morais de tão ecelsa metamorfoze. Em Clotilde, a bondade mostrou-se assás intensa para sustentar a veneração e amparar o apego, defendendo uma amizade embelezada pela modesta consiencia do bem.

Podemos pois imaginar a santa e melancolica alegria com que acolheu a noticia do dezenlace feliz que o Filozofo lhe anunciava na sua alarmante situação. Não era que confiasse na estabilidade que Ele considerava haver conseguido na sua sorprehendente transformação; conhecia bem o coração humano, para enganar-se a tal respeito. Sorriu-lhe, porem, o pensamento de que o maior perigo estava passado, e entregou-se á esperança de que uma criterioza solicitude poderia ajudar o tempo a eliminar de similhante afeto tudo quanto era incompativel com a digna felicidade de ambos. Por outro lado, o seu apreço por Augusto Comte tinha crecido: acabava de verificar que Ele pertencia a essa categoria seleta de homens que lucrão em ser examinados de bem perto. Esta apreciação fez aumentar o interesse que inspirava a contemplação dos grandiozos aspetos da sua vida publica.

Alem disso, o nobre exito de tal paixão vinha esponta-

neamente robustecer as elevadas inspirações dos seus egregios sentimentos, quanto ao estabelecimento das uniões ilegais. Não lhe podia sahir da memoria a confissão do nosso Mestre: — *os homens do meu carater não carecem sinão de uma tocante advertencia para evitarem uma verdadeira quêda.* — Todas as frazes em que Ele, com tamanha lealdade, apreciava o temerario passo que acabava de dar, ecoavão aos seus ouvidos como si fossem os brados de tudo quanto de mais nobre produzíra a civilização ocidental. — *Quanto a vossa sabiduria pratica mostrou-se então superior, mau grado o contraste das nossas idades, á minha van preeminencia filozofica!* — parecião repetir-lhe incessantemente os seculos donde Ela hauríra tão santa supremacia...

Mas, para consolidar e dezenvolver esses nobres rezultados, Ela sentia bem que era indispensavel desvanecer no animo do Filozofo qualquer miragem de um enlace mais intimo no futuro, por mais remoto que fosse. Foi embalada por essas idéias generozas que respondeu á carta em que o nosso Mestre lhe comunicava o seu pleno restabelecimento.

Decima-quarta carta

Jovedia 29 de Maio de 1845.

Foi para mim uma felicidade saber do vosso restabelecimento, Senhor; e o será tambem tornar a ver-vos, si consentirdes, como o dezejo, em pôr de todo no indice as conversas embaraçozas. Exprobrar-me-ia toda a minha vida de lançar a perturbação em um coração sensivel; não falemos pois sinão das nossas cabeças, e empenhemo-nos por fazê-lo com o melhor humor que pudermos. Recebo o vosso incenso com a humildade que convem ao meu cazo. Não encontrei ainda a perfeição nem nos outros nem em mim. Ha enormes ulceras no fundo de cada saco humano; tudo está em saber escondê-las.

Anhelo para vós, bem sinceramente, toda a felicidade que mereceis, Senhor. Quizera ver-vos dominar todos os que têm tentado e tentão lezar-vos. Trazeis convosco as mais belas armas, não vos retireis do combate.

Adeus, Senhor, recebei a segurança dos meus afetuozos sentimentos.

C. de V.

VII

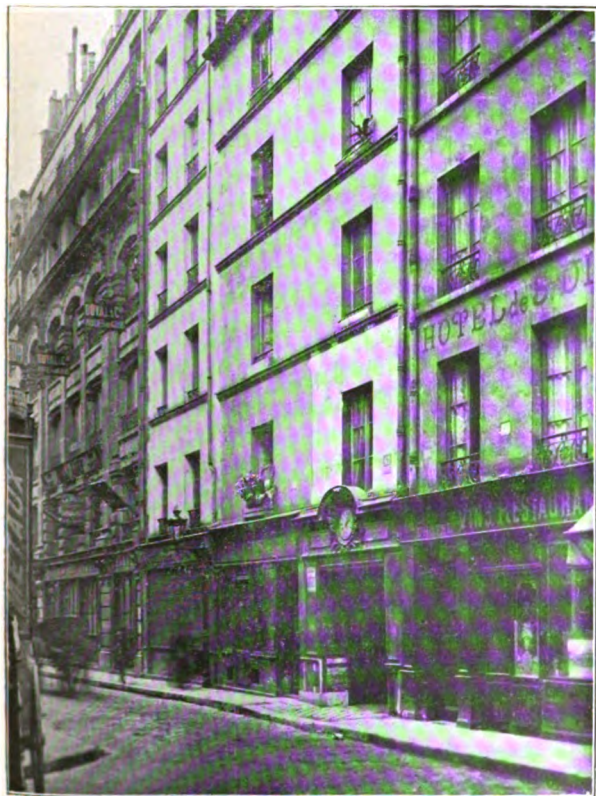
> Seja como fôr, o remedio, segundo espero, vem ainda a tempo para prevenir o curso de uma afeição que podia, sem que eu percebesse, acabar por tudo comprometer em mim, tudo, até a minha razão.
>
> (*17ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

As grandes tormentas pelas quais, na sua cegueira, a Terra regenera uma fecundidade prestes a extinguir-se dão-nos a imagem desse epizodio decizivo da vida do nosso Mestre. A sua alma parecia consumir-se aos éstos do meio asfixiante em que o Destino o colocára até então. No auge do dezalento, Ele presente o amor que lhe augura a redenção do seu prolongado martirio. Hezita, a principio, si não é vitima de uma iluzão; mas imperceptivelmente o egregio sentimento o vai invadindo. Em pouco tempo uma paixão incomparavel revolve, desde os seus fundamentos, a sua natureza inteira, e instila no seu coração como no seu genio o filtro de uma segunda vida. Um turbilhão indomavel o arrebata e parece aniquilá-lo. Mas essa violenta comoção não tardou em desvanecer-se.

No afan da luta, a sua alma purifica-se de tudo quanto não tinha bastante energia para sofrer a salutar influencia do afeto regenerador. As demazias do egoismo são arrastadas nas voragens da tormenta; e esta amaina, apenas dezempenhada a sua benefica missão. E' então que Ele póde saborear as delicias nunca dantes experimentadas, gozando enfim dos encantos da primavera da existencia humana.

Foi nesse extaze sublime que veiu encontrá-lo o graciozo bilhete de Clotilde. Ele o recebeu como Dante acolhêra, na sua misterioza viagem, o primeiro sorrizo meigo da sua Beatriz, á entrada do Paraizo; e enlevado aguardou a festa propicia á solene estréia da sua nova vida. Quando essa éra chegasse, caber-lhe-ia a ventura de tributar á excelsa Inspiradora a mais digna das homenagens que lhe serião rendidas. Mas, enquanto esperava por esse venturozo momento, o Filozofo entretinha as longas horas que ainda o separavão dele, absorvendo-se cada vez mais na egregia adoração da sua Bem-Amada. Então os sentimentos que o dominavão vinhão traduzir-se, com inefavel unção, nos doces cantos que tantas vezes o havião arroubado nos *Italianos*. Aqueles que porventura tinhão tido o ensejo

de entuziasmar-se escutando, entoadas pela sua voz harmonioza, as masculas estrofes da *Marselheza*, experimentarião agora, si o ouvissem, o coração tranzido por uma sorprehendente e melancolica ternura.

Sofia acompanhava com uma discreta inquietude a crize pela qual estava passando o Filozofo. Na ignorancia do verdadeiro motivo de similhante abalo, sentia, de um modo vago, que tais sofrimentos rezultavão da sua infelicidade domestica. Quanto estava na sua humilde pozição, procurava suavizar as suas maguas, providenciando, com um desvelo filial, para que nada o molestasse. As ocilações que aprezentava a marcha da perigoza enfermidade, repercutião naturalmente na sua fizionomia, mau grado a cautela com que a compuzesse na prezença do Mestre. Sem duvida, a sós, pensando na sua ventura conjugal, a digna Senhora derramava lagrimas de compaixão sobre a sorte desse homem cuja imensa bondade conseguira desvendar. Quando, portanto, percebeu que Ele julgava-se restabelecido, o seu coração aliviou-se, como si despertasse de um terrivel pezadelo. Assim, após uma quinzena de penozas emoções, a beatitude melancolica da virtude rezignada se difundia na modesta habitação da rua Monsieur-le-Prince.

PARIS

Parte da rua do Cadran, hoje S.t Sauveur, onde CLOTILDE naceu na caza n.º 30 então.
Esta ocupava o lugar da de n.º 66 hoje, que talvez seja a mesma. E' a mais estreita, com cinco andares, e duas janelas em cada andar.

(O ANO SEM PAR, *p. 175*)

PRIMEIRA PARTE

Iniciação fundamental

JUNHO — JULHO — AGOSTO

CAPITULO PRIMEIRO

JUNHO — ESTIMA

I

Grande coiza é o amor, unico bem que é totalmente grande.

(TOMAS DE KEMPIS — *Imitação*, L. 3, c. V.)

No Venerdia 30 de Maio, o nosso Mestre não pôde ir á caza dos Pais de Clotilde, conforme projetára. Mas, no Domingo imediato, recebeu a vizita de Maximilien Marie. A afeição do joven dicipulo tornava-se cada vez mais profunda. Estando em vesperas de ser pai, contava dar da sua amizade um penhor mais inequivoco do que qualquer outro, convidando o Filozofo para padrinho do filho, que teria para madrinha Clotilde. A vizita foi longa.* A prezença de Maximilien Marie que seria, nas condições ordinarias, bem agradavel ao nosso Mestre, tornou-se realmente precioza naquele ensejo. Pôde assim ter noticias precizas acerca da melindroza saude de Clotilde, a quem não vira desde a vespera da carta fatal. Forão dolorozas, infelizmente, as informações que obteve: a tosse de que Ela sofria se tinha agravado notavelmente naqueles dias. E, como não ignorava as emoções penozas a que dera ocazião, Augusto Comte começou a receiar que houvesse demaziado contribuido para similhante recrudecencia. Não imaginava que corresse algum perigo a existencia adorada; mas a lembrança desse acrecimo de padecimento fizico ás maguas que provocára, aumentava os seus re-

* VOLUME SAGRADO, p. 261.

morsos. Sentia cada vez mais a necessidade de reparar as suas faltas mediante a cabal realização dos nobres propozitos que formára.

Teria passado talvez essa noite menos tranquilo, si não fosse a lembrança da tocante compozição com que projetára sorprehender Clotilde no dia seguinte. Assás conhecia a nobreza da sua alma para não duvidar do salutar efeito de similhante atenção. Contava, alem disso, que as informações de Maximilien Marie a respeito do estado em que o encontrára concorrerião para estabelecer a confiança que Ele procurava inspirar com as ultimas cartas. Tudo lhe fazia, portanto, acariciar a esperança de estarem, em breve, dissipadas as perturbações crueis de que fôra cauza.

Augusto Comte acordou no dia seguinte sentindo esse alvoroço de contentamento que apenas póde conceber quem já experimentou os extazes de uma egregia adoração feminina. As paredes e os objetos que o cercavão parecião partilhar dos seus arroubos e falar-lhe da sua Bem-Amada. Descobria em cada coiza um encanto novo que não suspeitára nunca. Aproximou-se da sua meza de trabalho para fazer a cópia da *Santa Clotilde*, e a modesta confidente dos seus grandes entuziasmos regeneradores como que o atrahiu com mais ternura que dantes. Pela primeira vez na sua vida, a sua pena, delineando as sublimes construções do seu genio, retraçaria, ao mesmo tempo, as suas mais intimas e suaves emoções. Até então, era, ao descrever os dolorozos estragos que a revolução trouxera á existencia domestica, que Ele sentia caraterizar simultaneamente o quadro do seu proprio lar! Que contraste entre o seu passado e o seu prezente! Que maravilhoza e inesperada identificação entre a vida privada e a existencia publica, entre os mais imprescritiveis deveres e a mais pessoal de todas as venturas! As letras pequeninas e nitidas, encantadas pelo esmero e o dezejo de prolongar a delicioza confidencia, ião rendilhando vagarozamente o papel.

Terminado o santo traslado, redigiu e copiou tambem, como fizera com as anteriores, a carta em que oferecia a Clotilde a incomparavel homenagem. Nessa doce ocupação absorveu-se uma grande parte do dia. Acabado tudo, expediu por Sofia os preciozos manuscritos, e acompanhou-os mentalmente com o coração palpitante até as formozas mãos da sua idolatrada destinataria.

Era vespera da festa de Clotilde, e a alma doce da desventurada Senhora vagueava talvez pelo seu tocante passado, lacerando-se nas pungentes lembranças dos seus infortunios. Mas Ela encontrava um balsamo salutar nas saudades da sua infancia e da sua adolecencia, bem como nas santas reminicencias da sua virtuoza mocidade. O vulto meigo da sua Padroeira lhe recordava os tempos felizes em que um culto cheio de poezia derramava-lhe no coração as bem-aventuranças da fé. Oxalá pudesse reviver as crenças ingenuas da sua meninice, e reanimar o entuziasmo que tantas vezes a arroubára nas *solenidades grandes e suaves da capela do convento!* * Quem lhe dera poder libertar-se das impressões desse espirito voltairiano que tinha o rizo do septicismo para as coizas mais santas, sem achar uma lagrima de piedade com que mitigasse os corações resequidos... Como era triste balouçar entre os atrativos da fé que não se tinha a força de resurgir, e as solicitações do racionalismo que não se podia amar!...

Enquanto se embevecia nesses devaneios tão ungidos de saudade, mas tão ermos de esperança, as horas ião cahindo como gotas de orvalho sobre uma flôr que o Destino permitisse arrancar aos abraços da morte. Pouco a pouco foi-se mergulhando em delicioso sismar, que mais era o encanto de um sonho do que o enleio de uma vigilia melancolica. Parecia-lhe que estava transportada para uma época em que a poezia dos tempos medievos vinha aliar-se, num consorcio maravilhozo, com os esplendores da civilização moderna. E, na contemplação desse vago ideal, esquecia talvez a amargura do seu prezente, quando a carta de Augusto Comte veio chamá-la á realidade. Devia ter tido um sobresalto ao perceber o volume da correspondencia... Para que agravar porventura com uma leitura doloroza as penozas emoções que a torturavão?... E, irrezoluta, quanto tempo não fixou distrahidamente os olhos na carta que tinha entre as mãos, enquanto o seu pensamento lhe retraçava, sem querer, os sofrimentos do Filozofo...

Seja o que fôr de tal hezitação, uma especie de remorso por conservar-se muito tempo surda ás suplicas de uma nobre alma sedenta de consolações, a faria quebrar o selo.

* Clotilde designava assim a caza da Legião de Honra, na rua Barbette, onde foi educada. — R. T. M.

Reconheceu então que havia duas cartas, ambas para si... Ao ler o titulo da EPISTOLA FILOZOFICA, a sua fizionomia expandiu-se numa alegria suave. Percorreu então a carta de oferecimento. O nosso Mestre lhe dizia:

Decima-quinta carta

Lunedia á tarde 2 de Junho de 1845 (3 h.)

Dignai-vos, Senhora, aceitar cordialmente, por ocazião da vossa festa, a pequena compozição incluza, que foi, nestes ultimos dias, o doce rezultado da primeira manhan passada fóra do meu leito. Alem do motivo publico muito real e muitissimo grave aos meus olhos, que indico no começo, não duvidareis, penso eu, que o meu coração foi secretamente impelido pelo prazer de ocupar-me comvosco e a inocente esperança de sorprehender-vos agradavelmente. Sem que de modo algum houvesse procurado reagir assim sobre mim mesmo, esse ligeiro trabalho produziu-me todavia um efeito salutarissimo, determinando espontaneamente uma afetuoza volta ás minhas meditações habituais, mediante a unica contensão de espirito que me era então possivel por ser relativa a vós.

Podereis portanto ver tambem ahi um primeiro exemplo dessa solidariedade mais intima que espero estabelecer pouco a pouco, graças á nossa precioza amizade, entre o surto dos meus mais altos pensamentos e o dos meus mais puros sentimentos. Essa afortunada conexão vos fôra já sem duvida anunciada, em geral, na minha fatal carta de 17 de Maio: porem, ela achava-se então demaziado alterada pela sua vicioza mistura com as loucuras passageiras que tão justamente vos alarmárão. A ocazião atual atrahirá especialmente a vossa atenção, de uma maneira mais pura e mais direta, sobre essa importante correlação, doravante tão favoravel ao aperfeiçoamento da minha vida publica como á felicidade da minha vida privada.

Devo, Senhora, aproveitar cuidadozamente de um dia que vos dispõe mais á indulgencia, para solicitar de novo a plenitude do vosso perdão a respeito das *faltas, graves* embora involuntarias, em que recentemente incorri para comvosco, e que me esforçarei constantemente por fazer-vos esquecer, bem que as haja reparado quazi logo que as cometi. Talvez deva hoje felicitar-me de não ter podido ir Venerdia á caza dos vossos pais. A nossa primeira entre-

vista tornar-se-á por isso mesmo mais satisfatoria depois d'amanhan á tarde, operando-se assim sob o venturozo patrocinio de santa Clotilde. Oxalá tão pura lembrança venha doravante colocar-se incessantemente diante da recordação da tormenta anterior! Ela marcará naturalmente o verdadeiro ponto de partida das nossas serenas relações habituais, que serão sempre dignas, ouzo assegurá-lo, de tal estréia.

Vosso amigo devotado,

A^TE COMTE.

Embora a epistola filozofica vos fosse unicamente destinada, ela está escrita de maneira a comportar, sem o menor inconveniente, qualquer publicidade que dezejardes dar-lhe; aprovo de antemão tudo o que projetardes a esse respeito.

Na longa vizita que teve a bondade de fazer-me hontem o vosso ecelente irmão, soube dolorozamente da notavel recrudecencia da vossa tosse nervoza que estou ouvindo agora d'aqui: temo haver contribuido demaziado para ela em virtude das penozas emoções que tive a desgraça de vos cauzar ha cerca de quinze dias.

II

A teologia não nos permite ainda conhecer plenamente a natureza e a intensidade dos pendores benevolos por falta de um exercicio proprio e direto.

(Discurso sobre o espirito pozitivo, p. 73

Com que brilhantes olhos Clotilde perpassou em seguida estas delicadas linhas:

CARTA FILOZOFICA SOBRE A COMEMORAÇÃO SOCIAL*

Composta para Madame Clotilde de Vaux, por motivo de sua Festa, pelo autor do *Sistema de Filozofia Pozitiva*

Paris, Lunedia, 2 de Junho de 1845.

MINHA SENHORA,

Ligo muita importancia a que me julgueis tão plenamente emancipado de todos os preconceitos irreligiozos ou metafizicos quanto dos preconceitos puramente teologicos,

* Tradução do Diretor da nossa Igreja, o Cid. Miguel Lemos. R. T. M.

como na realidade estou ha muito tempo. Tendo percebido recentemente que conservaveis algumas duvidas esseneiais a este respeito, rezervava-me no meu intimo a faculdade de as desvanecer em breve, graças á proxima volta de um feliz ensejo periodico. Festeja-se amanhan Santa Clotilde, vossa padroeira. Permiti, pois, minha Senhora, que, prevalecendo-me de um tocante costume universal, eu me associe hoje á vossa familia para oferecer-vos, a meu modo, um testemunho especial de afetuoza lembrança. Espero que, em virtude das reflexões gerais que esta precioza circunstancia vai levar-me a indicar-vos de um modo sumario, concebereis idéias mais exatas sobre o carater eminentemente social de uma filozofia que, de certo tempo a esta parte, tem repercutido muito em torno de vós, sem que talvez a tenhais ainda examinado diretamente.

O instinto da sociabilidade, ou o sentimento habitual da ligação de cada um a todos, estaria muito imperfeitamente dezenvolvido si esta relação se limitasse ao prezente, como nos animais sociaveis, sem abarcar tambem o passado e mesmo o futuro. A sociedade humana é sobretudo caraterizada pela cooperação continua das gerações sucessivas, fonte primeira da evolução peculiar á nossa especie. Assim, todos os estados sociais devião ter aprezentado, cada qual a seu modo, certas instituições permanentes, primeiro espontaneas, depois cada vez mais sistematicas, especialmente destinadas a manifestar simillhante nexo, constituindo a cadeia dos tempos pela veneração regular dos antepassados privados e publicos. A antiguidade ofereceu, a este respeito, poderozos recursos, apropriados á natureza de suas opiniões e ao carater de sua civilização. Este culto das memorias foi então exaltado amiudo até a apoteoze propríamente dita, que seria muito injusto apreciar sómente pelos monstruozos abuzos peculiares á decadencia do paganismo. Mas simillhante instituição não podia ser muito eficaz sinão para as primeiras idades e em relação ás castas superiores, de conformidade com o genio imovel e aristocratico de todas as sociedades antigas. Todos os grandes departamentos divinos devendo ter sido em pouco tempo ocupados na organização inicial do politeismo, os novos deuzes sem pasta, que esse reconhecimento oficial multiplicava, raramente podião obter verdadeira importancia, mesmo quando se desmembrava em proveito deles algum oficio anterior.

Substituindo, segundo o espirito de sua doutrina, a apoteoze antiga por uma simples beatificação, o monoteismo, sobretudo o cristão, muito aperfeiçoou na realidade esta parte essencial de toda organização social. Posto que essa substituição necessaria estimulasse menos os dezejos pessoais de uma glorioza imortalidade, ela propagava mais o seu surto, desde então indistintamente permitido a todas as condições. Sabeis, por exemplo, minha Senhora, que a vossa nobre padroeira e a sua humilde contemporanea de Nanterre * tornárão-se, quazi ao mesmo tempo, objeto de um culto pelo menos igual. Esta extensão universal do principio de consagração permitiu em seguida que o catolicismo, orgão principal por muito tempo do progresso social, introduzisse neste particular um admiravel aperfeiçoamento, ligando nele a vida privada á vida publica. A instituição, muito mal comprehendida, dos nomes de batismo ofereceu, com efeito, a todos, não só a livre escolha de um patrocinio especial, mas tambem um nobre modelo de imitação pessoal. Si o inevitavel dezuzo das crenças teologicas houve de gradualmente extinguir o primeiro destino, nada poderá destruir nunca o segundo. Inherente ás leis de nossa natureza, ele ha de reproduzir-se dentro de pouco sob inspirações ao mesmo tempo mais sistematicas e mais duradouras, logo que uma verdadeira reorganização dos principios e dos sentimentos humanos vier terminar a deploravel anarchia que carateriza o nosso tempo.

Esta epistola filozofica degeneraria, minha Senhora, em um tratado muito descabido, si eu désse aqui maior dezenvolvimento ás indicações precedentes. Elas bastão, porem, para que a vossa rara penetração possa entrever, em geral, como é que a filozofia pozitiva justifica plenamente esse culto catolico dos santos, referindo o ao seu verdadeiro destino social, buscado então sob as fórmas proprias ao estado correspondente da Humanidade. Será sempre um costume muito social o celebrar periodicamente a memoria de nossos dignos predecessores, e tambem o prescrever solenemente a cada um de nós a imitação continua de um deles. Os verdadeiros filozofos deplorão com razão, a este respeito como a tantos outros, que estas uteis praticas estejão hoje desacreditadas em virtude de sua funesta adherencia a doutrinas que tinhão que sucumbir sob a sua incom-

* Santa Genoveva. R. T. M.

patibilidade final com o surto continuo da inteligencia e da sociabilidade.

Quanto ao cazo individual que me induziu, minha Senhora, a assinalar-vos estes apanhados gerais, eu não poderia dezejar outro que fosse mais apropriado a confirmá-los. Nos tempos de sua decadencia, o cristianismo, como outrora o paganismo, frequentes vezes abuzou, conquanto em grau muito menor, desse grande oficio de consagração publica que lhe coubera. Mas nada disto se póde dizer de vossa antiga padroeira, que oferece a todos os respeitos um dos melhores exemplos da canonização catolica. A Igreja Romana considerou com toda razão a conversão de Clovis como tendo influido mais do que qualquer outra conversão real, salvo a de Constantino, sobre o dezenvolvimento social da França, e mesmo de toda a Republica Ocidental. Ora, não se póde contestar a doce influencia exercida pela amavel Clotilde para secundar os altos impulsos politicos que determinárão esse grande acontecimento. A sua longa e tranquila viuvez não foi menos nobremente empregada em moderar as selvagens dissensões de seus filhos. Uma consagração merecida por tantas qualidades eminentes, antes morais que mentais, constitúi, a meu ver, um dos tipos mais adequados a caraterizar a intervenção social das mulheres, habitualmente destinada a moralizar pelo sentimento o dominio espontaneo da força material. Não fiqueis, pois, sorprehendida, minha Senhora, de que eu possa associar-me cordialmente a meu modo, a todos os que amanhan celebrarão, sob quaisquer fórmas, esta interessante memoria, que ninguem, ouzo dizê-lo, apreciará melhor do que eu. Quando a nova escola efetuar a revizão esclarecida e a retificação sistematica do calendario teologico, a vossa cara padroeira ahi conservará seus justos direitos pessoais á eterna gratidão da Humanidade. *

Em geral, minha Senhora, ficai bem convencida de que a filozofia essencialmente pozitiva que ha de caraterizar o seculo XIX não vem para destruir, como antes teve que fazê-lo, a filozofia puramente negativa peculiar ao seculo passado. O seu objetivo consiste sempre em construir, como rezultado final de todos os trabalhos anteriores, a ordem a um tempo estavel e progressiva, que mais se coaduna com o conjunto de nossa natureza pessoal e social. Quando

* De fato, Santa Clotilde ocupa no *Calendario concreto pozitivista* o Lunedia da 4 semana do mez de Carlos Magno — R. T. M.

conhecerdes assás o seu espirito relativo e a sua tendencia organica, comprehendereis este admiravel privilegio que lhe permite combinar, pela vez primeira, sem inconsequencia alguma, numa unica doutrina homogenea, tudo quanto os diversos estados anteriores puderão já oferecer de grande ou de util. Ela separa por toda parte o oficio contínuo que determinava o destino fundamental de cada instituição, das fórmas provizorias que sucessivamente tiverão que corresponder ás diferentes idades da Humanidade, de sorte a manifestar sempre o modo final que doravante prevalecerá diretamente. Em uma palavra, só esta nova filozofia reprezenta realmente a vida coletiva de nossa especie, cuja marcha necessaria constitúi sobretudo o seu objeto proprio, que teologia alguma pôde abarcar, e ainda menos nenhuma metafizica. As religiões, com efeito, não podião até aqui propôr a cada um sinão um fim puramente pessoal, a salvação eterna, em que a sociedade apenas pôde intervir como meio, e quando muito como condição, sem nenhum destino progressivo que lhe pertença coletivamente. Durante a longa infancia da Humanidade, a sabiduria sacerdotal, bem inspirado orgão do instinto universal, teve no entanto que tirar dessas construções imperfeitas uma precioza eficacia social, que o pozitivismo explica e circunscreve. Mas esse indispensavel oficio provizorio não podia prezervá-las sempre da exautoração irrevogavel em que incorrêrão gradualmente, a medida que a evolução humana aluía ao mesmo tempo o seu credito intelectual e a sua influencia moral. As denominações uzuais,* que ainda lembrão essa aptidão primitiva para coadunar nossas idéias e sentimentos, parecem hoje não convir mais ás crenças teologicas sinão por uma especie de ironia amarga. Com efeito, ha tres seculos, pelo menos, que estas, longe de tenderem a unir-nos, têm degenerado evidentemente cada vez mais em fontes fecundas de dezordens publicas e mesmo privadas. Esta degradação rezulta, em primeiro lugar, da impotencia crecente dessas construções para protegerem as noções sociais que nelas se achavão confuzamente formuladas, e em seguida de sua propria tendencia a suscitar divagações quazi indefinidas,

* O nosso Mestre se refere ao sentido etimologico da palavra *religião* e seus derivados, os quais, pela sua compozição, trazem todos a ideia de *unir*, *religar*, etc. — R. T. M.

de hoje em diante incompativeis com qualquer sistema fixo de convicções ativas.

Não duvideis, pois, minha Senhora, de que, quando as concepções reais tiverem enfim se tornado assás gerais, o que se está efetuando hoje sob vossos olhos, elas não convenhão melhor do que quaisquer chimeras a todos os nobres destinos humanos. Em referencia ao importante assunto esboçado nesta carta, reconhece-se sobretudo a tendencia espontanea do pozitivismo a consagrar dignamente as diversas glorias, apreciando criteriozamente suas participações respetivas na evolução fundamental da Humanidade. Quando os costumes modernos tiverem podido adquirir, neste particular, o seu dezenvolvimento proprio, segundo os principios convenientes, o sistema de comemoração receberá um aperfeiçoamento geral, pelo menos equivalente ao que rezultou da substituição do catolicismo ao politeismo. Porquanto o regimen catolico era ao mesmo tempo demaziado absoluto e demaziado estreito para ter algum dia podido preencher suficientemente este grande oficio social. Tudo que existira antes dele, e tudo quanto vivia fóra do seu seio, inspirava-lhe naturalmente uma cega reprovação. Sem mesmo sahir de seu proprio recinto, ele não póde envolver as glorias não previstas pelas suas fórmulas imoveis. Não tendes, por exemplo, notado com sorpreza e indignação, a extranha lacuna de nossos calendarios teologicos relativamente á virgem heroica que salvou a França no decimo-quinto seculo? *

Quanto mais prescrutardes este grande assunto, mais reconhecereis, minha Senhora, que só o novo regimen filozofico é que póde glorificar conjuntamente todos os tempos, todos os lugares, todas as condições sociais, e todos os generos de cooperação, quer publicos, quer mesmo privados. Consolidando o ativo sentimento da continuidade humana, ele alargará o seu alcance e nobilitará o seu carater; porquanto ele comprehenderá ahi a consideração familiar do porvir, que o regimen anterior não podia abraçar, por não conhecer a lei geral do progresso social. Ele popularizará o culto das memorias ainda mais que sob o catolicismo, extendendo aos mais humildes cooperadores o sentimento habitual da convergencia universal, sem nenhuma van distinção entre a ordem publica e a ordem privada. Toda

* Joana d'Arco. -R. T. M.

existencia verdadeiramente honoravel poderá legitimamente aspirar a alguma consagração solene, já no proprio seio da familia, já na cidade, na provincia, na nação, e enfim, na raça inteira.

A todos os respeitos, minha Senhora, que espirito poderia ser tão sociavel como o do verdadeiro pozitivismo, unico que abrange realmente o conjunto da vida humana, individual e coletiva ? Os tres modos simultaneos de nossa existencia, pensar, amar, agir, se achão nele diretamente combinados, em toda a sua extensão possivel, por um principio igualmente aplicavel ao individuo e á especie. Eles tornão-se ahi os objetos respetivos de nossas tres grandes criações continuas, a filozofia, a poezia, e a politica. A primeira sistematiza diretamente a vida humana, estabelecendo, entre todos os nossos pensamentos quaisquer, uma conexidade fundamental, primeira baze da ordem social. O genio estetico embeleza e nobilita toda a nossa existencia, idealizando dignamente os nossos diversos sentimentos. Enfim, a arte social, cujo ramo principal é constituido pela moral, rege imediatamente todos os nossos atos, publicos ou privados. Tal é a intima solidariedade que o pozitivismo estabelece entre os tres grandes aspetos, especulativo, sentimental e ativo, peculiares á vida humana. A nossa existencia é ahi encarada, quer no individuo, quer na especie, como tendo por fim continuo o aperfeiçoamento universal, primeiro no que se refere á nossa condição exterior, e em seguida á nossa natureza interior, fizica, intelectual, e sobretudo moral.

Conquanto esta epistola seja já bastante longa, não quizera, minha Senhora, terminá-la sem vos assinalar o atrativo especial que a nova filozofia deve oferecer ao vosso sexo, quando ele a conhecer melhor.

Afastando uma esteril agitação politica, a escola pozitiva vem hoje colocar no principal lugar da ordem do dia a reorganização espiritual. Daqui por diante ela fará prevalecer a regeneração direta das opiniões e dos costumes sobre a das instituições propriamente ditas, que não podem ser convenientemente elaboradas sinão por ultimo. E esta transformação radical dos vãos debates atuais seria seguramente muito favoravel á influencia social das mulheres, segundo as verdadeiras leis da propria natureza delas e da ordem universal. A intervenção feminina, tão nobremente surgida na Idade-Média, sob o espiritualismo catolico, pa-

rece ter-se quazi extinguido com este. Ora, as insurreições pessoais que o nosso tempo sucita contra uma economia verdadeiramente fundamental prestão-se muito pouco a reanimar essa indispensavel influencia, que só o espiritualismo pozitivo póde agora dezenvolver convenientemente. Longe das predileções especiais do vosso sexo deverem referir-se vanmente ao passado, elas não deverião ver neste sinão uma especie de indicio historico da participação superior que lhe rezerva necessariamente o verdadeiro futuro social. Porque, segundo a marcha invariavel do progresso humano, as influencias morais tendem cada vez mais a prevalecer sobre os poderes materiais. Similhante conexão aceitou sempre as simpatias femininas em favor das diversas renovações mentais da Humanidade. A falar verdade, ela se manifestou já desde o primeiro aparecimento sistematico da filozofia pozitiva, sob o grande impulso de Descartes, que tanto acolhimento encontrou entre vosso sexo. As senhoras do seculo XIX não podem a este respeito ficar aquem de suas predecessoras, quando esta filozofia, que então não podia ser por fórma alguma social, alcança enfim a sua plena madureza. O seu principal dominio consiste doravante nos assuntos que por sua natureza, fornecerão sempre o alimento essencial dos sentimentos do vosso sexo e dos pensamentos do nosso.

Uma organização eminentemente afetiva dispõe habitualmente as mulheres a secundarem a influencia moral da força especulativa sobre o poder ativo, no antagonismo diario que dirige os negocios humanos. A propria pozição social delas, alheia sem ser indiferente, no meio do movimento pratico, as erige espontaneamente em intimos auxiliares de todo poder espiritual contra o poder temporal correspondente. Ora, o novo regimen moral para o qual tendem as sociedades modernas ha de dezenvolver mais do que o antigo esta afinidade natural. Como é que o vosso sexo não ha de acabar por preferir uma doutrina que fará necessariamente prevalecer a adoração das mulheres? A admiravel cavalaria da Idade-Média, comprimida sob as crenças teologicas, nunca tinha podido erguer este culto alem do segundo plano. Quando a sociabilidade moderna houver tomado o seu verdadeiro carater, o joelho do homem só se dobrará diante da mulher.

Vosso espirito e vosso coração hão de desculpar, assim o espero, a extensão destas diversas indicações gerais em

consideração de sua importancia. Elas pelo menos alcançarão o seu objetivo principal, dispensando-vos, minha Senhora, de recorrer a imensos tratados para apreciardes melhor de hoje em diante a nova escola, ao mesmo tempo filozofica e social. Posto que realmente dimanada da revolução franceza, vedes que ela difere profundamente de todas as escolas puramente revolucionarias. Estas ainda tendem a destruir sem construir, quando o aplainamento prévio está ha muito suficientemente feito. Melhor do que qualquer influencia metafizica, a doutrina pozitiva opõe-se radicalmente a toda retrogradação teologica. Ora, ela não prosegue esta luta accessoria sinão satisfazendo mais do que o regimen primitivo a todas as necessidades, intelectuais e sociais, que motivárão o ascendente desse regimen, cuja origem e declinio ela igualmente explica.

A lembrança de vossa doce padroeira se me tornará daqui por diante mais cara. Ter-me-á assim fornecido uma precioza ocazião de vos fazer sentir a aptidão moral do pozitivismo. Vedes que, sem nenhum vão ecletismo, este novo regimen universal apropria-se naturalmente tudo o que os outros estados da Humanidade já oferecêrão de nobre ou de salutar. Mas tambem afasta criteriozamente as fórmas passageiras que, a principio indispensaveis ás fundações correspondentes, alterárão em seguida a sua eficacia social, que a escola nova tende sempre a consolidar e a aperfeiçoar.

Dignai-vos aceitar bondozamente, minha Senhora, os votos sinceros que este dia recorda mais vivamente ao

vosso respeitozo amigo,

AUGUSTO COMTE.

III

Quando chegar o tempo de dezenvolver convenientemente o carater sentimental da nova filozofia, os juizes competentes reconhecerão que ela não teme, sob esse aspeto, mais do que sob o aspeto especulativo, a comparação real com a teologia.

(*Carta de Augusto Comte a Sarah Austin.*)

Quando Clotilde terminou a leitura, talvez em borbotões rolassem as lagrimas sobre as rozas do seu rosto angelico e viessem gotejar sobre o papel... Teria entrevisto a reali-

zação do seu sonho?... E a sua compaixão pelo Filozofo misturava-se agora á gratidão pelo imprevisto conforto que Ele lhe trazia... Então, mais calma, como quem sente-se aliviada de uma dôr imensa, outra vez teria começado a comovente leitura... E, outra vez, as lagrimas doces da piedade, da admiração, e do reconhecimento lhe humedecêrão porventura a fizionomia radiante.

Erão horas de sahir para a caza dos seus Pais, onde, como vimos, costumava ir tomar as suas refeições, e deleitou-se com a idéia do prazer inesperado que ia produzir aos seus communicando-lhes o delicado mimo. Tiraria assim á carta a natureza confidencial e contribuiria para manter ao afeto de Augusto Comte o carater da nobre amizade que era o só que dele podia aceitar. Mas, ao mesmo tempo, um graciozo projeto lhe foi inspirado pela sua piedade. Porque não cauzaria ao Filozofo uma sorpreza não menos tocante, indo agradecer-lhe, naquela mesma tarde, a cavalheiresca atenção, e provando-lhe assim a confiança que depozitava nas suas nobres rezoluções? Não o tinha visto desde a vespera da carta fatal; e este pensamento devia ter-lhe determinado uma melancolica hezitação. A lembrança, porem, de que a sua Mãi e Maximilien havião de querer associar-se á sua generoza cortezia seria bastante para dissipar similhante nuvem.

Foi sob essas emoções que Clotilde chegou á rua Pavée; e quem não imagina a tocante sena que então se teria passado naquele modesto lar? Com que terno desvanecimento, Mme Marie teria sentido nos beijos afetuozos da Filha estremecida, a santa alegria de que Ela se achava possuida? Com que solicitude o seu velho Pai indagaria a cauza da venturoza agitação que tão gratamente o sorprendia? Como todas essas inefaveis manifestações devião repercutir no delicado coração da sua joven Cunhada e na alma nobre do seu entuziastico Irmão?...

Essas deliciozas emoções de uma terna curiozidade, que a nossa constituição afetiva torna felizmente tão familiares, crecêrão, quando Clotilde explicou o motivo do seu doce contentamento. Maximilien fez provavelmente, para todos, a leitura da comovente epistola, enquanto os olhares se trocavão como si cada qual ardesse por comunicar as agradaveis impressões que ia experimentando. Preparada pelas leituras anteriores, Clotilde pôde porventura dominar suficientemente a vivacidade do abalo especial que aquelas

Retrato de HENRIETTE JOSÉPHINE MARIE
(n. de FICQUELMONT), Mãi de CLOTILDE.
(Segundo uma miniatura colorida pertencente
á Familia Marie.)

O ANO SEM PAR, *p. 188.*

palavras determinavão no seu coração. Mas o seu enleio subiria de ponto quando recebeu novamente a carta, entre as felicitações que traduzião o nobre regozijo dos que a rodeavão.

Com que animação não teria sido comentada, naquela hora divina, a rara delicadeza afetiva e o genio assombrozo de Augusto Comte?... Com que tocante acordo não externarião todos a conveniencia de agradecer, com gentileza não menor, uma manifestação tão inesperada de apreço?... Quem sabe si tambem não ocorreu a todos então o mesmo graciozo projeto que Clotilde acariciava e não vierão os votos gerais ao encontro do dezejo que Ela exprimiu? O certo é que ficou logo decidido que Clotilde iria com a sua Mãi e Maximilien agradecer, na mesma tarde, o preciozissimo mimo.

Nesse interim, o Filozofo saboreava, no seu rezignado izolamento, os efeitos encantadores da sua paixão sem exemplo. Desde que expedíra a *Santa Clotilde*, Augusto Comte ficára a conjeturar na influencia que ela exerceria sobre a alma da sua adorada Inspiradora. Parecer-lhe-ia vê-la sorpreza percorrer as linhas tão impregnadas do seu amor, e envolver em um sorrizo de complacente bondade a tocante epistola. Imaginaria depois que esse sorrizo destacava-se dos seus labios finos e nacarados e vinha, como um efluvio misteriozo, desfazer-se, junto de si, em palavras de uma indulgencia peregrina. Lembrava-se quiçá da temoroza explozão do seu entuziasmo, que de tão perto seguiu a primeira vizita de Clotilde!... Quando outra vez aquela imagem nobre e terna transporia os modestos umbrais donde uma temeraria imprudencia a tinha feito recuar?... E o seu coração o fazia novamente voltar para a *Santa Clotilde*, como se dela secretamente esperasse um prestigio que não ouzava formular...

E assim, como si uma téla fantastica, cuja urdidura retraçasse as senas do seu amor, se tivesse desdobrado sobre o seu cerebro e engastado, nas melindrozas malhas, os seus afetos e sentimentos, quanto sentia e ideiava, erão tudo memorias gratas de Clotilde. Passava e repassava as recentes peripecias da sua nova vida, e nela achava reunidos os grandes rezultados da sua existencia anterior. Não havia mais espaço em sua alma para as recordações egoistas, e arroubava-se nas reações filozoficas e sociais da sua incomparavel paixão. Mas uma duvida amarga vinha

por momentos perturbar a santa felicidade em que se embevecia... Quando teria fim a justa rezerva que Clotilde lhe impuzera em suas dignas relações mutuas? Contava vê-la dentro de tres dias. Esse encontro estava, porem, bem longe da intimidade que ambicionava...

Subitamente, como si uma harmonia mais doce sustasse um concerto deliciozo, a serie dos seus devaneios estaca... Crê ouvir passos... Si fosse Clotilde... E, antes que sahisse do seu enleio, Sofia o prevenia da chegada da Familia Marie...

Poucos segundos depois, o Filozofo achava-se em face de Clotilde, que viera acompanhada pela sua Mai e Maximilien Marie:

« *Vim agradecer-vos, Senhor, o vosso encantador mimo*, — disse Ela, volvendo-lhe os olhos côr de esmeralda e espelhando a bondade da sua alma num sorrizo graciozo. *

Quem poderá pintar a emoção com que essas palavras ecoárão no coração de Augusto Comte! A realidade que ali tinha diante de si excedia de muito todas as felicidades que jamais pudéra esperar naquele momento. Os arroubos do seu genio, sublimado pelo entuziasmo, derão naturalmente á conversação um encanto indescritivel. Expandiu-se nos assuntos que condensára na sua epistola filozofica, esforçando-se por patentear a preeminencia social e moral do Pozitivismo. Até ali só tinhão percebido a superioridade mental da nova doutrina; entretanto a regeneração humana exigia sobretudo que se vulgarizasse a sua aptidão sentimental. Tal ia ser doravante o objeto contínuo dos seus esforços... Como em outros momentos da sua vida, ninguem diria, escutando-o, que Ele apenas acabava de sahir de uma crize tremenda.

Depois que a Familia Marie retirou-se, quem sabe por quanto tempo o Filozofo deixou-se ficar, numa contemplação imovel, diante da cadeira em que estivera Clotilde?... Modelado pela sua possante imaginação, o Ar embalsamado guardava, inalteravel e fiel, a imagem adorada que circunscrevêra havia pouco. A sua atitude nobre e suave, o seu traje elegante e modesto, as linhas graciozas do seu porte, os traços meigos das suas feições, os reflexos dourados dos seus cabelos castanhos, a doçura do seu olhar esmeraldino, a suavidade da sua voz... tudo se

* Esta vizita é uma das *imagens normais* do culto intimo do nosso Mestre.

reproduzia com vivacidade na mente arroubada de Augusto Comte. Por fim, como si cedesse a um aceno da sedutora Vizão, ajoelha ao seu lado, toma-lhe as mãos formozissimas e as cobre de ferventes beijos. Dir-se-ia uma resurreição de Dante arrebatado aos pés de Beatriz...

Nunca mais ninguem sentou-se naquela cadeira, erigida desde então em *altar* domestico da nossa imaculada e terna Mãi Espiritual. Depois da morte dela, o nosso Mestre só a consagrou, alem desse comovente destino habitual, a servir de catedra pontificia nas solenidades da religião definitiva. Simillhante pratica vinha assim lembrar que o sacerdocio futuro constitúi apenas o orgão da Mulher incomparavel que será eternamente a melhor incarnação da Humanidade, porque nela o Grão-Ser rezumíra as graças supremas acumuladas lentamente pela sagrada evolução no sexo feminino.

Maravilhozo prodigio do coração: o *culto* pozitivista acabava de ser inaugurado, espontaneamente, no seu grau mais intimo. A *reza* deixava enfim de ser um apanagio do teologismo. Despindo, para sempre, as faxas do egoismo, ela tornava-se uma pura convivencia de amor com os entes que adoramos, conforme a nobre aspiração dos grandes misticos do Catolicismo. Enquanto os sientistas aridos extenuavão-se para figurar os mais singelos tipos da abstração geometrica, o Filozofo que eles perseguião, fazia docemente penetrar o genio de Archimedes e Lagrange nas regiões até então apenas accessiveis aos arroubos poeticos de Dante e Petrarca.

IV

E' melhor amar do que ser amado.
AUGUSTO COMTE— *Orações*.

Clotilde sahiu da caza de Augusto Comte extremamente impressionada com o entuziasmo do Filozofo. Evidentemente Ele se achava sob o prestigio de uma exaltação perigoza. De nada tinha servido quebrar-lhe as mais doces esperanças, apenas formadas. Aceitára, com digna rezignação, todos os limites impostos á sua ternura; mas o pouco que lhe ficára adquiria, na sua alma, uma exhuberancia maravilhoza.

Ante a exaltação afetiva do Filozofo, Clotilde experi-

menta alguma coiza de analogo á vertigem que provoca a contemplação de um abismo insondavel. Era precizo, a todo transe, impedir que similhante amor proseguisse na sua terrivel expansão e aniquilasse aquela magestoza existencia... Tal foi o pensamento que se apoderou irrezistivelmente do seu espirito. Desde aquele momento, evocados pela alma de Clotilde, uma multidão de projetos volteja em torno da sua fantazia... Ela os acolhe todos, e todos vão-se no mesmo instante, levando porventura consigo uma parte das suas esperanças.

Passão-se assim quazi dois dias de angustioza preocupação. Na tarde do segundo (4 de Junho) Ela encontra-se novamente com Augusto Comte em caza dos seus Pais. * O Filozofo acha ensejo para aludir ao estado do seu coração, falando-lhe da ingenua adaptação que fazia dos cantos italianos ás suas diversas emoções. Essas manifestações estimulão os alarmas de Clotilde. Ela entra em caza comovidissima: o sono lhe foge das palpebras roxeadas e a solidão da noite recebe com piedade os soluços que escapão do seu seio dolorido. Afinal toma uma rezolução heroica, que a vai consumindo até que a manhan surja. Então dirige ao Filozofo a confidencia do amor que tambem, havia dois anos, a torturava!...

Decima-sexta carta

Jovedia de manhan 5 de Junho de 1845.

Déstes-me um testemunho da vossa estima, Senhor Comte: oxalá encontreis um outro da minha no que vou dizer-vos de mim.

Nunca teria acreditado que fosse possivel ajuntar mais nada ao que tenho sofrido, ha longo tempo; mas acabo de ver que se póde resentir o contra-choque das dores dos outros ao mesmo que se padecem as proprias. O meu coração está como mutilado; e quando vos disse que perguntava a mim mesmo todas as noites si teria a coragem de passar o dia seguinte neste mundo, era verdade ao pé da letra. Em nome do interesse que tenho por vós, rogo-vos que trabalheis por sobrepujar um pendor que vos tornará desgraçado. Um amor sem esperança mata o corpo e a alma; ceifa-vos como um fio de herva. *Ha dois*

* VOLUME SAGRADO, p. 264.

anos que amo um homem do qual estou separada por um duplo obstaculo. Ensaiei em vão metamorfozear esse sentimento funesto em maternidade, em ternura de irman, em devotamento, ele devorou-me sob todas as fórmas. *Só quando tive a coragem de afastar-me* foi que pude começar a viver. Hoje, precizo de calma e atividade ao mesmo tempo. Emprego as minhas poucas forças em um trabalho que me póde ser de alguma utilidade para diante; não quero pensar sinão nisso agora. Conservai-me a vossa amizade, e crêde que aprecio o vosso coração tanto quanto vale. O meu está como fanado; é precizo que ele se retempere nas fontes da rezignação e da solitude. *Dezejo que não venhais ver-me na minha caza:* poupemo-nos as emoções um ao outro; elas só nos podem ser funestas. *Esplorai todas as vossas armas de homem para esta luta,* Senhor Comte; *uma mulher não tem sinão o seu coração para combater,* e nem por isso está menos obrigada a triunfar.

Si, como praz-me pensar, me tendes comprehendido e apreciado, achareis nas minhas tristes confidencias uma prova sincera de interesse e estima: ha *tranzações consagradas que são aos meus olhos misterios impenetraveis:* morrerei na minha ignorancia a tal respeito.

Adeus, Senhor, extendo-vos bem sinceramente a mão, e vos amo afetuozamente.

C. DE VAUX.

Esta comovente carta foi um golpe inesperado para Augusto Comte. Ele não imaginára nunca que a sua desgraça fosse tão grande! Supunha livre o coração de Clotilde, e acreditava mesmo que Ela estava rezolvida a conservá-lo tal para sempre. Rezignára-se, pois, a consagrar-lhe um amor puro, mas completo, afagando intimamente a perspetiva de ser correspondido porventura um dia. Podia ser que esse futuro fugisse continuamente diante de si, como diante do viajante vai fugindo a estrela que ele toma por guia. Mas, em todo cazo, sentia que lhe bastava, para a sua felicidade, até a morte, a certeza de que nenhum obstaculo realmente insuperavel se opunha a que Clotilde o viesse a amar. Nessa convicção a metamorfoze da sua paixão consistíra em adiar indefinidamente votos que, a principio, acreditára talvez prestes a serem cumpridos.

A ultima confidencia de Clotilde vinha, porem, esvair todos estes projetos sedutores. Era precizo esquecê-la, ou contentar-se com uma digna amizade. Mas o esquecimento era impossivel, agora justamente que Ela acabava de patentear, por um rasgo imprevisto, ainda mais a sua sublimidade moral. O Filozofo aceitou portanto com inquebrantavel rezignação o seu triste fadario, e rezolveu emprehender lealmente no seu amor a doloroza transformação que a situação lhe impunha...

Ser o segundo no coração da mulher que se adora, e segundo sem que tenha havido escolha, sem que os seus votos tenhão sido regeitados... Segundo, porque se teve a desventura de encontrar esse coração irrevogavelmente e irreprehensivelmente ocupado!... E não poder procurar outro afeto, porque os dotes egregios do ente idolatrado fazem irrezistivelmente convergir para ele tudo quanto de mais nobre existe na nossa alma!...

Foi então que o nosso Mestre sentiu quanto era imperfeita a analogia do seu destino com o do desventurado D'Alembert. Porque a sua infelicidade ecedia o infortunio do terno geometra da imensa superioridade moral e mental que Clotilde aprezentava sobre todas as mulheres que El conhecêra!...

Terrivel sorte que só os corações amorozos podem realmente apreciar. A todas as provações a que o Destino, na sua cega benevolencia, tinha submetido o supremo Regenerador, era indispensavel que se junta-se mais esta. A sua alma devia tornar-se o sacrario de todas as grandezas: absorver os sofrimentos sem alivio possivel e experimentar as delicias que não têm rivais... Em vez, pois, de sucumbir ás suas aflições, o seu pensamento desprendeu-se das suas torturas pessoais, como de um turibulo abrazado se elevão os flocos brancos do incenso, e veiu impregnar o ambiente social com as promessas da redenção. E esses efluvios rolárão em torno da imagem de Clotilde, cuja expressão parecia acolher com infindo reconhecimento tão incomparavel efuzão. Vitima augusta de imerecidos padecimentos, Ela tambem via-se frustrada nas mais ardentes e puras aspirações da sua alma. E, por unico lenitivo do seu martirio, esforçava-se, atravez dos maiores obstaculos, por transformar os seus infortunios em fontes perenes de felicidade universal.

Diante dessa evocação magestoza e terna, o Filozofo

sentiu que o arrebatava o assomo dos legendarios devotamentos. Seria inutil insistir em procurar uma alma feminina que melhor se identificasse com a sua e lhe proporcionasse enfim os afetos que jamais encontrára! A Fatalidade lhe permitíra ao menos alcançar finalmente a amizade sincera de um coração sem par. Pois bem, na cultura assidua dessa nobre e pura afeição rezumiria todas as aspirações da sua vida privada... Aplicar-se-ia em fornecer a Clotilde as luzes do seu genio, em troca das graças do seu coração. E procuraria, mais do que nunca, no dezenvolvimento da sua glorioza carreira social, a compensação, imperfeita embora, de tantas e tão crueis decepções da sua existencia intima. Talvez um dia viesse a ter por colega incomparavel dos seus destinos publicos a mulher sublime que o Destino não consentiu que lhe tocasse por espoza!...

Mas o coração murmurava secretamente contra todos esses projetos de rezignação... As opiniões de Clotilde acerca da indissolubilidade conjugal, e que Ele só conhecia de um modo vago, povoão o seu pensamento com imagens que se entenebrecem de momento a momento. E no meio das angustiozas aprehensões que elas suscitão, as tentativas literarias da nobre e piedoza Senhora fazem surgir no coração do nosso Mestre os mais cruciantes receios pelo futuro dela... Todas as teorias que possûi acerca da natureza humana, e especialmente da natureza feminina, todas as luzes com que o seu genio esclarecia os abismos cavados pela anarchia moderna, são outros tantos estimulos aos acerbos temores do Filozofo...

Quantas vezes, nessa agitação febril, cruzou a sagrada sala onde a idolatrada Senhora estivera na vespera de Santa Clotilde!... Quantas vezes não parou enlevado diante da cadeira donde a imagem dela o contemplava enternecida, e parecia-lhe repetir os conselhos e as exhortações da abnegada carta!... Foi com certeza ajoelhado junto daquele *altar*, deixando correr livremente as lagrimas da sua imensa ternura, que o nosso Mestre póde dezafogar o seu coração, sentindo coar-se-lhe na alma o alivio inefavel das imolações voluntarias... Só essa incomparavel efuzão seria capaz de dar-lhe forças para o sublime sacrificio que o altruismo exaltado lhe prescrevia... Só ela lhe proporcionaria algum repouzo no meio da tormenta que tendia a aniquilá-lo...

V

> Não me impeçais de trabalhar no vosso aperfeiçoamento, pois que é doravante a minha unica maneira de ocupar-me com a vossa felicidade.
>
> (17ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.

No outro dia, a seguinte carta consignava o comovente estado da grande alma do nosso Mestre :

Decima-setima carta

Venerdia de manhan 6 de Junho de 1845 (9 h.)

Terei a coragem, Senhora, de agradecer-vos cordialmente a vossa doloroza confidencia, e de testemunhar-vos com sinceridade quanto a vossa admiravel carta de hontem *confirma a minha alta opinião da vossa rara nobreza moral*. Sem duvida, teria sido ainda preferivel que essa irrevogavel declaração tivesse seguido logo a fatal explozão dos meus desventurados sentimentos, que desde então não terião podido arraigar-se tão profundamente. Mas poderia eu censurar esse retardamento de quinze a vinte dias, quando penso no violento esforço imposto por tal confissão, que a vivacidade mesma das minhas emoções podia aliás fazer-vos temer de apressar demaziado? Seja como fôr, o remedio, segundo espero, vem ainda a tempo para prevenir o curso de uma afeição, que podia, sem que eu o percebesse, acabar por tudo comprometer em mim, tudo, até a minha razão. Crede, pois, conforme o haveis esperado, que verei sempre uma grande prova de estima e de apego nessa cruel, porem indispensavel operação, que, espero, será eficaz. Não posso corresponder hoje a ela sinão por uma equivalente franqueza.

A dezigualdade só das nossas idades era bastante a um homem tão pouco favorecido como eu para inhibir-me de aspirar á vossa ternura. Contentava-me, porem, com crer que o vosso coração estava verdadeiramente livre, embora ele me parecesse decidido a permanecer sempre assim. Trabalhando por isso muito lealmente, ha quinze dias, para restringir os meus sentimentos aos limites que podieis aceitar, não me cria obrigado sinão a concentrá-los e a comprimir a explozão deles rezervando-me secretamente o seu livre surto ulterior, si este pudesse um dia

cessar de vos dezagradar. Trata-se doravante de muitissimo mais, desgraçadamente! Por vós como por mim devo extinguir com todas as veras, desde a sua energica estréia, *o unico verdadeiro amor que jamais senti*; e, com certeza, após essa cruel provação, concebeis com quanta solicitude fugirei agora de qualquer ataque similhante! Porque, vós pelo menos, *vós tinheis apreciado o meu coração, e não sómente o meu espirito.*

Indicando-vos ingenuamente ante-hontem o inocente artificio pelo qual os meus preciozos cantos italianos proporcionão ás minhas diversas emoções solitarias uma salutar expansão, mal contava achar-me tão cedo reduzido ao mais dolorozo dentre eles, e sobretudo a esta ária tão dilacerante dos *Puritanos*, de uma verdade e de uma simplicidade admiravel, *O cangia il mio fato, o cangia il mio cor!* Ah! ninguem, talvez nem mesmo o seu melancolico autor jamais cantou como eu aquilo que com tanta justeza convem á minha triste situação definitiva....

No entanto, Senhora, por mais profundos que sejão os meus pezares, nada vos posso exprobrar, e a rara nobreza do vosso proceder assegura-vos para sempre uma amizade que pareceis já apreciar dignamente. Ela não poderia sériamente suceder ao amor, si tivesseis aceitado outros votos após haver desdenhado os meus, ou si o vosso coração não tivesse sido advinhado sinão pelas minhas proprias observações ulteriores. Porem, ao contrario, a vossa afetuoza lealdade, superando uma repugnancia por demais natural, apressura-se em entregar-me uma confidencia decíziva, sem que eu a tivesse de modo algum provocado; alem de que, a evidente prioridade das vossas preocupações pessoais poupa-me até os tormentos da preferencia, não me deixando a deplorar sinão a minha triste fatalidade! *Crede*, pois, Senhora, *que conseguirei verdadeiramente vencer-me*, ou antes transformar-me radicalmente; porque, não renuncio mais do que vós a tão precioza amizade, da qual não cessais de ser digna por haver-me desvendado toda a extensão do vosso infortunio. A minha cara filozofia, que não se perde nunca em vans palavras, póde inspirar-me, segundo os cazos, tão bem a rezignação como a atividade; ela saberá prezervar-me de qualquer luta tresloucada contra obstaculos evidentemente insuperaveis. Por mais rude que

seja similhante provação, reconhecereis, espero eu, que a suportarei dignamente.

Deveis ter sabido pelo vosso irmão, e aliás eu mesmo nobremente o declarei ao publico ao terminar, ha tres anos, a minha obra fundamental, a que terrivel grau o fatal concurso das emoções morais com os esforços intelectuais, levou outrora a minha perturbação cerebral: sim, terei a coragem de vô lo repetir, estive doido durante a maior parte do ano de 1826, na idade de 28 anos. Como a plenitude da vossa confiança deve provocar a minha, completarei esta indicação por uma confissão que jamais fiz aos meus mais intimos amigos: durante a convalecença dessa horrivel enfermidade, fui, a pezar meu, arrancado do Sena!!... Porem a calma mesma desta inteira franqueza direta deve dissipar as inquietudes que vos poderia hoje inspirar o que sabeis do meu passado. Sem duvida, a erize em que estou imerso ha tres semanas deveu agravar-se, aos meus olhos, pelo sentimento involuntario das suas analogias reais com tão medonho epizodio. Todavia, ninguem sabe melhor do que eu quanto os dois cazos diferem de intensidade: a solicitude contínua que deve me ter inspirado tal lembrança constitũi aliás uma garantia suficiente contra uma volta incompativel com essa previzão, quando mesmo a minha madureza atual permitisse a possibilidade dela.

Esta triste indicação especial acabará, espero eu, de tranquilizar a vossa amizade sobre as consequencias, mesmo eventuais, da cruel comoção que tivestes de imprimir-me. Vou de novo, como em tantos outros cazos anteriores, buscar na minha vida publica a nobre embora imperfeita compensação das desgraças imerecidas da minha vida privada. Oxalá a Humanidade aproveite deste inevitavel sacrificio extremo! Devo doravante redobrar de amor por ela. O passado me ensina certamente que ela não foi jamais ingrata: porem infelizmente ela não me concederá a sua santa afeição eterna sinão longo tempo depois que eu houver cessado de poder saborear tão inefavel consolo, que a ninguem é dado gozar sinão por uma ideal antecipação.

O vosso repouzo importando-me pelo menos tanto quanto o meu, respeitarei, Senhora, o vosso dezejo natural de evitar provizoriamente qualquer livre entrevista direta. Embora não reconheça tanto como vós a sabiduria atual

de similhante precaução, uma justa sucetibilidade inhibe-me aliás agora de aprezentar-me em vossa caza, até que me tenhais espontaneamente convidado. Rogo-vos, porem, que em nome da nossa amizade final, não esqueçais que nada tem tanto poder sobre mim como a confiança: si essa medida se prolongasse demaziado, ela tornar-se-ia certamente mais injurioza do que prudente. Durante essa tranzição, proponho-me a passar, em caza dos vossos ecelentes pais, todas as minhas tardes disponiveis do Mercuridia e do Venerdia, tantas vezes quantas o puder sem arriscar de tornar-me importuno a uma digna familia, *na qual ser-me-ia tão doce incorporar-me a qualquer titulo para suprir o que sempre faltou-me a esse respeito.* Espero que, em tal meio, não evitareis a minha prezença; e o vosso aspeto facilitará, como o sinto, a minha penoza transformação.

Enquanto não chegar o momento de podermos retomar sem perigo entrevistas mais satisfatorias, permití-me, Clotilde (si conquistei dignamente Lunedia essa doce apelação, por ser fraternal e paternal ao mesmo tempo), começar desde hoje o puro oficio de um verdadeiro amigo acabando esta doloroza carta por algumas indicações, profundamente afetuozas embora necessariamente austeras, sobre a vossa proxima existencia literaria. A quaisquer outros respeitos, serei o vosso irmão mais velho: mas sob esse aspeto especial, posso e devo tornar-me *o vosso pai espiritual, como o fui do vosso nobre irmão.* Não me impeçais de trabalhar no vosso aperfeiçoamento, pois que é doravante a minha unica maneira de ocupar-me com a vossa felicidade, que ser-me-á sempre tão cara, sejão quais forem o grau e a fórma pelos quais possa concorrer para ela.

A imperfeição natural do vosso primeiro esboço * não impediu-me de dicernir nele o germen evidente de um verdadeiro talento literario, do qual adquiri em seguida provas tão decizivas nessas admiraveis cartas que tanto me custão. Pedindo tambem á vida publica uma nobre diversão ás dores da vida privada, livrai-vos, Clotilde, de dezenvolver o vosso talento a custa da *justeza das vossas idéias e da pureza dos vossos sentimentos, duplo atributo que vos distingue mais do que tudo da totali-*

* Até hoje não conseguimos saber qual o trabalho a que o nosso Mestre alude. R. T. M.

dade dessa raça *bleue*... Sabei evitar sempre de deixar degenerar em simples oficio o que não deve emanar sinão de uma inspiração espontanea: oxalá não vos confundais nunca com o extranho e perigozo turbilhão que vai talvez rodear-vos! Acima de tudo, minha cara amiga, recomendo-vos os verdadeiros principios sociais: deixai á turba escrevinhadora a demaziado facil demolição passageira de uma franzina moral publica em proveito unico de algumas afeições privadas. Não pretendo erigir-me em tipo: mas posso citar-me como exemplo da possibilidade das minhas prescrições gerais. Si, como prezumo, vos desvendar um dia toda a minha vida, ficareis sabendo até que ponto fui generozo e como o reconhecêrão: sentireis então que ninguem teria tanto como eu o direito de dezejar pessoalmente o divorcio; sabeis entretanto que ninguem, em nossos dias, tem reprovado mais energicamente essa dezastroza aberração. A Humanidade está em grande trabalho de regeneração total: tende a nobre ambição de secundá-la dignamente, em lugar de perturbá-la cegamente. Haveria agora mais honra, e aliás mais gloria literaria, em fortificar as verdadeiras noções fundamentais da ordem domestica do que em juntar-se, mesmo com talento, á multidão já tão vulgar das rebeldes, insensatas, ou criminozas, contra as bazes elementares da sociabilidade humana. Não escrevais nunca, sem duvida, sinão segundo as vossas convicções: desconfiai porem da sedução demaziado natural que dispõe hoje a tomar simples pendores pessoais por *verdadeiras convicções sociais, que devem ser tão raras, sobretudo no vosso sexo*, em nossos tempos de anarchia mental e moral. A vossa felicidade não está menos interessada do que a vossa honra em evitar essa fatal iluzão, que vos assinalo em tempo.

Adeus, minha nobre irman: aceito sinceramente a mão que me extendeis. Esperemos ambos uma melhor situação mutua, que vou esforçar-me por preparar com uma coragem digna da amigavel serenidade que me deixais ainda entrever no fim de tantas tempestades.

Todo vosso

Augte COMTE.

VI

Que prazeres podem ceder aos da dedicação?
(CLOTILDE—*Lucia*.)

Depois de mandar a sua ultima carta, Clotilde tinha ficado naturalmente num abatimento perturbado pelos mais crueis dessocegos. A principio experimentaria o alivio de quem acaba de praticar um rasgo de imenso devotamento... Mas, a proporção que as horas ião passando, a sua alma como que se foi bipartindo, cada metade travando com a outra uma luta sempre a seguir num crecendo terrivel... Teria ultrapassado as suas intenções e os seus dezejos produzindo no desventurado Filozofo uma comoção capaz de levá-lo aos extremos do dezespero?... Talvez a perzistencia da sua digna rezerva tivesse sido bastante para ir mansamente extinguindo a chama abrazadora que, sem querer, ateára... Em vez dessa conduta delicada e compassiva, ela acabava de produzir, quem sabe? uma explozão irremediavel...

Mas, quando esta serie de amargas conjeturas, agravando-se sucessivamente, estivesse prestes a aniquilá-la, uma outra multidão de pensamentos não menos penozos se levantaria atropeladamente... Era a sua timidez que ela se devia exprobrar... Si tivesse, desde o principio, procedido como agora, teria impedido que a fagulha lançada a esmo se transformasse num incendio pavorozo... Seria um crime deixar proseguir a desditoza paixão não empregando o unico meio que lhe restava para abafá-la, sem comprometer tão precioza existencia... Aliás a sua revelação prezente viera apenas corroborar os dezenganos decizivos com que acolhêra a primitiva manifestação de Augusto Comte... Como sempre, ainda desta vez, procurára suavizar o mal de que era cauza involuntaria, assegurando uma perfeita amizade em troca de um amor sem exito...

E, pouco a pouco, se exgotando assim a energia da sua reação defensiva, a sua piedade recomeçaria a enumeração dos seus escrupulos, como as notas sumidas de um canto angustiozo que vai subindo insensivelmente até perder-se num grito lancinante...

Nessa martirizante situação gastou-se o resto do dia. Em caza dos seus Pais, o virtuozo disfarce de Clotilde mal poderia velar a aflição que a torturava. Porem seis anos

de convivencia com o seu prezente sofrimento tinhão fatalmente amortecido esse tato que nos torna perceptiveis as mais ligeiras alterações de um coração querido. Não é pois de admirar que a sua perturbação passasse despercebida, incluzive á sua extremoza Mãi e ao seu carinhozo Pai, ou fosse atribuida quiçá á perzistencia dos infortunios já sabidos, e que, por isso mesmo, não convinha avivar com insistentes perguntas.

Clotilde voltou assim para a rua Payenne sem ter buscado nem achado o minimo consolo ás suas imerecidas maguas... Uma dolorosa vigilia ou sonhos mais cruciantes ainda enchêrão porventura a sua longa noite.. Quantas vezes teria tentado sepultar no olvido de um sono benefico as suas afliçōes... Quantas vezes teria ensaiado em vão distrahir-se, proseguindo na elaboração da comovente novela que devia inaugurar a sua carreira literaria!... Quantas vezes teria despertado em sobresalto, mal a fadiga lhe ia a custo cerrando as palpebras doloridas...

Foi nessas lamentaveis dispozições que veiu achá-la a resposta em que o nosso Mestre lhe enviava o unico lenitivo que similhante tribulação comportava. Com que anciedade a abriu. Com que encontradas emoções de piedade e admiração encetou e proseguiu a trespassante leitura Entre que lagrimas de reconhecimento e nobres aprehensões não terminou a sincera confidencia do Filozofo!... E que santa consistencia derão a esses sentimentos as reflexões que eles inspiravão e a enternecida carta estimulava... Como as esmeraldas dos seus lindos olhos, refletindo os sonhos encantadores da sua alma, derramarião então em torno de si as santas esperanças que a inflamavão!...

O amor que Augusto Comte perzistia em lhe testemunhar a enchia agora de piedozo assombro pela magnanimidade que revelava na sua rezignação, e pela elevada solicitude com que tratava do futuro dela. Ao mesmo tempo, os conselhos tocantes que o Filozofo lhe dava a fizerão naturalmente voltar aos seus queridos ensaios poeticos. A novela em cuja elaboração se absorvia vizava justamente o exame estetico do melindrozo problema assinalado no final da nobre missiva. Era natural que pensasse nas considerações austeras que Ele lhe fazia e as comparasse com a teze que se propunha a sustentar.

Nessa mesma tarde Clotilde devia encontrar-se com

Augusto Comte, na caza dos seus Pais. Tudo quanto se tinha passado a confirmava na necessidade de tratá-lo com a rezerva que o proprio interesse dele lhe preserevia, mas de modo a tornar-lhe menos amargo possivel o seu retrahimento. E essa dispozição ficou bem caraterizada na graciosa inclinação da sua cabeça linda a que reduziu a sua saudação á entrada e á sahida do Filozofo, sem oferecer-lhe a mão. Similhante compostura, porem, devia dar-lhe, no coração do nosso Mestre, uma magestade deslumbrante. Involuntariamente as recordações dos seus caros poetas ocidentais o fazião evocar naquele momento os mais sublimes vultos femininos que eles idealizárão. E o encantador confronto estabelecido entre esses tipos e a imagem suave de Clotilde como que infundia, na elocução do egregio Reformador, o comovente respeito com que os eleitos se dirigião aos objetos da sua adoração.

Sob essa augusta impressão atravessou Paris até a sua caza. De sorte que quando penetrou na sua modesta sala e os olhos deparárão com a cadeira em que estivera a sua Bem-Amada, na vespera de Santa Clotilde, a mente arrebatada lhe retraçou, com a viveza da realidade, a suave imagem daquela incomparavel noite. Então os sentimentos que até ali estivera contrangindo, irrompêrão numa efuzão sublime... Ainda uma vez Ele ajoelha-se ao pé do *altar* da redentora Dama, e no meio de soluços mal contidos, exhala a sua dor em protestos de um reconhecimento e de um amor eternos... E, como nas ocaziões anteriores, a mesma nuvem embalsamada envolveu o seu coração num ambiente de inexhaurivel consolo...

Havia alguns dias que Augusto Comte retomára os seus deveres quotidianos, e insensivelmente as suas novas emoções e imagens ião se identificando com o curso habitual da sua vida. Após dois Domingos de auzencia, Ele continuava a prédica por meio da qual, havia 15 anos, esforçava-se por instituir o seu digno contacto com o Proletariado. A contemplação de um auditorio que diretamente lembrava-lhe a sua incomparavel missão, estimulava mais o surto das suas dispozições afetivas, do que a entuziastica mocidade que dele recebia a iniciação matematica, na Escola Politecnica e na Instituição Laville. Como Dante transformára um dialeto menosprezado no instrumento dos mais sublimes ideiais medievos, assim Augusto Comte convertia as mais orgulhozas e secas

meditações em orgão e emblema das supremas construções sociais e morais do Porvir.

Ao decer da sua cadeira, o nosso Mestre já tinha o pensamento fixado em Clotilde: as suas expansões sociais o fazião voltar ás suas mais intimas afeições. Ardia por achar-se junto do *altar* da sua doce Inspiradora e tributar-lhe graças pelos frutos publicos que acabava de colher da sua inestimavel paixão privada. Eis como espontaneamente um digno amor feminino, determinando a resurreição, na sua alma, dos habitos cavalheirescos, lhe manifestava, melhor do que apanhára o seu genio, sob o impulso do mais nobre entuziasmo social, as mais delicadas afinidades existentes entre a civilização catolico-feudal e o regimen futuro.

As agradaveis emoções desse Domingo tornárão mais energico o dezejo que tinha de encontrar-se com Clotilde. Só a víra na tarde mesma do dia em que lhe dirigíra a carta destinada a caraterizar a afeição definitiva que supunha ter adquirido o seu amor. Então não teve ensejo de saber precizamente a impressão que as suas confidencias e os seus conselhos lhe cauzárão. Aliás, um escrupulo natural o devia ter impedido de abordar simillhante assunto, sem que Ela tivesse tido tempo suficiente para meditar no que lhe escrevêra. O seu gracioso acolhimento bem mostrava que perzistião as afetuozas dispozições que encamavão a sua vida. Mas essa vaga certeza não o satisfazia, tanto mais quanto não obtivera, até aquela data, a minima resposta. E si receiava ser importuno, como já fôra no começo, insistindo por uma manifestação epistolar, era-lhe igualmente em extremo penozo esperar pelo proximo Mercuridia, para fixar-se sobre a sua sorte.

Tendo passado a tarde e parte da noite a volver e revolver esses melancolicos pensamentos, decidiu-se, no dia seguinte, Lunedia 9 de Junho, a ir á caza dos Pais de Clotilde. A simpatia da egregia Dama pelo Filozofo tinha aumentado consideravelmente depois da ultima carta que dele recebêra. Mais de uma vez a relêra porventura; e quanto mais pezava as suas palavras, mais sentia crecer o apreço que lhe votava. Quem sabe si mesmo não houve momentos em que lhe passou pela mente o pensamento de ser Ele o homem de melhor coração que tinha conhecido até ali. Onde encontrára tanta retidão mental

elada a tamanha exuberancia afetiva!... Ele não conseguíra por certo reduzir a sua paixão aos limites que a sua razão lhe ordenava; mas, porque duvidar que a sua privilegiada energia soubesse doravante mante-la nos ambitos de uma sincera amizade?... E, agora que Ele bem sabía o maximo grau de afeição que de si podia esperar, porque não tratá-lo com a cordialidade correspondente á estima que Ele realmente lhe ia inspirando?...

Enlevada por essas interrogações punha-se talvez a pensar si não seria demaziado rigoroza nas manifestações da sua rezerva. Mas então a sua bondade devia sobresaltar-se, e pintar-lhe com pezadas côres os perigos dos quais o Filozofo acabava apenas de livrar-se. A lembrança da terrivel crize da sua mocidade e a que Ele mesmo aludíra, surgiria diante de Clotilde com a pertinacia de um fantasma horrivel num sonho temerozo. Porque expô-lo a um incidente similhante, quando podia, com delicadas precauções, auxiliá-lo a vencer-se? Por outro lado, a doloroza confidencia que Ela lhe fizera bastava para explicar-lhe a necessidade de guardar para com Ele cautelas que serão inuteis nas relações banais. Um interesse esclarecido para com o Filozofo confirmava, pois, a sabiduria geral da sua conduta espontanea. Talvez conviesse ser mais afavel no seu trato; mas, em todo cazo, era indispensavel que a sua cortezia não o fizesse esquecer nunca a verdade da situação de ambos.

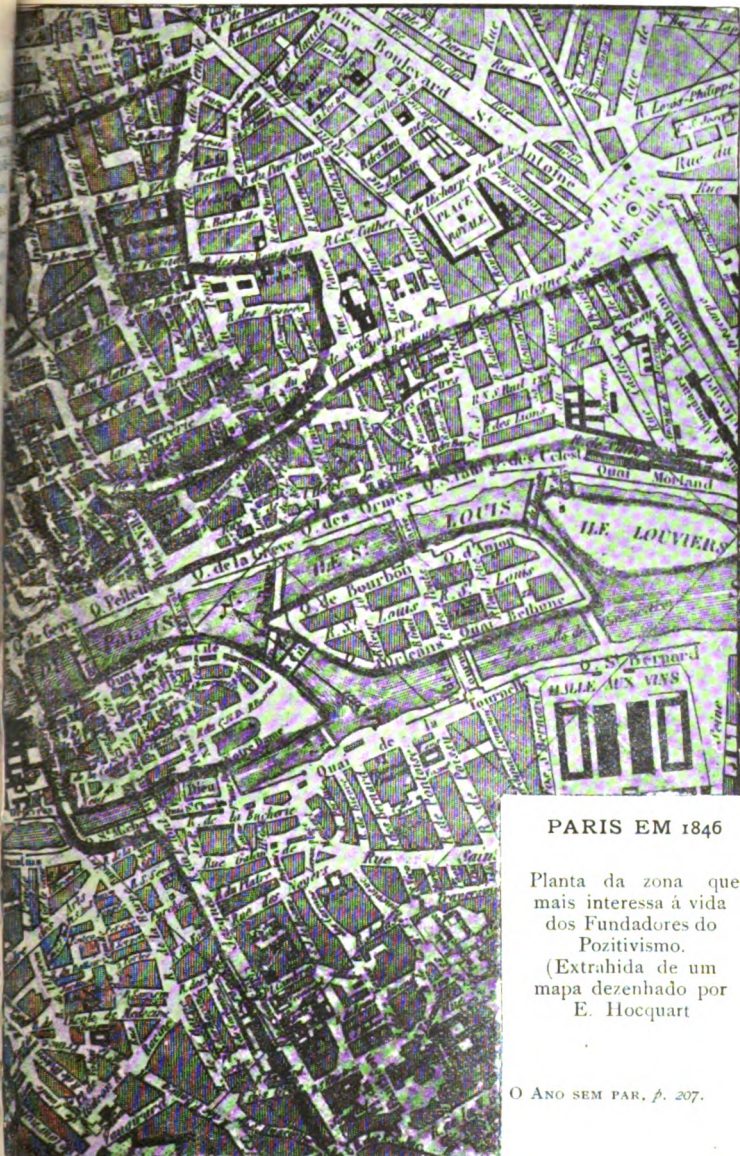
Póde-se imaginar, pois, quais as dispozições em que o nosso Mestre encontrou Clotilde no Lamedia 9 de Junho que seguiu-se á retomada do seu curso de Astronomia popular. O terno Pensador viera naturalmente extaziado na contemplação da peregrina vizão que a idolatrada Senhora lhe deixára na vespera da sua festa. Insensivelmente o seu coração evocava os outros quadros do seu incomparavel amor;... mas a lembrança predileta daquela tarde voltava sempre a derramar na sua alma novos atrativos. Foi desse enlevo que veio tirá-lo a impressão que recebeu ao enfrentar com a sua nobre e suave Inspiradora, cuja cordialidade confirmou as suas gratas conjeturas acerca das afetuozas dispozições dela a seu respeito. *

Augusto Comte pensou ter fixado na sua ultima entrevista com Clotilde a natureza definitiva da sua egregia

* Deprehendemos este epizodio da menção de uma *Imagem em pessoal* no Lamedia 9 de Junho.

amizade mutua, a que só restava dar a melhor fórma. Esperava que o tempo, tranquilizande a nobre Dama acerca da exaltação do seu amor, estabeleceria entre ambos a confiante intimidade em que rezumia agora as suas aspirações. Conformado assim com essa semi-felicidade, que, em todo cazo, excedia imensamente a maxima ventura que havia longos anos julgára accessivel a si, a sua vida começou a adquirir uma encantadora serenidade. Repartia os seus dias, cada vez mais sistematicamente, entre a sua Bem-Amada e a sua missão regeneradora, á qual sempre ligára as suas funções especiais. No fundo, similhante partilha era mesmo apenas aparente; porque a imagem de Clotilde tornára-se o rezumo de todas as suas emoções e de todos os seus pensamentos. Ele não lhe agradecia sómente os sentimentos deliciozos que a sua aparição dispertára; dava-lhe tambem graças perenes pela inesperada consiencia do seu verdadeiro destino, que similhante elance afetivo lhe proporcionára. Por isso tambem as suas cogitações filozoficas constituião outros tantos hinos de adoração á sua Inspiradora.

A saude de M^me^ Maximilien Marie impedindo-a de sahir, permitia que o Filozofo juntasse ás vizitas dos Mercuridias e Venerdias á caza dos Pais de Clotilde, uma outra nos Lunedias, sempre que era possivel. Demais uma parte das horas que passava sem ver a sua Bem-Amada era empregada nas saudozas recordações dos momentos que com Ela estivera e na leitura inexhaurivel da sua correspondencia. Ao amanhecer, o seu primeiro pensamento era de Clotilde, e, insensivelmente, desde a vizita de 2 de Junho contrahira o habito de meditar, sobre o seu tão curto mas já tão fecundo passado afetivo, ajoelhado junto do *altar* dela. No correr do dia, a cada suspensão dos seus trabalhos, encontrava, nessa pratica, uma diversão arrebatadora ás suas preocupações pessoais, e uma fonte inexgotavel de inspiração para a sua missão. Paris tomára aos seus olhos um aspeto novo. Os lugares por onde passava habitualmente, até bem pouco evocavão-lhe sobretudo a lembrança dos grandes dias da revolução. Agora era a sombra da Idade-Média que, por toda parte, se erguia diante de si, como si a incomparavel Cidade fosse o simbolo monumental do grandiozo programa que lhe cumpria realizar.

Essa reação tornava-se mais viva quando ia á rua Pavée, ou quando de lá voltava. Ao sahir de caza, já a imagem

PARIS EM 1846

Planta da zona que mais interessa á vida dos Fundadores do Pozitivismo. (Extrahida de um mapa dezenhado por E. Hocquart

O ANO SEM PAR, *p.* 207.

de Clotilde o fazia involuntariamente recordar a gentileza cavalheiresca. Logo depois, o Muzeu de Cluny juntava a energia da sua impressão aos sedutores devaneios em que se ia absorvendo. Mas adiante atravessava a Cité onde o vulto magestozo da Notre-Dame mostrava-lhe o culto feminino assoberbando mesmo os corações sacerdotais. E sob a influencia dessa serie de emoções entuziasticas, que abreviavão o tempo e encurtavão a distancia, via assomar diante de si o aspeto angelico de Clotilde! O seu impeto era lançar-se-lhe aos pés, como tantas vezes o fazia ante a efigie ideal que a sua apaixonada imaginação construira. Mas o acolhimento soberano, embora terno, da suave Dama o auxiliava a manter o imperio que sobre si mesmo exercia.

Então as horas passavão vertiginozamente nas delicias de uma convivencia sublime. As palavras modestas de Clotilde resoavão como harpejos de uma suavidade inefavel, ajustando-se, no mais esplendido concerto, ás egregias compozições de um Mozart, de um Rossini, de um Bellini, ou de um Gluck. Os magestozos problemas sociais sucedião aos mais doces assuntos da vida intima, com a naturalidade e a dignidade com que os grandes poetas alião a magnitude dos cantos epicos á ingenuidade do mais puro lirismo. O Filozofo retirava-se desse ambiente maravilhozo com a alma transbordando de amor, como S. Paulo desprendia-se dos Ceus para onde o tinhão exaltado as suas vizões gloriozas. E, da mesma fórma que o magnanimo Apostolo, Augusto Comte anhelava difundir pela Terra os tezouros de graça assim acumulados no seu insondavel coração. Não era, com efeito, na amargura do seu destino pessoal que Ele vinha pensando, depois que se separava de Clotilde. Era na opulenta messe de beneficios que a Humanidade recolheria da inestimavel felicidade que acabava de outorgar-lhe.

Paris o recebia nesse enlevo regenerador como uma mãi carinhoza estreita contra o seio o filho que a espoza lhe entrega depois da benção nupcial. Tudo quanto o olhar nobre e terno da mulher amada derramou em uma alma digna e apaixonada sublima-se, nesse momento, ao contacto do coração que primeiro ensinou o seu a pulsar. Assim a Cidade suprema acolhia no seu regaço o Filozofo que Ela gerára, ao separar-se Ele do influxo redentor de Clotilde. Os seus amplexos o entretinhão no prodigiozo

extaze até o milagrozo *altar*, onde o aguardiava, cheia de consolos, a peregrina Vizão. Ahi Ele ajoelhava; e confiava a Clotilde a guarda de sua alma, antes de pedir ao sono as forças de que carecia para o preenchimento dos gloriozos projetos que o inflamavão:

> Quella qu'immparadiza la mia mente
> Ogni basso pensier dal cor m'avulse.
>
> . . . .
>
> Non è l'affection mia tanto profonda
> Che basti a render voi grazia per grazia.

VII

> É indigno dos grandes corações derramar as perturbações que resentem.
>
> (CLOTILDE. — *Lucia.*)

Esse contínuo bem-estar era, no entanto, algumas vezes perturbado pelos assaltos de uma aprehensão de que não se podia desfazer, ao pensar nos tentamens literarios de Clotilde. Sem duvida, tudo o levava a augurar bem do seu futuro estetico. Era incontestavel que possuia um real talento poetico e os mais raros dotes morais. Como, porem, evitar os escolhos que rezultavão da sua falta de convicções sistematicas? Entregue só ás inspirações do seu sentimento, como conseguiria Ela vencer as tendencias que parecia manifestar contra a indissolubilidade conjugal?... e uma expressão de profunda tristeza sombreava a fizionomia do apaixonado Pensador.

Pouco a pouco, porem, a imagem de Clotilde ia fazendo prevalecer a adoração das suas qualidades sobre os receios dos perigos que a rodeavão... O Filozofo ajoelhava junto do seu humilde *altar*; relia as cartas onde a alma dela se refletia com tão nobre modestia; e numa meditação profunda preserutava o segredo do porvir que mais que tudo prezava... Então as lagrimas lhe brotavão dos olhos fatigados e banhavão o austero e amorozo semblante... Os labios entreabrião-se como si murmurasse uma prece... Dir-se-ia que suplicava da sua idolatrada Inspiradora a promessa de consagrar o seu estro á defeza da ordem social... Por fim, uma serenidade augusta novamente se estampava no seu rosto pensativo, como si os seus mais nobres e ardentes votos houvessem sido escutados.

Embora estivesse longe de partilhar a exaltação do Filozofo, não podia Clotilde esquivar-se á prestigioza influencia da bem-aventurança que Ele parecia fruir. Quantas vezes não se teria sorprehendido a pensar melancolicamente na desventurada sorte dele, e a perguntar a si mesma o modo pelo qual poderia corresponder ao afeto que Ele lhe consagrava?... Foi por certo em um desses enleios que ocorreu-lhe a lembrança de dar á SANTA CLOTILDE a maior circulação ao seu alcance, comunicando-a ás pessoas das suas relações. Ao menos contribuiria assim para determinar, em prol do Regenerador, as simpatias femininas que Ele aspirava conquistar para a sua cavalheiresca doutrina. Com que sincero contentamento não participava a Augusto Comte os nomes e as qualidades das admiradoras que lhe ia adquirindo!...

Assim a estima por Augusto Comte lançára as melindrozas raizes no coração benigno da egregia Senhora, e, sem que Ela o percebesse, ia continuamente ganhando um viço maior. Só quando os rasgos entuziastas do seu Adorador provocavão novos alarmas na sua piedade é que Ela dava-se conta, não sem alguma sorpreza, dos progressos que o terno Pensador ia fazendo no seu apreço e na sua afeição. Essa descoberta devia impressioná-la sobretudo nas horas em que, insensivelmente arrastada pela meditação do seu proprio infortunio, ficava enleiada a buscar uma solução para as desgraças analogas á sua. Entre o turbilhão de pensamentos que vertiginavão a sua mente, nenhum podia determinar-lhe tantas emoções como a opinião de Augusto Comte sobre a indissolubilidade conjugal. Havia de parecer-lhe incomprehensivel como o Filozofo repelia o divorcio, e tivesse procurado a reparação da sua desventura domestica m diante a formação de um laço geralmente condenado...

Diante dessa conduta, que se lhe afigurava paradoxal, o seu coração confrangia-se e experimentava talvez uma secreta repulsa pela doutrina que conduzia a similhante rezultado. Apezar das tocantes ponderações consignadas na epistola sobre a *comemoração social*, a nova filozofia se lhe patentearia, por esse lado, de uma dureza dezesperadora. Mas as prevenções mesmo contra as teorias do Mestre aumentavão a sua admiração pela delicada suceti-bilidade do coração dele. Lembrar-se-ia das torturas a que o dogma catolico expunha tantas almas ternas, e uma

analogia espontanea a inclinaria a ver no desventurado Pensador um novo martir, sacrificando nas aras da inteligencia os mais doces predicados da alma humana. Essa conjetura não sendo satisfatoria, Clotilde devia ficar pensativa, meditando no coração do Filozofo com a angustioza atenção de quem procura, numa pintura flua, o impossivel contorno de um semblante caro. Porem o indecizo das fórmas não impede então que nos arroubemos ante a beleza do conjunto, e acabemos por dezistir do nosso chimerico dezejo. Assim tambem a impossibilidade de dar-se conta exata desse aspeto especial de Augusto Comte, não podia obstar que Clotilde esquecesse afinal o seu dezapontamento, recordando involuntariamente o assombro que tudo nele lhe inspirava cada vez mais.

A' medida que se prolongava a convivencia com o Filozofo essa serie de reflexões iria adquirindo mais tenacidade, por motivos de diversa ordem. O apreço crecente em que Clotilde o tinha de dia para dia, tornava a esta gradualmente mais penoza a opinião dele sobre o divorcio. Mas, alem disso, a novela com que achava-se então ocupada era destinada a caraterizar um cazo para o qual, estava firmemente convencida, nenhuma alma bondoza e reta seria capaz de recuzar a dissolução legal do cazamento. De sorte que a sua carreira estetica não tardaria talvez a atirá-la para o campo adverso ao acendente social da nova doutrina. Essa perspetiva lançava na alma da abnegada Senhora uma turvação imensa. Os conselhos do nosso Mestre corroborando os escrupulos espontaneos do seu incomparavel altruismo, a devião fazer tremer só com a idéia de colaborar na dezorganização da sociedade. E, por outro lado, o seu coração mesmo exprobrava-lhe, porventura, que vacilasse em tomar a defeza do seu sexo contra uma evidente opressão da maldade e sobretudo da inercia moral dos homens.

Foi no meio dessas lacerantes preocupações que concluiu a sua estremecida LUCIA... Não estaria sendo vitima de uma cruel halucinação provocada pelas angustias da sua infelicidade domestica?... Porque traria, ao côro dezesperado de uma sociedade martirizada pelos mais acerbos suplicios, os gemidos da sua dôr?... Para que exacerbar assim os padecimentos dos que não tinhão a coragem da rezignação, provocando, com os ais! de um novo dezalento, os blasfemos rugidos dos dezanimados?... Para que aca-

trerar novas amarguras aos nobres corações que procuravão, com o heroismo da sua abnegação, levantar os animos acabrunhados? Era nessa legião sublime que se devia agremiar, esforçando-se por fazer dezaparecer o mal da superficie da Terra, em vez de favoneá-lo, diminuindo os estimulos para o devotamento...

E que olhares cheios de aflição essas reflexões lhe fazem embeber nos seus idolatrados manuscritos! Quantas vezes leu e releu, entre soluços, o comovente drama; demorou-se nos epizodios mais tocantes; pezou escrupulozamente as suas palavras; esquadrinhou os seus pensamentos; mas deteve-se sobretudo no exame minuciozo dos seus sentimentos!... E quanto mais considerasse, mais profundamente se compenetraria da santidade do seu modesto esforço. Longe de enfraquecer os laços da Familia, Ela vizava justamente consolidá-los, impedindo que a perversidade e a apatia dos homens os transformassem na grilheta do criminozo... E uma esperança arrebatadora se insinua talvez timidamente no seu coração dolorido... Absorto nas suas cogitações filozoficas, era possivel que jamais houvesse Augusto Comte deparado o ensejo de apreciar as condições ecepcionais que Ela retraçára. Não era crivel que, chamada a sua atenção para similhante hipoteze, a sua nobre retidão o deixasse hezitar acerca da solução que a justiça, a coherencia, e a humanidade lhe parecião exigir... Porque não submeteria o seu pobre ensaio ao juizo do egregio Pensador?...

Mas uma consulta de tal natureza não si coadunava com o estado atual das suas relações reciprocas. Repugnava naturalmente á delicadeza de Clotilde absorver, pela sua iniciativa, qualquer parte do preciozo tempo de um homem a quem se considerava no dever de tratar com a mais piedoza rezerva. Demais, a sua modestia devia inquietar-se só com a lembrança de obrigar o ecelso Pensador a ocupar-se com uma produção que Ela consideraria secundaria. Era-lhe tanto mais penoza similhante solicitação, quanto a sua bondade lhe figurava o abalo que tal passo produziria naquela alma apaixonada.

Forçada a dezistir de um parecer inestimavel, Clotilde não podia contudo mergulhar-se, novamente, nas dolorozas cogitações donde a perspetiva de consultar Augusto Comte a devia ter tirado. A conjetura simpatica acerca da aprovação que daria o Filozofo ás suas opiniões iria adquirindo

gradualmente no seu espirito a consistencia de uma verdadeira certeza. Propunha-se a pintar, não uma revoltada contra a ordem social, mas sim uma digna vitima rezignada ao que Ela reputava uma crueldade dos codigos. O exemplo da sua delicada heroina podia sem duvida contribuir para determinar o estabelecimento de uma legislação mais humana. Era, porem, incontestavel que Ela oferecia sobretudo um exemplo do escrupulozo respeito aos costumes e ás leis, pois que nela a subordinação contínua da felicidade individual ao bem comum tinha sido levada até o mais sublime sacrificio.

VIII

> As almas ardentes e escrupulozas encontrão bastantes Golgotas neste mundo; mas, ao menos, escapão muitas vezes aos pezares e aos remorsos.
>
> (*Carta 167*, *de Clotilde a Augusto Comte.*)

Enquanto não conseguiu dissipar todos os remorsos com que a sua melindroza consiencia ameaçava o surto da sua vocação literaria, Clotilde absteve-se de entregar a LUCIA aos azares da publicidade. Mas desde que atingiu á perfeita tranquilidade moral que só a completa supremacia do altruismo póde proporcionar, as suas dispozições mudárão. Todo o seu pensamento concentrou-se em obter, para a sua tocante novela, a digna vulgarização que devia assegurar-lhe um virtuozo porvir. Recorreu para isso a Armand Marrast, então redator do *Nacional*, e a quem, por esse tempo,* viera a conhecer pessoalmente.

Não pudemos verificar como Clotilde chegou a encontrar-se com o poderozo jornalista. No terceiro tomo da sua *Teoria das funções de variaveis imaginarias*, Maximilien Marie diz que conhecia Marrast (p. 39); mas não sei si foi ele quem aprezentou ao famozo burguezocrata a sua egregia Irman.

A meditação da correspondencia sagrada induz a crer que a tocante novela estava em poder de Marrast desde

* E' o que se deprehende da *Correspondencia Sagrada*. Porque na sua carta de 13 de Fevereiro de 1846, Clotilde diz:

« Bem sabeis que não sou e nunca fui amiga de M. M.... (Marrast), que as nossas relações forão de *curtissima duração*, e puramente banais; sabeis igualmente que não o tenho visto ha *quatro ou cinco mezes*, e não procurei vê-lo;... » (VOLUME SAGRADO, p. 510.)

a primeira quinzena de Junho. Porque foi em consequencia das relações surgidas a propozito dela, que Clotilde lembrou-se de sorprehender o nosso Mestre obtendo a publicação da EPISTOLA FILOZOFICA no *Nacional*. A recordação do recente acolhimento dos artigos de Littré sobre o SISTEMA DE FILOZOFIA POZITIVA e as relações que sabia existir entre Marrast e Augusto Comte fizerão-na contar como certa e facil similhante insersão. Ora, na sua carta de 27 de Junho de 1845, o nosso Mestre comunica a Stuart Mill, « que tivera bem recentemente ensejo de constatar a pouca benevolencia efetiva de Armand Marrast para consigo. » [1] E esta aluzão parece referir-se á recuza formal da publicação da SANTA CLOTILDE, no *Nacional*, conforme é posteriormente narrado, na carta de 14 de Julho do mesmo ano. Ahi, o nosso Mestre diz que « Marrast guardára, segundo ele cria, o manuscrito durante *mais de um mez*. » [2]

Clotilde mal podia imaginar ao certo quão deleterio era o ambiente em que ouzava penetrar Não ignorava, porem, a mizeranda situação geral da rara sociedade feminina que habitualmente frequenta o jornalismo, e a delicadeza da sua alma compensava de sobra as lacunas da sua experiencia. De sorte que, ao formar o projeto de solicitar um pequeno espaço no afamado orgão do revolucionarismo burguez, devia sentir como que empanar-se a sua dignidade. Sobrepujou todavia essa repugnancia instintiva pela lembrança do nobre fito social a cujo conseguimento rezignava-se a fazer tal sacrificio. Havia mesmo porventura nisto alguma coiza do encanto peculiar aos devotamentos maternos: a sua estremecida LUCIA bem merecia-lhe uma pequenina móssa no seu amor-proprio.

Concebe-se pois facilmente o mixto de contentamento, de desconfiança, e de acanhamento com que Clotilde dirigiu-se ao escritorio do *Nacional*. Ahi a sua perturbação tornou-se naturalmente mais dificil de dominar, sentindo-se entre pessoas que são levadas, pelas circunstancias habituais da sua anarchica profissão, a formar bem tristes conjeturas sobre as mulheres escritoras. Havia, porem, tanta candura na nobreza de Clotilde que só em corações extremamente depravados a sua prezença não dominaria esses primeiros assomos do egoismo. Era natural que,

1 CARTAS A STUART MILL, p. 329.
2 *Ibidem*, p. 355.

ao vê-la, um cuidasse ter diante de si a imagem saudoza da mãi que perdêra na infancia; a outro se afigurasse surgir o vulto enternecido da irman que fôra o amparo da sua meninice e era o consolo do seu velho pai; aquele percebes-se como que os passos da carinhoza filha que o arrebatava, por momentos, ás garras do septicismo; este se recordasse da espoza do seu primeiro amor, vitima precoce de uma fervoroza dedicação... E aqueles olhares, de ordinario malevolos, se ameigárão porventura numa expressão de involuntario acatamento que os faz esquecer, por instantes, a grosseria masculina, fatalmente agravada neles pelas condições do oficio.

Marrast disfarçou com as cortezias convencionais as ignobeis sugestões a que realmente estava obedecendo. Assegurou a Clotilde as melhores dispozições de serví-la, e ficou de responder-lhe posteriormente acerca da publicação solicitada.

Clotilde anciava por ver-se só e poder dar expansão aos sentimentos que agitavão o seu coração e que não ouzava patentear ás vistas dos indiferentes. O seu pensamento não desprendia-se da sua querida LUCIA, nela concentrava os tezouros de maternais carinhos a que a cegueira do Fado negára o objetivo supremo. O trajeto para caza foi distrahido, sem perceber o tempo nem medir a distancia. Quando dá por si está na rua Payenne. Penetra no seu modesto apozento; lança os olhos ternos sobre a sua meza de trabalho, e as lagrimas afluem-lhe abundantes, como si mãos sacrilegas lhe tivessem arrebatado a filhinha meiga. Insensivelmente toma os seus rascunhos e os revê num saudozo enlevo, como a mãi que busca um consolo contemplando o retrato do entezinho auzente por cuja sorte treme. E nisto correm as horas e chega o momento de ir á rua Pavée...

Marrast não publicou imediatamente o preciozo manuscrito. Prevalecendo-se da pozição que a anarchia moderna proporciona aos seus congeneres, ele contava servir-se das vantagens que podia oferecer á carreira literaria de Clotilde para uma torpe exploração. Nesse intuito, alguns dias depois de receber a LUCIA, aprezentou-se em caza de Clotilde, sob o pretexto de vir propôr-lhe algumas mudanças:

« Ele foi nesse dia perfeitamente logico e criteriozo em todas as suas palavras, dizia mais tarde Clotilde. Pareceu

fazer empenho em ligar-me á sua colaboração e testemunhou-me uma distinta estima. Acabamos por conversar sobre a minha situação, e ele disse-me pozitivamente: « — Eu vos instigo a tomar filozoficamente a vida; laços na vossa pozição não constituirão jámais o desregramento: só as pessoas sem fé nem lei haverião de querer lançar a pedra sobre uma mulher porque não se condenou á morte civil ao mesmo tempo que o seu marido. » — Não respondi -lhe então sinão de um modo banal. » (VOLUME SAGRADO, *Correspondencia*, p. 466.)

Seria depois dessa conversa que Clotilde lhe falára na publicação da EPISTOLA FILOZOFICA? Seja como fôr, o conhecimento deste santo opusculo veio ainda mais estimular os perversos dezignios do jornalista. Sentiu-se logo abrazado de um criminozo ciume para com Augusto Comte, e, imaginando que o Filozofo fosse *para Clotilde mais do que aquilo que Ela lhe dissera*, (VOLUME SAGRADO, p. 462), machinou obter a realização do seu torpe projeto em troca da publicação que Clotilde inocentemente lhe solicitára. Parece, porem, que não deu passos nesse sentido sinão depois da publicação da LUCIA.

IX

Restão-me ao menos fontes de ensinamentos para os outros: é ainda um interesse real na minha vida.

(53ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.)

Tranquilizada quanto á publicação da LUCIA, começou Clotilde a inquietar-se com outra serie de preocupações. Restava, com efeito, agora saber o acolhimento que daria o publico á sua tocante novela. Sentia-se bastante paciente para arrostar as criticas da maledicencia ou da inveja. Afligia-se, porem, com o possivel desgosto que iria cauzar ás almas boas e inteligentes. Entre estas, alarmava-se naturalmente com a opinião de Augusto Comte, pela competencia incomparavel que nele reconhecia. Agora que a LUCIA ia ser publicada, tornava a ser assaltada pelos escrupulos que parecião dissipados. E todas essas emoções erão ainda agravadas pelo pensamento de que a sua independencia pessoal e, portanto, o surto da sua carreira social estavão intimamente ligados ao exito de tal estréia.

Não obstante esses dezasocegos pelo seu porvir, a convicção dos altos intuitos morais da virtuoza novela devia derramar na alma de Clotilde uma consolação inefavel. Foi, pois, com santa anciedade que aguardou a prometida publicação. Nesse intervalo, mais de uma vez releu porventura o encantador rascunho, como para certificar-se do fundamento das suas esperanças. Chegou afinal o suspirado dia. O *Nacional* do Venerdia 20 de Junho publicou o seguinte:

Folhetim do Nacional de 20 de Junho de 1845 (Venerdia).

LUCIA *

Ha alguns anos, um crime, revestido de circunstancias extraordinarias, veio ferir de assombro a pequena cidade de***

Um mancebo, pertencente a uma familia distinta, tinha dezaparecido sob o pezo de uma terrivel suspeita: acuzavão-no de haver assassinado um banqueiro seu socio, subtrahindo-lhe consideraveis valores. Atribuia-se o duplo crime á funesta paixão do jogo. O culpado abandonava assim, alguns mezes depois de cazado, sua joven espoza, dotada de grande beleza e das mais eminentes qualidades. Orfan, ficava ela entregue, aos vinte anos de idade, ao izolamento, á mizeria, e a uma pozição sem esperança.

As leis lhe concedêrão espontaneamente a separação de corpo e bens, isto é, de tudo aquilo que lhe fugia. A familia do marido cedeu-lhe um abrigo e um par de sapatos. Mas, sendo geralmente admirada, cercárão-na de todos os lados poderozas proteções.

Era ela felizmente uma dessas nobres mulheres que aceitão mais facilmente a desgraça do que uma tranzação vergonhoza. Sua inteligencia elevada mostrou-lhe a situação sem rebuços: ela comprehendeu que só á beleza poderia dever o interesse dos homens; presentiu os perigos que doces simpatias pódem acobertar, e quiz tirar só de si todo o lenitivo para a sua sorte. Essa rezolução corajoza uma vez tomada, não pensou mais a joven senhora sinão nos meios de dar-lhe execução. Possuindo notavel talento, dirigiu-se para Paris com o fim de utilizá-lo.

* Tradução do nosso confrade Dr. Joaquim Bagueira. — R. T. M.

Depois de algumas provas foi admitida como professora na caza da Abbaye-aux-Bois, onde encontrou honoravel azilo.

A justiça, entretanto, proseguia seu curso; ativas diligencias procuravão por toda parte os traços do fugitivo. Os despojos da sua infeliz vitima já os credores irritados tinhão repartido entre si: seus vestidos, suas joias, e até seus pequenos tezouros de moça solteira, tinhão sido postos em almoeda. Tanto interesse, porem, ela inspirava que algumas pessoas comprárão muitos desses objetos e lh'os mandárão entregar.

Uma moça quiz possuir um medalhão que continha o retrato da heroina, o cura do lugar arrematou seu vestido de noiva para paramentar com ele o altar da Virgem.

Esses detalhes comovêrão vivamente a infortunada. Em seu coração uma nobre altivez aliava-se a uma sensibilidade profunda, e ela sentiu-se amparada pelas provas de simpatia que recebia de todos os lados. Penetrada de terror á simples recordação de seu primeiro amor, ela não encarou seus grilhões sinão como uma barreira que ela tivesse voluntariamente erguido entre os homens e si. O horror e os perigos de sua situação escapárão assim ás suas vistas, e ela aceitou sem revolta a injusta sentença das leis.

Um sentimento indelevel, uma doce e santa amizade de infancia poupou a principio a este nobre coração as amargas dôres do izolamento. A filozofia, tão mesquinha e tão arida nas almas egoistas, dezenvolveu suas magnificas proporções na da joven senhora. Pobre, ela achava meios de fazer o bem: ia raramente ás igrejas, onde a frivolidade estabeleceu seus balcões; mas encontravão-na amiudo nas mansardas, onde frequentemente a desgraça vê-se reduzida a ocultar-se, como a vergonha.

Decorrêrão dois anos sem que nenhum acontecimento viesse alterar esta situação extranha e desditoza. O tempo, que não faz sinão aumentar as grandes dôres, tinha arruinado pouco a pouco a brilhante organização da orfan.

Á sua coragem heroica, aos seus esforços perseverantes para ficar no rude caminho que lhe estava traçado, começava a suceder um abatimento profundo. Treze cartas que me vierão ás mãos pintarão melhor do que eu as dôres desse coração enfermo. Peço permissão para reproduzí-las e assim terminar a prezente historia.

1ª Carta.—*Lucia á Senhora M.*

Escrevo-te de Malzéville, onde passei alguns mezes, minha bem-amada. Meu peito precizava de ar e de leite; os nossos dignos amigos aproveitárão esse pretexto para convidar-me a partilhar sua linda solidão. Como eu amo essas ecelentes criaturas! Pudesse eu assimilhar-me a elas, ou fazer passar para o meu um pouco da paz que reina no fundo de seu corações! Sinto-me contudo melhor aqui: nada é sadio como o espetaculo de uma bela natureza e desta vida laborioza e uniforme que obriga o espirito a diciplinar-se.

O general espera em breve a chegada do vizinho, que passa por ser o bemfeitor deste pequeno paiz. É um rapaz de vinte-seis anos, possuidor de uma bela fortuna, e dicipulo sincero das idéias liberais. Vive em companhia de sua mãi, que ele adora, e de quem igualmente se fala muito bem.

Tu me aconselhas a cultura das flôres para que eu descance um pouco da muzica e da leitura. Ah! minha bem-amada, não são esses os unicos prazeres que me restão? Depois de haver pago meu fraco tributo á amizade, depois de ter lido para o general ouvir alguns trechos de suas memorias, depois de evocarmos juntos algumas recordações grandes e severas, ou depois de partilhar com a nossa amiga seus pequenos cuidados de caza, acho-me de novo preza dessa necessidade de sentir e de pensar que se tornou o principal incentivo de minha existencia; e contudo nenhuma mulher amou mais do que eu a vida socegada e simples. Que prazeres brilhantes não teria eu sacrificado com alegria aos deveres e á felicidade da familia! Que triunfos não me terião parecido insipidos comparados com as caricias de meus filhos! O' minha amiga, a maternidade, eis o sentimento cujo fantasma se ergue, tão novo e tão impetuozo, em meu coração. Esse amor, que a todos os mais sobrevive, não é dado á mulher para que ela se regenere nas suas dôres?

2ª Carta.—*Mauricio a Rogerio*

Rogerio, vi enfim essa mulher, tão grande e tão desventurada, de quem me falavas com orgulho. Não digas que

está lançada a sorte si eu te confessar a impressão profunda que senti ao aspeto dessa joven e bela martir das injustiças sociais. As tocantes virtudes de Lucia, seu espirito, suas graças, tudo nela traz para sempre o cunho de um pezar profundo. Sente-se, ao vê-la, que para amar ser-lhe-á precizo uzar de generozidade. Entretanto, não é ela livre perante a honra e a razão ? Que espantoza imprevidencia das leis é essa em virtude da qual um ser puro e respeitado póde achar-se acorrentado, pela propria sociedade, ao ente estigmatizado que ela repele de seu seio ?

O que é que se chama morte civil? Será um simulacro? Com que fim a sociedade conserva uma espoza a um homem, que não póde mais gerar sinão bastardos ?

Com que direito hade ela impôr o izolamento e o celibato a um de seus membros? Com que fim o hade impelir para o desregramento ?

Mas estou com ar de quem está diante de juizes. Meu sangue fica prestes a inflamar-se, Rogerio, quando vejo como a apatia dos homens engendra muitas vezes a desgraça e a opressão.

Mandei construir um mirante com vista para Malzéville; dahi, com um oculo de alcance, descubro inteiramente a caza do general. Hontem, avistei Lucia que estava sentada á beira do tanque; sua atitude era melancolica e acabrunhada. E não sei si deva dizer-te, seu olhar parecia-me dirigir-se muitas vezes para o sul. Ah ! vendo-a tão gracioza e tão abatida, eu perguntava, indignado, a mim mesmo, onde o segredo de certas influencias sobre os nossos corações? Porque é que vêem-se mulheres vulgares facinar inteligencias superiores e tornar-se o objeto de um verdadeiro culto ? Como é que acontece tambem que a generozidade e a nobreza de certas mulheres vêem-se muitas vezes a braços com o egoismo e a grosseria? Cumpre renunciar á explicação deste enigma.

Já que queres uma nova descrição de Oneil, dir te-ei, meu caro Rogerio, que fiz dessa propriedade uma das mais belas do departamento. Contárão-me um destes dias uma recente discussão a meu respeito entre os habitantes da comuna vizinha e um velho fidalgo arruinado. Tratava-se nada menos que de decidir si se devia dar o titulo de castelo a Oneil e o primeiro pedaço de pão bento a seu proprietario. Cortei a questão não indo á missa, e chamando todo o paiz de meu vale.

3ª CARTA.—*Mauricio a Rogerio*

Nunca, Rogerio, nunca outra mulher fará nacer em mim estes sentimentos generozos e elevados que a simples vista de Lucia basta para inspirar-me. Tu dissestes a verdade, meu amigo: é debalde que as leis, a opinião, e o mundo erguem entre nós sua triplice barreira, o amor nos unirá, eu o sinto. Quem melhor do que tu conhece as necessidades de meu coração e sua insuperavel repugnancia pelas felicidades vulgares? Ai de mim! antes de encontrar Lucia já eu o tinha sentido muitas vezes, é um perigo refinar nossas sensações.

Minha mãi fez sua vizita a Malzéville. Eu estava curiozo, confesso-te, de saber a impressão que Lucia lhe cauzaria. Ao chegarmos diante da grade do pequeno parque, avistamo-la enxertando uma rozeira. Estava vestida de branco: um grande chapeu de jardim cobria-lhe negligentemente a cabeça, uma simples fita verde dezenhava-lhe o talhe fino e elegante. Dir-se-ia, ao vê-la, o mais suave ideal da Galatéa. Fiquei sorprehendido de não perceber emoção alguma no rosto de minha mãi, que de ordinario é tão benevola, e acha tanto prazer em admirar. Esteve sentencioza e fria durante todo o tempo de nossa vizita; as palavras *dever* e *honra* achavão sempre lugar em suas frazes. Pela vez primeira, entrevi o que ha de amargo e implacavel nas rivalidades femininas. Guiada por esse tato delicado que o habito do sofrimento concede, Lucia retirou-se antes de nós invocando um pretexto qualquer. Porque não ouzei eu segui-la e lançar-me a seus pés para protestar contra as palavras de minha Mãi?

Rogerio, foi esse momento que fixou para sempre minha sorte. Comprehendi que só a mim cabia arrancar á desgraça esta doce vitima. Pereção as chimeras que entre nós se erguem! Sinto-me forte contra a má fé da opinião e contra a censura dos invejozos. Assim possa eu sê-lo tambem contra a generozidade e a grandeza de Lucia!

4ª CARTA.—*Mauricio a Rogerio*

De boa vontade se amaldiçoaria a civilização e as luzes, quando se vê quão pequeno é o numero de espiritos justos e de corações retos que ha no mundo. Eu não poderia dizer-te quantas insinuações mesquinhas e odiozas tenho de

sofrer todos os dias por cauza de Lucia. Mas, e isto não é o que menos irrita, toda a honra fica com estes corruptores de moral, que se levantão orgulhozamente sobre seus montões de sofismas. Parece, na verdade, que o sucesso só acompanha as guerras vergonhozas.

Acabo de ter com minha mãi uma conversa penoza, que não fez sinão confirmar minhas idéias sobre a dedicação. É uma virtude magnifica, mas que prefere muito mais viver de gozos do que de sacrificios. Encontrei ultimamente, na sociedade, a joven condessa de***, cujo marido está nas galés. Tinha ela vinte-quatro anos quando essa fatalidade a feriu; era notavelmente bela e amavel. O digno L... apaixonou-se por ela. Unírão-se. Pois bem! dizia-me ela que o que teve de sofrer de sua propria familia não se póde calcular. E como eu lhe manifestasse meu espanto, á vista das idéias adiantadas que todos na familia professavão, ela respondeu-me : Pois que! ainda vos achais tão atrazado no conhecimento do homem? Eles consentem bem que eu seja atéa, mas não que dispense os sacramentos.

Tanto é verdade, meu digno Rogerio, que esta admiravel humanidade não está ainda bem quite de sua divida para com os macacos, dos quais, no dizer de alguns doutores, ela decende diretamente.

5ª Carta.— *Mauricio a Lucia*

Que fizestes, Lucia? A que funesto pensamento obedecestes afastando-vos de mim? Infeliz que sou! debalde procuro justificar vosso silencio, ele esmaga-me o coração como um fardo de gelo. Entretanto, hontem ainda, vós me tinheis feito prezar a vida. Vossa alma parecia abrir-se á esperança. Quando um leve perigo ameaçou-me á beira do lago, atirastes-vos em meu socorro sem parecer que receiaveis a prezença daqueles que nos cercavão. Oh! como estaveis bela naquele momento! como a dedicação vos fazia imponente! Não lestes por ventura em todos os olhares o entuziasmo de que ereis alvo? O' Lucia, quando talvez não fosse precizo mais que mostrar-vos o que sois para enternecer o coração de minha mãi, por que desgraça inconcebivel nos achamos separados? Mas quem sabe? talvez não sejais a mulher angelica que eu julgára entrever, talvez que um amor generozo esteja acima de vossas

forças ? Talvez... Mas para que todas estas duvidas ? Só vós podeis restituir-me o socego que me tirastes : espero de vós uma linha, uma palavra, que me diga quais são os vossos projetos. Pensai nisso ! eu não respondo por mim si continuardes a acabrunhar-me com o vosso silencio. Manuel vai correr á toda brida até Paris : daqui a dez horas posso ter vossa resposta.

6.ª CARTA.—*Mauricio a Rogerio*

Era pois necessario que assim acontecesse, Rogerio? Tê-la conhecido, saber o que encerra esse coração elevado, esse espirito delicado, e dentro de algumas horas, talvez, ter que deplorar a sua perda ! Que a minha desgraça recaia para sempre sobre aqueles que a cauzárão ! Ai de mim ! quando eu a acuzava do que tenho sofrido, ela sucumbia á violencia de seus combates e de seu amor. Divago como um louco em torno da caza do general, continuamente interrogando seus criados, e não recebo deles sinão respostas vagas ou aterradoras. Felizmente o medico não me conhece, e trez vezes por dia enterra-me a verdade no coração. Acabo de estar com ele neste momento ; seu olhar era tão triste, ele parecia tão acabrunhado que eu pedi-lhe encarecidamente que não me ocultasse a ultima desgraça. Garantiu-me que ela existe ainda ; mas ele está na espectativa de uma crize terrivel e inevitavel...

P. S. Está salva ! É precizo amar como eu amo para comprehender a magia desta palavra. Prostrei-me aos pés do medico; pedi-lhe sua amizade. Em vão conserva ele seu ar grave, eu sinto-me prestes a fazer loucuras em sua prezença. É um homem distinto, fala de Lucia com um entuziasmo quazi igual ao meu. Mas uma coiza impressionou-me: ele observa-me muitas vezes com admiração, e parece prestes a contiar-me um segredo. Ele termina sempre nossas conversas sobre Lucia por esta fraze : A sociedade é bem culpada.

Tenho a miudo notado que a prudencia é o vicio dos homens dessa profissão, que, pelos conhecimentos profundos que possuem, tão aptos serião para secundar o movimento social. Quantas modificações importantes não poderião ser introduzidas nas leis só pela autoridade de certos fatos sientificos que ficão eternamente ocultos ao vulgo !

Eu quizera que um bom medico publicasse suas memorias; seria, a meu ver, um livro utilissimo para a humanidade.

7ª Carta.—*Mauricio a Rogerio*

Tornei a vê-la, meu amigo! Ah! não se ouza crer que ela pertença ainda á terra, tanto revestiu sua beleza um carater ideal e celeste. Seu primeiro passeio ela consentiu em fazê-lo apoiada a meu braço, e eu admirei-me da simplicidade com que ela me pintou seus sofrimentos. Si não me engano, um raio de esperança penetrou em seu coração; mas não pude achar o sentido de muitas palavras suas. Uma ocazião, em que descançavamos á sombra de uma capelinha em ruinas, suced-u de por ali passar um cazamento de camponezes. Havia tanta felicidade e despreocupação em todas aquelas fizionomias abertas, que eu não pude conter uma reflexão amarga, comparando nossa sorte com a deles. Lucia estremeceu ouvindo-me. «O' meu amigo, exclamou ela, eles são felizes, mas é porque sua felicidade não aflige nem ofende a ninguem.» Eu olhei para ela maravilhado. Seu rosto tingira-se de leve rubor. Tomou me a mão e, colocando-a sobre o seu coração, continuou com voz grave e comovida: «Mauricio, nossa infelicidade nos impeliria em vão a levantar-nos contra a sociedade; suas instituições são grandes e respeitaveis como o labor dos tempos; é indigno dos grandes corações derramar as perturbações que sentem.» Eu quiz responder-lhe, mas um sinal que ela me fez com a mão indicou-me que sentia-se fraca. Já começava a fazer-se tarde. O digno doutor, que já estava aflito por não ver Lucia voltar, veio ao nosso encontro, e ajudou-me a conduzi-la até a entrada do parque de Malzéville, onde foi precizo separar-nos.

O que me aterra, Rogerio, não é tanto o conjunto dos obstaculos que me cercão como a grandeza natural de Lucia. Não é a vãos preconceitos, eu bem o sinto, que tal mulher deve ter imolado até aqui os mais doces pendores de seu coração.

Mme Clotilde.....

(*O fim amanhan.*)

Com que emoção Clotilde percorreu estas sagradas linhas! Com que nobre modestia contemplou esse primeiro passo decizivo na glorioza existencia que inaugu-

rava! Mas a boa impressão que a LUCIA parece ter cauzado á Familia Marie devia mais que tudo encher de santo jubilo o seu piedozo coração. Diante daquela manifestação do incontestavel valor da estremecida Filha, era natural que a Familia de Clotilde olhasse com mais tranquilidade para o futuro dela. Os escolhos da perigoza carreira, si não se dissipárão naquele momento, deixárão porventura de inspirar os cruciantes temores que até ali havião despertado. Comprehende-se com que virtuozo jubilo Clotilde assistiu essas felizes impressões, que auguravão o desvanecimento de uma fonte tão acerba de atritos com os entes que mais idolatrava.

No numero seguinte, o mesmo jornal publicava:

Folhetim do Nacional de 21 de Junho de 1845 (Sabado).

LUCIA

(Ver o numero do *Nacional* de hontem.)

8ª CARTA.— *Lucia á Senhora M*

Minha querida amiga, a esperança acolheu-me quando voltei á vida: Mauricio consente em erguer sua grande voz para protestar contra o terrivel abuzo que nos separa. Sua mãi apertou-me contra o seio; nunca esquecerei as sensações deliciozas que esse momento meselou á amargura das minhas recordações.

O' minha bem-amada! o amor de um homem puro e delicado é um sentimento muito poderozo. De quanta força e coragem não precizo eu para rezistir-lhe! Mas o interesse e a gloria de Mauricio são mais caros para mim talvez do que o meu proprio: por isso o orgulho de vê-lo tentar uma nobre empreza ampara-me; porque, quanto á minha, parece-me que a levei ao cabo como verdadeira heroina.

Só hontem foi que a nossa sorte ficou decidida. Tinhamos passado a noitada com o digno doutor, cuja moral é ao mesmo tempo tão doce e tão elevada. Apenas nos tinha ele deixado, quando Mauricio, tomando-me impetuozamente a mão e apertando-a contra o coração, jurou proteger-me mau grado o mundo, e não consentir mais que eu me afastasse dele. Reuni quantas forças tinha para lutar contra essas emoções deliciozas e terriveis. Fiz ver a Mauricio que o dever lhe impunha que tentasse libertar-me

de meus liames, reclamando uma lei justa e sabia. Uzei para movê-lo dos argumentos que têm mais poder sobre seu grande coração. Pintei-lhe com ardor as vantagens que dessa glorioza tentativa poderião rezultar para a sociedade. Quanto a ele, não foi dificil interessá-lo pela sorte desses entes, jovens, fracos, dezarmados, que um vinculo odiozo póde levar ao dezespero. Ele conveio em que os abuzos das leis rezultão na maioria dos cazos da apatia dos homens, e que é sempre honrozo e util lutar contra a opressão.

Consideramos em seguida nossa situação sob todos os pontos de vista. Mauricio asseverava que para a felicidade bastava um vinculo como aquele que ele queria que contrahissemos, e que, sem a menor saudade, ele renunciaria a este mundo que sacrifica a verdadeira honra a preconceitos pompozamente condecorados com o nome de conveniencias. Confessei-lhe que eu não me sentia nem bastante alto nem bastante baixo para afrontar a opinião, e que ser-me-ia doce poder cercar nosso amor do respeito das familias honestas. Ele combateu com brandura minhas idéias, mas a lembrança de sua mãi juntou-se em seu coração a todos os grandes sentimentos que lhe são proprios. Acabou prometendo-me dirigir uma petição á camara, e esperar dignamente o rezultado.

Precipitei-me aos pés desse homem tão querido, derramando lagrimas de reconhecimento e de amor. Os esforços que eu tinha feito para me dominar havião por tal modo exgotado minhas forças que a vida pareceu-me que ia abandonar-me. Nunca senti tanto o valor dela como naquele momento.

O' minha amiga! tu que vives calma e feliz ao lado do homem de tua escolha, tu comprehenderás tudo o que se passa em meu pobre coração. Tu sabes si eu partilho o ridiculo dessas mulheres que sapateião á simples idéia de nunca serem deputados, e que montão a cavalo para provar que, em cazo de necessidade, poderião ser ecelentes coroneis de dragões. Mas tu sabes tambem si eu sinto vivamente a opressão por toda a parte onde ela se exerce realmente. É atentando contra a felicidade modesta e verdadeira da mulher que as leis a impelem para fóra de sua esfera, e lhe fazem ás vezes desconhecer seu sublime destino. Henriqueta, que prazeres podem ceder aos da dedicação? Cercar de bem-estar o homem que se ama, ser boa

e simples na familia, digna e afavel para com os de fóra, não é esse o nosso mais doce papel e o que nos fica melhor ? Parece-me que o circulo da familia, a certos respeitos, póde modelar-se pelos circulos da sociedade, e não é a mulher que dele faz as honras ?

9ª CARTA.— *Mauricio a Rogerio*

Uma nova dôr veio dezabar sobre o seu coração : o monstro a quem se acha acorrentada foi prezo na fronteira e levado para as galés de Toulon, afim de cumprir sua pena.

Este acontecimento, que dá tanta força ás nossas reclamações, parece entretanto ter abatido a coragem de Lucia. Esse coração tão terno desfaleceu de terror á vista do horrivel desfecho a que as leis a associão. O nome que ela ainda traz repercute nela carregado de infamia e de lugubres lembranças. Sua impercecivel bondade veio juntar a compaixão a todos os seus males. Oxalá suas forças não se exgotem nessa luta cruel ! Não, eu o sinto, as leis não podem ser voluntariamente imorais e absurdas! A evidencia tocará os homens : eles despedaçarão esse odiozo grilhão que encadeia o ser mais puro a um forçado.

Lucia, tal como a conheço, terá muito que sofrer ainda : diversas circunstancias me têm esclarecido sobre todos os seus sentimentos, e eu não sacrificarei nenhum deles ao amor. Essa nobre mulher seria mãi como é amante. Os sacrificios que ela aceitaria valentemente para si, ela sofre só com o pensamento de legá-los a seus filhos. Possa ela achar enfim o premio de suas doces virtudes ! Para domar minha impaciencia eu reunirei todas as minhas forças e toda a minha coragem. A vida, Rogerio, tem rudes provações.

Envio-te uma cópia da petição que dirigí á camara.

« Senhores deputados.

« Existe no seio das leis um abuzo cujas consequencias são aterradoras ; permiti-me que vô-lo assinale por um exemplo frizante.

« Uma moça de vinte-dois anos, cujo coração é puro e repleto de honestidade, acha-se agrilhoada pelo cazamento a um galé.

« Quinze anos de prizão, a infamia, o desprezo, tudo o

que separa a virtude do vicio, anula materialmente este odiozo vinculo.

« O homem morreu civilmente ; a mulher, declarada livre pelos tribunais, retoma a posse de sua fortuna, que ela está gerindo já. São evidentes todos os seus direitos ; e contudo tem ela de renunciar ao mais preciozo de todos, o de uzar da liberdade de seu coração.

« Por uma imprevidencia que não se concebe, essa mulher vê-se expelida da proteção das leis, e por elas colocada entre dois abismos profundos, a desgraça e o desregramento.

« Qual a escolha que se ouzaria indicar-lhe ? Para adornar-se de um esteril heroismo, deverá ela renunciar ao amor e á maternidade, esses belos e nobres feudos da espoza ?

« E, si o izolamento pezar sobre sua alma como uma lei de morte, e forçá-la a contrahir um vinculo hostil á sociedade, quem ha de protegê-la contra a má fé da opinião e contra todos os perigos de uma situação falsa ?

« Entre estes dois escolhos, ha ainda um terceiro em que todo ser oprimido e fraco tem de esbarrar, é a covardia.

« Senhores deputados, chamo vossa atenção para esta questão de alta moral, e solicito uma lei que estabeleça o divorcio em um unico cazo, o de pena infamante. »

10ª CARTA. — *Mauricio a Rogerio*

Nossos corações estão mais calmos. Lucia parece feliz por me ver fazer ato de submissão para com esta pobre sociedade. Possa ela colher o fruto de minha paciencia !

Talvez tenha eu realmente cumprido um dever. Tenho sofrido tanto de certo tempo a esta parte, que posso já não ser muito bom juiz em materia de sizudez. Revoltão-me os abuzos, e a opressão inspira-me tal horror que de boa vontade eu fugiria dela em vez de combatê-la. Póde ser que Lucia, com seu heroismo, esteja muito mais proxima da simples moral do que eu. Poucas mulheres reunem como ela a penetração á sensibilidade ; é uma natureza eminentemente leal e inteligente. Quanto melhor conheço esse coração tão terno, tanto mais sinto que eu não poderia compensar bastante o seu amor.

Com que lentidão vejo aproximar-se todos os dias o

momento em que devemos estar juntos! Gosto de sorprehendê-la no meio das ocupações que ela se criou para saber esperar-me, segundo as suas proprias expressões. Hontem, encontrei-a muito ocupada em copiar um grosso caderno de insignificante muzica para escolas. Como lhe manifestasse minha admiração com bastante insistencia, ela acabou confessando-me que tirava alguns recursos desse trabalho. O' Rogerio, ser-me-ia impossivel dizer-te a penoza impressão que me cauzou essa descoberta. Dar ao homem os cuidados e as doçuras do lar domestico, recebendo dele em troca todos os meios de existencia que o trabalho proporciona, não é esse o verdadeiro papel da mulher? Eu antes quero ver uma mãi de familia pouco abastada lavando a roupa de seus filhos, do que vê-la consumindo a vida para espalhar fóra de caza os produtos de sua inteligencia. Está bem visto que não falo da mulher eminente, que seu genio arrebata alem das esferas da familia. Esta deve ter na sociedade um livre surto; porque a manifestação é o verdadeiro facho das inteligencias superiores.

Eu quizera não sómente que as mulheres achassem apoios naturais em seus pais, irmãos e espozos, mas que, si por ventura esses apoios viessem a faltar-lhes, elas fossem sustentadas pelos governos. Fundar-se-ião, suponhamos, estabelecimentos onde elas se reunissem e utilizassem seus talentos diversos, porque ha trabalhos delicados que só podem ser feitos por mulheres. Eles serião confecionados nesses estabelecimentos, onde ao menos se garantiria a seres izolados e fracos um recurso contra todos os males que os ameação fóra da vida em comum.

Nossas cidades terião assim vastos bazares onde a mulher opulenta tomaria o trabalho de ir escolher seus adornos. Não se verião mais pobres mocinhas, extenuadas por um trabalho forçado, serem obrigadas muitas vezes a correr o dia inteiro em busca de colocação para o fruto desse sacrificio. Estes meios, ou outros analogos, já estabelecerião um pouco de proporção entre as forças e os deveres das mulheres, muitas vezes tão pouco em harmonia.

11ª Carta.—*Mauricio a Rogerio*

Nesta sociedade gasta e depreciada onde achar um resto de calor? O dinheiro! eis a chave do dicionario deles, a palavra que é precizo absolutamente conhecer para poder comprehendê-los. Eu tinha dado parte ao conde de J... de nossa situação atual e do passo que dei perante a camara. Ele pensou que me festejava pondo-me em contato com alguns desses homens que se chamão sensatos, sem duvida porque desguarnecêrão completamente o coração em proveito da cabeça. Não pensei que pudesse ir tão longe a secura. A conversação geral dessa gente assemelha-se a uma verdadeira operação de bolsa. É um espetaculo curiozo, vê-los disputarem-se a conversão de um ingenuo.

A maneira obzequioza com que o conde de J... fizera-me as honras em seu circulo pôz-me, contra a vontade, em evidencia. Obrigado a falar de minhas opiniões e de meus sentimentos, tornei-me logo o alvo das atenções de toda a assembléia. Ela bateu-me em filozofia e moral; e ia já decretar-me sublime para ver-se livre de mim, quando um dos homens mais influentes da epoca tomou-me de parte e disse-me: «Vós estais imitando uma gralha quando abate nozes. Não vos afasteis assim do caminho. Acabais de golpear alguns homens que podião e querião servir-vos. Restabelecei depressa os vossos negocios, e acreditai que um herói de quinze mil libras de renda não é bastante robusto para andar só.»

Esta linguagem espantou-me de tal modo que deixei á potencia que me falava todo o enseio para extender-se á vontade. «Acabais, continuou ela, de pedir o divorcio, e vos firmastes em um exemplo bastante decizivo. Não ha duvida que a justiça e a razão estão convosco. Uma lei restrita, como a que pedis, passaria sem a menor dificuldade, e seria um verdadeiro beneficio. Pois bem! apezar disso, essa lei, ha cem a apostar contra um em como vós não a conseguireis.

«É convicção minha, acrecentou ele, enquanto eu reprimia com esforço uma doloroza impaciencia. A culpa é vossa, e muito vossa. Querer fazer-se de gigante, menosprezar estouvadamente a jerarchia, recuzar-lhe a deferencia, e explorar, por unico apoio, o arsenal das velhas palavras, não é querer reprezentar um papel de ingenuo e correr

de adaga em punho numa caçada de pombos? Olhai disse ele, si vós não fosseis moço, estarieis louco. Mas a primeira enfermidade desculpa tudo. Ofereço-vos pois minha proteção junto do embaixador de***. Tendes traquejo social e uma nobre figura: ao lado dele podereis ir longe. Amais uma mulher superior, pois bem, dar-lhe-eis uma pozição condigna, e, acreditai-me, o amor dispensa muito bem o cazamento. »

Quando acabou a sua tirada, meu digno mentor lançou-me um olhar significativo e afastou-se. Fui apertar a mão do conde de J..., tão superior aos homens de que se cerca, e voltei para Oneil com o coração enraivecido.

Rogerio, em pouco tempo saberei o que ha de exato nas palavras desse homem, e si é verdade que não ha mais traços de justiça e de honra na sociedade atual. Lucia é demaziado nobre e pura para inclinar-se diante dela.

12ª CARTA.—*Lucia a Mauricio*

Mauricio, vossa alma é nobre e grande. Que coração póde ser mais digno do que o vosso de comprehender a justiça e a razão? O' o melhor e o mais generozo dos homens! vós a quem eu teria sacrificado jubiloza o repouzo de minha vida inteira, só dezejo que possais reconhecer até que ponto o vosso repouzo me tem sido caro e sagrado. Meu bem amado, em vão tentariamos lutar mais tempo contra a sorte, seus golpes acabárão de despedaçar-me o coração. Ai de mim! Quando deixei-me conduzir á felicidade de amar-vos, acreditei que podia, por minha vez, derramar algum encanto sobre vossa existencia. Deixai-me haurir as ultimas forças num grande e consolador pensamento, esperando que fareis jorrar sobre a sociedade as ondas de dedicação e amor que estão em vós. Quantas vezes não vi vossa inteligencia inflamar-se ao aspeto das chagas que cobrem o mundo! O' Mauricio! todos os sentimentos generozos são deliciozos de experimentar. Que destino póde haver ao mesmo tempo mais nobre e mais doce do que o do homem util? Não vos recordais de terdes muitas vezes invejado a pobres operarios a gloria de uma pequena descoberta? Ficarieis vós ociozo, vós que podeis muito mais do que eles? Meu querido e bem querido amigo, vivei para deixar impresso sobre a terra o vosso nobre vestigio. Quando aparece no meio da sociedade um homem

como vós, é precizo, ou que ele traga-lhe seu tributo de luzes e virtudes, ou que se condene ao silencio e á frieza do egoista. Eu conheço vossa alma, ela é rica e tempestuoza como as nuvens de um belo ceu: nunca terieis achado a felicidade no izolamento. Não renuncieis pois ás alegrias da familia; vossos filhos derramarão um grande interesse sobre a vossa existencia. Será um prazer para vós dezenvolver neles os nobres germens que de vós tiverem recebido. De seus tenros corações vós fareis outros tantos fócos de luz, dimanada da chama do vosso. Eles cercar-vos-ão de respeito e de amor. O' Mauricio! não é nesta unica palavra que se rezumem todas as felicidades da vida?

Ultima carta.— *O doutor L.... ao doutor B...*

Meu velho amigo, aprovo muito a rezolução que tomastes de, por vossa vez, cuidar de vossa saude. Para nós, que acreditamos no bem, é um dolorozo espetaculo o desta sociedade em dezordem, onde o que é nobre e grande não póde mais abrir caminho. Acabo de ser mais uma vez testemunha de um desses sacrificios que revoltão o coração e o espirito. A joven desventurada cuja historia vos escrevi extinguiu-se hontem nos meus braços, dilacerada de dores que renuncio a pintar-vos. Alguns instantes apenas sobreviveu-lhe o homem que ela amava: parece ter ele querido saborear seu dezespero. Tentei trazê-lo á razão e á calma, mas foi em vão. Com um tiro nos ouvidos deu fim a seus dias junto do leito funebre, antes que eu tivesse podido prevenir seu funesto intento.

Aqueles que conhecêrão a interessante e desditoza mulher cuja perda eu lamento poderão comprehender a fatal paixão que ela inspirou. Era uma dessas organizações tão raras, em que o coração e o espirito têm parte igual. Nenhuma mulher sentia melhor do que ela a grandeza de seu papel. Teria sido uma mãi e uma espoza completa. Ah! vendo-a extinguir-se nos meus braços na idade em que se deve viver, pude avaliar dolorozamente o pouco poder que é dado ao homem para reparar o mal que faz.

Clotilde.....

X

O estudo das leis morais pertence espontaneamente á mulher.

. . . .

Si bem que o genio filozofico e o genio poetico não possão nunca achar simultaneamente altos destinos, a natureza intelectual de ambos é em tudo identica.

(Augusto Comte — *Catecismo positivista.*)

O nosso Mestre foi sorprehendido por esta publicação, de que só teve conhecimento no mesmo Venerdia 20 de Junho, em que ela sahiu. Na rua Pavée contavão com a sua vizita, e é facil de imaginar o alvoroço de contentamento com que todos o aguardavão, dezejozos de comunicar-lhe o feliz acontecimento. A primavera despedia-se em uma dessas tardes longas que prenuncião o verão. O Filozofo sahíra da rua Monsieur-le-Prince absorto nos seus encantados devaneios, com a mente e o coração repletos das recordações medievas, objeto agora das suas meditações prediletas. Havia alguns momentos ainda estivera lendo a *Cidade de Deus* de Santo Agostinho. * Cada vez sentia mais profundamente a intima afinidade entre o Pozitivismo e o Catolicismo. Naquele momento mesmo a imponente Catedral parecia-lhe envolta em uma aureola imortal, como si atravez dos seus muros rendados se coassem os incomparaveis ideiais que o revolucionarismo obrigára a refugiarem-se no seu santuario.

Notre-Dame se erguia assim, aos olhos do Filozofo, como um fanal magestozo assinalando o porto do salvamento em meio da anarchia moderna. O teologismo não conseguíra, apezar da esteira esplendoroza que o incomparavel Templo lhe abria, desvendar as regiões serenas do Porvir. Uma tormenta superior á sua fragil estructura, o despedaçára, e o reduzíra aos destroços que flutuavão em torno do eterno luminar. Mas o Pozitivismo possuia a envergadura assás robusta para sofrer ilezo o embate das ondas enfurecidas. Naquele momento, a tempestade parecia até quazi amainada de todo em roda do Filozofo.

E o vulto nobre e terno de Clotilde surgia diante de si como a egregia sinteze de tão sublimes ideiais. Fôra o seu olhar cheio de esperança que lhe refletíra a redentora chama, quando a vizão dele perdia-se inquieta na imensi-

* Cartas a Stuart Mill, p. 359.

dade vaga do Futuro! A sua alma era a imagem mais comovente da situação atual da Humanidade buscando, atravez da anarchia, a realização dos belos sonhos cavalheirescos. A impossibilidade de jámais identificar a sua existencia com a da sua Bem-Amada, ainda mais o corroborava nessa tocante assimilação. Como todo ideial, Clotilde caraterizava assim o limite para o qual devia, de mais em mais, convergir o conjunto dos seus esforços regeneradores. Talvez que a sua nobre paixão privada e o seu inextinguivel ardor social entretecendo-se, em supremo arroubo, lhe reprezentassem então a idolatrada Inspiradora glorificada sobre o altar-mór da suave Catedral...

O aspeto da caza abençoada veio só tirar o nosso Mestre da sua venturoza adoração abstrata para transportá-lo á realidade que o seu culto lhe fazia prelibar. Augusto Comte chegára á rua Pavée sem suspeitar do acontecimento que mais devia emocionar Clotilde naquela tarde. Mas a modesta Senhora devia ter experimentado uma intima conturbação ao enfrentar-se com o simpatico Pensador, a quem seu proprio enlevo e a ignorancia do sucedido não permitirião aliás descobrir similhante emoção. Talvez, porem, o contentamento geral não lhe tivesse passado despercebido, e lhe houvesse espontaneamente provocado uma simpatica curiozidade que não tardou em ser satisfeita.

E' prezumivel que a noticia da estréia literaria de Clotilde lançasse Augusto Comte em uma aflitiva perplexidade, que devia agravar-se ao saber, de modo geral, o assunto da LUCIA. Até onde teria ido Ela nas suas expansões contra os defeitos da ordem demestica?... Fosse como fosse, o fato estava consumado, e todo exame naquele momento poderia ocazionar desgostos que virião anuviar as felizes dispozições em que todos parecião achar-se... Estava certo, aliás, que Clotilde haveria de ter atenuado a ingratidão essencial da teze, mediante a nobreza ecepcional dos seus sentimentos... Tratava-se talvez apenas de um ensaio efemero, em breve absorvido no esquecimento comum das publicações jornalisticas, e incapaz, portanto, de afetar profundamente a carreira literaria da sua idolatrada Inspiradora... Ficava mesmo assim mais bem habilitado a corrigir os desvios que receiava, dissipando as objeções dela... Todos esses pensamentos perpassárão velozes pela mente apaixonada do Pensador, e vierão dezabrochar numa queixa afetuoza por não o

ao vê-la, um cuidasse ter diante de si a imagem saudoza da mãi que perdêra na infancia; a outro se afigurasse surgir o vulto enternecido da irman que fôra o amparo da sua meninice e era o consolo do seu velho pai; aquele percebesse como que os passos da carinhoza filha que o arrebatava, por momentos, ás garras do septicismo; este se recordasse da espoza do seu primeiro amor, vitima precoce de uma fervoroza dedicação... E aqueles olhares, de ordinario malevolos, se ameigárão porventura numa expressão de involuntario acatamento que os faz esquecer, por instantes, a grosseria masculina, fatalmente agravada neles pelas condições do oficio.

Marrast disfarçou com as cortezias convencionais as ignobeis sugestões a que realmente estava obedecendo. Assegurou a Clotilde as melhores dispozições de servi-la, e ficou de responder-lhe posteriormente acerca da publicação solicitada.

Clotilde anciava por ver-se só e poder dar expansão aos sentimentos que agitavão o seu coração e que não ouzava patentear ás vistas dos indiferentes. O seu pensamento não desprendia-se da sua querida Lucia, nela concentrava os tezouros de maternais carinhos a que a cegueira do Fado negára o objetivo supremo. O trajeto para caza foi distrahido, sem perceber o tempo nem medir a distancia. Quando dá por si está na rua Payenne. Penetra no seu modesto apozento; lança os olhos ternos sobre a sua meza de trabalho, e as lagrimas afluem-lhe abundantes, como si mãos sacrilegas lhe tivessem arrebatado a filhinha meiga. Insensivelmente toma os seus rascunhos e os revê num saudozo enlevo, como a mãi que busca um consolo contemplando o retrato do entezinho auzente por cuja sorte treme. E nisto correm as horas e chega o momento de ir á rua Pavée...

Marrast não publicou imediatamente o preciozo manuscrito. Prevalecendo-se da pozição que a anarchia moderna proporciona aos seus congeneres, ele contava servir-se das vantagens que podia oferecer á carreira literaria de Clotilde para uma torpe exploração. Nesse intuito, alguns dias depois de receber a Lucia, aprezentou-se em caza de Clotilde, sob o pretexto de vir propôr-lhe algumas mudanças:

« Ele foi nesse dia perfeitamente logico e criteriozo em todas as suas palavras, dizia mais tarde Clotilde. Pareceu

fazer empenho em ligar-me á sua colaboração e testemunhou-me uma distinta estima. Acabamos por conversar sobre a minha situação, e ele disse-me pozitivamente: « — Eu vos instigo a tomar filozoficamente a vida; laços na vossa pozição não constituirão jámais o desregramento: só as pessoas sem fé nem lei haverião de querer lançar a pedra sobre uma mulher porque não se condenou á morte civil ao mesmo tempo que o seu marido. » — Não respondi -lhe então sinão de um modo banal. » (VOLUME SAGRADO, *Correspondencia*, p. 466.)

Seria depois dessa conversa que Clotilde lhe falára na publicação da EPISTOLA FILOZOFICA? Seja como fôr, o conhecimento deste santo opusculo veio ainda mais estimular os perversos dezignios do jornalista. Sentiu-se logo abrazado de um criminozo ciume para com Augusto Comte, e, imaginando que o Filozofo fosse *para Clotilde mais do que aquilo que Ela lhe dissera*, (VOLUME SAGRADO, p. 462), machinou obter a realização do seu torpe projeto em troca da publicação que Clotilde inocentemente lhe solicitára. Parece, porem, que não deu passos nesse sentido sinão depois da publicação da LUCIA.

IX

> Restão-me ao menos fontes de ensinamentos para os outros: é ainda um interesse real na minha vida.
>
> (53ª *carta, de Clotilde a Augusto Comte.*)

Tranquilizada quanto á publicação da LUCIA, começou Clotilde a inquietar-se com outra serie de preocupações. Restava, com efeito, agora saber o acolhimento que daria o publico á sua tocante novela. Sentia-se bastante paciente para arrostar as criticas da maledicencia ou da inveja. Afligia-se, porem, com o possivel desgosto que iria cauzar ás almas boas e inteligentes. Entre estas, alarmava-se naturalmente com a opinião de Augusto Comte, pela competencia incomparavel que nele reconhecia. Agora que a LUCIA ia ser publicada, tornava a ser assaltada pelos escrupulos que parecião dissipados. E todas essas emoções erão ainda agravadas pelo pensamento de que a sua independencia pessoal e, portanto, o surto da sua carreira social estavão intimamente ligados ao exito de tal estréia.

Não obstante esses dezasocegos pelo seu porvir, a convicção dos altos intuitos morais da virtuoza novela devia derramar na alma de Clotilde uma consolação inefavel. Foi, pois, com santa anciedade que aguardou a prometida publicação. Nesse intervalo, mais de uma vez releu porventura o encantador rascunho, como para certificar-se do fundamento das suas esperanças. Chegou afinal o suspirado dia. O *Nacional* do Venerdia 20 de Junho publicou o seguinte:

Folhetim do Nacional de 20 de Junho de 1845 (Venerdia).

LUCIA *

Ha alguns anos, um crime, revestido de circunstancias extraordinarias, veio ferir de assombro a pequena cidade de***

Um mancebo, pertencente a uma familia distinta, tinha dezaparecido sob o pezo de uma terrivel suspeita: acuzavão-no de haver assassinado um banqueiro seu socio, subtrahindo-lhe consideraveis valores. Atribuia-se o duplo crime á funesta paixão do jogo. O culpado abandonava assim, alguns mezes depois de cazado, sua joven espoza, dotada de grande beleza e das mais eminentes qualidades. Orfan, ficava ela entregue, aos vinte anos de idade, ao izolamento, á mizeria, e a uma pozição sem esperança.

As leis lhe concedêrão espontaneamente a separação de corpo e bens, isto é, de tudo aquilo que lhe fugia. A familia do marido cedeu-lhe um abrigo e um par de sapatos. Mas, sendo geralmente admirada, cercárão-na de todos os lados poderozas proteções.

Era ela felizmente uma dessas nobres mulheres que aceitão mais facilmente a desgraça do que uma tranzação vergonhoza. Sua inteligencia elevada mostrou-lhe a situação sem rebuços: ela comprehendeu que só á beleza poderia dever o interesse dos homens; presentiu os perigos que doces simpatias pódem acobertar, e quiz tirar só de si todo o lenitivo para a sua sorte. Essa rezolução corajoza uma vez tomada, não pensou mais a joven senhora sinão nos meios de dar-lhe execução. Possuindo notavel talento, dirigiu-se para Paris com o fim de utilizá-lo.

* Tradução do nosso confrade Dr. Joaquim Bagueira. — R. T. M.

Depois de algumas provas foi admitida como professora na caza da Abbaye-aux-Bois, onde encontrou honoravel azilo.

A justiça, entretanto, proseguia seu curso; ativas diligencias procuravão por toda parte os traços do fugitivo. Os despojos da sua infeliz vitima já os credores irritados tinhão repartido entre si: seus vestidos, suas joias, e até seus pequenos tezouros de moça solteira, tinhão sido postos em almoeda. Tanto interesse, porem, ela inspirava que algumas pessoas comprárão muitos desses objetos e lh'os mandárão entregar.

Uma moça quiz possuir um medalhão que continha o retrato da heroina, o cura do lugar arrematou seu vestido de noiva para paramentar com ele o altar da Virgem.

Esses detalhes comovêrão vivamente a infortunada. Em seu coração uma nobre altivez aliava-se a uma sensibilidade profunda, e ela sentiu-se amparada pelas provas de simpatia que recebia de todos os lados. Penetrada de terror á simples recordação de seu primeiro amor, ela não encarou seus grilhões sinão como uma barreira que ela tivesse voluntariamente erguido entre os homens e si. O horror e os perigos de sua situação escapárão assim ás suas vistas, e ela aceitou sem revolta a injusta sentença das leis.

Um sentimento indelevel, uma doce e santa amizade de infancia poupou a principio a este nobre coração as amargas dôres do izolamento. A filozofia, tão mesquinha e tão arida nas almas egoistas, dezenvolveu suas magnificas proporções na da joven senhora. Pobre, ela achava meios de fazer o bem: ia raramente ás igrejas, onde a frivolidade estabeleceu seus balcões; mas encontravão-na amiudo nas mansardas, onde frequentemente a desgraça vê-se reduzida a ocultar-se, como a vergonha.

Decorrêrão dois anos sem que nenhum acontecimento viesse alterar esta situação extranha e desditoza. O tempo, que não faz sinão aumentar as grandes dôres, tinha arruinado pouco a pouco a brilhante organização da orfan.

Á sua coragem heroica, aos seus esforços perseverantes para ficar no rude caminho que lhe estava traçado, começava a suceder um abatimento profundo. Treze cartas que me vierão ás mãos pintarão melhor do que eu as dôres desse coração enfermo. Peço permissão para reproduzí-las e assim terminar a prezente historia.

1ª CARTA.—*Lucia á Senhora M*

Escrevo-te de Malzéville, onde passei alguns mezes, minha bem-amada. Meu peito precizava de ar e de leite; os nossos dignos amigos aproveitárão esse pretexto para convidar-me a partilhar sua linda solidão. Como eu amo essas ecelentes criaturas! Pudesse eu assimilhar-me a elas, ou fazer passar para o meu um pouco da paz que reina no fundo de seu corações! Sinto-me contudo melhor aqui: nada é sadio como o espetaculo de uma bela natureza e desta vida laborioza e uniforme que obriga o espirito a diciplinar-se.

O general espera em breve a chegada do vizinho, que passa por ser o bemfeitor deste pequeno paiz. E um rapaz de vinte-seis anos, possuidor de uma bela fortuna, e dicipulo sincero das idéias liberais. Vive em companhia de sua mãi, que ele adora, e de quem igualmente se fala muito bem.

Tu me aconselhas a cultura das flôres para que eu descance um pouco da muzica e da leitura. Ah! minha bem-amada, não são esses os unicos prazeres que me restão? Depois de haver pago meu fraco tributo á amizade, depois de ter lido para o general ouvir alguns trechos de suas memorias, depois de evocarmos juntos algumas recordações grandes e severas, ou depois de partilhar com a nossa amiga seus pequenos cuidados de caza, acho-me de novo preza dessa necessidade de sentir e de pensar que se tornou o principal incentivo de minha existencia; e contudo nenhuma mulher amou mais do que eu a vida socegada e simples. Que prazeres brilhantes não teria eu sacrificado com alegria aos deveres e á felicidade da familia! Que triunfos não me terião parecido insipidos comparados com as caricias de meus filhos! O' minha amiga, a maternidade, eis o sentimento cujo fantasma se ergue, tão novo e tão impetuozo, em meu coração. Esse amor, que a todos os mais sobrevive, não é dado á mulher para que ela se regenere nas suas dôres?

2ª CARTA.—*Mauricio a Rogerio*

Rogerio, vi enfim essa mulher, tão grande e tão desventurada, de quem me falavas com orgulho. Não digas que

está lançada a sorte si eu te confessar a impressão profunda que senti ao aspeto dessa joven e bela martir das injustiças sociais. As tocantes virtudes de Lucia, seu espirito, suas graças, tudo nela traz para sempre o cunho de um pezar profundo. Sente-se, ao vê-la, que para amar ser-lhe-á precizo uzar de generozidade. Entretanto, não é ela livre perante a honra e a razão ? Que espantoza imprevidencia das leis é essa em virtude da qual um ser puro e respeitado póde achar-se acorrentado, pela propria sociedade, ao ente estigmatizado que ela repele de seu seio ?

O que é que se chama morte civil? Será um simulacro ? Com que fim a sociedade conserva uma espoza a um homem, que não póde mais gerar sinão bastardos ?

Com que direito hade ela impôr o izolamento e o celibato a um de seus membros? Com que fim o hade impelir para o desregramento ?

Mas estou com ar de quem está diante de juizes. Meu sangue fica prestes a inflamar-se, Rogerio, quando vejo como a apatia dos homens engendra muitas vezes a desgraça e a opressão.

Mandei construir um mirante com vista para Malzéville; dahi, com um oculo de alcance, descubro inteiramente a caza do general. Hontem, avistei Lucia que estava sentada á beira do tanque; sua atitude era melancolica e acabrunhada. E não sei si deva dizer-te, seu olhar parecia -me dirigir-se muitas vezes para o sul. Ah ! vendo-a tão gracioza e tão abatida, eu perguntava, indignado, a mim mesmo,onde o segredo de certas influencias sobre os nossos corações? Porque é que vêem-se mulheres vulgares facinar inteligencias superiores e tornar-se o objeto de um verdadeiro culto ? Como é que acontece tambem que a generozidade e a nobreza de certas mulheres vêem-se muitas vezes a braços com o egoismo e a grosseria ? Cumpre renunciar á explicação deste enigma.

Já que queres uma nova descrição de Oneil, dir te-ei, meu caro Rogerio, que fiz dessa propriedade uma das mais belas do departamento. Contárão-me um destes dias uma recente discussão a meu respeito entre os habitantes da comuna vizinha e um velho fidalgo arruinado. Tratava-se nada menos que de decidir si se devia dar o titulo de castelo a Oneil e o primeiro pedaço de pão bento a seu proprietario. Cortei a questão não indo á missa, e chamando todo o paiz de meu vale.

3.ª Carta.— *Mauricio a Rogerio*

Nunca, Rogerio, nunca outra mulher fará nacer em mim estes sentimentos generozos e elevados que a simples vista de Lucia basta para inspirar-me. Tu dissestes a verdade, meu amigo: é debalde que as leis, a opinião, e o mundo erguem entre nós sua triplice barreira, o amor nos unirá, eu o sinto. Quem melhor do que tu conhece as necessidades de meu coração e sua insuperavel repugnancia pelas felicidades vulgares? Ai de mim! antes de encontrar Lucia já eu o tinha sentido muitas vezes, é um perigo refinar nossas sensações.

Minha mãi fez sua vizita a Malzéville. Eu estava curiozo, confesso-te, de saber a impressão que Lucia lhe cauzaria. Ao chegarmos diante da grade do pequeno parque, avistamo-la enxertando uma rozeira. Estava vestida de branco: um grande chapeu de jardim cobria-lhe negligentemente a cabeça, uma simples fita verde dezenhava-lhe o talhe fino e elegante. Dir-se-ia, ao vê-la, o mais suave ideal da Galatéa. Fiquei sorprehendido de não perceber emoção alguma no rosto de minha mãi, que de ordinario é tão benevola, e acha tanto prazer em admirar. Esteve sentencioza e fria durante todo o tempo de nossa vizita; as palavras *dever* e *honra* achavão sempre lugar em suas frazes. Pela vez primeira, entrevi o que ha de amargo e implacavel nas rivalidades femininas. Guiada por esse tato delicado que o habito do sofrimento concede, Lucia retirou-se antes de nós invocando um pretexto qualquer. Porque não ouzei eu segui-la e lançar-me a seus pés para protestar contra as palavras de minha Mãi?

Rogerio, foi esse momento que fixou para sempre minha sorte. Comprehendi que só a mim cabia arrancar á desgraça esta doce vitima. Pereção as chimeras que entre nós se erguem! Sinto-me forte contra a má fé da opinião e contra a censura dos invejozos. Assim possa eu sê-lo tambem contra a generozidade e a grandeza de Lucia!

4ª Carta.- *Mauricio a Rogerio*

De boa vontade se amaldiçoaria a civilização e as luzes, quando se vê quão pequeno é o numero de espiritos justos e de corações retos que ha no mundo. Eu não poderia dizer-te quantas insinuações mesquinhas e odiozas tenho de

sofrer todos os dias por cauza de Lucia. Mas, e isto não é o que menos irrita, toda a honra fica com estes corruptores de moral, que se levantão orgulhozamente sobre seus montões de sofismas. Parece, na verdade, que o sucesso só acompanha as guerras vergonhozas.

Acabo de ter com minha mãi uma conversa penoza, que não fez sinão confirmar minhas idéias sobre a dedicação. É uma virtude magnifica, mas que prefere muito mais viver de gozos do que de sacrificios. Encontrei ultimamente, na sociedade, a joven condessa de***, cujo marido está nas galés. Tinha ela vinte-quatro anos quando essa fatalidade a feriu; era notavelmente bela e amavel. O digno L... apaixonou-se por ela. Unirão-se. Pois bem! dizia-me ela que o que teve de sofrer de sua propria familia não se póde calcular. E como eu lhe manifestasse meu espanto, á vista das idéias adiantadas que todos na familia professavão, ela respondeu-me : Pois que! ainda vos achais tão atrazado no conhecimento do homem? Eles consentem bem que eu seja atéa, mas não que dispense os sacramentos.

Tanto é verdade, meu digno Rogerio, que esta admiravel humanidade não está ainda bem quite de sua divida para com os macacos, dos quais, no dizer de alguns doutores, ela decende diretamente.

5ª Carta. — *Mauricio a Lucia*

Que fizestes, Lucia? A que funesto pensamento obedecestes afastando-vos de mim? Infeliz que sou! debalde procuro justificar vosso silencio, ele esmaga-me o coração como um fardo de gelo. Entretanto, hontem ainda, vós me tinheis feito prezar a vida. Vossa alma parecia abrir-se á esperança. Quando um leve perigo ameaçou-me á beira do lago, atirastes-vos em meu socorro sem parecer que receiaveis a prezença daqueles que nos cercavão. Oh! como estaveis bela naquele momento! como a dedicação vos fazia imponente! Não lestes por ventura em todos os olhares o entuziasmo de que ereis alvo? O' Lucia, quando talvez não fosse precizo mais que mostrar-vos o que sois para enternecer o coração de minha mãi, por que desgraça inconcebivel nos achamos separados? Mas quem sabe? talvez não sejais a mulher angelica que eu julgára entrever, talvez que um amor generozo esteja acima de vossas

forças ? Talvez... Mas para que todas estas duvidas ? Só vós podeis restituir-me o socego que me tirastes : espero de vós uma linha, uma palavra, que me diga quais são os vossos projetos. Pensai nisso ! eu não respondo por mim si continuardes a acabrunhar-me com o vosso silencio. Manuel vai correr á toda brida até Paris : daqui a dez horas posso ter vossa resposta.

6.ª CARTA. — *Mauricio a Rogerio*

Era pois necessario que assim acontecesse, Rogerio ? Tê-la conhecido, saber o que encerra esse coração elevado, esse espirito delicado, e dentro de algumas horas, talvez, ter que deplorar a sua perda ! Que a minha desgraça recaia para sempre sobre aqueles que a cauzárão ! Ai de mim ! quando eu a acuzava do que tenho sofrido, ela sucumbia á violencia de seus combates e de seu amor. Divago como um louco em torno da caza do general, continuamente interrogando seus criados, e não recebo deles sinão respostas vagas ou aterradoras. Felizmente o medico não me conhece, e trez vezes por dia enterra-me a verdade no coração. Acabo de estar com ele neste momento ; seu olhar era tão triste, ele parecia tão acabrunhado que eu pedi-lhe encarecidamente que não me ocultasse a ultima desgraça. Garantiu-me que ela existe ainda ; mas ele está na espectativa de uma crize terrivel e inevitavel...

P. S. Está salva ! É precizo amar como eu amo para comprehender a magia desta palavra. Prostrei-me aos pés do medico ; pedi-lhe sua amizade. Em vão conserva ele seu ar grave, eu sinto-me prestes a fazer loucuras em sua prezença. É um homem distinto, fala de Lucia com um entuziasmo quazi igual ao meu. Mas uma coiza impressionou-me : ele observa-me muitas vezes com admiração, e parece prestes a confiar-me um segredo. Ele termina sempre nossas conversas sobre Lucia por esta fraze : A sociedade é bem culpada.

Tenho a miudo notado que a prudencia é o vicio dos homens dessa profissão, que, pelos conhecimentos profundos que possuem, tão aptos serião para secundar o movimento social. Quantas modificações importantes não poderião ser introduzidas nas leis só pela autoridade de certos fatos sientificos que ficão eternamente ocultos ao vulgo !

Eu quizera que um bom medico publicasse suas memorias; seria, a meu ver, um livro utilissimo para a humanidade.

7ª Carta.—*Mauricio a Rogerio*

Tornei a vê-la, meu amigo! Ah! não se ouza crer que ela pertença ainda á terra, tanto revestiu sua beleza um carater ideal e celeste. Seu primeiro passeio ela consentiu em fazê-lo apoiada a meu braço, e eu admirei-me da simplicidade com que ela me pintou seus sofrimentos. Si não me engano, um raio de esperança penetrou em seu coração; mas não pude achar o sentido de muitas palavras suas. Uma ocazião, em que descançavamos á sombra de uma capelinha em ruinas, sucedeu de por ali passar um cazamento de camponezes. Havia tanta felicidade e despreocupação em todas aquelas fizionomias abertas, que eu não pude conter uma reflexão amarga, comparando nossa sorte com a deles. Lucia estremeceu ouvindo-me. «O' meu amigo, exclamou ela, eles são felizes, mas é porque sua felicidade não aflige nem ofende a ninguem.» Eu olhei para ela maravilhado. Seu rosto tingira-se de leve rubor. Tomou me a mão e, colocando-a sobre o seu coração, continuou com voz grave e comovida: «Mauricio, nossa infelicidade nos impeliria em vão a levantar-nos contra a sociedade; suas instituições são grandes e respeitaveis como o labor dos tempos; é indigno dos grandes corações derramar as perturbações que sentem.» Eu quiz responder-lhe, mas um sinal que ela me fez com a mão indicou-me que sentia-se fraca. Já começava a fazer-se tarde. O digno doutor, que já estava aflito por não ver Lucia voltar, veio ao nosso encontro, e ajudou-me a conduzi-la até a entrada do parque de Malzéville, onde foi precizo separar-nos.

O que me aterra, Rogerio, não é tanto o conjunto dos obstaculos que me cercão como a grandeza natural de Lucia. Não é a vãos preconceitos, eu bem o sinto, que tal mulher deve ter imolado até aqui os mais doces pendores de seu coração.

Mme Clotilde.....

(*O fim amanhan.*)

Com que emoção Clotilde percorreu estas sagradas linhas! Com que nobre modestia contemplou esse primeiro passo decizivo na glorioza existencia que inaugu-

rava! Mas a boa impressão que a LUCIA parece ter cauzado á Familia Marie devia mais que tudo encher de santo jubilo o seu piedozo coração. Diante daquela manifestação do incontestavel valor da estremecida Filha, era natural que a Familia de Clotilde olhasse com mais tranquilidade para o futuro dela. Os escolhos da perigoza carreira, si não se dissipárão naquele momento, deixárão porventura de inspirar os cruciantes temores que até ali havião despertado. Comprehende-se com que virtuozo jubilo Clotilde assistiu essas felizes impressões, que auguravão o desvanecimento de uma fonte tão acerba de atritos com os entes que mais idolatrava.

No numero seguinte, o mesmo jornal publicava:

Folhetim do Nacional de 21 de Junho de 1845 (Sabado).

LUCIA

(Ver o numero do *Nacional* de hontem.)

8ª CARTA.— *Lucia á Senhora M*

Minha querida amiga, a esperança acolheu-me quando voltei á vida: Mauricio consente em erguer sua grande voz para protestar contra o terrivel abuzo que nos separa. Sua mãi apertou-me contra o seio; nunca esquecerei as sensações deliciozas que esse momento meselou á amargura das minhas recordações.

O' minha bem-amada! o amor de um homem puro e delicado é um sentimento muito poderozo. De quanta força e coragem não precizo eu para rezistir-lhe! Mas o interesse e a gloria de Mauricio são mais caros para mim talvez do que o meu proprio: por isso o orgulho de vê-lo tentar uma nobre empreza ampara-me; porque, quanto á minha, parece-me que a levei ao cabo como verdadeira heroina.

Só hontem foi que a nossa sorte ficou decidida. Tinhamos passado a noitada com o digno doutor, cuja moral é ao mesmo tempo tão doce e tão elevada. Apenas nos tinha ele deixado, quando Mauricio, tomando-me impetuozamente a mão e apertando-a contra o coração, jurou proteger-me mau grado o mundo, e não consentir mais que eu me afastasse dele. Reuni quantas forças tinha para lutar contra essas emoções deliciozas e terriveis. Fiz ver a Mauricio que o dever lhe impunha que tentasse libertar-me

de meus liames, reclamando uma lei justa e sabia. Uzei para movê-lo dos argumentos que têm mais poder sobre seu grande coração Pintei-lhe com ardor as vantagens que dessa glorioza tentativa poderião rezultar para a sociedade. Quanto a ele, não foi dificil interessá-lo pela sorte desses entes, jovens, fracos, dezarmados, que um vinculo odiozo póde levar ao dezespero. Ele conveio em que os abuzos das leis rezultão na maioria dos cazos da apatia dos homens, e que é sempre honrozo e util lutar contra a opressão.

Consideramos em seguida nossa situação sob todos os pontos de vista. Mauricio asseverava que para a felicidade bastava um vinculo como aquele que ele queria que contrahissemos, e que, sem a menor saudade, ele renunciaria a este mundo que sacrifica a verdadeira honra a preconceitos pompozamente condecorados com o nome de conveniencias. Confessei-lhe que eu não me sentia nem bastante alto nem bastante baixo para afrontar a opinião, e que ser-me-ia doce poder cercar nosso amor do respeito das familias honestas. Ele combateu com brandura minhas idéias, mas a lembrança de sua mãi juntou-se em seu coração a todos os grandes sentimentos que lhe são proprios. Acabou prometendo-me dirigir uma petição á camara, e esperar dignamente o rezultado.

Precipitei-me aos pés desse homem tão querido, derramando lagrimas de reconhecimento e de amor. Os esforços que eu tinha feito para me dominar havião por tal modo exgotado minhas forças que a vida pareceu-me que ia abandonar-me. Nunca senti tanto o valor dela como naquele momento.

O' minha amiga! tu que vives calma e feliz ao lado do homem de tua escolha, tu comprehenderás tudo o que se passa em meu pobre coração. Tu sabes si eu partilho o ridiculo dessas mulheres que sapateião á simples idéia de nunca serem deputados, e que montão a cavalo para provar que, em cazo de necessidade, poderião ser ecelentes coroneis de dragões. Mas tu sabes tambem si eu sinto vivamente a opressão por toda a parte onde ela se exerce realmente. É atentando contra a felicidade modesta e verdadeira da mulher que as leis a impelem para fóra de sua esfera, e lhe fazem ás vezes desconhecer seu sublime destino. Henriqueta, que prazeres podem ceder aos da dedicação? Cercar de bem-estar o homem que se ama, ser boa

e simples na familia, digna e afavel para com os de fóra, não é esse o nosso mais doce papel e o que nos fica melhor ? Parece-me que o circulo da familia, a certos respeitos, póde modelar-se pelos circulos da sociedade, e não é a mulher que dele faz as honras ?

9ª Carta. — *Mauricio a Rogerio*

Uma nova dôr veio dezabar sobre o seu coração : o monstro a quem se acha acorrentada foi prezo na fronteira e levado para as galés de Toulon, afim de cumprir sua pena.

Este acontecimento, que dá tanta força ás nossas reclamações, parece entretanto ter abatido a coragem de Lucia. Esse coração tão terno desfaleceu de terror á vista do horrivel desfecho a que as leis a associão. O nome que ela ainda traz repercute nela carregado de infamia e de lugubres lembranças. Sua imperecivel bondade veio juntar a compaixão a todos os seus males. Oxalá suas forças não se exgotem nessa luta cruel ! Não, eu o sinto, as leis não podem ser voluntariamente imorais e absurdas! A evidencia tocará os homens : eles despedaçarão esse odiozo grilhão que encadeia o ser mais puro a um forçado.

Lucia, tal como a conheço, terá muito que sofrer ainda : diversas circunstancias me têm esclarecido sobre todos os seus sentimentos, e eu não sacrificarei nenhum deles ao amor. Essa nobre mulher seria mãi como é amante. Os sacrificios que ela aceitaria valentemente para si, ela sofre só com o pensamento de legá-los a seus filhos. Possa ela achar enfim o premio de suas doces virtudes ! Para domar minha impaciencia eu reunirei todas as minhas forças e toda a minha coragem. A vida, Rogerio, tem rudes provações.

Envio-te uma cópia da petição que dirigí á camara.

« Senhores deputados.

« Existe no seio das leis um abuzo cujas consequencias são aterradoras ; permiti-me que vô-lo assinale por um exemplo frizante.

« Uma moça de vinte-dois anos, cujo coração é puro e repleto de honestidade, acha-se agrilhoada pelo cazamento a um galé.

« Quinze anos de prizão, a infamia, o desprezo, tudo o

que separa a virtude do vicio, anula materialmente este odiozo vinculo.

« O homem morreu civilmente: a mulher, declarada livre pelos tribunais, retoma a posse de sua fortuna, que ela está gerindo já. São evidentes todos os seus direitos; e contudo tem ela de renunciar ao mais preciozo de todos, o de uzar da liberdade de seu coração.

« Por uma imprevidencia que não se concebe, essa mulher vê-se expelida da proteção das leis, e por elas colocada entre dois abismos profundos, a desgraça e o desregramento.

« Qual a escolha que se ouzaria indicar-lhe? Para adornar-se de um esteril heroismo, deverá ela renunciar ao amor e á maternidade, esses belos e nobres feudos da espoza?

« E, si o izolamento pezar sobre sua alma como uma lei de morte, e forçá-la a contrahir um vinculo hostil á sociedade, quem ha de protegê-la contra a má fé da opinião e contra todos os perigos de uma situação falsa?

« Entre estes dois escolhos, ha ainda um terceiro em que todo ser oprimido e fraco tem de esbarrar, é a covardia.

« Senhores deputados, chamo vossa atenção para esta questão de alta moral, e solicito uma lei que estabeleça o divorcio em um unico cazo, o de pena infamante. »

30ª CARTA. — *Mauricio a Rogerio*

Nossos corações estão mais calmos. Lucia parece feliz por me ver fazer ato de submissão para com esta pobre sociedade. Possa ela colher o fruto de minha paciencia!

Talvez tenha eu realmente cumprido um dever. Tenho sofrido tanto de certo tempo a esta parte, que posso já não ser muito bom juiz em materia de sizudez. Revoltão-me os abuzos, e a opressão inspira-me tal horror que de boa vontade eu fugiria dela em vez de combatê-la. Póde ser que Lucia, com seu heroismo, esteja muito mais proxima da simples moral do que eu. Poucas mulheres reunem como ela a penetração á sensibilidade; é uma natureza eminentemente leal e inteligente. Quanto melhor conheço esse coração tão terno, tanto mais sinto que eu não poderia compensar bastante o seu amor.

Com que lentidão vejo aproximar-se todos os dias o

momento em que devemos estar juntos! Gosto de sorprehendê-la no meio das ocupações que ela se criou para saber esperar-me,, segundo as suas proprias expressões. Hontem, encontrei-a muito ocupada em copiar um grosso caderno de insignificante muzica para escolas. Como lhe manifestasse minha admiração com bastante insistencia, ela acabou confessando-me que tirava alguns recursos desse trabalho. O' Rogerio, ser-me-ia impossivel dizer-te a penoza impressão que me cauzou essa descoberta. Dar ao homem os cuidados e as doçuras do lar domestico, recebendo dele em troca todos os meios de existencia que o trabalho proporciona, não é esse o verdadeiro papel da mulher? Eu antes quero ver uma mãi de familia pouco abastada lavando a roupa de seus filhos, do que vê-la consumindo a vida para espalhar fóra de caza os produtos de sua inteligencia. Está bem visto que não falo da mulher eminente, que seu genio arrebata alem das esferas da familia. Esta deve ter na sociedade um livre surto; porque a manifestação é o verdadeiro facho das inteligencias superiores.

Eu quizera não sómente que as mulheres achassem apoios naturais em seus pais, irmãos e espozos, mas que, si por ventura esses apoios viessem a faltar-lhes, elas fossem sustentadas pelos governos. Fundar-se-ião, suponhamos, estabelecimentos onde elas se reunissem e utilizassem seus talentos diversos, porque ha trabalhos delicados que só podem ser feitos por mulheres. Eles serião confecionados nesses estabelecimentos, onde ao menos se garantiria a seres izolados e fracos um recurso contra todos os males que os ameação fóra da vida em comum.

Nossas cidades terião assim vastos bazares onde a mulher opulenta tomaria o trabalho de ir escolher seus adornos. Não se verião mais pobres mocinhas, extenuadas por um trabalho forçado, serem obrigadas muitas vezes a correr o dia inteiro em busca de colocação para o fruto desse sacrificio. Estes meios, ou outros analogos, já estabelecerião um pouco de proporção entre as forças e os deveres das mulheres, muitas vezes tão pouco em harmonia.

11ª CARTA.—*Mauricio a Rogerio*

Nesta sociedade gasta e depreciada onde achar um resto de calor ? O dinheiro ! eis a chave do dicionario deles, a palavra que é precizo absolutamente conhecer para poder comprehendê-los. Eu tinha dado parte ao conde de J... de nossa situação atual e do passo que dei perante a camara. Ele pensou que me festejava pondo-me em contato com alguns desses homens que se chamão sensatos, sem duvida porque desguarnecérão completamente o coração em proveito da cabeça. Não pensei que pudesse ir tão longe a secura. A conversação geral dessa gente assemelha-se a uma verdadeira operação de bolsa. É um espetaculo curiozo, vê-los disputarem-se a conversão de um ingenuo.

A maneira obzequioza com que o conde de J... fizera-me as honras em seu circulo pôz me, contra a vontade, em evidencia. Obrigado a falar de minhas opiniões e de meus sentimentos, tornei-me logo o alvo das atenções de toda a assembléia. Ela bateu-me em filozofia e moral ; e ia já decretar-me sublime para ver-se livre de mim, quando um dos homens mais influentes da epoca tomou-me de parte e disse-me : «Vós estais imitando uma gralha quando abate nozes. Não vos afasteis assim do caminho. Acabais de golpear alguns homens que podião e querião servir-vos. Restabelecei depressa os vossos negocios, e acreditai que um herói de quinze mil libras de renda não é bastante robusto para andar só. »

Esta linguagem espantou-me de tal modo que deixei á potencia que me falava todo o enseio para extender-se á vontade. « Acabais, continuou ela, de pedir o divorcio, e vos firmastes em um exemplo bastante decizivo. Não ha duvida que a justiça e a razão estão comvosco. Uma lei restrita, como a que pedis, passaria sem a menor dificuldade, e seria um verdadeiro beneficio. Pois bem ! apezar disso, essa lei, ha cem a apostar contra um em como vós não a conseguireis.

« É convicção minha, acrecentou ele, enquanto eu reprimia com esforço uma doloroza impaciencia. A culpa é vossa, e muito vossa. Querer fazer-se de gigante, menosprezar estouvadamente a jerarchia, recuzar-lhe a deferencia, e explorar, por unico apoio, o arsenal das velhas palavras, não é querer reprezentar um papel de ingenuo e correr

de adaga em punho numa caçada de pombos? Olhai disse ele, si vós não fosseis moço, estarieis louco. Mas a primeira enfermidade desculpa tudo. Ofereço-vos pois minha proteção junto do embaixador de***. Tendes traquejo social e uma nobre figura: ao lado dele podereis ir longe. Amais uma mulher superior, pois bem, dar-lhe-eis uma pozição condigna, e, acreditai-me, o amor dispensa muito bem o cazamento. »

Quando acabou a sua tirada, meu digno mentor lançou-me um olhar significativo e afastou-se. Fui apertar a mão do conde de J..., tão superior aos homens de que se cerca, e voltei para Oneil com o coração enraivecido.

Rogerio, em pouco tempo saberei o que ha de exato nas palavras desse homem, e si é verdade que não ha mais traços de justiça e de honra na sociedade atual. Lucia é demaziado nobre e pura para inclinar-se diante dela.

12ª Carta.—*Lucia a Mauricio*

Mauricio, vossa alma é nobre e grande. Que coração póde ser mais digno do que o vosso de comprehender a justiça e a razão? O' o melhor e o mais generozo dos homens! vós a quem eu teria sacrificado jubiloza o repouzo de minha vida inteira, só dezejo que possais reconhecer até que ponto o vosso repouzo me tem sido caro e sagrado. Meu bem amado, em vão tentariamos lutar mais tempo contra a sorte, seus golpes acabárão de despedaçar-me o coração. Ai de mim! Quando deixei-me conduzir á felicidade de amar-vos, acreditei que podia, por minha vez, derramar algum encanto sobre vossa existencia. Deixai-me haurir as ultimas forças num grande e consolador pensamento, esperando que fareis jorrar sobre a sociedade as ondas de dedicação e amor que estão em vós. Quantas vezes não vi vossa inteligencia inflamar-se ao aspeto das chagas que cobrem o mundo! O' Mauricio! todos os sentimentos generozos são deliciozos de experimentar. Que destino póde haver ao mesmo tempo mais nobre e mais doce do que o do homem util? Não vos recordais de terdes muitas vezes invejado a pobres operarios a gloria de uma pequena descoberta? Ficarieis vós ociozo, vós que podeis muito mais do que eles? Meu querido e bem querido amigo, vivei para deixar impresso sobre a terra o vosso nobre vestigio. Quando aparece no meio da sociedade um homem

como vós, é precizo, ou que ele traga-lhe seu tributo de luzes e virtudes, ou que se condene ao silencio e á frieza do egoista. Eu conheço vossa alma, ela é rica e tempestuoza como as nuvens de um belo ceu: nunca terieis achado a felicidade no izolamento. Não renuncieis pois ás alegrias da familia; vossos filhos derramarão um grande interesse sobre a vossa existencia. Será um prazer para vós dezenvolver neles os nobres germens que de vós tivetem recebido. De seus tenros corações vós fareis outros tantos fócos de luz, dimanada da chama do vosso. Eles cercar-vos-ão de respeito e de amor. O' Mauricio! não é nesta unica palavra que se rezumem todas as felicidades da vida?

ULTIMA CARTA. — *O doutor L... ao doutor B...*

Meu velho amigo, aprovo muito a rezolução que tomastes de, por vossa vez, cuidar de vossa saude. Para nós, que acreditamos no bem, é um dolorozo espetaculo o desta sociedade em dezordem, onde o que é nobre e grande não póde mais abrir caminho. Acabo de ser mais uma vez testemunha de um desses sacrificios que revoltão o coração e o espirito. A joven desventurada cuja historia vos escrevi extinguiu-se hontem nos meus braços, dilacerada de dores que renuncio a pintar-vos. Alguns instantes apenas sobreviveu-lhe o homem que ela amava: parece ter ele querido saborear seu dezespero. Tentei trazê-lo á razão e á calma, mas foi em vão. Com um tiro nos ouvidos deu fim a seus dias junto do leito funebre, antes que eu tivesse podido prevenir seu funesto intento.

Aqueles que conhecêrão a interessante e desditoza mulher cuja perda eu lamento poderão comprehender a fatal paixão que ela inspirou. Era uma dessas organizações tão raras, em que o coração e o espirito têm parte igual. Nenhuma mulher sentia melhor do que ela a grandeza de seu papel. Teria sido uma mãi e uma espoza completa. Ah! vendo-a extinguir-se nos meus braços na idade em que se deve viver, pude avaliar dolorozamente o pouco poder que é dado ao homem para reparar o mal que faz.

CLOTILDE.....

X

O estudo das leis morais pertence espontaneamente á mulher.

. . . .

Si bem que o genio filozofico e o genio poetico não possão nunca achar simultaneamente altos destinos, a natureza intelectual de ambos é em tudo identica.

(Augusto Comte — *Catecismo pozitivista.*)

O nosso Mestre foi sorprehendido por esta publicação, de que só teve conhecimento no mesmo Venerdia 20 de Junho, em que ela sahiu. Na rua Pavée contavão com a sua vizita, e é facil de imaginar o alvoroço de contentamento com que todos o aguardavão, dezejozos de communicar-lhe o feliz acontecimento. A primavera despedia-se em uma dessas tardes longas que prenuncião o verão. O Filozofo sahíra da rua Monsieur-le-Prince absorto nos seus encantados devaneios, com a mente e o coração repletos das recordações medievas, objeto agora das suas meditações prediletas. Havia alguns momentos ainda estivera lendo a *Cidade de Deus* de Santo Agostinho. * Cada vez sentia mais profundamente a intima afinidade entre o Pozitivismo e o Catolicismo. Naquele momento mesmo a imponente Catedral parecia-lhe envolta em uma aureola imortal, como si atravez dos seus muros rendados se coassem os incomparaveis ideiais que o revolucionarismo obrigára a refugiarem-se no seu santuario.

Notre-Dame se erguia assim, aos olhos do Filozofo, como um fanal magestozo assinalando o porto do salvamento em meio da anarchia moderna. O teologismo não conseguíra, apezar da esteira esplendoroza que o incomparavel Templo lhe abria, desvendar as regiões serenas do Porvir. Uma tormenta superior á sua fragil estructura, o despedaçára, e o reduzíra aos destroços que flutuavão em torno do eterno luminar. Mas o Pozitivismo possuia a envergadura assás robusta para sofrer ilezo o embate das ondas enfurecidas. Naquele momento, a tempestade parecia até quazi amainada de todo em roda do Filozofo.

E o vulto nobre e terno de Clotilde surgia diante de si como a egregia sinteze de tão sublimes ideiais. Fôra o seu olhar cheio de esperança que lhe refletíra a redentora chama, quando a vizão dele perdia-se inquieta na imensi-

* Cartas a Stuart Mill, p. 359.

dade vaga do Futuro! A sua alma era a imagem mais comovente da situação atual da Humanidade buscando, atravez da anarchia, a realização dos belos sonhos cavalheirescos. A impossibilidade de jámais identificar a sua existencia com a da sua Bem-Amada, ainda mais o corroborava nessa tocante assimilação. Como todo ideial, Clotilde caraterizava assim o limite para o qual devia, de mais em mais, convergir o conjunto dos seus esforços regeneradores. Talvez que a sua nobre paixão privada e o seu inextinguivel ardor social entretecendo-se, em supremo arroubo, lhe reprezentassem então a idolatrada Inspiradora glorificada sobre o altar-mór da suave Catedral...

O aspeto da caza abençoada veio só tirar o nosso Mestre da sua venturoza adoração abstrata para transportá-lo á realidade que o seu culto lhe fazia prelibar. Augusto Comte chegára á rua Pavée sem suspeitar do acontecimento que mais devia emocionar Clotilde naquela tarde. Mas a modesta Senhora devia ter experimentado uma intima conturbação ao enfrentar-se com o simpatico Pensador, a quem seu proprio enlevo e a ignorancia do sucedido não permitirião aliás descobrir similhante emoção. Talvez, porem, o contentamento geral não lhe tivesse passado despercebido, e lhe houvesse espontaneamente provocado uma simpatica curiozidade que não tardou em ser satisfeita.

E' prezumivel que a noticia da estréia literaria de Clotilde lançasse Augusto Comte em uma aflitiva perplexidade, que devia agravar-se ao saber, de modo geral, o assunto da LUCIA. Até onde teria ido Ela nas suas expansões contra os defeitos da ordem domestica?... Fosse como fosse, o fato estava consumado, e todo exame naquele momento poderia ocazionar desgostos que virião anuviar as felizes dispozições em que todos parecião achar-se... Estava certo, aliás, que Clotilde haveria de ter atenuado a ingratidão essencial da teze, mediante a nobreza ecepcional dos seus sentimentos... Tratava-se talvez apenas de um ensaio efemero, em breve absorvido no esquecimento comum das publicações jornalisticas, e incapaz, portanto, de afetar profundamente a carreira literaria da sua idolatrada Inspiradora... Ficava mesmo assim mais bem habilitado a corrigir os desvios que receiava, dissipando as objeções dela... Todos esses pensamentos perpassárão velozes pela mente apaixonada do Pensador, e vierão dezabrochar numa queixa afetuoza por não o

haver a Autora mimozeado com a prévia comunicação do seu tocante manuscrito.

Com o tato peculiar á mulher que bem conhece o amor de que é objeto, Clotilde percebeu as aprehensões do enternecido Filozofo. Mas esse conhecimento mesmo devia fazer-lhe dominar a emoção que elas vinhão juntar ás suas inquietudes... A gracioza alegação da inconveniencia de distrahí-lo das suas eminentes locubrações bastava para explicar a sua modesta rezerva... Já não erão poucas as luzes que dele recebia nas preciozas vizitas com que tinha a gentileza de distinguir os seus...

Por mais naturais que fossem tais motivos, eles oferecião ao nosso Mestre o ensejo de assinalar o carater simpatico da nova doutrina... Com o comovente acento das suas profundas convicções, era natural que procurasse realçar então a importancia capital da cultura afetiva que para Ele rezultava da convivencia social, e especialmente feminina... Havia assimilado o conjunto dos pensamentos humanos, e pensava ter tido a felicidade de os enfeixar numa filozofia definitiva. Cumpria-lhe agora aplicá-los á inteira sistematização da existencia social, nos seus multiplos aspetos, domesticos, civicos, e planetarios. Para isso, era indispensavel que o gozo habitual dos melhores sentimentos, mediante o trato frequente das almas dignas, garantissem nele o surto contínuo da sociabilidade, princípio supremo da regeneração politica e moral.

Demais, os titulos especiais da amizade que o Filozofo votava á Familia Marie erão bastantes para evidenciar quanto Ele sentir-se-ia feliz de poder prestar a Clotilde uma assistencia estetica não menos comovente do que a direção sientifica que Maximilien lhe reconhecia. Devia, pois, dezejar que, para o futuro, os mesmos escrupulos não o privassem de retribuir, embora imperfeitamente, os imensos beneficios que de tão nobres relações havia já alcançado.

A sinceridade das expansões do nosso Mestre provocavão uma confiante admiração. Entretanto, as suas afetuozas exprobrações aumentavão porventura o enleio de Clotilde e as delicadas aprehensões da Familia Marie. As opiniões teoricas em voga induzião a pensar que não era licito abuzar da benevolencia do Filozofo, ocupando-o com escritos que não tinhão o alcance dos estudos a que se entregava Maximilien. Tais opiniões não erão partilhadas por Au-

gusto Comte. Na sua acensão filozofica, Ele já havia suspeitado que a missão normal da siencia não era com certeza superior á da arte, e que nem as meditações de Aristoteles exigião mais força mental do que as construções de Dante. Acabára mesmo por presentir que, no futuro, o genio teorico se fundiria no éstro poetico para constituir o estado definitivo da razão humana.

As dispozições morais do Mestre o induzião assim espontaneamente a aproveitar o ensejo que se lhe oferecia para realçar todos esses rezultados das suas meditações. Mas era natural que as suas palavras fossem em parte atribuidas a uma sincera gentileza; tão sorprendentes devião parecer similhantes conceitos emitidos justamente pelo Fundador da Filozofia Pozitiva. Ele seria pois levado a dezenvolver e completar o seu pensamento, afirmando a analogia fundamental entre todas as especies de preeminencias. Tudo lhe fazia esperar agora que a constituição da verdadeira teoria cerebral permitiria dissipar um dia qualquer hezitação a tal respeito.

« Si bem que o genio filozofico e o genio poetico não pudessem nunca achar simultaneamente altos destinos, a natureza intelectual de ambos era contudo identica. Aristoteles teria sido um grande poeta e Dante um filozofo eminente, si a situação historica houvesse sido menos sientifica para um e menos estetica para o outro. Todas as distinções escolasticas a tal respeito tinhão sido imaginadas e sustentadas por pedantes que, não possuindo nenhuma especie de genio, nem siquer sabião apreciar o genio alheio. A superioridade mental era sempre similhante entre as diferentes carreiras humanas: a escolha era determinada pela sua situação, sobretudo historica; porquanto a especie domina sempre o individuo. » *

A profundeza e a novidade de similhantes considerações devião cauzar um sorprendente entuziasmo nos que rodeiavão o Filozofo. Quanto a Clotilde especialmente, não podia deixar de encontrar nelas um encantador atrativo, vendo assim realçada a dignidade dos praticos vulgarmente menoscabados pelos teoristas. Porque d'ahi rezultavão logo irrecuzaveis fundamentos para julgar do verdadeiro merito daqueles que, como o seu carinhozo Pai, tinhão se devotado a profissões que parecião apenas capazes de evidenciar as qualidades ativas.

* CATECISMO POZITIVISTA, 1ª edição brazileira, p. 82.

O cotejo dest'arte estabelecido entre a siencia e a poezia conduzia naturalmente a falar dos trabalhos de Gall. E parece que foi isso que deu ensejo ao nosso Mestre para estimular Mme Marie a ler a obra em que o imortal fundador da fiziologia cerebral expôz a sua doutrina abstrahindo dos detalhes anatomicos. Por outro lado, a ocazião era por demais propicia para aludir ás melhores produções do genio feminino, assinalando em cordial abandono as suas qualidades e defeitos. A situação levava mesmo naturalmente a mencionar de modo especial o incomparavel opusculo postumo de Sofia Germain. Veremos em breve o Filozofo remeter a Clotilde diversos volumes sobre os quais conjeturamos que se entretivera nessa tarde angelica.

Depois que separou-se de Clotilde começou outra vez Augusto Comte a imergir-se insensivelmente nas alarmantes dispozições provocadas pela inesperada publicação. Porem as recordações vivas que trazia do seu trato encantador não consentião que Ele percebesse toda a amargura das suas inquietudes. Embalde as suas prevenções filozoficas, oriundas da falta de preparação teorica da egregia Dama, tentavão povoar-lhe a mente com as mais tristes perspetivas. O seu amor contrapunha-lhes docemente as sedutoras imagens que a Ela se prendião e fazia sumirem-se em tropel as agoureiras fantazias. Não sabia de que modo Clotilde teria evitado os escolhos do perigozo tema; mas os votos do seu coração arrastavão-no a admitir que Ela havia sido prezervada de qualquer desvio grave pelos dotes espontaneos da sua alma ecepcional. E o acendente dessas contraditorias emoções era involuntariamente favoneado pela influencia, mais ou menos simpatica, dos lugares por onde ia passando...

A sucessão dos seus pensamentos o conduzião assim talvez a pensar no termo que a leitura da LUCIA imprimiria brevemente á perplexidade em que se achava, quando chegou á margem do Sena. Ali as sugestões do seu altruismo, exaltadas pelas reminiscencias do culto feminino, que a sagrada correnteza conduzia suavemente para o Templo cavalheiresco, devião arroubar a sua mente em direção oposta. A sua escrupuloza lealdade revolta-se quiçá contra a idéia de um exame precipitado, como si a sua anciedade fôra uma quebra na confiança que lhe inspirava a Dama da sua adoração. Cumpria-lhe, sem duvida, perscrutar os segredos daquela alma idolatrada, afim

de poder melhor votar-se ao seu serviço. Devia, porem, fazê-lo com o religiozo respeito de quem penetra em um sacrario, e não com a suspeitoza curiozidade de um profano. Um devotamento dezinteressado a Clotilde apenas requeria que o Filozofo não demorasse alem do proximo Mercuridia a meditação da tocante novela. Porque, antes desse dia, não esperava tornar a ver a nobre Eleita do seu coração, e nem era licito encontrar-se com Ela sem estar a par de um fato que tanto afetava o futuro dela.

Forão, talvez, cavalheirescas reflexões dessa ordem que determinárão o nosso Mestre a adiar a leitura da LUCIA, até que se achasse assás libertado de qualquer inquietude acerca do seu alcance moral. Aplicar-se-ia, no intervalo de que dispunha, a melhor compenetrar-se da natureza de Clotilde. Nutria a esperança de descobrir nos dados que já possuia elementos suficientes para a perfeita tranquilidade sem a qual lhe seria dolorozo contemplar a suave idealização da sua Bem-Amada.

O terno Pensador entrou em caza porventura já com essa rezolução tomada. Ao enfrentar com o *altar* da suave Dama, envolto na meia sombra da modesta sala, a lembrança da vespera da Santa Clotilde devia exaltar esse amorozo enleio. Como naquele angelico momento, inesperadamente ouviria resoarem as palavras do seu afetuozo agradecimento pela *Epistola* com que a surprehendêra. Dir-se-ia que a magnanima Senhora ali estava testemunhando-lhe o seu graciozo reconhecimento pelo novo rasgo de gentileza do cavalheiresco Filozofo...

XI

Viver para outrem — Eis a verdadeira felicidade, como o verdadeiro dever, só tu me ensinaste a fundir as suas fórmulas.

(AUGUSTO COMTE — *Orações*.)

Talvez, pois, que o nosso Mestre não se sentisse até o Lunedia seguinte 23 de Junho em convenientes dispozições morais para efetuar uma leitura que devia cauzar-lhe fatalmente profundas emoções. Ou talvez não houvessem as suas ocupações e os incidentes imprevistos da sua vida lhe proporcionado antes outras horas oportunas para tal. O fato é que Ele só pôde consagrar-se á LUCIA na manhan desse dia... Com que terriveis aprehensões não percorreu

porventura as colunas do *Nacional*, apezar das confiantes sugestões do seu amor! Desde o principio, porem, as duvidas que o salteavão se forão dissipando, e em breve as lagrimas lhe rebentavão dos olhos, não de dôr, pelos desvios da sua idolatrada Clotilde, mas de uma adoração entuziastica que nunca imaginára. E um sentimento crecente de espanto e de jubilo pela sublime grandeza moral e o profundo genio revelado nessa tocante novela foi se apoderando dele até ao fim da pungente narrativa. Tudo nos induz a crer mesmo que, ajoelhado aos pés da imagem ideal da sua angelica Inspiradora, o amorozo Reformador assistiu ao martirio sublime da suave heroina, tornado ainda mais comovente pelo dezesperado sacrificio do seu nobre adorador. Foi ainda sob o influxo dessas impressões que Ele dirigiu a Clotilde a seguinte carta, na qual o estado das suas relações com a egregia Dama mal lhe permitia pintar a nobre exaltação que Ela acabava de produzir-lhe.

Decima-oitava carta

Lunedia 23 de Junho de 1845 (meio-dia).

Não posso rezistir, minha cara amiga, á necessidade de agradecer-vos imediatamente as doces lagrimas que acaba de fazer-me derramar a encantadora novela que vos exprobrei de não me haverdes concedido a graça de conhecer antes do publico. Os sentimentos e as idéias que ela exprime, parecêrão-me igualmente dignos de vós, sem deixar-me siquer perceber os erros tipograficos que vos chocavão tanto Venerdia. É-me bem doce, asseguro-vos, poder, a todos os respeitos, felicitar-vos tão sinceramente por tal estréia. Sem fazer-me lamentar os afetuozos conselhos da minha ultima carta sobre o conjunto da vossa existencia literaria, esse primeiro trabalho indica-me até que ponto as vossas proprias disposições concordão espontaneamente com os votos da minha amizade, sobretudo quanto ao vosso escrupulozo respeito continuo dos verdadeiros principios sociais.

Começais a conhecer assás o espirito sempre criteriozamente relativo da minha filozofia, e a repugnancia radical do pozitivismo por toda regra estritamente absoluta, para sentirdes já que, apezar da minha reprovação arrazoada do divorcio, eu não poderia extender de modo algum a indissolubilidade regular do cazamento até ao cazo extremo

que tão bem caraterizastes, e em relação ao qual o proprio principio catolico, no tempo do seu pleno acendente social, isto é, durante a idade-média, havia consagrado uma rezerva especial. E' assim que, em uma outra ordem de relações, o indispensavel preceito de respeitar constantemente a verdade não impede de modo algum a san moral de excuzar, ou mesmo de louvar, por exceção, certas mentiras determinadas.[1]

Em todas essas anomalias, a moral pozitiva mostrar-se-á especialmente superior á moral teologica, em que a sua natureza relativa lhe permitirá melhor adaptar-se a essas modificações excepcionais, sem alterar todavia a justa rigidez das suas regras habituais. Si conheceis, como prezumo, a admiravel *Prizão de Edimburgo* de Walter Scott, tereis ahi notado como o poeta apreciou com felicidade a fatal impossibilidade em que se achava colocada Jeannie Deans, pelo carater puramente religiozo[2] das suas convicções morais, de fazer, sem expôr-se a si propria a uma desmoralização total, a falsa declaração que teria prezervado logo a sua irman de uma barbara legalidade, ao passo que uma educação razoavel teria autorizado essa piedoza mentira, deixando inteiramente intacto o habito da verdade.

Adeus, e ainda uma vez obrigado: até depois d'amanhan á tarde.

Todo vosso

AUG. COMTE.

Para bem aquilatar-se das emoções por que então passava o nosso Mestre, seja-nos licito reproduzir as reflexões que, sobre a tocante novela de Clotilde, aprezentamos no nosso opusculo anterior.

O conjunto da moral pozitiva acha-se condensado esteticamente nas linhas que precedem. Uma mulher bela e de rara inteligencia, emancipada das iluzões sobrenaturais; descrente da bem-aventurança celeste, como dos terrores do inferno; experimentada pelos mais crueis infortunios;

[1] No CATECISMO POZITIVISTA o nosso Mestre recorda, a propozito mesmo do divorcio, que Santo Agostinho, superando, pela sua propria razão, o genio necessariamente absoluto da sua doutrina teologica, já havia sentido esse relativismo das leis morais. Com efeito, na sua obra — *A Cidade de Deus*, livro I, Cap. XXI, — o grande doutor da Igreja Catolica mostra que o homicidio póde ser excepcionalmente justificado e até louvado, citando como exemplo o sacrificio de Abrahão. — R. T. M.

[2] *Religiozo* é aqui sinonimo de *teologico*. — R. T. M.

posta na situação mais apropriada para sublevar os mais energicos dos seus instintos egoistas; proclama ahi que a felicidade consiste na *dedicação*. E não é da dedicação parcial a um certo individuo, a uma certa familia, a uma certa patria que Ela faz depender a felicidade; é do devotamento a todos. « *Eles são felizes; mas é porque a sua felicidade a ninguem aflige nem ofende.— Que prazeres podem ceder aos da dedicação?* » Ela concebe o devotamento com a maxima abnegação, com inteiro esquecimento de si: «*Essa nobre mulher seria mãi como é amante. Os sacrificios que aceitaria valentemente para si, ela sofre com o pensamento de os legar aos seus filhos.—E' indigno dos grandes corações derramarem as perturbações que sentem.* »

Foi tudo isso que o nosso Mestre rezumiu na fórmula —*viver para outrem;*— mas os trechos que precedem patenteião que Ele limitou-se então a condensar, num enunciado filozofico, a identificação da *felicidade* com o *dever*, que Clotilde descobríra no decurso do seu malogrado amor. Quanto esta lei se distancia do principio que, para as melhores almas ocidentais, ainda constituia o supremo ideal da moral,—*amar o proximo como a si mesmo!*

O nosso Mestre cingiu-se, pois, aos ditames da escrupuloza retidão de que sempre deu provas, quando proclamou que a gloria de simillhante descoberta revertia á sua imaculada Inspiradora. Foi ainda em virtude da mesma nobreza de sentimentos que, no CATECISMO, Ele atribúi a Clotilde o confronto do preceito pozitivista com os principios que até então tinhão rezumido a moral, e especialmente com a maxima catolica.

Mas a elaboração moral de Clotilde não se limitou a esse apanhado sintetico. Ela abordou o problema supremo no cazo mais complicado, e formulou precizamente a solução que ele comporta. Assim, Ela assinalou a ligação da felicidade individual com a existencia social: «*derramareis sobre a sociedade as torrentes de devotamento e de amor que existem em vós.— Todos os sentimentos generozos são deliciozos de experimentar-se. Que destino é ao mesmo tempo maior e mais doce do que o do homem util?* — E ainda mais, Ela patenteou a subordinação da felicidade individual ao conjunto das instituições sociais, cuja santidade proclamou:

« *É em vão que a nossa desgraça nos impeliria a levantarmo-nos contra a sociedade; as suas instituições são grandes e respeitaveis como o lobor do tempo. — Confessei-lhe que não me sentia nem assás alto nem assás baixo para arrostar a opinião, e que ser-me-ia doce poder rodear o nosso amor do respeito das familias honestas.* »

No meio das aberrações contemporaneas, Ela apanhou os caracteres fundamentais da existencia social. Ela percebeu que só na familia é que se póde achar normalmente a felicidade. Os preconceitos catolicos e metafizicos acerca da nobreza do celibato, bem como as divagações delirantes do romantismo sobre o amor livre, não conseguem perturbá-la :— *Conheço a vossa alma; jamais acharieis a felicidade no izolamento.* Ela sente assim que o tipo da verdadeira amizade só existe na união conjugal. Ao mesmo tempo constata sem hezitação o papel normal da mulher e a *sublimidade* da sua função:

« O verdadeiro papel da mulher não é dar ao homem os cuidados e as doçuras do lar domestico, e receber dele em troca todos os meios de existencia que o trabalho proporciona? *Prefiro ver uma mãi de familia pouco abastada lavar a roupa dos seus filhos a vê-la consumir a sua vida para espalhar fora de caza os produtos da sua inteligencia.*

« Quizera não sómente que as mulheres achassem nos seus pais, irmãos, e espozos apoios naturais; mas que, tais apoios vindo a faltar-lhes, elas fossem sustentadas pelos governos.

« É atentando contra a felicidade modesta e verdadeira da mulher que as leis a impelem para fóra da sua esfera e lhe fazem por vezes *menosprezar o seu destino sublime*. Henriqueta, *que prazeres podem exceder aos da dedicação?* Cercar de bem estar o homem que se ama, ser boa e simples na familia, digna e afavel para com os de fóra, não é esse o *nosso mais doce papel e o que melhor nos assenta?* »

Mas Ela comprehende igualmente a *relatividade* das grandes leis morais que acaba de proclamar. Depois de preconizar a sublimidade da missão da mulher agindo sobre a sociedade atravez da Familia, Ela acrecenta: « Exetuo, bem entendido, a mulher eminente que o seu genio impele para fóra das esferas da familia. Essa deve

achar na sociedade o seu livre surto; porque a manifestação é o verdadeiro facho das inteligencias superiores. »

Viu-se igualmente que Ela caraterizou a unica eceção que, com justiça, comporta a indissolubilidade geral do cazamento.

Todas estas concluzões forão sistematizadas pela moral pozitiva.

E' precizo, pois, ter o coração empedernido pelo materialismo academico e o espirito obsecado pela enfatuação pedantocratica, para ouzar contestar os juizos que, sobre Clotilde, se achão nos diversos textos do nosso Mestre. Havemos de encontrá-los no decurso deste volume; parece-nos entretanto util mencionar desde já aqui os seguintes:

Na sua *Confissão* de 25 de Junho de 1848, o nosso Mestre dizia:

« ... A tua celebração seria assegurada, si alguma mulher de elite pudesse hoje afastar assás toda verdadeira rivalidade para caraterizar dignamente a tua aptidão *mental e moral a constituir o melhor tipo feminino.* As exigencias esseneiais do novo culto fizerão-me procurar com candura, no conjunto do passado, uma verdadeira personificação da mulher. Mas a minha consiencia sacerdotal fez-me sempre voltar para ti. *Não pude achar alhures essa plena harmonia entre o coração e o espirito que emprestaste á tua tocante Lucia.*

....

« Que outra mulher celebre ofereceria esse mixto admiravel de abandono e de dignidade, essa perfeita pureza izenta de toda secura? Mas enquanto fôr eu o unico a proclamar a tua ecelencia, explicarão pelo amor uma apreciação emanada sobretudo da justiça, e na qual a nossa união só intervem como tendo me permitido conhecer-te melhor. Espero entretanto que os corações ternos e os espiritos delicados sentirão o *profundo merito intelectual e moral* da tua unica publicação estetica. Reproduzida como complemento da minha cara dedicatoria, após a compozição ecepcional [1] que começou a nova faze do pozitivismo, e seguida da tua suave *canzone*, [2] ela manifestará, sem duvida, a *intima justeza* dos meus elogios. O cotejo invo-

1 CARTA SOBRE A COMEMORAÇÃO SOCIAL, que já transcrevemos.—R.T.M.

2 A poezia de Clotilde que tem por titulo: *Os pensamentos de uma flor*, e que se verá mais adiante.— R. T. M.

luntario desse feliz preambulo com a obra capital * que ele ha de inaugurar poderá determinar *uma séria apreciação da parte espontanea que te atribúi a minha consienencioza gratidão na minha sistematização final.* (VOLUME SAGRADO, ps. 132-133.)

Na sua *Confissão* de 31 de Maio de 1849 (11 de S. Paulo de 61) Ele acrecentava:

« ... Embora o teu surto inicial tenha sido tão fatalmente quebrado, ele deixou traços que, *mesmo sem o meu testemunho*, permitem apreciar em ti um conjunto, *talvez incomparavel*, das principais qualidades do teu sexo, tanto pelo espirito como pelo coração. » (*Ibidem*, p. 138.)

Enfim, na sua ultima *Confissão*, o nosso Mestre exarava este juizo definitivo:

« A medida que se vai instalando a religião cuja fundação a Posteridade atribuirá tanto a ti como a mim, sinto até que ponto tu serias agora precioza ao pozitivismo em relação ao qual a necessidade de uma digna pena feminina torna-se hoje preponderante. Seja qual fôr a minha esperança de encontrar-te, a este respeito, nobres suplentes, o conjunto delas jamais poderá equivaler ao que eu via espontaneamente reunido em ti. Tu foste, sem o saber, como o digo todos os Martedias, a mulher mais eminente, pelo coração, espirito, e mesmo carater, que a historia universal aprezentou-me até aqui. O porvir parece-me dificilmente sucetivel de um tipo melhor.» (*Ibidem*, p. 239.)

Apenas acrecentaremos, como o rezumo do que precede, que embalde uma digna alma procuraria, no SISTEMA DE FILOZOFIA POZITIVA, a regra de conduta para o mais delicado problema da existencia moral. Entretanto que a LUCIA forneceu o modelo supremo cuja simples imitação bastaria eternamente para realizar a mais perfeita santidade. De sorte que se comprehende porque o nosso Mestre, na sua ultima *Confissão*, proclamava que a Posteridade atribuiria a *fundação do Pozitivismo* tanto á sua imaculada e terna Inspiradora como a si proprio. No futuro, reconhecida a identidade filozofica fundamental entre a elaboração poetica e o trabalho sientifico, a LUCIA ocupará porventura teoricamente um lugar mais eminente do que toda a elaboração peculiar á primeira vida do nosso Mestre, como concernindo *leis* mais importantes e mais dificeis.

* POLITICA POZITIVA. — R. T. M.

Clotilde respondeu afetuozamente ao terno Pensador, na mesma tarde :

Decima-nona carta

Lunedia á tarde 23 de Junho de 1845

Ia tomar a pena para participar-vos todas as minhas pequeninas venturas, quando recebi a vossa amavel carta, Senhor. *O Nacional* fez-me uma linda oferenda em troca da infortunada Lucia ; e espero que o seu irmão mais moço receberá o mesmo acolhimento. É um duplo prazer para mim ser bem sucedida, porque os meus pais não são ricos e são bem bons.

Agradeço-vos pois sinceramente o haverdes vos associado de coração á minha alegria, Senhor Comte. *O Nacional* censurou-me muito por ter tratado tão rapidamente o grande assunto em questão : mas quiz caminhar segundo as minhas poucas forças ; o habito me virá em auxilio para adiante.

Até Mercuridia, como dizeis, Senhor ; regozijo-me com a esperança de que passais agora bem, e que sois tão feliz quanto se póde ser neste pobre mundo (seja dito sem prejuizo para a filozofia.)

Recebei a segurança dos meus melhores sentimentos.

CLOTILDE DE V.

Estas palavras cordiais vierão talvez libertar o cavalheiresco Pensador das maguas com que uma carta de Stuart Mill perturbára as santas impressões produzidas pela LUCIA. Com efeito, nesse mesmo dia, quiçá instantes depois de expedir a sua carta de felicitações a Clotilde, Augusto Comte lia a confirmação do insucesso dos esforços que o logicista e Grote tinhão envidado para obter-lhe dicipulos. Na mesma carta, Stuart Mill sugeria-lhe a idéia da colaboração em revistas inglezas. O proprio Mill, Bain, ou Lewes traduzirião os artigos do Filozofo...

XII

O acazo faz os parentes, mas só o coração faz os amigos.

(*Carta de Mme. Marie a Clotilde.*)

A LUCIA veio consolidar definitivamente a nobre paixão que Clotilde inspirára ao nosso Mestre. Ele ali tinha ao mesmo tempo a demonstração irrefutavel da supremacia

do sentimento sobre o espirito e da preeminencia da Mulher sobre o homem. A harmonia entre a sua vida intima e a sua missão publica estava pois irrevogavelmente instituida. Só lhe restava completar e sistematizar com as luzes teoricas as sublimes inspirações da sua Bem-Amada, auxiliando-a no dezempenho de sua nobre carreira. E, em troca desse concurso, só ambicionava tornar-se digno de merecer o maximo afeto que o estado do coração dela lhe permitisse.

Foi no meio de tão santo jubilo, avivado pela segunda leitura da LUCIA, que Augusto Comte recebeu, dois dias depois, o seguinte bilhete de Clotilde:

Vigezima carta

Mercuridia de manhan 25 de Junho de 1845.

Eis-nos chegados ao terrivel momento, Senhor. A minha cunhada está com dôres desde hontem ás cinco horas da tarde; o medico receia que tudo não esteja ainda acabado esta manhan. Não queremos que vos arrisqueis a nos achar todos no ar esta noite. É de esperar que seremos um de mais Venerdia, e que tereis a bondade de trazer-nos os vossos cumprimentos por isso.

Recebei de novo a invariavel segurança de todos os nossos bons sentimentos.

C. DE VAUX.

Similhante noticia era tanto mais comovente quanto, alem de todos os sentimentos que tal situação desperta em qualquer alma humana, os mais intimos afetos do Filozofo estavão em jogo nesse cazo. A sua emoção transparece bem na seguinte resposta:

Vigezima-primeira carta

Mercuridia a tarde 25 de Junho de 1845 (6 hs.)

Em tão grande crize, que deve sobremodo afastar-vos de escrever, fiquei muito comovido, minha cara amiga, pelo vosso apressuramento em anunciar-me aquilo que eu aguardava com um mixto de esperança e anciedade. No intuito de ter noticias sem incomodar-vos mais, mando a minha criada para colher, como ela é bem capaz, exatas

informações sobre o estado da interessante mãi, prematuramente exposta a uma terrivel provação, cujo desfecho penozamente aguardão o seu ecelente espozo e toda uma digna familia. Nenhum resaibo de amargura impedir-me-á, espero eu, de repetir em breve as doces palavras evangelicas: *Naceu-nos um filho a todos.*

O santo compromisso que aceitei, e no qual sou feliz da vossa associação, faz-se já sentir em mim. Desprovidos ambos de posteridade, não podemos, possuindo corações como os nossos, ver uma formalidade vulgar nessa sorte de paternidade voluntaria, cujos tocantes deveres estou pronto a preencher todos, seja qual fôr a extensão que possão adquirir jamais. Si o parenteseo já vos convida especialmente a isso, eu sou tambem impelido a tal, não menos fortemente talvez, pela precizão das emoções domesticas, que, desde muito, faltão-me simultaneamente por todos os lados; ao passo que vós, pelo menos, no meio das vossas profundas aflições, achastes felizmente sempre a inapreciavel consolação que uma ecelente familia proporciona. Beijai, pois, cordialmente, em meu nome, o nosso comum pupilo, logo que o virdes.

As qualidades provadas da minha criada fazem-me pensar que ela póde utilmente secundar-vos todos em tal momento, em que não tendes a vosso alcance sinão uma noviça. Não hezito pois em rogar-vos que disponhais dela, a qualquer hora do dia ou da noite, como si ela estivesse diretamente no vosso serviço; ficai com ela desde essa tarde mesmo, si o julgardes a propozito. Sofia, a quem previno dessa missão, prestar-se-á a isso de muito bom grado, não sómente por dedicação para comigo, mas tambem em virtude da simpatia imediata que deve inspirar simillhante situação a toda digna mãi de familia, sobretudo tratando-se de pessoas que ela está habituada a respeitar.

Si não a retiverdes esta tarde, vo-la enviarei amanhan com a mesma intenção, e para obter novas informações sobre um cazo no qual o meu coração está tão interessado.

Devotadissimo amigo de todos vós
A^TE^ COMTE.

No cazo de ser menino, lembro-vos que fixei-me nos prenomes *Paulo-Augusto-Carlos:* a vós compete a iniciativa si fôr menina.

P. S. Apezar da urgencia e da gravidade do cazo, não

posso abster-me de testemunhar-vos um novo reconhecimento pela vossa tocante *Lucia*, cuja segunda leitura esta manhan, comoveu-me ainda mais do que o fez, antehontem, a primeira. Rezervo-me para exprimir-vos, em tempo oportuno, as felicitações especiais merecidas pela fraze verdadeiramente admiravel na qual tão dignamente caraterizastes a verdadeira condição social das mulheres, segundo o principio filozofico que a minha obra tinha estabelecido, sem o saberdes, embora eu não tivesse tido ocazião de manifestá-lo com tamanha nitidez. Essas idéias e esses sentimentos fazem-me reconhecer com delicia até que ponto estais para sempre prezervada, minha nobre amiga, das funestas aberrações que a anarchia atual toma á velha metafizica grega sobre esse assunto fundamental.

No cazo de poder distrahir-vos, entrego a Sofia os quatro volumes que eu teria o prazer de levar-vos hoje á tarde: o tomo 1º de Gall é destinado á vossa ecelente mãi.

No dia seguinte 26 de Junho o carinhozo Filozofo tinha a alegria de contemplar o seu futuro afilhado, maravilhando a propria Mãi com a ecepcional ternura, de que esta até ali não suspeitára capaz um coração masculino. Esta vizita constituiu uma das *imagens normais* do culto intimo do nosso Mestre. E que sublimes recordações lhe trazia tal data! Foi só então que Ele pôde transmitir de viva voz a Clotilde a profundissima impressão que cada vez mais lhe cauzava a LUCIA. Quantas emoções venturozas confundião-se então naqueles egregios corações! Que berço recebeu jamais bençãos mais comoventes? Que amizade logrou nunca uma consagração mais sublime do que aquela que ali reunia o Filozofo á nobre Familia de sua idolatrada Inspiradora!

XIII

Não ha nada real no mundo sinão amar.
(MADAME DE STAEL—*Delfina*.)

Augusto Comte acabava porventura de chegar da rua Pavée quando uma outra carta de Stuart Mill veio arrancá-lo outra vez aos arroubos da sua felicidade, chamando-o

para as tristes preocupações da sua situação material. O Filozofo não tinha ainda respondido á precedente, que recebêra tres dias antes como dissemos. Nesta segunda carta, Stuart Mill propunha a Augusto Comte receber na sua caza como pensionista o futuro chimico Williamson, que contava então cerca de 21 anos, e acabava de receber as lições do celebre Liebig.

O nosso Mestre respondeu no dia seguinte a ambas as cartas, mostrando que não podia aceitar o projeto relativo a Williamson. Por duas vezes na sua vida, em 1825 e 1828, ensaiára tomar assim em pensão um joven estudante; depois de tres mezes de penoza experiencia fôra obrigado a renunciar a tal, por não poder amoldar o seu carater a essa admissão forçada de um estranho na sua vida domestica. Desde então prometêra a si mesmo não renovar por preço algum simillhantes ensaios, e fosse qual fosse o rude oficio que se visse obrigado a substituir-lhes. Entre Ele e o joven Williamson não podia pois tratar-se sinão de altas lições particulares, sientificas ou filozoficas, segundo as condições estipuladas, ou de afetuozos conselhos especulativos, conforme os seus habitos inveterados para com todos os que lhe parecião dignos de tal solicitude, naturalmente corroborados, nesse cazo, pelo prazer de ser agradavel a Mill.

Aceitava, porem, a proposta da colaboração nas revistas inglezas, conquanto experimentasse extrema repugnancia em escrever nas diversas revistas ou jornais então existentes em França, quando mesmo o admitissem, o que era, no fundo, mais que duvidozo, « mesmo naquele em que dominava a influencia do seu quazi-amigo comum Armand Marrast, cuja pouca benevolencia efetiva para consigo o Filozofo tivera recentemente ensejo de constatar. » *

E a este propozito, o nosso Mestre aludia á eventualidade de ter de procurar na Inglaterra um refugio contra as perseguições dos demagogos, no cazo da mudança que parecia iminente, na situção politica da França, por morte de Luiz Filipe. O Filozofo nada receiava dos retrogrados, pelos quais acreditava que seria respeitado ou tolerado, como o fôra sob Villéla e sob Polignac, durante a *Restau-*

* Creio que trata-se das dificuldades que Marrast aprezentava em publicar no *Nacional* a SANTA CLOTILDE. - R. T. M.

ração, a sua atitude atual sendo exatamente a mesma que então. Os revolucionarios da escola de Voltaire, ou dos deistas progressivos, lhe serião sem duvida favoraveis. Mas não era provavel que o acendente deles prevalecesse no começo da crize, e sim a escola retrograda de Rousseau, da qual Robespirre constituia ainda o horrendo tipo. Nesta hipoteze a existencia de Augusto Comte estaria seriamente ameaçada, e o nosso Mestre acrecentava: «... não conteis que Marrast ouzasse nunca aventurar um só artigo contra o cadafalso, para o qual os deistas sistematicos me enviassem como ateu, segundo os principios e os antecedentes estabelecidos pelos seus corifeus. »

O nosso Mestre completava essas fraternais explicações acerca da sua situação pessoal, expondo confidencialmente a teoria pozitiva dos deveres dos ricos para com os filozofos. Ahi Ele mostrava que cumpria aos primeiros reparar as lacunas da ação dos governos a este respeito. Mas que, á vista da anarchia das opiniões e dos sentimentos, Ele não esperára jámais viver sinão mediante o exercicio legitimo de uma das profissões admitidas. Uma infame expoliação acabava de inutilizar os seus esforços nesse sentido, e foi então que recebeu o honrozo subsidio dos seus adherentes inglezes. E, dadas as circunstancias, sempre imaginou que tão generozo concurso seria mantido enquanto o exigisse uma situação angustioza que provavelmente não podia durar muito. De sorte que não lhe repugnava aceitar *por mais um ano* o prolongamento dessa especie de subsidio voluntario generozamente concedido pelos elementos espontaneos do novo poder temporal aos do novo poder espiritual.

Indicava em seguida as perturbações que a suspensão do subsidio ia determinar em uma elaboração filozofica cuja incomparavel importancia, nobremente reconhecida pelos seus patronos, tinha motivado a generoza intervenção. Tal situação pessoal lhe parecia tão confessavel e tão honroza para os seus patronos como para si, que estava decidido a declará-lo abertamente no prefacio da sua nova obra, mencionando os nomes desses dignos suplentes da ação publica, a menos que a modestia mal entendida deles lhe recuzasse a autorização para tal. Era-lhe quazi tão indiferente que o subsidio viesse de França ou da Inglaterra como que tivesse carater publico ou privado, pois que considerava-se igualmente concidadão em toda a extensão

ao Ocidente. Ter-nos-iamos tornado menos liberais do que na idade-média, perguntava Ele, na qual se via sem espanto, os Anselmos, os Lanfrancs, os Lombards, os Tomas, os Albertos, etc. professarem indiferentemente ora na Italia, ora na Inglaterra, ora em França ou na Alemanha? Esse triste rezultado dos sentimentos estreitos inherentes ao negativismo atual não deveria pelo menos extender-se até as almas dignas de dirigirem o movimento humano.

Para corroborar o fundamento das dispozições com que recebêra o subsidio, mencionava que as suas esperanças erão partilhadas por todos os amigos a quem comunicára a nobre conduta dos seus dignos patronos. Entre estes citava Blainville e Littré. E conquanto John Austin não se tivesse explicado a este respeito tão abertamente, como Blainville e Littré, o nosso Mestre pensava poder indicá-lo como um inglez que não podia ter acreditado que a intervenção começada no ultimo ano fosse suprimida, sem motivo algum, no momento em que se tornava mais indispensavel.

« Insistindo sobre essas explicações delicadas, continuava Augusto Comte, o meu fim não é só evitar, si fôr possivel, uma perturbação material que vai estorvar em extremo uma elaboração muito bem iniciada, consagrando as minhas proximas férias, que serão talvez as ultimas, a procurar sobretudo recursos pessoais contra uma mizeria iminente. Alem dessa intenção, muito confessavel seguramente, conheceis-me bastante para não duvidar que eu quizera principalmente instituir aqui uma sorte de precedente espontaneo, que pudesse ser em seguida sistematicamente invocado para fazer sentir aos filozofos, de uma parte, e aos diversos opressores, da outra, que os trabalhos uteis e consienciozos, podem já contar com proteção suficiente, em um tempo no qual a opressão não tem mais eficacia habitual sinão sob fórma pecuniaria. E isso sobretudo que me faria ligar uma alta importancia á publicidade conveniente de tal conduta. Em todo cazo saberei sempre saldar pessoalmente, o eterno reconhecimento que merece da minha parte, o ato de que fui objeto, quando mesmo ele devesse sempre ficar assim incompleto; sómente ser-me-ia bem doce poder caraterizá-lo em toda a sua plenitude.

« Si essas intimas confidencias determinarem a vossa amizade fraternal a tentar um novo esforço, cuja oportu-

nidade só vós podeis bem julgar, espero que atribuais a vós mesmo todo o pensamento dele, reprezentando-me apenas como decidido a uma franca aceitação, destinada a tornar-se publica.»

O nosso Mestre concluia cumunicando a crize afetiva pela qual acabava de passar:

«Esta carta indispensavel tomou tamanha extensão, que sou forçado a adiar algumas explicações de interesse sobre uma grave molestia nervoza, determinada, sem duvida, pela primeira retomada da minha compozição filozofica, alguns dias depois da minha ultima carta (de 15 de Maio). A perturbação consistiu em insonias opinazes, com melancolia doce, porem intensa, e opressão profunda, longo tempo mesclada de uma extrema fraqueza. Tive de suspender quinze dias todos os meus deveres quotidianos, e ficar mesmo oito dias de cama. Porem as minhas precauções sustentadas circunscrevêrão sempre a molestia no seio do sistema nervozo, prevenindo, pela abstinencia, a febre e a irritação gastrica, de modo a dispensar-me inteiramente de chamar o meu medico, que está longe de entender como eu o governo do meu proprio aparelho cerebral. As vossas duas afetuozas cartas achárão-me em plena convalecença, sem que todavia *o sono tenha sido ainda recobrado suficientemente*. Embora a minha elaboração nacente tenha sido assim suspensa, e o deva ser por prudencia durante algum tempo ainda (as minhas férias vão começar inteiramente em meiados de Julho), o conjunto da minha compozição ganhou muito nesse periodo ecepcional, no qual a minha meditação estava longe de experimentar a atonia da minha motilidade; é sobretudo a este respeito que eu queria dar-vos interessantes detalhes, que não ficarão perdidos. De resto, a nova reforma fizica que acabo de ser conduzido a operar no meu regimen, diminuindo a minha alimentação a cerca da metade, *incluzive a inteira abstinencia* do vinho, melhorou muito o meu orgão fraco, o estomago, o que determina-me a perzistir nela. (CARTAS A STUART MILL, carta de 27 de Junho de 1845, ps. 327-341).

Um *post-scriptum* anunciava a penetração do pozitivismo na Holanda: os artigos de Littré tinhão sido reimpressos em brochura, em Utrecht, e a publicação parecia ter sido bem acolhida.

Tres dias depois desta carta, Augusto Comte remetia uma cópia da SANTA CLOTILDE para Stuart Mill ver si alguma revista ingleza a queria publicar.

Paris, Lunedia 30 de Junho de 1845.

Meu caro senhor Mill,

O vosso fraternal projeto, sobre o qual expliquei-me na minha longa carta de venerdia, quanto á minha proxima colaboração accessoria nas vossas revistas inglezas, fez-me pensar em dar-vos, pela exata cópia incluza, um conhecimento confidencial de um pequeno opusculo que tive ocazião de escrever, no começo deste mez, durante a primeira manhan que a molestia nervoza de que falei-vos permitiu-me passar fóra da cama.

Embora simplesmente rezervado a uma doce destinação privada, ele está todavia redigido de modo a comportar, sem o menor inconveniente, toda a publicidade que se quizer dar-lhe. Si o julgardes sucetivel de ser inserido, em francez ou em inglez, em alguma *review* ou *magazine*, * etc., encarregar-me-ei de obter, para essa publicidade, o consentimento de Mme de V***, sem cuja aprovação formal não me julgo autorizado a tal publicação.

Seria talvez uma experiencia sociologica verdadeiramente interessante tentar essa inserção, quer se consiga, quer não. A teoria dispôr-me-ia a crer que sericis mais bem sucedido, a este respeito, com o vosso novo partido catolico, si ele já tem, como prezumo, um orgão especial: poderieis assim pôr á prova a estima e a cortezia que professa para conosco o doutor Ward. Todo jornal anglicano, ou mesmo dissidente, e sobretudo deista, teria mais repugnancia, parece-me, por esta publicação.

Reconhecereis facilmente que não se póde fazer na minha redação nenhuma modificação real sem alterar radicalmente a fizionomia geral dessa pequena compozição. Sómente, a revista que a inserisse poderia, em seguida, ajuntar todas as correções ou refutações que julgasse convenientes ao seu proprio matiz. Perzisto porem em crer que os catolicos, deprimidos no vosso paiz, estarião mais dispostos do que outros quaisquer a acolher um trabalho que rende especialmente ao passado deles uma franca justiça, embora anulando o seu porvir.

* Palavras inglezas que dezignão publicações periodicas a que damos em geral o nome de *revista*. R. T. M.

Os habitos do partido progressivo são, sem duvida, demaziado negativistas para que ele admitisse tal publicação.

Si essa inserção vos parecesse possivel, ela facilitar-me-ia muito a execução do vosso interessante projeto, medindo melhor a natureza e a extensão das comunicações secundarias a que eu poderia assim entregar-me, e que, desde então, tornar-se-ião muitissimo mais praticaveis e mais frequentes, do que se devessem sómente afetar trabalhos mais consideraveis ou mais especiais.

Em todo cazo, penso que essa leitura vos dará prazer, mostrando-vos como o pozitivismo póde já introduzir-se junto das mulheres, que devem, aos meus olhos, tanto concorrer para a sua propaganda, e mesmo para a sua instalação social. Essa epistola filozofica agiu profundamente, de uma maneira inequivoca, sobre a dama para quem a compuz; é verdade que é uma pessoa de uma natureza verdadeiramente eminente, tanto moralmente como mentalmente, e que eu creio destinada a merecer (não digo a adquirir) uma altissima reputação, embora seja até aqui desconhecida, salvo uma recentissima estréia literaria.

Porem, alem disso, outras senhoras, ás quais Mme. de V*** deu conhecimento desse pequeno escrito, ficárão tambem muito impressionadas com ele.

Conquanto a comunicação que vos faço refira-se essencialmente a vós, é escuzado dizer-vos que podeis extendê-la ás pessoas quaisquer que julgardes estritamente conveniente informar dela para determinar a publicação que vos proponho.

Si pensardes que o negativismo um pouco fanatico de Mme. Grote não deve inspirar-lhe nenhuma antipatia a esse respeito, sentir-me-ia feliz de poder fazer-lhe, pelo vosso intermedio, confidencia desse pequeno manuscrito; louvo-me inteiramente no que decidirdes sobre este ponto. *

No cazo, demaziado provavel, sem duvida, em que essa inserção não seja possivel, rogo-vos que tenhais a bondade de devolver-me o manuscrito logo que houverdes constatado suficientemente tal impossibilidade; a minha intenção é então que essa epistola fique confidencial entre Mme. de V*** e mim, segundo a sua destinação primitiva.

* Pela carta de 18 de Dezembro de 1845 vê-se que a familia Austin tinha partido, em Abril, para Carlsbad; cremos que por isso o nosso Mestre não teve ensejo de comunicar a SANTA CLOTILDE á Sarah Austin.— R. T. M.

de adaga em punho numa caçada de pombos? Olhai disse ele, si vós não fosseis moço, estarieis louco. Mas a primeira enfermidade desculpa tudo. Ofereço-vos pois minha proteção junto do embaixador de***. Tendes traquejo social e uma nobre figura: ao lado dele podereis ir longe. Amais uma mulher superior, pois bem, dar-lhe-eis uma pozição condigna, e, acreditai-me, o amor dispensa muito bem o cazamento. »

Quando acabou a sua tirada, meu digno mentor lançou-me um olhar significativo e afastou-se. Fui apertar a mão do conde de J..., tão superior aos homens de que se cerca, e voltei para Oneil com o coração enraivecido.

Rogerio, em pouco tempo saberei o que ha de exato nas palavras desse homem, e si é verdade que não ha mais traços de justiça e de honra na sociedade atual. Lucia é demaziado nobre e pura para inclinar-se diante dela.

12ª Carta.—*Lucia a Mauricio*

Mauricio, vossa alma é nobre e grande. Que coração póde ser mais digno do que o vosso de comprehender a justiça e a razão? O' o melhor e o mais generozo dos homens! vós a quem eu teria sacrificado jubiloza o repouzo de minha vida inteira, só dezejo que possais reconhecer até que ponto o vosso repouzo me tem sido caro e sagrado. Meu bem amado, em vão tentariamos lutar mais tempo contra a sorte, seus golpes acabárão de despedaçar-me o coração. Ai de mim! Quando deixei-me conduzir á felicidade de amar-vos, acreditei que podia, por minha vez, derramar algum encanto sobre vossa existencia. Deixai-me haurir as ultimas forças num grande e consolador pensamento, esperando que fareis jorrar sobre a sociedade as ondas de dedicação e amor que estão em vós. Quantas vezes não vi vossa inteligencia inflamar-se ao aspeto das chagas que cobrem o mundo! O' Mauricio! todos os sentimentos generozos são delieiozos de experimentar. Que destino pode haver ao mesmo tempo mais nobre e mais doce do que o do homem util? Não vos recordais de terdes muitas vezes invejado a pobres operarios a gloria de uma pequena descoberta? Ficarieis vós ociozo, vós que podeis muito mais do que eles? Meu querido e bem querido amigo, vivei para deixar impresso sobre a terra o vosso nobre vestigio. Quando aparece no meio da sociedade um homem

como vós, é precizo, ou que ele traga-lhe seu tributo de fazes e virtudes, ou que se condene ao silencio e á frieza do egoista. Eu conheço vossa alma, ela é rica e tempestuoza como as nuvens de um belo ceu : nunca terieis achado a felicidade no izolamento. Não renuncieis pois ás alegrias da familia ; vossos filhos derramarão um grande interesse sobre a vossa existencia. Será um prazer para vós dezenvolver neles os nobres germens que de vós tiverem recebido. De seus tenros corações vós fareis outros tantos fócos de luz, dimanada da chama do vosso. Eles cercar-vos-ão de respeito e de amor. O' Mauricio ! não é nesta unica palavra que se rezumem todas as felicidades da vida ?

ULTIMA CARTA. — *O doutor L. . . ao doutor B. . .*

Meu velho amigo, aprovo muito a rezolução que tomastes de, por vossa vez, cuidar de vossa saude. Para nós, que acreditamos no bem, é um dolorozo espetaculo o desta sociedade em dezordem, onde o que é nobre e grande não póde mais abrir caminho. Acabo de ser mais uma vez testemunha de um desses sacrificios que revoltão o coração e o espirito. A joven desventurada cuja historia vos escrevi extinguiu-se hontem nos meus braços, dilacerada de dores que renuncio a pintar-vos. Alguns instantes apenas sobreviveu-lhe o homem que ela amava : parece ter ele querido saborear seu dezespero. Tentei trazê-lo á razão e á calma, mas foi em vão. Com um tiro nos ouvidos deu fim a seus dias junto do leito funebre, antes que eu tivesse podido prevenir seu funesto intento.

Aqueles que conhecêrão a interessante e desditoza mulher cuja perda eu lamento poderão comprehender a fatal paixão que ela inspirou. Era uma dessas organizações tão raras, em que o coração e o espirito têm parte igual. Nenhuma mulher sentia melhor do que ela a grandeza de seu papel. Teria sido uma mãi e uma espoza completa. Ah ! vendo-a extinguir-se nos meus braços na idade em que se deve viver, pude avaliar dolorozamente o pouco poder que é dado ao homem para reparar o mal que faz.

CLOTILDE. . . .

X

O estudo das leis morais pertence *espontaneamente* á mulher.

. . . .

Si bem que o genio filozofico e o genio poetico não possão nunca achar simultaneamente altos destinos, a natureza intelectual de ambos é em tudo identica.

(Augusto Comte — *Catecismo pozitivista*.)

O nosso Mestre foi sorprehendido por esta publicação, de que só teve conhecimento no mesmo Venerdia 20 de Junho, em que ela sahiu. Na rua Pavée contavão com a sua vizita, e é facil de imaginar o alvoroço de contentamento com que todos o aguardavão, dezejozos de comunicar-lhe o feliz acontecimento. A primavera despedia-se em uma dessas tardes longas que prenuncião o verão. O Filozofo sahíra da rua Monsieur-le-Prince absorto nos seus encantados devaneios, com a mente e o coração repletos das recordações medievas, objeto agora das suas meditações prediletas. Havia alguns momentos ainda estivera lendo a *Cidade de Deus* de Santo Agostinho. * Cada vez sentia mais profundamente a intima afinidade entre o Pozitivismo e o Catolicismo. Naquele momento mesmo a imponente Catedral parecia-lhe envolta em uma aureola imortal, como si atravez dos seus muros rendados se coassem os incomparaveis ideiais que o revolucionarismo obrigára a refugiarem-se no seu santuario.

Notre-Dame se erguia assim, aos olhos do Filozofo, como um fanal magestozo assinalando o porto do salvamento em meio da anarchia moderna. O teologismo não conseguíra, apezar da esteira esplendoroza que o incomparavel Templo lhe abria, desvendar as regiões serenas do Porvir. Uma tormenta superior á sua fragil estructura, o despedaçára, e o reduzíra aos destroços que flutuavão em torno do eterno luminar. Mas o Pozitivismo possuia a envergadura assás robusta para sofrer ilezo o embate das ondas enfurecidas. Naquele momento, a tempestade parecia até quazi amainada de todo em roda do Filozofo.

E o vulto nobre e terno de Clotilde surgia diante de si como a egregia sinteze de tão sublimes ideiais. Fôra o seu olhar cheio de esperança que lhe refletira a redentora chama, quando a vizão dele perdia-se inquieta na imensi-

* Cartas a Stuart Mill, p. 359.

dade vaga do Futuro! A sua alma era a imagem mais comovente da situação atual da Humanidade buscando, atravez da anarchia, a realização dos belos sonhos cavalheirescos. A impossibilidade de jámais identificar a sua existencia com a da sua Bem-Amada, ainda mais o corroborava nessa tocante assimilação. Como todo ideial, Clotilde caraterizava assim o limite para o qual devia, de mais em mais, convergir o conjunto dos seus esforços regeneradores. Talvez que a sua nobre paixão privada e o seu inextinguivel ardor social entretecendo-se, em supremo arroubo, lhe reprezentassem então a idolatrada Inspiradora glorificada sobre o altar-mór da suave Catedral...

O aspeto da caza abençoada veio só tirar o nosso Mestre da sua venturoza adoração abstrata para transportá-lo á realidade que o seu culto lhe fazia prelibar. Augusto Comte chegára á rua Pavée sem suspeitar do acontecimento que mais devia emocionar Clotilde naquela tarde. Mas a modesta Senhora devia ter experimentado uma intima conturbação ao enfrentar-se com o simpatico Pensador, a quem seu proprio enlevo e a ignorancia do sucedido não permitirião aliás descobrir similhante emoção. Talvez, porem, o contentamento geral não lhe tivesse passado despercebido, e lhe houvesse espontaneamente provocado uma simpatica curiozidade que não tardou em ser satisfeita.

E' prezumivel que a noticia da estréia literaria de Clotilde lançasse Augusto Comte em uma aflitiva perplexidade, que devia agravar-se ao saber, de modo geral, o assunto da LUCIA. Até onde teria ido Ela nas suas expansões contra os defeitos da ordem demestica?... Fosse como fosse, o fato estava consumado, e todo exame naquele momento poderia ocazionar desgostos que virião anuviar as felizes dispozições em que todos parecião achar-se... Estava certo, aliás, que Clotilde haveria de ter atenuado a ingratidão essencial da teze, mediante a nobreza ecepcional dos seus sentimentos... Tratava-se talvez apenas de um ensaio efemero, em breve absorvido no esquecimento comum das publicações jornalisticas, e incapaz, portanto, de afetar profundamente a carreira literaria da sua idolatrada Inspiradora... Ficava mesmo assim mais bem habilitado a corrigir os desvios que receiava, dissipando as objeções dela... Todos esses pensamentos perpassárão velozes pela mente apaixonada do Pensador, e vierão dezabrochar numa queixa afetuoza por não o

haver a Autora mimozeado com a prévia comunicação do seu tocante manuscrito.

Com o tato peculiar á mulher que bem conhece o amor de que é objeto, Clotilde percebeu as aprehensões do enternecido Filozofo. Mas esse conhecimento mesmo devia fazer-lhe dominar a emoção que elas vinhão juntar ás suas inquietudes... A gracioza alegação da inconveniencia de distraí-lo das suas eminentes locubrações bastava para explicar a sua modesta rezerva... Já não erão poucas as luzes que dele recebia nas preciozas vizitas com que tinha a gentileza de distinguir os seus...

Por mais naturais que fossem tais motivos, eles oferecião ao nosso Mestre o ensejo de assinalar o carater simpatico da nova doutrina... Com o comovente acento das suas profundas convicções, era natural que procurasse realçar então a importancia capital da cultura afetiva que para Ele rezultava da convivencia social, e especialmente feminina... Havia assimilado o conjunto dos pensamentos humanos, e pensava ter tido a felicidade de os enfeixar numa filozofia definitiva. Cumpria-lhe agora aplicá-los á inteira sistematização da existencia social, nos seus multiplos aspetos, domesticos, civicos, e planetarios. Para isso, era indispensavel que o gozo habitual dos melhores sentimentos, mediante o trato frequente das almas dignas, garantissem nele o surto contínuo da sociabilidade, principio supremo da regeneração politica e moral.

Demais, os titulos especiais da amizade que o Filozofo votava á Familia Marie erão bastantes para evidenciar quanto Ele sentir-se-ia feliz de poder prestar a Clotilde uma assistencia estetica não menos comovente do que a direção sientifica que Maximilien lhe reconhecia. Devia, pois, dezejar que, para o futuro, os mesmos escrupulos não o privassem de retribuir, embora imperfeitamente, os imensos beneficios que de tão nobres relações havia já alcançado.

A sinceridade das expansões do nosso Mestre provocavão uma confiante admiração. Entretanto, as suas afetuozas exprobrações aumentavão porventura o enleio de Clotilde e as delicadas aprehensões da Familia Marie. As opiniões teoricas em voga induzião a pensar que não era licito abuzar da benevolencia do Filozofo, ocupando-o com escritos que não tinhão o alcance dos estudos a que se entregava Maximilien. Tais opiniões não erão partilhadas por Au-

gusto Comte. Na sua acensão filozofica. Ele já havia suspeitado que a missão normal da siencia não era com certeza superior á da arte, e que nem as meditações de Aristoteles exigião mais força mental do que as construções de Dante. Acabára mesmo por presentir que, no futuro, o genio teorico se fundiria no éstro poetico para constituir o estado definitivo da razão humana.

As dispozições morais do Mestre o induzião assim espontaneamente a aproveitar o ensejo que se lhe oferecia para realçar todos esses rezultados das suas meditações. Mas era natural que as suas palavras fossem em parte atribuidas a uma sincera gentileza; tão sorprendentes devião parecer similhantes conceitos emitidos justamente pelo Fundador da Filozofia Pozitiva. Ele seria pois levado a dezenvolver e completar o seu pensamento, afirmando a analogia fundamental entre todas as especies de preeminencias. Tudo lhe fazia esperar agora que a constituição da verdadeira teoria cerebral permitiria dissipar um dia qualquer hezitação a tal respeito.

« Si bem que o genio filozofico e o genio poetico não pudessem nunca achar simultaneamente altos destinos, a natureza intelectual de ambos era contudo identica. Aristoteles teria sido um grande poeta e Dante um filozofo eminente, si a situação historica houvesse sido menos sientifica para um e menos estetica para o outro. Todas as distinções escolasticas a tal respeito tinhão sido imaginadas e sustentadas por pedantes que, não possuindo nenhuma especie de genio, nem siquer sabião apreciar o genio alheio. A superioridade mental era sempre similhante entre as diferentes carreiras humanas: a escolha era determinada pela sua situação, sobretudo historica; porquanto a especie domina sempre o individuo. » *

A profundeza e a novidade de similhantes considerações devião cauzar um sorprendente entuziasmo nos que rodeiavão o Filozofo. Quanto a Clotilde especialmente, não podia deixar de encontrar nelas um encantador atrativo, vendo assim realçada a dignidade dos praticos vulgarmente menoscabados pelos teoristas. Porque d'ahi rezultavão logo irrecuzaveis fundamentos para julgar do verdadeiro merito daqueles que, como o seu carinhozo Pai, tinhão se devotado a profissões que parecião apenas capazes de evidenciar as qualidades ativas.

* CATECISMO POZITIVISTA, 1ª edição brazileira, p. 82.

forças? Talvez... Mas para que todas estas duvidas? Só vós podeis restituir-me o socego que me tirastes: espero de vós uma linha, uma palavra, que me diga quais são os vossos projetos. Pensai nisso! eu não respondo por mim si continuardes a acabrunhar-me com o vosso silencio. Manuel vai correr á toda brida até Paris: daqui a dez horas posso ter vossa resposta.

6ª CARTA. — *Mauricio a Rogerio*

Era pois necessario que assim acontecesse, Rogerio? Tê-la conhecido, saber o que encerra esse coração elevado, esse espirito delicado, e dentro de algumas horas, talvez, ter que deplorar a sua perda! Que a minha desgraça recaia para sempre sobre aqueles que a cauzárão! Ai de mim! quando eu a acuzava do que tenho sofrido, ela sucumbia á violencia de seus combates e de seu amor. Divago como um louco em torno da caza do general, continuamente interrogando seus criados, e não recebo deles sinão respostas vagas ou aterradoras. Felizmente o medico não me conhece, e trez vezes por dia enterra-me a verdade no coração. Acabo de estar com ele neste momento; seu olhar era tão triste, ele parecia tão acabrunhado que eu pedi-lhe encarecidamente que não me ocultasse a ultima desgraça. Garantiu-me que ela existe ainda; mas ele está na espectativa de uma crize terrivel e inevitavel...

P. S. Está salva! É precizo amar como eu amo para comprehender a magia desta palavra. Prostrei-me aos pés do medico; pedi-lhe sua amizade. Em vão conserva ele seu ar grave, eu sinto-me prestes a fazer loucuras em sua prezença. É um homem distinto, fala de Lucia com um entuziasmo quazi igual ao meu. Mas uma coiza impressionou-me: ele observa-me muitas vezes com admiração, e parece prestes a confiar-me um segredo. Ele termina sempre nossas conversas sobre Lucia por esta fraze: A sociedade é bem culpada.

Tenho a miudo notado que a prudencia é o vicio dos homens dessa profissão, que, pelos conhecimentos profundos que possuem, tão aptos serião para secundar o movimento social. Quantas modificações importantes não poderião ser introduzidas nas leis só pela autoridade de certos fatos sientificos que ficão eternamente ocultos ao vulgo!

Eu quizera que um bom medico publicasse suas memorias; seria, a meu ver, um livro utilissimo para a humanidade.

7ª CARTA. — *Mauricio a Rogerio*

Tornei a vê-la, meu amigo! Ah! não se ouza crer que ela pertença ainda á terra, tanto revestiu sua beleza um carater ideal e celeste. Seu primeiro passeio ela consentiu em fazê-lo apoiada a meu braço, e eu admirei-me da simplicidade com que ela me pintou seus sofrimentos. Si não me engano, um raio de esperança penetrou em seu coração; mas não pude achar o sentido de muitas palavras suas. Uma ocazião, em que descançavamos á sombra de uma capelinha em ruinas, sucedeu de por ali passar um cazamento de camponezes. Havia tanta felicidade e despreocupação em todas aquelas fizionomias abertas, que eu não pude conter uma reflexão amarga, comparando nossa sorte com a deles. Lucia estremeceu ouvindo-me. « O' meu amigo, exclamou ela, eles são felizes, mas é porque sua felicidade não aflige nem ofende a ninguem. » Eu olhei para ela maravilhado. Seu rosto tingira-se de leve rubor. Tomou me a mão e, colocando-a sobre o seu coração, continuou com voz grave e comovida: « Mauricio, nossa infelicidade nos impeliria em vão a levantar-nos contra a sociedade; suas instituições são grandes e respeitaveis como o labor dos tempos; é indigno dos grandes corações derramar as perturbações que sentem. » Eu quiz responder-lhe, mas um sinal que ela me fez com a mão indicou-me que sentia-se fraca. Já começava a fazer-se tarde. O digno doutor, que já estava aflito por não ver Lucia voltar, veio ao nosso encontro, e ajudou-me a conduzi-la até a entrada do parque de Malzéville, onde foi precizo separar-nos.

O que me aterra, Rogerio, não é tanto o conjunto dos obstaculos que me cercão como a grandeza natural de Lucia. Não é a vãos preconceitos, eu bem o sinto, que tal mulher deve ter imolado até aqui os mais doces pendores de seu coração.

Mme Clotilde.....

(*O fim amanhan.*)

Com que emoção Clotilde percorreu estas sagradas linhas! Com que nobre modestia contemplou esse primeiro passo decizivo na glorioza existencia que inaugu-

rava! Mas a boa impressão que a LUCIA parece ter cauzado á Familia Marie devia mais que tudo encher de santo jubilo o seu piedozo coração. Diante daquela manifestação do incontestavel valor da estremecida Filha, era natural que a Familia de Clotilde olhasse com mais tranquilidade para o futuro dela. Os escolhos da perigoza carreira, si não se dissipárão naquele momento, deixárão porventura de inspirar os cruciantes temores que até ali havião despertado. Comprehende-se com que virtuozo jubilo Clotilde assistiu essas felizes impressões, que auguravão o desvanecimento de uma fonte tão acerba de atritos com os entes que mais idolatrava.

No numero seguinte, o mesmo jornal publicava:

Folhetim do Nacional de 21 de Junho de 1845 (Sabado).

LUCIA

(Ver o numero do *Nacional* de hontem.)

8ª CARTA. *Lucia á Senhora M*

Minha querida amiga, a esperança acolheu-me quando voltei á vida: Mauricio consente em erguer sua grande voz para protestar contra o terrivel abuzo que nos separa. Sua mãi apertou-me contra o seio; nunca esquecerei as sensações deliciozas que esse momento meselou á amargura das minhas recordações.

O' minha bem-amada! o amor de um homem puro e delicado é um sentimento muito poderozo. De quanta força e coragem não precizo eu para rezistir-lhe! Mas o interesse e a gloria de Mauricio são mais caros para mim talvez do que o meu proprio: por isso o orgulho de vê-lo tentar uma nobre empreza ampara-me; porque, quanto á minha, parece-me que a levei ao cabo como verdadeira heroina.

Só hontem foi que a nossa sorte ficou decidida. Tinhamos passado a noitada com o digno doutor, cuja moral é ao mesmo tempo tão doce e tão elevada. Apenas nos tinha ele deixado, quando Mauricio, tomando-me impetuozamente a mão e apertando-a contra o coração, jurou protegerme mau grado o mundo, e não consentir mais que eu me afastasse dele. Reuni quantas forças tinha para lutar contra essas emoções deliciozas e terriveis. Fiz ver a Mauricio que o dever lhe impunha que tentasse libertar-me

de meus liames, reclamando uma lei justa e sabia. Uzei para movê-lo dos argumentos que têm mais poder sobre seu grande coração Pintei-lhe com ardor as vantagens que dessa glorioza tentativa poderião rezultar para a sociedade. Quanto a ele, não foi dificil interessá-lo pela sorte desses entes, jovens, fracos, dezarmados, que um vinculo odiozo póde levar ao dezespero. Ele conveio em que os abuzos das leis rezultão na maioria dos cazos da apatia dos homens, e que é sempre honrozo e util lutar contra a opressão.

Consideramos em seguida nossa situação sob todos os pontos de vista. Mauricio asseverava que para a felicidade bastava um vinculo como aquele que ele queria que contrahissemos, e que, sem a menor saudade, ele renunciaria a este mundo que sacrifica a verdadeira honra a preconceitos pompozamente condecorados com o nome de conveniencias. Confessei-lhe que eu não me sentia nem bastante alto nem bastante baixo para afrontar a opinião, e que ser-me-ia doce poder cercar nosso amor do respeito das familias honestas. Ele combateu com brandura minhas idéias, mas a lembrança de sua mãi juntou-se em seu coração a todos os grandes sentimentos que lhe são proprios. Acabou prometendo-me dirigir uma petição á camara, e esperar dignamente o rezultado.

Precipitei-me aos pés desse homem tão querido, derramando lagrimas de reconhecimento e de amor. Os esforços que eu tinha feito para me dominar havião por tal modo exgotado minhas forças que a vida pareceu-me que ia abandonar-me. Nunca senti tanto o valor dela como naquele momento.

O' minha amiga! tu que vives calma e feliz ao lado do homem de tua escolha, tu comprehenderás tudo o que se passa em meu pobre coração. Tu sabes si eu partilho o ridiculo dessas mulheres que sapateião á simples idéia de nunca serem deputados, e que montão a cavalo para provar que, em cazo de necessidade, poderião ser ecelentes coroneis de dragões. Mas tu sabes tambem si eu sinto vivamente a opressão por toda a parte onde ela se exerce realmente. É atentando contra a felicidade modesta e verdadeira da mulher que as leis a impelem para fóra de sua esfera, e lhe fazem ás vezes desconhecer seu sublime destino. Henriqueta, que prazeres podem ceder aos da dedicação? Cercar de bem-estar o homem que se ama, ser boa

e simples na familia, digna e afavel para com os de fóra, não é esse o nosso mais doce papel e o que nos fica melhor? Parece-me que o circulo da familia, a certos respeitos, póde modelar-se pelos circulos da sociedade, e não é a mulher que dele faz as honras?

9ª CARTA. — *Mauricio a Rogerio*

Uma nova dôr veio dezabar sobre o seu coração: o monstro a quem se acha acorrentada foi prezo na fronteira e levado para as galés de Toulon, afim de cumprir sua pena.

Este acontecimento, que dá tanta força ás nossas reclamações, parece entretanto ter abatido a coragem de Lucia. Esse coração tão terno desfaleceu de terror á vista do horrivel desfecho a que as leis a associão. O nome que ela ainda traz repercute nela carregado de infamia e de lugubres lembranças. Sua impercecivel bondade veio juntar a compaixão a todos os seus males. Oxalá suas forças não se exgotem nessa luta cruel! Não, eu o sinto, as leis não podem ser voluntariamente imorais e absurdas! A evidencia tocará os homens: eles despedaçarão esse odiozo grilhão que encadeia o ser mais puro a um forçado.

Lucia, tal como a conheço, terá muito que sofrer ainda; diversas circunstancias me têm esclarecido sobre todos os seus sentimentos, e eu não sacrificarei nenhum deles ao amor. Essa nobre mulher seria mãi como é amante. Os sacrificios que ela aceitaria valentemente para si, ela sofre só com o pensamento de legá-los a seus filhos. Possa ela achar enfim o premio de suas doces virtudes! Para domar minha impaciencia eu reunirei todas as minhas forças e toda a minha coragem. A vida, Rogerio, tem rudes provações.

Envio-te uma cópia da petição que dirigi á camara.

« Senhores deputados.

« Existe no seio das leis um abuzo cujas consequencias são aterradoras; permiti-me que vô-lo assinale por um exemplo frizante.

« Uma moça de vinte-dois anos, cujo coração é puro e repleto de honestidade, acha-se agrilhoada pelo cazamento a um galé.

« Quinze anos de prizão, a infamia, o desprezo, tudo o

que separa a virtude do vicio, anula materialmente este odiozo vinculo.

« O homem morreu civilmente; a mulher, declarada livre pelos tribunais, retoma a posse de sua fortuna, que ela está gerindo já. São evidentes todos os seus direitos; e contudo tem ela de renunciar ao mais preciozo de todos, o de uzar da liberdade de seu coração.

« Por uma imprevidencia que não se concebe, essa mulher vê-se expelida da proteção das leis, e por elas colocada entre dois abismos profundos, a desgraça e o desregramento.

« Qual a escolha que se ouzaria indicar-lhe? Para adornar-se de um esteril heroismo, deverá ela renunciar ao amor e á maternidade, esses belos e nobres feudos da espoza?

« E, si o izolamento pezar sobre sua alma como uma lei de morte, e forçá-la a contrahir um vinculo hostil á sociedade, quem ha de protegê-la contra a má fé da opinião e contra todos os perigos de uma situação falsa?

« Entre estes dois escolhos, ha ainda um terceiro em que todo ser oprimido e fraco tem de esbarrar, é a covardia.

« Senhores deputados, chamo vossa atenção para esta questão de alta moral, e solicito uma lei que estabeleça o divorcio em um unico cazo, o de pena infamante. »

36ª CARTA. — *Mauricio a Rogerio*

Nossos corações estão mais calmos. Lucia parece feliz por me ver fazer ato de submissão para com esta pobre sociedade. Possa ela colher o fruto de minha paciencia!

Talvez tenha eu realmente cumprido um dever. Tenho sofrido tanto de certo tempo a esta parte, que posso já não ser muito bom juiz em materia de sizudez. Revoltão-me os abuzos, e a opressão inspira-me tal horror que de boa vontade eu fugiria dela em vez de combatê-la. Póde ser que Lucia, com seu heroismo, esteja muito mais proxima da simples moral do que eu. Poucas mulheres reunem como ela a penetração á sensibilidade; é uma natureza eminentemente leal e inteligente. Quanto melhor conheço esse coração tão terno, tanto mais sinto que eu não poderia compensar bastante o seu amor.

Com que lentidão vejo aproximar-se todos os dias o

momento em que devemos estar juntos! Gosto de sorprehendê-la no meio das ocupações que ela se criou para saber esperar-me,,segundo as suas proprias expressões. Hontem, encontrei-a muito ocupada em copiar um grosso caderno de insignificante muzica para escolas. Como lhe manifestasse minha admiração com bastante insistencia, ela acabou confessando-me que tirava alguns recursos desse trabalho. O' Rogerio, ser-me-ia impossivel dizer-te a penoza impressão que me cauzou essa descoberta. Dar ao homem os cuidados e as doçuras do lar domestico, recebendo dele em troca todos os meios de existencia que o trabalho proporciona, não é esse o verdadeiro papel da mulher? Eu antes quero ver uma mãi de familia pouco abastada lavando a roupa de seus filhos, do que vê-la consumindo a vida para espalhar fóra de caza os produtos de sua inteligencia. Está bem visto que não falo da mulher eminente, que seu genio arrebata alem das esferas da familia. Esta deve ter na sociedade um livre surto; porque a manifestação é o verdadeiro facho das inteligencias superiores.

Eu quizera não sómente que as mulheres achassem apoios naturais em seus pais, irmãos e espozos, mas que, si por ventura esses apoios viessem a faltar-lhes, elas fossem sustentadas pelos governos. Fundar-se-ião, suponhamos, estabelecimentos onde elas se reunissem e utilizassem seus talentos diversos, porque ha trabalhos delicados que só podem ser feitos por mulheres. Eles serião confecionados nesses estabelecimentos, onde ao menos se garantiria a seres izolados e fracos um recurso contra todos os males que os ameação fóra da vida em comum.

Nossas cidades terião assim vastos bazares onde a mulher opulenta tomaria o trabalho de ir escolher seus adornos. Não se verião mais pobres mocinhas, extenuadas por um trabalho forçado, serem obrigadas muitas vezes a correr o dia inteiro em busca de colocação para o fruto desse sacrificio. Estes meios, ou outros analogos, já estabelecerião um pouco de proporção entre as forças e os deveres das mulheres, muitas vezes tão pouco em harmonia.

11ª CARTA. — *Mauricio a Rogerio*

Nesta sociedade gasta e depreciada onde achar um resto de calor? O dinheiro! eis a chave do dicionario deles, a palavra que é precizo absolutamente conhecer para poder comprehendê-los. Eu tinha dado parte ao conde de J... de nossa situação atual e do passo que dei perante a camara. Ele pensou que me festejava pondo-me em contato com alguns desses homens que se chamão sensatos, sem duvida porque desguarnecêrão completamente o coração em proveito da cabeça. Não pensei que pudesse ir tão longe a secura. A conversação geral dessa gente assemelha-se a uma verdadeira operação de bolsa. É um espetaculo curiozo, vê-los disputarem-se a conversão de um ingenuo.

A maneira obzequioza com que o conde de J... fizera -me as honras em seu circulo pôz me, contra a vontade, em evidencia. Obrigado a falar de minhas opiniões e de meus sentimentos, tornei-me logo o alvo das atenções de toda a assembléia. Ela bateu-me em filozofia e moral; e ia já decretar-me sublime para ver-se livre de mim, quando um dos homens mais influentes da epoca tomou-me de parte e disse-me: «Vós estais imitando uma gralha quando abate nozes. Não vos afasteis assim do caminho. Acabais de golpear alguns homens que podião e querião servir-vos. Restabelecei depressa os vossos negocios, e acreditai que um herói de quinze mil libras de renda não é bastante robusto para andar só.»

Esta linguagem espantou-me de tal modo que deixei á potencia que me falava todo o enseio para extender-se á vontade. «Acabais, continuou ela, de pedir o divorcio, e vos firmastes em um exemplo bastante decizivo. Não ha duvida que a justiça e a razão estão comvosco. Uma lei restrita, como a que pedis, passaria sem a menor dificuldade, e seria um verdadeiro beneficio. Pois bem! apezar disso, essa lei, ha cem a apostar contra um em como vós não a conseguireis.

« É convicção minha, acrecentou ele, enquanto eu reprimia com esforço uma doloroza impaciencia. A culpa é vossa, e muito vossa. Querer fazer-se de gigante, menos -prezar estouvadamente a jerarchia, recuzar-lhe a deferencia, e explorar, por unico apoio, o arsenal das velhas palavras, não é querer reprezentar um papel de ingenuo e correr

de adaga em punho numa caçada de pombos? Olfraí disse ele, si vós não fosseis moço, estarieis louco. Mas a primeira enfermidade desculpa tudo. Ofereço-vos pois minha proteção junto do embaixador de***. Tendes traquejo social e uma nobre figura: ao lado dele podereis ir longe. Amais uma mulher superior, pois bem, dar-lhe-eis uma pozição condigna, e, acreditai-me, o amor dispensa muito bem o cazamento. »

Quando acabou a sua tirada, meu digno mentor lançou-me um olhar significativo e afastou-se. Fui apertar a mão do conde de J..., tão superior aos homens de que se cerca, e voltei para Oneil com o coração enraivecido.

Rogerio, em pouco tempo saberei o que ha de exato nas palavras desse homem, e si é verdade que não ha mais traços de justiça e de honra na sociedade atual. Lucia é demaziado nobre e pura para inclinar-se diante dela.

12ª Carta.—*Lucia a Mauricio*

Mauricio, vossa alma é nobre e grande. Que coração póde ser mais digno do que o vosso de comprehender a justiça e a razão? O' o melhor e o mais generozo dos homens! vós a quem eu teria sacrificado jubiloza o repouzo de minha vida inteira, só dezejo que possais reconhecer até que ponto o vosso repouzo me tem sido caro e sagrado. Meu bem amado, em vão tentariamos lutar mais tempo contra a sorte, seus golpes acabárão de despedaçar-me o coração. Ai de mim! Quando deixei-me conduzir á felicidade de amar-vos, acreditei que podia, por minha vez, derramar algum encanto sobre vossa existencia. Deixai-me haurir as ultimas forças num grande e consolador pensamento, esperando que fareis jorrar sobre a sociedade as ondas de dedicação e amor que estão em vós. Quantas vezes não vi vossa inteligencia inflamar-se ao aspeto das chagas que cobrem o mundo! O' Mauricio! todos os sentimentos generozos são deliciozos de experimentar. Que destino póde haver ao mesmo tempo mais nobre e mais doce do que o do homem util? Não vos recordais de terdes muitas vezes invejado a pobres operarios a gloria de uma pequena descoberta? Ficarieis vós ociozo, vós que podeis muito mais do que eles? Meu querido e bem querido amigo, vivei para deixar impresso sobre a terra o vosso nobre vestigio. Quando aparece no meio da sociedade um homem

como vós, é precizo, ou que ele traga-lhe seu tributo de luzes e virtudes, ou que se condene ao silencio e á frieza do egoista. Eu conheço vossa alma, ela é rica e tempestuoza como as nuvens de um belo ceu: nunca terieis achado a felicidade no izolamento. Não renuncieis pois ás alegrias da familia; vossos filhos derramarão um grande interesse sobre a vossa existencia. Será um prazer para vós dezenvolver neles os nobres germens que de vós tiverem recebido. De seus tenros corações vós fareis outros tantos fócos de luz, dimanada da chama do vosso. Eles cercar-vos-ão de respeito e de amor. O' Mauricio! não é nesta unica palavra que se rezumem todas as felicidades da vida?

ULTIMA CARTA.— *O doutor L... ao doutor B...*

Meu velho amigo, aprovo muito a rezolução que tomastes de, por vossa vez, cuidar de vossa saude. Para nós, que acreditamos no bem, é um dolorozo espetaculo o desta sociedade em dezordem, onde o que é nobre e grande não póde mais abrir caminho. Acabo de ser mais uma vez testemunha de um desses sacrificios que revoltão o coração e o espirito. A joven desventurada cuja historia vos escrevi extinguiu-se hontem nos meus braços, dilacerada de dores que renuncio a pintar-vos. Alguns instantes apenas sobreviveu-lhe o homem que ela amava: parece ter ele querido saborear seu dezespero. Tentei trazê-lo á razão e á calma, mas foi em vão. Com um tiro nos ouvidos deu fim a seus dias junto do leito funebre, antes que eu tivesse podido prevenir seu funesto intento.

Aqueles que conhecêrão a interessante e desditoza mulher cuja perda eu lamento poderão comprehender a fatal paixão que ela inspirou. Era uma dessas organizações tão raras, em que o coração e o espirito têm parte igual. Nenhuma mulher sentia melhor do que ela a grandeza de seu papel. Teria sido uma mãi e uma espoza completa. Ah! vendo-a extinguir-se nos meus braços na idade em que se deve viver, pude avaliar dolorozamente o pouco poder que é dado ao homem para reparar o mal que faz.

CLOTILDE.....

X

> O estudo das leis morais pertence espontaneamente á mulher.
>
> . . . .
>
> Si bem que o genio filozofico e o genio poetico não possão nunca achar simultaneamente altos destinos, a natureza intelectual de ambos é em tudo identica.
>
> (AUGUSTO COMTE — *Catecismo pozitivista.*)

O nosso Mestre foi sorprehendido por esta publicação, de que só teve conhecimento no mesmo Venerdia 20 de Junho, em que ela sahiu. Na rua Pavée contavão com a sua vizita, e é facil de imaginar o alvoroço de contentamento com que todos o aguardavão, dezejozos de comunicar-lhe o feliz acontecimento. A primavera despedia-se em uma dessas tardes longas que prenuncião o verão. O Filozofo sahira da rua Monsieur-le-Prince absorto nos seus encantados devaneios, com a mente e o coração repletos das recordações medievas, objeto agora das suas meditações prediletas. Havia alguns momentos ainda estivera lendo a *Cidade de Deus* de Santo Agostinho. * Cada vez sentia mais profundamente a intima afinidade entre o Pozitivismo e o Catolicismo. Naquele momento mesmo a imponente Catedral parecia-lhe envolta em uma aureola imortal, como si atravez dos seus muros rendados se coassem os incomparaveis ideiais que o revolucionarismo obrigára a refugiarem-se no seu santuario.

Notre-Dame se erguia assim, aos olhos do Filozofo, como um fanal magestozo assinalando o porto do salvamento em meio da anarchia moderna. O teologismo não conseguíra, apezar da esteira esplendoroza que o incomparavel Templo lhe abria, desvendar as regiões serenas do Porvir. Uma tormenta superior á sua fragil estructura, o despedaçára, e o reduzíra aos destroços que flutuavão em torno do eterno luminar. Mas o Pozitivismo possuia a envergadura assás robusta para sofrer ilezo o embate das ondas enfurecidas. Naquele momento, a tempestade parecia até quazi amainada de todo em roda do Filozofo.

E o vulto nobre e terno de Clotilde surgia diante de si como a egregia sinteze de tão sublimes ideiais. Fôra o seu olhar cheio de esperança que lhe refletira a redentora chama, quando a vizão dele perdia-se inquieta na imensi-

* CARTAS A STUART MILL, p. 359.

dade vaga do Futuro! A sua alma era a imagem mais comovente da situação atual da Humanidade buscando, atravez da anarchia, a realização dos belos sonhos cavalheirescos. A impossibilidade de jámais identificar a sua existencia com a da sua Bem-Amada, ainda mais o corroborava nessa tocante assimilação. Como todo ideial, Clotilde caraterizava assim o limite para o qual devia, de mais em mais, convergir o conjunto dos seus esforços regeneradores. Talvez que a sua nobre paixão privada e o seu inextinguivel ardor social entretecendo-se, em supremo arroubo, lhe reprezentassem então a idolatrada Inspiradora glorificada sobre o altar-mór da suave Catedral...

O aspeto da caza abençoada veio só tirar o nosso Mestre da sua venturoza adoração abstrata para transportá-lo á realidade que o seu culto lhe fazia prelibar. Augusto Comte chegára á rua Pavée sem suspeitar do acontecimento que mais devia emocionar Clotilde naquela tarde. Mas a modesta Senhora devia ter experimentado uma intima conturbação ao enfrentar-se com o simpatico Pensador, a quem seu proprio enlevo e a ignorancia do sucedido não permitirião aliás descobrir similhante emoção. Talvez, porem, o contentamento geral não lhe tivesse passado despercebido, e lhe houvesse espontaneamente provocado uma simpatica curiozidade que não tardou em ser satisfeita.

E' prezumivel que a noticia da estréia literaria de Clotilde lançasse Augusto Comte em uma aflitiva perplexidade, que devia agravar-se ao saber, de modo geral, o assunto da LUCIA. Até onde teria ido Ela nas suas expansões contra os defeitos da ordem demestica?... Fosse como fosse, o fato estava consumado, e todo exame naquele momento poderia ocazionar desgostos que virião anuviar as felizes dispozições em que todos parecião acharse... Estava certo, aliás, que Clotilde haveria de ter atenuado a ingratidão essencial da teze, mediante a nobreza ecepcional dos seus sentimentos... Tratava-se talvez apenas de um ensaio efemero, em breve absorvido no esquecimento comum das publicações jornalisticas, e incapaz, portanto, de afetar profundamente a carreira literaria da sua idolatrada Inspiradora... Ficava mesmo assim mais bem habilitado a corrigir os desvios que receiava, dissipando as objeções dela... Todos esses pensamentos perpassárão velozes pela mente apaixonada do Pensador, e vierão dezabrochar numa queixa afetuoza por não o

haver a Autora mimozeado com a prévia comunicação do seu tocante manuscrito.

Com o tato peculiar á mulher que bem conhece o amor de que é objeto, Clotilde percebeu as aprehensões do enternecido Filozofo. Mas esse conhecimento mesmo devia fazer-lhe dominar a emoção que elas vinhão juntar ás suas inquietudes... A gracioza alegação da inconveniencia de distraí-lo das suas eminentes locubrações bastava para explicar a sua modesta rezerva... Já não erão poucas as luzes que dele recebia nas preciozas vizitas com que tinha a gentileza de distinguir os seus...

Por mais naturais que fossem tais motivos, eles oferecião ao nosso Mestre o ensejo de assinalar o carater simpatico da nova doutrina... Com o comovente acento das suas profundas convicções, era natural que procurasse realçar então a importancia capital da cultura afetiva que para Ele rezultava da convivencia social, e especialmente feminina... Havia assimilado o conjunto dos pensamentos humanos, e pensava ter tido a felicidade de os enfeixar numa filozofia definitiva. Cumpria-lhe agora aplicá-los á inteira sistematização da existencia social, nos seus multiplos aspetos, domesticos, civicos, e planetarios. Para isso, era indispensavel que o gozo habitual dos melhores sentimentos, mediante o trato frequente das almas dignas, garantissem nele o surto contínuo da sociabilidade, principio supremo da regeneração politica e moral.

Demais, os titulos especiais da amizade que o Filozofo votava á Familia Marie erão bastantes para evidenciar quanto Ele sentir-se-ia feliz de poder prestar a Clotilde uma assistencia estetica não menos comovente do que a direção sientifica que Maximilien lhe reconhecia. Devia, pois, dezejar que, para o futuro, os mesmos escrupulos não o privassem de retribuir, embora imperfeitamente, os imensos beneficios que de tão nobres relações havia já alcançado.

A sinceridade das expansões do nosso Mestre provocavão uma confiante admiração. Entretanto, as suas afetuozas exprobrações aumentavão porventura o enleio de Clotilde e as delicadas aprehensões da Familia Marie. As opiniões teoricas em voga induzião a pensar que não era licito abuzar da benevolencia do Filozofo, ocupando-o com escritos que não tinhão o alcance dos estudos a que se entregava Maximilien. Tais opiniões não erão partilhadas por Au-

gusto Comte. Na sua acenção filozofica. Ele já havia suspeitado que a missão normal da siencia não era com certeza superior á da arte, e que nem as meditações de Aristoteles exigião mais força mental do que as construções de Dante. Acabára mesmo por presentir que, no futuro, o genio teorico se fundiria no éstro poetico para constituir o estado definitivo da razão humana.

As dispozições morais do Mestre o induzião assim espontaneamente a aproveitar o ensejo que se lhe oferecia para realçar todos esses rezultados das suas meditações. Mas era natural que as suas palavras fossem em parte atribuidas a uma sincera gentileza; tão sorprendentes devião parecer simillhantes conceitos emitidos justamente pelo Fundador da Filozofia Pozitiva. Ele seria pois levado a dezenvolver e completar o seu pensamento, afirmando a analogia fundamental entre todas as especies de preeminencias. Tudo lhe fazia esperar agora que a constituição da verdadeira teoria cerebral permitiria dissipar um dia qualquer hezitação a tal respeito.

« Si bem que o genio filozofico e o genio poetico não pudessem nunca achar simultaneamente altos destinos, a natureza intelectual de ambos era contudo identica. Aristoteles teria sido um grande poeta e Dante um filozofo eminente, si a situação historica houvesse sido menos sientifica para um e menos estetica para o outro. Todas as distinções escolasticas a tal respeito tinhão sido imaginadas e sustentadas por pedantes que, não possuindo nenhuma especie de genio, nem siquer sabião apreciar o genio alheio. A superioridade mental era sempre simillhante entre as diferentes carreiras humanas: a escolha era determinada pela sua situação, sobretudo historica; porquanto a especie domina sempre o individuo. » *

A profundeza e a novidade de simillhantes considerações devião cauzar um sorprendente entuziasmo nos que rodeiavão o Filozofo. Quanto a Clotilde especialmente, não podia deixar de encontrar nelas um encantador atrativo, vendo assim realçada a dignidade dos praticos vulgarmente menoscabados pelos teoristas. Porque d'ahi rezultavão logo irrecuzaveis fundamentos para julgar do verdadeiro merito daqueles que, como o seu carinhozo Pai, tinhão se devotado a profissões que parecião apenas capazes de evidenciar as qualidades ativas.

* CATECISMO POZITIVISTA, 1ª edição brazileira, p. 82.

O cotejo dest'arte estabelecido entre a siencia e a poezia conduzia naturalmente a falar dos trabalhos de Gall. E parece que foi isso que deu ensejo ao nosso Mestre para estimular Mme Marie a ler a obra em que o imortal fundador da fiziologia cerebral expôz a sua doutrina abstrahindo dos detalhes anatomicos. Por outro lado, a ocazião era por demais propicia para aludir ás melhores produções do genio feminino, assinalando em cordial abandono as suas qualidades e defeitos. A situação levava mesmo naturalmente a mencionar de modo especial o incomparavel opusculo postumo de Sofia Germain. Veremos em breve o Filozofo remeter a Clotilde diversos volumes sobre os quais conjeturamos que se entretivera nessa tarde angelica.

Depois que separou-se de Clotilde começou outra vez Augusto Comte a imergir-se insensivelmente nas alarmantes dispozições provocadas pela inesperada publicação. Porem as recordações vivas que trazia do seu trato encantador não consentião que Ele percebesse toda a amargura das suas inquietudes. Embalde as suas prevenções filozoficas, oriundas da falta de preparação teorica da egregia Dama, tentavão povoar-lhe a mente com as mais tristes perspetivas. O seu amor contrapunha-lhes docemente as sedutoras imagens que a Ela se prendião e fazia sumirem-se em tropel as agoureiras fantazias. Não sabia de que modo Clotilde teria evitado os escolhos do perigozo tema; mas os votos do seu coração arrastavão-no a admitir que Ela havia sido prezervada de qualquer desvio grave pelos dotes espontaneos da sua alma ecepcional. E o acendente dessas contraditorias emoções era involuntariamente favoneado pela influencia, mais ou menos simpatica, dos lugares por onde ia passando...

A sucessão dos seus pensamentos o conduzião assim talvez a pensar no termo que a leitura da LUCIA imprimiria brevemente á perplexidade em que se achava, quando chegou á margem do Sena. Ali as sugestões do seu altruismo, exaltadas pelas reminiscencias do culto feminino, que a sagrada correnteza conduzia suavemente para o Templo cavalheiresco, devião arroubar a sua mente em direção oposta. A sua escrupuloza lealdade revolta-se quiçá contra a idéia de um exame precipitado, como si a sua anciedade fôra uma quebra na confiança que lhe inspirava a Dama da sua adoração. Cumpria-lhe, sem duvida, perscrutar os segredos daquela alma idolatrada, afim

d. poder melhor votar-se ao seu serviço. Devia, porem,
fazê-lo com o religiozo respeito de quem penetra em um
santuario, e não com a suspeitoza curiozidade de um pro-
fano. Um devotamento dezinteressado a Clotilde apenas
requeria que o Filozofo não demorasse alem do proximo
Mercuridia a meditação da tocante novela. Porque, antes
desse dia, não esperava tornar a ver a nobre Eleita do seu
coração, e nem era licito encontrar-se com Ela sem estar
a par de um fato que tanto afetava o futuro dela.
Forão, talvez, cavalheirescas reflexões dessa ordem que
determinárão o nosso Mestre a adiar a leitura da LUCIA,
até que se achasse assás libertado de qualquer inquietude
acerca do seu alcance moral. Aplicar-se-ia, no intervalo
de que dispunha, a melhor compenetrar-se da natureza
de Clotilde. Nutria a esperança de descobrir nos dados
que já possuia elementos suficientes para a perfeita tran-
quilidade sem a qual lhe seria dolorozo contemplar a
suave idealização da sua Bem-Amada.
O terno Pensador entrou em casa porventura já com
essa rezolução tomada. Ao enfrentar com o *altar* da suave
Dama, envolto na meia sombra da modesta sala, a lem-
brança da vespera da Santa Clotilde devia exaltar esse
amorozo enleio. Como naquele angelico momento, inespe-
radamente ouviria resoarem as palavras do seu afetuozo
agradecimento pela *Epistola* com que a surprehendêra.
Dir-se-ia que a magnanima Senhora ali estava testemu-
nhando-lhe o seu graciozo reconhecimento pelo novo
rasgo de gentileza do cavalheiresco Filozofo...

XI

> *Viver para outrem* — Eis a verdadeira felicidade, como o verdadeiro dever. só tu me ensinaste a fundir as suas fórmulas.
>
> (AUGUSTO COMTE — *Orações*)

Talvez, pois, que o nosso Mestre não se sentisse até o
Lunedia seguinte 23 de Junho em convenientes dispozi-
ções morais para efetuar uma leitura que devia cauzar-lhe
fatalmente profundas emoções. Ou talvez não houvessem
as suas ocupações e os incidentes imprevistos da sua vida
lhe proporcionado antes outras horas oportunas para tal.
O fato é que Ele só pôde consagrar-se á LUCIA na manhan
desse dia... Com que terriveis aprehensões não percorreu

porventura as colunas do *Nacional*, apezar das confiantes sugestões do seu amor! Desde o principio, porem, as duvidas que o salteavão se forão dissipando, e em breve as lagrimas lhe rebentavão dos olhos, não de dôr, pelos desvios da sua idolatrada Clotilde, mas de uma adoração entuziastica que nunca imaginára. E um sentimento crecente de espanto e de jubilo pela sublime grandeza moral e o profundo genio revelado nessa tocante novela foi se apoderando dele até ao fim da pungente narrativa. Tudo nos induz a crer mesmo que, ajoelhado aos pés da imagem ideal da sua angelica Inspiradora, o amorozo Reformador assistiu ao martirio sublime da suave heroina, tornado ainda mais comovente pelo dezesperado sacrificio do seu nobre adorador. Foi ainda sob o influxo dessas impressões que Ele dirigiu a Clotilde a seguinte carta, na qual o estado das suas relações com a egregia Dama mal lhe permitia pintar a nobre exaltação que Ela acabava de produzir-lhe.

Decima-oitava carta

Lunedia 23 de Junho de 1845 (meio-dia).

Não posso rezistir, minha cara amiga, á necessidade de agradecer-vos imediatamente as doces lagrimas que acaba de fazer-me derramar a encantadora novela que vos exprobrei de não me haverdes concedido a graça de conhecer antes do publico. Os sentimentos e as idéias que ela exprime, parecêrão-me igualmente dignos de vós, sem deixar-me siquer perceber os erros tipograficos que vos chocavão tanto Venerdia. É-me bem doce, asseguro-vos, poder, a todos os respeitos, felicitar-vos tão sinceramente por tal estréia. Sem fazer-me lamentar os afetuozos conselhos da minha ultima carta sobre o conjunto da vossa existencia literaria, esse primeiro trabalho indica-me até que ponto as vossas proprias dispozições concordão espontaneamente com os votos da minha amizade, sobretudo quanto ao vosso escrupulozo respeito continuo dos verdadeiros principios sociais.

Começais a conhecer assás o espirito sempre criteriozamente relativo da minha filozofia, e a repugnancia radical do pozitivismo por toda regra estritamente absoluta, para sentirdes já que, apezar da minha reprovação arrazoada do divorcio, eu não poderia extender de modo algum a indissolubilidade regular do cazamento até ao cazo extremo

que tão bem caraterizastes, e em relação ao qual o proprio principio catolico, no tempo do seu pleno acendente social, isto é, durante a idade-média, havia consagrado uma rezerva especial. E' assim que, em uma outra ordem de relaçõ s, o indispensavel preceito de respeitar constantemente a verdade não impede de modo algum a san moral de excuzar, ou mesmo de louvar, por exceção, certas mentiras determinadas. [1]

Em todas essas anomalias, a moral pozitiva mostrar-se-á especialmente superior á moral teologica, em que a sua natureza relativa lhe permitirá melhor adaptar-se a essas modificações excepcionais, sem alterar todavia a justa rigidez das suas regras habituais. Si conheceis, como prezumo, a admiravel *Prizão de Edimburgo* de Walter Scott, tereis ahi notado como o poeta apreciou com felicidade a fatal impossibilidade em que se achava colocada Jeannie Deans, pelo carater puramente religiozo [2] das suas convicções morais, de fazer, sem expôr-se a si propria a uma desmoralização total, a falsa declaração que teria prezervado logo a sua irman de uma barbara legalidade, ao passo que uma educação razoavel teria autorizado essa piedoza mentira, deixando inteiramente intacto o habito da verdade.

Adeus, e ainda uma vez obrigado: até depois d'amanhan á tarde.

Todo vosso

AUG.TE COMTE.

Para bem aquilatar-se das emoções por que então passava o nosso Mestre, seja-nos licito reproduzir as reflexões que, sobre a tocante novela de Clotilde, aprezentamos no nosso opusculo anterior.

O conjunto da moral pozitiva acha-se condensado esteticamente nas linhas que precedem. Uma mulher bela e de rara inteligencia, emancipada das iluzões sobrenaturais; descrente da bem-aventurança celeste, como dos terrores do inferno; experimentada pelos mais crueis infortunios;

[1] No CATECISMO POZITIVISTA o nosso Mestre recorda, a propozito mesmo do divorcio, que Santo Agostinho, superando, pela sua propria razão, o genio necessariamente absoluto da sua doutrina teologica, já havia sentido esse *relativismo* das leis morais. Com efeito, na sua obra — *A Cidade de Deus*, livro I, Cap. XXI, — o grande doutor da Igreja Catolica mostra que o homicidio póde ser excepcionalmente justificado e até louvado, citando como exemplo o sacrificio de Abrahão. — R. T. M.

[2] *Religiozo* é aqui sinonimo de *teologico*. — R. T. M.

posta na situação mais apropriada para sublevar os mais energicos dos seus instintos egoistas; preclama ahi que a felicidade consiste na *dedicação*. E não é da dedicação parcial a um certo individuo, a uma certa familia, a uma certa patria que Ela faz depender a felicidade; é do devotamento a todos. « *Eles são felizes; mas é porque a sua felicidade a ninguem aflige nem ofende.— Que prazeres podem exceder aos da dedicação?* » Ela concebe o devotamento com a maxima abnegação, com inteiro esquecimento de si: « *Essa nobre mulher seria mãi como é amante. Os sacrificios que aceitaria valentemente para si, ela sofre com o pensamento de os legar aos seus filhos.— E' indigno dos grandes corações derramarem as perturbações que sentem.* »

Foi tudo isso que o nosso Mestre rezumiu na fórmula — *viver para outrem:* — mas os trechos que precedem patenteião que Ele limitou-se então a condensar, num enunciado filozofico, a identificação da *felicidade* com o *dever*, que Clotilde descobríra no decurso do seu malogrado amor. Quanto esta lei se distancia do principio que, para as melhores almas ocidentais, ainda constituia o supremo ideal da moral, — *amar o proximo como a si mesmo!*

O nosso Mestre cingiu-se, pois, aos ditames da escrupuloza retidão de que sempre deu provas, quando proclamou que a gloria de simílhante descoberta revertia á sua imaculada Inspiradora. Foi ainda em virtude da mesma nobreza de sentimentos que, no CATECISMO, Ele atribúi a Clotilde o confronto do preceito pozitivista com os principios que até então tinhão rezumido a moral, e especialmente com a maxima catolica.

Mas a elaboração moral de Clotilde não se limitou a esse apanhado sintetico. Ela abordou o problema supremo no cazo mais complicado, e formulou precizamente a solução que ele comporta. Assim, Ela assinalou a ligação da felicidade individual com a existencia social: « *derramareis sobre a sociedade as torrentes de devotamento e de amor que existem em vós.— Todos os sentimentos generozos são deliciozos de experimentar-se. Que destino é ao mesmo tempo maior e mais doce do que o do homem util?* — E ainda mais, Ela patenteou a subordinação da felicidade individual ao conjunto das instituições sociais, cuja santidade proclamou:

« *É em vão que a nossa desgraça nos impeliria a levantarmo-nos contra a sociedade; as suas instituições são grandes e respeitaveis como o lobor do tempo. — Confessei-lhe que não me sentia nem assás alto nem assás baixo para arrostar a opinião, e que ser-me-ia doce poder rodear o nosso amor do respeito das familias honestas.* »

No meio das aberrações contemporaneas, Ela apanhou os caracteres fundamentais da existencia social. Ela percebeu que só na familia é que se póde achar normalmente a felicidade. Os preconceitos catolicos e metafizicos acerca da nobreza do celibato, bem como as divagações delirantes do romantismo sobre o amor livre, não conseguem perturbá-la: — *Conheço a vossa alma; jamais achareis a felicidade no izolamento.* Ela sente assim que o tipo da verdadeira amizade só existe na união conjugal. Ao mesmo tempo constata sem hezitação o papel normal da mulher e a *sublimidade* da sua função:

« O verdadeiro papel da mulher não é dar ao homem os cuidados e as doçuras do lar domestico, e receber dele em troca todos os meios de existencia que o trabalho proporciona? *Prefiro ver uma mãi de familia pouco abastada lavar a roupa dos seus filhos a vê-la consumir a sua vida para espalhar fora de caza os produtos da sua inteligencia.*

« Quizera não sómente que as mulheres achassem nos seus pais, irmãos, e espozos apoios naturais; mas que, tais apoios vindo a faltar-lhes, elas fossem sustentadas pelos governos.

« É atentando contra a felicidade modesta e verdadeira da mulher que as leis a impelem para fóra da sua esfera e lhe fazem por vezes *menosprezar o seu destino sublime*. Henriqueta, *que prazeres podem ceder aos da dedicação?* Cercar de bem estar o homem que se ama, ser boa e simples na familia, digna e afavel para com os de fóra, não é esse o *nosso mais doce papel e o que melhor nos assenta?* »

Mas Ela comprehende igualmente a *relatividade* das grandes leis morais que acaba de proclamar. Depois de preconizar a sublimidade da missão da mulher agindo sobre a sociedade atravez da Familia, Ela acrecenta: « Excetuo, bem entendido, a mulher eminente que o seu genio impele para fóra das esferas da familia. Esse deve

achar na sociedade o seu livre surto; porque a manifestação é o verdadeiro facho das inteligencias superiores. »

Viu-se igualmente que Ela caraterizou a unica eceção que, com justiça, comporta a indissolubilidade geral do cazamento.

Todas estas concluzões forão sistematizadas pela moral pozitiva.

E' precizo, pois, ter o coração empedernido pelo materialismo academico e o espirito obsecado pela enfatuação pedantocratica, para ouzar contestar os juizos que, sobre Clotilde, se achão nos diversos textos do nosso Mestre. Havemos de encontrá-los no decurso deste volume; parece-nos entretanto util mencionar desde já aqui os seguintes:

Na sua *Confissão* de 25 de Junho de 1848, o nosso Mestre dizia:

« . . . A tua celebração seria assegurada, si alguma mulher de elite pudesse hoje afastar assás toda verdadeira rivalidade para caraterizar dignamente a tua aptidão *mental e moral a constituir o melhor tipo feminino*. As exigencias essenciais do novo culto fizerão-me procurar com candura, no conjunto do passado, uma verdadeira personificação da mulher. Mas a minha consiencia sacerdotal fez-me sempre voltar para ti. *Não pude achar alhures essa plena harmonia entre o coração e o espirito que emprestaste á tua tocante Lucia.*

. . . .

« Que outra mulher celebre ofereceria esse mixto admiravel de abandono e de dignidade, essa perfeita pureza izenta de toda secura? Mas enquanto fôr eu o unico a proclamar a tua ecelencia, explicarão pelo amor uma apreciação emanada sobretudo da justiça, e na qual a nossa união só intervem como tendo me permitido conhecer-te melhor. Espero entretanto que os corações ternos e os espiritos delicados sentirão o *profundo merito intelectual e moral* da tua unica publicação estetica. Reproduzida como complemento da minha cara dedicatoria, após a compozição ecepcional [1] que começou a nova faze do pozitivismo, e seguida da tua suave *canzone*, [2] ela manifestará, sem duvida, a *intima justeza* dos meus elogios. O cotejo invo-

1 CARTA SOBRE A COMEMORAÇÃO SOCIAL, que já transcrevemos.—R.T.M.

2 A poezia de Clotilde que tem por titulo: *Os pensamentos de uma flor*, e que se verá mais adiante.— R. T. M.

luntario desse feliz preambulo com a obra capital * que ele ha de inaugurar poderá determinar *uma séria apreciação da parte espontanea que te atribúi a minha consienciosa gratidão na minha sistematização final.* (VOLUME SAGRADO, ps. 132-133.)

Na sua *Confissão* de 31 de Maio de 1849 (11 de S. Paulo de 61) Ele acrecentava:

« ... Embora o teu surto inicial tenha sido tão fatalmente quebrado, ele deixou traços que, *mesmo sem o meu testemunho*, permitem apreciar em ti um conjunto, *talvez incomparavel*, das principais qualidades do teu sexo, tanto pelo espirito como pelo coração. » (*Ibidem*, p. 138.)

Enfim, na sua ultima *Confissão*, o nosso Mestre exarava este juizo definitivo:

« A medida que se vai instalando a religião cuja fundação a Posteridade atribuirá tanto a ti como a mim, sinto até que ponto tu serias agora precioza ao pozitivismo em relação ao qual a necessidade de uma digna pena feminina torna-se hoje preponderante. Seja qual fôr a minha esperança de encontrar-te, a este respeito, nobres suplentes, o conjunto delas jamais poderá equivaler ao que eu via espontaneamente reunido em ti. Tu foste, sem o saber, como o digo todos os Martedias, a mulher mais eminente, pelo coração, espirito, e mesmo carater, que a historia universal aprezentou-me até aqui. O porvir parece-me dificilmente sucetivel de um tipo melhor.» (*Ibidem*, p. 239.)

Apenas acrecentaremos, como o rezumo do que precede, que embalde uma digna alma procuraria, no SISTEMA DE FILOZOFIA POZITIVA, a regra de conduta para o mais delicado problema da existencia moral. Entretanto que a LUCIA forneceu o modelo supremo cuja simples imitação bastaria eternamente para realizar a mais perfeita santidade. De sorte que se comprehende porque o nosso Mestre, na sua ultima *Confissão*, proclamava que a Posteridade atribuiria a *fundação do Pozitivismo* tanto á sua imaculada e terna Inspiradora como a si proprio. No futuro, reconhecida a identidade filozofica fundamental entre a elaboração poetica e o trabalho sientifico, a LUCIA ocupará porventura teoricamente um lugar mais eminente do que toda a elaboração peculiar á primeira vida do nosso Mestre, como concernindo *leis* mais importantes e mais dificeis.

* POLITICA POZITIVA. — R. T. M.

Clotilde respondeu afetuozamente ao terno Pensador, na mesma tarde :

Decima-nona carta

Lunedia á tarde 23 de Junho de 1845

Ia tomar a pena para participar-vos todas as minhas pequeninas venturas, quando recebi a vossa amavel carta, Senhor. *O Nacional* fez-me uma linda oferenda em troca da infortunada Lucia ; e espero que o seu irmão mais moço receberá o mesmo acolhimento. É um duplo prazer para mim ser bem sucedida, porque os meus pais não são ricos e são bem bons.

Agradeço-vos pois sinceramente o haverdes vos associado de coração á minha alegria, Senhor Comte. *O Nacional* censurou-me muito por ter tratado tão rapidamente o grande assunto em questão : mas quiz caminhar segundo as minhas poucas forças ; o habito me virá em auxilio para adiante.

Até Mercuridia, como dizeis, Senhor ; regozijo-me com a esperança de que passais agora bem, e que sois tão feliz quanto se póde ser neste pobre mundo (seja dito sem prejuizo para a filozofia.)

Recebei a segurança dos meus melhores sentimentos.

CLOTILDE DE V.

Estas palavras cordiais vierão talvez libertar o cavalheiresco Pensador das maguas com que uma carta de Stuart Mill perturbára as santas impressões produzidas pela LUCIA. Com efeito, nesse mesmo dia, quiçá instantes depois de expedir a sua carta de felicitações a Clotilde, Augusto Comte lia a confirmação do insucesso dos esforços que o logicista e Grote tinhão envidado para obter-lhe dicipulos. Na mesma carta, Stuart Mill sugeria-lhe a idéia da colaboração em revistas inglezas. O proprio Mill, Bain, *ou* Lewes traduzirião os artigos do Filozofo...

XII

O acazo faz os parentes, mas só o coração faz os amigos.

(Carta de Mme. Marie a Clotilde.)

A LUCIA veio consolidar definitivamente a nobre paixão que Clotilde inspirára ao nosso Mestre. Ele ali tinha ao mesmo tempo a demonstração irrefutavel da supremacia

do sentimento sobre o espirito e da preeminencia da Mulher sobre o homem. A harmonia entre a sua vida intima e a sua missão publica estava pois irrevogavelmente instituida. Só lhe restava completar e sistematizar com as luzes teoricas as sublimes inspirações da sua Bem-Amada, auxiliando-a no dezempenho de sua nobre carreira. E, em troca desse concurso, só ambicionava tornar-se digno de merecer o maximo afeto que o estado do coração dela lhe permitisse.

Foi no meio de tão santo jubilo, avivado pela segunda leitura da LUCIA, que Augusto Comte recebeu, dois dias depois, o seguinte bilhete de Clotilde :

Vigezima carta

Mercuridia de manhan 25 de Junho de 1845.

Eis-nos chegados ao terrivel momento, Senhor. A minha cunhada está com dôres desde hontem ás cinco horas da tarde; o medico receia que tudo não esteja ainda acabado esta manhan. Não queremos que vos arrisqueis a nos achar todos no ar esta noite. É de esperar que seremos um de mais Venerdia, e que tereis a bondade de trazer-nos os vossos cumprimentos por isso.

Recebei de novo a invariavel segurança de todos os nossos bons sentimentos.

C. DE VAUX.

Similhante noticia era tanto mais comovente quanto, alem de todos os sentimentos que tal situação desperta em qualquer alma humana, os mais intimos afetos do Filozofo estavão em jogo nesse cazo. A sua emoção transparece bem na seguinte resposta :

Vigezima-primeira carta

Mercuridia a tarde 25 de Junho de 1845 (6 hs.)

Em tão grande crize, que deve sobremodo afastar-vos de escrever, fiquei muito comovido, minha cara amiga, pelo vosso apressuramento em anunciar-me aquilo que eu aguardava com um mixto de esperança e anciedade. No intuito de ter noticias sem incomodar-vos mais, mando a minha criada para colher, como ela é bem capaz, exatas

haver a Autora mimozeado com a prévia comunicação do seu tocante manuscrito.

Com o tato peculiar á mulher que bem conhece o amor de que é objeto, Clotilde percebeu as aprehensões do enternecido Filozofo. Mas esse conhecimento mesmo devia fazer-lhe dominar a emoção que elas vinhão juntar ás suas inquietudes... A gracioza alegação da inconveniencia de distrahí-lo das suas eminentes locubrações bastava para explicar a sua modesta rezerva... Já não erão poucas as luzes que dele recebia nas preciozas vizitas com que tinha a gentileza de distinguir os seus...

Por mais naturais que fossem tais motivos, eles oferecião ao nosso Mestre o ensejo de assinalar o carater simpatico da nova doutrina... Com o comovente acento das suas profundas convicções, era natural que procurasse realçar então a importancia capital da cultura afetiva que para Ele rezultava da convivencia social, e especialmente feminina... Havia assimilado o conjunto dos pensamentos humanos, e pensava ter tido a felicidade de os enfeixar numa filozofia definitiva. Cumpria-lhe agora aplicá-los á inteira sistematização da existencia social, nos seus multiplos aspetos, domesticos, civicos, e planetarios. Para isso, era indispensavel que o gozo habitual dos melhores sentimentos, mediante o trato frequente das almas dignas, garantissem nele o surto contínuo da sociabilidade, principio supremo da regeneração politica e moral.

Demais, os titulos especiais da amizade que o Filozofo votava á Familia Marie erão bastantes para evidenciar quanto Ele sentir-se-ia feliz de poder prestar a Clotilde uma assistencia estetica não menos comovente do que a direção sientifica que Maximilien lhe reconhecia. Devia, pois, dezejar que, para o futuro, os mesmos escrupulos não o privassem de retribuir, embora imperfeitamente, os imensos beneficios que de tão nobres relações havia já alcançado.

A sinceridade das expansões do nosso Mestre provocavão uma confiante admiração. Entretanto, as suas afetuozas exprobrações aumentavão porventura o enleio de Clotilde e as delicadas aprehensões da Familia Marie. As opiniões teoricas em voga induzião a pensar que não era licito abuzar da benevolencia do Filozofo, ocupando-o com escritos que não tinhão o alcance dos estudos a que se entregava Maximilien. Tais opiniões não erão partilhadas por Au-

gusto Comte. Na sua acensão filozofica, Ele já havia suspeitado que a missão normal da siencia não era com certeza superior á da arte, e que nem as meditações de Aristoteles exigião mais força mental do que as construções de Dante. Acabára mesmo por presentir que, no futuro, o genio teorico se fundiria no éstro poetico para constituir o estado definitivo da razão humana.

As dispozições morais do Mestre o induzião assim espontaneamente a aproveitar o ensejo que se lhe oferecia para realçar todos esses rezultados das suas meditações. Mas era natural que as suas palavras fossem em parte atribuidas a uma sincera gentileza; tão sorprendentes devião parecer similhantes conceitos emitidos justamente pelo Fundador da Filozofia Pozitiva. Ele seria pois levado a dezenvolver e completar o seu pensamento, afirmando a analogia fundamental entre todas as especies de preeminencias. Tudo lhe fazia esperar agora que a constituição da verdadeira teoria cerebral permitiria dissipar um dia qualquer hezitação a tal respeito.

« Si bem que o genio filozofico e o genio poetico não pudessem nunca achar simultaneamente altos destinos, a natureza intelectual de ambos era contudo identica. Aristoteles teria sido um grande poeta e Dante um filozofo eminente, si a situação historica houvesse sido menos sientifica para um e menos estetica para o outro. Todas as distinções escolasticas a tal respeito tinhão sido imaginadas e sustentadas por pedantes que, não possuindo nenhuma especie de genio, nem siquer sabião apreciar o genio alheio. A superioridade mental era sempre similhante entre as diferentes carreiras humanas: a escolha era determinada pela sua situação, sobretudo historica; porquanto a especie domina sempre o individuo. » *

A profundeza e a novidade de similhantes considerações devião cauzar um sorprendente entuziasmo nos que rodeiavão o Filozofo. Quanto a Clotilde especialmente, não podia deixar de encontrar nelas um encantador atrativo, vendo assim realçada a dignidade dos praticos vulgarmente menoscabados pelos teoristas. Porque d'ahi rezultavão logo irrecuzaveis fundamentos para julgar do verdadeiro merito daqueles que, como o seu carinhozo Pai, tinhão se devotado a profissões que parecião apenas capazes de evidenciar as qualidades ativas.

* Catecismo Pozitivista, 1ª edição brazileira, p. 82.

O cotejo dest'arte estabelecido entre a siencia e a poezia conduzia naturalmente a falar dos trabalhos de Gall. E parece que foi isso que deu ensejo ao nosso Mestre para estimular Mme Marie a ler a obra em que o imortal fundador da fiziologia cerebral expôz a sua doutrina abstrahindo dos detalhes anatomicos. Por outro lado, a ocazião era por demais propicia para aludir ás melhores produções do genio feminino, assinalando em cordial abandono as suas qualidades e defeitos. A situação levava mesmo naturalmente a mencionar de modo especial o incomparavel opusculo postumo de Sofia Germain. Veremos em breve o Filozofo remeter a Clotilde diversos volumes sobre os quais conjeturamos que se entretivera nessa tarde angelica.

Depois que separou-se de Clotilde começou outra vez Augusto Comte a imergir-se insensivelmente nas alarmantes dispozições provocadas pela inesperada publicação. Porem as recordações vivas que trazia do seu trato encantador não consentião que Ele percebesse toda a amargura das suas inquietudes. Embalde as suas prevenções filozoficas, oriundas da falta de preparação teorica da egregia Dama, tentavão povoar-lhe a mente com as mais tristes perspetivas. O seu amor contrapunha-lhes docemente as sedutoras imagens que a Ela se prendião e fazia sumirem-se em tropel as agoureiras fantazias. Não sabia de que modo Clotilde teria evitado os escolhos do perigozo tema; mas os votos do seu coração arrastavão-no a admitir que Ela havia sido prezervada de qualquer desvio grave pelos dotes espontaneos da sua alma ecepcional. E o acendente dessas contraditorias emoções era involuntariamente favoneado pela influencia, mais ou menos simpatica, dos lugares por onde ia passando...

A sucessão dos seus pensamentos o conduzião assim talvez a pensar no termo que a leitura da LUCIA imprimiria brevemente á perplexidade em que se achava, quando chegou á margem do Sena. Ali as sugestões do seu altruismo, exaltadas pelas reminiscencias do culto feminino, que a sagrada correnteza conduzia suavemente para o Templo cavalheiresco, devião arroubar a sua mente em direção oposta. A sua escrupuloza lealdade revolta-se quiçá contra a idéia de um exame precipitado, como si a sua anciedade fôra uma quebra na confiança que lhe inspirava a Dama da sua adoração. Cumpria-lhe, sem duvida, perscrutar os segredos daquela alma idolatrada, afim

de poder melhor votar-se ao seu serviço. Devia, porem, fazê-lo com o religiozo respeito de quem penetra em um sacrario, e não com a suspeitoza curiozidade de um profano. Um devotamento dezinteressado a Clotilde apenas requeria que o Filozofo não demorasse alem do proximo Mercuridia a meditação da tocante novela. Porque, antes desse dia, não esperava tornar a ver a nobre Eleita do seu coração, e nem era licito encontrar-se com Ela sem estar a par de um fato que tanto afetava o futuro dela.

Forão, talvez, cavalheirescas reflexões dessa ordem que determinárão o nosso Mestre a adiar a leitura da LUCIA, até que se achasse assás libertado de qualquer inquietude acerca do seu alcance moral. Aplicar-se-ia, no intervalo de que dispunha, a melhor compenetrar-se da natureza de Clotilde. Nutria a esperança de descobrir nos dados que já possuia elementos suficientes para a perfeita tranquilidade sem a qual lhe seria dolorozo contemplar a suave idealização da sua Bem-Amada.

O terno Pensador entrou em caza porventura já com essa rezolução tomada. Ao enfrentar com o *altar* da suave Dama, envolto na meia sombra da modesta sala, a lembrança da vespera da Santa Clotilde devia exaltar esse amorozo enleio. Como naquele angelico momento, inesperadamente ouviria resoarem as palavras do seu afetuozo agradecimento pela *Epistola* com que a surprehendêra. Dir-se-ia que a magnanima Senhora ali estava testemunhando-lhe o seu graciozo reconhecimento pelo novo rasgo de gentileza do cavalheiresco Filozofo...

XI

> *Viver para outrem* — Eis a verdadeira felicidade, como o verdadeiro dever, só tu me ensinaste a fundir as suas fórmulas.
>
> (AUGUSTO COMTE — *Orações*.)

Talvez, pois, que o nosso Mestre não se sentisse até o Lunedia seguinte 23 de Junho em convenientes dispozições morais para efetuar uma leitura que devia cauzar-lhe fatalmente profundas emoções. Ou talvez não houvessem as suas ocupações e os incidentes imprevistos da sua vida lhe proporcionado antes outras horas oportunas para tal. O fato é que Ele só pôde consagrar-se á LUCIA na manhan desse dia... Com que terriveis aprehensões não percorreu

porventura as colunas do *Nacional*, apezar das confiantes sugestões do seu amor! Desde o principio, porem, as duvidas que o salteavão se forão dissipando, e em breve as lagrimas lhe rebentavão dos olhos, não de dôr, pelos desvios da sua idolatrada Clotilde, mas de uma adoração entuziastica que nunca imaginára. E um sentimento crecente de espanto e de jubilo pela sublime grandeza moral e o profundo genio revelado nessa tocante novela foi se apoderando dele até ao fim da pungente narrativa. Tudo nos induz a crer mesmo que, ajoelhado aos pés da imagem ideal da sua angelica Inspiradora, o amorozo Reformador assistiu ao martirio sublime da suave heroina, tornado ainda mais comovente pelo dezesperado sacrificio do seu nobre adorador. Foi ainda sob o influxo dessas impressões que Ele dirigiu a Clotilde a seguinte carta, na qual o estado das suas relações com a egregia Dama mal lhe permitia pintar a nobre exaltação que Ela acabava de produzir-lhe.

Decima-oitava carta

Lunedia 23 de Junho de 1845 (meio-dia).

Não posso rezistir, minha cara amiga, á necessidade de agradecer-vos imediatamente as doces lagrimas que acaba de fazer-me derramar a encantadora novela que vos exprobrei de não me haverdes concedido a graça de conhecer antes do publico. Os sentimentos e as idéias que ela exprime, parecêrão-me igualmente dignos de vós, sem deixar-me siquer perceber os erros tipograficos que vos chocavão tanto Venerdia. É-me bem doce, asseguro-vos, poder, a todos os respeitos, felicitar-vos tão sinceramente por tal estréia. Sem fazer-me lamentar os afetuozos conselhos da minha ultima carta sobre o conjunto da vossa existencia literaria, esse primeiro trabalho indica-me até que ponto as vossas proprias dispozições concordão espontaneamente com os votos da minha amizade, sobretudo quanto ao vosso escrupulozo respeito continuo dos verdadeiros principios sociais.

Começais a conhecer assás o espirito sempre criteriozamente relativo da minha filozofia, e a repugnancia radical do pozitivismo por toda regra estritamente absoluta, para sentirdes já que, apezar da minha reprovação arrazoada do divorcio, eu não poderia extender de modo algum a indissolubilidade regular do cazamento até ao cazo extremo

que já o bem carat erizastes, e em relação ao qual o proprio principio catolico, no tempo do seu pleno acendente social, isto é, durante a idade-média, havia consagrado uma rezerva especial. E' assim que, em uma outra ordem de relações, o indispensavel preceito de respeitar constantemente a verdade não impede de modo algum a san moral de excuzar, ou mesmo de louvar, por ecção, certas mentiras determinadas. [1]

Em todas essas anomalias, a moral pozitiva mostrar-se-á especialmente superior á moral teologica, em que a sua natureza relativa lhe permitirá melhor adaptar-se a essas modificações eccepcionais, sem alterar todavia a justa rigidez das suas regras habituais. Si conheceis, como prezumo, a admiravel *Prizão de Edimburgo* de Walter Scott, tereis ahi notado como o poeta apreciou com felicidade a fatal impossibilidade em que se achava colocada Jeannie Deans, pelo carater puramente religiozo [2] das suas convicções morais, de fazer, sem expôr-se a si propria a uma desmoralização total, a falsa declaração que teria prezervado logo a sua irman de uma barbara legalidade, ao passo que uma educação razoavel teria autorizado essa piedoza mentira, deixando inteiramente intacto o habito da verdade.

Adeus, e ainda uma vez obrigado: até depois d'amanhan á tarde.

Todo vosso

AUG^{TE} COMTE.

Para bem aquilatar-se das emoções por que então passava o nosso Mestre, seja-nos licito reproduzir as reflexões que, sobre a tocante novela de Clotilde, aprezentamos no nosso opusculo anterior.

O conjunto da moral pozitiva acha-se condensado esteticamente nas linhas que precedem. Uma mulher bela e de rara inteligencia, emancipada das iluzões sobrenaturais; descrente da bem-aventurança celeste, como dos terrores do inferno; experimentada pelos mais crueis infortunios;

[1] No CATECISMO POZITIVISTA o nosso Mestre recorda, a propozito mesmo do divorcio, que Santo Agostinho, superando, pela sua propria razão, o genio necessariamente absoluto da sua doutrina teologica, já havia sentido esse *relativismo* das leis morais. Com efeito, na sua obra — *A Cidade de Deus*, livro I, Cap. XXI, — o grande doutor da Igreja Catolica mostra que o homicidio póde ser *eccepcionalmente* justificado e até louvado, citando como exemplo o sacrificio de Abrahão. — R. T. M.

[2] *Religiozo* é aqui sinonimo de *teologico*. — R. T. M.

posta na situação mais apropriada para sublevar os mais energicos dos seus instintos egoistas; proclama ahi que a felicidade consiste na *dedicação*. E não é da dedicação parcial a um certo individuo, a uma certa familia, a uma certa patria que Ela faz depender a felicidade; é do devotamento a todos. « *Eles são felizes; mas é porque a sua felicidade a ninguem aflige nem ofende.— Que prazeres podem exceder aos da dedicação?* » Ela concebe o devotamento com a maxima abnegação, com inteiro esquecimento de si: « *Essa nobre mulher seria mãi como é amante. Os sacrificios que aceitaria valentemente para si, ela sofre com o pensamento de os legar aos seus filhos.— E' indigno dos grandes corações derramarem as perturbações que sentem.* »

Foi tudo isso que o nosso Mestre rezumiu na fórmula — *viver para outrem;* — mas os trechos que precedem patenteião que Ele limitou-se então a condensar, num enunciado filozofico, a identificação da *felicidade* com o *dever*, que Clotilde descobrira no decurso do seu malogrado amor. Quanto esta lei se distancia do principio que, para as melhores almas ocidentais, ainda constituia o supremo ideal da moral, — *amar o proximo como a si mesmo!*

O nosso Mestre cingiu-se, pois, aos ditames da escrupuloza retidão de que sempre deu provas, quando proclamou que a gloria de similhante descoberta revertia á sua imaculada Inspiradora. Foi ainda em virtude da mesma nobreza de sentimentos que, no CATECISMO, Ele atribúi a Clotilde o confronto do preceito pozitivista com os principios que até então tinhão rezumido a moral, e especialmente com a maxima catolica.

Mas a elaboração moral de Clotilde não se limitou a esse apanhado sintetico. Ela abordou o problema supremo no cazo mais complicado, e formulou precizamente a solução que ele comporta. Assim, Ela assinalou a ligação da felicidade individual com a existencia social: « *derramareis sobre a sociedade as torrentes de devotamento e de amor que existem em vós.— Todos os sentimentos generozos são deliciozos de experimentar-se. Que destino é ao mesmo tempo maior e mais doce do que o do homem util?* — E ainda mais, Ela patenteou a subordinação da felicidade individual ao conjunto das instituições sociais, cuja santidade proclamou:

« *É em vão que a nossa desgraça nos impeliria a levantarmo-nos contra a sociedade; as suas instituições são grandes e respeitaveis como o lobor do tempo. — Confessei-lhe que não me sentia nem assás alto nem assás baixo para arrostar a opinião, e que ser-me-ia doce poder rodear o nosso amor do respeito das familias honestas.* »

No meio das aberrações contemporaneas, Ela apanhou os caracteres fundamentais da existencia social. Ela percebeu que só na familia é que se póde achar normalmente a felicidade. Os preconceitos catolicos e metafizicos acerca da nobreza do celibato, bem como as divagações delirantes do romantismo sobre o amor livre, não conseguem perturbá-la: — *Conheço a vossa alma; jamais acharieis a felicidade no izolamento.* Ela sente assim que o tipo da verdadeira amizade só existe na união conjugal. Ao mesmo tempo constata sem hezitação o papel normal da mulher e a *sublimidade* da sua função:

« O verdadeiro papel da mulher não é dar ao homem os cuidados e as doçuras do lar domestico, e receber dele em troca todos os meios de existencia que o trabalho proporciona? *Prefiro ver uma mãi de familia pouco abastada lavar a roupa dos seus filhos a vê-la consumir a sua vida para espalhar fóra de caza os produtos da sua inteligencia.*

« Quizera não sómente que as mulheres achassem nos seus pais, irmãos, e espozos apoios naturais; mas que, tais apoios vindo a faltar-lhes, elas fossem sustentadas pelos governos.

« É atentando contra a felicidade modesta e verdadeira da mulher que as leis a impelem para fóra da sua esfera e lhe fazem por vezes *menosprezar o seu destino sublime*. Henriqueta, *que prazeres podem eceder aos da dedicação?* Cercar de bem estar o homem que se ama, ser boa e simples na familia, digna e afavel para com os de fóra, não é esse o *nosso mais doce papel e o que melhor nos assenta?* »

Mas Ela comprehende igualmente a *relatividade* das grandes leis morais que acaba de proclamar. Depois de preconizar a sublimidade da missão da mulher agindo sobre a sociedade atravez da Familia, Ela acrecenta: « Ecetuo, bem entendido, a mulher eminente que o seu genio impele para fóra das esferas da familia. Essa deve

achar na sociedade o seu livre surto; porque a manifestação é o verdadeiro facho das inteligencias superiores. »

Viu-se igualmente que Ela caraterizou a unica eceção que, com justiça, comporta a indissolubilidade geral do cazamento.

Todas estas concluzões forão sistematizadas pela moral pozitiva.

E' precizo, pois, ter o coração empedernido pelo materialismo academico e o espirito obsecado pela enfatuação pedantocratica, para ouzar contestar os juizos que, sobre Clotilde, se achão nos diversos textos do nosso Mestre. Havemos de encontrá-los no decurso deste volume; parece-nos entretanto util mencionar desde já aqui os seguintes:

Na sua *Confissão* de 25 de Junho de 1848, o nosso Mestre dizia:

« . . . A tua celebração seria assegurada, si alguma mulher de elite pudesse hoje afastar assás toda verdadeira rivalidade para caraterizar dignamente a tua aptidão *mental e moral a constituir o melhor tipo feminino.* As exigencias essenciais do novo culto fizerão-me procurar com candura, no conjunto do passado, uma verdadeira personificação da mulher. Mas a minha consiencia sacerdotal fez-me sempre voltar para ti. *Não pude achar alhures essa plena harmonia entre o coração e o espirito que emprestaste á tua tocante Lucia.*

. . . .

« Que outra mulher celebre ofereceria esse mixto admiravel de abandono e de dignidade, essa perfeita pureza izenta de toda secura? Mas enquanto fôr eu o unico a proclamar a tua ecelencia, explicarão pelo amor uma apreciação emanada sobretudo da justiça, e na qual a nossa união só intervem como tendo me permitido conhecer-te melhor. Espero entretanto que os corações ternos e os espiritos delicados sentirão o *profundo merito intelectual e moral* da tua unica publicação estetica. Reproduzida como complemento da minha cara dedicatoria, após a compozição ecepcional [1] que começou a nova faze do pozitivismo, e seguida da tua suave *canzone*, [2] ela manifestará, sem duvida, a *intima justeza* dos meus elogios. O cotejo invo-

1 CARTA SOBRE A COMEMORAÇÃO SOCIAL, que já transcrevemos.—R.T.M.

2 A poezia de Clotilde que tem por titulo: *Os pensamentos de uma flor,* e que se verá mais adiante.— R. T. M.

luntario desse feliz preambulo com a obra capital * que ele ha de inaugurar poderá determinar *uma séria apreciação da parte espontanea que te atribuí a minha consiencioza gratidão na minha sistematização final.* (VOLUME SAGRADO, ps. 132-133.)

Na sua *Confissão* de 31 de Maio de 1849 (11 de S. Paulo de 61) Ele acrecentava:

« ... Embora o teu surto inicial tenha sido tão fatalmente quebrado, ele deixou traços que, *mesmo sem o meu testemunho*, permitem apreciar em ti um conjunto, *talvez incomparavel*, das principais qualidades do teu sexo, tanto pelo espirito como pelo coração. » (*Ibidem*, p. 138.)

Enfim, na sua ultima *Confissão*, o nosso Mestre exarava este juizo definitivo:

« A medida que se vai instalando a religião cuja fundação a Posteridade atribuirá tanto a ti como a mim, sinto até que ponto tu serias agora precioza ao pozitivismo em relação ao qual a necessidade de uma digna pena feminina torna-se hoje preponderante. Seja qual fôr a minha esperança de encontrar-te, a este respeito, nobres suplentes, o conjunto delas jamais poderá equivaler ao que eu via espontaneamente reunido em ti. Tu foste, sem o saber, como o digo todos os Martedias, a mulher mais eminente, pelo coração, espirito, e mesmo carater, que a historia universal aprezentou-me até aqui. O porvir parece-me dificilmente sucetivel de um tipo melhor.» (*Ibidem*, p. 239.)

Apenas acrecentaremos, como o rezumo do que precede, que embalde uma digna alma procuraria, no SISTEMA DE FILOZOFIA POZITIVA, a regra de conduta para o mais delicado problema da existencia moral. Entretanto que a LUCIA forneceu o modelo supremo cuja simples imitação bastaria eternamente para realizar a mais perfeita santidade. De sorte que se comprehende porque o nosso Mestre, na sua ultima *Confissão*, proclamava que a Posteridade atribuiria a *fundação do Pozitivismo* tanto á sua imaculada e terna Inspiradora como a si proprio. No futuro, reconhecida a identidade filozofica fundamental entre a elaboração poetica e o trabalho sientifico, a LUCIA ocupará porventura teoricamente um lugar mais eminente do que toda a elaboração peculiar á primeira vida do nosso Mestre, como concernindo *leis* mais importantes e mais dificeis.

* POLITICA POZITIVA. — R. T. M.

Clotilde respondeu afetuozamente ao terno Pensador, na mesma tarde :

Decima-nona carta

Lunedia á tarde 23 de Junho de 1845

Ia tomar a pena para participar-vos todas as minhas pequeninas venturas, quando recebi a vossa amavel carta, Senhor. *O Nacional* fez-me uma linda oferenda em troca da infortunada Lucia ; e espero que o seu irmão mais moço receberá o mesmo acolhimento. É um duplo prazer para mim ser bem sucedida, porque os meus pais não são ricos e são bem bons.

Agradeço-vos pois sinceramente o haverdes vos associado de coração á minha alegria, Senhor Comte. *O Nacional* censurou-me muito por ter tratado tão rapidamente o grande assunto em questão : mas quiz caminhar segundo as minhas poucas forças ; o habito me virá em auxilio para adiante.

Até Mercuridia, como dizeis, Senhor ; regozijo-me com a esperança de que passais agora bem, e que sois tão feliz quanto se póde ser neste pobre mundo (seja dito sem prejuizo para a filozofia.)

Recebei a segurança dos meus melhores sentimentos.

CLOTILDE DE V.

Estas palavras cordiais vierão talvez libertar o cavalheiresco Pensador das maguas com que uma carta de Stuart Mill perturbára as santas impressões produzidas pela LUCIA. Com efeito, nesse mesmo dia, quiçá instantes depois de expedir a sua carta de felicitações a Clotilde, Augusto Comte lia a confirmação do insucesso dos esforços que o logicista e Grote tinhão envidado para obter-lhe dicipulos. Na mesma carta, Stuart Mill sugeria-lhe a idéia da colaboração em revistas inglezas. O proprio Mill, Bain, ou Lewes traduzirião os artigos do Filozofo...

XII

O acazo faz os parentes, mas só o coração faz os amigos.

(*Carta de Mme. Marie a Clotilde.*)

A LUCIA veio consolidar definitivamente a nobre paixão que Clotilde inspirára ao nosso Mestre. Ele ali tinha ao mesmo tempo a demonstração irrefutavel da supremacia

do sentimento sobre o espirito e da preeminencia da Mulher sobre o homem. A harmonia entre a sua vida intima e a sua missão publica estava pois irrevogavelmente instituida. Só lhe restava completar e sistematizar com as luzes teoricas as sublimes inspirações da sua Bem-Amada, auxiliando-a no dezempenho de sua nobre carreira. E, em troca desse concurso, só ambicionava tornar-se digno de merecer o maximo afeto que o estado do coração dela lhe permitisse.

Foi no meio de tão santo jubilo, avivado pela segunda leitura da LUCIA, que Augusto Comte recebeu, dois dias depois, o seguinte bilhete de Clotilde:

Vigezima carta

Mercuridia de manhan 25 de Junho de 1845.

Eis-nos chegados ao terrivel momento, Senhor. A minha cunhada está com dôres desde hontem ás cinco horas da tarde; o medico receia que tudo não esteja ainda acabado esta manhan. Não queremos que vos arrisqueis a nos achar todos no ar esta noite. É de esperar que seremos um de mais Venerdia, e que tereis a bondade de trazer-nos os vossos cumprimentos por isso.

Recebei de novo a invariavel segurança de todos os nossos bons sentimentos.

C. DE VAUX.

Similhante noticia era tanto mais comovente quanto, alem de todos os sentimentos que tal situação desperta em qualquer alma humana, os mais intimos afetos do Filozofo estavão em jogo nesse cazo. A sua emoção transparece bem na seguinte resposta:

Vigezima-primeira carta

Mercuridia a tarde 25 de Junho de 1845 (6 hs.)

Em tão grande crize, que deve sobremodo afastar-vos de escrever, fiquei muito comovido, minha cara amiga, pelo vosso apressuramento em anunciar-me aquilo que eu aguardava com um mixto de esperança e anciedade. No intuito de ter noticias sem incomodar-vos mais, mando a minha criada para colher, como ela é bem capaz, exatas

informações sobre o estado da interessante mãi, prematuramente exposta a uma terrivel provação, cujo desfecho penozamente aguardão o seu ecelente espozo e toda uma digna familia. Nenhum resaibo de amargura impedir-me-á, espero eu, de repetir em breve as doces palavras evangelicas: *Naceu-nos um filho a todos*.

O santo compromisso que aceitei, e no qual sou feliz da vossa associação, faz-se já sentir em mim. Desprovidos ambos de posteridade, não podemos, possuindo corações como os nossos, ver uma formalidade vulgar nessa sorte de paternidade voluntaria, cujos tocantes deveres estou pronto a preencher todos, seja qual fôr a extensão que possão adquirir jamais. Si o parentesco já vos convida especialmente a isso, eu sou tambem impelido a tal, não menos fortemente talvez, pela precizão das emoções domesticas, que, desde muito, faltão-me simultaneamente por todos os lados; ao passo que vós, pelo menos, no meio das vossas profundas aflições, achastes felizmente sempre a inapreciavel consolação que uma ecelente familia proporciona. Beijai, pois, cordialmente, em meu nome, o nosso comum pupilo, logo que o virdes.

As qualidades provadas da minha criada fazem-me pensar que ela póde utilmente secundar-vos todos em tal momento, em que não tendes a vosso alcance sinão uma noviça. Não hezito pois em rogar-vos que disponhais dela, a qualquer hora do dia ou da noite, como si ela estivesse diretamente no vosso serviço; ficai com ela desde essa tarde mesmo, si o julgardes a propozito. Sofia, a quem previno dessa missão, prestar-se-á a isso de muito bom grado, não sómente por dedicação para comigo, mas tambem em virtude da simpatia imediata que deve inspirar simillhante situação a toda digna mãi de familia, sobretudo tratando-se de pessoas que ela está habituada a respeitar.

Si não a retiverdes esta tarde, vo-la enviarei amanhan com a mesma intenção, e para obter novas informações sobre um cazo no qual o meu coração está tão interessado.

Devotadissimo amigo de todos vós
Ate COMTE.

No cazo de ser menino, lembro-vos que fixei-me nos prenomes *Paulo-Augusto-Carlos*: a vós compete a iniciativa si fôr menina.

P. S. Apezar da urgencia e da gravidade do cazo, não

posso abster-me de testemunhar-vos um novo reconhecimento pela vossa tocante *Lucia*, cuja segunda leitura esta manhan, comoveu-me ainda mais do que o fez, antehontem, a primeira. Rezervo-me para exprimir-vos, em tempo oportuno, as felicitações especiais merecidas pela fraze verdadeiramente admiravel na qual tão dignamente caraterizastes a verdadeira condição social das mulheres, segundo o principio filozofico que a minha obra tinha estabelecido, sem o saberdes, embora eu não tivesse tido ocazião de manifestá-lo com tamanha nitidez. Essas idéias e esses sentimentos fazem-me reconhecer com delicia até que ponto estais para sempre prezervada, minha nobre amiga, das funestas aberrações que a anarchia atual toma á velha metafizica grega sobre esse assunto fundamental.

No cazo de poder distrahir-vos, entrego a Sofia os quatro volumes que eu teria o prazer de levar-vos hoje á tarde: o tomo 1º de Gall é destinado á vossa ecelente mãi.

No dia seguinte 26 de Junho o carinhozo Filozofo tinha a alegria de contemplar o seu futuro afilhado, maravilhando a propria Mãi com a ecepcional ternura, de que esta até ali não suspeitára capaz um coração masculino. Esta vizita constituiu uma das *imagens normais* do culto intimo do nosso Mestre. E que sublimes recordações lhe trazia tal data! Foi só então que Ele pôde transmitir de viva voz a Clotilde a profundissima impressão que cada vez mais lhe cauzava a LUCIA. Quantas emoções venturozas confundião-se então naqueles egregios corações! Que berço recebeu jamais bençãos mais comoventes? Que amizade logrou nunca uma consagração mais sublime do que aquela que ali reunia o Filozofo á nobre Familia de sua idolatrada Inspiradora!

XIII

Não ha nada real no mundo sinão amar.
(MADAME DE STAEL- *Delfina*.)

Augusto Comte acabava porventura de chegar da rua Pavée quando uma outra carta de Stuart Mill veio arrancá-lo outra vez aos arroubos da sua felicidade, chamando-o

para as tristes preocupações da sua situação materíal. O Filozofo não tinha ainda respondido á precedente, que recebêra tres dias antes como dissemos. Nesta segunda carta, Stuart Mill propunha a Augusto Comte receber na sua caza como pensionista o futuro chimico Williamson, que contava então cerca de 21 anos, e acabava de receber as lições do celebre Liebig.

O nosso Mestre respondeu no dia seguinte a ambas as cartas, mostrando que não podia aceitar o projeto relativo a Williamson. Por duas vezes na sua vida, em 1825 e 1828, ensaiára tomar assim em pensão um joven estudante; depois de tres mezes de penoza experiencia fôra obrigado a renunciar a tal, por não poder amoldar o seu carater a essa admissão forçada de um estranho na sua vida domestica. Desde então prometêra a si mesmo não renovar por preço algum similhantes ensaios, e fosse qual fosse o rude oficio que se visse obrigado a substituir-lhes. Entre Ele e o joven Williamson não podia pois tratar-se sinão de altas lições particulares, sientificas ou filozoficas, segundo as condições estipuladas, ou de afetuozos conselhos especulativos, conforme os seus habitos inveterados para com todos os que lhe parecião dignos de tal solicitude, naturalmente corroborados, nesse cazo, pelo prazer de ser agradavel a Mill.

Aceitava, porem, a proposta da colaboração nas revistas inglezas, conquanto experimentasse extrema repugnancia em escrever nas diversas revistas ou jornais então existentes em França, quando mesmo o admitissem, o que era, no fundo, mais que duvidozo, « mesmo naquele em que dominava a influencia do seu quazi-amigo comum Armand Marrast, cuja pouca benevolencia efetiva para consigo o Filozofo tivera recentemente ensejo de constatar. » *

E a este propozito, o nosso Mestre aludia á eventualidade de ter de procurar na Inglaterra um refugio contra as perseguições dos demagogos, no cazo da mudança que parecia iminente, na situção politica da França, por morte de Luiz Filipe. O Filozofo nada receiava dos retrogrados, pelos quais acreditava que seria respeitado ou tolerado, como o fôra sob Villéla e sob Polignac, durante a *Restau-*

* Creio que trata-se das dificuldades que Marrast aprezentava em publicar no *Nacional* a SANTA CLOTILDE. — R. T. M.

ração, a sua atitude atual sendo exatamente a mesma que então. Os revolucionarios da escola de Voltaire, ou dos deistas progressivos, lhe serião sem duvida favoraveis. Mas não era provavel que o acendente deles prevalecesse no começo da crize, e sim a escola retrograda de Rousseau, da qual Robespirre constituia ainda o horrendo tipo. Nesta hipoteze a existencia de Augusto Comte estaria seriamente ameaçada, e o nosso Mestre acrecentava: «... não conteis que Marrast ouzasse nunca aventurar um só artigo contra o cadafalso, para o qual os deistas sistematicos me enviassem como ateu, segundo os principios e os antecedentes estabelecidos pelos seus corifeus.»

O nosso Mestre completava essas fraternais explicações acerca da sua situação pessoal, expondo confidencialmente a teoria pozitiva dos deveres dos ricos para com os filozofos. Ahi Ele mostrava que cumpria aos primeiros reparar as lacunas da ação dos governos a este respeito. Mas que, á vista da anarchia das opiniões e dos sentimentos, Ele não esperára jámais viver sinão mediante o exercicio legitimo de uma das profissões admitidas. Uma infame expoliação acabava de inutilizar os seus esforços nesse sentido, e foi então que recebeu o honrozo subsidio dos seus adherentes inglezes. E, dadas as circunstancias, sempre imaginou que tão generozo concurso seria mantido enquanto o exigisse uma situação angustioza que provavelmente não podia durar muito. De sorte que não lhe repugnava aceitar *por mais um ano* o prolongamento dessa especie de subsidio voluntario generozamente concedido pelos elementos espontaneos do novo poder temporal aos do novo poder espiritual.

Indicava em seguida as perturbações que a suspensão do subsidio ia determinar em uma elaboração filozofica cuja incomparavel importancia, nobremente reconhecida pelos seus patronos, tinha motivado a generoza intervenção. Tal situação pessoal lhe parecia tão confessavel e tão honroza para os seus patronos como para si, que estava decidido a declará-lo abertamente no prefacio da sua nova obra, mencionando os nomes desses dignos suplentes da ação publica, a menos que a modestia mal entendida deles lhe recuzasse a autorização para tal. Era-lhe quazi tão indiferente que o subsidio viesse de França ou da Inglaterra como que tivesse carater publico ou privado, pois que considerava-se igualmente concidadão em toda a extensão

do Ocidente. Ter-nos-iamos tornado menos liberais do que na idade-média, perguntava Ele, na qual se via sem espanto, os Anselmos, os Lanfrancs, os Lombards, os Tomas, os Albertos, etc. professarem indiferentemente ora na Italia, ora na Inglaterra, ora em França ou na Alemanha? Esse triste rezultado dos sentimentos estreitos inherentes ao negativismo atual não deveria pelo menos extender-se até as almas dignas de dirigirem o movimento humano.

Para corroborar o fundamento das dispozições com que recebêra o subsidio, mencionava que as suas esperanças erão partilhadas por todos os amigos a quem comunicára a nobre conduta dos seus dignos patronos. Entre estes citava Blainville e Littré. E conquanto John Austin não se tivesse explicado a este respeito tão abertamente, como Blainville e Littré, o nosso Mestre pensava poder indicá-lo como um inglez que não podia ter acreditado que a intervenção começada no ultimo ano fosse suprimida, sem motivo algum, no momento em que se tornava mais indispensavel.

« Insistindo sobre essas explicações delicadas, continuava Augusto Comte, o meu fim não é só evitar, si fôr possivel, uma perturbação material que vai estorvar em extremo uma elaboração muito bem iniciada, consagrando as minhas proximas férias, que serão talvez as ultimas, a procurar sobretudo recursos pessoais contra uma mizeria iminente. Alem dessa intenção, muito confessavel seguramente, conheceis-me bastante para não duvidar que eu quizera principalmente instituir aqui uma sorte de precedente espontaneo, que pudesse ser em seguida sistematicamente invocado para fazer sentir aos filozofos, de uma parte, e aos diversos opressores, da outra, que os trabalhos uteis e consienciozos, podem já contar com proteção suficiente, em um tempo no qual a opressão não tem mais eficacia habitual sinão sob fórma pecuniaria. É isso sobretudo que me faria ligar uma alta importancia á publicidade conveniente de tal conduta. Em todo cazo saberei sempre saldar pessoalmente, o eterno reconhecimento que merece da minha parte, o ato de que fui objeto, quando mesmo ele devesse sempre ficar assim incompleto; sómente ser-me-ia bem doce poder caraterizá-lo em toda a sua plenitude.

« Si essas intimas confidencias determinarem a vossa amizade fraternal a tentar um novo esforço, cuja oportu-

nidade só vós podeis bem julgar, espero que atribuais a vós mesmo todo o pensamento dele, reprezentando-me apenas como decidido a uma franca aceitação, destinada a tornar-se publica.»

O nosso Mestre concluia cumunicando a crize afetiva pela qual acabava de passar:

« Esta carta indispensavel tomou tamanha extensão, que sou forçado a adiar algumas explicações de interesse sobre uma grave molestia nervoza, determinada, sem duvida, pela primeira retomada da minha compozição filozofica, alguns dias depois da minha ultima carta (de 15 de Maio). A perturbação consistiu em insonias opinazes, com melancolia doce, porem intensa, e opressão profunda, longo tempo mesclada de uma extrema fraqueza. Tive de suspender quinze dias todos os meus deveres quotidianos, e ficar mesmo oito dias de cama. Porem as minhas precauções sustentadas circunscrevêrão sempre a molestia no seio do sistema nervozo, prevenindo, pela abstinencia, a febre e a irritação gastrica, de modo a dispensar-me inteiramente de chamar o meu medico, que está longe de entender como eu o governo do meu proprio aparelho cerebral. As vossas duas afetuozas cartas achárão-me em plena convalecença, sem que todavia *o sono tenha sido ainda recobrado suficientemente*. Embora a minha elaboração nacente tenha sido assim suspensa, e o deva ser por prudencia durante algum tempo ainda (as minhas férias vão começar inteiramente em meiados de Julho), o conjunto da minha compozição ganhou muito nesse periodo ecepcional, no qual a minha meditação estava longe de experimentar a atonia da minha motilidade; é sobretudo a este respeito que eu queria dar-vos interessantes detalhes, que não ficarão perdidos. De resto, a nova reforma fizica que acabo de ser conduzido a operar no meu regimen, diminuindo a minha alimentação a cerca da metade, *incluzive a inteira abstinencia* do vinho, melhorou muito o meu orgão fraco, o estomago, o que determina-me a perzistir nela. (CARTAS A STUART MILL, carta de 27 de Junho de 1845, ps. 327-341).

Um *post-scriptum* anunciava a penetração do pozitivismo na Holanda: os artigos de Littré tinhão sido reimpressos em brochura, em Utrecht, e a publicação parecia ter sido bem acolhida.

Tres dias depois desta carta, Augusto Comte remetia uma cópia da SANTA CLOTILDE para Stuart Mill ver si alguma revista ingleza a queria publicar.

Paris, Lunedia 30 de Junho de 1845.

Meu caro senhor Mill,

O vosso fraternal projeto, sobre o qual expliquei-me na minha longa carta de venerdia, quanto á minha proxima colaboração accessoria nas vossas revistas inglezas, fez-me pensar em dar-vos, pela exata cópia incluza, um conhecimento confidencial de um pequeno opusculo que tive ocazião de escrever, no começo deste mez, durante a primeira manhan que a molestia nervoza de que falei-vos permitiu-me passar fóra da cama.

Embora simplesmente rezervado a uma doce destinação privada, ele está todavia redigido de modo a comportar, sem o menor inconveniente, toda a publicidade que se quizer dar-lhe. Si o julgardes suctivel de ser inserido, em francez ou em inglez, em alguma *review* ou *magazine*, * etc., encarregar-me-ei de obter, para essa publicidade, o consentimento de Mme de V***, sem cuja aprovação formal não me julgo autorizado a tal publicação.

Seria talvez uma experiencia sociologica verdadeiramente interessante tentar essa inserção, quer se consiga, quer não. A teoria dispôr-me-ia a crer que serieis mais bem sucedido, a este respeito, com o vosso novo partido catolico, si ele já tem, como prezumo, um orgão especial: poderieis assim pôr á prova a estima e a cortezia que professa para conosco o doutor Ward. Todo jornal anglicano, ou mesmo dissidente, e sobretudo deista, teria mais repugnancia, parece-me, por esta publicação.

Reconhecereis facilmente que não se póde fazer na minha redação nenhuma modificação real sem alterar radicalmente a fizionomia geral dessa pequena compozição. Sómente, a revista que a inserisse poderia, em seguida, ajuntar todas as correções ou refutações que julgasse convenientes ao seu proprio matiz. Perzisto porem em crer que os catolicos, deprimidos no vosso paiz, estarião mais dispostos do que outros quaisquer a acolher um trabalho que rende especialmente ao passado deles uma franca justiça, embora anulando o seu porvir.

* Palavras inglezas que dezignão publicações periodicas a que damos em geral o nome de *revista*. R. T. M.

Os habitos do partido progressivo são, sem duvida, demaziado negativistas para que ele admitisse tal publicação.

Si essa inserção vos parecesse possivel, ela facilitar-me-ia muito a execução do vosso interessante projeto, medindo melhor a natureza e a extensão das comunicações secundarias a que eu poderia assim entregar-me, e que, desde então, tornar-se-ião muitissimo mais praticaveis e mais frequentes, do que se devessem sómente afetar trabalhos mais consideraveis ou mais especiais.

Em todo cazo, penso que essa leitura vos dará prazer, mostrando-vos como o pozitivismo póde já introduzir-se junto das mulheres, que devem, aos meus olhos, tanto concorrer para a sua propaganda, e mesmo para a sua instalação social. Essa epistola filozofica agiu profundamente, de uma maneira inequivoca, sobre a dama para quem a compuz; é verdade que é uma pessoa de uma natureza verdadeiramente eminente, tanto moralmente como mentalmente, e que eu creio destinada a merecer (não digo a adquirir) uma altissima reputação, embora seja até aqui desconhecida, salvo uma recentissima estréia literaria.

Porem, alem disso, outras senhoras, ás quais Mme. de V*** deu conhecimento desse pequeno escrito, ficárão tambem muito impressionadas com ele.

Conquanto a comunicação que vos faço refira-se essencialmente a vós, é escuzado dizer-vos que podeis extendê-la ás pessoas quaisquer que julgardes estritamente conveniente informar dela para determinar a publicação que vos proponho.

Si pensardes que o negativismo um pouco fanatico de Mme. Grote não deve inspirar-lhe nenhuma antipatia a esse respeito, sentir-me-ia feliz de poder fazer-lhe, pelo vosso intermedio, confidencia desse pequeno manuscrito; louvo-me inteiramente no que decidirdes sobre este ponto. *

No cazo, demaziado provavel, sem duvida, em que essa inserção não seja possivel, rogo-vos que tenhais a bondade de devolver-me o manuscrito logo que houverdes constatado suficientemente tal impossibilidade; a minha intenção é então que essa epistola fique confidencial entre Mme. de V*** e mim, segundo a sua destinação primitiva.

* Pela carta de 18 de Dezembro de 1845 vê-se que a familia Austin tinha partido, em Abril, para Carlsbad; cremos que por isso o nosso Mestre não teve ensejo de comunicar a SANTA CLOTILDE á Sarah Austin. — R. T. M.

Enfim, para prever tudo, no cazo de ter lugar a publicação, vos ficarei obrigado si tiverdes a bondade de recomendar ao jornal que faça tirar imediatamente á parte uma vintena de exemplares in-8º para as minhas proprias distribuições particulares.

Em virtude do meu habito dos calculos tipograficos, creio que esse opusculo conteria assim dez paginas ordinarias, de trinta-e-duas linhas com cincoenta letras por linha.

Todo vosso

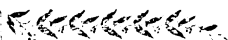
Ate COMTE.

O nosso Mestre passou a tarde desse dia na rua Pavée, e a angelica vizita constituiu uma das *imagens normais* do seu culto intimo. Que inefaveis emoções vierão assim encerrar o primeiro mez da pura felicidade que Ele alcançára afinal, após tantos anos de imerecidos sofrimentos!

CAPITULO SEGUNDO

JULHO — CONFIANÇA

I

> Eis agora chegada, graças a vós, a feliz reação pela qual as minhas afeições pessoais vão diretamente aperfeiçoar a minha atividade social.
>
> (32ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.)

A PAIXÃO de Augusto Comte dezenvolvia-se de dia para dia, tornando-se tanto mais profunda e mais pura quanto melhor a conviveneia com Clotilde e a meditação da LUCIA lhe permitião apreciar a preeminencia da sua santa Inspiradora. O conjunto da situação moral reagia, ao mesmo tempo, com uma eficacia crecente, sobre a sua elaboração filozofica. Assim, a sua qualidade de futuro padrinho do filho de Maximilien Marie o levava a meditar sobre os *sacramentos*. E na manhan do 1º de Julho Ele consignava o rezultado das suas doces locubrações em uma *carta filozofica* dirigida a Mme Maximilien Marie, para ser entregue depois do batismo do seu futuro afilhado.

II

> O meu coração vê finalmente em vós, na realidade prezente, uma perfeita amiga, e, nos meus sonhos de futuro, uma digna espoza.
>
> (22ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.)

Um passeio encantador * vinha na tarde do seguinte Mercuridia 2 de Julho fornecer uma outra *imagem eccepcional* para o seu culto intimo. Era quiçá a primeira vez que podia falar livremente com Clotilde. O Filozofo não

* VOLUME SAGRADO, p. 272.

teve entretanto ensejo para indicar de um modo completo a nova impressão que profundamente lhe produzíra uma terceira leitura da *admiravel* LUCIA. Só então concebêra a doloroza idéia de que a imensa desgraça domestica de Lucia dezignava essencialmente a fatal situação de Clotilde. Na manhan imediata escreveu pois uma carta na qual, manifestava delicadamente o dezejo de certificar-se da verdade. O que mais lhe importava porem era patentear as cavalheirescas reações que similhante suspeita exercêra sobre o seu incomparavel amor.

Vigezima-segunda carta

Jovedia de manhan 3 de Julho de 1845. (6 h.)

Não pude, minha cara amiga, achar hontem a tarde, mesmo durante o nosso encantador passeio, a ocazião de indicar-vos convenientemente a nova impressão que profundamente produziu-me uma terceira leitura da vossa admiravel *Lucia*. Foi sómente então que concebi uma doloroza idéia, que talvez devesse ter surgido ha mais tempo, e de que devo vos dar parte hoje. Embora muitas circunstancias principais da vossa tocante narrativa não possão, evidentemente, aplicar-se a vós-mesma, receio todavia que a imensa desgraça domestica de Lucia dezigne essencialmente a fatal situação de Clotilde. * Si assim fôr, dezejo, pela minha iniciativa atual, poupar-vos a penoza revelação direta de um cazo sobre o qual a nossa amizade não póde todavia sofrer nenhuma grave incerteza: o vosso simples silencio me bastará mesmo para confirmar a minha triste conjetura, si vos repugnar qualquer outro modo mais explicito. Nessa supozição demaziado verozimil, ficai bem certa, minha digna amiga, que não me chocastes em coiza alguma guardando até aqui para comigo, a tal respeito, uma rezerva tão natural. Quando livremente me honrastes com uma intima revelação, ainda mais dificil por ser mais pessoal, dissipastes previamente toda tendencia a explicar a vossa discrição atual por uma insuficiente confiança.

O que agora importa sobretudo ao meu coração, no cazo em que eu tenha advinhado demaziado bem, é convencer-vos especialmente, minha nobre amiga, que essa

* Vê-se por ahi que, até essa data, o nosso Mestre não conhecia exatamente o infortunio da sua idolatrada Inspiradora. — R. T. M.

doloroza descoberta torna ao mesmo tempo mais profundo e mais puro o apego que me inspirastes, juntando-lhe doravante a obrigação de saldar a minha propria parte da irrecuzavel divida que toda a sociedade contrahiu moralmente para convosco. Sem pretender de modo algum realizar o ideal do vosso brilhante Mauricio, ouzarei sempre rivalizar, mesmo com ele, pela plenitude e a constancia do meu devotamento, tornado aliás mais meritorio em virtude do conhecimento que a vossa eminente lealdade deu-me espontaneamente do verdadeiro estado prezente do vosso coração. Permití-me caraterizar hoje o conjunto dos meus verdadeiros sentimentos com o auxilio de uma supozição mais admissivel, declarando-vos aqui, com perfeita sinceridade, que, si um dia eu tornar-me livre, sinto-me rezolvido a jamais tomar outra espoza que não vós, salvo a ficar sempre izolado si não me aceitardes então. O meu coração vê pois finalmente em vós, na realidade atual, uma verdadeira amiga, e, nos meus sonhos de futuro, uma digna espoza. Sob um ou outro aspeto, julgar-me-eis, espero eu, haver suficientemente atingido á perduravel pureza que me prescrevestes sempre, e que deve agora dissipar em vós qualquer impressão anterior de pezar ou de alarma.

Adeus, minha carissima *Lucia;* pois me permitireis porventura atribuir-vos algumas vezes esse doce nome, que constituirá doravante entre nós um rezumo tão expressivo.

Todo vosso para sempre

A^{TE} COMTE.

Clotilde respondeu afetuozamente, na tarde do mesmo dia, porem sem afastar-se da sua piedoza rezerva:

Vigezima-terceira carta

Jovedia á tarde 3 de Julho de 1845.

Caro Senhor, quizera poder responder de uma maneira precisa á vossa carta desta manhan. Eu a reli muitas vezes com o empenho de penetrar os sentimentos que vo-la ditárão. Encontro nela, como em tudo quanto me vem da vossa parte, os testemunhos de uma afeição verdadeira. Mas é-me absolutamente impossivel comprehender-vos (perdoai-me a ingenuidade da minha confissão). Tenho por vós uma grande estima e um sincero apego: e, si me

achasse, de um dia para outro, na necessidade de pedir um serviço qualquer, creio que voltaria as minhas vistas para vós com confiança. Teria da mesma fórma o maior prazer em dar-vos provas pozitivas do meu interesse. Mas nada é misteriozo na minha situação, e nada mais tenho a confiar-vos sinão o que vos disse.

A minha precizão e o meu amor da independencia tornão bem pouco meritorios os pequenos sacrificios que a nossa pozição de fortuna me impõe. Virei, espero eu, a criar-me recursos pessoais; ahi está toda a minha ambição prezente e futura.

Quanto ao estado do meu coração, permiti-me que eu mesma não pense nele. Serei vossa amiga sempre, si o quizerdes; porem não serei nunca mais do que isso. Considerai-me como uma mulher que não se pertence, e estai bem convencido que ao lado das minhas dôres ha lugar para grandes afeições.

Disse-vos, desde o começo das nossas relações, dezejo que não vos ocazioneis nem perturbação nem sofrimento por minha cauza. Ninguem se compadece mais do que eu das tempestades do coração: mas elas quebrárão-me, e sou impotente diante delas.

Peço-vos em verdade perdão, caro Senhor, de enviar-vos tais garatujas. As situações falsas ou dobres me são impossiveis: quiz esclarecer o melhor que posso as vossas duvidas sobre mim.

Extendo-vos a mão bem sinceramente; vos sou ternamente devotada, e terei sempre prazer em proporcionar vos nas nossas relações toda a felicidade de que posso dispôr.

Vossa do coração

CLOTILDE DE V.

O Filozofo ficou penhoradissimo com esta tocante manifestação da nobre amizade que Clotilde lhe consagrava, e apressou-se em testemunhar-lhe o seu reconhecimento, antes do encontro que com Ela teria dentro em pouco.

Vigezima-quarta carta

Venerdia á tarde 4 de Julho de 1845 (3 h.)

Sinto, minha cara amiga, a necessidade de agradecer-vos imediatamente pela afetuoza carta que acabo de ler muitas vezes, e que me é bem precioza a diversos titulos. Ficando assim siente que a vossa propria situação não oferece

nenhum dolorozo misterio analogo á fatalidade domestica que atribui-tes á admiravel *Lucia*, não posso todavia lamentar os testemunhos especiais de respeitoza simpatia que a minha falsa conjetura inspirava-me hontem. O meu erro, demaziado natural para não ser excuzavel, permitiu-me pelo menos caraterizar, sem incorrer na vossa censura, a profundidade e a pureza da minha eterna afeição. Aceito, com respeitozo reconhecimento, a santa amizade cuja constante segurança vos dignais renovar-me, e sinto quanto ela importa á felicidade de toda a minha vida, mau grado a vossa irrevogavel rezolução de não ultrapassar nunca uma doce fraternidade. Rezignado doravante a contentar-me sempre com o que tiverdes a bondade de conceder-me, não receieis mais, cara Clotilde, nenhuma indiscreta solicitação. Teria eu podido mesmo, ha seis mezes, esperar, em tempo algum, essa felicidade restrita? É a mim, de resto, que cumpre regular o meu proprio coração tanto quanto puder, sem jamais murmurar contra os limites involuntarios, que, como vós o observais muito bem, não inhibem grandes afeições. É sempre tão doce amar, sejão quais possão ser o modo e o grau da reciprocidade! Esperemos pois, minha Clotilde, que esta sincera fraternidade embelezará todo o resto da nossa vida privada, ao mesmo tempo que aperfeiçoará, estou certo, o conjunto da nossa vida publica. Não podeis imaginar com que ventura acabo de ler o ingenuo testemunho direto da vossa adoravel dispozição a contar com o meu inteiro devotamento em qualquer eventualidade que pudesse comportar a minha intervenção. Quer se trate jamais de conselhos, de passos, de sacrificios, ou de quaisquer outros serviços, sou feliz e orgulho-me que me conheçais bastante agora para voltardes primeiro as vossas vistas para mim, que sentir-me-ei constantemente assás recompensado pela vossa fraternal confiança.

Todo vosso para sempre

Aug. COMTE.

Envio-vos esta rapida resposta pelo meu carregador * acostumado, afim de que a tenhais lido antes da nossa doce entrevista de familia.

* Não conhecemos palavra portugueza que melhor traduza a funcção dezignada pela palavra *commissionnaire*. Ela indica aqui os proletarios que se consagrão a fazer *carretos*, levar *recados*, etc., e aos quais de ordinario chamamos *carregadores*. — R. T. M.

III

Os meus embaraços materiais adquirírão, durante os ultimos mezes, um aspeto assás ameaçador para afetar-me, si eu não estivesse deliciozamente preocupado convosco.

(*32ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

E nesse doce enleio corrião os dias do nosso Mestre quando, a 10 de Julho, chegou a resposta de Stuart Mill ás suas duas ultimas cartas. Stuart Mill elogiava a SANTA CLOTILDE, considerando-a como muito apropriada para adoçar as prevenções das pessoas que, meio desprendidas das antigas idéias, ainda sentião-se prezas pela imaginação e pelas afeições á satisfação que o antigo sistema devia oferecer á parte moral e simpatica da nossa natureza. Mas por essas razões mesmo a julgava muito impropria ao publico inglez. Ele achava que, escrevendo para a Inglaterra, era precizo calar se absolutamente acerca da questão teologica, salvo os golpes indiretos nas crenças correspondentes. Era esta a unica restrição que Augusto Comte se devia impôr nos seus artigos.

Quanto á questão do subsidio, não pudera entender-se com Grote, porque, no dia mesmo em que esperára falar-lhe a tal respeito, ele víra-se na necessidade de partir para Kissigen, por cauza da saude de Mme. Grote. A sua pozição era muito mais delicada em relação a Molesworth, não só porque tinha sido, em parte, cauza de um consideravel prejuizo pecuniario que este tivera com a fundação de uma revista sob a sua direção, mas tambem porque as grandes despezas que Molesworth fizera com o cazamento, um ano atraz, já o tinhão impedido de contribuir com a soma que projetára. Fôra isto que obrigára Grote a aceitar o concurso de Raikes Currie. Grote era quem se tinha entendido sobretudo com Molesworth da outra vez, e parecia-lhe que, si fosse necessaria nova intervenção, ela se faria com mais vantagem pelo mesmo intermediario.

« ... De resto, concluia Stuart Mill, eis o que provavelmente dirião entre si esses senhores. Si acreditassem como certo que, em um tempo definido, e não por demais prolongado, obtivesseis quer uma reparação oficial, quer outros recursos equivalentes, não duvido nada que aqueles que vos ajudárão até aqui estarião dispostos a prolongar o seu socorro, para poupar-vos, quer a necessidade de alterar os vossos habitos permanentes por um motivo temporario,

quer o enfado e a perda de tempo que rezultarião de uma tentativa para obter recursos auxiliares, dos quais em breve não precizarieis mais. E' só a questão de tempo e do indefinido que poderia fazê-los hezitar. Acho pois que seria util que, sem dar nenhum passo junto deles, me dirigisseis uma carta destinada a ser-lhes mostrada, na qual me expuzesseis simplesmente, e como um avizo geral aos vossos amigos daqui, o que pensais sobre o vosso porvir pecuniario em França. Em consequencia da auzencia de M. Grote, nada se poderá fazer até uma epoca que aproximar-se-á muito do termo fatal de 1 de Setembro, mas si vos sobrevier por isso algum inconveniente, sabeis que em cazo de urgencia eu estou aqui.» (*Cartas de Stuart Mill a Augusto Comte*, ps. 449-450.)

IV

> Aqueles que trovejão todas as manhans contra os abuzos dos governantes são porventura desculpaveis quando fazem do seu proprio poder um uzo ainda mais imoral?
>
> (*130ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

Enquanto Augusto Comte lutava assim com os embaraços materiais rezultantes do seu devotamento filozofico, Clotilde experimentava as tristes vicissitudes inherentes á iniciante carreira literaria de uma mulher pobre e honesta. Em um dos dias da primeira quinzena de Julho, Marrast se aprezentára novamente na rua Payenne, e, voltando a falar da situação dela, insistíra nas opiniões que tinha antes emitido acerca da legitimidade de Clotilde contrahir novos vinculos. Clotilde, porem, mostrou-se pouco comunicativa; e esse retrahimento ainda mais aguçou a curiozidade do jornalista. A lembrança da SANTA CLOTILDE lhe atravessa a imaginação pervertida e estimula o ignobil ciume que Augusto Comte lhe inspirára. Mas não conseguindo vencer a rezerva de Clotilde, «ele pôz sobre o tapete a moral dos bastidores.» *

Clotilde conheceu então a vileza do sedutor; mas limitou-se a repelir a ignobil insinuação sem dar-se por ofendida. Muitos homens no lugar de Marrast terião feito o mesmo, pensou Ela consigo. Ele se limitára a armar-lhe

* VOLUME SAGRADO, ps. 466. Pareceu-nos que a melhor tradução da locução franceza *morale des boudoirs* era *moral dos bastidores*.— R. T. M.

laços viziveis... Era um homem leviano e com o qual não tinha que contar sinão a titulo de bom escritor...

Lamentou então ter se prevalecido com demaziado apressuramento da autorização que o nosso Mestre lhe havia dado de publicar a SANTA CLOTILDE. Fôra esse passo que fizera Marrast acreditar que o Filozofo o embaraçava nos seus calculos de pravados,ou era para Clotilde mais do que aquilo de que, junto do jornalista, Ela se tinha honrado de ser. [1]

Despeitado pela digna repulsa que obtivera, Marrast declarou formalmente que não faria a publicação da SANTA CLOTILDE. [2] Augusto Comte veio a saber desse desfecho provavelmente no Venerdia, 11 de Julho, por ocazião da sua vizita á Familia Marie. Mas ficou na ignorancia do dolorozo vexame pelo qual Clotilde passára, e de que esta só lhe falou, como ver-se-á, em fins de Dezembro de 1845.

V

O amor quer sempre pairar nas alturas e não se deixa prender por coizas infimas.

(TOMAZ DE KEMPIS. *Imitação*, L. 3, C. V.)

Pouco tempo depois, o nosso Mestre respondia a Stuart Mill :

Paris, Lunedia 14 de Julho de 1845.

MEU CARO SENHOR MILL,

Fiquei pouco sorprehendido por ver voltar tão depressa a minha *Santa Clotilde*, porque desconfiava bem que julgarieis que ela dificilmente conviria ao publico inglez. Porem felicitar-me-ei sempre de vô-la ter enviado,por cauza da feliz impressão que ela produziu em vós pessoalmente, e que ser-me-ia de um novo valor si tivesseis tido ensejo de experimentar o seu efeito sobre alguma dama convenientemente preparada.

Agradeço-vos muito a importancia eventual que crêdes dever ligar á publicação ingleza desse opusculo, no cazo muitissimo provavel, parece-me, e talvez proximo, como dizeis, a que aludis. Contai desde já, em geral, que vos rezervo esse pequeno manuscrito, afim de vô-lo remeter outra vez logo que m'o reclamardes; já adquiri indiretamente a certeza que Mme. de V*** autorizaria sem

1 VOLUME SAGRADO, p. 162.
2 Ibidem, p. 168.

dificuldade tal publicidade. A respeito do cazo hipotetico que vos fez exprimir o dezejo eventual de vê-la realizada, confesso-vos que dezejaria muito que tal debate publico se travasse prontamente e de um modo nitido; tomaria então a mim escrever uma carta publica sobre o ateismo, na qual dezenvolveria diretamente as diversas indicações que se achão incidentemente, sobre este assunto, em duas ou tres passagens da minha obra fundamental. É bem precizo acabar por se explicar a fundo sobre essas absurdas ou malevolas insinuações. Na realidade, o qualificativo de *ateus* não nos convem a nós sinão remontando estritamente á etimologia, o que é quazi sempre um modo viciozo de interpretação dos termos muito uzados, porque não temos verdadeiramente de comum com aqueles que se chamão assim sinão o fato de não acreditarmos em Deus, sem aliás partilhar de modo algum os seus vãos desvarios metafizicos sobre a origem do mundo ou do homem, e ainda menos as suas estreitas e perigozas tentativas para sistematizar a moral.

Si essa coincidencia puramente negativa bastasse para nos fazer racionalmente emparelhar com essa ordem de espiritos,seria quazi tão judiciozo chamar-nos tambem cristãos,porque concordamos com estes em não crer em Minerva ou Apolo. Assim,embora devamos historicamente encarar aqueles que se chamão ateus como sendo,com efeito,de todos os metafizicos os menos afastados do estado verdadeiramente pozitivo, * como o proclamei,devemos,creio eu, ligar hoje muita importancia a repelir comumente essa pretensa caraterização, fazendo resaltar em toda ocazião favoravel, publica ou mesmo privada, as diferenças radicais que separão evidentemente o verdadeiro pozitivismo sistematico desse simples negativismo provizorio.

Já tive ensejo,quanto a mim,de convencer confidencialmente varias pessoas de boa fé, e mesmo senhoras, que se póde hoje não crer em Deus sem ser todavia um ateu propriamente dito.

* Convem notar que nessa faze preliminar da sua evolução filozofica, o nosso Mestre, para caraterizar o estado pozitivo, abstraía da situação afetiva. Porem depois que consumou a sua obra, Ele reconheceu que tal estado era finalmente definido pela unidade religioza. Ora, esta dependendo sobretudo do acendente do altruismo, o grau de aproximação do estado pozitivo deve ser medido, não pelas opiniões dos individuos, acerca da concepção abstrata do mundo, mas pelas conclusões morais e politicas, quer teoricas, quer praticas, que de similhante concepção eles tirarem.—R. T. M.

Como util complemento da pequena experiencia sociologica relativa á publicação da minha *Santa Clotilde*, soube recentemente uma noticia que vos interessará por contraste com a impressão prezumida do vosso meio nacional. Mme. de V***, a quem eu autorizára a comunicar esse opusculo tanto quanto ela julgasse conveniente, foi, por zelo, sem que eu o soubesse, alem das minhas intenções reais tentando fazê-lo inserir no *Nacional*. Segundo o que ela acaba de informar-me, foi o nosso amigo Marrast quem anunciou-lhe formalmente a sua rezolução de recuzar essa publicação, sem que aliás tenha se dignado indicar-me ele proprio motivo algum, depois de ter guardado, creio eu, esse manuscrito durante mais de um mez.

Conquanto Marrast haja parecido muitissimo embaraçado a propozito dessa decizão, que eu teria aliás previsto, si o cazo me tivesse sido conhecido mais cedo, tenho todo o lugar de pensar que essa estranha recuza rezulta de antipatias de todo opostas áquelas que vos fizerão justamente prezumir a impossibilidade de uma aceitação ingleza; em uma palavra, creio bem que a minha epistola foi julgada, por esses senhores, muitissimo pouco revolucionaria e demaziado impregnada de um espirito de imparcial equidade filozofica para com o passado, sobretudo catolico. Esse pequeno fato parece-me pois muito proprio para verificar os principios, aliás irrecuzaveis, sobre a situação atual do pozitivismo, necessariamente quazi tão odiozo á metafizica negativa como á teologia retrograda.

Fiquei afetuozamente comovido com os vossos uteis conselhos e as vossas preciozas indicações sobre a natureza, o modo e as condições mentais dos trabalhos accessorios que eu poderei tentar para as revistas inglezas, e nos quais conto aproveitar muito desses diversos avizos fraternais. A vossa aprovação do meu projeto de artigos sobre a situação comparativa das siencias e dos sientistas nos dois meios terá muita influencia sobre a sua realização mais ou menos proxima. Segundo a vossa advertencia, renunciaria de bom grado a toda fórma epistolar, mas confesso que me repugnaria muito a formalidade de uma pretensa noticia critica, tanto mais quanto, pelos meus habitos quotidianos, eu ficaria muito embaraçado para dezencavar alguma obra recente capaz de fornecer-me tal pretexto. Não seria pois permitido aprezentar diretamente o verdadeiro titulo: *On the comparative situation etc.?* De resto,

passaria, nesse assunto, si o fôr absolutamente necessario, pela fórma que me indicasseis afinal.

A vista do vosso fraternal convite, dirijo-vos incluza uma carta comunicavel na qual limito-me a dezenvolver as diversas indicações principais que tive o ensejo de mandar-vos sucessivamente sobre a minha prezente situação pecuniaria.

Espero que essa carta parecer-vos-á suficiente para o uzo que dela contais fazer; mas, como ela não é realmente destinada sinão a secundar a vossa amigavel intervenção, é só a vós que compete julgar disso definitivamente. Si pois achardes algo de essencial a dezejar, não receieis m'a devolver sem cerimonia, afim de que eu possa completá-la ou modificá-la segundo as vossas intenções especiais; foi sobretudo para esse fim que a escrevi desde hoje, embora deva concluir do que me mandais dizer que ela não vos servirá talvez de nada antes de algumas semanas.

Junto tambem a esta carta um bilhete aberto para M. Raikes Currie. Em Fevereiro ultimo M. Grote me tinha falado, é verdade, de um terceiro cooperador, mas sem o nomear, o que me havia reduzido, na minha resposta, a pedir-lhe que transmitisse ele mesmo os meus agradecimentos; sem indagar si ele pensou em tal, cri, agora que me dezignastes esse novo patrono, que lhe devia especialmente algumas palavras, um pouco tardias, de sincera gratidão. Peço-vos pois que tenhais a bondade de fazer-lhe chegar, fechado, esse bilhete, a menos que a sua leitura prévia vos fizesse perceber nele algum inconveniente; nesse cazo, pouco provavel, rogo-vos que m'o devolvais com as advertencias que a minha ignorancia das fórmalidades inglezas puder tornar necessarias.

A partir de hoje acho-me em plenas férias, pelo menos não contando o meu curso dos domingos, que só acabará a 10 de Agosto.

A minha saude não está ainda completamente restabelecida, sobretudo no que concerne o sono. Todavia, empregando esta primeira semana excluzivamente a tratar-me, como o posso fazer doravante, espero poder enfim retomar, no curso da semana proxima, a grande elaboração que esta molestia nervoza forçou-me a interromper desde o começo ha dois mezes. O momento parece-me pois oportuno para indicar-vos rapidamente, como o tinha prometido a mim mesmo na minha ultima carta, o principal

carater do melhoramento radical operado no conjunto dessa nova obra durante o curso muito ativo dessa singular suspensão involuntaria.

Essa meditação ecepcional conduziu-me a constatar nitidamente que *a segunda metade da minha vida filozofica deve notavelmente diferir da primeira, sobretudo em que o sentimento deve tomar nela uma parte, sinão ostensiva, pelo menos real, tão grande como a da inteligencia.* A grande sistematização rezervada ao nosso seculo deve, com efeito, abraçar tanto o conjunto dos sentimentos como o das idéias. Na verdade, erão estas que cumpria primeiro sistematizar, sob pena de falhar a regeneração total cahindo em uma sorte de misticismo mais ou menos vago; eis porque a minha obra fundamental teve de dirigir-se quazi exeluzivamente á inteligencia: ela devia ser um trabalho de pesquiza, e mesmo, acessoriamente, de discussão, destinado a descobrir e a constituir os verdadeiros principios universais subindo, por graus hierarchicos, das mais simples questões sientificas ás mais altas especulações sociais.

Mas hoje que, aos olhos dos principais pensadores, consegui assim estabelecer afinal essas noções fundamentais, trata-se sobretudo de caraterizar diretamente a aplicação social delas, que consistirá principalmente na *sistematização dos sentimentos humanos*, consequencia necessaria da das idéias, e baze indispensavel da das instituições.

Sem duvida a minha vida teria sido já utilmente preenchida ficando limitada á reorganização mental, para deixar a algum sucessor a reorganização moral, como será necessariamente precizo rezervar a outros mais longinquos a reorganização politica. Felicito-me todavia muito de haver começado bastante cedo e ter conservado assás o meu verdor filozofico após a consumação, pelo menos inicial, da primeira operação, para poder tambem tentar, sem temeridade, de pôr em obra a segunda, rezervando aliás a terceira como exigindo o indispensavel concurso do meio social. Alem de um emprego mais nobre e mais completo do conjunto das minhas faculdades pessoais, creio sobretudo que a humanidade deve ganhar muito com essa reunião em um só filozofo dos dois grandes esforços correlativos que compõe naturalmente a reorganização espiritual peculiar ao nosso proximo futuro. O conjunto da

grande regeneração humana poderá certamente adquirir assim mais unidade e mesmo mais rapidez.

Em uma palavra, a minha obra fundamental já estabeleceu suficientemente, parece-me, para todos os espiritos adiantados, a superioridade intelectual da filozofia pozitiva; é agora a essa segunda obra essencial, na qual o ponto de vista é, desde o começo, puramente social, e cujos principios se achão de antemão postos, que pertencerá constituir tambem para essa nova filozofia o eminente privilegio da superioridade moral, não menos indispensavel do que o outro ao seu acendente decizivo, e aliás o unico seriamente contestavel doravante.

Tal é pois o tito geral, bem distintamente caraterizado, da minha segunda serie de esforços filozoficos. Esta tendencia dominará sobretudo na grande obra sociologica que estou começando; diretamente pouco sensivel, é verdade, desde o primeiro volume que vou escrever, pois que ele é essencialmente logico, ela será muito pronunciada no segundo volume, destinado á estatica social, e no quarto, rezervado ás aplicações da siencia á arte. Mas a mesma direção far-se-á ulteriormente sentir tambem nas outras obras anunciadas no fim do meu livro fundamental, si a execução delas não fôr por demais estorvada, salvo só o tratado de filozofia matematica, onde o principio social intervirá mesmo então muito mais do que se póde pensar hoje.

Vêdes assim qual foi, naturalmente, durante esses dois mezes, a tendencia contínua das minhas meditações involuntarias, tendencia que não tornou-se agora em mim verdadeiramente sistematica sinão depois de haver permanecido puramente espontanea todo o tempo conveniente para assegurar a realidade e a consistencia dela. Acabo de fazer nesse sentido alguns estudos especiais sobre o catolicismo da idade-média, e sobretudo lendo, pela primeira vez, a grande obra de Santo Agostinho (*A Cidade de Deus*).

Quanto mais perscruto esse imenso assunto, tanto melhor me confirmo nos sentimentos nos quais já estava, ha vinte anos, quando escrevi o meu trabalho sobre o poder espiritual, de considerar-nos, a nós pozitivistas sistematicos, como os verdadeiros sucessores dos grandes homens da idade-média, retomando a obra social no ponto a que o catolicismo a tinha levado, para consolidar e aperfei-

çoar gradualmente a sua ativa reorganização final, rezervada, desde essa epoca, a um outro regimen mental. Sinto-me moralmente feliz que tal dispozição se pronuncie assim cada vez mais na minha expozição na qual, rompendo nitidamente com todo o regimen anterior, mantenho todavia com justiça a plena continuidade da sucessão social.

Vêdes que as inquietudes pessoais relativas aos meus proximos embaraços financeiros preocupárão-me assim bem pouco durante esses dois mezes ecepcionais de suspensão forçada, nos quais, sem ter escrito uma linha, salvo a afortunada *matinée* consagrada á minha *Santa Clotilde*, creio ter consideravelmente adiantado o conjunto da minha grande elaboração, e sobretudo ter determinado a modificação cerebral duradoura que melhor convem á sua realização. Deve admirar pouco que tenha sido isso a custa de uma molestia nervoza que só a minha prudencia contínua e a auzencia de toda intervenção medica, *com o concurso espontaneo de doces emoções privadas*, * impedírão de tornar-se porventura muitissimo perigoza, ao ponto de trazer-me algumas vezes a horrivel lembrança da minha grande crize de 1826. Espero pois, como o vereis no final da minha carta ostensiva, que nada me impedirá de utilizar filozoficamente essas novas férias, que serão provavelmente as ultimas. A segurança que mostrais quanto ao feliz exito proximo da negociação delicada de que praz-se a vossa fraternal solicitude ainda uma vez encarregar-se, inspira-me aliás já uma seguridade quazi completa. É com muita sinceridade que limito-me a dezejar, *só por mais um ano*, a continuação do nobre subsidio votado o ano passado; porque estou persuadido que esse prazo assegurará suficientemente, de uma maneira ou de outra, o meu porvir material.

Poderieis mesmo anunciar, sendo precizo, que si esse novo subsidio me fôr enviado, como o ano passado, em duas metades equidistantes, poderia acontecer que a segunda não me fosse necessaria, em cazo de reintegração politechnica em Janeiro; não se póde, em geral, duvidar da minha dispozição constante a devolver, mesmo das quantias já recebidas, tudo o que pudesse, de qualquer maneira, cessar de ser-me indispensavel, como julguei-me

* Aluzão á paixão que Clotilde lhe inspirou. — R. T. M.

a ponto de o fazer em Fevereiro, si o governo francez tivesse perzistido na sua energia protetora

Vosso inteiramente dedicado

Ate COMTE.

Ia cometendo uma distração, que me terieis facilmente perdoado, mas que eu me haveria de exprobrar vivamente, deixando de agradecer-vos hoje a nova prova de ativa solicitude fraternal que termina a vossa afetuoza carta, relativamente ao cazo em que o novo subsidio não fosse votado com assás prontidão.

Mesmo então, espero que, podendo contar seguramente com ele, eu conseguiria espontaneamente prevenir assás os embaraços inherentes á essa demora para não ser obrigado a recorrer efetivamente á vossa nobre propozição, na qual rezervo-me sómente, como o ano passado, ver um recurso verdadeiramente extremo. (CARTAS A STUART MILL, ps. 351-362.)

Na *carta ostensiva,* o nosso Mestre explicava os seus embaraços materiais e as suas esperanças. Quanto á sua pozição politechnica, só tinha faltado o ensejo de obter a reparação com que todos contavão, por não se ter dado a esperada apozentadoria do velho examinador. Mas essa demissão, voluntaria ou forçada, não podia deixar de realizar-se antes dos exames de 1846; ora, nessa hipoteze quazi certa, tudo anunciava uma dispozição favoravel, tanto da parte do Ministro, como da parte do conselho, * a reintregá-lo.

Alem dessa eventualidade, a propria anualidade da eleição que ocazionára a sua espoliação, poderia favorecer a sua reintegração. Porque em Dezembro ou Janeiro proximos, se procederia a nomeação anual do examinador para 1846, a propozito da qual o conselho tinha de aprezentar dois candidatos. Ora, havia todo lugar de pensar-se que o nosso Mestre seria um dos candidatos, e nesse cazo o Ministro não hezitaria em escolhê-lo, mesmo que Ele não fosse o primeiro da lista, o que era aliás pouco provavel. O proprio Wantzel contava pouco ser mantido no ano seguinte, a menos que Augusto Comte fosse reintegrado de qualquer modo. Dada essa reintegração, o Pensador se acreditava a coberto de novas perseguições, já porque os

* O nosso Mestre refere-se ao Conselho da Escola Politechnica.

seus trabalhos filozoficos não ocazionarião mais conflitos especiais,já porque esperava obter do Ministro a vitaliciedade.

A sua pozição poletechnica podia ainda ser restabelecida no cazo de vaga entre os professores de alta matematica ou entre os examinadores de sahida para a mesma siencia; e estava disposto em qualquer dessas hipotezes a secundar a reparação, superando uma vez a sua repugnancia pelas formalidades uzadas quando se solicitavão tais atos de justiça, como já tinha prometido francamente aos seus amigos de França.

Mas quando todas essas eventualidades falhassem, contava restabelecer a sua pozição material mediante o ensino privado. O malogro dos passos que déra desde Janeiro nada indicava de dezanimador para o futuro. Porque era precizo ter dado tempo ao publico correspondente de saber da sua rezolução a tal respeito. Alem disso os seus passos começárão a ser dados um pouco tardiamente, pela necessidade que teve de subordiná-los á decizão do Ministro sobre a sua sorte. Segundo os uzos francezes, era precizo ter feito essas tentativas dois ou tres mezes mais cedo. Era pois no decurso do ano de 1846 que similhantes passos podião frutificar, si Ele fosse forçado a recorrer ao ensino privado.

Tais erão os motivos pelos quais, *si tivesse sómente um ano* seguro diante de si, por qualquer meio, sentir-se-ía razoavelmente prezervado de qualquer perigo. Esperava por isso que as inquietudes momentaneas, graças ao seu carater e aos seus habitos inveterados, não o preocuparião ao ponto de impedir-lhe utilizar as novas férias imprevistas, escrevendo todo o primeiro volume da sua segunda grande obra.

VI

O amor não procura jamais a si mesmo.
(TOMAZ DE KEMPIS—*Imitação*, L. 3.Cap. V.)

A crecente felicidade da sua situação afetiva ia diariamente robustecendo essas dispozições optimistas do Filozofo. O seu nobre e delicado procedimento reconquistára aos poucos a confiança de Clotilde; e um tocante rasgo do seu delicado amor veio permitir que Ela lhe patenteasse inesperadamente tão feliz mudança. As circunstancias parecêrão, por esse tempo, impôr um novo sacrificio ao

cavalheiresco Pensador. Mme Maximilien Marie não estando mais impedida de sahir, Augusto Comte começou a ter escrupulos de manter a mesma assiduidade nas suas vizitas á rua Pavée. Rezignou-se, pois, a suprimir as dos Mercuridias. Antes, porem, de tomar uma decizão que tanto lhe custava, queria saber a opinião de Clotilde.

No Venerdia 18 de Julho, Ele esteve na rua Pavée, e esta vizita constituiu uma das *imagens normais* do seu culto intimo. Foi essa porventura a primeira vez que aconteceu ficar a sós com a sua nobre Inspiradora. E o ensejo pareceu-lhe favoravel para consultar Clotilde acerca da redução das vizitas que Ele fazia aos seus Pais. Mas a compassiva rezerva que Ela perzistia em guardar nas suas relações com o Filozofo, o lançou naturalmente em um doce enleio. De sorte que os rapidos momentos dessa angelica entrevista não consentírão que Ele falasse em tal. Rezolveu-se por isso a escrever-lhe na manhan seguinte.

Vigezima-quinta carta

Sabado de manhan 19 de Julho de 1845 (6 h.)

Faltou-me o tempo hontem a tarde, minha cara amiga, enquanto estavamos a sós, para consultar-vos, como o dezejaria, sobre um pequenino cazo pessoal, que bem merece que vos peça ingenuamente um conselho sincero.

Agora que a vossa cunhada, plenamente restabelecida, póde sahir livremente, receio que as minhas vizitas regulares pareção em breve por demais frequentes. Conquanto veja com satisfação que o vosso irmão e ela começão a confiar assás na minha afeição para não se incomodarem por minha cauza, a minha prezença poderia entretanto fazê-los algumas vezes ficar em caza contra a vontade; não falo da vossa admiravel mãi, que tem tanto de razão como de bondade. Continuando eu a ir nos Lunedias e Venerdias, talvez conviesse abster-me doravante dos Mercuridias, por mais penozo que me seja o ver-vos menos. Alem da minha repugnancia geral de sentir-me jamais importuno, uma delicadeza especial poderia prescrever-me aqui essa nova rezerva, quando penso por quem é que sobretudo lá vou tantas vezes. Vós que o sabeis tão bem, tende a bondade, eu vos rogo, com o vosso tato ordinario, de sondar felizmente a este respeito as dispozições reais dos nossos ecelentes amigos, afim de fornecer-me cordialmente uma precioza indicação, que dissipará, de uma

maneira ou de outra, a minha incerteza pessoal. Adeus, minha carissima Clotilde: até Lunedia.

Vosso para sempre

ATE COMTE.

A piedoza emoção de Clotilde traduz-se na candura da sua imediata resposta.

Vigezima-sexta carta

Sabado 19 de Julho de 1845.

Meu carissimo Senhor, agora que nos podemos servir um ao outro sem atormentar-nos reciprocamente, achar-me-eis sempre pronta a ser-vos agradavel. Não vos farei nem frazes nem cumprimentos pelo que me dizeis das vossas vizitas á rua Pavée. A minha familia vos ama e vos considera muito, e ela procede convosco como com um homem inteligente e bom. Vinde, pois, como me dizeis, os Lunedias e os Venerdias; e eu irei ver-vos amigavelmente uma vez por semana, quando puder. Rezervo a minha caza para o meu *atelier*; recuzei muitas vizitas por cauza do efeito, e assim é melhor. Aliás, precizo todo o meu tempo aqui para fazer muito pouca couza. Convencionadas as couzas assim, védes que nada perdereis comigo, já que tendes a bondade de prezar a minha companhia. Eu sempre gostei da dos homens distintos, tem-se tudo a ganhar com eles.

Adeus, Senhor e digno amigo, recebei a segurança dos meus bons sentimentos.

CLOTILDE DE V.

VII

Eu nunca desconfiei de homem algum.
(28ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.)

Pouco depois de ter expedido esse bilhete, Clotilde era vitima de uma nova insidia de Marrast. O jornalista não dezistira do seu malvado projeto, e vinha astuciozamente oferecer-lhe a colaboração hebdomadaria do *Nacional*. Disse-lhe que os folhetins dos Martedias ou dos Mercuridias ião ser consagrados á revista dos escritos sobre a educação em geral e a educação das mulheres em particular. Que se dezejava juntar a isso a critica dos romances escritos por senhoras. Tal era o trabalho que vinha

propôr a Clotilde. E Marrast aparentou uma extrema bondade e um grande interesse em tal oferecimento.

Clotilde não percebeu o que havia de falso e profundamente malevolo em similhante proposta. Experimentou um real contentamento diante da perspetiva que se lhe descortinava, e a sua alegria foi partilhada com a mesma candura pelos seus. Mas essas venturozas emoções e os rizonhos projetos que elas inspiravão, evocárão espontaneamente a imagem de Augusto Comte. Quem, melhor do que o cavalheiresco Pensador, estaria nos cazos de apreciar o alcance social e moral da melindroza tarefa? Quem podia melhor do que Ele comprehender quanto esse alcance contribuia para o nobre jubilo de Clotilde? Quem podia prestar á nobre Senhora um apoio tão devotado e tão esclarecido?...

VIII

Teria eu podido, mesmo ha seis mezes, esperar em tempo algum essa felicidade restrita?

(21ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.)

Enquanto Clotilde se entregava involuntariamente a essas doces reflexões, o simpatico Filozofo era sorprehendido pela afetuoza resposta que Ela dera ao seu abnegado projeto. Na manhan seguinte, o nosso Mestre lhe testemunhava o tocante reconhecimento que a inesperada graça lhe inspirára. Mas, ao mesmo tempo, Ele decidiu-se a manifestar as fagueiras esperanças que o arroubavão.

Vigezima-setima carta

Domingo de manhan 20 de Julho de 1845 (7 h.)

Como poderei, minha carissima amiga, dignamente agradecer a vossa encantadora resposta, escrita com tão afetuozo apressuramento! Renunciando doravante a ir ver-vos tambem os Mercuridias afim de não incomodar ecelentes amigos, o meu sacrificio era puro e completo: praz ao vosso generozo apego oferecer-me espontaneamente uma compensação inesperada, prometendo-me, para esse dia, o jubilo muitissimo superior da vossa cara vizita hebdomadaria. Todavia, por mais precioza que me seja em si mesma essa adoravel rezolução, devo indiretamente ligar-lhe ainda maior apreço, vendo nela o feliz sintoma decizivo da inteira cessação de um sistema de desconfiança,

com justiça inspirado a principio pelas minhas primeiras temeridades, mas prolongado porventura em seguida alem do que eu merecia. Depois de haver percorrido tantas fazes dolorozas, eis pois a nossa pura afeição chegada enfim ao seu verdadeiro estado permanente, no qual vejo aliás a plena consolidação da minha renacente saude, por essa terminação bem assinalada dos meus dois mezes de crize nervoza. Tal desfecho vai, de resto, gradualmente determinar tambem a cessação espontanea dos diversos uzos secundarios, que não tinhão gravidade sinão como sinais quotidianos de um regimen provizorio de precauções sistematicas. Por exemplo, a mais cara mão da vossa familia não será mais a unica que, entre todas, recuza a minha, na chegada e na sahida. Quanto ao acesso mais importante do vosso *atelier*, espero que, pelo menos a titulo de confrade, ser-me-á ele permitido, segundo a vossa concessão primitiva. Porem, empenhando-me por ver levantar um suspeitozo interdito passageiro, reconheço convosco que a entrada desse santuario não póde, sem notaveis inconvenientes, adquirir para mim o grau de periodicidade que comportará tão bem o vosso deliciozo projeto.

Adeus, minha Clotilde, mil vezes obrigado; até amanhan.

Vosso para sempre
Ate COMTE.

IX

Não dou aos meus adversarios a faculdade de disporem do meu tempo.
(DESCARTES. *Cartas.*)

Augusto Comte achava-se sob as inefaveis impressões dessa mudança que se acabava de operar nas sua relações com Clotilde, quando a 20 de Julho recebeu uma carta de Stuart Mill comunicando-lhe os ataques de que fôra alvo a FILOZOFIA POZITIVA por parte do astronomo John Herschel e do geologo Sedgwick, professores de Cambridge. Esses ataques versavão sobre um ensaio de filozofia astronomica que Augusto Comte fizera em 1832, com intuito de verificar a conjetura cosmogonica de Laplace. Mas o nosso Mestre não tardára em reconhecer o carater metafizico de todas as pesquizas em similhante assunto, e decidira suprimir a parte correspondente do seu SISTEMA DE FILO-

ZOFIA POZITIVA, na futura edição. Havia cinco ou seis anos que já não se ocupava de tal no seu curso popular, e o seu tratado de ASTRONOMIA realizára essa eliminação, mantendo a da pretendida astronomia sideral. O autor de um livro intitulado *Vestigios da Historia Natural da Creação*, que produzíra um grande escandalo na Inglaterra pelo seu carater anti-teologico, citára a suposta verificação do nosso Mestre; e similhante menção fôra o pretexto dos ataques de Herschel e Sedgwick. Stuart Mill tomára a defeza de Augusto Comte, em uma correspondencia privada com Herschel, e enviava as peças respetivas ao nosso Mestre.

Stuart Mill emitia, na mesma ocazião, a esperança de conseguir o novo subsidio: «O bom exito, parece-me, o rezultado mais provavel» dizia ele. (*Cartas a Augusto Comte* p. 468).

A insignificancia das criticas mencionadas e as dispozições afetivas do nosso Mestre não permitião que similhantes ataques o incomodassem em coiza alguma.

X

> E' um prazer para mim ser bem sucedida, porque os meus pais não são ricos e são bem bons.
>
> (*19ª carta, de Clotilde a Augusto Comte*)

Nesse mesmo dia, o nosso Mestre recebeu tambem a resposta de Clotilde á sua ultima carta. Ahi Ela lhe comunicava a proposta de Marrast:

Vigezima-oitava carta

Domingo 20 de Julho de 1845

Tinha hontem uma noticia grande e feliz para anunciar aos meus amigos: e era para mim um prazer especial vô-la dar, Senhor. Hoje, estamos sob o golpe de um cruel acontecimento: o pobrezinho recem-nacido está á morte desde meia noite. Ele acha-se agora fóra do mais inquietante da crize; mas o seu estomago não digere siquer uma culherzinha de xarope. O medico começa a crêr que o salvará. Mas quantos resguardos vão ser precizos para fazer que torne a funcionar a sua pobre maquinazinha! A mãi está bem acabrunhada: Deus ou os genios a protejão, e a prezervem da desgraça completa!

A noticia que me concerne é mais alegre, e todo o mun-

do aqui a tinha acolhido afetuozamente. *O Nacional* oferece-me a sua colaboração habitual. O folhetim do Martedia ou do Mercuridia vai ser consagrado a uma revista de tudo o que se escreve e se publica sobre a educação, tanto sobre a educação religioza como secular, e sobre a das mulheres em particular. Dezejão juntar-lhe a critica dos romances escritos por senhoras, e me propõe fornecê-los para os joeirar. M. Marrast mostrou muita bondade e interesse no seu oferecimento e eu dezejo muito ser bem sucedida afim de agarrar-me a um tronco qualquer. Pensei que poderia um pouco explorar a vossa bondade para a minha estréia, Senhor Comte. Vós que conheceis maravilhozamente as futilidades e os vicios da educação religioza, poderieis talvez fornecer-me boas armas. Farei o meu primeiro artigo de lembrança sobre os abuzos das cazas de educação.

Vou melhor dos altos; mas os alicerces continuão sempre vacilantes.

Agradeço-vos os vossos agradecimentos por uma coiza que fiz naturalmente e de todo o coração. Lastimo sómente que me faleis de desconfiança e de tudo o que está passado. Nunca desconfiei de homem algum. Uma mulher inspira sempre pouco mais ou menos os sentimentos que quer. Si me rezervo a minha solidão para mim só, é porque não disponho dela sinão um pequeno numero de horas por dia, durante as quais estou ocupada ou cuidando de mim.

Adeus, caro Senhor, não sei como estaremos amanhan, espero todavia que estaremos melhor.

Asseguro-vos de novo a minha afeição

CLOTILDE DE V.

XI

> Os nossos tristes tempos obrigão a miudo a andar em lodaçais sem enlamear-se. Embora a vossa eminente natureza seja particularmente apta a bem preencher essa dificil condição, é precizo pelo menos que o terreno vos seja previamente conhecido.
>
> (*130ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

Essa noticia cauzou um forte abalo em nosso Mestre: a sua afeição alarmou-se com os perigos afetivos e intelectuais inherentes a toda colaboração habitual no jornalismo. Procurou, porem, dominar similhante impressão pela consideração da incomparavel superioridade esponta-

nea, moral e mental, de Clotilde, como da feliz perspetiva que assim tomavão as condições materiais dela. Tal foi a unica emoção que deixou transparecer no Lunedia seguinte na rua Pavée.

Mas erão baldados os esforços que fazia para tranquilizar-se. Apezar da confiança que depozitava na superioridade moral e no criterio espontaneo de Clotilde, a situação que parecia começar para a nobre Senhora o enchia de vagos porem incessantes temores. Voltou a insonia; e as melancolicas emoções perturbárão novamente a saude que não estava restabelecida desde Maio. O esforço mesmo que fizera para não traduzir as suas angustias ainda mais agravára os seus sofrimentos. Passou talvez a manhan do Martedia ainda em aflitiva perplexidade. Porem á tarde não pôde mais conter as crueis aprehensões que o assaltavão, e escreveu a Clotilde, patenteando-lhe todos os perigos, inconvenientes, e dificuldades do projeto que a seduzia:

Vigezima-nona carta

Martedia á tarde 22 de Julho de 1845 (5 h)

Depois de ter hontem partilhado sinceramente da vossa ingenua alegria pela feliz mudança proxima da vossa situação material, permiti-me, cara amiga, que vos dirija hoje algumas afetuozas reflexões sobre a natureza e o carater do trabalho hebdomadario que deve proporcionar-vos tão preciozo rezultado. É sobretudo por tais indicações gerais que posso tornar-me verdadeiramente util a vós, sinão imediatamente, ao menos para o conjunto da vossa carreira. Sabeis aliás que elas serão sempre sem prejuizo das diversas informações especiais que poderieis esperar de mim, e sobre as quais estou já pronto a conversar convosco, quando e como vos aprouver; conquanto as conheçais a muitos respeitos, tão bem ou melhor do que eu mesmo, ao menos no que concerne a vossa principal atribuição atual, a educação das mulheres.

Pois que ides assim achar-vos em breve provida de um verdadeiro *oficio* literario, é á minha ativa solicitude, esclarecida por uma san filozofia, que compete doravante impedir, tanto quanto possivel, que tal modo de existencia altere radicalmente o vosso valor intrinseco, quer intelectual, quer mesmo moral, que é preciozo mais do que tudo empenhar-se, não sómente por manter intacto, mas

tambem por dezenvolver dignamente. Ora, é demaziado certo que tal profissão exerce muitas vezes hoje essa dezastroza influencia, e com tanto mais perigo quanto mais sedutor é a principio o seu aspeto. Não aludo mesmo assim sinão de modo muito accessorio ao tedio e á perda de tempo que acarrétão necessariamente compilações habituais, destituidas de todo atrativo sério. Mas tenho sobretudo em vista a intima degeneração, não menos moral do que mental, que rezulta quazi sempre dos habitos excluzivamente criticos peculiares ao jornalismo atual, que tendem tão comumente a dezenvolver dispozições peremptorias e superficiais, já demaziado naturais no nosso meio anarchico, e que acabão frequentemente por sufocar todos os germens essenciais de verdadeira grandeza. Podeis observar á vontade um exemplo bem frizante disso em Marrast mesmo, que, mau grado a sua educação demaziado literaria, era certamente dotado, não de uma possante energia cerebral, mas de uma eminente sagacidade, combinada com uma justeza notavel, e que todavia não deixará nome algum perduravel, em consequencia dessa deploravel asfixia jornalistica, que o tornou afinal incapaz de todo trabalho profundo e sustentado, unico sucetivel entretanto de importantes rezultados. Embora a vossa proxima profissão permita dificilmente evitar tal perigo, isso é contudo possivel, si, após haverdes primeiro bem apreciado a sua iminencia, aplicardes nesse sentido a firme vontade de que é sucetivel a elevação natural do vosso carater, muito decidido, sem duvida, a nunca figurar nessa turba de escritores cuja atividade torna-se hoje muito mais nociva do que util á evolução geral da Humanidade. Sem tal corretivo permanente, esse novo modo de existencia estaria por certo longe de ser preferivel, para o vosso surto intelectual e moral, a tantos outros recursos regulares * que vos repugnárão com razão.

A louvavel benevolencia de M. Marrast parecer-me-ia mais bem dirigida, si ele tivesse concedido á vossa razão e ao vosso talento toda a confiança que a vossa eminente estréia merecia; isto é, si ele si tivesse limitado, sem prescrever-vos nada, a conceder-vos livremente tres ou quatro folhetins por mez, ou antes comprometendo-se de antemão a inserir tudo quanto pudesseis produzir, bem certo, com-

* Não sabemos ao que é que o nosso Mestre alude. R. T. M.

deve estar, que sois incapaz de abuzar de tal credito, ou mesmo de uzar demaziado dele. Em lugar dessa larga dispozição, ele creu dever marcar-vos a tarefa, ao menos já em geral, e mais tarde talvez em particular, a menos que esses detalhes não o enfastiem em breve, como é de esperar. A sua escolha, confesso-vos, não me parece feliz. O que ele oferece de mais judiciozo consiste precizamente no oficio que vos aprezentárão como puramente accessorio, e que eu bem quizera vos ver, si houvesse lugar, tornar pouco a pouco principal, a critica habitual dos romances femininos, que vos assentaria com efeito ás maravilhas. Acharieis sempre, nesse feliz quadro, texto ou pretexto para colocar incidentemente todos os vossos apanhados sobre os diversos pontos interessantes, incluzive mesmo a educação, sem nenhuma sujeição pedantesca a uma responsabilidade sistematica; pois que o assunto fundamental de todos esses livros é sempre, como tão bem o caraterizou Fielding, o conjunto da verdadeira natureza humana, individual e social. Tal trabalho hebdomadario, longe de prejudicar ao dezenvolvimento ulterior das vossas produções pessoais, tenderia certamente, sob uma boa direção, a facilitá-lo e aperfeiçoá-lo, pelos menos entregando-se a ele moderadamente. Não veria ahi para vós outro inconveniente habitual sinão de achar-vos assim naturalmente exposta ás bajulações e ás animozidades da raça *bleue*. Mas, como a elevação do vosso carater e a superioridade da vossa inteligencia vos colocarão ordinariamente acima das pequenas paixões criticas que provocão sobretudo essa dupla calamidade, poderieis, creio eu, evitar facilmente, em virtude da vossa vida solitaria, esses dois flagelos que, embora opostos, são igualmente temiveis.

Quanto ao projeto principal, que consiste em vos confiar uma sorte de ministerio critico da educação, ao menos feminina, não posso, após madura reflexão, aprová-lo seriamente. Porque, si esse oficio convem hoje muito pouco a uma senhora, eu creio, no fundo, que um homem razoavel deveria recuzá-lo ainda, por falta de principios as ás firmados sobre esse imenso assunto.

Privado de toda verdadeira diciplina intelectual, o jornalismo atual conduz muitas vezes a abordar estouvadamente todos os assuntos interessantes, com tão pouco dicernimento quanto existe na conversação habitual das pessoas mundanas; isto é, sem distinguir quazi nunca

entre o que é verdadeiramente accessivel e o que é prematuro, ou mesmo chimerico, nem entre o que já admite a intervenção parcial da imprensa quotidiana e o que deve ainda pertencer por mais ou menos tempo ás elaborações sistematicas. Nenhum assunto comporta melhor tal observação do que a grande questão da educação, certamente demaziado pouco, ou mesmo demaziado mal elaborada até aqui nos grandes livros, para ser habitualmente introduzida nos jornais quaisquer, sobretudo quotidianos.

Considerada quanto á sua baze, a educação constitúi sempre, pela sua natureza, a principal aplicação de todo sistema geral destinado ao governo espiritual da Humanidade. Nenhum sistema desse genero dominando realmente hoje, segue-se dahi a impossibilidade de toda educação regular, enquanto durar esse fatal interregno. Até lá só a educação religioza, * embora ecessivamente atrazada, ficará coherente, mau grado á sua deploravel influencia mental e á nulidade da sua ação moral, redundando em breve em uma ativa desmoralização pratica logo que o inevitavel contato do mundo abala os franzinos fundamentos de uma fé doravante facticia. O que se chama a educação secular não é sinão uma sorte de caiação metafizico-literaria, matizada aqui e ali por um fraco verniz sientifico, aplicado sobre esse velho fundo teologico, cujo carater intelectual é assim um pouco modificado, mas a custa da sua tendencia moral. Não poderá ser pois seriamente questão de regenerar a educação, publica ou privada, sinão quando uma nova filozofia tiver suficientemente estabelecido uma verdadeira sistematização perduravel das concepções humanas. Eu mesmo, que votei a minha vida a essa obra fundamental, consideraria ainda como prematura hoje para mim a elaboração imediata da educação. Conquanto esse deva ser o assunto peculiar a uma das quatro obras prometidas no fim do meu grande tratado, não creio poder abordá-lo convenientemente sinão depois daquele de que me estou ocupando agora. Julgai com que deploravel leviandade tenta-se introduzir tais discussões no dominio atual do jornalismo!

Si considerardes depois a educação quanto á sua marcha geral, toda a sua teoria pozitiva repouza naturalmente sobre este principio fundamental: a educação do indivi-

* *Religiozo* é aqui sinonimo de *teologico*.—R. T. M.

duo, quer espontanea, quer mais ou menos sistematica, reproduz necessariamente, nas suas grandes fazes sucessivas, a educação da especie, não só quanto ao sentimento mas tambem quanto ás idéias. Ora, em virtude dessa regra incontestavel, nenhum plano de educação completa póde ser criteriozamente concebido enquanto a evolução geral da Humanidade não houver sido suficientemente referida a uma verdadeira teoria historica. Vedes assim para onde isso nos atira, antes que esses discussões tornem-se razoavelmente abordaveis ao jornalismo!

Todo bom espirito devendo pois encarar hoje esse assunto capital como essencialmente prematuro, quer quanto ao fundamento, quer quanto ao plano, e os grandes esforços devendo concentrar-se agora na sistematização filozofica que deve em seguida dirigir essa imensa elaboração, todo atrativo atual limitar-se-ia, a este respeito; a uma pura critica do prezente. Ora, essa critica, sendo desprovida de intenções organicas, ou ligada a pensamentos demaziado vagos de regeneração, o que dá quazi no mesmo, acha-se já consumada, no que oferece de essencial, pelos nossos precursores voltairianos. Que atrativo acharieis em rodar ainda nesse circulo exhausto, sem todavia poder sahir dele? Tudo o que já se póde tentar de verdadeiramente interessante neste assunto consistiria em ligar o conjunto dessa critica preliminar a uma justa apreciação historica da situação atual; isto é em constatar em detalhe o que eu acabo de indicar em grosso, a saber, a impossibilidade de constituir educação alguma sem haver primeiro estabelecido uma verdadeira filozofia duradoura, donde a necessidade de voltar as forças para esse fundamento universal. Mas essa importante conexão poderia sómente dar lugar a cinco ou seis artigos essenciais, sem comportar nenhuma elaboração hebdomadaria. Fóra dahi, recahireis forçozamente no puro negativismo do ultimo seculo. Deixai pois, desde que puderdes, todas essas vans e enfadonhas reproduções de um voltairianismo que se tornou machinal, á extranha preceptora que perorava hontem diante de nós sobre a insipidez da vida domestica. *

Depois de vos ter explicado, minha cara amiga, a frivolidade intrinseca da principal propozição que vos fizerão, conto bem entretanto não haver produzido em vós nenhum

* Não sabemos de quem se trata R. T. M.

dezanimo, tendente a alterar a afortunada eficacia pessoal que ela comporta. Com efeito, a minha antiga experiencia do jornalismo permite-me de vos informar que todos esses projetos mal concebidos de revistas periodicas especiais surgem ahi com extrema facilidade, mas são tambem abandonados logo, quando um começo de execução desvenda a incoherencia ou a inoportunidade deles. Não duvido que isso aconteça prontamente quanto ao projeto atual sobre a educação. Não vos metais pois em grandes despezas de genero algum por um oficio que não comporta nenhuma duração séria. Si, aliás, ele pudesse admiti-la, não tardarião em sentir que, visto a deploravel fecundidade das nossas penas femininas, os dois departamentos que vos querem confiar constituirião uma tarefa exorbitante para uma só pessoa, mesmo muito ativa, e serião levados a separá-los, cazo no qual vos aconselharia muitissimo que preferisseis o accessorio ao principal, atendo-vos á critica dos romances. Marrast quiz, na sua justa benevolencia, concentrar sobre vós toda a critica feminina do *Nacional*, que póde apenas abraçar, com efeito, os livros de educação ou os romances. A sua intenção foi ecelente: mas ele enganou-se gravemente na sua execução, no que concerne a educação. Depende felizmente de vós reparar pouco a pouco esse erro sem chocar ninguem, tendendo gradualmente a fazer prevalecer o oficio que vos aprezentárão a principio como accessorio. Marrast tem espirito de sobra para não sentir logo que essa preferencia é muito convinhavel, quer á vista da verdadeira situação atual, quer ao menos quanto á vossa propria natureza, que, ouzo assegurá-lo, repugnará sempre profundamente toda dissertação escolastica.

O essencial para vós, era hoje obter, sob qualquer fórma, um direito regular de cidade nesse jornal: eis o fato pelo qual a minha amizade perziste em felicitar-se intimamente. Por mais mal acomodada que estejais ahi a principio, sabereis bem depois fazer, sem barulho, um agazalho estavel que seja dignamente adequado ao vosso temperamento e aos vossos habitos. Dezejo que as minhas cordiais indicações filozoficas possão servir-vos para isso, dispondo-vos, desde o começo, a melhor conceber o conjunto da vossa verdadeira situação literaria. Sabeis de antemão que estarei sempre pronto a esclarecer ou a dezenvolver, nas nossas livres conversas, o que esse rapido primeiro

jacto poderia oferecer-vos de obscuro ou de insuficiente. Adeus, minha carissima Clotilde; até amanhan.

Todo vosso

Ate COMTE.

XII

Ha uma dezena de dias o meu sono diminuiu notavelmente.

(31 carta, de Augusto Comte a Clotilde.)

O melindrozo estado do seu recem-nacido sobrinho impedia naturalmente Clotilde de afastar-se do berço dele. Por outro lado, a mesma circunstancia levava Augusto Comte a ir no dia seguinte á rua Pavée. É pois de prezumir que Ele tivesse adiado, para quando a saude do seu afilhado estivesse restabelecida, a suspensão das vizitas que fazia nos Mercuridias á familia Marie. Talvez mesmo desde Lunedia já tivesse ficado assentado esse adiamento. É igualmente provavel que foi nessa vizita que o nosso Mestre ofereceu a Mme. Felicie os devotados serviços de Sofia para auxiliá-la durante a angustioza crize. De fato, a piedoza Proletaria correspondeu com a mais tocante solicitude aos dezejos do Filozofo por todo o tempo que o seu desvelo foi julgado necessario.

Nesse intervalo, o estado de saude de nosso Mestre perzistia bem melindrozo, não só pelas insonias que tinhão voltado, como pela sucetibilidade gastrica que se agraváva. Era embalde que Ele se esforçava por superar essas reações das preocupações que não cessavão de salteá-lo desde o dia em que Clotilde lhe comunicára o oferecimento da colaboração habitual no *Nacional*. Foi nesse estado que viu chegar o fim do mez.

No Mercuridia 30 de Julho, a fagueira esperança da inauguração das vizitas que Clotilde lhe prometêra trouxe uma inefavel diversão ás melancolicas aprehensões do Filozofo. Na manhan desse dia Ele assistíra a um espetaculo lirico que lhe despertára as mais gratas emoções. E depois estivera a reler as cartas que durante o mez recebêra de sua idolatrada Inspiradora, no intuito de perscrutar os progressos que fizera a amizade que Clotilde lhe votava. Acabava talvez essa doce ocupação e um venturozo enleio o absorvia, quando recebeu o seguinte bilhete da sua Bem-Amada:

Trigezima carta

Mercuridia 30 de Julho de 1845.

Caro Senhor, não poderei ter o prazer de fazer-vos uma pequenina vizita por esses dias. Estou ás voltas com o meu artigo, e nele empenho todas as minhas forças e todo o meu tempo. Os começos são sempre o que ha de mais dificil em todas as coizas: mas espero que aqui sobretudo só o primeiro passo é o que custa. Quero empenhar-me por dá-lo com honra minha; depois voltarei novamente ás distrações. Aceitai este pedaço de papel como a prova da minha lembrança e da minha boa vontade de ser-vos agradavel. Até Venerdia; espero que passeis bem. Adeus, Senhor e caro amigo.

Vossa devotada

CLOTILDE DE VAUX.

XIII

E' incontestavel que tal perturbação proveiu do estado do meu coração.

(7ª *carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

O esvaicimento de uma esperança afagada com tanto anceio fez recahir o Filozofo na melancolia donde ela parecia havê-lo libertado algumas horas antes. Levou quazi a noite inteira em amoroza vigilia, aprehensivo com o futuro de Clotilde. E, na manhan seguinte, dirigiu-lhe a seguinte resposta:

Trigezima-primeira carta

Jovedia de manhan 31 de Julho de 1845 (7 h.)

Não é sómente para melhor esperar a venturoza *soirée* de amanhan que apresso-me, cara amiga, a responder ao vosso afetuozo bilhete de hontem. Ele chegou-me á hora em que esperava ver-vos; porque, sem vos incomodar em nada, prezumo que, quando a vossa adoravel rezolução tiver podido adquirir a regularidade conveniente, deverei naturalmente contar convosco os Mercuridias á tarde, a menos de avizo especial. Alem da precioza compensação de uma vizita impedida, a vossa amigavel atenção preveniu pois as inquietudes que tal privação ter-me-ia inspirado sobre a vossa cara saude. A esse duplo titulo devia-vos um

agradecimento particular. Ninguem póde melhor apreciar do que eu os motivos que vos retiverão. Mas espero convosco que esse primeiro efeito dos vossos novos habitos de trabalho se dissipará em breve. Simillhantes habitos vos farão mesmo, prezumo eu, sentir a precizão especial dessa cordial diversão, na qual as vossas preocupações literarias poderião aliás seguir livremente o seu curso espontaneo, com ou sem a minha fraternal assistencia.

Eu tinha felizmente adoçado de antemão a minha privação de hontem, consagrando-vos a maior parte do dia. Em verdade, tinha assistido, de manhan, uma interessante benção nupcial; e essa encantadora opera, inteiramente nova para mim, devia naturalmente dispôr-me mais para todas as emoções puras. Mas bem sabeis que não precizo de tais estimulações para encontrar felicidade em ocupar-me especialmente convosco.

Quanto á minha saude, da qual tendes a bondade de falar-me expressamente, embora muito melhor do que ha dois mezes, não recobrou até aqui suficientemente o seu verdadeiro estado normal, cujo pleno restabelecimento apressei-me de mais em anunciar-vos: ha uma dezena de dias. * o meu sono diminuiu mesmo notavelmente, sobretudo uma noite sim outra não, e entre outras a passada; o meu estomago, apezar do regimen aquatico, não póde ainda suportar impunemente o minimo acrecimo ou mudança de alimento. E' por isso que prolongarei por mais oito ou dez dias o meu repouzo completo, antes de retomar o grande trabalho ao qual devo sobretudo consagrar as minhas férias atuais, que importa tanto mais utilizar assim, quanto o inteiro restabelecimento da minha pozição oficial fará sem duvida cessar, desde o ano proximo, esse preciozo lazer ecepcional.

Adeus, minha carissima Clotilde; até amanhan á tarde.

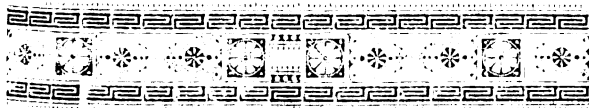
Vosso inteiramente devotado

AUG. COMTE

A volta de Sofia traz-me melhores noticias do nosso pobre afilhado, que, espero eu, está enfim fóra de perigo.

*Portanto desde que recebeu a carta em que Clotilde lhe anunciava o convite do *National*. -R. T. M.

No meio das inquietações provenientes do seu amor, o nosso Mestre sentia-se cada vez mais feliz. O mez que findava assistira a um notavel progresso nas suas nobres relações com Clotilde. Porque o cavalheirismo da sua conduta conseguíra reconquistar plenamente a confiança da egregia Senhora.

Era pois com um jubilo inefavel que Ele recordava o venturozo desfecho de um trimestre encetado sob tão tormentozos auspicios. E quanto mais comparava o seu afortunado prezente aos anos angustiozos que o precedêrão, tanto mais crecia a adoração por Clotilde. Graças a Ela, não deixaria a vida sem ter experimentado as mais puras e energicas emoções da natureza humana! Proporcionando-lhe assim a maior de todas as felicidades intimas, Ela lhe tinha assegurado ao mesmo tempo a suprema satisfação da sua existencia publica, desvendando-lhe afinal a verdadeira natureza da sua missão. Só a incomparavel grandeza moral da sua Bem-Amada lhe outorgára, portanto, um passado que Ele evocava com delicioza gratidão, e lhe prometia um futuro encantado pelas mais arrebatadoras esperanças.

CAPITULO TERCEIRO

AGOSTO — AFEIÇÃO

I

> Assim, a propria compozição deste catecismo logo indica a principal concepção do pozitivismo: o homem pensando sob a inspiração da mulher, para fazer sempre concorrer a sinteze co a simpatia, afim de regularizar a sinergia.
>
> (AUGUSTO COMTE — *Catecismo pozitivista*.)

EM principios de Agosto, o nosso Mestre já se considerava assás forte para recomeçar a sua POLITICA. Antes, porem, de encetar esse grandiozo trabalho sentiu a necessidade de dirigir a Clotilde uma carta retraçando-lhe a sua prodigioza evolução. Queria assim caraterizar especialmente a parte que cabia á sua nobre e terna Inspiradora na faze nova que o seu amor acabava de inaugurar.

Trigezima-segunda carta

Martedia de manhan 5 de Agosto de 1845 (meio-dia).

Antes de retomar enfim a grande compozição que fui forçado, ha tres mezes, a interromper desde o seu começo, sinto minha cara amiga, a necessidade de ter convosco uma explicação definitiva sobre o verdadeiro carater geral dessa memoravel crize, destinada a exercer uma influencia tão fundamental sobre todo o resto da minha vida, tanto publica como privada.

Já a intima afeição que tive a ventura de concebet por vós póde ser considerada como tendo suportado assás a prova do tempo, pois que ela foi se arraigando sempre

mais profundamente á medida que se purificava mais. E' pois chegado o momento de fazer-vos apreciar diretamente a eterna gratidão que vos devo a este titulo, e da qual não poderieis de outro modo formar uma justa idéia. Sem haver primeiro satisfeito essa doce obrigação geral, não posso dignamente começar uma elaboração na qual o coração não terá menos parte do que o espirito. Ao mesmo tempo, tal preambulo deve tender a dezenvolver melhor, caraterizando-a mais, a salutar influencia permanente que sois assim chamada a exercer, mesmo sem o saber, sobre o conjunto desse longo trabalho.

Até aqui era sobretudo da minha vida publica que devião ter emanado as consolações apropriadas a fazer-me suportar a amargura habitual da minha vida privada. Eis agora chegada enfim, graças a vós, a venturoza reação pela qual, ao contrario, as minhas afeições pessoais vão diretamente aperfeiçoar a minha atividade social. Tal é, minha Clotilde, a importante explicação que devo hoje expôr-vos convenientemente uma vez por todas, reclamando de antemão, de uma maneira especial, a vossa cordial atenção para uma apreciação tão dificil, que, embora me esforce por esclarecer tanto quanto possivel, não poderá tornar-se assás nitida sinão após uma leitura reiterada.

Desde a origem da nossa ligação, sabeis que assinalei-vos expressamente essa grande conexão, cujo sentimento intimo conquanto ainda confuzo já experimentava. Porem as circunstancias mesmas no meio das quais se operava esta indicação inicial devião dispor-vos a não ver então nela sinão uma especie de exagero apaixonado. Quando muito, poderieis constatar nesse cazo uma nova confirmação da celebre maxima geral de Vauvenargues sobre a relação necessaria do surto mental para com o elance moral. Entretanto, consagrando á minha *Santa Clotilde* uma delicioza manhan cujas consequencias forão-me tão preciozas a diversos titulos, e donde datará sempre o curso regular da nossa santa amizade, eu vos dava em breve uma manifestação efetiva do profundo carater que tinha especialmente tomado em mim essa afinidade fundamental. Todavia, tal exemplo não podia sinão preparar, sem dispensar, a explicação refletida que tento agora, e em virtude da qual, afastando generalidades incontestaveis porem demaziado vagas, para considerar sobretudo a natureza peculiar dos meus trabalhos, e mesmo a faze

afinal do dezenvolvimento total deles, espero fazer-vos comprehender bem, como o estou profundamente convencido, que a eterna afeição que parece sómente destinada a encantar doravante a minha vida privada deve tambem melhorar notavelmente a minha vida publica. Em uma palavra, a harmonia fundamental dessas duas ordens de existencia, que nunca pudera até aqui efetuar-se em mim, acaba de constituir-se afinal sobre bazes duradouras, durante esse afortunado trimestre ecepcional no qual a vossa escrupuloza amizade póde receiar, ao contrario, haver involuntariamente perturbado o curso geral dos meus trabalhos: é disso que me importa hoje convencer-vos, em consequencia de uma suficiente apreciação sumaria da minha dupla vida anterior.

Naturalmente votado, quazi ao sahir da infancia, a proseguir, com todas as minhas forças, a imensa regeneração social profundamente anunciada pelos meus precursores revolucionarios, tive a vantagem de sentir suficientemente, muito cedo, que essa nobre destinação da minha vida inteira exigia antes de tudo uma forte preparação sientifica. Depois de ter completamente satisfeito a essa dificil condição fundamental, por uma longa continuidade de esforços a um tempo espontaneos e sistematicos dirigi logo os meus primeiros trabalhos pessoais para a reorganização espiritual das sociedades modernas, unica baze solida de uma verdadeira renovação ulterior do sistema politico propriamente dito que lhes é peculiar. Mas o curso mesmo dessa operação inicial conduziu-me depressa a reconhecer, ha vinte anos, que tal empreza social ficaria necessariamente prematura enquanto não repouzasse sobre uma plena sistematização abstrata de todas as nossas concepções reais, em virtude da qual a razão comum seria preliminarmente submetida á gradual iniciação mental que eu tinha individualmente sofrido, e da qual acreditára até então poder assim dispensar essencialmente o publico. Seguindo uma tal convicção, tive pois de suspender, quazi na sua estréia, a minha grande elaboração politica, para consagrar a primeira metade da minha vida publica á fundação de uma verdadeira filozofia, baze indispensavel de todos os trabalhos ulteriores de renovação social. A minha crize pessoal de 1826, que o fatal concurso das penas morais com os esforços intelectuais tornou epizodicamente tão horrivel, foi determinada pelo estabelecimento

dessa intima solidariedade e conduziu-me á concepção geral dessa nova filozofia, diretamente destinada a imprimir enfim ao decimo nono seculo um carater especulativo convenientemente distinto do do seculo ultimo. Alem das imensas dificuldades mentais peculiares a tal construção, os cuidados da minha saude e os diversos embaraços, interiores ou exteriores, da minha situação individual, prolongárão muito a suficiente execução, primeiro oral, depois escrita, dessa grande empreza preliminar, que, como sabeis talvez, não está realmente acabada sinão ha tres anos. A sua terminação reconduzia-me desde então, segundo o plano natural do conjunto da minha vida publica, a retomar doravante, sobre essa larga e solida baze, a minha elaboração primitiva da reorganização social, que anunciei logo, com efeito, dever constituir diretamente a destinaçao necessaria da segunda parte da minha carreira, após um suficiente intervalo, hoje concluido, de repouzo e de preparação. Tal devia ser pois o curso geral da minha evolução filozofica, inevitavelmente partilhada em duas grandes epocas, uma antes de tudo mental, na qual o ponto de vista social não domina sinão como principal fonte da sistematização abstrata, a outra eminentemente social, na qual se trata enfim de reconstituir, mediante uma san doutrina preliminar, a vida moral da Humanidade.

A reorganização espiritual das sociedades modernas, na qual a minha mocidade tinha visto uma operação unica, decompõe-se necessariamente em duas emprezas sucessivas, em virtude das duas faces simultaneas, porem distintas da nossa existencia moral, conforme se considera a sistematização das idéias ou a dos sentimentos, dupla preparação indispensavel á sistematização final das ações humanas. Si eu tivesse perzistido em sistematizar os sentimentos antes das idéias, o meu surto filozofico, contrario á coordenação natural, teria tomado inevitavelmente um carater vago e mesmo mistico, afinal perigozo, por tender a prolongar radicalmente a anarchia atual em lugar de rezolvê-la. Mas, hoje que a baze intelectual está dignamente posta, eu devo diretamente voltar as minhas principais forças para a parte moral da minha grande empreza. E' assim, minha cara amiga, que consegui afinal, durante esses tres mezes que vos parecião porventura perdidos para os meus trabalhos, conceber nitidamente o carater que

deve profundamente distinguir a segunda metade da minha vida filozofica. Na minha obra fundamental, o espirito de pesquiza e mesmo de discussão, devia prevalecer, afim de elevar-me gradualmente, segundo a ordem natural das nossas diversas concepções, ao verdadeiro ponto de vista definitivo da sabiduria humana. Agora que acho-me solidamente estabelecido nele, não se tratará mais sinão de proceder doravante, em virtude dos principios já admitidos, a uma dogmatização social diretamente destinada sobretudo a sistematizar os nossos sentimentos essenciais. Em uma palavra, eu posso agora considerar a superioridade intelectual do pozitivismo como assás constatada, pelo menos em todos os espiritos da vanguarda: resta-me pois, na minha segunda grande obra, constituir tambem a superioridade moral dele, que é só o que seja seriamente contestavel hoje.

Tal é, minha cara Clotilde, a unica porção que póde jamais ser convenientemente divulgada da importante explicação que vos exponho agora. Já os meus mais intimos amigos receberão o equivalente de similhante apreciação, que communicarei brevemente a outros, e um dia talvez ao publico mesmo. Mas o conjunto da explicação ficará necessariamente rezervado sempre só para vós, á vista do intimo esclarecimento pessoal que constitúi o seu indispensavel complemento. Porque, esta sumaria determinação do verdadeiro carater peculiar a cada uma das duas grandes partes da minha vida publica indica espontaneamente uma dispozição correlativa da minha vida privada, que entretanto não comporta, pelo menos da minha parte, sinão um simples exame secreto.

No começo da minha carreira filozofica, na qual eu proseguia prematuramente uma imediata reorganização moral, tinha vivamente sentido quanto o surto das afeições ternas importava, não sómente á minha felicidade pessoal, mas tambem á plenitude da minha ação social, e essa intima persuazão não contribuiu pouco para o meu fatal cazamento. A imperfeita satisfação de tal exigencia determinou sobretudo o dolorozo carater da tempestade de 1826, que, si eu tivesse sido assás afortunado para achar então uma Clotilde, não se teria tornado, apezar da sua propria gravidade, mais perigoza do que a crize, muito analoga no fundo, donde acabo de sahir melhorado a todos os respeitos. Todavia, a natureza, mais intelectual do que social,

dos meus principais esforços filozoficos durante os doze anos mais ou menos que seguírão-se a esse abalo decizivo, não devia dar-me ensejo, salvo as perdas de tempo e de forças, de deplorar muito, quanto á minha vida publica, as tristes lacunas afetivas inherentes á minha desgraçada situação domestica. Mas, ha tres anos, a minha elaboração deve, pelo contrario, tornar-se, para todo o resto da minha vida, ainda mais moral do que mental; de sorte que as exigencias do coração, que sempre permanecérão tão energicas em mim por nunca terem sido convenientemente satisfeitas, devêrão adquirir em breve uma irrezistivel preponderancia. Ao mesmo tempo, por uma precioza coincidencia, uma indispensavel separação, tanto mais irrevogavel da minha parte quanto não a provoquei em nada, libertou-me plenamente de uma intoleravel opressão interior, felizmente convertida afinal em um simples encargo pecuniario, cujo justo pezo real o meu carater impede-me de sentir. Na verdade, os dois primeiros anos dessa nova situação, durante o intervalo natural entre o fim da minha grande elaboração primitiva e o começo da seguinte, passárão-se a saborear a sorte de felicidade negativa rezultante para mim dessa calma inesperada que sucedia a uma tão longa agitação quotidiana. É sómente ha cerca de um ano que a aproximação da minha segunda obra essencial, e o presentimento gradual do seu verdadeiro carater geral, devêrão indicar-me especialmente a importancia de um surto pessoal das afeições doces, segundo as novas exigencias de uma elaboração filozofica na qual o coração deve doravante ter ainda mais parte do que o espirito: esta estimulação publica esteve aliás em plena harmonia espontanea com o impulso privado que, após haver assás gozado o simples repouzo, devia naturalmente fazer-me dezejar a felicidade e temer o izolamento. Tal é, minha carissima Clotilde, a dupla dispozição intima que, sem que o soubesseis, tornou-me tão plenamente oportuno o ingenuo dezenvolvimento da nossa precioza amizade sejão quais forem as restrições a que a possa sujeitar o estado preliminar do vosso proprio coração. Deveis assim conceber agora que não cedo a nenhum arrastamento apaixonado perzistindo hoje, tanto como ha tres mezes, em considerar esse doce sentimento habitual como se tendo tornado doravante tão indispensavel ao aperfeiçoamento da minha vida publica como á felicidade da minha vida privada.

Para melhor conceber a verdadeira relação geral das duas crizes que circunscrevem a unica parte do meu passado, publico ou privado, que possa vos interessar diretamente, não é inutil juntar aqui a indicação de uma sorte de crize intermediaria, de carater menos pronunciado, porem de natureza analoga, determinada, em 1838, pela passagem do preambulo puramente sientifico da minha grande construção filozofica para o elemento sociologico que devia constituí-la definitivamente. Conquanto, nesta segunda e principal metade desse longo trabalho, o ponto de vista social devesse ficar sobretudo especulativo, e por consequencia não pudesse tender tão poderozamente como hoje a dezenvolver em mim as necessidades afetivas, entretanto essa epoca fórma realmente uma faze notavel em tal historia intima da minha dupla existencia. O seu principal rezultado carateristico consistiu em uma viva ecitação permanente do meu gosto natural das diversas belas-artes, sobretudo da poezia e da muzica, que recebeu então um notavel acrecimo habitual. Vós sentís logo a afinidade espontanea disso com uma tendencia ulterior para uma vida principalmente afetiva; e aliás ele influiu muito felizmente sobre o melhoramento imediato da minha obra, em tudo quanto concerne á evolução estetica da Humanidade. Na ordem privada, essa epoca aprezenta tambem algum interesse como igualmente intermediaria entre as duas crizes essenciais; porque, foi então que deixei, pela primeira vez, de solicitar, embora a permitindo ainda, uma nova cessação de uma separação provizoria, e que signifiquei a minha firme rezolução de tornar doravante irrevogavel toda e qualquer situação analoga que surgisse de novo. *

Enfim, não é talvez superfluo completar a apreciação dessas tres crizes pessoais, a um tempo mentais e morais, indicando acessoriamente um singular carater material, que, conquanto secundario, muito serviu-me para perpetuar, de uma maneira mais assinalada, a lembrança respetiva delas. Um dos meus pequenos segredos filozoficos, que tenho prazer em participar-vos, consiste neste preceito geral, mais preciozo do que a principio parece: para consolidar e facilitar todo aperfeiçoamento intelectual ou afetivo, é muito importante ligá-lo a algum aperfeiçoa-

* O nosso Mestre se refere aqui aos abandonos do teto conjugal por parte de Carolina Massin, sua mulher. Vide a p. 25 deste volume. — R. T. M.

mento fizico, relativo sobretudo a um melhoramento habitual do regimem material. É desse principio que deriva no fundo tudo o que ha de essencial na teoria pozitiva dos sacramentos, cujo alcance o empirismo sacerdotal sentiu confuzamente, como sinais fizicos dos nossos diversos progressos espituais. A esse titulo, posso dizer-vos que as tres crizes essenciais da minha dupla evolução pessoal, durante os anos 1826, 1838 e 1845, achão-se para mim familiarmente consagradas por um duradouro sintoma material, porque fui respetivamente conduzido então á abstinencia definitiva, primeiro do café, depois do fumo, e hoje do vinho.

Tais são, minha cara amiga, as diversas indicações secretas que completão a parte ostensiva da minha dificil explicação sobre a nova fizionomia, a um tempo publica e privada, peculiar á segunda metade da minha carreira. Os verdadeiros conhecedores da natureza humana suspeitarão bem que uma das duas porções dessa analize supõe necessariamente a outra, mas sem que possão realmente adivinhá-la. Eles sabem, com efeito, que não se póde atuar profundamente sobre os sentimentos dos outros sinão participando das mesmas emoções, e que, por conseguinte, uma elaboração filozofica doravante relativa diretamente á vida afetiva exige, naquele que a efetua, o vivo surto simultaneo de tal existencia. Depois de ter outrora concebido todas as idéias humanas, é precizo que eu experimente tambem agora todos os sentimentos, mesmo no que eles têm de dolorozo: é isso uma indispensavel condição preliminar, naturalmente prescrita a todos os regeneradores da Humanidade. Uma expansão habitual das nossas principais emoções, sobretudo da mais deciziva e da mais doce ao mesmo tempo, torna-se pois tão indispensavel hoje á minha segunda grande obra como a minha antiga preparação mental deveu antes sê-lo á primeira. Espero que, em virtude desses apanhados, não podeis mais conservar duvida alguma essencial sobre a venturoza eficacia filozofica que aguardo da vossa eterna amizade.

O meu organismo recebeu de uma mãi muito terna certas cordas intimas, eminentemente femininas, que não pudérão ainda vibrar assás, por não terem sido convenientemente abaladas. Chegou enfim a epoca de dezenvolver a atividade delas, que, pouco sensivel diretamente no primeiro volume, essencialmente logico, da minha proxima

obra, caraterizará fortemente o tomo seguinte, e ainda mais o quarto ou ultimo E' da vossa salutar influencia que espero, minha Clotilde, esse inestimavel melhoramento, que deve dignamente afastar os injustos reproches de certos criticos sobre a pretensa falta de unção peculiar ao meu talento, no qual só algumas almas privilegiadas reconhecérão já uma profunda sentimentalidade implicita, confessando-me ter chorado em certas passagens filozoficas, aquelas mesmas que eu escrevêra de fato debulhado em lagrimas. Só a vós ouzarei livremente submeter de antemão tudo quanto sonhei para dezenvolver em todos os sentidos a grandeza moral do homem, agora que começais afinal a sentir quanto seria extranha uma amizade que não comportasse nunca conversas sem testemunhas. Só vós podereis inteiramente dissipar essa má vergonha filozofica de parecer demaziado sensivel, porque a pureza e a sinceridade das minhas emoções não vos serão jamais suspeitas, por mais exaltadas que possão parecer-vos a principio. Trata-se sobretudo, no fundo, de incorporar intimamente no pozitivismo, com melhoramentos radicais, tudo o que o sistema catolico da idade-média pôde realizar, ou mesmo esboçar, de grande ou de terno: a eminente superioridade da vossa natureza moral me garante que o que resta em vós de espirito voltairiano não vos póde impedir de simpatizar dignamente com tais tentativas, quando vos forem familiarmente indicadas nas nossas doces expansões.

Um celebre escritor (M. de Lamennais), que conhecia já a minha triste situação domestica, dizia de mim, ha vinte anos: *é uma bela alma que não sabe onde agarrar-se*. Espero haver-lhe até aqui provado que o sei, si ele tem realmente seguido de boa fé o meu dezenvolvimento total. Mas conto, graças a vós, impedí-lo doravante de conservar, a tal respeito, a minima duvida sincera. Não temais aliás, minha nobre amiga, que a vossa insuficiente instrução preliminar vos prive de exercer assás para comigo essa inapreciavel assistencia, que eu procuraria debalde fóra da vossa eminente afeição. Uma doloroza iniciação pessoal dezenvolveu espontaneamente na vossa rara inteligencia, o mais fundamental de todos os estudos, o da natureza humana, que, mesmo no estado empirico, importa muito mais á realização de tal influencia filozofica do que uma van preparação sientifica, donde, no que

ela oferece de mais eficaz, isto é, a educação matematica, decorre demaziadas vezes hoje a alteração radical do verdadeiro regimen logico pelo habito de uma argumentação sofistica, rezultante de uma irracional tendencia a deduzir quando seria precizo observar.

Esta explicação fundamental, na qual o espirito e o coração participárão igualmente, é por si mesmo muito apropriada para caraterizar, pelo fato, a feliz conexão natural que eu quiz tornar-vos aqui diretamente familiar para servir de baze á precioza reação filozofica que espero habitualmente da nossa amizade. A proxima execução de uma obra que emprehendo, ouzo dizê-lo, na mais santa dispozição para apanhar por toda parte e para perpetuar dignamente os diversos meritos da ordem anterior, rendendo sempre uma afetuoza justiça a todos os nossos predecessores quaisquer, não podia ser mais bem preparada do que por esta secreta dedicatoria, na qual, testemunhando-vos um digno reconhecimento pelo util melhoramento que já vos devo, coloco doravante o meu surto direto do amor universal sob a doce estimulação contínua do nosso puro apego privado.

Vosso amigo devotado
Ate COMTE.

P. S. A minha gratidão parecer-me-ia incompletamente expressa, si, a essa precioza influencia permanente, eu não juntasse aqui a indicação de uma outra reação favoravel, que, embora passageira, deve ser-vos brevemente assinalada. E' a aptidão espontanea do meu afetuozo devotamento a afastar as graves inquietudes que a minha situação material teria recentemente inspirado a qualquer outro, e talvez tambem um pouco a mim mesmo, mau grado os meus habitos inveterados de feliz despreocupação filozofica. Certos embaraços temporarios, inherentes á pequena perseguição financeira com que as nossas camarilhas sientificas me honrárão, não oferecem mais agora nenhum perigo sério, conquanto não estejão ainda totalmente dissipados; mas adquirírão, durante os ultimos mezes, um aspeto assás ameaçador para afetar-me si eu não estivesse deliciozamente preocupado convosco. Ora, eu posso fazer-me, a este respeito, a plena justiça que a minha crize nervoza, aliás muito grave no fundo, não foi, graças a essa eminente diversão, um só instante perturbada por nenhuma

reflexão acerba sobre as dificuldades que devião no entanto parecer-me então inevitaveis e proximas. Recebei por isso hoje, minha Clotilde, o meu agradecimento especial.

II

Agradeço-te sobretudo o me haveres espontaneamente inspirado essa pureza cujo verdadeiro valor ignorava até conhecer-te.

(Augusto Comte—*Orações.*)

A divina paixão que ao nosso Mestre inspirára Clotilde não determinou pois unicamente o surto definitivo da sua evolução filozofica. Influindo profundamente sobre toda a sua existencia, ela ficou assinalada tambem por aperfeiçoamentos intimos cujo alcance só mais tarde o incomparavel Regenerador apreciaria inteiramente. E, conquanto Ele haja indicado, na comovente carta que precede, o conjunto de tão beneficas reações morais, uma houve, a que nem de leve aludiu. Similhante rezerva lhe foi sem duvida imposta pela delicada consideração de que o estado das suas relações com a sua ecelsa Inspiradora lhe vedava tocar em tão melindrozo assunto. Referimo-nos á mais importante das transformações operadas na sua personalidade, e proveniente da escrupuloza pureza a que o conduzíra a profundeza do seu amor. Ele não conseguíra, é verdade, superar ainda os preconceitos medicos a tal respeito; e nem era possivel que os dissipasse de todo enquanto não tivesse instituido a verdadeira teoria da nossa alma. Convem, com efeito, não esquecer que, até esse momento, a concepção sientifica da nossa natureza, devida essencialmente a Gall, atribuia o *amor conjugal* ao *instinto sexual*. Foi só mais tarde que o nosso Mestre reconheceu a secular iluzão mediante a experiencia rezultante da sua angelica paixão, confirmada posteriormente pelas pesquizas do seu genio. Então Ele descobriu que o *amor conjugal* constitûi a mais completa manifestação da *amizade*, e que o *instinto sexual* apenas contribûi acessoriamente para tal, estimulando, sobretudo no homem, o surto dos pendores altruistas, — *apego, veneração*, e *bondade*,— especialmente do primeiro.

Mas, desde a aurora da sua redentora paixão, uma nobre experiencia lhe patenteou espontaneamente a conexão existente entre a mais perfeita castidade e o surto

de um digno e profundo amor. Porque, fossem quais fossem as dificuldades ou mesmo os supostos perigos de tal virtude, o seu amor o havia prezervado até ali da mais insignificante infração a tal respeito, e Ele sentia que o prezervaria sempre. O culto da sua idolatrada Inspiradora e o acatamento que esse culto lhe infundira em relação a todo sexo feminino lhe patenteava, cada vez com maior vivacidade, a malvadeza que ha em sacrificar a Mulher a uma brutal satisfação.

Diante dessa santa reação, o seu pensamento volve-se naturalmente para os anos da sua tormentoza juventude. Nessa quadra houve um momento em que o entuziasmo por Franklin o conduzíra a tentar realizar em si o tipo de um verdadeiro *sabio*, vencendo as grosseiras tendencias da sua ardente organização. Mas quanto lhe custára esse esforço!... E, mau grado os ditames da sua razão e a energia da sua dignidade, o egoismo acabou por triunfar desse projeto generozo. No entanto agora bastava uma paixão egregia para dominar todas as potencias da sua alma e absorvê-lo completamente na mais pura adoração. Espontaneamente, e num venturozo arroubo, Ele conseguíra o que dantes fôra impossivel aos propozitos da sabiduria.

III

> Vitima inocente de uma sorte ecepcional, tu reconheceste dignamente que a indispensavel generalidade das regras sociais não deve ser julgada pelas suas dolorozas anomalias.
>
> (AUGUSTO COMTE. *Dedicatoria da Politica.*)

Parece que, juntamente com a sua patetica efuzão de 5 de Agosto, o nosso Mestre enviára a Clotilde as *Cartas a Marcia* de George Sand. Essas manifestações comovêrão-na profundamente; e Ela formou o projeto de ir agradecer pessoalmente, no dia seguinte, que era Mercuridia, a gentileza do Filozofo. Absorvida, porem, com o seu primeiro artigo para o *Nacional*, não pôde realizar esse delicado intento. Escreveu, por isso, na manhan de Jovedia, um afetuozo bilhete no qual revelou quanto já se achava impressionada com o que até ali tinha percebido da nova filozofia.

Trigezima-terceira carta

Jovedia de manhan 7 de Agosto de 1845.

CARO E BOM SENHOR,

Contava levar-vos eu mesma hontem os meus agradecimentos pela amavel remessa que me fizestes. Fui impedida de sahir, e ainda hoje estou retida. Não quero pois vos deixar ignorar a minha intenção, nem o meu reconhecimento. Lamentaria sómente muito que tivesseis feito a aquizição do volume de Mme Sand, apezar de todo o prazer que tive em ler a sua eloquente refutação de si mesma. Que coiza estranha! e no entanto pouco rara, é essa igual facilidade de falar pró e contra. Os homens como vós são bem raros no nosso tempo, e nunca forão mais necessarios. Terei grande prazer em tentar iniciar-me pouco a pouco na filozofia pozitiva; o rezumo de M. Littré deve ser uma chave comoda e segura.

A criancinha esteve hontem menos bem. Os seus intestinos são, ao que parece, bem delicados; e será um verdadeiro milagre criá-la: ha bem pouca ventura sem sustos na vida.

Adeus, Senhor, até Venerdia. Devo levar nesse dia o meu artigo ao *Nacional*. Espero ter tomado o assunto no ponto de vista deles. Escolhi o lado mais interessante para mim.

Recebei a expressão dos meus sentimentos bem afetuozos.

CLOTILDE DE V.

IV

> Conheço todo o valor da iniciativa filozofica, e saberia mantê-la com energia, quando mesmo a minha vida profundamente solitaria não me prezervasse espontaneamente, a este respeito, das tentações ordinarias.
>
> (AUGUSTO COMTE. *Prefacio pessoal.*)

Na manhan seguinte Augusto Comte dirigiu a Stuart Mill a resposta que fôra obrigado a adiar, porque este lhe comunicára que se auzentaria de Londres por algum tempo. O nosso Mestre agradecia cordialmente o interesse que o logicista lhe mostrava: « Era impossivel defender-me com um zelo mais energico e ao mesmo tempo com uma prudencia mais esclarecida, » dizia Ele. Depois expunha a serie de motivos pelos quais reputava escuzada

qualquer discussão da sua parte, com os criticos de que falava Stuart Mill. Autorizava a este a comunicar a Herschell, si o julgasse merecedor de tal confidencia, a sua rezolução de suprimir o capitulo do seu SISTEMA DE FILOZOFIA POZITIVA correspondente á hipoteze cosmogonica de Laplace, como relativo a uma pesquiza que não considerava assás pozitiva. Manteria porem a sua critica da astronomia sideral que fundiria alhures, como já fizera no seu pequeno tratado de ASTRONOMIA POPULAR.

Concluia com estas fraternais comunicações, atribuindo talvez a Stuart Mill uma maior afinidade consigo do que realmente existia :

« Estou extremamente satisfeito de ver-vos tão impressionado com as minhas ultimas explicações sobre o feliz rezultado final das meditações peculiares á longa crize nervoza de que estou sahindo, espero eu, melhorado a muitos respeitos. Em verdade, me tinha lizonjeado de que essa indicação do carater verdadeiramente distintivo da minha segunda obra vos interessaria muito. Mas esta plena aprovação reagiu sobre mim de uma maneira muito favoravel, inspirando-me mais confiança nessa nova impressão geral, da qual teria desconfiado um pouco si ela não tivesse obtido a vossa simpatia deciziva. Uma certa má vergonha de parecer demaziado sensivel tinha precizão de ser assim dissipada pela vossa fraternidade filozofica, tão apta a distinguir entre uma verdadeira sentimentalidade e um perigozo misticismo no qual espero bem jamais cahir, por mais exaltadas que possão a principio parecer algumas das emoções a que abandonar-me-ei sistematicamente nesse longo trabalho, sobretudo no segundo e quarto volumes.

« Embora o meu sistema nervozo conserve ainda um pouco de agitação, estou assás restabelecido para começar Lunedia o meu primeiro volume essencialmente logico, que conto proseguir sem nenhuma interrupção até o seu acabamento, salvo os curtos entre-atos que separarão naturalmente esses quatro capitulos. Sinto-me disposto a consumar sem fadiga essa tarefa antes do começo de Novembro, durante o tempo que estarei sem qualquer outro trabalho, pois que mesmo o meu curso hebdomadario encerra-se depois d'amanhan.

« As seguranças da vossa ultima carta sobre o proximo sucesso da importante negociação pessoal que praz á vossa

fraternal solicitude encarregar-se de novo permitem-me emprehender essa tranquila elaboração mental sem ser perturbado pela menor preocupação material.

« Quanto á minha saude, conto com o trabalho mesmo para completar a volta do meu pleno estado normal, fornecendo o emprego regular de uma atividade cerebral que, sem isso, tende a entreter ainda uma certa inervação vicioza.» (CARTAS A STUART MILL, ps. 362-369.)

V

> Donna, se'tanto grande e tanto vali,
> Che qual vuol grazia e a te non ricorre
> Sua distanza vuol volar senz'ali.
>
> (DANTE — *Paraizo.*)

Nessa noite o nosso Mestre esteve com Clotilde na rua Pavée. Era a primeira vez que a via depois da memoravel carta em que lhe explicára a sua prodigioza evolução. Para imaginar as deliciozas emoções desse venturozo encontro basta lembrar que simillhante vizita constituiu uma das *imagens normais* do seu culto intimo.

VI

> Sob a inspiração unicamente da tua bela alma, destinaste a tua *Wilhelmina* á efutação, deciziva embora indireta, dos perigozos paradoxos rejuvenecidos por uma eloquente contemporanea, com a qual o teu talento não tinha que receiar uma equitativa comparação.
>
> (AUGUSTO COMTE—*Dedicatoria da Politica.*)

No domingo imediato, 10 de Agosto, Augusto Comte encerrava o seu curso popular de Astronomia, entre as regeneradoras emoções que simillhante data mais exaltava.

Como vimos, Ele contava começar no dia seguinte, a sua nova obra; mas o estado da sua saude não lh'o permitiu. Estava porventura entregue aos seus melancolicos devaneios quando foi sorprehendido pela seguinte carta de Clotilde :

Trigezima-quarta carta

Lunedia 11 de Agosto de 1845.

CARO SENHOR,

Sou obrigada a sahir esta noite com o meu irmão. Irei passar amanhan duas horas convosco para indenizar-me

da minha perda. Espero não incomodar-vos chegando por volta de uma hora.

Quem sabe si não vos faço reprezentar um pouco o papel da Providencia para comigo; mas creio-vos tão delicado e tão bom que vou pedir-vos que me presteis um pequeno serviço de amigo intimo. Estou em um tratamento dispendiozo que embaraça-me um pouco, mas que ser-me-á provavelmente muito proveitozo; poderieis emprestar-me cincoenta francos durante algumas semanas, eles me auxiliarão a conquistar as minhas palmas do *Nacional*.

Estou em uma efervecencia de compozição que me fatiga, mas que me agrada muito. As cartas a Marcia derão-me uma idéia que poderia ter sucesso e interesse. E' de imaginar a historia de uma mulher que tivesse cedido a todas as insinuações contra o cazamento e a ordem; fazê-la quebrar-se de encontro a todas as greves das paixões, conservando-a todavia sempre pura; e conduzí-la pouco a pouco á tranquilidade e á plenitude da vida da familia. Seria um livro util, creio eu, e uma critica frizante ao mesmo tempo. Estou me ensaiando e vos iniciarei.

Adeus, caro e digno amigo, vêdes que vos aprecio, e creio em vós.

Contai com o coração de

CLOTILDE DE V.

Esta carta veio produzir um indescritivel abalo no melindrozo coração do nosso Mestre. O inefavel jubilo que lhe cauza o anuncio da inesperada vizita da sua idolatrada Inspiradora não tarda em confundir-se com a piedade que as dificuldades da situação material dela lhe despertão. Tão compassivo sentimento mais tocante lhe torna a honroza confiança e a nobre afeição com que Ela apela para o seu cavalheirismo. E, quando sua alma flutuava assim á mercê da alegria e da dôr, da ternura e da gratidão, um assomo de entuziasmo o arrebata ao inteirar-se do santo projeto que com tamanha candura Ela lhe comunica. Foi sob o influxo de tantas emoções encontradas que escreveu a sua delicada resposta.

Trigezima-quinta carta

Lunedia á tarde 11 de Agosto de 1845 (5 h.)

Apresso-me, caro amiga, em exprimir-vos, conquanto

bem fracamente, a alegria que me inspira a vossa adoravel carta desta manhan. Anunciando-me que ficarei esta tarde privado de vós, vos dignais assegurar-me para amanhan uma precioza compensação! Não deveis duvidar que sereis deliciozamente esperada por volta de uma hora, conforme á vossa indicação amigavel.

Quanto vos agradeço, minha Clotilde, de haverdes cordialmente contado comigo nos vossos pequenos embaraços materiais! Sentir-me-ei bem afortunado de prestar-vos amanhan esse pequenino serviço, mas contanto que não seja tão minimo, sem que todavia devais receiar nenhuma afetação indiscreta ou descabida. Contai que a minha pozição não impedirá nunca a minha intervenção fraternal em grau muito mais alto, si isso se tornasse necessario. Já sabeis aliás que as minhas proprias dificuldades temporarias estão hoje essencialmente dissipadas, graças á nobre simpatia de alguns poderozos adherentes filozoficos.

Soube com felicidade do projeto de obra que a leitura de Marcia vos sugeriu. Nada podia ser mais digno ao mesmo tempo do vosso coração e do vosso espirito. O vosso nobre surto literario pronuncia-se já assás para que eu possa indicar-vos o secreto augurio que tirei dos vossos primeiros esforços, cuja apreciação fez-me esperar em vós a mulher destinada a reparar dignamente as devastações morais rezultantes hoje do deploravel emprego de um belo talento feminino. Eu seria demaziado feliz de poder, ou por minhas animações ou por meus conselhos, facilitar-vos um pouco essa admiravel missão, na qual a mais solida gloria não vos é menos assegurada do que a mais pura satisfação intima.

Um dia, sem duvida, como creio vos ter anunciado incidentemente, em consequencia da nossa celebridade respetiva, a nossa santa amizade achar-se-á tambem conhecida do publico, talvez mesmo durante a nossa vida, embora mau grado nosso. Mas, graças á constante moralidade de todos os nossos trabalhos, uma voz unanime proclamará logo que essa nobre intimidade nos honrou, e mesmo nos aperfeiçoou, a ambos.

Adeus, minha adoravel amiga, até amanhan, a 1 h.

Vosso de todo coração e sempre

A^te COMTE.

VII

> Por isso tambem tenho já anhelado poder livremente derramar aos vossos pés lagrimas deliciozas de reconhecimento e de alegria.
>
> (*26ª carta de Augusto Comte a Clotilde.*)

No Martedia seguinte, 12 de Agosto, Augusto Comte tinha a ventura de receber a angelica vizita que tão anciozamente aguardava. Desde a vespera da sua festa era a primeira vez que Clotilde penetrava na modesta sala do cavalheiresco Pensador. O mesmo *altar* humilde onde a sua divinal imagem escutava quotidianamente as preces do Filozofo, a esperava. Nessa entrevista Clotilde pôde ver bem confirmado o juizo que já formava quanto á nobreza e á delicadeza do amor que Augusto Comte lhe consagrava. Mas o nosso Mestre teve tambem o afortunado ensejo de constatar que a sua adoração era correspondida pela mais sincera afeição. Essa entrevista forneceu uma das *imagens normais* das suas orações intimas.

Assim cada dia vinha trazer um novo elemento para enaltecer o comovente culto de que era objeto Clotilde, engrandecendo o amor que o Filozofo lhe votava. E todos estes acrecimos na sua felicidade privada redundavão em beneficio da regeneração social; porque o nosso Mestre percebia cada vez mais nitidamente a natureza do problema humano e a solução unica que ele comportava.

VIII

> Não creiais que me iluda de modo algum sobre o exito de tal pretenção. Em virtude do conjunto da situação, estou muito persuadido que ides desta vez obter sem dificuldade um posto do qual sei quanto sois digno.
>
> (AUGUSTO COMTE.— *Carta a Lamé.*)

Foi nessas circunstancias, que o imprevisto pedido de demissão por parte de Duhamel, do lugar de diretor dos estudos, veio proporcionar ao nosso Mestre o ensejo de manifestar a necessidade de uma proxima reparação qualquer da iniquidade exercida contra si. Embora não esperasse ser bem sucedido, o Filozofo rezolveu aprezentar a sua candidatura ao lugar, com o fim de indicar que se julgava nos cazos de preenchê-lo. No dia 16 de Agosto escreveu uma carta ao seu antigo camarada Lamé que parecia o

candidato provavel, expondo-lhe o verdadeiro motivo da sua aparente concurrencia. E no dia 18 dirigiu uma outra ao general Rostolan, comandante da Escola, comunicando-lhe a sua candidatura.

IX

> O vosso nobre acendente ligou doravante profundamente em mim o surto habitual dos mais altos pensamentos ao dos mais ternos sentimentos.
>
> (*147ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

Esse dia, Lunedia 18 de Agosto,* era o terceiro aniversario do aparecimento do ultimo volume da sua FILOZOFIA POZITIVA; e o nosso Mestre solenizou similhante acontecimento inaugurando a redação da sua POLITICA. O contraste entre as duas datas o enche de um nobre entuziasmo. O longo epizodio intelectual da sua glorioza missão cessava enfim; Ele retomava diretamente as meditações regeneradoras da sua glorioza mocidade. E no meio de tantas imagens que o encantavão, surgia o vulto suave de Clotilde como a angelica condutora da sua nova carreira. Nessa mesma tarde a sua vizita habitual á rua Pavée vinha sublimar o ardor do seu nobre entuziasmo.

X

> Si, nas obras individuais, nada de grande é possivel sem um digno concurso do coração com o espirito, tambem toda renovação social exige a ativa cooperação de ambos os sexos.
>
> (AUGUSTO COMTE — *Dedicatoria da Politica.*)

Esta semana que se inaugurava sob tão felizes auspicios foi assinalada por uma nova vizita de Clotilde. No Mercuridia, 20 de Agosto, Ela vinha consagrar com a sua angelica prezença as redentoras meditações devidas á sua divina inspiração. Os manuscritos do nosso Mestre permi-

* Na *Revista Ocidental*, segunda serie, tomo V, ps. 436-452, vem publicado o — *Quadro do numero de dias e de folhas empregados por Augusto Comte, na redação das suas obras* — Foi dahi que extrahimos os dados aqui mencionados acerca da compozição da POLITICA POZITIVA

tem determinar as paginas que Ele escreveu sob o influxo de tão santa entrevista. Não poderiamos infelizmente indicá-las aqui, porque mãos infieis profanão hoje as sagradas reliquias dos Fundadores da Religião final...

Era esta a terceira vez que o Filozofo contemplava a sua imaculada e terna Inspiradora no tão humilde quanto gloriozo *altar* levantado pelo incomparavel culto que Ele lhe votára. E era o primeiro Mercuridia em que Ela conseguía realizar a comovente promessa de compensar as vizitas que a delicadeza do nosso Mestre o levára a cessar de fazer á Familia Marie. Foi talvez o conjunto destas circunstancias que tornárão essa angelica entrevista uma das *imagens ecepcionais* do culto intimo do nosso Mestre.

XI

> Foi invocando-vos no vosso *altar*, que senti mais de uma vez surgirem as minhas melhores inspirações.
>
> (*36ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

Durante oito dias a sublime elaboração foi continuada sem interrupção; de sorte que no Lunedia 25 de Agosto estava concluida a INTRODUÇÃO GERAL, *que foi essencialmente conservada.*

O nosso Mestre passou essa tarde com Clotilde na rua Pavée. Reinava na Familia Marie o regozijo que precede as santas festas peculiares á existencia domestica. Estava-se em preparativos para o batizado do primogenito de Maximilien. A natureza terna do Filozofo, ainda mais sensibilizada pela sua situação moral, experimentou nessa tarde emoções cuja lembrança lhe ficou profundamente gravada. Com efeito, essa lembrança tornou similhante data assinalada entre as que marcão as *imagens normais* do seu culto intimo.

Talvez fosse a circunstancia que acabamos de recordar o ensejo do encontro que o nosso Mestre esperava ter com Clotilde, no dia seguinte, na rua Pavée. Em todo cazo, na manhan de Martedia 26 de Agosto, Ele sentiu a necessidade de testemunhar a Clotilde o seu infindo reconhecimento pelo que acabava de redigir da sua POLITICA :

Trigezima-sexta carta

Martedia de manhan 26 Agosto de 1845 (6 h.)

Embora deva eu encontrar novamente esta tarde a minha ventura de hontem, cedo sem escrupulo, cara e digna amiga, á instante precizão de utilizar um primeiro entreato, aliás muito curto e muito cheio, para testemunhar-vos já a minha gratidão especial quanto á harmonia cada vez mais sensivel que se dezenvolve, graças a vós, entre as minhas afeições e os meus trabalhos.

Desde a origem da nossa amizade, eu vos anunciei, em principio, essa doce conexão, cuja teoria vos expliquei em seguida de alguma sorte na grande dedicatoria sécreta que tive recentemente a satisfação de dirigir-vos antes de começar a minha longa elaboração. Já posso ajuntar-lhe o sentimento direto de uma afortunada verificação quotidiana dessa encantadora reação mutua. A cada suspensão qualquer do meu trabalho, a vossa cara imagem, volta docemente a apoderar-se de mim; e, longe de prejudicar depois á minha meditação, ela a sustenta e a anima. Foi invocando-vos, no vosso *altar*, que senti mais de uma vez surgirem as minhas melhores inspirações. Por isso tambem tenho já anhelado poder livremente derramar aos vossos pés lagrimas deliciozas de reconhecimento e de alegria.

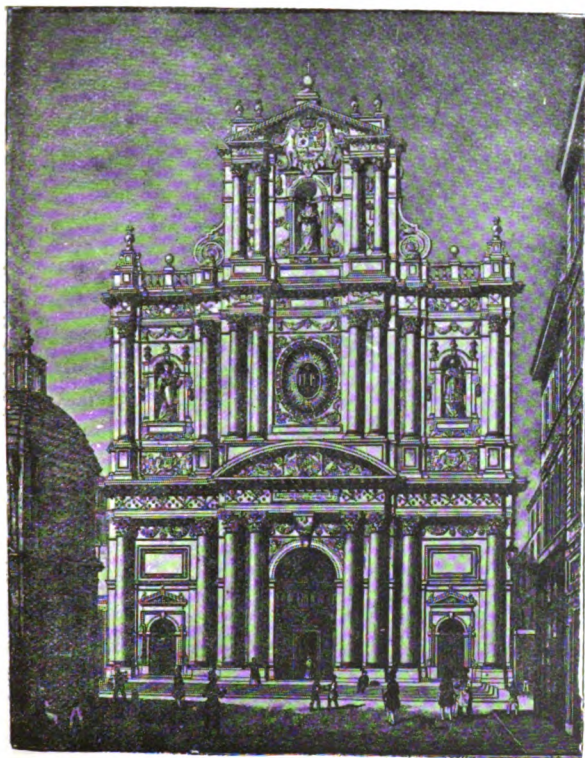
Todas as minhas venturozas previzões a este respeito achão-se pois confirmadas até aqui pelos acontecimentos, alem mesmo das minhas esperanças; e esse preciozo efeito crecerá mais á medida que o meu trabalho avançar, por estar em plena harmonia com a sua verdadeira natureza. Não temais portanto, minha Clotilde, nem nenhum arrefecimento para comvosco em consequencia das minhas preocupações filozoficas, nem nenhuma perturbação dos meus trabalhos pelas doces emoções do meu coração. Felicitai-vos, ao contrario, pelo que vos é certamente devido, desse nobre acordo contínuo, doravante assegurado e mesmo crecente, entre a minha vida privada e a minha vida publica. A vossa influencia pessoal torna-se ahi evidente, comparando a minha doce elaboração atual com a triste situação na qual, ha seis anos, * tratava, sob outro aspeto, os mesmos assuntos.

* Em 1839 - R. T. M.

Embora essa irrecuzavel confirmação deva fortificar muito as minhas explicações anteriores a este respeito, temo todavia que vos restem ainda algumas duvidas essenciais. Não suspeitareis jamais em mim nenhuma afetação qualquer, porque sabeis que isso é plenamente incompativel com o meu carater; mas acreditar-me-eis porventura entregue a uma iluzão apaixonada, cuja perzistencia, a um tempo tão tenaz e tão variada, seria aliás muitissimo extranha.

Contudo, por não terdes sofrido tambem uma influencia similhante, talvez não tenhais podido até aqui comprehendê-la assás; sobretudo si a vossa propria experiencia aprezentou-vos um grave conflito naquilo mesmo em que eu encontro um doce concurso. Eis porque me perdoareis de insistir tanto sobre tal relação, cuja intima realidade pessoal eu espero aliás que acabareis igualmente por sentir.

De resto, cazos analogos, sobre os quais uma longa e antiga experiencia não permite duvida alguma, poderião de antemão facilitar-vos uma justa apreciação das minhas indicações a este respeito. Os nobres cavaleiros da idade-média havião harmonizado tão bem a sua vida privada e a sua vida publica que a imagem querida vinha muitas vezes embelezar e animar as suas senas guerreiras, de modo a deixar surgir as mais ternas emoções no meio da dezolação ou do terror. Sabeis que a historia é ainda mais decisiva neste particular do que a propria poezia. Si pois as afeições doces puderão assim combinar-se familiarmente com trabalhos destruidores, porque um concurso analogo não rezultaria de ocupações diretamente relativas á felicidade da Humanidade e extremes de qualquer doloroza mistura seja para quem fôr?

Similhante harmonia não tornou-se hoje rara e dificil sinão em consequencia da nossa intima anarchia, que impede ordinariamente a vida privada como a vida publica de adquirirem um carater pronunciado e sustentado, sucetivel de tal acordo. Havendo-me desprendido afinal desse estado discordante, porque uma venturoza reação pessoal não rezultaria, como recompensa natural e direta do serviço que presto assim ao publico impulsando-o para fóra da trilha revolucionaria? Este primeiro ato, ou antes esta uvertura, que vai dar o ton a toda a minha imensa opera, acaba de consistir sobretudo em reprezentar sistematicamente a vida afetiva como o centro necessario de

PARIS

Igreja de S. Paulo - S. Luiz, na rua S.t-Antoine, perto da rua Pavée. Ahi realizou-se a cerimonia que o nosso Mestre considerava como a consagração da sua união espiritual com a sua Inspiradora.

O Ano sem par, *p. 309.*

toda a existencia humana, entre a vida ativa e a vida especulativa; de maneira a proclamar enfim a inteira supremacia social do amor universal, não sómente sobre a força, mas tambem sobre a inteligencia. Não vos espanteis pois mais que o curso de tais trabalhos publicos se associe naturalmente ao surto dos mais ternos sentimentos privados.

Talvez esteja insistindo demais sobre este ponto. Considerai, porem, Clotilde, que a gratidão é ainda mais doce de experimentar do que de receber, e que essa cordial expansão constitúi, aos meus olhos, a minha principal recompensa atual. Penso aliás com jubilo que, durante cada um dos quatro atos que devem ainda compôr este volume, não sahirei jamais da minha caza sinão para ir ver-vos. Só de vós espero pois ao mesmo tempo a minha diversão e o meu estimulo; essa doce certeza habitual torna-me ainda mais caro um trabalho tão bem ligado ao meu apego.

Adeus, pois, minha adorada Clotilde, e mil vezes obrigado: até esta tarde.

Ate COMTE.

XII

O pozitivismo deve dezenvolver, para com o catolicismo expirante, as dispozições, não de um invejozo rival, mas de um digno herdeiro, que, para manter a lei da continuidade sobre a qual funda o conjunto dos seus titulos, carece de ser sancionado pelo seu predecessor.

(AUGUSTO COMTE—*Politica Pozitiva*, IV, C. 5.)

Clotilde achava-se pois sob a impressão dessa comovente confidencia quando o Filozofo chegou á rua Pavée, na tarde do Martedia 26 de Agosto. Perzistia em toda a Familia Marie o regozijo da vespera e a mesma venturoza dispozição se manteve quazi até o fim do mez. Com efeito, os cinco primeiros dias dessa abençoada semana estão todos assinalados no culto intimo do nosso Mestre por *imagens normais*. Em todos eles o afetuozo Pensador pôde gozar da angelica prezença da sua idolatrada Inspiradora na caza dos seus Pais. Isto nos permite conceber a

intimidade a que atingíra a santa afeição que se havia estabelecido entre o nosso Mestre e a Familia Marie, quando, a 28 de Agosto, teve lugar o batizado do filho de Maximilien. Uma delicada atenção levára Clotilde a escolher similhante data por ser o dia da festa de Santo Agostinho, que o nosso Mestre considerava como o seu principal patrono. (VOLUME SAGRADO, p. 230.)

A ceremonia realizou-se na Igreja de S. Paulo, que fica na rua Ste Antoine, e bem perto da rua Pavée. A dedicação e o carinho com que Sofia se desvelára pela existencia do menino, determinárão naturalmente os pais a convidá-la em sinal de reconhecimento para o levar á pia sacramental. Foi assim que a nobre Proletaria se achou entre as pessoas da Familia Marie naquela augusta solenidade.

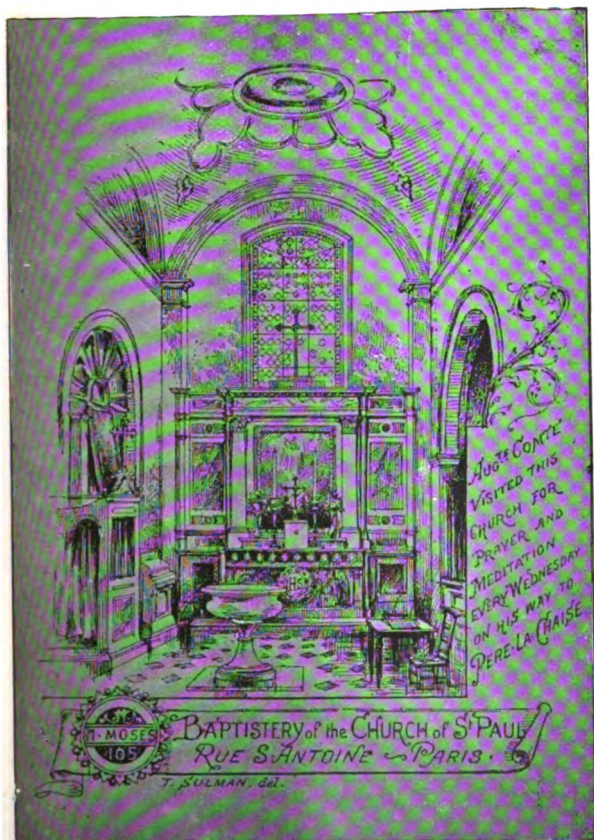
Para Augusto Comte, a ceremonia adquiriu um carater ecepcional: era como que a consagração social do sublime laço que um amor puro e profundo instituíra entre Ele e Clotilde. As vestes côr de lirio que Ela trajava nessa manhan imorredoura, dando-lhe um aspeto nupcial, vinhão acrecentar o realce estetico aos sentimentos do apaixonado Filozofo. E a imagem veneranda de S. Paulo, prezidindo a celebração daquela união suprema, parecia proclamar a continuidade entre o Catolicismo que expirava e a Religião da Humanidade que surgia.

Eis aqui a certidão dessa divina ceremonia:

DIOCEZE DE PARIS

Parochia S. Paulo-S. Luiz

Certidão do registro dos atos de Batismo

No ano mil oitocentos e quarenta e cinco, a 28 de Agosto, foi batizado Carlos-Paulo-Augusto-Maximiliano-Leão, nacido a 25 de Junho, filho de Carlos Francisco Maximiliano Marie e de Felisberta Felicidade Aniel, sua espoza, moradores á rua Pavée 24. O padrinho foi Izidoro Augusto Maria Francisco Xavier Comte, morador á rua Monsieur-le-Prince 10. A madrinha foi Carlota Clotilde Jozefina Marie, cazada com Devaux (*sic*), moradora á rua Pavée 24. Os quais assinárão conosco bem como a Mãi e a avó.

PARIS

Batisterio da Igreja de S. Paulo — S. Luiz. Ahi realizou-se a cerimonia que o nosso Mestre considerava como a consagração da sua união espiritual com a sua Inspiradora.

XIII

Trata-se sobretudo, no fundo, de incorporar intimamente ao pozitivismo, com melhoramentos radicais, tudo quanto o sistema catolico da idade-média pôde realizar, ou siquer esboçar de grande ou de terno.

(*32ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

A situação afetiva de Augusto Comte tornava-lhe ainda mais patetica a inefavel sena de intimo regozijo de que pouco depois era teatro a sala da rua Pavée. Nesse momento de santas expansões, Clotilde não hezitou em dar a Augusto Comte, como testemunho inestimavel da sua amizade, o sinal que, na França mais geralmente talvez que alhures, carateriza as relações afetuozas, quaisquer que sejão os sexos e as idades. Diante dos seus Pais, Ela patenteou, com um osculo de nobre simpatia, a estima e a ternura com que correspondia ao profundo e puro amor que o Filozofo lhe consagrava. (VOLUME SAGRADO, p. 310.)

Na mesma ocazião, o nosso Mestre entregou á Mme Maximilien Marie a CARTA FILOZOFICA que compuzera sobre o batismo:

CARTA FILOZOFICA SOBRE A APRECIAÇÃO SOCIAL DO BATISMO CRISTÃO

Composta para Madame Félicie Marie, a proposito do batismo do seu primogenito, pelo autor do *Sistema de Filozofia Pozitiva* *

Paris, Jovedia 28 de Agosto de 1845.

SENHORA,

Para melhor explicar-vos como os meus principios filozoficos autorizão plenamente uma sincera participação na tocante ceremonia que hoje nos reune, permiti-me que vos indique sumariamente a minha apreciação social da instituição do batismo, considerada, independentemente de toda intenção teologica, na sua relação fundamental com as exigencias permanentes da humanidade.

Sob esse aspeto, tres destinações bem distintas achão-se ahi intimamente combinadas, a saber, a incorporação de um novo ente á massa humana, a impozição dos nomes

* *Revista Ocidental*, nova serie, tomo XII, 1895, ps. 125-128.— R. T. M.

que lhe forão escolhidos, e a consagração dos compromissos voluntarios contrahidos para com ele pelos seus pais espirituais.

Os dois primeiros oficios sendo indispensaveis para constatar e distinguir a nova existencia, todos os estados sociais devem manifestar o exercicio qualquer deles, quer espontaneo, quer mais ou menos sistematico, sempre modificado pelas opiniões dominantes. Eles se encontrão, com efeito, sob fórmas muito caraterizadas, no regimen politeico da antiguidade. Desde que a inevitavel decadencia catolica deixou as sociedades modernas provizoriamente desprovidas de toda verdadeira organização espiritual, o poder temporal teve de apoderar-se, a seu modo, dessa dupla função, reduzindo-a á sua parte material. Porem, por mais necessaria que hoje seja tal operação civil, a sua realização mesma é muito apropriada para fazer sentir a alta importancia da cerimonia ecleziastica, encarada como o unico tipo atual do carater intelectual e moral que similhante filiação sobretudo exige.

Atribuindo ao ato municipal o seu maior alcance, não se póde ver nele sinão uma especie de legalização especial dos inevitaveis compromissos que contrahem tacitamente o novo individuo e o Estado, um quanto aos encargos materiais comuns a todos, o outro quanto á proteção temporal correspondente, sem ocupar-se, quer de uma parte, quer de outra, com os principios e os sentimentos que devem sempre dirigir a vida social. A solenidade espiritual é sobretudo destinada a preencher essa imensa lacuna da formalidade civil.

Todas as promessas respetivas da familia e da sociedade referem-se então, no fundo, á direção intelectual e moral que tornará o novo membro apto a concorrer para a bem-aventurança universal assegurando a sua propria felicidade. Ora, essa indispensavel direção não póde rezultar sinão de um sistema conveniente de opiniões comuns. Em um tempo no qual não domina realmente nenhuma doutrina dessa ordem, somos pois obrigados a tomar emprestada a imagem dessa iniciação espiritual aos uzos estabelecidos sob o imperio da ultima crença geral que regeu a civilização. Sem partilhar dessa crença, encaramos então o conjunto da solenidade correspondente como o meio unico que a anarchia atual nos permite para manter, de qualquer maneira, a precioza tendencia a espiritualizar,

desde o inicio, toda a vida humana. Tal é a alta intenção social que nos uniu aqui ao ministro religiozo, embora cada um deva hoje referí-la inteiramente á doutrina que julgar como unica digna de dirigir doravante a humanidade. É assim que o espirito mais emancipado póde ainda tomar sinceramente parte nessa tocante incorporação. Embora a auzencia total de opiniões verdadeiramente dominantes torne agora essa intenção demaziado vaga e demaziado abstrata, essa imperfeita indicação de tais condições, que o futuro deverá convenientemente preencher, permanece por toda parte preferivel a uma grosseira materialidade.

É mais facil, Senhora, apreciar a importancia social de de tal solenidade, considerando nela, em segundo lugar, a impozição dos nomes patronimicos. Alhi, onde a autoridade temporal não vê sinão um simples assinalamento individual, cujos elementos são quazi arbitrarios, o poder espiritual descobre sobretudo um poderozo meio de educação futura, dispondo o novo ente á iniciação familiar de um tipo pessoal dignamente escolhido entre os nossos predecessores. Essa feliz instituição, essencialmente introduzida pelo cristianismo, teve passageiramente de partilhar da decadencia deste, mas sem poder extinguir-se com ele. A sua eficacia permanente renacerá, mais extensa e mais bem assegurada, quando o acendente final de uma doutrina verdadeiramente comum houver dissipado a nossa dezordem intelectual e moral. O sistema de incorporação social achando-se assim ligado ao sistema de comemoração, deverá naturalmente receber os diversos aperfeiçoamentos indicados quanto a este na epistola filozofica que tive recentemente a ventura de dirigir á vossa cara cunhada. Concebeis sobretudo que a escolha dos modelos individuais tornar-se-á desde então mais vasta e mais judicioza, podendo a um tempo abraçar, mediante uma san teoria historica, todos e quaisquer nomes que realmente honrárão a humanidade, sem nenhum vão preconceito restritivo. O conjunto dessa operação poderá aliás experimentar tambem um outro aperfeiçoamento elementar já confuzamente entrevisto em algumas seitas cristans: o modelo geral imposto, desde a origem, a um ente demaziado pouco caraterizado, seria utilmente completado, na idade conveniente, por um tipo mais bem adaptado á sua natureza especial. Essa solenidade complementar peculiar á eman-

cipação nacente do novo membro tenderia, demais, a melhor preencher as outras duas destinações sociais da utilização do batismo, por uma confirmação mais deciziva das promessas e das obrigações primitivas.

Em terceiro lugar, a introdução do parentesco espiritual constitûi certamente uma das mais felizes inovações devidas ao cristianismo. Seria superfluo insistir para fazer sobresahir o profundo carater de sociabilidade inherente a esse tocante uzo que, alem dos ternos protetores naturais do novo ente, assegura especialmente ao conjunto de sua existencia um acrecimo de apoio, cujos orgãos devem sentir-se tanto mais bem ligados por essa doce obrigação, quanto ela foi para eles plenamente voluntaria. O grosseiro materialismo do regimen temporal não tentou siquer, neste assunto, despojar de modo algum a Igreja de uma atribuição que ele não podia dignamente comprehender. É, pois, sobretudo a este respeito que eu devia hoje comparecer perante o funcionario sacerdotal, como o unico orgão publico pelo qual a sociedade atual possa receber, no meu nome e no da minha cara companheira espiritual, o solene compromisso, que contrahimos com jubilo, de sempre dar ao vosso filho bons conselhos e bons exemplos; em uma palavra, de cooperar, tanto quanto possivel, para a sua felicidade, até o ponto de substituir para com ele, si fôr precizo, a solicitude materna ou paterna. Tal é a sincera declaração que não hezitará em consagrar, sem inquirir das nossas opiniões quaisquer, todo padre que houver dignamente apanhado o verdadeiro espirito social de seu ministerio.

Reproduzindo-a aqui para convosco, devo, Senhora, agradecer-vos especialmente pela escolha com que vós e o vosso digno espozo me honrárão, e que tende a compensar em mim a deploravel privação das mais doces emoções naturais. Mas permití-me tambem que vos testemunhe altamente um reconhecimento ainda mais pessoal pela maneira com que utilizastes, em relação a mim, a feliz tendencia accessoria dessa tocante instituição a estreitar o laço social criando uma afeição comum aos dois elementos do par protetor. Felicitar-me-ei sempre que tal convergencia de sentimentos venha, graças a vós, tornar mais intima e mais sagrada a eterna amizade que eu já tinha votado á nobre companheira que me escolhestes.

O terno apego instintivo que conservais pelo catolicismo far-vos-á, espero eu, Senhora, sentir melhor a importancia das diversas indicações precedentes, cuja generalização gradual vos disporá porventura a comprehender mais tarde que todo o valor real dessa admiravel obra-prima social da sabiduria humana, bem longe de dever afinal participar do irrevogavel declinio das crenças correspondentes, será cuidadozamente consolidado, a todos os respeitos, e mesmo muito aperfeiçoado, pelo novo regimen mental para o qual tende doravante a elite da humanidade.

Aceitai, Senhora, especialmente, nesse venturozo dia, a segurança cordial dos afetuozos sentimentos do

Vosso amigo devotado

AUGUSTO COMTE.

A felicidade de Augusto Comte era imensa. Em tres mezes, Ele alcançára sucessivamente a estima, a confiança, e por fim a afeição de Clotilde. Essa harmonia ideial que Ele ambicionára ardentemente instituir em vão, durante tantos anos, entre a sua vida intima e a sua carreira publica, estava realizada muito alem de toda a sua espectativa. A modesta dedicação de Sofia lhe proporcionava, no seu lar, a inestimavel serenidade que só uma digna solicitude feminina é capaz de assegurar. E graças á divina amizade de Clotilde, as suas mais intimas emoções se havião tornado a fonte inexhaurivel das suas trancendentes cogitações sociais. Ainda mais: no terno e nobre acolhimento da Familia Marie, o simpatico Filozofo encontrára um lenitivo á angustioza situação em que se achavão as relações dele com o seu velho Pai e a sua infeliz Irman. E todas essas inefaveis emoções tornavão de dia para dia mais vivas as saudozas recordações da sua idolatrada Mãi.

Tão maravilhozo surto do altruismo criára em torno do Filozofo uma atmosfera que o tornava dificilmente accessivel a quaisquer perturbações do exterior. De sorte que mesmo a perseguição pedantocratica tinha perdido a aptidão de provocar as explozões da sua dignidade. Em vez de inspirar-lhe a necessidade de um merecido castigo, a perversidade dos seus inimigos lhe despertava, agora, sobretudo um sentimento de profunda compaixão pela

desgraçada vida que tantas paixões egoistas devião fatalmente produzir-lhes.

Foi nessa delicioza situação moral que encerrou se Agosto. Como em Junho e Julho, o Filozofo consagrou o ultimo dia á meditação do seu comovente passado. E as venturozas recordações que dahi colheu forão tais que na sua *Nova Santa Clotilde*, oito anos depois, Ele proclamava Agosto o melhor dos mezes que o Destino concedèra á sua divina Inspiradora e a si. (VOLUME SAGRADO, p. 204.)

SEGUNDA PARTE
Tranzição inevitavel

SETEMBRO — OUTUBRO — NOVEMBRO — DEZEMBRO

CRIZE DECIZIVA

SETEMBRO

CAPITULO PRIMEIRO
1 A 10 DE SETEMBRO — PERIGO E SALVAÇÃO

I

Infelizmente, todos nós temos ainda um pé no ar sobre o limiar da verdade.

(*142ª carta de Clotilde a Augusto Comte.*)

AUGUSTO Comte havia, pois, espontaneamente conseguido restaurar, graças ao seu incomparavel altruismo e á sublime grandeza de Clotilde, o culto cavalheiresco. E, para maior edificação e espanto dos contemporaneos e da Posteridade, tão prodigioza resurreição realizára-se no seio de uma sociedade, na qual o mais cruel septicismo parecia ter feito estalar, sob o pezo do ridiculo materialista, todas as mólas delicadas da nossa alma. Ainda uma vez, a evolução da Humanidade vinha assim provar que o rizo satanico do egoismo só podia matar o que realmente está morto. As satiras dos sofistas gregos forão impotentes para sustar a evolução progressiva do Catolicismo; e as criticas de Voltaire vierão apenas profanar o sudario em que a Humanidade estava, havia perto de cinco seculos, envolvendo a parte ficticia da religião mediéva.

Ao influxo dessa maravilhoza transfiguração moral, o nosso Mestre dissipára enfim a secular iluzão, segundo a qual o orgulho masculino, explorando cegamente a veneração feminina, outorgára ao espirito á preminencia sobre

o sentimento. Os fundamentos da regeneração humana estavão pois inconcussamente lançados. Não só a filozofia sientifica substituira por toda a parte o teologismo e o revolucionarismo, mas outrosim estava reconhecida a supremacia do altruismo no conjunto da nossa vida, bem como a primazia da Mulher na jerarchia humana. Um alicerce não é porem uma catedral. Apezar da sua importancia deciziva, a regeneração do nosso Mestre não tinha atingido ainda o grau exigido para a redenção da Humanidade.

De fato, Ele acabava apenas, essencialmente, de conduzir o culto feminino até a altura em que o surto cavalheiresco havia deixado a adoração da Mulher. Como os seus egregios predecessores mediévos, Ele experimentava os arroubos de um amor cuja nobreza não consentia a minima deslealdade. Mas o Filozofo continuava, como eles, vitima dos sofismas inspirados pelo mais perturbador dos instintos masculinos. Porque o seu ideial da suprema união entre os dois sexos não se purificára ainda das voluptuozas aspirações. Ele via em Clotilde uma verdadeira noiva, da qual, segundo a mais nobre apreciação corrente, se achava separado por insuperaveis obstaculos. Em uma palavra, Ele se identificára com os arroubos que, segundo a teoria feminina do Catolicismo, Dante pudéra gozar na adoração de Beatriz. Mas não se elevára ainda aos extazes que transportavão S. Bernardo aos pés da Virgem dos Cruzados.

A anarchia moderna, perturbando todas as noções e sublevando todos os instintos egoistas, impede frequentemente a justa apreciação dessa faze da evolução moral do nosso Mestre. Devemos, pois, aprezentar algumas reflexões sumarias, no intuito de patentear a magnitude sem exemplo da sua acensão religioza. Para isso, recordaremos, mais uma vez, que a *concepção sientifica da natureza humana*, isto é, a MORAL POZITIVA TEORICA estava por instituir. A fiziologia do cerebro achava-se ainda reduzida ao primeiro esboço devido ao genio de Gall. E era essa doutrina que dominava as concepções sociais e morais do nosso Mestre, por ser a unica que então podia contentar os espiritos sientificos e plenamente emancipados. Conseguintemente não existia tambem MORAL POZITIVA PRATICA, prescrevendo os tipos da existencia normal, quer domestica, quer civica, quer planetaria. A conduta de toda-

as almas ocidentais achava-se pois fatalmente entregue ás solicitações dos seus instintos, sem que houvesse uma doutrina que amparasse o altruismo na sua eterna luta contra os pendores egoistas.

A quazi totalidade dos homens, que se dizião filiados ao Catolicismo ou ás seitas teologicas rezultantes da dissolução mediéva, não estava abrigada contra essa cruel fatalidade. Porque a fé, isto é, a crença que tem eficacia social e moral, não depende sómente da vaga adhezão a uma doutrina, e sim da intima aceitação das suas prescrições. Ora, a generalidade dos ocidentais não mantinha então e não mantem atualmente sinão os farrapos desconexos das convicções teologicas. De sorte que, por todo parte, imperavão e imperão as mais revolucionarias inspirações, sob titulos diversos, catolicos ou protestantes, como as unicas luzes para a conduta.

Apezar da sua justa antipatia á revolução e do seu apego sincero ás crenças teologicas, a massa feminina mesmo não está totalmente izenta das devastações morais da anarchia moderna. Conquanto alheia em geral á cultura sientifica ou metafizica, e naturalmente garantida contra os maiores extravios pela superioridade do seu coração, a Mulher não póde subtrahir-se totalmente ás reações mentais e morais do meio social. De sorte que, mesmo no sexo amante, se descobrem os efeitos do septicismo, na indiferença religioza que lavra por toda parte. A prova mais irrefutavel de tão deploravel situação é a facilidade comum com que a mulher se caza, em nossos dias, sem dar pezo ás opiniões reais do seu futuro espozo. Diante desse grave sintoma, o modo pelo qual se celebrão os outros sacramentos póde até ser abstrahido, como um novo indicio assás carateristico. A vista disto, ninguem póde desconhecer a verdade da melancolica fraze com que Clotilde caraterizou a situação do seu sexo na sociedade moderna, afirmando que uma mulher não *tinha sinão o seu coração para guiar-se.* Mas a propozição não era então menos verdadeira quanto ao homem. Porque a suposta superioridade da *razão* não bastaria para suprir a deficiencia de uma doutrina religioza reguladora da vida humana. Em moral, como em geometria, a conduta não póde ser dirigida quando faltão os principios; e os principios só pódem ser descobertos pelos genios que se achão em condições sociais e morais propicias.

Sahindo do septicismo, graças aos elementos que a Humanidade puzera á dispozição do seu altruismo e de seu genio, Augusto Comte não conseguíra, até o momento em que estamos considerando a sua vida, instituir a MORAL. A sua acenção não podia ser sinão gradual, descobrindo as *leis naturais* que *faltavão* para completar a jerarchia sientifica, á medida que as suas preparações anteriores lh'as tornassem accessiveis. Pretender o contrario seria tão absurdo como exigir que Hiparco tivesse realizado as descobertas de Kepler. E não é menos absurdo pretender exigir dele, a cada momento, uma conduta mais perfeita, isto é, em linguagem preciza, *mais altruista* do que aquela que era compativel com o conjunto dos dados de que Ele então dispunha. A sua grandeza moral tem pois de ser avaliada, examinando o seu procedimento segundo o conjunto da situação que a Humanidade lhe proporcionava.

Pois bem, acabamos de ver que os progressos morais do nosso Mestre tinhão se rezumido em restaurar o culto cavalheiresco, trazendo, ao nobre surto que o altruismo realizára sob a tutela da religião mediéva, a *eterna consagração que rezultava da sistematização pozitiva. Desde esse momento, o homem não curvaria mais o joelho sinão diante da Mulher*. Mas isto não bastava. Era necessario que tal adoração pudesse ser concebida *sientificamente* como sucetivel de tornar-se tão *pura* como o culto que S. Bernardo tributava á Virgem. Sob o influxo de Clotilde, o altruismo de Augusto Comte levára a siencia pozitiva a sistematizar os ultimos rezultados morais da Poezia. Era agora indispensavel que Ele se elevasse dos extremos ideiais da Poezia aos supremos extazes da Santidade.

Tal é a incomparavel acenção que nos resta acompanhar. A sublime grandeza moral de Clotilde será suficiente para dar ao altruismo de Augusto Comte o maravilhozo elance sem o qual a religião da Humanidade não existiria ainda. Realizando a viagem misterioza de Dante, Ele tinha transposto a região da eterna dôr, e prelibado as delicias que o aguardavão na mansão da perene bem-aventurança. Mas, antes de atingir a esse termo dos seus esforços, era-lhe imprecindivel passar pelas inclemencias de uma fatal purificação. Dante fôra o seu Virgilio nessa comovente peregrinação até os pés de Clotilde. Agora só Esta o poderia transportar até o sólio da Humanidade, onde, rezumindo em uma unica imagem o vulto suave da

sua immaculada Inspiradora e a sublime concepção do verdadeiro Grão-Ser, Ele entoaria, com S. Bernardo, o cantico da suprema adoração:

> Donna, se'tanto grande e tanto vali
> Che, qual vuol grazia e a te non ricorre
> Sua disianza vuol volar senz'ali.
> La tua benignità non pur soccorre
> A chi dimanda, ma molte fiate
> Liberamente al dimandar precorre.
> In te misericordia, in te pietate,
> In te magnificenza, in te s'aduna
> Quantunque in creatura è di bontate

II

Não se destrói sinão o que se substitúi.

(*Aprehado politico de* DANTON, *sistematizado religiozamente por* AUGUSTO COMTE.)

Tudo faz supôr que a Familia Marie assistira até esse momento com simpatia e, quiçá, com reconhecimento, o surto da afeição de Augusto Comte por Clotilde. Talvez as apreciações do Filozofo acerca da primazia do sentimento sobre a inteligencia houvessem feito surgir aprehensões sobre a natureza de similhante afeto. Em todo cazo, a conduta da egregia Dama e o conhecimento que Mme Marie tinha do estado do coração da Filha, não permitião que essas aprehensões se tornassem alarmantes. Porem as ternas expansões de Clotilde no dia 28 de Agosto, que naturalmente devião ter tornado mais comovente o abandono habitual do Filozofo, fizerão, ao que parece, mudar tais dispozições. Ficou evidente, desde então, que uma profunda amizade existia entre ambos. E, fosse qual fosse a confiança depozitada na nobreza de Augusto Comte e a segurança que inspirasse a elevação moral de Clotilde, se comprehende que a perspetiva do futuro de tal amizade despertasse as sucetibilidades domesticas.

A Familia Marie tinha opiniões liberais. Maximilien Marie era mesmo republicano. Mas essa emancipação não desprendêra felizmente a Familia de Clotilde dos santos principios morais que constituem os mais preciozos rezultados da evolução catolico-feudal. Embora reduzidos a preconceitos, isto é, a opiniões sem demonstração e até contrarias ao conjunto da situação mental, eles não erão menos energicos. A ligação em que se achavão com as

tendencias altruistas e as mais nobre solicitações da personalidade, como inherentes ao sentimento da honra, lhes dera a consistencia necessaria para rezistir aos embates da anarchia moderna.

Clotilde não ignorava essas felizes dispozições morais da sua Familia e especialmente da sua veneranda Mãi. A confidencia que lhe fizera do seu malogrado amor não lhe deixára duvidas a tal respeito. Augusto Comte, porem, se iludíra sobre este ponto, e imaginava que a Familia Marie apreciaria o seu afeto por Clotilde, cazo conhecesse o verdadeiro alcance de tal paixão, por um modo equivalente ao dele. E essa persuazão contribuia não pouco para o abandono com que se entregava ás suas expansões. *

O estado afetivo de Clotilde tambem se tinha modificado gradualmente a partir de Junho, em relação ao nosso Mestre. Desde a patetica explozão de 17 de Maio, Augusto Comte não cessára de dar-lhe as mais inequivocas provas de um amor verdadeiramente legendario. Sem esperança de ser jamais correspondido, pois acreditava o coração de Clotilde empenhado alhures, Ele se contentára com uma purissima amizade, fazendo consistir a sua suprema felicidade nos prazeres do mais abnegado devotamento. Seria precizo remontar aos mais nobres dos antecedentes poeticos, ao culto sublime de Dante por Beatriz ou de Petrarca por Laura, para deparar com o tipo que o Filozofo acabava de realizar.

Clotilde foi pois se compenetrando cada vez mais da profundidade e da pureza do amor que Augusto Comte lhe votava. E essa convicção a enchia, de dia para dia, da maior gratidão, da maior ternura, e da maior piedade pelo cavalheiresco Pensador. Tamanha grandeza moral cauzava-lhe mesmo um assombro crecente. O ente em cuja afeição Ela mais confiava, a sua extremoza Mãi, a amára antes do nosso Mestre, a amava havia mais tempo do que Ele; mas não lhe votava por certo um devotamento mais intenso e mais dezinteressado. E a contemplação de tão santa paixão ia derramando na alma dolorida da desventurada Senhora um gozo inefavel como nunca fruíra.

A lento e lento a imagem de Augusto Comte tendia assim a tornar-se o centro das mais gratas emoções e dos mais elevados pensamentos de Clotilde. Esse acendente

* VOLUME SAGRADO, p. 397.

gradual fora aos poucos libertando-a do dezespero que lhe cauzava a lembrança das fatalidades, que determinárão o malogro do seu primeiro amor. Continuava a votar ao homem que tinha sido o digno objeto de tão sublime sentimento a mesma estima e a mesma afeição; mas esse duplo afeto se desprendêra insensivelmente do carater conjugal que o tornava martirizante. Porque o amor de noiva e de espoza deve o cunho que lhe é peculiar ás reações do instinto materno sobre o conjunto dos pendores simpaticos. Sem duvida, para que a ternura de uma digna mulher se torne conjugal, não é precizo que ela conduza efetivamente ás doçuras da maternidade. E' bastante que as imagens nupciais se harmonizem com as inspirações dos instintos altruistas, quer espontaneas, quer sistematizadas, em cada epoca, pela moral humana. Mas essa condição é indispensavel.

O amor feminino propende, pois, a transformar-se espontaneamente em uma combinação das afeições de mãi, de filha, e de irman, desde que não se póde conciliar com as aspirações a um cazamento, atual ou futuro, e mesmo ideial, no cazo das melhores almas. Como, entretanto, *não se destroi sinão o que se substitúi*, simillhante tendencia gera apenas um cruciante anhelo, enquanto não surge um objeto, tão digno de amor como o primeiro eleito do coração, e cuja situação se concilia com o surto, mesmo eventual, das inclinações maternas. Simillhante suplicio é tanto mais angustiozo quanto a constancia do altruismo e a decepção da preferencia anterior induzem a não procurar voluntariamente quem substitua o ente que constituia o digno alvo de uma predileção apaixonada.

Desde, porem, que um feliz destino permite espontaneamente realizar simillhante condição, a ternura malograda despoja-se das aspirações que a tornavão doloroza, e toma a fórma presrita pela Moral. O carater conjugal dezaparece em relação a ela, e liga-se fatalmente ao afeto suceptivel de comportar o pleno surto, objetivo ou subjetivo, das reações altruistas do instinto materno. A mulher passa então a amar, como noiva ou espoza, o homem que, em virtude das leis morais que ela acata, poderia tornar-se o pai dos seus filhos, embora se rezigne, si fôr precizo, por outros motivos, a não achar nunca em tal união as doçuras habituais da maternidade. São essas delicadas condições da moralidade humana que tornão possiveis o cazamento

casto e a viuvez eterna, mesmo nos cazos em que esta sucede apenas a um curto noivado.

Simillhante explicação das transformações de que é objeto o coração humano, só hoje é possivel, graças á teoria cerebral devida á regeneração do nosso Mestre. Mas nem por isso os fenomenos morais deixárão de operar-se sempre em virtude das mencionadas leis. São, portanto, elas que nos permitem comprehender a melindrozissima evolução afetiva que o culto de Augusto Comte determinára na alma de Clotilde.

Graças ás beneficas reações do amor do nosso Mestre, Ela encontrára pois, afinal, insensivelmente, alivio ao infortunado afeto que, havia dois anos, lhe dilacerava o coração. O Filozofo não conseguíra, é verdade, inspirar-lhe o incomparavel sentimento cuja reminiscencia ainda a extaziava. Mas era embalde que Ela procurava explicar a si mesma simillhante misterio afetivo. Porque Ela já tinha talvez pelo nosso Mestre *mais do que o coração de uma parenta:* * e o homem que tinha sido o objeto do seu nobre entuziasmo não lhe inspirava então nem maior estima, nem maior afeição do que o Filozofo. Tambem esse homem não possuia dotes superiores aos do terno Pensador, nem patenteára a Clotilde um culto mais sincero e mais nobre. Por outro lado, as sugestões conjugais em relação ao primeiro aprezentavão por unico motivo de preferencia a perzistencia espontaneamente rezultante da prioridade do afeto. Ora, esse titulo era contrariado pelos obstaculos morais que, na propria opinião de Clotilde e daquele a quem Ela amára, se opunhão a uma união conjugal entre ambos. Ao passo que o nosso Mestre e Clotilde se consideravão *moralmente* livres para contrahir um novo cazamento, salvo as dispozições legais e os preconceitos sociais e domesticos. De tudo isso rezultava que Ela não sentia pelo nosso Mestre um afeto conjugal; mas esse sentimento *nenhum outro homem lhe inspirara tambem mais.***

Augusto Comte ignorava porem o alcance dessa profunda modificação, e não imaginava o grau de afeição com que Clotilde ja correspondia á sua ternura. Ainda menos suspeitava que Ela se houvesse emancipado essencialmente do que havia de angustiozo no seu tormentozo

* VOLUME SAGRADO, p. 443.

** *Idem*, p. 318.

Passado. Pelo contrario, a considerava ainda sob a cruel influencia do seu infortunado amor.

Ao mesmo tempo que se operava essa transformação nos sentimentos de Clotilde, e essa mudança nas dispozições da Familia Marie, a situação exterior de Clotilde não melhorava, e parecia antes agravar-se. A tentativa de colaboração habitual no *National* tinha se malogrado, apezar da *boa vontade* com que Marrast aparentára a sua proposta. Era assim que o famozo republicano e pretenso regenerador recompensava a virtude de uma nobre Dama cuja sorte material o Destino confiára ao seu cavalheirismo! Mas Clotilde, com a sua indulgente bondade, atribuia similhante insucesso principalmente a si.

« Fui dezageitada, dizia Ela mais tarde modestamente ao nosso Mestre, na minha faina hebdomadaria; foi isso porventura que pôz M. M.... (Marrast) em embaraços para falar-me de novo em tal. Vendo as pobrezas de todo genero que se estão publicando durante a sessão, lamentei não ter sabido fazer-me um lugar e ganhar ahi algum dinheiro. Si me restituirem os meus artigos,* vereis que os seus principais defeitos erão um pouco de audacia e demaziada sinceridade. » (VOLUME SAGRADO, p. 355, Carta de 9 de Outubro de 1845.)

III

Eu tinha acreditado até aqui que a vossa familia, e sobretudo a vossa mãi, via com perfeita satisfação a nossa santa amizade.

(*46ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

Quatro dias depois da tocante solenidade que fôra para o nosso Mestre a consagração social, e sobretudo domestica, da sua incomparavel união com Clotilde, já Ele sentia as dolorozas reações das sucetibilidades que o seu afeto ia despertando na Familia Marie. Com efeito, no dia primeiro de Setembro, Clotilde lhe escrevia:

Trigezima-setima carta

Lunedia 1º de Setembro de 1845.

Meu carissimo filozofo, vamos passar o dia de hoje em Garges. Talvez não estejamos de volta ás sete horas; não

* Esta fraze mostra que houve mais de um artigo. — R. T. M.

vos arrisqueis pois a dar uma caminhada inutil esta tarde.

Quizera entrar com um coração tão são como o vosso na nossa associação de sentimentos; ficai seguro todavia que sinto bem vivamente todas as vossas bondades, e que as tomo em toda a conta possivel. Tenho que conversar convosco: mas quero sempre dizer-vos uma coiza essencial para ambos nós: é que a minha familia aflige-se com todos os testemunhos demaziado vivos de interesse que me são dados. Cada sentimento tem o seu egoismo; os mais puros não estão ao abrigo disso: é precizo poupá-los, e tomar a humanidade tal qual é. Não procureis modificar esta dispozição nos meus; não façais nem aberturas nem insinuações a esse propozito; e permití-me sómente de guiar-vos, isso importa para o meu repouzo. Ver-nos-emos Mercuridia, aliás vos verei ou vos escreverei depois; não tenhais nenhuma inquietação pelo que vos estou dizendo. Não me fizerão reproches, nem reparos; mas eu conheço o fraco, e o respeito, mais pelos outros do que por mim.

Adeus, meu dignissimo amigo; contai comigo, e não vos crieis amofinações nem sofrimentos por minha cauza. Podeis crer na minha sinceridade, é já uma grande doçura na vida.

Estendo-vos a mão ternamente.

CLOTILDE DE VAUX.

Augusto Comte retomára nesse dia a sua elaboração da POLITICA POZITIVA, iniciando o primeiro capitulo que, após a morte de Clotilde, foi *suprimido* ou *refundido.* Foi pois, em meio do entuziasmo que lhe cauzavão os seus trabalhos filozoficos, ainda mais encantados agora pela bem-aventurada situação a que tinhão chegado as suas relações com Clotilde, que Ele recebeu a carta precedente. Similhante confidencia cauzou-lhe uma dolorozissima sorpreza; e é facil de imaginar a anciedade com que aguardou as explicações da sua Bem-Amada. Julgando corresponder ás intenções de Clotilde, Augusto Comte não deixou de ir á rua Pavée, conquanto só contasse encontrar Mme Maximilien Marie. A excursão a Garges tinha sido porem adiada, e Ele teve a ventura de mais uma vez gozar da prezença de Clotilde. Não foi possivel, entretanto, dissipar as suas graves inquietudes; o *acolhimento pareceu-lhe pelo contrario ter sido especialmente rezervado ou antes frio.* No dia seguinte dizia Ele a Clotilde:

Trigezima-oitava carta

Martedia de manhan 2 de Setembro de 1845 (7 h.)

Vistes hontem á tarde, minha cara amiga, que, apezar do vosso avizo especial, julguei dever fazer a minha vizita acostumada, embora não contasse ver sinão a vossa cunhada. Alem de que já tinha procedido assim em cazo analogo, acreditei penetrar melhor nas intenções da vossa carta, testemunhando que não vou lá só por vossa cauza.

Teria pois dado a caminhada mesmo arriscando-me a não achar ninguem. Si, como prezumo, sabião que eu estava prevenido da excursão projetada, devião tomar em conta a meu favor tal atenção. Receio entretanto que o acolhimento tenha sido especialmente rezervado ou antes frio, o que a vossa carta não impede de me ter feito ficar um pouco sorprezo, embora eu não haja, segundo espero, mostrado nada. Apezar da minha impaciencia natural por todos os desgostos morais, suportaria rezignadamente ainda mais graves em vossa cara intenção, sobretudo da parte dos vossos.

Aguardo, com certa anciedade, a explicação, escrita ou melhor oral, que me anunciais, e cuja natureza a vossa carta de hontem de manhan muito pouco indica-me. Não achão sem duvida que os meus testemunhos de amizade vos comprometão em coiza alguma: e aliás para com quem? Resta pois saber si é por minha cauza ou pela vossa que se afligem com a minha preferencia ao vosso respeito: quererião ser os unicos a querer-vos bem, ou me ver amar no mesmo grau a toda a familia? O vosso dezamparo anterior tornaria agora extranha uma precioza predileção? Segundo a vossa misterioza carta, a mais nobre supozição parece-me felizmente tambem a mais provavel.

De resto, pensando nessas embrulhadas nacentes, não as atribuo a todos os vossos parentes, porem antes á vossa joven cunhada, cuja natureza, puerilmente apaixonada, altera algumas vezes as suas ecelentes qualidades. A vossa digna mãi parece-me por demais superior a tais rivalidades, que não imputo mesmo ao vosso irmão, apezar do espirito de contradição que por vezes mareia um pouco o seu nobre carater.

Quaisquer que sejão aliás a natureza e a fonte desses embaraços, quizera prezervar vos deles, mesmo por alguns sacrificios. Si, como certos sintomas parecêrão-me recentemente indicar, as minhas vizitas hebdomadarias parecem

agora demaziado frequentes, eu as reduzirei á metade, reportando-me á vossa amizade quanto á indenização. Em geral, minha Clotilde, contando doravante com a vossa sincera afeição, estou decidido a deixar-me docilmente guiar por vós em relações que só vós podeis governar bem. Seja o que fôr que assim fizerdes de mim, não podereis achar sinão um homem destinado agora a adorar sempre, sob qualquer fórma, a sua digna espoza espiritual.

Adeus, cara amiga, até amanhan.

A^{TE} COMTE.

P. S. No cazo de preferirdes, como espero, uma explicação verbal, não correis jamais em minha caza nenhum risco de incomodo. Para prevenir toda interpretação, avizei, desde o começo, á minha criada que vindes consultar-me sobre as vossas obras, o que nos obriga a estarmos a sós. Dei-lhe pois ordem, em geral, todas as vezes que vierdes, de não deixar entrar ninguem, salvo os membros da vossa familia.

Enviando-vos por um carregador essa rapida garatuja, espero que não tereis partido ainda para o campo: si assim fôr, ele tem ordem de tornar a trazer-me a carta, que porei no correio.

Terminada esta carta, o nosso Mestre sentiu-se ainda disposto a proseguir na redação da POLITICA POZITIVA.

Clotilde respondeu imediatamente, ás pressas, procurando tranquilizar o cavalheiresco Pensador, quanto á gravidade do que se estava passando:

Trigezima-nona carta

Martedia de manhan 2 de Setembro de 1845.

Tendes bem razão de reportar-vos a mim. Ha muito tempo que deveria dizer-vos em boa amizade o que ha, sem que seja no entanto coiza da minima gravidade. Não tomo em conta alguma as criancices da minha cunhada. Não considero aqui sinão minha mãi, e é a ela que faço empenho de poupar nas suas sucetibilidades maternas. Minha mãi concentrou demaziado sobre nós a sua ternura e o seu devotamento para não temer que lhe escapemos por qualquer lado. A minha situação não fez sinão aumentar essa dispozição nela; e, embora ela me tenha muitas vezes tornado infeliz, eu a honro remontando á origem.

Não vos façais pois nenhum reproche pessoal: conduzi-vos sómente em consequencia, meu carissimo filozofo; e não vos figureis que vos amão menos aqui. Vinde Venerdia, si esse dia vos convem, ou um outro qualquer si o preferirdes, arranjarei o resto indo eu á vossa caza.

Não tenho tempo sinão para rabiscar vos isso ao correr; vêde ahi a expressão da minha amizade e da minha boa vontade. Terei sempre muita dificuldade em organizar-me contra os sacrificios pela minha parte.

Vossa de afeição
DE VAUX.

Esta carta foi uma nova sorpreza para Augusto Comte, e imensamente mais doloroza do que aquela que viera, na vespera, arrancá-lo ao doce enleio do seu inefavel amor. Desde logo, Ele sente-se impossibilitado de continuar a sua elaboração da POLITICA POZITIVA.* O seu coração não se revolta, porem, e o mais puro altruismo inspira só a comovente expressão das suas angustias, respondendo a Clotilde nessa mesma tarde:

Quadragezima carta

Martedia á tarde 2 de Setembro de 1845 (4 h.)

A vossa carta de hoje de manhan desvenda-me agora, minha carissima amiga, o fatal conflito de afeição, cujo pezo principal devo suportar eu, embora sem reproche. Eu tinha acreditado até aqui que a vossa familia, e sobretudo a vossa mãi, via com perfeita satisfação a nossa santa amizade: tal segurança me era bem doce, alem da facilidade assim proporcionada ás nossas entrevistas periodicas. A sorte de ciume materno que me anunciais me espanta muito, da parte de uma mãi tão eminente; mas no entanto é precizo bem comprehender as coizas como elas são, e conceber como vós essa sombria concentração de ternura. O vosso sexo, e sobretudo as vossas desgraças, tornárão-vos a principio mais especialmente o objeto natural desses extremos. Depois que os vossos irmãos achão-se espontaneamente desprendidos do jugo filial, deve-se aliás fazer mais empenho em manter-vos só sob o afetuozo imperio, e desde então repugnar tudo o que póde vo-lo tornar menos preciozo. Essa logica da afeição é demaziado facil

* VOLUME SAGRADO, p. 310.

de sentir; sómente eu tinha pensado que a vossa ecelente mãi conservava o coração acima de tais sucetibilidades: mas é precizo afinal que ela participe em alguma coiza da nossa mesquinha natureza. Desgraçadamente, as consequencias parecem-me aqui mais graves do que a vós. Receio já a restrição, não da nossa inalteravel amizade, mas das nossas relações habituais, no instante mesmo em que eu tinha acreditado que elas ião consolidar-se por uma sorte de consagração domestica, tão unanime como comovente. Em virtude da vossa cordial advertencia, rezignar-me-ei a não ir mais, segundo a minha proposta desta manhan, sinão aos Venerdias; isto é, a não assegurar sinão uma vez por semana a plenitude da minha existencia moral. É verdade que me prometeis uma bem doce compensação, em relação á qual não duvido em nada da vossa boa vontade: mas a sua realização habitual vos será bem dificil. Em vossa caza, a sua periodicidade estaria mais bem assegurada, por depender sobretudo de mim, que sou mais livre: mas esse modo oferece, a vosso respeito, inconvenientes de pozição que mal permitem de aplicá-lo com frequencia. Quanto a virdes á minha caza, é bem certo que o quereis; porem mil obstaculos vos impedirão de satisfazer o vosso dezejo de modo a compensar a diminuição doravante imposta ás minhas caras vizitas hebdomadarias, embora cada uma delas tivesse por certo muito menos valor do que uma livre entrevista direta. Desde 20 de Julho, tinheis contado vir ver-me uma vez por semana, e no entanto não me concedestes ao todo sinão *duas* vizitas reais (a 12 e 20 de Agosto).* Estou longe, minha carissima Clotilde, de fazer-vos o menor reproche; pois sei bem que é isso a pezar vosso. Mas não posso impedir-me de tirar dahi um deploravel augurio para um curso de relações doravante entregues sobretudo a simillhante modo. Todavia, poderia acontecer que uma necessidade mais urgente vos forçasse agora a instituir enfim, segundo as vossas conveniencias pessoais, certos habitos periodicos, aos quais podeis contar de ante-mão que subordinar-me-ei sempre. Só essa esperança póde consolar-me da redução que vão doravante sofrer as nossas caras entrevistas, que tornárão-se

* Nas duas edições do VOLUME SAGRADO está 21 e não 20. Cremos, porem, que ha engano, porque, entre as *Imagens* do seu culto intimo, o nosso Mestre menciona o Martedia 12 de Agosto (*imagem normal*) e o Mercuridia 20 de Agosto (*imagem ecepcional*), e não 21 de Agosto.— R. T. M.

já indispensaveis ao meu coração, e das quais as nossas preciozas cartas são apenas capazes de constituir um fraco equivalente.

Adeus, minha adoravel amiga, ocupemo-nos antes de tudo do vosso repouzo domestico; e crêde na minha constante docilidade ao vosso governo natural das nossas relações quaisquer. Contai sobretudo, suceda o que suceder, com o eterno devotamento de que sinto-me feliz de estar animado.

Ate COMTE.

Na tarde do dia seguinte, Mercuridia 3 de Setembro, o nosso Mestre esteve com Clotilde. * Esta comovente entrevista constitûi uma das *imagens ecepcionais* do seu culto intimo. Similhante circunstancia induz-nos a pensar que o encontro teve lugar numa *vizita ecepcional* á rua Pavée. Porque, si Clotilde tivesse estado na rua Monsieur-le-Prince nesse dia, o nosso Mestre teria sabido quando lhe tinha sido entregue a sua carta da vespera á tarde, e teria rezolvido acerca do motivo que daria para explicar a redução das suas idas á rua Pavée. Ora, a carta de 5 de Setembro mostra, como veremos, que Ele não estava ainda fixado sobre nenhum desses pontos, e que até contára com uma vizita de Clotilde no Jovedia.

Creio, portanto, que, tendo esperado a vizita de Clotilde no Mercuridia 3 de Setembro, e Ela não tendo vindo, o nosso Mestre rezolveu-se a ir á rua Pavée, onde teve a ventura de encontrar a sua Bem-Amada.

IV

> Os meus infortunios, nem eu tão pouco, não têm tido nada de vulgar, e é verdadeiramente impossivel julgá-los sem os conhecer.
>
> (*53ª carta de Clotilde a Augusto Comte.*)

A alma de Clotilde tinha passado por abalos imensos durante os ultimos dias. Os sentimentos que Augusto Comte lhe inspirava havião adquirido uma intensidade ecepcional e sublevado com energia nova os supremos problemas morais que incessantemente a salteavão. Ele saboreava as delicias de uma ventura tão profunda quanto pura, quando o viera sorprehender a revelação das suceti-

* VOLUME SAGRADO, p. 310.

bilidades que nem de leve suspeitára. As suas cartas e o seu aspeto bem denunciavão a cruel emoção produzida por tão inesperado golpe. Entretanto, no meio das suas angustias, Ele não tinha sinão expressões do mais sincero e grato afeto para com a Familia Marie e do mais ilimitado amor por Clotilde. Que duvidas podia ter a nobre e terna Senhora sobre a sublimidade da paixão de que era objeto?

Extraordinariamente impressionada com essas reflexões, a bondade de Clotilde desperta mil escrupulos acerca da parte que lhe cabia nos sofrimentos do Filozofo. Acuzava-se de ser a cauza unica, embora involuntaria, dos tormentos que o cruciavão. Embalde a consiencia lhe atestava tudo que fizera para suavizar os males que não estivera a seu alcance evitar. Ela pergunta a si mesma em que e como poderia fazer cessar tão aflitiva situação. Diante dessa interrogação, mais de uma vez lhe atravessa a mente, como uma vertigem, a realização dos votos do Filozofo. Mas a sua propria bondade repele no mesmo instante a perigoza fantazia, e os juizos do nosso Mestre vêm ao encontro das santas reações do seu martirizado coração.

Provavelmente essas penozas emoções começárão a agitar-se de um modo vago e confuzo no cerebro de Clotilde desde que o incomparavel culto que Augusto Comte lhe votára o deixára sem verdadeiro competidor no piedozo coração dela. A manifestação das sucetibilidades domesticas viera dar nova intensidade a essas compassivas reflexões. E a sublime magnanimidade com que o Filozofo sofrêra o inesperado golpe na sua irreprehensivel afeição mais as exaltára.

Foi por ventura sob o pezo dessas acabrunhadoras aprehensões que Ela partíra para Garges: e a carta que o nosso Mestre lhe escrevera na tarde de 2 de Setembro e que Ela recebeu na volta mais as acentuára. Enfim, na vizita do Mercuridia, a fizionomia e quiçá algumas palavras do Filozofo vierão dar mais dolorozo alento a tantas penas. Similhante situação ainda foi agravada, pelos poucos cuidados fizicos que Ela tomára para resguardar a sua vacilante saude, por ocazião do ultimo passeio. Esse conjunto de circunstancias morais e vegetativas teve na noite de Mercuridia para Jovedia uma reação terrivel. Clotilde passou essa noite numa agonia dolorozissima que continuou em grande parte do Jovedia. Tinha feito o projeto de ir ver o nosso Mestre nesse dia, e talvez de aconselhar

-se com Ele. Mas o seu estado de prostração não lh'o consentiu.

Nesse interim, o estado de Augusto Comte ia tambem peiorando de momento a momento. Tudo ameaçava uma crize como a que precedêra á *Santa Clotilde*. Passára o Jovedia 4 de Setembro em uma agitação extrema, esperando a cada instante que a sua idolatrada Inspiradora lhe viesse explicar o que na realidade motivára o seu afetuozo avizo. A auzencia de Clotilde ainda aumentou os seus alarmas: amontoão-se na sua imaginação apaixonada as mais dolorozas hipotezes. Uma noite de tormentoza insonia continua as torturas de similhante vigilia. Na manhan do Venerdia não póde mais dominar a sua apaixonada impaciencia e dirige a Clotilde a seguinte carta:

Quadragezima-primeira carta

Venerdia de manhan 5 de Setembro de 1845 (7 h.)

Conforme a minha segunda carta de Martedia, que deveis ter achado de volta de Garges, ou recebido na manhan seguinte, seria naturalmente esta tarde que eu declararia em caza dos vossos pais a minha rezolução, aprovada por vós, de não ir lá doravante sinão aos Venerdias. Não darei, porem, similhante passo sem ter primeiro a vossa opinião acerca do modo. Posso bem atribuir essa redução á precizão de deitar-me cedo o maior numero de vezes possivel, quer em consequencia dos meus trabalhos, quer para compensar em breve os Italianos. Todavia, além de que me repugna dissimular a esse ponto, tenho duvidas que convenha aqui referir ás minhas proprias conveniencias uma medida na qual sacrifico-me a sucetibilidades alheias, *que a sua origem muito respeitavel* não impede de serem injustas. Cumpre, parece-me, deixar sentir, de qualquer maneira, que faço nisso uma concessão e não um calculo, como quando renunciei aos Mercuridias.

Não convem aliás preparar uma sahida para a volta, que não ouzarião mais solicitar-me, mesmo no cazo de dezejo real, si temessem assim incomodar-me? Sei que os protestos uzados nas familias para com os membros suplementares degenerão na maioria das vezes em simples frazes. No entanto tem-se visto ligações artificiais dessas adquerirem tamanha intensidade e perzistencia como si tivessem sido naturais. A vossa familia seria por certo muitissimo digna de oferecer um novo exemplo dessa

afortunada eceção, que eu creio aliás ter merecido. Eis porque, reduzindo hoje as minhas vizitas, devo, parece-me, mostrar-me sempre disposto a extendê-las de novo desde que tivessem a benevolencia de m'o solicitarem sinceramente.

Nada quero entretanto fazer, a tal respeito, sem a vossa opinião especial. A minha feliz docilidade para convosco, em tudo o que concerne á nossa cara associação moral, é certamente bem devida, em geral, á sincera afeição com que me permitistes contar. Importa aliás, neste cazo, que o meu passo não pareça sugerido por vós, e não posso preencher melhor tal condição sinão mediante a vossa indicação. A vossa carta de Lunedia me tinha sugerido para hontem a esperança de uma venturoza vizita, na qual teriamos naturalmente conversado sobre isso. Não vos tendo visto, nada direi esta tarde aos vossos pais, salvo escrever no Domingo ao vosso irmão para renunciar ao Lunedia habitual, si já houvermos então chegado a um acordo. Si dezejardes refletir mais nisso, poderei primeiro faltar no Lunedia proximo sob qualquer pretexto, de modo a deixar-vos ainda uma semana para a decizão. Mas de qualquer maneira, é indispensavel que tenhamos, sobre a natureza e a origem do conflito atual, uma explicação completa, que não póde rezultar sinão de uma livre conversação antes da qual não devo tomar nenhum partido essencial.

Seja qual ele deva ser, aguardo com anciedade, minha carissima diretora, que tenhais organizado o novo modo das nossas diversas relações amigaveis, o meu repouzo e a minha saude achão-se interessados em tal. A partir desse brusco incidente, a minha agitação convulsiva, que já cedia aos calmantes, está aumentando de novo. Essa perturbação, relativa sem duvida á parte inferior da medula espinhal, complica-se com a fraqueza e a opressão, e mesmo com a volta de sintomas diretamente cerebrais que havião dezaparecido, sobretudo a insonia, e por vezes uma profunda melancolia, como na minha crize nervoza de Maio, embora em grau menor até aqui: e entretanto, desde Martedia, suspendi o meu trabalho. A venturoza *soirée* de ante-hontem deixou-me uma vaga inquietação permanente, analoga á que inspira a espetativa de uma grande desgraça: parece-me que querem impedir-me de ver-vos, e, nesse cazo, pergunto-me o que seria de mim. A minha justa sensibilidade por tudo o que interessa

o mais preciozo laço da minha existencia moral deve, é verdade, achar-se hoje acrecida pela nova ecitabilidade rezultante do meu trabalho. Creio todavia que essa sucetibilidade doentia provem sobretudo do que tal golpe teve de cruelmente imprevisto, no instante mesmo no qual eu devia, ao contrario, crer-me mais estreitamente ligado á vossa familia. Ah! minha Clotilde, o santo beijo pelo qual quizestes que fosse dignamente selado, perante os vossos pais, o nosso feliz consorcio espiritual, decidiũ talvez, desgraçadamente, a explozão interior das sucetibilidades já despertadas. Esse penhor inapreciavel, cuja lembrança me ficará para sempre, sugeriu porventura um dezejo especial de restringir as nossas inocentes relações. Si a vossa afetuoza sagacidade não tivesse percebido similhante voto, não terieis aconselhado ou animado a redução das minhas vizitas hebdomadarias. Asseguraisme entretanto que isso não tem, no fundo, gravidade, e eu devo crer em vós, por estardes mais bem informada. Mas, a minha seguridade depende sobretudo de vós só: ela não póde rezultar sinão da certeza, doravante adquirida, do vosso sincero apego. Todavia, alem de que eu ficaria dezolado por sucitar-vos involuntariamente a menor discussão ou qualquer incomodo da parte dos vossos pais, *a estima e a afeição que eles me inspirão*, far-me-ião deplorar todo arrefecimento para comigo. Para prevenir esse duplo dezastre, cumpre primeiro que a vossa amigavel franqueza explique-me exatamente tudo o que as vossas observações e as vossas conjeturas pudérão revelar-vos sobre as dispozições atuais de cada um deles a respeito da nossa pura ligação. Adeus, pois, cara e digna amiga; até esta tarde. Desculpareis, espero eu, o comprimento pouco necessario desta carta, pensando na precioza consolação que este imperfeito entretenimento convosco me proporciona.

Vosso do coração para sempre
A^TE^ COMTE.

V

Eu vos confio o meu resto de vida.

(42ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.)

Esta carta veio encontrar a piedoza Senhora no auge da agitação que convulsionava a sua delicada alma. Desde a vespera que debatia no seu intimo, como num

afortunada ecção, que eu creio aliás ter merecido. Eis porque, reduzindo hoje as minhas vizitas, devo, parece-me, mostrar-me sempre disposto a extendê-las de novo desde que tivessem a benevolencia de m'o solicitarem sinceramente.

Nada quero entretanto fazer, a tal respeito, sem a vossa opinião especial. A minha feliz docilidade para convosco, em tudo o que concerne á nossa cara associação moral, é certamente bem devida, em geral, á sincera afeição com que me permitistes contar. Importa aliás, neste cazo, que o meu passo não pareça sugerido por vós, e não posso preencher melhor tal condição sinão mediante a vossa indicação. A vossa carta de Lunedia me tinha sugerido para hontem a esperança de uma venturoza vizita, na qual teriamos naturalmente conversado sobre isso. Não vos tendo visto, nada direi esta tarde aos vossos pais, salvo escrever no Domingo ao vosso irmão para renunciar ao Lunedia habitual, si já houvermos então chegado a um acordo. Si dezejardes refletir mais nisso, poderei primeiro faltar no Lunedia proximo sob qualquer pretexto, de modo a deixar-vos ainda uma semana para a decizão. Mas de qualquer maneira, é indispensavel que tenhamos, sobre a natureza e a origem do conflito atual, uma explicação completa, que não póde rezultar sinão de uma livre conversação antes da qual não devo tomar nenhum partido essencial.

Seja qual ele deva ser, aguardo com anciedade, minha carissima diretora, que tenhais organizado o novo modo das nossas diversas relações amigaveis, o meu repouzo e a minha saude achão-se interessados em tal. A partir desse brusco incidente, a minha agitação convulsiva, que já cedia aos calmantes, está aumentando de novo. Essa perturbação, relativa sem duvida á parte inferior da medula espinhal, complica-se com a fraqueza e a opressão, e mesmo com a volta de sintomas diretamente cerebrais que havião dezaparecido, sobretudo a insonia, e por vezes uma profunda melancolia, como na minha crize nervoza de Maio, embora em grau menor até aqui: e entretanto, desde Martedia, suspendi o meu trabalho. A venturoza *soirée* de ante-hontem deixou-me uma vaga inquietação permanente, analoga á que inspira a espectativa de uma grande desgraça: parece me que querem impedir-me de ver-vos, e, nesse cazo, pergunto-me o que seria de mim. A minha justa sensibilidade por tudo o que interessa

o mais preciozo laço da minha existencia moral deve, é verdade, achar-se hoje acrecida pela nova ecitabilidade rezultante do meu trabalho. Creio todavia que essa sucetibilidade doentia provem sobretudo do que tal golpe teve de cruelmente imprevisto, no instante mesmo no qual eu devia, ao contrario, crer-me mais estreitamente ligado á vossa familia. Ah! minha Clotilde, o santo beijo pelo qual quizestes que fosse dignamente selado, perante os vossos pais, o nosso feliz consorcio espiritual, decidiu talvez, desgraçadamente, a explozão interior das sucetibilidades já despertadas. Esse penhor inapreciavel, cuja lembrança me ficará para sempre, sugeriu porventura um dezejo especial de restringir as nossas inocentes relações. Si a vossa afetuoza sagacidade não tivesse percebido similhante voto, não terieis aconselhado ou animado a redução das minhas vizitas hebdomadarias. Assegurais-me entretanto que isso não tem, no fundo, gravidade, e eu devo crer em vós, por estardes mais bem informada. Mas, a minha seguridade depende sobretudo de vós só: ela não póde rezultar sinão da certeza, doravante adquirida, do vosso sincero apego. Todavia, alem de que eu ficaria dezolado por sucitar-vos involuntariamente a menor discussão ou qualquer incomodo da parte dos vossos pais, *a estima e a afeição que eles me inspirão*, far-me-ião deplorar todo arrefecimento para comigo. Para prevenir esse duplo dezastre, cumpre primeiro que a vossa amigavel franqueza explique-me exatamente tudo o que as vossas observações e as vossas conjeturas pudérão revelar-vos sobre as dispozições atuais de cada um deles a respeito da nossa pura ligação. Adeus, pois, cara e digna amiga; até esta tarde. Desculpareis, espero eu, o comprimento pouco necessario desta carta, pensando na precioza consolação que este imperfeito entretenimento comvosco me proporciona.

Vosso do coração para sempre

Ate COMTE.

V

Eu vos confio o meu resto de vida.

(42ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.)

Esta carta veio encontrar a piedoza Senhora no auge da agitação que convulsionava a sua delicada alma. Desde a vespera que debatia no seu intimo, como num

delirio febril, a sorte do Filozofo e o seu proprio destino. Inteiramente certa da imensidade e da pureza do amor de Augusto Comte, a bondade de Clotilde estava alarmadissima com as dores que o atormentavão. Nos extremos da sua piedade, mais de uma vez perguntára a si mesma si não era só dela que dependia a felicidade do cavalheiresco Pensador. Mas essa compassiva interrogação trazia-lhe, no mesmo instante, a lembrança da felicidade da sua familia e da sociedade inteira.

Quanto á primeira, devia tomar em conta as sucetibilidades dos seus, e especialmente da sua extremoza Mãi. Nenhum deles partilhava de preconceitos barbaros ou injustos. [1] O habito de a verem sempre no seio da familia haveria de tornar dolorozo similhante passo... As conversas que tantas vezes tivera com a sua Mãi não lhe deixavão especialmente duvida acerca do penozo conflito que tal ato determinaria entre o coração e o espirito da veneranda Senhora... [2] Mas as opiniões liberaes professadas por todos lhe fazião esperar que conseguiria superar similhantes obstaculos.

Quanto ao respeito pelos interesses sociais, quem era mais competente para apreciá-los do que Augusto Comte? Não era o austero Pensador mesmo quem afirmava incessantemente a eficacia publica da sua nobre paixão privada? Mau grado a sua reprovação sistematica do divorcio, não justificava Ele ecepcionalmente as uniões livres? [3]

Afastadas, porem, essas objeções, subzistião as que rezultavão do estado afetivo de Clotilde. O afeto que o nosso Mestre lhe inspirava não tinha o carater que julgava indispensavel para a instituição de um verdadeiro laço conjugal. Mas o amor que Augusto Comte lhe patenteava, a incomparavel grandeza moral do egregio Pensador, a profunda estima e a ecepcional afeição que Ela já sentia por Ele, não bastarião para cimentar similhante união?... E, no meio de todas essas perigozas reflexões, surgião as apreciações que o Filozofo fizera da admiravel conduta que Ela tivera em Maio... os agradecimentos que lhe testemunhára por havê-lo amparado em uma *verdadeira quéda*...

1 VOLUME SAGRADO, p. 312.
2 *Ibidem*, p. 316.
3 Vide o exame dessa questão na *Vizita aos Lugares Santos do Pozitivismo*.

Como quem procura um conselho supremo, Clotilde percorre porventura toda a sua comovente correspondencia... Mas nada consegue dar-lhe a tranquilidade que busca anciozamente em toda parte... Talvez então, em mais de uma ocazião, lhe viesse o pensamento de abrir-se diretamente com o devotado Pensador. Mas essa sedutora idéia era logo afastada pelo receio de fazê-lo recahir em uma crize analoga áquela da qual a sua compassiva prudencia o libertára em Maio.

Foi nos embates dessa indescritivel luta intima que a carta de Augusto Comte veio encontrar Clotilde. O seu efeito foi fulminante... O perigo que Ela temia, que Ela procurava evitar ocultando-lhe cuidadozamente a sua situação afetiva, acabava de surgir... E como conjurá-lo?... Um piedozo dezespero apodera-se da sua alma... e lhe inspira uma rezolução heroica. Decide-se a tornar Augusto Comte o arbitro dos seus destinos. Revelar-lhe-ia o estado do seu coração; submeter-lhe-ia os seus anhelos e os seus escrupulos; apelaria para o nobre amor que Ele lhe votava, para o incomparavel devotamento que consagrava á regeneração social; e pediria á sua sabiduria que a arrancasse das duvidas que a torturavão. Conforme a sua resposta, tomaria o seu partido; mas antes de executar qualquer rezolução, esforçar-se-ia por convencer aos seus, á sua extremoza Mãi sobretudo, que nisso estavão o seu dever e a sua felicidade.

Arrebatada por tão compassivos intuitos, escreveu a sua pasmoza resposta, como si fosse um grito que, mau grado seu, lhe irrompesse do flagelado coração, e cujas terriveis reações, mal dado, Ela se esforçasse por abrandar:

Quadragezima-segunda carta

Venerdia de manhan 5 de Setembro de 1845.

Teria ido hontem ver-vos, si não me achasse num sofrimento extremo. Durante uma parte do dia, acreditei que estava envenenada. Era o efeito do champanhe e da minha fresca expedição da outra noite.

Não quero que torneis a ficar doente ou desgraçado por minha cauza. Farei o que quizerdes. A ternura que me testemunhais e as qualidades elevadas que em vós reconheço apegárão-me sinceramente a vós, e levárão -me a refletir sobre a sorte de ambos. *Ensaiei debater interiormente as questões sobre as quais vos fiz tantas*

vezes lançar um véu. Perguntei a mim mesma como, em uma situação como a minha, seria dado chegar-se o mais perto possivel da felicidade; e acabei por pensar que seria confiando-se a uma afeição solida.

Desde os meus infortunios, o meu unico sonho tem sido a maternidade: mas sempre prometi a mim mesma não associar a esse papel sinão um homem distinto e digno de comprehendê-lo. Si crêdes poder aceitar todas as responsabilidades que se prendem á vida de familia, dizei-m'o, e decidirei da minha sorte.

Prézo muitissimo a minha familia, e empenhar-me-ei sempre em conservá-la, *mesmo com sacrificios si fosse precizo. Somos todos igualmente sem preconceitos barbaros ou injustos:* mas estão todos habituados a achar-me no centro, e o momento da separação será sempre uma crize. Ha conveniencias que dezejo respeitar: antes, porem, de extender-me mais sobre essas materias, precizo ter a vossa opinião sobre o ponto capital. Escrevei-me, *e com toda a razão e a calma que tal assunto requer.* Vos direi em resposta exatamente os meus sentimentos. Não venhais á minha caza. Tende imperio sobre vós mesmo na rua Pavée, si lá fordes esta tarde Si não fôrdes, fazei-o saber de uma maneira natural pela vossa Sofia. Concebo que á prudencia e o calculo custão; ha, porem, sucetibilidades legitimas, que é precizo poupar antes de tudo.

Adeus, cuidai de vós, e evitemos as emoções vivas. *Eu vos confio o meu resto de vida.*

CLOTILDE.

Pela primeira vez Clotilde assinava as suas cartas ao nosso Mestre sem indicação do nome de familia.

VI

> O arrastamento mesmo mais legitimo devia ser escrupulozamente afastado do ato mais decizivo de toda a minha vida.
>
> (*43ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

Seria impossivel descrever a reação que esta carta produziu em Augusto Comte; a correspondencia sagrada mal permite que todo homem de coração o imagine. Tratava-se *do ato mais decizivo de toda a sua vida.* * Não era só

* VOLUME SAGRADO, p. 312.

a sua existencia individual que estava em jogo: a felicidade e o futuro do ente que Ele mais amava no mundo acabavão de lhe ser generozamente confiados. E essa felicidade e esse futuro achavão-se intimamente ligados á obra da regeneração social a que Clotilde se tinha espontaneamente votado não menos do que Ele. Não erão pois só as opiniões dos contemporaneos que cumpria tomar em consideração; erão a sorte e o juizo da Posteridade.

Foi sob o pezo dessa incomparavel responsabilidade que o nosso Mestre releu, ajoelhado junto ao *altar* de Clotilde, a *divina carta* que acabava de receber. E teve de exercer um *verdadeiro esforço* sobre si para não responder-lhe imediatamente. Apezar, porem, das encantadoras emoções que o subjugavão, esperou pelo dia seguinte, volvendo e revolvendo o santo problema cuja solução era confiada ao mesmo tempo á sua sabiduria e ao seu cavalheirismo.

Mas que resposta lhe podia permitir o seu genio, si lhe faltava uma teoria pozitiva da natureza humana, para guiá-lo no exame das grandes emoções que agitavão o seu cerebro? Que solução podia achar, á vista dos dados acordes da teologia, da siencia, e da poezia, acerca do carater da mais intima afeição possivel entre o homem e a mulher?... Não:... não era Ele;... não era um homem quem podia por si só, espontaneamente, superar os tremendos escolhos de similhante situação. Clotilde lhe confiára a sua sorte;...mas, na realidade, o Destino havia entregue o futuro de Augusto Comte, e da Humanidade, naquele momento, ás inspirações de Clotilde. E, si a sublimidade dela não houvesse indicado ao nosso Mestre a senda da regeneração, quem sabe o que seria ainda hoje da religião definitiva!.....

Diante da assombroza evolução que vai dezenrolar-se, a alma de todo pozitivista,... que digo? de qualquer homem de coração não póde deixar de experimentar as terriveis emoções de quem assiste o combate onde se jogão os supremos interesses humanos... E' o nosso Mestre mesmo quem,nas suas *Confissões*, afirma que: «*uma paixão menos pura e menos profunda o teria impedido de consagrar a sua plenitude mental a sistematizar definitivamente o regimen normal do futuro.*» * De sorte que é Ele quem nos indica quanto foi imprecindivel, ao

* VOLUME SAGRADO, p. 117.

dezempenho da sua missão, a perfeita pureza da sua incomparavel união com Clotilde. Mas tudo isso que nós podemos comprehender hoje, graças á construção da Religião da Humanidade sob o influxo da nossa imaculada Mãi Espiritual, não podia ser descoberto pelo nosso Mestre antes da sua completa regeneração moral.

Adiando, pois, a sua resposta para o dia seguinte, Augusto Comte caraterizou bem a sinceridade com que se esforçava por corresponder á confiança de Clotilde. Mas esse adiamento, por mais demorado que fosse, não poderia libertá-lo da esfera moral ainda acanhada que o envolvia e dentro da qual se debatião o seu coração e o seu genio A sua solução foi a mais altruista que o estado das convicções masculinas tornava accessivel a uma alma totalmente emancipada da teologia. Ela veio patentear a insuficiencia do surto cavalheiresco, assinalando a imensa acenção que o nosso Mestre teria ainda de realizar para instituir a Moral Pozitiva. Com efeito, a sua alma ahi não se mostra sómente ainda vitima das iluzões que a grosseira personalidade do homem tinha inspirado á teologia, á filozofia, á siencia, e á poezia, acerca das afeições entre os dois sexos. Ele se revela tambem dominado pela orgulhoza apreciação que os seus mais egregios precursores revolucionarios professavão a respeito do alcance das consagrações sociais dos laços domesticos.

Quadragezima-terceira carta

Sabado de manhan 6 de Setembro de 1845 (10 h.)

Tive hontem de exercer, sobre mim mesmo, minha Clotilde, um verdadeiro esforço para não responder á vossa divina carta logo depois de a ter relido de joelhos diante do vosso altar. Mas não tardei a sentir, segundo a vossa digna recomendação, que o arrastamento mesmo o mais legitimo devia ser escrupulozamente afastado do ato mais decizivo de toda a minha vida. Prescrevi-me pois de só responder-vos hoje de manhan, sem haver até agora cessado um momento de meditar, com intima solicitude, sobre o conjunto de tal rezolução.

A minha resposta já se acha essencialmente preparada pela sincera declaração espontanea da minha carta de 3 de Julho, cuja livre ratificação diaria constituiu sempre desde então o fundo principal da minha *oração* da manhan. Só tenho, com efeito, de referir hoje, com uma energia ainda

mais profunda e mais sagrada, a um porvir imediato e certo, o que eu aplicava então a um porvir longinquo e eventual. Em uma palavra, *eu considero-vos desde hontem*, como a minha unica verdadeira espoza, não sómente futura, mas atual e eterna.

A vossa generoza confiança tem a benevolencia de permitir que essa união receba, sendo precizo, *a sua mais extrema garantia*, por esse inefavel selo que torna *completo e irrevogavel o mutuo compromisso dos corações honestos.* Exprimindo aos vossos pés a gratidão que me inspira tal concessão, prometo-vos que a sua realização *ser-vos-á sempre respeitozamente deferida.* Depois de haver, como vós, e a partir de uma epoca muito mais longinqua, ardentemente anhelado e em vão esperado as sublimes emoções da paternidade, quão doce me seria devê-las afinal á minha Clotilde!

Desde o tempestuozo inicio da nossa ligação, vos expressei, pela minha carta de 17 de Maio, *sobre os direitos ecepcionais moralmente peculiares á nossa situação ecepcional, uma opinião bem firmada, que a mais amadurecida apreciação permite-me hoje de ratificar plenamente.* Para todos os que sentem, de espirito e coração, o verdadeiro carater das santas regras sociais, sempre gerais mas nunca absolutas, a nossa inteira união, longe de afastar-nos mais do estado normal, nos faria, ao contrario, entrar nele tanto quanto o comporta a nossa fatalidade respetiva. Logo que o pudermos, será para mim uma felicidade *solenizar* os meus compromissos perante o magistrado temporal e o funcionario espiritual, em uma palavra, por todos os modos quaisquer que a Humanidade póde ter instituido para consagrar publicamente os laços privados. Mas, até esse dia dezejado, e quando mesmo, infelizmente, ele deva não chegar nunca, não cessarei de considerar-me como *de todo tão indissoluvelmente ligado*, desde hoje, como si os nossos juramentos tivessem recebido todas as garantias sociais, que, *embora profundamente uteis a todos, só são verdadeiramente indispensaveis aos corações e aos espiritos vulgares.* * Ha longo tempo que vos considero interiormente sob esse aspeto; pude pois apreciar dignamente todos os diversos deveres que a ele se referem

* Lembraremos, mais uma vez, que o conjunto dessa apreciação do laço conjugal e da importancia da sua consagração social foi corrigida pelo nosso Mestre, quando ficou consumada a sua regeneração moral.— R. T. M.

por minha parte. Podeis assim crer já na plena madureza das reflexões que não cessei de fazer desde hontem sobre o compromisso sagrado que contraio agora, com jubilo mas sem fogos, de *aceitar*, segundo as vossas expressões caraterísticas, *todas e quaisquer responsabilidades que se prendem á vida de familia*. *

O unico obstaculo verdadeiramente grave que a nossa situação impõe-nos concernirá unicamente á publicidade da nossa ventura, que não póde ser jamais desvendada, quando houver lugar, sinão ao pequenissimo numero das almas dignas a um tempo de comprehendê-lo e respeitá-lo. Ratifico de antemão a este respeito todas e quaisquer precauções e medidas que a vossa afetuoza prudencia puder ditar-vos, quer em virtude das vossas proprias conveniencias, quer mesmo em razão das minhas. E' com viva satisfação que vos vejo confirmar as esperanças que já tinha fundado sobre a sábia elevação das vistas ou a nobre independencia dos sentimentos de todos os vossos dignos parentes acerca de tal existencia. Não duvido, entretanto, que, mesmo para com eles, devais habitualmente conservar legitimas contemplações, que vos ajudarei sem dificuldade a respeitar, em relação a uma eminente familia, que vai em breve tornar-se implicitamente a minha. Longe de alguma pueril rivalidade de afeição impelir-me nunca a desviar-vos dos vossos diversos deveres junto deles, ficai bem segura, em geral, minha adoravel espoza, que o meu respeitozo amor será sempre fortificado pelos sinceros testemunhos da vossa filial ternura.

A vós, a quem já devo as mais puras e as mais sublimes emoções de toda a minha vida, vou pois dever-vos tambem a *ventura inesperada* que distinguirá a segunda metade de uma carreira que eu acreditára doravante votada a um medonho izolamento! Aguardo, com uma respeitoza impaciencia, as vossas explicações e as vossas rezoluções definitivas, bem certo de antemão, apezar das vossas confidencias de Junho, que as vossas antigas preocupações pessoais cessárão agora de perturbar o coração que a vossa nobre lealdade me empenha livremente. Aceitando com segurança a precioza vida que me confiais, ofereço-vos, desde esse momento, todos os sentimentos inalteraveis do

Vosso espozo devotado

A[te] COMTE.

* Estes ultimos grifos são de Augusto Comte.— R. T. M.

Afim de evitar as demoras do correio, entrego á nossa boa Sofia esta carta sagrada. Para maior conveniencia, ela vos leva tambem as interessantes *Memorias de Mme de Motteville*, em troca das quais podereis, pelo mesmo motivo, encarregá-la de algum dos livros que dezejardes restituir-me. Ela trar-me-á sobretudo noticias imediatas da vossa precioza saude. Quanto a mim, embora tendo, como o adivinhais, apenas dormido, sinto-me, no fundo, muito melhor. Apezar da minha fraqueza muscular, a minha energia cerebral acha-se já quazi restabelecida por essa afortunada crize final, que em breve, segundo o sinto, tornar-se-á tão favoravel á minha saude como á minha felicidade. Esperemos que o mesmo se dará convosco.

Dispuz o vosso irmão, visto o meu estado fizico, a não contar inteiramente com a minha vizita para depois d'amanhan Lunedia, o que, sem ter que explicar-me em coiza alguma, deixa-nos, si o dezejardes, até Venerdia proximo, para entendermo-nos mutuamente, de modo a só tornar-nos a achar juntos, sob os olhos de vossos parentes, depois de já haver concertado todos os nossos arranjos essenciais.

Na minha primeira carta de Martedia, indiquei-vos a senha geral da minha caza com relação ás vossas caras vizitas, sem esquecer a unica eceção que lhe admito. Talvez convenha agora não distinguir mais ninguem, e suprimirei essa unica modificação a menos que me recomendeis a sua manutenção.

VII

Não posso haurir a minha moral sinão no meu coração e edificá-la sinão sobre o puro sentimento.

(*142 carta, de Clotilde a Augusto Comte.*)

A delicadeza do assunto determinára o nosso Mestre, como vimos, a enviar esta carta por Sofia. Mas Clotilde não respondeu imediatamente: sentia a necessidade de examinar na sua intimidade o que Augusto Comte lhe escrevêra. Este exame não tranquilizou-a; não teve animo para tomar uma rezolução definitiva; e decidiu-se a ter uma conferencia com o seu Adorador. Respondeu-lhe, pois, no mesmo dia 6 de Setembro, prevenindo-o de que iria vê-lo no dia seguinte, Domingo, a uma hora da tarde, mais ou menos.

Quadragezima-quarta carta

Sabado 6 de Setembro de 1845.

Comprehendereis, meu digno amigo, que nada achei que responder-vos por intermedio da vossa Sofia. Precizava ler-vos em particular; e o vosso afetuozo bilhete traz-me a esperança que simpatizaremos nas ações importantes da nossa vida como nas mais ordinarias. Recebei, pois, de novo a segurança da minha terna estima, e da felicidade que terei em contribuir para a vossa.

Conheceis a minha situação material. Nada possuo agora. E, embora possa contar com as ternuras de minha mãi em cazo de precizão, renunciando ao teto comum devo renunciar aos recursos que ahi me erão assegurados. Não vos encaro como um homem vulgar; e, colocando-me sob a vossa proteção, sinto que não terei nunca de sofrer na minha altivez: aceito o que me puderdes fazer de bem *na nossa associação*, e votar-me-ei então excluzivamente ao estudo e á cultura do meu talento em herva. Eis o meu plano de vida: a afeição e o pensamento. O resto é accessorio, mas é importante todavia no grau de tudo que é conveniencias. Irei conversar amanhan comvosco, a uma hora mais ou menos. Pensai até lá do vosso lado. Ter-me-ei sempre por feliz que me guieis, e me ajudeis com a vossa experiencia.

Tendes razão em não vir Lunedia. Só falarei a minha mãi no ultimo momento. Embora tenhamos conversado muitissimas vezes juntas sobre tal assunto, *comprehendi que havia de haver sempre conflito entre o seu coração e o seu espirito perante esta questão.*

Contai com a minha lealdade a todos os respeitos: *é uma virtude de familia.*

Adeus, *meu terno pai;* eu vos beijo.

CLOTILDE.

Esta carta parece traduzir uma intima tranquilidade, quando se a percorre ignorando exatamente os dolorozos antecendes da vida de Clotilde, como era então o cazo do nosso Mestre. Porem uma leitura refletida e com conhecimento desse martirizado Passado não tarda em revelar as angustiozas emoções que agitavão o piedozo coração dela.

Com efeito, percebe-se que Ela estava disposta a contribuir para a felicidade de Augusto Comte, e que, nessa felicidade, reluzia talvez a esperança de encontrar o termo

dos seus proprios martirios. Sente-se, porem, que Ela vê erguerem-se gravissimas aprehensões acerca do alcance que teria, para esse duplo objetivo, o passo temerario pelo qual o Filozofo anhelava... Essas melindrozas e terriveis hezitações se manifestão, desde o começo da carta, na maneira ponderada com que aprecía a resposta de Augusto Comte. A fraze é sempre afetuoza, confiante, e reconhecida; mas de modo algum repassada desse contentamento de quem cede a um impulso plenamente querido. Vê-se bem que ela é ditada por uma compassiva rezignação ao Destino ou á vontade alheia, e não inspirada pela sedutora perspetiva de uma ventura sem nevoas...

Em seguida, Ela assinala, em termos gerais, as condições que, para ambos, rezultavão de simillhante *associação*. *Associação*, é a palavra de que se serve, porque o seu coração não lhe permite considerar uma verdadeira *união*, uma incomparavel *fuzão* de duas almas, o laço, aconselhado, a custo, por um rasgo de sublime generozidade... Insiste na segurança que lhe inspirão o cavalheirismo e a sabiduria de Augusto Comte... E, a medida que se aproxima das ultimas linhas, as suas expressões vão trahindo, cada vez com mais energia, a cruel tormenta da sua alma...

Afinal, para caraterizar, sem a minima iluzão, a natureza dos piedozos sentimentos que realmente o nosso Mestre lhe inspirava, e dar o tom da incomparavel conferencia que com Ele teria no dia imediato, concluí com esta santa despedida: — Adeus, *meu terno pai;* eu vos beijo.

VIII

As mulheres são entes intermediarios entre os homens e a Humanidade.

(AUGUSTO COMTE — *Politica Pozitiva*, IV, p. 67)

Foi, pois, com os sentimentos de uma Filha ternamente grata, e extremamente confiante na afeição e na sabiduria de um Pai devotado, que, no Domingo 7 de Setembro, Clotilde encontrou-se com Augusto Comte na sala da rua Monsieur-le-Prince. Ela vinha rezolvida a expôr-lhe todas as suas duvidas, na esperança de que o nosso Mestre dissiparia os escrupulos que a impedião de corresponder aos seus votos. Augusto Comte, do seu lado, via em Clotilde a sua *unica e eterna espoza*, adorada com o respeito do mais profundo e do mais cavalheiresco amor. Si bem que

de natureza diversa, as dispozições possuião, de parte a parte, a suprema nobreza que garantia de antemão a santidade de similhante entrevista. E de fato, a correspondencia sagrada, lealmente publicada por ordem do nosso Mestre, não póde deixar, a nenhuma alma honesta, a minima duvida a tal respeito.

Graças a esses incomparaveis documentos, podemos tambem conhecer os motivos capitais que sustentárão Clotilde neste lance decizivo da sua glorioza existencia. Eles se reduzem aos mesmos que já a tinhão protegido e que nos forão revelados pela *Lucia*. Mas agora esses motivos erão reforçados por duas ordens de considerações novas. Em primeiro lugar, o sentimento que Augusto Comte lhe despertava era uma verdadeira piedade filial, e não uma ternura conjugal. Em segundo lugar, as inspirações espontaneas do seu altruismo achavão-se robustecidas pelas vistas sistematicas do Filozofo. Clotilde não podia esquecer as nobres palavras que o nosso Mestre lhe dirigíra desde 21 de Maio, em resposta aos dezenganos que Ela dera á explozão do seu amor.

Tremeu, pois, ante a responsabilidade de comprometer a gloria do apaixonado Pensador e a regeneração humana; e todos os argumentos do Filozofo forão impotentes para dissipar os seus escrupulos a tal respeito. Por outro lado, *a lembrança da sua Mãi veio juntar-se a todos os nobres pensamentos que lhe erão peculiares*. Expoz a Augusto Comte, com lealdade, os sentimentos que realmente tinha por Ele, as suas dividas, os moveis que a impelirão a uma tentativa de tal ordem, o modo pelo qual a sua familia encarava similhante união, e a sua decizão de não sacrificar tais sucetibilidades, si as não pudesse vencer. Considerou as consequencias que tal passo podia ter sobre os seus decendentes, e sentiu que as suas aspirações a ser mãi devotada e digna se sublevavão ante a perspetiva do futuro que preparava para os entes a quem désse a vida. Enfim, o apaixonamento do Filozofo, contrastando rudemente com a serena sabiduria que dele esperava, devia contribuir para consolidar todos os escrupulos de Clotilde, em vez de tender a dissipá-los. *

A santa e perigozissima entrevista terminou, pois, deixando Augusto Comte imerso em profunda melancolia,

* Essa entrevista constituiu uma das *imagens normais* do culto intimo do nosso Mestre. — R. T. M.

e ainda mais alarmado sobre o seu futuro. Ele procurou, entretanto, dominar a extrema agitação que tentava assoberbá-lo, e, por um esforço imenso, decidiu-se a ir ao jantar que Blainville dava no primeiro domingo de cada mez. Contava encontrar, porventura, ahi uma diversão aos abalos de que era teatro a sua alma. A reunião agravou, porem, o seu estado moral. Com enorme custo pôde esperar o fim da ceremonioza refeição, e voltou imediatamente para caza, logo que pôde desprender-se da penoza sociedade.

Passou a noite extremamente inquieto, numa insonia atormentada por negras conjeturas. Pela madrugada rezolveu-se a escrever a Clotilde pedindo-lhe uma nova entrevista. E essa carta não desvenda sómente a exaltação afetiva que dominava o egregio Pensador. Ela demonstra tambem a fatal insuficiencia das luzes morais de que ainda dispunha *a siencia* para traçar o *dever* nessa crize decisiva.

Quadragezima-quinta carta

Lunedia de manhan 8 de Setembro de 1845 (3 h.)

Em nome da vossa sincera afeição, suplico-vos, minha Clotilde, que me marqueis o mais proximamente possivel, uma livre entrevista como a de hontem. Até lá não poderei pensar seriamente em nada mais. Sem isso, aliás, sinto-me incapaz mesmo de tornar a aparecer convenientemente Venerdia em caza dos vossos pais.

O poderozo esforço que nobremente exerci hontem sobre mim-mesmo deve vos ter provado que a pureza do meu devotamento corresponde á sua energia. Mas ele conduziu-me a sentir uma condição, *até então indecisa*, da existencia cujas responsabilidades quaisquer, materiais e morais, aceitei todas aos vossos pés, e que estou desde já pronto a realizar. O que eu não deploro de vos haver arrancado hontem pela importunidade ou o arrastamento, cumpre que a vossa confiança m'o faça obter livremente de uma afeição refletida. Enquanto o ultimo selo natural não fôr posto em nossa união, ela continuará, eu o sinto, a oferecer-me uma consistencia precaria, que temerei sempre ver ceder ao minimo obstaculo. Sem esse *penhor da aliança*, não posso, em uma palavra, considerar-vos *como tão irrevogavelmente comprometida para comigo quanto me reconheço estar para comvosco.*

Aprovo muito a demora de alguns mezes que a vossa afetuoza prudencia quer empregar em contemporizar com as respeitaveis sucetibilidades dos vossos pais, para conduzí-los pouco a pouco, si fôr possivel, a conciliar a sua precioza ternura com a nossa união definitiva. Sentindo vivamente o preço dos vossos afortunados laços de familia, estou disposto a secundar com todos os meus esforços essa indispensavel tranzição, modificando por tal fórma os meus exteriores para convosco, que a minha prezença em caza dos vossos pais não lhes inspirará mais nenhuma sombra legitima. Mas a plena sinceridade, que faz o principal valor do meu carater, não me permitiria, eu o sinto, tal dissimulação habitual, si eu não tivesse primeiro obtido de vós o penhor irrevogavel que peço-vos de joelhos. Quando eu houver adquirido assim uma verdadeira segurança sobre o fundo da minha existencia, vereis que tornar-se-me-á facil modificar as suas fórmas em razão das diversas conveniencias que devo respeitar; eu o farei mesmo sem calculo algum, cedendo com jubilo á satisfação de dar por esse modo á cara companheira de toda a minha vida um testemunho accessorio de respeitoza afeição. Mas, *sem essa garantia unica decizira da indissolubilidade da nossa união*, eu sinto que o meu coração estaria, ao contrario, sempre colocado, em caza dos vossos pais, em uma pozição falsa, em breve incompativel com a minha irrezistivel espontaneidade. Afastai, pois, o unico obstaculo que possa conter a minha tendencia natural a querer sinceramente tudo o que vos é querido.

Pezai bem, minha Clotilde, essas diversas indicações sobre o nó principal da nossa situação ecepcional, e cuidai que vai nisso todo o nosso porvir. Longe de temer as mais graves consequencias que a concessão por mim solicitada póde naturalmente acarretar, me confessastes lealmente que a maternidade foi sempre o vosso sonho querido, e vós me julgais digno de ser associado a ela. Vós não podeis, pois, recuzar-me hoje *sinão em consequencia de uma insuficiente confiança nas minhas rezoluções*. Aguardo, minha bem-amada, com uma anciedade doentia, a resposta favoravel que deveis áquele que já se considera irrevogavelmente como o

Vosso espozo devotado,

A^TE COMTE.

Mau grado a minha extrema agitação, fiz hontem o esforço de não faltar ao jantar mensal de M. de Blainville. Depois de ter penozamente esperado pelo fim de uma refeição na qual apenas figurei, fui forçado a voltar para caza imediatamente.

Uma noite quazi sem sono obriga-me hoje a ficar de cama, por prudencia, até ao jantar. Para não descuidar de nenhum dos paliativos que estão á minha dispozição, irei sómente ao banho ás quatro horas. Mas sinto por demais que só vós podeis realmente restituir-me a calma.

IX

Perdoai-me as minhas imprudencias.
(*46ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.*)

Clotilde tinha sahido da rua Monsieur-le-Prince profundamente arrependida do arriscado passo a que a arrastára uma generoza piedade pela sorte do Filozofo. Mais cruciantes do que as aprehensões que a impelírão áquele rasgo, surgião agora na sua alma as pungentes recriminações que a si mesma fazia per tamanha temeridade. Todos os sentimentos e razões que a tinhão sustentado durante a perigozissima entrevista avolumão-se de momento a momento, e esmagão implacavelmente o seu melindrozo coração. E, entre tantas e tão crueis torturas, Ela nem siquer podia procurar um momento ou uma fonte de alivio, porque os seus delicadissimos escrupulos não lhe permitião pensar em si. Só via dezenhar-se aos seus olhos, com as mais tenebrozas côres, a medonha situação em que a sua piedade acabava de lançar a crize moral que atravessava Augusto Comte. Desde então, Ela não cuida sinão de achar os meios para impedir um funesto desfecho. Mas cada alvitre que o seu abnegado altruismo lhe inspira surge na sua mente atribulada como podendo apenas precipitar a catastrofe que receiava!...

Ela se despedíra de Augusto Comte sem ouzar desfazer-lhe completamente as esperanças de um futuro enlace... limitára-se a adiar o cumprimento dos seus votos apaixonados... Mas essa prudente cautela se lhe afigura um incitamento contínuo á exaltação do Filozofo .. Sente a necessidade de dissuadí-lo de todo... Mas teme que um

dezengano imediato seja ainda mais fatal... E' nesse indescritivel anceio de uma alma que ambiciona ardentemente fazer o bem, e só vê, em torno de si, abismos inevitaveis, que a manhan a vem achar... O momento urge... E' precizo afinal decidir-se...

Então rezolve escrever ao Filozofo patenteando-lhe o seu arrependimento; mas preocupa-se em não agravar as amarguras do amorozo Pensador. Com uma ternura infinda, mixto de candura e piedade, procura impedir qualquer discussão do encandecente projeto, reduzindo as suas objeções ao estado do seu proprio coração. Para que invocar outros motivos, si só este bastava para fundamentar, no momento, os seus escrupulos em realizar similhante enlace?... Si só este devia ser o mais poderozo de todos, perante o coração do seu cavalheiresco Adorador?

Quadragezima-sexta carta

Lunedia de manhan 8 de Setembro de 1845.

Quero escrever-vos já; perdoai-me as minhas imprudencias. Sinto-me ainda desgraçadamente impotente para o que ultrapassa os limites da afeição. Ninguem apreciar-vos-á melhor do que eu; e o que não me inspirais, nenhum homem mais m'o inspira: porem o passado faz-me ainda mal, e foi um erro meu querer arrostá-lo. Sêde generozo em tudo, como o sois a certos respeitos. Deixai-me o tempo e o trabalho: expôr-nos-iamos agora a crueis pezares.

Conto muito com a vossa equitativa razão. Quanto a mim, ensaiei as minhas forças; perdoai-m'o, em consideração da vontade. Estou compenetrada de reconhecimento pelas vossas generozas vistas, e pelas bondades que vos devo; não falemos jamais em dinheiro: é uma palavra que faz demaziado mal.

Adeus. Si me comprehendeis realmente, não me querereis mal por isso. Em qualquer outro cazo, dezesperaria de fazer-me entender.

Adeus, meu dignissimo amigo. Os meus estão mais impressionados do que pensais com o vosso merito. Si meu pai não chegar esta tarde, têm a intenção de vos ir ver em familia.

Vossa do coração

CLOTILDE.

Clotilde acabava de expedir este comovente bilhete quando a apaixonada carta do nosso Mestre veio dar novo alento ás penozas emoções e aos santos propozitos que a absorvião. Ela sente necessidade de falar-lhe de um modo mais decizivo. Ao mesmo tempo, porem, a sua bondade faz-lhe perceber, com energia porventura maior, a solicitude que lhe merecem o amor e a gloria de Augusto Comte, bem como a regeneração social ligada á sorte do Filozofo.

Quadragezima-setima carta

Lunedia á tarde 8 de Setembro de 1845.

Acabo de receber a vossa carta; e, conquanto aquela que, agora mesmo, puz no correio para vós deva servir-vos de resposta, quero dá-la aqui de uma maneira mais particular.

Sou incapaz de dar-me sem amor, senti-o hontem. Eu me cauzaria horror si fizesse uma especie de tratado sobre mim-mesma. Esperarei pois, como era intenção minha, que o meu coração esteja de todo calmo e livre. Daqui até lá, ofereço vos a afeição com que parecieis feliz antes do meu imprudente passo. Eu vos verei em caza dos meus pais, si quizerdes e puderdes continuar a lá ir. No cazo contrario, voltarei ao meu izolamento.

Eu tambem, eis-me doente. Não abuzeis pois do poder que tive a intenção de dar-vos. Si vos tivesseis conduzido de modo diverso do que o fizestes, eu vos desprezaria talvez. Em lugar disso, vos estimo e vos amo. A culpa unica que tivestes foi impelir-me á ação que acabo de cometer. Sejamos de novo livres. Dentro de seis mezes interrogar-me-ei; e, si nos conviermos reciprocamente, será então tempo de tomar compromissos mutuos. Daqui até lá, quero trabalhar. Já vos disse, recobrei com grande dificuldade a saude, é tempo de começar a utilizá-la; isso importa á toda a minha vida.

Fiquei mais frustrada do que vós nesta conjuntura; não me queirais, pois, mal por isso. Exercei a vossa nobre inteligencia sobre vós-mesmo, e não tenteis arrastar-me de novo a ações deploraveis.

Sou das vossas obrigadas a mais reconhecida e a mais afeiçoada

CLOTILDE.

X

> Uma paixão menos pura ou menos profunda ter-me-ia impedido de consagrar assim a minha plenitude mental a sistematizar definitivamente o regimen normal do futuro.
>
> (AUGUSTO COMTE—*Confissões*.)

No meio de toda essa temeroza crize, Agusto Comte não interrompêra as salutares praticas do comovente culto que instituíra desde a *Santa Clotilde*. Pelo contrario, era por ventura com mais fervor e com mais frequencia que entregava-se, ajoelhado junto ao modesto *altar* de Clotilde, á meditação da virtuoza paixão que Ela lhe havia inspirado. Cada dia de uma semana lhe trazia especialmente a lembrança das imagens que os dias analogos das outras semanas lhe tinhão deixado; e o Filozofo procurava, com um esforço deliciozo, reproduzir fielmente as senas que elas espontaneamente evocavão. Sob esse influxo, os sentimentos do instante recordado despertavão-se suavemente no seu coração, e ião pouco a pouco exaltando-se, até arrebatá-lo nos transportes de outróra.

Depois, como si fossem os elos de uma cadeia maravilhoza, posta em movimento por compassivas mãos, essas imagens ião trazendo, uns após outros, todos os epizodios do seu amorozo passado. O Filozofo acompanhava tão prestigioza procissão, relendo as passagens carateristicas da sagrada correspondencia

E assim, desprendido cada vez mais de si-mesmo, cada vez mais extaziado na contemplação das egregias virtudes da sua angelica Inspiradora, as nobres rezoluções do seu altruismo adquirião uma lucidez e uma energia pasmozas. Tambem então, novos ideiais da grandeza humana rasgavão-se aos seus olhos; e, pairando neles, o nosso Mestre via a seus pés, numa distancia imensa, os projetos de perfeição moral que antes lhe havião parecido mais audaciozos. E esse contraste dava um novo impulso aos elances assombrozos do seu coração e do seu genio...

Em virtude de tais habitos, o Filozofo achava-se, apezar da crize moral que estava atravessando, em condições assás propicias para receber o dezengano que a virtuoza rezolução de Clotilde vinha produzir nas suas esperanças. Com efeito, entre as emoções e pensamentos que se entrechocavão atualmente no seu cerebro, erguião-se, com suave insistencia, as redentoras imagens que o Lunedia lhe

evocava. Ele via assim retraçar-se, ao seu coração, aquela noite encantadora em que Clotilde lhe viera trazer, com a sua Mãi e o seu Irmão, o inesperado agradecimento pela *Santa Clotilde.* Recordava-se da primeira entrevista que com Ela tivera depois de saber da desventurada paixão que havia dois anos a torturava. Pensava na saudoza tarde do dia em que remetêra a *Santa Clotilde* a Stuart Mill. Lembrava-se enfim da entrevista em que, nas vesperas do batismo do seu afilhado, comunicára á sua Bem-Amada a terminação da introdução da POLITICA.

Todas essas imagens lhe demonstravão as delicias de um digno amor mesmo sem esperança de ser correspondido; todas elas lhe fazião sentir que *amar ainda é melhor do que ser amado;* todas elas o predispunhão a libertar-se dos preconceitos sientificos sugeridos pelas energicas solicitações da personalidade masculina. Após elas, vinhão todas as outras recordações que desde a *Santa Clotilde* lhe emparadizavão a existencia. E tão venturozo passado rezumia-se na imagem daquella manhan sublime que assistíra á consagração da sua união espiritual com a sua imaculada e terna Inspiradora.

Augusto Comte esforçava-se assim por harmonizar as puras inspirações do seu culto intimo até ali com as esperanças novas que o piedozo rasgo de Clotilde lhe viera despertar, quando recebeu o primeiro bilhete dela. A impressão foi terrivel... Um pensamento dolorozissimo lhe atravessa a mente apaixonada. Crê ver nas palavras de Clotilde um indicio de que Ela não depozitava inteira confiança na firmeza das rezoluções que Ele jurára aos seus pés. Só assim póde comprehender que Ela evite o passo unico que tornaria irrevogavel a união entre ambos... Perscruta, com infatigavel atenção, que outro meio seria capaz de garantir-lhe para sempre a afeição que Clotilde lhe votava... E a teologia, a poezia, a siencia, não lhe fornecem outro penhor de aliança perpetua entre o homem e a mulher alem daquele que Clotilde lhe recuza... Uma tímida esperança o alenta entretanto: talvez a leitura da carta que Ele escrevêra nessa manhan fizesse Clotilde reconsiderar os seus novos propozitos...

XI

Uma ilusão inspirada pelo instinto sexual tem glorificado por demais as satisfações que a volupia proporciona ás almas amantes.

(AUGUSTO COMTE.— *Confissões*)

Em breve, porem, a resposta da virtuoza Senhora vem desvanecer esta ultima iluzão. O Filozofo lê a nova carta com a dôr de quem recebe a confirmação dezesperadora de uma irreparavel desgraça. O seu dezalento tende a aumentar; mas todas as gratas imagens do seu culto o sustentão. Elas dão-lhe força para dominar a impaciencia que sente de aprezentar imediatamente a Clotilde os fundamentos das suas ardentes suplicas. Aguarda, pois, a manhan seguinte, atravez das amargas reflexões de uma longa noite de cruel insonia. As quatro horas começa a redigir uma extensa carta onde motiva os seus votos apaixonados com todas as razões que a sabiduria masculina poderia inspirar *antes da sua regeneração religioza*. Porem, depois de haver dezenvolvido os seus argumentos, juntava uma declaração final que bem revelava o cavalheirismo dos seus intuitos.

Quadragezima-oitava carta

Martedia 9 de Setembro de manhan 1845 (4 h.)

Esforcei-me penozamente, minha Clotilde, por deixar passar a noite sobre as vossas duas ultimas cartas antes de respondê-las. Embora muito comovido com o vosso afetuozo apressuramento, teria eu lugar sem duvida de felicitar-me que vos tivesseis imposto a mesma madureza. Terieis sentido assim a inconsequencia evidente de tal resposta. Pois que! fazeis-me espontaneamente Venerdia a promessa imprevista de uma ventura proxima, a confirmais Sabado, a iludis Domingo, e a retirais Lunedia! Não é isso abuzar um pouco do privilegio feminino?

A vossa dupla resposta é por demais clara; e embora ela me amargure muito, não vos quero em nada mal por isso. Alem do testemunho contínuo da vossa precioza afeição, encontro nelas novos motivos para admirar, mesmo á minha custa, essa lealdade e essa pureza perfeitas que tanto contribuírão para determinar a minha adoração. Ficai pois plenamente tranquila sobre essa impressão geral. Mas não acrediteis por isso que eu renuncie totalmente ao

pedido que submeti-vos hontem, e cujo duplo motivo principal receio que, na precipitação da vossa resposta, tenhais comprehendido extremamente pouco. Devo sobretudo considerar como muitissimo pouco refletida a segunda carta, na qual, retrogradando ecessivamente alem da crize atual, longe de tornar-vos a minha verdadeira espoza, cessarieis realmente de ser uma simples amiga, si eu aceitasse inteiramente algumas frias expressões que não podem traduzir os vossos verdadeiros sentimentos.

Não foi a titulo de satisfação pessoal que reclamei um penhor sagrado; foi sobretudo como garantia e como meio.

Sob o primeiro aspeto, adiando-o hoje, fazeis com que eu o tome mais a peito manifestando-me a necessidade a de dissipar, *por um ato irrevogavel*, as vossas funestas hezitações. Confirmais assim os meus justos temores de hontem pela impossibilidade de vos comprometerdes seriamente comigo sem essa indispensavel concessão. Declarações como as da vossa divina carta de Venerdia não se revogão á vontade. Mas a tentativa só de retirá-las constata essa precizão de irrevocabilidade evidente que se liga mais ou menos a todas as relações humanas. A vossa dupla carta de hontem confirma aliás o que a vossa provada lealdade garantia-me de antemão pelo estado prezente do vosso coração. Ele é livre hoje; sómente eu não me acho nele sinão a titulo de amigo, mas *sem nenhum rival efetivo;* vós não me opondes sinão um vestigio do passado. Contentando-me com esta modesta parte atual, não posso reconhecer a necessidade de repelir, nem mesmo de adiar inteiramente, uma concessão que não vos peço como essencialmente doce cazo não vos repugne, *mas como fundada sobre os mais graves motivos para ambos.* Ficai segura que ela acabará de restituir a tranquilidade ao vosso coração, e talvez tambem, permiti-me essa insinuação sientifica, a saude ao vosso corpo.

A titulo de *meio*, não sentistes assás, ou expliquei muitissimo pouco, quanto ela me importa para inspirar-me, para com os vossos parentes, sem alterar a minha espontaneidade, uma conduta plenamente conforme a conveniencias que eu quero respeitar tanto quanto vós. Ignorais a que ponto o sentimento habitual da satisfação interior póde dar surto ao meu espirito e elance ao meu carater, até aqui demaziado contido, em detrimento dos vossos,

pela minha excluziva preocupação da vossa adoravel natureza. Em referencia áqueles para com os quais experimento esse alto grau de estima e de confiança que determina um verdadeiro abandono, posso quazi tornar-me o que se chama um homem amavel, dando, sem pedantismo algum, um livre curso ás minhas diversas inspirações. Mas a condição permanente do contentamento interior é então indispensavel á minha franqueza. É sobretudo assim que, pela doce concessão que perzisto em reclamar, o vosso justo dezejo sobre as minhas maneiras habituais para com os vossos parentes achar-se-ia em breve contrario ás proprias qualidades que em mim reconheceis.

Quer como penhor, quer como meio, essa concessão torna-se pois necessaria. *A minha boa fé é tal, neste particular, que*, mau grado o valor pessoal dessa inefavel satisfação, *estou inteiramente disposto*, por delicadeza para convosco, *a retirar imediatamente o meu justo pedido* si puderdes preencher assás, *de qualquer outra maneira, essa dupla condição.*

Quanto á vossa insinuação de Domingo sobre o heroismo de conduta que convem aos entes superiores, toca-me extremamente pouco neste cazo. Não me vanglorio nunca, nem nos meus escritos, nem nas minhas palavras, de plainar acima dos sentimentos generozos e dos *pendores essenciais da humanidade.* * Deixemos essas misticas pretenções á teologia e á metafizica. Como fundador do pozitivismo sistematico, honrar-me-ei sempre de pensar segundo o indicava o amavel Terencio por esse verso admiravel, o mais maravilhozo talvez que nos haja legado a antiguidade, por ser o mais contrario á indole feroz desse regimen: *sou homem e nada de humano parece-me extranho a mim.* Não me faleis portanto mais de sacrificar a minha ventura á minha gloria, que eu costumo colocar melhor. Os entes superiores não devem diferir do vulgo pelas exigencias fundamentais, mas sómente pelo modo

* Apressamo-nos em lembrar que só o dezenvolvimento da adoração de Clotilde é que haveria de patentear ao nosso Mestre, graças á uma santa experiencia, que Ela obedecia desde então *apenas á suprema harmonia real entre os sentimentos generozos e os pendores essenciais da natureza humana.* Mas o conjunto dos dados da teologia, da metafizica, e da *sciencia*, acerca da nossa natureza, não consentião que nenhum livre-pensador completo tivesse, nessa epoca opinião diversa da que o nosso Mestre exprime aqui. R. T. M.

de satisfazer a elas. Invocando fóra de propozito a minha generozidade, quererieis pois fazer-me deplorar ter sido ecessivamente generozo ante-hontem; porque a vossa lealdade vos dispõe a confessar que, si eu tivesse então insistido mais, cederieis sem repugnancia. Aconteça porém o que acontecer, não deplorarei nunca esperar da livre afeição o que poderia proporcionar-lhe muito cedo demais uma doce obsessão.

Creio, minha Clotilde, haver examinado assás todos os obstaculos que a vossa solicitude irrefletida opõe agora á vossa promessa espontanea. Essa incomparavel concessão seria, aos meus olhos, insuficiente, si a vossa vontade não ficasse plenamente livre em tal: eis porque insisti tanto sobre graves considerações que vãos escrupulos vos fazem hoje apreciar mal, embora houvesseis sentido antes melhor o pezo natural delas.

Si insistirdes mais nessa cruel opozição, far-me-eis temer, como o dizia hontem, que a vossa recuza provem sobretudo de uma insuficiente confiança. Porque, nesse cazo, não poderia em verdade atribuí-la sinão a uma *injurioza suspeição* sobre a vulgar tendencia dessa sagrada concessão a diminuir o apego efetivo. Penso todavia que me conheceis bastante para poupar-me similhante suspeita. Nada, ao contrario, tem sobre mim tanto imperio como a confiança á qual nunca soube rezistir: a unica falta capital da minha vida privada * foi sobretudo determinada pela precizão de reconhecer, a todo custo, uma confiança que entretanto era no fundo apenas aparente.

Em virtude desses diversos motivos, devo contar ainda com a madura revizão á qual proponho-vos que submetais a vossa retratação precipitada. Tenho tamanha confiança na vossa leal afeição, *que reporto-me inteiramente á vossa decizão final*, contanto que ela seja assás refletida. Embora devesseis então não mais querer imediatamente tornar-vos a minha verdadeira espoza, sinto-me incapaz de não continuar a querer-vos, mesmo ao titulo primitivo, necessariamente inalteravel, de simples amiga. Dai-me pois a parte do vosso coração que achar-se dignamente compativel com o conjunto dos vossos sentimentos atuais: por mais modesta que ela possa ficar, ainda assim, sinto-me extremamente prezo a vós para não aceitá-la com

* O nosso Mestre alude ao seu cazamento com Carolina Massin. — R. T. M.

reconhecimento, pois que não interdireis mais a esperança. Longe de perturbar o dezenvolvimento normal da vossa nobre natureza intelectual e moral, o grau de intimidade que perzisto em solicitar respeitozamente é em si mesmo muito apropriado para facilitar o vosso surto, quer dirigindo melhor a minha influencia espontanea, quer sobretudo dando a toda a vossa existencia um fito mais nitido e um carater mais firme. Por mais poderozos que sejão porem todos esses novos motivos, eles não têm, como o precedente, pezo essencial sinão a vossa decizão atual ficando plenamente voluntaria. O conjunto desta longa carta não é pois destinado sinão a garantir-vos melhor contra a precipitação, que póde aqui tornar-se ainda mais nociva na recuza do que na aquiecencia.

O titulo que livremente me destes antes o ensejo de tomar não comporta tão brusca revogação. Não creio pois dever cessar ainda, mau grado essas primeiras flutuações, de considerar-me já até a vossa livre apreciação final, como o

Vosso espozo do coração
A^te^ COMTE.

P. S. Insistirei pouco sobre a evidente injustiça da vossa inexplicavel retirada das livres entrevistas pessoais, muitissimo alheias á crize atual, pois que, m'as concedestes espontaneamente, em principio e de fato, ha dois mezes, contanto que elas se realizassem na minha caza e não na vossa, condição cuja conveniencia reconheci bem depressa.

Seria, ouzo dizê-lo, recompensar mal a minha nobre conduta de ante-hontem evitar a sala que foi teatro dela, e que, doravante acha-se, sem o quererdes, profundamente impregnada por toda parte da vossa imagem.

Em lugar de recriminar vanmente contra essa injurioza revogação que já exprobrastes talvez á precipitação da vossa segunda carta, devo indicar-vos um projeto que formei a tal respeito, e que, em si mesmo, aplica-se igualmente a todas as vossas decizões atuais.

Testemunhastes-me um serio dezejo de aprender historia, cuja importancia para a vossa bela carreira literaria sentireis cada vez mais. Ora, eu posso certamente secundar-vos muito, quer dirigindo as vossas leituras, quer coordenando os seus rezultados, por uma san concepção do conjunto do passado. É esse um preciozo guia que, só eu no mundo posso, ouzo dizê-lo, fornecer-vos hoje, como o

sabe o vosso irmão. Alem das conversações naturais sobre os vossos proprios trabalhos, as vossas vizitas periodicas poderião tomar assim doravante um objetivo precizo e um carater regular, que ninguem ouzaria taxar de afetuozo pretexto. Ha mais de quinze anos, me têm pedido por vezes, mesmo para senhoras, essa nova sorte de lições de historia, sem que tal projeto se haja executado ainda, sobretudo por falta de perseverança dos dicipulos. Ser-me-ia doce que a sua realização vos pertencesse. Começarieis a sentir, por ahi, como eu, uma afortunada concordancia entre a vida privada e a vida publica, cujo intimo conflito perturba até aqui a vossa nobre existencia. Vêdes, minha cara Clotilde, que termino com altos pensamentos de conciliação uma explicação necessaria, na qual as minhas melhores afeições achão-se profundamente feridas. Não é isso pagar, segundo a minha natureza, o mal com o bem?

XII

> O mal que vos fiz teve a sua origem em um motivo generozo; nem por isso o deploro menos.
>
> (*49ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.*)

Esta carta encontrou Clotilde atribulada por bem acerbas aprehensões. Desde a vespera, anciava Ela por saber o efeito que as suas divinas rezoluções tinhão produzido em Augusto Comte. A todo instante sitiavão-na os receios inspirados pela exaltação em que a sua piedoza imaginação lhe retraçava o cavalheiresco Pensador.

Porem, a certa altivez filozofica que, logo ás primeiras linhas, ressumava das amorozos exprobrações e das instancias apaixonadas do nosso Mestre, não tardou a libertá-la do que mais cruel havia na sua compassiva impaciencia. Não é que devesse iludir-se sobre o verdadeiro alcance da ponderada serenidade que parecia dominar toda a carta. Mas o conjunto dessa ardente efuzão patenteou-lhe que o magnanimo Filozofo já havia superado bastante as temerozas reações do violento golpe desferido nos seus votos mais fervorozos. Similhante revelação cauzou-lhe um assomo de inefavel jubilo: não só pelo estado lizongeiro que isto anunciava na situação moral de Augusto Comte, mas tambem porque a aliviava dos escrupulos de falar-lhe

com a afetuoza, porem energica, franqueza que o dever e a felicidade dele exigião.

Foi essa a impressão sob a qual Clotilde redigiu imediatamente a sua comovente resposta.

Quadragezima-nona carta

Martedia 9 de Setembro de 1845.

Não tendes razão em dizer que me pagais o mal com o bem; o que vos fiz teve a sua origem em um motivo generozo; nem por isso o deploro menos. Porem, apezar da minha culpa, e da ecelencia do vosso coração e do vosso procedimento, devo declarar-vos os meus sentimentos atuais. Si me constrangesseis, por qualquer meio que fosse, a ceder-vos sobre o ponto em questão, nunca mais vos tornaria eu a ver na minha vida. Não sabeis a que grau de exasperação me impeliria uma violencia desse genero; uma mulher que viveu na continencia durante longo tempo, só póde dar-se com entuziasmo ou a rezolução de tornar-se mãi. Conheço o cazamento, e conheço-me melhor do que o primeiro sien'ista do mundo. Não oponhais, pois, a menor observação aos meus sentimentos; elas não me farião mudar, e tornar-me-ião profundamente desgraçada.

Suplico-vos que não me recordeis os vossos direitos e os vossos sacrificios de Domingo: tanto uns como outros são iluzorios. Não se trata uma mulher de trinta anos como uma menina. Sou culpada, confesso-o, sinto-o, sofro com isso; mas sofro demaziado para que m'o lembreis. Tende imperio sobre vós mesmo, uzai dos vossos poderes de homem, e não vos imponhais uma continencia que considerais nociva. Deixai-me esperar que nem mais uma palavra sobre tais coizas será pronunciada entre nós por muito tempo.

No que eu não tenho paixão, tenho ao menos razão; e o que vos estou dizendo aqui é refletido. Não vos recordarei que sómente via em vós o pai de uma criança, e não um amante. A nossa conversação de Domingo mudou as minhas vistas atuais neste particular: nada me faria voltar atraz do meu novo plano. Peço-vos, pois, de novo, com energia e afeição: nem mais uma palavra.

Cuidai de vós, e tomai os melhores meios para a vossa saude. Quem vos fala em edificar a natureza humana em natureza serafica? Cahi porventura alguma vez no ridiculo

dos espiritualistas? *Creio na natureza mais do que ninguem*, porque ninguem está tanto sob a sua influencia como eu; e, sem que pareça, *é a ela que cerco de contemplações e que incenso em toda a minha conduta habitual.*

Eia! caro amigo, erguei-vos, e tende a vossa parte de razão; eu precizo bem dela, e sou mulher.

Isto é uma resposta; não deveis, pois, dar-me nenhuma outra. Anhelo pela vossa saude do mais profundo do meu coração. Não aceito por ora os vossos conselhos e as vossas lições, porque, complicando as minhas ocupações, me faria mal a mim mesmo ou não conseguiria nada.

Vinde aos Lunedias e Venerdias á nossa caza * encarrego-me de vos receber bem ahi.

Adeus, meu carissimo amigo; si tiverdes afeição por mim, procedereis como eu dezejo.

CLOTILDE.

Nada é mais admiravel do que a nobre e candida energia com que Clotilde opõe as inspirações do seu imaculado e terno coração ás considerações apaixonadas do cavalheiresco Filozofo. Sente-se entretanto ahi a universal obsessão que, até a plena regeneração dele, foi entretida pela grosseira personalidade do sexo masculino.

Com efeito, sob as inspirações de um altruismo incomparavel, Clotilde tinha sentido, desde longo tempo, a falsidade dos preconceitos revolucionarios e sientificos contra a castidade. Bastava-lhe, para isto, lembrar as torpezas a que tais opiniões expõe as mizeras proletarias, vitimadas, com tamanha insensibilidade, para satisfação momentanea de ignobeis prazeres. Por outro lado, não era menos eloquente a sanção que assim encontrava a volubilidade masculina, dificultando a realização dos nobres votos relativos á plena fidelidade conjugal, mediante a sistematização da eterna viuvez. Mas os humilhantes preconceitos achavão-se tão arraigados entre os livre-pensadores mais delicados, que a veneração de Clotilde deixou-a sem força para invocar, contra as *fatalidades* apregoadas pelos sientistas, as inspirações do seu coração! Dahi, essa fraze pungente que lembra a pasmoza rezignação com que as mais abnegadas Santas esmagárão, em nome de Deus, as supremas soli-

* Clotilde refere-se á caza dos seus Pais.—R. T. M.

citações do altruismo, e aceitárão tantos *dogmas* crueis. O que ha realmente de mais revoltante do que o pecado original, a negação das afeições dezinteressadas, a ruptura dos mais puros afetos maternos, a maldição do trabalho, etc.? E todas essas dezhumanas concepções forão sinceramente reconhecidas pelas melhores almas catolicas, mau grado os intimos protestos dos seus eximios pendores simpaticos.

Mas, por outro lado, os laivos voltairianos do seu espirito servem apenas para dar maior realce á comovente modestia com que Clotilde sustenta a *naturalidade* das mais sublimes virtudes. Lembrando ao nosso Mestre o *heroismo de conduta que convem ás almas superiores*, Ela não era solicitada pelas chimericas inspirações de uma vaidade pessoal, nem pelas facinações teologico-metafizicas. Para Ela, como para o seu cavalheiresco Adorador e para todas as naturezas egregias, a gloria não era o futil deleite de ouvir, num sonho egoista, o proprio nome ecoar na imensidade do Porvir. A gloria era a eterna aptidão de fazer o bem, graças a uma vida cuja recordação, mesmo nos seus menores epizodios, viesse inflamar os corações mais longinquos com o entuziasmo pelos prazeres da dedicação. Ora, era esse pensamento contínuo, tão *humano*, que servia de guia aos modestos passos de Clotilde. Ela ambicionava que um só ato seu não pudesse tornar-se fonte de amargura para as almas dignas que a conhecião, ou, por ventura, viessem, um dia, a saber da sua atribulada existencia.

Exortando, pois, o nosso Mestre, a não sacrificar, ás apaixonadas solicitações do Prezente, as emoções da gloria, Clotilde apenas obedecia espontaneamente ás leis supremas da MORAL POZITIVA. Vitima, porem, das opiniões sientificas correntes, o egregio Pensador não podia, em virtude das imperfeições masculinas, apanhar nessa epoca, a profunda realidade de tão sublimes conselhos. Só uma experiencia incomparavel, determinada pelo surto mesmo da sua santa paixão, havia de desvanecer gradualmente as iluzões da siencia e da poezia, acerca da pureza. Então, Ele sistematizaria as inspirações da nossa divina Mãi Espiritual, elevando-se da FILOZOFIA POZITIVA á construção da RELIGIÃO FINAL.

XIII

Mau grado es a comoção involuntaria, volto pois sem esforço aos meus caros habitos de ternura cavalheiresca deixando sempre ao vosso afetuozo criterio o governo geral das nossas relações quaisquer.

(*50ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

Estimulada por esta sublime resposta a nobreza cavalheiresca de Augusto Comte quebrou de subito os laços capciozos que, havia quatro dias, lhe embaraçavão o prodigiozo surto. Para este rezultado contribuírão não só a energia intrinseca do seu excepcional altruismo, mas tambem a incomparavel cultura que, desde Junho, não cessára de exaltar as mais egregias potencias da sua alma. Durante o trimestre que precedêra a terrivel explozão da crize atual, Ele experimentára, com um crecente entuziasmo, os indescritiveis arroubos do mais puro amor. Porque a confidencia que, desde o começo, Clotilde lhe fizera, arrancára do seu coração todas as esperanças de jamais obter alem de uma profunda amizade. Era com essa felicidade, cujo inestimavel encanto Ele tão intimamente apreciára, que a digna decizão de Clotilde lhe prescrevia de contentar-se. A iniciação afetiva que Ele devia á grandeza moral de Clotilde havia pois aparelhado o seu altruismo para sahir gloriozamente da tormenta em que a piedade dela o lançára.

Havia, contudo, nas cartas de Clotilde dois pontos que derramavão uma amargura infinida no coração do Filozofo. «*A culpa unica que tiveste foi impedir-me a ação que acabo de cometer*»,—lhe dissera Ela na sua segunda carta de 8 de Setembro. E, na ultima, de 9 de Setembro, Ela acrecentára: «—*Si me constrangesseis, por qualquer meio que fosse, a ceder-vos sobre o ponto em questão nunca mais vos tornaria eu a ver na minha vida.*»—A sua consiencia lhe assegurava que Ele não merecia nenhuma dessas acuzações. Porque não comprehendêra que o passo aventurado por Clotilde fôra sobretudo inspirado pela extrema piedade que a situação moral dele lhe cauzava. E, por outro lado, não considerava como uma coação o apelo que dirigíra á razão e aos mais nobres sentimentos de Clotilde para remover os escrupulos que Ela lhe revelára na realização do encantador projeto com que o sorprehendêra. Inocentando-se, porem, sob ambos esses

aspetos, o seu cavalheirismo lhe inspira uma melindroza delicadeza na expressão das suas magoas. Havia finalmente uma outra circunstancia que o acabrunhava: era o conceito em que, conforme agora sabia, a sua ligação com Clotilde era tida pela Familia Marie.

Todas estas emoções se consolidárão no meio dos arroubos da fervoroza *oração* com que Ele começou a manhan de Mercuridia. Ajoelhado junto ao *altar* da sua idolatrada Inspiradora, Ele relêra, debulhado em lagrimas, as ultimas cartas que dela recebêra. E a meditação de tanta grandeza moral ainda mais exaltára a sua adoração. De sorte que uma serena melancolia se tinha substituido á tormentoza agitação dos dias anteriores quando Ele respondeu á Clotilde.

Quinquagezima carta

Mercuridia de manhan 10 de Setembro de 1845 (9 h.)

Segundo a vossa decizão final, que eu já tinha hontem aceitado préviamente, esforcemo-nos pois, minha cara amiga, por esquecer, *como um sonho tormentozo*, a crize abortada donde sahimos, para retomar serenamente o venturozo curso das nossas cordiais relações. Quando houverdes melhor comprehendido a longa carta á qual, segundo creio, respondestes com demaziada pressa, reconhecereis que, longe de ceder ahi a nenhum impulso apaixonado, eu estabelecia, pelas mais solidas razões peculiares á nossa situação, a sabiduria real da vossa inspiração imprevista, *na qual acho-me aliás extranho a toda provocação, direta ou indireta*, segundo o testemunho de todas as minhas cartas anteriores. Vós me inspirastes, é verdade, a unica paixão profunda que jámais experimentei; e sinto por demais que ela só póde cessar com a minha vida: mas ela é, ouzo dizê-lo, tão pura quanto energica. Desde a Santa-Clotilde, verdadeiro inicio das nossas relações seguidas, nenhum pensamento carnal tinha até então, nem em vossa prezença, nem mesmo na vossa auzencia, jámais perturbado a minha intima adoração. O conjunto da minha correspondencia e da minha conduta tem certamente muito mais de D. Quichote do que de D. Juan. Mau grado essa comoção involuntaria, volto, pois, sem esforço aos meus caros habitos de nobre ternura cavalheiresca, deixando sempre ao vosso afetuozo criterio o governo geral das nossas relações quaisquer. Em breve, espero eu, a

ultima tormenta não deixar-nos-á outra lembrança permanente sinão a de uma memoravel confirmação mutua da sinceridade da vossa afeição e da plenitude do meu devotamento.

No meio dessas doces impressões, custa-me muitissimo, Clotilde, dever exprimir-vos, embora não possa calar-me, quanto me aflige a injurioza suspeita que começa a vossa carta. De todas as ações odiozas, a mais antipatica ao conjunto do meu carater é, seguramente, a de forçar uma mulher, por temor ou fraude, a uma brutal satisfação: glorifico-me de ser do pequenissimo numero desses homens que, mesmo nos seus maiores fogos juvenis, jámais merecêrão, para com quem quer que seja, o menor reproche de tal genero. Como pudestes, pois, um só instante, crer-me capaz de abuzar tão indignamente, em relação a vós, de qualquer incidente? Era, pois, da minha Clotilde que havia de partir a acuzação unica dessa ordem que jámais haja eu recebido? Mas prezumo bem que já a haveis espontaneamente retratado, de espirito e coração, logo depois de a ter emitido.

Dezejo muito poder retomar depois d'amanhan o preciozo costume da minha dupla vizita hebdomadaria á caza dos vossos dignos pais. O que me dissestes da maneira demaziado vulgar pela qual eles encárão a nossa ligação diminúi sem duvida um pouco a minha opinião demaziado favoravel da elevação das suas idéias e da generozidade dos seus sentimentos, aumentando, porem, muito o meu reconhecimento pelo conjunto da conduta deles para comigo, pois que tal paciencia sustentada não póde provir sinão de um profundo apreço pessoal. Por maior que seja a minha sinceridade habitual, já teria eu modificado muito as minhas maneiras para convosco diante deles, si me houvesseis informado mais cedo que eu lhes atribuia sem razão uma dispozição plenamente liberal, como aquela que vós e eu experimentariamos certamente em cazo analogo. Vereis doravante, segundo espero, que, sem nunca mentir, sei ter dignas contemplações, mesmo com as sucetibilidades que não aprovo, quando a origem delas é tão legitima. A minha *Santa-Clotilde* já vos devia ter provado que, quando é precizo, eu posso nobremente conter toda manifestação inoportuna dos meus mais caros sentimentos.

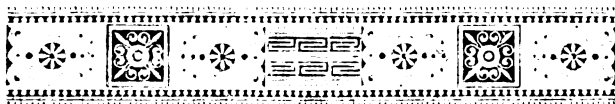
Absorvido dez dias pela vida privada, tratarei amanhan de retomar a minha vida publica; já recomeço a sentir,

segundo o meu venturozo habito, a concordancia fundamental de ambas. Fazendo inopinadamente luzir aos meus olhos a possibilidade ulterior de alguma verdadeira felicidade domestica, a ultima crize eeitar-me-á finalmente a merecer mais, e mesmo a preparar melhor, esse grande rezultado da nossa pura afeição, por um surto mais completo de todas as faculdades que podem honrar ou consolidar uma pozição social que deverá talvez afetar diretamente a minha Clotilde.

Adeus, cara e nobre amiga; até Venerdia, segundo espero.

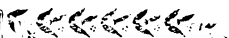
Vosso do coração para sempre,

A^te COMTE.

Que alma bem nacida poderá jámais contemplar tão cavalheiresco desfecho de uma crize angustioza, sem experimentar um sagrado jubilo? O que póde haver de mais sublime do que o espetaculo de corações magnanimos desprendendo-se vitoriozos das situações morais que ameaçavão obscurecer o seu virtuozo esplendor? Mas similhante jubilo sóbe de ponto, quando se reflete no imenso alcance do triunfo que os nossos Pais Espirituais acabavão de obter. Porque não se tratava simplesmente da glorioza reprodução de um desses exemplos imortais que até ali havião atestado a eficacia dos pendores simpaticos. O conjunto das circunstancias em que Eles se achárão os havia deixado justamente sem modelos, entregando as inspirações do seu altruismo ás mais perigozas ciladas que o egoismo e a deficiencia das doutrinas podem armar num coração egregio. E, em dez dias para sempre incomparaveis, Eles tinhão vencido incolumes esse passo decizivo da sua tormentoza existencia, assegurando dest'arte o cabal dezempenho da sua missão social. Apezar de obstaculos cuja idéia basta para fazer tremer, Clotilde pudéra evitar uma quéda fatal, e amparar ao mesmo tempo o supremo Reformador, cuja regeneração moral a Humanidade espontaneamente lhe confiára.

CAPITULO SEGUNDO

11 A 30 DE SETEMBRO — REZIGNAÇÃO

I

> Si, como não é licito duvidar, o estado cerebral da mãi modifica a constituição do feto, o conjunto do meio, material e *social*, em que a gestação se consuma, deve concorrer, mais do que nas raças menos eminentes, para produzir cada filho da Humanidade.
>
> (AUGUSTO COMTE.—*Politica Pozitiva*, IV, ps. 67-68)

COM o feliz dezenlace da crize cujas emocionantes peripecias acabamos de assistir, termina-se a faze de supremo perigo na elaboração da Religião pozitiva. E' verdade que o nosso Mestre continuará ainda, por alguns anos, vitima do empirismo, teologico, sientifico, e estetico, acerca da necessidade das satisfações voluptuozas, para instituir normalmente a perfeita união entre o homem e a mulher. Mas o altruismo de Clotilde permitiu que Ela confirmasse desde então o conjunto das leis morais que dominavão a situação de ambos. A sua piedade dera-lhe a coragem para debruçar-se á borda do abismo a que a conduzíra a anarchia contemporanea, sem que a contemplação dos seus horrores lhe tivessem produzido uma fatal vertigem. Ela pudera assim medir todos os perigos que a ameaçavão não menos do que ao egregio Filozofo, e descobrir que, para não cahir neles, não podia contar sinão com os abnegados impulsos do seu proprio coração. Com efeito, naquele angustiozo momento, foi-lhe dado constatar, como por ocazião do seu malogrado amor, que só um vinculo imaculado era sucetivel de assegurar

a felicidade dos entes que a amavão e a sua, porque unicamente um laço em tais condições a ninguem iria ofender ou affligir. Simillhante verificação assegurou logo uma firmeza inabalavel ao seu devotamento, e foi quanto bastou para evitar, dahi em diante, qualquer desvio na evolução moral de Augusto Comte.

Mas a situação revolucionaria não se limitou a criar perigos ao nobre surto das relações mutuas dos nossos Pais Espirituais. Ela determinou ao mesmo tempo desgraçadamente, atritos entre Clotilde e a sua estremecida Familia, bem como entre esta e o nosso Mestre. E, apezar das felizes dispozições altruistas de parte a parte, foi impossivel impedir que esses conflitos morais se agravassem ao ponto de acarretar, depois da morte de Clotilde, uma dolorozissima ruptura entre a Familia Marie e o Filozofo! Torna-se, pois, necessario, antes de proseguir nesta santa narrativa, chamar a atenção para algumas reflexões, sem as quais seria impossivel apreciar convenientemente os fatos que vamos prezenciar.

Principiemos por notar que as leis da hereditariedade biologica não nos permitem comprehender a grandeza moral dos benemeritos da Humanidade sem admitir a superioridade das Mulheres por meio das quais o Grão-Ser os produziu. — *É da mulher, no fundo, que provem o homem* — dizia o nosso Mestre na sua *nona Santa Clotilde*. * Sem duvida essa superioridade não basta para explicar por si só simillhante fenomeno, porque vemos provirem da mesma Mulher entes de capacidade diversa. E' precizo, pois, contar tambem com as influencias que o meio material e *social* exerce sobre o cerebro das mãis durante a gestação. Por mais imperfeito que seja o conhecimento que ainda existe do alcance de tais influencias, os dados historicos acerca do advento dos grandes reprezentantes da Humanidade não permitem duvidas a tal respeito. De sorte que é hoje um aforismo incontestavel que todo grande tipo humano, não só proveio de uma Mulher egregia, mas tambem foi concebido sob a influencia de condições sociais que elevárão a um grau excepcional os dotes maternos. Convem porem notar que, si tal é o rezumo dos ensinos que conduzirão o nosso Mestre á utupia da Virgem-Mãi, simillhante concepção não existia,

* Gutemberg de 65 Agosto de 1853.

mesmo para Ele, em 1845. Pelo contrario, as suas opiniões biologicas e sociologicas a respeito do sexo feminino e acerca da natureza humana em geral ainda o distanciavão imensamente de tal concluzão. Só a sua acenção religioza permitiu que Ele atingisse em 1854 a tão maravilhozo rezumo de toda a existencia social e moral.

Apezar da sua incomparavel grandeza moral, Clotilde e Augusto Comte estavão, pois, em 1845, impossiblitados de apreciar o que devião ás suas Mãis, com a mesma exatidão com que lhes seria dado fazê-lo depois de terminada a definitiva elaboração religioza que os Destinos humanos lhes confiárão. Mas estas mesmas considerações evidencião que as Familias, incluzive as Mãis mais extremozas, não podião então conhecer as suas verdadeiras relações para com os seus filhos. Pois que, enquanto as convicções pozitivas não prevalecerem, se perzistirá em considerar cada individuo como pertencendo sobretudo á Familia, menosprezando a participação contínua que, atravez do cerebro materno, tem a Humanidade, na gestação de cada ente social. Acrece que o meio revolucionario, em que surgírão os Fundadores da Religião final, e que deu-lhes o ensejo de patentearem a sublimidade das suas naturezas sem par, entregava fatalmente ás sugestões individuais os rezultados empiricos da sabiduria sacerdotal medieva.

II

> Eu não seria um digno pontifice da Humanidade si não estivesse profundamente convencido da minha inferioridade moral em relação a ti. E' pois em esforçar-me por parecer-me contigo que devo empenhar-me cada vez mais.
>
> (AUGUSTO COMTE—7 *Santa Clotilde*)

Nessas emergencias, não devem cauzar admiração os atritos havidos entre os nossos Pais Espirituais e as suas Familias. Dada a fatalidade da sua situação, a eminencia dos dotes altruistas só podia influir para atenuar os conflitos, mas não para os eliminar. E, si isto é verdade tratando-se das relações mutuas de Clotilde e Augusto Comte com as suas respetivas Familias, mais intuitivo é, encarando-se as relações do nosso Mestre para com a Familia da sua egregia Inspiradora.

Convem agora observar que a superioridade natural do

sexo feminino sobre o masculino, bem como o conjunto das fatalidades sociais, colocárão Clotilde em condições mais favoraveis, a este respeito, do que Augusto Comte. Assim, por um lado, o septicismo exerceu sobre o cerebro do nosso Mestre devastações que foi incapaz de produzir na alma da sua imaculada Colega. Por outro lado, os afetos domesticos, bem como as opiniões correntes sobre os direitos e deveres inherentes aos laços de familia, tendião espontaneamente a amortecer os choques que sobreviessem entre Clotilde e os seus. Ao passo que, dada a afeição existente entre Ela e Augusto Comte, tais afetos e opiniões colocavão em uma situação melindrozissima as relações do Filozofo com a Familia Marie. Para que assim não acontecesse, seria precizo que os parentes de Clotilde apanhassem o carater *ecepcionalissimo* de similhantes relações. Ora, tudo conspirava, ao contrario, naquela epoca, para assimilar infelizmente tão sublime união aos laços instituidos pelos amores vulgares!

Por ultimo, devemos entrar com mais as seguintes ponderações. Clotilde se nos aprezenta como o mais eximio dos tipos femininos, e, portanto, como a mais ecelsa das criaturas humanas. O juizo do nosso Mestre não nos consente duvidas a tal respeito. E a exatidão desse juizo é tanto mais insuspeita quanto importa em proclamar a primazia de Clotilde sobre a propria Rozalia. Não nos deve, portanto, sorpreender a preeminencia de Clotilde quanto á sua egregia Mãi. Os choques que se derão entre Mme Marie e o nosso Mestre não o impedírão nunca de aliar tal preeminencia ao respeito e a gratidão que devia á veneranda Senhora, segundo o tocante exemplo da sua divina Inspiradora.

Não quer isto dizer que as expressões do nosso Mestre não traduzão por vezes, bem amargamente, — *mas só nos primeiros anos da sua regeneração moral*, — a profunda dôr que lhe cauzava o ver que Clotilde não era amada e comprehendida pelos seus, no grau que Ele estava convencido que Ela merecia. Convem notar, alem disso, que as mais dolorozas dessas expansões se encontrão nas suas *Confissões* á Clotilde, e que elas não erão destinadas a ser vulgarizadas. (VOLUME SAGRADO p. 162.) Foi só quando escreveu o seu *Testamento*, em Bichat de 67 (Dezembro de 1855), que Ele rezolveu que tão intimos documentos serião publicados após a sua morte. Até então Ele não havia

mostrado nenhum deles a ninguem. (*Ibidem*, p. 230-231.) Mas creio que a propria Mme Marie veria até nisso um novo titulo para a estima e a afeição que Augusto Comte lhe tinha inspirado, *si pudesse compenetrar-se* de toda a sinceridade do amor e do apreço que Augusto Comte tinha por Clotilde, por Ela, e pela sua Familia.

Examinando, portanto, bem a origem dos dolorozos estremecimentos que acabárão por determinar a ruptura de uma amizade inaugurada sob tão santos auspicios, sente-se que tudo proveio principalmente da fatal anarchia do meio social em que ela se dezenvolveu. Porque foi essa anarchia que impediu que, por um lado, a Familia de Clotilde aquilatasse toda a sublimidade da nossa imaculada Mãi Espiritual, e, por outro lado, comprehendesse a profundidade e a pureza do amor que o nosso Mestre lhe consagrava, como a afeição e a estima que Ele votava á Familia Marie. Mas, a evolução posterior do Pozitivismo evidencia quanto era dificil preencher essas duas condições.

Diante das nobres aspirações de Clotilde, procurando, numa digna carreira literaria, transformar em fontes de felicidade universal os seus imerecidos infortunios intimos, a sua Familia e especialmente a sua egregia Mãi virão sobretudo os escolhos da independencia. O proprio altruismo da Filha idolatrada, a rezignação com que suportava as suas imensas dôres morais, e a coragem com que arrostava os seus sofrimentos fizicos contribuião para induzir os seus a uma falsa apreciação dos males que padecia. Até os sintomas alarmantes da sua cruel enfermidade, como esse colorido enganador das suas faces, erão por vezes um motivo de tranquilidade para a sua Familia.

O nosso Mestre, alem da preeminencia intrinseca do seu altruismo e do seu genio, possuia os estimulos de um amor incomparavel e as luzes mais completas. Ele estava, pois, habilitado como ninguem para descobrir o valor moral e mental de Clotilde, bem como a delicadeza do seu estado fizico,e os cuidados de todo genero que seu melindrozissimo organismo exigia. A cavalheiresca dedicação de Augusto Comte e a sua clarividencia acabárão por inspirar a Clotilde a mais intima confiança; de sorte que Ela se expandia mais francamente com Ele do que com a sua Familia. Isto tudo habilitava Augusto Comte a conhecer melhor as suas necessidades e punha o altruismo dele em condições de mais bem servi-la. Convem enfim notar que

a experiencia do seu dolorozissimo passado, não só proporcionava ao nosso Mestre uma incomparavel comprehensão dos sofrimentos de Clotilde, mas tambem lhe permitia identificar-se melhor com a angustioza situação dela. Todos esses elementos faltavão aos que a rodeavão.

Considerando agora a pozição da Familia Marie em relação a Augusto Comte, convem notar que o nosso Mestre não era, em 1845, o que havia de ser em 1857, isto é, quando morreu. Até então, Ele não tinha revelado toda a magnitude do seu altruismo e mesmo do seu genio, e nem siquer tido ensejo para isso. Foi o amor inspirado por Clotilde, *graças á incomparavel ecelencia do ente adorado*, que permitiu-lhe a sua glorioza acenção religioza. Fosse qual fosse a superioridade da Familia Marie, ela não podia apreciar o nosso Mestre sinão de acordo com os elementos que possuia, e os principios morais que herdára do conjunto dos antecedentes ocidentais, catolico-feudais e revolucionarios.

Clotilde estava em condições ecepcionalissimas a tal respeito. Não só os seus dotes intrinsecos, morais e intelectuais, não comportão paralelo, mas tambem a desgraça tinha apurado o seu altruismo e dezenvolvido o seu genio no maximo grau. Esta circunstancia já a colocava em estado de julgar Augusto Comte como ninguem fôra capaz de fazê-lo. Mas, alem disso, Ela pôde ter elementos para apreciar o nosso Mestre, que os seus não possuião, dos quais não podião fatalmente dispôr, e que só muito mais tarde forão conhecidos da Posteridade. Ora, as relações de Augusto Comte com Clotilde, pondo em jogo os mais melindrozos sentimentos domesticos, se comprehendem todos os enganos a que expôrião de parte a parte.

Sómente a intervenção de amigos, de uma elevação moral e mental rarissima, seria sucetivel de atenuar esses atritos inevitaveis, desvendando a respeitabilidade dos moveis do Filozofo, fosse qual fosse a opinião que se tivesse acerca da conveniencia da sua conduta. Infelizmente, esses amigos faltárão; e cremos que essa falta deve ser sobretudo imputada á anarchia moderna. De fato, o nosso Mestre diz na sua POLITICA, a propozito da conduta dos pozitivistas:

« ... Fóra do seu seio, a sua atitude habitual deve tornar-se ao mesmo tempo benevola e protetora para com as almas retrogradas, ou mesmo anarchicas, que *raras vezes*

são responsaveis pela degradação em que se achão, ordinariamente rezultante de uma situação insuperavel.» (POLITICA POZITIVA, IV, p. 537.)

Como, pois, não atribuir, por mais forte razão, a uma situação insuperavel, a origem dos erros em que incorrêrão os que, levados pelas regras gerais da moralidade ocidental, não souberão julgar a união ecepcionalissima do nosso Mestre com a sua imaculada Inspiradora?

Perante todos esses motivos capitais, os atritos oriundos das reações morais mais ou menos inherentes ao surto teorico de Maximilien Marie pouca importancia têm. Porque eles podião apenas agravar uma situação já de si melindroza, e sem a qual serião provavelmente superados. É o que se deve concluir dos juizos do nosso Mestre e de Clotilde sobre o valor moral e mental de Maximilien Marie. De fato, tais perturbações forão suficientemente dominadas até a morte de Clotilde.

Maximilien Marie faleceu, em Paris, a 27 de Abril de 1891. Ele teve, pois, tempo para reconhecer quanto erão infundadas as dispozições hostís que só uma apreciação erronea acerca dos sentimentos do nosso Santo Fundador podia manter. Criadas, porem, as dispozições afetivas que determinárão a ruptura, cremos que seria muitissimo dificil libertar-se delas. Com efeito, esse rezultado só podia ser conseguido, ou pela intervenção afetuoza de um pozitivista que tivesse tido a ventura de travar relações amigaveis com Maximilien Marie, ou por um movimento social que tornasse Clotilde e Augusto Comte objeto de sincero culto por parte de pessoas de incontestavel moralidade. Porque, então, quer as delicadas ponderações de uma digna amizade, quer os testemunhos de uma nobre veneração publica, evidenciarião a sublimidade moral do nosso Mestre.

Ora, embora saibamos que alguns dos dicipulos de Augusto Comte, como os nossos falecidos confrades Lonchampt e Dr. Robinet, tiverão relações com a Familia Marie, não nos consta que nenhum deles jamais tentasse qualquer esforço no sentido a que aludimos O Dr. Robinet, que referiu-se, em uma entrevista comosco, de modo elogiozo ao carater de Maximilien Marie, declarou-nos que nunca conversára com ele sobre o Pozitivismo. Quanto ao dezenvolvimento social da Religião da Humanidade, é sabido que, a sua propaganda em França, não

tomou, até aqui, o carater que indicamos. * E, entre nós, como alhures, a sua marcha não tem sido infelizmente bastante rapida para manifestar mais cedo a sublimidade moral dos seus Fundadores.

Tal é o modo pelo qual, segundo a nossa profunda convicção, a nossa doutrina, esclarecida e confirmada pelas palavras e os exemplos cada vez mais amorozos do nosso Mestre, nos ensina a apreciar o santo epizodio que selou a redenção da Humanidade. Cremos que, em geral, os nossos habitos revolucionarios nos fazem ficar impressionados com certas frazes dele, dando-lhes uma significação mais severa do que têm, ou não tomando em conta a epoca a que correspondem os sentimentos e os juizos que elas traduzem. Como o exemplo mais carateristico a este respeito, na vida privada, limitamo-nos a citar a sua conduta com a sua propria Familia. Mesmo depois da sua regeneração religioza, Ele referiu-se com amargura ao seu Pai e á sua Irman. Mas por fim, quando a cultura do seu altruismo o *purificou de todo azedume*, graças á adoração de Clotilde, assistida pela lembrança de Rozalia e a contemplação habitual de Sofia, foi Ele quem tomou a iniciativa da santa conciliação com o seu *velho* Pai e a sua *infeliz* Irman

Coletivamente, lembraremos a atitude que afinal Ele assumiu em relação ao clero catolico, e que lhe inspirou a *liga religioza*. Ainda aqui encontramos o rezultado da identificação crecente da sua alma com a de Clotilde.

Foi pois a fuzão gradual das almas dos seus tres Anjos na sua que determinou a maravilhoza acenção religioza do nosso Mestre. Em tão incomparavel Trindade, a primazia cabe a Clotilde, segundo o juizo invariavel dele; porem, alem dessa preeminencia, foi Ela quem nos deixou documentos diretos mais completos para um conhecimento

* Convem não esquecer aqui os comoventes e esperançozos esforços que, para reparar similhante desgraça, forão tentados pelo nosso inolvidavel confrade Jorge Lagarrigue, desde fins de 1885 ate a sua deploravel morte em 12 de Cezar de 106 (4 de Maio de 1894). Querendo, como nós, obter dados mais precizos sobre Clotilde e alcançar a publicação da *Wakenuise*, ele procurou mesmo entrar em relações com Maximilien Marie, pedindo-lhe em Frederico de 102 (Novembro de 1890) uma entrevista, que lhe foi recuzada; e, depois da morte deste, deu passos no mesmo sentido junto da sua digna Viuva. Conquanto não tivesse a ventura de conseguir a realização dos seus piedozos votos, sabemos, pelo nosso confrade Montenegro Cordeiro, que foi o culto votado a Clotilde por Jorge Lagarrigue que começou a patentear, á Familia Marie, a santidade do amor do nosso Mestre.

intimo. Portanto, é só compenetrando-nos do alcance do altruismo de Clotilde que podemos comprehender convenientemente os ensinos e os exemplos do nosso Mestre. Em uma palavra, para pensar como Augusto Comte é precizo amar como Clotilde, personificação suprema da Humanidade. Eis, porque acreditamos que, afim de conhecer a *apreciação definitiva* do nosso Mestre, sobre qualquer assunto, devemos procurar familiarizar-nos com as afeições de Clotilde, a quem Ele proclamou o seu *Juiz supremo*.

III

Estou enfim decidido, por convicção, como já o estava por deferencia, a seguir escrupulozamente a vossa direçao em tudo o que concernir a nossa ligação.

(52ª *carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

Podemos agora retomar a nossa narrativa. A nobre submissão de Clotilde ás fatalidades politicas e morais que lhe vedavão as doces venturas da maternidade teve a mais sublime reação sobre o cavalheiresco Filozofo. Depois da sua ultima carta, Ele continuára a refletir na conduta que lhe era traçada pela egregia Senhora, e essa meditação lhe infundíra uma doce melancolia. Espontaneamente nas suas *orações*, a imagem nobre e terna da sua inclita Inspiradora desperta-lhe os santos problemas sublevados pelo imaculado coração dela. Debalde o assaltão as insidiozas preocupações de garantias para dar-lhe perfeita confiança na eterna perzistencia da afeição que Clotilde lhe votava. Uma nuvem de tristeza sombreava logo o vulto idolatrado e enternecidas queixas parecião exprobrar-lhe a ingrata suspeita, como uma quebra do seu cavalheirismo. Diante desse meigo constrangimento Ele experimenta uma subita perturbação; as suas opiniões vacilão; e, afastando a pertinaz tentação, um enleio salutar o faz indagar que outro penhor seria sucetivel de substituir a prova unanimemente reconhecida até ali como o inestimavel selo de um compromisso eterno... E, á proporção que a sua mente desprende-se das ciladas egoistas, uma alegria suave aviva gradualmente a redentora vizão, e derrama no coração do Filozofo novos encantos de inefavel ventura.

Uma luta imprevista trava-se então no espirito do Pen-

sador... As lacunas da teoria cerebral até aquela data lhe havião parecido compativeis com o proseguimento da sua missão. Agora, Ele sente que as suas luzes morais são insuficientes e que uma melhor concepção da nossa natureza torna-se indispensavel para dirigir a sua propria conduta. O seu genio não consegue satisfazer essas nobres aspirações; mas o abalo assim produzido já basta para fazer-lhe perceber cada vez mais nitidamente o fundamento das sagradas inspirações de Clotilde. Ele acaba assim por convencer-se, mais uma vez, quanto a empirica sabiduria da modesta Senhora eccedia, em tais assuntos, a sua preeminencia filozofica.

Similhante concluzão serenou por tal fórma o animo do nobre Pensador que Ele sentiu-se disposto a retomar, na manhan do dia 12 de Setembro, a redação da sua POLITICA. A tarde Ele esteve na rua Pavée, como de costume. Era a primeira vez que revia Clotilde, depois da santa entrevista de Domingo. Sahíra com a intenção de comunicar-lhe, si os deixassem um momento a sós, que, em virtude das suas ultimas reflexões, estava enfim decidido por convicção, como antes por deferencia, a seguir escrupulozamente a direção dela em tudo que concernisse a sua virtuoza união. * Faltou-lhe, porem, similhante ensejo; e as penozas emoções provenientes desse dezapontamento vierão traduzir-se na sua aprehensiva fizionomia. A propria amabilidade de Mme Marie pareceu-lhe naquele momento indicio de que alguma alteração doloroza se havia dado nas suas relações com a sua imaculada e terna Inspiradora.

O acabrunhado aspeto de Augusto Comte comoveu profundamente Clotilde. Ela voltou para a rua Payenne preocupadissima com a situação do cavalheiresco Filozofo. E no dia seguinte rezolveu escrever-lhe:

Quinquagezima-primeira carta

Sabado a tarde 13 de Setembro de 1845.

Sinto quanto vos amo de coração vendo-vos sofrer. Não me queirais pois mal, meu digno amigo: dou-vos a mais bela parte que se póde dar a um homem; o resto não depende de mim.

Cuidai de vós por todos os meios. Embora a vida pareça

* VOLUME SAGRADO, p. 330.

-me uma coiza mais terrivel do que bela, eu agarro-me a ela do meu lado; e exercito-me em pô-la o mais que posso em relevo. Os esforços tornão-se talvez uma necessidade depois que contrahiu-se o habito deles.

Tenho apenas o tempo de dizer-vos este bom-dia.

Vossa de afeição

CLOTILDE.

IV

Que be podem fazer algumas linhas!
(52 carta, de Augusto Comte a Clotilde.)

Augusto Comte entrára em caza extremamente agitado. Não póde dormir, inquietado por sombrias conjeturas sobre o futuro do seu incomparavel amor. No dia seguinte, a sua prostração o obrigava a conservar-se de cama. Chegou em um momento mesmo a mandar chamar o seu medico, embora désse avizo em contrario mais tarde. Foi nesse aflitivo estado que o veio sorprehender o compassivo bilhete de Clotilde. A simples contemplação da letra idolatrada dá-lhe uma alma nova; e a leitura exalta esse salutar efeito. Dir-se-ia que a vida lhe voltava com as esperanças novas que Clotilde de subito lhe despertava. Essa noite foi ainda de vigilia; porem de encantadora vigilia... O seu contentamento não lhe dá siquer a paciencia de esperar o dia: a aurora o veio achar absorto na sua apaixonada correspondencia.

Quinquagezima-segunda carta

Domingo de manhan 14 de Setembro de 1845 (2 h.)

O vosso afetuozo *bom-dia* veio inopinadamente compensar hontem á tarde uma jornada de agitação melancolica, misturada de profundo abatimento, que tive de passar inteiramente de cama, salvo o tempo do banho e do alimento. Que bem podem fazer algumas linhas! Eu cria-me hontem quazi abandonado ao meu izolamento, não em consequencia de nenhuma dezafeição, mas em virtude de uma submissão exagerada, a uma sombroza tirania. A vigilancia contínua de que doravante somos rodeados fazia-me temer que as recentes graciozidades da vossa mãi para comigo rezultassem apenas de uma sorte de tranzação, na qual, em troca do acolhimento que periodicamente recebo, tivesseis tacitamente renunciado

a escrever-me e a vizitar-me. Este caro bilhete tranquiliza-me contra o primeiro sacrificio; oxalá o fique eu em breve contra o segundo!

Quando eu fosse sucetivel de rancor, mesmo para convosco, não terieis hoje precizão, minha cara amiga, de recomendar-me a indulgencia. Ai de mim! Porque havia eu de querer-te mal, minha divina Clotilde? Seria acazo por haverdes tentado tornar-me feliz, ou antes por não o haverdes podido? Voltando sobre toda essa crize, só acho que deplorar nela a nossa fatal situação: mas sou sempre conduzido assim a adorar-vos cada vez mais. A similhança fundamental das nossas duas sortes vai agora acrecer-se por uma imediata comunidade de infortunio. Bem longe de queixar-me de vós, sinto aumentar a minha confiança na vossa pura afeição. Si nos tivessem deixado um só instante a sós, contava ante-hontem dizer-vos, a este respeito, que, em virtude das minhas ultimas reflexões, estou enfim decidido por convicção, como o estava a principio por deferencia, a seguir escrupulozamente a vossa direção em tudo o que concernir a nossa ligação.

De tudo que similhante tormenta ofereceu de penozo ao meu coração, só resta um unico incidente ao qual possa dificilmente aplicar a minha afortunada faculdade de esquecer: foi quando me supuzestes (Martedia) um instante capaz de uma brutal negridão, sem nada responder (Mercuridia) á minha queixa extreme de amargura. Embora esforce-me por escuzar essa falta pela exasperaçao inherente á situação, sou por demais sincero para deixar -vos crer que já o tenha conseguido assás.

Não vos inquieteis, minha cara amiga, si não digo com a minha saude, ao menos com a minha solicitude a tal respeito. Em um acesso de alarma, tinha hontem mandado chamar o meu medico, que não foi encontrado em caza: porem, uma apreciação mais amadurecida fez-me, duas horas depois, dar-lhe em tempo avizo em contrario, e felicito-me disso. Estou certo que nada desprezo do que é razoavel. Blainville, com quem conversava Domingo * acerca do meu estado, declarou-me que eu estava fazendo tudo quanto era realmente precizo. A sua teoria dos corpos vivos ensinou-me, ha muito tempo, a arte dificil e importante de invocar a propozito a medicina: não

* 7 de Setembro. -R. T. M.

tenho, porem, nisso nenhuma van gloriola, e bem saberei recorrer ao meu doutor quando ele puder verdadeiramente intervir com vantagem, isto é, si sobrevier a febre ou si as digestões se perturbarem, até lá, o seu oficio seria mais nocivo do que util, e ele tem bastante merito para o sentir.

Muito felicito-me, minha digna amiga, que possais realmente trabalhar sem interrupção: é esse, no nosso cazo, o melhor remedio, quando se o póde aplicar. A minha propria situação está longe até aqui de o comportar assás, ou porque eu esteja mais profundamente afetado, ou por cauza dos meus trabalhos prestarem-se menos a tal do que os vossos. O esforço prematuro de ante-hontem [1] contribuiu muito sem duvida para a minha prostração de hontem. Após a interessante *avertura* que eu vos agradeci a 26 de Agosto, eis-me, para todo o resto desse primeiro volume, [2] condenado á mais seca parte da minha nova obra, a porção puramente logica, a unica na qual as minhas afeições não podem realmente ajudar os meus pensamentos, segundo a minha feliz teoria geral, sujeita aqui a uma doloroza eceção, como todas as verdadeiras teorias. [3] Si tivesse de compôr o meu segundo volume, o cazo seria muito diferente. Isso vai a tal ponto que por vezes tenho pensado em começar por ele, adiando o tomo primeiro. Mas, embora essa obra comportasse realmente, sem que o publico o percebesse, simillhante transpozição de esforços, os meus habitos arraigados de regularidade sistematica opõe-se por demais a isso. Adstringindo-me pois á ordem natural, a minha compozição sofre hoje com o meu estado moral; os meus sentimentos não podem servir ahi sinão indiretamente, ou em virtude da elasticidade geral que rezultaria da felicidade, ou dando maior valor aos meus sucessos quaisquer. Vou pois tentar durante alguns dias proseguir seriamente: mas, si o meu coração continuar a embaraçar-me, saberei pacientemente suspender até uma melhor dispozição cerebral. Esse tempo perdido será, sem duvida, um grave inconveniente,

1 12 de Setembro.— R. T. M.

2 Da POLITICA POZITIVA.— R. T. M.

3 Depois de completa a sua evolução religioza, o nosso Mestre corrigiu esse primeiro apanhado mostrando que, em todos os assuntos, a logica fundamental é a dos sentimentos conforme a definição formulada em 1856, na sua SINTEZE SUBJETIVA: — *A logica é o concurso normal dos sentimentos, das imagens, e dos sinais, para inspirar-nos as concepções que convêm ás nossas necessidades, morais, intelectuais, e fizicas.*—R. T. M.

porem ao menos reparavel; o cazo seria inteiramente outro si a minha saude se perdesse. Ora, para prevenir essa desgraça extrema, a minha grande arte consiste sobretudo em evitar que a parte anterior e a parte posterior do cerebro sejão superecitadas ao mesmo tempo. Quazi insensivel aos revezes de fortuna, e mesmo ás feridas de amor proprio, sinto-me muito fraco contra todas as penas do coração.

O meu *bom-dia*, cara amiga, é, como de costume, mais longo do que o vosso. Alem de que precizo, em geral, de uma expansão mais completa, acho assim hoje como utilizar docemente uma parte da minha insonia. Enquanto crerdes, no interesse sagrado dos vossos preciozos laços de familia, dever suspender as vossas caras vizitas, suplico-vos que multipliqueis, o mais que puderdes, essas afetuozas lembranças, que, primeiro em si mesmas, depois pelas suas respostas, alivião-me muito mais do que todos os calmantes da verdadeira medicina nervoza. Adeus pois, e obrigado, minha Clotilde; até amanhan á tarde, embora vigiados: esperemos um melhor futuro. Contai sempre com o inteiro devotamento do

Vosso terno amigo,

A^TE^ COMTE.

V

M. Grote foi uma das *tres nobres almas* que eu assinalei, no prefacio do meu primeiro volume em 1851.

(*Carta de Augusto Comte a Dix Hutton*).

Foi nessa situação afetiva que veio encontrar o Filozofo uma carta na qual Grote lhe enviava como ultimo auxilio, 600 francos. Augusto Comte aceitou essa quantia com amigavel reconhecimento; e, apezar da insuficiencia dela, não perdeu inteiramente a confiança na obtenção do subsidio que lhe havia sido generozamente concedido no ano anterior. Pensou, com efeito, que a cooperação pessoal de Grote tendo sido então mais consideravel do que cada uma das outras duas, a sua rezerva atual constituía apenas uma especie de compensação natural, donde nada se devia induzir quanto aos outros cooperadores. A opinião de Stuart Mill, ainda na ultima carta, acerca do sucesso provavel do novo apelo contribuiu para manter firme essa persuazão de Augusto Comte. (CARTAS A STUART MILL p. 370).

VI

Comprehendi melhor do que ninguem a fraqueza da nossa natureza, quando ela não é dirigida para um alvo elevado e inaccessivel ás paixões.

(53.ª *carta, de Clotilde a Augusto Comte.*)

Clotilde recebeu a ultima carta do nosso Mestre na tarde do mesmo Domingo. As maguas que, para o Filozofo, provinhão da impossibilidade de satisfazer plenamente aos votos do seu amor, já bastavão para torturá-la. E a constatação das melancolicas aprehensões que Ele manifestava, acerca da atitude da Familia Marie a seu respeito, foi um novo acrecimo aos padecimentos da extremoza Senhora. Ela aflige-se não só por ver assim apreciada com amargura a conduta dos seus, mas tambem pela dôr que o nosso Mestre experimentaria tendo de queixar-se de pessoas ás quais Ele tributava a mais sincera afeição. Dominada por tantas emoções generozas, Clotilde sente a necessidade de responder imediatamente ao seu apaixonado Adorador. E, para desfazer, o mais que estava em si, todos os motivos de pezar que acabrunhavão o Filozofo, não hezitou em fazer-lhe a confidencia inteira do mais cruel epizodio da sua atribulada existencia. Até ali, Ela só tivera coragem de expandir-se a tal respeito com a sua estremecida Mãi. Respondeu, pois, na mesma tarde ao nosso Mestre.

Quinquagezima-terceira carta

Domingo á tarde 14 de Setembro de 1845.

Nunca ambicionarei sinão dar-vos prazer, e testemunhar-vos o apego que me inspirastes. Por maiores que sejão as minhas perturbações morais, espero conservar sempre a faculdade de apreciar o bem nos outros; e, a esse titulo, asseguro-vos grande parte no meu coração.

Lastimaria entretanto ter faltado á justiça, e haver-vos inspirado um pouco de amargura contra os meus, não atribuindo assás á sua verdadeira cauza a minha conduta atual. Si eu sentisse hoje amor por vós, é provavel que saberia conciliá-lo com a minha ternura para com os meus, ou determinar neles sentimentos mais liberais do que os que eles têm tido até aqui em tal assunto. Cessai, pois, de os acuzar. O mal está em mim. Mas esse ahi existe para mim como para vós; e eu vô-lo digo valentemente, porque

a verdade não ofende jamais um coração elevado. Os meus infortunios, nem eu tão pouco, não têm tido nada de vulgar, e é verdadeiramente impossivel julgá-los sem os conhecer.

Amei com todas as véras da minha alma um ente de quem era digna, e que igualmente me amou. Ele vivia só, e parecia não ter outros vinculos sinão os da sua familia. Certas circunstancias aproximárão-nos, e tornárão-nos em breve igualmente necessarios um ao outro. Ele parecia tomar um interesse muito terno na minha sorte, e aconselhava-me a miudo a contrahir laços para os quais eu parecia-lhe tão bem adequada. Acrecentava que seria eternamente meu amigo, e que eu o encontraria sempre disposto a me prová-lo. As suas açÕes estavão em perfeita harmonia com as suas palavras, e nunca encontrei um homem mais puro e de sentimentos mais elevados do que ele. Eu não podia contudo comprehender a sua conduta para comigo; e no dia que ele m'a explicou, acreditei, varias vezes, que eu ia cessar de viver, tantas e tão terriveis forão as angustias que tal dôr cauzou-me. Ele tambem tinha vinculos; e, o que mais é, tinha deveres. Nós nos tinhamos assás apreciado reciprocamente para comprehender toda a extensão da nossa desventura. Ensaiamos arrostá-la amando -nos ardentemente de coração. Mas essa experiencia estava acima das minhas forças, e mergulhou-me no estado em que passei o ultimo ano; e foi-me precizo renunciar mesmo á felicidade mais pura e mais viva que jamais gozei na minha vida.

Eis ahi o estado do qual acabo de sahir; e, durante esse cruel periodo, o vicio, o crime, o dezespero, aprezentárão-se muitas vezes em idéia diante de mim. Comprehendi melhor do que ninguem a fraqueza da nossa natureza, quando ela não é dirigida para um alvo elevado e inacessivel ás paixões. Encontrareis esse epizodio no meu escrito atual; ele é um funesto exemplo do mal que póde fazer *o desregramento, mesmo o mais legitimo e o mais honoravel nas suas cauzas.*

Gastei-me numa luta esteril; despendi a minha dedicação em pura perda: e eis-me em estado de destroços, sem ter siquer vivido.

Adeus, meu caro amigo. Restão-me ao menos fontes de ensinamento para os outros: é ainda um interesse real na minha vida. Quero explorá-lo.

Cuidai bem de vós, e contai com tudo o que tenho de bom e de
afetuozo no coração.

CLOTILDE.

VII

Os meus deveres para convosco podem rezumir-se doravante na obrigação sagrada de fazer-vos, si for possivel, esquecer esse triste passado.
(*54ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

Apezar de receber esta tocante carta na manhan de Lunedia 15 de Setembro, diversos incidentes não permitírão que o nosso Mestre respondesse a Clotilde nesse dia. Mas, á tarde, na sua vizita á rua Pavée, já Clotilde pôde perceber o efeito da sua nobre confidencia, na solicitude do Pensador para com os seus. Na manhan seguinte Ele patenteava quanto o ultimo abalo contribuira para sublimar a sua cavalheiresca paixão:

Quinquagezima-quarta carta

Martedia de manhan 16 de Setembro de 1845 (10 h.)

Diversos incidentes impedírão-me de responder mais cedo á tocante carta que recebi hontem de manhan. Completando e precizando as vossas dolorozas confidencias de Junho, ela acaba de desvendar-me a vossa admiravel natureza moral. A cada nova apreciação, sou assím sempre conduzido, minha Clotilde, a adorar-te mais. A augusta decoração do infortunio torna-se por ahi inseparavel da vossa nobre imagem, e carateriza melhor o conjunto dos meus deveres para contigo Eles podem rezumir-se doravante na obrigação sagrada de fazer-vos, si fôr possivel, esquecer esse triste passado. Si eu o conseguisse um dia, seria para mim o cumulo da felicidade intima. Sinto quanto isso me é dificil; não poderia, porem, propôr mais nobre fito á minha ambição privada. Embora não devesse eu jamais atingí-lo, a sua constante prosecução tornar-se-á, espero eu, uma fonte de felicidade, e mesmo de melhoramento, para ambos.

No que me concerne, agradeço-vos o efeito duradouro peculiar a essa precioza comunicação. Uma comoção involuntaria tornava-me indispensavel uma certa purificação passageira. Já, ouzo dizê-lo, a minha delicadeza primeiro, e depois a minha razão, a tinhão espontaneamente quazi

consumado: mas a vossa salutar revelação devia acabá-la, e sobretudo consolidá-la. Sinto hoje quanto as vossas nobres repugnancias pessoais servirão a ambos nós, impedindo-nos de sucumbir á ultima crize, que, em lugar de ternas recordações de mutua estima, nos haveria de deixar afinal, como tão bem o julgastes, longos pezares. Embora o meu sexo não possa pretender á eximia delicadeza de que é sucetivel o vosso, asseguro-vos todavia, Clotilde, que, si eu tivesse conhecido em tempo o que me fizestes saber hontem, vos teria poupado, na semana ultima, indiscretas solicitações, cuja volta não tendes pois mais que temer, mesmo retomando as nossas livres entrevistas amigaveis.

Enquanto o estado do vosso proprio coração interdisser-nos a mais completa intimidade, e só a vós competirá decidir a tal respeito, quando mesmo eu gemesse em silencio, não vos importunaria nunca. Fique embora sempre impossivel similhante situação final, já vos devo um inestimavel beneficio, por essa nobre amizade, agora adquirida, e que esforçar-me-ei por merecer cada vez mais. Depois de haver saboreado tres anos um indispensavel repouzo interior, vos devi uma fonte inesperada de felicidade pura e duradoura: saberei, espero eu, mau grado a tendencia constante da nossa natureza, conter sempre essa doce ambição dentro dos limites que me impuzerdes. Comprazer-me-ei em referir a ti, minha Clotilde, todo o meu progresso privado, em virtude como em felicidade.

Que digna rezolução final vos inspira o conjunto dos vossos infortunios! Sim, minha santa amiga, consagrar a vossa vida publica a espalhar convenientemente os graves ensinamentos intimos rezultantes da vossa vida privada, eis ahi um admiravel pensamento. Sinto me orgulhozo de ser apreciado por aquela que soube dar a si-mesma espontaneamente tal missão, no meio da nossa profunda anarchia moral. Similhante intimidade, longe de alterar jamais o meu proprio carater publico, não póde, como o presenti logo, sinão enobrecê-lo mais. Sou eu, Clotilde, que devo perguntar a mim mesmo tremendo si serei sempre completamente digno de ti. Em prezença do vosso grande fito, espero que, segundo a vossa feliz expressão de Sabado, ides agarrar-vos cada vez mais á vida. Permiti-me tambem pensar que a necessidade de viver será accessoriamente fortificada em vós pela convicção crecente de vos-

haverdes tornado, sob qualquer fórma, verdadeiramente indispensavel áquele cuja existencia não é sem algum valor para o serviço contínuo da grande evolução humana.

Proseguindo no vosso nobre projeto, utilizareis felizmente os privilegios inherentes aos vossos proprios trabalhos, que comportão, no mais alto grau, a aplicação total e direta da vossa doloroza iniciação pessoal. Ambos nós tratamos, si bem que sob faces muito diferentes, o mesmo assunto fundamental, a natureza e a existencia humanas; mas vós vos limitais ahi á vida privada, reduzida mesmo ao seu centro moral, independentemente de toda influencia especulativa ou ativa; eu devo sobretudo abraçar o conjunto da vida coletiva da Humanidade. Vós podeis pois contentar-vos com uma contemplação interior, e não tendes, como dizeis tão bem, sinão de pôr em relevo a vossa propria vida. Quanto a mim, é sobretudo para fóra que eu devo olhar, em toda a serie dos tempos e dos lugares, afastando, ao contrario, as minhas impressões pessoais, a não ser como fonte de iniciação e de estimulo. Eis porque, alem da ultima crize dever me ter abalado mais profundamente do que a vós, a mesma situação que vos impele especialmente ao trabalho me afasta dele momentaneamente.

Mau grado essa diversidade natural, espero tambem, minha carissima amiga, que, sem nenhuma pueril ou perigoza obstinação, não tardarei a retomar a minha elaboração com a minha saude, porque, desde esse golpe salutar de hontem, a minha existencia moral tende a recobrar plenamente o seu feliz equilibrio do ultimo mez, embelezado mesmo por um vislumbre de esperança de um porvir com o qual não ouzava sonhar. Adeus, e obrigado.

A vós todo o meu coração para sempre.

A^TE COMTE.

Reconheço que eu tinha sido a principio um pouco injusto para com os vossos, que são verdadeiramente dignos de vós. Hontem á tarde vistes que me esforçava sinceramente por expiar essa falta passageira, e o sentireis, espero eu, cada vez mais. Em geral, minha Clotilde, que a vossa doce amizade tenda sempre a retificar os meus diversos defeitos, por uma diciplina com que a minha

altivez não sofrerá nunca: quero tambem dever-vos isso, e terei sempre prazer em confessá-lo.

Esta carta fôra escrita sob as mais escrupulozas preocupações de dissipar todos os motivos de magoa para Clotilde. O Filozofo não conseguíra, entretanto, ainda assim, aquietar as delicadas aprehensões que o assaltavão. Depois de expedir a sua resposta, continuou imerso nos seus melancolicos pensamentos, imaginando a solicitude que de si exigia a melindroza situação afetiva da sua Bem-Amada. Quantas vezes não ajoelhou-se junto do modesto *altar*, absorto na meditação da grandeza moral da martirizada Senhora! Que lagrimas de arrependimento e de piedade não ungírão o austero semblante do simpatico Pensador!...

No meio das suas efuzões, Ele repassa as ultimas palavras que dirigíra á sua imaculada e terna Inspiradora... E nesse inexhaurivel exame da sua conduta passada e futura, novos escrupulos erguem-se na sua alma... Talvez houvesse molestado Clotilde, dirigindo-lhe um tratamento mais intimo do que as suas relações mutuas permitião... Instado por esses dezasocegos, rezolveu, na manhan seguinte, escrever-lhe:

Quinquagezima-quinta carta

Mercuridia de manhan 17 de Setembro de 1845 (6 h.)

Receio, cara e digna amiga, haver-vos afligido um pouco, ou pelo menos inquietado, deixando-me hontem arrastar, uma ou duas vezes, a introduzir para comvosco a fórmula de tratamento que o uzo rezerva para a mais completa intimidade. Essa doce denominação póde, entretanto, conciliar, segundo a minha sincera intenção, a perfeita pureza dos sentimentos com a sua energia mais bem caraterizada. Mas embora cada um de nós constitua já para o outro a sua mais intima ligação atual, o tuteamento é talvez demaziado contrario ao estado prezente do vosso proprio coração.

Experimento por isso a necessidade especial de vos testemunhar, a tal respeito, os meus pezares espontaneos, e tranquilizar-vos quanto ao futuro, antes de ter podido constatar, mesmo pelo silencio, a vossa impressão efetiva. Ficaria dezolado sobretudo de fazer-vos suspeitar um instante que a ultima erize tornou-me menos respeitozo,

quando ela conduziu-me, ao contrario, a admirar mais o conjunto da vossa nobre natureza.

Adeus, minha Clotilde, e perdão: até depois d'amanhan á tarde.

Vosso para sempre,

A^TE COMTE.

Conquanto o meu sono seja ainda muito insuficiente sinto-me mais forte e menos agitado.

VIII

> Os novos grandes, isto é, os ricos, crêrão-se possuidores, a titulo absoluto, e dispensad s de qualquer obrigação moral no uzo quotidiano da sua fortuna.
>
> (*Carta de Augusto Comte a Stuart Mill.*)

A saude do nosso Mestre conservava-se ainda bem melindroza; entretanto Ele proseguia na redação da sua POLITICA. Retomada no dia 12, como vimos, Ele fôra obrigado a suspendê-la outra vez no dia seguinte, e essa interrupção durou até o dia 21. Mas, desde essa data, Ele continuára a escrever. Estava nesse trabalho, quando foi sorprehendido, a 24 de Setembro, pelo bilhete no qual Stuart Mill comunicava-lhe o malogro do novo apelo concernente ao subsidio. Grote já havia comunicado ao Filozofo o rezultado, quanto a si. W. Molesworth não parecia de modo algum disposto a renovar a sua contribuição, a menos de uma *necessidade absoluta*, que ele não considerava ter chegado. E Mill não conhecia ninguem mais a quem dirigir-se em tais circunstancias.

O dezapontamento do Filozofo foi imenso. Respondeu imediatamente. A sua confiança fôra até então completa, mesmo em virtude da opinião que Stuart Mill lhe havia invariavelmente manifestado.

« ... Julgai assim do cruel dezapontamento que experimento hoje, vendo de repente dissiparem-se radicalmente esperanças tão bem fundadas, no instante mesmo em que as minhas necessidades tornárão-se de todo imediatas. Quanto ao que conto fazer, ainda nem mesmo posso saber. Eis-me, neste momento, forçado, reduzindo embora, tanto quanto posso decentemente, as minhas diversas despezas pessoais, a suspender, sem duvida muito proximamente, uma parte dos meus pagamentos habituais. Desde a abertura do ano escolar que vai recomeçar, reproduzirei todos

os meus passos para o ensino particular: oxalá tornem-se eles em breve eficazes!» (CARTAS A STUART MILL, carta de 24 de Setembro de 1845, ps. 370-371.)

O nosso Mestre communicava em seguida a Stuart Mill o proseguimento da redação da POLITICA, trabalho em que, apezar dos seus dezarranjos nervozos, a referida carta o viera encontrar. Si não sobreviessem novas perturbações, e si as crueis inquietudes da sua situação material não o absorvessem demaziado, contava terminar o primeiro volume antes do fim do ano.

Participava-lhe tambem a vaga imprevista rezultante do pedido de demissão de Duhamel e os intuitos com que aprezentára a sua candidatura ao lugar, embora sem esperanças de o alcançar. Terminava aprovando a rezolução tomada por Stuart Mill de não continuar na discussão com Herschell. «Quanto a mim, nada me desviará, mesmo momentaneamente, da minha grande elaboração atual, salvo as necessidades de assegurar a minha vida material.» (*Ibidem*, p. 373.)

Em um *post-scriptum*, o nosso Mestre confiava á cordeal solicitude de Stuart Mill o entender-se novamente. em seu nome ou em nome dele (Stuart Mill), com Molesworth para explicar-lhe que era chegado realmente o cazo de necessidade absoluta, ao qual este subordinára a sua nova intervenção.

Comprehendendo, porem, desde logo, a gravidade da sua situação, o nosso Mestre dicidiu-se a cortar então nas suas despezas pessoais, a partir do principio do ano futuro (1846), 1000 francos; e anunciou tambem a Carolina Massin uma redução igual (1000 francos) na pensão que lhe dava. Mas essas economias não reprezentavão sinão a metade do que lhe tinha sido espoliado, e Ele não via a possibilidade de restringir-se mais sem cahir em privações ou mesmo na penuria. (CARTAS A STUART MILL, p. 408).

IX

> Sinto quanto vos amo de coração vendo-vos sofrer
>
> (*51ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.*)

Essas contrariedades produzírão em nosso Mestre uma grande amargura. Incomodava-o, sobretudo, ter sido obrigado a reduzir a pensão que, no seu cavalheirismo, assegurára a Carolina Massin, depois que ela abandonára difini-

tivamente o teto conjugal em 5 de Agosto de 1842. Ele tinha rezolvido, havia cerca de um ano, efetuar tal redução, por ter sido a pensão sempre tão exorbitante, a vista da sua pozição, como pouco merecida. Mas até ali não tinha executado similhante dezignio. De sorte que, depois de expedir a carta em que anunciava tal mudança, ficou gravemente pezarozo. Por mais justa e razoavel que fosse seguramente essa medida, o generozo Pensador sentiu-se incomodado por haver deixado contrahir, durante mais de tres anos, habitos que seria precizo modificar dali em diante.

Esse generozo enfado vinha agravar as penozas reflexões que não podia evitar acerca da conduta dos seus adherentes, doloroza imagem das devastações morais que a anarchia mental produzíra nas melhores almas ocidentais. Que apoio lhe restava para proseguir nos seus gloriozos trabalhos?... Ter de absorver na sua subzistencia material a maior parte do tempo que, bem utilizado, apenas bastaria para o digno preenchimento da sua missão!... E uma melancolia acerba ia invadindo o animo do egregio Pensador, quando a prezença de Clotilde lhe veio proporcionar o mais nobre e eficaz consolo. Ela lhe trazia uma parte da WILLELMINA, e no enlevo de contemplá-la e ouvi-la, o Filozofo esqueceu-se dos seus pezares. Foi então que Ele lhe pediu, como delicado penhor da sua ternura, uma mecha dos seus cabelos.

Clotilde acedeu com afetuoza candura ao pedido do terno Pensador, e enviou-lhe esse *dom do coração*, * na manhan seguinte.

Quinquagezima-sexta carta

Jovedia de manhan 25 de Setembro de 1845.

Bom dia, meu caro filozofo. Envio-vos o dom do coração com os simples atavios que lhe deu a natureza; o pensamento é o unico artista capaz de ornar similhantes nadas. O meu proveito proprio está em ser-vos agradavel, e compenetrar-me da sinceridade do vosso apego, ao qual ligo todo o apreço que merece. Deixo-vos entretanto por Eolo ou Zefiro; não vejo bem qual dos dois; mas tanto um como o outro dão-me pulmões e eu quero aproveitá-los até ás geadas.

Até amanhan; extendo-vos a mão.

CLOTILDE DE V.

* Cremos que foi essa mecha de cabelos que extraviou-se no correio.

X

> Não adiarei o prazer de felicitar-vos por essa nobre inspiração que vos conduziu tão cedo a votar o vosso talento á manutenção dos verdadeiros principios sociais contra uma anarchia especioza embora vulgar.
>
> (57ª *carta, de Augusto Comte a Clotilde*.)

Cheio das inefaveis recordações da angelica vizita de Clotilde, o nosso Mestre consagrou a manhan desse dia á leitura do preciozo manuscrito que Ela lhe deixára. Erão dez horas quando concluiu; e esta doce ocupação havia acabado de dissipar as sombrias aprehensões da vespera. O Filozofo comunicou imediatamente á sua Bem-Amada as gratas impressões que a WILLELMINA lhe cauzára.

Quinquagezima-setima carta

Jovedia de manhan 25 de Setembro de 1845 (10 h.)

Nobre e encantadora amiga, estou demaziado comovido com o que acabo de ler para dizer-vos convenientemente a minha opinião. Relendo-o amanhan com calma, notarei fraternalmente, si houver lugar, algumas expressões que poderião parecer por demais rebuscadas. Consenti-me sómente reclamar hoje contra o nome do vosso caro e digno filozofo; embora ele não apareça até aqui sinão no começo, esse *Sax* anunciaria aos leitores latinistas uma dureza muito antipatica á vossa feliz criação (uma pedra diz-se, em latim, *saxum*). Quanto ao fundo, nada vejo ainda que não seja muito satisfatorio: o amor de Willelmina por Stephanio pareceu-me a principio conduzido um pouco bruscamente; mas a reflexão dissipa já essa primeira impressão.

Aguardo a continuação com viva impaciencia de coração e de espirito. Entretanto não adiarei até lá o prazer de felicitar-vos por essa nobre inspiração espontanea que vos conduziu tão cedo a votar o vosso talento á manutenção dos verdadeiros principios sociais contra uma anarchia especioza embora vulgar. No que me concerne, minha Clotilde bem-amada, devo tambem testemunhar-vos, desde este momento, o meu reconhecimento pessoal por essa precioza diversão. Experimentava hontem, não verdadeiras penas morais, mas alguns graves cuidados individuais, o que acontece-me muito raramente. A vossa cara vizita

os adoçou muito, e esta interessante comunicação acaba de os afastar, aumentando ainda mais a minha respeitoza adoração. Adeus pois, e sempre obrigado, minha cara e eminente amiga: até amanhan á tarde, em que não ouzaria indicar-vos tão cordialmente a minha simpatica admiração.

Teu

A^TE^ COMTE.

XI

> Este incidente recordar-me-á sempre uma manifestação espontanea da vossa nobre natureza sob um novo aspeto de admiração.
>
> (*59ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

Algum tempo depois de expedir essa enternecida carta, Augusto Comte era confirmado nas suas felizes dispozições pelo bilhete que Clotilde lhe escrevêra na mesma manhan. Clotilde, porem, era, mais ou menos na mesma hora, * alarmada pelo que o nosso Mestre lhe dizia dos seus cuidados individuais. Ela não ignorava que as perseguições de que era alvo o Filozofo criavão embaraços para a situação material dele. E, embora soubesse do cavalheiresco apoio que alguns pozitivistas inglezes tinhão prestado até ali, conjeturou que as inquietudes de Augusto Comte fossem motivadas por dificuldades financeiras. Talvez mesmo o nosso Mestre lhe tivesse falado acerca do ultimo bilhete que recebêra de Stuart Mill. Nessas condições, a delicadeza lhe fez comunicar imediatamente as nobres aprehensões que a sobresaltavão.

Quinquagezima-oitava carta

Jovedia a tarde 25 de Setembro de 1845.

Vós me inquietais pelo que me dizeis dos vossos cuidados. Receio que a vossa generozidade para conosco vos haja imposto sacrificios; quizera pelo que me toca, estar em estado de pôr á vossa dispozição a soma que me emprestastes. Desgraçadamente, empreguei-a em parte em saldar uma divida que contrahíra em negocios de saude. Entretanto rogo-vos instantemente que me digais si esses cem francos poderião vos ser uteis agora. Recebo habitual-

* VOLUME SAGRADO, p. 341.

mente em Janeiro um prezente de familia, que eu poderia obter que me adiantassem. Suplico vos pois, meu caro amigo: falai-me francamente, e com afeição. Segui neste particular o meu exemplo.

Sinto-me feliz que me aproveis de coração. Vereis a explicação dos sentimentos de Willelmina na continuação da sua narrativa. A especie de entrada em sena que fiz foi para conformar-me ao gosto do folhetim. A moral estará toda inteira nos acontecimentos, que eu não quero todavia multiplicar.

Adeus, meu carissimo amigo; peço-vos de novo a vossa confiança no tocante ao dinheiro.

Vossa afeiçoada

CLOTILDE DE V.

A correspondencia sagrada leva-nos a crer que a comunicação do nosso Mestre determinou mesmo Clotilde a ir, nessa tarde ou no dia seguinte, falar a Marrast sobre a publicação da WILLELMINA no *Nacional*. O acolhimento do jornalista foi pouco delicado a ponto de fazer a egregia Senhora suspeitar que a SANTA CLOTILDE se tornára o objeto da sua maledicencia. Creio tambem que foi em consequencia desse acolhimento que Ela escreveu a *carta séria* a que aludia mais tarde. (VOLUME SAGRADO, p. 510.)

Augusto Comte, do seu lado, sentiu-se dezolado com o recebimento do bilhete que lhe vinha patentear tão dolorozamente a amargura da sua situação. Foi talvez bem atribulada a insonia dessa noite. Mas Ele procurou dominar as suas penozas emoções, e, ás 2 horas da madrugada de 26, escrevia a Clotilde uma carta aquietando os seus melindrozos escrupulos.

Quinquagezima-nona carta

Venerdia de manhan 26 de Setembro de 1845 (2 h.)

Profundamente comovido, minha ecelente amiga, com o vosso segundo bilhete de hontem, estou dezolado por haver sucitado as vossas inquietudes, tão escrupulozas como cordiais, empregando, por precipitação, uma palavra impropria (*cuidados* em lugar de *enfados*). Eis aqui a franca explicação que me pedis a tal respeito.

Eu tinha rezolvido, ha cerca de um ano, como creio vos

ter dito, reduzir definitivamente a dois mil francos a pensão anual de tres mil francos que dou em consequencia de uma irrevogavel separação voluntaria, pensão que, para a minha pozição, tinha sido sempre tão exorbitante em si-mesma quanto aliás era pouco merecida. Porem até aqui eu não havia ainda executado similhante decizão. Ora, algumas horas antes da vossa adoravel vizita de ante-hontem, eu acabava enfim de expedir o anuncio de que essa redução devia executar-se desde primeiro de Janeiro proximo. Por mais justa e razoavel que seja seguramente essa medida, tive a fraqueza de ficar então gravemente pezarozo, pelo motivo só de ter deixado contrahir, durante mais de tres anos, habitos que se terão de modificar doravante. Tal é a unica fonte da preocupação passageira de que vos sugeri involuntariamente uma falsa interpretação, que, com grande pezar meu, alarma a admiravel delicadeza da minha Clotilde.

Na verdade, não sei a que suposta generozidade aludis. Si são as bagatelas do padrinhio, asseguro-vos que essa pequenina despeza apenas cauzou-me uma preciozissima satisfação. Quanto ao cazo, ainda mais minimo, que vos concerne pessoalmente, bem longe da restituição que tanto vos preocupa ter-se-me tornado hoje de alguma utilidade, exprobro-me de não vos haver especialmente convidado ante-hontem, como o tinha projetado, a conceder-me uma amigavel preferencia no cazo de qualquer outra urgencia analoga. Permití que prevaleça-me da ocazião atual para reparar um esquecimento rezultante do extremo interesse que tomára o conjunto da nossa cordial entrevista. Suplico-vos pois, em geral, que considereis como vossa a minha bolsa, já que é precizo enfim articular esse vil nome da grande deuza atual.

Quanto é real, minha carissima Clotilde, a nossa simpatia, tão pura quanto espontanea ! Que ventura essa precioza afeição promete, sob qualquer fórma, ao resto da minha vida ! Hontem, ao meio dia, mais ou menos, cada um de nós lia do outro um afetuozo bilhete, que não era uma resposta, e cujo unico motivo essencial rezultava, de ambos os lados, da doce necessidade de uma ingenua expansão. Eu utilizo esta ocazião para agradecer-vos por minha conta, testemunhando-vos aliás a minha alegria por isso, esses salutares passeios matutinos, para os quais talvez hajão contribuido os meus conselhos, e que indicão-me

sobretudo afinal em vós uma firme reconciliação com a vida, cujo valor seria eu bem feliz que o meu profundo apego vos aumentasse.

Adeus, minha adoravel amiga, perdoai-me de vos haver involuntariamente cauzado, sem motivo suficiente, um alarma temporario. A lembrança desse incidente não póde ser tão passageira como ele. Ele recordar-me á sempre uma manifestação espontanea da vossa nobre natureza sob um novo aspeto de admiração, pela delicadeza, tão eximia embora por demais escrupuloza, de que ele forneceu o irrecuzavel testemunho. Adeus, pois, perdão, e obrigado: até esta tarde, em familia. Vou reler Willelmina, como critico cordial. Faltão-me expressões para indicar-vos quanto vos amo.

Ate COMTE.

XII

Similhantes conflitos são desgraçadamente comuns em nosso seculo, em que na maioria das vezes eles têm um exito funesto

(*Carta de Augusto Comte a Jandzill*).

Nessa tarde o nosso Mestre soube do projeto que Clotilde formára de ir passar alguns dias em Garges, na esperança de melhorar o estado da sua saude. Os seus Pais estavão relacionados ahi com a Familia Péron. Era este um joven advogado rico que se cazára com uma senhora viuva, pobre, e que tinha uma filha já moça e bela. M. Péron conhecêra ambas; mas a mãi cativou-lhe o coração mais do que a filha, e ele a preferíra para espoza.

Como Clotilde, na sua carta de Garges alude a uma senhora a quem chama familiarmente a *mãi Estanislau*, darei aqui a informação que obtive a tal respeito. Essa senhora era uma ex-freira que renunciára aos seus votos quando rebentou a Revolução. Clotilde achava muita graça na maneira pela qual ela pintava o septicismo monastico, contando as brincadeiras a que as praticas cultuais davão lugar, no tempo em que estivera no convento.

Augusto Comte alegrou-se sinceramente com o projeto de Clotilde, augurando das beneficas reações que exerceria essa diversão sobre a saude da sua idolatrada Inspiradora. Mas não pôde impedir um intimo pezar imaginando o

tempo que ia assim ficar privado do gozo da prezença dela. Foi sob a influencia desse melancolico conflito que Ele recebeu, na manhan de Sabado, o seguinte bilhete:

Sexagezima carta

Sabado de manhan 27 de Setembro de 1845.

Tenho de agradecer-vos muitas couzas, meu digno amigo; e em particular sempre o vosso afetuozo apego. Terei a confiança de recorrer a ele quando precizar; a vossa maneira de obzequiar é irman da minha maneira de sentir, e não temerei jamais conflito entre ambas. M. M... * teria acazo feito algum romance a respeito da carta de 3 de Junho? Eu lamentaria muito que as minhas boas graças para com ele não tenhão bastado; havia um pouco de malicia nos seus ultimos apertos de mão. E' precizo absolutamente que Willelmina valha por si. As vossas notas sobre ela são perfeitamente justas, e correspondem ás correções em projeto que eu imaginava. A minha viagem vai me fazer mal quanto ao adiantamento; mas talvez traga de lá uma provizão de forças. Dar-vos-ei uma vez noticias minhas, e arranjarei de modo a ser dos vossos Venerdia.

Adeus, meu carissimo amigo; passai bem, e contai com as minhas simpatias como com a minha afeição.

CLOTILDE DE V.

Talvez mesmo por cauza da proxima partida de Clotilde, Augusto Comte esteve tambem nessa tarde na rua Pavée. A Willelmina tornára-se o assunto da conversa; e a concepção de Clotilde dera lugar a diversas criticas por parte dos seus. Mme Marie sobretudo estava preocupada com a assimilação que podião fazer de Clotilde com a heroina, e conseguintemente da mãi desta consigo. Clotilde mostrou-se desde logo rezolvida a atender a essas sucetibilidades. E a sua piedade filial, nesse inesperado lance, comoveu tanto mais a Augusto Comte, quanto ela vinha apenas confirmar a profundeza de uma ternura que a ultima crize lhe patenteára. Esse dolorozo atrito magoou imensamente o Filozofo; a situação de Clotilde se lhe aprezentou sob uma nova face; sentiu que ninguem no mundo amava e

* Refere-se a Marrast.—R. T. M.

conhecia Clotilde como Ele. Pareceu-lhe, nos extremos da sua cavalheiresca paixão, que a situação de Clotilde podia exigir quiçá um dia que Ele lhe fizesse ás vezes de tudo. E o seu devotamento creceu na proporção das suas amorozas aprehensões.

Mas o coração do Filozofo já estava bastante identificado com o de Clotilde para que a sua dôr lhe fizesse esquecer a afeição profunda que Mme Marie lhe inspirava tambem. As suas emoções forão realmente quazi as de um filho terno deplorando o fatal engano de uma mãi cujo amor circunstancias inevitaveis houvessem iludido. As imperfeições da natureza humana, agravadas pela doloroza anarchia moral peculiar á situação moderna, tornão hoje, mesmo entre as melhores almas, bem faceis os atritos desse genero. Raras serão pois, em nosso seculo, as pessoas que não possão avaliar simpaticamente as penozas emoções dessa tarde. Todos sabem, porem, igualmente que a energia das afeições domesticas predispõe cada um a esforçar-se por dissipar, tão depressa quanto possivel, essas reações de uma inevitavel personalidade. E' pois facil de imaginar os sentimentos que se entrechocavão em cada um daqueles nobres corações tão intimamente ligados.

Para Augusto Comte, o que se acabava de dar foi um novo estimulo que veio entreter as suas melancolicas insonias. Passou a noite a imaginar na sorte de Clotilde, e foi com indizivel satisfação que sentiu-se disposto a sacrificar-lhe a propria vida, *agora que já tinha cumprido a sua principal tarefa na grande evolução humana!* Quanto então se enganava o egregio Pensador! Mas esse abnegado pensamento dá-nos bem a medida da imensidade do seu amor e de quanto era ainda imperfeita a noção que Ele mesmo tinha da sua glorioza missão.

A partida de Clotilde estava marcada para o Lunedia. O Filozofo rezolveu-se por isso a escrever-lhe, no Domingo de manhan. Bem sabia que as suas palavras lhe levavão um inestimavel conforto. Nessa carta, Ele lhe dizia:

Sexagezima-primeira carta

Domingo de manhan 28 de Setembro de 1845 (9 h.)

No momento de ficar, pela primeira vez, privado seis dias da vossa adoravel prezença, experimento, minha Clotilde, uma necessidade especial de renovar-vos a ex-

pressão do meu apego. Eu vos devo aliás uma intima gratidão pela vossa amigavel dispozição espontanea a adoçar essa auzencia pela promessa de uma carta, que a falta de uma estação postal em Garges impedir-me-ia de agradecer -vos em tempo. Todavia, eu estaria hoje dezolado si vos fizesse de algum modo lamentar uma precioza diversão, por demais extranha ao vosso genero de vida, e da qual espero mesmo uma feliz influencia sobre o vosso estado fizico.

Tudo o que descubro pouco a pouco em vós e sobre vós aumenta continuamente o meu respeitozo amor. Ainda hontem, comecei a ver a vossa situação sob uma nova face, bem apropriada para estimular a minha tendencia constante a fazer-vos as vezes de tudo, si jamais assim fosse precizo. A mais terna linguagem da mais intima identificação não poderia doravante exprimir sinão bem fracamente a profundidade e a pureza do meu devotamento. Refletindo nisso esta noite, senti vivamente quanto experimentaria uma indizivel satisfação em sacrificar-te, sendo precizo, até a minha vida, agora que já consumei a minha principal tarefa na grande evolução humana.

Mau grado algumas recentes indicações, jamais teria eu previsto a extranha sucetibilidade materna que hontem desvendou-se a mim. Seja qual fôr a injustiça de tais melindres, aprovo muito a vossa dispozição, tão nobre como terna, a poupar convenientemente similhante fraqueza, em compensação de tantas qualidades ecelentes. Podeis facilmente fazer criar a orfan por alguma tia ecentrica, insinuando mesmo que a influencia materna teria bastado para prevenir as aberrações rezultantes dessa educação ecepcional; a vossa importante compozição nada perderá com isso. Si a conversa de amanhan permitir-me voltar a propozito sobre esse conflito, ensaiarei fazer penetrar a razão nele. Mas, como mistura-se ahi secretamente uma certa rivalidade literaria, dificilmente se póde esperar alguma modificação duradoura: mais vale sacrificar, gemendo, a esse inconcebivel senão de um ente justamente venerado.

Estou encantado que tenhais apreciado os meus pequeninos conselhos sobre os detalhes de Willelmina. Quando mesmo eles não vos tivessem convindo, a superioridade da vossa natureza, mental e moral, ter-me-ia impedido de temer coiza alguma de similhante dissentimento.

Mas é, entre ambos nós, um interessante acrecimo de simpatia esse acordo espontaneo até em tais assuntos.

Quanto a Marrast, não tive ainda ensejo de suspeitar nenhuma indiscrição da sua parte acerca da minha *Santa Clotilde*. Como aliás ele nada sabe do meu retrato, * segue-se que ele é extranho a certas informações que eu acreditára a principio, não poder, a tal respeito, vir sinão dele.

Adeus, minha bem-amada; cuidai da vossa cara saude: até Venerdia á tarde. Contai sempre com a plenitude da inalteravel dedicação do vosso filozofo,

A^TE COMTE.

Durante a vossa estada em Garges, consagrareis um instante á minha medalhinha vazia?

Clotilde sahíra da rua Pavée num acabrunhamento maior do que o de todos. A sua incomparavel ternura a fazia sofrer principalmente pela sua extremoza Mãi, cujo amor por si tanto a comovia. E as suas aflições agravárão-se com as recordações do seu cazamento, que aquela data lhe trazia. Sentia, porem, que tais choques erão então inevitaveis, e só serião dissipados quando o seu surto literario lhe tivesse permitido alcançar uma verdadeira independencia. Este pensamento ainda mais aumentava a sua amargura prezente; pois que o estado da sua saude não lhe deixava proseguir nos seus trabalhos. Precizava quanto antes cobrar forças, acabar a WILLELMINA, conquistar uma pozição que eliminasse todos os motivos de desgosto para sua Mãi e os seus... Estas reflexões já a predispunhão a apressar a sua partida para Garges. Mas ficou talvez confirmada nessa idéia pela consideração de que as saudades haverião de contribuir para restabelecer a cordialidade que tanto ambicionava ver reinar por toda parte.

Decidindo-se, pois, a partir no Domingo, foi despedir-se dos seus; e teve a inefavel ventura de encontrar já quazi completamente desvanecidos os atritos da vespera. E estas

* Cremos que o nosso Mestre alude a um esboço a pastel feito por Mme. Marie, e que os nossos confrades Jorge Lagarrigue e Montenegro Cordeiro tiverão a felicidade de ver na entrevista que, a 5 de S. Paulo de 102 (25 de Maio de 1890), lhes foi benevolamente concedida pela veneranda Viuva de Maximilien Marie.— R. T. M.

felizes dispozições tornárão mais comovente ainda o seu adeus.

No Lunedia, á noite, foi que Augusto Comte soube da partida de Clotilde. Não se sorprehendeu com essa anticipação, á vista do que se tinha dado. Mas ficcu dezapontado e inquieto pelo fim que levaria a carta que lhe escrevêra no Domingo. Contára que Clotilde a recebesse antes da partida; entretanto, ela só podia ter sido entregue na rua Payenne, duas horas depois da sua sahida. Teve, porem, a felicidade de não encontrar nem mais vestigios das contrariedades do Sabado; de sorte que faltou-lhe o ensejo de voltar á extranha sucetibilidade materna relativa á WILLELMINA.

XIII

Não encontrei sinão em vós a equidade unida a amplas exigencias do coração... Porque não vos conheci eu mais cedo!...

(62ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.)

Fiel á sua promessa do bilhete de Sabado, Clotilde dirigiu de Garges, no Martedia 30 de Setembro, uma carta ao nosso Mestre. Como sempre, uma tocante solicitude pela sua Familia domina as ternas expansões que a confiança em Augusto Comte lhe inspirava.

Sexagezima-segunda carta

Garges, Martedia de manhan 30 de Setembro de 1845.

Meu caro consolador, assisti hontem em espirito á vossa boa vizita da tarde; era um prazer para mim pensar que eu tinha no meio dos meus um reprezentante dedicado, e capaz de todas as atenções ao mesmo tempo. A pequena borrasca de Sabado á tarde estava esquecida em parte no Domingo de manhan quando parti para Garges; e espero que não tivesseis achado mais nem vestigios dela. Eles são bons no fundo; minha mãi mais do que todos. Mas eles têm paixões como aqueles a quem as exprobrão; e as paixões de todo genero parecem-me dever sufocar ou embotar muito a verdadeira generozidade. Não encontrei ainda sinão em vós a equidade unida a amplas exigencias

do coração; por isso tambem compenetro-me sempre cada vez mais da idéia que sois um homem perfeito. Porque não vos conheci eu mais cedo! Quantas dôres de menos teria talvez sofrido, quantas chagas de menos teria tambem de cicatrizar! Talvez, porem, ao contrario, tenha eu ganho em passar por tal provação. Ela fez-me gastar um fardo de entuziasmo; temo sómente que ela o haja morto em mim. Não acuzemos ninguem por tudo isso. Eu o direi sempre; não quizera, nem a preço de uma fortuna, ter nacido alhures. Vi coizas feias sob belas aparencias em muitas familias. Na minha, ha mais do que a honra, a honestidade.

Eu sou aqui acariciada e amimada como uma princeza e muito edificada pela afeição reciproca do meu cazal de hospedes. Cahi em um banquete de quinze pessoas, entre as quais havia alguns parentes do marido; contárão-me dele belissimas coizas, e que o honrão. E' mais rico do que a mulher, e teve de vencer mil amofinações de familia para cazar-se com ela. E' um bom rapaz, muito puro e muito terno; preenche os seus deveres religiozamente, e entrega-se aos seus gostos sem ter que ofender um só mandamento. Nada é mais belo do que a sua habitação: mas, embora me peção que fique aqui com eles até 15 de Novembro, epoca da sua volta para Paris, regressarei Jovedia proximo. Nada faria aqui, e demais já me estou sentindo gelar um pouco.

E'-me grato pensar que passais inteiramente bem, e que continuais a estar contente da rua Pavée por vossa conta: não temem ahi sinão a parcialidade evidente, tolerarão sempre a do fundo mais facilmente.

Meu carissimo amigo, tendes tamanha benevolencia para comigo que ouzo pô-la á prova ainda uma vez. Vós me oferecestes a vossa bolsa: serei rica em Janeiro; si puderdes ajudar-me a chegar até lá emprestando-me cem francos, prestar-me-eis um serviço. Sentis que desta vez vos peço o *nec plus ultra* das minhas necessidades; não me ofereçais pois nada mais, e sobretudo não m'o ofereçais de uma só vez si isso puder embaraçar-vos. Quizera dar bastante valor a Willelmina para que do folhetim ela pudesse passar ás mãos de um editor. A vossa afeição dá-me força e coragem. Si eu fôr bem sucedida, não esquecerei a parte que tiverdes tido na minha resurreição.

As minhas palpitações reproduzirão-se aqui uma noite

por haver dormido com a janela fechada; o pleno ar restabeleceu-me depressa; mas eu ainda precizo enormemente dele.

Adeus, meu carissimo filozofo; até Venerdia. Contai com o meu coração, como eu conto com o vosso. Simpatizarei com tudo quanto puder suceder-vos como vós simpatizais com o que me tóca, e terei ainda a mais do que vós o prazer do reconhecimento.

Si alguma coiza mudasse o arranjo de Sabado á tarde a respeito dos Italianos, estarei pronta para começar. Bastará que tenhais guardado todas as conveniencias; minha mãi, que não tem memoria, falava-me de ir a Versailles no correr da semana; eis o que faz-me supôr que poderia haver alguma mudança no que ficou convencionado, minha cunhada estando muitissimo pouco livre.

Adeus, ainda uma vez; passai bem, e sêde feliz tanto quanto se póde ser neste vale de lagrimas, como diz a mãi Estanislau.

Extendo-vos a mão ternamente

CLOTILDE DE V.

A *crize decisiva* na maravilhoza existencia dos nossos Pais Espirituais estava enfim santamente consumada! Os sublimes rezultados da evolução moral da Humanidade acabavão de passar pela tormentoza provação extrema que o Destino lhes rezervára! Confiados incessantemente á guarda geral do sexo feminino, esses tezouros se tinhão rezumido no coração de Clotilde, assegurando-lhe a travessia ileza de perigos nunca dantes conhecidos. Augusto Comte teve assim a ventura de contemplar o altruismo no maior explendor que jamais este poderia patentear. Mas tal ventura seria perdida, e o desfecho da terrivel anarchia que nos flagela estaria ainda nos arcanos do Porvir, si a alma do Regenerador não fosse bastante grande para conter todas as graças que o coração de Clotilde derramou sobre Ele.

Nada, portanto, ecederá a gratidão que a imagem imaculada e terna de Clotilde despertará eternamente na Posteridade redimida. Personificação da Humanidade no mais comovente dos transes que a cega benevolencia do Destino não lhe pudéra evitar, Ela reprezentará para

sempre a suave Deuza dos *ricos de coração* que, na fraze do nosso Mestre, hão de dominar a Terra, em substituição dos *pobres de espirito* aos quais o Catolicismo prometeu o Céu. Mas essa gratidão mesma dá a medida da piedade filial com que as gerações futuras hão de adorar aos pés do Grão-Ser o vulto extaziado do Regenerador. Porque, sem a santidade do nosso Mestre, o divino influxo de Clotilde se teria esvaído no cahos da revolução social em que Ela surgiu...

TRANZIÇÃO FINAL

OUTUBRO — NOVEMBRO — DEZEMBRO

CAPITULO TERCEIRO

OUTUBRO — EXPANSÃO TOTAL

I

Amemo-nos profundamente, cada um á sua maneira, e poderemos ainda ser verdadeiramente felizes um pelo outro.

(*63ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

A situação de Clotilde era bem angustioza. O estado da sua saude era gravissimo; a Familia Marie vivia dificilmente; vimos os embaraços com que lutava Maximilien Marie. * Em tais condições, Clotilde, que fazia de manhan as arrumações do seu pobre apartamento, não se podia eximir de partilhar, á tarde, dos pequenos afazeres domesticos que pezavão sobre a sua Cunhada e a sua Mãi. Por pouco consideravel que fosse similhante trabalho, era quanto bastava para extenuá-la. A sua nobre rezignação, porem, e a sua doce energia lhe permitião disfarçar a realidade dos seus padecimentos. — *E' indigno dos grandes corações derramar as perturbações que sentem* — tal era uma das regras prediletas da sua conduta. Havia mais de seis anos que o santo heroismo com que suportava o seu martirio fôra aliviando fatalmente os seus do acabrunhamento que a principio lhes cauzára a sua desgraça.

Assim, a superioridade moral de Clotilde mesmo contribuia para que a Familia Marie não percebesse quanto

* Vide *Uma Vizita aos Lugares Santos do Pozitivismo.*

era melindrozo o seu estado. Convem notar, com efeito, que a sua eximia delicadeza chegava a murmurar até contra as satisfações que os seus havião dado por vezes a necessidades que Ela considerava como gostos onerozos. Parecia, pois, que tudo conspirava para impedir que a Familia Marie percebesse a iminencia da catastrofe que a ameaçava!...

Nessas condições, a ecepcional confiança que Augusto Comte conseguíra inspirar a Clotilde veio proporcionar um preciozo lenitivo ás privações dela. Porque, não duvidando do cavalheirismo do egregio Filozofo, Ela não hezitou em apelar, embora com extrema discrição, para o apoio que lhe era oferecido com fraternal carinho e paternal solicitude. Recorrendo, porem, á generozidade do nosso Mestre, Clotilde sempre preocupou-se com que essa inestimavel prova de estima e afeição não o fizesse jamais suspeitar do devotamento da sua Familia. E disso é um tocante exemplo a carta que, de Garges, dirigíra ao terno Pensador.

No Mercuridia, talvez á hora da vizita habitual de Clotilde, Augusto Comte recebeu essa comovente carta, preciosa compensação de uma auzencia que já lhe era demaziado longa. Clotilde lhe anunciava a volta para o Jovedia imediato, e o Filozofo consagrou uma parte do dia a festejar o regresso da sua Bem-Amada, escrevendo-lhe uma carta que seria o digno encerramento da perigoza crize pela qual passára o seu amor.

Sexagezima-terceira carta

Jovedia 2 de Outubro de 1845 (meio-dia).

A provação passageira rezultante da vossa curta auzencia permitiu-me apreciar a que ponto, minha adoravel amiga, vós vos tornastes necessaria a mim. Não podeis conceber que vazio penozo experimentei nesses dias, sentindo que não estavamos mais dentro dos mesmos muros, e que eu não podia mais ir ter convosco em cazo de necessidade, nem siquer por correspondencia imediata. Mas todos esses sofrimentos dissipárão-se hontem, lendo a vossa encantadora carta de ante-hontem, felizmente a mais longa de todas com que me tendes gratificado, e que me anuncia o vosso regresso para hoje.

Estou comovidissimo com a indulgente apreciação que

devo á vossa amizade. Ninguem sabe melhor do que eu quanto estou longe, infelizmente, de ser perfeito! Tenho, porem, pelo menos, a vantagem pouco comum de bem conhecer as minhas principais imperfeições, e a vontade, ainda mais rara, de diminuí-las pouco a pouco exercendo sobre mim mesmo uma ativa diciplina continua, na qual doravante a vossa precioza influencia póde ajudar-me muito, mesmo sem o saberdes.

Quanto vos agradeço aliás, minha Clotilde, deplorardes afinal, para vós mesma, a fatal demora da nossa pura ligação! Quanto é lamentavel, a tantos respeitos, que o vosso irmão não nos tivesse posto em relações um com o outro desde que o póde, sem esperar que esse contato rezultasse lentamente de uma fonte indireta! Cessemos porem de contemplar um irrevogavel passado, e pensemos sobretudo no que nos resta de futuro. Amemo-nos profundamente, cada um á sua maneira, e poderemos ser ainda verdadeiramente felizes, um pelo outro. Concedendo-vos com delicias uma igualdade de simpatia, não posso contudo deixar-vos excluzivamente, segundo a vossa encantadora expressão, o prazer do reconhecimento, e pretendo mesmo um quinhão maior nele. Si tive a fortuna de contribuir para reconciliar-vos com a vida, não vos devo eu o ter afinal conhecido dignamente o seu principal atrativo? Graças a vós, as minhas exigencias afetivas não estão mais reduzidas ao vago e insuficiente pasto rezultante do meu amor universal da Humanidade, o qual aliás, longe de sofrer em nada com a minha nobre adoração privada, recebe desta, ao contrario, uma viva ecitação quotidiana. Poderei nunca ser demaziado reconhecido por esse imenso beneficio moral, tão preciozamente realizado, no momento mesmo em que a minha vida parecia-me quazi condenada doravante a um irrevogavel izolamento! Si a minha principal gratidão a este respeito deve consistir em vos bem querer e em identificar-me convosco, ah! contai, minha Clotilde adorada, com uma ampla e eterna remuneração.

A minha saude continua a melhorar, sem ser ainda verdadeiramente boa. Embora a agitação convulsiva haja quazi dezaparecido, o sono perziste insuficiente, sinão quanto á sua duração total, já quazi normal, pelo menos quanto á continuidade, e mesmo quanto á calma. Em verdade, essa descontinuidade proporciona-me a doce compensação de multiplicar para convosco os meus atos de adoração inti-

ma: porque, ha mais de quatro mezes, nunca adormeci nem acordei uma só vez sem consagrar-vos espontaneamente o meu ultimo e o meu primeiro pensamento. Algumas caminhadas exigidas pelos meus negocios tendo me obrigado a prolongar a minha ultima intermitencia de trabalho, senti-me tão bem com isso, que tomo voluntariamente um novo repouzo. Eu havia na verdade me posto novamente a trabalhar cedo de mais após a nossa crize de Setembro, que abalou-me muito mais profundamente do que a principio o acreditava.

Segundo a vossa previzão, não achei no Lunedia nenhum vestigio da tormenta de Sabado, de sorte que não me foi possivel voltar convenientemente, como vos anunciava Domingo, sobre a extranha sucetibilidade materna relativa á Willelmina. Embora felicitando-me sempre por um bom acolhimento pessoal, pude verificar então quanto, amor á parte, me sois indispensavel nessa sociedade de familia, na qual, na vossa auzencia, o cuidado de sustentar e de animar a conversação, no meio de uma obscuridade funebre ou soporoza, depende sobretudo do espirito de contradição do vosso irmão.

Abrimos esta noite os Italianos com *os Puritanos*. Mas a verdadeira abertura para mim consistirá em conduzir -vos até lá; o que aliás, como conjeturais, poderia bem acontecer depois d'amanhan. De resto, sentis assás que, sem essa incomparavel satisfação de coração, terei sempre um verdadeiro prazer direto em honrar a vossa mãi e em comprazer-lhe, bem como em pagar fracamente á vossa cunhada a minha imensa divida muzical.

Agradeço-vos o haverdes aceitado, com franca cordialidade,um oferecimento geral tão natural entre nós: o comunismo não convem sinão a tais cazos; e, nesse sentido, ele é tão antigo como a Humanidade. Eis-me pronto, como sempre, a entregar-vos o que dezejais, e doravante sem ecedê-lo. Si procedi de outro modo a principio, não foi certamente por nenhuma van ostentação, nem mesmo por uma indiscreta generozidade, mas sómente pelo receio muito legitimo de que uma delicadeza irretletida ou uma insuficiente confiança vos determinasse a dissimular as vossas precizões. Bem quizera não retardar essa feliz entrega até a vossa boa vizita de Mercuridia proximo: arranjar-me-ei de modo a aproveitar, para isso, o primeiro instante em que estivermos a sós, quer amanhan si houver

ensejo, quer sobretudo depois d'amanhan, si eu tiver a satisfação de levar-vos aos Italianos.

Vós me encantais falando-me dos vossos hospedes de Garges. A anomalia conjugal que lhes é peculiar constitûi, em favor deles, uma fortissima prezunção, por isso que não tem nenhuma origem financeira; e a vossa apreciação, cuja justeza não é menos conhecida do que a vossa benevolencia, acaba de fazer-me, de antemão, estimá-los a ambos. Perdôo-lhes o terem querido privar-me de vós durante seis semanas, porque vejo nisso a prova de que eles sentírão dignamente o vosso valor. De resto, as vossas indicações a respeito deles poderão se me tornar diretamente uteis: pois que eles parecem convir tambem aos vossos pais, terão provavelmente este inverno com a vossa familia relações seguidas, nas quais seria bem possivel que, como membro suplementar desta, eu me achasse accessoriamente englobado; de bom grado prestar-me-ia então a isso, á vista do que me contais.

Adeus, minha carissima amiga, até amanhan a satisfação de apertar ternamente a vossa mão.

Recebei, por agora, um casto beijo fraternal do

Vosso filozofo,

A^TE COMTE

Quando soube Lunedia á noite que tinheis adiantado de um dia a vossa partida, não fiquei sorprezo, refletindo no que se passára Sabado Porem essa brusca modificação do dezignio no qual vos havia eu deixado não tornou-se por isso menos para mim a origem de um dezapontamento mesclado de inquietudes, a propozito da carta que vos escrevêra Domingo de manhan para ser lida por vós antes da vossa partida, ao passo que o correio só a pôde entregar em vossa caza, duas horas depois da vossa sahida efetiva. As diversas eventualidades dezagradaveis que podia sucitar a prolongada demora dela em mãos do vosso porteiro até a vossa volta me têm preocupado por tal fórma que não posso ficar plenamente tranquilo, a esse respeito, sinão recebendo de vós a segurança especial de que similhante carta vos chegou enfim sem acidente algum qualquer.

II

Caminhemos apoiados um ao outro, meu caro filozofo; deixemos que o tempo nos guie e nos fórme.

(*64ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.*)

As informações que obtivemos fazem supôr que, logo depois da sua volta de Garges, Clotilde rezolveu ir passar algum tempo nas imediações do bosque de Bolonha, com o fim de encontrar condições mais favoraveis para a sua saude. Nesse intuito, tomou um comodo mobiliado em Passy, na rua principal. A vizinhança do bosque permitia-lhe ir trabalhar lá, gozando ao mesmo tempo de um poetico retiro e do ar livre, cuja necessidade tão vivamente sentia. *

No Venerdia o Filozofo tinha a ventura de encontrar-se com Clotilde na rua Pavée. Ela julgou então necessario falar-lhe, perante a sua Mãi, do que se passára no Sabado precedente, com o fim de dissipar, nos seus, aprehensões que bem sabia infundadas. Mas a sua solicitude não era menor em desfazer qualquer nuvem que pudesse sombrear, no animo do Filozofo, a nobre afeição que Ele consagrava á Familia Marie. Apressou-se, por isso, a escrever-lhe no dia seguinte com esse duplo fito.

Sexagezima-quarta carta

Sabado de manhan 4 de Outubro de 1845.

Afim de acabar a minha semana no *far niente*, irei ver-vos amanhan, meu caro amigo. Vos levarei eu mesma o dom do coração, já que o correio põe-se a fazer o papel de *dueña*. Agradeço-vos tambem prezentemente, do mais profundo da minha alma, os comoventes serviços que me prestastes.

Eu vos fiz hontem uma especie de discurso oficial relativamente á sena irrefletida de Sabado. Tive os meus motivos para vos falar disso diante de minha mãi, porque ela exprobrou-me vivamente o fundo da conduta. Ela acuza-me, sem razão já se vê, de vos haver resfriado em relação ao meu irmão; seria para mim uma felicidade si lhe testemunhasseis de novo a vossa simpatia e o vosso interesse, e asseguro-vos que ele não cessou de os merecer. A sua natureza o impeliria sempre instintivamente para

* Vide *Uma Vizita aos Lugares Santos do Pozitivismo*, p. 153.

vós, quando mesmo ele quizesse subtrahir-se á vossa influencia; mas ele está longe de ter tentações disso. Dai a cada um o que lhe toca; foi a desgraça que dezembaraçou -me do mais grosso das minhas mizerias, e ainda me ficárão bastantes.

Recebi com respeito e ternura as vossas duas boas cartas, e vô-las agradeço. Já vos devo grandes alivios de coração, e sou feliz de embelezar a vossa vida de uma maneira tão comoda. Caminhemos apoiados um ao outro, meu caro filozofo; deixemos que o tempo nos guie e nos fórme. Tenho momentos singulares, durante os quais comparo-me a uma crizalida; parece que me estou transformando tão dolentemente como ela, e sahindo de uma veste tão triste como a sua. Vou pôr-me de novo com bastante prazer a trabalhar na minha Willelmina; espero não desmerecer em coiza alguma, seguindo o plano das minhas idéias; talvez venha eu a ser util. As dôres da ecentricidade parecem-me dever rezultar mais da educação do que do natural; e as mulheres de hoje são geralmente mal educadas.

Estou, porem, repizando. Adeus, meu ótimo amigo. Conservai-me a vossa ternura, e contai com a minha. Aperto-vos a mão afetuozamente.

CLOTILDE DE V.

As emoções desta carta tornárão-se ainda mais melancolicas pela conversa que o nosso Mestre teve na mesma noite com M^me Marie, a quem acompanhára aos Italianos. Com efeito, o terno Pensador soube então das tendencias esplenicas que invadião o animo da sua martirizada Inspiradora. (VOLUME SAGRADO, p. 357.)

Estas noticias lhe fizerão esperar ainda mais anciozamente a vizita que Clotilde lhe prometéra para o dia seguinte. E, apezar das explicações que Ela deu então (*Ibidem*), o terno Filozofo não pôde dissipar os alarmas que a melindroza saude da divina Senhora lhe inspirava.

Esta vizita de 5 de Outubro constitúi uma das *imagens normais* do culto intimo do nosso Mestre. Foi nessa ocazião que Clotilde guarneceu com os seus cabelos a medalhinha que, si fosse possivel a realização dos mais santos votos dele, deveria ser colocada no esquife conjugal, na sua mão direita entrelaçada com a dela.

« Esse talisman que, desde então, serve para o meu

culto quotidiano, será sómente mantido sobre o meu coração pela minha mão direita, na sua bolsa verde devida á nossa Sofia, si a reunião objetiva tornar-se impossivel », acrecentava o nosso Mestre no seu *Testamento*. (*Ibidem*, p. 12). E foi tudo quanto a Fatalidade na sua cega benevolencia permitiu que se fizesse!...

Nesse dia, Augusto Comte recebeu uma carta de Stuart Mill. Não querendo, porem, perturbar as emoções que o enlevavão, rezolveu adiar uma leitura que poderia ser penoza.

III

Eu o direi sempre; não quizera, nem a preço de uma fortuna, ter nacido alhures.

(*65ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.*)

No Lunedia imediato, 6 de Outubro, o nosso Mestre esteve na rua Pavée. E esta vizita veio estimular a ternura com que Clotilde zelava por conservar incolumes os nobres sentimentos que se tinhão dezenvolvido entre o Filozofo e a Familia Marie. Tal foi o delicado movel da carta que Ela escreveu-lhe no Martedia.

Sexagezima-quinta carta

Martedia 7 de Outubro de 1845.

Meu caro amigo, a vossa bondade e o vosso devotamento para comigo dão-vos os mais amplos direitos á minha confiança; e, si não expliquei-vos ha mais tempo porque é que recorria á vossa obzequioza generozidade, foi em parte para deixar-vos todo o merito dela.

Agora, pelos meus e por mim, tenho grande contentamento em iniciar-vos nos meus negocios privados, com os quais não quero arriscar-me tambem a que tenhais cuidados.

Ha tres anos, o irmão da minha mãi * dá-me, a titulo de festas, oitocentos francos, que servem para cobrir uma parte das minhas despezas do ano. Minha mãi entrega-me trezentos francos dessa soma, e demais paga o meu aluguel, e a minha pensão em caza do meu irmão. Cada um faz-me, de tempos a tempos, um pequeno prezente para ajudar-me: eu não sou pois em nada desgraçada mate-

* Trata-se do conde de Ficquelmont, que ocupava nessa epoca uma alta pozição politica na Austria. Vide *Uma Vizita aos Lugares Santos do Pozitivismo*. — R. T. M.

rialmente. Este ano, que, sem ter estado doente nem em tratamento, tive muitos cuidados que tomar de mim, achei-me arruinada antes de tempo; e, si não me tivesseis parecido o melhor dos homens, eu teria recorrido á solicitude dos meus em lugar de dirigir-me á vossa; eis a minha pequena historia. Não quero, nem parecer-vos uma gastadora, nem fazer-vos suspeitar da bondade real da minha familia. Todos eles têm condecendido com varios dezejos meus que lhes erão na realidade onerozos. O unico reproche que posso fazer-lhes, é de quererem circunscrever-me intelectualmente. Mas eu volto sempre aos meus carneiros; cada um tem os seus defeitos e as suas mizerias. Não tomeis, porem, nada disso para vós, eu vos acho muito superior de mais de uma maneira, e sois um amigo tal qual ambicionei sempre possuir. Espero que os meus tormentos intimos não diminuão aos vossos olhos o valor que ligo á vossa afeição. Não haveria situação, por mais dificil que fosse, que pudesse fixar-me onde me sentisse mal; e o calculo custar-me-ia mais do que o sofrimento.

Minha mãi só parte amanhan, e todos os outros estão nas melhores dispozições para comigo. A adulação, mesmo de uma mãi, faz bem mal a um homem. Meu irmão, educado com mais energia, teria sido um homem verdadeiramente superior.

Até Venerdia e Sabado, meu carissimo amigo; amanhan trabalharei, não se faz absolutamente nada *ao recomeçar*. Quizera ser seis mezes mais velha, ter feito duas novelas interessantes, e poder dizer *eu quero*. Eis ahi uma palavra feia, não é? mas não a direi nunca sinão a mim.

Cuidai de vós por vosso lado, e passai bem; ha um coração a quem isso interessa.

Extendo-vos a mão,

CLOTILDE DE V.

IV

> Talvez os ricos tenhão de deplorar um dia o haverem procedido mal para com os filozofos que deverão proteger a existencia social deles contra uma ardente reação popular.
>
> (*Carta de Augusto Comte a Stuart Mill.*)

Esta carta era bem apropriada para amortecer as reações da que o nosso Mestre recebêra de Stuart Mill, no ultimo Domingo, e que só então Ele leu. Ahi, o logicista

excuzava-se de fazer uma nova tentativa junto a W. Molesworth, com quem nunca tivera intimidade e em cuja caza não entrára uma só vez havia muitos anos. Tambem não achava que fosse o cazo de comunicar a Molesworth que se havia realizado a hipoteze da qual tornára dependente a renovação do seu concurso. Os ordenados do nosso Mestre dando-lhe ainda cinco mil francos, W. Molesworth julgou sem duvida que os embaraços do Filozofo, embora lamentaveis, não constituião um cazo de necessidade absoluta. Indicava, porem, o endereço do banqueiro para que Augusto Comte pudesse escrever-lhe si julgasse conveniente.

Lamentava vivamente que as suas palavras houvessem induzido o nosso Mestre a ter, na renovação do subsidio, uma confiança que ele estava longe de ter querido inspirar, e que acabára por um dezapontamento. Fazia depois algumas reflexões amistozas a propozito da vaga do diretor dos estudos, e dava noticias acerca do trabalho que projetára sobre a economia politica.

Esta carta vinha desvanecer de todo qualquer esperança de obter na Inglaterra o apoio material com que o nosso Mestre contára. Só lhe restava procurar dicipulos e, enquanto eles não aparecessem, apelar para o seu credito e a solicitude dos seus amigos particulares. Não havia pois urgencia em responder a Stuart Mill.

V

Concordo essencialmente convosco sobre a aptidão natural do vosso irmão a se tornar um homem superior...

(*66ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

Para completar o quadro das impressões que o nosso Mestre recebeu nesse dia, convem juntar uma vizita de Maximilien Marie. (VOLUME SAGRADO p. 357). O joven matematico vinha submeter ao Filozofo o que tinha escrito de um trabalho com que estava então ocupado. Era uma nova aplicação da Filozofia Pozitiva; mas ignoramos do que se tratava precizamente. Maximilien mostrou tambem ao nosso Mestre, nessa ocazião, a carta que escrevêra ao conde de Ficquelmont, remetendo-lhe o seu opusculo fundamental sobre a interpretação geometrica

das *expressões imaginarias*, e dando a este uma idéia dos seus trabalhos. Ei-la:

Meu caro tio,

Não tenho a prezunção de crer que a vossa obzequiozidade vos possa induzir a ler esta obra. As nossas infinitezimais argumentações matematicas estão por demais abaixo dos grandes problemas sociais que tendes todos os dias de pôr e rezolver. Eis porque rogo-vos que me permitais algumas explicações apropriadas para fazer-vos adquirir rapidamente uma idéia do meu trabalho.

A facilidade com que, armados com a potencia dedutiva que a algebra nos dá, podemos proseguir até os minimos detalhes o estudo particular de um fenomeno geometrico ou mecanico póde ser contraposta á imensa dificuldade que vos detem na analize dos fenomenos sociais. Nós podemos bem acumular uma infinidade de pequeninos fatos secundarios em torno de um outro dado ou suposto, mas é-nos impossivel reuni-los. Os conjuntos nos faltão absolutamente. Nos grandes problemas que agitais, ao contrario, o conjunto está feito, está diante dos nossos olhos, são as rodas, é o mecanismo que procurais, são naturalmente as cauzas dos efeitos ou dos movimentos produzidos. Nas duas siencias tambem, os pontos de partida sendo opostos, as condições de aperfeiçoamento são inversas: os estadistas suporão as grandes leis historicamente descobertas do movimento das sociedades humanas e procurarão reduzir essas leis a principios mais elementares; ao passo que os geometras partirão de alguns axiomas evidentes para pesquizar as leis cada vez mais elevadas que regem a coexistencia dos fenomenos que eles têm de estudar. Póde-se dizer que não sómente ha nisso conveniencias, mas tambem obrigação maior: porque, si em politica a anarchia se produz pelo dezabrochamento de sistemas *a priori*, ela nace tambem seguramente em matematicas da introdução de novos detalhezinhos incoherentes.

Seria pois um trabalho util procurar os meios de reunir por processos assás simples o estudo de varios fenomenos geometricos ou mecanicos suficientemente analogos; fazer dezaparecer entre eles as diferenças, transportando o ponto de vista bastante alto para que só as analogias subzistissem. Ter-se-ia achado um caminho para chegar a relações mais

gerais do que as que podião ser anteriormente formuladas.

Forão essas as idéias que me guiárão na escolha do assunto das minhas pesquizas.

Descartes fizera as siencias matematicas darem um passo imenso ensinando a reduzir uma certa diferença muito embaraçoza que se encontrava a miudo entre as diversas fazes de um fenomeno sempre identico a si mesmo, mas cuja realização sofrèra uma certa modificação particular definida, como acontece em uma multidão de exemplos hoje vulgares. Assim o movimento de um corpo lançado verticalmente, teria sido sem ele decomposto sempre, para os sientistas como para o vulgo, nas suas duas partes acendente e decendente. As leis dos dois movimentos terião podido ser confrontadas, comparadas pelos geometras, porem jamais confundidas, como o forão depois, em uma só fórmula. Ora, si similhante redução tinha pouca importancia nesse cazo, por cauza da sua extrema simplicidade, sabeis que, quando nos elevamos ao estudo de um fenomeno um pouco complexo, ela adquire um valor imenso, porque a redução extende-se então a diferenças cujo numero crece de uma maneira extremamente rapida, como acontece por exemplo na menor questão trigonometrica.

Descartes fôra conduzido á descoberta da bela lei com que dotou a siencia matematica, por longas meditações sobre um certo genero de respostas singulares que a algebra fornece ás questões que não comportão soluções imediatas, por falta de uma suficiente concordancia entre os dados. Ele reconheceu primeiro que a resposta fornecida, destituida de sentido relativamente á questão proposta, poderia sempre ser transportada a uma questão vizinha e analoga intimamente ligada a ela por uma dependencia reciproca tal, que uma não se tornava soluvel sinão quando a outra cessava de o ser; ele deu com uma certa generalidade, que aliás foi depois pouco aumentada, o meio de formar o enunciado de uma dessas questões quando o da outra era conhecido, e enfim provou que o calculo algebrico apropriado para rezolvê-las sendo identico, elas podião ser reduzidas a uma só, habitualmente postas e rezolvidas conjuntamente.

Esse grande trabalho versava sobre um só dos dois generos de respostas singulares que a algebra até aqui forneceu para as questões impossiveis; tinha se tentado varias

vezes fazer para a segunda especie o que Descartes fizera para a primeira, mas até aqui fôra isso sem sucesso. Entretanto havia todo lugar de esperar que similhante descoberta seria fecunda em grandes e importantes consequencias.

Entuziasmado eu mesmo pela beleza do problema, emprehendi-o. Eis ao que cheguei.

Descartes tinha ensinado a abarcar em uma mesma fórmula todas as fazes sucessivas de um mesmo fenomeno, quaisquer que fossem as modificações particulares (pertencendo a uma certa classe definida) que tivesse de sofrer, passando de uma a outra, o modo essencial de realização. Mostrei que assim como se tinha podido reduzir as diferenças accessorias que separavão as diversas fazes de um mesmo fenomeno, assim tambem se poderia reduzir a diferença igualmente accessoria, embora mais frizante, que se encontra entre dois fenomenos diferentes, porem suficientemente analogos, quando essa diferença fosse de um certo genero.

Descartes tinha reunido todos os ramos de uma mesma curva em um só todo, eu fiz ver que toda curva tem uma infinidade de analogas, sempre faceis de descobrir, que podem ser todas fundidas na principal e tratadas ao mesmo tempo que elas para as mesmas questões que, uma vez rezolvidas para a primeira, o são desde então para as outras.

O rezultado final da obra consiste pois na possibilidade novamente introduzida de um modo geral, de deixar o estudo izolado dos fenomenos para elevar-se ao de grupos definidos, e que será sempre facil formar, nos quais as analogias e as diferenças entre os individuos, aliás indefinidamente multiplos, serão suficientemente grandes para permitir, por um lado, achar propriedades comuns, e ver, por outro, na enumeração dessas propriedades, pelo menos rudimentos de leis, não mais sómente a expressão de fatos izolados. Especialmente, para a geometria, o trabalho que acabei permitirá estudar não mais uma curva izolada, porem simultaneamente um grupo inteiro de curvas, grupo composto de uma infinidade de individuos considerados até então como necessariamente distintos.

A analoga da elipse (essa curva sendo muito simples só tem uma) é a hiperbole; as propriedades conhecidas dessas duas curvas as aproximavão já uma da outra,

porem a fuzão não tinha sido ainda tentada entre elas.
Receio vos ter enfastiado, meu caro tio, por esse longo falatorio, mas ligo tamanha importancia ao serviço que tendes a bondade de prestar-me e ao meu livro que não poderia impedir-me de entrar nos detalhes que acabais de ler. *

VI

Não esqueçais que o meu repouzo depende muito da vossa saude.

(*69ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

Prevenido por Clotilde que Ela tencionava retomar a WILLELMINA no Mercuridia, o nosso Mestre já tinha projetado escrever-lhe nesse dia, para compensar a angelica vizita de que ficava privado. Antes, porem, de dar cumprimento a essa delicioza rezolução, recebeu a tocante confidencia que Ela lhe dirigíra. Esse incidente veio pois dar maior encanto ao projeto do Filozofo, juntando novos motivos á expansão da sua ternura. Assim, na hora em que devia falar-lhe, entreteve-se em redigir a seguinte carta:

Sexagezima-sexta carta

Mercuridia 8 de Outubro de 1845 (2 h. da tarde).

Antes de receber a vossa ecelente carta de hontem á tarde, já tinha espontaneamente projetado, minha bem-amada, escrever-vos hoje, só pela necessidade de adoçar o intervalo das nossas duas entrevistas hebdomadarias compensando, tanto quanto possivel, a vossa cara vizita periodica. Mas, alem disso, devo agora testemunhar-vos quanto comoveu-me a vossa interessante explicação, embora o vosso ultimo apelo á minha cordial intervenção não exigisse, aos meus olhos, nenhum esclarecimento privado. Agradeço-vos sobretudo terdes retardado assás essa confidencia para conservar-me intato todo o merito desse pequeno ato de amizade; si vós sómente podieis imaginar tal delicadeza, sei, do meu lado, bem apreciar a eximia suavidade dela.

Aqui, minha adoravel Clotilde, como em qualquer outro cazo anterior, sinto, á medida que a nossa intimidade se dezenvolve e se consolida, quanto ela importa, não

* Vide a obra de Maximilien Marie, *Théorie des fonctions de variables imaginaires*. Tomo terceiro, 1876, ps. 25-27.

sómente á minha felicidade, mas tambem ao meu melhoramento. Já vos expliquei assás a sua precioza reação intelectual, tão afortunadamente conforme ao novo carater geral, mais afetivo do que especulativo, peculiar á segunda metade da minha carreira filozofica. Mas até aqui eu não tinha tido o ensejo de agradecer-vos especialmente a sua influencia, ainda menos contestavel, sobre o meu proprio aperfeiçoamento moral. Desde que sou inspirado por esse amor, tão nobre como terno, que me permitis doravante qualificar nitidamente, sinto que me vou tornando melhor e mais justo para com todos. Ele aumentou o meu apego para com os meus verdadeiros amigos, e mesmo a minha indulgencia para com os meus principais inimigos; ele torna-me mais brando com os meus inferiores, e mais subordinado aos meus superiores: em uma palavra, ele faz-me amar mais todos os meus deveres quaisquer. Deixai-me render-vos uma delicioza homenagem pessoal por esse preciozo progresso, que não provêm sómente da natureza dos meus sentimentos, mas sobretudo da elevação e da pureza do ente adorado.

Com que admiravel delicadeza sabeis atenuar as vossas justas queixas em relação aos vossos, para fazer melhor realçar as suas verdadeiras quaiidades! De resto, partilho, no fundo, a vossa opinião a respeito deles. Vos tenho dito muitas vezes, minha Clotilde, sois realmente bem nacida por todos os lados, e é para mim uma felicidade ver-vos sentir dignamente essa imensa vantagem, que só uma apreciação comparativa poderia fazer-vos estimar assás. Concordo essencialmente convosco sobre a aptidão natural do vosso irmão a tornar-se um homem superior, si ele tivesse sido, como o dizeis tão bem, mais energicamente educado; porque, ele preenchia, no grau suficiente, a dupla condição fundamental de tal advento, quanto á força intelectual e á elevação moral; as suas mais graves lacunas, mesmo mentais, provêm sobretudo da incuravel prezunção dezenvolvida pela adulação materna. Tive hontem a satisfação de felicitá-lo, salvo algumas prolixidades superfluas, pela sua nobre e memoravel carta ao vosso digno tio da Austria. Foi tambem com grande prazer que lhe anunciei a minha rezolução de render ao seu trabalho matematico uma mais completa justiça publica, dezenvolvendo convenientemente, por ocazião de uma segunda edição, a pequena nota antecipada que lhe

consagrei, a titulo de animação provizoria, antes mesmo de ser publicado o seu primeiro opusculo, e quando a sua idéia-mãi não existia ainda, aos seus proprios olhos, sinão em germen confuzo. *

Perzistí, minha nobre amiga, em trabalhar dignamente, com a firme convicção de terdes emprehendido uma tarefa verdadeiramente util, e sem vos preocupardes com os cuidados da publicação. Esperemos que, desta vez, Marrast saberá comprehender-vos e sustentar-vos: devemos aliás fazer empenho, tanto quanto convem, pela vossa inserção prévia no *Nacional*, que facilitaria muito uma edição definitiva. Porem, por mais util que seja, a diversos respeitos, esse preambulo, não o creiamos entretanto indispensavel. Si ele vos vier a faltar, como o passado póde ainda fazê-lo receiar, conto que poderemos libertar-nos dele, e eu mesmo ocupar-me-ei de achar-vos o editor. O amor inspirou-me, para esse fim, um meio ecepcional, cuja eficacia especial uma reflexão aprofundada me indica cada vez mais. Permití-me que não vo-lo explique sinão em cazo de recuza pelo *Nacional*, tanto mais quanto o terei então amadurecido melhor: já tenho porem muita confiança nele. Não penseis pois sinão em tornar a vossa obra plenamente digna de vós e, ouzo ajuntar, do

Vosso caro filozofo,

ATE. COMTE.

A nossa comum sinceridade me determina, minha carissima amiga, a pedir-vos abertamente um favor que eu poderia talvez arrancar tentando uma sucessão gradual de rodeios, pouco dignos dos caracteres de ambos nós. A faculdade do tuteamento secreto, empregado com a moderação conveniente, ser-me-ia, confesso-o, infinitamente precioza, quando mesmo a vossa propria dispozição atual vos impedisse de dar-lhe a plenitude de valor inherente á reciprocidade. Experimento agora tal

* A nota a que o nosso Mestre se refere vem na sua GEOMETRIA ANALITICA p. 25. Ahi, depois de ter mencionado no texto a concepção de Maximilien Marie, Ele diz:

« Um joven geometra, M. Marie, ex-aluno da Escola politecnica, acaba de conceber essa pintura das soluções imaginarias de uma maneira mais profunda e mais geral do que em nenhu[ma] das tentativas anteriores, de modo a obter algumas vezes felizes confrontos inesperados, e sem fazer-se aliás nenhuma grave iluzão sobre a realização uzual de tal aperfeiçoamento. — R. T. M.

tendencia involuntaria a recorrer a isso que ela parece-me se ter tornado doravante uma verdadeira necessidade para o meu coração, afim de melhor exprimir a intimidade da minha afeição, sem alterar a sua pureza essencial. Mas essa concessão só teria, aos meus olhos, o seu verdadeiro valor si não vos custasse nenhum penozo esforço. Si pois ela vos inspira hoje a menor repugnancia, não receieis adiá-la ainda. Para facilitar-vos o meio de vos pronunciardes, não me respondais sinão no cazo de aquiecencia. O vosso simples silencio a este respeito me advertiria assás que o meu pedido parece-vos indiscreto ou prematuro, e eu não hezitaria em conservar desde então a fórma atual, sem nenhuma murmuração direta nem indireta, até um melhor futuro.

Adeus, minha terna amiga, até depois d'amanhan á tarde, e mais especialmente até o nosso primeiro Sabado, para ouvirmos, espero eu, a admiravel *Lucia* Persiani.

Clotilde respondeu-lhe na manhan seguinte:

Sexagezima-setima carta

Jovedia de manhan 9 de Outubro de 1845.

Meu caro amigo, far-me-eis experimentar um doce prazer chamando-me Clotilde: será esse o privilegio do vosso titulo de protetor, e eu vo-lo outorgo com ternura. Quanto ao tuteamento, confesso-vos que me foi sempre antipatico, e que me embaraçaria muito nas nossas relações. Ha atualmente mais bondade do que graça no meu coração: é força perdoar-me isso, porque eu nada posso ahi absolutamente.

Agradeço-vos os cuidados pelo advento de Willelmina. Espero bem que o *Nacional* tomará o que eu publicar nesse genero. Fui dezageitada na minha faina hebdomadaria; foi isso que pôz M. M... em embaraços para falar-me de novo em tal. Vendo as pobrezas de todo genero que se estão publicando durante a sessão, lamentei não ter sabido fazer-me um lugar, e ganhar ahi algum dinheiro. Si me restituirem os meus artigos, vereis que os seus principais defeitos erão um pouco de audacia e demaziada sinceridade; mas está acabado, e não falemos mais nisso.

Minha mãi partiu esta manhan um pouco mais abrandada, porem sempre fria comigo. O descontentamento reciproco que encerramos nos nossos corações me é pe-

nozo, assim como a ela, estou certa. E' esta a primeira vez que pomos tanto á mostra as angulozidades do nosso sexo, e é esta tambem a nossa primeira guerra séria.

Comecei hoje a remanejar a pena. A minha pobre cabeça está tão pouco forte que se abala aos minimos choques, e acha-se de novo assaltada pelo spleen. Entretanto creio que o peior já está passado na minha vida, e estou contente de dar um salto para fóra da trilha. A desgraça é um dezafio que acaba por dirigir-se ao orgulho, o qual acaba tambem por dominar o resto. E' assim que muitas bossas se deprimem para dar lugar a outras, e que morremos a maior parte tão diferentes do que nacemos.

Até Venerdia, meu carissimo filozofo. Estou alegre como uma menina pela soirée de Sabado: quizera ter a alma de Rossini, tivesse embora a sua pedra.

Vossa do coração,

CLOTILDE.

Augusto Comte estava entregue á leitura do trabalho que Maximilien lhe trouxera Martedia, quando recebeu esta carta de Clotilde. E, para não interromper esse afetuozo exame, guardou a resposta para a manhan seguinte.

Sexagezima-oitava carta

Venerdia de manhan 10 de Outubro de 1845 (7 h.)

Embora pretendais, minha carissima amiga, renunciar hoje á graça, não se poderia uzar de maior em uma recuza. Fiquei aliás muito comovido com a vossa amavel franqueza; porque o meu pedido não tinha, no fundo, outro objeto essencial, sinão de bem desvendar, a tal respeito, a vossa verdadeira dispozição, afim de conformar-me cuidadozamente com ela, evitando doravante todo ensaio superfluo. A faculdade que me concedeis em lugar do tuteamento limita-se, sem duvida, a regularizar um uzo já admitido entre nós: mas eu recebo todavia com terna gratidão essa livre consagração direta. Oxalá sómente Clotilde complete em breve esse doce modo de tratamento, ouzando pouco a pouco chamar simplesmente Augusto o *protetor* dedicado que ela chama ainda cerimoniozamente Senhor Comte! De resto, chamai-me como vos aprouver; contanto que a vossa afeição equivalha á minha, não vos chicanarei mais pelas expressões. Agora que conheceis, quanto ás fórmas da nossa ternura, toda a extensão dos meus dezejos, cumpre

-me esperar com docilidade as modificações que o tempo poderá, neste particular, trazer ás dispozições espontaneas do vosso proprio coração, sem querer mais apressá-las por nenhuma importunação sucetivel de contrariar a minha bem-amada.

Estou contente de ver-vos novamente entregue á Willelmina, mas um pouco inquieto da fadiga cerebral rezultante dessa primeira volta ao trabalho. O dito que a vossa mãi referiu-me Sabado vem-me sempre á lembrança, apezar da vossa explicação de Domingo, que não tranquilizou-me inteiramente. Não heziteis, pois, minha Clotilde, eu vo-lo suplico, em suspender a vossa compozição logo que sobrevier esta tendencia splenica, que opõe-se aliás á bondade do trabalho, sobretudo no vosso genero de produção, no qual o esforço não se deve jamais fazer sentir. Por maior que seja a importancia dessa elaboração para assegurar a vossa justa independencia pessoal, não estais á tarefa: aproveitai criteriozamente dessa precioza liberdade, afim de jamais rimar apezar de Minerva.

Creio que não ha motivo para inquietar-vos muito pelas dispozições quazi hostís conservadas pela vossa mãi na sua partida. Com as contemplações legitimas que a vossa ecelente natureza vos inspirará incessantemente ao seu respeito, a fraca energia da sua vontade real e a doce tenacidade da vossa avizada rezolução bastarão pouco a pouco, com efeito, sinão na fórma, para libertar-vos convenientemente. As vossas relações com o vosso tio austriaco não forão nunca diretas, e poderião elas, em cazo de necessidade, dispensar a intervenção materna, sem nenhum conflito dezagradavel?

Teria, desde hontem, dado á vossa gracioza carta uma resposta imediata, si ela não me tivesse achado absorvido na leitura do que o vosso irmão trouxe-me Martedia do seu trabalho atual, ao qual consagrei assim, não sem alguma fadiga, quatro horas consienciozas. Entre nós, Clotilde, embora haja abordado ahi uma questão ainda prematura, elevou-se ele a uma nova aplicação, aventuroza porem interessante, da minha filozofia geral. Como no seu trabalho matematico, a idéia principal está afogada sob uma expozição mal concebida, sobrecarregada aliás de viciozas prolixidades, e muito frequentemente escrita com chocante prezunção. Si ele não seguir corajozamente os conselhos que lhe deixarei esta tarde, em uma curta nota secreta, restituindo-lhe o manuscrito, provavelmente Littré não se

decidirá jamais a lê-lo seriamente, e nenhuma revista ouzará inserí-lo. Porem, em razão de certo valor real, si a vaidade não o dominar demaziado, ele póde, refundindo tudo isso, tirar dahi verdadeira vantagem, sobretudo adquirindo a estima desse eminente apreciador. Não careço recomendar-vos a discrição sobre este sincero juizo.

Até esta tarde, encantadora amiga, e depois até amanhan: gosto de ver a minha nobre Clotilde tornar-se por momentos menina em alguma coiza. Não precizais aliás da pedra de Rossini para ter a sua alma muzical. Quanto a mim, experimento de antemão uma alegria quazi tão infantil como a vossa pela pequena festa que terá a ventura de proporcionar-vos amanhan

O vosso inteiramente devotado filozofo,

Ate COMTE.

Nessa tarde, Augusto Comte esteve com Clotilde na rua Pavée. E na noite seguinte teve a ventura de acompanhá-la aos Italianos (*Imagem normal*). Ao voltar á caza, Clotilde experimentou uma comoção cerebral, motivada, ao que parece, por uma tendencia congestiva. Seguírão-se, a esse estado, sonhos penozos, e por fim, no Lunedia 13 de Outubro, uma hemorragia ecepcional. Depois de similhante acidente, Ela sentiu-se mais disposta para o trabalho. Suponho que o nosso Mestre só teve conhecimento desses fatos no Lunedia á noite, na rua Pavée. Alarmado com o alcance que poderião ter tais fenomenos, apressou-se em escrever a Clotilde na manhan de Martedia, recomendando-lhe as cautelas que o cazo exigia.

Sexagezima-nona carta

Martedia de manhan 14 de Outubro de 1845 (7 h.)

Em nome da nossa amizade, suplico-vos, Clotilde, que suspendais todo trabalho até que tenhais seriamente consultado o vosso medico sobre o acidente de Sabado. A nova facilidade intelectual que experimentastes desde então póde só por si constituir um dezagradavel sintoma, si ela provier da ecitação rezultante da comoção cerebral. Em todo cazo, agravais com certeza o mal cedendo a essa enganadora dispozição. Alguns exemplos, tão celebres como autenticos, mostrão, é verdade, que similhantes abalos podem ter felizes consequencias, morais e fizicas; mas sentís que não se deve contar com eceções de tal ordem,

cuja maioria se refere aliás ás primeiras idades. Sem alarmar-vos fóra de propozito em uma ocazião que póde ser tão insignificante como as mais ordinarias desse genero, cumpre, portanto, não descurar nenhuma precaução razoavel, sobretudo a consulta. Pois que o doutor deve ir hoje examinar a vossa cunhada, serieis indesculpavel em não falar-lhe tambem de vós. Porem, si o vosso irmão não o mandar chamar para sua mulher, não heziteis em ir procurá-lo, explicando lhe com cuidado tudo o que seguiu-se a esse choque, sem esquecer os vossos sonhos penozos, nem a hemorragia de hontem. Quanto lamento não poder decentemente secundar-vos a este respeito!

Contarei amanhan, minha Clotilde, com a vossa boa vizita hebdomadaria, a menos que estejais incapaz de sahir. ou sejais retida por cauza de Felicie. O meu abatimento passageiro tornar-me-á essa ventura ainda mais precioza do que de costume. Devieis ter notado hontem que, nos meus novos arranjos profissionais, o nosso Mercuridia torna-se doravante perfeitamente livre. Si outras ocupações analogas me forçassem a tomar compromissos habituais para uma porção desse dia, contai que a parte (de meio-dia ás quatro horas) que comprehende naturalmente as vossas caras vizitas ficará sempre sagrada.

Adeus, minha adoravel amiga; não esqueçais que o meu repouzo depende muito da vossa saude. Recebei, na vossa linda fronte, um casto beijo do

Vosso filozofo,

Ate COMTE.

Clotilde respondeu imediatamente ao nosso Mestre, por um afetuozo bilhete bem apropriado para inspirar-lhe confiança nas suas felizes dispozições, fizicas e morais.

Septuagezima carta

Martedia 14 de Outubro de 1845.

Meu ecelente amigo, não tenhais inquietudes pelo meu craneo, o que eu sinto depois desse choque vai se abrandando; e amanhan, indo ver-vos, passarei pela caza do doutor. Quizera poder retribuir vos cada um dos testemunhos de interesse que me dais. Desgraçadamente, não passo de um oução, e força é limitar-me a olhar o que fazeis. Si o pensamento serve de alguma coiza em cazos tais, o meu põe-se em atividade muitas vezes para vós; mas

tudo isso não é quando muito sinão uma terna tagarelice.

Felicie não precizou mais esta manhan sinão do seu almoço; a pobrezinha fez rudemente a sua aprendizagem de mãi; felizmente ela é robusta.

Até amanhan, meu caro amigo. Não vos ocupeis pois com o dia da minha vizita, e não reguleis nada por ele; irei ver-vos do mesmo modo em qualquer outro momento, assim ficai bem livre. Simpatizo bem do fundo do coração com os enfados dos vossos afazeres. Sinto quanto deve custar decer do pensamento ao machinismo. E' essa a cruz das inteligencias superiores. Porem si a rezignação é a mais razoavel das virtudes, é sobretudo em face do impossivel.

Adeus, ainda uma vez; passai bem, e não vos deixeis abater nem dominar por essa pecora de sensibilidade que faz tanto mal á cauza publica, queria dizer total.

Vossa de coração,

CLOTILDE DE V.

VII

> Referindo tudo á Humanidade, a unidade torna-se mais completa e mais estavel do que esforçando-se por tudo referir a Deus.
>
> (AUGUSTO COMTE — 7ª *circular*.)

No dia seguinte, a vizita de Clotilde ao nosso Mestre parece ter confirmado o lizongeiro estado que a carta precedente traduz. E é de prever a benefica influencia que tão grata constatação exerceu sobre o terno Pensador.

Ele tinha recebido, nesse mez, uma carta do então seu joven dicipulo P. Laffitte [1] na qual este mostrava-se alarmado com os progressos que o clericalismo fazia nas classes dominantes da sociedade franceza. [2] O nosso Mestre respondeu-lhe nesse Mercuridia, e, esforçando-se por dissipar os seus infundados receios, lhe dizia: [3]

« Li com interesse as vossas judiciozas observações sobre as dispozições fundamentais das classes iletradas, tanto

1 As pessoas que estão a par da historia do Pozitivismo sabem que P. Laffitte foi cada vez mais deixando de corresponder, mesmo em vida do nosso Mestre, ás esperanças deste. E, depois da calamitoza morte do Fundador da Religião da Humanidade, o desvio do seu ingrato dicipulo não tardou em converter-se na mais criminoza traição.

2 *Revista Ocidental*, 1ª serie, 1886, tomo XVII p. 202.

3 *Ibidem*, p. 224.

no fundo das nossas provincias, como no centro de Paris; não vos amedronteis com a aparente recrudecencia teologica que vos mostrão, ahi, como aqui, as classes letradas, e sobretudo os nossos senhores atuais, os legistas. Segundo as vossas proprias observações, não ha nisso nenhuma especie de verdadeiras convicções religiozas, * porem sómente a extensão do machiavelismo vulgar e ridiculo, fundado na pretensa necessidade social indefinida de tal regimen mental; ora, quanto mais essa hipocrizia *sistematica* se propaga, tanto menos consistencia conserva: ela não foi perigoza sinão enquanto ficou concentrada em uma classe de elite, como dá-se ainda na Inglaterra. Aqui, essa rotina não tem verdadeiramente sinão um valor negativo, para opôr-se ás tendencias anarchicas do unico partido progressista que está organizado até hoje. Dê a opinião progressista verdadeiras garantias á ordem, tornando-se pozitiva em lugar de permanecer metafizica, e todas essas pretenções retrogradas perderão logo o seu valor social. »

VIII

> Ai de mim! Todos lutão na vida, e todos sofrem; é precizo saber agraciar as mãis sobretudo.
>
> (87ª *carta, de Clotilde a Augusto Comte.*)

Apezar das melhoras que realmente experimentava na sua saude e na sua existencia moral, Clotilde bem sentia quanto era precaria a sua situação. A crize pela qual estavão passando, desde 28 de Setembro, as suas relações filiais derramava no seu coração uma amargura infinda. Sofria pelas suas dôres e pelas dôres que dahi provinhão para a sua Mãi, cuja ternura bem conhecia. Mas o que podia Ela então fazer para impedir similhantes contrariedades? Estava convencida que todos os atritos domesticos que tanto deplorava rezultavão da sua situação dependente, e dezaparecerião desde que estivesse assegurada a sua carreira literaria. Similhante pensamento a fazia trabalhar com mais afan.

Reconhecendo-se impotente para corrigir a atualidade, Ela entregava-se porventura á esperança de um futuro sereno, quando recebeu uma carta de M^me^ Marie. O terri-

* *Religiozo* aqui é sinonimo de *teologico*.— R. T. M.

vel efeito que a sua leitura produziu no coração de Clotilde estampa-se na agonia destas linhas, escritas sobre a meza de trabalho do nosso Mestre:

Septuagezima-primeira carta

Jovedia (9 h. 1/2) 16 de Outubro de 1845.

Meu caro amigo, estou acabrunhadissima, vinha alentar-me um pouco convosco. Vêde a carta que minha mãi acaba de escrever-me. A sua colera contra mim parece que se está tornando em raiva. Fui pedir explicação disso na rua Pavée, onde se machinão todas essas feias ninharias. Estou profundamente enfastiada de tal regimen. Não seria possivel achar qualquer coiza em que empregar-me, continuando entretanto nos meus trabalhos? Eu escreveria bem facilmente quinze cartas por dia. Si eu pudesse achar um emprego de secretario qualquer, isso me ajudaria a sahir do meu fosso. Me dissestes que não recomeçarieis as vossas ocupações sinão amanhan. Si, quando entrardes, vos sentirdes com forças para vir conversar comigo, vos esperarei. Passei uma noite como louca; mandei, porem, ás seis horas á caza do meu medico, que disse-me que experimentasse um pouco de vulneraria, antes de recorrer a uma ligeira sangria.

Vossa de afeição,

CLOTILDE.

A dolorozissima impressão que se sente ao ler este bilhete póde dar idéia do abalo que ele devia ter produzido no nosso Mestre. O Filozofo não podia deixar de atender ao pedido de Clotilde; e essa entrevista constitúi uma das *imagens normais* do seu culto intimo. Era natural que nessa ocazião Clotilde se expandisse com mais franqueza sobre o seu cruciante passado, e cremos que foi nessa ocazião que confiou ao nosso Mestre o *maço fatal* relativo á sua vida conjugal.

IX

As vossas cartas cauzão-me sempre prazer, e sempre me fazem bem.

(*72ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.*)

No dia seguinte era dia da vizita do nosso Mestre á rua Pavée. Ahi Ele parece ter sabido da intenção que tinha Clotilde de sangrar-se no dia seguinte. Mme Marie era

esperada nesse dia (Sabado). Clotilde escreveu na mesma noite ao nosso Mestre.

Septuagezima-segunda carta

Sabado á tarde 18 de Outubro de 1845.

Meu caro filozofo, preferiria ir passar esta soirée ao lado do vosso fogo a vos escrever, como estou fazendo, ao lado do meu. Deixei-me ficar em caza antes para evitar as emoções que me esperão, do que para cuidar da minha cabeça, que o meu medico não achou em estado assás mau para sangrar-me. Ele assegurou-me que eu não tinha que temer nenhum acidente, e atribûi á comoção a grandissima dificuldade que tenho de ocupar-me; si ela continuasse, entretanto, eu poria quatro sanguesugas atraz da orelha, afim de acabar com isso. Vós que vos interessais tão francamente com a minha vida das duas sortes, meu caro amigo, o que não vos devo eu? Testemunho-vos o meu reconhecimento bem dezageitadamente, e á maneira de quem sofre; mas nem por isso sinto menos quanto ele é legitimo. Dai-me noticias vossas de tempos a tempos pelo correio: as vossas cartas cauzão-me sempre prazer e sempre me fazem bem.

Espero retomar a pena Lunedia, para não deixá-la mais. Farei do epizodio de que vos falei um assunto particular de novela. É um dos mais dramaticos a adaptar á epoca. Willelmina ficará só como um exemplo da desgraça da ecentricidade. Tirando-lhe todo ponto de similhança comigo, creio fazer assás para a *censura*. Vós me perguntastes uma vez, meu digno amigo, si minha mãi conhecia a mais triste faze da minha vida. Lembro-me que não vos respondi, e vos devo quazi uma reparação por isso. Jamais pude tomar sobre mim abordar esse dolorozo assunto, a não ser com ela, e essa expansão não me fez bem.

Adeus, caro homem, amai-me; e ficai certo que vo-lo retribuo bem. Aperto-vos ternamente a mão.

CLOTILDE DE V.

Augusto Comte, do seu lado, deixára de ir aos Italianos, e consagrára a noite á leitura do *triste maço*. Foi então que conheceu toda a grandeza do infortunio de Clotilde. Na manhan seguinte escreveu-lhe dando conta do rezultado da sua leitura bem como das nobres e ternas impressões que esta lhe cauzára.

Septuagezima-terceira carta

Domingo de manhan 19 de Outubro de 1845 (10 h.)

Mando Sofia esta manhan para saber, minha carissima amiga, noticias exatas da vossa sangria de hontem, e do estado geral da vossa precioza saude. Ela vai tambem encarregada de trazer-me as vossas informações sobre a volta da vossa mãi, sem obrigar-vos a escrever-me. Si a vossa saude exigir uma assistencia assidua, não hezitareis, espero eu, em considerar Sofia como estando ao vosso serviço tanto quanto ao meu: essa ecelente mulher preencheria aliás com satisfação, mesmo desde hoje, o oficio de vossa enfermeira, que não poderiamos confiar melhor a ninguem. Sentireis facilmente, Clotilde, que tal solicitude constitûi uma das mais legitimas atribuições do doce protetorado que livremente me conferistes.

A minha auzencia dos Italianos permitiu-me hontem de consagrar a minha soirée a ler com cuidado o vosso triste maço, que retomareis Mercuridia, si, como espero, nada impedir a vossa cara vizita hebdomadaria. Embora a natureza desse ente não tenha jamais podido merecer a nobre união que obtivera, ele parece-me, no fundo, ainda mais desgraçado do que criminozo. Tanto quanto posso penetrar assim um carater que viza sempre o efeito teatral, não o julgo radicalmente aviltado sinão para o fim, quando familiarizou-se assás com a sua fatalidade. Ele afeta demaziado o pendor ao suicidio para ter sucumbido a tal. Entretanto, tudo leva a crer que, de qualquer outra maneira, ele terminou, ha dois ou tres anos pelo menos, a sua deploravel existencia. Uma fraze da penultima carta poderia fazer conjeturar que ele acabou como soldado, provavelmente prussiano ou holandez, si o conjunto da sua historia não parecesse contrario a tal supozição. Talvez se deva sobretudo esperar das ilhas Bourbon e Mauricia a prova do desfecho, si ele lá foi reanimar antigas relações, ou mesmo lá tentar os recursos especiais de uma primeira inclinação. Cazo não se haja ainda feito pesquiza alguma desse lado, permití-me experimentar essa via. De resto, por mais penoza que me seja essa leitura, devo ter a coragem de recomeçá-la, afim de melhor vos servir.

Ela avivou naturalmente a profunda impressão que produziu-me a vossa tocante *Lucia*, e com o irrezistivel acrecimo de energia que distingue sempre a realidade da mais poderoza ficção. Hoje, como então, e ainda mais,

acabo assim, minha Clotilde, por sentir mais completamente todos os meus afetuozos deveres para convosco. O conjunto deles parece-me felizmente caraterizado já por esse nobre oficio de protetor com que espontaneamente me investistes. Similhante titulo me é tanto mais preciozo quanto permanecerá sempre compativel com o inapreciavel destino que ambiciono finalmente junto daquela que a minha respeitoza ternura não cessará nunca de encarar como a minha unica verdadeira espoza.

Em uma das vossas mais encantadoras cartas, comparaveis recentemente o movimento atual da vossa alma á profunda transformação de uma crizalida. Eu tambem, minha bem-amada, sinto a meu modo uma renovação similhante. Parece-me, cada vez mais, de alguns mezes a esta parte, e sobretudo agora, que começo, a todos os respeitos, uma segunda existencia, a um tempo mais pura e mais cheia do que aquela donde me fizestes sahir. Os seus aspetos diversos serão todos mais fortemente ligados, pela sua concentração espontanea em torno de um nobre amor, que sempre faltára como movel da minha primeira vida. Até os esforços momentaneos que vai, sem duvida, exigir a minha situação material, tudo se me tornará doce e facil sob esse possante impulso, considerando sempre a sua reação sobre vós. A nova energia assim dezenvolvida habitualmente em mim permitir-me-á aliás dispôr por tal modo o conjunto da minha atividade contínua que a minha cara elaboração filozofica não experimentará finalmente, espero eu, nenhum grave atrazo em consequencia de similhante condição, mesmo prolongada alem do que é verozimil.

Adeus, minha adoravel Lucia, até amanhan á tarde, a menos que não possais decer. Receba a vossa linda mão desde já o terno e casto aperto do vosso caro filozofo,

Ate COMTE.

A' tarde, o nosso Mestre escreveu novamente a Clotilde, respondendo á carta que Ela lhe dirigíra na vespera:

Septuagezima-quarta carta

Domingo á tarde 19 de Outubro de 1845.

Segundo uma simpatica antecipação, a carta que Sofia vos entregou esta manhan responde já a uma parte da que me havieis dirigido um pouco antes. Creio todavia

dever completar, pelo correio, essa resposta espontanea, pois que a minha cara amiga anima-me tão graciozamente a escrever-lhe a miudo. Será aliás para mim uma bem doce maneira de empregar uma nova porção do santo dia do repouzo, que eu gosto, tanto quanto possivel, de passar inteiramente perto do meu fogo, agora que o meu oficio obriga-me a sahir todo o resto da semana.

No lugar do vosso medico, eu não teria hezitado hontem em sangrar-vos um pouco: mas é precizo respeitar a sua decizão, sinão cegamente, pelo menos provizoriamente. Si aliás estais bem decidida, como me anunciais, a opôr quatro sanguesugas a qualquer proximo embaraço cerebral, essa tibieza medica não terá tido, espero eu, nenhum grave inconveniente, embora o mal já dure ha oito dias, o que é muito em simillhante cazo.

Estou encantado com o avizado partido literario que tomais a respeito da vossa interessante Willelmina. O epizodio projetado tinha, em si-mesmo, demaziada importancia para não merecer as honras de uma compozição izolada. Essa intercalação podia, aliás, alterar a unidade estetica de Willelmina, porque a vossa doloroza faze não aprezenta felizmente nenhum dos caracteres essenciais da eccentricidade que tão justamente tendes em vista. Tudo será pois para melhor, mediante essa engenhoza solução, que vos permite tambem poupar dignamente sucetibilidades que não podeis desdenhar mau grado a sua alta injustiça. O vosso filozofo está quazi envergonhado de não haver imaginado esse expediente, que devia emanar da sua ativa solicitude. Mas ele tem ainda maior prazer em felicitar por isso o afortunado tato feminino da sua bem -amada. Vêdes aqui aliás, Clotilde, como moralidade geral, que as censuras, mesmo dezarrazoadas, podem redundar na utilidade dos autores convenientemente organizados.

Sofia tendo me trazido a noticia da volta da vossa mãi, simpatizo plenamente com as graves emoções que vos assaltão talvez enquanto vos estou escrevendo isto. Todavia, a respeitoza firmeza da vossa terna natureza, junta á feliz intervenção do vosso ecelente pai, tranquilizão-me essencialmente. Espero, pois, poder constatar amanhan á tarde que a situação tornou-se novamente normal, salvo a prudencia continua sugerida doravante por esse profundo conflito. Não terei contudo seguridade, a este respeito, sinão mediante as vossas proprias informações, obtidas,

por exemplo, vos acompanhando ao santuario, ou segundo qualquer outro modo oportuno.

Agradeço-vos ternamente a vossa informação complementar sobre a confissão feita á vossa mãi do vosso mais intimo passado, e admiro-me pouco que essa doloroza confidencia tenha sido mal sucedida. A minha cordial solicitude não tem mais que conhecer, a este respeito, nada de essencial, a não ser o lugar e o tempo precizos, em relação aos quais esperarei docilmente, como quanto ao principal, a livre espontaneidade da minha nobre amiga.

A vós a minha vida,

ATE COMTE.

X

Eles são bons no fundo; minha mãi acima de todos.

(62ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.)

Felizmente, na hora em que o nosso Mestre escrevia estas enternecidas linhas, Clotilde estava passando pelas gratas emoções que Ela apressou-se a comunicar-lhe nessa mesma noite.

Septuagezima-quinta carta

(*Retardada pelo correio*)

Domingo á noite (10 h.) 19 de Outubro de 1845.

Eu vos devo bem a relação dos meus acontecimentos do dia, meu caro filozofo. Ainda não tinha visto minha mãi quando Sofia chegou da vossa boa parte, e nada pude mandar dizer-vos, a não serem cumprimentos. Alguns momentos antes dela, tinha vindo o meu irmão, com quem eu já ficára bem contente. Minha mãi por seu lado esteve tão natural e tão afavel como si não se tivessem passado entre nós sinão coizas agradaveis. Ela pôz novamente as questões sobre o tapete com a mesma parcialidade, porem sem azedume; e eis-nos em um pé sinão satisfatorio pelo menos suportavel. Si eu não tivesse tido a audacia da franqueza, não teriamos acabado com isso. Aplaudo-me, pois, pela minha medida de rigor, em lugar de deplorá-la.

Passei bem o dia; agora á noite tenho a cabeça em fogo; mas vou escaldar os pés para poder pôr-me novamente ao trabalho amanhan. Porque não se ha de a gente contentar neste mundo com os enfados pozitivos, e donde vem a mania

de cada associação munir-se bem dessa especie de ingrediente chamado censura? Lembro-me sempre do encantador rezumo filozofico que se acha no *Moleiro, o seu filho, e o asno*, e muitas vezes prometi a mim mesma ater-me a ele em muitas coizas. Não se devia falar neste mundo sinão quando não se póde fazer de outro modo; a lingua prega-nos bastantes peças.

Estou segura que tereis ficado tão contente como o meu irmão com a sorpreza que ele teve hontem á noite, meu caro amigo. Ele sahiu extaziado com a celeste cantora, e estou bem satisfeita, pela minha parte, que ele vos deva esse prazer.

Passai bem. Sofia disse-me que continuais a não dormir quazi. Eu o deploro pelos vossos dias mais do que pelas vossas noites.

O meu medico achou-me muito fortificada; diz ele que é bem possivel que eu esteja robusta dentro de um ou dois anos. Eu já o devo ao meu regimen, por tê-lo feito passar do branco ao preto.

Adeus, meu carissimo amigo; até amanhan: recebei a segurança de todo o meu reconhecimento com o da minha afeição.

Vossa do coração,

CLOTILDE DE VAUX.

Parece-me que julgastes muito bem o *homem fatal*. É um arremedo negro de Gil-Blas.

O nosso Mestre só recebeu esta carta na tarde do Martedia proximo. Porem, uma comovente circunstancia permitiu que Ele não ignorasse completamente até lá o venturozo restabelecimento das boas relações domesticas de Clotilde. Na manhan de Lunedia, era Ela deliciozamente sorprehendida por uma carta de Mme Marie. Esse inesperado desfecho do dolorozo epizodio cauzou a Clotilde uma alegria indizivel. Embora devesse encontrar-se dahi a pouco com a sua extremoza mãi, não esperou por similhante ensejo para testemunhar-lhe a sua gratidão: respondeu-lhe logo. O seu coração lembrou-lhe, porem, no mesmo instante, o imenso regozijo que esse acontecimento ia produzir em nosso Mestre. Dirigiu-se, pois, á rua Monsieur-le-Prince. Era uma hora e meia quando chegou; Augusto Comte tinha sahido. Clotilde dirigiu-lhe então este bilhete, que bem traduz o seu contentamento:

Septuagezima-sexta carta

Lunedia á tarde (1 h. 1/2) 20 de Outubro de 1845.

Meu caro filozofo, talvez já tenhais recebido a minha carta de hontem á noite. Vinha sem saber bem si vos encontraria, mas tambem com o intuito de passeiar, porque não estou ainda em estado de ocupar-me assiduamente hoje. Vou ainda dar que fazer aos meus pés: vou indo cada dia um pouco melhor, mas vejo bem que tenho sobretudo os nervos abalados, e que esse exercicio não póde pregar-me uma peça má. Deixo-vos uma carta que minha mãi veio trazer á minha porta esta manhan, e que fez-me um grande bem. Respondi-lhe algumas palavras cheias da afeição que ela me inspira a despeito das nossas pequeninas dezavenças e das nossas diferenças de natureza.

Não poderei talvez vir ver-vos Mercuridia: em todo cazo, até esta tarde. Recebei todos os meus votos e a segurança do meu apego. Não quizera ser condenada a servir-me uma hora da vossa pena. Acho-vos bem habil em tirar dela tão belas coizas.

C. V.

Mas o estado de saude de Clotilde não permitiu que Ela passasse a noite na rua Pavée, onde Augusto Comte teve de novo o dezapontamento de não encontrá-la. M^me^ Marie preveniu-o porem, que Clotilde tencionava escrever-lhe na manhan seguinte. Esta noticia não tranquilizou Augusto Comte. Aguardou anciozo, até Martedia á tarde, a carta de Domingo e a que lhe fôra anunciada por M^me^ Marie. E, nada recebendo, decidiu-se a escrever a Clotilde, e mandou a carta por Sofia, afim de obter noticias sem que a sua Bem-Amada fosse obrigada a tomar a pena.

Septuagezima-setima carta

Martedia á tarde 21 de Outubro de 1845 (2 h.)

Inquieto pela brusca necessidade que vos fez passar a tarde de hontem tão diferentemente do que contaveis algumas horas antes, vos escrevo por Sofia afim de ter prontamente noticias vossas sem forçar-vos a tomar a pena cedo de mais. Apezar de vossa mãi ter-me anunciado, em vosso nome, e aliás muitissimo graciozamente, que me escreverieis esta manhan, receio que a vossa saude vos inhiba de tal esforço. De resto, tive a felicidade de saber

que havieis afinal recorrido ás sanguesugas: lastimando que isso não tenha sido feito oito dias antes, espero todavia que o remedio tenha sido ainda oportuno.

Pela segunda vez, em poucos dias, acabo pois de perder involuntariamente a vizita da minha bem-amada! Hontem, porem, eu tinha, pelo menos, a imperfeita consolação de atribuir a minha auzencia a um dever periodico, recentemente especificado diante de vós, embora sejais por certo bem desculpavel de o haverdes esquecido. Devo aproveitar esta ocazião para deixar-vos por escrito uma util indicação: é somente nos Lunedias e Venerdias (os nossos dias de entrevista oficial) que o meu serviço quotidiano começa á hora e meia; nos Martedias, Jovedias e Sabados, chego lá de manhan (ás nove horas), bem como nos Lunedias, em que eu tenho pois uma dupla corvéa, que torna-me livre o Mercuridia bem como o Domingo. Quando o meu oficio impuzer-me novas restrições habituais, eu completarei, para o vosso uzo, as minhas indicações de disponibilidade periodica. De resto, não saio mais agora sem anunciar a Sofia a hora provavel da minha volta, afim de que possais, em cazos como o de hontem, julgar si vos convem esperar por mim, procedendo vós aliás com tanta liberdade como na outra vossa caza.

A carta que me escrevestes hontem sobre o meu proprio *bureau* maldizendo esta mesma pena que manejo agora com tamanha alegria inspirou-me uma grave inquietude quanto á vossa carta de Domingo á tarde, que não chegou hontem, nem antes nem depois da vossa vizita. Embora o correio não me tenha nunca perdido nada, começava a temer aqui uma funesta eceção. Mas acabo de ser obrigado a interromper a minha satisfação de escrever-vos pela ventura, ainda maior, de ler-vos; essa carta chega-me enfim, marcada de um carimbo adicional, com uma inscrição oficial indicando um atrazo acidental. Estou pois livre do susto; proponho-vos entretanto de prevenir melhor esses alarmas, numerando nós ambos cada uma das nossas cartas, segundo a ordem da emissão qualquer delas; já indico assim, desde a origem, a ordem de recepção das vossas. Começando hoje, assinalo-vos esta carta que estou escrevendo como a quadragezima-segunda que tive o prazer de dirigir-vos, incluzive o pequeno bilhete inicial sobre a afortunada remessa do *Tom Jones;* a que me escrevestes hontem, em minha caza, é a vossa trige-

Retrato do Capitão MARIE, (Joseph Simon)
Pai de CLOTILDE.
(Segundo uma miniatura colorida pertencente
á Familia Marie.)

O ANO SEM PAR. *p. 435*

zima-quarta, e marco como trigezima-quinta, embora escrita antes, a vossa carta de Domingo á noite, por ter chegado depois da outra. A comparação dos numeros de recepção com os de emissão vos indicaria logo as irregularidades de transmissão. De resto, a unica carta minha que está ainda sem resposta é aquela pela qual respondi no Domingo á tarde á vossa de Sabado á tarde, e que o correio deve vos ter entregue sómente hontem de manhan.

Os nossos diversos detalhes intimos estando assim regulados, começo testemunhando-vos a minha reconhecida admiração pela vossa encantadora expressão de Domingo á noite sobre as minhas insonias, que vós deplorais *mais pelos meus dias do que pelas minhas noites*. Não conheço, em lingua alguma, nenhum torneio-de-fraze terno, tão delicado e tão graciozo, que seja ao mesmo tempo tão felizmente verdadeiro. É, com efeito, nessas arrebatadoras insonias que sinto melhor quanto vos amo, quando passo tantas horas deliciozas a ocupar-me de vós, dirigindo-vos ás vezes intimas exclamações. Sou então quazi tão venturozo como quando vos estou lendo ou escrevendo: não ha acima disso sinão a felicidade de contemplar-vos nas livres expansões da nossa pura afeição. Ah! quem me dera poder empregar assim toda a minha vida, salvo o tempo consagrado ás grandes coizas que devo ainda á Humanidade!

Estou tão satisfeito como vós com a venturoza terminação, pelo menos atual, do vosso recente conflito de familia, e felicito-vos sinceramente pelo conjunto da vossa conduta nele; sem a vossa respeitoza energia, não terieis podido obter esse rezultado. Embora a ternura materna haja afinal prevalecido, a carta de vossa mãi mostra claramente que ela conserva para convosco as mesmas prevenções principais. Esta contradição parece-me indicar a secreta preponderancia do vosso digno pai, ao qual deveis sem duvida essa mudança imprevista. Por isso tambem foi com prazer que fiz hontem esse nobre ancião conversar amplamente sobre as suas caras campanhas, depois de o ter visto aceitar com franqueza o meu convite geral para os Italianos.

Julgastes de antemão muito bem a minha satisfação pela venturoza sorpreza muzical do vosso irmão, ele agradeceu-me isso cordialmente hontem. Espero não deixar nessa estréia o seu conhecimento da nossa divina Persiani.

Quanto sou feliz por ter, graças a vós, instituido enfim a minha *cadeira do proximo*, que permite-me tão facilmente gratificar tantos amigos! Si eu fizer, no ano proximo, algumas economias pessoais, elas não versarão sobre isso. O coração do vosso irmão deve aliás, sem que ele o saiba, melhorar-se, mesmo a nosso respeito, por um certo habito dessas nobres emoções esteticas.

As suas doces ocupações em Versailles conduzírão vossa mãi a algumas relações com um velho pintor amador, que quer pintar-vos rapidamente. Devo, minha bem-amada, conjurar-vos a permitir-lh'o; porque talvez esteja eu interessado ahi diretamente. Si isso pudesse enfim determinar vossa mãi a realizar o feliz projeto que ela nos indicou quanto ao vosso divino retrato, poucos dias depois do parto de Felicie!

Não terminarei sem testemunhar-vos especialmente a minha gratidão pelo terno motivo da vossa caminhada de hontem, destinada sobretudo, sentí-o logo, a melhor dar-me noticia do feliz desfecho atual do vosso conflito filial.

Adeus, minha adoravel Clotilde; deixo-vos com pezar, para ocupar-me de outro modo convosco, relendo o maço fatal, com o qual restituir-vos-ei a ultima carta da vossa mãi, por ocazião da vossa proxima vizita, que esperarei amanhan, como de costume, a menos de novo avizo. Alem da justa compensação do meu duplo dezapontamento de hontem, acharei nisso a segurança de que não perturbareis a vossa recente medicação por uma volta demaziado pronta á Willelmina. Si todavia não puderdes sahir, me permitireis que suba ao atelier?

Vosso filozofo,

A^{te} COMTE.

Para melhor conhecimento da vida intima do nosso Mestre transcreveremos os seguintes detalhes dados pelo Sr. P. Laffitte:

« Augusto Comte tinha a sua cadeira nos Italianos para os martedias, jovedias e sabados, isto é, para os tres dias de Italianos; o que era muitissimo raro para os assinantes que ordinariamente só tinhão um dia; porem Augusto Comte era insaciavel de muzica e, de resto, ele fazia os seus amigos aproveitarem largamente da sua cadeira. Ela era na primeira fileira das cadeiras de orchestra, á direita de quem olha para a sena. Augusto Comte tinha esco-

lhido esse lugar para receber o ar fresco, ao levantar-se o pano. De resto, ele fizera conhecimento não sómente com os seus vizinhos, mas tambem com os muzicos com quem conversava familiarmente, e um deles o vizitou muitas vezes com a sua joven espoza. Entre os assinantes achava-se o famozo Hahnemann, homem de espirito e bom conhecedor de muzica; Augusto Comte o viu por pouco tempo, [1] mas ele continuou relações até o fim da sua assinatura dos Italianos com a viuva, muito mais moça do que o seu marido; a orchestra dos Italianos era então um verdadeiro salão. Augusto Comte contou-me nessa epoca um singular equivoco que se dera em uma conversa dele com Mme Hahnemann, no emprego da palavra especulação; Augusto Comte referia-se ás especulações dos filozofos, e Mme Hahnemann ás da Bolsa. Mme Hahnemann, senhora aliás encantadora, era doutor em medicina, por uma faculdade dos Estados-Unidos, homeopata, é verdade.

« Mais tarde Augusto Comte suprimiu a cadeira do martedia e só conservou as do jovedia e do sabado, mas tomando duas cadeiras vizinhas para este ultimo dia; ele chamava esta segunda cadeira do sabado, *a minha cadeira do proximo;* [2] isso permitia-lhe levar consigo alguem ou mandar dois amigos... Deixava-se entrar no teatro a vista de um bilhetinho, impresso em parte, que Augusto Comte assinava, escrevendo com o seu proprio punho a data da reprezentação com que ele queria obzequiar a pessoa a quem cedia a sua cadeira. [3] »

XI

A nossa especie mais do que as outras preciza de deveres para fazer sentimentos.

(79ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.)

Apezar das beneficas reações devidas á cessação da crize que viera perturbar a sua paz domestica, a saude de Clotilde continuava extremamente precaria. O piedozo disfarce com que procurava dissipar as aprehensões dos que a cercavão não conseguia iludir a Augusto Comte. Estimulada pela sua incomparavel paixão, a perspicacia

1 Hahnemann morreu em Paris em 1843.— R. T. M.

2 Vê-se pela correspondencia sagrada, VOLUME SAGRADO ps. 370 e 386, que essa *cadeira do proximo* foi instituida tendo especialmente em vista Clotilde. — R. T. M.

3 *Revista Ocidental.* 1ª serie, tomo XVII, 1886, ps. 200-201. — R. T. M.

natural do Filozofo adquiríra uma sensibilidade extraordínaria, que não lhe deixava escaparem os minimos sintomas. Alem disso, os seus conhecimentos biologicos lhe permitião apreciar o grave alcance que tais sintomas podião adquirir de um momento para o outro. O mesmo já não acontecia com a Familia Marie. A devotada despreocupação de Clotilde inspirava aos seus uma tranquilidade que fazia crecer os alarmas do nosso Mestre. Dominado pelas suas aprehensões, o Filozofo assistia com indescritivel anciedade a segurança que via reinar em torno de Clotilde, sobre uma saude que todos sabião no entanto abalada por tantos sofrimentos e pezares.

Foi sob essas dolorozas impressões que Augusto Comte se separára de Clotilde, na sua vizita de Venerdia 24 de Outubro, á rua Pavée. Ao mesmo tempo, essas inquietudes contribuião para agravar o estado de saude do nosso Mestre. Continuavão as suas insonias; e de dia tinha que atender aos seus afazeres profissionais, alem dos passos que era obrigado a dar para angariar dicipulos. Póde-se imaginar, em tal situação, como teria passado essa noite. Na tarde de Sabado, depois de uma hezitação talvez mais penoza do que as suas aprehensões, decidiu-se a mandar Sofia saber noticias de Clotilde.

Septuagezima-oitava carta

Sabado á tarde 25 de Outubro de 1845 (1 h.)

Com risco, minha Clotilde, de ser taxado de ecessiva solicitude, mando Sofia saber noticias da vossa cara saude, sobre a qual fiquei hontem um pouco inquietado pela aceleração sustentada do vosso pulso, o ardor da vossa mão, e o vosso abatimento fizico ou mesmo moral. Embora vos importe poupar as vizitas medicas, não hezitois, eu vos suplico, si esses sintomas perzistirem, em consultar amanhan o medico que habita a vossa caza.* Conto primeiro que tudo que não tornareis a voltar cedo demais á Willelmina.

É em cazos simillhantes que sinto mais penozamente a extrema insuficiencia das nossas entrevistas oficiais, sobretudo desde que elas têm lugar em uma obscuridade tal que eu saio sem quazi vos ter visto, a não ser, por assim dizer, no instante de apertar-vos a mão. Essencialmente

* Era o proprietario.—R. T. M.

reduzido só á ventura de ouvir-vos, devo aliás evitar mesmo de testemunhar-vos demaziado a minha cordial solicitude, que formaria um chocante contraste com a extranha seguridade que vejo reinar em torno de vós sobre uma saude que sabem no entanto achar-se abalada por tantos sofrimentos e pezares. Que diferença entre essas soirées e as entrevistas como a do nosso ultimo Mercuridia, que, no dia seguinte, oferecia-me ainda todas as suas delicias, porque, nas emoções verdadeiramente puras, o ressaibo não tem menos valor do que a propria sensação. Esse contraste radical das nossas duas sortes de entrevistas faz-se vivamente sentir, na manhan seguinte, na amoroza oração pela qual, desde a Santa Clotilde, começo cada dia. De joelhos diante do vosso altar, sobre o qual agora coloco o *dom do coração*, ela consiste simplesmente em repetir uma serie cronologica de curtas passagens das vossas cartas, as mais apropriadas para caraterizar a marcha e a tendencia da nossa santa afeição. Ora, embora essa rapida comemoração das nossas principais fazes ofereça sempre o mesmo fervor, ela é mesclada de amargos pezares ou de arrebatadoras esperanças quanto á nossa situação respetiva, conforme a natureza de cada ultima entrevista. Todavia, por mais imperfeitas que sejão as minhas vizitas da tarde, crêde-me, minha bem-amada, que, até um melhor destino, ligar-lhes-ei sempre muito apreço, quando mesmo não fosse sinão para apertar ternamente a vossa cara mão e ouvir a vossa doce voz.

A necessidade de escapar á penoza impressão que me deixava o maço fatal acaba naturalmente de conduzir-me a uma quarta leitura da vossa tocante *Lucia*, que eu não relêra desde o começo de Julho. Só vós podeis dignamente comprehender o novo genero de doces emoções que devi experimentar assim, agora que sei até que ponto a vossa doloroza realidade se assimelha a essa patetica ficção. Quanto admirei melhor a nobre rezolução do vosso grande coração, longe de *espalhar a perturbação que sente*, fazer rebentar, do conjunto dos seus sofrimentos, uma alta instrução geral! Apreciei melhor tambem a generoza razão que, mau grado tão injustos tormentos, vos faz conceber a sociedade sem nenhuma amargura pessoal. Que ternas lagrimas derramei ainda sobre a inapreciavel maxima pela qual caraterizais, ao abrigo de toda aberração contemporanea, a verdadeira destinação das mulheres! Oh! minha

carissima Clotilde, contai para sempre com a respeitoza adoração do vosso filozofo, que se sente apenas digno de vós,

ATE COMTE.

Exprobrei-me por não vos haver pedido Mercuridia a carta escrita para mim na vespera, porem não enviada. Si a conservastes, espero que não me privareis dela, embora eu a reclame um pouco tarde, tendo julgado então que estava destruida. Sabeis qual o valor que ligo ás vossas menores comunicações.

Regozijo-me bastante de antemão com o prazer que conto proporcionar esta noite ao vosso digno pai. Mas essa alegria ficaria meselada de inquietude, si depois não o reconduzisse até a sua porta. Este complemento de satisfação me fará sómente deitar mais tarde; ora, eu já tinha projetado de não sahir de todo amanhan Domingo.

Segundo minha recente promessa, previno-vos que já modifiquei o meu duplo serviço do Lunedia, tornando-o contínuo, de meio-dia ás tres horas; mediante esta pezada corvéa, as unicas manhans em que saio forçozamente serão as dos Martedias, Jovedias e Sabados.

Clotilde havia recebido nesse dia uma comovente carta do seu Irmão mais moço, Leon. Ele era militar e projetára vir passar algum tempo com os seus. Clotilde respondeu-lhe imediatamente; e achava-se porventura entregue aos melancolicos pensamentos sugeridos pela sua ternura fraterna, quando Sofia chegou. A carta de Augusto Comte veio aumentar as suas gratas emoções. Respondeu-lhe afetuozamente:

Septuagezima-nona carta

Sabado 25 de Outubro de 1845.

Meu caro amigo, como sempre fico muito comovida com a vossa solicitude: os testemunhos de um interesse tão verdadeiro como o vosso chegão sempre a propozito em uma vida como a minha.

Confio-vos até amanhan uma carta triste e tocante que acabo de receber, e a que respondi antes de mostrá-la na rua Pavée. Ofereço ao meu caro Leon um dos meus dois quartos, e todos os meus pequenos cuidados para tornar a sua estada aqui possivel e pouco dispendioza. Espero que ele aceitará essa ultima comunidade comigo, e que con-

cordarão com isso na familia. O meio-soldo deve poder se conciliar com a prudencia e a moderação. Já que não sahis nos Domingos, estou com vontade de tomá-los doravante para mim; em todo cazo, começarei amanhan. Esperai-me a uma hora mais ou menos; porem sobretudo ficai sempre sem inquietude si eu faltar, isso póde depender de nada quazi.

Purguei-me, mas continúo com o pezo na cabeça; talvez isso dure por todo o resto do mez. As pulsações vão-se com uma gota de vinho de quina. Uma coiza carregando a outra, tudo acabará talvez por ir-se embora, e eu sofro em suma muito menos. Tudo o que dizeis é verdade, mas o que quereis? Não é hoje a clarividencia que me falta; e, conquanto seja uma triste aquizição, sinto-me mais forte desde que a fiz. Sou sem azedume, tendes razão: porem não me tornarei nunca mais a mulher que já fui; e não aconselharia a um amigo que cahisse no ecesso da bondade. Tomai isso um pouco para vós de passagem, não podia ir a melhor endereço. Não, o grosso dos homens não é nem bom nem generozo. A nossa especie mais do que as outras carece de deveres para fazer sentimentos. Quantos egoistas ha alem do aro da familia! Mas seria precizo um pouco de cabeça para tratar de um assunto destes, e eu quazi nenhuma tenho agora. Até amanhan, meu caro filozofo; decididamente, si convier-vos, o Domingo será para nós, como para os crentes, o dia do repouzo. Eu vos agradeço e vos aperto a mão.

XII

> A ventura de deferir aos vossos dezejos quaisquer prevalecerá sempre em mim sobre todos os motivos pessoais de preferencia contraria.
>
> (*81ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

No dia seguinte, Clotilde veio vizitar o nosso Mestre, conforme prometêra. Ele recebêra com pezar o projeto de substituir os Mercuridias pelos Domingos; mas conformou-se logo com a preferencia de Clotilde. Limitou-se apenas a ponderar-lhe que similhante arranjo deixaria de ser praticavel dentro de tres mezes, por cauza do curso popular de Astronomia que se abria em Janeiro.

A vizita de Clotilde veio, aliás, produzir no bondozo Filozofo uma inestimavel satisfação, diminuindo as inquie-

tudes que lhe inspirava a saude dela. Esses felizes augurios forão confirmados na tarde do Lunedia imediato pelo estado verdadeiramente florecente em que o nosso Mestre achou Clotilde na rua Pavée.

Mas a piedoza Senhora percebêra o amorozo sacrificio que custava ao Filozofo a preferencia que Ela dera ao Domingo para as suas vizitas. Sabia que a delicadeza afetiva de Augusto Comte tornava-lhe bem penozas circunstancias que pouco afetão as almas vulgares. Este pensamento que a inquietava desde Domingo, tornou-se mais insistente no Martedia, quando se dispunha a continuar a Willelmina. Pois que fôra a urgencia de concluir a sua tocante novela que motivára a substituição.

Cedendo, pois, a esses escrupulos, Clotilde escreveu ao nosso Mestre este afetuozo bilhete:

Octagezima carta

Martedia 28 de Outubro de 1845.

Meu caro Filozofo, espero que não me queirais mal por ter mudado o nosso Mercuridia em Domingo. Refletindo nisso, comprehendi que devieis todavia preferir o primeiro. Quando eu tiver trabalhado tres ou quatro semanas, o retomaremos, si quizerdes. Si acontecesse, nesse interim, achar-me dos vossos lados por volta do meio-dia, sei que posso ir saber noticias vossas, e é para mim um prazer pensá-lo. Reensaio hoje a minha pena; amanhan isso irá provavelmente melhor, e serei bem feliz si puder acabar sem novos estorvos de cabeça.

Contai com a minha ternura em tempo de paz como na guerra, caro amigo. E' muito justo que eu vos corresponda em alguma coiza. Como me dizia minha mãi na carta que lestes: o acazo faz os parentes, mas só o coração faz os amigos.

Sou obrigada a fazer Willelmina cahir em algumas das aventuras que rezultão da ecentridade. Esforço-me por conciliar a sua pureza de coração com o extravio do seu espirito, porque a rezervo para uma missão de juizo que ela cumprirá sob a nova direção filozofica. Isto poderá constituir uma primeira parte, e limitar-se á historia dos seus erros. Porque é que a pena não anda ao sabor do pensamento? Recebei este pequeno bom-dia com a vossa bondade habitual, meu caro Filozofo. Lamentaria recuzar-vos um nada que fosse no que posso acomodar com o resto;

e, como vos digo, retomarei o Mercuridia, si ele convier-vos mais do que o dia de repouzo.

Recebei, nesse entretanto, os meus sinceros testemunhos de afeição.

CLOTILDE DE V.

Augusto Comte levantára-se nesse dia sob a impressão de um melancolico desfalecimento, pensando no longo tempo que teria de passar sem ver Clotilde. A vista dessa acabrunhadora situação, rezolvêra escrever-lhe no dia seguinte, para compensar um pouco a auzencia da sua Bem-Amada. Tencionára tambem responder então a Mill; mas decidiu-se a adiar a importante carta filozofica que projetára, si se sentisse pouco disposto para isso, depois de haver satisfeito á principal necessidade do seu coração.

O nosso Mestre levou assim quazi todo o Martedia; á tarde, porem, o encantador bilhete de Clotilde veio, por felicidade, dissipar a terna opressão em que Ele se achava. Entretanto a sua ecitação nervoza o fez consumir ainda essa noite em uma das suas arrebatadoras insonias. E já o Mercuridia estava quazi em meio, quando pôde realizar o consolador projeto que formára na vespera, respondendo ao afetuozo bilhete da sua terna Inspiradora.

Octagezima-primeira carta

Mercuridia de manhan 29 de Outubro de 1845 (11 h.

A ventura de deferir aos vossos dezejos quaisquer prevalecerá sempre em mim sobre todos os motivos pessoais de preferencia contraria. Por isso, minha carissima amiga, aceitei logo no Domingo o vosso projeto de transformação da nossa cara jornada hebdomadaria. Mas, pois que já vos sobrevêm, neste assunto, alguns escrupulos espontaneos, indicar-vos-ei livremente a opinião pessoal que me pedis. Alem de que o vosso novo arranjo tornar-se-á impraticavel dentro de tres mezes, como vo-lo expliquei, ao passo que o outro póde permanecer fixo, ele acha-se certamente, em geral, menos favoravel á justa continuidade das nossas relações. Porque essa precioza entrevista coloca-se evidentemente muito melhor no meio precizo do mais longo dos nossos dois intervalos oficiais do que no fim do mais curto. Todavia, sejão quais forem os meus motivos para preferir habitualmente o Mercuridia, eles cederão sem dificuldade á vossa predileção atual pelo

Domingo, por tanto tempo quanto o dezejardes, e mesmo, si fôr precizo até o fim de Janeiro.

Desde a primeira experiencia desse regimen passageiro, o meu coração sentiu já o seu inconveniente natural. Hontem de manhan experimentava uma sorte de melancolico desfalecimento pensando no longo tempo durante o qual eu ficaria assim privado de apertar a mão querida. O vosso encantador bom-dia veio, á tarde, felizmente dissipar essa terna opressão. Antes, porem, desse benefico envio, já eu tinha rezolvido proporcionar-me hoje a satisfação de escrever-vos, sem nenhum outro motivo que não a necessidade de compensar um pouco a viuvez desse novo Mercuridia. Sou aliás devedor a esse afetuozo bilhete de uma dessas preciozas insonias que caraterizastes tão bem. A nossa simpatia espontanea é talvez assás completa para que, pelo vosso lado, em vez de ver-me iniciando no pozitivismo um grave auditorio de ratinhos brancos me tenhais imaginado exprimindo aos vosso pés quanto vos amo, enquanto eu mesmo consagrava tantas horas silenciozas a saborear com intimas delicias a ventura de adorar-vos. A fadiga corporal rezultante, de dia, de tal emprego da noite é desta vez pouco deploravel; porque eu não tinha hoje outra ocupação projetada alem de uma importante carta filozofica para a Inglaterra: posso mesmo adiá-la ainda sem nenhum inconveniente, si sentir-me mal disposto quando houver convenientemente satisfeito á primeira exigencia do meu coração. Continúo, pois, a abandonar-me sem escrupulos ao prazer de testemunhar-vos o meu inexhaurivel reconhecimento pela feliz resurreição moral que vos devo, e cuja importancia torna-se, a todos os respeitos, sempre crecente. Mas não posso, infelizmente! achar agora, a este propozito, expressões tão caraterísticas como as que ha pouco surgião espontaneamente das minhas ternas meditações noturnas.

Governastes desta vez, minha Clotilde, muito criteriozamente a vossa cara saude, não voltando demaziado cedo a Willelmina. Por isso conto muito com a consolidação do estado verdadeiramente florecente em que vos achei afinal Lunedia. A perturbação cerebral rezultante do fatal concurso de uma pena moral com um acidente fizico, não deixará, espero eu, nenhum vestigio, agora que a sua dupla origem está assás dissipada.

Estou muito satisfeito, e mesmo um pouco desvanecido,

com o vosso feliz projeto filozofico sobre Willelmina. Embora a nova filozofia vos seja ainda apenas conhecida, não fiquei nada sorprehendido que a vossa admiravel sagacidade feminina tenha já radicalmente sentido a eminente aptidão excluziva do pozitivismo para consolidar hoje todos os principios essenciais da san moral, que, ha muito minada pela metafizica revolucionaria, acha-se cada vez mais comprometida pelo perigozo apoio de uma van teologia retrograda. Uma suficiente experiencia pessoal já vos mostrou aliás a injustiça ou a frivolidade dos vulgares reproches de pretensa secura que pudérão a principio atrahir para tal filozofia aqueles que não podem sentir imperfeitamente alguns dos aspetos parciais dela sinão a força de guindar penozamente o proprio espirito, ao passo que, nas pessoas que dignamente familiarizárão-se com o seu vasto conjunto, ela secundou sempre o surto natural de uma terna e ingenua sentimentalidade. Mesmo antes que ela se tivesse tornado convenientemente sistematizavel, diversos exemplos decizivos já havião constatado a sua aptidão espontanea para sustentar vantajozamente, neste particular, a concurrencia das antigas doutrinas, teologicas ou metafizicas. E' assim que, entre outras, a tocante paixão, demaziado pouco conhecida, de um geometra verdadeiramente filozofo [1] por M^lle^ de L'Espinasse foi ao mesmo tempo mais pura e mais profunda do que os amores ecessivamente celebres do mais eloquente dos sofistas [2] por M^me^ d'Houdetot.

Seguirei pois com vivo interesse as nobres ficções pelas quais concorrereis, á vossa maneira, para fazer utilmente sobresahir a potencia moral da verdadeira filozofia. Vós mesma reconhecereis assim, Clotilde, quanto estais já preparada para uma digna colaboração regular na *Revista Pozitiva*, quando o feliz projeto de Littré se houver tornado praticavel, o que certamente não póde tardar. A nossa afetuoza associação está talvez destinada afinal a tamanha celebridade como a de Voltaire com a sua Emilia: si eu tenho menos espirito do que um, vós tendes com certeza muito mais valor proprio do que a outra, o que poderá compensar tal inferioridade. De resto, conheço assás a minha Clotilde para garantir que essas nobres perspetivas não lhe farão jamais perder de vista, não menos do que a mim, o principal atrativo da vida humana, a felicidade

1 D'Alembert.— R. T. M. 2 J. J. Rousseau.— R. T. M.

de amar e ser amado. Eu ambicionarei sempre acima de tudo o titulo de:

Seu apaixonado filozofo,

ATE COMTE.

Os Italianos derão hontem *I Puritani*, embora o cartaz da vespera tivesse anunciado: *Nabuchodonosor*. Algum afortunado incidente póde pois prezervar-me tambem Sabado da nova obra-prima. Nesse cazo, eu contarei comvosco para ocupar, em cazo de recuza por parte de Felicie, a cadeira do proximo. Não disporei de outra fórma do meu duplo lugar sinão depois de ter lido o proprio cartaz desse dia.

XIII

Eis ahi o que eu comprehendo melhor do XIX seculo, é a tendencia geral dos entes para a razão em toda a sua simplicidade.

(82ª *carta, de Clotilde a Augusto Comte.*)

A modestia de Clotilde alarmou-se com a interpretação que o nosso Mestre dera as suas palavras, e Ela quiz logo explicar-lhe, com uma nobre candura, o seu pensamento.

Octagezima-segunda carta

Jovedia á tarde 30 de Outubro de 1845.

Meu caro filozofo, um dos epitetos aos quais eu seria mais sensivel, e um dos que tambem merecerei sempre menos, é o de pedante. Espero jamais falar sinão do que souber ou sentir bem; e, quando vos disse que faria uma filozofa da minha Will., não era uma filozofa sistematica que tive em mente, era uma filozofa de coração e mais nada, uma mulher que ama a humanidade por si mesma, e sem temores da caldeira fervente lá de baixo, bem como sem esperanças de possuir um leito de rozas no éter. Eis ahi o que eu comprehendo melhor do XIX seculo, é a tendencia universal dos seres para a razão em toda a sua simplicidade. Vendo como as mais modestas inteligencias participão naturalmente e sem esforço de todas as luzes obtidas, fico compenetrada cada dia mais da idéia de que a siencia não carece rezidir sinão no apice das sociedades para enriquecê-las na sua massa inteira: e, palavra, que me consolo de não ter sido iniciada nas maravilhas do quadrado da hipotenuza.

Retomarei os Mercuridias para as nossas palestras. Che-

garei á vossa caza cedo, com uma agulha: mas, si vos é indiferente não me vireis trazer na volta; tomei ha tanto tempo os meus ares de mulher abandonada que faço empenho em conservá-los.

Caro amigo, não acaricieis, por favor, as vossas insonias, como o fazeis. Vós supondes a miudo em mim mais espirito do que tenho; e, quando vos exprimi o meu pezar pela duração delas, disse-vos que o sentia sobretudo por cauza dos vossos dias, que parecião-me dever ser muito penozos sob a influencia de tal regimen. Si eu não dormisse, tomaria opio, a despeito dos seus inconvenientes. É demais viver vinte-e-quatro horas por dia. Cuidai disso, meu caro filozofo, como de tudo o mais. Estou longe de achar prazer na maior parte dos cumprimentos de que as mulheres gostão; e, quando me dizeis que não dormistes afim de pensar em mim, é inteiramente como si me fizesseis uma esfoladurazinha. Agradeço as vossas previzões para Sabado; estarei disponivel como quazi sempre. Estou entretanto com os pés em regimen por toda a semana, em lembrança do Domingo e do Lunedia. As pulsações não me poupão ao menor esforço; é precizo, de bom ou mau grado, premunir-se contra elas.

Adeus, caro e bom amigo; contai com a minha ternura e com as minhas simpatias.

Vossa do coração,

CLOTILDE V.

O nosso Mestre recebeu esta carta na manhan de Venerdia, e apressou-se em dissipar as modestas aprehensões de Clotilde.

Octagezima-terceira carta

Venerdia de manhan 31 de Outubro de 1845 (11 h.)

Apezar da minha vizita desta tarde, não posso, cara amiga, rezistir á necessidade de responder imediatamente á encantadora carta que acabo de receber. Quanto similhantes manifestações me fazem vivamente sentir a ventura, e mesmo a gloria, desta inapreciavel afeição!

Eu não carecia das vossas admiraveis explicações para estar seguro que a minha Clotilde não tomaria jamais a verdadeira filozofia do XIX seculo sinão pelo unico lado que convem realmente ao seu sexo. O pozitivismo póde ser abordado de duas maneiras, pela cabeça e pelo coração; ha mesmo uma terceira maneira, mas que não vai con-

de amar e ser amado. Eu ambicionarei sempre acima de tudo o titulo de:

Seu apaixonado filozofo,

Ate COMTE.

Os Italianos derão hontem *I Puritani*, embora o cartaz da vespera tivesse anunciado: *Nabuchodonosor*. Algum afortunado incidente póde pois prezervar-me tambem Sabado da nova obra-prima. Nesse cazo, eu contarei convosco para ocupar, em cazo de recuza por parte de Felicie, a cadeira do proximo. Não disporei de outra fórma do meu duplo lugar sinão depois de ter lido o proprio cartaz desse dia.

XIII

Eis ahi o que eu comprehendo melhor do XIX seculo, é a tendencia geral dos entes para a razão em toda a sua simplicidade.

(82ª *carta, de Clotilde a Augusto Comte.*)

A modestia de Clotilde alarmou-se com a interpretação que o nosso Mestre dera as suas palavras, e Ela quiz logo explicar-lhe, com uma nobre candura, o seu pensamento.

Octagezima-segunda carta

Jovedia á tarde 30 de Outubro de 1845.

Meu caro filozofo, um dos epitetos aos quais eu seria mais sensivel, e um dos que tambem merecerei sempre menos, é o de pedante. Espero jamais falar sinão do que souber ou sentir bem; e, quando vos disse que faria uma filozofa da minha Will., não era uma filozofa sistematica que tive em mente, era uma filozofa de coração e mais nada, uma mulher que ama a humanidade por si mesma, e sem temores da caldeira fervente lá de baixo, bem como sem esperanças de possuir um leito de rozas no éter. Eis ahi o que eu comprehendo melhor do XIX seculo, é a tendencia universal dos seres para a razão em toda a sua simplicidade. Vendo como as mais modestas inteligencias participão naturalmente e sem esforço de todas as luzes obtidas, fico compenetrada cada dia mais da idéia de que a siencia não carece rezidir sinão no apice das sociedades para enriquecê-las na sua massa inteira: e, palavra, que me consolo de não ter sido iniciada nas maravilhas do quadrado da hipotenuza.

Retomarei os Mercuridias para as nossas palestras. Che-

garei á vossa caza cedo, com uma agulha: mas, si vos é indiferente não me vireis trazer na volta; tomei ha tanto tempo os meus ares de mulher abandonada que faço empenho em conservá-los.

Caro amigo, não acaricieis, por favor, as vossas insonias, como o fazeis. Vós supondes a miudo em mim mais espirito do que tenho; e, quando vos exprimi o meu pezar pela duração delas, disse-vos que o sentia sobretudo por cauza dos vossos dias, que parecião-me dever ser muito penozos sob a influencia de tal regimen. Si eu não dormisse, tomaria opio, a despeito dos seus inconvenientes. É demais viver vinte-e-quatro horas por dia. Cuidai disso, meu caro filozofo, como de tudo o mais. Estou longe de achar prazer na maior parte dos cumprimentos de que as mulheres gostão; e, quando me dizeis que não dormistes afim de pensar em mim, é inteiramente como si me fizesseis uma esfoladurazinha. Agradeço as vossas previzões para Sabado; estarei disponivel como quazi sempre. Estou entretanto com os pés em regimen por toda a semana, em lembrança do Domingo e do Lunedia. As pulsações não me poupão ao menor esforço; é precizo, de bom ou mau grado, premunir-se contra elas.

Adeus, caro e bom amigo; contai com a minha ternura e com as minhas simpatias.

Vossa do coração,

CLOTILDE V.

O nosso Mestre recebeu esta carta na manhan de Venerdia, e apressou-se em dissipar as modestas aprehensões de Clotilde.

Octagezima-terceira carta

Venerdia de manhan 31 de Outubro de 1845 (11 h.)

Apezar da minha vizita desta tarde, não posso, cara amiga, rezistir á necessidade de responder imediatamente á encantadora carta que acabo de receber. Quanto similhantes manifestações me fazem vivamente sentir a ventura, e mesmo a gloria, desta inapreciavel afeição!

Eu não carecia das vossas admiraveis explicações para estar seguro que a minha Clotilde não tomaria jamais a verdadeira filozofia do XIX seculo sinão pelo unico lado que convem realmente ao seu sexo. O pozitivismo póde ser abordado de duas maneiras, pela cabeça e pelo coração; ha mesmo uma terceira maneira, mas que não vai con-

vosco, nem tão pouco comigo, a saber, pelo braço de alguma sorte. Em termos mais metodicos, a nova filozofia corresponde igualmente aos tres grandes aspetos da vida humana, o pensamento, o sentimento, e a ação; por consequencia, ela comporta tres modos equivalentes de apreciação fundamental. O vosso feliz instinto feminino vos faz naturalmente preferir aquele que é, no fundo, o mais decizivo de todos como o mais accessivel, por ser diretamente relativo ao centro essencial da nossa existencia, a vida afetiva. Foi assim que sempre comprehendi, sem ter tido ocazião de explicar-me convosco sobre tal, a iniciação espontanea de Willelmina no pozitivismo nacente. Embora felizmente independente de toda preparação sientifica e de todo carater sistematico, essa iniciação pelo coração não é certamente nem menos completa nem menos eficaz. Póde-se diretamente definir o novo regimen mental como destinado sobretudo a satisfazer melhor do que nenhum outro ás exigencias morais da Humanidade, as quais se rezumem todas em uma só, o amor. Este sentimento fundamental não pôde ser até aqui cultivado sinão de uma maneira muitissimo desviada e muito imperfeita, porque o regimen teologico maculava necessariamente de egoismo todas as nobres e ternas inspirações. Só nós, pozitivistas, poderemos habitualmente amar com inteira pureza, pelo prazer unico de amar, sem nenhuma estimulação pessoal de terror nem de esperança. Ao mesmo tempo, a nossa atenção, concentrada totalmente na vida real do individuo e da especie, dirigir-se-á sempre para o aperfeiçoamento continuo da nossa condição e sobretudo da nossa natureza. Eis ahi o que todos os corações já podem sentir e comprehenderão cada vez melhor no pozitivismo, sem indagar de uma sistematização indispensavel, que a massa social deve aguardar com confiança dos pensadores de elite, como o apanhastes tão bem. É isso que eu dezejei sobretudo que Willelmina pudesse fazer dignamente sobresahir, e tenho a felicidade de ver agora que similhante voto será em breve realizado, alem mesmo das minhas primeiras esperanças.

Quanto ao genero e ao grau de instrução teorica que convirá afinal ao vosso sexo, é uma questão ainda inoportuna, e mesmo prematura entre ambos nós.

Devo limitar-me, quanto a este ponto, a lembrar-vos que o nosso grande Molière (pozitivista antecipado) caraterizou

com muita felicidade o verdadeiro espirito geral de similhante problema, fazendo proclamar, pelo homem de bom gosto da sua obra-prima, esta admiravel maxima:

« Consinto em que a mulher de tudo tenha luzes. »

Essa palavra *luzes* é verdadeiramente perfeita de justeza e nitidez. Espero, minha encantadora amiga, que não tereis mais agora medo de ser taxada, nem por pensamento, de pedantismo algum. Conheceis assás a minha intima aversão natural por tudo o que se assimelha á vida *bleue.* Quanto ao quadrado da hipotenuza, crêde que tem bem o seu merito, contanto que se saiba não abuzar dele, o que, convenho, é até aqui rarissimo.

A vossa amavel condecendencia em voltar já ao Mercuridia comove-me infinitamente, porque sinto bem o motivo da vossa rezolução, e aceito de bom grado o vosso pequeno sacrificio a tal respeito. Aguardarei, pois, desde Mercuridia proximo, a pronta chegada que me anunciais, e permitir-me-eis, espero eu, que beije com respeito a gracioza agulha que me promete uma longa entrevista. Deixai-me sómente ponderar-vos hoje que, desta vez, vou perder, por tão boa rezolução, a esperança que me tinha alimentado toda esta semana, de receber-vos depois d'amanhan. De resto, não sahirei em tal dia, sinão para ir, ás cinco horas mais ou menos, ao jantar mensal de Blainville. Si, pois, estiverdes disposta, visto não trabalhardes então, a gratificar-me com uma exceção tão legitima, sabeis quanto isso me tornaria feliz e reconhecido. Os unicos instantes de verdadeira plenitude da minha vida moral são, ha seis mezes, os das nossas livres expansões: esses seis mezes, Clotilde, parecem-me ora um seculo, ora um dia, conforme penso na profundeza da minha afeição, ou no seu surto imperfeito e comprimido.

Não vos inquieteis nada, minha terna amiga, com as minhas caras insonias; porque, no fundo, eu não passo mais mal por isso. Foi sómente na minha crize inicial de Maio, que tive noites totalmente privadas de sono. Desde que dormi tres ou quatro horas, mesmo descontínuas, crêde que já não tenho precizão de opio: conheço demaziado os seus perigos definitivos, como tornando o pensamento tardio e tendendo a abreviar a vida, para recorrer a tal a não ser em cazo de extrema necessidade passageira. De resto, dezejaria muito que o meu sono habitual se tornasse outra vez tão completo e tão prolongado como era antes do meu

coração ficar prezo, e espero conseguí-lo, sem todavia arrefecer-me em nada. Crêde, pois, que não provoco jamais as minhas insonias: sómente, a vossa doce imagem faz com que as suporte com rezignação, e mesmo as queira ternamente. Em geral, contai, minha Clotilde, que uma saude pela qual tomais tão verdadeiro interesse, parecer-me-á sempre merecer a minha ativa solicitude. Felicito-me tambem de que tomeis afinal um cuidado mais atento e mais bem sustentado daquela que me é ainda mais cara. Nós temos ambos muito que pensar e que amar, mesmo que agir: porque não nos esforçariamos por viver? Adeus, nobre e terna amiga; beijo-vos como vos adoro: até esta tarde, e talvez amanhan nos Italianos.

A^te COMTE.

Havia um ano que o nosso Mestre tinha tido a ventura de encontrar-se com Clotilde. Ele levantava-se então da perigoza enfermidade determinada pelo abalo nervozo que lhe produzíra a elaboração nacente da sua POLITICA POZITIVA. As perturbações vegetativas se havião moderado; mas a agitação cerebral perzistia, porque o seu genio buscava embalde descortinar a senda da segunda vida que para Ele começava. E as angustias morais que dahi provinhão erão ainda agravadas pelas torturas da sua situação domestica. O egregio Reformador sentia mesmo, cada vez mais nitidamente, que as dificuldades mentais que Ele experimentava rezultavão do estado do seu coração...

Fôra no meio dessa tormentoza situação que a imagem suave e terna de Clotilde erguêra-se diante do flagelado Pensador. Vitima inocente de um cruciante Passado, Ela tambem procurava no devotamento social a santa diversão aos crueis dezapontamentos da sua existencia domestica. Martirizantes dôres fizicas se havião juntado aos seus implacaveis sofrimentos morais. Nada porem conseguíra empanar o divino resplendor da natureza incomparavel em quem a Humanidade rezumíra os tezouros da sua graça...

E agora, um ano depois desse bem-aventurado encontro, uma união sem par, apurada pelas provações de uma crize deciziva, emparadizava a existencia intima dessas almas gloriozas, assegurando enfim a instituição da Religião Universal!...

CAPITULO QUARTO

NOVEMBRO — ABANDONO SEM REZERVA

I

> Deve-se mesmo considerar como muito honroza para a nossa especie essa grande estima que os seus membros se inspirão mutuamente quando se estudão muito.
>
> (AUGUSTO COMTE — *Catecismo Pozitivista*.)

EXPANSÃO total, — eis a tocante fórmula pela qual a *oração* principal do nosso Mestre carateriza o estado atingido, em Outubro de 1845, pelas sublimes relações gradualmente dezenvolvidas entre Ele e Clotilde. E, sem haver bem apanhado esse grau da santa união assim realizada entre as duas almas nas quais se rezumírão os supremos destinos da Humanidade, seria impossivel aquilatar convenientemente a existencia cuja nobre intimidade a correspondencia sagrada nos vai permitindo cada vez mais apreciar.

A vida domestica é um santuario cujos arcanos só podem ser desvendados pelos olhos daqueles que têm corações unidos por um profundo amor. Porque, a natureza humana sendo fatalmente constituida pelo concurso dos pendores pessoais ou egoistas e das propensões sociais ou altruistas, todos os nossos atos trazem o cunho do permanente conflito entre uns e outros, de que é teatro a nossa alma. As maiores Santas não podem evitar similhante fatalidade, como o evidencião as *tentações* que não cessão de perturbar os seus esforços de contínuo aperfeiçoamento. Mas o amor supera tanto mais dificilmente as sugestões do

individualismo, quanto mais revolucionaria é a situação social que se teve por sorte. Nessas epocas calamitozas, as regras da conduta se achão mais ou menos profundamente alteradas em todos, mesmo nos que se julgão fieis ás crenças religiozas mortalmente feridas. Em vez de normas ligadas por um sistema, cada um não possûi então sinão opiniões insuficientes ou *preconceitos* desconexos e expostos a todas as sugestões da personalidade. De sorte que nada é mais facil então do que o extravio de um sincero altruismo.

E' esta situação social e moral, — inevitavel enquanto não se restabelece a unidade religioza, — que determina todas as lutas da vida humana, publica ou privada. A existencia publica, quer civica, quer internacional, exigindo uma participação superior da atividade e da inteligencia, torna então os choques mais rudes, e a intervenção do altruismo mais dificil para moderá-los. Na existencia domestica, porem, o predominio do sentimento sendo imensamente maior, a simpatia póde evitar mais os atritos; e, quando eles se dão, atenuar e anular mesmo as suas reações. Com efeito, a certeza de uma afeição profunda e mutua bem como de uma sincera estima reciproca espontaneamente assegura a todos que cada um julga então proceder conforme as inspirações do mais puro amor de que é capaz. De sorte que só resta imputar a erros fatais de apreciação as injustiças e os descuidos de que porventura se é vitima.

A moral pozitiva nos patenteia hoje que os extravios do espirito são, mesmo em tais cazos, devidos muitas vezes á inconciente reação da personalidade. O Catolicismo já tinha apanhado similhante verdade, embora atravez das iluzões teologicas relativas á nossa natureza moral. A Religião da Humanidade vem pois sistematizar sientificamente os habitos de humildade instituidos pelo regimen medievo, tornando-nos atentos ás ciladas das nossas propensões egoistas. Mas, por outro lado, a mesma Religião consolida igualmente a tendencia vulgar a interpretar simpaticamente o procedimento dos entes que nos são mais caros. Porque nos mostra a impossibilidade do altruismo superar o egoismo sem as luzes que só podem provir da evolução coletiva, e que se tornão extremamente vacilantes nas epocas de dissolução religioza.

A MORAL só conseguiu, porem, tornar-se uma siencia

pozitiva, justamente depois que o nosso Mestre consumou o seu surto altruista, graças ao amor inspirado pela sublime grandeza de Clotilde. A concepção sientifica da nossa alma só atingiu a sua fórma definitiva em 4 de Janeiro de 1850; e, desde então, a verdadeira natureza dos pendores benevolos foi ficando cada vez mais bem caraterizada. Na SINTEZE SUBJETIVA, escrita em 1856, o nosso Mestre formulou esta concluzão: « Todos os sofismas do orgulho não podem impedir o espirito pozitivo de reconhecer que toda revolta emana dos impulsos pessoais. » (SINTEZE SUBJETIVA, p. 16.)

Similhante verdade é tão incontestavel como o principio que toda estimulação a alimentar-se provem do instinto nutritivo. O altruismo intervem em tais cazos apenas para determinar a inteligencia a julgar da conveniencia ou inconveniencia simpatica da inspiração egoista. Porque, á vista da nossa organização e da nossa situação, a existencia humana exige o concurso permanente dos instintos individuais com as propensões benevolas. Donde rezulta que a virtude não consiste na anulação dos pendores egoistas, e sim na sua conveniente subordinação contínua ao amor.

Portanto, na epoca que estamos considerando, as melhores almas mesmo se vião na fatal contingencia de sofrer inconsientemente as reações da personalidade em um grau que o conhecimento pozitivo da nossa natureza teria impedido. Essa circunstancia serve sem duvida para realçar ainda mais a grandeza moral das naturezas superiores, e patentear o alcance espontaneo do altruismo delas. Mas a apreciação de cada conduta se torna assim mais melindroza, em consequencia da dificuldade de reconhecer que o procedimento foi sempre o mais altruista que as condições de cada um comportava. E, por outro lado, ficárão possiveis erros e equivocos tanto mais dolorozos, quanto o esclarecimento da situação, de modo a permitir o restabelecimento da concordia anterior, exigia condições que só o tempo permitiria realizar e de que uma morte prematura frustra tão comumente!

Determinando, em Dezembro de 1855, no seu TESTAMENTO, a publicação das suas *Orações*, das suas *Confissões*, e da *Correspondencia* com a sua imaculada Inspiradora, o nosso Mestre bem sabia que a malevolencia, a leviandade e o septicismo, peculiares ao nosso triste meio social, não

havião de comprehender, e ouzarião talvez profanar esses documentos sagrados. Mas não havia outro meio para entregar a conduta mutua dos Fundadores do Pozitivismo *ao leal exame das almas honestas*. Esse exame era imprecindivel á regeneração social; porque só ele póde determinar e garantir o acendente religiozo de Clotilde e Augusto Comte, *atestando a santidade contínua de um laço ecepcional, igualmente honrozo a ambos os seus corações*. E o nosso Mestre estava certo que esse exame leal, isto é, inspirado pelo altruismo, não tardaria a prevalecer, apezar das apreciações sugeridas pelo egoismo dezencadeado dos nossos lutuozos dias.

O perfeito abandono e a intima franqueza que rezultavão espontaneamente de não serem esses santos documentos destinados á publicidade quando forão escritos, é que constitûi o seu inestimavel alcance moral. Nem deve cauzar sorpreza a inteira confiança com que Clotilde e Augusto Comte se exprimem, apreciando mutuamente os incidentes quaisquer da sua vida. Para o nosso Mestre, Clotilde se tornára o centro de convergencia de todos os seus sentimentos, pensamentos, e atos. Clotilde, por seu lado, acabára por depozitar nele a confiança que uma mulher sinceramente catolica depozita no seu diretor espiritual. Não tomamos para tipo de comparação as relações entre uma filha carinhoza e um pai extremozo, porque o primeiro cazo carateriza uma completa intimidade independente entretanto dos laços domesticos naturais, e apenas bazeada no conceito moral.

Penetrando, pois, cada vez mais profundamente na comovente existencia domestica de Clotilde, é nosso dever procurar identificar-nos com a tocante ternura que domina invariavelmente o conjunto do seu trato com os seus. Esta foi sempre essencialmente a atitude do nosso Mestre, apezar das fatais perturbações havidas nas relações dele com a Familia Marie. Sem duvida, Clotilde achava-se em condições mais vantajozas do que Ele para julgar da situação. Ela tinha a superioridade intrinseca do altruismo, como o nosso Mestre não cessou de proclamar, e possuia a respeito dos seus um conhecimento que só a plena intimidade proporciona. Para bem avaliar a importancia de tal testemunho, recordaremos a seguinte apreciação que, no CATECISMO POZITIVISTA, o nosso Mestre atribûi á sua divina Interlocutora:

« . . . Longe de acoimar de iluzão a alta idéia que dois verdadeiros espozos formão a miudo um do outro, quazi sempre tenho-a atribuido á apreciação mais profunda que só póde ser ministrada por uma intimidade plena, que aliás dezenvolve qualidades desconhecidas aos indiferentes. Deve-se mesmo considerar como muito honroza para a nossa especie essa grande estima que seus membros se inspirão mutuamente quando se estudão muito. Com efeito, só o odio e a indiferença deverião merecer a acuzação de cegueira que uma apreciação superficial aplica ao amor. » (CATECISMO POZITIVISTA—Tradução brazileira, 1ª edição, p. 238.)

Augusto Comte era naturalmente levado a fazer prevalecer nas suas apreciações a solicitude cada vez maior que lhe inspiravão o merito, as desgraças, e a saude de Clotilde. O seu amor, as suas luzes, e as confidencias de Clotilde lhe permitião apreciar, melhor do que ninguem, os cuidados que Ela requeria. E, diante da iminencia do perigo, o Filozofo ficava amargamente impressionado vendo que os cuidados de que Clotilde era alvo não atingião o grau que Ele considerava exigido pela sua precaria saude, os seus imerecidos infortunios, e o seu incomparavel valor moral.

Não podemos ter a minima duvida sobre o fundamento dos alarmas que a situação fizica e moral de Clotilde despertava em nosso Mestre. Tambem estamos certos que só a propria Clotilde interpretaria as relações da Familia Marie para consigo mais simpaticamente do que então o faria o terno Pensador. Mas é igualmente incontestavel que o conjunto da correspondencia sagrada revela a tocante propensão de Augusto Comte a aceitar finalmente o conceito da sua imaculada e terna Inspiradora sobre os seus.

Os dolorozos acontecimentos ocorridos durante a semana extrema de Clotilde, e depois da sua irreparavel morte, vierão, porem, criar uma situação não menos cruel para o nosso Mestre do que para a Familia Marie. Ele ficára extremamente acabrunhado com a existencia de martirios que tivera a nossa Mãi Espiritual, e estava profundamente certo outrosim da nobreza da sua propria conduta. O cavalheiresco Pensador não podia, pois, no grau em que se achava a sua evolução religioza, deixar de julgar como o fez os parentes da sua idolatrada Inspiradora. O veneravel Pai de Clotilde fôra o unico que tinha tido um procedimento

de acordo com as ecepcionais circunstancias em que esta e Augusto Comte se achavão. Contribuiu porventura para isso o fato das tradições liberais peculiares aos seus antecedentes de gloriozo soldado da Revolução aliarem-se mais com a ternura de um Pai originario das classes populares do que com os extremos de uma Mãi decendente da alta nobreza. Seja como fôr, o nosso Mestre julgou o Capitão Marie como o unico parente de Clotilde que teve para com esta o procedimento exigido pela situação singular em que Ela se viu. E desde então, por mais doloroza que lhe fosse tal opinião, o sincero Pensador não hezitou em externá-la.

Porem, as aluzões do nosso Mestre á Familia Marie, quer na sua *Dedicatoria* da POLITICA e no DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO, quer nas suas *Confissões* e no seu *Testamento*, parecem-nos indicar a compenetração gradual das dificuldades de bem julgar a situação singular de Clotilde e a sua. Relendo as mais amargas dessas passagens, cumpre não esquecer que Ele acreditou, durante muito tempo, que a WILLELMINA tinha sido destruida, e que Ele sabia que o unico retrato de Clotilde que Ele conhecia e fóra feito por Mme Marie, estava irreparavelmente alterado. O nosso Mestre foi, mais tarde, deziludido sobre o primeiro ponto.

Com efeito, as frazes do nosso Mestre relativas á Familia Marie perdem sucessivamente toda amargura para não mais conservarem sinão uma melancolica expressão de pezar. Cotejando essa conduta para com a Familia Marie com o procedimento que Ele teve para com a sua propria Familia, não se póde conservar a minima duvida, cremos nós, sobre as dispozições finais do Regenerador. Como Ele mesmo diz, o culto de Clotilde o havia purificado gradualmente de todo azedume; Ele não era mais dominado sinão pelas inspirações de um altruismo que buscava por toda parte motivos de perdão ou de esquecimento para os males de que Clotilde ou Ele tinhão sido vitimas. Sofremos sempre com as dôres que, mesmo sem querer ou no cumprimento de um dever, determinamos nos outros, e isso tanto mais quanto mais caros nos são aqueles que padecem por nossa cauza. E a delicadeza afetiva do nosso Mestre acabou por torná-lo mais sensivel a esses contra-choques das penas que os entes que o amavão ou o tinhão amado experimentavão fazendo-o sofrer, do que ás suas proprias dôres.

Um comovente epizodio, cujo conhecimento devemos á benevolencia da veneravel Viuva de Maximilien Marie, e do seu digno neto, M. Charles de Rouvre, parece-nos demonstrar essas santas dispozições finais. * Com efeito, soubemos que, por ocazião da sua ultima molestia, o nosso Mestre encarregou um dos seus dicipulos (Mme Va Maximilien Marie não se lembrava qual) de pedir uma entrevista a Maximilien Marie. No dezempenho da sua comissão, esse dicipulo falou de um legado da sua biblioteca, que o nosso Mestre tencionava fazer ao primogenito de Maximilien Marie. Este recuzou infelizmente satisfazer aos votos do terno Pensador, para afastar qualquer suspeita de haver cedido a um sentimento interessado.

E como será possivel atribuir ao nosso Mestre dispozições menos conciliantes, quando o vemos formular a hipoteze de que os seus executores testamentarios poderião obter a WILLELMINA? (VOLUME SAGRADO, p. 15). Seria acazo possivel entreter tão sagrada esperança, sem achar-se nas mais cordiais dispozições para com a Familia da sua Inspiradora? No indescritivel jubilo que o nosso Mestre experimentou ao saber da conservação da WILLELMINA, entrava certamente por muito a demonstração, que tal fato lhe dava, da sincera afeição de que era alvo Clotilde por parte dos seus. O nosso Mestre proclamou Clotilde o seu juiz supremo, e parecer-se cada vez mais com Ela tornou-se o rezumo dos seus esforços. Cremos, pois, irrecuzavel que a sua evolução religioza o conduzia a julgar finalmente a Familia da sua terna Inspiradora como Esta o fizera. Tudo nos inclina mesmo a pensar que já Ele havia atingido tão comovente limite, quando a mais calamitoza das mortes veio quebrar o seu inexaurivel surto afetivo.

Para acabar de caraterizar as condições morais em que devemos proseguir a nossa santa narrativa, convem recordar ainda uma vez que a Familia Marie não possuia, para apreciar os acontecimentos, os dados de que hoje dispomos. Quanto á Clotilde, já ponderamos que a sua rezignação e o seu devotamento mesmo contribuião para aliviar em parte os seus das preocupações dos seus infortunios e inspirar-lhes uma insidioza tranquilidade a respeito da sua saude. Dominada por preconceitos respeitaveis, a Familia não concordava com os seus projetos de indepen-

* Vide o opusculo: *Les Relations de la Famille Marie avec Auguste Comte.* — Agosto de 1898.

dencia, e, para condecender com eles, erão necessarias despezas que a situação tornava onerozas. Clotilde sentia, á vista disto, um invencivel acanhamento em manifestar aos seus as necessidades por que passava e cuja satisfação entretanto a sua saude exigia. Este conjunto de circunstancias impedia que a solicitude da Familia Marie fosse tão estimulada quanto a gravidade real do perigo o impunha. Em suma, tudo era ecepcional em Clotilde: os seus meritos, como os seus infortunios e a sua incomparavel missão social. Mas a Familia Marie não percebeu essa ecepcionalidade, e teve fatalmente de conduzir-se como nas condições comuns!...

O mesmo se dava em relação ao nosso Mestre. Ele não era então o Fundador da Religião da Humanidade; a sua regeneração moral estava em elaboração; e essa elaboração mesma unicamente Clotilde podia apreciar. Com efeito, em tal estado, só a superioridade incomparavel dela permitiria talvez ajuizar convenientemente similhante fenomeno. Mas, alem disso, só Ela estava a par dos dados imprecindiveis para um juizo desta ordem. O surto religiozo de Augusto Comte é que evidenciaria a sublimidade ecepcional de uma união, que tudo contribuia então para confundir com os amores vulgares. Era, portanto, fatal que a Familia Marie se deixasse levar pelas aparencias. E, como já ponderamos, toda a marcha da propaganda pozitivista até hoje confirma, por demais, quanto era dificil fazer, em tal epoca, á cavalheiresca conduta do Regenerador, a justiça que só recentemente a Posteridade lhe começa a render.

É, pois, colocando-nos na pozição de verdadeiros filhos em relação a Clotilde e Augusto Comte, que poderemos, graças ás luzes da Religião da Humanidade, apreciar devidamente os sagrados documentos nobremente confiados á nossa piedade. Frutos do mais acrizolado Amor de que jamais a natureza humana seria capaz, eles não podem alimentar sinão as deliciozas emoções do altruismo. Qualquer azedume só provirá do egoismo esforçando-se por transformar as suas côres sombrias nos doces matizes da ternura, da veneração, ou do devotamento. Sem duvida, temos que gemer sob as cegas fatalidades que tantas lagrimas custárão aos nossos Pais Espirituais e ás suas dignas Familias. Mas esses gemidos, como todos os que nos inspira a recordação das calamidades que têm afli-

gido a Humanidade, não devem ser transformados em gritos de dezespero e maldição, açulando as perigozas propensões, cauzas principais das nossas desgraças. Cumpre escutá-los como santas exhortações á concordia, pois que tão crueis acidentes de um tateamento inevitavel para traçar o caminho da virtude nos devem continuamente lembrar que o mais sublime altruismo basta apenas para superar as ciladas de uma energica personalidade rodeada por incessantes estimulos.

II

> Si fosse precizo que não me amasseis sinão um quarto de hora por dia para o vosso repouzo, eu dezejaria de todo o meu coração que isso se désse desde amanhan
>
> (*84ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.*)

Depois do ultimo acidente, a saude de Clotilde parecêra tomar um carater verdadeiramente tranquilizador, inspirando esperanças de um breve e definitivo restabelecimento. O nosso Mestre mesmo seduzido por tão grata perspetiva, felicitou, como vimos, a sua meiga Inspiradora pelo aspeto florecente que Ela aprezentava. Mas esse encantador augurio de um futuro melhor não tardou em desvanecer-se. A cruel realidade era que a situação fizica e moral da nossa terna Mãi se agravava de dia em dia, apezar da heroica rezignação com que Ela suportava o seu cruciante fadario.

No Sabado 1º de Novembro, Clotilde contava ir aos Italianos; mas já uma extrema fraqueza não lhe permitiu essa delicioza diversão. Na manhan seguinte tambem não sentiu-se com forças para *andar*, e escreveu a Augusto Comte.

Octagezima-quarta carta

Domingo de manhan 2 de Novembro de 1845.

Meu caro amigo, eis aqui o que vos chegará hoje em vez de mim e em meu lugar. Não podendo andar, estou trabalhando; quanto ao Mercuridia, contai comigo. Estou bem contente com vos haver cauzado prazer retomando esse termo médio. Eu tambem, acho doçura em poder

de acordo com as ecepcionais circunstancias em que esta e Augusto Comte se achavão. Contribuiu porventura para isso o fato das tradições liberais peculiares aos seus antecedentes de gloriozo soldado da Revolução aliarem-se mais com a ternura de um Pai originario das classes populares do que com os extremos de uma Mãi decendente da alta nobreza. Seja como fôr, o nosso Mestre julgou o Capitão Marie como o unico parente de Clotilde que teve para com esta o procedimento exigido pela situação singular em que Ela se viu. E desde então, por mais doloroza que lhe fosse tal opinião, o sincero Pensador não hezitou em externá-la.

Porem, as aluzões do nosso Mestre á Familia Marie, quer na sua *Dedicatoria* da POLITICA e no DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO, quer nas suas *Confissões* e no seu *Testamento*, parecem-nos indicar a compenetração gradual das dificuldades de bem julgar a situação singular de Clotilde e a sua. Relendo as mais amargas dessas passagens, cumpre não esquecer que Ele acreditou, durante muito tempo, que a WILLELMINA tinha sido destruida, e que Ele sabia que o unico retrato de Clotilde que Ele conhecia e fôra feito por Mme Marie, estava irreparavelmente alterado. O nosso Mestre foi, mais tarde, deziludido sobre o primeiro ponto.

Com efeito, as frazes do nosso Mestre relativas á Familia Marie perdem sucessivamente toda amargura para não mais conservarem sinão uma melancolica expressão de pezar. Cotejando essa conduta para com a Familia Marie com o procedimento que Ele teve para com a sua propria Familia, não se póde conservar a minima duvida, cremos nós, sobre as dispozições finais do Regenerador. Como Ele mesmo diz, o culto de Clotilde o havia purificado gradualmente de todo azedume; Ele não era mais dominado sinão pelas inspirações de um altruismo que buscava por toda parte motivos de perdão ou de esquecimento para os males de que Clotilde ou Ele tinhão sido vitimas. Sofremos sempre com as dôres que, mesmo sem querer ou no cumprimento de um dever, determinamos nos outros, e isso tanto mais quanto mais caros nos são aqueles que padecem por nossa cauza. E a delicadeza afetiva do nosso Mestre acabou por torná-lo mais sensivel a esses contra-choques das penas que os entes que o amavão ou o tinhão amado experimentavão fazendo-o sofrer, do que ás suas proprias dôres.

Um comovente epizodio, cujo conhecimento devemos á benevolencia da veneravel Viuva de Maximilien Marie, e do seu digno neto, M. Charles de Rouvre, parece-nos demonstrar essas santas dispozições finais. * Com efeito, soubemos que, por ocazião da sua ultima molestia, o nosso Mestre encarregou um dos seus dicipulos (Mme Va Maximilien Marie não se lembrava qual) de pedir uma entrevista a Maximilien Marie. No dezempenho da sua comissão, esse dicipulo falou de um legado da sua biblioteca, que o nosso Mestre tencionava fazer ao primogenito de Maximilien Marie. Este recuzou infelizmente satisfazer aos votos do terno Pensador, para afastar qualquer suspeita de haver cedido a um sentimento interessado.

E como será possivel atribuir ao nosso Mestre dispozições menos conciliantes, quando o vemos formular a hipoteze de que os seus executores testamentarios poderião obter a WILLELMINA? (VOLUME SAGRADO, p. 15). Seria acazo possivel entreter tão sagrada esperança, sem achar-se nas mais cordiais dispozições para com a Familia da sua Inspiradora? No indescritivel jubilo que o nosso Mestre experimentou ao saber da conservação da WILLELMINA, entrava certamente por muito a demonstração, que tal fato lhe dava, da sincera afeição de que era alvo Clotilde por parte dos seus. O nosso Mestre proclamou Clotilde o seu juiz supremo, e parecer-se cada vez mais com Ela tornou-se o rezumo dos seus esforços. Cremos, pois, irrecuzavel que a sua evolução religioza o conduzia a julgar finalmente a Familia da sua terna Inspiradora como Esta o fizera. Tudo nos inclina mesmo a pensar que já Ele havia atingido tão comovente limite, quando a mais calamitoza das mortes veio quebrar o seu inexaurivel surto afetivo.

Para acabar de caraterizar as condições morais em que devemos proseguir a nossa santa narrativa, convem recordar ainda uma vez que a Familia Marie não possuia, para apreciar os acontecimentos, os dados de que hoje dispomos. Quanto á Clotilde, já ponderamos que a sua rezignação e o seu devotamento mesmo contribuião para aliviar em parte os seus das preocupações dos seus infortunios e inspirar-lhes uma insidioza tranquilidade a respeito da sua saude. Dominada por preconceitos respeitaveis, a Familia não concordava com os seus projetos de indepen-

* Vide o opusculo: *Les Relations de la Famille Marie avec Auguste Comte.* – Agosto de 1898.

dencia, e, para condecender com eles, erão necessarias despezas que a situação tornava onerozas. Clotilde sentia, á vista disto, um invencivel acanhamento em manifestar aos seus as necessidades por que passava e cuja satisfação entretanto a sua saude exigia. Este conjunto de circunstancias impedia que a solicitude da Familia Marie fosse tão estimulada quanto a gravidade real do perigo o impunha. Em suma, tudo era ecepcional em Clotilde: os seus meritos, como os seus infortunios e a sua incomparavel missão social. Mas a Familia Marie não percebeu essa ecepcionalidade, e teve fatalmente de conduzir-se como nas condições comuns!...

O mesmo se dava em relação ao nosso Mestre. Ele não era então o Fundador da Religião da Humanidade; a sua regeneração moral estava em elaboração; e essa elaboração mesma unicamente Clotilde podia apreciar. Com efeito, em tal estado, só a superioridade incomparavel dela permitiria talvez ajuizar convenientemente similhante fenomeno. Mas, alem disso, só Ela estava a par dos dados imprecindiveis para um juizo desta ordem. O surto religiozo de Augusto Comte é que evidenciaria a sublimidade ecepcional de uma união, que tudo contribuia então para confundir com os amores vulgares. Era, portanto, fatal que a Familia Marie se deixasse levar pelas aparencias. E, como já ponderamos, toda a marcha da propaganda pozitivista até hoje confirma, por demais, quanto era dificil fazer, em tal epoca, á cavalheiresca conduta do Regenerador, a justiça que só recentemente a Posteridade lhe começa a render.

É, pois, colocando-nos na pozição de verdadeiros filhos em relação a Clotilde e Augusto Comte, que poderemos, graças ás luzes da Religião da Humanidade, apreciar devidamente os sagrados documentos nobremente confiados á nossa piedade. Frutos do mais acrizolado Amor de que jamais a natureza humana seria capaz, eles não podem alimentar sinão as deliciozas emoções do altruismo. Qualquer azedume só provirá do egoismo esforçando-se por transformar as suas côres sombrias nos doces matizes da ternura, da veneração, ou do devotamento. Sem duvida, temos que gemer sob as cegas fatalidades que tantas lagrimas custárão aos nossos Pais Espirituais e ás suas dignas Familias. Mas esses gemidos, como todos os que nos inspira a recordação das calamidades que têm afli-

gido a Humanidade, não devem ser transformados em gritos de dezespero e maldição, açulando as perigozas propensões, cauzas principais das nossas desgraças. Cumpre escutá-los como santas exhortações á concordia, pois que tão crueis acidentes de um tateamento inevitavel para traçar o caminho da virtude nos devem continuamente lembrar que o mais sublime altruismo basta apenas para superar as ciladas de uma energica personalidade rodeada por incessantes estimulos.

II

> Si fosse precizo que não me amasseis sinão um quarto de hora por dia para o vosso repouzo, eu dezejaria de todo o meu coração que isso se désse desde amanhan
>
> (*84ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.*)

Depois do ultimo acidente, a saude de Clotilde parecêra tomar um carater verdadeiramente tranquilizador, inspirando esperanças de um breve e definitivo restabelecimento. O nosso Mestre mesmo seduzido por tão grata perspetiva, felicitou, como vimos, a sua meiga Inspiradora pelo aspeto florecente que Ela aprezentava. Mas esse encantador augurio de um futuro melhor não tardou em desvanecer-se. A cruel realidade era que a situação fizica e moral da nossa terna Mãi se agravava de dia em dia, apezar da heroica rezignação com que Ela suportava o seu cruciante fadario.

No Sabado 1º de Novembro, Clotilde contava ir aos Italianos; mas já uma extrema fraqueza não lhe permitiu essa delicioza diversão. Na manhan seguinte tambem não sentiu-se com forças para *andar*, e escreveu a Augusto Comte.

Octagezima-quarta carta

Domingo de manhan 2 de Novembro de 1845.

Meu caro amigo, eis aqui o que vos chegará hoje em vez de mim e em meu lugar. Não podendo andar, estou trabalhando; quanto ao Mercuridia, contai comigo. Estou bem contente com vos haver cauzado prazer retomando esse termo médio Eu tambem, acho doçura em poder

ser eu-mesma de tempos a tempos, e sinto que perto de vós posso pensar alto.

Sou menos estragada do que nunca a este respeito na minha roda. Ha sempre má vontade para comigo na vontade principal; o que faz com que eu me encerre nas minhas esperanças e no meu resto de coragem durante as poucas horas que vivo em comunidade. De resto, eles voltão todos a ser outra vez muito amigos vossos: sereis o primeiro ente a quem terão perdoado o fato de me haver percebido.

O bom Léon escreveu-me os seus agradecimentos da maneira mais comovente, e tudo passou-se muito bem para ele felizmente. Prometi-lhe a vossa estima; espero bem que ele parecer-vos-á digno dela.

Li com ternura a vossa boa carta de hontem; e, a esse propozito, cumpre-me pedir a vossa absolvição para uma pequena falta que poderia afinal parecer-vos sensaboria minha. Vós me tinheis pedido que numerasse as minhas cartas, e eu estou ainda por começar similhante operação, tanto os algarismos vão mal comigo: não perdemos até hoje sinão uma mécha de cabelos, não me queirais pois mal si esqueço de satisfazer-vos em tal e no que concerne á data.

Até Martedia, sob a folhagem, meu caro filozofo; eu faria melhor em dizer sob a ramada: mas tudo o que lembra o frio é sempre dificil de poetizar; mais vale, então, como imagem, a galinha na panela do bom Henrique, a despeito de ser ele famozo em galanteios

Passai bem, caro e bom amigo; é para mim uma felicidade saber que quereis dormir: e, si fosse precizo que não me amasseis sinão um quarto de hora por dia para o vosso repouzo, eu dezejaria de todo o meu coração que isso se désse desde amanhan.

Extendo-vos a mão por parte do meu coração,

CLOTILDE DE VAUX.

O nosso Mestre recebeu esta carta no instante em que começava a esperar por Clotilde. E, conquanto sentisse assim adoçar-se a auzencia da sua Bem-Amada, não pôde impedir as amargas preocupações que o assaltavão pela saude e a situação domestica de Clotilde. O tempo que devia passar na divina prezença dela foi empregado em responder-lhe com o afetuozo abandono de quem fala ao seu proprio coração.

Octagezima-quinta carta

Domingo á tarde 2 de Novembro de 1845 (4 h.)

Acabais de empregar, minha bem-amada, o mais seguro meio de adoçar a vossa auzencia forçada, fazendo-me chegar uma ecelente carta no instante em que começava a vos esperar. Os transportes acostumados que ela me inspira e a ventura de respondê-la imediatamente vão ternamente ocupar o tempo que eu contava hoje passar convosco, mas sem todavia poder realmente compensar a vossa divina prezença, sobretudo quando penso no triste motivo de saude que me priva dela inopinadamente. Estais bem certa, minha adoravel amiga, que o vosso trabalho não é retomado cedo de mais? Não seria mais prudente, já que não podeis andar, limitar-vos ainda á ocupação passiva da simples leitura, convenientemente dirigida para o vosso fito? Essa sorte de prostração muscular se me afigura só por si o sinal pouco equivoco de uma dispozição interior que deveria interdizer-vos toda grande atividade cerebral, embora ela pareça insidiozamente impelir-vos a esta. Sobretudo, Clotilde, nada mais de opio, nem de quina, sob fórma alguma, a menos de extrema precizão momentanea: o fim de tal reginien parece-me agora chegado para vós. Eu tinha contado tanto Lunedia que a vossa saude estava voltando enfim plena e estavel!

Antes das vossas explicações de hoje, eu havia já visto que a vossa ultima paz de familia não dissipava realmente a má dispozição existente em torno de vós, eceto sempre o vosso ecelente pai, que, para ser constantemente digno de vós, jamais precizou sinão de ficar o mesmo. A notavel maxima que recentemente me citastes da ultima carta da vossa mãi * deveria entretanto impulsioná-la a melhor apreciar o conjunto da sua conduta para convosco. Mas, conforme a vossa judicioza aplicação, é ainda entre nós ambos que ela deve sobretudo realizar-se, como tão conveniente, ha muito, do meu lado como do vosso.

Em uma das vossas mais encantadoras cartas, tinheis já formulado com felicidade a nossa principal diviza comum: *Caminhemos apoiados um no outro*; tal é, com

* A maxima a que o nosso Mestre alude é: — *O acazo faz os parentes, mas só o coração faz os amigos.* — R. T. M.

efeito, eu o sinto cada vez mais, para mim, e ouzo ajuntar para vós, a melhor garantia de uma verdadeira ventura. Não percais coragem, minha terna Clotilde: pois que somos dignos um do outro, a nossa santa perseverança nos conduzirá, em breve talvez, a toda a felicidade compativel com a nossa fatalidade respetiva, sem ferir nenhuma justa conveniencia, nem mesmo nenhuma legitima suscetibilidade. Aguardando que o tempo tenha podido assim, segundo a vossa afortunada expressão, *guiar-nos* e *fazer-nos*, a certeza de me haverdes inspirado o amor mais devotado e mais inalteravel contribuirá, espero eu, para sustentar a vossa nobre longanimidade contra injustas malevolencias ou indiferenças quotidianas. Si, como pensais, eu me estou tornando na verdade outra vez caro aos vossos, a minha influencia espontanea modificará talvez insensivelmente a sua insuficiente ternura para comvosco.

Quanto ao vosso irmão mais moço, agradeço-vos o lhe haverdes prometido a minha estima, e podieis ajuntar a isso a minha afeição: oxalá a sua destinação militar o aproxime assás de nós para permitir-me testemunhar-lhe a miudo uma e outra! A vossa familia não se comporá jamais, aos meus olhos, sinão de duas sortes de membros, os que vos aprecião dignamente, e os que não vos fazem, a todos os respeitos, uma suficiente justiça. Ora, o vosso caro Léon parece-me até aqui compôr, com o vosso bom pai, toda a primeira categoria: é sobretudo a esse titulo que ele poderá sempre contar comigo. Não acrediteis aliás que tais juizos me sejão sómente inspirados pelo meu ardente e profundo amor. Ouzo assegurar que eles rezultão ainda mais das induções decizivas que a maneira de apreciar a vossa eminente natureza deve fornecer espontaneamente sobre a elevação moral e o verdadeiro alcance mental de todos aqueles a quem não faltárão os dados.

A terna satisfação que vos inspira a minha carta de Venerdia confirma a minha esperança crecente de ver estabelecer-se entre nós uma plena e ativa simpatia filozofica, de convicções como de sentimentos. Já entrevejo ahi uma eminente destinação publica, para mostrar á Humanidade a salutar influencia da harmonia dos sexos, sob um aspeto que não póde ainda sobresahir assás. A san filozofia não poderá jamais substituir inteiramente

a religião [1] sinão sabendo tanto como esta dirigir-se profundamente ao coração, por outro modo que não por insipidas e estereis fórmulas metafizicas. Sabeis quanto esta condição fundamental preocupou-me na concepção e solicita-me na execução da minha segunda grande obra. [2] Ora, eu tenho assim, minha adoravel Clotilde, muito que aprender convosco, que tornar-vos-eis por ahi, mesmo sem o perceberdes, e quazi mau grado vosso, a minha intima colaboradora. Antes de começar essa nova compozição, vos dirigi, ha tres mezes, uma secreta dedicatoria geral, destinada a satisfazer desde já, neste particular, as minhas doces precizões de gratidão. Mas não ficarei, a tal respeito, verdadeiramente contente sinão rendendo-vos, á face do sol, a plena homenagem que mereceis cada vez mais. Aos espiritos eminentes e ás nobres almas, explicarei dignamente a afortunada eficacia filozofica e social de um novo tipo de associação mental e moral, no qual as aptidões de cada sexo se fortificão mutuamente. Vós mesma não podeis ainda apreciar-lhe toda a potencia, porque as suas condições preliminares exigem sobretudo o estado de inteira emancipação hoje atingido enfim pela razão humana. Eu acharei cedo ou tarde a ocazião de aprezentar convenientemente tal apreciação de uma maneira igualmente digna de vós e de mim.

Felicie, segundo receio, saboreou pouco a soirée de hontem, não sómente pela dezagradavel substituição inesperada de Corelli a Mario, mas tambem sobretudo por cauza das suas comoventes solicitudes maternas, embora quiçá um pouco afetadas de mais. Toda a familia havendo agora consagrado a minha cadeira do proximo, conto bem dirigí-la especialmente, desde Sabado, á sua principal destinação, e vós não hezitareis, espero eu, utilizá-la mais do que nenhum deles. Adeus, minha incomparavel amiga: até o jantar de depois d'amanhan, e sobretudo até o nosso caro Mercuridia, que se tornou doravante mais sagrado em virtude da terna apreciação pela qual ele acaba de passar especialmente entre nós.

A vós a vida do vosso filozofo,

ATE COMTE.

1 *Religião* é aqui sinonimo de *teologia*.— R. T. M.

2 POLITICA POZITIVA.— R. T. M.

III

Lamento que acheis fóra disso outros motivos de sacrificio nas nossas relações.

(87ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.)

Das cartas precedentes se deprehende que, no Martedia 4 de Novembro Clotilde e Augusto Comte achárão-se reunidos em um jantar, talvez de familia, no Bosque de Bolonha (*sob a folhagem*). * O estado moral do nosso Mestre continuava bem delicado: Clotilde era cada vez mais idolatrada por Ele com o cavalheiresco ardor celebrado nos mais entuziastas tipos da poezia. Mas a nobreza dessa idolatria lhe impunha, desde Setembro, um rigorozo silencio sobre a verdadeira natureza da sua paixão. A saude do Filozofo sofria as reações dessa luta intima, tornada naturalmente mais intensa por esse tocante convivio. No Mercuridia imediato, 5 de Novembro, a sua indispozição era já bastante pronunciada para motivar um completo jejum. Foi nesse estado que Clotilde o encontrou. Apezar do esforço do nosso Mestre para dominar-se, a meiga perspicacia de Clotilde percebeu quanto o Filozofo padecia. Esforçou-se naturalmente por dissipar os alarmas que a saude dela despertava em nosso Mestre e inspirar-lhe uma perfeita confiança nos cuidados que Ela tomava para o seu total restabelecimento. Conseguiu em parte o seu delicado intuito. Mas essa tocante solicitude mesmo ainda mais arroubava Augusto Comte. De sorte que, quando Clotilde despediu-se, Ele, deixando-se arrastar pelo seu deliciozo enleio, deu-lhe um osculo de adeus, que Clotilde, notando a sua perturbação, recebeu com filial piedade.

Depois que Clotilde sahiu, a lembrança desse imprevisto epizodio envolveu em delicadas inquietudes as doces impressões da angelica vizita. As aprehensões pela interpretação que Ela daria á explozão da sua ternura vierão porventura contribuir para entreter o estado morbido do Filozofo. E embora, depois de uma noite quazi boa, se sentisse, na manhan do Jovedia, ainda incapaz de ir á lição, já á tarde se julgava assás retemperado para assistir aos Italianos. Mas a lembrança da despedida da vespera o dezassocegava; rezolveu escrever a Clotilde desculpando-se da inconsiderada efuzão.

* Vide o final da carta 84ª, p. 460, combinado com o final da carta 85ª, p. 463.

Octagezima-sexta carta

Jovedia á tarde 6 de Novembro de 1845 (3 h.).

Perdoai-me, cara e boa amiga, o beijo inconsiderado que terminou hontem a nossa cordial entrevista. Alem de que eu devia, em geral, temer assim dezagradar-vos, devia especialmente sentir que estava então afetado de uma perturbação gastrica, em consequencia da qual o meu halito, habitualmente muito puro, achava-se momentaneamente indigno de misturar-se com o vosso. Espero, porem, que a vossa indulgente afeição terá de antemão excuzado esse indiscreto ardor.

Esse dezarranjo acidental continuou hontem a ser tal que tive de abster-me da menor alimentação; e desde então achei-me esta manhan incapaz de ir á minha lição. Mas essa dieta rigoroza bastou felizmente: a noite foi quazi boa; e sinto-me esta tarde assás bem para não faltar aos Italianos.

A propozito de perdões, devo pedir-vos outros mais bem merecidos no tocante ás minhas solicitações, algumas vezes cegas quiçá, todavia jamais indiscretas, nem espero eu importunas, sobre o genero de cuidados exigidos pela vossa saude. Em virtude das vossas explicações de hontem, começo a sentir que as minhas instancias e os meus conselhos não forão sempre fundados, neste particular, sobre uma suficiente apreciação, nem da vossa constituição propria, nem sobretudo do conjunto dos vossos antecedentes. Certo doravante que estais sinceramente reconciliada com a vida, contai, minha Clotilde, que, apezar da minha intima solicitude contínua, terei agora mais confiança na sabiduria pessoal que deveis ter adquirido neste assunto.

Sem me haver ainda explicado sobre a vossa humilde confissão de negligencia quanto á numeração das vossas cartas, espero que não me acreditareis um zelador assás fanatico da precizão para guardar-vos o menor rancor por tal motivo. A mim é que compete antes pedir-vos perdão por continuar, do meu lado, essa minucioza precaução, devida sómente á minha extrema apreciação da nossa correspondencia; porque estou longe de ser tão prudente para com todas as outras cartas minhas.

A terna confissão de abnegação que termina a vossa encantadora carta de Domingo me comove profundamente. Mas, entre o meu amor e o meu repouzo, a es-

colha não me seria dificil: como poderia eu fazer empenho em cuidar da minha vida si devesse renunciar ao seu principal interesse? Felizmente, essa alternativa não se realizará nunca: começo a dormir um pouco melhor, e com certeza sem amar-vos menos.

Adeus, minha adoravel Clotilde; quando mesmo essas incoherentes explicações vos parecessem um inocente pretexto de amigaveis conversas, espero que as acolherieis. A nossa situação permanece, a qualquer outro respeito, tão pouco satisfatoria que eu seria bem excuzavel de apanhar cada ensejo para proporcionar-me essas doces compensações. Até amanhan á tarde, a ventura de apertar a vossa querida mão, e sobretudo até á nossa boa *soirée* de Sabado, salvo o dezastrado rei d'Assiria. Contai para sempre, minha Clotilde, com o profundo e respeitozo amor do

Vosso filozofo,

Ate COMTE.

Clotilde respondeu:

Octagezima-setima carta

Venerdia de manhan 7 de Novembro de 1845.

Meu caro filozofo, eu acreditava que tinha sido eu quem vos dera hontem um bom beijo de amiga. Si assim não foi, ofereço-vos a minha absolvição de todo o meu coração. Lamento que acheis fóra disso outros motivos de sacrificio nas nossas relações. A situação moral em que achei-me de repente colocada para convosco tem-me parecido frequentemente o complemento das minhas dôres, porque vos estou impondo quazi aquilo pelo que passei. Porem vós deveis comprehender-me como filozofo e homem de coração; este pensamento me consola.

Voltei hontem com o coração a rebentar pelas minhas maledicencias; achei minha mãi tristissima, e ela pareceu-me que o estava ainda hoje. Ai de mim! todos lutão na vida, e todos sofrem; é preciso saber agraciar as mãis sobretudo.

Quanto a vós, meu caro amigo, junto de quem eu sinto-me tão bem, não temais importunar-me nunca pela vossa solicitude. Eu a acolho, no fundo do meu coração, com um sincero reconhecimento, e ela não póde sinão apegar-me a vós ainda mais.

Rabisco-vos estas linhas ao despertar; vou um pouco mais *forte* do que estes dias ultimos, embora seja perseguida pelas pulsações. Cuidai bem do vosso estomago, esse grande funcionario tão influente nos nossos pobres negocios. Devo muitas obrigações ao meu, e sinto tanto mais por isso o respeito que cada um deve ter pelo seu.

Até esta tarde, meu caro amigo, e até amanhan si eu não tiver asma nem cabeça quebrada.

Vossa do coração,

CLOTILDE DE VAUX.

IV

> Quer como penhor, quer como meio, esta concessão torna-se pois necessaria. A minha boa fé é tal, a este respeito, que estou disposto a retirar o meu justo pedido si puderdes preencher assás, de qualquer outra maneira, esta dupla condição.
>
> (*18ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

Quando Augusto Comte leu esta carta, já era muito tarde para testemunhar a Clotilde as arrebatadoras emoções que tal leitura lhe despertára. A terna aluzão com que Ela procurára suavizar os amorozos sacrificios do nosso Mestre brilhou aos olhos deste como um raio doce de esperança que viesse iluminar o seu porvir. Enlevado por similhante perspetiva, o terno Pensador deixa-se facilmente dominar pelo tom de segurança com que Clotilde se refere á sua saude. Sahiu pois para a sua vizita á Familia Marie absorto em um enternecimento que a falta de expansão contribuia para tornar mais intenso.

Na rua Pavée, recebeu, porem, impressões que infundírão certa melancolia aos sentimentos que o encantavão. Mme Marie parecia sériamente aflita, sem que Ele pudesse saber o motivo. O aspeto de Clotilde, o calor da sua mão, a intenção que Ela manifestou de ir consultar o medico estimulárão as vagas aprehensões que a carta inspirára. Mas como Ela perzistia no projeto de assistir, na noite seguinte, ao espetaculo nos Italianos, similhantes aprehensões apenas ativárão a solicitude do nosso Mestre sem alarmá-lo.

Quando chegou á caza, Augusto Comte quiz responder a Clotilde. Mas, depois de alguma hezitação, rezolveu adiar a sua carta para a manhan imediata. Sentia um de-

zejo vehemente de romper o silencio que, desde Setembro, guardava sobre o seu amor. A meiga aluzão de Clotilde parecia-lhe uma autorização a ceder aos nobres impulsos da sua paixão. Mas o seu cavalheirismo o fazia vacilar. Decidiu-se por isso a esperar que algumas horas de repouzo lhe permitissem uma rezolução que não lhe deixasse escrupulos de uma manifestação inoportuna.

Octagezima-oitava carta

Sabado de manhan 8 de Novembro de 1845 (6 h.)

Voltando hontem á noite de apertar a mão querida, tinha vontade, minha terna amiga, de responder logo á vossa boa carta desta manhan, que eu lêra tarde demais para já haver podido testemunhar-vos o meu reconhecimento por um perdão tão graciozo. Porem a razão me determinou a deitar-me, sómente ainda mais cheio do que habitualmente do vosso encantador pensamento. Uma noite salutar acaba de recompensar essa sabiduria, e eu levanto-me assás disposto para poder, retardando um pouco a minha terna oração da manhan, cumprir a tempo esse doce dever, que a venturoza *soirée* de hoje não me parece tornar superfluo; os nossos sentimentos respetivos expandem-se assim mais nitidamente do que mesmo na mais cordial entrevista.

Cada uma das vossas comunicações faz-me admirar mais a suave delicadeza do vosso coração e a graça eximia do vosso espirito. Estou profundamente comovido pela amavel espontaneidade que, apezar de tantas queixas justas, faz logo prevalecer a vossa ternura filial, á menor provocação. Tendes bem razão, minha digna amiga, saibamos sobretudo excuzar as mãis; a vossa pareceu-me hontem sériamente aflita, embora eu ignore o motivo disso. As vossas tocantes dispozições para com ela não acharião nunca em mim sinão um nobre incitamento, si tivesseis com efeito precizão de ser especialmente impelida aos bons sentimentos por outro motivo que não a satisfação de experimentá-los.

Pois que me permitís, Clotilde, de insistir ainda nos cuidados que me parecem convir á vossa cara saude, deixai-me recomendar-vos hoje uma grande moderação no vosso trabalho, si não puderdes rezolver-vos a uma inteira suspensão passageira. Sinto melhor do que ninguem a importancia propria da vossa eminente compozição, alem

da feliz diversão que oferece aos vossos pezares e enfados habituais; reconheço tambem a sua possante eficacia proxima para a vossa justa emancipação pessoal, que torna-se cada vez mais dezejavel. Mas estou agora inquieto com a vossa agitação cerebral combinada com a vossa prostração muscular. O ardor atual da vossa mão, e a aceleração opinaz do vosso pulso parecem-me indicar muito claramente a necessidade do repouzo, sobretudo de espirito. Segui, pois, eu vos conjuro, a sábia rezolução em que estaveis hontem á noite de ir consultar sériamente o vosso medico, e não duvido que ele vos prescreva, antes de tudo, que ponhais momentaneamente o vosso cerebro no regimen passivo da simples leitura. O vosso nobre fito, publico e pessoal, deveria vos decidir a poupar melhor forças cujo viciozo consumo póde hoje retardar muito as vossas justas esperanças.

A amavel carta a que estou respondendo aborda, com admiravel delicadeza, a mais doloroza das minhas proprias solicitudes. Depois da nossa crize decisiva de Setembro, eu vos prometi aguardar, sem nenhuma murmuração, as modificações espontaneas que me permitieis esperar no estado intimo do vosso coração. Pois que a vossa aluzão especial parece autorizar-me a romper momentaneamente o respeitozo silencio que me havia prescrito neste assunto, limitar-me-ei a agradecer-vos o já haverdes reconhecido que eu sei sofrer e rezistir como homem de coração e filozofo, abstendo-me de qualquer solicitação indiscreta para comvosco. A estrita continencia que tive de impôr-me desde que o meu coração ficou prezo é certamente por demais natural para que eu deva hoje atribuir-me por isso qualquer merito. Ha, porem, talvez algum em saber aguardar, com afetuoza rezignação, um penhor sagrado e uma incomparavel garantia, cujo verdadeiro valor é constituido unicamente por uma inteira espontaneidade. A vossa tocante aluzão faz-me esperar que a minha leal firmeza em conservar a respeitoza atitude prometida pelo meu coração não vos conduzirá jamais a pensar que ligo menos valor ás livres concessões indispensaveis á plenitude e á consolidação da ventura inefavel que me é proporcionada pela nossa santa afeição. Posso pois vos renovar, sem temor algum, a segurança bem sincera de vos deixar sempre a suprema direção das nossas relações quaisquer, sem procurar aliás sinão na vossa cordial estima a recompensa

dos meus intimos sacrificios, até que uma doce transformação espontanea vos permita fazê-los cessar. Crêde sobretudo, que, por mais dolorozos que sejão ao meu coração, eles não me hão de impedir de sentir profundamente o valor da nobre ternura que já concedestes ao

Vosso caro filozofo,

A[TE] COMTE.

Insistindo pela instituição de um laço conjugal, o nosso Mestre não sofria, porem, simplesmente as sugestões do mais perturbador dos instintos masculinos. Ele era sobretudo vitima do estado em que então se achava a *teoria sientifica da natureza humana*, isto é, a MORAL POZITIVA. Conforme mais de uma vez temos ponderado, o empirismo biologico e medico mantinha essencialmente, a tal respeito, com iluminuras sientificas, os apanhados da sabiduria catolica. Ninguem concebia naquela epoca a plena união entre um homem e uma mulher, emancipados das crenças teologicas, fóra do tipo conjugal, como havia sido sistematizado até ali. A siencia e a poezia erão acordes sobre este ponto.

Augusto Comte encontrára o coração de Clotilde irreprehensivelmente ocupado pelo desventurado amor que Ela teve a nobreza de confessar-lhe, com o fim de libertá-lo da sua paixão. Mas esse piedozo rasgo fôra um novo estimulo para o altruismo do Filozofo. Ele se rezignára a ter no coração da incomparavel Dama o lugar que Ela lhe pudesse conceder, e entregou-se todo aos arroubos de uma pura afeição sem esperança. Pôde assim experimentar o encanto dos sentimentos que extaziavão Dante, Petrarca, e o infeliz D'Alembert. Mas a crize de Setembro veio tirá-lo dessa venturoza situação.

A partir desse momento, o nosso Mestre soube, com surpreza, que o coração de Clotilde estava livre do amor que, durante mais de dois anos, a torturára. Soube que nenhum homem constituia objeto de uma afeição mais profunda e mais terna da parte de Clotilde do que Ele. Mas soube tambem, ao mesmo tempo, que essa afeição não adquiríra o carater peculiar á união conjugal. Esse conjunto de revelações lançou o Filozofo numa situação indescritivel. Ele temia, a todo instante, que outro mais afortunado inspirasse a Clotilde o sentimento que a sua adoração e o seu devotamento não havião conseguido

conquistar. A cada momento lhe vinha a mente as melancolicas reflexões da sua carta de 6 de Junho:

« No entanto, Senhora, por mais profundos que sejão os meus pezares, nada vos posso exprobrar, e a rara nobreza do vosso proceder assegura-vos para sempre uma amizade que pareceis já apreciar dignamente. Ela *não poderia sériamente suceder ao amor, si tivesseis aceitado outros votos após haver desdenhado os meus*, ou si o vosso coração não tivesse sido adivinhado sinão pelas minhas proprias observações ulteriores. (VOL. SAGRADO, p. 264.) *

Ora, esse perigo lhe parecia iminente enquanto Clotilde não lhe tivesse concedido um penhor que o garantisse contra os receios de qualquer preferencia futura. E, dadas as opiniões gerais, o nosso Mestre acreditava que esse penhor não podia consistir sinão na instituição do laço conjugal. Similhante consideração não vinha só corroborar o conjunto de motivos com que o empirismo biologico e medico pretendia justificar os preconceitos masculinos acerca da castidade. Ela concordava com as inspirações da poezia acerca do encanto peculiar aos deleites voluptuozos. Eis porque Augusto Comte insistia junto de Clotilde por uma união ecepcional. E, de fato, havemos de ver que Ele se libertou de similhante preocupação, desde que a ternura de Clotilde espontaneamente o assegurou contra o abandono e o ciume.

V

Aqueço-me e visto-me como mulher delicada graças a vós.

(*89ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.*)

Amanhecendo, no Sabado, muito fatigada, Clotilde se apressára a escrever a Augusto Comte prevenindo-o que não poderia ir aos Italianos. Mas, preocupada ao mesmo tempo com tranquilizar o nosso Mestre acerca da sua saude, foi levada a falar-lhe dos detalhes da sua vida intima para explicar-lhe o motivo de similhante cançaço.

Octagezima-nona carta

Sabado de manhan 8 de Novembro de 1845.

Meu caro amigo, sinto-me demaziado fatigada para poder gozar do espetaculo esta noite. Si quizerdes fazer

* Vide p. 197 deste volume. — R. T. M.

com que Felicie o aproveite em meu lugar, isso vos tornará quite com ela por muito tempo. Creio que com dois dias de repouzo sómente eu me restabelecerei de todo, e vou tomá-los. Seria para mim bastante com uma pena um pouco de exercicio ao ar livre, e entretanto sou sempre arrastada a fadigas cazeiras, de manhan para mim, de tarde para a comunidade; tudo isso é bem dificil de levar por diante. Uma vez a minha Willelmina acabada, tratarei de obter a minha pensão, e viver enfim segundo as minhas necessidades. Enquanto eu não fôr escritor oficial, não tomarão por nada os meus esforços. Tenho o maximo interesse em estreiar quanto antes. Quanto vos sou grata, do fundo do coração, por me haverdes secundado como o tendes feito! Aqueço-me e visto-me como mulher delicada graças a vós, e são esses dois pontos capitais para mim; o resto está a dispozição de todos nós, e nunca me faltou. Não digais nada; as palavras são outras tantas espadeiradas n'agua; é precizo agir e aguardar. Si eu tivesse mais força, todos esses nadas deslizarião do melhor modo possivel sobre o meu involucro atual: é de esperar que a minha perseverança prestar-me-á afinal o mesmo bom oficio.

Minha mãi está muito pezaroza, e isto entristece-me; é porem, tão averiguado que não poderei conseguir realizar os seus votos de hoje e de amanhan, que não o pretendo mais de todo.

Até á vista, meu caro e bom amigo, até Lunedia. Até Sabado, provavelmente: espero muito do meu regimen de repouzo. Passai bem por vossa parte, e contai com a minha afeição mais verdadeira.

Vossa do coração,

CLOTILDE V.

Clotilde escrevêra este bilhete poucos momentos antes de receber a carta que Augusto Comte lhe dirigíra nessa manhan. As precauções que Ela tomára com o fim de não alarmar o Filozofo vierão justamente produzir sobre Ele um efeito contrario e que com certeza Clotilde estava longe de prever. No seu abandono sem rezervas, a suave Dama lhe revelára uma ordem de privações que Ela bem provavelmente ocultava com cuidado aos seus. A situação que se patenteava a Augusto Comte não podia ser mais angustioza. E, mandando nessa tarde prevenir a M^me^ Maximilien Marie do adiamento do espetaculo nos Italianos

o nosso Mestre teve da saude de Clotilde noticias que ainda vierão agravar a sua aflição. Desde esse instante toda a sua atenção concentrou-se na pesquiza dos meios de libertar a sua idolatrada Inspiradora de uma situação que tão gravemente comprometia a sua saude e a sua felicidade. Nada era mais dificil, porque todos os projetos em tal sentido devião respeitar a escrupuloza delicadeza e a tocante ternura filial de Clotilde.

Impondo-se essa iniludivel condição, o nosso Mestre escreveu-lhe na manhan seguinte indicando os projetos inspirados pelo seu amor.

Nonagezima carta

Domingo de manhan 9 de Novembro de 1845 (8 h.)

Mandando hontem prevenir a Felicie da folga italiana, soube indiretamente, minha celeste amiga, acerca da vossa cara saude, noticias mais dezagradaveis do que pela afetuoza carta que me escrevestes um momento antes de receber a minha da manhan. Eis porque, depois de se ter informado cuidadozamente do vosso estado prezente, Sofia está especialmente encarregada esta manhan de evitar-vos, tanto quanto possivel, toda fadiga corporal. Ficai pois com ela, para esse fim, sem escrupulo algum, todo o tempo conveniente; conjuro-vos a fazer desta vez, menos rezistencia do que antes. Tudo já não deveria ser comum entre nós? Sabeis aliás que, por uma simples criança, privei-me da minha criada mais vezes e mais gravemente do que as vossas necessidades o exigirião agora, sem experimentar eu-mesmo por isso nenhum notavel inconveniente. Porque pois seria eu menos serviçal para convosco, ou porque serieis vós mais ceremonioza?

No meio das minhas inquietações, é para mim uma felicidade saber que o cazo começa a fixar sériamente a vossa atenção, e que estais enfim decidida ao repouzo. Espero que o tomeis a tempo, e que sabereis prolongá-lo prudentemente, si fôr precizo. A vossa apreciação do genero de habitos peculiares á vossa saude parece-me muito judicioza; ela tranquiliza-me sobre o futuro, contanto que uma perseverante firmeza vos faça conformar-se-lhe assás toda a vossa conduta. Com o trabalho intelectual, algum exercicio diario ao ar livre, sem nenhuma outra fadiga fizica, eis o que vos convem regularmente, uma vez dissipada a crize atual. Desde este momento poderieis, parece-me, evitar

a parte puramente pessoal das vossas fadigas cazeiras. Si os nossos domicilios fossem mais proximos, Sofia tem realmente tão pouco que fazer em minha caza que poderia ir todas as manhans vos evitar essa faina, como a digna mulher disse-me vo-lo haver indicado espontaneamente. Mas, por um arranjo pouco custozo com a vossa porteira, poderemos tambem consegui-lo facilmente, desde que o quizerdes. Quanto ás fadigas de familia, bastaria, parece-me, pronunciar-vos convenientemente sobre o seu perigo para libertar-vos assás delas, sobretudo si o comum doutor dissesse francamente a sua opinião medica a tal respeito.

Insistindo sobre esses expedientes imediatos, não desconheço a sabiduria, nem mesmo a urgencia, do judiciozo regimen que me indicais, e cuja proxima realização parece-me tão possivel como dezejavel. E' precizo, com efeito, que sejais enfim senhora de vós, e isto tanto para a vossa saude como para a vossa felicidade. A vossa familia não póde levantar nenhuma objeção razoavel contra uma transformação tão legitima, depois de vos ter visto passar por tantas desgraças, não menos extranhas do que imerecidas. Comprehendo o poderozo socorro que póde fornecer-vos a vossa elaboração atual, facilitando esse partido decizivo; nesse sentido, importa-vos muito acabá-la prontamente, salvo os cuidados da vossa saude. Permiti-me, porem, minha nobre e terna Clotilde, melhorar o vosso criteriozo projeto, tornando-o independente de tal condição, que, apezar da sua eficacia, parece-me longe de ser-lhe indispensavel, e poderia retardar a sua execução alem das vossas urgentes exigencias. Não tendes realmente precizão de nenhum titulo dessa ordem para obter que a despeza feita em vossa intenção se realize de modo diverso do atual, sem sofrer aliás o menor aumento. Insto sobretudo comvosco que determineis convenientemente, a este respeito, a suprema intervenção do vosso digno pai, informando-o primeiro da pensão austriaca, o que, em qualquer hipoteze, parecer-me-ia decente e oportuno.

Mesmo no cazo mais desfavoravel, deixai-me, Clotilde, tomar enfim ao serio o nobre protetorado que ternamente me conferistes, e realizemos, si fôr precizo, a minha amigavel proposta de Setembro, que permanecerá sempre aceitavel entre nós. Não temais que os embaraços momentaneos da minha situação pessoal possão jamais impe-

dir-me de fórma alguma de o executar, nem que fosse desde hoje. Quando eu devesse aliás empregar assim o meu tempo de maneira a retardar um pouco a minha grande elaboração, já não adquiri dignamente esse direito, e poderia eu uzar dele melhor?

A minha principal divida filozofica acha-se agora saldada com a Humanidade que não está mais doravante autorizada a queixar-se de ver-me, si fôr precizo, devotar-me á amizade. Não seria aliás um outro modo de servir muito á nova filozofia o mostrá-la ao mundo inspirando, na pratica, tão nobre dedicação privada? Uzai pois, cara amiga, de toda a franqueza para comigo, vendo-me pronto para as mais extremas das vossas eventualidades, embora eu reconheça, para a vossa felicidade, a importancia de evitá-las tanto quanto possivel. Pedí pois desde já a vossa familia, em nome da vossa justa liberdade pessoal, todos os socorros que puderdes obter sem nenhum rompimento, e contai francamente, quanto ao resto, com a minha energica afeição, que póde, sendo precizo, compensar tudo neste particular. Constituí enfim, sob esse duplo aspeto, o regimen fizico e moral que vos é verdadeiramente necessario. Os vossos tocantes agradecimentos de hontem sobre a minimissima intervenção que até hoje me permitistes despedaçárão-me de dôr, desvendando-me uma ordem de privações que eu estava longe de suspeitar. Seja qual fôr o partido, quer imediato, quer definitivo, que acreditardes dever tomar, devemos absolutamente fazer cessarem preocupações habituais tão indignas de vós.

Vós, cuja doce influencia espontanea dezenvolveu tão bem em mim as afeições ternas, que me erão naturalmente inherentes sem haverem podido até então surgir assás, recebei de novo, minha Clotilde, por esse inapreciavel serviço, a eterna homenagem da minha mais intima gratidão.

Por maior que seja o devotamento que ela me possa inspirar, ele não equivalerá jamais, nem á importancia de tal beneficio, nem mesmo á profundeza do respeitozo amor do

Vosso filozofo

A^TE COMTE.

Pela reprezentação que deixou de ter lugar hontem, a administração dos Italianos dar-nos-á, Domingo 16, uma *soirée* extraordinaria. A minha dupla cadeira vai pois

servir-me dois dias seguidos, Sabado e Domingo proximos: vós escolhereis um, e dareis o outro a Felicie ou a quem quizerdes.

Como era de prever, Clotilde ficou extremamente penhorada pelas novas demonstrações que Augusto Comte lhe dava do seu cavalheiresco devotamento. Respondeu-lhe na mesma tarde.

Ahi entrava em explicações intimas que a sua escrupuloza delicadeza lhe tornava indispensaveis para justificar a aceitação dos oferecimentos do nosso Mestre, e que a inteira confiança na paternal solicitude dele autorizava.

Nonagezima-primeira carta

Domingo á tarde 9 de Novembro de 1845.

Vós sois um homem deliciozo, e si todos se parecessem convosco, tudo iria em mar de rozas neste mundo. Estamos, porem, muito longe disso; e o que vos parece simples e justo seria taxado alhures de loucura ou egoismo monstruozo. Já tive a experiencia, meu digno amigo; e o meu retiro de Passy me foi lançado em rosto muitas vezes para que eu não esteja certa de antemão das novas hostilidades que devo temer voltando a viver a parte. Não teria sinão um meio imediato de o tentar; já pensei nele com reflexão, não é sem inconvenientes. Mas satisfar-me-ia nos meus sentimentos por meu pai, porque isso lhe seria util assim como a mim. Si ele quizesse deixar a minha liberdade salva, eu acharia uma honoravel proteção na sua associação comigo. Mas esse arranjo não é praticavel sinão de uma só maneira: a saber, si ele quizesse habitar uma moradia comum onde cada um de nós tivesse o seu apartamento, e onde encarregar-me-ia de dirigir uma caza na qual eu fosse a dona. Eis o unico recurso que tenho agora: mas sinto quanto ele requer ser pezado e encarado sob todas as faces, porque similhante passo empenha mais do que o prezente.

Como vos disse hontem, obtido um primeiro sucesso, far-me-ão concessões que não me serão outorgadas antes sinão sob milhares de condições. A minha intenção, porem, é colocar o meu tio mesmo nos meus interesses, logo que eu tiver para isso um titulo evidente. Não posso antes nem recorrer a ele nem falar dos seus bene-

ficios a meu pai, minha mãi havendo me imposto segredo sobre tal.

Quanto a aceitar os imensos serviços que me quizereis prestar, meu caro filozofo, é uma coiza ainda mais impossivel aos meus olhos. Si eu tivesse a ventura de partilhar o amor que vos inspiro, eu poderia no maximo consentir que me consagrasseis uma porção do vosso tempo e dos vossos gostos. Eu tenho muitissimo poucos titulos ao vosso devotamento para pô-lo á prova por modo diverso do que o tenho feito até aqui. Vós podeis considerar-vos como suficientemente investido do papel de protetor pelas nobres bondades que tendes tido para comigo; e eu considero-me, do meu lado, como colocada, por tal fórma sob uma digna e santa proteção que terei convosco a confiança e a simplicidade de uma criança. Dezejo sómente render ao mesmo tempo aos meus a justiça que lhes é devida. Já lá vão seis anos que eles se habituão dia por dia á minha desgraça, e a todos os inconvenientes da minha saude. O nosso medico fez, como homem de coração, todas as observações necessarias ao meu respeito. Por tres ou quatro vezes estiverão a ponto de despedi-lo em razão da sua franqueza: mas eu não ressenti menos por isso as reações da sua intervenção, e realmente poupão-me o mais possivel, basta, porem, muito pouca coiza para fatigar-me muito.

Entrego-me, em minha caza, aos meus pequenos afazeres tanto por gosto como por habito, e, quando chega o fim do dia, acontece sempre que despendi forças ecessivas para as que tenho.

Vou empregar a minha porteira regularmente, e rezervar-me para a minha pena e um pouco de passeio. Si, portanto, podeis sinceramente, e sem vos impôr nenhum acrecimo de trabalho, ajudar-me no segredo dos nossos corações, eu vos prometo pedir-vos o que me fôr necessario para vencer o passo. Quantas mulheres tão dignas de interesse como eu que não têm os recursos que tenho, meu caro amigo! E quantas sobretudo têm de sofrer a falta de um apoio verdadeiro ou de um amigo generozo como aquele que eu encontrei! A vós, em troca, o pensamento tão doce de haverdes reanimado um ente aniquilado e vertido o balsamo em um coração ulcerado! Possa eu retribuir-vos o bem que me tendes feito!

Conversaremos sobre os meus planos; escrevei-me de

hoje até Mercuridia. Irei pedir-vos com que satisfazer as minhas necessidades *imprevistas*. A falta de memoria não é extranha a essas sortes de negligencias. Embora eu tenha tido este ano tudo o que se cuida que deve ser-me bastante, ha necessidades custozas para mim que não figurárão assás. Contestão-me até o merito de ser arranjada, que eu tenho em primeira linha. Depois que uzei um vestido dois anos, espantão-se que eu o concerte. Seja isto dito só em pról do meu conceito aos vossos olhos, meu filozofo. Serei ainda muito bela este inverno com o vestido de Léon; mas tive precizão de tudo que não se vê. Si puderdes ainda emprestar-me 100 francos, sempre para o que não se vê, estareis mais do que ao nivel da Providencia no que me concerne.

Adeus, meu caro amigo, até amanhan á tarde. Agi sobre o coração por algumas fricções de digital: isso diminũi a atividade do pulso; mas não tenho pernas nem por sombra. Irei ver o doutor si isso não melhorar: ele diz todavia que ha bem pouca coiza para mim nas farmacias, e eu creio que ele tem razão.

Vossa de todo coração

CLOTILDE DE VAUX.

O nosso Mestre recebeu esta carta no Lunedia de manhan, pouco antes das 10 horas. Segundo as indicações anteriores (Vide p. 449 deste volume), o seu serviço começava nesse dia ás 12 h. e terminava ás 3 h. da tarde. Mas as suas emoções não consentírão que adiasse a resposta.

Nonagezima-segunda carta

Lunedia de manhan 10 de Novembro de 1845 (10 h.)

Depois de ter relido a precioza carta que acabo de receber, o meu coração experimenta a necessidade de responder-lhe logo, e espero ter ainda tempo para isso antes da hora da minha corvéa, salvo dezenvolver, em nossa doce entrevista de depois d'amanhan, o que não me é possivel sinão indicar esta manhan.

Devo primeiro agradecer-vos de novo pela comovente confiança que me concede a vossa santa ternura, e que constitũi já a principal recompensa do meu amor, embora ele tivesse mesmo de ficar para sempre privado da inapreciavel reciprocidade a que não posso cessar de aspirar ardentemente. Respeitando a nobre delicadeza que, no

estado prezente do vosso coração, vos interdiz de aceitar toda a extensão real do meu devotamento espontaneo, regozijo-me com vos ver ao menos consentir hoje, com uma cordial franqueza, na intervenção suplementar que eu me reduzia a propôr-vos como a unica imediata. Podeis, pois, contar com a minha doce satisfação de entregar-vos Mercuridia o que tendes a bondade de pedir-me: os meus embaraços passageiros não me privarão jamais, mesmo ao prezente, dessa amigavel cooperação.

Quanto aos vossos planos pessoais, merecem muita reflexão prévia. A reunião com o vosso pai preciza sobretudo ser pezada: é o vosso melhor modo imediato, todavia sob as indispensaveis condições que me indicais tão criteriozamente; mas tem o grave inconveniente de empenhar demaziado o futuro. Aprovo infinitamente o vosso projeto de relações diretas com o vosso digno tio, e reconheço que a vossa compozição atual fornecer-vos-á a mais nobre ocazião disso. Não posso, todavia, impedir-me de lamentar que tenhais prometido á vossa mãi ocultar até hoje ao vosso pai essa honoravel proteção: comprometida ao silencio, deveis sem duvida guardá-lo; mas temo que ele vos tenha sido prescrito na intenção, talvez despercebida, de melhor sujeitar-vos ao despotismo materno.

Fico sabendo com alegria que afinal quereis conceder á vossa cara saude cuidados serios e sustentados. O vosso medico eleva-se, aos meus olhos, primeiro pela sua corajoza franqueza a vosso respeito junto dos vossos pais, e depois pela sua consiencioza declaração sobre a impotencia radical da farmacia para convosco: pensai pois sobretudo no vosso regimen, sob todos os seus numerozos aspetos; é esse o vosso grande recurso, e ouzo garantir que ele vos bastará plenamente, mediante a perseverança conveniente. Uma das suas principais prescrições imediatas consiste em exonerar-vos das vossas proprias fadigas diarias, passando -as para a vossa porteira; estou encantado por ver-vos acolher logo as minhas indicações neste particular. Quando esse novo arranjo fôr conhecido pela vossa familia, ela sentirá, sem duvida, como complemento indispensavel de tal higiene, a evidente necessidade de poupar as vossas forças corporais durante as horas da vida em comum.

Que imenso e terno reconhecimento vos devo, cara e digna amiga, quanto aos vossos afetuozos agradecimentos pela afortunada eficacia da minha afeição para reani-

mar já a vossa vida moral! Si a vossa santa amizade puder um dia transformar-se afinal em verdadeiro amor, que ventura terá jamais igualado a minha! Similhante baze preliminar asseguraria a essa inefavel felicidade uma perzistencia equivalente á sua energia.

Adeus, minha incomparavel Clotilde, até esta tarde, a satisfação de apertar ternamente a vossa mão, e sobretudo até Mercuridia a ventura de conversar amplamente sobre todos os vossos planos.

Vosso, meu unico e eterno amor,

Ate COMTE.

Clotilde esteve com Augusto Comte, nesta tarde, na rua Pavée. Não encontrou, porem, ahi ensejo para testemunhar-lhe a sua gratidão, e escreveu-lhe na manhan seguinte.

Nonagezima-terceira carta

Martedia de manhan 11 de Novembro de 1845.

Quanto serei feliz, meu digno amigo, quando puder comprazer-vos a meu turno! Si eu conseguir conquistar a minha emancipação, podeis contar com o melhor lugar ao lado do meu fogo. Nesse entretanto, contai com o que ocupais no meu coração.

O serviço que me prestais de novo põe-me desta vez a nado. Paguei algumas continhas e tomei as minhas precauções de inverno: só tenho agora que animar-me, preparando o advento de Willelmina. Sinto cada vez mais gosto em mim pela profissão; e, si eu pudesse disputar de uma vez as minhas forças a tudo que m'as tira, sinto que conseguiria o meu fito. Sei muito bem que hão de reconhecer mais tarde a retidão das minhas vistas e a utilidade da minha perseverança, e eu não estou verdadeiramente abatida agora sinão pela minha *insuficiencia* fizica.

Tenho esperanças que a digital vai pôr-me novamente de pé Jovedia ou Venerdia. Tenho muito menos opressão e pulsações. Amanhan irei ver-vos de barca; e, até lá vou ler e cuidar dos meus trapos.

Adeus, meu verdadeiro filozofo. Oxalá a vossa sorte se acrecente tambem de tudo o que mereceis! Temo que encontreis bem raramente os vossos pares em torno de vós, e que tenhais de contar para sempre só com o vosso merito.

Recebei, com o meu terno bom-dia, a eterna segurança do meu apego.

CLOTILDE DE VAUX.

Parece que, antes de receber esta comovente efuzão, Augusto Comte sentiu a necessidade de insistir sobre os seus oferecimentos. Esceveu pois a Clotilde:

Nonagezima-quarta carta

Mercuridia á tarde 11 de Novembro de 1845 (2 h.)

Temo, minha bem-amada, ter dado uma resposta por demais apressada á vossa ecelente carta de Domingo, que exigia talvez menos arrastamento. Sem nada ter que modificar nessa resposta, não insisti então bastante sobre uma importante explicação, que não deve ficar puramente verbal.

Uma delicadeza ecessivamente sombria vos faz afastar como imediata a proposta que eu renovava sómente como recurso extremo, e que, a este titulo, permanecerá sempre aberta entre nós. Eu vos tinha aliás aconselhado ao mesmo tempo a recorrerdes á vossa familia tanto quanto o puderdes fazer dignamente, e a não procurardes então em nossa santa amizade sinão meios suplementares, para todos os cazos de insuficiencia ou de imprevidencia. Sob tal aspeto, espero que já estejais rezolvida a pedir-me francamente tudo o que se vos tornar necessario: sabeis quanto serei sempre feliz de providenciar sobre o que fôr preceizo. Contai tambem que não experimentarei com isso nenhum incomodo real, mesmo quando os meus embaraços atuais se prolongassem alem de toda verozimilhança.

Porem, para o cazo extremo ao qual unicamente referia-se o meu oferecimento principal, permití-me que insista sobre o pouco fundamento das repugnancias, irrefletidas embora nobres, inspiradas, a este respeito, pelo estado prezente do vosso coração. Embora seja imenso o valor que eu deva sempre ligar a obter afinal de vós um sentimento equivalente ao meu, a simples amizade me impeliria assás a tal intervenção, e deveria tambem decidir-vos a aceitá-la, si, com efeito, um cuidado legitimo da vossa plena seguridade ou da vossa justa dignidade vos determinasse um dia a, renunciar a quaisquer socorros de familia.

Tais relações forão, sem duvida, sempre raras: mas existírão diversos exemplos irrecuzaveis delas, quer entre dois homens, quer mesmo de um sexo para com o outro. Não somos ambos assás dignamente organizados para realizar de novo essas nobres eceções, honra da natureza humana? No fundo, elas se reduzem a extender até a amizade o oficio que já é universalmente atribuido á fraternidade e á paternidade. Ora, não é então o cazo de aplicar a memoravel maxima recentemente formulada pela vossa mãi? Não cessarei nunca, sem duvida, de ver em vós a minha unica espoza verdadeira, e de guardar-vos, aconteça o que acontecer, tanta fidelidade, moral ou mesmo fizica, como si a nossa união fosse real e completa, deva eu embora, conforme tenho, infelizmente! sobejas razões para temer, nada obter jamais de vós alem da pura amizade. Porem essa imperfeita reciprocidade não deveria, sendo precizo, fazer-vos rejeitar um devotamento para o qual o amor não é indispensavel.

Para que falais na necessidade de retribuir? Esqueceis a ventura de dar ou mesmo a de aceitar? A moral pozitiva não deve ceder a moral teologica ou metafizica, conduzindo a Humanidade a uma ativa pratica do puro dezinteresse? Não estou de antemão plenamente recompensado de tais esforços por essa doce convicção de já haver, segundo as vossas tocantes expressões de ante-hontem, *reanimado um ente aniquilado, e vertido o balsamo em um coração ulcerado?* Quanto ao proveito que tiro da nossa santa ligação, devo, pois, desdenhar a precioza revolução produzida assim no conjunto da minha existencia moral? Eu vos devo o pleno surto das afeições ternas, e mesmo dos mais generozos sentimentos. Cada dia, sinto, graças a vós, tornar-me ao mesmo tempo melhor e mais feliz; mesmo no que concerne a minha ação filozofica sobre a Humanidade, a segunda metade da minha nobre carreira sobrepujará a primeira. Si é verdade, como o admitimos ambos, que o grande fito da vida humana consiste no aperfeiçoamento continuo da nossa natureza, individual e coletiva, poderiamos menosprezar o valor de tais beneficios, tão diretamente relativos a essa eminente destinação? Esse rezultado capital mereceria bem certamente ser adquirido por um acrecimo de algumas horas de trabalho quotidiano, que não me ofereceria, na realidade, outro grave inconveniente sinão o de retardar

talvez por um ou dois anos uma importante publicação, si todavia a doce superecitação contínua devida a tal surto moral não compensasse, para a minha principal elaboração, essa diminuição de lazer. Os entes vulgares fazem tantos sacrificios dessa ordem em proveito da sua saude esteril ou dos seus grosseiros prazeres! Porque os homens superiores não comprarião, pelo mesmo preço, mais nobres melhoramentos pessoais?

As vossas recuzas não terião, pois, a meu respeito, nenhum fundamento razoavel. Quanto aos vossos proprios escrupulos, eu não reconheceria a sua verdadeira legitimidade sinão si o vosso coração me concedesse sómente o segundo lugar: mas, no fundo, vós já me considerais como o vosso melhor, ou mesmo, salvo a vossa familia, o vosso unico amigo; e, em amor, não preferis mais ninguem a mim: nenhuma justa delicadeza deveria, pois, interdizer-vos de aceitar a plenitude da minha proteção, quando mesmo os vossos sentimentos não pudessem jamais corresponder assás aos meus.

Todavia, minha Clotilde, o meu oferecimento é por tal fórma independente da minha paixão, que sempre evitei toda exageração passageira e toda preocupação pessoal. Tendendo para o meu proprio aperfeiçoamento moral, o vosso não deve me inspirar menor solicitude permanente. Por isso jamais quiz assim nem afrouxar em nada os vossos justos laços de familia, nem mesmo amortecer os vossos dignos esforços individuais. A minha intervenção tutelar foi sempre destinada, aos meus olhos, a compensar inteiramente a insuficiencia real dessa dupla proteção natural, exercendo para convosco, com muito menos poder, sem duvida, porem com muito mais justiça e dicernimento, o oficio que os devotos atribuem á sua Providencia

Espero, minha nobre e terna amiga, que essas explicações farão cessar em vós todo equivoco e dissiparão pouco a pouco os vossos honoraveis escrupulos sobre a medida extrema em que a vossa razão deve habituar-se a ver um refugio seguro, proprio para prevenir qualquer dezespero. Só uma união mais completa me autorizaria, bem o sinto, a propôr-vos de preferirdes abertamente esse meio a qualquer outro recurso verdadeiramente praticavel. Falaremos amanhan dos vossos diversos planos, imediatos ou definitivos. Já vos posso anunciar que as minhas proprias reflexões

tendem finalmente a afastar como muito perigozo o projeto de reunir-vos com o vosso digno pai.

Vosso para sempre,

A^TE COMTE.

Entregando-vos esta carta suplementar, Sofia vai encarregada de informar-se especialmente da vossa cara saude.

Clotilde respondeu logo.

Nonagezima-quinta carta

Martedia á tarde 11 de Novembro de 1845.

Quizera poder responder-vos com detalhe sobre tudo o que me dizeis, meu caro amigo. Mas estou bastante incomodada, e não quero reter Sofia por muito tempo. Não farei pois aqui sinão agradecer-vos pela vossa incessante bondade. Não, não posso aceitar os vossos oferecimentos a menos de tornar-me vossa mulher; isto acha-se posto no meu espirito em estado irrevogavel. Para contrahir um compromisso tão importante como o de uma nova união, confesso-vos, quero gozar plenamente da minha força moral e da minha razão. O que eu tenho sofrido na minha vida não se assemelha a nenhum infortunio ordinario. Sofro por mim mais talvez do que pelas circunstancias; e quero estar segura de poder preencher, segundo os meus votos, os deveres novos que me criar.

Não creio que exista um homem melhor e mais nobre do que sois; embora, porem, essa convicção seja a mais necessaria de adquirir-se sobre o homem que se escolhe, ela não é a unica, e isso é bem perfeitamente reciproco. Podem faltar-me as qualidades mais importantes para a felicidade de um homem tal como vós, e então!

No estado de sofrimento moral e de luta em que ainda acho-me, não posso responder por mim. Apezar de tudo o que conheço de bom em mim, faria eu bem em arriscar o vosso futuro e o meu?

Até amanhan, meu caro amigo, embora me ache bem sofrente. Escarrei sangue durante uma parte do dia, e o coração está dolorozo conquanto mais calmo. Não vos inquieteis mais comigo: tomarei todos os meios melhores para voltar por agua. Oxalá não vos entristeça pela minha doloroza sinceridade! Ela parte com certeza bem do lugar doente.

Beijo-vos ternamente,

CLOTILDE.

VI

> Acabo de dar-me um prazer que ha muito ambicionava: era falar aos meus de uma parte das vossas bondades para comigo.
>
> *(96ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.)*

Apezar da debilidade em que se via, Clotilde fez, no dia seguinte, Mercuridia, a vizita projetada ao nosso Mestre. Similhante exercicio era, porem, superior ás forças dela; de sorte que chegou extremamente abatida á rua Monsieur-le-Prince. Foi mesmo ahi vitima de um acidente que muito alarmou o terno Pensador. Embalde, porem, na volta, Augusto Comte quiz acompanhá-la até o carro. Ela não acedeu ás suas cordiais instancias, e, dominando as suas aflições, dirigiu-se para a rua Pavée.

Esta entrevista constitûi uma das *imagens normais* do culto intimo do nosso Mestre. Ele conseguiu nela vencer enfim as delicadas relutancias de Clotilde em aceitar o seu cavalheiresco amparo material, apezar da afeição que por Ele tinha não ultrapassar os limites de uma pura amizade. Similhante assentimento produziu no magnanimo Filozofo um jubilo indizivel. Porem, o conjunto do enternecido debate que fôra precizo para atingir a esse rezultado, bem como as demais demonstrações de Clotilde nessa ocazião, tornárão-se, para o nosso Mestre, a prova de que Ela jamais corresponderia ao seu amor.

Depois que Clotilde retirou-se, Augusto Comte ficou, pois, imerso em profunda melancolia. Não o deixava um instante a lembrança da doloroza atitude em que a cruel enfermidade colocára a idolatrada e martirizada Senhora no pequeno sofá. E os delicados escrupulos dela ainda mais cruciante tornavão tão pungente imagem.

Diante dessa acabrunhadora perspetiva, novas hezitações acerca das condições que até ali o nosso Mestre julgára indispensaveis para a plenitude do laço conjugal, erguem-se no seu espirito. O amor seria porventura um requizito insubstituivel para a digna instituição de tão sublime vinculo? Uma profunda amizade não bastaria ás almas superiores para cimentar a suprema união pela qual anhelava?...

Clotilde despedíra-se entretanto do nosso Mestre comovidissima pelo cavalheiresco devotamento de que era objeto. Dominada pela sua gratidão, Ela inquire como

retribuir tão delicados extremos, e o segredo em que jazião os nobres rasgos do Filozofo como que aumenta o pezo que lhe oprime o coração. Talvez mesmo a sua delicadeza não lhe consentisse receber a plenitude do amparo do nosso Mestre sem que a sua Familia o ficasse sabendo. Sente cada vez maior necessidade de aliviar-se desse constrangimento. Absorta por tão comovente preocupação chega a rua Pavée. Ahi a prezença dos que a rodeião vem trazer um novo estimulo ás solicitações do seu reconhecimento. Sem duvida a revelação da nobre conduta do Filozofo tornar-se-ia um titulo de mais para a afeição que a Familia Marie já consagrava a Ele... Essa doce consideração acaba de determiná-la, e Ela narra aos seus com candura a generoza solicitude do nosso Mestre para consigo.

De volta á caza, apressou-se a comunicar a Augusto Comte o jubilo que simillhante expansão lhe cauzava.

Nonagezima-sexta carta

Mercuridia á tarde 12 de Novembro de 1845.

Meu caro amigo, acabo de dar-me um prazer que ha muito tempo ambicionava: era falar aos meus de uma parte das vossas bondades para comigo. Sem explicar-vos a maneira pela qual me avim então, posso assegurar-vos que ela esteve em harmonia com os fatos, e que só pódem achar que estes são honrozos para mim. Essa criancice de coração fez-me bem, e penso que não m'a exprobrareis. Não devemos pôr de todo ás escondidas o rosto dos nossos amigos. Si o bem é menos contagiozo do que o mal, é isso uma razão de mais para favorecer o seu surto: a compensação é necessaria, sobretudo ahi.

O coração fez-me falta ainda hoje á tarde; entretanto o ar me tinha restabelecido um pouco, e tratarei de tomá-lo amanhan. Quanto vos agradeço em particular os vossos mimos! Eu o sinto melhor do que sei dizê-lo.

Até Venerdia á tarde, meu caro filozofo. Espero que estarão ainda em veia de amabilidade, e que vós o aproveitareis. Isto não passa de um boa-noite de Mercuridia: eu vo-la ofereço ternamente.

Vossa do coração,

CLOTILDE DE VAUX.

VII

O homem deve sustentar a mulher.
As mulheres não têm todas, no fundo, sinão uma mesma missão, a de amar.

(AUGUSTO COMTE — *Discurso sobre o conjunto do Pozitivismo*. ps. 242 e 248.)

Na manhan seguinte, antes de haver expedido esse afetuozo bilhete, Clotilde recebeu a seguinte carta:

Nonagezima-setima carta

Jovedia de manhan 13 de Novembro de 1845 (7 h.)

Mando Sofia esta manhan para informar-se, minha bem-amada, da precioza saude sobre a qual o vosso acidente de hontem deixou-me especialmente alarmado. Ai! eu vos hei de ver por muito tempo na doloroza atitude que tinheis no meu pequeno sofá. Mau grado ás vossas instancias, eu devia vos ter acompanhado até ao carro.

Sentís, espero eu, minha Clotilde, quanto aprecio os vossos tocantes agradecimentos pelos meus minimos serviços. Felicito-me sobretudo que tenhais afinal sido conduzida assim a assegurar-me, em geral, o nobre direito de garantir o vosso justo bem-estar, concorrendo ao mesmo tempo para o vosso intimo aperfeiçoamento. Sem essa extrema intervenção providencial, o meu cordial protetorado não passaria de uma honoravel sinecura. Vós consolidastes irrevogavelmente esse doce oficio, tornando-o doravante independente das lacunas involuntarias do vosso coração, como da terna fatalidade que vos avassala o meu. A nossa santa ligação acha-se pois agora organizada; e isso era, aos meus olhos, ouzo vo-lo assegurar, o ponto fundamental.

No meio dessas deliciozas emoções, devo entretanto indicar-vos com franqueza até que ponto acreditei hontem adquirir a quazi certeza de que o vosso coração não poderá jamais ultrapassar para comigo a simples amizade. Essa triste convicção alteraria muito a inefavel ventura com que sonhei, mas sem todavia impedi-la radicalmente. Permití-me esperar que, mesmo nesse cazo, a nossa união não parecer-vos-ia impossivel, si aliás reconhecesseis em mim todas as qualidades necessarias para a vossa felicidade, como já estou certo da vossa aptidão para assegurardes a minha. O amor pareceu-me sempre, sem duvida, consti-

tuir, neste assunto, uma condição prévia ainda mais indispensavel no vosso sexo do que no meu. Mas a vossa natureza é assás eminente para merecer uma honroza exceção a essa regra geral. Eu não hezitaria pois em contentar-me então com a pura amizade que já me votastes, só com a segurança de que, a qualquer outro respeito, o vosso coração permaneceria pelo menos verdadeiramente livre. Empenhando-vos assim a minha vida, eu não temeria cometer nenhuma verdadeira imprudencia. Eu não seria, felizmente, o primeiro exemplo de uma plena felicidade domestica compativel com uma imperfeita reciprocidade de afeição, quando as principais simpatias existem assás. Simillhante perspetiva bastaria, porem, para sobrepujar os vossos nobres escrupulos, e determinar o vosso livre assentimento refletido?

Adeus, cara espoza do meu coração; recebei os castos osculos do

Vosso filozofo,

Ate COMTE.

Sofia deve consultar-vos a propozito de uma criada que lhe propõem para o vosso pai. Como Sofia não conhece essa mulher sinão indiretamente, tende a bondade de indicar-lhe, á vista do que ela vos expuzer, que resposta deve dar a tal proposta.

Como se vê, nessa carta, o nosso Mestre tentava conceber a união conjugal sem *o amor* como possivel, sobretudo tratando-se das naturezas eminentes. Ele não tinha pois se elevado ainda á verdadeira concepção do altruismo e da união conjugal. Essa não era a opinião de Clotilde. Para Ela o cazamento não podia existir sem a suprema afeição, o perfeito acôrdo era indispensavel em tal laço. Que piedoza emoção não lhe deveria, pois, ter cauzado a confidencia do nosso Mestre! Mas Ela não julgou porventura conveniente agravar as dôres de Augusto Comte insistindo em tão melindrozo assunto. Limitou-se a mandar por Sofia o bilhete que escrevêra na vespera á noite.

Augusto Comte não pôde ler esse bilhete sinão ás 3 horas da tarde, e ficou realmente constrangido. Mas as ecelentes noticias que Sofia lhe trouxera da saude da sua Bem-Amada erão de natureza a dissipar-lhe qualquer outra preocupação. Respondeu, pois, a Clotilde expondo-lhe os escrupulos do seu cavalheirismo. E prevalecendo-se da ocazião comuni-

cou-lhe o projeto que afagava de dedicar-lhe a obra que, sob sua angelica inspiração, estava elaborando.

Nonagezima-oitava carta

Jovedia á tarde 13 de Novembro de 1845 (3 h.)

Diversos obstaculos fizerão-me retardar até a esta hora o prazer de ler o bilhete trazido hoje de manhan por Sofia. Estou muito comovido pela terna delicadeza que impeliu o vosso coração a pôr os vossos parentes na confidencia parcial dos meus pequeninos serviços de amizade. Mas, pois que Sofia deu-me ecelentes noticias da vossa saude de hoje, posso ter a coragem de ralhar convosco um pouco por essa comunicação, mais nobre do que prudente, embora eu ignore, de resto, a fórma efetiva e a verdadeira extensão dela, sem as quais não posso todavia julgá-la afinal. Si, por um lado, vejo nisso a vantagem de provocar, em vosso proveito, uma generoza emulação, temo, por outra parte, que ela não tenda tambem a tranquilizar a indiferença. Quanto a mim, essa informação deverá, o mais das vezes, despertar ou estimular uma desconfiança e uma sucetibilidade mal extintas, talvez mesmo sugerir, nas crizes de mau humor, o pensamento de repelir-me por uma brusca restituição, a que estou todavia bem decidido a nunca aquiecer nem sujeitar-me. Compensado tudo, deploro, pois, minha terna Clotilde, que tenhais nobremente trahido esse segredo da amizade, sem me haver primeiro consultado. Tal confidencia tende a diminuir, a meus olhos, o merito da minha afetuoza intervenção, cujo doce misterio jamais devia sahir dos nossos corações. Não pareceria, á primeira vista, que a vossa escrupuloza prudencia quiz assim assegurar-me uma nova garantia, inspirando á vossa familia uma especie de gratidão coletiva, com que me sinto, a dizer a verdade, mais contrafeito do que comovido? Embora eu saiba que cedestes a motivos menos vulgares e mais comoventes, não posso impedir-me de encarar essa confidencia como inoportuna e mesmo imprudente: ela fará primeiro ulteriormente supôr, a este respeito, muito alem da realidade. Todavia, minha Clotilde, não julgueis definitiva essa franca admoestação do vosso amigo: a sua concluzão será talvez muito diferente quando o houverdes informado melhor.

Já que estamos em expansões de gratidão, posso anun-

ciar-vos, do meu lado, embora longinqua ainda, uma precioza satisfação, que não póde comportar tais inconvenientes: eu a entrego todavia, como desforra, á vossa amigavel critica. E' quanto ao intimo reconhecimento moral que eu me comprazo, ha seis mezes, em dever áquela que tão dignamente reanimou o meu coração e exaltou em mim todos os sentimentos generozos. Eu não ficarei verdadeiramente satisfeito a este respeito, como vo-lo indicava recentemente, sinão quando puder nobremente explicar, ao meu augusto publico, essa inapreciavel eficacia de uma paixão bem dirigida, cujos principais rezultados indiretos a grande elaboração humana recolherá assim. Ora, eu creio poder obter convenientemente esse prazer de elite dedicando-vos abertamente, como já o fiz em segredo, a nova grande obra começada durante as minhas ultimas férias. Embora ela não possa ser publicada antes de quatro anos, estou certo que essa inevitavel demora não diminuirá, aos vossos olhos, o valor desse cordial testemunho, que aliás oferecer-me-á a vantagem accessoria de afastar espontaneamente as legitimas rivalidades dos meus diversos amigos ou colegas. Convireis, espero eu, minha bem-amada, que essa publica expansão de uma gratidão moral não oferecerá então nenhum dos perigos que a vossa confidencia domestica me faz receiar hoje: ninguem seria capaz de ter nem o pensamento nem a possibilidade de abuzar disso. No tempo da sua realização, sereis, ouzo assegurá-lo, assás conhecida, e mesmo assás apreciada, para que a vossa cordial aceitação de tal homenagem possa aliás aumentar, aos olhos de todos, o valor dessa santa amizade.

Adeus, minha adoravel Clotilde: sinto-me por tal modo compenetrado de um puro amor que bem quizera passar a minha vida a vos escrever ou a vos ler, quando não posso vos ver e vos falar. Consentireis, espero eu, em consolidar a vossa propria imortalidade pela do

Vosso caro filozofo,

A^te^ COMTE.

Clotilde respondeu-lhe na mesma data.

Nonagezima-nona carta

Jovedia á tarde 13 de Novembro de 1845.

Meu caro filozofo, peza-me vivamente a minha confi-

dencia em familia, pois que ela vos contraria. Posso entretanto assegurar-vos que ela não teve inconveniente algum, e que não cedi fazendo-a a nenhuma tatica, mas sómente a um sentimento afetuozo que era-me bem agradavel manifestar aos que me rodeião. Era a propozito do repouzo que me é necessario: eu dizia que tinheis tido a bondade de mandar-me Sofia muitos dias seguidos, e que enfim hontem me havieis oferecido de modo inteiramente paternal ajudar-me com a vossa bolsa até que eu tivesse a minha, e que me tinheis entregado 100 francos para que eu tome todos os meus pequenos cuidados de saude enquanto acabo Willelmina. E' muitissimo simples, nas relações intimas de amizade, proceder dessa fórma, e a minha noticia não mudou nada as dispozições existentes. O que vejo de mais claro no vosso pezar, meu caro amigo, é um escrupulo de modestia e de delicadeza: e isso mesmo não parece-me bem fundado. Quanto a mim, acho-vos em regra aos olhos dos meus com a bondade, as conveniencias, e a franqueza: não posso sahir desse circulo.

Quanto a ter querido dar-vos uma garantia, sei que estais demaziado acima de meios dessa ordem para ter cuidado em tal. Ninguem pensaria, por outro lado, em saldar a minha divida para convosco sinão si eu morresse. Bem vêdes que não estais em perigo de restituição imediata.

Espero pois que perdoar-me-eis a minha cabeçada, meu caro amigo, e de antemão vo-lo agradeço ternamente.

Vossa do coração,

CLOTILDE V.

VIII

Lamento amargamente que a nossa triste situação mutua torne-me ainda tão incapaz de aliviar as vossas dores. Oxalá ao menos não as agrave eu nunca sem o querer!

(*102ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

No dia seguinte, Venerdia 14 de Novembro, Augusto Comte esteve na rua Pavée. O abatimento de Clotilde era tal que o Filozofo passou o dia de Sabado em uma acerba melancolia, pensando nos sofrimentos e pezares que a torturavão. A' tarde, conseguiu obter noticias mais tranquilizadoras; mas elas não bastárão para impedir que a sombria agitação afetasse tristemente a sua noite. Essa

instabilidade da saude de Clotilde ainda mais aflitiva tornava para Augusto Comte a insuficiencia das suas relações com Ela. Deplorava a contingencia em que se via de não poder velar convenientemente pela sua melindroza existencia, e esse pensamento mais amargurava o silencio de Clotilde acerca dos votos que Ele lhe exprimíra na carta da manhan de Jovedia, sobre a completa união de ambos.

Assoberbado por essas emoções, Augusto Comte escreveu a Clotilde na manhan de Domingo. E, para ter com mais segurança e presteza noticias exatas da saude dela, encarregou Sofia de levar a carta.

Centezima carta

Domingo de manhan 16 de Novembro de 1845 (10 h.)

O abatimento doentio em que vos deixei Venerdia fez-me passar hontem uma melancolica jornada, a deplorar os vossos sofrimentos e os vossos pezares, vós a quem se contesta até o infortunio. Apezar das melhores noticias da tarde, a minha noite resentiu-se tristemente dessa sombria agitação. Eis porque as flutuações demaziado frequentes da vossa cara saude me determinão esta manhan a informar-me por intermedio de Sofia si essa melhora perziste. Espero, minha Clotilde, que esta cordial solicitude não vos será jamais importuna.

Tais preocupações fazem-me especialmente lamentar a extrema imperfeição das nossas relações atuais, que obriga-me a conter por demais os meus votos mais puros e as minhas mais justas inquietudes. Quando virá o tempo, minha digna amiga, em que, segundo a vossa encantadora promessa da manhan de Martedia, poderei *contar com o melhor lugar ao lado do vosso fogo*, e ir livremente distrahir as vossas diversas dôres por uma amigavel conversa ou uma interessante leitura? Sinto cada vez mais que a vossa justa emancipação pessoal não me é menos precioza nem menos urgente do que para vós-mesma. Cada semana não oferece agora ao meu coração sinão um unico dia verdadeiramente satisfatorio. As nossas outras duas entrevistas hebdomadarias, aliás tão incompletas e tão contrafeitas, estão á mercê de vontades extremamente moveis, que os menores conflitos, e até os choques involuntarios rezultantes de uma cega prezunção sientifica, podem subitamente indispôr contra nós. Sem duvida, a nossa ligação

tornou-se felizmente independente doravante das minhas relações quaisquer com o vosso irmão; porem elas podem afetar muito as nossas *soirées* oficiais, que, apezar da sua insuficiencia, permanecer-me-ão sempre preciozas, em quanto a vossa propria situação não estiver mais bem assentada. Por isso vou começar hoje, com verdadeiro aperto de coração, a consiencioza leitura prometida ao vosso irmão, porque tenho toda a razão de temer, apezar das prudentes precauções de um benevolo silencio ou de uma afetuoza sinceridade, que esse inevitavel juizo conduza a um resfriamento funesto ás minhas vizitas coletivas.

Depois de ter refletido melhor na vossa recente confidencia domestica, lamentei o haver vos exprimido antecipadamente a minha opinião propria, no que vejo agora uma sorte de uzurpação momentanea dos direitos que julguei do meu dever especialmente conferir-vos. Havendo eu livremente vos confiado a suprema direção de todas as nossas relações mutuas, deveria sentir que essa atribuição geral acarreta naturalmente a faculdade de decidirdes só por vós em que e como convem deixar perceber esse cordial comercio, sobretudo tratando-se da vossa familia. Devia, pois, fosse qual fosse, a este respeito, a minha opinião pessoal, respeitar como dantes, a vossa justa iniciativa, sempre fundada, não sómente sobre a inalteravel pureza dos vossos motivos, mas tambem sobre a vossa apreciação mais exacta das conveniencias peculiares á situação atual. Perdoai-me, cara amiga, essa sorte de insubordinação involuntaria que não se ha de renovar. De resto dando criteriozamente a vossa saude e o vosso trabalho como os principais motivos da minha intervenção confessa, contribuistes, espero eu, para fazer poupar mais uma e respeitar o outro. Essa cordial declaração tendo aliás sido bem acolhida até aqui, eu ganharei talvez assim a autorização tacita de dissimular menos doravante junto dos vossos a minha intima solicitude pela minha unica amiga.

A atenção dada a este incidente desviou-vos naturalmente de responderdes á segunda parte da minha carta de Jovedia á tarde, cuja destinação é, na verdade, pouco urgente. Mas notai sobretudo que, em consequencia de um acrecimo epistolar, a carta precedente (n.º 52) ainda está sem resposta alguma, embora principalmente relativa aos maiores interesses do meu coração, já menos diretamente assinalados na minha carta do outro Sabado (48),

que um motivo similhante feriu tambem de um silencio analogo. Quer esse duplo silencio seja espontaneo quer seja refletido, ele nem por isso afeta menos vivamente as minhas mais dolorozas solicitudes, fazendo-me temer ou que estais muitissimo pouco comovida com elas, ou antes que sentis fóra do vosso alcance fazê-las cessar um dia. Embora ecedais, a todos os respeitos, Mlle de L'Espinasse, que tinha entretanto alto valor, mesmo moral, não posso impedir-me de comparar-me muitas vezes ao desventurado d'Alembert, á vista de uma analoga dezigualdade de idade. Incontestaveis exemplos inversos estão longe de tranquilizar-me, não me sentindo assás dotado das qualidades que sobretudo determinárão a maioria dessas raras eceções a uma lei por demais natural. Suplico-vos, pois, que repareis, sobre um esclarecimento tão capital, omissões que parecem-me involuntarias.

Adeus, minha nobre e digna amiga, vós a quem eu quero cada vez mais bem, vós cujo divino acendente se me torna de dia para dia mais indispensavel. Até amanhan á tarde, e sobretudo até o nosso preciozo Mercuridia, que, espero eu, não sofrerá nada com uma feliz vigilia ecepcional.

A vós o meu amor e a minha vida,

A^TE COMTE.

As maneiras um pouco extranhas de Félicie ao aceitar Venerdia o meu convite muzical põe-me felizmente muito a comodo quanto a ela por quazi todo o resto da estação. Espero pois que, desde Sabado proximo, deixar-me-eis, sem escrupulo algum, salvo as exigencias da vossa saude, empregar o mais das vezes a minha dupla cadeira segundo o principal motivo da sua instituição.

O abatimento de Clotilde não lhe permitiu sinão responder, na manhan seguinte, por um afetuozo bilhete:

Centezima-primeira carta

Lunedia de manhan 17 de Novembro de 1845.

Meu caro filozofo, eu julgava ter respondido, pela minha carta de Domingo ultimo, aos pensamentos que me havieis manifestado desde então: eis porque não vos falei sinão de mim no correr da semana.

Mal tenho forças para pensar agora: permití-me pois de só mais tarde abordar o imponente assunto sobre o

qual de novo me fazeis voltar. Agradeço-vos por tudo quanto me dizeis de bom e de terno: tudo isso acha éco no meu coração, que bem quizera poder retribuir-vos o bem que lhe tendes feito.

Até esta tarde, até amanhan, e até Mercuridia: passai como o anhelo de toda a minha alma.

CLOTILDE V.

Essa resposta tornou ainda mais angustioza a situação moral de Augusto Comte. No seu coração se entrechocavão os receios pela saude de Clotilde e as aprehensões pela sorte do seu incomparavel afeto. E Ele não encontrava lenitivo para tantas aflições sinão no pensamento mesmo de Clotilde.

Em tão indiscritivel situação, encontrou-se com Ela na rua Pavée, na tarde de Lunedia, poucas horas depois de receber esse melancolico bilhete. O aspeto sofrente de Clotilde aumentou o acabrunhamento do nosso Mestre, e os escrupulos dela ainda mais o amargurárão. O estado de saude da angelica Senhora impedia a realização da encantadora diversão projetada para o dia seguinte. Uma cavalheiresca impaciencia trahe a agitação da alma do nosso Mestre... E a lembrança desse movimento é um novo estimulo ás suas agonias.

Na manhan seguinte, o enternecido Pensador apressa-se em mandar Sofia informar-se da saude de Clotilde, a quem dirige uma tocante explicação da sua conduta da vespera.

Centezima-segunda carta

Martedia de manhan 18 de Novembro de 1845 (11 h.)

Mandando Sofia informar-se hoje da vossa precioza saude, queria, minha carissima amiga, abster-me de vos escrever, afim de não impelir-vos fóra de propozito a um incomodo esforço epistolar. A lembrança, porem, do pequeno acesso de impaciencia que tive hontem, taxando-vos então de demaziado ceremonioza, obriga-me a não esperar até amanhan para solicitar o perdão especial desse movimento involuntario: eu m'o exprobrei vivamente quazi no mesmo instante; o vosso sofrimento devia sobretudo ter-me feito conter antes similhante manifestação, quando mesmo ela fosse mais motivada. Expiando assim essa falta passageira, espero não mais determinar-vos a quebrar um silencio exigido pela vossa saude. Renunciai mesmo desde

amanhan á nossa cordial entrevista, por pouco que a sahida vos pareça imprudente; si todavia ela fôr possivel, essa diversão ser-vos á agora util.

Adeus, minha nobre e infeliz Clotilde; partilho profundamente de todas as vossas dôres, fizicas ou morais, e lamento amargamente que a nossa triste situação mutua torne-me ainda tão incapaz de as aliviar. Oxalá ao menos não as agrave eu nunca sem o querer!

A vós a minha vida

Ate COMTE.

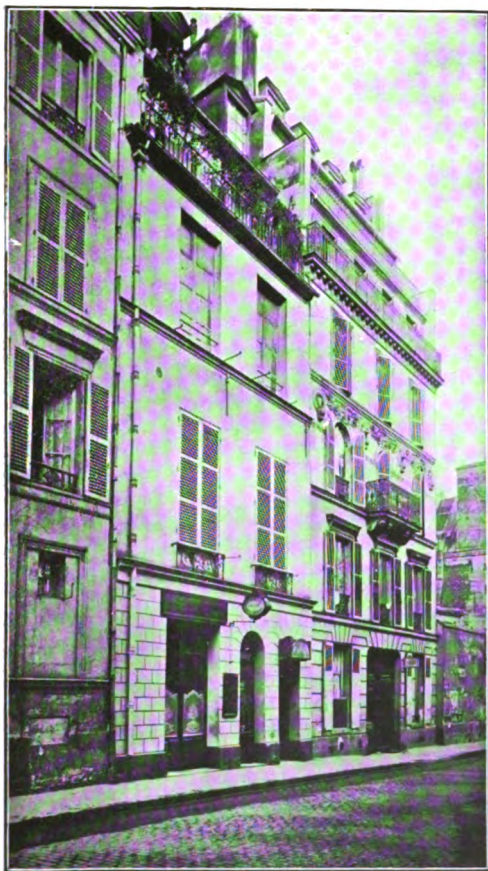
IX

> Oxalá estivesse eu certa de tornar-vos feliz por vinculos mais intimos! Eu não hezitaria em formá-los.
>
> *(103a carta, de Clotilde a Augusto Comte.)*

Clotilde voltára para caza compadecida da situação de Augusto Comte. E essa piedade era ainda mais aumentada pela convicção de que o amor pelo Filozofo mesmo a devia impedir de aceder aos ardentes votos do seu egregio Adorador. O terno bilhete que Ela dirigiu-lhe na manhan seguinte bem mostra sob que pungentes emoções passou a noite.

Centezima-terceira carta

Martedia de manhan 18 de Novembro de 1845.

Meu carissimo amigo, contai comigo amanhan; irei a vossa caza de omnibus: penso que isso me fará muito mais bem do que mal. Perdoai-me a brevidade do meu bilhete de hontem; perdoai-me as minhas flutuações de humor, si alguma vez as perceberdes; e contai, a despeito de tudo, com o meu terno e sincero apego, que é demaziado legitimo para poder diminuir. As *soirées* de familia estão se tornando tão tristes, por cauza de todas as suctibilidades femininas, que eu vos ofereço que venhais ver-me aos Sabados (ou aos Venerdias, si isso vos convier mais), e que previnais que só ireis a rua Pavée nos Lunedias. Podeis dar como pretexto as vossas ocupações: eles nada têm que ver com isso. Escolhereis o momento do dia que mais vos convier, e m'o indicareis. Si poder ser aos Sabados, será para mim um bom arranjo, afim de dar-me dois dias para a pena (do Mercuridia ao Sabado). Não sofro absolutamente neste momento sinão dispozições interiores

PARIS

Vista da rua Payenne, mostrando a caza n.º 5 onde morava
CLOTILDE quando o nosso Mestre conheceu
a sua Inspiradora, e onde Esta faleceu. O n.º 5 é a caza
do centro, e CLOTILDE ocupava o terceiro andar.

ANO SEM PAR, *p.* 406)

muitissimo mal disfarçadas. Estão contrariados comigo porque não me decido a aceitar com côres de ternura os indicios de um sentimento inteiramente diverso; e minha mãi está ficando doente á força de ruminar planos contra a minha liberdade. Vêdes, meu caro amigo, que no meio de tudo isso devo prezar tanto mais o apoio que acho em vós. Oxalá estivesse eu certa de tornar-vos feliz por vinculos mais intimos! Eu não hezitaria em formá-los; mas a afeição, em um coração donde o amor se escapa, não é um sentimento assás poderozo, colocando-nos em certo ponto de vista; ao passo que em um outro ele tem toda a doçura das suas simpatias.

Vou um pouco melhor esta manhan; e, em rezumo, os meus maiores inimigos são ainda *os cordões*. Quando consigo tirar todo embaraço exterior em volta do máu lugar, o interior resente-se imediatamente. Espero que nada virá desmanchar de novo o vosso projeto para Martedia proximo. Recebei, meu terno amigo, a expressão do meu eterno apego.

Beijo-vos de coração,

CLOTILDE V.

Esta carta veio abrir um novo futuro a Augusto Comte. A esperança renace em sua alma no momento mesmo em que parecia transformar-se em infinda rezignação. Com que anciedade esperou a vizita que Clotilde lhe prometia, para o dia seguinte (Mercuridia)! E com que entuziastico reconhecimento testemunhou então a sua gratidão pela inesperada graça que Ela lhe outorgava! Mas a ventura do nosso Mestre ainda foi maior, porque as efuzões dessa vizita o convencêrão de que os ardentes votos do seu coração poderião ser satisfeitos um dia. Era o seu noivado que começava. A carta que escreveu a Clotilde na manhan de Jovedia 20 de Novembro, carateriza bem a venturoza faze em que acabava de entrar a sua incomparavel união. A felicidade do terno Pensador era tanto mais inefavel quanto Ele atribuía ás piedozas palavras de Clotilde um alcance maior do que a abnegada Senhora lhes dava. Com efeito, naquele momento, Augusto Comte imaginou que Ela abandonava quazi inteiramente ao seu cavalheirismo e á sua sabiduria a instituição do vinculo pelo qual tão ardentemente anhelava. Entretanto Ela perzistia na

virtuoza rezolução de evitar qualquer ato que pude-se comprometer a glorioza missão do egregio Regenerador, e amargurar a existencia dos seus. A alegria de Augusto Comte derramava pois na alma de Clotilde uma infinda melancolia.

A Correspondencia Sagrada indica tambem que foi nessa vizita que Clotilde decidiu-se, por conselhos do nosso Mestre, a consultar o doutor Pinel-Grandchamp, a quem Augusto Comte foi procurar nessa mesma tarde. E a confiança que o nosso Mestre depozitava então nesse clinico constituiu um novo estimulo para as deliciozas emoções que o agitavão. As esperanças na eficacia de semilhante intervenção quanto á saude da sua divina Inspiradora juntavão-se de fato ás que surgião agora em relação ao seu amor.

Porem essa agitação venturoza mesma produziu em nosso Mestre uma agravação na sua saude. Mal pôde conciliar o sono; e foi sob a impressão de tão arrebatadora crize que na manhan de Jovedia escreveu a seguinte carta :

Centezima-quarta carta

Jovedia de manhan 20 de Novembro de 1845 (8 h.)

Pude hontem á tarde, minha carissima amiga, recomendar-vos ao doutor Pinel-Grandchamp (*15, rue Saint-Hyacinthe, perto da praça Saint-Michel*). Apezar de o encontrar preocupado com um parto urgente, creio o haver convenientemente preparado para a vossa vizita; vou aliás fortificar a sua memoria por um pequeno bilhete especial. Podeis, pois, lá ir desde hoje Jovedia, á hora ordinaria da sua consulta (de 2 h. ás 3 h.). Si vierdes hoje, cazo a vizinhança vos inspire, quer antes, quer depois, um caridozo dezejo, eu estarei naturalmente em minha caza, independentemente dessa circunstancia.

O arrebatador pensamento da inefavel ventura que vos dignais quazi pôr á minha dispozição agita-me e exhaure-me por tal fórma que me sinto ainda incapaz de agradecer-vos dignamente pela gracioza ternura que dissipa subitamente as minhas mais dolorozas incertezas. Doravante, a sorte do pobre d'Alembert me comoverá sem amedrontar-me; serei mais feliz do que ele, embora dispensado de o merecer mais, pelo simples fato de estar o

meu amor mais bem coloeado. Contai, aliás, minha Clotilde, que não abuzarei nunca da vossa generoza concessão: ela não me impedirá de confiar-vos, como antes, a suprema direção de todas as nossas relações quaisquer. Sabeis, certamente, que imenso valor eu ligo á nossa completa união, mas, sem esperar que ela se vos possa tornar tão precioza, devo saber esperar, com escrupuloza fidelidade, que a julgueis pessoalmente oportuna. Por maior que seja o prolongamento que deva assim prescrever aos meus respeitozos sacrificios, poderia eu solicitar uma ventura que não fosse de modo algum partilhada? A minha silencioza rezignação deixará pois a vossa eximia delicadeza, impelida por uma sincera afeição, dirigir por si só a realização tão dezejada desse penhor incomparavel, considerando já o vosso livre assentimento atual como constituindo entre nós irrevogaveis esponsais.

Esse estado preliminar vai aliás achar-se muito adoçado em virtude da afortunada proposta imediata espontaneamente emanada da vossa cordial solicitude. Transformando doravante, sem nenhuma instancia especial, a metade das nossas entrevistas oficiais em outras tantas conversações particulares, recompensastes, minha bem-amada, alem mesmo do meu merecimento, a leal rezerva que eu vos havia prometido. Assim acha-se naturalmente consolidada a minha justa confiança na sabiduria espontanea do vosso doce governo interior. Por mais impaciencia momentanea que possa jamais inspirar-me a nossa imperfeita situação, eu acabarei sempre reconhecendo em breve, alem da superioridade geral do vosso tato feminino, a vantagem especial que deve assegurar-vos entre nós uma mais completa apreciação do verdadeiro conjunto de uma pozição tão delicada.

Adeus, minha nobre e terna noiva: o meu coração, demaziado cheio de uma felicidade nova, não póde hoje exprimir-vos assás a sua intima gratidão. Ela não poderá testemunhar-se dignamente sinão pelo inteiro devotamento continuo do

Vosso venturozo filozofo,

AUG. COMTE.

Levando-vos esse bom-dia, espero que Sofia trar-me-á melhores noticias da vossa saude atual.

X

Estou cançada de sofrer e de fazer sofrer: eis o pensamento que me está minando.

(107ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.)

Clotilde foi á consulta do Dr. Pinel-Grandchamp, á hora indicada, e ficou satisfeita com o seu acolhimento. Nesse dia, na mesma ocazião talvez, Augusto Comte recebeu a vizita de Maximilien Marie (Vide este Volume, ps. 500 e 504). O estado moral do nosso Mestre não permitira que Ele concluisse, como esperava, a leitura do novo trabalho que o joven geometra havia submetido ao seu afetuozo exame. A tarde, na rua Pavée, Clotilde soube dessa indispozição e similhante noticia veio aumentar as suas piedozas aprehensões. A sua alma delicada sente-se acabrunhada sob o pezo de tantas aflições, e embalde inquire como logrará estancar a fonte dos seus padecimentos. Ela, que só ambicionava derramar uma suave felicidade em torno de si, vê-se a ocazião e o motivo dos dezassocegos e pezares dos entes que lhe são mais caros! No entanto a sua conduta não póde ser diversa da que segue: o seu abnegado coração, o guia unico da sua atribulada e santa existencia, não lhe sabe dar outros conselhos! Nem a perspetiva de uma morte irreprehensivel lhe póde oferecer o termo de suas torturas; porque isto, que seria para Ela o supremo alivio, seria o requinte do martirio para os que a amão. Por amor dos que a amavão, Ela precizava viver. E o dezespero do nosso Mestre surge aos seus olhos mais temerozo ainda do que a imensa dôr que despedaçaria então a alma da sua extremoza Mãi e os padecimentos do seu carinhozo Pai...

Entregue a esses sombrios pensamentos chegou a caza; e na manhan seguinte escreveu ao nosso Mestre. Bem sabia que enviava assim o mais eficaz lenitivo ás nobres maguas do seu egregio Adorador.

Centezima-quinta carta

Venerdia de manhan 21 de Novembro de 1845.

Soube hontem pelo meu irmão que tinheis estado indisposto, meu caro amigo. Quero crer que isso não terá tido consequencias, e que nos veremos hoje á tarde, como de costume.

Agradeço-vos o me haverdes dado M. Grandchamp;

fiquei muito contente com ele, e espero que ele fará alguma coiza de mim. A consulta durou bem uma hora: ele procedeu com consiencia e coração; e já tomei duas vezes *tremendo* um remedio assás forte, que só me fez bem. Vou continuar com ele tres vezes por dia durante oito dias, depois do que voltarei a vê-lo. Ha de mais uma fricção para as costas, que não tem ares de dever harmonizar-se muito com os meus nervos: é uma pomada amoniacal, cujo efeito seria de determinar exteriormente uma irritação que aliviaria o coração e os bronchios. Si ela atormentar-me, limitar-me-ei á poção.

Deus queira que me torne a pôr em pé! Já me bastão os meus cuidados espirituais. Si uns e outros voltassem a caminhar emparelhados, lhes dezejaria boa viagem de todo coração.

Adeus, meu caro filozofo: rogai aos vossos lares pela enferma, e contai em troca com a sua afeição sincera.

CLOTILDE DE VAUX.

O novo alento que este bilhete trazia ao nosso Mestre vinha repassado da amargura intima do piedozo coração que o ditára. Augusto Comte sentiu esse travo redentor e o pensamento das penas de Clotilde o desprendeu das suas proprias dôres. O Filozofo bem sente que os padecimentos dele repercutem sobre a alma de Clotilde, e redobra de esforços para suavizar as fatais reações que não póde evitar. Mas Ele não ignorava tambem as maguas que rezultavão da situação intima da sua terna Inspiradora. Nesse dia á tarde Ele encontrou-se com Clotilde na rua Pavée. O seu estado fizico parecia haver experimentado algumas melhoras; mas a sua expressão denunciava o acrecimo dos padecimentos morais. Augusto Comte imaginou que fosse isso devido a novas contrariedades domesticas. Entretanto, a verdade era que Clotilde *estava cançada de sofrer ou de fazer sofrer*: eis o pensamento que a estava minando.

Augusto Comte entrou, pois, em caza tanto mais preocupado com a situação moral de Clotilde, quanto receiava os obstaculos que dahi rezultarião para o seu restabelecimento. Consumido por esse pensamento, anceiou obter do Dr. Pinel-Grandchamp esclarecimentos precizos acerca da molestia dela. Mas essa espetativa mesma contribûi

para entreter a insonia das noites precedentes. O abatimento e o sobresalto em que se vê o terno Pensador tornão-lhe mais penozo o dezempenho dos seus enfadonhos afazeres didaticos. Apenas viu-se dezembaraçado deles, escreveu a Clotilde. Queria não só tranquilizá-la sobre a sua propria saude e a sua situação afetiva, como animá-la e consolá-la.

Centezima-sexta carta

Sabado á tarde 22 de Novembro de 1845 (3 h.

Devieis vos ter tranquilizado hontem, minha carissima amiga, sobre a minha perturbação atual, sobretudo em virtude da sua origem. De seis mezes a esta parte, uma extrema sucetibilidade nervoza, cuja verdadeira fonte vos é bem conhecida, deixa-me no primeiro momento á mercê de cada forte impressão moral, boa ou má. Por isso a inapreciavel modificação que acabais de trazer á nossa situação mutua ocazionou-me logo uma agitação doentia misturada de prostração, que vos explicará a insuficiencia especial dos meus agradecimentos, tão inferiores á minha intima gratidão. Mas esse inevitavel preambulo não impedirá em nada a eficacia permanente do salutar abalo peculiar ás novas esperanças com que gratificastes o meu coração. Embora tendo ainda dormido muitissimo pouco, começo hoje a sentir a sua feliz influencia, que não póde sinão aumentar em breve. Estou aliás bastante contente com o fundo da minha saude atual. O meu unico orgão verdadeiramente fraco, o estomago, tem ganho muito com o sabio regimen prescrito pelo meu estado nervozo: é esse tambem um melhoramento que vos devo indiretamente.

E' para mim uma felicidade que, segundo a minha expectativa, tenhais ficado contente com o doutor Grandchamp. O seu alcance intelectual, e mesmo a sua elevação moral, determinarão depressa a vossa inteira confiança na sua vasta experiencia medica. Ele incorreu para comigo, em 1840, em uma falta grave, que vos explicarei; perdoei-lhe plenamente, e á minha maneira, isto é sem jamais fazer-lh'a sentir: por isso tambem sempre o achei desde então especialmente disposto a satisfazer-me. De resto, ele é, a todos os respeitos, bastante conhecedor para tomar por vós um verdadeiro interesse direto, independente das justas recomendações da minha amizade declarada. A

minha chomagem muzical permitir-me-á hoje á tarde de ir agradecer-lhe o seu consienciozo obzequio, e saber a sua opinião real sobre o vosso estado fundamental.

A sua medicação será, segundo espero, decisiva, e eu vos aconselho com muita instancia, em geral, a segui-la escrupulozamente. Todavia, comprehendo o temor que vos inspirão a principio as suas fricções amoniacais. Embora essa poderoza revulsão para a pele pareça-me dever vos ser muito favoravel, talvez só vós possais apreciar bem a sua conveniencia tratando-se de uma sensibilidade tão excepcional. Vendo-vos enfim decidida a fazer doravante com uma criterioza energia contínua tudo o que exige o vosso verdadeiro restabelecimento, não insisto sobre a realização imediata dessa vigoroza prescrição, si perzistirdes em receiar dela. Não vejo, no fundo, nenhum grave inconveniente em esperar primeiro a influencia izolada da poção, salvo o confessardes ingenuamente, na vossa segunda vizita, essa modificação prévia, motivada conquanto irregular, pela qual o doutor felicitar-vos-á talvez. Póde bem ser que a vossa extrema delicadeza nervoza interdiga, sobretudo no começo, tal acumulo de meios heroicos.

Felicitando a minha Clotilde por estar enfim convenientemente ocupada com a sua precioza saude, deploro muito a especie de dezespero que mistura-se por vezes á justa amargura das impressões oriundas de uma situação tão indigna de vós. A penultima fraze da vossa carta de honten, testemunha um ecesso de abatimento melancolico que me aflige profundamente. Considerai, minha bem -amada, que existe agora alguem para quem a vossa vida terá sempre pelo menos tanto valor como a sua propria. No meio de uma certa melhora fizica, a vossa atitude pareceu-me hontem indicar um novo acrecimo de dôres domesticas. E' precizo que saiais enfim de tal opressão quotidiana, e sabeis quanto eu seria feliz em dedicar-me, sendo precizo, a tão justa emancipação. Ficai porem convencida que não tardaremos a conseguí-la. Hoje é o vosso restabelecimento corporeo que deve sobretudo ocupar-vos: alem da sua importancia direta, ele constitúi um dos principais auxiliares da vossa indispensavel libertação, como primeira condição da nobre elaboração que deve concorrer para isso. Voltai pois, para ahi, tanto quanto possivel, toda a vossa atenção atual. O fito é capital, e o sucesso é certo; porque não tinheis no fundo nenhum

vicio organico, incompativel com uma inteira saude: tudo reduz-se a intimas dezordens nervozas, das quais podeis acabar por triunfar plenamente. Quanto ás diversões morais que devem ajudar-vos a suportar a situação atual até a sua proxima transformação, permiti-me, minha celeste e infortunada Clotilde, que inste para que conteis mais com o

Vosso espozo do coração,

A^te^ COMTE.

A minha indispozição impediu-me ante-hontem de acabar, como esperava, a leitura fraternal, com a qual só ficarei quite amanhan. Depois de maduras reflexões, reconheci que não devo mais a verdade toda inteira a quem quer que se torne incapaz de comprehendê-la e utilizá-la. Tratarei pois o autor noviço com as precauções doentias rezervadas de ordinario para as vaidades velhas, embora tal necessidade o faça aliás decahir muito na minha estima fundamental. Alem das incontestaveis qualidades que ainda lhe ficão, e que devem fazer-me ligar uma importancia direta ás nossas relações pessoais, não esquecerei sobretudo que ele é vosso irmão, embora sem preencher dignamente o principal oficio que dahi rezulta.

XI

Sois o melhor dos homens; tendes sido para mim um amigo incomparavel, e sinto-me tão honrada como feliz pelo vosso apego.

(*107ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.*)

Clotilde ficou em extremo penhorada pela solicitude de Augusto Comte. O devotamento do Filozofo constituia uma provação incomparavel para a afeição que Ele lhe inspirava. Bem quizera poder convencer-se de que, cedendo aos votos ardentes do egregio Pensador contribuiria para a felicidade dele e o preenchimento da sua glorioza missão. Mas a sublimidade da sua bondade não permitia desfazer-se dos seus incessantes escrupulos. Não é mais porventura a falta de amor por Augusto Comte que se opõe a que Ela corresponda aos anhelos dele. Ela treme agora só ante a idéia de ceder a um movimento apaixonado do Filozofo, cuja satisfação se tornaria para Ele a

origem de remorsos inexhauriveis. E esses remorsos se juntarião aos sofrimentos da sua Familia e aos dezapontamentos da sociedade frustrada na missão regeneradora que espontaneamente confiára ao nosso Mestre. Que suplicio se compararia então aos tormentos dela? dela que não cessava de sentir a ecelencia sem par dos prazeres da dedicação! Dela que comprehendia que unicamente somos realmente felizes quando a nossa felicidade a ninguem ofende ou aflige! Essa generoza melancolia domina o tocante bilhete que dirigiu a Augusto Comte na manhan seguinte.

Centezima-setima carta

Domingo de manhan 23 de Novembro de 1845.

Sois o melhor dos homens; tendes sido para mim um amigo incomparavel, e sinto-me tão honrada como feliz pelo vosso apego. Vós não vos limitastes a comprehender-me, e a ter contemplações comigo no que concerne á liberdade do coração. Não é pelo temor de uma cadeia que eu, que habituei-me a não considerar como irrevogavel na vida sinão a morte, vos tenho disputado o que chamais a vossa felicidade. Nisso tenho agido como simples mulher de bem, porque conheço os escolhos da minha natureza. Agora, já fiz o que me cumpria. Como vos amo sinceramente, si perzistis em considerar como desgraçado para vós o dezejo de repouzo moral de que careço para tomar um compromisso com criterio, vo-lo sacrificarei Estou cançada de sofrer ou de fazer sofrer: eis o pensamento que agora me está minando.

O corpo continúa a ir cada dia um pouco melhor: limito-me aos remedios internos até a minha proxima consulta.

Até á vista, meu caro filozofo; passai bem, e contai com o meu apego inalteravel.

CLOTILDE DE V.

A exaltação em que se achavão os sentimentos de Augusto Comte o fizerão imaginar que Clotilde cedia enfim aos mais fervorozos votos do seu coração. Porem o pensamento do incomparavel sacrificio que de si mesma Ela parecia oferecer, subleva o entuziastico cavalheirismo do

apaixonado Filozofo. Não era uma vitima do seu devotamento que Ele ambicionava, e sim uma espoza; porque não era por amor de si que Ele amava Clotilde. Pelo contrario, Ele sentia que a propria vida só lhe era cara pelo encanto da angelica adoração que o absorvia. O atrazo em que se achava a concepção sientifica da natureza humana era só o que o impedia então, e o impediria ainda por alguns anos, de dar ao seu amor o verdadeiro carater. Porque a grosseria das doutrinas biologicas e morais era tal que os egoisticos deleites da volupia podião parecer exigidos pelo mais puro altruismo!

Arroubado por similhante rasgo, Augusto Comte retraça na seguinte carta o quadro da sua prodigioza evolução afetiva, caraterizando a verdadeira natureza dos nobres sentimentos que o animão.

Centezima-oitava carta

Lunedia * de manhan 24 de Novembro de 1845 (5 h.)

Si eu sou, com efeito, o melhor dos homens, não podeis esperar, minha bem-amada, vencer-me em generozidade, embora sejais com certeza a mais nobre como a mais adoravel das mulheres. O oferecimento inapreciavel que me fazeis com tão comovente cordialidade constitúi, sem duvida, sobretudo no vosso sexo, o sublime da amizade; porem o amor, embora menos dezinteressado de ordinario, póde inspirar ás grandes almas, mesmo masculinas, uma equivalente abnegação. Por maior que seja o valor que eu ligue á vossa inteira posse, a minha afeição será sempre tão respeitoza como profunda; eu acreditava vo-lo haver já provado. Tudo que se parecesse com a sorpreza e o arrastamento, ou mesmo a obcessão e a condecendencia, afigurar-se-me-ia tão pouco digno do meu carater e da minha idade, como da vossa eminente natureza. E' com criterio, como o dizeis tão bem, que deveis conceder-me um penhor incomparavel, cujo principal valor, aos meus olhos, é constituido pela vossa plena espontaneidade. O vosso admiravel sacrificio basta hoje para garantir-me para sempre a vossa inestimavel ternura: eu vos renovo, do fundo do coração, a firme segurança de aguardar sem

* No Volume Sagrado está por engano *Jovedia* em vez de *Lunedia*. — R. T. M.

impaciencia que a precizão de uma completa união se faça tambem sentir a vós.

Quanto me felicito de havermos nobremente rezistido á perigoza crize de Setembro! Em lugar de amargos pezares que me deixaria agora uma quéda que não teria podido transformar assás o vosso coração, sinto com delicias que somos ambos plenamente dignos um do outro. Si a nossa nobre emulação de sacrificios pudesse, sem desnaturar-se, comportar espectadores ela honraria a natureza humana, assim impulsada, em ambos os sexos, ao surto mutuo dos seus mais eminentes atributos morais. Mas, por dever ficar sempre ignorado de todos, esse terno debate nem por isso conserva menos a sua aptidão carateristica a consolidar a nossa verdadeira ventura bem como a secundar o nosso intimo aperfeiçoamento. Prolonguemos, pois, tanto quanto julgardes conveniente, essa casta união dos nossos corações: quando crerdes enfim dever pôr-lhe o derradeiro selo, ela terá deliciozamente preparado a plenitude e a estabilidade da inefavel felicidade que sempre sonhei. Quanto aos diversos inconvenientes fizicos de uma indispensavel continencia, perzistirei cada vez mais em superá-los com uma sorte de jubiloza altivez, como realçando o valor do sacrificio com justiça oferecido á digna espoza do meu coração.

Vós que tendes sofrido tanto, vós, minha adoravel Clotilde, a quem devo fazer esquecer dôres tão longas e tão variadas, eis-vos pois, para cumulo de penas, preocupada sobretudo com o temor de fazer-me sofrer! Ah! tranquilizai-vos, minha bem-amada, e ficai convencida que eu vos devo, ha seis mezes, uma pura e viva felicidade, que até então me era profundamente desconhecida. O meu fatal cazamento deve vos ter explicado já essa triste anomalia em um coração tão plenamente predisposto para a intima ternura. Para encontrar algumas emoções analogas ao meu venturozo estado atual, é precizo que as minhas lembranças remontem até a primeira adolecencia e ao paiz natal, onde se acha a minha unica experiencia anterior do verdadeiro amor, então abafado, desde o seu primitivo germen, pelo cazamento daquela que foi, sem o saber, o objeto de tal paixão; ela deve ser agora avó, porque eu não a tornei a ver desde o ano que precedeu o vosso nacimento. Eis tudo quanto o meu passado póde oferecer-me de fracamente comparavel ao sentimento

que dominará profundamente todo o resto da minha existencia, e que não póde jamais surgir assim sinão para com um ente verdadeiramente puro. E' pois unicamente a vós, minha Clotilde, que deverei não mais deixar a vida sem ter dignamente experimentado as mais deliciozas emoções da nossa natureza. Mesmo no estado prezente do vosso coração, estou doravante seguro que a estabilidade dessa ventura corresponderá cada vez mais á sua plenitude. Podeis, pois, receiar acazo fazer-me sofrer? Quanto deploro, minha terna amiga, haver assim inquietado a vossa admiravel delicadeza por queixumes indiscretos, antes relativos todavia á fatalidade da nossa situação do que á insuficiencia da vossa ternura! Tenho-vos pois testemunhado até aqui bem pouco a minha intima gratidão quotidiana pela poderoza influencia da minha resurreição moral, tanto sobre o meu aperfeiçoamento como sobre a minha felicidade. Todo o resto da minha vida constatará melhor do que as minhas fracas expressões um reconhecimento tão doce de sentir.

Como vos tinha anunciado, passei a soirée de Sabado em caza do nosso ecelente doutor. Embora estivessemos em familia, pude todavia fazê-lo amplamente explicar-se sobre o vosso estado real. Ele confirmou plenamente a minha convicção anterior sobre a integridade essencial da vossa constituição, que só exige uma criterioza continuidade de cuidados energicos, para proporcionar-vos em breve uma inteira e firme saude. Os vossos nervos não lhe parecem de modo algum interdizer as fricções amoniacais, sobretudo na região indicada. Não posso, todavia censurar a vossa perzistencia em adiá-las até a proxima consulta, na qual ele mesmo absolverá, penso eu, a vossa prudente rezerva, que lhe deixará julgar melhor da influencia peculiar á poção.

Fiquei hontem enfim consienciozamente dezembaraçado do manuscrito fraterno, que ter-me-á assim custado, ao todo, doze penozas horas. Certamente, eu estaria longe de as lamentar si esse trabalho tivesse realmente merecido simillhante atenção, ou si sómente eu pudesse esperar dahi uma reação favoravel a um futuro que me afeta Mas é triste adquirir assim a certeza que a prezunção e a adulação já determinárão o malogro quazi inevitavel de uma inteligencia que possuia todavia o verdadeiro germen de um certo valor. As contemplações doentias de que vos

falava ante-hontem ser-me-ão agora faceis. Ficarei sómente muitissimo embaraçado com uma dedicatoria que não posso evitar.

Adeus, minha incomparavel amiga, penso com delicias que esta semana ecepcional vai inaugurar o novo regimen das nossas castas relações. O acesso regular do vosso santuario me é aberto sob os mais dignos auspicios, depois da nobre troca de doces sacrificios que as nossas duas cartas acabão de proclamar.

Vosso,

ATE COMTE.

Espero que a vossa saude permitir-nos-á de completar Sabado a inauguração pela vossa volta feliz aos Italianos, onde não teremos mais, sem duvida, que receiar por muito tempo o dezastrado rei d'Assiria.

XII

E' pois unicamente a vós, minha Clotilde, que deverei não mais deixar a vida sem ter dignamente experimentado as mais deliciozas emoções da nossa natureza.

(*108ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

A união entre o nosso Mestre e a sua imaculada Inspipiradora havia assim atingido finalmente o grau de harmonia que parecia compativel com o conjunto das fatalidades que os dominavão. O resto da semana passou-se no feliz encanto que esses antecedentes auguravão. A unica lembrança especial que possuimos dela é a menção que o nosso Mestre faz de uma *imagem ecepcional* relativa ao Martedia 25 de Novembro. Não sabemos ao certo a que corresponde essa lembrança; apenas conjeturamos, pela correspondencia sagrada, que se trata da realização do gentil projeto que não pudéra ser realizado no Martedia anterior, 18 de Novembro. (VOLUME SAGRADO, ps. 412 e 414, e ps. 495 e 497 deste Volume.)

Foi talvez no decurso desta semana que ocorreu a Clotilde a delicada lembrança de fazer um ramalhete de flôres artificiais para o seu terno Adorador.

XIII

> Essas graciozas estrofes cuja suavidade Petrarca teria porventura invejado, poderão indicar a flexibilidade e a variedade de um talento elevado ás as mais altas atribuições.
>
> (AUGUSTO COMTE — *Complemento da Dedicatoria da Politica.*)

No fim da mesma semana começou, porem, a redução das vizitas que o Filozofo fazia á rua Pavée. Similhante modificação, como era de prever, não póde, infelizmente, operar-se sem ocazionar um estremecimento nas relações entre o nosso Mestre e a nobre Familia da nossa terna Mãi Espiritual. E tal circunstancia reagiu sobre a situação domestica de Clotilde. Foi no Sabado 29 de Novembro que essa nova crize manifestou-se.

Á noite, Clotilde ouviu, em companhia do nosso Mestre, o *Don Pasquale*, nos Italianos. Essa agradavel diversão pareceu consolidar as melhoras que a sua saude ia experimentando. Achava-se no Domingo mais animada. Porem a crize domestica da vespera acentuou-se dolorozamente nesse dia.

Tão penozas emoções fazem Clotilde sentir mais vivamente a necessidade de concluir quanto antes a WILLELMINA. Cada vez mais se enraizava a convicção de que a sua plena independencia constituiria a baze da inalteravel cordialidade que ambicionava nas relações com a sua Familia. Com essas preocupações escreveu ao nosso Mestre logo que chegou de volta da rua Pavée.

Centezima-nona carta

Domingo á tarde 30 de Novembro de 1845.

Meu caro filozofo, não sei si é para vós que acabão de lançar um in-folio no correio. Pareceu-me, á vista de uma explicação formal que eu tive esta tarde, que a minha mãi não tinha dito nada, ou apenas dito pouca coiza; nada, pois, vos posso fazer saber no tocante á vossa parte neste negocio. A minha é que, vendo, quando hoje cheguei, os mesmos ares de frieza que hontem, fiz na meza uma declaração assás viva dos meus sentimentos a tal respeito; e coloquei a minha mãi na necessidade de dar-me a minha pensão, si eu percebesse ainda o menor vislumbre de suspeita contra mim.

Perzistem em vos achar mudado a respeito de alguem e trabalhão meu pai em seu favor, explorando similhante pretexto contra mim. Espero que continuareis a dar a essas pobrezas o desmentido mais patente nas vossas vizitas do Lunedia; e demais, espero, como o disse esta tarde, ter quebrado a minha ultima lança sobre tudo isso, e não ter que falar outra vez em tal, mesmo a vós.

Retomo hoje a minha pobre pena; e, si M. Grandchamp vier em meu auxilio, tratarei de ter acabado a minha obra de dôr nos dois primeiros terços de Dezembro. Eis ahi, meu caro amigo, os faustozos planos da vossa protegida, de cuja boa saude, apezar da expedição de hontem, estou certa que sabereis com interesse. Espero que vós tambem não tereis sofrido com ela, apezar do acrecimo de fadiga que esse prezente vos impõe. Como vos disse, eu o aceitarei pouco, sobretudo nesse fim de ano tão melindrozo; é precizo que eu ponha o meu tempo e as minhas forças a juros. Levarei as vossas flôres Mercuridia; elas são, e o são bem, o produto apurado da amizade, e a minha porteira lastima que eu não as ofereça a *Deus*. Enquanto as estava fazendo, lembrei-me de alguns versos que não são talvez feios, e dos quais compunha outrora volumes. Eu vo-los junto aqui, como monumento do passado.

Vossa de todo o coração,

CLOTILDE V.

A poezia a que Clotilde alude foi escrita em 1843, conforme o nosso Mestre o declara no *Complemento da Dedicatoria* da sua POLITICA. (Vide o primeiro volume p. XXII). Daremos aqui um esboço de tradução dessa sagrada *canzone*, que o nosso Mestre incorporou ao culto universal. * Transcreveremos, porem, antes o original, porque similhante versão está longe de reproduzir a beleza e a suavidade dessas graciozas estancias.

* Graças ao simpatico concurso do nosso habil e modesto compatriota, o cidadão Agostinho Gouveia, achão-se hoje em comovente muzica essas santas estrofes. Elas pudérão assim ser cantadas, pela primeira vez, no Templo da Humanidade, nesta cidade, a 15 de Archimedes de 111 (9 de Abril de 1899); e desde então fazem parte das nossas principais solenidades religiozas.

LES PENSÉES D'UNE FLEUR

Je nais pour être aimée: oh! merci, bon destin!
Que les puissants mortels contre toi se déchaînent!
Aux pieds de tes autels que les vents les entraînent,
J'ai mes parfums et mon matin.

J'ai le premier regard du roi de la nature,
J'ai son baiser de feu, sa splendeur pour parure:
J'ai de la jeune Aurore un sourire de sœur;
J'ai la brise naissante et la douce saveur
De la goutte penchée au bord de mon calice.
J'ai le rayon qui joue au seuil du précipice;
J'ai le tableau magique, en grandeur sans pareil,
De l'univers s'ouvrant les portes du réveil.

Jamais le froid mortel ne doit tarir ma vie;
Au sein des voluptés doucement je m'endors:
La nature me garde et me rend ses trésors;
A son banquet d'amour je m'éveille ravie.

J'ai bien souvent embelli la beauté;
Sur un cœur pur mon pur éclat rayonne:
Le plaisir me tresse en couronne,
Et le bonheur m'attache à son côté.

Quand le rossignol s'inspire
Sur ma tige en se jouant,
Pour laisser résonner sont chant
La nature entière expire.

L'amour me dit tous ses secrets:
J'abrite les douces prières,
J'aime au bonheur ses mystères;
Je suis la clef des cœurs discrets. *

O doux destin, si les soupirs profanes
De tes décrets pouvaient changer le cours,
Seule ici-bas, dans mes langes diaphanes,
Je renaîtrais au souffle des amours.

Des sombres tempêtes
Sauve-moi l'horreur;
Que toujours la fleur
Sourie à tes fêtes!

CLOTILDE DE VAUX.

* Como se verá nas cartas futuras, essa estrofe foi ligeiramente modificada por conselho do nosso Mestre.— R. T. M.

Eis o ensaio de tradução, na qual procuramos respeitar a idéia e a letra do original:

OS PENSAMENTOS DE UMA FLOR

Naci p'ra ser amada: ó! graças, bom Destino!
Que os soberbos mortais praguejem teus azares!
O vento os arrebate aos pés de teus altares,
Eu tenho o meu perfume e o gozo matutino.

Tenho o primeiro olhar do rei da natureza,
Por gala o seu fulgor, seu beijo em chama aceza;
Tenho um sorrir de irmau da juvenil Aurora;
Tenho a briza nacente e a dulcidão que mora
Na gota pendurada á borda do meu calis.
Tenho o raio que brinca a se abismar nos vales;
Tenho o mago painel, a sena inigualada,
Do universo entreabrindo as portas da alvorada.

Jamais frio mortal haurir-me deve a vida:
No seio da volupia a manso me adormeço;
Me guarda a natureza o esplendido adereço:
Em seu festim de amor desperto embevecida.

Muita vez embelezo a formozura;
Num puro seio o meu candor se côa;
Enlaça-me o prazer n'alegre cr'oa,
E a seu lado me prende alma ventura.

Quando o rouxinol s'inspira,
Na minha haste em recreio,
Arroubada em seu gorgeio,
A natura inteira expira.

Amor me diz seus votos mais secretos;
Abrigo as doces preces no meu seio,
Os seus misterios amo em grato enleio,
A chave sou dos corações discretos. *

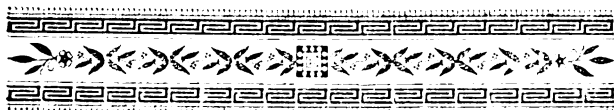
O'! doce Destino, si as leis que nos baixas
Suspiros profanos pudessem mudar,
Só eu haveria, nas diafanas faixas,
De amor aos bafejos á vida tornar.

Da tempestade sombria
Poupa-me o horrendo furor;
Dá que sempre a leda flor
Nas tuas festas sorria.

CLOTILDE DE VAUX.

* Como se verá nas cartas futuras, alteraremos ligeiramente a tradução dessa estrofe segundo a modificação que, por conselho do nosso Mestre, foi feita no original.— R. T. M.

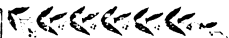
Encerrando graciozamente o mez de Novembro, essa delicada poezia vinha inaugurar um passo capital na evolução do nosso Mestre. Foi, com efeito, o seu doce influxo que prezidiu á profunda elaboração pela qual Ele incorporou finalmente ao Pozitivismo as ingenuas dispozições peculiares á infancia, quer individual, quer coletiva. Só assim podia ser instituida a Religião Universal, mediante a unificação de todas as gerações sucessivas e de todas as idades de uma mesma geração. Eis como o nosso Mestre consignava, a 9 de Dante de 86 (24 de Julho de 1854), na *Invocação Final* da sua Politica, esse santo prestigio da nossa divina Mãi Espiritual:

« Eu teria dificilmente conduzido a tua incomparavel modestia a reconhecer a tua participação capital no conjunto do tomo terceiro (da Politica Pozitiva) cujo dominio é o que mais escapa ás tuas preparações especiais. Porem, si tivessemos podido realizar o nobre dezejo que me testemunhaste espontaneamente quanto ao estudo sintetico da historia, tu sentirias agora quanto me ajudaste a sistematizar as minhas concepções dinamicas. Bastaria comprehenderes que a sinteze historica rezume-se necessariamente na instituição de uma conexão direta entre os dois termos extremos da iniciação humana, o fetichismo e o pozitivismo. A admiravel *canzone* que eu recito todas as manhans ha nove anos carateriza tanto a poezia fetichica como a tua santa novela (Lucia) anuncia a idealização pozitiva. Sob esse concurso espontaneo, não terias podido recuzar reconhecer a tua participação involuntaria na minha construção da filozofia da historia, embora essa reação escape ainda aos meus melhores dicipulos. » (Politica, IV, p. 549.)

CAPITULO QUINTO

DEZEMBRO — FAMILIARIDADE CONTINUA

I

Propuz-me um belo problema; porem, ao inverso do de Maupertuis, ele é muito dficil.

(*Palavras de Augusto Comte nos fins de 1845*).

De dia para dia tornavão-se mais assombrozas as reações produzidas na alma do nosso Mestre pela adoração sem par que a sublimidade de Clotilde lhe inspirava. Não se tratava, com efeito, simplesmente de um incidente encantador que tivesse vindo trazer um alivio deliciozo ao coração até ali martirizado do egregio Pensador. Pela primeira vez um genio incomparavel tinha a fortuna de abordar o estudo da alma humana nas condições indispensaveis para desvendar os seus mais reconditos misterios.

Partindo das inspirações ingenuas do fetichismo, e atravez das ficções teologicas tornadas cada vez menos consistentes pelas nebulozidades da metafizica revolucionaria, a Humanidade conseguíra afinal dar-se plenamente conta da sua situação real. Graças a uma afanoza locubração, Ela descortinára primeiro, na amplidão do Espaço, as leis gerais do *numero*, da *extensão*, e do *movimento*. Com esses elementos constituira a maravilhoza escada por cujo intermedio o seu genio alcançára subir ao Céu, e dahi contemplar a sua benigna séde. Ela pudera assim apreciar os estreitos limites do seu dominio, e reconhecer o lugar que,

na multidão cahotica dos astros, cabe ao sístema a que o Destino ligára a sua melindroza existencia. Simillhante revelação dissipára, como um sonho, o Universo de que a Terra era o centro fantastico e o homem o objetivo imaginario, para só deixar subzistir o que afeta verdadeiramente os destinos humanos, a saber, o pequeno Mundo que se equilibra em torno do Sol.

Embora patente desde o inicio da Humanidade, tão iniludivel realidade não póde ser percebida enquanto a evolução social não determinára uma suficiente purificação do egoismo e um conveniente surto do altruismo. Tal fôra o preciozissimo rezultado dos antecedentes historicos condensados e dezenvolvidos pelo regimen catolico-feudal. Descoberto assim o modesto posto fatalmente dicernido ao seu Planeta, a Humanidade dezistiu nobremente das soberbas e vaidozas pretenções que até então lhe tinhão feito procurar a felicidade num Paraizo a cuja entrada devião quebrar-se, como grilhões nefandos, os mais doces e puros laços desta vida! Volvendo então as potencias do seu amor e do seu genio bem como da sua atividade para a Terra, Ela procurou descortinar as *leis* pozitivas que a prendem aos entes que compartilhão da sua comovente sorte. Em dois seculos a terna Deuza conseguiu dest'arte apanhar as suas principais relações, quer com o meio inorganico, onde se encerrão os materiais da sua constituição, quer com a totalidade dos seres vivos que gozão dos supremos atributos cuja plenitude fórma o seu apanagio.

Foi neste ponto que o nosso Mestre encontrou a glorioza evolução. A Humanidade estava consiente da sua *situação real;* mas Ela desconhecia ainda a sua propria *natureza, coletiva e individual.* E não se póde comprehender convenientemente como seria alcançado esse conhecimento, baldo do qual todos os outros tornão-se inuteis e até perigozos, sem haver antes examinado como foi obtido esse pasmozo rezultado. Mas isso constitúi justamente o passo inicial na facinante carreira do nosso Mestre.

Com efeito, até Ele, o homem foi sempre considerado izoladamente, como um ente capaz de ser estudado em separado da sociedade e tendo um destino supremo que era peculiar a cada um. A Humanidade não era tida sinão como o rezultado da agregação fortuita de individualidades que, na fraze do duro S. Pedro, devião considerar-se *como estrangeiros e exilados na Terra.* Embalde

o genio amorozo de S. Paulo, rompendo as malhas teologicas que fatalmente o envolvião, presentíra a natureza do verdadeiro Grão-Ser, nesta tocante e contraditoria imagem: *todos somos membros uns dos outros*. Menosprezando os reclamos dos sentimentos altruistas, e as inspirações incidentes de varios filozofos e poetas, as doutrinas sistematicas, teologicas e metafizicas, perzistião em abstrahir da Humanidade no estudo do homem individual.

Ora, Augusto Comte consagrára a primeira faze da sua carreira a patentear o absurdo e a imoralidade de similhante abstração. Preocupado com a instituição do estudo pozitivo dos fenomenos sociais, como o meio unico de pôr termo á revolução moderna, Ele acabára por descobrir que a teoria da natureza humana não podia ser completa sinão investigando-a na especie. Porque era só no dezenvolvimento historico que os nossos atributos conseguião adquirir o seu pleno surto e patentear, portanto, a sua verdadeira indole e destinação real. Mas então Ele considerou esse estudo da existencia coletiva como a méta dos esforços teoricos, e concebeu a SOCIOLOGIA como o ultimo termo da escala sientifica. Elaborado este, pensava Ele, ficavão adquiridas todas as luzes especulativas indispensaveis para completar o esclarecimento do dominio pratico; pois que, combinada com as siencias anteriores, * a SOCIOLOGIA permitia estabelecer as duas artes supremas, a saber, a POLITICA e a MORAL.

A historia não demonstra, porem, sómente a impossibilidade de conhecer a natureza individual sem examinar a Humanidade. Ela prova tambem, com evidencia não menor, que, sob todos os aspetos, a Humanidade jamais póde manifestar-se sinão mediante uma *personificação*. Assim, não ha duvida que a matematica, por exemplo, é uma instituição da Humanidade; mas essa instituição só existe porque o concurso das gerações sucessivas e coevas rezumiu-se em certos orgãos individuais. O mesmo acontece no dominio moral. As virtudes humanas não forão todas descobertas e formuladas no mesmo instante. Basta examinar as diversas fazes da civilização para ver que elas forão gradualmente desvendadas, como todas as outras conquistas da nossa especie. Mas elas tiverão sem-

* Essas siencias anteriores são:— MATEMATICA, ASTRONOMIA, FIZICA, CHIMICA, e BIOLOGIA.

pre por inaugurador um orgão individual que combinou em si as aspirações das gerações anteriores e prezentes com as necessidades presentidas das gerações vindouras.

O confronto de todas essas reflexões mostra desde logo que as siencias, como todas as instituições humanas, só se tornárão exequiveis mediante duas ordens de condições. Antes de tudo foi imprecindivel que a evolução da Humanidade houvesse elaborado o conjunto de elementos indispensaveis ao advento da instituição de que se tratava. Todo o genio de Tales, Pitagoras, ou Aristoteles, era incapaz, nas epocas em que eles surgírão, de realizar a obra de Descartes, Leibnitz, ou Augusto Comte. Em segundo lugar, preparados os materiais convenientes, nenhum problema social foi rezolvido enquanto a Humanidade não se *personificou* num orgão competente.

Sem as observações que acabâmos de recordar sumariamente não nos seria dado comprehender a incomparavel faze em que se achava a sublime existencia dos nossos Pais Espirituais. De que serve embeber na imensidão do Espaço olhares onde não se reflete o genio da Humanidade? Não se conseguirá descortinar, em tais condições, sinão o ponorama que o Céu oferece á investigação ingenua da criança ou do selvagem. As mais vulgares inteligencias podem entretanto decifrar, nesse painel de magestoza simplicidade, as leis fundamentais da ordem material, quando as iluminão os fachos que o Grão-Ser acendeu nos cerebros dos Hiparcos, dos Keplers, dos Galileus, e dos Newtons.

O mesmo acontecerá si contemplar-se com leviana curiozidade as almas sublimes que personificárão a Humanidade nas fazes decizivas da sua divina evolução. Descobriremos então apenas o fundo comum da natureza humana, sem apanhar as elaborações capitais que se realizão na mesma hora diante de nós.

Pois bem, o momento que estamos considerando constitûi a mais decizi̇va dessas fazes supremas. Porque tratava -se de subir do conhecimento da *situação* da Humanidade ao conhecimento da *natureza* da Humanidade. A Sociologia apenas permitíra apreciar os seus aspetos *intelectual* e *pratico*, sem patentear assás a sua constituição *afetiva*. Em uma palavra, a regeneração social exigia que se rezolvesse o problema que Gall tivera a gloria de pôr definitivamente. Isso requeria porem não só um genio

aparelhado para similhante investigação, mediante a condensação em si dos rezultados da evolução teorica, mas tambem que esse genio tivesse a ventura de contemplar, em uma alma sem par, o dezabrochamento de todas as conquistas morais da Humanidade. A primeira dessas condições devia caber naturalmente a um homem em virtude dos antecedentes historicos; mas podia tambem tocar a uma mulher. Quanto á segunda, porem, pela sua natureza, jamais seria sucetivel de realizar-se sinão em uma personificação feminina do Grão-Ser.

Tal foi a sorte que uma benigna Fatalidade rezervou aos nossos Pais Espirituais. Fundador da Filozofia Pozitiva, Augusto Comte dispunha das mais favoraveis condições teoricas para achar a solução do capital problema. Mas essas luzes serião perdidas, si Ele não tivesse tido a ventura de poder contemplar intimamente a alma da Mulher divina que então constituia, pelo coração, a inteligencia, e o carater, a mais perfeita personificação da Humanidade.

Que sublime espetaculo se rasga então ao genio do Reformador! Até aquele momento as mais poderozas inteligencias animadas pelos corações mais ternos e mais puros tinhão procurado estimulos para a virtude meditando nas perfeições dos entes divinos. Similhantes entes constituem, porem, ficções construidas mediante um conhecimento muito imperfeito da realidade. De sorte que eles oferecem a combinação dos atributos morais em condições tão contraditorias que os sentimentos, os pensamentos, e os atos que lhes são atribuidos chocão frequenquentemente as inspirações vulgares do altruismo. Dahi rezultava a miudo, para os mais santos corações, um esforço dolorozissimo afim de harmonizarem os dezignios misteriozos da Divindade com as solicitações dos mais puros sentimentos da Humanidade.

Comprehende-se assim que a adoração dos tipos divinos já era só por isso pouco favoravel ao surto dos nossos pendores altruistas. Acrece, porem, que o carater ficticio desses tipos e a sua suposta imutabilidade absoluta não permitia que a meditação deles determinasse a *correção* das primitivas concepções sobre a nossa natureza. Os melhores elances dos Santos mais sublimes erão fatalmente contidos pela estreiteza dos moldes invariaveis que lhes oferecião ideiais construidos em epocas mais atrazadas.

Assim, por exemplo, que luzes novas podia trazer a um

S. Bernardo a mais fervoroza adoração da Virgem? Os arroubos do seu altruismo só podião ver nessa suave creação o mais sublime tipo feminino, não segundo a realidade, mas segundo os ensinos da teologia catolica. Como poderia, pois, Ele reconhecer por esse culto a superioridade moral da Mulher sobre o homem, si a sua Religião colocava Maria inferior a Jesus, e fazia da Mulher a cauzadora da perdição do genero humano? Como lhe seria dado por ahi desvendar a nossa constituição afetiva, si o seu dogma só proclamava a existencia dos pendores egoistas na natureza humana, e explicava por uma graça do seu Deus todas as sugestões do altruismo? As almas mais egregias só conseguirião, portanto, expandir os seus melhores dotes morais até o limite que lhes era prescrito pelos modelos acanhados da sua adoração.

Foi esse cruel suplicio que a evolução moral do nosso Mestre veiu fazer cessar para sempre. Emancipado de todas as ficções teologicas, Ele começou por aceitar a teoria da natureza humana, tal qual o permitião até então os mais eminentes esforços do sacerdocio catolico, dos poetas, dos filozofos, e dos sientistas. Similhantes esforços condensavão-se na concepção de Gall, aperfeiçoada até certo ponto pela elaboração da SOCIOLOGIA. Já aprezentâmos, na *Introdução* deste volume, o quadro cerebral que rezume essa concluzão do saber da Humanidade até que o nosso Mestre experimentou a sua redentora paixão. Bazeando-se, porem, nessa construção, o egregio Reformador proclamou, desde essa epoca, que a teoria cerebral exigia uma nova elaboração.

Ora, o amor que Clotilde inspirou ao nosso Mestre veio permitir satisfazer similhante dezideratum. A primeira reação desse incomparavel sentimento foi patentear-lhe a supremacia do amor sobre o conjunto dos atributos humanos, e a consequente superioridade moral da Mulher sobre o homem. Desde então ficou evidente que unicamente o estudo da alma feminina seria capaz de desvendar a verdadeira teoria da nossa organização moral. Mas é claro que tal concluzão patenteava tambem, ao mesmo tempo, que essa teoria só poderia ser instituida mediante a contemplação de um tipo que, pela sublimidade do seu organismo, oferecesse, em toda a sua expansão, os mais egregios atributos humanos. E era não menos imprecindivel que efetuasse a meditação dessa egregia natureza

uma alma que, já pelos seus dotes espontaneos, já pelas suas luzes, fosse sucetivel de apreciar tão melindrozos fenomenos.

Foi esse conjunto de condições incomparaveis que se achou afortunadamente reunido em nossos Pais Espirituais. Apaixonado por Clotilde, o coração do nosso Mestre começou por experimentar uma profunda regeneração que modificou espontaneamente os seus atos antes de transformar as suas convicções. De fato, tão egregio sentimento conduziu logo o Filozofo a mais escrupuloza pureza e á restauração pozitiva da verdadeira meditação moral, — a *oração*. Levado a pensar sistematicamente na sua angelica Inspiradora, o Filozofo foi sentindo, com um jubilo indizivel, crecer, de dia para dia, a energia dos seus pendores altruistas. Aumentada assim a sua delicadeza afetiva, cada vez Ele se torna mais apto para comprehender a sublime natureza da sua Bem-Amada. E, á medida que as relações entre ambos se vão dezenvolvendo, tudo quanto de novo Ele descobre na alma da sua incomparavel Adorada, bem como tudo quanto de novo Ele sente em si, vem fornecer-lhe dados para aperfeiçoar a sua concepção da natureza humana.

Nos extazes da sua incomparavel meditação, o Filozofo percebe então quanto o culto pozitivo sobreleva em eficacia a adoração teologica. Ali já não se pede nem se espera mais o auxilio onipotente e caprichozo de um ente fantastico; ali já não se contemplão mais atributos contraditorios com os elanees do nosso altruismo; ali já não se adora um tipo ficticio incapaz de permitir-nos corrigir os erros de uma primeira observação, e de aperfeiçoar o conhecimento da nossa alma. Entregue a um nobre *exercicio* dos mais egregios pendores, o Filozofo tinha a certeza que cada nova *oração* o tornava gradualmente mais apto para sentir quanto os prazeres da *dedicação* ecedem aos gozos da *devoção*. Meditando sobre as perfeições de uma alma angelica, onde o amor superava com sublime candura todas as ciladas do egoismo e da deficiencia de luzes; refletindo nas sorprehendentes reações que esse espetaculo exerce sobre si-mesmo, Ele vai a cada instante descobrindo elementos para corrigir as concepções até então aceitas sobre a nossa natureza, e atingir enfim a teoria pozitiva do cerebro humano.

Assim, em virtude da evolução natural do seu amor,

o nosso Mestre foi levado a volver o seu espirito para a reconstrução da teoria cerebral. Os esforços que fazia nesse sentido vão se tornar cada vez mais nitidos na feição que procura dar ao seu amor, a proporção que este se dezenvolve, graças á adoração incessante e crecente que a sublimidade de Clotilde lhe inspira. Mas, em fins de 1845, já era tal a sua preocupação, a este respeito, que Ele a comunicou a P. Laffite, dizendo: *propuz-me um belo problema; porem, ao inverso do de Maupertuis, ele é muito dificil.* *

Para acabar de caraterizar este momento supremo da existencia da Humanidade, convem indicar rapidamente quais os progressos que a teoria cerebral exigia. Limitar-nos-emos todavia a considerar ahi a parte que se refere ao exame do *coração*. O quadro aludido * * mostra que o nosso Mestre, aceitando nas nossas faculdades afetivas a distinção estabelecida por Gall, entre os *instintos* ou *pendores* e os *sentimentos* ou *afeições*, procurára precizar o sentido dessa distinção mediante a inspiração sociologica. Ele fôra assim conduzido a ver, nos primeiros, os atributos indispensaveis á existencia do *individuo* e quando muito da *familia*, e nos segundos, os atributos que explicavão a vida *social abstrahindo das distinções entre os sexos*. Estes comprehendião pois, alem dos *orgãos altruistas*, os do *carater* e os do *egoismo indireto*, entre os quais figuravão o da *propriedade*, o do *comando* (orgulho) e o da *aprovação* (vaidade).

Combinando, pois, a instituição frenologica de Gall com a sua propria elaboração da Sociologia, o nosso Mestre foi levado a conceber, entre os pendores excluzivamente *pessoais* e as propensões puramente *sociais*, uma ordem média de *instintos* relativos á Familia. E a apreciação social dos laços domesticos levava a supôr quatro orgãos dessa natureza, concernentes ao *amor conjugal*, á *maternidade*, á *filiação*, e á *fraternidade*, dos quais só os dois primeiros havião sido assinalados por Gall.

Ora, todas as inclinações que esses termos caraterizão são fenomenos *compostos* e não *propensões simples*. Porque cada um dos laços domesticos rezulta de um concurso do conjunto dos nossos orgãos afetivos, no qual prepondera a combinação de um certo instinto *egoista* com um certo pendor *altruista*. Assim o amor conjugal é caraterizado

* Audiffrent — *Maladies du cerveau et de l'innervation*, p. 922-923.
* * Vide a *introdução* deste volume.

pela combinação do *apego* com os instintos da conservação da especie, notando-se que, no cazo do homem, o estimulo egoista depende sobretudo do *instinto sexual*, ao passo que, na mulher, tal incitamento rezulta principalmente do *instinto materno*. Na maternidade ou paternidade, é a combinação do *instinto materno* com a *bondade* que dá o cunho proprio ao afeto domestico. Na filiação é a combinação do *instinto conservador individual* com a *veneração*. Quanto á fraternidade, não tem nenhuma feição propria, e constitûi na realidade uma manifestação menos intensa de um dos tres laços que acabão de ser examinados. E a evolução moral tem consistido em diminuir cada vez mais a participação do *egoismo*, que vai tendendo a apagar-se, e em aumentar incessantemente a intervenção do *altruismo*, que aspira a predominar.

Esta sumaria indicação basta para mostrar quanto o nosso Mestre se distanciava ainda da verdadeira teoria da nossa natureza moral. Ela explica ao mesmo tempo o conjunto da sua conduta nas relações venturozamente surgidas entre Ele e a sua egregia Inspiradora. Com efeito, o principal progresso a realizar neste assunto consistia em reduzir as distinções afetivas ao dualismo entre o *egoismo* e o *altruismo*, dissolvendo o grupo intermediario constituido pelos pendores domesticos. Isto exigia a constatação conexa do carater essencialmente egoista inherente aos instintos *sexual* e *materno*, bem como da constituição composta das afeições peculiares á Familia. Enquanto esse passo não fosse dado, o nosso Mestre, tendo reconhecido na Familia a baze de toda a existencia social, seria fatalmente levado a ver no ideal da Familia a digna satisfação dos pendores a cuja existencia era atribuida a constituição dessa sociedade elementar. Tal é o motivo pelo qual Ele não póde conceber, a principio, a sua união com Clotilde fóra do tipo conjugal, segundo a mais nobre apreciação que prevalecia entre os seus mais egregios contemporaneos e predecessores, e ainda hoje é partilhada pela generalidade das almas mais dignas.

Clotilde, por seu lado, não podia ter, do vinculo conjugal, uma idéia essencialmente diversa da que o nosso Mestre possuia nessa epoca. Mas a superioridade do seu *altruismo* espontaneamente lhe patenteava que, entre ambos os sexos, podia existir uma *união tão intima* como a que tal vinculo determina, sem que entretanto as satisfações volup-

tuozas ou mesmo as solicitudes inherentes á prole viessem cimentá-la. E uma vez que as nobres regras que a moralidade ocidental devia ás tradições catolicas lhe vedavão a instituição de um laço conjugal, essa mesma sublimidade do altruismo a fazia rezignar-se á repressão das suas aspirações maternas. De sorte que o maior escolho fatalmente oposto ao dezempenho da incomparavel missão para que o Destino a fadára consistia em ceder aos impulsos do seu altruismo mesmo, sacrificando os seus escrupulos á dedicação, á veneração, e ao apego que Augusto Comte cada vez mais lhe inspirava. Contra essas solicitações a premunia, porem, o seu incomparavel altruismo servido pela espontanea profundeza do seu genio e a energia suave do seu carater. Porque era o seu altruismo mesmo quem opunha, aos votos do seu apaixonado Adorador, as reflexões que lhe despertava a solicitude pela gloria dele, bem como pela felicidade da sua Familia, e pelos interesses morais da Sociedade. *Que prazeres podem ceeder aos da dedicação; só somos felizes quando a nossa felicidade a ninguem aflige ou ofende;*— tais erão os pensamentos que jamais a abandonavão. E os progressos que diariamente o culto que o nosso Mestre lhe consagrava ia determinando na alma dele vinhão espontaneamente, em cada crize, forneeer novos argumentos para consolidar tão santas inspirações.

II

> Nobre e terna padroeira, *quella ch'imparadisa la mia mente*, a tua adoravel influencia eterna melhorou profundamente o conjunto da minha natureza, moral, intelectual, e mesmo fizica.
>
> (*Palavras do nosso Mestre, ajoelhado diante das* FLORES SAGRADAS.)

Augusto Comte recebeu, na manhan do Lunedia 1º de Dezembro, a carta em que Clotilde lhe enviava os *Pensamentos de uma Flor*. O volume da gentil remessa fê-lo pensar, no primeiro momento, que esta se relacionava com a perturbação ocorrida recentemente nas relações fraternas da sua Bem-Amada, e tal conjetura o lançou em doloroza anciedade. Experimentou, pois, uma gratissima sorpreza quando pôde verificar o seu engano; e foi sob tão deliciozas emoções que sahiu na mesma tarde para a rua Pavée.

Até esse momento, o terno Pensador não havia recebido o bilhete que Maximilien Marie lhe escrevêra, conforme Clotilde lhe anunciára, e que só lhe foi entregue depois que voltou. O bilhete era polido; porem demaziado seco. A venturoza soirée que o nosso Mestre acabava de passar na rua Pavée havia contudo determinado dispozições que amortecérão as amarguras que o aguardavão.

Os afazeres do nosso Mestre só permitírão que respondesse a Clotilde na tarde seguinte, 2 de Dezembro. Ele esperava ter pouco depois uma entrevista com Maximilien Marie, talvez acerca dos incidentes que se havião dado ultimamente nas suas relações mutuas.

Centezima-decima carta

Martedia á tarde 2 de Dezembro de 1845 (2 h.)

Embora eu tenha desta vez bem pouco tempo, não quero, minha carissima amiga, deixar que chegue a vossa boa vizita hebdomadaria sem vos haver dado antes alguma resposta especial á amavel carta que de novo me chama, após oito grandes dias, á felicidade de vos ler e de vos escrever. Não a tendo podido abrir logo, o seu volume aparente me tinha a principio tornado receiozo, porque o atribuia ao recente conflito fraterno. Fiquei pois, muitissimo venturozamente sorprehendido quando encontrei uma encantadora compozição, docemente caraterizada pela vossa gracioza sensibilidade e filozoficamente notavel, aos meus olhos, por uma eximia apreciação espontanea do justo grau de fetichismo poetico que a virilidade da razão humana comportará sempre. Sem a ter lido até aqui mais de duas vezes, as doces lagrimas que já lhe devo asseguräo-me que não tardarei a sabê-la toda inteira. O singular vocabulo *de cór* não terá nunca sido mais bem aplicado. * Ela já se acha arrumada, junto das vossas preciozas cartas, no meio das minhas caras reliquias, entre as duas partes da admiravel *Lucia*. Si eu tivesse, a mais tempo, cotejado a vossa comovente imaginação com o vosso profundo sentimento muzical, teria advinhado que a aptidão poetica pela qual já vos assinalei aos meus amigos devia extender-se tanto á fórma como ao fundo. Pois que me confessais, nesse genero, numerozos ensaios anteriores, espero que me concedereis o favor de copiar, nos vossos

* Para apanhar o sentido dessa delicada fraze, convem lembrar que a palavra *cór*, segundo a sua origem latina, significa *coração*.-- R. T. M.

lazeres, para a minha pequena biblioteca intima, todos os que julgardes dignos de subzistirem.

Segundo uma melancolica reação, tais comunicações fazem-me hoje mais vivamente sentir a que ponto importa desprender-vos quanto antes de uma situação tão pouco conforme ao vosso eminente valor. Fizestes muito bem em repelir com firmeza indignos enredos, que aliás apressarão talvez essa indispensavel libertação. Só posso tambem felicitar-vos pela vossa atual volta á Willelmina, que a vossa saude parece-me autorizar. Como vós, dezejo muito vos ver concluir com felicidade essa doloroza expansão, que, alem da sua precioza eficacia de situação, deve operar em vós uma sorte de expurgação moral, propria para aliviar-vos enfim de todo o pezo do passado. As salutares prescrições do nosso doutor me fazem esperar que a vossa pena não será mais detida nesse novo esforço.

Comprehendo os vossos motivos para uzar muito sobriamente dos Italianos durante este periodo de atividade. Espero bem, todavia, que não deixareis acabar este mez sem lá voltar. Sentís que devo estar empenhado em apagar o mais cedo possivel a lembrança da fraquissima obra que ouvistes Sabado. No fundo, essa diversão, tão util ao bom emprego das vossas forças, póde apenas, quanto ao tempo, privar-vos de uma triste soirée de familia. No que me concerne, nenhuma fadiga, como sabeis, póde alterar a ventura de estar convosco.

Si eu dormisse assás, estaria passando ás maravilhas: pois que as minhas digestões nunca forão tão boas: a minha perturbação nervoza não se prolonga sinão pela insuficiencia do sono; tudo reduz-se pois a um ecesso de vida. Só vós sabeis realmente donde ele provem, e quanto eu sou incapaz de curar-me disso por mim-mesmo.

Adeus, minha bem-amada; não temais que eu me esqueça de agradecer-vos antecipadamente as lindas flôres que me trareis amanhan, embora esse graciozo trabalho não possa durar tanto como aquele com que me gratificastes hontem: estou aliás todo orgulhozo por me haver achado ahi em concurrencia com *Deus*.

A vós o meu eterno e respeitozo amor,

Ate COMTE.

Achei hontem, quando entrei, o curto bilhete do vosso irmão. Embora extremamente polido, é muito seco e

mesmo bem frio: o *senhor* substitûi nele o *caro mestre* de antes, e o *dicipulo devotado* de outrora reduz-se ahi ao muito *humilde criado*. Porem a boa soirée de hontem havia felizmente prevenido todas as impressões dezagradaveis que esse novo tom podia sucitar. Espero, como vós, que a explicação de agora terminará inteiramente esse penozo negocio, no qual faço empenho sobretudo em evitar-vos a minima intervenção grave, mesmo aquela de que a vossa generozidade vos disporia a reclamar a principal responsabilidade moral. De resto, esta carta constitûi espontaneamente uma ecelente preparação para uma conferencia tão delicada, dispondo-me melhor a benevolencia para com todos os vossos.

No Mercuridia seguinte, 3 de Dezembro, Clotilde trouxe ao nosso Mestre o graciozo mimo em cuja feitura se entretinha ultimamente. Essa comovente lembrança foi logo incorporada ao culto intimo do terno Pensador; e, depois da morte da sua idolatrada Inspiradora, a precioza reliquia foi consagrada tambem ás solenidades publicas da Religião Universal.

Tão santas praticas não bastárão infelizmente para instituir uma piedoza tradição capaz de transmitir á Posteridade, com autenticidade veneravel, as incomparaveis Flôres. Por ocazião das vizitas que tivemos a inestimavel ventura de fazer á caza nº 10 da rua Monsieur-le-Prince, * vimos sobre o aparador da sala de jantar uma *Cestinha de flôres* já muito fanadas. Nada havia que a protegesse contra a ação implacavel do tempo e atestasse que era objeto de um culto especial. A conservadora do sagrado apozento não soube dar-nos informações precizas sobre a origem dessa reliquia. No quarto de dormir do nosso Mestre, e onde Ele exalou o ultimo suspiro, havia sobre a chaminé, um grande *Ramalhete* coberto por uma redoma de vidro, e que a mesma conservadora afirmou-nos ser a dadiva de Clotilde.

Depois da nossa volta, soubemos que, na rua Monsieur -le-Prince corria já uma versão diferente: dizia-se que o *Ramalhete* tinha sido um prezente do nosso falecido confrade James Winstanley e que o mimo de Clotilde era a *Cestinha de Flôres*. Contárão-nos mesmo que esta tinha sido transferida para o quarto de dormir do nosso Mestre,

* Vide a narrativa *Uma Vizita aos Logares Santos do Pozitivismo*.

e lá colocada tambem sob uma redoma. Procurâmos desde então certificar-nos da verdade, apelando para aqueles dos nossos confrades que acreditâmos acharem-se mais nos cazos de melhor conhecê-ia.

As informações obtidas permitírão-nos verificar assim que, de fato, o *Ramalhete* que se cria geralmente ser o mimo de Clotilde, e que fôra, como tal, reproduzido em uma gravura do nosso ecelente confrade de Londres, Thomas Sulman, era um prezente de James Winstanley, pois que tivemos a este respeito, o inestimavel testemunho do eminente fundador da Igreja Britanica, Richard Congreve, hoje falecido. Eis o que ele nos escrevia poucos dias antes da sua infausta morte:

« Não respondo sinão muito parcialmente á vossa carta. A minha resposta com efeito não concerne sinão á questão do *ramalhete*. O que eu vi em um vazo e sob uma redoma não podia ser a oferenda de Clotilde porque o testamento refere-se a flôres *fanadas* desde muito tempo e as flôres que eu vi estavão frescas. Eu sei por Madame Thomas que estas ultimas forão oferecidas ao nosso Mestre por M. Winstanley. Assim si eu vos comprehendo bem não estou de acordo convosco na vossa maneira de ver. Em vida do nosso Mestre as flôres não estavão protegidas contra a ação do tempo. O que me derrota é que eu não tenho nenhuma lembrança de uma cesta. Dados dois ramalhetes, o menor e o mais fanado seria, a meu ver, o que proviria de Clotilde. Talvez eu vos tenha comprehendido mal.

« Lamentaria muito achar-me em dezacordo convosco neste ponto. Exponho-vos francamente a minha opinião. O que lamento ainda mais é a tibieza que nos tornou tão negligentes nos primeiros anos da nossa existencia após a grande morte e que não se explica sinão pelo estado de imperfeição intelectual e moral em que nos encontrou essa perda doloroza e inesperada. » *

Quanto á *Cestinha*, a unica informação completa que obtivemos, foi-nos dada pelo nosso respeitavel confrade, o Dr. Robinet, infelizmente tambem hoje falecido. Em carta de 22 de Julho de 1899, dizia-nos ele:

« Após todas as informações tomadas, não é o ramalhete colocado em um vazo e sob uma redoma, que seria o *don*

* Carta de 21 de S. Paulo de 45 111 (13 de Junho de 1899).

do coração [1] feito para o nosso Mestre por Mme Clotilde Devaux (*sic*); essas flôres, artificiais tambem, provêm de um prezente de M. James Winstanley a Mme Martin Thomas, para serem colocadas no quarto de Augusto Comte, depois da sua morte. Foi Sofia quem as colocou sob uma redoma. O mimo de Madame Devaux (*sic*) era um tufo ou pequena moita de flôres (rozas vermelhas e outras) *feitas por ela mesma* e colocadas em uma jardineirazinha de pé. Isto existe ainda.

« Eis o que rezulta das lembranças mais precizas tomadas e notadamente das de minha filha mais moça, Mme Antoine, que tomou informações para mim e a meu pedido junto de diversas pessoas e notadamente de M. Laffite. Nesse cazo, as minhas recordações e as de Paulo Thomaz estarião singularmente em falta. [2]

« Quanto é dificil, quando não se tomárão no momento notas escritas, conservar a natureza dos fatos e as suas relações exatas! Vê-se por ahi que delicada coiza é escrever a historia: as lembranças são tão fugitivas, que podem apenas fornecer a legenda.

« Creio que, dada esta nova pesquiza, podeis contar os seus rezultados como definitivos, *sobre o ramalhete e o vazo reproduzidos por M. Sulman.* »

A 3 de Setembro do mesmo ano 1899, recebi as respostas do mesmo respeitavel confrade á circular que eu dirigíra aos nossos correligionarios que tinhão conhecido o nosso Mestre e a sua nobre filha adotiva, Mme Sophie Martin Thomas. Nessas respostas, o Dr. Robinet nos dizia que *sim*, que o nosso Mestre lhe tinha mostrado o ramalhete, feitura e mimo de Clotilde. Não indica o comodo do apartamento em que o Ramalhete então se achava. *Que não estava em um vazo, porem em uma cestinha rustica, feita de madeira ou de vime.* Que as flôres for-

1 Clotilde e o nosso Mestre chamavão o *dom do coração* a Medalhinha com os cabelos dela, e não o Ramalhete, como se vê do seguinte trecho do TESTAMENTO:

« . . . Si o voto principal realizar-se (o nosso Mestre refere-se á comunidade de esquife), colocar-se-á, em um esquife ecepcional, o corpo da minha santa companheira á direita do meu, as nossas mãos entrelaçadas segurando a medalhinha que ela mesmo guarneceu em minha caza com os seus cabelos, no domingo 5 de Outubro de 1845, chamando-a o *dom do coração.* » (VOL. SAGRADO, p. 12.)—R. T. M.

2 O Dr. Robinet refere-se ás informações que em carta anterior me havia dado, e segundo as quais o prezente de Clotilde seria o *ramalhete*, que agora está verificado ter sido dadiva de Winstanley.— R. T. M.

mavão uma *moita*. *Que as flôres não se acharão sob uma redoma, porem ao ar livre.* Que a cestinha de flôres que existe na rua Monsieur-le-Prince era a dadiva de Clotilde e estivera em diversos comodos do apartamento conforme as circunstancias. Nada indica sobre as outras questões relativas ao prezente de Clotilde.

Quanto ao ramalhete dado por Winstanley, o Dr. Robinet afirma que o conhecia e é o que se acha em um vazo de gargalo alongado e sob uma redoma. Que esse ramalhete esteve em varios comodos do apartamento. Que Sofia lhe dissera a epoca em que Winstanley fizera este prezente ao nosso Mestre; porem que ele não se lembrava ao certo.

Cumpre-nos ajuntar, ás informações precedentes, as seguintes que o nosso confrade Paulo Thomaz, deu-nos, em carta de 12 de Moizés de 111 (12 de Janeiro de 1899). Disse-nos ele que durante a sua infancia *só* viu o *Ramalhete*, que ele acreditava ser o de Clotilde * e a *Cestinha de flôres* que eu encontrára sobre o aparador da sala de jantar e cuja origem ele ignorava. Que o Ramalhete tinha estado durante muito tempo na mezinha do centro da sala de vizitas; que fôra ahi posto e dahi retirado em epocas que não póde determinar.

Que não se lembra si o Ramalhete estava sobre a chaminé do quarto de dormir do nosso Mestre, quando este expirou; e que, em vida do nosso Mestre, nunca assistíra a nenhuma ceremonia pozitivista, e não sabia em que lugar era colocado em tais solenidades o Ramalhete.

Do conjunto destas informações parece pois rezultar que o mimo dado por Clotilde ao nosso Mestre é a *Cestinha de flôres*. Contra essa concluzão, cremos que apenas se póde objetar a pouca confiança que merece a circunstancia de ser a informação do Sr. Laffite o unico testemunho *original* de que dispomos. Essa objeção é de natureza a levantar sérias duvidas; mas o fato do nosso confrade Paulo Thomaz só ter conhecido, durante a sua infancia, o *Ramalhete* e a *Cestinha de flôres*, induz a dissipar tais duvidas. Note-se enfim que o delicado trabalho de Clotilde devia ser um ramalhete de pequenas dimensões, porque vê-se, pela Correspondencia sagrada, que Ela mesma foi a *portadora* do graciozo mimo.

Assim, em rezumo, refletindo sobre todos os dados que

* E que está verificado ter sido dado por Winstanley.

possuimos, estamos inclinados hoje a crer que a *Cestinha de flôres fanadas* que vimos sobre o aparador da sala de jantar do nosso Mestre é a precioza dadiva da nossa terna Mãi Espiritual. Mas devemos confessar que não conseguimos desvanecer de todo as hezitações que, a tal respeito, se originão do deploravel atrazo religiozo daqueles a quem uma irreparavel catastrofe entregou a guarda das mais preciozas reliquias da Humanidade.

III

A admiravel *canzone* que eu recito todas as manhans ha nove anos carateriza tanto a poezia fetichica como a tua santa novela annuncia a idealização pozitiva.

(AUGUSTO COMTE—*Invocação final da* POLITICA.)

Foi, pois, no Mercuridia 3 de Dezembro, que Clotilde trouxe as flôres que fizera para o nosso Mestre. Ela estava abatida e contrariada porque a experiencia lhe demonstrára que o estado da sua saude lhe impossibilitava de continuar a WILLELMINA. Essa melancolia ainda mais agravou-se pelo acanhamento que o apaixonado cavalheirismo do nosso Mestre lhe cauzava. Pois que receiava que qualquer expansão da sua ternura viesse ainda exaltar aspirações a que não podia corresponder. Rezolveu, pois, mais uma vez, ver se conseguia que o nosso Mestre se conformasse com as condições que Ela julgava indispensaveis á felicidade dele. Nesse intuito, dirigiu-lhe na manhan de Jovedia o seguinte billhete.

Centezima-undecima carta

Jovedia de manhan 4 de Dezembro de 1845.

Caro amigo, sois tão bom para mim, que eu sofro muitas vezes verdadeiramente por não ouzar ser eu-mesma convosco. As vossas aluzões diretas ou indiretas sobre certo assunto deixão-me em um embaraço dolorozo que não posso sobrepujar sinão dificilmente, e de que se resentem demaziado as nossas relações.

No meu interesse como no vosso, bem quizera poder corresponder aos vossos votos e aos vossos sentimentos: porem, no vosso interesse como no meu, é precizo que me sinta livre. A minha mocidade acha-se atenuada pela minha debilidade fizica e a amargura da minha situação; e o meu papel de nulidade é verdadeiramente o unico

que me convem agora. O amor não é indispensavel nos costumes dos homens: deveis viver como si eu não estivesse no mundo, e considerar-me como uma sincera amiga, cuja ventura atual seria embelezar alguns dos vossos momentos. Ninguem sente melhor do que eu o valor do vosso coração e do vosso espirito; e si, alguma desgraça nos separasse, eu seria tão digna de lastima como vós, apezar do matiz dos nossos sentimentos. Deixai pois que eu me torne amavel para convosco como é o meu dezejo: esqueçamos os nossos sexos para pensar nos nossos corações. Durante algum tempo será precizo fazer um pequeno esforço, e depois estaremos com muito mais confiança um com o outro. Ofereço-vos esse bom-dia de todo o meu coração; espero que o acolhereis da mesma fórma.

CLOTILDE DE VAUX.

Esta carta traduz, mais uma vez, o triste conceito em que as melhores almas femininas têm a natureza masculina, mesmo nos mais egregios tipos. Só a evolução religioza do nosso Mestre, graças á adoração da sublime natureza moral de Clotilde, permitiria dissipar o humilhante preconceito que leva a menosprezar a pureza no homem.

Augusto Comte, por seu lado, ficára extremamente pezarozo pelo acabrunhamento que Clotilde revelava na ultima entrevista. Depois que Ela retirou-se, o cavalheirismo dele começou a recriminá-lo pela agravação que ocazionára nas angustias da delicada Senhora. Mas só no Jovedia á tarde póde dar satisfação ao seu escrupulozo devotamento, oferecendo-lhe os conselhos e a animação que se acuzava de não lhe haver dado na vespera.

Centezima-duodecima carta

Jovedia á tarde 4 de Dezembro de 1845 (4 h.

A vossa partida, Clotilde, deixou-me hontem muito descontente comigo mesmo pelo triste dezapontamento que eu acabava de vos fazer experimentar, a propozito das consolações que devieis esperar dessa cordial vizita. Não posso hoje dissipar essa penoza impressão sinão por uma humilde confissão da incapacidade doentia especialmente rezultante do meu insuficiente sono. Em lugar de combater o vosso dolorozo abatimento por um afetuozo esforço, que teria aliás reagido felizmente sobre a minha

propria melancolia, fiquei reduzido assim a entreter-vos com uma critica que, mesmo muito fundada, oferece sempre um bem pobre alimento ás almas como as nossas. E' essa a ultima vez, espero eu, que achareis em mim uma falta de energia moral tão contraria á minha natureza e aos meus habitos. O meu doce oficio de protetor, ou antes de consolador, seria muitissimo mal preenchido si eu não pudesse suspender as minhas dôres em prezença das vossas.

O que eu não soube hontem cumprir dignamente, permití-me, adoravel amiga, que o tente hoje, reprezentando-vos o pouco fundamento real do vosso sombrio dezanimo. Concebo sem dificuldade e partilho vivamente o pezar de ver detida logo pela impotencia fizica a retomada de um trabalho que, alem do seu alto valor intrinseco, torna-se tão urgente para a vossa indispensavel libertação. Mas essa deploravel necessidade prova sómente que a nossa impaciencia adiantou demaziado a epoca natural da vossa volta definitiva á Willelmina. Só um primeiro ensaio podia constatar a sua oportunidade: si ele não fôr bem sucedido, cumprirá rezignar-se, sem nenhuma perigoza obstinação, a prolongar ainda durante alguns dias a suspensão começada ha um mez. Não ha aliás nenhum motivo para dezesperar assim de um inteiro restabelecimento, para o qual fizestes, nestas ultimas semanas, progressos consideraveis, embora insuficientes até aqui. A recente intervenção do doutor Grandchamp já vos serviu de muito, e nada deve fazer receiar que a sua eficacia esteja exgotada. Quanto á vossa situação, tão ligada á vossa saude, o ultimo conflito, agora terminado, conduziu-vos a fazer com que ela désse energicamente um passo importante, que não ouzavamos, ha quinze dias, crer tão vizinho e tão facil, o anuncio realizado e aceito da vossa proxima independencia. Vós mesma, de resto, reconhecestes criteriozamente, na feliz vizita que nos vai fazer o amavel Léon, um motivo natural para prolongar um pouco a tranzição atual, aliás muitissimo adoçada então. Tudo vos promete assim, a todos os respeitos, um melhoramento definitivo, tão proximo como importante. Não vejais pois mais, minha nobre e terna Clotilde, nos dolorozos sintomas de hontem, sinão a necessidade de continuar ainda o regimen passivo do nosso preciozo Scott para melhor retomar em breve a ativa elaboração da nossa cara Willelmina.

Não vos testemunhei assás hontem a admiração e o reconhecimento que tanto merecem as vossas lindas flôres. Foi inclinando-me involuntariamente para cheirá-las que apreciei dignamente esse encantador mimo. Quem quer que contemplar essa obra-prima de gosto e pericia a atribuirá dificilmente a uma das mais eminentes naturezas, intelectuais ou morais, destinadas a honrar o vosso sexo servindo toda a Humanidade. A minha respeitoza adoração saberia sempre apreciar essa rara combinação das mais altas e das mais graciozas qualidades, quando mesmo dahi não rezultasse para comigo tantas amaveis manifestações de uma pura afeição.

Entre esses preciozos testemunhos, experimento uma nova necessidade de mencionar especialmente a encantadora compozição que uma terceira leitura gravou para sempre toda inteira na memoria do meu coração. A vossa confirmação não dissipou hontem os meus escrupulos literarios sobre a sexta estancia. A força de sonhar com ela, pensei que, quando escrevestes:

« Amor me diz seus votos mais secretos,
« Abrigo *os* doces preces no meu seio,
« Os seus misterios *amo* em grato enleio,
« A chave sou dos corações discretos. »

quizestes realmente escrever, mesmo pela medida e o sentido:

« Amor me diz seus votos mais secretos,
« Abrigo *as suas* preces no meu seio,
« *Dos* seus misterios *zélo* o grato enleio,
« A chave sou dos corações discretos. » *

E' com essa ligeira restituição, que me decido a reter essa delicioza estancia, a menos que m'o prohibais expressamente.

* E' precizo comparar as estrofes em francez, e por isso as transcrevemos. Clotilde escrevêra:

« L'amour me dit tous ses secrets,
« J'abrite *les* douces prières,
« *J'aime* au bonheur ses mystères,
« Je suis la clef des cœurs discrets »

O nosso Mestre propoz que a estancia fosse modificada assim:

« L'amour me dit tous ses secrets,
« J'abrite *ses* douces prières,
« *J'aide* au bonheur *de* ses mystères,
« Je suis le clef des cœurs discrets. »

R. T. M.

Sobre essa pequena obra-prima de graça e sentimento, deveis permitir-me que eu afaste todo egoismo, insistindo para que todos os verdadeiros conhecedores sejão chamados a partilhar da doce satisfação com que gratificastes primeiro o vosso reconhecido adorador. A feliz catastrofe que preparais para Willelmina fornecer-vos-á a ocazião a mais natural de publicar convenientemente essa arrebatadora *canzone*, com que Petrarca ficaria tanto mais ciozo quanto a nossa lingua não oferece, parece-me, modelo algum. Não coreis, incomparavel amiga, pelo meu ingenuo entuziasmo: sois aliás organizada com demaziada nobreza para que uma digna glorificação se vos torne jamais perigoza. Deveis, de resto, fazer tanto maior empenho em tal publicação quanto já destruistes infelizmente todos os outros testemunhos especiais da vossa espontaneidade lirica. Deixai-me entretanto esperar tambem que o curso natural dos vossos doces trabalhos conduzirá a vossa memoria a realizar pouco a pouco o voto pessoal que eu vos expremi Martedia.

Amor e respeito eternos,

A^TE COMTE.

Prometem-me para Sabado a *Semiramis* de que o meu estado nervozo priva-me hoje. Si fosse assim, eu vos proporia de ir ouvir essa admiravel obra, que a vossa cunhada já conhece. Em todo cazo, não disporei de outro modo da vossa cadeira sinão depois de uma recuza especial. Respeito, neste particular, as vossas criteriozas repugnancias, morais e fizicas; porem a verdadeira destinação do meu duplo lugar obriga-me, evitando toda insistencia importuna, a subordinar-vos o seu emprego, quando se trata de tal obra-prima, que será executada este ano com extrema raridade.

IV

O amor, nas almas superiores, aumenta o respeito e a delicadeza, longe de os enfraquecer.

(111ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.)

Foi poucos momentos depois de haver expedido esta carta que o nosso Mestre recebeu a que Clotilde lhe dirigíra de manhan.

Clotilde acabava de passar um bom-dia. Escrevêra tranquilamente, e á tarde rezolvêra dar o passo que planejava para mais tarde no sentido da sua completa eman-

cipação domestica. A hora do jantar, mandára prevenir que ficaria em caza, e escrevêra á sua Mãi, dizendo-lhe que Ela lhe prestaria um grande serviço entregando-lhe a pensão de Dezembro. Preveniu-a que estava trabalhando, que precizava de muita calma, e que, alem disso, essa rezolução lhe poupava o tempo. Iria buscar a resposta no dia imediato (Venerdia).

Clotilde pensava talvez nas emoções que este passo ia determinar nos seus, quando recebeu a carta do nosso Mestre. Ela trazia um novo alimento ás ternas aprehensões que a assaltavão. Imaginou que o seu bilhete da manhan teria ido aumentar a melancolia do Filozofo: rezolveu-se pois a escrever-lhe na manhan de Venerdia.

Centezima-decima-terceira carta

Venerdia de manhan 5 de Dezembro de 1845.

Vós me estais estragando, meu terno amigo; fui eu que estive bem enfadonha na minha ultima vizita á vossa caza, e a minha carta de hontem de manhan tinha muito mais por fim vo-lo fazer esquecer do que queixar-me dos motivos que vos aleguei. Tudo isso não é nada entre bons corações: o grave seria affligir-se voluntariamente; e eis porque tenho insistido tanto até hoje sobre a impotencia, e ao mesmo tempo a cordialidade das minhas intenções por vós. Deixemos repouzar os assuntos graves durante o tempo necessario, e aproveitemos de tudo o que pudermos. Déstes-me um par de côres de carmin agradecendo-me o meu magro ramalhete; espero substitui-lo mais tarde por outro mais digno. As minhas forças de hontem forão entretanto muito razoaveis, vou bem tambem hoje, e não acrediteis que eu tenha a intenção de atenuar os verdadeiros socorros que me prestárão os conselhos de M. Grandchamp. Ha muito tempo que a farmacia não tinha feito tanto por mim: terei muito prazer em dizer-lhe isso e em testemunhar-lhe o meu reconhecimento. O fato é que as contrariedades são o veneno mais eficaz para mim, e que o izolamento mesmo parece-me doce comparado com elas. Toda a minha sucetibilidade está no meu coração e não no meu espirito, apezar do que dizem; e o que passa despercebido para os outros constitúi para mim verdadeiros males. Sinto bem que não ficarei sempre deste feitio (felizmente); a impressionabilidade fizica determina outra: careço porem de paz para refazer-me.

Essa convicção de todos os instantes impeliu-me hontem ao passo que eu dezejava adiar; mas não conheço ainda o rezultado. Mandei, á hora do jantar, prevenir que ficava em caza; e escrevi á minha mãi que, feitas todas as reflexões, ela prestar-me-ia um verdadeiro serviço dando-me a minha pensão este mez. Preveni-lhe que estava trabalhando, que tinha precizão de muita calma, e que alem disso, simillhante partido far-me-ia achar tempo. Iria hoje saber a resposta. O fato é que passei hontem um bom dia: escrevi tranquilamente, sem apressar-me, e podendo descançar bem depois; isto é muito melhor para mim, e eu estaria segura de chegar desta sorte a bom termo; oxalá eles se decidão a secundar-me enfim segundo as minhas vistas!

Até amanhan, meu carissimo amigo; aceito com bem grande prazer a Semiramis; e, si já estiver morando á parte, tomarei um carro aqui ás sete horas, e irei buscar -vos. Pensais bem que não é para fazer-vos prezente dele, mas isso será comodo para ambos nós, espero eu. Estou bem contente, aos olhos da minha caza, de conservar os meus ares de viuvez: acho-me ahi muitissimo bem, e é precizo manter o respeito em torno de si tanto quanto se póde.

Apresso-me em lançar-vos essas garatujas no correio; e espero que elas vos encontrem passando melhor do que o ultimo de hontem. Contai com o meu inalteravel apego e com o devotamento que eu quizera poder provar-vos.

Fazei das minhas compozições o uzo que quizerdes. Eu tinha lido os *Pensamentos de uma Flôr* em familia, onde isso foi tratado de *coiza alambicada*. Um homem de gosto tinha achado essa pequena compozição bonita; e, em virtude da vossa opinião, fi-la achar um lugar na Willelmina. Eis aqui uma outra que me veiu á lembrança, mas não tem grande sal como idéia; eu vo-lo envio pela fórma.

Adeus, caro amigo, vossa do coração,

CLOTILDE DE VAUX.

A carta de Jovedia tinha de fato produzido um profundo abalo em nosso Mestre, como se vê da sua resposta na manhan de Venerdia.

Centezima-decima-quarta carta

Venerdia de manhan 5 de Dezembro de 1845 (10 h.)

Escrevendo-vos hontem á tarde, cara amiga, eu sentia bem que o embaraço demaziado frequente das nossas cordiais entrevistas não provém sómente da nossa respetiva perturbação fizica: não era, porem, a mim que competia tomar a iniciativa de uma mais completa apreciação. Na precioza carta que recebi um instante depois de haver expedido a minha, a vossa terna lealdade aborda enfim diretamente essa indispensavei explicação, que me cumpre proseguir até o fim, e que, segundo espero, dissipará logo esse extranho embaraço que torna as nossas entrevistas menos livres, de ordinario, do que a nossa correspondencia.

Assinalastes justamente o principal vicio atual da nossa situação mutua, mas sem caraterizá-lo assás, e por consequencia enganando-vos sobre o verdadeiro remedio, porque não referis sinão a mim o que procede tambem, e mesmo sobretudo, de vós. Eu prometí-vos livremente esperar, com uma leal rezignação, que uma doce espontaneidade vos conduza a preencher os nossos votos; e creio ter até aqui rigorozamente cumprido esse nobre dever. O receio de vos afligir ou de vos incomodar far-me-á doravante evitar ainda mais qualquer queixa indiscreta, e mesmo qualquer aluzão direta ou indireta a inevitaveis dôres, fizicas e morais, que eu devo saber suportar com firmeza até que elas possão dignamente cessar. Acabais, a este respeito, de aumentar muito a minha energia, dignando-vos declarar-me que esse indispensavel adiamento não depende mais sobretudo do estado do vosso coração, mas das exigencias da nossa fatal situação. Eu reconheço tão plenamente como vós-mesma a necessidade da vossa pessoal libertação prévia para permitir a nossa união final.

A consideração habitual desse termo precizo e motivado vai facilitar muito as minhas vitorias quotidianas, de maneira a tornar-vos doravante mais contente e mais livre, mesmo quando uma realização tão dezejada se afastasse alem de toda verozimilhança atual. Até lá, os meus diversos sofrimentos não comportarão jamais outro verdadeiro alivio que não o que me é familiar ha seis mezes, e cuja doce eficacia tanto tenho experimentado, hontem e hoje por exemplo; isto é, ocupar-me comvosco amorozamente

na vossa auzencia. Ler-vos, escrever vos, enternecer-me, quazi até ao fetichismo, sobre os preciozos talismans que vos devo, e doravante tambem repetir entre lagrimas a vossa suave *Canzone;* eis, minha Clotilde, o que acalma sempre a minha agitação convulsiva, que não existiria talvez nunca si eu pudesse viver assim sem interrupção.

Quanto ao extranho remedio que me permitis, esse conselho honra mais á vossa abnegação do que á vossa razão. Esquecer os nossos sexos, viver como si não estivesseis no mundo, em uma palavra dar a minha alma a vós e o meu corpo a outras, tudo isso me é realmente impossivel; o meu coração sente-se incapaz de tais abstrações: eu sei sofrer e respeitar, mas não mentir nem partilhar. Eu não posso hoje sinão ver finalmente em vós, como o repete, desde Julho, a minha terna oração da manhan: « na realidade atual, uma verdadeira amiga, e, em um proximo futuro, uma digna espoza. » E' unicamente assim que eu posso sentir, por que só isso é verdade: todas as vossas ficções provizorias são desprovidas de qualquer consistencia, mesmo passageira.

Vós exagerais, Clotilde, a grosseria masculina, pelo menos nos nobres tipos. Ela nos permite, com efeito, o prazer sem amor, mas sómente quando o nosso coração está livre; quando este se sente verdadeiramente prezo, tal brutalidade se nos torna impossivel. Eu tive que recorrer por muito tempo, como tantos outros, a essas ignobeis satisfações; pois que todas as relações sexuais tinhão já cessado, no meu triste interior conjugal * um ano antes do vosso proprio cazamento. Mas, desde que sou vosso, a minha continencia, embora por vezes doloroza, é sempre pouco meritoria, porque eu não poderia viver de outro modo. Cesse pois a vossa cega generozidade de aconselhar-me uma conduta cuja possibilidade o vosso involuntario acendente me interdiz.

Levando mais longe do que vós a apreciação geral das nossas relações mutuas, no que depende, não da nossa fatal situação, mas das nossas dispozições respetivas, eu devo agora assinalar-vos, com uma terna franqueza, a principal fonte, aos meus olhos, do embaraço que deplorais tão justamente. Ele provêm sobretudo, ouzo dizê-lo afinal, da vossa insuficiente confiança no meu imperio habitual

* Nao encontramos outra maneira de exprimir neste cazo a palavra franceza *ménage*. — R. T. M.

sobre mim-mesmo. Vós m'o testemunhastes claramente, durante a nossa memoravel crize de Setembro, chegando até a supôr-me capaz, por paixão, de uma brutal negridão: e vós me autorizastes aliás a vo-la exprobrar afetuozamente, mesmo hoje, não ouzando jamais retratar-vos abertamente de tal acuzação, por não haverdes assás sentido que a ingenua confissão de uma falta ou de um erro nos eleva purificando-nos. Eu vos amo como talvez nunca ninguem amou na minha idade, que consolida a minha nobre paixão permitindo-me apreciar melhor quanto ela está dignamente colocada. Porem o amor, nas almas superiores, aumenta o respeito e a delicadeza, longe de os enfraquecer.

Aos vinte anos, eu vos teria já respeitado como uma irman, enquanto as vossas conveniencias ou as vossas dispozições o exigissem. Porque haveria eu de ser hoje menos delicado, si sou, no fundo, mais puro do que então, e mesmo mais terno, sem ser menos ardente?

Deixai-vos pois tornar-vos para comigo, como o dizeis tão bem, tão amavel quanto o dezejais. Cessai de me temer, minha encantadora amiga, bem como de vos temer. Não vos peço nem menos sensatez, nem mesmo menos rigor, porem mais confiança, e, por consequencia, mais abandono. Sêde, em uma palavra, minha Clotilde, tão livre de perto como de longe, e em breve as nossas castas entrevistas serão ainda mais satisfatorias do que a nossa precioza correspondencia, por comportarem uma expansão mais intima e mais rapida. Eu sou incapaz de abuzar jamais dessa cordial familiaridade para adiantar o termo que o vosso criterio fixa secretamente ao pleno cumprimento dos meus votos.

Inteiramente vosso,

ATE COMTE.

V

Congracemo-nos habitualmente, minha incomparavel Clotilde, em torno dessas sublimes concepções que ligão iretamente o nosso nobre surto privado ao conjunto da grande evolução humana.

(*118ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

Clotilde já estava certa da aquiecencia da sua terna Mãi aos seus dezejos, quando recebeu esta carta. O seu coração sentia-se, pois, mais aliviado das preocupações

oriundas da sua situação domestica. Respondeu na mesma tarde; e a sua resposta bem traduz as dolorozas emoções que a agitavão.

Centezima-decima-quinta carta

Venerdia á tarde 5 de Dezembro de 1845.

Eu explico-me sempre mal, sem duvida, quando se trata do assunto que nos ocupa ha tanto tempo. Não é, meu caro amigo, a minha liberdade material que me é necessaria para dispôr de mim, é a minha plena liberdade moral. Vós me amais, é verdade, como eu o mereço ser; eu vos retribuo bem outro tanto de coração, mas tudo se limita a isso. O passo que dei uma vez deve vos haver provado a cordialidade das minhas intenções, ao mesmo tempo que o meu pouco poder sobre elas. Eis porque vos pedi que vivesseis como si eu não estivesse no mundo. Si uma promessa pozitiva pudesse ter razão de ser a qualquer distancia que ela estivesse do prezente, eu me examinaria rigorozamente para vo-la fazer. Ha instantes em que sinto em mim o dezejo de morrer sem vinculos, tanto sofri por eles. Eu concebo que poucos homens se contentarião de adiamentos indefinidos: eis porque, pois, eu nada peço naquilo em que eu nada posso dar. O coração não se governa como o espirito. Só uma mulher leviana ou namoradeira póde abuzar da incerteza de um homem. Quanto a mim, eu vo-lo digo agora, como sempre foi intenção minha que o comprehendesseis: *não sei o que virão a ser os meus sentimentos;* porem neste momento eu nada posso para a felicidade de um homem.

Vós, que sois tão criteriozo e tão sensivel, vós acreditais sinceramente que possa ser um ato de generozidade o dar-se alguem sem o querer? eu, pela minha parte, penso que não. Todos os cazamentos em que só ha consentimento acabão mal: o acordo perfeito é indispensavel em tal vinculo.

Eis ahi o que é precizo que eu vos diga; não quero explorar o vosso interesse por um erro. Eu vos amo caramente; mas eu não sei si o meu apego tomará o matiz necessario para a intimidade que dezejais. Crêde-me: não vos façais males facticios, da natureza dos que eu sofrí. Com muito mais pozitivismo no espirito, eu teria conformado o meu coração á situação ecepcional em que me achei. E fazendo dela um alimento para a minha melancolia, destruí-me,

extingui em mim o entuziasmo, e morrerei talvez consumida por uma chimera. O meu unico remedio atual é a distração que me criei: só ela póde modificar-me.

Vossa de toda ternura,

CLOTILDE.

Esta carta teve um efeito indescritivel sobre o coração do nosso Mestre. Ele a recebeu na manhan de Sabado 6 de Dezembro. A sua situação pareceu-lhe porventura um sonho terrivel; não podia crer que tivesse sido uma facinante iluzão a venturoza realidade em que vivia desde 18 de Novembro, havia quazi vinte dias. Dominou entretanto as penozas emoções que o dilaceravão. Era o dia da sua vizita a Clotilde, e o encanto de contemplá-la, de falar-lhe, de ouví-la, o auxilia a conservar o seu imperio sobre si. A noite foi com Ela assistir, nos Italianos, a reprezentação da *Semiramis*. A lembrança de tão comovente jornada lhe ficou como uma *imagem ecepcional* do seu culto intimo, e a unica que assinalou em Dezembro.

O espetaculo fatigára a Clotilde: mas o seu abatimento devia ter sido agravado pelo estado moral que os leais esforços de Augusto Comte não lhe permitião velar totalmente. As cartas que se acabavão de trocar entre ambos erão suficientes para esclarecer á sua perspicaz ternura. Ela não se iludia: uma nova crize começava na sua união com o egregio Pensador!...

Augusto Comte só respondeu-lhe na tarde de Domingo.

Centezima-decima-sexta carta

Domingo á tarde 7 de Dezembro de 1845 (3 h.)

Tive de esforçar-me hontem, minha bem-amada, por não perturbar um dia feliz pela aflição que me cauzou a vossa ultima carta, que aliás eu não tinha podido reler assás ainda. Mas não posso hoje dispensar-me de testemunhar-vos afetuozamente que, apezar da delicada ternura e a nobre lealdade que nela se estampão profundamente, essa rapida resposta parece-me ter sido muitissimo precipitada. Conquanto não vos acredite de todo izenta das flutuações femininas, eu não esperava similhante alteração das preciozas esperanças sugeridas ou entretidas por varias cartas recentes, e notadamente quando vos dignastes, a 23 de Novembro, entregar á minha decizão o sacrificio imediato de todos os vossos escrupulos, que só a minha

propria generozidade determinou-me assim a respeitar sempre. Sentireis quanto essa carta de Venerdia á tarde se concilia pouco com a da mesma manhan, si ligais bastante valor ao nosso passado para deixardes cópia das vossas cartas, habito com que eu ganharia ainda mais do que vós. A partir da crize de Setembro, vós não me havieis oposto sinão simples adiamentos, na verdade vagamente caraterizados. E' sómente nessa resposta, aliás tão santamente afetuoza, que não ouzais mais assegurar de poder um dia conformar assás os vossos sentimentos aos meus.

Tal contraste parece-me entretanto explicavel, em virtude da nova situação em que estaveis bruscamente colocada quando me escrevestes, pela aquiecencia inesperada da vossa mãi ao vosso justo pedido de independencia temporaria. Essa aproximação imprevista da vossa libertação pessoal deve vos ter feito naturalmente receiar a minha tendencia espontanea para uma analoga aceleração da inapreciavel garantia que a minha ultima carta parecia subordinar unicamente a esse indispensavel preambulo. Fostes assim conduzida a opôr-me de antemão os obstaculos peculiares ao estado intimo do vosso coração, como mais poderozos ainda do que os da situação exterior. Permití-me, porem, terna e leal amiga, reprezentar-vos que o conjunto da minha conduta, sobretudo recente, não merecia de modo algum tal precaução. Quando liguei especialmente a nossa união final á vossa inteira libertação material, foi supondo que terieis, nesse intervalo, adquirido tambem a vossa justa liberdade moral: as minhas cartas de Novembro não deixão nenhuma duvida a este respeito.

De resto, importa que definamos, uma vez por todas, a natureza e a extensão dessa indispensavel dispozição. Ha tres mezes que eu vos considero já como moralmente livre, neste sentido que o vosso coração está assás desprendido enfim das suas antigas preocupações: não tendes, parece-me, nenhuma intenção de voltar atraz, a este respeito, sobre os vossos frequentes testemunhos. Sómente, não me concedestes ainda similhante imperio: tal é hoje, aos meus olhos, a vossa verdadeira situação moral, que de outra fórma não teria dado passo algum este ano. Ora, eu não hezito, minha bem-amada, em acalmar de novo as vossas inquietudes, reproduzindo aqui a segurança tão

bem firmada pelas minhas ultimas cartas, que esta preparação do vosso coração importa tanto como a outra á minha verdadeira felicidade. Eu nunca vos pedi que vos desseis sem o querer. Seja qual fôr aliás a minha opinião secreta sobre a aptidão involuntaria de uma irrevogavel concessão a modificar os vossos proprios sentimentos dissipando as vossas principais irrezoluções, saberei sempre aguardar, á custa dos mais dolorozos esforços uma plena espontaneidade, que é só o que póde garantir a minha digna felicidade. Não receieis, pois, cara Clotilde, que a subita independencia que começamos a gozar vos atraia hoje indiscretas solicitações; quando mesmo eu pudesse considerar como assás consumada uma emancipação que não é ainda sinão temporaria.

Os adiamentos indefinidos convém, sem duvida, a poucos homens; o observais com razão. Mas eu sou do pequenissimo numero das organizações assás nobres para suportarem tais delongas, embora elas devessem mesmo tornar-se eternas, quando a pureza e a lealdade dos motivos delas são tão certas como entre nós. Sómente, que o vosso terno acendente não me tire jamais a esperança; eu não poderia rezistir á sua perda total. Ha seis mezes, em virtude da vossa honroza e doloroza revelação, esforcei-me sinceramente por transformar o meu amor em simples amizade, e a principio acreditei ingenuamente havê-lo conseguido. A fatal crize de Setembro, reanimando as minhas mais caras esperanças, esclareceu-me logo sobre a irrezistivel natureza dos meus verdadeiros sentimentos por vós. Embora o imperio sobre si-mesmo aumente, em geral, com a idade, tal não póde dar-se em relação a um primeiro amor tão ecepcional, e demais tão bem colocado como o meu. Esse memoravel epizodio fez-me entretanto amargamente sentir quanto a falta de mocidade e de beleza constituem, a esse respeito, irreparaveis lacunas. Depois dele da mesma sorte que antes, não pude realizar a chimerica transformação sonhada pelo meu orgulho filozofico e a minha extranha inexperiencia. Cessei mesmo de prosegui-la, e abandonei francamente o meu coração aos doces projetos que vós o deixaveis formar para um futuro indeterminado: aliás nunca pude acreditar que a faculdade de amar com entuziasmo estivesse, na vossa idade, e na vossa eminente natureza, tão extinta como os vossos infortunios vo-lo fazem temer.

Seja qual fôr o desfecho final desta nobre paixão, eu não lamentarei morrer com ela: devo-lhe já, e recebei por isso, divina Clotilde, a minha nova gratidão, o experimentar enfim dignamente tudo o que ha de mais puro e de mais profundo nos sentimentos humanos. Mas cessai, eu vo-lo suplico, de aconselhar-me o esquecimento dos nossos sexos e a diversão material, que me são doravante igualmente impossiveis. Tantos acetas vigorozos suportárão por muito mais tempo uma estrita continencia em virtude das suas chimericas convicções; porque melhores motivos não permitirião tais vitorias, por maior que seja a duração que tenhais de prescrever-lhes? Que esses esforços quotidianos não vos fação receiar a nossa inocente familiaridade, como tenho motivo de queixar-me a partir das vossas recentes animações de futuro. Não foi nunca em vossa prezença que eu senti dezejos carnais; acho-me então inteiramente absorto na ventura de contemplar-vos. Podeis, nobre e terna amiga, conceder-me, sem nenhum perigo, tudo o que uma irman permite, todas as concessões que não são irrevogaveis. Longe de ecitarem o meu ardor, elas facilitarão os meus triunfos, embelezando as nossas cordiais entrevistas, nas quais, ouzo repetí-lo, não me honrais ainda com uma suficiente confiança.

Inteiramente vosso para sempre,

A[te] COMTE.

Esta carta foi entregue na mesma tarde, e comoveu extremamente Clotilde. Ela tinha voltado da rua Pavée com a alma menos agoniada por ver em melhor situação as suas relações domesticas. Não se magoou com as apaixonadas queixas que explodião do coração do nosso Mestre como gemidos de uma dôr sem alivio. A sublimidade do seu altruismo unicamente encontra ahi novos motivos para sua inexhaurivel bondade. Só sente que é precizo defender-se das ternas acuzações do seu egregio Adorador, para dissipar as terriveis reações que as malogradas esperanças podião exercer sobre Ele. Quanto mais sofre, mais se condoi dos sofrimentos alheios; quanto mais a sua solicitude se expande, mais atrahentes se lhe tornão os gozos da dedicação. Eles constituião o maior, sinão todo, o encanto do seu martirizante Passado. Eles erão o seu principal amparo em meio de tão atribulado Prezente,

e serião porventura o unico consolo que o Porvir lhe rezervava.

O nosso Mestre mesmo, nos rasgos da sua incomparavel paixão, não cessava de trazer-lhe novos estimulos para perseverar na sua virtuoza conduta. Bastava ver a maneira pela qual a sua nobre retidão acabava de apreciar a perigoza crize de Setembro.— *Em lugar de amargos pezares que me deixaria agora uma quéda que não teria podido transformar assás o vosso coração, sinto com delicia que somos plenamente dignos um do outro.*— dizia Ele ainda na sua carta de 24 de Novembro. Que indicio mais seguro de que haveria de deplorar tambem mais tarde como *uma quéda*, e essa *irreparavel*, a satisfação dos votos em que atualmente se extaziava? Que indicio mais decizivo de que, no futuro, abençoaria tambem que a virtude dela lhe tivesse sido o amparo em uma crize que ameaçava o digno dezempenho da sua glorioza missão? Todos esses nobres pensamentos atravessão a imaginação de Clotilde e deixão-lhe ver os perigos da situação do nosso Mestre como os abismos que se multiplicão num sólo vulcanico.

E' unicamente meditando no sublime devotamento desse coração imaculado, conforme o permite o conjunto dos documentos de que atualmente dispomos, que poderemos imaginar o que se passava então no intimo de Clotilde. A sua correspondencia trahe a cada instante as santas preocupações de uma alma que considerava *indigno dos grandes corações espalhar em torno de si as perturbações que sentissem.*— Quanto não devia, pois, ter sofrido nessa noite pensando nos tormentos dos quais o zelo pela felicidade e a gloria de Augusto Comte a tornava ocazião! Mas tambem que balsamo incomparavel não devia derramar na sua alma o pensamento de que só essa conduta podia garantir a harmonia entre os entes que mais amava? Podia ter duvidas acerca do modo pelo qual a Posteridade encararia a plena união que o nosso Mestre ambicionava. Mas era incontestavel que, no Prezente, simillhante fato só havia de acarretar crueis dilaceramentos em torno de si, nos corações que a estremecião, que mais caros lhe erão. Ao passo que, não acedendo aos votos do nosso Mestre, cimentaria a nobre amizade que ligava o apaixonado Filozofo á sua Familia.

E que futuro sedutor lhe oferecia simillhante perspectiva!

Quanto mais se compenetrava da incomparavel grandeza de Augusto Comte, mais sentia o alcance inecedivel de sua influencia sobre a carreira do seu irmão. E essa influencia benefica ficaria aniquilada, quando apenas se iniciava, si, em vez de seguir as santas inspirações do amor que lhe inspirava o nosso Mestre, Ela acedesse aos votos de uma nobre paixão cuja assombroza evolução até ali lhe fazia augurar, embora vagamente, novas e mais sublimes transformações. Assim, a felicidade e a gloria dos entes que constituião o rezumo dos seus mais extremozos afetos parecião-lhe intimamente ligadas aos mais vitais interesses da sociedade.

Tais forão as angelicas emoções com que respondeu a Augusto Comte na manhan de Lunedia.

Centezima-decima-setima carta

Lunedia de manhan 8 de Dezembro de 1845.

Posso jurar-vos sobre a minha honra que não tive outra intenção na carta que me citais sinão de fazer-vos o oferecimento de uma promessa que ainda hoje considero como dezarrazoada; relêde-me desde Setembro, e vereis que não tenho variado, meu caro amigo. O unico passo que eu deva deplorar, vós o conheceis como eu. Ele fez-me comprehender que é precizo mais do que o concurso do coração (amor a parte) para consumar similhantes atos.

Experimentei-me nos estados mais caraterizados da vida. Fiz um cazamento de conveniencia, e confesso-vos que isso praz-me tanto como o celibato. E' precizo, pois, de toda necessidade, que eu *dezeje* mudar de estado para mudá-lo. Vós me pedis que *defina, uma vez por todas, a natureza das minhas dispozições;* eu não as posso rezumir mais nitidamente.

Eu vos considero como o melhor dos homens e o mais justo; e o que vos tem parecido hezitação em mim nunca foi sinão o pezar de vos afligir. Em outras circunstancias, tenho me pronunciado de uma vez por todas; e não existe um homem que possa exprobrar-me um grão de *coquetterie* ou leviandade feminina. Contai com o meu coração; e, pois que o quereis como eu, não falemos de futuro.

Até esta tarde, meu caro amigo: fiz algumas concessões de coração aos meus, que produzirão bom efeito. E' sempre tão triste afligir, seja qual fôr o alcance da afeição, que a gente sente-se bem com os seus pequenos sacrificios de

amor proprio, quando eles bastão para reparar o mal.
Si receberdes esta carta a tempo, fazei o favor de lembrar-vos de trazer o meu guarda-chuva, afim de que eu possa restituir-vos o vosso, que talvez vos faça falta.

Adeus, caro amigo, passai bem; *Semiramis* me fatigára muito mais do que *Pasquale*. Hoje, as coizas vão passavelmente; vou aproveitar disso para ir á caza de M. Grandchamp. Tenho de confiar-lhe uma operaçãozinha cirurgica que me cauza algum medo: trata-se de dezeneravar-me duas unhas dos dedos grandes do pé. O nosso medico acreditava que era necessario cortar as carnes a roda: veremos o que é que este pensa a tal respeito.

Clotilde foi de fato a caza do Dr. Grandchamp nessa tarde. Fez o trajeto a pé, na ida e na volta, e isto produziu uma agravação nos seus padecimentos fizicos. (Vide este volume p. 557.)

Augusto Comte recebeu a carta precedente quando voltou da rua Pavée. A convivencia que acabava de ter com Clotilde o predispunha a aceitar as suas nobres e afetuozas palavras. Como nas noites anteriores, uma arrebatadora insonia vigorou as inspirações do seu altruismo. Na manhan de Martedia, 9 de Dezembro, achava-se tão abatido que não póde ir á lição. Passou o dia absorvido na meditação do seu amor. Releu a sua correspondencia com Clotilde; e quantas vezes essa leitura não o fez ajoelhar debulhado em lagrimas junto do modesto altar da sua Bem-Amada! O rezultado desse sagrado exame foi erguer-se mais compenetrado do que nunca da sublime virtude com que Clotilde mantivera a sua conduta. Só a lembrança de que Ela o tivesse suposto capaz de abuzar da sua confiança e nunca tivesse confessado similhante injustiça deixava-lhe um invencivel resentimento.

A tarde o seu coração pareceu haver completamente serenado, e Ele dirigiu a Clotilde a seguinte carta:

Centezima-decima-oitava carta

Martedia á tarde 9 de Dezembro de 1845 (3 h.)

Apezar de involuntarias omissões, enganos e obscuridades, a resposta que me esperava hontem á noite merece o meu reconhecimento especial, atenta a pouca razão que já eu me havia exprobrado na primeira parte da minha longa carta de Domingo. Taxada de precipitação, poderieis

bem retorquir-me com mais justiça esse reproche, de modo algum atenuado em mim por essa prontidão que faz sobresahir tanto a admiravel espontaneidade da vossa ecelente carta de Venerdia á tarde. Relendo-a melhor, eu tinha enfim sentido que mulher alguma jamais ofereceu um modelo tão perfeito de escrupuloza lealdade e de amigavel ternura. E' aliás tão dificil, em geral, exprimir fielmente o que experimentamos, que não posso exprobrar-vos em nada as dolorozas iluzões rezultantes em mim das vossas insuficientes explicações, atravez das quais reconheço agora que, desde Setembro, as vossas principais dispozições nunca variárão gravemente. Uma imperfeita confiança no meu imperio moral sobre mim-mesmo constitûi realmente para comigo a vossa unica falta, manifestada, não pela nossa franca correspondencia, mas pelo embaraço das nossas entrevistas. A injurioza suspeita de Setembro, e a vossa perzistencia em jamais confessardes nitidamente a injustiça dela, tornarião irrecuzavel essa amarga dispozição, si um secreto exame especial não vo-la deixasse diariamente reconhecer. E' o lado unico do vosso belo carater que reclama ainda a intervenção séria da vossa poderoza razão: permití-me que vos recomende uma ultima vez esse aperfeiçoamento, no interesse das nossas relações.

A crize secundaria que, espero eu, acaba hoje, e que a minha paixão havia determinado em virtude dos vossos equivocos involuntarios, servir-me-á finalmente para melhor apreciar a nossa verdadeira situação mutua, de maneira a bem gozar do prezente, rezervando toda feliz eventualidade de futuro. Animado, embora infelizmente! bem tarde, pelo nobre amor que devia ser o unico a dominar-me inteiramente, é precizo que eu sofra dignamente o meu invencivel fadario, por mais rigorozo que ele possa tornar-se. Eu reconheço afinal, para vós como para mim, a necessidade de preparar-me francamente para o estado menos favoravel porem o mais provavel, supondo que o vosso coração não vos permitirá nunca ultrapassar essa dezigual troca de ternura entre o amor e a amizade. A coragem não me faltará, espero eu, em tal modo de existencia, cujas doçuras todas devemos doravante dezenvolver aceitando todas as suas condições. Antes de tudo, ele exige uma justa apreciação habitual da situação. Cada um de nós deve estar sempre ahi essencialmente

dispensado de fingir e de dissimular, não tendo jamais que confessar sinão honrozos sentimentos. Não se trate pois, mais de nenhuma chimerica transformação do meu irrezistivel amor em serena amizade, nem de esquecer um sexo que faz tão bem parte da vossa eminente natureza, nem de viver brutalmente como si não existisseis. Si precizassemos de qualquer comparação, eu preferiria a de noivos separados por obstaculos indefinidos, ou espozos que imperiozos motivos obrigão a viver como irmãos. E' melhor, porem, não comparar a nada um cazo tão ecepcional, a todos os respeitos, como o nosso. Afastando pois toda van ficção, partamos sempre da realidade, para melhorá-la tanto quanto possivel, um como amante, a outra como amiga, ambos aliás simillhantemente sinceros, e mesmo igualmente ternos, cada um á sua maneira.

Quanto aos diversos embaraços ou perigos de uma inevitavel continencia, que deverá talvez durar constantemente, eu creio poder responder pela minha gradual vitoria sobre eles sem que a minha saude receba por isso nenhuma profunda lezão. Esforçar-me-ei aliás, segundo a minha tendencia ordinaria, por converter essa nova condição de existencia em uma fonte habitual de intimo aperfeiçoamento pessoal, sobretudo moral, e mesmo tambem fizico.

Em lugar de esquecer a diversidade dos nossos sexos, dirijamo-la, de comum acôrdo, para a sua nobre destinação, o melhoramento mutuo da nossa propria natureza, intelectual e afetiva. Cada um deles possûi, um pelo coração, o outro pelo espirito, uma preeminencia que falta espontaneamente ao outro; mas este torna-se sucetivel de tal acendente por uma feliz cultura reciproca, cujo lento progresso contínuo fórma, no decurso das idades, uma das mais belas produções da nossa sabiduria, a um tempo coletiva e pessoal. Congracemo-nos habitualmente, minha incomparavel Clotilde, em torno dessas sublimes concepções, que ligão diretamente o nosso nobre surto privado ao conjunto da grande evolução humana.

O amante e a amiga podem achar ahi lealmente um inexhaurivel porvir de grandeza e ternura, por mais prolongada que deva ser ainda a sua digna existencia comum. Si eu tivesse um dia a desgraça de perder-vos, deveria esforçar-me por vos sobreviver, afim de fazer assás apreciar ao mundo a eminente natureza que ele houvera comprehendido tão nimiamente pouco. Porem, si como o espero,

ficardes depois de mim, a vós sobretudo incumbe, mais do que a nenhum outro amigo, o nobre dever de bem julgar, para a posteridade, esse coração profundamente sensivel, que, embora superficialmente taxado de austera frieza, esteve sempre ao nivel do espirito que dignão-se conceder ao

Vosso terno filozofo,

Ate COMTE.

Levando-vos esta carta, Sofia vos entregará o vosso guarda-chuva, e retomará o meu.

Embora muitissimo indisposto esta manhan para ir á minha lição, sinto-me melhor agora, e espero que amanhan esse dezarranjo passageiro não alterará em nada a vossa bemfazeja vizita hebdomadaria.

VI

Seja qual fôr a nossa sorte, espero que só a morte quebrará o laço fundado na minha afeição, minha estima e meu respeito.

(*119a carta, de Clotilde a Augusto Comte.*)

Clotilde sentia-se prostrada; a sua saude tinha mesmo sofrido uma nova perturbação que Ela atribuia ao esforço feito na vespera para ir ao Dr. Grandchamp. A carta de Augusto Comte produziu-lhe uma melancolica satisfação, e esperava no dia seguinte demonstrar-lhe esse nobre contentamento. Amanheceu, porem, ainda indisposta. E para minorar o dezapontamento que, bem sabia, a falta da sua vizita ia cauzar ao nosso Mestre, escreveu-lhe explicando a sua involuntaria auzencia.

Centezima-decima-nona carta

Mercuridia de manhan 10 de Dezembro de 1845.

Meu carissimo amigo, quanto vos agradeço o aceitardes com tamanha dignidade o mal e o bem que vos vem de mim! Contai, em troca do vosso nobre procedimento, com o apego mais terno que eu possa experimentar. Si o amor é o mais impetuozo dos sentimentos, não é ele o unico poderozo e doce; e eu tenho por vós hoje mais do que o coração de uma parenta.

Faço o que posso para que estas linhas vos cheguem cedo. Descançai por hoje. Eu sinto, do meu lado, um

mau-estar que faz-me ter medo mesmo do omnibus. * Irei ver-vos Sabado em lugar de hoje, e chegarei cedo para não estorvar o vosso tempo da tarde.

Enquanto penso nisso, Deus me livre de esquecer ainda a refutação que tenho premeditado cem vezes, e que me tem sempre escapado, tão pouco util eu a acreditava. Como quereis, com o conhecimento que tenho do vosso carater, que vos haja eu jamais acreditado capaz de cometer uma brutalidade? A violencia não está mesmo mais nos nossos costumes atuais, por mais anticavalheirescos que eles se tenhão tornado. Na verdade, vós é que sois meu devedor no tocante a essa suspeita, e eu vo-la devolvo tal qual sahiu do vosso pensamento.

Por desforra, eu vos coloco, de todo o coração, no pedestal que me levantastes; ele vos convem muito mais do que a mim. Si eu faço empenho em reconquistar aquilo que me arrebatão por vezes, é porque não me sinto demaziado rica, e nada tenho que perder; eu conheço-me melhor do que aqueles que me julgão.

Espero que a minha falta hoje não será muito grande. Cuidai bem de vós, meu digno amigo, e dai-me noticias vossas. E' precizo que não esteja em meu poder o tornar -vos feliz para não fazê-lo. Repetí-vos isso com o vosso coração e a vossa razão, e não me ameis sinão como mereço de o ser.

Aperto-vos bem ternamente a mão. Oxalá possa eu provar-vos melhor do que com palavras a minha afeição, a minha estima, e o meu respeito! Seja qual fôr a nossa sorte, espero que só a morte quebrará o laço fundado sobre todos esses sentimentos; e ofereço-vos a doçura desse pensamento em troca dos que vos tirei. Adeus, meu terno amigo; até Sabado, e para sempre vossa do coração,

Clotilde de V.

Esta carta chegou ás mãos do nosso Mestre quando Ele começava a esperar por Clotilde. O seu efeito sobre o terno Pensador foi o de uma inesperada revelação. Até aquele momento, a sua principal aflição provinha do receio de ver outro mais afortunado conquistar no coração de Clotilde o lugar que Ele julgava ainda vazio. Similhante

* Carros empregados na viação urbana, e que já existírão no Rio de Janeiro, antes dos bondes, com essa mesma dezignação.— R. T. M.

aprehensão era o principal estimulo ás solicitações de um deleite voluptuozo que as teorias então correntes sobre a natureza humana lhe fazião considerar como o unico penhor de união perpetua entre o homem e a mulher. Espontaneamente, Clotilde lhe acabava de oferecer, na candidez da sua leal ternura, uma garantia imaculada e não menos segura de eterna união entre ambos.

Mas a explicação que Clotilde lhe dava a respeito da injurioza suspeita que Ele lhe atribuía não bastou para aquietar os escrupulos do seu cavalheirismo. A fraze em que a piedoza Senhora lhe dizia que *a amasse apenas como Ela merecia de o ser* tambem lhe cauzou uma doloroza perturbação. A alegria de ver dissipados enfim os seus temores acerca da sorte do seu amor tornava-lhe mais indispensavel que Clotilde o aliviasse de qualquer suspeita quanto á confiança que nele depozitava. Dessa duvida provinha talvez no seu animo uma nevoa sobre os verdadeiros motivos da auzencia da sua meiga Inspiradora. Augusto Comte respondeu-lhe na mesma tarde.

Centezima-vigezima carta

Mercuridia á tarde 10 de Dezembro de 1845 (5 h.)

A vossa terna carta de hontem á tarde não me chegou, minha bem-amada, sinão na hora em que eu começava a esperar-vos, segundo o nosso uzo. Por maior que seja o apreço em que eu a tenha, ela não me impede, contra a vossa espectativa, de sentir penozamente a vossa auzencia imprevista, que no entanto quero crer desprovida de todo motivo mau, sobretudo fizico. Si assim não fosse, vós me terieis proposto que transportasse para o Mercuridia a minha vizita de Sabado, ao passo que vós mesma pensaveis, esta semana, na troca inversa.

Para não agir assim, seria precizo uma alteração séria, da qual me terieis falado especialmente. Quando mesmo a pequena intervenção cirurgica de M. Grandchamp vos privasse de sahir, ela não teria podido, parece-me, impedir-vos de receber-me. Sou pois conduzido a conjeturar que quizestes utilizar plenamente uma afortunada faze de trabalho, ou que as nossas recentes explicações vos fizerão temer hoje um embaraço especial na nossa entrevista. Em uma e outra supozição, eu vos perdoaria de bom grado esse inocente rodeio feminino, tão compensado pela vossa ecelente carta.

Para afastar toda amarga impressão accessoria, devo voltar pela ultima vez á injurioza suspeita de Setembro, cuja injustiça não reconheceis afinal sinão defendendo-vos de havê-la cometido. Si lesseis como eu a vossa carta de 9 de Setembro, ahi acharieis, a este respeito, entre varias outras que eu poderia citar, esta fraze decíziva: « Si me constrangerdes por qualquer meio a ceder-vos sobre o artigo em questão, nunca mais vos tornarei eu a ver na minha vida. » * Conquanto essa carta rezultasse evidentemente de um estado pronunciado de exasperação e anciedade, vêdes que a suspeita foi realmente concebida e indicada. Ela me era tão antipatica, e ao mesmo tempo tão nova, que eu não teria certamente jamais acreditado em tal espontaneamente. Quando eu vos testemunhei, por diversas vezes, a minha terna aflição por isso, devieis, Clotilde, reconhecer francamente esta falta momentanea, atenuando-a sob imperiozas circunstancias, em lugar de reprezentá-la hoje como não tendo jamais existido sinão no meu pensamento. Tais confissões, sempre compativeis, sobretudo entre nós, com a plena dignidade do carater, podem facilmente fornecer uma nova fonte de aperfeiçoamento, interdita áqueles que nunca errárão. Não é sem motivos profundos embora empiricos que o catolicismo erigiu a humildade em virtude; a moral pozitiva dezenvolverá cuidadozamente, com as retificações convenientes, uma apreciação tão conforme á verdadeira teoria da natureza humana.

Depois desse penozo complemento de explicações sobre um assunto que não ocupar-nos-á mais, a vossa precioza carta não me sugere outra observação prévia sinão sobre a vossa recomendação de « não amar-vos sinão como o mereceis de o ser. » Espero que não contais assim restringir em nada o meu apego, e voltar ao vão conselho de transformar o meu amor em amizade, embora pareça-me dificil entender de outro modo esse convite.

Como eu vo-lo dizia hontem, o que nos importa evitar escrupulozamente, são sobretudo as falsas pozições do coração.

Aceitemos a nossa situação com todos os seus caracteres quaisquer, trabalhando de concerto para tirar dela o me-

* A ligeira diferença que se nota entre esta citação e a fraze correspondente da carta de Clotilde existe na carta do nosso Mestre e mostra, segundo cremos, que Ele estava citando de cór. — R, T. M.

lhor partido possivel, bem como para aperfeiçoá-la gradualmente. Da vossa impotencia atual a satisfazer o meu amor, não concluais nunca que ele não deva subzistir. Eu posso amortecer os meus sentimentos ainda menos do que vós podeis exaltar os vossos. Que cada um de nós manifeste pois abertamente o honoravel matiz imposto á sua afeição pelo conjunto do seu destino. Essa plena franqueza habitual constitûi a primeira condição do dezenvolvimento normal da nossa terna intimidade, cuja fatal dezigualdade não póde dezaparecer sob um viciozo disfarce.

Si os nossos diversos equivocos não me tivessem feito tanto mal, eu seria indisculpavel de consumir em explicações quazi recriminatorias a maior parte de uma resposta que eu quizera consagrar toda inteira á cordial gratidão merecida pela vossa tocante manifestação dos preciozos sentimentos sobre os quais não receio desta vez nenhuma funesta iluzão. O vosso ecelente coração adivinhou espontaneamente a secreta necessidade do meu. Empenhando-vos toda a minha vida sem exigir a mesma afeição, eu devia dezejar uma garantia que pudesse substituir aquela que a vossa situação moral me interdiz, infelizmente! talvez para sempre, de esperar de uma inefavel volupia, cuja principal destinação é constituida, aos meus olhos, por tal eficacia. Si o extremo da melancolia não vai, para vós, alem de morrer sem nenhum vinculo, o que pensar da sorte do ente que sente-se ligado a um outro que não tem com ele compromisso algum! Era precizo, pois, afim de que a nossa intimidade pudesse dezenvolver-se sem tormento, que a vossa engenhoza ternura achasse, em falta do meio natural, um outro modo qualquer tão proprio como esse para tranquilizar-me contra o abandono e prezervar-me do ciume. Tal será, espero eu, o efeito permanente da vossa inapreciavel carta, e sobretudo do solene compromisso que completa essa santa declaração. Sim, minha digna amiga, quero bem repeti-lo convosco, só a morte quebrará os nossos ternos vinculos, seja qual fôr a fórma final que lhes rezerve o conjunto dos nossos destinos. Recebei, na vossa nobre fronte, o casto beijo pelo qual eu sélo esse deliciozo compromisso. Adeus, minha Clotilde: eu vos esperarei Sabado.

Amor e respeito,

A^TE^ COMTE.

Permití-me lembrar-vos especialmente que Sabado eu estarei livre desde onze horas e obrigado a jantar ás 5h. 1/2.

Eu contava hoje conversar sobre as recentes concessões de familia anunciadas na vossa carta de Lunedia. Conquanto não me tenhais de modo algum indicado a natureza delas, felicito-vos pela afetuoza moderação, tão digna de vós, e que deve aliás, prezumo eu, consolidar a vossa justa independencia, longe de cauzar-lhe nenhum prejuizo indireto.

O meu mau-estar gastrico de hontem já cedeu quazi inteiramente á minha medicação habitual, a abstinencia e o repouzo. Quanto ás insonias e convulsões, nada agravou-se. O recente progresso dos nossos corações para um estado verdadeiramente duradouro não tardará, sem duvida, a acalmar muito a minha agitação nervoza. Espero que vós não deixar-me-eis até Sabado incerto sobre a vossa cara saude.

A carinhoza resposta de Clotilde na manhan do Jovedia seguinte dissipou as ultimas aprehensões do nosso Mestre.

Centezima-vigezima-primeira carta

Jovedia de manhan 11 de Dezembro de 1845.

Meu caro amigo, como vo-lo disse, ter-me-ia sido penozo ir ver-vos hontem. Estava com uma grande irritação de intestinos, que tratei ao lado do meu fogo trabalhando; os altos vão bem, e tanto melhor. Mas, embora eu tenha recobrado as pernas, não posso andar ainda; isso cauza-me logo agora o mau-estar que acabo de experimentar.

Eis a minha explicação e a minha justificação sobre um ponto. Quanto ao outro, a passagem que me citais de uma das minhas cartas retraçou-se á minha memoria, mas como impressão de um momento; e foi em resposta a uma fraze vossa que eu a escrevi. Ficai certo que não receio unicamente nas nossas relações sinão o que poderia perturbar o vosso repouzo ou criar-me novas penas. Não me sinto mais capaz de sofrer dignamente, e o meu grande meio é evitar todas as ocaziões ou as cauzas de emoção. Sei muito bem, meu caro e digno amigo, que eu não posso impôr-vos um grau de afeição segundo os meus votos; dezejo sómente nada uzurpar no vosso amor; sei quanto pômos de nosso nesse sentimento entuziasta; felizes de nós quando o odio não sucede a ele.

As minhas modificações de familia são simplesmente nas fórmas, e isto basta-me. Eu tinha escrito a Max algumas palavras de pezar sobre a parte inocente que eu tomei no passo que o feriu. Ele ficou comovido por essa pequena concessão, e nos vemos sem embaraço atualmente. Léon não chegará sinão a primeiro de Janeiro: eu voltarei provavelmente para caza deles durante as seis semanas que ele deve passar conosco. Daqui até lá, bem quizera acabar a minha Willelmina. O longo intervalo que levei sem trabalhar tirou-me o seguimento e a facilidade.

Isso foi uma desgraça para mim sob todos os pontos. Torna-se-me cada dia mais urgente libertar-me por mim -mesma. Sinto em mim os elementos necessarios para tal; é isso que me dá coragem. Eu, que não tive ainda a ambição de dinheiro, que valor darei ao primeiro que eu ganhar!

M. Grandchamp faz-me bem sobre bem, e é um verdadeiro prezente que vos devo. Ele tratou dos meus pés com um tafetá que arranjará as coizas com o tempo sem necessitar nenhuma cortadura. Quanto aos meus pulmões, ele m'os garante, e eu o creio já, por experiencia. A minha carta tinha produzido o melhor efeito para ambos nós.

Serei bem feliz si encontrar-vos com boa saude no Sabado, meu caro amigo. Penso que gostais tanto que eu vá a vossa caza, como que vos deixe vir á minha. Quanto a mim, prefiro ir, isso distrai-me mais, e eu posso fazer metade do trajeto a pé. Lunedia, eu tinha ido a pé á caza do Dr. Grandchamp e voltado da mesma fórma: foi o que me fez mal. A gente tem tanta pressa de achar-se forte.

Extendo-vos a mão ternamente e amo-vos de todo o meu coração.

CLOTILDE DE VAUX.

Esta terna resposta encerrou a *crize secundaria* pela qual acabava de passar a paixão do nosso Mestre, e, na manhan do Venerdia seguinte, Ele caraterizava as santas reações que estava experimentando.

Centezima-vigezima-segunda carta

Venerdia de manhan 12 de Dezembro de 1845 (11 h.)

A vossa carta de hontem me fornece, minha bem-amada, a feliz ocazião de melhor renovar a expressão da minha

profunda gratidão pela vossa inapreciavel declaração, sem ser obrigado, como ante-hontem, a juntar aos meus ternos agradecimentos, nenhuma explicação extranha. A crize secundaria que acabais assim de terminar completa a nossa grande crize de Setembro, a partir da qual, a dizer a verdade, eu tinha sempre estado mais ou menos em intima agitação moral, e por consequencia fizica. Doravante, a nossa sincera afeição, igualmente santa de ambas as partes, vai dezenvolver enfim um verdadeiro carater de profunda estabilidade, proprio para nos proporcionar toda a serena felicidade que comportão as nossas fatalidades respetivas. O estado prezente do vosso coração nos interdizendo o penhor mais natural, a vossa ternura soube achar uma garantia mais pura, e espero eu não menos eficaz, para tranquilizar-me assás contra toda preferencia ulterior mais bem conforme ao conjunto das vossas simpatias. Eu cessarei agora de ser atormentado pela inquietude quazi contínua de perder a todo instante o vinculo donde sinto cada vez mais depender a minha principal existencia moral. Não é mais de uma felicidade passageira que se trata entre nós: a nossa intimidade adquire enfim, por livre consentimento mutuo, a imponente nobreza de uma ligação que não deve acabar sinão com a vida. Tal rezultado não me parece hoje demaziado caramente comprado pelas diversas tormentas que espontaneamente o prepararão. Espero aliás que solicitações por demais ardentes vão tambem dissipar-se ao mesmo tempo que toda espectativa proxima de satisfazê-las dignamente. Desse modo conto afinal recobrar em breve a minha plena saude cerebral, sem nunca sujeitar-me a brutalidades que o meu nobre amor torna-me felizmente impossiveis. Recebei, pois, minha carissima Clotilde, essa nova e mais pura manifestação do meu reconhecimento por tão perfeito dezenlace, que eu estava longe de acreditar tão vizinho.

Segundo a vossa escolha, esperar-vos-ei pois amanhan. Pouco me importa, no fundo, que nos vejamos no Sabado em minha caza em lugar da vossa, ou em sentido inverso no Mercuridia, contanto que essas trocas ecepcionais não me fação perder, como esta semana, uma das nossas duas preciozas entrevistas hebdomadarias. A este propozito, reparo hoje uma lacuna involuntaria das minhas ultimas cartas dirigindo-vos os meus agradecimentos especiais pelo nosso feliz regimen final. O vosso terno criterio impri-

miu agora a cada uma das nossas entrevistas o seu verdadeiro carater periodico; mesmo a sua sucessão hebdomadaria, em caza deles, em minha caza, na vossa caza, reproduz uma interessante imagem do progresso natural do nosso santo comercio. Em relação aquela das tres que nos oferece doravante menos importancia, um reconhecimento especial lembrar-me-á sempre, alem do seu proprio valor como precioza sanção domestica, que ela foi por muito tempo o unico recurso do meu amor, depois de haver-lhe fornecido o ensejo.

Felicito-vos cordialmente pelo vosso recente procedimento para com o vosso irmão. A vossa superioridade moral deve sobretudo mostrar-se, a respeito dele, conservando-lhe sentimentos melhores do que os que ele tem para convosco. A esse propozito, devo mesmo agradecer-vos profundamente o haver-me, nessa grave ocurrencia, feito preencher em relação a ele, quazi mau grado meu, um oficio mais nobre do que aquele a que me reduzia a sua incuravel suficiencia * sientifica. A lição foi perigoza, a muitos respeitos; receio muitissimo que ela não seja afinal pouco proveitoza: mas pelo menos a minha consiencioza intervenção terá sido assim, graças a vós, digna de mim até o fim. De resto, me salvastes por ahi de uma incomoda dedicatoria, e me prezervastes por muito tempo de consultas embaraçozas.

O melhor estado da vossa saude fundamental impõe-me doces obrigações novas para com o doutor Grandchamp, que me felicito de vos haver dado; eu bem sabia que a sua influencia vos havia de curar e tranquilizar. Ele teve a principio alguma consideração á minha amizade: mas agora já vos conhece assás para haver tomado por vós um verdadeiro interesse direto. Quando eu o tornar a ver, ele me agradecerá por tal doente.

Sereis conduzida, sem duvida, a voltar ao banquete domestico durante toda a proxima estada do amavel Léon. Mas, para não perder nada do vosso antecedente atual, aconselho-vos a nunca aprezentar essa volta sinão como temporaria, e unicamente subordinada a esse motivo fraternal, com o qual ela deve cessar. Espero, como vós, que, antes dessa feliz vizita, tereis acabado a vossa importante

* Pareceu-nos que deviamos empregar essa palavra no sentido que se aproxima de pretenção ou prezunção, que ela tem em francez, alem das que já são comuns ás duas linguas. R. T. M.

compozição atual, sem alterar a vossa precioza saude, apezar do retardamento natural rezultante de um dezuzo forçado.

A insuficiencia prolongada do meu sono não me impediu hontem de sentir-me, graças a vós, assás disposto para ir ouvir uma obra perfeitamente adaptada ao meu estado nervozo, a encantadora *Sonambula*, que me estava fazendo falta ha dois anos, o vosso irmão tendo tido a estréia atual. Si, como prezumo, reproduzirem amanhan essa terna e gracioza obra-prima, quereis vir apreciar Persiani e Mario nos seus melhores papeis, nos quais estiverão hontem verdadeiramente admiraveis? Já tendo de vir á minha caza amanhan, poderieis assim completar o dia aceitando um amigavel jantar, ao qual prometo-vos não ajuntar nada, e depois do qual encaminhar-nos-iamos para os Italianos; pois, por um feliz acazo, acho-me inopinadamente dispensado desta vez do meu serviço politecnico. Essa pequena festa, quazi tão imprevista para mim como para vós, inauguraria bem, parece-me, o regimen final dos nossos corações. A suave compozição termina aliás ás 10 h. 1/2, e estareis em caza ás 11 h.: ela não é tambem de tempera a fatigar-vos como a *Semiramis*. Todavia, eu não quero de modo algum correr o risco de perturbar a vossa saude nem o vosso trabalho. Embora eu esteja empenhado em fazer-vos saborear essa delicioza obra, a mais bem executada de todas as prezentes obras-primas, contaria ainda com algum outro Sabado, si acreditasseis não dever aceitá-la amanhan. Duas mizeraveis novidades, peiores, ao que dizem, do que a *Assiriana*, vão em seguida interdizer ás pessoas de gosto o acesso dos Italianos durante muitas semanas. No cazo de recuzardes, ofereceria para amanhan a vossa cadeira á minha hospede de Sceaux, ou a alguma outra dama, estando muitissimo pouco contente com Félicie para propô-lh'a a não ser em terceiro ou quarto lugar. Precizo, pois, conhecer, a este respeito, a vossa livre rezolução, o mais proximamente possivel.

Adeus, minha terna e nobre amiga, digna companheira eterna do meu coração: até amanhan, em todo cazo.

Amor e respeito,

Ate COMTE.

Esta carta foi trazida por Sofia; Clotilde tinha sahido. O porteiro entregou-lh'a á noite, quando Ela voltou da rua

Pavée. O seu contentamento foi extremo, como se vê da resposta imediata.

Centezima-vigezima-terceira carta

Venerdia á noite (11 h.) 12 de Dezembro de 1845

Meu caro amigo, espero pedir-vos ainda a tempo que disponhais da vossa cadeira para amanhan. Sahi uma hora durante o dia; foi provavelmente nesse momento que Sofia veio. O meu porteiro, não me tendo visto entrar de novo, não me entregou a vossa carta sinão á tarde, quando eu fui á caza dos meus. Respondo-vos de volta de lá, e vou dar a comissão para amanhan ás seis horas.

Agradeço-vos de todo o coração os vossos dois convites. Rezervemos para mais tarde os prazeres desse genero. Estou em uma faze de todo séria: é precizo que ela acabe.

Sinto-me feliz e ao mesmo tempo estou espantada com os agradecimentos que me endereçais. Pois esperei tão tarde para exprimir-vos o meu sincero apego e o voto que fórmo para que ele dure tanto como nós? Si é isso tudo o que vos posso prometer, o faço pelo menos afoitamente, e segundo o meu sincero impulso. Eu estou tão habituada a ver atentar contra a minha liberdade que cheguei ao ponto de temer a minha propria influencia sobre ela; e a idéia de um compromisso contrahido levianamente envenenaria o pouco repouzo que me resta. Sejamos pois amigos de todo coração, e sem combinações de futuro. O sentimento não se póde regular de antemão como o dever; por isso tambem eles diferem entre si grandemente. Em apego, em amizade, os deveres não passão de sentimentos; porem em cazamento, eles revestem o seu carater de gravidade, e é precizo tomá-los pelo que são.

Boa noite, meu caro amigo; e até amanhan. Estão dando onze horas, e a minha porteira vem buscar estas linhas.

VII

> Era precizo, afim de que a nossa intimidade pudesse dezenvolver-se sem tormento, que a vossa engenhoza ternura achasse, em falta do meio natural, um outro modo qualquer tão proprio como esse para tranquilizar-me contra o abandono e prezervar-me do ciume.
>
> (*120ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

Clotilde acabava assim de dissipar as ultimas aprehen-

sões do nosso Mestre. Feliz com a idéia de que Ela lhe prometia uma *eterna* afeição, Ele procurou sistematizar a encantadora união assim estabelecida entre o *amor* e a *amizade*. Na explozão da sua incomparavel paixão, Ele havia ouzado alentar o projeto de ter Clotilde por espoza, a despeito dos obstaculos legais e dos santos preconceitos que a isto se opunhão. Mas a nobre revelação da piedoza Senhora acerca do infortunado amor que, havia dois anos, a torturava, induzíra o cavalheiresco Pensador a tentar converter o seu afeto no mais puro e fervorozo culto. Ele acreditou mesmo porventura que havia conseguido essa ambicionada metamorfoze.

Achava-se, como vimos, em tão delicioza situação, quando a crize de Setembro veiu desvanecer similhante engano: a necessidade de um vinculo conjugal ergue-se então na sua alma, mais imperiozamente do que nunca, como uma condição iniludivel para a sua felicidade. Diante, porem, da santa rezistencia de Clotilde, o nosso Mestre rezignou-se ás incomparaveis emoções que a adoração da sua imaculada Inspiradora lhe proporcionava. Essa rezignação era sustentada pelo pensamento de que a realização das suas esperanças achava-se apenas adiada para um futuro mais ou menos proximo. Nos arroubos do culto que instituíra desde a Santa Clotilde, Ele fórma todavia, por vezes, novamente o projeto de transformar o seu amor em um afeto extreme de qualquer dezejo voluptuozo. Mas todos os esforços nesse sentido são baldados: o coração não cessa de flutuar entre as ardentes aspirações por uma plena união conjugal e uma dezinteressada adoração.

Essa luta entre as doces sugestões do seu incomparavel altruismo e as energicas solicitações dos pendores pessoais, arrasta insensivelmente o nosso Mestre a ver no piedozo abandono de Clotilde uma animação crecente ás suas esperanças. Ele vai assim ao ponto de imaginar que não está longe o dia em que serião cumpridos os seus ardentes anhelos, e festeja os seus venturozos esponsais... Essa dispozição dezenvolve-se de dia para dia, apezar da candida rezerva que Clotilde mantem na sua piedoza atitude. Até que Ela vê-se na penoza contingencia de quebrar novamente a delicioza iluzão que encanta o seu cavalheiresco Adorador.

O choque que o nosso Mestre experimentou foi rude.

Mas o seu altruismo exaltado pela adoração que desde Junho o arroubava ante a imagem de Clotilde o ampara. Voltando completamente sobre si, Ele rezolve enfim conformar-se nobremente com o conjunto das fatalidades sociais e morais que o dominão. Tomando a *realidade* para a baze da sua bem-aventurança, o abnegado Filozofo procura lealmente sistematizar o que a sua situação oferece -lhe de inapreciavel felicidade, superando as amarguras que nela ainda encontra.

Apezar, porem, dos mais sinceros esforços para rezignar-se a essa combinação entre o amor e a amizade, o seu coração recuza a adaptar-se a tal estado como definitivo. Nos assomos mais venturozos do seu culto, Ele sentia surgir a duvida cruel, que rezultava do involuntario vazio em que se achava o coração de Clotilde. Pois que não o amava com a afeição de espoza, quem ouzaria garantir que outro não fosse capaz de despertar-lhe esse inestimavel sentimento? A lealdade de Clotilde não podia defendê-lo contra uma paixão cujo irrezistivel acendente Ele experimentava naquele momento mesmo! Mas o nosso Mestre se esforçava por dissipar tão sombrias aprehensões...

A recepção de Sabado 13 de Dezembro foi pois encantadora. Clotilde despediu-se radiante com o estado feliz em que achou e deixou o cavalheiresco Pensador. O afeto que Ela lhe votava cada vez mais se arraigava na sua alma. No seu intimo, Ela não acreditava que jamais homem algum fosse capaz de lhe despertar os sentimentos que o nosso Mestre lhe inspirava.

No Domingo 14 de Dezembro preparava-se para testemunhar a Augusto Comte o seu reconhecimento pela recepção da vespera, quando foi sorprehendida pela vizita de Mme Marrast. Esse inesperado acontecimento a encontrava realmente em condições bem propicias. Os atritos domesticos que tanto a agoniavão se tinhão dissipado nos ultimos dias. A sua terna solicitude conseguíra harmonizar a cavalheiresca paixão de Augusto Comte com os santos escrupulos que o amor por Ele lhe sucitava. Parecia-lhe, pois, que a sua existencia inaugurava afinal a faze de virtuoza felicidade que sempre ambicionára: ser feliz porque via felizes a quantos amava, sem afligir nem ofender a ninguem. E o sentimento dessa ventura traduz-se na carta que dirigiu então ao nosso Mestre.

Centezima-vigezima-quarta carta

Domingo á tarde 14 de Dezembro de 1845.

Tomava a pena para agradecer-vos a boa e ecelente recepção de hontem, meu caro amigo, quando uma bela dama interrompeu-me batendo na minha porta. Era Mme Marrast, e esteve na verdade ecelente mulher. Testemunhou-me com gosto o seu dezejo de ver-me e o seu pezar por não haver podido pagar mais cedo a minha vizita; ha bem pouco tempo que sai, disse-me ela. Fez-me questões sobre os papeis que estava vendo, e perguntou-me si eu tinha *acabado* alguma coiza. Julguei, pelos seus *modos*, que eu não seria mal acolhida na minha volta ao *Nacional*. Estou contente com isso: sabeis que não é no meu amor-proprio, mas bem no meu coração.

Quizera saber andar com mais dezembaraço na minha faina; tenho as idéias, mas o *fazer* é ainda para mim muito novo; e eis ahi o que me fatiga para pouquissimo rezultado; isso me ha de vir como aos outros, e então talvez eu ganhe como eles amplamente a minha vida.

Quanto vos associo a um tal dezenlace! Jamais esquecerei de quantas maneiras adoçastes o meu caminho, e ficaria bem *orgulhoza* de proporcionar-vos a meu turno alguns prazeres.

Eu tinha todos esses pensamentos no coração quando vos deixei hontem: não vades atribuí-los á vizita de Mme Marrast. Todas as vezes que tenho encontrado em vós os meus sintomas passados, tenho ficado de mau humor contra a sorte que preparou-me pezares de toda ordem. Mas, si eu conseguir fazer-vos amar a minha amizade, dar-lhe-ei em troca grandes ações de graças. Cuidai bem de vós, meu caro amigo. Si eu não receiasse molestar-vos, pedir-vos-ia os meus Mercuridias durante tres ou quatro semanas, e iria ver-vos aos Sabados. Isto me daria alguns dias seguidos para trabalhar. Si me acontecesse então ser obrigada a tomar alguma folga, eu a empregaria em vos ir ver um momento. Vêde pois si consentís nisso. Sabeis que vos considero como parente proximo. Retomariamos os nossos habitos logo que a heroina estivesse no prélo. Até amanhan, e me escrevereis depois. A paz da minha solidão me secunda muito bem no emprego dos meus remedios, e eu espero não morrer como um murrão de lampada.

Beijo-vos ternamente.

CLOTILDE.

VIII

Eu vos veria com profundo pezar aproximar -vos demaziado de um meio tão perigozo.
(125ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.)

No Lunedia, Augusto Comte encontrou-se com Clotilde na rua Pavée, e esse encontro foi um novo incentivo para a beatitude em que se via. Só no Martedia 16 de Dezembro, a 1 hora, recebeu a carta precedente, e ela cauzou-lhe uma penoza impressão. Os seus alarmas crecem e tornão -se insistentes no que respeita aos perigos do jornalismo. A suspensão, embora provizoria, das vizitas de Mercuridia o enche de vagas aprehensões pela sorte do seu amor. Respondendo entretanto a Clotilde nessa mesma tarde, se esforça por dominar as dolorozas emoções que o amargurão.

Centezima-vigezima-quinta-carta

Martedia 16 de Dezembro de 1845 (3 h.)

Em consequencia de uma distração do correio, é sómente hoje, a 1 hora, minha cara amiga, que acabo de receber a vossa ultima carta. A esse propozito, devo especialmente renovar a minha recomendação geral de datardes exatamente as vossas cartas, para evitar-me toda obscuridade e todo engano. Porque, em virtude desse atrazo dezuzado, a vossa completa falta de data forçou-me a adivinhar dificilmente que me tinheis escrito no Domingo.

Felicito-vos cordialmente pela boa vizita de Mme Marrast, vendo nisso, como vós, um afortunado indicio do vosso proximo acolhimento no *Nacional*. Duvido muito, todavia, que jamais a vossa nobre direção convenha assás a essa gente para proporcionar-vos uma carreira lucrativa, pelos menos nos jornais atuais, fóra dos quais os vossos sucessos, mesmo materiais, parecem-me sobretudo dever efetuar-se. A importante reação que deve, sem duvida, exercer *Willelmina* ligando-vos diretamente com o vosso digno tio parece-me, a dizer a verdade, o principal rezultado pessoal que devamos esperar hoje dessa precioza publicação, salvo o surto inicial da vossa justa nomeada. Eu vos veria aliás com profundo pezar aproximar-vos demaziado de um meio tão perigozo, que, no fundo, não é mais digno de vós pelo espirito do que pelo coração, e cujo contacto habitual só poderia apoucar-vos em breve, a todos os respeitos. É hoje um rezultado bem dificil e

muito raro o viver-se nobremente da pena: a materialidade do fito tende a degradar os mais eminentes trabalhos. Si o *Nacional* aceitar *Willelmina* mais realmente do que os vossos outros ensaios, devemos nos regozijar duplamente com isso, pela utilidade imediata, e sobretudo como facilitando muito a publicação definitiva, que deve sempre permanecer independente do jornalismo. Mas, no cazo do malogro, muito possivel ainda, desses novos avanços, não vos inquieteis demaziado com elé, e não façais, a esse respeito, nenhuma grave concessao: poderemos bem, sem duvida, publicar de outro modo a vossa obra.

Quanto á vossa propozição de renuncia temporaria aos nossos caros Mercuridias, vós m'a aprezentais de tal sorte que não posso dispensar-me de consentir nela, mesmo desde amanhan; porque eu não poderia gozar dignamente de uma vizita que vós lamentasseis. Sou, porem, por demais sincero para ocultar-vos que experimentarei com isso uma intima dôr. Agradecendo-vos, com ternura, na minha ultima carta, a feliz organização atual das nossas diversas entrevistas, eu não concebia nesse cordial arranjo outras infrações passageiras sinão as que pudessem derivar de uma verdadeira impossibilidade, sobretudo por doença. Mas, si, a essas inevitaveis perturbações, deixarmos juntar as inexgotaveis instigações do trabalho, a regularidade efetiva do nosso santo comercio parecer-me-á sempre muito aventurada. Eu tenho tambem, minha bem-amada, a minha precioza elaboração pessoal, alem de pezadas corvéas diarias: entretanto é com felicidade que, apezar desse duplo motivo continuo, consagro escrupulozamente dois dias de cada semana a entrevistas que o meu coração encara como indispensaveis. Si elas tiverem para vós tanto valor, hezitareis em alterar jamais esse cordial uzo, sem uma imperioza necessidade passageira, que, eu confesso, não me parece existir aqui. Indicando-vos com essa terna franqueza o principal motivo dos meus pezares, espero, Clotilde, que não suspeitareis da minha sinceridade quando reprezentar-vos essa dupla interrupção hebdomadaria do vosso trabalho como habitualmente necessaria á vossa saude: a vossa medicação atual póde sobretudo ser sériamente perturbada por uma demaziado longa contenção cerebral.

Todavia, minha carissima amiga, sejão quais forem os meus pezares e os meus cuidados, só vós deveis pronun-

ciar aqui, em virtude da vossa livre ponderação dos diversos motivos opostos; porque, eu não posso, repito-o, aceitar nenhuma entrevista que vos incomodasse. Para prevenir qualquer equivoco, não vos esperarei pois amanhan, mas sómente Sabado, a menos que não experimenteis pessoalmente uma verdadeira necessidade de respeitar, mesmo desta vez, a nossa cordial instituição.

Inteiramente vosso para sempre.

A[te] COMTE.

IX

M. Augusto Comte, ex-examinador para a Escola Politecnica, deve a essa dupla influencia uma intima gratidão pessoal, que ser-lhe-á sempre doce proclamar; mas o autor do *Sistema de Filozofia Pozitiva* não poderá dispensar-se de assinalar convenientemente ao publico imparcial um duplo abandono que torna-se hoje cumplice involuntario de uma iniquidade notoria.

(AUGUSTO COMTE—*Carta a Stuart Mill.*)

Nesse interim, a melindroza saude de Clotilde se havia perturbado. A correspondencia sagrada induz a crer que a carta do nosso Mestre a achou sob a deprimente impressão de tal agravação, que a forçára a recorrer novamente ao Dr. Grandchamp. Foi talvez ao sahir dessa consulta que Ela dirigiu-se para a rua Monsieur-le-Prince (17 de Dezembro) *. A carta do nosso Mestre devia ter aumentado as suas dolorozas emoções. Pouco demorou-se. Estava extremamente abatida ao retirar-se; e o seu estado veio juntar novas inquietudes ás afliçẽes do meigo Pensador.

Foi no meio de tais angustias que o nosso Mestre respondeu, no dia seguinte, á carta que, a 5 de Outubro, recebêra de Stuart Mill. Ahi Ele aprezentava a nobre apreciação da conduta que os seus adherentes inglezes acabavão de ter para consigo.

Paris, Jovedia 18 de Dezembro de 1845.

Meu caro senhor Mill,

Agora que posso afastar toda preocupação individual a propozito da dezerção imprevista que acabo de experimentar na Inglaterra, creio dever terminar esse epizodio expondo-vos, com cordial franqueza, a minha apreciação

* VOLUME SAGRADO, ps. 457-458.

filozofica do conjunto da conduta tida para comigo em um cazo tão decizivo.

O eminente serviço que me foi tão nobremente prestado, no ano passado, mediante a vossa ativa solicitude, me imporá sempre um profundo reconhecimento pessoal em relação aos tres patronos que se dignárão concorrer para isso, e sobretudo para com aquele dentre eles, que teve a bondade de tomar, em tal emergencia, sob todos os respeitos, a principal parte. * Mas essa doce obrigação individual não póde anular a alta magistratura moral inherente ao meu carater filozofico; eu devo finalmente julgar similhante acontecimento como si ele fosse extranho a mim. Toda a minha conduta ulterior provará, espero eu, que sei plenamente conciliar, a este respeito, a minha situação privada com a minha função publica, sem que uma prejudique jamais a outra.

Uma digna assistencia temporal pareceu-me sempre devida, pela sociedade inteira, a cada um daqueles que consagrão sériamente a sua vida aos diversos progressos, gerais ou especiais, do espirito humano, quando a aptidão real deles está assás constatada.

Ninguem hoje ouzaria mais contestar diretamente esse principio universal, sobre o qual repouza a primeira coordenação elementar da vida social, em virtude da divizão fundamental entre a existencia ativa e a existencia especulativa. Dahi rezulta, na civilização moderna, um dever contínuo, a um tempo moral e politico, que não obriga sómente os governos propriamente ditos, mas tambem os proprios particulares, na proporção do seu poder efetivo; todos os que, a qualquer titulo, recolhem as vantagens permanentes dessa divizão geral do trabalho humano devem certamente concorrer para a sua manutenção regular. Embora o cumprimento sistematico dessa obrigação concirna sobretudo os poderes publicos, a insuficiencia especial destes não póde jamais dispensar dela os orgãos privados que se acharem realmente capazes de cooperar para isso. Nos nossos tempos de anarchia moral e de instabilidade politica, em que os governos, preocupados do cuidado diario da sua propria existencia, são arrastados, por lutas inevitaveis, a descurar tal atribuição social, o seu pezo deve mesmo recahir principalmente sobre os poderes particulares, que, prezervados desses tempestuozos con-

* O nosso Mestre alude a Grote.— R. T. M.

flitos, continuão a gozar de uma economia social da qual a influencia especulativa constitûi sempre um elemento indispensavel. A este respeito, como a tantos outros, a divizão superficial, vulgarmente admitida entre as forças privadas e publicas, refere-se apenas ás epocas de tranzição; sob qualquer outro aspeto, tal divizão dá uma idéia falsa dos deveres comuns a todos; porque, si, na sociedade humana, cada existencia tem as suas condições necessarias, cada uma tem tambem as suas obrigações correspondentes.

Todavia esse dever protetor, moralmente imposto aos particulares, não lhes podendo ser prescrito de uma maneira especial, o seu exercicio obriga naturalmente os que aproveitão dele a um verdadeiro reconhecimento pessoal, do qual eles são, ao contrario, essencialmente dispensados para com os orgãos publicos de tal oficio, salvo a gratidão geral sempre devida ao Estado.

Não existe, em uma palavra, outra diferença entre os dois cazos sinão a de uma obrigação moral para uma missão politica.

Desde que a sistematização direta da moral universal foi solenemente esboçada pelo catolicismo, esses principios prevalecêrão sempre mais ou menos na elite da Humanidade, e os particulares forão então considerados como naturalmente obrigados a suprir, conforme os seus meios proprios, a inevitavel insuficiencia dos governos, para todos os deveres de proteção social.

Uma admiravel instituição, ao mesmo tempo publica e privada, que profundamente concorreu para formar os costumes modernos, foi sobretudo destinada, na idade-média, a regularizar esse nobre protetorado voluntario, mediante um modo adaptado ao genero de opressão que devia caraterizar uma civilização ainda essencialmente militar. *

A preponderancia final da vida industrial não deve de modo algum extinguir esse espirito cavalheiresco, porem imprimir-lhe gradualmente uma outra constituição, em harmonia com a nova natureza da opressão habitual, que, cessando de consistir sobretudo em violencias pessoais, reduz-se cada vez mais a simples atentados contra a existencia pecuniaria. Essa afortunada transformação espontanea, que atenúa tanto as devastações do instinto perse-

* O nosso Mestre refere-se á cavalaria medieva.— R. T. M.

Para afastar toda amarga impressão accessoria, devo voltar pela ultima vez á injurioza suspeita de Setembro, cuja injustiça não reconheceis afinal sinão defendendo-vos de havê-la cometido. Si lesseis como eu a vossa carta de 9 de Setembro, ahi acharieis, a este respeito, entre varias outras que eu poderia citar, esta fraze deciziva: « Si me constrangerdes por qualquer meio a ceder-vos sobre o artigo em questão, nunca mais vos tornarei eu a ver na minha vida. » * Conquanto essa carta rezultasse evidentemente de um estado pronunciado de exasperação e anciedade, vêdes que a suspeita foi realmente concebida e indicada. Ela me era tão antipatica, è ao mesmo tempo tão nova, que eu não teria certamente jamais acreditado em tal espontaneamente. Quando eu vos testemunhei, por diversas vezes, a minha terna aflição por isso, devieis, Clotilde, reconhecer francamente esta falta momentanea, atenuando-a sob imperiozas circunstancias, em lugar de reprezentá-la hoje como não tendo jamais existido sinão no meu pensamento. Tais confissões, sempre compativeis, sobretudo entre nós, com a plena dignidade do carater, podem facilmente fornecer uma nova fonte de aperfeiçoamento, interdita áqueles que nunca errárão. Não é sem motivos profundos embora empiricos que o catolicismo erigiu a humildade em virtude; a moral pozitiva dezenvolverá cuidadozamente, com as retificações convenientes, uma apreciação tão conforme á verdadeira teoria da natureza humana.

Depois desse penozo complemento de explicações sobre um assunto que não ocupar-nos-á mais, a vossa precioza carta não me sugere outra observação prévia sinão sobre a vossa recomendação de « não amar-vos sinão como o mereceis de o ser. » Espero que não contais assim restringir em nada o meu apego, e voltar ao vão conselho de transformar o meu amor em amizade, embora pareça-me dificil entender de outro modo esse convite.

Como eu vo-lo dizia hontem, o que nos importa evitar escrupulozamente, são sobretudo as falsas pozições do coração.

Aceitemos a nossa situação com todos os seus caracteres quaisquer, trabalhando de concerto para tirar dela o me-

* A ligeira diferença que se nota entre esta citação e a fraze correspondente da carta de Clotilde existe na carta do nosso Mestre e mostra, segundo cremos, que Ele estava citando de cór. — R. T. M.

lhor partido possivel, bem como para aperfeiçoá-la gradualmente. Da vossa impotencia atual a satisfazer o meu amor, não concluais nunca que ele não deva subzistir. Eu posso amortecer os meus sentimentos ainda menos do que vós podeis exaltar os vossos. Que cada um de nós manifeste pois abertamente o honoravel matiz imposto á sua afeição pelo conjunto do seu destino. Essa plena franqueza habitual constitúi a primeira condição do dezenvolvimento normal da nossa terna intimidade, cuja fatal dezigualdade não póde dezaparecer sob um viciozo disfarce.

Si os nossos diversos equivocos não me tivessem feito tanto mal, eu seria indisculpavel de consumir em explicações quazi recriminatorias a maior parte de uma resposta que eu quizera consagrar toda inteira á cordial gratidão merecida pela vossa tocante manifestação dos preciozos sentimentos sobre os quais não receio desta vez nenhuma funesta iluzão. O vosso ecelente coração adivinhou espontaneamente a secreta necessidade do meu. Empenhando -vos toda a minha vida sem exigir a mesma afeição, eu devia dezejar uma garantia que pudesse substituir aquela que a vossa situação moral me interdiz, infelizmente! talvez para sempre, de esperar de uma inefavel volupia, cuja principal destinação é constituida, aos meus olhos, por tal eficacia. Si o extremo da melancolia não vai, para vós, alem de morrer sem nenhum vinculo, o que pensar da sorte do ente que sente-se ligado a um outro que não tem com ele compromisso algum! Era precizo, pois, afim de que a nossa intimidade pudesse dezenvolver-se sem tormento, que a vossa engenhoza ternura achasse, em falta do meio natural, um outro modo qualquer tão proprio como esse para tranquilizar-me contra o abandono e prezervar-me do ciume. Tal será, espero eu, o efeito permanente da vossa inapreciavel carta, e sobretudo do solene compromisso que completa essa santa declaração. Sim, minha digna amiga, quero bem repetí-lo convosco, só a morte quebrará os nossos ternos vinculos, seja qual fôr a fórma final que lhes rezerve o conjunto dos nossos destinos. Recebei, na vossa nobre fronte, o casto beijo pelo qual eu sélo esse deliciozo compromisso. Adeus, minha Clotilde: eu vos esperarei Sabado.

Amor e respeito,

Ate COMTE.

Permití-me lembrar-vos especialmente que Sabado eu estarei livre desde onze horas e obrigado a jantar ás 3h. 1/2.

Eu contava hoje conversar sobre as recentes concessões de familia anunciadas na vossa carta de Lunedia. Conquanto não me tenhais de modo algum indicado a natureza delas, felicito-vos pela afetuoza moderação, tão digna de vós, e que deve aliás, prezumo eu, consolidar a vossa justa independencia, longe de cauzar-lhe nenhum prejuizo indireto.

O meu mau-estar gastrico de hontem já cedeu quazi inteiramente á minha medicação habitual, a abstinencia e o repouzo. Quanto ás insonias e convulsões, nada agravou-se. O recente progresso dos nossos corações para um estado verdadeiramente duradouro não tardará, sem duvida, a acalmar muito a minha agitação nervoza. Espero que vós não deixar-me-eis até Sabado incerto sobre a vossa cara saude.

A carinhoza resposta de Clotilde na manhan do Jovedia seguinte dissipou as ultimas aprehensões do nosso Mestre.

Centezima-vigezima-primeira carta

Jovedia de manhan 11 de Dezembro de 1845.

Meu caro amigo, como vo-lo disse, ter-me-ia sido penozo ir ver-vos hontem. Estava com uma grande irritação de intestinos, que tratei ao lado do meu fogo trabalhando; os altos vão bem, e tanto melhor. Mas, embora eu tenha recobrado as pernas, não posso andar ainda; isso cauza-me logo agora o mau-estar que acabo de experimentar.

Eis a minha explicação e a minha justificação sobre um ponto. Quanto ao outro, a passagem que me citais de uma das minhas cartas retraçou-se á minha memoria, mas como impressão de um momento; e foi em resposta a uma fraze vossa que eu a escrevi. Ficai certo que não receio unicamente nas nossas relações sinão o que poderia perturbar o vosso repouzo ou criar-me novas penas. Não me sinto mais capaz de sofrer dignamente, e o meu grande meio é evitar todas as ocaziões ou as cauzas de emoção. Sei muito bem, meu caro e digno amigo, que eu não posso impôr-vos um grau de afeição segundo os meus votos; dezejo sómente nada uzurpar no vosso amor; sei quanto pômos de nosso nesse sentimento entuziasta; felizes de nós quando o odio não sucede a ele.

As minhas modificações de familia são simplesmente nas fórmas, e isto basta-me. Eu tinha escrito a Max algumas palavras de pezar sobre a parte inocente que eu tomei no passo que o feriu. Ele ficou comovido por essa pequena concessão, e nos vemos sem embaraço atualmente. Léon não chegará sinão a primeiro de Janeiro: eu voltarei provavelmente para caza deles durante as seis semanas que ele deve passar conosco. Daqui até lá, bem quizera acabar a minha Willelmina. O longo intervalo que levei sem trabalhar tirou-me o seguimento e a facilidade.

Isso foi uma desgraça para mim sob todos os pontos. Torna-se-me cada dia mais urgente libertar-me por mim mesma. Sinto em mim os elementos necessarios para tal; é isso que me dá coragem. Eu, que não tive ainda a ambição de dinheiro, que valor darei ao primeiro que eu ganhar!

M. Grandchamp faz-me bem sobre bem, e é um verdadeiro prezente que vos devo. Ele tratou dos meus pés com um tafetá que arranjará as coizas com o tempo sem necessitar nenhuma cortadura. Quanto aos meus pulmões, ele m'os garante, e eu o creio já, por experiencia. A minha carta tinha produzido o melhor efeito para ambos nós.

Serei bem feliz si encontrar-vos com boa saude no Sabado, meu caro amigo. Penso que gostais tanto que eu vá a vossa caza, como que vos deixe vir á minha. Quanto a mim, prefiro ir, isso distrai-me mais, e eu posso fazer metade do trajeto a pé. Lunedia, eu tinha ido a pé á caza do Dr. Grandchamp e voltado da mesma fórma: foi o que me fez mal. A gente tem tanta pressa de achar-se forte.

Extendo-vos a mão ternamente e amo-vos de todo o meu coração.

CLOTILDE DE VAUX.

Esta terna resposta encerrou a *crize secundaria* pela qual acabava de passar a paixão do nosso Mestre, e, na manhan do Venerdia seguinte, Ele caraterizava as santas reações que estava experimentando.

Centezima-vigezima-segunda carta

Venerdia de manhan 12 de Dezembro de 1845 (11 h.)

A vossa carta de hontem me fornece, minha bem-amada, a feliz ocazião de melhor renovar a expressão da minha

profunda gratidão pela vossa inapreciavel declaração, sem ser obrigado, como ante-hontem, a juntar aos meus ternos agradecimentos, nenhuma explicação extranha. A crize secundaria que acabais assim de terminar completa a nossa grande crize de Setembro, a partir da qual, a dizer a verdade, eu tinha sempre estado mais ou menos em intima agitação moral, e por consequencia fizica. Doravante, a nossa sincera afeição, igualmente santa de ambas as partes, vai dezenvolver enfim um verdadeiro carater de profunda estabilidade, proprio para nos proporcionar toda a serena felicidade que comportão as nossas fatalidades respetivas. O estado prezente do vosso coração nos interdizendo o penhor mais natural, a vossa ternura soube achar uma garantia mais pura, e espero eu não menos eficaz, para tranquilizar-me assás contra toda preferencia ulterior mais bem conforme ao conjunto das vossas simpatias. Eu cessarei agora de ser atormentado pela inquietude quazi contínua de perder a todo instante o vinculo donde sinto cada vez mais depender a minha principal existencia moral. Não é mais de uma felicidade passageira que se trata entre nós: a nossa intimidade adquire enfim, por livre consentimento mutuo, a imponente nobreza de uma ligação que não deve acabar sinão com a vida. Tal rezultado não me parece hoje demaziado caramente comprado pelas diversas tormentas que espontaneamente o prepararão. Espero aliás que solicitações por demais ardentes vão tambem dissipar-se ao mesmo tempo que toda espectativa proxima de satisfazê-las dignamente. Desse modo conto afinal recobrar em breve a minha plena saude cerebral, sem nunca sujeitar-me a brutalidades que o meu nobre amor torna-me felizmente impossiveis. Recebei, pois, minha carissima Clotilde, essa nova e mais pura manifestação do meu reconhecimento por tão perfeito dezenlace, que eu estava longe de acreditar tão vizinho.

Segundo a vossa escolha, esperar-vos-ei pois amanhan. Pouco me importa, no fundo, que nos vejamos no Sabado em minha caza em lugar da vossa, ou em sentido inverso no Mercuridia, contanto que essas trocas ecepcionais não me fação perder, como esta semana, uma das nossas duas preciozas entrevistas hebdomadarias. A este propozito, reparo hoje uma lacuna involuntaria das minhas ultimas cartas dirigindo-vos os meus agradecimentos especiais pelo nosso feliz regimen final. O vosso terno criterio impri-

miu agora a cada uma das nossas entrevistas o seu verdadeiro carater periodico; mesmo a sua sucessão hebdomadaria, em caza deles, em minha caza, na vossa caza, reproduz uma interessante imagem do progresso natural do nosso santo comercio. Em relação aquela das tres que nos oferece doravante menos importancia, um reconhecimento especial lembrar-me-á sempre, alem do seu proprio valor como precioza sanção domestica, que ela foi por muito tempo o unico recurso do meu amor, depois de haver-lhe fornecido o ensejo.

Felicito-vos cordialmente pelo vosso recente procedimento para com o vosso irmão. A vossa superioridade moral deve sobretudo mostrar-se, a respeito dele, conservando-lhe sentimentos melhores do que os que ele tem para convosco. A esse propozito, devo mesmo agradecer-vos profundamente o haver-me, nessa grave ocurrencia, feito preencher em relação a ele, quazi mau grado meu, um oficio mais nobre do que aquele a que me reduzia a sua incuravel suficiencia * sientifica. A lição foi perigoza, a muitos respeitos; receio muitissimo que ela não seja afinal pouco proveitoza: mas pelo menos a minha consiencioza intervenção terá sido assim, graças a vós, digna de mim até o fim. De resto, me salvastes por ahi de uma incomoda dedicatoria, e me prezervastes por muito tempo de consultas embaraçozas.

O melhor estado da vossa saude fundamental impõe-me doces obrigações novas para com o doutor Grandchamp, que me felicito de vos haver dado; eu bem sabia que a sua influencia vos havia de curar e tranquilizar. Ele teve a principio alguma consideração á minha amizade: mas agora já vos conhece assás para haver tomado por vós um verdadeiro interesse direto. Quando eu o tornar a ver, ele me agradecerá por tal doente.

Sereis conduzida, sem duvida, a voltar ao banquete domestico durante toda a proxima estada do amavel Léon. Mas, para não perder nada do vosso antecedente atual, aconselho-vos a nunca aprezentar essa volta sinão como temporaria, e unicamente subordinada a esse motivo fraternal, com o qual ela deve cessar. Espero, como vós, que, antes dessa feliz vizita, tereis acabado a vossa importante

* Pareceu-nos que deviamos empregar essa palavra no sentido que se aproxima de pretençao ou prezunção, que ela tem em francez, alem das que já sao comuns ás duas linguas. — R. T. M.

compozição atual, sem alterar a vossa precioza saude, apezar do retardamento natural rezultante de um dezuzo forçado.

A insuficiencia prolongada do meu sono não me impediu hontem de sentir-me, graças a vós, assás disposto para ir ouvir uma obra perfeitamente adaptada ao meu estado nervozo, a encantadora *Sonambula*, que me estava fazendo falta ha dois anos, o vosso irmão tendo tido a estréia atual. Si, como prezumo, reproduzirem amanhan essa terna e gracioza obra-prima, quereis vir apreciar Persiani e Mario nos seus melhores papeis, nos quais estiverão hontem verdadeiramente admiraveis? Já tendo de vir á minha caza amanhan, poderieis assim completar o dia aceitando um amigavel jantar, ao qual prometo-vos não ajuntar nada, e depois do qual encaminhar-nos-iamos para os Italianos; pois, por um feliz acazo, acho-me inopinadamente dispensado desta vez do meu serviço politecnico. Essa pequena festa, quazi tão imprevista para mim como para vós, inauguraria bem, parece-me, o regimen final dos nossos corações. A suave compozição termina aliás ás 10 h. 1/2, e estareis em caza ás 11 h.: ela não é tambem de tempera a fatigar-vos como a *Semiramis*. Todavia, eu não quero de modo algum correr o risco de perturbar a vossa saude nem o vosso trabalho. Embora eu esteja empenhado em fazer-vos saborear essa delicioza obra, a mais bem executada de todas as prezentes obras-primas, contaria ainda com algum outro Sabado, si acreditasseis não dever aceitá-la amanhan. Duas mizeraveis novidades, peiores, ao que dizem, do que a *Assiriana*, vão em seguida interdizer ás pessoas de gosto o acesso dos Italianos durante muitas semanas. No cazo de recuzardes, ofereceria para amanhan a vossa cadeira á minha hospede de Sceaux, ou a alguma outra dama, estando muitissimo pouco contente com Félicie para propô-lh'a a não ser em terceiro ou quarto lugar. Precizo, pois, conhecer, a este respeito, a vossa livre rezolução, o mais proximamente possivel.

Adeus, minha terna e nobre amiga, digna companheira eterna do meu coração: até amanhan, em todo cazo.

Amor e respeito,

ATE COMTE.

Esta carta foi trazida por Sofia; Clotilde tinha sahido. O porteiro entregou-lh'a á noite, quando Ela voltou da rua

Pavée. O seu contentamento foi extremo, como se vê da resposta imediata.

Centezima-vigezima-terceira carta

Venerdia á noite (11 h.) 12 de Dezembro de 1845

Meu caro amigo, espero pedir-vos ainda a tempo que disponhais da vossa cadeira para amanhan. Sahi uma hora durante o dia; foi provavelmente nesse momento que Sofia veio. O meu porteiro, não me tendo visto entrar de novo, não me entregou a vossa carta sinão á tarde, quando eu fui á caza dos meus. Respondo-vos de volta de lá, e vou dar a comissão para amanhan ás seis horas.

Agradeço-vos de todo o coração os vossos dois convites. Rezervemos para mais tarde os prazeres desse genero. Estou em uma faze de todo séria: é precizo que ela acabe.

Sinto-me feliz e ao mesmo tempo estou espantada com os agradecimentos que me endereçais. Pois esperei tão tarde para exprimir-vos o meu sincero apego e o voto que fórmo para que ele dure tanto como nós? Si é isso tudo o que vos posso prometer, o faço pelo menos afoitamente, e segundo o meu sincero impulso. Eu estou tão habituada a ver atentar contra a minha liberdade que cheguei ao ponto de temer a minha propria influencia sobre ela; e a idéia de um compromisso contrahido levianamente envenenaria o pouco repouzo que me resta. Sejamos pois amigos de todo coração, e sem combinações de futuro. O sentimento não se póde regular de antemão como o dever; por isso tambem eles diferem entre si grandemente. Em apego, em amizade, os deveres não passão de sentimentos; porem em cazamento, eles revestem o seu carater de gravidade, e é precizo tomá-los pelo que são.

Boa noite, meu caro amigo; e até amanhan. Estão dando onze horas, e a minha porteira vem buscar estas linhas.

VII

> Era precizo, afim e que a nossa intimidade pudesse dezenvolver-se sem tormento, que a vossa engenhoza ternura achasse, em falta do meio natural, um outro modo qualquer tão proprio como esse para tranquilizar-me contra o abandono e prezervar-me do ciume.
>
> *(120ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.)*

Clotilde acabava assim de dissipar as ultimas aprehen-

sões do nosso Mestre. Feliz com a idéia de que Ela lhe prometia uma *eterna* afeição, Ele procurou sistematizar a encantadora união assim estabelecida entre o *amor* e a *amizade*. Na explozão da sua incomparavel paixão Ele havia ouzado alentar o projeto de ter Clotilde por espoza, a despeito dos obstaculos legais e dos santos preconceitos que a isto se opunhão. Mas a nobre revelação da piedoza Senhora acerca do infortunado amor que, havia dois anos, a torturava, induzira o cavalheiresco Pensador a tentar converter o seu afeto no mais puro e fervorozo culto. Ele acreditou mesmo porventura que havia conseguido essa ambicionada metamorfoze.

Achava-se, como vimos, em tão delicioza situação, quando a crize de Setembro veiu desvanecer similhante engano: a necessidade de um vinculo conjugal ergue-se então na sua alma, mais imperiozamente do que nunca, como uma condição iniludivel para a sua felicidade. Diante, porem, da santa rezistencia de Clotilde, o nosso Mestre rezignou-se ás incomparaveis emoções que a adoração da sua imaculada Inspiradora lhe proporcionava. Essa rezignação era sustentada pelo pensamento de que a realização das suas esperanças achava-se apenas adiada para um futuro mais ou menos proximo. Nos arroubos do culto que instituíra desde a Santa Clotilde, Ele fórma todavia, por vezes, novamente o projeto de transformar o seu amor em um afeto extreme de qualquer dezejo voluptuozo. Mas todos os esforços nesse sentido são baldados: o coração não cessa de flutuar entre as ardentes aspirações por uma plena união conjugal e uma dezinteressada adoração.

Essa luta entre as doces sugestões do seu incomparavel altruismo e as energicas solicitações dos pendores pessoais, arrasta insensivelmente o nosso Mestre a ver no piedozo abandono de Clotilde uma animação crecente ás suas esperanças. Ele vai assim ao ponto de imaginar que não está longe o dia em que serião cumpridos os seus ardentes anhelos, e festeja os seus venturozos esponsais... Essa dispozição dezenvolve-se de dia para dia, apezar da candida rezerva que Clotilde mantem na sua piedoza atitude. Até que Ela vê-se na penoza contingencia de quebrar novamente a delicioza iluzão que encanta o seu cavalheiresco Adorador.

O choque que o nosso Mestre experimentou foi rude.

Mas o seu altruismo exaltado pela adoração que desde Junho o arroubava ante a imagem de Clotilde o ampara. Voltando completamente sobre si, Ele rezolve enfim conformar-se nobremente com o conjunto das fatalidades sociais e morais que o dominão. Tomando a *realidade* para a baze da sua bem-aventurança, o abnegado Filozofo procura lealmente sistematizar o que a sua situação oferece-lhe de inapreciavel felicidade, superando as amarguras que nela ainda encontra.

Apezar, porem, dos mais sinceros esforços para rezignar-se a essa combinação entre o amor e a amizade, o seu coração recuza a adaptar-se a tal estado como definitivo. Nos assomos mais venturozos do seu culto, Ele sentia surgir a duvida cruel, que rezultava do involuntario vazio em que se achava o coração de Clotilde. Pois que não o amava com a afeição de espoza, quem ouzaria garantir que outro não fosse capaz de despertar-lhe esse inestimavel sentimento? A lealdade de Clotilde não podia defendê-lo contra uma paixão cujo irrezistivel acendente Ele experimentava naquele momento mesmo! Mas o nosso Mestre se esforçava por dissipar tão sombrias aprehensões...

A recepção de Sabado 13 de Dezembro foi pois encantadora. Clotilde despediu-se radiante com o estado feliz em que achou e deixou o cavalheiresco Pensador. O afeto que Ela lhe votava cada vez mais se arraigava na sua alma. No seu intimo, Ela não acreditava que jamais homem algum fosse capaz de lhe despertar os sentimentos que o nosso Mestre lhe inspirava.

No Domingo 14 de Dezembro preparava-se para testemunhar a Augusto Comte o seu reconhecimento pela recepção da vespera, quando foi sorprehendida pela vizita de Mme Marrast. Esse inesperado acontecimento a encontrava realmente em condições bem propicias. Os atritos domesticos que tanto a agoniavão se tinhão dissipado nos ultimos dias. A sua terna solicitude conseguíra harmonizar a cavalheiresca paixão de Augusto Comte com os santos escrupulos que o amor por Ele lhe sucitava. Parecia-lhe, pois, que a sua existencia inaugurava afinal a faze de virtuoza felicidade que sempre ambicionára: ser feliz porque via felizes a quantos amava, sem afligir nem ofender a ninguem. E o sentimento dessa ventura traduz-se na carta que dirigiu então ao nosso Mestre.

Centezima-vigezima-quarta carta

Domingo á tarde 14 de Dezembro de 1845.

Tomava a pena para agradecer-vos a boa e ecelente recepção de hontem, meu caro amigo, quando uma bela dama interrompeu-me batendo na minha porta. Era Mme Marrast, e esteve na verdade ecelente mulher. Testemunhou-me com gosto o seu dezejo de ver-me e o seu pezar por não haver podido pagar mais cedo a minha vizita; ha bem pouco tempo que sai, disse-me ela. Fez-me questões sobre os papeis que estava vendo, e perguntou-me si eu tinha *acabado* alguma coiza. Julguei, pelos seus *modos*, que eu não seria mal acolhida na minha volta ao *Nacional*. Estou contente com isso: sabeis que não é no meu amor-proprio, mas bem no meu coração.

Quizera saber andar com mais dezembaraço na minha faina; tenho as idéias, mas o *fazer* é ainda para mim muito novo; e eis ahi o que me fatiga para pouquissimo rezultado; isso me ha de vir como aos outros, e então talvez eu ganhe como eles amplamente a minha vida.

Quanto vos associo a um tal dezenlace! Jamais esquecerei de quantas maneiras adoçastes o meu caminho, e ficaria bem *orgulhoza* de proporcionar-vos a meu turno alguns prazeres.

Eu tinha todos esses pensamentos no coração quando vos deixei hontem: não vades atribuí-los á vizita de Mme Marrast. Todas as vezes que tenho encontrado em vós os meus sintomas passados, tenho ficado de mau humor contra a sorte que preparou-me pezares de toda ordem. Mas, si eu conseguir fazer-vos amar a minha amizade, dar-lhe-ei em troca grandes ações de graças. Cuidai bem de vós, meu caro amigo. Si eu não receiasse molestar-vos, pedir-vos-ia os meus Mercuridias durante tres ou quatro semanas, e iria ver-vos aos Sabados. Isto me daria alguns dias seguidos para trabalhar. Si me acontecesse então ser obrigada a tomar alguma folga, eu a empregaria em vos ir ver um momento. Vêde pois si consentís nisso. Sabeis que vos considero como parente proximo. Retomariamos os nossos habitos logo que a heroina estivesse no prélo. Até amanhan, e me escrevereis depois. A paz da minha solidão me secunda muito bem no emprego dos meus remedios, e eu espero não morrer como um murrão de lampada.

Beijo-vos ternamente.

CLOTILDE.

VIII

Eu vos veria com profundo pezar aproximar-vos demaziado de um meio tão perigozo.
(*125ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

No Lunedia, Augusto Comte encontrou-se com Clotilde na rua Pavée, e esse encontro foi um novo incentivo para a beatitude em que se via. Só no Martedia 16 de Dezembro, a 1 hora, recebeu a carta precedente, e ela cauzou-lhe uma penoza impressão. Os seus alarmas crecem e tornão-se insistentes no que respeita aos perigos do jornalismo. A suspensão, embora provizoria, das vizitas de Mercuridia o enche de vagas aprehensões pela sorte do seu amor. Respondendo entretanto a Clotilde nessa mesma tarde, se esforça por dominar as dolorozas emoções que o amargurão.

Centezima-vigezima-quinta-carta

Martedia 16 de Dezembro de 1845 (3 h.)

Em consequencia de uma distração do correio, é sómente hoje, a 1 hora, minha cara amiga, que acabo de receber a vossa ultima carta. A esse propozito, devo especialmente renovar a minha recomendação geral de datardes exatamente as vossas cartas, para evitar-me toda obscuridade e todo engano. Porque, em virtude desse atrazo dezuzado, a vossa completa falta de data forçou-me a adivinhar dificilmente que me tinheis escrito no Domingo.

Felicito-vos cordialmente pela boa vizita de Mme Marrast, vendo nisso, como vós, um afortunado indicio do vosso proximo acolhimento no *Nacional*. Duvido muito, todavia, que jamais a vossa nobre direção convenha assás a essa gente para proporcionar-vos uma carreira lucrativa, pelos menos nos jornais atuais, fóra dos quais os vossos sucessos, mesmo materiais, parecem-me sobretudo dever efetuar-se. A importante reação que deve, sem duvida, exercer *Willelmina* ligando-vos diretamente com o vosso digno tio parece-me, a dizer a verdade, o principal rezultado pessoal que devamos esperar hoje dessa precioza publicação, salvo o surto inicial da vossa justa nomeada. Eu vos veria aliás com profundo pezar aproximar-vos demaziado de um meio tão perigozo, que, no fundo, não é mais digno de vós pelo espirito do que pelo coração, e cujo contacto habitual só poderia apoucar-vos em breve, a todos os respeitos. É hoje um rezultado bem dificil e

muito raro o viver-se nobremente da pena: a materialidade do fito tende a degradar os mais eminentes trabalhos. Si o *Nacional* aceitar *Willelmina* mais realmente do que os vossos outros ensaios, devemos nos regozijar duplamente com isso, pela utilidade imediata, e sobretudo como facilitando muito a publicação definitiva, que deve sempre permanecer independente do jornalismo. Mas, no cazo do malogro, muito possivel ainda, desses novos avanços, não vos inquieteis demaziado com ele, e não façais, a esse respeito, nenhuma grave concessão: poderemos bem, sem duvida, publicar de outro modo a vossa obra.

Quanto á vossa propozição de renuncia temporaria aos nossos caros Mercuridias, vós m'a aprezentais de tal sorte que não posso dispensar-me de consentir nela, mesmo desde amanhan; porque eu não poderia gozar dignamente de uma vizita que vós lamentasseis. Sou, porem, por demais sincero para ocultar-vos que experimentarei com isso uma intima dôr. Agradecendo-vos, com ternura, na minha ultima carta, a feliz organização atual das nossas diversas entrevistas, eu não concebia nesse cordial arranjo outras infrações passageiras sinão as que pudessem derivar de uma verdadeira impossibilidade, sobretudo por doença. Mas, si, a essas inevitaveis perturbações, deixarmos juntar as inexgotaveis instigações do trabalho, a regularidade efetiva do nosso santo comercio parecer-me-á sempre muito aventurada. Eu tenho tambem, minha bem-amada, a minha precioza elaboração pessoal, alem de pezadas corvéas diarias: entretanto é com felicidade que, apezar desse duplo motivo contínuo, consagro escrupulozamente dois dias de cada semana a entrevistas que o meu coração encara como indispensaveis. Si elas tiverem para vós tanto valor, hezitareis em alterar jamais esse cordial uzo, sem uma imperioza necessidade passageira, que, eu confesso, não me parece existir aqui. Indicando-vos com essa terna franqueza o principal motivo dos meus pezares, espero, Clotilde, que não suspeitareis da minha sinceridade quando reprezentar-vos essa dupla interrupção hebdomadaria do vosso trabalho como habitualmente necessaria á vossa saude: a vossa medicação atual póde sobretudo ser sériamente perturbada por uma demaziado longa contenção cerebral.

Todavia, minha carissima amiga, sejão quais forem os meus pezares e os meus cuidados, só vós deveis pronun-

ciar aqui, em virtude da vossa livre ponderação dos diversos motivos opostos; porque, eu não posso, repito-o, aceitar nenhuma entrevista que vos incomodasse. Para prevenir qualquer equivoco, não vos esperarei pois amanhan, mas sómente Sabado, a menos que não experimenteis pessoalmente uma verdadeira necessidade de respeitar, mesmo desta vez, a nossa cordial instituição.

Inteiramente vosso para sempre.

ATE COMTE.

IX

M. Augusto Comte, ex-examinador para a Escola Politecnica, deve a essa dupla influencia uma intima gratidão pessoal, que ser-lhe-á sempre doce proclamar; mas o autor do *Sistema de Filozofia Pozitiva* não poderá dispensar-se de assinalar convenientemente ao publico imparcial um duplo abandono que torna-se hoje cumplice involuntario de uma iniquidade notoria.

(AUGUSTO COMTE—*Carta a Stuart Mill.*)

Nesse interim, a melindroza saude de Clotilde se havia perturbado. A correspondencia sagrada induz a crer que a carta do nosso Mestre a achou sob a deprimente impressão de tal agravação, que a forçára a recorrer novamente ao Dr. Grandchamp. Foi talvez ao sahir dessa consulta que Ela dirigiu-se para a rua Monsieur-le-Prince (17 de Dezembro) *. A carta do nosso Mestre devia ter aumentado as suas dolorozas emoções. Pouco demorou-se. Estava extremamente abatida ao retirar-se; e o seu estado veio juntar novas inquietudes ás aflições do meigo Pensador.

Foi no meio de tais angustias que o nosso Mestre respondeu, no dia seguinte, á carta que, a 5 de Outubro, recebêra de Stuart Mill. Ahi Ele aprezentava a nobre apreciação da conduta que os seus adherentes inglezes acabavão de ter para consigo.

Paris, Jovedia 18 de Dezembro de 1845.

Meu caro senhor Mill,

Agora que posso afastar toda preocupação individual a propozito da dezerção imprevista que acabo de experimentar na Inglaterra, creio dever terminar esse epizodio expondo-vos, com cordial franqueza, a minha apreciação

* VOLUME SAGRADO, ps. 157-158.

filozofica do conjunto da conduta tida para comigo em um cazo tão decizivo.

O eminente serviço que me foi tão nobremente prestado, no ano passado, mediante a vossa ativa solicitude, me imporá sempre um profundo reconhecimento pessoal em relação aos tres patronos que se dignárão concorrer para isso, e sobretudo para com aquele dentre eles, que teve a bondade de tomar, em tal emergencia, sob todos os respeitos, a principal parte. * Mas essa doce obrigação individual não póde anular a alta magistratura moral inherente ao meu carater filozofico; eu devo finalmente julgar similhante acontecimento como si ele fosse extranho a mim. Toda a minha conduta ulterior provará, espero eu, que sei plenamente conciliar, a este respeito, a minha situação privada com a minha função publica, sem que uma prejudique jamais a outra.

Uma digna assistencia temporal pareceu-me sempre devida, pela sociedade inteira, a cada um daqueles que consagrão sériamente a sua vida aos diversos progressos, gerais ou especiais, do espirito humano, quando a aptidão real deles está assás constatada.

Ninguem hoje ouzaria mais contestar diretamente esse principio universal, sobre o qual repouza a primeira coordenação elementar da vida social, em virtude da divizão fundamental entre a existencia ativa e a existencia especulativa. Dahi rezulta, na civilização moderna, um dever contínuo, a um tempo moral e politico, que não obriga sómente os governos propriamente ditos, mas tambem os proprios particulares, na proporção do seu poder efetivo; todos os que, a qualquer titulo, recolhem as vantagens permanentes dessa divizão geral do trabalho humano devem certamente concorrer para a sua manutenção regular. Embora o cumprimento sistematico dessa obrigação concirna sobretudo os poderes publicos, a insuficiencia especial destes não póde jamais dispensar dela os orgãos privados que se acharem realmente capazes de cooperar para isso. Nos nossos tempos de anarchia moral e de instabilidade politica, em que os governos, preocupados do cuidado diario da sua propria existencia, são arrastados, por lutas inevitaveis, a descurar tal atribuição social, o seu pezo deve mesmo recahir principalmente sobre os poderes particulares, que, prezervados desses tempestuozos con-

* O nosso Mestre alude a Grote. — R. T. M.

flitos, continuão a gozar de uma economia social da qual a influencia especulativa constitûi sempre um elemento indispensavel. A este respeito, como a tantos outros, a divizão superficial, vulgarmente admitida entre as forças privadas e publicas, refere-se apenas ás epocas de tranzição; sob qualquer outro aspeto, tal divizão dá uma idéia falsa dos deveres comuns a todos; porque, si, na sociedade humana, cada existencia tem as suas condições necessarias, cada uma tem tambem as suas obrigações correspondentes.

Todavia esse dever protetor, moralmente imposto aos particulares, não lhes podendo ser prescrito de uma maneira especial, o seu exercicio obriga naturalmente os que aproveitão dele a um verdadeiro reconhecimento pessoal, do qual eles são, ao contrario, essencialmente dispensados para com os orgãos publicos de tal oficio, salvo a gratidão geral sempre devida ao Estado.

Não existe, em uma palavra, outra diferença entre os dois cazos sinão a de uma obrigação moral para uma missão politica.

Desde que a sistematização direta da moral universal foi solenemente esboçada pelo catolicismo, esses principios prevalecêrão sempre mais ou menos na elite da Humanidade, e os particulares forão então considerados como naturalmente obrigados a suprir, conforme os seus meios proprios, a inevitavel insuficiencia dos governos, para todos os deveres de proteção social.

Uma admiravel instituição, ao mesmo tempo publica e privada, que profundamente concorreu para formar os costumes modernos, foi sobretudo destinada, na idade-média, a regularizar esse nobre protetorado voluntario, mediante um modo adaptado ao genero de opressão que devia caraterizar uma civilização ainda essencialmente militar. *

A preponderancia final da vida industrial não deve de modo algum extinguir esse espirito cavalheiresco, porem imprimir-lhe gradualmente uma outra constituição, em harmonia com a nova natureza da opressão habitual, que, cessando de consistir sobretudo em violencias pessoais, reduz-se cada vez mais a simples atentados contra a existencia pecuniaria. Essa afortunada transformação espontanea, que atenúa tanto as devastações do instinto perse-

* O nosso Mestre refere-se á cavalaria medieva.— R. T. M.

guidor, facilita muito a sua reparação, para a qual orgãos mais numerozos podem então concorrer sem perigo. Um inevitavel enfraquecimento passageiro da moral publica, em virtude do progresso natural de uma tranzição anarchica, e uma absorção gradual das atribuições espirituais pela autoridade temporal, produzírão habitualmente, em nossos dias, o esquecimento especial desses deveres sociais. Os novos grandes, isto é, os ricos, acreditárão-se possuidores, a titulo absoluto, e dispensados de toda obrigação moral quanto ao uzo diario da sua fortuna. Eles tendem a exonerar-se de todo protetorado voluntario, de uma parte sobre os esforços individuais de cada oprimido, de outra parte sobre a intervenção crecente do poder publico. Mas o curso natural do estado revolucionario, dezenvolvendo os principais inconvenientes da anarchia mental e moral, deve fazer sobresahir melhor a necessidade de reanimar, a este respeito, sob fórmas convenientes, as dispozições verdadeiramente sociais, quer por um urgente interesse publico, quer mesmo para a propria seguridade da classe preponderante. Esta acha-se assim especialmente exposta doravante aos perigos crecentes do genero de aberrações anarchicas que, sob o nome de *comunismo*, começa a adquirir, em todo o Ocidente europeu, quazi tanto como em França, uma terrivel consistencia sistematica; essas dezastrozas utopias recebem cada vez mais uma dupla sanção espontanea, quer dos incontestaveis abuzos da riqueza atual, quer tambem dos preconceitos reinantes sobre a medicação excluzivamente politica de todas as nossas molestias sociais. Um vasto surto voluntario das obrigações morais inherentes á fortuna constitúi hoje, para os ricos, o unico meio duradouro de escapar a tiranicas prescrições politicas, satisfazendo dignamente o que encerra de legitimo o espirito subversivo que impele gradualmente os proletarios contra os proprietarios. Ao mesmo tempo, uma eminente destinação geral, profundamente ligada a esse poderozo interesse de classe, oferece naturalmente ás grandes fortunas particulares um objetivo determinado de nobre protetorado contínuo para os trabalhos filozoficos que devem constituir enfim uma verdadeira teoria social propria para esclarecer a situação e dirigir a reorganização.

Durante uma geração pelo menos, esses indispensaveis trabalhos não podem achar apoio essencial nos poderes publicos, demaziado absorvidos pelas dificuldades mate-

riais, e aliás involuntariamente antipaticos a toda renovação radical das opiniões humanas.

Por outra parte, essa nova filozofia devendo, pela sua natureza, chocar quazi tanto os preconceitos revolucionarios das populações como as inclinações retrogradas dos governos, o seu digno surto deverá longo tempo efetuar-se independentemente de toda popularidade. E' pois sobretudo por altas munificencias privadas que será a principio protegida essa grande operação especulativa, embora ela deva afinal repouzar sobre as simpatias populares, e mesmo sobre a assistencia oficial.

No cumprimento de tal dever, os ricos acharão aliás a dupla vantagem espontanea de esboçar assim a organização gradual do imenso protetorado voluntario que constituirá enfim o principal oficio deles, e de dissipar radicalmente as aberrações anarchicas que lhes ameação a existencia social.

Uma importante ocazião aprezentou-se recentemente de começar, por um exemplo decizivo, essa indispensavel aliança entre o pensamento e a riqueza, que deve doravante fornecer o principal ponto de apoio dos diversos esforços destinados a preparar gradualmente a verdadeira reorganização moderna. Embora o cazo me seja pessoal, ele é demaziado carateristico para que eu me abstenha de apreciá-lo.

Evitando as iluzões e os exageros peculiares á personalidade, é precizo saber dignamente sobrepujar viciozos escrupulos, que, tendendo a afastar os mais luminozos documentos, não podem finalmente aproveitar sinão aos diversos inimigos da razão e da Humanidade.

Aos olhos dos mais eminentes pensadores do nosso tempo, a minha obra fundamental lançou enfim todas as bazes essenciais de uma virdadeira filozofia, propria para satisfazer as principais exigencias, quer mentais, quer sociais, da situação atual das populações ocidentais. Eu acabei de constituir irrevogavelmente o metodo pozitivo, pela sua extensão conveniente aos estudos mais dificeis e mais importantes, ao mesmo tempo que estabeleci o principio direto de uma nova doutrina geral, descobrindo a lei necessaria do conjunto da evolução humana. Ora, a inteira publicação desse sistema coincidiu com a dezastroza consumação de uma iniquidade pessoal, que, longe de oferecer um carater acidental, rezultava sobretudo de uma

inevitavel luta entre o verdadeiro espirito filozofico e o mau espirito sientifico, reprezentados cada um pelo seu orgão atual mais pronunciado.

Injustamente despojado repentinamente da metade dos meus recursos materiais indispensaveis á minha laborioza existencia, achei logo um honoravel apoio na generoza intervenção privada de alguns poderozos apreciadores. Felicitando-me por escapar assim á perseguição, considerava aliás esse nobre patrocinio como destinado sobretudo a fornecer, na minha pessoa, a todos os verdadeiros filozofos, uma primeira garantia de seguridade contra a terrivel animozidade das paixões e dos preconceitos que os seus consienciozos trabalhos devem hoje chocar involuntariamente. Era para melhor assegurar essa salutar influencia geral que me propunha a dar uma conveniente publicidade á justa expressão do meu reconhecimento particular.

O uzo de fornecer subsidios voluntarios aos orgãos sistematicos das nossas convicções, estando hoje consagrado por toda parte, quer no partido retrogrado, quer entre as diversas frações do partido revolucionario, e extendendo-se mesmo ás seitas mais extravagantes, devia-se pouco espantar que o pozitivismo nacente obtivesse tambem uma minima assistencia analoga de algumas simpatias de elite. Essa ativa solicitude oferecia-me ao mesmo tempo uma justa recompensa dos grandes trabalhos já consumados e uma afortunada garantia da serena execução dos que eu tinha anunciado como peculiares á segunda metade da minha carreira filozofica. Depois de ter fundado a nova filozofia, restava-me sobretudo sistematizar diretamente a doutrina social que deve constituir o seu principal carater e determinar o seu acendente final.

A minha primeira elaboração tendo tornado irrecuzavel a superioridade intelectual do pozitivismo, eu devia doravante estabelecer não menos solidamente a sua superioridade moral, a mais deciziva de todas, e a unica sériamente contestavel hoje. Tais rezultados parecião motivar, com efeito, nesses poderozos patronos, alguns ligeiros sacrificios em favor de um filozofo que, havendo chegado sómente á idade da plena madureza mental, mostrava-se capaz de cumprir dignamente todas as suas promessas.

Tratando-se de uma elaboração que, apezar da sua origem franceza, correspondia evidentemente a uma necessidade comum ás cinco grandes nações ocidentais, parecia-me

natural que essa proteção privada se realizasse primeiro na Inglaterra, quer em razão de uma mais forte concentração de riquezas, quer sobretudo em virtude de um melhor habito dos livres patrocinios particulares. Eu devia, pois, contar que esse nobre apoio, prevenindo toda perturbação dos meus trabalhos, durasse tanto quanto o perigo que o havia provocado, isto é, até o restabelecimento de uma pozição oficial equivalente áquela de que eu fôra violentamente privado. Os acontecimentos não tendo tardado a desmentir uma esperança tão natural, devi acreditar ainda que pelo menos o subsidio seria assás prolongado para permitir-me atingir sem sofrimento a epoca, evidentemente proxima, na qual os meus novos esforços pessoais me tivessem feito recobrar, por penozas ocupações quotidianas, com prejuizo da minha grande elaboração, uma renda sem a qual não podia passar. Porem essa espectativa secundaria não foi menos frustrada do que a principal, o socorro primitivo tendo mesmo sido, apezar das solicitações especiais, inteiramente recuzado por um segundo ano, com espanto de todos os que, na Inglaterra ou em França, tinhão tido conhecimento desse negocio.

Esse contraste imprevisto entre a nobreza das primeiras inspirações e a vulgaridade dos atos ulteriores provem sobretudo dessa deploravel auzencia de verdadeiras convicções que carateriza, em todos os sentidos, a epoca atual, em que não podem assim surgir sinão semi-vontades, que não chegão jamais a uma plena realização, mesmo nos mais simples cazos. Tal malogro é tanto mais decizivo quanto o modo mais conveniente foi então expressamente proposto, afim de regularizar doravante a proteção inicial, de uma maneira igualmente honoravel para mim e para os meus patronos, dando abertamente a essa assistencia privada uma importante destinação publica, quando um eminente pensador (M. Littré) concebeu o projeto, azadamente praticavel, de uma Revista pozitiva publicada sob a minha direção, e cujo principal apoio pecuniario proviria da Inglaterra. A rejeição imediata dessa feliz propozição, unicamente motivada sobre a antipatia atual dos espiritos inglezes, indica uma imperfeição de vistas, e mesmo de sentimentos, que é espantozo encontrar-se hoje nos chefes do movimento britanico. Por isso mesmo que a emancipação mental acha-se profundamente comprimida na In-

glaterra, parece que os livres pensadores deverião ali sentir melhor a importancia de possuirem alhures um digno orgão sistematico das dispozições filozoficas que eles são obrigados a dissimular diariamente. Seria, como em outros tempos, utilizar felizmente, para a evolução ingleza, as vantagens politicas que o conjunto do passado proporcionou á França, á Alemanha, etc., em uma marcha, intelectual e social, comum a todo o nosso Ocidente.

Uma apreciação tão sensivel não póde haver escapado a tais espiritos sinão sob a influencia despercebida dos deploraveis prejuizos nacionais que, na Inglaterra, ainda mais do que no continente, fazem cegamente repelir toda empreza concebida e executada fóra.

A evolução ingleza não póde mais dar passo algum capital, si aqueles que querem dirigí-la não renunciarem francamente a essas dispozições anti-européas que não podião convir sinão á antiga opozição. Na Inglaterra, como alhures, a metafizica negativa exgotou doravante a sua principal eficacia politica; o progresso social não póde mais achar ahi sahida decizíva sinão pelo pozitivismo, cuja elaboração sistematica, diretamente destinada a uma regeneração mental e moral, deve sobretudo consumar-se em França, mediante uma ativa cooperação de todos os pensadores ocidentais. Enquanto o partido progressista conservar o seu velho espirito de izolamento britanico, ele permanecerá, apezar de vãos sintomas passageiros, cada vez mais inferior ao partido conservador, que pelo menos sabe por toda parte elevar-se hoje acima do simples ponto de vista nacional. Não é satisfazer a essa inevitavel condição do concurso ocidental ligar as intrigas dos agitadores inglezes ás dos trapalhões francezes; é precizo doravante muito mais para achar-se verdadeiramente ao nivel da situação fundamental. O principal interesse social devendo hoje ligar-se por toda parte, quanto ao movimento regenerador, á porção dele que é comum ás diversas populações de elite, é precizo que os espiritos inglezes habituem-se a segundar regularmente, pelos meios que lhes são peculiares, operações evidentemente destinadas a todo o Ocidente, mas cujo centro essencial não póde agora ser britanico. Sem duvida, a repulsão empirica experimentada na Inglaterra por um criteriozo projeto de revista pozitiva não impedirá a sua realização, talvez proxima, unica apta por toda parte para afastar a um tempo as utopias anar-

chicas e os principios retrogrados. Porem vistas mais largas e sentimentos mais elevados nos principais chefes do movimento inglez terião apressado muito e aumentado a eficacia de tal intervenção social da nova filozofia.

O conjunto da conduta tida para comigo na Inglaterra não foi pois digno finalmente nem do alto interesse geral que a ela se prendia, nem do nobre elance que parecia a principio indicar uma justa apreciação de tal fito.

Uma legitima solicitude pessoal poderá obrigar-me a tornar publico similhante juizo filozofico, quer no prefacio da minha segunda grande obra, quer mesmo antes, por ocazião de uma segunda edição do meu livro fundamental, afim de explicar convenientemente os entraves que vão sem duvida experimentar assim os meus trabalhos. Violentamente despojado da metade de uma renda que era apenas suficiente, não posso, nem quero, a menos de insuperavel necessidade, reduzir-me a outra metade, como o esperão talvez alguns daqueles que, do seio da opulencia, presereverião de bom grado aos pensadores que se limitassem aos tres ou quatro shellings materialmente indispensaveis á sua existencia quotidiana. Durante a primeira metade da minha carreira filozofica, sacrifiquei plenamente a minha vida privada á minha vida publica, para melhor cumprir a minha missão fundamental. Depois de ter dignamente pago a minha principal divida para com a Humanidade, adquiri o direito de voltar doravante ao estado normal fazendo concorrer as minhas modestas satisfações pessoais para o melhor dezenvolvimento das minhas funções sociais, sem permitir que ninguem regule arbitrariamente tal harmonia interior, cujas verdadeiras condições só eu posso conhecer. Todo o meu passado garante aliás suficientemente que por ahi não merecerei nunca, em nenhum grau, a censura filozofica que eu tive altamente de lançar sobre a deploravel avidez pecuniaria que a nossa anarchica situação tanto propagou na classe especulativa. Porem, continuando a restringir-me ás mais justas conveniencias privadas, sem mesmo tomar mais cuidado do que até aqui do meu futuro material, a minha opressão atual não me permite satisfazer a essas legitimas exigencias sinão recorrendo a penozas ocupações profissionais que absorverão necessariamente uma notavel parte do tempo reclamado pela minha elaboração filozofica. Esses obstaculos não poderão jamais impedir-me, a menos de morte prematura,

de acabar a grande obra começada este ano, e que constitúi, a todos os respeitos, o principal dos quatro tratados anunciados no fim do meu livro fundamental como devendo completar o conjunto da minha missão. Todavia, essa perturbação material poderá sensivelmente retardar essa primeira operação; e mesmo, si a perseguição prolongar-se demaziado, ela interdir-me-á talvez inteiramente os outros tres.

E' afim de atenuar de antemão, tanto quanto depende de mim, esse ultimo dezastre, que me decidi recentemente a proporcionar, na minha obra atual, um justo acesso primitivo ás diversas vistas incidentes que se aprezentarem então como especialmente peculiares ás seguintes, sem entretanto tornar inutil a sua elaboração ulterior, si ela me fôr possivel.

Ora, deixando ignorar ao publico os verdadeiros motivos das diversas infrações involuntarias que podem assim experimentar solenes promessas, que não ecedião nem as minhas forças, nem a minha idade, eu incorreria injustamente em uma censura que devo dignamente rejeitar sobre a malvadeza dos meus inimigos, a fraqueza dos meus chefes, e a tibieza dos meus amigos. Não seria inutil, aliás, para a educação moral da Humanidade, assinalar nitidamente á posteridade um exemplo tão carateristico do prejuizo que póde sofrer a sociedade em consequencia da sua vergonhoza incuria para com os orgãos especiais dos seus mais eminentes progressos.

E' pois a todos os respeitos, um dever para mim, si, com efeito, os meus trabalhos se acharem assim notavelmente entravados, explicar altamente as verdadeiras cauzas disso, afim de que uma inevitavel responsabilidade se ligue a quem de direito, na proporção de cada participação efetiva em tal rezultado.

Nessa indispensavel expozição, serei naturalmente levado a comparar a conduta dos meus patronos inglezes com a dos meus chefes francezes. Uns e outros testemunhárão a principio, por uma digna intervenção, a sua plena convicção da iniquidade da perseguição dirigida contra mim, e a sua sincera intenção de prevenir os perigos que me ameaçavão; mas, de ambos os lados, a proteção malogrou-se afinal, por falta de perzistencia da vontade tutelar. A fraqueza do governo francez, em um cazo tão evidente e tão simples, foi justamente censurada na Inglaterra,

em virtude do irrecuzavel dever que tinhão os meus chefes oficiais de garantir-me contra uma injustiça que eles tinhão altamente reconhecido; essa obrigação achava-se aliás fortificada pela consideração dos serviços especiais que eu tinha prestado no posto que me era roubado, imprimindo, apezar de muitos entraves, um impulso que, segundo a confissão dos juizes imparciais, levantou, em França, o ensino matematico.

Quando a expoliação foi consumada, nada dispensava para comigo de uma digna e pronta reparação, que diversos meios tornavão facil. Sob esse aspeto, como o observastes então, meu caro senhor Mill, o ministro Guizot merece certamente uma censura particular, por não haver tentado nada a este respeito, apezar de formais convites, embora ele conheça pessoalmente, ha vinte anos, o alcance das minhas vistas e a pureza das minhas intenções. Mas si, a esses diversos titulos, os meus protetores na Inglaterra acuzárão justamente a fraqueza do nosso governo, eles-mesmos incorrêrão afinal, pela sua tibieza, em reproches pelo menos equivalentes; de ambas as partes manifesta-se essa falta espontanea de energia e de perzistencia que carateriza sempre as semi-vontades atuais, em consequencia de insuficientes convicções gerais. O governo francez não tinha que ver em mim sinão o funcionario injustamente perseguido, cuja existencia publica ele devia defender; ele não podia oficialmente considerar a minha importancia filozofica. Ao contrario, é sobretudo como filozofo que eu fui apreciado pelos meus patronos inglezes, que, tendo reconhecido a alta utilidade dos meus trabalhos, acreditárão-se moralmente obrigados a impedir a sua interrupção. A mesma convicção fundamental, que faz acolher o pozitivismo pelas suas eminentes propriedades filozoficas e politicas, impõe tambem inevitaveis deveres para com a sua elaboração e a sua propagação sistematicas. Em tal solidariedade, inherente a toda verdadeira teoria geral, a moral pozitiva será, pela sua natureza, mais severa ainda do que devêrão sê-lo a moral teologica e a moral metafizica, por tender a prevenir ou afastar todos os subterfugios pelos quais essas vagas doutrinas deixavão iludir muitas vezes as suas legitimas prescrições. Si a negligencia de um dever torna-se tanto mais censuravel quanto mais facil era a sua observancia, a tibieza dos meus protetores inglezes merece aqui mais

reproches do que a fraqueza dos meus chefes franceezes.

A animozidade de poderozas camarilhas sientificas, apoiadas por imponentes preconceitos publicos, sucitava ao nosso governo graves dificuldades especiais para garantir-me suficientemente. Ao contrario, os meus opulentos patronos da Inglaterra podião facilmente neutralizar a perseguição organizada contra mim, pela simples concessão de alguns ligeiros subsidios anuais, tão inferiores aos livres sacrificios privados que os costumes inglezes determinão nobremente para tantas outras destinações publicas, mesmo de uma utilidade fraca ou duvidoza.

Cada um devendo suportar a responsabilidade de todos os seus atos voluntarios, eu adquiri pois o direito de censurar moralmente todos os que, recuzando, de diversas maneiras, a sua justa intervenção, sientemente concorrêrão para deixar um consienciozo filozofo lutar sózinho contra a penuria e a opressão; de maneira a consumir em funções subalternas tantos dias preciozos da sua plena madureza, que devia ficar consagrada toda inteira a uma livre elaboração cuja importancia não é mais contestada. A insuficiencia final da dupla proteção esboçada para comigo não me dispensará jamais do reconhecimento que devo, de ambos os lados, não sómente ás nobres intenções que a ditárão, mas tambem á sua primeira eficacia parcial.

Sem garantir-me da perseguição, a demonstração oficial do governo francez permitiu-me felizmente evitar então todo apelo ao publico, em um cazo cuja iniquidade achava-se assim solenemente caraterizada. Ao mesmo tempo, a generozidade primitiva dos meus patronos inglezes retardou utilmente de um ano os meus diversos embaraços materiais, de modo a prevenir sobretudo o perigozo abatimento moral em que me podia lançar uma demaziado brusca perturbação.

O Sr. Augusto Comte, ex-examinador para a Escola politecnica, deve a essa dupla influencia uma intima gratidão pessoal, que ser-lhe-á sempre doce proclamar; mas o autor do *Sistema de filozofia pozitiva* não poderá dispensar-se de assinalar convenientemente ao publico imparcial um duplo abandono que se torna hoje cumplice involuntario de uma iniquidade notoria.

Em virtude das inquietações e dos passos inherentes á minha pozição atual, sem contar as minhas corvéas diarias e os cuidados de uma saude recentemente perturbada,

alem das minhas ocupações filozoficas, não estareis, espero eu, meu caro senhor Mill, nem sorprehendido, nem chocado com a demora dezuzada que tive desta vez na nossa precioza correspondencia, que retomará, em breve, sem duvida, o seu curso e o seu carater acostumados. A natureza desta carta eecpcional me determina a autorizar-vos expressamente a comunicá-la tanto quanto o julgardes conveniente, contanto que seja sempre a titulo de simples confidencia individual, louvando-me inteiramente, quanto ás escolhas pessoais, no vosso cordial criterio, que tanto me tem servido até aqui.

Todo vosso,

A^TE^ COMTE.

Estou inquieto pelos nossos amigos Austin, dos quais nada sei desde que partírão, em Abril, para Carlsbad, embora ambos me tivessem prometido formalmente escrever-me. Visto o triste estado do marido, esse silencio faz-me temer um dolorozo desfecho. Poderieis dar-me noticias exatas deles, mediante as informações diretas dos diversos parentes que têm em Londres? (CARTAS A STUART MILL, ps. 374-392.)

X

> Crède, minha Clotilde, que a rezerva com a qual a minha paixão por vezes aflligiu-se parece-me afinal indispensavel, enquanto perzistir o estado prezente do vosso coração.
>
> *(126ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.)*

As amargas reflexões dessa carta mal puderão ocupar o espirito do nosso Mestre enquanto a sua pena as retraçava. E, mesmo então, era a lembrança das reações que a sua sorte material teria sobre a penoza situação de Clotilde e sobre o prehenchimento da sua missão social que sobretudo o afligia. Dezembaraçado, pois, da doloroza resposta a Stuart Mill, o pensamento do terno Pensador não tardou em absorver-se novamente de todo na meditação dos sofrimentos e das virtudes da sua santa Inspiradora. O estado melindrozo em que Ela se separára dele no Mercuridia 17 de Dezembro figura-se mais dolorozamente á sua imaginação, e o enche de crueis aprehensões. Nesse dezassocego passa a noite de Jovedia, e na manhan do dia seguinte decide-se a escrever-lhe.

Centezima-vigezima-sexta carta

Venerdia de manhan 19 de Dezembro de 1847 (10h.)

A vossa saude inquieta-me demaziado, minha carissima amiga, para que eu espere até amanhan noticias das vossas sanguesugas. Mandando Sofia informar-se a tal respeito esta manhan, suplico-vos outra vez que fiqueis com essa ecelente mulher, si os seus serviços se vos tornarem uteis pela insuficiencia da vossa porteira. Espero que agora a minha bem-amada não será mais ceremonioza, em similhante assunto, do que o forão os seus parentes a propozito de uma simples criança.

Ocupando-me convosco esta noite, receio haver por demais penetrado o dolorozo motivo pessoal que vos determinou a preferirdes as sanguesugas á sangria, sem nenhuma razão medica; comprehendo muitissimo bem a vossa solicitude ecepcional, ainda mais relativa ao vosso sexo do que á vossa situação. Como essa troca medica poderia não permanecer sempre tão facultativa quanto o é hoje, pensei em oferecer-vos, sendo precizo o meu quarto; a amplitude do meu apartamento permitindo-me dormir alhures sem o menor incomodo mutuo. O meu carater vos é, espero eu, assás conhecido agora para que possais aceitar esta santa proposta, afim de receberdes comodamente os cuidados da minha criada e as vizitas do nosso doutor. A vossa familia não poderia, penso eu, censurar tal medida, que ela não está em condições de substituir. Pois que dignai-vos doravante ver em mim um parente proximo, porque não me concederieis o cordial privilegio inerente a isso? Todavia, respeito, no justo grau, os contemplamentos devidos á opinião, mas sem subordinar-lhes demaziado a conduta, quando se preenche dignamente as verdadeiras condições morais. Eis porque só vós, minha nobre e terna amiga, podeis decidir aqui criteriozamente, mediante a vossa livre apreciação dos diversos motivos, contanto que seja afastando todo preconceito como toda inquietude.

Senti logo quanto devieis ter me achado aborrecido na vossa ultima vizita, que, mau grado a sua brevidade dezuzada, deve vos ter parecido bem longa. Mas vós conheceis assás os verdadeiros motivos desse constrangimento ecepcional para conceder-me, neste particular, uma indulgencia especial. Contudo, exprobro-me vivamente, em cazos tais, de preencher tão mal o meu nobre oficio de consolador, e de tender quazi a aumentar o vosso aba-

timento, quando deveria esquecer o meu confortando-vos. E' uma das minhas principais imperfeições o não poder tornar-me amavel, sem contentamento prévio.

Nas minhas explicações, aliás inoportunas talvez, ou pelo menos demaziado insistentes, receio ter tido involuntariamente falta de clareza sobre o ponto principal. A propozito dos contemplamentos especiais exigidos para comigo pelo estado do vosso coração para manter a inteira confiança indispensavel á nossa santa intimidade, não temais que eu tenha tido jamais precizão de ser tranquilizado sobre a plenitude da vossa lealdade nem da vossa pureza. Eu teria bem pouco utilizado tantas ocaziões decizivas de apreciar a vossa admiravel superioridade moral si pudesse, a este respeito, conceber a menor duvida. E' sómente á vossa constancia que se referia o meu dezejo de cordiais garantias, não por temor de uma imperfeição feminina extranha á vossa eminente natureza, mas em virtude unicamente da convicção de insuficiencia do meu proprio merito para conservar tão precioza preferencia. A terna fatalidade que me encadeia a vós é tal que devo quazi dezejar que o vosso coração perzista sempre livre, desde que mal posso aspirar jamais a enchê-lo eu bastante. Tenho, porem, tal confiança na vossa rara integridade que, si, desgraçadamente para mim, o amor se apoderasse um dia de vós, conto que ouzarieis nobremente avizar-me de tal. Eu queria sómente indicar-vos Mercuridia que a inevitavel auzencia da melhor garantia natural obrigava a vossa engenhoza cordialidade a prevenir especialmente aflitivas incertezas sobre a inalterabilidade de uma afeição que se tornou indispensavel a todo o meu ser. De resto, posso ajuntar aqui que, tendo sido levado bem recentemente, para acalmar o meu coração, a reler ainda uma vez as vossas doze ultimas cartas, essa benefica leitura fez-me melhor sentir do que antes quanto tendes sido terna e pura bem como criterioza e leal no conjunto da vossa conduta para comigo. Crêde, minha Clotilde, que a rezerva com a qual a minha paixão por vezes afligiu-se parece-me afinal indispensavel, enquanto perzistir o estado prezente do vosso coração, para evitar a ambos nós irreparaveis pezares, que eu vos agradeço de joelhos de me haverdes poupado por essa terna prudencia, sobre a qual eu espero nunca mais enganar-me.

Adeus, digna arbitra do meu coração. Por maior valor

que ligue á minha vizita de amanhan, o que acaba de passar-se não deve impedir-vos de dar amigavelmente ordem em contrario, si a vossa saude vos fizer temer dahi mais perturbação do que satisfação.

Amor e respeito eterno.

A[te] COMTE.

A pobreza muzical ensaiada esta semana preenche de sobejo as extranhas condições de que me falaveis Sabado. Si pois a vossa saude vos permitir acompanhar amanhan o vosso pai a ouví-la, eu levarei, em todo cazo, o libreto e os bilhetes.* A vossa recuza e a vossa aceitação não podem aliás afetar aqui ninguem, porque, apezar da nossa intimidade, eu ouzo apenas deixar-vos ouvir tal chateza, muitissimo inferior, como me tinhão anunciado, mesmo á *Assiriana*. O vazio das minhas duas cadeiras constituiria um digno protesto, porem talvez muitissimo pouco comprehendido.

No Lunedia 22 do mesmo mez, o nosso Mestre viu-se na contingencia de declarar a Blainville que aceitava o oferecimento que ele espontaneamente lhe fizera nos fins do ano anterior. (Robinet, 3ª ed., p. 455.) Considerava o biologista como o seu mais velho amigo, e esta circunstancia determinou-o a dirigir-se de preferencia a ele. Pediu-lhe 2.000 francos emprestados. Blainville entregou-lhe então 500 francos, assegurando-lhe que podia contar com os 1.500 durante o ano seguinte, 1846. As reações da perseguição politecnica parecião assim conjuradas, por mais um ano, e esse tempo seria talvez suficiente para recompôr as bazes da sua existencia material. Augusto Comte podia pois entregar-se sem perturbação ás encantadoras emoções do seu incomparavel amor, e da sua glorioza missão social.

Por outro lado somos levados a crer que, depois do ultimo incidente, a saude de Clotilde melhorou, embora essas melhoras fossem vacilantes. As relações entre Ela e o nosso Mestre parecem tambem haver tomado um carater mais normal. A multiplicidade e a regularidade das entrevistas tendião a diminuir a atividade da correspondencia entre ambos. De sorte que a auzencia de cartas

* Segundo o anuncio do *Monitor Universal*, trata-se da opera de Donizetti intitulada *Gemma di Vergy*.— R. T. M.

até o Jovedia 25 de Dezembro constitûi seguro indicio de que nenhum sucesso veio perturbar, durante esses seis dias, a virtuoza felicidade dos nossos Pais espirituais.

Nessas venturozas dispozições teve lugar a vizita de Clotilde, no Mercuridia 24 de Dezembro. Parece que foi nessa entrevista que o abandono da conversa a levou a narrar o ignobil procedimento de Marrast para consigo. Já vimos que Clotilde não déra a esse penozo incidente da sua atribulada vida a minima importancia. No seu conceito, a grosseira atitude do famozo jornalista constituia um cazo vulgar nos costumes masculinos. Augusto Comte, porem, experimentou um cavalheiresco movimento de indignação ao saber do que se tinha passado, e não ocultou o estigma que simillhante infamia merecia. Essa apreciação diferente prezagiava um novo abalo nas doces relações entre Clotilde e o nosso Mestre.

XI

> Este incomparavel ano fez surgir em mim o unico amor puro e profundo que o meu destino comportava. A ecelencia do ente adorado permite á minha maturidade, mais feliz que a minha mocidade, saborear em toda a sua plenitude, as mais delicadas emoções da humanidade.
>
> (*128ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

Augusto Comte achava-se entregue ás amargas preocupações que tal revelação lhe sucitava, quando, na tarde do Jovedia seguinte, recebeu este afetuozo bilhete da sua Bem-Amada.

Ao escrevê-lo, já o estado de saude de Clotilde era menos lizongeiro.

Centezima-vigezima-setima carta

Jovedia de manhan 25 de Dezembro de 1845.

Meu terno amigo, asseguro-vos em consiencia que não uzarei uma só das vossas luvas antes da primavera. Já que tendes a gentileza de dizer-me que m'as deveis, permiti que eu conserve esse credito até o mez de Maio. Vós me prestastes serviços importantes, e que fizerão-me bem, infelizmente um pouco á custa de sacrificios vossos. Eu tinha contado mais com a minha situação quando os recebi. Peço-vos, pois, instantemente que não façais despeza

alguma, por pequenina que seja, para o meu luxo. O dinheiro póde ser demaziado util para que se o não considere um pouco em substancia. Sabeis que vos tenho na conta de um amigo dedicado: permití-me, pois, neste ensejo, que vos trate como intimo. Tenho tudo quanto precizo para este inverno: a saude me ajudando, a sorte melhorará; e vós podereis dizer com prazer: fui de alguma utilidade para isso.

Até Sabado pois, ao lado do fogo, uma boa conversa.

Beijo-vos com ternura.

CLOTILDE DE VAUX.

Augusto Comte respondeu no Venerdia seguinte.

Centezima-vigezima-oitava carta

Venerdia de manhan 26 de Dezembro de 1845 (meio-dia).

Felicito-me, minha carissima Clotilde, de vos haver falado em luvas ante-hontem, pois que isso conduziu-vos a romper um silencio que começava a tornar-se-me penozo. A multiplicidade e a regularidade das nossas felizes entrevistas devem, sem duvida, diminuir doravante a atividade ordinaria da nossa cara correspondencia. Embora eu tenha previsto porem essa reação natural de um preciozo melhoramento, não pude experimentar, a este respeito, uma interrupção que, ha quatro mezes, não havia durado pretanto, sem que o meu coração sentisse vivamente a precizão de uma ordem de relações que as mais livres entrevistas estão longe de tornar inutil. Por maior que seja a felicidade de vos contemplar escutando-vos, só a continuidade dela poderia fazer-me esquecer a satisfação de vos ler e de vos escrever.

Sem ratificar os escrupulos que inspirárão a vossa terna reprehensão especial, respeito-os demaziado para não me conformar com eles. Rezervemos pois, para a primavera, como o dezejais, essa quitação da minha pequena divida, apezar do meu dezejo de aproveitar de um afortunado uzo anual para cumprir hoje essa amigavel obrigação. Deixai-me sómente, a este propozito, acalmar de novo as vossas nobres inquietudes quanto aos minimos serviços que vos dignastes aceitar até aqui. Os meus embaraços passageiros não se podem agravar assás para tornar-me oneroza em nada tal intervenção, á qual espero que, segundo a vossa

cordial promessa, não hezitareis jamais em recorrer sendo precizo.

Vendo findar o primeiro ano da nossa precioza ligação, não me posso impedir de voltar sobre o conjunto das poderozas impressões que m'a reprezentarão sempre como a éra mais memoravel da minha vida privada. Então surgiu em mim o unico verdadeiro amor, a um tempo puro e profundo, que comportava o meu destino. A eminente natureza do ente adorado permite a minha madureza, mais feliz do que a minha mocidade, de saborear em toda a sua plenitude as mais delicadas emoções da humanidade. Assegurando a minha ventura pessoal, esse renacimento moral tende tambem a aperfeiçoar a minha missão social, que doravante exige uma preponderancia crecente dos sentimentos sobre as idéias. A minha santa paixão permitiu-me aliás suportar, sem quazi perceber, uma perseguição passageira, e mesmo um grave dezapontamento de amizade. Dissipando os meus embaraços materiais, o novo ano far-me-á saborear ainda melhor a felicidade imprevista que vos devo. A doce rezignação que me precreve o estado prezente do vosso coração afastará em breve a inevitavel perturbação fizica rezultante de tal abalo inicial; a minha afeição saberá dignamente gozar do prezente, sem solicitar antes de tempo modificações cuja principal condição é constituida por uma inteira espontaneidade.

Quanto a vós, minha terna amiga, permiti-me felicitar me de que o ano que viu nacer a nossa casta intimidade haja tambem visto começar a vossa volta á saude e a vossa reconciliação com a vida.

O ano novo vai necessariamente consolidar e completar esse duplo progresso. Após tantas dôres ecepcionais, ele parece destinado a deixar enfim surgir ao mesmo tempo a vossa modesta independencia e a vossa justa nomeada, em consequencia natural da nobre elaboração que tão felizmente concebestes para tirar dos vossos proprios sofrimentos uma alta utilidade geral. Escapareis dignamente a um despotismo fundado na afeição, sem expôr a vossa existencia literaria a uma tirania muito mais opressiva, quazi sempre entregue a ignobeis inspirações. Repelindo uma odioza tentativa, rezististes nobremente ao vulgar engodo de uma publicidade vasta e imediata embora efemera. O jornalismo achar-vos-á, pois, cada vez mais rezolvida a recuzar-lhe toda e qualquer concessão dezagradavel.

Por maior que seja ainda o seu funesto acendente, ele sofre vizivelmente uma rapida decadencia, consequencia inevitavel do seu imoral exercicio. Sem renunciar á sua assistencia enquanto ela permanecer honoravel, a vossa nomeada não será a primeira, mesmo feminina, que saberá, sendo precizo, vir á luz independentemente de tal apoio.

Recebei, minha Clotilde, com terna indulgencia, esta cordial recapitulação dos meus agradecimentos, das minhas esperanças, e dos meus votos. Ate amanhan, pois, a livre conversa do santuario.

Amor e respeito eternos

A^TE^ COMTE.

Não vos apresseis em prometer as nossas cadeiras para amanhan, porque nós teremos talvez *Il Barbieri*, que eu saboreei hontem.

Clotilde respondeu na mesma tarde.

Centezima-vigezima-nona carta

Venerdia á tarde 26 de Dezembro de 1845.

Meu caro amigo, si tendes um *barbeiro* amanhan, eu vos peço que o rezerveis para alguma dama menos asmatica do que eu. A minha melhora não é e não póde ser ainda sinão um castelo vacilante; é precizo que o tempo secunde um pouco o medico e o doente.

Tenho sofrido muito dos meus bronchios nestes ultimos dias, e creio que me decidiria a um vezicatorio, si M. Grandchamp me prometesse que isso teria rezultado.

Deixai-me agora ralhar-vos um pouco pela perzistencia com que voltais á pequenina confidencia que vos fiz. No lugar de M. M...*, muitos homens terião feito como ele ou ainda peior. Ele limitou-se a armar-me laços vizi-veis, e não creio que esteja disposto, nem a se vingar, nem a me atormentar por cauza da minha razão. E' um homem leviano, com quem não contaria sinão a titulo de bom escritor. Mas eu ocupo-me antes de tudo de fazer bem o que faço.

Lamentei muito haver aproveitado com demaziado apressuramento da autorização que, na ocazião, me havieis dado para publicar a Santa Clotilde. Só esse passo da

* Trata-se de Armand Marrast.— R. T. M.

minha parte pôde fazer-lhe crer, ou que vos intrometieis entre mim e ele, ou que creis para mim mais do que aquilo de que perante ele honrei-me de serdes. Não sei o verdadeiro motivo da sua frieza para convosco: penso sómente que não a cauzei em nada. Peço-vos, pois, meu caro amigo, que me deixeis considerar esse lado como um recurso possivel. Ser-me-ia preciozissimo estreiar assim, e eu sou muito boa guarda da minha vontade nos grandes assuntos. Sempre tive intimidades entre os homens; conheço-os melhor do que ás mulheres.

Boa-tarde, meu caro amigo; passai mais forte do que eu. Entretanto estou trabalhando bem; mas a minha poltrona ou o meu leito são os meus melhores calmantes: os passeios ficarão para o verão, pelo que vejo: tenho bem bom ar aqui felizmente.

Vossa de todo coração.

CLOTILDE DE V.

Augusto Comte não podia se conformar com a pouca importancia que Clotilde atribuia ao procedimento de Marrast. Tendo, porem, recebido a carta de Clotilde poucas horas antes da sua vizita de Sabado 27 de Dezembro, entendeu que o seu cavalheirismo lhe impunha o dever de não fazer então a minima aluzão a tal respeito. Só no Domingo á tarde 28 de Dezembro manifestou as penozas emoções que desde a revelação de Clotilde o affligião.

Centezima-trigezima carta

Domingo á tarde 28 de Dezembro de 1845 (2 h.)

Consagrando á vossa amigavel reprehensão uma carta cuja leitura devia sómente preceder de algumas horas a minha vizita acostumada, querieis, sem duvida, minha cara Clotilde, indicar-me hontem um dezejo especial de evitar, a este respeito, qualquer conversa. Felicito-me por haver-me exatamente conformado com essa criterioza intenção, que o fortunado atrativo da nossa entrevista dispunha-me aliás a respeitar. Mas esse assunto parece-me agora exigir uma explicação escrita, que dispensar-nos-á, espero eu, de voltar a ele. Sabeis que não posso dar a M. Armand Marrast a honra de ter ciume dele sob aspeto algum, sobretudo quanto a uma pessoa capaz de apreciar-nos ambos. Todavia, sem esse esclarecimento especial, poderieis crer que o seu mau procedimento para comigo,

glaterra, parece que os livres pensadores deverião ali sentir melhor a importancia de possuirem alhures um digno orgão sistematico das dispozições filozoficas que eles são obrigados a dissimular diariamente. Seria, como em outros tempos, utilizar felizmente, para a evolução ingleza, as vantagens politicas que o conjunto do passado proporcionou á França, á Alemanha, etc., em uma marcha, intelectual e social, comum a todo o nosso Ocidente.

Uma apreciação tão sensivel não póde haver escapado a tais espiritos sinão sob a influencia despercebida dos deploraveis prejuizos nacionais que, na Inglaterra, ainda mais do que no continente, fazem cegamente repelir toda empreza concebida e executada fóra.

A evolução ingleza não póde mais dar passo algum capital, si aqueles que querem dirigí-la não renunciarem francamente a essas dispozições anti-européas que não podião convir sinão á antiga opozição. Na Inglaterra, como alhures, a metafizica negativa exgotou doravante a sua principal eficacia politica; o progresso social não póde mais achar ahi sahida decisiva sinão pelo pozitivismo, cuja elaboração sistematica, diretamente destinada a uma regeneração mental e moral, deve sobretudo consumar-se em França, mediante uma ativa cooperação de todos os pensadores ocidentais. Enquanto o partido progressista conservar o seu velho espirito de izolamento britanico, ele permanecerá, apezar de vãos sintomas passageiros, cada vez mais inferior ao partido conservador, que pelo menos sabe por toda parte elevar-se hoje acima do simples ponto de vista nacional. Não é satisfazer a essa inevitavel condição do concurso ocidental ligar as intrigas dos agitadores inglezes ás dos trapalhões francezes; é precizo doravante muito mais para achar-se verdadeiramente ao nivel da situação fundamental. O principal interesse social devendo hoje ligar-se por toda parte, quanto ao movimento regenerador, á porção dele que é comum ás diversas populações de elite, é precizo que os espiritos inglezes habituem-se a segundar regularmente, pelos meios que lhes são peculiares, operações evidentemente destinadas a todo o Ocidente, mas cujo centro essencial não póde agora ser britanico. Sem duvida, a repulsão empirica experimentada na Inglaterra por um criteriozo projeto de revista pozitiva não impedirá a sua realização, talvez proxima, unica apta por toda parte para afastar a um tempo as utopias anar-

chicas e os principios retrogrados. Porem vistas mais largas e sentimentos mais elevados nos principais chefes do movimento inglez terião apressado muito e aumentado a eficacia de tal intervenção social da nova filozofia.

O conjunto da conduta tida para comigo na Inglaterra não foi pois digno finalmente nem do alto interesse geral que a ela se prendia, nem do nobre elance que parecia a principio indicar uma justa apreciação de tal fito.

Uma legitima solicitude pessoal poderá obrigar-me a tornar publico similhante juizo filozofico, quer no prefacio da minha segunda grande obra, quer mesmo antes, por ocazião de uma segunda edição do meu livro fundamental, afim de explicar convenientemente os entraves que vão sem duvida experimentar assim os meus trabalhos. Violentamente despojado da metade de uma renda que era apenas suficiente, não posso, nem quero, a menos de insuperavel necessidade, reduzir-me a outra metade, como o esperão talvez alguns daqueles que, do seio da opulencia, prescreverião de bom grado aos pensadores que se limitassem aos tres ou quatro shellings materialmente indispensaveis á sua existencia quotidiana. Durante a primeira metade da minha carreira filozofica, sacrifiquei plenamente a minha vida privada á minha vida publica, para melhor cumprir a minha missão fundamental. Depois de ter dignamente pago a minha principal divida para com a Humanidade, adquiri o direito de voltar doravante ao estado normal fazendo concorrer as minhas modestas satisfações pessoais para o melhor dezenvolvimento das minhas funções sociais, sem permitir que ninguem regule arbitrariamente tal harmonia interior, cujas verdadeiras condições só eu posso conhecer. Todo o meu passado garante aliás suficientemente que por ahi não merecerei nunca, em nenhum grau, a censura filozofica que eu tive altamente de lançar sobre a deploravel avidez pecuniaria que a nossa anarchica situação tanto propagou na classe especulativa. Porem, continuando a restringir-me ás mais justas conveniencias privadas, sem mesmo tomar mais cuidado do que até aqui do meu futuro material, a minha opressão atual não me permite satisfazer a essas legitimas exigencias sinão recorrendo a penozas ocupações profissionais que absorverão necessariamente uma notavel parte do tempo reclamado pela minha elaboração filozofica. Esses obstaculos não poderão jamais impedir-me, a menos de morte prematura,

glaterra, parece que os livres pensadores deverião ali sentir melhor a importancia de possuirem alhures um digno orgão sistematico das dispozições filozoficas que eles são obrigados a dissimular diariamente. Seria, como em outros tempos, utilizar felizmente, para a evolução ingleza, as vantagens politicas que o conjunto do passado proporcionou á França, á Alemanha, etc., em uma marcha, intelectual e social, comum a todo o nosso Ocidente.

Uma apreciação tão sensivel não póde haver escapado a tais espiritos sinão sob a influencia despercebida dos deploraveis prejuizos nacionais que, na Inglaterra, ainda mais do que no continente, fazem cegamente repelir toda empreza concebida e executada fóra.

A evolução ingleza não póde mais dar passo algum capital, si aqueles que querem dirigí-la não renunciarem francamente a essas dispozições anti-européas que não podião convir sinão á antiga opozição. Na Inglaterra, como alhures, a metafizica negativa exgotou doravante a sua principal eficacia politica; o progresso social não póde mais achar ahi sahida decisiva sinão pelo pozitivismo, cuja elaboração sistematica, diretamente destinada a uma regeneração mental e moral, deve sobretudo consumar-se em França, mediante uma ativa cooperação de todos os pensadores ocidentais. Enquanto o partido progressista conservar o seu velho espirito de izolamento britanico, ele permanecerá, apezar de vãos sintomas passageiros, cada vez mais inferior ao partido conservador, que pelo menos sabe por toda parte elevar-se hoje acima do simples ponto de vista nacional. Não é satisfazer a essa inevitavel condição do concurso ocidental ligar as intrigas dos agitadores inglezes ás dos trapalhões francezes; é precizo doravante muito mais para achar-se verdadeiramente ao nivel da situação fundamental. O principal interesse social devendo hoje ligar-se por toda parte, quanto ao movimento regenerador, á porção dele que é comum ás diversas populações de elite, é precizo que os espiritos inglezes habituem-se a segundar regularmente, pelos meios que lhes são peculiares, operações evidentemente destinadas a todo o Ocidente, mas cujo centro essencial não póde agora ser britanico. Sem duvida, a repulsão empirica experimentada na Inglaterra por um criteriozo projeto de revista pozitiva não impedirá a sua realização, talvez proxima, unica apta por toda parte para afastar, um tempo as utopias anar-

chicas e os principios retrogrados. Porem vistas mais largas e sentimentos mais elevados nos principais chefes do movimento inglez terião apressado muito e aumentado a eficacia de tal intervenção social da nova filozofia.

O conjunto da conduta tida para comigo na Inglaterra não foi pois digno finalmente nem do alto interesse geral que a ela se prendia, nem do nobre elance que parecia a principio indicar uma justa apreciação de tal fito.

Uma legitima solicitude pessoal poderá obrigar-me a tornar publico similhante juizo filozofico, quer no prefacio da minha segunda grande obra, quer mesmo antes, por ocazião de uma segunda edição do meu livro fundamental, afim de explicar convenientemente os entraves que vão sem duvida experimentar assim os meus trabalhos. Violentamente despojado da metade de uma renda que era apenas suficiente, não posso, nem quero, a menos de insuperavel necessidade, reduzir-me a outra metade, como o esperão talvez alguns daqueles que, do seio da opulencia, prescreverião de bom grado aos pensadores que se limitassem aos tres ou quatro shellings materialmente indispensaveis á sua existencia quotidiana. Durante a primeira metade da minha carreira filozofica, sacrifiquei plenamente a minha vida privada á minha vida publica, para melhor cumprir a minha missão fundamental. Depois de ter dignamente pago a minha principal divida para com a Humanidade, adquiri o direito de voltar doravante ao estado normal fazendo concorrer as minhas modestas satisfações pessoais para o melhor dezenvolvimento das minhas funções sociais, sem permitir que ninguem regule arbitrariamente tal harmonia interior, cujas verdadeiras condições só eu posso conhecer. Todo o meu passado garante aliás suficientemente que por ahi não merecerei nunca, em nenhum grau, a censura filozofica que eu tive altamente de lançar sobre a deploravel avidez pecuniaria que a nossa anarchica situação tanto propagou na classe especulativa. Porem, continuando a restringir-me ás mais justas conveniencias privadas, sem mesmo tomar mais cuidado do que até aqui do meu futuro material, a minha opressão atual não me permite satisfazer a essas legitimas exigencias sinão recorrendo a penozas ocupações profissionais que absorverão necessariamente uma notavel parte do tempo reclamado pela minha elaboração filozofica. Esses obstaculos não poderão jamais impedir-me, a menos de morte prematura,

de acabar a grande obra começada este ano, e que constitúi, a todos os respeitos, o principal dos quatro tratados anunciados no fim do meu livro fundamental como devendo completar o conjunto da minha missão. Todavia, essa perturbação material poderá sensivelmente retardar essa primeira operação; e mesmo, si a perseguição prolongar-se demaziado, ela interdir-me-á talvez inteiramente os outros tres.

E' afim de atenuar de antemão, tanto quanto depende de mim, esse ultimo dezastre, que me decidi recentemente a proporcionar, na minha obra atual, um justo acesso primitivo ás diversas vistas incidentes que se aprezentarem então como especialmente peculiares ás seguintes, sem entretanto tornar inutil a sua elaboração ulterior, si ela me fôr possivel.

Ora, deixando ignorar ao publico os verdadeiros motivos das diversas infrações involuntarias que podem assim experimentar solenes promessas, que não ecedião nem as minhas forças, nem a minha idade, eu incorreria injustamente em uma censura que devo dignamente rejeitar sobre a malvadeza dos meus inimigos, a fraqueza dos meus chefes, e a tibieza dos meus amigos. Não seria inutil, aliás, para a educação moral da Humanidade, assinalar nitidamente á posteridade um exemplo tão carateristico do prejuizo que póde sofrer a sociedade em consequencia da sua vergonhoza incuria para com os orgãos especiais dos seus mais eminentes progressos.

E' pois a todos os respeitos, um dever para mim, si, com efeito, os meus trabalhos se acharem assim notavelmente entravados, explicar altamente as verdadeiras cauzas disso, afim de que uma inevitavel responsabilidade se ligue a quem de direito, na proporção de cada participação efetiva em tal rezultado.

Nessa indispensavel expozição, serei naturalmente levado a comparar a conduta dos meus patronos inglezes com a dos meus chefes francezes. Uns e outros testemunhárão a principio, por uma digna intervenção, a sua plena convicção da iniquidade da perseguição dirigida contra mim, e a sua sincera intenção de prevenir os perigos que me ameaçavão; mas, de ambos os lados, a proteção malogrou-se afinal, por falta de perzistencia da vontade tutelar. A fraqueza do governo francez, em um cazo tão evidente e tão simples, foi justamente censurada na Inglaterra,

em virtude do irrecuzavel dever que tinhão os meus chefes oficiais de garantir-me contra uma injustiça que eles tinhão altamente reconhecido; essa obrigação achava -se aliás fortificada pela consideração dos serviços especiais que eu tinha prestado no posto que me era roubado, imprimindo, apezar de muitos entraves, um impulso que, segundo a confissão dos juizes imparciais, levantou, em França, o ensino matematico.

Quando a expoliação foi consumada, nada dispensava para comigo de uma digna e pronta reparação, que diversos meios tornavão facil. Sob esse aspeto, como o observastes então, meu caro senhor Mill, o ministro Guizot merece certamente uma censura particular, por não haver tentado nada a este respeito, apezar de formais convites, embora ele conheça pessoalmente, ha vinte anos, o alcance das minhas vistas e a pureza das minhas intenções. Mas si, a esses diversos titulos, os meus protetores na Inglaterra acuzárão justamente a fraqueza do nosso governo, eles -mesmos incorrêrão afinal, pela sua tibieza, em reproches pelo menos equivalentes; de ambas as partes manifesta-se essa falta espontanea de energia e de perzistencia que carateriza sempre as semi-vontades atuais, em consequencia de insuficientes convicções gerais. O governo francez não tinha que ver em mim sinão o funcionario injustamente perseguido, cuja existencia publica ele devia defender; ele não podia oficialmente considerar a minha importancia filozofica. Ao contrario, é sobretudo como filozofo que eu fui apreciado pelos meus patronos inglezes, que, tendo reconhecido a alta utilidade dos meus trabalhos, acreditárão-se moralmente obrigados a impedir a sua interrupção. A mesma convicção fundamental, que faz acolher o pozitivismo pelas suas eminentes propriedades filozoficas e politicas, impõe tambem inevitaveis deveres para com a sua elaboração e a sua propagação sistematicas. Em tal solidariedade, inherente a toda verdadeira teoria geral, a moral pozitiva será, pela sua natureza, mais severa ainda do que devêrão sê-lo a moral teologica e a moral metafizica, por tender a prevenir ou afastar todos os subterfugios pelos quais essas vagas doutrinas deixavão iludir muitas vezes as suas legitimas prescrições. Si a negligencia de um dever torna-se tanto mais censuravel quanto mais facil era a sua observancia, a tibieza dos meus protetores inglezes merece aqui mais

reproches do que a fraqueza dos meus chefes francezes. A animozidade de poderozas camarilhas sientificas, apoiadas por imponentes preconceitos publicos, sucitava ao nosso governo graves dificuldades especiais para garantir-me suficientemente. Ao contrario, os meus opulentos patronos da Inglaterra podião facilmente neutralizar a perseguição organizada contra mim, pela simples concessão de alguns ligeiros subsidios anuais, tão inferiores aos livres sacrificios privados que os costumes inglezes determinão nobremente para tantas outras destinações publicas, mesmo de uma utilidade fraca ou duvidoza.

Cada um devendo suportar a responsabilidade de todos os seus atos voluntarios, eu adquiri pois o direito de censurar moralmente todos os que, recuzando, de diversas maneiras, a sua justa intervenção, sientemente concorrêrão para deixar um consienciozo filozofo lutar sózinho contra a penuria e a opressão; de maneira a consumir em funções subalternas tantos dias preciozos da sua plena madureza, que devia ficar consagrada toda inteira a uma livre elaboração cuja importancia não é mais contestada. A insuficiencia final da dupla proteção esboçada para comigo não me dispensará jamais do reconhecimento que devo, de ambos os lados, não sómente ás nobres intenções que a ditárão, mas tambem á sua primeira eficacia parcial.

Sem garantir-me da perseguição, a demonstração oficial do governo francez permitiu-me felizmente evitar então todo apelo ao publico, em um cazo cuja iniquidade achava-se assim solenemente caraterizada. Ao mesmo tempo, a generozidade primitiva dos meus patronos inglezes retardou utilmente de um ano os meus diversos embaraços materiais, de modo a prevenir sobretudo o perigozo abatimento moral em que me podia lançar uma demaziado brusca perturbação.

O Sr. Augusto Comte, ex-examinador para a Escola politecnica, deve a essa dupla influencia uma intima gratidão pessoal, que ser-lhe-á sempre doce proclamar; mas o autor do *Sistema de filozofia pozitiva* não poderá dispensar-se de assinalar convenientemente ao publico imparcial um duplo abandono que se torna hoje cumplice involuntario de uma iniquidade notoria.

Em virtude das inquietações e dos passos inherentes á minha pozição atual, sem contar as minhas corvéas diarias e os cuidados de uma saude recentemente perturbada,

alem das minhas ocupações filozoficas, não estareis, espero eu, meu caro senhor Mill, nem sorprehendido, nem chocado com a demora dezuzada que tive desta vez na nossa precioza correspondencia, que retomará, em breve, sem duvida, o seu curso e o seu carater acostumados. A natureza desta carta ecepcional me determina a autorizar-vos expressamente a comunicá-la tanto quanto o julgardes conveniente, contanto que seja sempre a titulo de simples confidencia individual, louvando-me inteiramente, quanto ás escolhas pessoais, no vosso cordial criterio, que tanto me tem servido até aqui.

Todo vosso,

A^te^ COMTE.

Estou inquieto pelos nossos amigos Austin, dos quais nada sei desde que partírão, em Abril, para Carlsbad, embora ambos me tivessem prometido formalmente escrever-me. Visto o triste estado do marido, esse silencio faz-me temer um dolorozo desfecho. Poderieis dar-me noticias exatas deles, mediante as informações diretas dos diversos parentes que têm em Londres? (CARTAS A STUART MILL, ps. 374-392.)

X

> Crêde, minha Clotilde, que a rezerva com a qual a minha paixão por vezes affligiu-se parece-me afinal indispensavel, enquanto perzistir o estado prezente do vosso coração.
>
> (*126ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

As amargas reflexões dessa carta mal puderão ocupar o espirito do nosso Mestre enquanto a sua pena as retraçava. E, mesmo então, era a lembrança das reações que a sua sorte material teria sobre a penoza situação de Clotilde e sobre o prehenchimento da sua missão social que sobretudo o affligia. Dezembaraçado, pois, da dolorosa resposta a Stuart Mill, o pensamento do terno Pensador não tardou em absorver-se novamente de todo na meditação dos sofrimentos e das virtudes da sua santa Inspiradora. O estado melindrozo em que Ela se separára dele no Mercuridia 17 de Dezembro figura-se mais dolorozamente á sua imaginação, e o enche de crueis aprehensões. Nesse dezassocego passa a noite de Jovedia, e na manhan do dia seguinte decide-se a escrever-lhe.

guidor, facilita muito a sua reparação, para a qual orgãos mais numerozos podem então concorrer sem perigo. Um inevitavel enfraquecimento passageiro da moral publica, em virtude do progresso natural de uma tranzição anarchica, e uma absorção gradual das atribuições espirituais pela autoridade temporal, produzirão habitualmente, em nossos dias, o esquecimento especial desses deveres sociais. Os novos grandes, isto é, os ricos, acreditárão-se possuidores, a titulo absoluto, e dispensados de toda obrigação moral quanto ao uzo diario da sua fortuna. Eles tendem a exonerar-se de todo protetorado voluntario, de uma parte sobre os esforços individuais de cada oprimido, de outra parte sobre a intervenção crecente do poder publico. Mas o curso natural do estado revolucionario, dezenvolvendo os principais inconvenientes da anarchia mental e moral, deve fazer sobresahir melhor a necessidade de reanimar, a este respeito, sob fórmas convenientes, as dispozições verdadeiramente sociais, quer por um urgente interesse publico, quer mesmo para a propria seguridade da classe preponderante. Esta acha-se assim especialmente exposta doravante aos perigos crecentes do genero de aberrações anarchicas que, sob o nome de *comunismo*, começa a adquirir, em todo o Ocidente europeu, quazi tanto como em França, uma terrivel consistencia sistematica; essas dezastrozas utopias recebem cada vez mais uma dupla sanção espontanea, quer dos incontestaveis abuzos da riqueza atual, quer tambem dos preconceitos reinantes sobre a medicação excluzivamente politica de todas as nossas molestias sociais. Um vasto surto voluntario das obrigações morais inherentes á fortuna constitúi hoje, para os ricos, o unico meio duradouro de escapar a tiranicas prescrições politicas, satisfazendo dignamente o que encerra de legitimo o espirito subversivo que impele gradualmente os proletarios contra os proprietarios. Ao mesmo tempo, uma eminente destinação geral, profundamente ligada a esse poderozo interesse de classe, oferece naturalmente ás grandes fortunas particulares um objetivo determinado de nobre protetorado contínuo para os trabalhos filozoficos que devem constituir enfim uma verdadeira teoria social propria para esclarecer a situação e dirigir a reorganização.

Durante uma geração pelo menos, esses indispensaveis trabalhos não podem achar apoio essencial nos poderes publicos, demaziado absorvidos pelas dificuldades mate-

riais, e aliás involuntariamente antipaticos a toda renovação radical das opiniões humanas.

Por outra parte, essa nova filozofia devendo, pela sua natureza, chocar quazi tanto os preconceitos revolucionarios das populações como as inclinações retrogradas dos governos, o seu digno surto deverá longo tempo efetuar-se independentemente de toda popularidade. E' pois sobretudo por altas munificencias privadas que será a principio protegida essa grande operação especulativa, embora ela deva afinal repouzar sobre as simpatias populares, e mesmo sobre a assistencia oficial.

No cumprimento de tal dever, os ricos acharão aliás a dupla vantagem espontanea de esboçar assim a organização gradual do imenso protetorado voluntario que constituirá enfim o principal oficio deles, e de dissipar radicalmente as aberrações anarchicas que lhes ameação a existencia social.

Uma importante ocazião aprezentou-se recentemente de começar, por um exemplo decizivo, essa indispensavel aliança entre o pensamento e a riqueza, que deve doravante fornecer o principal ponto de apoio dos diversos esforços destinados a preparar gradualmente a verdadeira reorganização moderna. Embora o cazo me seja pessoal, ele é demaziado carateristico para que eu me abstenha de apreciá-lo.

Evitando as iluzões e os exageros peculiares á personalidade, é precizo saber dignamente sobrepujar viciozos escrupulos, que, tendendo a afastar os mais luminozos documentos, não podem finalmente aproveitar sinão aos diversos inimigos da razão e da Humanidade.

Aos olhos dos mais eminentes pensadores do nosso tempo, a minha obra fundamental lançou enfim todas as bazes essenciais de uma virdadeira filozofia, propria para satisfazer as principais exigencias, quer mentais, quer sociais, da situação atual das populações ocidentais. Eu acabei de constituir irrevogavelmente o metodo pozitivo, pela sua extensão conveniente aos estudos mais dificeis e mais importantes, ao mesmo tempo que estabeleci o principio direto de uma nova doutrina geral, descobrindo a lei necessaria do conjunto da evolução humana. Ora, a inteira publicação desse sistema coincidiu com a dezastroza consumação de uma iniquidade pessoal, que, longe de oferecer um carater acidental, rezultava sobretudo de uma

inevitavel luta entre o verdadeiro espirito filozofico e o mau espirito sientifico, reprezentados cada um pelo seu orgão atual mais pronunciado.

Injustamente despojado repentinamente da metade dos meus recursos materiais indispensaveis á minha laborioza existencia, achei logo um honoravel apoio na generoza intervenção privada de alguns poderozos apreciadores. Felicitando-me por escapar assim á perseguição, considerava aliás esse nobre patrocinio como destinado sobretudo a fornecer, na minha pessoa, a todos os verdadeiros filozofos, uma primeira garantia de seguridade contra a terrivel animozidade das paixões e dos preconceitos que os seus consienciozos trabalhos devem hoje chocar involuntariamente. Era para melhor assegurar essa salutar influencia geral que me propunha a dar uma conveniente publicidade á justa expressão do meu reconhecimento particular.

O uzo de fornecer subsidios voluntarios aos orgãos sistematicos das nossas convicções, estando hoje consagrado por toda parte, quer no partido retrogrado, quer entre as diversas frações do partido revolucionario, e extendendo-se mesmo ás seitas mais extravagantes, devia-se pouco espantar que o pozitivismo nacente obtivesse tambem uma minima assistencia analoga de algumas simpatias de elite. Essa ativa solicitude oferecia-me ao mesmo tempo uma justa recompensa dos grandes trabalhos já consumados e uma afortunada garantia da serena execução dos que eu tinha anunciado como peculiares á segunda metade da minha carreira filozofica. Depois de ter fundado a nova filozofia, restava-me sobretudo sistematizar diretamente a doutrina social que deve constituir o seu principal carater e determinar o seu acendente final.

A minha primeira elaboração tendo tornado irrecuzavel a superioridade intelectual do pozitivismo, eu devia doravante estabelecer não menos solidamente a sua superioridade moral, a mais deciziva de todas, e a unica sériamente contestavel hoje. Tais rezultados parecião motivar, com efeito, nesses poderozos patronos, alguns ligeiros sacrificios em favor de um filozofo que, havendo chegado sómente á idade da plena madureza mental, mostrava-se capaz de cumprir dignamente todas as suas promessas.

Tratando-se de uma elaboração que, apezar da sua origem franceza, correspondia evidentemente a uma necessidade comum ás cinco grandes nações ocidentais, parecia-me

natural que essa proteção privada se realizasse primeiro na Inglaterra, quer em razão de uma mais forte concentração de riquezas, quer sobretudo em virtude de um melhor habito dos livres patrocinios particulares. Eu devia, pois, contar que esse nobre apoio, prevenindo toda perturbação dos meus trabalhos, durasse tanto quanto o perigo que o havia provocado, isto é, até o restabelecimento de uma pozição oficial equivalente áquela de que eu fôra violentamente privado. Os acontecimentos não tendo tardado a desmentir uma esperança tão natural, devi acreditar ainda que pelo menos o subsidio seria assás prolongado para permitir-me atingir sem sofrimento a epoca, evidentemente proxima, na qual os meus novos esforços pessoais me tivessem feito recobrar, por penozas ocupações quotidianas, com prejuizo da minha grande elaboração, uma renda sem a qual não podia passar. Porem essa espectativa secundaria não foi menos frustrada do que a principal, o socorro primitivo tendo mesmo sido, apezar das solicitações especiais, inteiramente recuzado por um segundo ano, com espanto de todos os que, na Inglaterra ou em França, tinhão tido conhecimento desse negocio.

Esse contraste imprevisto entre a nobreza das primeiras inspirações e a vulgaridade dos atos ulteriores provem sobretudo dessa deploravel auzencia de verdadeiras convicções que carateriza, em todos os sentidos, a epoca atual, em que não podem assim surgir sinão semi-vontades, que não chegão jamais a uma plena realização, mesmo nos mais simples cazos. Tal malogro é tanto mais decizivo quanto o modo mais conveniente foi então expressamente proposto, afim de regularizar doravante a proteção inicial, de uma maneira igualmente honoravel para mim e para os meus patronos, dando abertamente a essa assistencia privada uma importante destinação publica, quando um eminente pensador (M. Littré) concebeu o projeto, azadamente praticavel, de uma Revista pozitiva publicada sob a minha direção, e cujo principal apoio pecuniario proviria da Inglaterra. A rejeição imediata dessa feliz propozição, unicamente motivada sobre a antipatia atual dos espiritos inglezes, indica uma imperfeição de vistas, e mesmo de sentimentos, que é espantozo encontrar-se hoje nos chefes do movimento britanico. Por isso mesmo que a emancipação mental acha-se profundamente comprimida na In-

glaterra, parece que os livres pensadores deverião ali sentir melhor a importancia de possuirem alhures um digno orgão sistematico das dispozições filozoficas que eles são obrigados a dissimular diariamente. Seria, como em outros tempos, utilizar felizmente, para a evolução ingleza, as vantagens politicas que o conjunto do passado proporcionou á França, á Alemanha, etc , em uma marcha, intelectual e social, comum a todo o nosso Ocidente.

Uma apreciação tão sensivel não póde haver escapado a tais espiritos sinão sob a influencia despercebida dos deploraveis prejuizos nacionais que, na Inglaterra, ainda mais do que no continente, fazem cegamente repelir toda empreza concebida e executada fóra.

A evolução ingleza não póde mais dar passo algum capital, si aqueles que querem dirigí-la não renunciarem francamente a essas dispozições anti-européas que não podião convir sinão á antiga opozição. Na Inglaterra, como alhures, a metafizica negativa exgotou doravante a sua principal eficacia politica; o progresso social não póde mais achar ahi sahida deciziva sinão pelo pozitivismo, cuja elaboração sistematica, diretamente destinada a uma regeneração mental e moral, deve sobretudo consumar-se em França, mediante uma ativa cooperação de todos os pensadores ocidentais. Enquanto o partido progressista conservar o seu velho espirito de izolamento britanico, ele permanecerá, apezar de vãos sintomas passageiros, cada vez mais inferior ao partido conservador, que pelo menos sabe por toda parte elevar-se hoje acima do simples ponto de vista nacional. Não é satisfazer a essa inevitavel condição do concurso ocidental ligar as intrigas dos agitadores inglezes ás dos trapalhões francezes; é precizo doravante muito mais para achar-se verdadeiramente ao nivel da situação fundamental. O principal interesse social devendo hoje ligar-se por toda parte, quanto ao movimento regenerador, á porção dele que é comum ás diversas populações de elite, é precizo que os espiritos inglezes habituem-se a segundar regularmente, pelos meios que lhes são peculiares, operações evidentemente destinadas a todo o Ocidente, mas cujo centro essencial não póde agora ser britanico. Sem duvida, a repulsão empirica experimentada na Inglaterra por um criteriozo projeto de revista pozitiva não impedirá a sua realização, talvez proxima, unica apta por toda parte para afastar um tempo as utopias anar-

chicas e os principios retrogrados. Porem vistas mais largas e sentimentos mais elevados nos principais chefes do movimento inglez terião apressado muito e aumentado a eficacia de tal intervenção social da nova filozofia.

O conjunto da conduta tida para comigo na Inglaterra não foi pois digno finalmente nem do alto interesse geral que a ela se prendia, nem do nobre elance que parecia a principio indicar uma justa apreciação de tal fito.

Uma legitima solicitude pessoal poderá obrigar-me a tornar publico similhante juizo filozofico, quer no prefacio da minha segunda grande obra, quer mesmo antes, por ocazião de uma segunda edição do meu livro fundamental, afim de explicar convenientemente os entraves que vão sem duvida experimentar assim os meus trabalhos. Violentamente despojado da metade de uma renda que era apenas suficiente, não posso, nem quero, a menos de insuperavel necessidade, reduzir-me a outra metade, como o esperão talvez alguns daqueles que, do seio da opulencia, prescreverião de bom grado aos pensadores que se limitassem aos tres ou quatro shellings materialmente indispensaveis á sua existencia quotidiana. Durante a primeira metade da minha carreira filozofica, sacrifiquei plenamente a minha vida privada á minha vida publica, para melhor cumprir a minha missão fundamental. Depois de ter dignamente pago a minha principal divida para com a Humanidade, adquiri o direito de voltar doravante ao estado normal fazendo concorrer as minhas modestas satisfações pessoais para o melhor dezenvolvimento das minhas funções sociais, sem permitir que ninguem regule arbitrariamente tal harmonia interior, cujas verdadeiras condições só eu posso conhecer. Todo o meu passado garante aliás suficientemente que por ahi não merecerei nunca, em nenhum grau, a censura filozofica que eu tive altamente de lançar sobre a deploravel avidez pecuniaria que a nossa anarchica situação tanto propagou na classe especulativa. Porem, continuando a restringir-me ás mais justas conveniencias privadas, sem mesmo tomar mais cuidado do que até aqui do meu futuro material, a minha opressão atual não me permite satisfazer a essas legitimas exigencias sinão recorrendo a penozas ocupações profissionais que absorverão necessariamente uma notavel parte do tempo reclamado pela minha elaboração filozofica. Esses obstaculos não poderão jamais impedir-me, a menos de morte prematura,

profunda gratidão pela vossa inapreciavel declaração, sem ser obrigado, como ante-hontem, a juntar aos meus ternos agradecimentos, nenhuma explicação extranha. A crize secundaria que acabais assim de terminar completa a nossa grande crize de Setembro, a partir da qual, a dizer a verdade, eu tinha sempre estado mais ou menos em intima agitação moral, e por consequencia fizica. Doravante, a nossa sincera afeição, igualmente santa de ambas as partes, vai dezenvolver enfim um verdadeiro carater de profunda estabilidade, proprio para nos proporcionar toda a serena felicidade que comportão as nossas fatalidades respetivas. O estado prezente do vosso coração nos interdizendo o penhor mais natural, a vossa ternura soube achar uma garantia mais pura, e espero eu não menos eficaz, para tranquilizar-me assás contra toda preferencia ulterior mais bem conforme ao conjunto das vossas simpatias. Eu cessarei agora de ser atormentado pela inquietude quazi contínua de perder a todo instante o vinculo donde sinto cada vez mais depender a minha principal existencia moral. Não é mais de uma felicidade passageira que se trata entre nós: a nossa intimidade adquire enfim, por livre consentimento mutuo, a imponente nobreza de uma ligação que não deve acabar sinão com a vida. Tal rezultado não me parece hoje demaziado caramente comprado pelas diversas tormentas que espontaneamente o prepararão. Espero aliás que solicitações por demais ardentes vão tambem dissipar-se ao mesmo tempo que toda espectativa proxima de satisfazê-las dignamente. Desse modo conto afinal recobrar em breve a minha plena saude cerebral, sem nunca sujeitar-me a brutalidades que o meu nobre amor torna-me felizmente impossiveis. Recebei, pois, minha carissima Clotilde, essa nova e mais pura manifestação do meu reconhecimento por tão perfeito dezenlace, que eu estava longe de acreditar tão vizinho.

Segundo a vossa escolha, esperar-vos-ei pois amanhan. Pouco me importa, no fundo, que nos vejamos no Sabado em minha caza em lugar da vossa, ou em sentido inverso no Mercuridia, contanto que essas trocas ecepcionais não me fação perder, como esta semana, uma das nossas duas preciozas entrevistas hebdomadarias. A este propozito, reparo hoje uma lacuna involuntaria das minhas ultimas cartas dirigindo-vos os meus agradecimentos especiais pelo nosso feliz regimen final. O vosso terno criterio impri-

miu agora a cada uma das nossas entrevistas o seu verdadeiro carater periodico; mesmo a sua sucessão hebdomadaria, em caza deles, em minha caza, na vossa caza, reproduz uma interessante imagem do progresso natural do nosso santo comercio. Em relação aquela das tres que nos oferece doravante menos importancia, um reconhecimento especial lembrar-me-á sempre, alem do seu proprio valor como precioza sanção domestica, que ela foi por muito tempo o unico recurso do meu amor, depois de haver-lhe fornecido o ensejo.

Felicito-vos cordialmente pelo vosso recente procedimento para com o vosso irmão. A vossa superioridade moral deve sobretudo mostrar-se, a respeito dele, conservando-lhe sentimentos melhores do que os que ele tem para convosco. A esse propozito, devo mesmo agradecer-vos profundamente o haver-me, nessa grave ocurrencia, feito preencher em relação a ele, quazi mau grado meu, um oficio mais nobre do que aquele a que me reduzia a sua incuravel suficiencia * sientifica. A lição foi perigoza, a muitos respeitos; receio muitissimo que ela não seja afinal pouco proveitoza: mas pelo menos a minha consienciosa intervenção terá sido assim, graças a vós, digna de mim até o fim. De resto, me salvastes por ahi de uma incomoda dedicatoria, e me prezervastes por muito tempo de consultas embaraçozas.

O melhor estado da vossa saude fundamental impõe-me doces obrigações novas para com o doutor Grandchamp, que me felicito de vos haver dado; eu bem sabia que a sua influencia vos havia de curar e tranquilizar. Ele teve a principio alguma consideração á minha amizade: mas agora já vos conhece assás para haver tomado por vós um verdadeiro interesse direto. Quando eu o tornar a ver, ele me agradecerá por tal doente.

Sereis conduzida, sem duvida, a voltar ao banquete domestico durante toda a proxima estada do amavel Léon. Mas, para não perder nada do vosso antecedente atual, aconselho-vos a nunca aprezentar essa volta sinão como temporaria, e unicamente subordinada a esse motivo fraternal, com o qual ela deve cessar. Espero, como vós, que, antes dessa feliz vizita, tereis acabado a vossa importante

* Pareceu-nos que deviamos empregar essa palavra no sentido que se aproxima de pretenção ou prezunção, que ela tem em francez, alem das que já são comuns ás duas linguas. - R. T. M.

compozição atual, sem alterar a vossa precioza saude, apezar do retardamento natural rezultante de um dezuzo forçado.

A insuficiencia prolongada do meu sono não me impediu hontem de sentir-me, graças a vós, assás disposto para ir ouvir uma obra perfeitamente adaptada ao meu estado nervozo, a encantadora *Sonambula*, que me estava fazendo falta ha dois anos, o vosso irmão tendo tido a estréia atual. Si, como prezumo, reproduzirem amanhan essa terna e gracioza obra-prima, querereis vir apreciar Persiani e Mario nos seus melhores papeis, nos quais estiverão hontem verdadeiramente admiraveis? Já tendo de vir á minha caza amanhan, poderieis assim completar o dia aceitando um amigavel jantar, ao qual prometo-vos não ajuntar nada, e depois do qual encaminhar-nos-iamos para os Italianos; pois, por um feliz acazo, acho-me inopinadamente dispensado desta vez do meu serviço politecnico. Essa pequena festa, quazi tão imprevista para mim como para vós, inauguraria bem, parece-me, o regimen final dos nossos corações. A suave compozição termina aliás ás 10 h. 1/2, e estareis em caza ás 11 h.: ela não é tambem de tempera a fatigar-vos como a *Semiramis*. Todavia, eu não quero de modo algum correr o risco de perturbar a vossa saude nem o vosso trabalho. Embora eu esteja empenhado em fazer-vos saborear essa delicioza obra, a mais bem executada de todas as prezentes obras-primas, contaria ainda com algum outro Sabado, si acreditasseis não dever aceitá-la amanhan. Duas mizeraveis novidades, peiores, ao que dizem, do que a *Assiriana*, vão em seguida interdizer ás pessoas de gosto o acesso dos Italianos durante muitas semanas. No cazo de recuzardes, oferecería para amanhan a vossa cadeira á minha hospede de Sceaux, ou a alguma outra dama, estando muitissimo pouco contente com Félicie para propô-lh'a a não ser em terceiro ou quarto lugar. Precizo, pois, conhecer, a este respeito, a vossa livre rezolução, o mais proximamente possivel.

Adeus, minha terna e nobre amiga, digna companheira eterna do meu coração: até amanhan, em todo cazo.

Amor e respeito,

A^TE COMTE.

Esta carta foi trazida por Sofia; Clotilde tinha sahido. O porteiro entregou-lh'a á noite, quando Ela voltou da rua

Pavée. O seu contentamento foi extremo, como se vê da resposta imediata.

Centezima-vigezima-terceira carta

Venerdia á noite (11 h.) 12 de Dezembro de 1845

Meu caro amigo, espero pedir-vos ainda a tempo que disponhais da vossa cadeira para amanhan. Sahi uma hora durante o dia; foi provavelmente nesse momento que Sofia veio. O meu porteiro, não me tendo visto entrar de novo, não me entregou a vossa carta sinão á tarde, quando eu fui á caza dos meus. Respondo-vos de volta de lá, e vou dar a comissão para amanhan ás seis horas.

Agradeço-vos de todo o coração os vossos dois convites. Rezervemos para mais tarde os prazeres desse genero. Estou em uma faze de todo séria: é precizo que ela acabe.

Sinto-me feliz e ao mesmo tempo estou espantada com os agradecimentos que me endereçais. Pois esperei tão tarde para exprimir-vos o meu sincero apego e o voto que fórmo para que ele dure tanto como nós? Si é isso tudo o que vos posso prometer, o faço pelo menos afoitamente, e segundo o meu sincero impulso. Eu estou tão habituada a ver atentar contra a minha liberdade que cheguei ao ponto de temer a minha propria influencia sobre ela; e a idéia de um compromisso contrahido levianamente envenenaria o pouco repouzo que me resta. Sejamos pois amigos de todo coração, e sem combinações de futuro. O sentimento não se póde regular de antemão como o dever; por isso tambem eles diferem entre si grandemente. Em apego, em amizade, os deveres não passão de sentimentos; porem em cazamento, eles revestem o seu carater de gravidade, e é precizo tomá-los pelo que são.

Boa noite, meu caro amigo; e até amanhan. Estão dando onze horas, e a minha porteira vem buscar estas linhas.

VII

Era precizo, afim e que a nossa intimidade pudesse dezenvolver-se sem tormento, que a vossa engenhoza ternura achasse, em falta do meio natural, um outro modo qualquer tão proprio como esse para tranquilizar-me contra o abandono e prezervar-me do ciume.

(*120ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

Clotilde acabava assim de dissipar as ultimas aprehen-

sões do nosso Mestre. Feliz com a idéia de que Ela lhe prometia uma *eterna* afeição, Ele procurou sistematizar a encantadora união assim estabelecida entre o *amor* e a *amizade*. Na explozão da sua incomparavel paixão Ele havia ouzado alentar o projeto de ter Clotilde por espoza, a despeito dos obstaculos legais e dos santos preconceitos que a isto se opunhão. Mas a nobre revelação da piedoza Senhora acerca do infortunado amor que, havia dois anos, a torturava, induzíra o cavalheiresco Pensador a tentar converter o seu afeto no mais puro e fervorozo culto. Ele acreditou mesmo porventura que havia conseguido essa ambicionada metamorfoze.

Achava-se, como vimos, em tão delicioza situação, quando a crize de Setembro veiu desvanecer similhante engano: a necessidade de um vinculo conjugal ergue-se então na sua alma, mais imperiozamente do que nunca, como uma condição iniludivel para a sua felicidade. Diante, porem, da santa rezistencia de Clotilde, o nosso Mestre rezignou-se ás incomparaveis emoções que a adoração da sua imaculada Inspiradora lhe proporcionava. Essa rezignação era sustentada pelo pensamento de que a realização das suas esperanças achava-se apenas adiada para um futuro mais ou menos proximo. Nos arroubos do culto que instituíra desde a Santa Clotilde, Ele fórma todavia, por vezes, novamente o projeto de transformar o seu amor em um afeto extreme de qualquer dezejo voluptuozo. Mas todos os esforços nesse sentido são baldados: o coração não cessa de flutuar entre as ardentes aspirações por uma plena união conjugal e uma dezinteressada adoração.

Essa luta entre as doces sugestões do seu incomparavel altruismo e as energicas solicitações dos pendores pessoais, arrasta insensivelmente o nosso Mestre a ver no piedozo abandono de Clotilde uma animação crecente ás suas esperanças. Ele vai assim ao ponto de imaginar que não está longe o dia em que serião cumpridos os seus ardentes anhelos, e festeja os seus venturozos esponsais... Essa dispozição dezenvolve-se de dia para dia, apezar da candida rezerva que Clotilde mantem na sua piedoza atitude. Até que Ela vê-se na penoza contingencia de quebrar novamente a delicioza iluzão que encanta o seu cavalheiresco Adorador.

O choque que o nosso Mestre experimentou foi rude.

Mas o seu altruismo exaltado pela adoração que desde Junho o arroubava ante a imagem de Clotilde o ampara. Voltando completamente sobre si, Ele rezolve enfim conformar-se nobremente com o conjunto das fatalidades sociais e morais que o dominão. Tomando a *realidade* para a baze da sua bem-aventurança, o abnegado Filozofo procura lealmente sistematizar o que a sua situação oferece-lhe de inapreciavel felicidade, superando as amarguras que nela ainda encontra.

Apezar, porem, dos mais sinceros esforços para rezignar-se a essa combinação entre o amor e a amizade, o seu coração recuza a adaptar-se a tal estado como definitivo. Nos assomos mais venturozos do seu culto, Ele sentia surgir a duvida cruel, que rezultava do involuntario vazio em que se achava o coração de Clotilde. Pois que não o amava com a afeição de espoza, quem ouzaria garantir que outro não fosse capaz de despertar-lhe esse inestimavel sentimento? A lealdade de Clotilde não podia defendê-lo contra uma paixão cujo irrezistivel acendente Ele experimentava naquele momento mesmo! Mas o nosso Mestre se esforçava por dissipar tão sombrias aprehensões...

A recepção de Sabado 13 de Dezembro foi pois encantadora. Clotilde despediu-se radiante com o estado feliz em que achou e deixou o cavalheiresco Pensador. O afeto que Ela lhe votava cada vez mais se arraigava na sua alma. No seu intimo, Ela não acreditava que jamais homem algum fosse capaz de lhe despertar os sentimentos que o nosso Mestre lhe inspirava.

No Domingo 14 de Dezembro preparava-se para testemunhar a Augusto Comte o seu reconhecimento pela recepção da vespera, quando foi sorprehendida pela vizita de M^me^ Marrast. Esse inesperado acontecimento a encontrava realmente em condições bem propicias. Os atritos domesticos que tanto a agoniavão se tinhão dissipado nos ultimos dias. A sua terna solicitude conseguíra harmonizar a cavalheiresca paixão de Augusto Comte com os santos escrupulos que o amor por Ele lhe sucitava. Parecia-lhe, pois, que a sua existencia inaugurava afinal a faze de virtuoza felicidade que sempre ambicionára: ser feliz porque via felizes a quantos amava, sem afligir nem ofender a ninguem. E o sentimento dessa ventura traduz-se na carta que dirigiu então ao nosso Mestre.

Centezima-vigezima-quarta carta

Domingo á tarde 14 de Dezembro de 1845.

Tomava a pena para agradecer-vos a boa e ecelente recepção de hontem, meu caro amigo, quando uma bela dama interrompeu-me batendo na minha porta. Era Mme Marrast, e esteve na verdade ecelente mulher. Testemunhou-me com gosto o seu dezejo de ver-me e o seu pezar por não haver podido pagar mais cedo a minha vizita; ha bem pouco tempo que sai, disse-me ela. Fez-me questões sobre os papeis que estava vendo, e perguntou-me si eu tinha *acabado* alguma coiza. Julguei, pelos seus *modos*, que eu não seria mal acolhida na minha volta ao *Nacional*. Estou contente com isso: sabeis que não é no meu amor-proprio, mas bem no meu coração.

Quizera saber andar com mais dezembaraço na minha faina; tenho as idéias, mas o *fazer* é ainda para mim muito novo; e eis ahi o que me fatiga para pouquissimo rezultado; isso me ha de vir como aos outros, e então talvez eu ganhe como eles amplamente a minha vida.

Quanto vos associo a um tal dezenlace! Jamais esquecerei de quantas maneiras adoçastes o meu caminho, e ficaria bem *orgulhoza* de proporcionar-vos a meu turno alguns prazeres.

Eu tinha todos esses pensamentos no coração quando vos deixei hontem: não vades atribuí-los á vizita de Mme Marrast. Todas as vezes que tenho encontrado em vós os meus sintomas passados, tenho ficado de mau humor contra a sorte que preparou-me pezares de toda ordem. Mas, si eu conseguir fazer-vos amar a minha amizade, dar-lhe-ei em troca grandes ações de graças. Cuidai bem de vós, meu caro amigo. Si eu não receiasse molestar-vos, pedir-vos-ia os meus Mercuridias durante tres ou quatro semanas, e iria ver-vos aos Sabados. Isto me daria alguns dias seguidos para trabalhar. Si me acontecesse então ser obrigada a tomar alguma folga, eu a empregaria em vos ir ver um momento. Véde pois si consentís nisso. Sabeis que vos considero como parente proximo. Retomariamos os nossos habitos logo que a heroina estivesse no prélo. Até amanhan, e me escrevereis depois. A paz da minha solidão me secunda muito bem no emprego dos meus remedios, e eu espero não morrer como um murrão de lampada.

Beijo-vos ternamente.

CLOTILDE.

VIII

Eu vos veria com profundo pezar aproximar-vos demaziado de um meio tão perigozo.

(125ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.)

No Lunedia, Augusto Comte encontrou-se com Clotilde na rua Pavée, e esse encontro foi um novo incentivo para a beatitude em que se via. Só no Martedia 16 de Dezembro, a 1 hora, recebeu a carta precedente, e ela cauzou-lhe uma penoza impressão. Os seus alarmas crecem e tornão-se insistentes no que respeita aos perigos do jornalismo. A suspensão, embora provizoria, das vizitas de Mercuridia o enche de vagas aprehensões pela sorte do seu amor. Respondendo entretanto a Clotilde nessa mesma tarde, se esforça por dominar as dolorozas emoções que o amargurão.

Centezima-vigezima-quinta-carta

Martedia 16 de Dezembro de 1845 (3 h.)

Em consequencia de uma distração do correio, é sómente hoje, a 1 hora, minha cara amiga, que acabo de receber a vossa ultima carta. A esse propozito, devo especialmente renovar a minha recomendação geral de datardes exatamente as vossas cartas, para evitar-me toda obscuridade e todo engano. Porque, em virtude desse atrazo dezuzado, a vossa completa falta de data forçou-me a adivinhar dificilmente que me tinheis escrito no Domingo.

Felicito-vos cordialmente pela boa vizita de Mme Marrast, vendo nisso, como vós, um afortunado indicio do vosso proximo acolhimento no *Nacional*. Duvido muito, todavia, que jamais a vossa nobre direção convenha assás a essa gente para proporcionar-vos uma carreira lucrativa, pelos menos nos jornais atuais, fóra dos quais os vossos sucessos, mesmo materiais, parecem-me sobretudo dever efetuar-se. A importante reação que deve, sem duvida, exercer *Willelmina* ligando-vos diretamente com o vosso digno tio parece-me, a dizer a verdade, o principal rezultado pessoal que devamos esperar hoje dessa precioza publicação, salvo o surto inicial da vossa justa nomeada. Eu vos veria aliás com profundo pezar aproximar-vos demaziado de um meio tão perigozo, que, no fundo, não é mais digno de vós pelo espirito do que pelo coração, e cujo contacto habitual só poderia apoucar-vos em breve, a todos os respeitos. É hoje um rezultado bem dificil e

muito raro o viver-se nobremente da pena: a materialidade do fito tende a degradar os mais eminentes trabalhos. Si o *Nacional* aceitar *Willelmina* mais realmente do que os vossos outros ensaios, devemos nos regozijar duplamente com isso, pela utilidade imediata, e sobretudo como facilitando muito a publicação definitiva, que deve sempre permanecer independente do jornalismo. Mas, no cazo do malogro, muito possivel ainda, desses novos avanços, não vos inquieteis demaziado com elé, e não façais, a esse respeito, nenhuma grave concessão: poderemos bem, sem duvida, publicar de outro modo a vossa obra.

Quanto á vossa propozição de renuncia temporaria aos nossos caros Mercuridias, vós m'a aprezentais de tal sorte que não posso dispensar-me de consentir nela, mesmo desde amanhan; porque eu não poderia gozar dignamente de uma vizita que vós lamentasseis. Sou, porem, por demais sincero para ocultar-vos que experimentarei com isso uma intima dôr. Agradecendo-vos, com ternura, na minha ultima carta, a feliz organização atual das nossas diversas entrevistas, eu não concebia nesse cordial arranjo outras infrações passageiras sinão as que pudessem derivar de uma verdadeira impossibilidade, sobretudo por doença. Mas, si, a essas inevitaveis perturbações, deixarmos juntar as inexgotaveis instigações do trabalho, a regularidade efetiva do nosso santo comercio parecer-me-á sempre muito aventurada. Eu tenho tambem, minha bem-amada, a minha precioza elaboração pessoal, alem de pezadas corvéas diarias: entretanto é com felicidade que, apezar desse duplo motivo contínuo, consagro escrupulozamente dois dias de cada semana a entrevistas que o meu coração encara como indispensaveis. Si elas tiverem para vós tanto valor, hezitareis em alterar jamais esse cordial uzo, sem uma imperioza necessidade passageira, que, eu confesso, não me parece existir aqui. Indicando-vos com essa terna franqueza o principal motivo dos meus pezares, espero, Clotilde, que não suspeitareis da minha sinceridade quando reprezentar-vos essa dupla interrupção hebdomadaria do vosso trabalho como habitualmente necessaria á vossa saude: a vossa medicação atual póde sobretudo ser sériamente perturbada por uma demaziado longa contenção cerebral.

Todavia, minha carissima amiga, sejão quais forem os meus pezares e os meus cuidados, só vós deveis pronun-

ciar aqui, em virtude da vossa livre ponderação dos diversos motivos opostos; porque, eu não posso, repito-o, aceitar nenhuma entrevista que vos incomodasse. Para prevenir qualquer equivoco, não vos esperarei pois amanhan, mas sómente Sabado, a menos que não experimenteis pessoalmente uma verdadeira necessidade de respeitar, mesmo desta vez, a nossa cordial instituição.

Inteiramente vosso para sempre.

Ate COMTE.

IX

M. Augusto Comte, ex-examinador para a Escola Politecnica, deve a essa dupla influencia uma intima gratidão pessoal, que ser-lhe-á sempre doce proclamar; mas o autor do *Sistema de Filozofia Pozitiva* não poderá dispensar-se de assinalar convenientemente ao publico imparcial um duplo abandono que torna-se hoje cumplice involuntario de uma iniquidade notoria.

(AUGUSTO COMTE — *Carta a Stuart Mill.*)

Nesse interim, a melindroza saude de Clotilde se havia perturbado. A correspondencia sagrada induz a crer que a carta do nosso Mestre a achou sob a deprimente impressão de tal agravação, que a forçára a recorrer novamente ao Dr. Grandchamp. Foi talvez ao sahir dessa consulta que Ela dirigiu-se para a rua Monsieur-le-Prince (17 de Dezembro) *. A carta do nosso Mestre devia ter aumentado as suas dolorozas emoções. Pouco demorou-se. Estava extremamente abatida ao retirar-se; e o seu estado veio juntar novas inquietudes ás aflições do meigo Pensador.

Foi no meio de tais angustias que o nosso Mestre respondeu, no dia seguinte, á carta que, a 5 de Outubro, recebêra de Stuart Mill. Ahi Ele aprezentava a nobre apreciação da conduta que os seus adherentes inglezes acabavão de ter para consigo.

Paris, Jovedia 18 de Dezembro de 1845.

Meu caro senhor Mill,

Agora que posso afastar toda preocupação individual a propozito da dezerção imprevista que acabo de experimentar na Inglaterra, creio dever terminar esse epizodio expondo-vos, com cordial franqueza, a minha apreciação

* VOLUME SAGRADO, ps. 457-458.

filozofica do conjunto da conduta tida para comigo em um cazo tão decizivo.

O eminente serviço que me foi tão nobremente prestado, no ano passado, mediante a vossa ativa solicitude, me imporá sempre um profundo reconhecimento pessoal em relação aos tres patronos que se dignárão concorrer para isso, e sobretudo para com aquele dentre eles, que teve a bondade de tomar, em tal emergencia, sob todos os respeitos, a principal parte. * Mas essa doce obrigação individual não póde anular a alta magistratura moral inherente ao meu carater filozofico; eu devo finalmente julgar similhante acontecimento como si ele fosse extranho a mim. Toda a minha conduta ulterior provará, espero eu, que sei plenamente conciliar, a este respeito, a minha situação privada com a minha função publica, sem que uma prejudique jamais a outra.

Uma digna assistencia temporal pareceu-me sempre devida, pela sociedade inteira, a cada um daqueles que consagrão sériamente a sua vida aos diversos progressos, gerais ou especiais, do espirito humano, quando a aptidão real deles está assás constatada.

Ninguem hoje ouzaria mais contestar diretamente esse principio universal, sobre o qual repouza a primeira coordenação elementar da vida social, em virtude da divizão fundamental entre a existencia ativa e a existencia especulativa. Dahi rezulta, na civilização moderna, um dever contínuo, a um tempo moral e politico, que não obriga sómente os governos propriamente ditos, mas tambem os proprios particulares, na proporção do seu poder efetivo; todos os que, a qualquer titulo, recolhem as vantagens permanentes dessa divizão geral do trabalho humano devem certamente concorrer para a sua manutenção regular. Embora o cumprimento sistematico dessa obrigação concirna sobretudo os poderes publicos, a insuficiencia especial destes não póde jamais dispensar dela os orgãos privados que se acharem realmente capazes de cooperar para isso. Nos nossos tempos de anarchia moral e de instabilidade politica, em que os governos, preocupados do cuidado diario da sua propria existencia, são arrastados, por lutas inevitaveis, a descurar tal atribuição social, o seu pezo deve mesmo recahir principalmente sobre os poderes particulares, que, prezervados desses tempestuozos con-

* O nosso Mestre alude a Grote. — R. T. M.

flitos, continuão a gozar de uma economia social da qual a influencia especulativa constitûi sempre um elemento indispensavel. A este respeito, como a tantos outros, a divizão superficial, vulgarmente admitida entre as forças privadas e publicas, refere-se apenas ás epocas de tranzição; sob qualquer outro aspeto, tal divizão dá uma idéia falsa dos deveres comuns a todos; porque, si, na sociedade humana, cada existencia tem as suas condições necessarias, cada uma tem tambem as suas obrigações correspondentes.

Todavia esse dever protetor, moralmente imposto aos particulares, não lhes podendo ser prescrito de uma maneira especial, o seu exercicio obriga naturalmente os que aproveitão dele a um verdadeiro reconhecimento pessoal, do qual eles são, ao contrario, essencialmente dispensados para com os orgãos publicos de tal oficio, salvo a gratidão geral sempre devida ao Estado.

Não existe, em uma palavra, outra diferença entre os dois cazos sinão a de uma obrigação moral para uma missão politica.

Desde que a sistematização direta da moral universal foi solenemente esboçada pelo catolicismo, esses principios prevalecêrão sempre mais ou menos na elite da Humanidade, e os particulares forão então considerados como naturalmente obrigados a suprir, conforme os seus meios proprios, a inevitavel insuficiencia dos governos, para todos os deveres de proteção social.

Uma admiravel instituição, ao mesmo tempo publica e privada, que profundamente concorreu para formar os costumes modernos, foi sobretudo destinada, na idade -média, a regularizar esse nobre protetorado voluntario, mediante um modo adaptado ao genero de opressão que devia caraterizar uma civilização ainda essencialmente militar. *

A preponderancia final da vida industrial não deve de modo algum extinguir esse espirito cavalheiresco, porem imprimir-lhe gradualmente uma outra constituição, em harmonia com a nova natureza da opressão habitual, que, cessando de consistir sobretudo em violencias pessoais, reduz-se cada vez mais a simples atentados contra a existencia pecuniaria. Essa afortunada transformação espontanea, que atenúa tanto as devastações do instinto perse-

* O nosso Mestre refere-se á cavalaria medieva.— R. T. M.

guidor, facilita muito a sua reparação, para a qual orgãos mais numerozos podem então concorrer sem perigo. Um inevitavel enfraquecimento passageiro da moral publica, em virtude do progresso natural de uma tranzição anarchica, e uma absorção gradual das atribuições espirituais pela autoridade temporal, produzirão habitualmente, em nossos dias, o esquecimento especial desses deveres sociais. Os novos grandes, isto é, os ricos, acreditárão-se possuidores, a titulo absoluto, e dispensados de toda obrigação moral quanto ao uzo diario da sua fortuna. Eles tendem a exonerar-se de todo protetorado voluntario, de uma parte sobre os esforços individuais de cada oprimido, de outra parte sobre a intervenção crecente do poder publico. Mas o curso natural do estado revolucionario, dezenvolvendo os principais inconvenientes da anarchia mental e moral, deve fazer sobresahir melhor a necessidade de reanimar, a este respeito, sob fórmas convenientes, as dispozições verdadeiramente sociais, quer por um urgente interesse publico, quer mesmo para a propria seguridade da classe preponderante. Esta acha-se assim especialmente exposta doravante aos perigos crecentes do genero de aberrações anarchicas que, sob o nome de *comunismo*, começa a adquirir, em todo o Ocidente europeu, quazi tanto como em França, uma terrivel consistencia sistematica; essas dezastrozas utopias recebem cada vez mais uma dupla sanção espontanea, quer dos incontestaveis abuzos da riqueza atual, quer tambem dos preconceitos reinantes sobre a medicação excluzivamente politica de todas as nossas molestias sociais. Um vasto surto voluntario das obrigações morais inherentes á fortuna constitúi hoje, para os ricos, o unico meio duradouro de escapar a tiranicas prescrições politicas, satisfazendo dignamente o que encerra de legitimo o espirito subversivo que impele gradualmente os proletarios contra os proprietarios. Ao mesmo tempo, uma eminente destinação geral, profundamente ligada a esse poderozo interesse de classe, oferece naturalmente ás grandes fortunas particulares um objetivo determinado de nobre protetorado contínuo para os trabalhos filozoficos que devem constituir enfim uma verdadeira teoria social propria para esclarecer a situação e dirigir a reorganização.

Durante uma geração pelo menos, esses indispensaveis trabalhos não podem achar apoio essencial nos poderes publicos, demaziado absorvidos pelas dificuldades mate-

riais, e aliás involuntariamente antipaticos a toda renovação radical das opiniões humanas.

Por outra parte, essa nova filozofia devendo, pela sua natureza, chocar quazi tanto os preconceitos revolucionarios das populações como as inclinações retrogradas dos governos, o seu digno surto deverá longo tempo efetuar-se independentemente de toda popularidade. E' pois sobretudo por altas munificencias privadas que será a principio protegida essa grande operação especulativa, embora ela deva afinal repouzar sobre as simpatias populares, e mesmo sobre a assistencia oficial.

No cumprimento de tal dever, os ricos acharão aliás a dupla vantagem espontanea de esboçar assim a organização gradual do imenso protetorado voluntario que constituirá enfim o principal oficio deles, e de dissipar radicalmente as aberrações anarchicas que lhes ameação a existencia social.

Uma importante ocazião aprezentou-se recentemente de começar, por um exemplo decizivo, essa indispensavel aliança entre o pensamento e a riqueza, que deve doravante fornecer o principal ponto de apoio dos diversos esforços destinados a preparar gradualmente a verdadeira reorganização moderna. Embora o cazo me seja pessoal, ele é demaziado carateristico para que eu me abstenha de apreciá-lo.

Evitando as iluzões e os exageros peculiares á personalidade, é precizo saber dignamente sobrepujar viciozos escrupulos, que, tendendo a afastar os mais luminozos documentos, não podem finalmente aproveitar sinão aos diversos inimigos da razão e da Humanidade.

Aos olhos dos mais eminentes pensadores do nosso tempo, a minha obra fundamental lançou enfim todas as bazes essenciais de uma virdadeira filozofia, propria para satisfazer as principais exigencias, quer mentais, quer sociais, da situação atual das populações ocidentais. Eu acabei de constituir irrevogavelmente o metodo pozitivo, pela sua extensão conveniente aos estudos mais dificeis e mais importantes, ao mesmo tempo que estabeleci o principio direto de uma nova doutrina geral, descobrindo a lei necessaria do conjunto da evolução humana. Ora, a inteira publicação desse sistema coincidiu com a dezastroza consumação de uma iniquidade pessoal, que, longe de oferecer um carater acidental, rezultava sobretudo de uma

inevitavel luta entre o verdadeiro espirito filozofico e o mau espirito sientifico, reprezentados cada um pelo seu orgão atual mais pronunciado.

Injustamente despojado repentinamente da metade dos meus recursos materiais indispensaveis á minha laborioza existencia, achei logo um honoravel apoio na generoza intervenção privada de alguns poderozos apreciadores. Felicitando-me por escapar assim á perseguição, considerava aliás esse nobre patrocinio como destinado sobretudo a fornecer, na minha pessoa, a todos os verdadeiros filozofos, uma primeira garantia de seguridade contra a terrivel animozidade das paixões e dos preconceitos que os seus consienciozos trabalhos devem hoje chocar involuntariamente. Era para melhor assegurar essa salutar influencia geral que me propunha a dar uma conveniente publicidade á justa expressão do meu reconhecimento particular.

O uzo de fornecer subsidios voluntarios aos orgãos sistematicos das nossas convicções, estando hoje consagrado por toda parte, quer no partido retrogrado, quer entre as diversas frações do partido revolucionario, e extendendo -se mesmo ás seitas mais extravagantes, devia-se pouco espantar que o pozitivismo nacente obtivesse tambem uma minima assistencia analoga de algumas simpatias de elite. Essa ativa solicitude oferecia-me ao mesmo tempo uma justa recompensa dos grandes trabalhos já consumados e uma afortunada garantia da serena execução dos que eu tinha anunciado como peculiares á segunda metade da minha carreira filozofica. Depois de ter fundado a nova filozofia, restava-me sobretudo sistematizar diretamente a doutrina social que deve constituir o seu principal carater e determinar o seu acendente final.

A minha primeira elaboração tendo tornado irrecuzavel a superioridade intelectual do pozitivismo, eu devia doravante estabelecer não menos solidamente a sua superioridade moral, a mais deciziva de todas, e a unica sériamente contestavel hoje. Tais rezultados parecião motivar, com efeito, nesses poderozos patronos, alguns ligeiros sacrificios em favor de um filozofo que, havendo chegado sómente á idade da plena madureza mental, mostrava-se capaz de cumprir dignamente todas as suas promessas.

Tratando-se de uma elaboração que, apezar da sua origem franceza, correspondia evidentemente a uma necessidade comum ás cinco grandes nações ocidentais, parecia-me

natural que essa proteção privada se realizasse primeiro na Inglaterra, quer em razão de uma mais forte concentração de riquezas, quer sobretudo em virtude de um melhor habito dos livres patrocinios particulares. Eu devia, pois, contar que esse nobre apoio, prevenindo toda perturbação dos meus trabalhos, durasse tanto quanto o perigo que o havia provocado, isto é, até o restabelecimento de uma pozição oficial equivalente áquela de que eu fôra violentamente privado. Os acontecimentos não tendo tardado a desmentir uma esperança tão natural, devi acreditar ainda que pelo menos o subsidio seria assás prolongado para permitir-me atingir sem sofrimento a epoca, evidentemente proxima, na qual os meus novos esforços pessoais me tivessem feito recobrar, por penozas ocupações quotidianas, com prejuizo da minha grande elaboração, uma renda sem a qual não podia passar. Porem essa espectativa secundaria não foi menos frustrada do que a principal, o socorro primitivo tendo mesmo sido, apezar das solicitações especiais, inteiramente recuzado por um segundo ano, com espanto de todos os que, na Inglaterra ou em França, tinhão tido conhecimento desse negocio.

Esse contraste imprevisto entre a nobreza das primeiras inspirações e a vulgaridade dos atos ulteriores provem sobretudo dessa deploravel auzencia de verdadeiras convicções que carateriza, em todos os sentidos, a epoca atual, em que não podem assim surgir sinão semi-vontades, que não chegão jamais a uma plena realização, mesmo nos mais simples cazos. Tal malogro é tanto mais decizivo quanto o modo mais conveniente foi então expressamente proposto, afim de regularizar doravante a proteção inicial, de uma maneira igualmente honoravel para mim e para os meus patronos, dando abertamente a essa assistencia privada uma importante destinação publica, quando um eminente pensador (M. Littré) concebeu o projeto, azadamente praticavel, de uma Revista pozitiva publicada sob a minha direção, e cujo principal apoio pecuniario proviria da Inglaterra. A rejeição imediata dessa feliz propozição, unicamente motivada sobre a antipatia atual dos espiritos inglezes, indica uma imperfeição de vistas, e mesmo de sentimentos, que é espantozo encontrar-se hoje nos chefes do movimento britanico. Por isso mesmo que a emancipação mental acha-se profundamente comprimida na In-

glaterra, parece que os livres pensadores deverião ali sentir melhor a importancia de possuirem alhures um digno orgão sistematico das dispozições filozoficas que eles são obrigados a dissimular diariamente. Seria, como em outros tempos, utilizar felizmente, para a evolução ingleza, as vantagens politicas que o conjunto do passado proporcionou á França, á Alemanha, etc., em uma marcha, intelectual e social, comum a todo o nosso Ocidente.

Uma apreciação tão sensivel não póde haver escapado a tais espiritos sinão sob a influencia desperecebida dos deploraveis prejuizos nacionais que, na Inglaterra, ainda mais do que no continente, fazem cegamente repelir toda empreza concebida e executada fóra.

A evolução ingleza não póde mais dar passo algum capital, si aqueles que querem dirigí-la não renunciarem francamente a essas dispozições anti-européas que não podião convir sinão á antiga opozição. Na Inglaterra, como alhures, a metafizica negativa exgotou doravante a sua principal eficacia politica; o progresso social não póde mais achar ahi sahida decíziva sinão pelo pozitivismo, cuja elaboração sistematica, diretamente destinada a uma regeneração mental e moral, deve sobretudo consumar-se em França, mediante uma ativa cooperação de todos os pensadores ocidentais. Enquanto o partido progressista conservar o seu velho espirito de izolamento britanico, ele permanecerá, apezar de vãos sintomas passageiros, cada vez mais inferior ao partido conservador, que pelo menos sabe por toda parte elevar-se hoje acima do simples ponto de vista nacional. Não é satisfazer a essa inevitavel condição do concurso ocidental ligar as intrigas dos agitadores inglezes ás dos trapalhões francezes; é precizo doravante muito mais para achar-se verdadeiramente ao nivel da situação fundamental. O principal interesse social devendo hoje ligar-se por toda parte, quanto ao movimento regenerador, á porção dele que é comum ás diversas populações de elite, é precizo que os espiritos inglezes habituem-se a secundar regularmente, pelos meios que lhes são peculiares, operações evidentemente destinadas a todo o Ocidente, mas cujo centro essencial não póde agora ser britanico. Sem duvida, a repulsão empirica experimentada na Inglaterra por um criteriozo projeto de revista pozitiva não impedirá a sua realização, talvez proxima, unica apta por toda parte para afastar a um tempo as utopias anar-

chicas e os principios retrogrados. Porem vistas mais largas e sentimentos mais elevados nos principais chefes do movimento inglez terião apressado muito e aumentado a eficacia de tal intervenção social da nova filozofia.

O conjunto da conduta tida para comigo na Inglaterra não foi pois digno finalmente nem do alto interesse geral que a ela se prendia, nem do nobre elance que parecia a principio indicar uma justa apreciação de tal fito.

Uma legitima solicitude pessoal poderá obrigar-me a tornar publico similhante juizo filozofico, quer no prefacio da minha segunda grande obra, quer mesmo antes, por ocazião de uma segunda edição do meu livro fundamental, afim de explicar convenientemente os entraves que vão sem duvida experimentar assim os meus trabalhos. Violentamente despojado da metade de uma renda que era apenas suficiente, não posso, nem quero, a menos de insuperavel necessidade, reduzir-me a outra metade, como o esperão talvez alguns daqueles que, do seio da opulencia, prescreverião de bom grado aos pensadores que se limitassem aos tres ou quatro shellings materialmente indispensaveis á sua existencia quotidiana. Durante a primeira metade da minha carreira filozofica, sacrifiquei plenamente a minha vida privada á minha vida publica, para melhor cumprir a minha missão fundamental. Depois de ter dignamente pago a minha principal divida para com a Humanidade, adquiri o direito de voltar doravante ao estado normal fazendo concorrer as minhas modestas satisfações pessoais para o melhor dezenvolvimento das minhas funções sociais, sem permitir que ninguem regule arbitrariamente tal harmonia interior, cujas verdadeiras condições só eu posso conhecer. Todo o meu passado garante aliás suficientemente que por ahi não merecerei nunca, em nenhum grau, a censura filozofica que eu tive altamente de lançar sobre a deploravel avidez pecuniaria que a nossa anarchica situação tanto propagou na classe especulativa. Porem, continuando a restringir-me ás mais justas conveniencias privadas, sem mesmo tomar mais cuidado do que até aqui do meu futuro material, a minha opressão atual não me permite satisfazer a essas legitimas exigencias sinão recorrendo a penozas ocupações profissionais que absorverão necessariamente uma notavel parte do tempo reclamado pela minha elaboração filozofica. Esses obstaculos não poderão jamais impedir-me, a menos de morte prematura,

inevitavel luta entre o verdadeiro espirito filozofico e o mau espirito sientifico, reprezentados cada um pelo seu orgão atual mais pronunciado.

Injustamente despojado repentinamente da metade dos meus recursos materiais indispensaveis á minha laborioza existencia, achei logo um honoravel apoio na generoza intervenção privada de alguns poderozos apreciadores. Felicitando-me por escapar assim á perseguição, considerava aliás esse nobre patrocinio como destinado sobretudo a fornecer, na minha pessoa, a todos os verdadeiros filozofos, uma primeira garantia de seguridade contra a terrivel animozidade das paixões e dos preconceitos que os seus consienciozos trabalhos devem hoje chocar involuntariamente. Era para melhor assegurar essa salutar influencia geral que me propunha a dar uma conveniente publicidade á justa expressão do meu reconhecimento particular.

O uzo de fornecer subsidios voluntarios aos orgãos sistematicos das nossas convicções, estando hoje consagrado por toda parte, quer no partido retrogrado, quer entre as diversas frações do partido revolucionario, e extendendo -se mesmo ás seitas mais extravagantes, devia-se pouco espantar que o pozitivismo nacente obtivesse tambem uma minima assistencia analoga de algumas simpatias de elite. Essa ativa solicitude oferecia-me ao mesmo tempo uma justa recompensa dos grandes trabalhos já consumados e uma afortunada garantia da serena execução dos que eu tinha anunciado como peculiares á segunda metade da minha carreira filozofica. Depois de ter fundado a nova filozofia, restava-me sobretudo sistematizar diretamente a doutrina social que deve constituir o seu principal carater e determinar o seu acendente final.

A minha primeira elaboração tendo tornado irrecuzavel a superioridade intelectual do pozitivismo, eu devia doravante estabelecer não menos solidamente a sua superioridade moral, a mais deciziva de todas, e a unica sériamente contestavel hoje. Tais rezultados parecião motivar, com efeito, nesses poderozos patronos, alguns ligeiros sacrificios em favor de um filozofo que, havendo chegado sómente á idade da plena madureza mental, mostrava-se capaz de cumprir dignamente todas as suas promessas.

Tratando-se de uma elaboração que, apezar da sua origem franceza, correspondia evidentemente a uma necessidade comum ás cinco grandes nações ocidentais, parecia-me

natural que essa proteção privada se realizasse primeiro na Inglaterra, quer em razão de uma mais forte concentração de riquezas, quer sobretudo em virtude de um melhor habito dos livres patrocinios particulares. Eu devia, pois, contar que esse nobre apoio, prevenindo toda perturbação dos meus trabalhos, durasse tanto quanto o perigo que o havia provocado, isto é, até o restabelecimento de uma pozição oficial equivalente áquela de que eu fôra violentamente privado. Os acontecimentos não tendo tardado a desmentir uma esperança tão natural, devi acreditar ainda que pelo menos o subsidio seria assás prolongado para permitir-me atingir sem sofrimento a epoca, evidentemente proxima, na qual os meus novos esforços pessoais me tivessem feito recobrar, por penozas ocupações quotidianas, com prejuizo da minha grande elaboração, uma renda sem a qual não podia passar. Porem essa espectativa secundaria não foi menos frustrada do que a principal, o socorro primitivo tendo mesmo sido, apezar das solicitações especiais, inteiramente recuzado por um segundo ano, com espanto de todos os que, na Inglaterra ou em França, tinhão tido conhecimento desse negocio.

Esse contraste imprevisto entre a nobreza das primeiras inspirações e a vulgaridade dos atos ulteriores provem sobretudo dessa deploravel auzencia de verdadeiras convicções que carateriza, em todos os sentidos, a epoca atual, em que não podem assim surgir sinão semi-vontades, que não chegão jamais a uma plena realização, mesmo nos mais simples cazos. Tal malogro é tanto mais decizivo quanto o modo mais conveniente foi então expressamente proposto, afim de regularizar doravante a proteção inicial, de uma maneira igualmente honoravel para mim e para os meus patronos, dando abertamente a essa assistencia privada uma importante destinação publica, quando um eminente pensador (M. Littré) concebeu o projeto, azadamente praticavel, de uma Revista pozitiva publicada sob a minha direção, e cujo principal apoio pecuniario proviria da Inglaterra. A rejeição imediata dessa feliz propozição, unicamente motivada sobre a antipatia atual dos espiritos inglezes, indica uma imperfeição de vistas, e mesmo de sentimentos, que é espantozo encontrar-se hoje nos chefes do movimento britanico. Por isso mesmo que a emancipação mental acha-se profundamente comprimida na In-

glaterra, parece que os livres pensadores deverião ali sentir melhor a importancia de possuirem alhures um digno orgão sistematico das dispozições filozoficas que eles são obrigados a dissimular diariamente. Seria, como em outros tempos, utilizar felizmente, para a evolução ingleza, as vantagens politicas que o conjunto do passado proporcionou á França, á Alemanha, etc , em uma marcha, intelectual e social, comum a todo o nosso Ocidente.

Uma apreciação tão sensivel não póde haver escapado a tais espiritos sinão sob a influencia despercebida dos deploraveis prejuizos nacionais que, na Inglaterra, ainda mais do que no continente, fazem cegamente repelir toda empreza concebida e executada fóra.

A evolução ingleza não póde mais dar passo algum capital, si aqueles que querem dirigí-la não renunciarem francamente a essas dispozições anti-européas que não podião convir sinão á antiga opozição. Na Inglaterra, como alhures, a metafizica negativa exgotou doravante a sua principal eficacia politica; o progresso social não póde mais achar ahi sahida decisiva sinão pelo pozitivismo, cuja elaboração sistematica, diretamente destinada a uma regeneraçao mental e moral, deve sobretudo consumar-se em França, mediante uma ativa cooperação de todos os pensadores ocidentais. Enquanto o partido progressista conservar o seu velho espirito de izolamento britanico, ele permanecerá, apezar de vãos sintomas passageiros, cada vez mais inferior ao partido conservador, que pelo menos sabe por toda parte elevar-se hoje acima do simples ponto de vista nacional. Não é satisfazer a essa inevitavel condição do concurso ocidental ligar as intrigas dos agitadores inglezes ás dos trapalhões francezes; é precizo doravante muito mais para achar-se verdadeiramente ao nivel da situação fundamental. O principal interesse social devendo hoje ligar-se por toda parte, quanto ao movimento regenerador, á porção dele que é comum ás diversas populações de elite, é precizo que os espiritos inglezes habituem -se a segundar regularmente, pelos meios que lhes são peculiares, operações evidentemente destinadas a todo o Ocidente, mas cujo centro essencial não póde agora ser britanico. Sem duvida, a repulsão empirica experimentada na Inglaterra por um criteriozo projeto de revista pozitiva não impedirá a sua realização, talvez proxima, unica apta por toda parte para afastar a um tempo as utopias anar-

chicas e os principios retrogrados. Porem vistas mais largas e sentimentos mais elevados nos principais chefes do movimento inglez terião apressado muito e aumentado a eficacia de tal intervenção social da nova filozofia.

O conjunto da conduta tida para comigo na Inglaterra não foi pois digno finalmente nem do alto interesse geral que a ela se prendia, nem do nobre elance que parecia a principio indicar uma justa apreciação de tal fito.

Uma legitima solicitude pessoal poderá obrigar-me a tornar publico similhante juizo filozofico, quer no prefacio da minha segunda grande obra, quer mesmo antes, por ocazião de uma segunda edição do meu livro fundamental, afim de explicar convenientemente os entraves que vão sem duvida experimentar assim os meus trabalhos. Violentamente despojado da metade de uma renda que era apenas suficiente, não posso, nem quero, a menos de insuperavel necessidade, reduzir-me a outra metade, como o esperão talvez alguns daqueles que, do seio da opulencia, prescreverião de bom grado aos pensadores que se limitassem aos tres ou quatro shellings materialmente indispensaveis á sua existencia quotidiana. Durante a primeira metade da minha carreira filozofica, sacrifiquei plenamente a minha vida privada á minha vida publica, para melhor cumprir a minha missão fundamental. Depois de ter dignamente pago a minha principal divida para com a Humanidade, adquiri o direito de voltar doravante ao estado normal fazendo concorrer as minhas modestas satisfações pessoais para o melhor dezenvolvimento das minhas funções sociais, sem permitir que ninguem regule arbitrariamente tal harmonia interior, cujas verdadeiras condições só eu posso conhecer. Todo o meu passado garante aliás suficientemente que por ahi não merecerei nunca, em nenhum grau, a censura filozofica que eu tive altamente de lançar sobre a deploravel avidez pecuniaria que a nossa anarchica situação tanto propagou na classe especulativa. Porem, continuando a restringir-me ás mais justas conveniencias privadas, sem mesmo tomar mais cuidado do que até aqui do meu futuro material, a minha opressão atual não me permite satisfazer a essas legitimas exigencias sinão recorrendo a penozas ocupações profissionais que absorverão necessariamente uma notavel parte do tempo reclamado pela minha elaboração filozofica. Esses obstaculos não poderão jamais impedir-me, a menos de morte prematura,

de acabar a grande obra começada este ano, e que constitûi, a todos os respeitos, o principal dos quatro tratados anunciados no fim do meu livro fundamental como devendo completar o conjunto da minha missão. Todavia, essa perturbação material poderá sensivelmente retardar essa primeira operação; e mesmo, si a perseguição prolongar-se demaziado, ela interdir-me-á talvez inteiramente os outros tres.

E' afim de atenuar de antemão, tanto quanto depende de mim, esse ultimo dezastre, que me decidi recentemente a proporcionar, na minha obra atual, um justo acesso primitivo ás diversas vistas incidentes que se aprezentarem então como especialmente peculiares ás seguintes, sem entretanto tornar inutil a sua elaboração ulterior, si ela me fôr possivel.

Ora, deixando ignorar ao publico os verdadeiros motivos das diversas infrações involuntarias que podem assim experimentar solenes promessas, que não ecedião nem as minhas forças, nem a minha idade, eu incorreria injustamente em uma censura que devo dignamente rejeitar sobre a malvadeza dos meus inimigos, a fraqueza dos meus chefes, e a tibieza dos meus amigos. Não seria inutil, aliás, para a educação moral da Humanidade, assinalar nitidamente á posteridade um exemplo tão carateristico do prejuizo que póde sofrer a sociedade em consequencia da sua vergonhoza incuria para com os orgãos especiais dos seus mais eminentes progressos.

E' pois a todos os respeitos, um dever para mim, si, com efeito, os meus trabalhos se acharem assim notavelmente entravados, explicar altamente as verdadeiras cauzas disso, afim de que uma inevitavel responsabilidade se ligue a quem de direito, na proporção de cada participação efetiva em tal rezultado.

Nessa indispensavel expozição, serei naturalmente levado a comparar a conduta dos meus patronos inglezes com a dos meus chefes francezes. Uns e outros testemunhárão a principio, por uma digna intervenção, a sua plena convicção da iniquidade da perseguição dirigida contra mim, e a sua sincera intenção de prevenir os perigos que me ameaçavão; mas, de ambos os lados, a proteção malogrou-se afinal, por falta de perzistencia da vontade tutelar. A fraqueza do governo francez, em um cazo tão evidente e tão simples, foi justamente censurada na Inglaterra,

em virtude do irrecuzavel dever que tinhão os meus chefes oficiais de garantir-me contra uma injustiça que eles tinhão altamente reconhecido; essa obrigação achava -se aliás fortificada pela consideração dos serviços especiais que eu tinha prestado no posto que me era roubado, imprimindo, apezar de muitos entraves, um impulso que, segundo a confissão dos juizes imparciais, levantou, em França, o ensino matematico.

Quando a expoliação foi consumada, nada dispensava para comigo de uma digna e pronta reparação, que diversos meios tornavão facil. Sob esse aspeto, como o observastes então, meu caro senhor Mill, o ministro Guizot merece certamente uma censura particular, por não haver tentado nada a este respeito, apezar de formais convites, embora ele conheça pessoalmente, ha vinte anos, o alcance das minhas vistas e a pureza das minhas intenções. Mas si, a esses diversos titulos, os meus protetores na Inglaterra acuzárão justamente a fraqueza do nosso governo, eles -mesmos incorrêrão afinal, pela sua tibieza, em reproches pelo menos equivalentes; de ambas as partes manifesta-se essa falta espontanea de energia e de perzistencia que carateriza sempre as semi-vontades atuais, em consequencia de insuficientes convicções gerais. O governo francez não tinha que ver em mim sinão o funcionario injustamente perseguido, cuja existencia publica ele devia defender; ele não podia oficialmente considerar a minha importancia filozofica. Ao contrario, é sobretudo como filozofo que eu fui apreciado pelos meus patronos inglezes, que, tendo reconhecido a alta utilidade dos meus trabalhos, acreditárão-se moralmente obrigados a impedir a sua interrupção. A mesma convicção fundamental, que faz acolher o pozitivismo pelas suas eminentes propriedades filozoficas e politicas, impõe tambem inevitaveis deveres para com a sua elaboração e a sua propagação sistematicas. Em tal solidariedade, inherente a toda verdadeira teoria geral, a moral pozitiva será, pela sua natureza, mais severa ainda do que devêrão sê-lo a moral teologica e a moral metafizica, por tender a prevenir ou afastar todos os subterfugios pelos quais essas vagas doutrinas deixavão iludir muitas vezes as suas legitimas prescrições. Si a negligencia de um dever torna-se tanto mais censuravel quanto mais facil era a sua observancia, a tibieza dos meus protetores inglezes merece aqui mais

reproches do que a fraqueza dos meus chefes francezes.

A animozidade de poderozas camarilhas sientificas, apoiadas por imponentes preconceitos publicos, sucitava ao nosso governo graves dificuldades especiais para garantir-me suficientemente. Ao contrario, os meus opulentos patronos da Inglaterra podião facilmente neutralizar a perseguição organizada contra mim, pela simples concessão de alguns ligeiros subsidios anuais, tão inferiores aos livres sacrificios privados que os costumes inglezes determinão nobremente para tantas outras destinações publicas, mesmo de uma utilidade fraca ou duvidoza.

Cada um devendo suportar a responsabilidade de todos os seus atos voluntarios, eu adquiri pois o direito de censurar moralmente todos os que, recuzando, de diversas maneiras, a sua justa intervenção, sientemente concorrêrão para deixar um consienciozo filozofo lutar sózinho contra a penuria e a opressão; de maneira a consumir em funções subalternas tantos dias precіozos da sua plena madureza, que devia ficar consagrada toda inteira a uma livre elaboração cuja importancia não é mais contestada. A insuficiencia final da dupla proteção esboçada para comigo não me dispensará jamais do reconhecimento que devo, de ambos os lados, não sómente ás nobres intenções que a ditárão, mas tambem á sua primeira eficacia parcial.

Sem garantir-me da perseguição, a demonstração oficial do governo francez permitiu-me felizmente evitar então todo apelo ao publico, em um cazo cuja iniquidade achava-se assim solenemente caraterizada. Ao mesmo tempo, a generozidade primitiva dos meus patronos inglezes retardou utilmente de um ano os meus diversos embaraços materiais, de modo a prevenir sobretudo o perigozo abatimento moral em que me podia lançar uma demaziado brusca perturbação.

O Sr. Augusto Comte, ex-examinador para a Escola politecnica, deve a essa dupla influencia uma intima gratidão pessoal, que ser-lhe-á sempre doce proclamar; mas o autor do *Sistema de filozofia pozitiva* não poderá dispensar-se de assinalar convenientemente ao publico imparcial um duplo abandono que se torna hoje cumplice involuntario de uma iniquidade notoria.

Em virtude das inquietações e dos passos inherentes á minha pozição atual, sem contar as minhas corvéas diarias e os cuidados de uma saude recentemente perturbada,

alem das minhas ocupações filozoficas, não estareis, espero eu, meu caro senhor Mill, nem sorprehendido, nem chocado com a demora dezuzada que tive desta vez na nossa precioza correspondencia, que retomará, em breve, sem duvida, o seu curso e o seu carater acostumados. A natureza desta carta ecepcional me determina a autorizar-vos expressamente a comunicá-la tanto quanto o julgardes conveniente, contanto que seja sempre a titulo de simples confidencia individual, louvando-me inteiramente, quanto ás escolhas pessoais, no vosso cordial criterio, que tanto me tem servido até aqui.

Todo vosso,

A^TE COMTE.

Estou inquieto pelos nossos amigos Austin, dos quais nada sei desde que partírão, em Abril, para Carlsbad, embora ambos me tivessem prometido formalmente escrever-me. Visto o triste estado do marido, esse silencio faz-me temer um dolorozo desfecho. Poderieis dar-me noticias exatas deles, mediante as informações diretas dos diversos parentes que têm em Londres? (CARTAS A STUART MILL, ps. 374-392.)

X

Crède, minha Clotilde, que a rezerva com a qual a minha paixão por vezes affligiu-se parece-me afinal indispensavel, enquanto perzistir o estado prezente do vosso coração.

(*126ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

As amargas reflexões dessa carta mal puderão ocupar o espirito do nosso Mestre enquanto a sua pena as retraçava. E, mesmo então, era a lembrança das reações que a sua sorte material teria sobre a penoza situação de Clotilde e sobre o prehenchimento da sua missão social que sobretudo o affligia. Dezembaraçado, pois, da doloroza resposta a Stuart Mill, o pensamento do terno Pensador não tardou em absorver-se novamente de todo na meditação dos sofrimentos e das virtudes da sua santa Inspiradora. O estado melindrozo em que Ela se separára dele no Mercuridia 17 de Dezembro figura-se mais dolorozamente á sua imaginação, e o enche de crueis aprehensões. Nesse dezassocego passa a noite de Jovedia, e na manhan do dia seguinte decide-se a escrever-lhe.

Centezima-vigezima-sexta carta

Venerdia de manhan 19 de Dezembro de 1845 (10h)

A vossa saude inquieta-me demaziado, minha carissima amiga, para que eu espere até amanhan noticias das vossas sanguesugas. Mandando Sofia informar-se a tal respeito esta manhan, suplico-vos outra vez que fiqueis com essa ecelente mulher, si os seus serviços se vos tornarem uteis pela insuficiencia da vossa porteira. Espero que agora a minha bem-amada não será mais ceremonioza, em similhante assunto, do que o forão os seus parentes a propozito de uma simples criança.

Ocupando-me convosco esta noite, receio haver por demais penetrado o dolorozo motivo pessoal que vos determinou a preferirdes as sanguesugas á sangria, sem nenhuma razão medica; comprehendo muitissimo bem a vossa solicitude ecepcional, ainda mais relativa ao vosso sexo do que á vossa situação. Como essa troca medica poderia não permanecer sempre tão facultativa quanto o é hoje, pensei em oferecer-vos, sendo precizo o meu quarto; a amplitude do meu apartamento permitindo-me dormir alhures sem o menor incomodo mutuo. O meu carater vos é, espero eu, assás conhecido agora para que possais aceitar esta santa proposta, afim de receberdes comodamente os cuidados da minha criada e as vizitas do nosso doutor. A vossa familia não poderia, penso eu, censurar tal medida, que ela não está em condições de substituir. Pois que dignai-vos doravante ver em mim um parente proximo, porque não me concederieis o cordial privilegio inerente a isso? Todavia, respeito, no justo grau, os contemplamentos devidos á opinião, mas sem subordinar-lhes demaziado a conduta, quando se preenche dignamente as verdadeiras condições morais. Eis porque só vós, minha nobre e terna amiga, podeis decidir aqui criteriozamente, mediante a vossa livre apreciação dos diversos motivos, contanto que seja afastando todo preconceito como toda inquietude.

Senti logo quanto devieis ter me achado aborrecido na vossa ultima vizita, que, mau grado a sua brevidade dezuzada, deve vos ter parecido bem longa. Mas vós conheceis as-ás os verdadeiros motivos desse constrangimento ecepcional para conceder-me, neste particular, uma indulgencia especial. Contudo, exprobro-me vivamente, em cazos tais, de preencher tão mal o meu nobre oficio de consolador, e de tender quazi a aumentar o vosso aba-

timento, quando deveria esquecer o meu confortando-vos. E' uma das minhas principais imperfeições o não poder tornar-me amavel, sem contentamento prévio.

Nas minhas explicações, aliás inoportunas talvez, ou pelo menos demaziado insistentes, receio ter tido involuntariamente falta de clareza sobre o ponto principal. A propozito dos contemplamentos especiais exigidos para comigo pelo estado do vosso coração para manter a inteira confiança indispensavel á nossa santa intimidade, não temais que eu tenha tido jamais precizão de ser tranquilizado sobre a plenitude da vossa lealdade nem da vossa pureza. Eu teria bem pouco utilizado tantas ocaziões decizivas de apreciar a vossa admiravel superioridade moral si pudesse, a este respeito, conceber a menor duvida. E' sómente á vossa constancia que se referia o meu dezejo de cordiais garantias, não por temor de uma imperfeição feminina extranha á vossa eminente natureza, mas em virtude unicamente da convicção de insuficiencia do meu proprio merito para conservar tão precioza preferencia. A terna fatalidade que me encadeia a vós é tal que devo quazi dezejar que o vosso coração perzista sempre livre, desde que mal posso aspirar jamais a enchê-lo eu bastante. Tenho, porem, tal confiança na vossa rara integridade que, si, desgraçadamente para mim, o amor se apoderasse um dia de vós, conto que ouzarieis nobremente avizar-me de tal. Eu queria sómente indicar-vos Mercuridia que a inevitavel auzencia da melhor garantia natural obrigava a vossa engenhoza cordialidade a prevenir especialmente aflitivas incertezas sobre a inalterabilidade de uma afeição que se tornou indispensavel a todo o meu ser. De resto, posso ajuntar aqui que, tendo sido levado bem recentemente, para acalmar o meu coração, a reler ainda uma vez as vossas doze ultimas cartas, essa benefica leitura fez-me melhor sentir do que antes quanto tendes sido terna e pura bem como criterioza e leal no conjunto da vossa conduta para comigo. Crêde, minha Clotilde, que a rezerva com a qual a minha paixão por vezes afligiu-se parece-me afinal indispensavel, enquanto perzistir o estado prezente do vosso coração, para evitar a ambos nós irreparaveis pezares, que eu vos agradeço de joelhos de me haverdes poupado por essa terna prudencia, sobre a qual eu espero nunca mais enganar-me.

Adeus, digna arbitra do meu coração. Por maior valor

que ligue á minha vizita de amanhan, o que acaba de passar-se não deve impedir-vos de dar amigavelmente ordem em contrario, si a vossa saude vos fizer temer dahi mais perturbação do que satisfação.

Amor e respeito eterno.

A^{TE} COMTE.

A pobreza muzical ensaiada esta semana preenche de sobejo as extranhas condições de que me falaveis Sabado. Si pois a vossa saude vos permitir acompanhar amanhan o vosso pai a ouví-la, eu levarei, em todo cazo, o libreto e os bilhetes.* A vossa recuza e a vossa aceitação não podem aliás afetar aqui ninguem, porque, apezar da nossa intimidade, eu ouzo apenas deixar-vos ouvir tal chateza, muitissimo inferior, como me tinhão anunciado, mesmo á *Assiriana*. O vazio das minhas duas cadeiras constituiria um digno protesto, porem talvez muitissimo pouco comprehendido.

No Lunedia 22 do mesmo mez, o nosso Mestre viu-se na contingencia de declarar a Blainville que aceitava o oferecimento que ele espontaneamente lhe fizera nos fins do ano anterior. (Robinet, 3ª ed., p. 455.) Considerava o biologista como o seu mais velho amigo, e esta circunstancia determinou-o a dirigir-se de preferencia a ele. Pediu-lhe 2.000 francos emprestados. Blainville entregou-lhe então 500 francos, assegurando-lhe que podia contar com os 1.500 durante o ano seguinte, 1846. As reações da perseguição politecnica parecião assim conjuradas, por mais um ano, e esse tempo seria talvez suficiente para recompôr as bazes da sua existencia material. Augusto Comte podia pois entregar-se sem perturbação ás encantadoras emoções do seu incomparavel amor, e da sua glorioza missão social.

Por outro lado somos levados a crer que, depois do ultimo incidente, a saude de Clotilde melhorou, embora essas melhoras fossem vacilantes. As relações entre Ela e o nosso Mestre parecem tambem haver tomado um carater mais normal. A multiplicidade e a regularidade das entrevistas tendião a diminuir a atividade da correspondencia entre ambos. De sorte que a auzencia de cartas

* Segundo o anuncio do *Monitor Universal*, trata-se da opera de Donizetti intitulada *Gemma di Vergy*.— R. T. M.

até o Jovedia 25 de Dezembro constitûi seguro indicio de que nenhum sucesso veio perturbar, durante esses seis dias, a virtuoza felicidade dos nossos Pais espirituais.

Nessas venturozas dispozições teve lugar a vizita de Clotilde, no Mercuridia 24 de Dezembro. Parece que foi nessa entrevista que o abandono da conversa a levou a narrar o ignobil procedimento de Marrast para consigo. Já vimos que Clotilde não déra a esse penozo incidente da sua atribulada vida a minima importancia. No seu conceito, a grosseira atitude do famozo jornalista constituia um cazo vulgar nos costumes masculinos. Augusto Comte, porem, experimentou um cavalheiresco movimento de indignação ao saber do que se tinha passado, e não ocultou o estigma que similhante infamia merecia. Essa apreciação diferente prezagiava um novo abalo nas doces relações entre Clotilde e o nosso Mestre.

XI

> Este incomparavel ano fez surgir em mim o unico amor puro e profundo que o meu destino comportava. A ecelencia do ente adorado permite á inha maturidade, mais feliz que a minha mocidade, saborear em toda a sua plenitude, as mais delicadas emoções da humanidade.
>
> (*128ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

Augusto Comte achava-se entregue ás amargas preocupações que tal revelação lhe sucitava, quando, na tarde do Jovedia seguinte, recebeu este afetuozo bilhete da sua Bem-Amada.

Ao escrevê-lo, já o estado de saude de Clotilde era menos lizongeiro.

Centezima-vigezima-setima carta

Jovedia de manhan 25 de Dezembro de 1845.

Meu terno amigo, asseguro-vos em consiencia que não uzarei uma só das vossas luvas antes da primavera. Já que tendes a gentileza de dizer-me que m'as deveis, permiti que eu conserve esse credito até o mez de Maio. Vós me prestastes serviços importantes, e que fizerão-me bem, infelizmente um pouco á custa de sacrificios vossos. Eu tinha contado mais com a minha situação quando os recebi. Peço-vos, pois, instantemente que não façais despeza

alguma, por pequenina que seja, para o meu luxo. O dinheiro póde ser demaziado util para que se o não considere um pouco em substancia. Sabeis que vos tenho na conta de um amigo dedicado: permití-me, pois, neste ensejo, que vos trate como intimo. Tenho tudo quanto precizo para este inverno: a saude me ajudando, a sorte melhorará; e vós podereis dizer com prazer: fui de alguma utilidade para isso.

Até Sabado pois, ao lado do fogo, uma boa conversa.

Beijo-vos com ternura.

CLOTILDE DE VAUX.

Augusto Comte respondeu no Venerdia seguinte.

Centezima-vigezima-oitava carta

Venerdia de manhan 26 de Dezembro de 1845 (meio-dia).

Felicito-me, minha carissima Clotilde, de vos haver falado em luvas ante-hontem, pois que isso conduziu-vos a romper um silencio que começava a tornar-se-me penozo. A multiplicidade e a regularidade das nossas felizes entrevistas devem, sem duvida, diminuir doravante a atividade ordinaria da nossa cara correspondencia. Embora eu tenha previsto porem essa reação natural de um preciozo melhoramento, não pude experimentar, a este respeito, uma interrupção que, ha quatro mezes, não havia durado tanto, sem que o meu coração sentisse vivamente a precizão de uma ordem de relações que as mais livres entrevistas estão longe de tornar inutil. Por maior que seja a felicidade de vos contemplar escutando-vos, só a continuidade dela poderia fazer-me esquecer a satisfação de vos ler e de vos escrever.

Sem ratificar os escrupulos que inspirárão a vossa terna reprehensão especial, respeito-os demaziado para não me conformar com eles. Rezervemos pois, para a primavera, como o dezejais, essa quitação da minha pequena divida, apezar do meu dezejo de aproveitar de um afortunado uzo anual para cumprir hoje essa amigavel obrigação. Deixai-me sómente, a este propozito, acalmar de novo as vossas nobres inquietudes quanto aos minimos serviços que vos dignastes aceitar até aqui. Os meus embaraços passageiros não se podem agravar assás para tornar-me oneroza em nada tal intervenção, á qual espero que, segundo a vossa

cordial promessa, não hezitareis jamais em recorrer sendo precizo.

Vendo findar o primeiro ano da nossa precioza ligação, não me posso impedir de voltar sobre o conjunto das poderozas impressões que m'a reprezentarão sempre como a éra mais memoravel da minha vida privada. Então surgiu em mim o unico verdadeiro amor, a um tempo puro e profundo, que comportava o meu destino. A eminente natureza do ente adorado permite a minha madureza, mais feliz do que a minha mocidade, de saborear em toda a sua plenitude as mais delicadas emoções da humanidade. Assegurando a minha ventura pessoal, esse renacimento moral tende tambem a aperfeiçoar a minha missão social, que doravante exige uma preponderancia crecente dos sentimentos sobre as idéias. A minha santa paixão permitiu-me aliás suportar, sem quazi perceber, uma perseguição passageira, e mesmo um grave dezapontamento de amizade. Dissipando os meus embaraços materiais, o novo ano far-me-á saborear ainda melhor a felicidade imprevista que vos devo. A doce rezignação que me prescreve o estado prezente do vosso coração afastará em breve a inevitavel perturbação fizica rezultante de tal abalo inicial; a minha afeição saberá dignamente gozar do prezente, sem solicitar antes de tempo modificações cuja principal condição é constituida por uma inteira espontaneidade.

Quanto a vós, minha terna amiga, permití-me felicitar me de que o ano que viu nacer a nossa casta intimidade haja tambem visto começar a vossa volta á saude e a vossa reconciliação com a vida.

O ano novo vai necessariamente consolidar e completar esse duplo progresso. Após tantas dôres ecepcionais, ele parece destinado a deixar enfim surgir ao mesmo tempo a vossa modesta independencia e a vossa justa nomeada, em consequencia natural da nobre elaboração que tão felizmente concebestes para tirar dos vossos proprios sofrimentos uma alta utilidade geral. Escapareis dignamente a um despotismo fundado na afeição, sem expôr a vossa existencia literaria a uma tirania muito mais opressiva, quazi sempre entregue a ignobeis inspirações. Repelindo uma odioza tentativa, rezististes nobremente ao vulgar engodo de uma publicidade vasta e imediata embora efemera. O jornalismo achar-vos-á, pois, cada vez mais rezolvida a recuzar-lhe toda e qualquer concessão dezagradavel.

alguma, por pequenina que seja, para o meu luxo. O dinheiro póde ser demaziado util para que se o não considere um pouco em substancia. Sabeis que vos tenho na conta de um amigo dedicado: permití-me, pois, neste ensejo, que vos trate como intimo. Tenho tudo quanto precizo para este inverno: a saude me ajudando, a sorte melhorará; e vós podereis dizer com prazer: fui de alguma utilidade para isso.

Até Sabado pois, ao lado do fogo, uma boa conversa.

Beijo-vos com ternura.

CLOTILDE DE VAUX.

Augusto Comte respondeu no Venerdia seguinte.

Centezima-vigezima-oitava carta

Venerdia de manhan 26 de Dezembro de 1845 (meio-dia).

Felicito-me, minha carissima Clotilde, de vos haver falado em luvas ante-hontem, pois que isso conduziu-vos a romper um silencio que começava a tornar-se-me penozo. A multiplicidade e a regularidade das nossas felizes entrevistas devem, sem duvida, diminuir doravante a atividade ordinaria da nossa cara correspondencia. Embora eu tenha previsto porem essa reação natural de um preciozo melhoramento, não pude experimentar, a este respeito, uma interrupção que, ha quatro mezes, não havia durado tanto, sem que o meu coração sentisse vivamente a pretezão de uma ordem de relações que as mais livres entrevistas estão longe de tornar inutil. Por maior que seja a felicidade de vos contemplar escutando-vos, só a continuidade dela poderia fazer-me esquecer a satisfação de vos ler e de vos escrever.

Sem ratificar os escrupulos que inspirárão a vossa terna reprehensão especial, respeito-os demaziado para não me conformar com eles. Rezervemos pois, para a primavera, como o dezejais, essa quitação da minha pequena divida, apezar do meu dezejo de aproveitar de um afortunado uzo anual para cumprir hoje essa amigavel obrigação. Deixai-me sómente, a este propozito, acalmar de novo as vossas nobres inquietudes quanto aos minimos serviços que vos dignastes aceitar até aqui. Os meus embaraços passageiros não se podem agravar assás para tornar-me oneroza em nada tal intervenção, á qual espero que, segundo a vossa

cordial promessa, não hezitareis jamais em recorrer sendo precizo.

Vendo findar o primeiro ano da nossa precioza ligação, não me posso impedir de voltar sobre o conjunto das poderozas impressões que m'a reprezentarão sempre como a éra mais memoravel da minha vida privada. Então surgiu em mim o unico verdadeiro amor, a um tempo puro e profundo, que comportava o meu destino. A eminente natureza do ente adorado permite a minha madureza, mais feliz do que a minha mocidade, de saborear em toda a sua plenitude as mais delicadas emoções da humanidade. Assegurando a minha ventura pessoal, esse renacimento moral tende tambem a aperfeiçoar a minha missão social, que doravante exige uma preponderancia crecente dos sentimentos sobre as idéias. A minha santa paixão permitiu-me aliás suportar, sem quazi perceber, uma perseguição passageira, e mesmo um grave dezapontamento de amizade. Dissipando os meus embaraços materiais, o novo ano far-me-á saborear ainda melhor a felicidade imprevista que vos devo. A doce rezignação que me prescreve o estado prezente do vosso coração afastará em breve a inevitavel perturbação fizica rezultante de tal abalo inicial; a minha afeição saberá dignamente gozar do prezente, sem solicitar antes de tempo modificações cuja principal condição é constituida por uma inteira espontaneidade.

Quanto a vós, minha terna amiga, permití-me felicitar me de que o ano que viu nacer a nossa casta intimidade haja tambem visto começar a vossa volta á saude e a vossa reconciliação com a vida.

O ano novo vai necessariamente consolidar e completar esse duplo progresso. Após tantas dôres ecepcionais, ele parece destinado a deixar enfim surgir ao mesmo tempo a vossa modesta independencia e a vossa justa nomeada, em consequencia natural da nobre elaboração que tão felizmente concebestes para tirar dos vossos proprios sofrimentos uma alta utilidade geral. Escapareis dignamente a um despotismo fundado na afeição, sem expôr a vossa existencia literaria a uma tirania muito mais opressiva, quazi sempre entregue a ignobeis inspirações. Repelindo uma odioza tentativa, rezististes nobremente ao vulgar engodo de uma publicidade vasta e imediata embora efemera. O jornalismo achar-vos-á, pois, cada vez mais rezolvida a recuzar-lhe toda e qualquer concessão dezagradavel.

Por maior que seja ainda o seu funesto acendente, ele sofre vizivelmente uma rapida decadencia, consequencia inevitavel do seu imoral exercicio. Sem renunciar á sua assistencia enquanto ela permanecer honoravel, a vossa nomeada não será a primeira, mesmo feminina, que saberá, sendo precizo, vir á luz independentemente de tal apoio.

Recebei, minha Clotilde, com terna indulgencia, esta cordial recapitulação dos meus agradecimentos, das minhas esperanças, e dos meus votos. Ate amanhan, pois, a livre conversa do santuario.

Amor e respeito eternos

A^TE COMTE.

Não vos apresseis em prometer as nossas cadeiras para amanhan, porque nós teremos talvez *Il Barbieri*, que eu saboreei hontem.

Clotilde respondeu na mesma tarde.

Centezima-vigezima-nona carta

Venerdia á tarde 26 de Dezembro de 1845.

Meu caro amigo, si tendes um *barbeiro* amanhan, eu vos peço que o rezerveis para alguma dama menos asmatica do que eu. A minha melhora não é e não póde ser ainda sinão um castelo vacilante; é precizo que o tempo secunde um pouco o medico e o doente.

Tenho sofrido muito dos meus bronchios nestes ultimos dias, e creio que me decidiria a um vezicatorio, si M. Grandchamp me prometesse que isso teria rezultado.

Deixai-me agora ralhar-vos um pouco pela perzistencia com que voltais á pequenina confidencia que vos fiz. No lugar de M. M...*, muitos homens terião feito como ele ou ainda peior. Ele limitou-se a armar-me laços viziveis, e não creio que esteja disposto, nem a se vingar, nem a me atormentar por cauza da minha razão. E' um homem leviano, com quem não contaria sinão a titulo de bom escritor. Mas eu ocupo-me antes de tudo de fazer bem o que faço.

Lamentei muito haver aproveitado com demaziado apressuramento da autorização que, na ocazião, me havieis dado para publicar a Santa Clotilde. Só esse passo da

* **Trata-se de** Armand Marrast.— R. T. M.

minha parte pôde fazer-lhe crer, ou que vos intrometieis entre mim e ele, ou que ereis para mim mais do que aquilo de que perante ele honrei-me de serdes. Não sei o verdadeiro motivo da sua frieza para convosco: penso sómente que não a cauzei em nada. Peço-vos, pois, meu caro amigo, que me deixeis considerar esse lado como um recurso possivel. Ser-me-ia preciozissimo estreiar assim, e eu sou muito boa guarda da minha vontade nos grandes assuntos. Sempre tive intimidades entre os homens; conheço-os melhor do que ás mulheres.

Boa-tarde, meu caro amigo; passai mais forte do que eu. Entretanto estou trabalhando bem; mas a minha poltrona ou o meu leito são os meus melhores calmantes: os passeios ficarão para o verão, pelo que vejo: tenho bem bom ar aqui felizmente.

Vossa de todo coração.

CLOTILDE DE V.

Augusto Comte não podia se conformar com a pouca importancia que Clotilde atribuia ao procedimento de Marrast. Tendo, porem, recebido a carta de Clotilde poucas horas antes da sua vizita de Sabado 27 de Dezembro, entendeu que o seu cavalheirismo lhe impunha o dever de não fazer então a minima aluzão a tal respeito. Só no Domingo á tarde 28 de Dezembro manifestou as penozas emoções que desde a revelação de Clotilde o affligião.

Centezima-trigezima carta

Domingo á tarde 28 de Dezembro de 1845 (2 h.)

Consagrando á vossa amigavel reprehensão uma carta cuja leitura devia sómente preceder de algumas horas a minha vizita acostumada, querieis, sem duvida, minha cara Clotilde, indicar-me hontem um dezejo especial de evitar, a este respeito, qualquer conversa. Felicito-me por haver-me exatamente conformado com essa criterioza intenção, que o fortunado atrativo da nossa entrevista dispunha-me aliás a respeitar. Mas esse assunto parece-me agora exigir uma explicação escrita, que dispensar-nos-á, espero eu, de voltar a ele. Sabeis que não posso dar a M. Armand Marrast a honra de ter ciume dele sob aspeto algum, sobretudo quanto a uma pessoa capaz de apreciar-nos ambos. Todavia, sem esse esclarecimento especial, poderieis crer que o seu mau procedimento para comigo,

quer antigo, quer recente, inspirou-me afinal uma animozidade pessoal, suctivel de alterar involuntariamente a retidão da minha apreciação.

Não posso, cara amiga, concordar comvosco sobre a pouca gravidade da conduta de que tivestes de me fazer conhecedor. Embora eu não tivesse antes disso uma grande estima, sobretudo moral, por M. Marrast, não o teria suposto capaz de agir assim. A longa carta (de 22 de Julho) em que discuti sériamente a sua ridicula proposta de colaboração hebdomadaria testemunha claramente que eu estava longe de suspeitar então similhante procedimento, apezar das suas vistas parecerem-me já demaziado interessadas. Abstrahindo mesmo de vós e de mim, essa conduta parece-me odioza, e mesmo desprezivel. Contai-a, sob nomes arbitrarios, e vereis si toda pessoa honesta e delicada a julga de outro modo. Sem ter siquer a excuza da minima paixão, e em vista unicamente de um brutal passatempo, destruir irrevogavelmente, por uma vergonhoza tranzação, a pureza de uma nobre mulher; isso é uma tentativa que, por haver sido dignamente repelida, não merece menos uma profunda reprovação. Quanto a mim, ser-me-ia doravante impossivel testemunhar a esse personagem a mesma consideração que outrora: afortunadamente, como não nos procuramos, arriscamo-nos pouco a encontrar-nos assás para manifestar essa inevitavel mudança de tom.

Sem duvida, como o dizeis, muitos outros não terião agido melhor, porque os velhacos se têm tornado muito comuns. Mas então é licito conduzir-se como o vulgo quando a gente se erige em reformador social? Aqueles que trovejão todas as manhans contra o abuzo dos governantes são porventura desculpaveis quando fazem do seu proprio poder um uzo ainda mais imoral? Permiti-me aliás acreditar que existe felizmente um grande numero de homens incapazes de tal indelicadeza; talvez mesmo eu os encontrasse entre os nossos jornalistas, mau grado a sua corrupção especial. Ele limitou-se, dizeis vós, a armar-vos laços viziveis! Mas, não os tivesse ele embora os armado de especie alguma, o seu projeto seria por isso acazo melhor, si bem que executado sem dissimulação? No fundo, tentou-se assim contra vós o unico constrangimento doravante possivel habitualmente, desde que os nossos costumes proscrevem as violencias materiais, que

essas almas grosseiras terião sem duvida empregado outrora.

Não restava a M. Marrast sinão um meio honoravel de merecer o perdão dessa ignobil tentativa; era, quando a viu fracassar, conceder-vos espontaneamente a importante publicação que ele tinha querido fazer-vos indignamente comprar. A sua propria honra devia, em falta de verdadeira delicadeza, prescrever-lhe essa reparação, para evitar o eterno reproche de converter em vergonhozo mercado um ato de magistratura literaria. Essa conduta era por modo tal conforme á situação, que ele não póde deixar de a ter seguido sinão por não haver francamente renunciado aos seus viciozos projetos, e mesmo ás suas criminozas esperanças.

Os nossos sultãos do jornalismo invejão muito os licenciozos privilegios dos diretores de teatros para com toda amavel estreiante. Seria, pois, pouco espantozo que, mau grado as vossas nobres recuzas, esse poderozo jornalista tivesse conservado a esperança de vencer vos enfim, mediante um engodo que ele julga irrezistivel, sobretudo na vossa pozição. Os seus ultimos avanços não me parecem comportar outra explicação.

Eis porque, minha cara amiga, acreditei do meu dever, uma vez por todas, insistir diretamente sobre essa apreciação especial, na qual a vossa perfeita pureza vos faz proceder com demaziada indulgencia. O nobre protetorado que ternamente me conferistes impõe-me essa austera solicitude, a respeito de um meio perigozo, que conheceis pouco, e cujo contacto se vos torna iminente. Sem encarar o seu apoio como indispensavel, sabeis que sempre apreciei a sua utilidade real, sobretudo para os vossos começos. Mas, embora plenamente rezolvida a não animar nunca indignas pretenções, precizaveis talvez que um mais exato conhecimento do perigo vos impuzesse melhor, a tal respeito, o habito especial de uma extrema rezerva, afim de não terdes mais a lamentar passos demaziado espontaneos. Os nossos tristes tempos obrigão a miudo a andar em lodaçais sem enlamear-se. Embora a vossa eminente natureza seja particularmente apta a bem preencher essa dificil condição, é precizo pelo menos que o terreno vos seja prèviamente bastante conhecido.

Espero, aliás, que não atribuireis a nenhum motivo pessoal esses justos conselhos do meu devotamento. Si eu

devo apreciar o cazo independentemente de mim, não posso entretanto parecer-me com o magistrado que, com medo de tornar-se parcial, julgava sempre contra as suas afeições. É bastante para mim que esteja certo que as minhas proprias tendencias não perturbárão aqui em nada a minha consienciоza apreciação.

Elas não alterárão siquer a minha dispozição habitual a pensar demaziado bem de todos até que a experiencia me obrigue especialmente a uma justa severidade.

Vosso para sempre,

Ate COMTE.

Clotilde apressou-se em dissipar, com a sua comovente candura, as aprehensões do nosso Mestre, respondendo -lhe imediatamente.

Centezima-trigezima-primeira carta

Domingo á tarde 28 de Dezembro de 1845.

Estou bem persuadida da pureza das vossas vistas e do dezinteresse dos conselhos que me dais, meu caro amigo. Creio sómente que, si conhecesseis melhor como as coizas em questão se passárão, as julgarieis mais como eu. M. M. veiu pela primeira vez á minha caza para indicar-me mudanças a fazer na *Lucia*. Nesse dia ele esteve perfeitamente logico e ajuizado em todas as suas palavras. Pareceu estar empenhado em ligar-me á sua colaboração e testemunhar-me uma distinta estima. Tinhamos acabado por conversar sobre minha situação, e ele disse-me muito pozitivamente: « Eu vos instigo a tomar filozoficamente a vida: laços na vossa pozição não constituirão jamais o desregramento: só as pessoas sem fé nem lei haverião de querer lançar a pedra sobre uma mulher porque não se condena á morte civil ao mesmo tempo que o seu marido. » Não lhe respondi então sinão de um modo banal. Mais tarde ele voltou ao mesmo assunto; e, achando-me sempre pouco comunicativa, a sua curiozidade ficou estimulada: afinal, ele pôz sobre o tapete a moral dos bastidores. Mas, quando veiu o oferecimento da colaboração habitual, já eu tinha feito a minha profissão de fé. Tive a culpa de parecer gozar vivamente com o seu espirito. Deixei-me arrastar pela bonhomia do meu. Tudo isso o tentou; e, com um pouco de espirito de *levar coizas*, eu podia tirar muito

bom partido do homem. Si não o fizer voltar ao ponto em que se achava, estou absolutamente decidida a não fazer nada.

Nesse interim, meu caro amigo, transportei hoje a minha machina á caza de M. Grandchamp; ele a comprehende verdadeiramente bem; e espero que ele acabará por livrar-me dos meus males, a mim e aos meus pulmões. Ele emprestou-me um aparelhozinho de ventozas que se produzem pelo vazio. Eu m'o apliquei um pouco acima do coração logo que entrei em caza, e isso já me dezafogou. Os meus males são congestões parciais, e já o teria pensado por mim-mesma. Infelizmente, eu não me posso operar sózinha e custa-me tanto recorrer aos outros para os meus curativos, que talvez seja por isso que as fricções me forão pouco uteis. Agora, entretanto, pois que tendes tido a bondade de oferecer-me tantas vezes Sofia, permitirieis que ela viesse duas vezes por semana fazer-me a operação? Ela é uma mulher tão boa e tão doce, que eu gosto muito mais de confiar-lhe a minha pele do que á minha porteira. Esse genero de ventozas é menos dolorozo do que os outros provavelmente; mas o é, ainda assim, e precizo enrubecer-me de todo as costas. Penso que a hora menos incomoda para vós seria ás dez da manhan, meu caro amigo. Si estou enganada, escolhereis outra. Si Sofia já puder vir amanhan, terá de voltar Jovedia: suponho que isto deve fazer suficientemente efeito sobre uma pessoa.

Agora, parto para a minha *soirée* Pavée, onde conto saber da vossa de hontem. Quero vo-lo repetir mau grado vosso, estou muito comovida com as vossas bondades, sinto que nenhum homem me ama como me amais; sei tudo que valeis de coração e de cabeça; e, quando respingo um pouco contra a vossa solicitude, é a minha *idéia fixa* de independencia que mostra a ponta da orelha. Sabeis si sou excuzavel nisso: eu sei que vou longe de mais, e que até, si o meu gato cometesse um ato de despotismo na minha céla, eu seria capaz de o lançar pela janela fóra; mas hei de corrigir-me quando tiver tempo. Eis ahi um famozo manuscrito: é verdade que vós não farieis dele sinão um bilhete com as vossas penas. Não quero, pois, exprobrar-me o tempo que passareis a lê-lo.

Beijo-vos ternamente,

CLOTILDE.

Estas explicações não poderão modificar a opinião de Augusto Comte. No Lunedia Ele esteve com Clotilde na rua Pavée, e só pôde responder-lhe na tarde de Martedia.

Centezima-trigezima-segunda-carta

Mart. dia á tarde 30 de Dezembro de 1845.

A vossa ecelente resposta, minha carissima amiga, merece a muitos titulos os meus ternos agradecimentos. Alem da plena justiça que ahi me fazeis sobre uma explicação muitissimo delicada, me dais novos testemunhos da vossa ingenua confiança, fazendo-me saber, a tal respeito, importantes detalhes. Cada ocazião que vem assim oferecer-se de pôr em evidencia espontanea a vossa eminente natureza aumenta sempre a minha intima adoração. A minha vida solitaria não me impediu de conhecer um bom numero de mulheres de um espirito distinto; entre elas, achei mesmo algumas nas quais a cabeça não tinha estragado o coração: mas só vós me oferecestes tambem essa perfeita pureza e essa adoravel candura que tão profundamente enraizárão a nobre paixão ecitada a principio por tantos atributos amaveis. Até nos cazos em que o nosso acordo é incompleto, reconheço logo que isso provém sobretudo do ecesso das vossas raras qualidades.

É o que acontece hoje a propozito de M. Marrast As vossas novas explicações acabão apenas de confirmar essencialmente a minha inevitavel reprovação de ante-hontem. Elas não atenuão em nada a gravidade da culpa principal, a saber, a sua tentativa de uma vergonhoza tranzação para inserir a SANTA CLOTILDE, seguida afinal de uma recuza de publicação quando a ignobil proposta foi dignamente repelida. Nada poderá jamais paliar, aos aos meus olhos, a infamia de tal procedimento. Quanto ao seu vão oferecimento ulterior de colaboração hebdomadaria, si eu tivesse conhecido então o que sei agora, não o teria honrado com um exame sério; porque considero hoje tal oferecimento como não tendo sido jamais sincero: foi sempre um simples engodo, unicamente destinado a arrastar-vos bruscamente. O conjunto da sua conduta para comvosco desvenda uma natureza moral muito vulgar, e mesmo inferior, na qual a auzencia de generozidade neutraliza radicalmente até a perspicacia habitual. Com medo de aventurar o seu negocio, ele menosprezou a força de uma legitima gratidão. Eu oferecia-lhe, entretanto, na

SANTA CLOTILDE, uma afortunada ocazião de servir-vos dignamente, adquirindo mesmo titulos especiais ás minhas atenções pessoais! No ardente inicio de uma profunda paixão, eu não tinha receiado, para melhor servir-vos, associá-lo espontaneamente a um importante obzequio, no qual o vosso justo reconhecimento devia ligar-se a ele mais do que a mim. Entretanto eu podia então temer a concurrencia de um graciozo espirito cuja superficialidade não podieis constatar já, ao passo que, ao contrario, não tinheis podido ainda apreciar-me assás. O receio de perder os seus avanços não lhe teria dissimulado todas as vantagens de tal situação, si ele tivesse verdadeiramente merecido essa nobre concurrencia, na qual ele não trazia, no fundo, nenhuma verdadeira inclinação, de que a sua leviandade parece-me, em geral, torná-lo incapaz. Não posso, pois, modificar o severo juizo que tive de indicar-vos. Si eu tivesse, por desgraça, de escrever-lhe, o que espero evitar, não poderia conservar-lhe a nossa antiga fórmula, *meu caro Sr. Marrast;* não poderia passar do simples *Senhor*, o mais secamente oficial. Quanto a vós, empenhai-vos em reduzí-lo ás simples relações literarias do diretor de um jornal para o escritor cujos trabalhos publíca. Ele deve aceitar ou recuzar os vossos, como todos, tendo unicamente em vista a sua empreza, sem nenhuma complacencia pessoal. O passado vos adverte que qualquer outra relação tornar-se-ia perigoza com um personagem que, sem ser propriamente um fatuo, contará sempre junto de vós com a sedução do seu espirito e o acendente da sua pozição. Parece-me, pela vossa concluzão, que tal é pouco mais ou menos a vossa propria rezolução atual.

Com que amavel franqueza dignai-vos, Clotilde, reconhecer enfim a ecelencia da minha afeição! Quanto vos sou grato sobretudo por colocardes sempre, na vossa apreciação, o meu coração antes do meu espirito! Quanto aos inconvenientes de carater que me confessais tão amigavelmente, crêde que, mesmo no momento em que sofro com eles, sei referi-los á sua principal fonte. Vós, cuja justa independencia foi sempre tão pouco respeitada, sois certamente bem excuzavel de temer, a tal respeito, até a mais pura afeição. Espero, entretanto, que me conheçais bastante hoje para esforçar-vos por conter o que póde ter de injusta e aflitiva essa tendencia involuntaria. Sem pedir-vos nada alem de uma santa amizade, permiti-me dezejar

mais abandono e familiaridade nas nossas cordiais entrevistas, nas quais a miudo os vossos modos tornão-se tão cerimoniozos como diante de terceiros. Em uma palavra, sejamos doravante tão livres de perto como de longe. O tom geral da nossa casta intimidade deve conformar-se á concluzão carateristica que me praz repetir segundo a vossa precioza carta do dia 10: «Seja qual fôr a nossa sorte, espero que só a morte quebrará o laço fundado sobre a minha afeição, a minha estima, e o meu respeito.» Beijo-vos, pois, com ternura, enquanto aguardo a vossa cara vizita do Mercuridia, que terminará dignamente o nosso primeiro ano.

A^TE^ COMTE.

Agradeço-vos especialmente haverdes afinal aceitado os serviços da minha boa Sofia, com quem espero que tereis ficado contente esta manhan. Si a operação dever reiterar-se mais de duas vezes por semana, conto que não hezitareis em empregá-la tanto quanto fôr precizo.

XII

Viver para outrem, parecia-lhe a lei do dever sem ser a da felicidade.

(AUGUSTO COMTE—*Discurso funebre de Blainville*.)

O nosso Mestre estava assim entregue ás encantadoras emoções do seu incomparavel amor, quando recebeu a seguinte carta de Blainville:

30 de Dezembro de 1845.

Meu caro amigo,

Desde a vossa ultima vizita, e a proposta que era o seu principal motivo, procurei aprofundar a minha pozição financeira para o correr do ano 1846 no qual vamos entrar, e, com grande pezar meu, adquiri a certeza de que, á vista dos encargos assás numerozos que já me tenho imposto, e dos quais vos fiz uma enumeração sucinta, ser-me-ia verdadeiramente impossivel proporcionar-vos ainda 1.500 francos, resto da soma de que tendes precizão no correr de 1846 e que, no vivo dezejo de obzequiar-vos, eu vos tinha dito poder emprestar-vos.

Tende, pois, a bondade de aceitar as minhas desculpas

si me vejo obrigado a retirar a minha promessa, por cauza da impossibilidade absoluta em que me acharia de mantê-la; a menos, entretanto, que o meu dezenhista, obtendo enfim as subscrições que lhe forão prometidas, me reembolse uma parte das somas que eu lhe havia adiantado para ajudar a publicação da minha obra.

Nesse cazo, crêde que ficarei encantado de achar ocazião de dar-vos esse novo sinal dos sentimentos de estima e amizade com que tenho a honra de ser

Vosso humilimo criado,

D. DE BLAINVILLE.

Era uma nova decepção de amizade, e porventura mais amarga do que o dezapontamento que ao nobre Pensador cauzára a conduta dos seus partidarios inglezes. O nosso Mestre respondeu na manhan seguinte.

Ao senhor de Blainville, professor no Muzeu de historia natural.

Mercuridia de manhan 31 de Dezembro de 1845.

Meu caro amigo,

O vosso bilhete de hontem sorprehendeu-me e afligiu-me. Quando sofri, ha quinze mezes, uma iniqua expoliação, vos dignastes oferecer-me espontaneamente, da maneira mais cordial, a vossa assistencia pecuniaria. Sem aceitá-la então, mostrei-me disposto, si a necessidade o exigisse posteriormente, a recorrer a vós na medida dos vossos proprios meios. Depois de haver esperado longo tempo poder dispensar-me de tal, achei-me bem recentemente obrigado (lunedia 22) a invocar essa generoza proposta, dirigindo-me primeiro a vós como ao meu mais antigo amigo. Tivestes a bondade, entregando-me quinhentos francos, de permitir-me contar formalmente, durante o novo ano 1846, com o resto dos dois mil francos que eu vinha francamente pedir-vos emprestados como suplemento, indispensavel mas suficiente, aos meus proprios recursos atuais. Esta certeza proporcionou-me logo uma plena seguridade pelo tempo pouco consideravel que deve ainda escoar-se até o restabelecimento quazi seguro da minha pozição oficial, ou pelo menos até a inevitavel realização dos novos meios que estou instituindo para neutralizar a perseguição. Similhante sinal de afeição se

me tornava ainda mais preciozo sob o aspeto moral, sustentando a minha coragem pela convicção de não estar, na minha injusta penuria, abandonado de todos os meus amigos. Eu fiquei tanto mais comovido com esta nobre conduta quanto, embora esperada da vossa parte, ela contrastava profundamente com a que acabavão de ter, na Inglaterra, ontros amigos, em verdade menos antigos e menos intimos, mas tambem muito mais ricos. Assim tranquilizado sobre o prezente, e aliás pouco inquieto do futuro, a minha feliz despreocupação filozofica já me havia determinado a retomar serenamente, nestes ultimos dias, a minha grande elaboração, para consagrar-lhe sem esforço todas as minhas horas disponiveis, utilizando mesmo as delongas, a qualquer outro respeito dezagradaveis, que poderia ainda experimentar o surto gradual dos meus novos recursos. O que acabais de fazer-me saber perturba bruscamente esse equilibrio nacente; e o golpe é tanto mais grave quanto eu estava longe de receiá-lo, em virtude da segurança formal que me havieis espontaneamente reiterado, oito dias antes, de não perturbardes em nada a vossa pozição financeira, pelo emprestimo sucessivo que me concedieis. Lastimo profundamente, por vós tanto como por mim-mesmo, que um exame mais maduro dessa situação vos tenha forçado a retratar o que um generozo impulso vos havia arrastado a prometer. Como a soma total que me havieis creditado assim para 1846 me é estritamente necessaria durante esse ano, acho-me obrigado a interromper gravemente os meus caros trabalhos filozoficos, afim de preencher essa lacuna imprevista pela intervenção de alguns outros amigos, que tambem me havião oferecido a principio uma cordial assistencia. Todavia a eventualidade mesmo que tendes a bondade de indicar -me como sucetivel de impedir a retirada efetiva da vossa amigavel promessa, decide-me a limitar-me a procurar assim um socorro de mil francos sómente, continuando a contar convosco para um segundo emprestimo de quinhentos francos, a menos de novo avizo especial.

Vosso respeitozo amigo,

Ate COMTE. *

* Robinet — *Noticia sobre a obra e a vida de Augusto Comte*, 3ª edição, ps. 454-456.

XIII

> Devo a essa nobre paixão o experimentar dignamente tudo o que ha de mais puro e de mais profundo nos sentimentos humanos.
>
> (*117ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

Que amargas recordações essa pungente carta não vinha evocar ao nosso Mestre! Todo o seu tormentozo passado devia ter surgido, naquele momento, diante de si; passado de contínua dedicação, privada e publica, e tão cheio de imprevistas decepções! Quantas vezes esperára, em vão, que uma nobre amizade lhe trouxesse a compensação das inevitaveis lutas inherentes ao digno dezempenho de sua missão social!

As ingenuas afeições da sua infancia e da sua adolecencia, ardentes promessas de um futuro encantador, se havião dissipado, ou cahido em irremessivel letargo. Umas, a morte ceifára na alvorada da existencia, como a do seu desventurado Cabanes; outras, ficárão estioladas ao influxo maligno de Carolina Massin, como a de Tabarié; outras não puderão rezistir aos embates das discordancias intelectuais, apezar dos seus ternos desvelos, como a de Valat! Em vez dos verdadeiros amigos com que contára, só lhe restavão vagos conhecidos, cuja tibieza era porventura melancolicamente realçada pelas fórmulas da camaradagem, nos encontros fortuitos.

Tambem não havião conseguido medrar as simpatias provocadas pelo entuziasmo das suas primeiras descobertas, como o atestava o arrefecimento de Gustavo d'Eichthal. As chimeras momentaneas dos agitadores metafizicos tinhão oferecido mais atrativos do que os magnificos ideais presentidos pelo egregio Reformador. E de relações que prezagiavão uma tocante identificação moral e mental, apenas ficárão saudozas recordações...

O surto decizivo da sua obra parecia haver-lhe conquistado adhezões sinceras e inabalaveis. Um punhado de espiritos eminentes tinha vindo sorprehendê-lo na sua soledade, com o comovente preito de uma admiração e de um reconhecimento espontaneos. O mais notavel dentre eles, Stuart Mill, não hezitára em tornar-se o arauto da nova doutrina e o pregoeiro do Filozofo menosprezado. Na mesma ocazião, outros tinhão oposto o seu cavalheiresco devotamento á infame perseguição que ameaçava o proseguimento da sua carreira regeneradora. Que simpatias

podião inspirar maior confiança?... No entanto, elas bem depressa patenteárão a triste instabilidade das adhezões puramente mentais!

Fôra em meio do acabrunhamento oriundo dessa incalculavel dezerção que Ele rezolvêra aceitar os oferecimentos de Blainville. A perzistencia da afeição que o biologista lhe testemunhava, apezar das discordancias filozoficas e politicas existentes entre ambos, constituia, para o nosso Mestre, um indicio seguro de sinceridade. Graças á sua nobre candura, o Filozofo não percebêra até então a natureza egoista do pensador que Ele glorificára, emparelhando com Fourier, na dedicatoria da sua obra fundamental. E um dezapontamento cruel fôra ainda o premio da sua confiança...

Por mais acerbas, porem, que fossem essas obsidentes reflexões, elas não podião rezistir por muito tempo aos encantos da divinal paixão que Clotilde inspirára ao magnanimo Filozofo. Todos os objetos que o cercavão lhe falavão ternamente da sua Bem-amada, e lhe despertavão as mais gratas esperanças. E entre todos esses redentores estimulos exteriores destacava-se a figura serena da sua filial Sofia. A modesta Senhora não lhe recordava, com efeito, sómente a soberana Dama a quem Ela tributava tão respeitoza ternura, e de quem recebia tão piedozo carinho. Ela lembrava tambem ao Reformador as honrozas adhezões que a parte mais energica do Proletariado parizienso começava a trazer-lhe, como o revelava a manifestação de que fôra alvo ao terminar, em Agosto, o seu curso popular.

Tantas impressões não tardárão em transportar o abnegado Pensador á suprema realidade que lhe emparadizava a existencia. O momento da angelica vizita se aproximava, e a gracioza efigie dezenhava-se cada vez mais viva, no modesto *altar*, como uma vizão sublime. Arroubado na sua contemplação, Augusto Comte alheia-se de todas as amarguras, para só pensar nos grandiozos ideiais que Clotilde lhe anuncia. E, momentos depois, a adoravel prezença da nossa suave Mãi Espiritual permitia que o nosso terno Mestre rezumisse na sua nobre e imaculada imagem o incomparavel ano da redenção humana.

TERCEIRA PARTE

Estado Normal

JANEIRO — FEVEREIRO — MARÇO

CAPITULO PRIMEIRO

JANEIRO — INTIMIDADE COMPLETA

I

Virgine-Madre, Figlia del tuo figlio,
Ame-te a ti mais do que a mim; e não me ame a mim sinão por amor de ti!
(DANTE, e TOMAZ DE KEMPIS.)

Os perseguidores do nosso Mestre triunfavão. A subvenção cavalheiresca dos seus tres adherentes inglezes o tinhão defendido, até Julho de 1845, contra as perturbações materiais da expoliação pedantocratica. Os 600 francos enviados posteriormente por Grote, reunidos aos 500 francos emprestados por Blainville, prolongárão essa nobre proteção até o fim de 1845. Mas agora começava a quadra dos maiores vexames pela insuficiencia dos seus recursos financeiros, reduzidos aos 5.000 francos que provinhão do seu cargo de repetidor na Escola politecnica (2.000 francos) e de professor na Instituição Laville (3.000 francos). * E esses meios estavão ameaçados de lhe serem arrancados logo que se consolidasse a primeira extorsão. No ano que findava, M. Laville havia disposto tudo no seu estabelecimento para dispensar o heroico Pensador, apezar dos seus dez anos de bons serviços, desde que a expoliação politecnica se tornasse irrevogavel.

* O nosso Mestre entrou para a Escola politecnica, como repetidor, no ano de 1832, e para a Instituição Laville em 1835. Esta ultima data deprehende-se de uma carta dele a Littré.— R. T. M.

Com efeito, a partir dessa epoca, o ensino do nosso Mestre na referida instituição passára a constituir uma especie de luxo cuja duração dependia das probabilidades da reintegração dele no lugar de examinador de admissão *

Tal era a consequencia da conduta dos ricos patronos que, após um rasgo generozo, desconhecião a incomparavel missão social que a Humanidade lhes confiára! Dezamparado pelos seus adherentes, o egregio Pensador ficava entregue á perspectiva falaz da sua reintegração na Escola politecnica e aos azares de um ensino privado, que, de dia para dia, parecia menos sucetivel de exito. E, para suprir a falta dessa dupla compensação, Augusto Comte só podia contar com o devotamento das pessoas de suas relações intimas. Destas, umas erão pobres, e as outras, não sentindo bem o alcance dos seus serviços, só o auxiliarião em virtude de uma afeição nem sempre sincera. Tal auxilio tornava-se, pois, pela sua natureza, extremamente precario, como o acabava de patentear a recente conduta de Blainville.

Desde o principio do ano, o nosso Mestre procurou atenuar esses embaraços financeiros reduzindo como já vimos mil francos nas suas despezas pessoais e mil francos na pensão que dava a Carolina Massin. Similhantes economias reprezentavão porem menos da metade do desfalque que sofrêra. Elas pouco influião pois sobre o conjunto da situação material de Augusto Comte.

Essa angustioza crize não conseguia entretanto perturbar por muito tempo a divina felicidade em que o nosso Mestre se extaziava. As recordações do seu amorozo passado e as encantadoras esperanças do seu porvir erão tudo quanto as venturas do prezente lhe deixavão surgir e durar na alma.

S. Bernardo, o sublime Santo que constitûi o tipo mais completo do Catolicismo, ** retraçou, atravez das ficções teologicas, a maravilhoza evolução afetiva que o nosso Mestre devia realizar. Eis como Ele aprecia, no capitulo final do seu *Tratado do Amor de Deus*, os quatro graus que conduzem á suprema felicidade, só produzida pela inteira preponderancia do altruismo:

« Entretanto, como somos todos carnais, e nacemos

* Vide no nefando livro de Littré sobre o nosso Mestre, pag. 595, uma carta deste ao lexicografo. — R. T. M.

** POLITICA POZITIVA, tomo IV, p. 145.

todos da concupicencia da carne, não se póde fazer com que os nossos dezejos e as nossas afeições não comecem pela carne. Mas si eles vêm a regrar-se com o tempo, avançando por graus sob a conduta da graça, não ha duvida que afinal eles ver-se-ão consumidos pelo espirito, porque, segundo o pensamento mesmo de S. Paulo, *não é o espiritual que precede, porem o animal, e depois o que é espiritual.* * Donde provem ser precizo que tragamos a imagem do homem terrestre antes de exprimir em nós a imgaem do celeste.

« E' pois verdade que o homem ama se primeiramente por si-mesmo, porque sendo carnal ele nada póde saborear alem de si mesmo. Todavia, como ele bem vê que não póde subzistir por si-mesmo, vindo a reconhecer quanto Deus lhe é necessario, começa a procurá-lo pela fé e a amá-lo. Dahi vem que Ele ama a Deus no segundo grau, porque ele lhe é util, e não porque ele seja amavel em si-mesmo. Mas quando em razão da precizão que tem de Deus, ele começou a procurá-lo e a aproximar-se dele mais a miudo pelo pensamento, pela leitura, pela oração, e pela submissão que presta ás suas ordens, gera-se dahi uma certa familiaridade que lhe dá pouco a pouco um conhecimento mais particular das suas perfeições; em seguida do que, ele vem a saboreá-lo, e tendo experimentado *quanto o Senhor é doce*, ele passa ao terceiro grau do amor que o faz amar a Deus, não mais pelo seu proprio interesse, mas pela ecelencia e o merito da natureza divina. *E' nesse grau que se faz uma longuissima pauza* *, e eu não sei si é possivel a alguem nesta vida chegar até ao quarto grau, no qual o homem não se ama mais nada sinão por Deus. Os que o experimentárão podem testemunhá-lo; quanto a mim, não o creio possivel neste mundo. Mas ele o será sem duvida quando o bom e fiel servidor entrar na alegria do seu Senhor, e vir-se inebriado pelas delicias ecessivas que se saboreão na Caza de Deus. Então, achando-se em um maravilhozo esquecimento de si-mesmo, e como si cessasse inteiramente de ser seu mesmo, ele transporta-se de todo para Deus. De tal sorte que, não tendo mais liames sinão para com Deus só, ele tornar-se-á um mesmo espirito com ele. » (TRATADO DO AMOR DE DEUS, Cap. XV.)

Pois bem, a influencia redentora de Clotilde estava

* Este grifo é nosso. — R. T. M.

destinada a provar que era exequivel na Terra esse *quarto grau do amor*, que S. Bernardo julgava apenas realizavel no Céu. Com efeito, vimos, até aqui, como a virtuoza solicitude da nossa piedoza Mãi Espiritual fizera o cavalheiresco Regenerador atravessar incolume todos os perigos da arrebatadora paixão que Ela lhe inspirára. Após um ano de indescritiveis lutas morais, Ele conseguíra elevar-se definitivamente ao terceiro grau do amor, extaziando-se na *ecelencia e no merito da natureza* da sua divina Inspiradora. Ahi Ele havia de ter uma *longuissima pauza*, ou melhor, a partir dahi a sua acenção tornar-se-ia menos rapida. Mas desde então foi realmente inaugurado o *estado normal* da incomparavel união entre os Fundadores da Religião definitiva. Tal era o feliz dezenlace da nobre afeição do nosso Mestre, no momento mesmo em que os seus lastimaveis inimigos o julgavão porventura aniquilado. E essa bem-aventurança não se restringia á sua existencia privada: por uma solidariedade sem exemplo, o preenchimento da sua missão social rezultava da beatitude que lhe emparadizava os minimos incidentes da sua vida intima.

Augusto Comte alheiava-se, pois, espontaneamente cada vez mais das amargas preocupações da sua situação material para absorver-se no gozo de uma felicidade moral que jamais sonhára. Por seu lado, Clotilde via, ao mesmo tempo, surgir para a sua virtuoza existencia a éra pela qual sempre anhelára. Cremos que foi então que deixou a sua vilegiatura de Passy, e voltou para a rua Payenne.

E' essa vida de puras satisfações altruistas pela dezistencia cada vez mais completa de todos os deleites de uma grosseira personalidade que dora em diante teremos de contemplar. Ainda em vida de Clotilde, o nosso Mestre se convencerá de que o conjunto das fatalidades que pezavão sobre ela e sobre si lhes permitia apenas uma união casta. Sob essa convicção Ele vai projetar adotar legalmente por filha Aquela que a principio julgou poder ter por espoza apezar das leis. E quando a morte de Clotilde vier frustrar esse sagrado voto, o culto da memoria dela, acabará por fazê-lo emancipar-se definitivamente de todas as perturbações inherentes á imperfeição da natureza masculina, para conceber a união conjugal compativel com a mais fraternal pureza. E' só então que, atingindo ao supremo grau do amor, a sua alma adquirirá a plena

harmonia religioza, compenetrando-se do verdadeiro carater da união que os destinos humanos havião instituido entre Ele e a nossa imaculada e terna Mãi Espiritual. Tão dificil era realizar a obra da redenção social a que ambos se tinhão votado!

II

> A minha intima convicção da vossa superiorida e mental e moral sobre os outros tipos femininos rezulta de uma experiencia real, que eu não tenho nem precizão nem dezejo de extender mais.
>
> (*134ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

Assim começava para os Fundadores da Religião da Humanidade o ano de 1846.

O estado de saude de Clotilde permitiu que Ela passasse o dia de Ano-Bom na rua Pavée, segundo o tocante uzo que, nesse dia, reune em torno do tronco principal, os membros de cada Familia. Na tarde do Venerdia seguinte, Ela comunicava ao nosso Mestre as suas impressões e os seus projetos.

Centezima-trigezima-terceira carta

Venerdia á tarde 2 de Janeiro de 1846.

Eis ahi belos raios de sol que hão de fazer me bem. Si vos fôr indiferente, meu caro amigo, irei eu amanhan vos ver, em lugar de receber-vos. Esqueci-me de o dizer esta manhan a Sofia; mas sei que não deplorais os portes das minhas cartas, e esta vos chegará ainda antes do meio-dia.

Os esplendores do dia e do tempo de hontem fizerão-me ficar encerrada na rua Pavée; não vos levarei pois nenhuma noticia exterior. As do interior que me concernem são boas, e fazem-me esperar que todas as guerras civis cessárão para mim: já é alguma coiza. Penso não mudar os meus novos habitos quando o meu irmão chegar. Ganhei um pouco de forças este mez, com o meu regimen de repouzo, e já é tempo de trabalhar para mim. Willelmina interessa-me cada dia mais: é a filha das minhas tristezas solitarias: e eu me comprazeria em dezenvolvê-la si já não tivesse coiza melhor em vista. Espero bem ter concluido antes do mez.

Até amanhan, meu caro amigo: sei que é mais ou menos ao meio-dia, e arranjar-me-ei em consequencia. Espero fazer as minhas vizitas do ano-bom, no correr de Julho proximo. A Humanidade diz-me muito pouca coiza ao prezente. Vós, que sois uma grande eceção, recebei a expressão dos meus sentimentos afetuozos e devotados.

Vossa do coração,

CLOTILDE V.

O nosso Mestre conta na carta de Domingo seguinte as deprimentes dispozições em que se achava, quando Clotilde chegou, e a salutar reação que tivera a sua vizita.

Centezima-trigezima-quarta carta

Domingo 4 de Janeiro de 1846 (meio-dia).

A vossa cara vizita de hontem foi, minha bem-amada, um verdadeiro beneficio, cuja eficacia estou prolongando agradecendo-vos com ternura. Estava sofrente, no fizico e no moral: a nossa nobre e cordial entrevista reanimou-me duplamente, pelo menos por algum tempo. Quanto mais se dezenvolve a nossa pura intimidade, melhor sinto quanto me sois precioza. Junto de que outra amiga teria eu jamais podido, ao mesmo tempo, expandir sem esforço as mais altas concepções e os mais doces sentimentos, com a plena certeza de ser sempre comprehendido e apreciado! Embora eu tenha frequentado pouco o mundo, conheço-o melhor do que a maioria dos que nele andão, porque, notando tudo quanto vejo e retendo-o exatamente, não deixei perder nenhuma das ocaziões que a minha vida me tem oferecido de observar com utilidade, ligando os diversos fatos parciais a verdadeiros principios gerais. A minha intima convicção da vossa superioridade mental e moral sobre os outros tipos femininos rezulta pois de uma experiencia real, que eu não tenho nem precizão nem dezejo de extender mais. Hontem, por exemplo, passei uma soirée agradabilissima junto de uma boa e gracioza dama, ao mesmo tempo ingenua e inteligente, que poderia ter grandes sucessos no mundo si vivesse nele: mas, no fundo, ela nada tem de verdadeiramente eminente, de coração ou espirito. Por isso tambem essa conversa só conseguiu fazer-me apreciar ainda melhor o encanto inexprimivel da feliz entrevista que a tinha precedido. Alem da simpatia espontanea das nossas duas

naturezas, creio, minha Clotilde, que essa intima satisfação habitual depende aliás da nossa vida retirada, em relação á qual felicito-me que a vossa propria dispozição concorde tão bem com a minha. O frequente contato do mundo, mesmo o mais bem escolhido, embora tendendo, por comparação, a fazer cada um sentir melhor o valor dos outros, altera afinal toda verdadeira intimidade, impelindo quazi inevitavelmente á leviandade dos pensamentos e á inconstancia das afeições. Tal é pelo menos a sua influencia ordinaria naqueles que nele andão por gosto, sem necessidade alguma rezultante da pozição. Sobretudo neste tempo de flutuação e de discordancia anarchicas, sabeis quanto são por toda parte dificeis e raras as verdadeiras conversas entre mais de duas pessoas, na barulhenta solidão dos nossos salões.

Abrindo hontem de manhan a vossa carta, queria comprimentar-vos pelo vosso novo sinete, que não podia certamente indicar melhor o vosso principal carater. Mas, logo que vos vi, cessei de pensar em qualquer outra flor. A propozito de flores, não ha dia, ha um mez, no qual eu não recite com ventura as vossas suaves estancias; todavia, elas me lembrão tambem a vossa promessa de novas graças analogas, e a pouca eficacia de tal compromisso até aqui. Não posso crer entretanto que a vossa ecelente memoria haja se tornado assim esteril, no meio de tantas riquezas anteriores. Não rezervaveis algumas delas para as minhas festas?

Adeus, minha nobre e terna amiga; termino a contra gosto essa cordial diversão, tanto mais precioza quanto nenhuma necessidade extranha a ela não me fornecia ensejo para tal. Deixo-vos, porem, unicamente para ocupar-me convosco de outro modo, consagrando o resto do meu dia de repouzo, até a hora do sereno banquete mensal, * a reler convenientemente, como o tinha projetado, todas as vossas sessenta e duas cartas de 1845, com a doce esperança de que o prezente ano não me será menos favoravel.

Amor e respeito eternos,

A^te^ COMTE.

Si a vossa mãi, por qualquer motivo, retardasse a entrega que lhe querieis pedir hontem á noite, espero,

* Aluzão ao jantar que Blainville dava no primeiro Domingo de cada mez. — R. T. M.

Clotilde, que, á primeira necessidade, não hezitareis em contar com a intervenção quazi providencial que, em geral, me concedestes.

Quando esta carta foi entregue, Clotilde se achava sob a doloroza impressão que Ela descreve na resposta da noite do mesmo dia.

Centezima-trigezima quinta carta

Domingo á noite (10 h) 4 de Janeiro de 1846.

Meu caro amigo, sou antes eu que devo abençoar as circunstancias que nos aproximárão. Tenho tudo a ganhar nas nossas relações, e não achais em mim sinão um bem timido éco dos vossos sentimentos e das vossas idéias.

Como para vós, a jornada de hontem fez-me bem; gosto de instruir-me sem fatigar-me, e acho sempre ocazião disso nas nossas palestras.

A vossa boa carta chegou-me hoje, depois de uma provação bastante dezagradavel. Eu tinha escrito esta manhan algumas linhas á minha mãi para pedir-lhe que levasse a bem o deixar subzistir os meus novos arranjos. Dizia-lhe que jantaria em familia aos Domingos durante a estada de Léon; e que a minha propria saude achava-se bem com uma especie de regimen particular. Fiquei sorpreza de vê-la chegar á minha caza em uma dispozição hostil ás minhas vistas; ela falou-me dos seus embaraços atuais, da necessidade de nos reduzirmos extremamente, e de não fazermos nenhuma outra despeza alem da da vida alimentar. Deu-me enfim os meus cincoenta francos, porem observando-me que não podia fazer mais nada por mim alem do que já ela bem como meu pai me havião dado de festas, e que era precizo esperar portanto o pagamento do meu escrito. Nada de tudo isso me aflige porque conheço a situação commum. Mas isso prova-me sempre a existencia das antigas tendencias, e a importancia dos serviços que me tendes prestado, meu caro amigo. Vou ter que pagar os meus cincoenta francos de aluguel de caza, que minha mãi nunca prevê. Si ela não m'os oferecer, vo-los pedirei ainda, pois que me animais a isso tão afetuozamente. Dos meus quarenta francos de festas, dei oito a minha porteira, seis ao meu sobrinhozinho, dois ao meu carteiro. Felizmente não tenho precizão de nada

para o meu sustento; saberei pois ter paciencia. O meu folhetim fará pouco mais ou menos quatro vezes a *Lucia*. Conto com ele para dezenhar um pouco a minha situação: sou bem feliz de ter forças razoaveis agora.

Eis ahi, meu caro amigo, os graves acontecimentos da minha vida. Eles afetão-me muito pouco em comparação das emoções quotidianas, e creio que acabarei por tornar-me filozofa no fundo do meu poleiro. Minha mãi, não tem, na realidade, comigo, sinão culpas de fórma: ela timbra em fazer-me sentir os escolhos da emancipação. Isto a impeliu hoje a mostrar-me o meu trabalho atual como devendo fundá-la: isto é bastante engraçado. Eu ganho sempre o ponto capital nas nossas lutas, e estou muito contente com o partido definitivo a que chegamos.

Bem quizera, meu caro amigo, poder oferecer-vos algumas novas *canzone*, como tendes a bondade de chamar a minha flôr. Mas só tenho achado farrapos incorretos e indignos de vós. Ha já longo tempo que fiz o auto-de-fé de que vos falei, e creio que teria havido pouca escolha a fazer-se, a não ser sobre Eliza Mercœur a cujo respeito havia pensamentos bem bonitos. Só me lembro dos ultimos versos:

> Ah! ter na juventude! ao coração trazê-lo
> Esse fardo genial que é da desgraça o sêlo!
> Porque tão tristes dons! São, deuzes, vossos crimes;
> Mas 'stás, Mercœur, nos céus; e assim aos céus redimes. *

Boa noite, meu terno amigo: estão dando dez horas, passei esta tarde de neve com Lucia e convosco. Até amanhan: recebei, nesse interim, os meus votos de todos os dias pela vossa saude e o vosso repouzo.

Vossa de coração,

CLOTILDE V.

* Julgamos conveniente juntar aqui os versos originais que ensaiamos traduzir tão literalmente quanto nos foi possivel:

> « Quoi! l'avoir au jeune âge! le sentir dans son cœur
> « Ce fardeau du génie qui vous mène au malheur!
> « Pourquoi ces tristes dons! Ce sont crimes des dieux:
> « Mais j'adore et m'incline, Mercœur est dans les cieux. »

R. T. M.

III

Seja como for, a vossa feliz dispozição aumenta ainda a minha simpatica adoração.

(*136ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

Nessa noite, Maximilien Marie viera vizitar o nosso Mestre. A entrevista foi longa, e o joven geometra deixou uma grata impressão ao terno Pensador. No Lunedia seguinte, este recebeu a carta de Clotilde; mas só respondeu no Martedia imediato. Nesse intervalo, estivera com Ela na rua Pavée, na tarde do Lunedia. As noticias que a sua Bem-Amada lhe dava acerca das dispozições de Mme Marie alarmárão o nosso Mestre, e a resposta traduz as suas devotadissimas aprehensões.

Centezima-trigezima-sexta carta

Martedia á tarde 6 de Janeiro de 1846 (2 h.)

Os novos embaraços que me indicais, minha carissima amiga, me parecem mais graves do que a vós. Não é quanto á precizão imediata de que me falais; porque terei amanhan o prazer de entregar-vos o que ela exigir. Penso, porem, sobretudo em um precedente geral duplamente funesto, que vos importa prevenir, e que podeis, com efeito, evitar por uma conduta firme e delicada.

Por um lado, o recente procedimento da vossa mãi tende a estabelecer entre vós e os vossos uma sorte de comunismo domestico, que só póde redundar em vosso prejuizo pessoal. A soma enviada anualmente pelo vosso tio vos é unicamente destinada, em razão das vossas desgraças ecepcionais: ela não deve ser absorvida insensivelmente para nenhum outro uzo, mesmo o mais legitimo. Não podeis, sem duvida, ficar indiferente aos embaraços atuais da situação domestica fraterna: mas é indispensavel que o vosso proprio direito seja primeiro reconhecido; vós-mesma far-lhe-eis em seguida as restrições convenientes, cuto merito pelo menos deve pertencer-vos.

Antes de atingir plenamente esse alvo por uma relação direta com o vosso tio, podeis invocar, para essa legitima repartição, a delicadeza do vosso irmão, a quem deve repugnar deixar assim desviar o que o doador vos destina. E' de vós só, e não da vossa mãi, que deve depender, si houver lugar, tal modificação. Em um cazo extremo, serieis moralmente autorizada a fazer intervir aqui a pro-

teção paterna, afim de prevenir um abuzo materno, que vos desligaria assás do segredo prometido.

Em segundo lugar, deveis hoje impedir cuidadozamente que subordinem demaziado cedo a vossa existencia imediata a uma renda literaria que não existe ainda de modo algum, e cuja realização proxima é muito eventual. Vós não vos achais ainda em ponto tal que a vossa mãi possa acreditar-se dispensada assim da assistencia que vos forneceu até aqui. Quando o vosso trabalho atual estiver terminado, a sua eficacia pecuniaria poderá ainda experimentar serios obstaculos, ou pelo menos notaveis retardamentos. A sua insersão no *Nacional* póde dar lugar á renovação de infames tentativas, contra as quais a vossa digna rezistencia não terá talvez outro recurso certo sinão um rompimento total. Mesmo pondo de parte todo ignobil calculo, essa publicação sucessiva, cahindo na estação das tagarelices parlamentares, reforçadas desta vez pelas intrigas eleitorais, póde involuntariamente sofrer intermitencias que adiarião muito a realização financeira. E' sómente quando o lucro tiver sido obtido, do jornal ou do editor, que a vossa mãi estará razoavelmente autorizada a exonerar-se assim de uma parte correspondente das vossas necessidades materiais. Até então, o vosso regimen separado não póde legitimar nenhuma diminuição, pois que esse modo de alimentação não aumenta em nada as despezas.

Poderemos amanhan, cara Clotilde, conversar amplamente sobre esses dois pontos essenciais, a respeito dos quais a minha solicitude devia entretanto provocar já a vossa atenção especial. Fareis á familia as concessões que as circunstancias atuais poderem prescrever-vos: mas é precizo que elas sejão nitidas e voluntarias, em virtude de uma justa estipulação prévia dos vossos direitos permanentes. Si não velardes convenientemente sobre eles, acabareis por não receber quazi nada, ficando todavia sujeita a aparentes obrigações pessoais, mesmo quando se houver realmente aplicado a outros uzos a maior parte do que é enviado para vós.

Na longa vizita que o vosso irmão me fez Domingo, fiquei, a diversos respeitos, mais contente com ele do que o esperava. Falando-me da sua penoza situação, ele pareceu-me decidido a emprehender tudo para sahir dignamente dela, sem ecetuar mesmo as carreiras industriais.

Não sei todavia si se deve contar muito com a perzistencia dessa energia dezuzada.

Adeus, minha bem-amada; Sofia acaba de tranquilizar-me um pouco sobre a vossa saude, fazendo-me saber que vos tinha encontrado cantando. Felicito-vos por conservardes todas as vossas forças, fizicas e morais, no meio desses novos embaraços. Mas não estou em nada sorprehendido com isso: porque, nas nobres naturezas, tais dificuldades não conseguem a miudo sinão animar melhor elevando ainda mais, como eu mesmo tenho experimentado mais de uma vez, quando elas não se complicão com pezares do coração. Seja como fôr, a vossa feliz dispozição aumenta ainda a minha simpatica adoração. Adeus, minha Clotilde, até a vossa boa vizita de amanhan.

Vosso para sempre,

A^TE^ COMTE.

Apezar da sua incorreção prozodica, o vosso nobre e tocante final sobre Eliza Mercœur faz-me vivamente lamentar não poder possuir toda a poezia.

A vizita de Mercuridia 7 de Janeiro dissipou as amargas reações do penozo incidente que acabava de ocorrer nas relações domesticas de Clotilde. E, na manhan de Jovedia, Ela agradeceu ternamente ao nosso Mestre as felizes dispozições em que se achava.

Centezima-trigezima-setima carta

Jovedia de manhan 8 de Janeiro de 1846.

Tendes o coração de um cavalheiro, meu ecelente filozofo; e é uma bela sorte na vida de uma mulher infeliz encontrar um amigo como vós. Eu seria bem rica si fosse amada de todos os lados como o fazeis: votar-me-ião à paz por unanimidade, em lugar de ser eu a unica verdadeiramente a fabricá-la. Vós, que me agradeceis sempre pela coragem que vos fiz achar contra as amofinações, vós sois bem o autor da que eu sinto em mim. Dedico-vos, pois, do fundo do coração, tudo que ela me fizer consumar de bom e digno de vós.

Espero que achareis boas vistas na minha nova obra. Imaginei pôr em confronto com a mãi ecentrica uma mãi modelo fazendo uma filha feliz; tudo se passa ainda em esboço, mas nem por isso já está menos traçado. Talvez

vos dê no Sabado a minha segunda parte para ler: só me falta copiá-la.

Bom dia, meu terno amigo; passai bem, e contai com a minha profunda afeição. Beijo-vos de coração.

CLOTILDE.

No momento de enviar-vos a minha carta, torno a abri-la, meu caro amigo, para pedir-vos uma coiza em que já tinha pensado. Poderieis, vós que pensais com tamanha eloquencia e tão bem, fazer-me a substancia de uma carta, ao mesmo tempo *filozofica e sentimental, sobre as vantagens e a importancia da instituição da familia e do cazamento?* Seria um trecho que eu me glorificaria de vos dever, e que faria sobresahir o meu personagem de Estefanio na sua ação sobre Willelmina. Em uma nota accessoria, eu posso indicar que essa carta foi dirigida ao *autor* pelo *autor* da filozofia pozitiva. Peço-vos que a façais quadrar o mais possivel com a fórma de romance, isto é, que a torneis tão inteligivel aos indolentes como aos pensadores, e que grupeis o mais possivel as idéias. Peço-vos com isso um verdadeiro mimo: porem vós sabeis tão bem estragar os vossos amigos que lhes dais o gosto de o ficarem.

Estefanio não víu Willelmina, ele luta com ela de longe, e busca nas suas proprias convicções o seu calor e o seu zelo. É, pois, inteiramente uma peça *pozitiva* que vos solicito.

Agora, meu caro amigo, é precizo tambem que eu vos peça que não vos incomodeis em nada para proporcionar-me esse prazer; é precizo alem disso que eu vos recomende que m'o recuzeis, si tiverdes para isso o menor motivo. Tenho convosco toda a confiança, e aceitarei sempre com alegria os testemunhos da vossa.

Beijo-vos de novo.

O nosso Mestre respondeu no Venerdia seguinte.

Centezima-trigezima-oitava carta

Venerdia, 9 de Janeiro de 1846 (meio-dia).

A vossa encantadora carta de hontem, minha carissima Clotilde, proporcionou-me varias satisfações doces. Sem falar-me da vossa saude, ela confirma a sua melhora, por um tom sustentado de seguridade espontanea e de ativa

confiança, incompativel com intimas perturbações fizicas. Ela anuncia-me tambem a consolidação da nossa santa afeição, pois que sentis tanto como eu a sua venturosa eficacia pessoal. Tal intimidade, quando é muito completa e bem enraizada, constitũi certamente o mais poderoso recurso habitual contra todas as diversas tribulações da vida real: eis-nos ambos igualmente convencidos disso por uma suficiente experiencia especial, que nos dispõe melhor a dezenvolver dignamente as vantagens mutuas dessa cordial associação. Teremos, espero eu, longo tempo de abençoar juntos o ano que acaba de findar, por ter visto surgir a nossa profunda simpatia natural, á qual, de parte a parte, só faltava um suficiente ensejo de aproximação. Enfim, sou feliz em saber, por essa ecelente carta, o adiantamento contínuo da nobre compozição pela qual felicitei-vos logo que a projetastes, como devendo imprimir um grande carater a toda a vossa bela carreira literaria.

O honrozo pedido que me dirigis, a este propozito, comove-me muito, confirmando-me a vossa digna rezolução de consagrar o vosso talento a uma sensata e energica defeza dos verdadeiros principios sociais contra o inevitavel transbordamento das vulgares utopias anarchicas. Sentis, minha bem-amada, que ser-me-ia impossivel recuzar-vos a primeira assistencia verdadeiramente importante que hajais reclamado de mim até aqui. Si eu não considerasse, a tal respeito, sinão a vossa propria aptidão, limitar-me-ia a aconselhar-vos a leitura atenta do que a minha grande obra contem de diretamente relativo a esse belo assunto, sobretudo no penultimo capitulo do quarto volume: * o vosso feliz talento feminino tiraria certamente partido suficiente dessas inspirações fundamentais. Mas eu proporcionar-me-ei um vivo prazer de coração, no meio das minhas ocupações atuais, fazendo eu-mesmo, para o vosso uzo, esse trabalhinho especial, que consiste, no fundo, para mim, em uma certa antecipação sumaria de um capitulo essencial do segundo volume da minha nova obra. Pois que sou, aos vossos olhos, um verdadeiro cavaleiro, não me devo considerar feliz que a minha dama me encomende alguma proeza determinada? Receio sómente não ter o tempo de consumá-la tão prontamente quanto dezejo, conquanto espere não vos atrazar em nada. Por maiores que sejão os meus esforços para

* Vide a *Introdução* deste volume, ps. 26 a 49. — R. T. M.

aproximar-me, nessa compozição, das fórmas que deveis preferir, a falta de flexibilidade que sinto inherente á minha maneira de escrever não me permite garantir-vos de antemão contra a necessidade de uma sorte de remanejamento secundario, que todavia ser-vos-ia facil, afim de harmonizar assás o tom desse trecho com o da vossa obra. Quanto ao que concerne á indicação do autor, deixar-vos-ei plena liberdade de seguir a rezolução que julgardes mais util ao vosso sucesso. Seria feliz de fazer-vos, em tal ensejo, no segredo dos nossos corações, um prezente verdadeiramente completo: mas si pensardes que o meu nome póde facilitar a vossa eminente estréia, experimentarei não menor prazer em proporcionar-vos tal satisfação. Seja qual fôr a epoca em que a nossa pura amizade achar-se conhecida do publico, sei de antemão que ela será logo julgada igualmente honoravel para ambos nós.

Adeus, pois, minha terna e nobre Clotilde; até amanhan o nosso casto beijo: para sempre a santa efuzão das nossas intimas simpatias.

Amor e respeito,

Ate COMTE.

Clotilde respondeu na mesma tarde.

Centezima-trigezima-nona carta

Venerdia á tarde, 9 de Janeiro de 1846.

Aceito o *prezente*, meu caro amigo, e com terno reconhecimento. Mas então não tenhais o trabalho sinão de fazer-me um apanhado das idéias mais sans sobre esse grande assunto. Eu teria talvez pouca habilidade para extrahí-las de uma obra destinada aos sientistas; e, como tendes todo o mez para redigir esse trecho, ouzo aceitar o trabalho. Pôl-o-hei ao nivel do resto quanto á fórma; isso me evitará talvez o epiteto de pedante, com que tão depressa se gratifica uma mulher.

Agradeço-vos as vossas solicitudes de toda natureza. A minha saude vale verdadeiramente muito mais, embora eu tussa muito e muito; estou porem livre dos escarros de sangue e das palpitações do coração; já é um bom passo dado. Quanto aos meus dias, passão provavelmente mais depressa do que os da maioria das duquezas: é excuzado pois importunar os deuzes.

A boa Sofia deu-me noticias bastante satisfatorias da

vossa saude; o seu apego vos faz honra, mas certamente não me espanta. Até amanhan, meu caro filozofo. Eu nada vos copiei nada, porque rezervo-me fazê-lo durante tres ou quatro dias em que não compuzer. Estou me tornando amiga do meu germen de saude, porque sinto que a força seria bem precioza para mim. Boa-tarde, meu caro amigo. Possão todos os meus votos realizar-se em proporção do seu fervor; sobretudo os que têm a vossa felicidade por objeto!

Vossa de afeição,

CLOTILDE V.

IV

> Só o amor, e um nobre amor, póde fazer passar dias tais, em que se serve diretamente a Humanidade satisfazendo-se as nossas mais caras afeições privadas.
>
> (*140ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

Pouco depois de receber esta carta, o nosso Mestre tinha a ventura de fazer a sua vizita hebdomadaria a Clotilde. Desde que recebêra o pedido relativo á carta sobre o cazamento, que o espirito do egregio Pensador não se afastou mais desse comovente assunto. No seu intimo, Ele sentia que, apezar das suas profundas meditações, não lhe seria dado aprezentar ainda a solução definitiva do capital problema. A evolução assombroza pela qual estavão passando os seus sentimentos mais ternos bem o patenteava. Mas essa evolução mesma não lhe deixava mais a minima hezitação acerca do sentido geral do progresso humano a tal respeito.

A entrevista que, nesse Sabado, teve com a sua imaculada Inspiradora ainda mais estimulou as santas locubrações do nosso Mestre. Essa agitação cerebral perturbou mesmo a sua vida vegetativa, a ponto de impedi-lo de ir aos Italianos. Tentou buscar no sono alguma calma; mas pouco conseguiu dormir. Levou quazi toda a noite absorto em uma encantadora meditação pensando, ante a imagem enternecida de Clotilde, no modo de dezempenhar a melindroza incumbencia que Ela lhe dera...

Na manhan de Domingo 11 de Janeiro, o contentamento de Augusto Comte lhe resurgia as emoções que experimentára ao escrever a *Santa Clotilde*. Pareceu-lhe

que as suas idéias achavão-se assás elaboradas para comportar uma expozição digna da sua Bem-Amada. Decidiu -se, pois, a consignar, em um lucido e tocante rezumo, os supremos rezultados a que já havia atingido na sua acenção religioza. Erão quazi onze horas da noite quando concluiu o preciozo rascunho. No mesmo momento comunicou a Clotilde o venturozo acabamento da sua divina encomenda.

Centezima-quadragezima carta

Domingo á noite 11 de Janeiro de 1846 (11 h.)

Ficareis pouco sorpreza, minha bem-amada, que os nossos encantadores adeuzes de hontem hajão assás redobrado o meu zelo para fazer-me cumprir hoje a doce obrigação que estava rezervada para outra semana. Privado dos Italianos por algumas colicas passageiras, deixei felizmente o bom M. Lenoir ocupar as minhas duas cadeiras, e deitei-me antes da ouvertura. Embora tenha dormido pouco preparei bem, no meu leito, a honroza tarefa que me impuzestes, e acabo de concluí-la sob um energico impulso, sustentado durante mais de dez horas. Não temais as suas consequencias, minha nobre amiga; vêdes que me restão bastantes forças e tempo para agradecer-vos com ternura, e vou, sem duvida, obter assim uma noite melhor. Ha muitissimo tempo que não tinha feito tal ecesso de trabalho, e não lamentarei haver experimentado quanto sou ainda sucetivel de fazê lo. Tudo é aqui devido á vossa inspiração, minha celeste Clotilde, o assunto, o zelo, e mesmo a *verve*. Trabalhei sem perder-vos de vista, com os olhos fixos no *dom do coração*. Só o amor, e um nobre amor, póde fazer passar dias tais, em que se serve diretamente á Humanidade satisfazendo-se as nossas mais caras afeições privadas. Só reportando-me a venturoza manhan em que o mesmo sentimento inspirou -me a *Santa Clotilde*, é que posso encontrar uma atividade tão delicioza. Si eu tive então o merito da espontaneidade, tenho hoje o da obediencia, que por certo, embora de outra natureza, não tem menor preço em amor. Ali, eu tinha a esperança de sorprehender-vos venturozamente; aqui, eu tenho a certeza de servir-vos dignamente: qual das duas é preferivel? Quanto á extensão, a importancia, e a dificuldade, o trabalho atual sobrepuja certamente o outro, embora eu me tenha limitado nele ao cazamento

Quanto ao merito intrinseco, *o tempo nada tem com o negocio*, como diz Alceste: mas influi muito no valor cordial da execução. Estou pois de todo desvanecido junto de vós por haver, em um dia, acabado este esboço: só me resta passá-lo a limpo, e, apezar das minhas corvéas diarias, levá-lo-eis Mercuridia. A minha recompensa imediata consiste hoje em não me deitar sem agradecer-vos dignamente o me haverdes feito encetar assim o ano, e permitido que eu empregasse tão bem o meu ultimo Domingo livre. O acrecimo de atividade determinado por esse amorozo acesso de trabalho redundará, aliás, em proxima vantagem da minha propria elaboração atual. Tal é, de ordinario, a precioza influencia de toda inclinação bem colocada. Não fiqueis, pois, espantada, minha terna amiga, que o conjunto dessa venturoza jornada tenda especialmente a fortificar o amor e o respeito do

Vosso devotado filozofo,

ATE COMTE.

V

Para nós o rezumo da situação foi que com tal homem e tal programa estavamos salvos.
(FABIEN MAGNIN — *Impressões do Curso de Astronomia popular*.)

Enquanto Augusto Comte regenerado pela angelica influencia de Clotilde ia fazendo assim o Pozitivismo corresponder, cada vez melhor, ás aspirações femininas, um grupo de proletarios projetava organizar a vulgarização da nova doutrina. Mas, para que se possa avaliar o alcance de tal iniciativa, convem recordar como surgirão os contactos pessoais do nosso Mestre com o proletariado pariziense. Nesse intuito, transcreveremos as seguintes informações dadas por Fabien Magnin.

« Quando, em 1840 mais ou menos, os saint-simonistas, depois de haver abandonado a propaganda da sua doutrina, perturbavão toda a harmonia social para conseguir apoderar-se da riqueza, duas outras doutrinas substituírão o saint-simonismo no espirito dos homens ativos preocupados com questões sociais. Forão, de um lado o fourierismo, que se apoderava facilmente do espirito de um grande numero de burguezes e de alguns proletarios; e, de

outra parte, o comunismo, sob diversas fórmas, mas sobretudo o comunismo icariano, que se recrutava entre os mais devotados da elite do proletariado.

« Essas duas escolas dezenvolvêrão-se paralelamente até 1848, em que a reação vindo auxiliar a insuficiencia das suas doutrinas, elas acabárão fatalmente na emigração e passárão para a America, com grande detrimento do partido republicano.

« Todavia, entre os proletarios ativos que tinhão visto nacerem e crecerem as duas escolas de que acabo de falar, um certo numero não tinha querido seguir a doutrina fourierista, achando que ela cultivava demaziado a personalidade. Da mesma fórma, esses proletarios não tinhão acreditado dever seguir a doutrina comunista, achando que ela não tomava em suficiente conta a independencia necessaria á dignidade. Esses esperavão que a luz se fizesse para tomar uma determinação, e procuravão instruir-se para não perder o tempo.

« Tal era, em geral, a situação de espirito da parte mais ativa do proletariado. Tal era tambem a situação particular de um pequeno grupo de proletarios, de que eu fazia parte, que seguião juntos os cursos do Conservatorio das Artes e Oficios, onde nós reclamavamos incessantemente um curso de astronomia, que nos parecia fazer falta no programa desse magnifico estabelecimento.

« Estavamos nisso, quando, em fins de Abril de 1843, em consequencia de um feliz incidente que contarei alhures, embora, em si mesmo, só ofereça um interesse secundario, M. Pedro Buisson, ourives laminador (ouvrier batteur d'or) *impasse* * Guémenée, nos anunciou que tinha descoberto um curso de astronomia popular professado gratuitamente todos os domingos, ao meio dia, na mairie do III arrondissement, por M. Augusto Comte, da Escola politecnica, autor do *Curso de Filozofia Pozitiva*. Imediatamente, alguns dentre nós aproveitárão desse ensino; e, no terceiro domingo do mez de maio de 1843, um grupo de sete proletarios tomava lugar, um pouco á esquerda do professor, nos primeiros bancos da sala dos cazamentos da mairie do III arrondissement, situada então no antigo convento dos Petits-Pères, perto da igreja de Nossa-Senhora da Vitoria.

* Achamos conveniente manter esta palavra, que equivale á locução: — beco sem sahida. — R. T. M.

« Até então Augusto Comte tinha tido izoladamente relações filozoficas diretas com tres proletarios. Um era, creio eu, alfaiate; o outro, impressor; o terceiro, relojoeiro. Este ultimo era M. Francel, que foi, mais tarde, membro da sociedade pozitivista, e o primeiro cazado segundo os nossos ritos.

« Quanto ao auditorio de Augusto Comte, compunha-se de burguezes, mais ou menos sientistas ou letrados, mostrando porem pouco ardor em propagar a sua doutrina. Alguns, entretanto, parecião muitissimo simpaticos; e, entre eles, um inglez e sua filha indicavão adotar com calor as idéias do filozofo. Outros se espantavão que Augusto Comte fizesse um curso de astronomia, em lugar de ensinar diretamente a nova filozofia...

« Enquanto escutavamos a sua palavra simpatica, ardente e preciza, que nos cauzava bastantes espantos, mas que nos dava esperanças ainda maiores, espantos e esperanças que as nossas fizionomias refletião alternativamente, Augusto Comte comprehendeu bem depressa que um novo elemento se tinha introduzido entre os seus ouvintes. Sem prezunção da nossa parte, pareceu-nos que ele tomava em conta a nossa prezença escutando-o entremeiar frequentemente as suas lições de reflexões morais e sociais, completamente ao nosso alcance. Seja como fôr, seguiamos esse ensino com un a atenção crecente, e o nosso pequeno grupo havia quazi dobrado.

« Enfim, quando, para encerrar a sua ultima sessão, Augusto Comte rezumíu o conjunto da obra que ele tinha emprehendido; quando, em um rapido improvizo, ele nos mostrou, como em um quadro magico, todo o Pozitivismo, todos os seus rezultados principais, todos os seus meios de ação, a parte ativa do auditorio, encantada, pareceu-nos completamente adquirida á nova doutrina. Para nós, o rezumo da situação foi « que com tal homem e tal programa, estavamos salvos ».

« Com efeito, si Augusto Comte não se enganou sobre os motivos da nossa assiduidade, nós não nos enganamos tão pouco sobre o valor do homem que haviamos tido a ventura de encontrar. Estavamos ainda longe de ser pozitivistas, mas tinhamos comprehendido que ele era republicano, que ele tinha uma resposta pozitiva para cada questão, que as suas convicções erão imutaveis, e que ele proseguiria a realização da sua obra até o fim da sua vida.

Os acontecimentos demonstrárão toda a justeza das nossas previzões.

« Em 1844, o curso de astronomia foi precedido de quatro sessões preliminares, cuja substancia foi impressa á parte, sob o titulo de *Discurso sobre o espirito pozitivo*, e cujo texto acha-se tambem á testa do *Tratado filozofico de astronomia popular*, publicado no mesmo ano.

« Em 1845, o mesmo curso de astronomia teve cinco ou seis dessas sessões preliminares versando sobre questões filozoficas, politicas ou sociais, e que não forão publicadas. O curso teve lugar com o sucesso habitual: o numero dos ouvintes aumentava sensivelmente, mas não tanto quanto o dezejavamos.

« Durante esses tres primeiros anos, o nosso reconhecimento e a nossa admiração por Augusto Comte e pela sua obra não se tinhão manifestado sinão pelo que podião exprimir-lhe o jogo das nossas fizionomias e os nossos aplauzos. Mas no fim do curso desse ano 1845, nos havendo reunido em uma taverna da vizinhança, como era costume nosso depois de cada sessão, para comunicarmo-nos as nossas reflexões, M. Afonso Darche, de Jouarre (Seine-et-Marne), operario machinista de Paris, propoz que fossemos incorporados á caza de Augusto Comte para agradecer-lhe os serviços sociais e particulares que o seu ensino prestava. Esta proposta foi adotada; e, no domingo seguinte, * mais de vinte dentre nós achavão-se no *rendez-vous*. Infelizmente nos havião informado mal a caza de Augusto Comte, e perdemos mais de tres horas em procuras infrutiferas, durante as quais a nossa pequena tropa dispersou-se pouco a pouco. Quando chegamos á rua Monsieur-le-Prince, por volta de quatro horas, não passavamos de oito. Eis os nomes desses oito ouvintes: MM. Darche, Buisson, Fili, Lefèvre, Guilbert, Gros-Jean, Simon, Magnin.

« Augusto Comte recebeu-nos muito cordialmente, e ficou muitissimo comovido com essa manifestação. Tivemos com ele uma longa e interessante conversa; e quando o deixamos, ele entregou a cada um de nós um exemplar do *Discurso sobre o espirito pozitivo*. A partir desse dia, houve constantemente relações diretas entre Augusto Comte e proletarios, sobretudo parizienses.

* A 17 de Agosto, portanto. – R. T. M.

« Nos primeiros dias de Janeiro de 1846, demos parte a Augusto Comte do projeto que tinhamos de mandar imprimir, á nossa custa, um pequeno anuncio do seu curso, que distribuiriamos por todas as oficinas. » *

Foi em virtude desse projeto, que Magnin dirigiu ao nosso Mestre a seguinte carta.

Paris, 11 de Janeiro de 1846.

Senhor,

Dezejando fazer conhecer e aproveitar a um bom numero de operarios o preciozo ensino que obzequiozamente lhes ofereceis, e de que já aproveitamos, decidimos mandar imprimir pequenos anuncios que distribuiremos nós-mesmos escolhendo as pessoas com cuidado, e tanto mais facilmente quanto nos ocupamos disso continuamente. Receiando, porem, que, com muito boas intenções, viessemos a fazer algum dezazo, dezejamos dar-vos parte do nosso projeto e da fórma do nosso anuncio que é a seguinte:

« Curso publico e gratuito de astronomia popular, precedido de um discurso sobre o espirito pozitivo, professado gratuitamente desde 1831, por M. Augusto Comte, na mairie do III arrondissement de Paris.

« O conjunto desse ensino é destinado a servir de preambulo ou de preparação ao novo sistema de educação social, reconhecido apropriado para satisfazer de uma maneira razoavel ás exigencias da Humnidade. »

Não fazemos questão das nossas expressões; suprimi ou modificai si o achardes a propozito; nós nos reportamos ao vosso juizo.

Tende a bondade de dar-nos uma resposta o mais cedo possivel e de indicar-nos o dia da abertura; tereis de novo adquirido direitos ao respeito e ao reconhecimento daqueles que, no mez de Agosto ultimo, recebérão de vós sinais de benevolencia, tais que a sua lembrança não se apagará nunca.

Por eles, e um deles,

F. MAGNIN, marceneiro.

Passagem do Jeu-de-Boules n. 10, em Paris. **

* *Revista Ocidental*, 1ª serie, Tomo I, 1878, p. 655 R. T. M.
** *Ibidem*, p. 659.

O nosso Mestre respondeu imediatamente.

Apresso-me, Senhor, a agradecer-vos, assim como a todos os vossos amigos, pela vossa honoravel iniciativa. O meu curso anual vai reabrir-se a 25, e continuará todos os domingos, segundo o uzo, ao meio-dia em ponto, na sala acostumada. Anunciando em breve esta abertura pelos jornais habituais, avizarei francamente ao publico e á autoridade, que farei este ano *oito* sessões filozoficas, para servirem de preambulo á expozição sientifica.

O Sr. maire, concedendo-me pressurozamente a grande sala dos Petits-Pères, avizou-me que essa mairie deve ser proximamente demolida, de sorte que, talvez, não possa eu este ano acabar nela o meu curso. Prosegui-lo-ei todavia ahi, enquanto fôr possivel, e tratarei depois, si fôr precizo, de transportá-lo, sem interrupção alguma, pelo menos provizoriamente, para alguma outra mairie bem situada. Nesse cazo, conto, Senhores, com o vosso zelo pela san instrução popular, afim de tomar, a este respeito, as informações e as medidas convenientes, sobretudo na mairie do II arrondissement, que é a unica que me parece estar bem adaptada ao nosso fim.

Aprovo muito o vosso projeto de anuncio, e uzo da liberdade que me ofereceis para modificar assim a redação:

« Curso publico de astronomia popular, precedido de um discurso sobre o espirito pozitivo, professado gratuitamente, desde 1831, por M. Augusto Comte, na mairie do III arrondissement, todos os domingos, ao meio-dia.

« O conjunto desse ensino é destinado sobretudo a caraterizar o são metodo sientifico, mediante o seu tipo mais perfeito, para preparar o novo sistema de educação social, unico apropriado para satisfazer razoavelmente ás principais exigencias da Humanidade, que consistem hoje na conciliação fundamental entre a ordem e o progresso. »

Aceitai, Senhor, a este propozito, com os vossos dignos amigos, a segurança bem sincera da minha afetuoza consideração.

Lunedia, 12 de Janeiro de 1846. *

A^TE^ COMTE.

* *Revista Ocidental*, 1ª serie, Tomo I, 1878, p. 659.

VI

O que é o sentimento conjugal, sinão a verdadeira amizade, consolidada e embelezada por uma incomparavel posse mutua ?

(AUGUSTO COMTE — *Carta sobre o cazamento.*)

No momento talvez em que o nosso Mestre se entregava assim aos arroubos do seu entuziasmo social, Clotilde lhe exprimia afetuozamente a gratidão inspirada pelo novo rasgo do seu cavalheirismo.

Centezima-quadregezima-primeira carta

Lunedia de manhan, 12 de Janeiro de 1846.

Meu caro filozofo, Sofia vos levará os meus agradecimentos, enquanto não vo-los ofereço eu-mesma Mercuridia. Estou bem comovida e bem confuza com mais esta prova de devotamento que me dais. Espero que retirareis dela todo o prazer e eu a honra, o que far-vos-á certamente duplo proveito. Embora lamentando sinceramente o vosso afan, não posso impedir-me no meu intimo de regozijar-me com a vossa coragem, que me proporciona tão depressa um rezultado muito digno de ser esperado: praz-me pensar que esse pequeno ecesso não vos terá fatigado demaziado, e que vos encontrarei em boa saude Mercuridia. Minha cunhada embarca nesse dia; é ás duas horas. Si a levar ao carro, talvez não chegue a vossa caza sinão um pouco mais tarde: eis ahi de antemão o motivo da minha demora.

Até esta tarde, meu ecelente amigo; beijo-vos de coração.

CLOTILDE.

Foi no meio de tão santas emoções que, no Mercuridia 14 de Janeiro, o nosso Mestre recebeu a resposta de Stuart Mill á carta em que Ele apreciára a conduta dos seus adherentes inglezes. Rezervou, porem, para o dia seguinte similhante leitura, prevendo, talvez, novos dezapontamentos na sua amizade. Mas essas vagas conjeturas mesmo devião produzir uma certa melancolia no animo do simpatico Pensador. E' facil, pois, imaginar as amargas impressões, embora intermitentes, sob as quais Clotilde o encontrou.

Esta vizita proporcionou uma *imagem normal* para o

culto intimo do nosso Mestre; é mesmo a unica que as suas *Orações* assinalão neste mez. Ele tinha aprontado, como prometêra, a cópia da carta sobre o cazamento; e Clotilde, para corresponder, sem duvida, a esse rasgo cavalheiresco, fez a graça de aceitar, pela primeira vez, o modesto jantar do Filozofo.

Só no dia seguinte, pôde Ela inteirar-se da terna e nobre compozição.

CARTA FILOZOFICA SOBRE O CAZAMENTO

Composta para Madame Clotilde de Vaux, a seu pedido, pelo autor do *Sistema de Filozofia Pozitiva.*

SENHORA,

Prometi-vos, minha nobre amiga, indicar-vos sumariamente o conjunto das sans noções filozoficas sobre a importancia fundamental do cazamento e da familia. Uma justa impaciencia impele-me a consumar essa venturoza tarefa mais prontamente do que o esperava, afim de apressar o instante em que as minhas concepções demaziado sistematicas adquirirão, sob a vossa amavel pena, a graça e a unção que sós podem fazê-las docemente penetrar em todas as inteligencias, tornando-as caras a todos os corações.

A nova filozofia social distinguindo-se sobretudo pelo seu carater sempre historico e o seu espirito criteriozamente relativo, creio dever assinalar-vos primeiro a verdadeira filiação geral das opiniões atuais sobre esse grande assunto. Basta só essa apreciação prévia para afastar aqui espontaneamente longas discussões e estereis declamações. Ela não póde ser convenientemente indicada sem ligá-la rapidamente á verdadeira teoria fundamental do conjunto da evolução humana, ao mesmo tempo intelectual e social.

Não existem, em todos os generos, sinão tres maneiras de filozofar: 1º o metodo teologico, francamente fundado sobre ficções que não comportão nenhuma prova; 2º o metodo metafizico, que procede sempre mediante abstrações personificadas; 3º o metodo pozitivo, que parte diretamente de uma exata apreciação da realidade. No individuo e na especie, o primeiro modo é o unico que convem á infancia da razão humana, e o ultimo á sua plena virilidade; o segundo, incapaz de organizar nada, não é des-

tinado sinão a preparar a emancipação mental permitindo a tranzição de um para o outro estado. A vulgar divizão geral dos tempos historicos constitûi espontaneamente uma especie de apanhado empirico dessa marcha necessaria; porque o espirito da antiguidade foi eminentemente teologico, e o da idade-média essencialmente metafizico, ao passo que o espirito moderno é principalmente pozitivo, como o indica cada vez mais, ha cinco seculos, o seu surto preliminar.

Todas as especulações humanas, sem ecetuar as mais simples, surgírão primeiro sob a inspiração teologica, para acabarem finalmente na demonstração pozitiva, passando pela argumentação metafizica. Porem essa marcha comum teve de ser mais ou menos rapida, segundo a complicação crecente dos diversos assuntos de contemplação. As doutrinas sociais devião pois sofrer, após todas as outras, essa transformação fundamental, cuja extensão a esse principal dominio constitûi a unica sahida intelectual da imensa revolução que se opera agora mediante a iniciativa franceza, em todo o ocidente europeu.

Durante o seculo ultimo, o espirito metafizico completou irrevogavelmente a emancipação preliminar da razão humana, tirando ao espirito teologico o imperio que ele conservava ainda sobre as principais noções morais e politicas. Esse salutar abalo prévio era tão indispensavel para a ordem como para o progresso, porque a influencia religioza * por tanto tempo necessaria a ambos, se havia forçozamente tornado, desde o fim da idade-média, ao mesmo tempo opressiva e impotente. Mas esse imenso serviço temporario, agora assás consumado, não deve impedir hoje de reconhecer a natureza puramente negativa da filozofia metafizica, que deveu triunfar no XVIII seculo, e cuja influencia, embora radicalmente enervada, dirige ainda a maioria dos espiritos ativos. Depois de haver acabado por toda parte na duvida especulativa, o seu genio excluzivamente critico devia sempre impelir á anarchia social, dezacreditando as antigas maximas, sem poder estabelecer novas. Sucedendo a esse desmonte necessario, a sistematização pozitiva reconstruirá em breve o conjunto das sans noções sociais, sobre bazes verdadeiramente inabalaveis, que o regimen teologico não comportou jamais. Porem, durante esse fatal interregno, a nossa fraca razão

* *Religiozo* é aqui sinonimo de *teologico*. — R. T. M.

acha-se inevitavelmente entregue ás mais perigozas flutuações, primeiro teoricas, depois praticas, no tocante a todas as regras fundamentais da sociabilidade.

Um sofisma carateristico, que continha em germen todas as aberrações ulteriores, conduziu a metafizica revolucionaria, no seu mais eloquente orgão [1] a condenar radicalmente toda sociedade, fazendo prevalecer a chimerica concepção de um prévio estado de natureza, que um pretendido contrato originario havia feito degenerar cada vez mais em existencia social. Essa perigoza hipoteze fornecia então o unico meio de imprimir bastante energia, quer ativa, quer mesmo especulativa, para desprender a vanguarda da humanidade dos laços opressivos de uma organização caduca, afim de arrastá-la para uma regeneração total. Todavia, tais concepções constatavão espontaneamente a impotencia radical do espirito metafizico para apossar-se convenientemente do dominio social, sempre antipatico ao seu carater essencialmente individual. A sua tendencia critica teve por tempo demaziado longo, e ainda conserva, uma verdadeira utilidade politica, aplicando-se ao antigo regimen. Mas desde que essa aplicação acha-se assás completa para haver manifestado a necessidade de um sistema novo, esse espirito negativo, doravante privado da sua principal destinação, é arrastado, pela sua natureza absoluta, a uma atividade moral cada vez mais dezastroza, cegamente voltada contra as bazes elementares da sociabilidade humana, de maneira a constituir um obstaculo direto á regeneração final, opondo-se a todo e qualquer verdadeiro regimen. O inevitavel transbordamento das utopias anarchicas, limitadas a principio á ordem politica propriamente dita, extende-se agora até o triplice fundamento universal da existencia social, a saber, a propriedade, a familia e o cazamento.

Procura-se em vão conter essas devastações metafizicas empenhando-se em reanimar o espirito religiozo, [2] cuja tendencia, finalmente retrograda, foi só o que acreditou tal abuzo do raciocinio. Esses esforços empiricos só conseguem realmente perpetuar e agravar o mal, inspirando á razão moderna inquietações proprias para manter o oficio tranzitorio do espirito critico, que, sem isso, ficaria entregue á sua inoportunidade atual, por falta de qualquer

1 João Jacques Rousseau.— R. T. M.

2 *Religiozo* é aqui sinonimo de *teologico*.— R. T. M.

importante aplicação. A inaptidão evidente das crenças teologicas para conservar o seu antigo imperio intelectual demonstra assás a sua impotencia radical para proteger realmente as noções sociais deixadas sob o seu perigozo patrocinio. E' certo, ao contrario, que tal solidariedade compromete hoje cada vez mais todas as sans maximas morais como todos os verdadeiros principios politicos, fazendo recahir sobre eles o descredito crecente de uma ordem de idéias que se tornou ha muito incompativel com o nosso surto mental. Todas as noções elementares sobre o cazamento e a familia são por tal modo conformes ás tendencias espontaneas das populações modernas que elas não têm, a dizer a verdade, para as inteligencias atuais, outro defeito essencial sinão a fórma religioza * ainda inherente á sua concepção dogmatica. E' pois exclazivamente ao espirito pozitivo que está hoje rezervada a criterioza consolidação dessas maximas fundamentais, que só ele póde desprender dos sofismas metafizicos. O abuzo do raciocinio não póde ser contido por uma filozofia hostil ao surto final da razão humana, porem unicamente por aquela que o dezenvolve regularizando-o, e que, a este titulo, póde só doravante superar inevitaveis discussões.

Embora o espirito pozitivo tenha devido surgir primeiro em relação aos mais simples assuntos, ele extendeu em seguida gradualmente o seu dominio a estudos cada vez mais complicados. A sistematização direta das noções sociais constitũi certamente a sua principal destinação, que ele póde hoje abordar imediatamente, em rezultado final desse longo preambulo. A sua incontestavel superioridade intelectual torna-se o penhor seguro da sua plena eficacia moral. E' só a ele que pertence dissipar o fatal conflito que existe, para os modernos, entre as necessidades do coração e as da inteligencia. Em virtude da sua realidade carateristica, ele deve ser eminentemente social, pois que todo o nosso surto especulativo realiza-se pela sociedade e para ela: ao passo que o espirito teologico, naturalmente pessoal, não tinha podido se tornar social sinão indiretamente, fornecendo á sabiduria sacerdotal um preciozo meio inicial de consagrar os rezultados empiricos da experiencia universal.

A san filozofia concebe, a todos os respeitos, a ativa

* *Religiozo* é aqui sinonimo de *teologico*.— R. T. M.

intervenção humana como subordinada a uma ordem invariavel, espontaneamente rezultante, em cada cazo, do conjunto das leis correspondentes. Essa ordem natural não é jamais modificavel sinão entre certos limites determinados, tanto mais distantes quanto se trata de acontecimentos mais complexos. Embora os efeitos sociais comportem, a esse titulo, mais modificações do que todos os outros, nem por isso são eles menos tão sujeitos como os outros a leis inalteraveis, cuja descoberta oferece sómente em tais cazos mais dificuldades E' precizo sempre empenharmo-nos primeiro em conhecer suficientemente essa economia espontanea, que a nossa sabiduria sistematica deve tender em seguida a consolidar e melhorar o mais possivel. Só tal fundamento exterior póde prevenir as divagações e conter as divergencias a que a nossa fraca razão está incessantemente exposta; ao mesmo tempo, similhante fito garante constantemente a nossa verdadeira dignidade, assinando á nossa judicioza atividade uma nobre e vasta destinação, a um tempo individual e coletiva, para o aperfeiçoamento universal. Comprehende-se assim em que as instituições humanas são igualmente naturais e artificiais.

No que concerne a familia, e sobretudo o seu principal fundamento, o cazamento, a parte da natureza e a da nossa sabiduria tornão-se facilmente apreciaveis, quando nos colocamos no ponto de vista conveniente. Não se póde duvidar que o homem seja como muitos outros animais, e mesmo em um grau mais alto, arrastado espontaneamente para o estado de cazamento, cuja realização essencial, caraterizada sobretudo pela fixidez da união, ele nos oferece sempre e por toda parte. A consagração sistematica da sociedade não intervem em seguida sinão para melhor assegurar a plenitude e a estabilidade desse laço elementar, dissipando a irrezolução e prevenindo a inconstancia.

Essa dupla necessidade se explica facilmente por uma san apreciação da natureza humana, encarada sobretudo quanto á diversidade dos sexos. A nossa humanidade é principalmente superior a toda animalidade em virtude da sua combinação carateristica entre a razão e a sociabilidade. Ora, desses dois atributos elementares, o primeiro é mais pronunciado no homem, e o segundo na mulher. Dahi rezulta a preeminencia natural do cazamento sobre

toda e qualquer outra associação; pois que os dois sexos se achão assim colocados na dispozição habitual mais favoravel ao seu mutuo aperfeiçoamento, que consiste sobretudo, para cada um deles, em dezenvolver melhor por esse meio as qualidades que possûi menos. Tal é a nobre destinação social do cazamento, diretamente encarado, e mesmo abstrahindo da propagação sobre a qual se tem por demais excluzivamente apoiado a sua apreciação real. Para bem conceber essa aptidão fundamental, é precizo considerar sumariamente a analize pozitiva de toda existencia humana.

A nossa vida compõe-se ao mesmo tempo de pensamentos, de sentimentos ou pendores, e de atos. * Nas suas vans disputas sobre a preeminencia da existencia especulativa ou da existencia ativa, os filozofos descurárão essencialmente a existencia afetiva, que, entretanto, é só o que imprime ás outras duas o impulso habitual delas, sem o qual o exercicio de ambas exgotar-se-ia logo em estereis esforços. Sob esse aspeto, o pozitivismo consagra sistematicamente o feliz apanhado presentido pelo instinto social do catolicismo, que, atravez das suas fórmas misticas, proclamou realmente o amor universal como o verdadeiro movel central da humanidade. Os trabalhos de especulação, e mesmo os de ação, embora muito mais bem adaptados á maioria dos organismos, determinão comumente, pela sua perzistencia prolongada, uma intoleravel fadiga. Pelo contrario, só as afeições benevolas podem perseverar no mais alto grau sem nunca cançar, e a simples diminuição passageira delas inspira sempre intimos pezares. Elas constituem, pois, a principal baze da felicidade pessoal, alem da sua tendencia direta a garantir a felicidade geral impelindo cada um a servir os outros, quer pelos seus pensamentos, quer pelos seus atos.

E' assim que o cazamento se torna o primeiro vinculo da humanidade, dezenvolvendo especialmente as nossas faculdades afetivas. Depois que a educação propriamente dita tornou-nos aptos para a ação e a especulação, cada um completa essa dupla preparação elementar, por um digno surto da afeição que deve animar a vida social. Com efeito, é sómente entre os dois sexos, e em virtude da sua diversidade carateristica, primeiro natural, e depois civil, que póde existir habitualmente uma inteira ligação.

* Vide o *Quadro cerebral* na *Introdução* deste volume.— R. T. M.

No mesmo sexo, a amizade fica quazi sempre exposta a inevitaveis rivalidades, que alterão a sua seguridade antes de corromper a sua pureza. A concurrencia não póde totalmente dezaparecer sinão de um sexo para o outro, para dar lugar, pela sua união, ao mais doce concurso, rezultante de uma tendencia espontanea dos seus meios respetivos para o seu fim comum. O que é, com efeito, o sentimento conjugal, sinão a verdadeira amizade, consolidada e embelezada por uma incomparavel posse mutua? E' assim que o mais energico instinto da nossa animalidade, cessando de arrastar-nos a brutais perturbações, conduz-nos á mais doce harmonia nessa santa intimidade que utiliza toda a aptidão natural de tal apetite a desprender-nos do egoismo fundamental. Si fosse possivel que essa admiravel economia não tivesse ainda existido, aquele que nos oferecesse o seu utopico advento seria certamente encarado como o maior bemfeitor da humanidade. Ante essa noção fundamental, desprezão-se logo, apezar da sua gravidade real, os inconvenientes accessorios ou passageiros, e mesmo os perigos ecepcionais, que a imperfeição humana acarreta inevitavelmente a essa primeira baze da felicidade intima, individual ou social. Embora se deva, sem duvida, tender sempre a diminuir tanto quanto possivel esses males secundarios, só a estreiteza de espirito e a devassidão de coração peculiares aos tempos de tranzição anarchica pudérão conduzir a exagerar a consideração especial deles ao ponto de desconhecer a eficacia essencial de tal instituição.

A sua plena espontaneidade não é duvidoza para aquele que aprecia judiciozamente os esforços mesmos que a ecentricidade, natural ou facticia, tantas vezes tentou contra ela. Os mais rebeldes a tais vinculos acabão de ordinario por deplorar amargamente a sua auzencia. Todas as intimidades verdadeiramente recomendaveis que se estabelecem fóra dessa ordem regular tendem em breve a revestir, tanto quanto possivel, os seus principais caracteres, constituindo uma afeição a um tempo exeluziva e indissoluvel. Quando a imaginação humana elançou-se livremente á concepção ideal da perfeita bem-aventurança, ela erigiu a eternidade de união em atributo essencial das suas mais nobres utopias sobre a vida futura. A inconstancia sistematica que tantos espiritos superficiais ouzão hoje preconizar só poderia acabar por degradar

radicalmente, em ambos os sexos, os principais atributos da humanidade, opondo-se a toda profunda moralização mutua.

Apezar de incontestaveis abuzos, a solene intervenção do poder social é habitualmente indispensavel á plena eficacia dessa economia natural. As organizações energicas, unicas sucetiveis de afeições profundas, não têm talvez precizão de tal sanção sinão para completar a sua doce ventura por uma nobre publicidade. Na imensa maioria, onde tudo é medíocre, em bem como em mal, o espirito, o coração e o carater, cada vida privada, sem esse freio salutar, consumir-se-ia logo em caprichozos ensaios tão dezastrozos como superfluos. Percebe-se hoje essa funesta tendencia nos paizes em que o protestantismo alterou assás os costumes modernos para introduzir um uzo real do divorcio. Quanto aos inconvenientes peculiares á indissolubilidade, eles são ordinariamente compensados, no estado normal, pelas mesmas cauzas que a tornão necessaria. Porque, a aptidão a modificar-se muito rezulta espontaneamente dessa mediocridade nativa que interdiz toda tendencia muito preponderante. Tal faculdade não póde então dezenvolver-se assás sinão em prezença de uma situação verdadeiramente inalteravel. Ninguem escolheu o seu pai nem o seu filho, e no entanto essas relações comportão uma plena harmonia. Embora a união conjugal não possa ser tão preparada, a livre escolha pessoal que lhe é peculiar tende a compensar essa menor consistencia natural, mas sómente quando a consagração social impoz um invencivel freio aos caprichos individuais. Entre dois entes tão diversos, é porventura demais a vida inteira para se conhecerem bem e se amarem dignamente? A virgindade prévia, a fidelidade contínua e a viuvez final, permanecerão sempre em honra, mesmo no sexo preponderante.

Alem dessa indissoluvel sanção, a sociedade geral exerce espontaneamente uma feliz reação sobre o vinculo elementar que lhe serve de baze, assinando aos dois sexos destinações distintas, essencialmente conformes, de ordinario, á sua natureza respetiva. Apezar das sediciozas reclamações que ecita hoje essa repartição fundamental, o estudo pozitivo do homem e da humanidade demonstrará cada vez mais tal harmonia, sem a qual aliás não se poderia comprehender a universal perzistencia dessa eco-

nomia. Nenhum espirito sério tentará explicar pelo simples abuzo da força material, uma ordem na qual vê-se tão a miudo a mais franzina creatura obedecida e respeitada, mesmo nos seus caprichos, por tantos agentes vigorozos. A vida afetiva sendo especialmente preponderante na mulher, nada é mais sabio do que uma constituição social que lhe confia a principal cultura permanente do sentimento, rezervando para o homem os trabalhos seguidos, quer de especulação quer de ação, que, de ordinario, lhe convem melhor. Si a natureza feminina é, em geral, menos sucetivel de rezoluções ao mesmo tempo energicas e perseverantes, ela torna-se por isso mesmo mais modificavel e adapta-se mais facilmente a toda situação invariavel. A uniformidade de destinação acha-se tambem, nas mulheres, em harmonia espontanea com a variedade muito menor dos seus tipos individuais. Toda san apreciação da nossa natureza conduzirá pois a admirar profundamente a sabiduria instintiva da economia fundamental que, em cada ato social, rezerva comumente ao homem a decizão final, atribuindo á mulher a influencia consultiva ou modificadora. A unica epoca em que a intervenção social das mulheres foi assim constituida dignamente, sob o acendente do principio cavalheiresco, indica altamente a nobre eficacia que comporta essa aparente restrição. Si, por uma impraticavel aberração, os dois sexos pudessem um dia ser chamados a seguir indiferentemente as mesmas carreiras, póde-se assegurar que essa fatal concurrencia, longe de secundar o surto feminino, torná-lo-ia logo impossivel, impondo-lhe lutas por demais deziguais. Uma situação imparcial, sem ser indiferente, que dispõe á observação sem impelir á ação, é certamente favorabilissima ao dezenvolvimento, a um tempo intelectual e moral, das faculdades peculiares ás mulheres no movimento diario da humanidade. A auzencia correspondente de responsabilidade pratica, e o direito fundamental de viver do trabalho masculino, constituem aliás inevitaveis compensações habituais dessa inercia relativa, completando o regimen elementar de toda associação humana.

Tal é, em apanhado, a apreciação pozitiva da instituição do cazamento, encarado no que ele oferece de essencialmente comum a todos os modos quaisquer de sociabilidade. Um estudo racional das principais variações que para ele acarreta sucessivamente a evolução necessaria da huma-

nidade só dá em rezultado esclarecer e confirmar essa teoria elementar; embora o espetaculo inoportuno dessas mudanças haja a miudo conduzido até aqui, por falta de uma verdadeira doutrina historica, a perigozissimas flutuações, que dispõe ainda tantos espiritos irrefletidos a encararem como radicalmente arbitrarias as mais sans maximas sociais.

O pozitivismo constitûi espontaneamente a conciliação necessaria, tão vanmente buscada até aqui, entre a ordem e o progresso, mostrando que não sómente a ordem é, a todos os respeitos, a primeira condição do progresso, mas que, sob todos os aspetos sociais, o aperfeiçoamento humano consiste sobretudo em dezenvolver cada vez mais a ordem fundamental, que contem, desde a origem, o germen natural de todo e qualquer melhoramento. E' o que o conjunto do passado prova claramente quanto ao cazamento.

Si essa união elementar é destinada diretamente a permitir aos dois sexos o surto mutuo das suas faculdades carateristicas, póde-se dizer que as suas variações regulares têm sempre tendido a melhor adaptá-la a esse grande fito. Bem longe de dispôr os dois tipos humanos á van igualdade que hoje se sonha, o curso da civilização dezenvolve necessariamente as suas principais diferenças, sobretudo mentais e morais, que são a principio pouco pronunciadas, como no-lo mostrão ainda as classes inferiores, nas quais se conserva espontaneamente, a muitos respeitos, a imagem de cada faze anterior.

Na antiguidade grega e romana, o passo principal consistiu, neste particular, em substituir a monogamia á poligamia primitiva. Embora uma superficial apreciação haja a miudo conduzido a reprezentar a diversidade desses dois modos como essencialmente regida pelo clima, um exame mais maduro demonstra que ela depende por toda parte do grau de civilização. No norte tanto como no sul, encontra-se sempre a poligamia remontando assás o curso das idades sociais: o sul não manifesta menos do que o norte a tendencia final da nossa especie para a vida plenamente monogamica, que ha de prevalecer brevemente entre os mais civilizados Orientais. Porem, por maior que fosse a importancia desse primeiro progresso, nas populações gregas e sobretudo romanas, ele se achava então muito neutralizado, quer pela nulidade social das mu-

lheres em nações militares, quer pela existencia da escravidão domestica, que mantinha uma sorte de poligamia pratica, quer tambem pelo ecessivo privilegio de repudio conservado aos homens. Eis porque o cazamento ahi ficou ainda essencialmente limitado á sua destinação fizica, e as simpatias morais que os modernos nele aprecião sobretudo forão então buscadas alhures, mesmo pelas mais eminentes naturezas.

A' admiravel revolução consumada na idade-média, sob o catolicismo, a humanidade deverá sempre o primeiro esboço da verdadeira constituição normal do cazamento peculiar á nossa especie. A familia não era constituida entre os antigos sinão mediante o despotismo quazi ilimitado do chefe domestico. Salvo isso, o Estado não se inquietava sinão das qualidades pessoais sucetiveis de melhor dezenvolver a comum atividade guerreira. Pela iniciação catolica, a humanidade começou a sentir a importancia fundamental da vida domestica, quer como a mais conveniente á maioria dos homens nas sociedades industriais, quer tambem como a melhor escola da vida plenamente social. O cazamento tomou, ao mesmo tempo, a preponderancia que lhe convem no conjunto dos laços elementares: ele foi então felizmente reprezentado pela inovação espontanea que obrigou a mulher a renunciar ao nome do seu pai para tomar o do seu espozo. Esboçando enfim a independencia radical da moral em relação á politica, essa grande faze colocou irrevogavelmente na familia o verdadeiro centro da moralidade humana. Só um cego espirito revolucionario póde arrastar hoje a desconhecer esse imenso progresso, e a tender para a antiga subordinação direta do individuo ao Estado, que não constituiria agora sinão uma intima retrogradação. Durante essa idade catolica, que a metafizica protestante ou deista taxa tão loucamente de tenebroza barbaria, a educação sentimental da nossa especie consumou o maior passo que haja podido dar até hoje. A admiravel instituição da cavalaria veio então testemunhar ao mundo que, pelo menos nas classes superiores que servírão em seguida de tipo universal, o amor até ali tão brutal, tinha enfim dezenvolvido a nobre natureza que o distingue na humanidade. Frequentemente atingindo a mais requintada delicadeza, ele tornou-se capaz, pelas suas menores animações, de determinar com perseverança ativos devota-

mentos, igualmente favoraveis ao aperfeiçoamento moral e mesmo fizico, de um e outro sexo. A verdadeira condição social das mulheres, a justa liberdade da sua vida interior, os direitos materiais e morais inherentes á situação delas e a sabia restrição de uma indispensavel supremacia, forão nessa epoca tão normalmente estabelecidos quanto o permitírão a civilização contemporanea e a natureza peculiar da doutrina precaria que servia de orgão imperfeito á sabiduria sacerdotal para dirigir o surto espontaneo das populações de elite.

Sob todos esses aspetos, o pozitivismo, sucessor necessario do catolicismo, após o encerramento do interregno metafizico, deverá sobretudo consumar em um meio mais favoravel a sistematização final da moral humana tentada pelo nobre regimen da idade-média, consolidando sobre bazes inabalaveis e aperfeiçoando mediante melhores inspirações o que o sistema anterior não tinha podido esboçar sinão com o auxilio de crenças passageiras, em breve hostis ao dezenvolvimento natural da inteligencia e da sociabilidade. E' em tal mudança de principios que deve hoje consistir essencialmente a san reconstrução filozofica da doutrina do cazamento. A instituição atual não exige aliás nenhuma grande inovação especial, salvo as preciozas melhoras que acarretará espontaneamente a refuzão geral da educação e dos costumes. [1] Desde o fim da idade-média, o acendente catolico, mesmo antes que a sua decadencia se tornasse ostensiva, perdeu radicalmente a sua antiga aptidão a fazer convenientemente respeitar as prescrições morais que a humanidade tinha estabelecido sob a sua direção inicial. Ele póde apenas lançar um impotente estigma sobre a devassidão habitual que dezacreditava cada vez mais, mesmo publicamente, todas as sans maximas conjugais, ainda perigozamente adherentes a crenças com justiça decahidas. Como esperar, por exemplo, que uma indispensavel emancipação pudesse manter um respeito sincero para com a verdadeira subordinação dos sexos, quando a sua consagração oficial derivava unicamente de uma pueril ficção religioza [2] sobre a origem

[1] A reorganização pozitivista do cazamento, posteriormente efetuada por nosso Mestre, introduziu as sete inovações seguintes, peculiares ao *cazamento religiozo*: viuvez eterna, superintendencia materna na educação, sustentação da mulher pelo homem, livre supressão dos dotes e heranças femininas, faculdade de testar e de adotar.— R. T. M.

[2] *Religioza* aqui é sinonimo de *teologica*.—R. T. M.

fizica da mulher? Só a sistematização pozitiva póde garantir essas grandes noções, como todas as outras concepções verdadeiramente sociais, tanto contra os frivolos sarcasmos como contra os sofismas anarchicos. Privado do carater sagrado que lhe imprimiu o catolicismo, o cazamento não pôde ficar reduzido sinão provizoriamente, pela metafizica dos nossos legistas, á grosseira natureza de um simples contrato temporal. Uma verdadeira reorganização restituir-lhe-á em breve, segundo um modo mais eficaz e mais perduravel, a augusta consagração espiritual exigida pelo primeiro vinculo elementar de toda sociedade humana. O mesmo poder moral que ha de dirigir sobretudo o seu uzo habitual achar-se-á aliás naturalmente autorizado, pela nova convicção publica, a corrigir tanto quanto possivel os seus inconvenientes accessorios ou ecepcionais, sem recorrer quazi nunca, salvo as dispozições secundarias, a uma intervenção temporal que tende a degradar essa santa instituição, por mais indispensavel que seja hoje ahi o seu oficio heterogeneo, até o advento de uma ordem normal.

Não precizo, minha cara amiga, indicar mais essa sumaria apreciação, que o vosso espirito e o vosso coração dezenvolverão sem dificuldade, adaptando-a convenientemente á vossa nobre compozição atual. A terceira parte da carta filozofica que eu tive a ventura de oferecer-vos por ocazião da Santa Clotilde encerra aliás alguns apanhados diretos, que eu pude desde então afastar aqui, acerca do futuro social do vosso sexo sob o acendente final do pozitivismo.

Começando a indicação que eu acabo de concluir, contava abordar tambem o conjunto da constituição da familia humana, que, fundada pelos vinculos conjugais, perpetúa-se pelas relações filiais, e extende-se pelos laços fraternos. Mas o assunto principal arrastou-me muito longe para permitir-me, pelo menos desta vez, o exame dos outros dois elementos dessa teoria fundamental: eles parecem-me aliás muito menos uteis para a vossa elaboração. De resto, si dezejardes, a respeito deles, alguns esclarecimentos imediatos, podereis consultar com fruto o quinquagezimo capitulo da minha grande obra. A sua leitura especial, já recomendada, se vos tornará, para o estudo desta carta, muito mais facil do que o supõe a vossa admiravel modestia. Não foi aos sientistas que me dirigi ahi sobretudo,

mas a todos os espiritos sãos animados por corações honestos, sem nenhuma outra iniciação filozofica sinão a que rezulta espontaneamente do conjunto da vida real.

Adeus, minha digna amiga; eu vos agradeço solenemente o me haverdes proporcionado assim a doce satisfação especial de vos servir pessoalmente sem cessar de proseguir convenientemente a minha missão social.

A^TE COMTE.

11 de Janeiro de 1846.

VII

Venhão, si for precizo, contrariedades e lutas novas; não me faltará nunca a força, sob qualquer aspeto, enquanto puder contar com a minha inapreciavel amiga.

(*143ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

As dolorozissimas provações pelas quais havião passado os nossos Pais Espirituais, tornavão, para Clotilde, mais do que para ninguem, extremamente tocante a leitura destas linhas. Percorrendo-as, o seu coração se abala como si uma nova tormenta estivesse revolvendo as emoções e pensamentos que havia muito não lhe deixavão socego. E quanto mais se absorve nessa salutar meditação, mais se arraigão as santas inspirações que a tinhão protegido contra as ciladas do revolucionarismo. Assim, o proprio amor do cavalheiresco Filozofo não cessava de proporcionar á sua divina Redentora elementos cada vez mais poderozos, para garantir o feliz dezempenho da missão suprema com que a Humanidade espontaneamente a investíra.

Mas, enquanto Clotilde se extaziava na contemplação da nobre alma do seu incomparavel Adorador e do virtuozo Porvir que a ambos aguardava, o nosso Mestre experimentava as crueis decepções provocadas pela carta de Stuart Mill. Eis como este tentava justificar a conduta dos ricos adherentes inglezes da nova Filozofia.

India House, 12 de Janeiro de 1846.

Meu caro Senhor Comte,

A vossa carta de 18 de Dezembro exige de mim uma resposta séria, e que teria sido imediata, si eu não tivesse

sido forçado a esperar um momento em que o pudesse fazer com lazer, e com a reflexão conveniente.

A vossa apreciação da conduta tida para convosco na Inglaterra parece-me repouzar sobre um erro de fato. A severa condenação moral que lançais sobre aqueles que cessárão de conceder-vos o apoio pecuniario que eles vos tinhão dado temporariamente, poder-se-ia no maximo conceber supondo-lhes opiniões, sentimentos, e, a todos os respeitos, uma pozição moral para convosco, que não existem, e das quais eles nunca certamente fizerão profissão. Si eles vos tivessem aceitado como chefe espiritual, si vos considerassem como o reprezentante das suas convicções, como o apostolo de um sistema de doutrinas e de sentimentos ao qual adherissem essencialmente, não sei si se terião crido moralmente obrigados a prolongar os seus subsidios, mas estou persuadido que o terião feito, e eu os estimaria pouco, si pensasse que em tal cazo eles se acreditarião ter já feito assás. Mas a simpatia parcial que eles experimentão pelas vossas opiniões, e a admiração muito real que sentem para com os vossos talentos, estão longe dessa intima solidariedade de opiniões e de sentimentos. E' emprestar-lhes, sem fundamento, as vossas proprias convicções, dizer que eles se crérão moralmente obrigados a fazer por vós o que fizerão. Não vejo, no procedimento deles, outra coiza sinão um sentimento de filantropia para com um filozofo eminente, tomado de sorpreza por uma perseguição inesperada. Sem duvida, eles têm todos tres uma alta admiração pela vossa grande obra. Eles a considerão como um tratado filozofico de primeira ordem. Eles reconhecem ter aprendido muito nela; e Grote, de quem falo mais porque o conheço melhor, confessa que lhe deve modificações em muitas das suas opiniões. Grote, e provavelmente Molesworth, aceitão demais, tão plenamente como vós-mesmo, a idéia-mãi dos vossos trabalhos, isto é, a substituição do ponto de vista sientifico ao ponto de vista religiozo, e a aplicação aos estudos sociais do metodo filozofico que prezide hoje irrevogavelmente a todos os outros estudos. Eles pensão demais, posso quazi assegurá-lo, pelo menos quanto a Grote, que fostes vós o primeiro a conceber o metodo pozitivo de maneira que o torna proprio para esta ultima extensão. Ha nisso bem com que motivar uma alta estima filozofica. Mas, quanto á vossa maneira particular de con-

ceber a sociologia dogmatica, eles estão tão longe de a partilhar, que, para limitar-me a Grote, que é ainda provavelmente, dos tres, o menos afastado dela, eu creio saber que, salvo a questão religioza, a maioria das doutrinas sociais que professais estão muito em dezacordo com as suas opiniões; e, bem que essa dissidencia não o impeça de fazer justiça ao vosso alto valor filozofico, ela importa muito para a obrigação que lhe supondes de concorrer para a propaganda ativa de opiniões sociais, muitas das quais não lhe parecem nem verdadeiras nem uteis de propagar.

Não ha pois motivo para acuzar, neste cazo, a fraqueza das convicções atuais. Não é esse um cazo de semi convicção nem de semi-vontade; é um cazo de convicção bem assentada, de um dezacordo essencial de opinião. Vós vos enganais ainda mais pensando que um sentimento estreito de nacionalidade entra nisso por alguma coiza. Contrariamente á opinião geral do continente, eu sou de parecer que ha menos nacionalidade nos Inglezes do que em qualquer outro povo civilizado. Eles têm hoje muito menos preconceitos e prevenções nacionais do que os povos do continente; só se os póde, a este respeito, acuzar de indiferença; eles prestão em geral pouca atenção aos outros povos, e ignorão em geral o que se faz neles. Mas os que entre eles não partilhão dessa ignorancia, os que conhecem assás o continente para julgá-lo, quer pelos seus estudos, quer pelas suas viagens, esses são cosmopolitas alem do que podeis imaginar; e, si ha homens em relação aos quais isso é sobretudo e particularmente verdadeiro, são precizamente aqueles com quem tivestes de tratar.

Quanto ao projeto de revista, e a maneira pela qual foi acolhido, os vossos reproches recabem sobretudo sobre mim: os outros não tiverão nesse negocio sinão um papel passivo. Eu só falei mesmo nisso com Grote, e sem consultá-lo, nem a Molesworth tão pouco, sobre a resposta que vos devia dar. Perguntei-lhe a sua opinião sobre a possibilidade de poder emitir ações e achar assinantes na Inglaterra, porque a minha propria opinião, por mais decidida que fosse, não vos podia bastar. Não lhe perguntei siquer si ele tomaria parte em tal. Só ele podia julgar até que ponto isso lhe convinha, tanto pessoalmente como á vista das suas opiniões. Neste ultimo particular, esperava que a franca explicação que vos dei sobre a questão da

minha propria cooperação bastaria, e talvez por mais forte razão quanto aos outros. A minha hezitação foi expressamente motivada pela falta de um acordo suficiente de opinião. Penso, como então, que a aceitação comum do principio pozitivo, e mesmo um acordo essencial de idéias sobre o metodo, não são uma baze suficiente para uma empreza comum de propaganda sociologica; sem todavia nada prescrever a respeito daqueles cujas opiniões sociais, por estarem assentadas, estão de acordo. Essa harmonia inicial está bem longe de existir entre nós ambos, para nada dizer dos outros; sem isso teria eu acolhido a propozição como o fiz? e a tentativa que fizemos para liquidar a nossa diferença de opinião sobre uma só questão fundamental não foi bastante feliz para animar-nos a entabolar outras, ou para fazer crer que o pozitivismo possa em breve oferecer ao mundo um sistema social capaz de reunir todos os que aceitão o seu metodo.

Quanto mais reflito nisso, menos creio na proximidade de um rezultado similhante, que me parece exigir varios progressos anteriores, não suficientemente efetuados, e sobretudo um notavel aperfeiçoamento da siencia pozitiva do homem. As dissidencias que existem em materia social entre dois pensadores consienciozos, que se assimelhão de tão perto como vós e eu nos seus principios logicos, devem provir de que um ou outro não entende assás bem as leis da natureza humana. Um conhecimento mais aprofundado dessas leis parece-me uma condição necessaria de uma teoria sociologica racional. Ninguem hoje se ocupa convenientemente de remover esse obstaculo, e eu creio cada vez mais que é esse o genero de tentativa filozofica pelo qual um pensador bem preparado poderia hoje prestar mais serviços, tanto á teoria como á pratica social.

Devo ainda exonerar MM. Grote e Molesworth da responsabilidade da aluzão que fiz aos seus sentimentos prezumidos, sobre o que constituiria ao vosso respeito o cazo de necessidade. Eles não me tinhão articulado uma só palavra em tal assunto, e eu sou o unico responsavel por uma explicação que, vejo-o com pezar, vos feriu. Não duvido, entretanto, menos hoje do que então, que eu não tenha exprimido os seus verdadeiros sentimentos. Penso certamente, como vós, que seria muito descabido, da parte de quem quer que fosse, pretender impôr-vos regras de conduta nas vossas despezas privadas, e que estais plena-

mente no direito de não tomar em conta nesse particular sinão a vossa propria opinião. E' mesmo quazi superfluo dizê-lo. Si tomárão tal assunto em consideração, não foi para regular a vossa conduta, porem a deles. O vosso juizo é definitivo para vós, o deles o é igualmente para eles. Quanto ao direito que lhes assiste de formarem-se uma opinião em tal, parece-me decorrer necessariamente do fato mesmo da intervenção pecuniaria; e eu acho muito simples que alguem não se julgue obrigado a fazer, para o conforto de um filozofo, o que faria de bom grado para a subzistencia dele. Julgais muito severamente aqueles que, « do seio da sua opulencia », emitirião tal parecer. Sem duvida, enquanto houver ricos, e um homem possuir mais do que outro, sem ter mais merito pessoal, haverá sempre algum colorido de justiça para tais queixas. Quanto a mim, não as acho nada bem fundadas. Concebo que não contemos com os nossos amigos pessoais, os mais caros, ou com aquele que considerassemos como o nosso chefe espiritual e mestre venerado, ou mesmo talvez com aquele por cujo juizo, em qualquer questão de conduta, tivessemos, em virtude de um intimo conhecimento pessoal, um respeito e uma deferencia tais que nos repouzassemos cegamente sobre ele, dispensando-nos de formar uma opinião propria. Mas em toda parte em que essas condições não existem, parece-me permitido que se tome em consideração a possibilidade de uma economia nas despezas daquele a quem queremos ajudar, e não penso que, por isso, mereçamos a acuzação de imiscuir-nos sem razão nos negocios de outrem.

Vêdes, meu caro senhor Comte, que dando o meu parecer com plena franqueza sobre a vossa carta, eu não a julgo mediante considerações de delicadeza arbitraria e de convenção, que eu creio que um homem serio, em um cazo importante, póde dispensar. E' o fundo mesmo da questão que não encaramos da mesma maneira. Mas estamos de acôrdo sobre o vosso direito incontestavel de trabalhar doravante para o vosso conforto privado, embora tivesseis assim de retardar a continuação dos vossos trabalhos especulativos. Fizestes sem duvida assás para não precizardes de justificação, seja qual fôr o partido que tomeis a este respeito.

Participei a vossa carta a Grote e a Molesworth, mas eles não têm participação alguma, direta ou indireta,

na minha resposta, que eu nem siquer lhes comuniquei.

Vós me pedis noticias de M. e Mme Austin. Eu os vi ambos em Londres, onde estiverão depois da sua volta da Alemanha. Passavão então assás bem. Devem agora achar-se em Paris, onde é verozimil que tenhais tido noticias deles.

Todo vosso

J. S. MILL. *

VIII

Si eu fosse homem, terieis em mim um dicipulo entuziasta; ofereço-vos como indenização uma sincera admiradora.

(142ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.)

Felizmente, na manhan seguinte, Venerdia, o nosso Mestre lia o afetuozo bilhete em que Clotilde lhe transmitíra as suas impressões da carta sobre o cazamento.

Centezima-quadragezima-segunda carta

Jovedia á tarde, 15 de Janeiro de 1846.

Meu digno filozofo, acabo de ler com vivo interesse e grande atenção a compozição distinta com que tivestes a bondade de mimozear-me. Concebo todo o valor que podem adquirir as idéias pela sua filiação, e sinto que a unica maneira grande de expô-las é de as aprezentar em escala sobre uma baze. Infelizmente, todos nós temos ainda um pé no ar sobre o limiar da verdade; nós olhamos os campiões na arena sem cuidarmos de tomar parte no combate. Por isso tambem só nos restão pequenos papeis e verdadeiros embaraços por pouco que nos dirijamos do lado do bem. Eu estou neste cazo; não me sinto com forças para abdicar uma grande duvida antes de achar-me munida; por conseguinte, só posso haurir a minha moral no meu coração e edificá-la sobre o puro sentimento; é esse, de resto, o quinhão de uma mulher e basta; ela ganha em caminhar modestamente atraz do prestito dos renovadores, embora tenha de perder assim um pouco do seu elance.

Passarei em silencio tudo o que se liga aos sistemas exhaustos e ao novo, e acharei ainda como tirar bom partido desse fragmento filozofico. Eu vo-lo agradeço pois

* *Cartas de Stuart Mill a Augusto Comte*, ps. 499-505.

do fundo do coração, meu caro amigo, como todos os p[razeres] zeres que me cauzais tão ternamente. Si eu fosse hom[em] terieis em mim um dicipulo entuziasta; ofereço-vos em indenização uma sincera admiradora.

Até á vista, meu caro amigo; deixo-vos ao mesmo tem[po] que o dia; estão dando cinco horas, e póde-se fechar u[ma] carta na minha torre, é bem lindo isso em Janeiro.

Beijo-vos ternamente

CLOTILDE V.

IX

Podemos, ouzo dizê-lo, glorificar-nos a[ssim] por um nobre concurso espontaneo na [glo]rioza justificação de uma instituição fund[amen]tal, com que tivemos todavia, por d[uas] eceções, muito de sofrer pessoalmente.

(143ª carta, de Augusto Comte a Clot[ilde].

No Sabado 17 de Janeiro, o nosso Mestre esteve c[om] Clotilde. O estado de saude dela se tinha agrava[do]. Augusto Comte deixou-a entregue a uma anciedade q[ue] ainda aumentou para a noite. Mas a doce energia d[a] abnegada Senhora não permitia que Ele percebesse o en[...] padecimento da sua Bem-Amada. Aliás o encanto d[o] cavalheiresco trato de Augusto Comte contribuia pa[ra] suavizar as penas de Clotilde.

Depois que o nosso Mestre retirou-se, o mau-estar d[e] Clotilde peiorou, e Ela passou uma noite cruel. Felizmen[te] os seus maiores sofrimentos achavão-se atenuados na ma[-] nhan de Domingo.

Mme Marie estivera nessa mesma noite nos Italianos, a convite de Augusto Comte. Estava anunciada a opera de Verdi *Il Proscrito;* * porem, esta peça foi substituida, á ultima hora, por *D. Pasquale*, de Donizetti, o que cauzou uma agradavel sorpreza a Mme Marie.

A semana escoára-se assim em uma santa felicidade que o nosso Mestre apreciou na sua carta de Domingo 18 de Janeiro :

Centezima-quadragezima-terceira carta

Domingo 18 de Janeiro de 1846 (meio-dia).

A doce intimidade desta venturoza semana não me impediu, minha bem-amada, de sentir que, embora nobremente

* Vide o *Moniteur Universel*

ocupado convosco, estou todavia privado ha oito dias da satisfação especial de vos escrever diretamente. Por isso tambem felicito-me por ter hoje de responder á vossa encantadora carta de ante-hontem de manhan, que não pude ainda agradecer-vos assás.

A vossa maneira de utilizar a pequena compozição filozofica que absorveu tão deliciozamente o meu ultimo Domingo realiza plenamente todas as minhas esperanças. Eu tive de escrevê-la com os ares sistematicos que me são peculiares, e sem os quais ser-me-ia dificil executar coiza alguma de satisfatorio. E', porem, muito natural, e mesmo muitissimo conveniente, que vós os afasteis afinal, para limitar-vos ás considerações sentimentais, que são as unicas que convêm ao vosso amavel talento, ao qual espero ter assim preparado, sobre esse grande assunto, uteis indicações. Era isso todo o meu projeto, fazendo-vos, no segredo dos nossos corações, esse afetuozo mimo. Sou feliz de vê-lo tão judiciozamente apreciado por vós, segundo a perfeita medida conveniente ao vosso sexo e á vossa destinação, como á situação atual dos espiritos e dos corações.

Nesta precioza ocazião, podemos, ouzo dizê-lo, minha digna amiga, glorificar-nos ambos por um nobre concurso espontaneo na sábia justificação de uma instituição fundamental, com que tivemos entretanto, por dolorozas exceções, muito de sofrer pessoalmente. Si essas circunstancias individuais pudessem ser convenientemente divulgadas, elas aumentarião sem duvida o poder geral dos nossos motivos, fazendo sentir quanto devem ser reais e profundas convicções tão contrarias aos impulsos diretos das nossas situações respetivas. Vós, minha incomparavel Clotilde, que fostes, a este respeito, ao mesmo tempo mais irreprehensivel e mais desgraçada do que eu, vós tomastes entretanto a digna iniciativa dessa santa cooperação! Seria, pois, possivel que tal experiencia não tendesse especialmente a fortificar o meu respeitozo amor! Admitido a contemplar de perto virtudes tão eminentes e tão modestas, poderia eu não me sentir cada vez mais comovido, e ao mesmo tempo mais honrado, por tal afeição! Faltão-me as expressões para vos testemunhar todo o meu reconhecimento por uma ternura pela qual me sinto todos os dias impelido ao mais intimo aperfeiçoamento bem como á mais doce ventura. Venhão, si fôr precizo, contratempos e lutas novas; jamais faltar-me-ão forças,

a qualquer respeito, enquanto eu puder contar com a minha inapreciavel amiga. Devesse mesmo ser eu momentaneamente abandonado por todos os outros, a minha principal satisfação seria ainda devotar-me por ela.

Eu posso hoje, minha carissima Clotilde, agradecer-vos especialmente a situação a um tempo calma e delicioza a que afinal chegamos, e que certamente é sobretudo devida á vossa afetuoza sensatez. O tempo escôa-se com rapidez sobre a nossa santa intimidade, que já começa a apoiar-se em um verdadeiro passado; e eu sinto, com profunda satisfação, que ela se arraiga cada vez mais á medida que se vai purificando. Uma plena confiança mutua está agora estabelecida, e espero que ela não será mais perturbada, pois rezulta de uma justa apreciação do prezente, sem nenhuma vicioza antecipação do porvir. Rezignado ás lacunas atuais do vosso coração, felicito-me que pelo menos aceiteis a inteira possessão do meu. Por isso tambem eu vos devo uma intima gratidão por me haverdes autorizado a testemunhar-vos habitualmente, sem nenhuma van dissimulação, sentimentos até então desconhecidos, que devem consolar e embelezar todo o resto da minha vida.

O feliz incidente que me inspira esta expansão especial parece-me, adoravel amiga, muito proprio para caraterizar espontâneamente a solidez da nossa afeição, que doravante se achará, espero eu, de mais em mais ligada assim, de parte a parte, ao nosso surto social. Bem longe de tender a separar-nos, os nossos trabalhos respetivos vão tornar-se um poderozo meio de fortificar a nossa cordial associação pela convergencia habitual das nossas vistas e dos nossos esforços. Graças á eminente natureza do ente querido, a defeza dos verdadeiros principios sociais transforma-se para mim em ato quotidiano de adoração pessoal. Deixai-me, minha nobre e terna Clotilde, abençoar aos vossos pés, essa admiravel coincidencia que deve a um tempo me fazer amar mais o meu trabalho e apreciar melhor a minha afeição.

Amor e respeito eternos,

A[te] COMTE.

Foi talvez pouco depos de haver expedido esta carta que o nosso Mestre recebeu uma cordial vizita de Maximilien Marie.

Para a tarde Clotilde sentiu-se melhor e dirigiu o seguinte bilhete ao nosso Mestre:

Centezima-quadragezima-quarta carta

Domingo á tarde, 18 de Janeiro de 1846.

Meu terno amigo, estou livre das minhas agonias; elas acabárão num suor enorme, pelo qual foi-se embora o figado de bacalhau, dezejo-lhe boa viagem. Hontem ao deitar-me, eu acreditava haver cahido outra vez no nada: hoje, eis-me, graças a Deus, sobre pernas mais razoaveis.

Penso sempre em vós em tudo o que me acontece, de bem como de mal, nas ninharias como nos grandes acontecimentos; e sinto bem que não vos importuno vo-lo provando.

Minha mãi teve hontem a sorpreza de *Pasquale*, e ela divertiu-se muito, mau grado o seu pezar de ter privado Max dessa pequena distração. E' uma felicidade que eles vos devão tambem alguma coiza do seu lado; é-me doce partilhar o meu reconhecimento.

Até amanhan, meu caro amigo. Si vos é indiferente e a Sofia, quereis que ela venha amanhan em lugar de Martedia? Voltarei talvez á caza de M. Grandchamp; e, nesse cazo, lhe levarei o seu aparelho. Beijo-vos ternamente e vos amo da mesma fórma.

Vossa de afeição,

CLOTILDE.

Esta carta foi recebida na manhan de Lunedia 19 de Janeiro, e já tarde para Sofia ir. Augusto Comte mesmo só teve tempo de prevenir Clotilde desse dezapontamento, escrevendo-lhe um rapido bilhete.

Centezima-quadragezima-quinta carta

Lunedia 19 de Janeiro de 1846 (meio-dia).

Não tenho tempo, minha carissima amiga, sinão de testemunhar-vos o pezar de receber tarde de mais a vossa boa carta de hontem para enviar-vos Sofia hoje como o dezejaveis, o que era aliás facil, si o tivessemos sabido assás cedo. Ela irá, pois, amanhan, segundo o costume. Não vos preocupeis com a restituição do aparelho do nosso doutor, e continuai a servir-vos dele sem escrupulo de incomodo.

E' uma felicidade para mim que a vossa mãi tenha

ficado agradavelmente dezapontada ante-hontem nos Italianos. O vosso irmão mais velho fez-me hontem uma vizita bastante longa, na qual nada disse-me a respeito. De resto, as suas maneiras para comigo continuão a ser melhores.

Adeus, minha terna Clotilde; as vossas agonias de Sabado achão-se pois afinal dissipadas! Até esta tarde, em familia.

Vosso para sempre,

A^TE^ COMTE.

Espero que tenhais recebido hontem á tarde a minha carta do meio-dia, pouco depois de me haverdes expedido a vossa.

Era o aniversario natalicio do nosso Mestre; Ele completava então 48 anos. O seu pensamento voltou-se espontaneamente para o seu gloriozo e atormentado passado. Era a primeira vez, havia muito, que simillhante evocação, em tal data, não o deixava imerso em profunda melancolia. Um ano só bastára para o amor de Clotilde dissipar as amarguras de tantas lutas, de tantas decepções, publicas e privadas! Ao fulgor da nobre paixão, a imagem da extremoza Rozalia parece destacar-se suavemente aureolada do fundo tempestuozo desse quadro. Que santas emoções dominarião o extremozo Pensador nessa tarde na rua Pavée! Rotas as relações com a sua Familia paterna, quanto lhe devia ser grato vêr-se no seio da Familia da sua terna e imaculada Inspiradora! Conquanto cerca de 18 anos mais moça do que Rozalia, a idade de M^me^ Marie cedia á do nosso Mestre quanto bastava para inspirar sentimentos realmente filiais a Augusto Comte. E o nobre Pai de Clotilde ainda mais naturalmente lhe podia despertar simillhantes dispozições.

Assim inaugurada, a nova semana ia correndo na mesma bem-aventurança que a precedente. As preocupações sociais do nosso Mestre vinhão misturar-se aos arroubos da sua egregia paixão privada. O *Moniteur Universel* de Mercuridia 21 de Janeiro publicava o seguinte anuncio:

« O curso filozofico de astronomia popular, professado gratuitamente pelo Sr. Augusto Comte, terá lugar publicmente, como nos quinze anos precedentes, todos os domingos, ao meio-dia em ponto, na grande sala da *mairie* do 3º *arrondissement* (nos Petits Pères), a partir de domingo

25 de Janeiro, até o fim de Agosto. As oito primeiras sessões serão consagradas a caraterizar diretamente o espirito fundamental da nova filozofia geral de que tal estudo constitûi um elemento indispensavel. »

Na mesma data, Clotilde jantou pela segunda vez em caza do nosso Mestre. E na manhan de Venerdia 23 de Janeiro, Ela mandava por Sofia esta delicadissima efuzão.

Centezima-quadragezima-sexta carta

Venerdia de manhan, 23 de Janeiro de 1846.

Bom dia, meu caro amigo; Sofia vos levará este cumprimento da minha parte. Volto sempre para a minha solidão compenetrada da bondade e da nobreza do vosso coração, assim como da ventura que tive de adquirir-vos. Coloco-vos no cimo das tribulações quotidianas como um estandarte destinado a vencê-las: um apego verdadeiro é o mais belo florão que se possa assinalar ao inimigo.

Beijo-vos ternamente,

CLOTILDE.

X

As minhas passageiras tribulações deixar-me-ão aliás, como filozofo, uma penoza impressão permanente, lembrando uma doloroza experiencia social que testemunha quanto os nossos ricos, mesmo os mais bem dispostos, achão-se hoje, pelas suas vistas estreitas e os seus sentimentos mesquinhos, abaixo da grave situação que lhes prepara um proximo futuro na inevitavel luta que eles terão de sustentar contra os proletarios.

(*Carta de Augusto Comte a Stuart Mill.*)

Na tarde desse dia o nosso Mestre respondeu a Stuart Mill.

Paris, Venerdia á tarde, 23 de Janeiro de 1846.

Meu caro Senhor Mill,

A resposta especial que destes, a 12 deste mez, á minha carta ecepcional de 18 de Dezembro afetou-me penozamente, pela manifestação do mais dezagradavel dezacordo que haja surgido até hoje entre nós, pois ele concerne tanto os sentimentos como as idéias. Depois de ter lido varias vezes, com muita atenção, a vossa cuidadoza apologia do conjunto da conduta tida para comigo na Inglaterra, quiz reler sem prevenção a minha propria carta, da

qual, contra o meu costume, tinha guardado cópia. Mas devo declarar-vos francamente que, apezar das vossas diversas indicações, esse novo exame só acabou finalmente por confirmar, sobre todos os pontos essenciais, a minha severa condenação filozofica. Embora eu lamente agitar ainda um assunto que acreditava exgotado, os vossos principais reparos exigem de mim certas explicações definitivas que vos são excluzivamente destinadas, a menos que a sua comunicação confidencial vos pareça especialmente util.

Não posso, em primeiro lugar, nem aceitar o erro de fato que me supondes, nem me dispensar de atribuir-vos, a este respeito, um verdadeiro erro de principio. Porque M. Grote me é assás conhecido pessoalmente para que eu tenha jamais podido incorrer em nenhuma iluzão grave sobre a sua verdadeira dispozição filozofica e politica, em virtude da qual devi prezumir que a dos meus outros dois patronos não era muito mais adiantada: eu os considerei sempre como não tendo ainda abandonado suficientemente a metafizica revolucionaria, embora eles hajão todos começado já a sentir o alcance essencial, a um tempo mental e social, do pozitivismo sistematico. As vossas explicações especiais sobre o grau efetivo da sua adhezão á nova filozofia não me fizerão, pois, experimentar nenhum dezapontamento; e, sem que caraterizasseis em nada as suas discordancias atuais com o conjunto das minhas convicções, não creio desconhecer a importancia real de tais divergencias. Porem as simpatias fundamentais que me descreveis neles parecem-me plenamente bastar, como conto vo-lo demonstrar, para motivar a modesta proteção, mesmo contínua, que a sua nobre conduta me fizera ao principio esperar.

Em cazo algum mereci, em nenhum grau, o reproche, que pareceis insinuar-me, de desconhecer a inevitavel existencia das grandes fortunas, nem mesmo o indispensavel oficio que a alta intervenção social delas preenche hoje diariamente. Creio sómente que tendes, em geral, uma idéia demaziado fraca das obrigações morais que lhes são peculiares, e especialmente dos deveres dos ricos para com os pensadores, sobretudo no meio atual. O pleno acôrdo espontaneo de que fazeis a condição preliminar da proteção devida ao pensamento pela riqueza, conviria apenas ao estado normal para o qual tende a sociedade

moderna. Aplicado ao estado prezente, esse procedimento equivaleria a não animar os trabalhos que devem conduzir á solução do grande problema sinão quando este estiver completamente rezolvido; isto é, quando os patrocinios privados tiverem perdido a sua principal importancia e o seu merito essencial. Porque hoje o fito capital consiste precizamente em instituir verdadeiras convicções sistematicas, sucetiveis de fixidez e de universalidade: eis sobretudo o que nos falta agora; os que acreditão já o haver conseguido assás iludem-se tanto sobre a sua propria situação como sobre a do publico. Toda elaboração filozofica que tende evidentemente para tal rezultado, caraterizando-se por uma constante coherencia logica, deve, pois, ser cuidadozamente animada por todos aqueles que admitirem o seu metodo geral e o seu principio fundamental, apezar dos seus graves dissentimentos parciais com as opiniões atuais desses apreciadores; as convergencias nacentes merecem então muito mais atenção do que as divergencias tranzitorias ou secundarias. Nenhuma doutrina séria poderia, ouzo dizê-lo, realmente satisfazer hoje ás condições de assentimento total que vos parecem indispensaveis para dar direito a uma proteção seguida. Só os sistemas efemeros podem agora, mediante as suas vans promessas, determinar, pelo arrastamento das paixões, a aparencia passageira de tal plenitude de acôrdo. Eis, sem duvida, porque o saint-simonismo, o fourierismo, e outras aberrações equivalentes, achárão, em nossos dias, tantas animações ativas, ao passo que o pozitivismo obtem tão poucas. Mas esse contraste, demaziado natural nos apreciadores vulgares, convem porventura tambem aos juizes de elite? Quando a inteira concordancia que exigis puder realizar-se habitualmente entre algumas pessoas independentes, o grande problema do nosso tempo achar-se á logo rezolvido; pois que não se vê o que impediria então a adhezão de extender-se rapidamente a todos os espiritos ativos e consienciozos E' sobretudo porque o acôrdo verdadeiro não é agora possivel sinão sobre as noções fundamentais que a convergencia conserva-se necessariamente limitada a um pequeno numero de adeptos. Vós reconheceis expressamente que os meus patronos admitem as bazes intelectuais, quer logicas, quer sientificas, da filozofia pozitiva, e mesmo a tendencia geral a organizar a sociedade segundo esse regimen mental; desde então, quaisquer que sejão

para comigo as suas divergencias atuais sobre a realização especial de tal organização, eu perzisto em considerar a adhezão deles como suficiente para constituir a obrigação moral que lhes reprezentei, de não deixarem embaraçar a minha elaboração filozofica mediante uma infame perseguição. Talvez mesmo esse sentimento natural não esteja neutralizado, em dois deles, sinão pelas preocupações particulares que demaziado a miudo os trabalhos pessoais inspirão, e que dispõe a ver com indiferença, sinão com algum secreto prazer, a compressão das idéias rivais. Embora o terceiro protetor me seja desconhecido, eu não ficaria espantado que o seu carater francamente pratico, desprendendo-o mais de quaisquer prevenções teoricas, lhe permitisse apreciar melhor as convergencias fundamentais, sob os dissentimentos secundarios com que ele deve naturalmente estar menos chocado.

Essa determinação racional do justo grau de acôrdo prévio que hoje a proteção temporal dos trabalhos filozoficos exige parece-me demaziado importante para que eu deva desprezar a feliz ocazião que se oferece aqui de esclarecê-la indiretamente sob um novo aspeto decizivo, examinando a vossa opinião sobre a cooperação atual na revista pozitiva tão criteriozamente projetada por M. Littré.

A este respeito, lamento antes de tudo que os vossos obzequiozos passos pessoais tenhão sido demaziado pouco conformes ás nossas intenções essenciais, que eu terei sem duvida explicado mal. Não erão assinantes que procuravamos na Inglaterra, nem mesmo acionistas propriamente ditos, dispostos a colocar fundos em uma empreza produtiva; nada disso obrigava a dirigirmo-nos fóra da França. Não pediamos a Inglaterra, para essa nova revista, sinão alguns verdadeiros protetores, decididos a arriscarem capitais na prosecução de uma bela experiencia social de conformidade com as suas convicções fundamentais. Eis o que a demaziado fraca concentração das fortunas, e sobretudo a mesquinhez dos nossos habitos privados, mal nos permitiria esperar em França; era sómente para esse fim que reclamavamos a assistencia ingleza, apezar da nossa persuazão anterior das poucas simpatias que tal projeto havia de inspirar ao publico britanico. E' uma contrariedade que as vossas amigaveis tentativas não tenhão sido dirigidas assim.

Quanto á precioza cooperação filozofica que eu tinha

pessoalmente esperado de vós, permiti-me, meu caro Senhor Mill, declarar-vos com a minha franqueza acostumada, que não acho nada fundados os vossos motivos de recuza. Vós os tirais sobretudo de uma insuficiente convergencia de doutrinas, apezar de uma plena conformidade de metodos. Para melhor caraterizar as nossas dissidencias atuais, lembrais a nossa discussão de 1843 sobre a questão das mulheres, e atribuis o malogro dela a que um de nós dois entende demaziado pouco a verdadeira teoria da natureza humana, cujo estudo prévio parece-vos ainda esperar aperfeiçoamentos essenciais antes que uma tal colaboração torne-se possivel. Toda essa apreciação parece-me exigir uma retificação fundamental que vou emprehender sumariamente.

Do ponto de vista subjetivo, percebe-se facilmente que uma inteira unidade de doutrina não póde jamais reinar. * Por maior que seja a regularidade mental a que deva chegar a Humanidade, as diferenças de organização, de educação e de situação, exercerão sempre bastante influencia para determinar, sobre muitas questões secundarias, dissentimentos habituais, como no-lo indica já o estado das siencias as mais adiantadas, sem ecetuar os estudos matematicos. Todavia, quando a tranzição revolucionaria houver convenientemente cessado, se estabelecerá certamente muito mais convergencia dogmatica do que póde existir hoje, para com todas as noções quaisquer que interessão realmente a harmonia final da sociedade moderna. Dever-se-á então tornar-se mais exigente sobre as condições habituais da cooperação filozofica, á medida que ela fôr destinada a questões mais especiais e mais imediatas. Mas, para preparar esse estado normal, seria dezarrazoavel prescrever hoje o mesmo grau de comunhão mental que a sua realização ulterior ha de comportar; porque isso não é agora nem possivel nem indispensavel.

A vossa medida demaziado rigoroza parece-me, a este respeito, involuntariamente tirada do tipo antigo, no qual a natureza teologica da doutrina impunha a todo custo a obrigação de uma estreita convergencia especial, sem a qual todo o sistema das crenças se achava diariamente comprometido; e ainda em tal cazo essa condição não se

* A evolução posterior do nosso Mestre permitiu-lhe retificar esta apreciação, demonstrando que o *pleno acendente do altruismo* garante uma perfeita unidade não só de *metodo* como de *doutrina*. — R. T. M.

refere sinão á instalação social do regimen catolico, e nã á sua elaboração inicial. No tocante á sistematização pozitiva, a conformidade espontanea dos metodos permite apegar-se menos á identidade artificial das doutrinas atuais. Sem ultrapassar o grau de adezão ao pozitivismo que reconheceis nos meus patronos, cada um deve hoje encarar-se não sómente, segundo a minha indicação anterior como moralmente obrigado a proteger o surto dele, mas mesmo como capaz tambem de cooperar para isso filozoficamente. Essa ativa colaboração não exige, com efeito, sinão a comum admissão do metodo fundamental e da teoria geral da evolução, completada pela lei jerarchica. Em termos mais precizos, póde-se agora reduzir essas condições de acôrdo verdadeiramente indispensaveis aos cinco pontos essenciais que Littré formúla ao terminar a sua admiravel apreciação da minha grande obra. * Ora, sobre tudo isso, vós estais certamente, assim como esses tres senhores, de pleno acôrdo com Littré e comigo. Essa comunhão fundamental basta para concorrer muito utilmente em uma publicação dignamente sistematica, na qual, sem nenhuma pedantesca diciplina, devem a miudo surgir hoje interessantes discussões mutuas sobre as diversas aplicações essenciais dos principios comuns a todos os colaboradores. Bem longe de prejudicar ao acendente atual da revista pozitiva, esses uteis debates tenderião tanto a aumentar a sua influencia publica como a esclarecer e aperfeiçoar as doutrinas assim examinadas. Como diretor dessa obra periodica, eu não hezitaria nunca em admitir nela todo trabalho, convenientemente concebido e executado, que adherisse realmente ás bazes essenciais acima

* Esta apreciação sahiu primeiro no *Nacional*, de 2? de Novembro a 4 de Dezembro de 1844. Eis o trecho a que o nosso Mestre se refere, extrahido da reedição feita em volume por Littré, em 1852:

« Sejão quais forem as criticas que se possão fazer do livro de M. Augusto Comte, tanto pelos detalhes como pela fórma, é conveniente deixá-las completamente de lado; porque, o que importa aqui, é fazer conhecer os pontos capitais dessa grande obra; o resto é secundario. Podem-se aprezentar assim esses pontos essenciais da sua obra filozofica: a determinação da lei que rege as sociedades passando pelo estado teologico e o estado metafizico para chegarem ao estado pozitivo; a natureza das questões que devem deixar de ser absolutas para tornarem-se relativas; o metodo que caminha do mundo para o homem, e não do homem para o mundo; a coordenação jerarchica das siencias, que indica as suas relações e as suas reações reciprocas; a incorporação das siencias na filozofia, e, por ahi, enfim, a homogeneidade estabelecida entre todas as nossas concepções. ... » (LITTRÉ. *Conservação, Revolução e Pozitivismo*, in-12, 1852, p. 65.) — R. T. M.

mencionadas, por mais oposto que ele fosse aliás ás minhas convicções mais bem estabelecidas, e mesmo sem rezervar-me sempre o exame dele, sobretudo imediato, que eu poderia a miudo deixar aos leitores. Não creio que tal conduta tendesse em nada a enervar a minha ação filozofica por um perigozo ecletismo; ela parecer-me-ia, ao contrario, muito propria para melhor atingir a grande destinação, mental e social, da revista projetada. Quando mesmo eu acreditasse dever afastar dela ou adiar certas discussões como inoportunas ou prematuras, seria sempre só a esse titulo que eu motivaria publicamente a minha decizão, jamais fundada na falta de convergencia especial dos trabalhos verdadeiramente subordinados aos fundamentos indispensaveis. Apezar do mau acolhimento inicial do nosso projeto de revista pozitiva, uma empreza tão conforme ás principais necessidades atuais não tardará, sem duvida, a ser mais bem apreciada: acreditei, pois, dever utilizar esta ocazião de caraterizar o espirito sériamente liberal segundo o qual estou decidido a dirigi-la, deixando um livre curso publico a toda criterioza controversia interior que, respeitando sempre os principios, afetasse sómente as suas consequencias quaisquer. *

No que concerne á nossa fraternal discussão de 1843, não posso, meu caro senhor Mill, aceitar a paridade de alternativa que vos dispõe a deixar indecizo a qual de nós dois deve convir o reproche de insuficiente conhecimento da verdadeira natureza humana, que tal dissentimento, com efeito, supõe. Eu não hezitei então em advertir-vos que a vossa preparação sientifica tinha demaziado excluzivamente abraçado as especulações inorganicas e matematicas, sem ser assás completada por uma serie conveniente de estudos e meditações biologicas. Tendo eu-mesmo plenamente consumado, outrora, esse indispensavel preambulo, permiti-me vo-lo recomendar especialmente, e referir-lhe a nossa dissidencia sobre esse grande assunto, em relação ao qual eu tinha a principio pensado como vós antes de haver acabado a minha educação filozofica. Perzisto mais do que nunca em tal convicção logica. A minha certeza de ter satisfeito melhor a essas condições prévias parece-me, aliás fortificada pela conformidade

* O proseguimento da evolução religioza do nosso Mestre patenteou-lhe mais tarde a incompatibilidade do Pozitivismo com a manutenção de qualquer *Revista*. R. T. M.

persiva deve dezaparecer pela fuzão das diferentes teorias parciais na nova filozofia geral que, do ponto de vista social, imprimirá a cada secção da grande elaboração abstrata a sua verdadeira constituição final. E' sobretudo a biologia que deverá, como mais vizinha, resentir mais esse indispensavel impulso, sem o qual eu perzisto em assegurar que ela não adquiriria nunca bastante consistencia racional ao ponto mesmo de não poder de outra fórma dissipar o esteril antagonismo ainda subzistente ahi entre a escola materialista ou fizico-chimica e a escola espiritualista ou teologico-metafizica.

Devo tambem, meu caro senhor Mill, confessar-vos ingenuamente que, mau grado a vossa autoridade especial, continúo a pensar que os preconceitos nacionais muito concorrêrão para o mau acolhimento que experimentou, o ano ultimo, na Inglaterra, o nosso projeto de revista pozitiva. A unanimidade que reconheceis existir no continente quanto ao reproche mais profundo merecido, a este respeito, pelos espiritos inglezes, parecer-me-ia já um poderozo motivo de prezumir a realidade de uma opinião tão verificavel mediante a observação diaria; porque, sem isso, donde rezultaria esse extranho acordo no meio de tantas dissidencias?

Mas a san apreciação comparativa do conjunto do passado europeu confirma espontaneamente esse juizo empirico, indicando as grandes e numerozas influencias que, desde os fins da idade-média, e sobretudo durante os tres ultimos seculos, devêrão, em todos os sentidos, determinar, na Inglaterra, uma nacionalidade mais intensa e mais excluziva do que em nenhuma outra secção da familia ocidental. A vossa persuazão pessoal que um tal espirito é ahi, pelo contrario, menos dominante do que por toda parte alhures não me parece, a dizer a verdade, sinão uma nova verificação involuntaria da opinião comum; porque só uma prevenção arraigada acerca da ecelencia do carater peculiar á vossa nação parece-me poder fazer assim desconhecer o seu principal defeito atual. O cosmopolitismo ecepcional que atribuis ahi com justiça a alguns espiritos adiantados não é nada incompativel, aos meus olhos, com tal dispozição; porque, esse sentimento demaziado vago, que conduz quazi a colocar de nivel os Francezes ou os Alemãis e os Turcos ou os Chinezes, não comporta realmente sinão uma respeitavel

eficacia moral, sem impelir diretamente á verdadeira cooperação politica, que exige o sentimento habitual de uma simpatia mais completa, a um tempo mental e social.

A situação fundamental da elite da Humanidade reclama por toda parte a urgente preponderancia, não de um insuficiente cosmopolitismo, mas de um ativo europeanismo, ou antes de um profundo ocidentalismo, relativo á solidariedade necessaria dos diversos elementos da grande republica moderna, comprehendendo todas as populações que, depois de haverem mais ou menos experimentado a incorporação romana, participárão sobretudo em comum da iniciação catolica e feudal, e em seguida da dupla progressão, pozitiva e negativa, que por toda parte sucedeu ao regimen medievo, de modo a tenderem hoje, cada uma á sua maneira, para uma mesma regeneração final. Ora, eu perzisto em pensar, depois da vossa carta como dantes, que esse sentimento indispensavel de conexão e de concurso permanece ainda agora mais comprimido na Inglaterra do que sobre o continente pelas prevenções e animozidades nacionais, embora já a nossa afortunada paz de trinta anos haja melhorado muito todos os costumes ocidentais.

Uma ultima explicação, puramente pessoal, deve ainda vos ser rapidamente indicada, meu caro senhor Mill, a respeito das economias que me recomendão indiretamente. Nem os meus amigos, nem mesmo os meus protetores não se acreditarão sem duvida jamais autorizados a exigir de mim nenhuma conta dessa ordem. Mas, embora a minha conduta privada não tenha precizão de mais justificação do que a minha conduta publica, devo timbrar em tranquilizar a vossa cordial solicitude sobre temores de tendencia abuziva ou exagerada que não tem fundamento real.

Sempre julguei tão absurda como deshumana a dispozição, demaziado comum nos ricos para com os pobres, a conceber as necessidades materiais de uma maneira absoluta e uniforme, sem apreciar então assás as diversidades individuais, relativas, como em qualquer outro cazo, á organização, á educação, aos habitos e mesmo á condição. Foi por ter crido perceber para comigo essa vulgar tendencia que me senti ferido, a certos respeitos, por um juizo que não repouzava sobre uma suficiente apreciação pessoal. Vós que, ha quatro anos, conheceis exatamente o meu

orçamento privado, e tambem os meus pezados encargos especiais, sabeis si, em virtude da taxa atual do meio em que vivo, a minha despeza habitual póde ter jamais oferecido nada verdadeiramente dezarrazoavel, quando mesmo os meus gostos proprios me houvessem impelido a isso. Ha oito anos que atingi os modestos limites de conforto que sempre concebêra, pelo menos continuando a abster-me das previdencias longinquas. Ora, sem querer jamais ultrapassá-los, faço muito empenho, confesso-o, em conservar satisfações tão moderadas, muito inferiores ao que obteve a maioria dos meus camaradas. Estou apegado a elas não sómente por um legitimo habito e por um justo sentimento do meu direito, mas sobretudo pela intima convicção da sua tendencia a facilitar muito o meu surto filozofico, que mesquinhas preocupações diarias perturbarião demaziado. Eis porque eu perzisto em declarar que não posso, nem quero, a menos de insuperavel necessidade, restringir-me á insuficiente renda que uma odioza expoliação me deixa.

Desde o começo deste ano reduzi definitivamente a dois mil francos, em lugar de tres mil, a pensão anual da minha mulher; pratiquei tambem uma outra economia de cerca de mil francos nas minhas despezas pessoais. Mas tudo isso reprezenta apenas a metade do que me foi arrancado, e entretanto eu não posso realmente restringir-me mais sem cahir em apertos, ou antes na penuria. Julgai por ahi si eu posso razoavelmente evitar de procurar alguns recursos suplementares, embora a minha elaboração filozofica deva certamente sofrer com isso. Esses comodos conselhos de economia não podem, pois, impedir que a responsabilidade definitiva de tal parturbação peze sobre todos os que, de diversas maneiras, me retirárão, sem motivo legitimo, a justa proteção que me havião a principio concedido, e cuja afortunada influencia inicial comprazer-me-ei sempre em proclamar com reconhecimento.

As minhas passageiras tribulações deixar-me-ão aliás, como filozofo, uma penoza impressão permanente, lembrando uma doloroza experiencia social que testemunha quanto os nossos ricos, mesmo os mais bem dispostos, achão-se hoje, pelas suas vistas estreitas e os seus sentimentos mesquinhos, abaixo da grave situação que lhes prepara um proximo porvir, na inevitavel luta que eles

terão de sustentar contra os proletarios. Os pensadores agora tão desdenhados, esforçando-se então, segundo seu nobre dever, por adoçar tanto quanto possivel esse terrivel conflito, terão assim de esquecer as suas justas queixas especiais, ao mesmo tempo que conter a exasperação demaziado excuzavel das classes inferiores. Deixando escapar todas as felizes ocaziões de instituir uma salutar aliança entre o pensamento e a riqueza, dir-se-ia que mesmo os mais adiantados dos nossos grandes dezejão secretamente o indefinido prolongamento do *statu-quo* atual, em que a anarchia mental os dispensa de toda larga obrigação moral; eles repelem instintivamente o indispensavel advento de um verdadeiro poder espiritual, cujo acendente irrezistivel os sujeitaria a uma justa observancia habitual dos deveres sociais que eles fazem hoje degenerar em uma vaga e esteril filantropia. Mas um cego egoismo lhes esconde os perigos peculiares a essa situação tranzitoria, que não póde convir-lhes sinão enquanto dispuzerem da força para iludir essencialmente as legitimas reclamações dos proletarios. Ora, esse equilibrio precario não póde durar sinão até que esses irrecuzaveis pedidos tenhão podido adquirir uma consistencia verdadeiramente sistematica, sob a direção racional do pozitivismo do qual ela será a mais imediata destinação ativa, como eu creio ter demonstrado no meu sexto volume. *

Talvez os ricos lamentem então terem procedido mal para com os filozofos, que devem proteger a existencia social deles contra uma ardente reação popular.

Todo vosso,

A^{te} COMTE.

E' facil de imaginar as melancolicas dispozições que devião dominar o nosso Mestre durante a redação desta carta. Por mais profundas que elas tenhão sido, porem, a lembrança de Clotilde devia ter dissipado em breve as amargas impressões que ela deixou. A vizita de Sabado consolidou essa benefica reação da egregia paixão de Augusto Comte. Mas a situação moral dele ainda o perturbava a ponto que as suas insonias perzistião.

* Vide a *Introdução* deste volume, ps. 100, 101, 113.— R. T. M.

XI

> Não fiqueis sorprehendida que eu timbre em inaugurar secretamente esse decimo sexto serviço anual por uma lembrança especial da minha bem-amada.
>
> *(117ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.)*

No Domingo, 25 de Janeiro, o nosso Mestre inaugurava pela 16ª vez, o seu curso de *Astronomia popular*. Assim, enquanto os seus patronos o abandonavão á sanha de ignobeis perseguidores, Ele procurava absorver-se nos encantos do seu egregio entuziasmo social e nos arroubos da sua santa paixão privada.

« Esse curso tinha lugar, como vimos, em uma das salas da *mairie des Petits-Pères* (III arrondissement), que era adjacente á igreja de *Nossa Senhora da Vitoria*. Ela foi destruida mais tarde, no segundo imperio, para elevarem-se novas construções. Entrava-se na *mairie* por um longo corredor bastante escuro que dava para a praça fronteira á igreja de Nossa-Senhora-da-Vitoria; esse longo corredor é reprezentado atualmente por um beco sem sahida onde nada se construiu até hoje. Augusto Comte fez os seus cursos a principio em duas salas do rez-do-chão, uma á direita e outra á esquerda ao dito corredor. »

O Sr. Laffite, de quem extrahimos estas linhas, diz mais adiante: « Eu o acompanhava á sahida do seu curso; porque ele voltava a miudo para caza fazendo longos rodeios e passavamos ás vezes pelas Tulherias, outras vezes mesmo pelos Invalidos; a conversa era simples e amigavel. Assim, ele contou-me a sua viagem quando veio para Paris em 1814 afim de entrar para a Escola Politecnica. Tomavamos algumas vezes, porem muito raramente, um sorvete no pequeno café, situado nas Tulherias, frequentado outrora por Grimm e Diderot. » *

O auditorio era numerozo, e entre os ouvintes encontravão-se pessoas de todas as classes, inclusive algumas Senhoras, apezar do curso endereçar-se especialmente ao proletariado. As lições especiais de Astronomia erão precedidas por um *Discurso sobre o espirito pozitivo* destinado a caraterizar o objetivo social do curso. Este vizava, com efeito, não a mera difuzão dos conhecimentos astronomicos, mas sim a reorganização direta da sociedade, mediante a regeneração, mental e moral, da massa popular.

* *Revista Ocidental*, 1ª serie, tomo XVII, 1886, ps. 191 e 202.

Em 1843 esse discurso de abertura durára tres ou quatro horas. Mas, no ano seguinte (1844), o nosso Mestre o distribuíra por quatro sessões. * Essa decompozição tinha sido mantida em 1845. Em 1846, porem, esse preambulo filozofico devia abranger oito Domingos, de conformidade com o anuncio já transcrito.

Poucas reflexões bastarão para patentear a conexão entre o curso de *Astronomia popular*, como o nosso Mestre o realizava, e a regeneração humana, que constituia o fito contínuo dos esforças dele. De fato, a revolução em que se debate a sociedade moderna data do começo do XIV seculo e foi a consequencia da fatal ruina do dogma catolico. Essa revolução é entretida pela preponderancia das doutrinas metafizicas; não será pois com insurreições populares e medidas temporais dos governos que ela ha de ter paradeiro. Iniciada pela anarchia das inteligencias, só a paz das inteligencias é capaz de terminá-la; e similhante paz só póde rezultar do acendente universal do espirito pozitivo. A esse espirito se devem as unicas convicções inabalaveis unanimemente aceitas hoje, — as convicções sientificas. A eficacia de tais convicções não é percebida, porem, na massa popular e nas camadas dirigentes, alem dos fenomenos vitais. Nas questões politicas e morais imperão o metodo teologico e o metodo metafizico ou democratico, entre os quais flutuão todas as almas contemporaneas. Entretanto, similhantes metodos só têm produzido o dezenvolvimento cada vez maior da anarchia nas opiniões, e conseguintemente nos sentimentos e nos costumes. E', pois, urgente indagar si o metodo que dera rezultados assombrozos no estudo dos fenomenos fizicos, não produziria os mesmos efeitos na investigação dos fatos politicos e morais.

Ora, para decidir similhante questão torna-se indispensavel conhecer suficientemente o carater do metodo pozitivo, o que não é possivel sem o estudo de qualquer das siencias onde ele predomina. E nenhuma destas póde corresponder melhor a similhante deziderato do que a Astronomia, pois que foi ela, desde a antiguidade, o teatro decizivo da luta entre o espirito teologico e o espirito pozitivo. Alem disso, efetuando-se o curso em uma cidade interior, como Paris, a atenção do auditorio havia necessariamente de concentrar-se sobre o *destino filozofico* e não

* *Carta a Stuart Mill*, p. 220.

sobre a *utilidade industrial* de tal expozição. Isto não se daria em qualquer cidade maritima, onde teria sido preferivel, por esse motivo, escolher outro termo da escala enciclopedica.

Estas considerações mostrão a necessidade que tinha o nosso Mestre de fazer preceder o seu curso popular por uma apreciação geral do verdadeiro carater do metodo sientifico. Porque, de fato, esse metodo fôra manifestando as suas aptidões, graças á invazão sucessiva dos dominios superiores que antes lhe erão vedados. O seu surto sistematico começou nas concepções numericas, e dahi foi ele subindo gradualmente aos fenomenos da fórma, da extensão, do movimento, do pezo, do calor, da luz, do som, da eletricidade, da combustão, da fermentação, e da vida. Só essa expansão contínua permitiu-lhe manifestar a sua verdadeira natureza e o seu alcance real, mais ou menos velados em cada dominio especial. De sorte que, em rigor, para fazer-se uma idéia exata do metodo pozitivo, é indispensavel o exame de todas as suas aplicações essenciais, isto é, de todas as siencias abstratas. Mas, uma vez descoberta a indole propria do espirito sientifico, torna-se possivel patenteá-la suficientemente mediante o exame filozofico de qualquer das suas aplicações decizivas. Dahi a aptidão e o alcance do curso a que, havia quinze anos, o nosso Mestre tinha consagrado uma parte dos seus escassos lazeres.

Esta serie de ponderações conduz á apreciação cada vez mais profunda da situação moderna, em virtude do confronto direto dos tres modos de filozofar, a saber, teologico, metafizico, e pozitivo, que entre si dividem atualmente os espiritos. Toda hezitação a respeito do exgotamento completo das aptidões preparatorias e passageiras dos dois primeiros, bem como da supremacia irrevogavel do terceiro, dezapareceu nos dominios inferiores da inteligencia e da atividade. A duvida só perziste quanto á eficacia e á aplicabilidade do mesmo metodo sientifico aos fenomenos politicos e morais, que constituem, na opinião do vulgo dos teoristas, como dos praticos, o apanagio dos metodos teologico e metafizico. Para acabar de caraterizar pois, a importancia do curso de Astronomia popular, é indispensavel indicar, por uma apreciação geral, a possibilidade de eliminar hoje, por toda parte, esses metodos provizoriamente necessarios, substituindo-os pelo espirito pozitivo.

Bem considerado, similhante exame reduz-se a estabelecer o paralelo entre a teologia e a siencia, porque a metafizica não possûi carater proprio. Essa filozofia bastarda constitûi um simples dissolvente da primeira, preparando o acendente da siencia, mediante uma combinação empirica e inconsiente dos dois metodos antagonicos. Dessa chimerica tentativa rezultárão a dissolução da teologia e uma anarchia mental e social favoravel ao surto inicial do genio pozitivo. Similhante utilidade limita-se, porem, ao estudo dos fenomenos mais grosseiros. Desde que a suficiente exploração destes permite e exige que o espirito pozitivo penetre nos dominios supremos da Politica e da Moral, o espirito metafizico torna-se-lhe mais antipatico do que o espirito teologico. Com efeito, ele tende então a manter indefinidamente a união hibrida entre a teologia e a siencia, impedindo, ao mesmo tempo, a ordem e o progresso, pela fomentação simultanea da anarchia e da retrogradação.

Toda criterioza discussão filozofica concentra-se portanto em comparar as aptidões respetivas do metodo teologico e do espirito pozitivo para a investigação dos fenomenos sociais e morais. Resta saber si este ultimo modo de filozofar será capaz de instituir para a Politica e a Moral uma siencia que forneça aos governos e aos povos um guia seguro, como a Astronomia quotidianamente o oferece aos navegantes. Isto rezume-se, em suma, em examinar si existem leis naturais regendo os fenomenos politicos e morais, ou si esses fenomenos estão entregues ao arbitrio dos entes sobrenaturais, conforme a teologia afirma. Ora, desde 1822, que o nosso Mestre teve a felicidade de dissipar, na elite dos pensadores ocidentais, qualquer hezitação a tal respeito, desvendando as leis efetivas da evolução mental. Todas as variações por que têm passado as opiniões humanas, desde os tempos primitivos até os nossos dias, ficárão assim cabalmente explicadas, como a consequencia da harmonia entre a nossa constituição cerebral e corporea, por um lado, e o Mundo, pelo outro.

O paralelo feito entre a filozofia teologica e a filozofia pozitiva, demonstra, pois, a universal aptidão da nova filozofia e o seu inevitavel triunfo. Só ela é capaz de reparar os estragos do espirito metafizico, amparando a ordem social e moral que a teologia já não póde mais esteiar, e instalando enfim, pela sistematização do regimen sientifico

-industrial, a paz na Terra toda. Sejão quais forem as rezistencias e as lutas do prezente esse rezultado não póde ser impedido, como não pòde ser obstada nenhuma das transformações por que tem passado a Humanidade. Tal é a iniludivel supremacia das leis naturais que regem a nossa constituição coletiva e individual, e contra as quais são impotentes todas as machinações. Essa convicção inabalavel constituirá doravante, atravez das mais acerbas decepções, o supremo consolo das almas que sistematicamente trabalharem pela regeneração social.

Tais erão as convicções capitais que o nosso Mestre vizava levar ao animo popular mediante o seu curso de Astronomia. E, apreciando a influencia dessa nobre propaganda, Ele dizia, em carta de 1º de Maio de 1844, a Stuart Mill:

« Quanto á vossa sorpreza do interesse sustentado que toma por essas idéias o meu auditorio heddomadario, ela é demasiado natural para parecer-me dificil de conceber. Porem, em primeiro lugar deveis saber, como Mme Austin e M. Grote poderão vo-lo atestar pessoalmente, que esse auditorio não é unicamente, nem mesmo em maioria, composto de trabalhadores: conquanto eu tenha ha quatorze anos, instituido esse curso em intenção deles, eles não formão de ordinario sinão um quarto mais ou menos dos meus ouvintes habituais; o resto é uma mistura muito variada, na qual abundão os velhos. Em segundo lugar, creio que não se póde figurar convenientemente, fóra de França, ou melhor fóra de Paris, o admiravel impulso filozofico que as nossas massas populares recebêrão indiretamente do nosso grande adbalo revolucionario, em consequencia do qual os seus espiritos ativos fôrão elevados habitualmente a um grau de generalidade, bem como de emancipação, que não têm ainda equivalente em todo o resto do Ocidente. A feliz auzencia atual da nossa tola cultura escolastica os torna proprios, nessa luminoza situação mental e moral, para apanharem diretamente, embora de uma maneira necessariamente muito confuza, o verdadeiro espirito de uma renovação filozofica á qual as inteligencias mal cultivadas que pululão no mundo letrado não podem elevar-se sinão muito laboriozamente e de um modo muito imperfeito depois de uma lenta instrução preliminar, quazi nunca assás completa. Ha quatorze anos que prosigo esse ensino, tem ele me proporcionado espontaneamente

varias ocaziões de apreciar, a este respeito, por livres palestras pessoais, as tendencias fundamentais peculiares ás nossas diversas classes, e asseguro-vos que, entre os espiritos que não são profissionalmente filozoficos, é entre os verdadeiros operarios (relojoeiros, mecanistas, impressores, etc.) que encontrei até aqui a mais san apreciação, não menos mental do que social, da nova filozofia. Foi, creio eu, sem nenhuma exageração especulativa, que assinalei publicamente os nossos proletarios como devendo servir-lhe um dia de principal apoio, quando o contato com eles tiver podido estabelecer-se suficientemente, o que está ainda bem longe de ter lugar.

« Creio que não se póde alhures, e sobretudo na Inglaterra, ter nenhuma justa idéia do verdadeiro espirito dessa classe notavel, tal qual o conjunto do nosso passado a tinha preparado, e tal qual a nossa revolução a dispôz. Em qualquer outro meio essa classe, sobretudo no vosso paiz, é mentalmente a menos emancipada; porem, em França, isto é, em Paris pelo menos, é precizamente o inverso. O vago deismo que, ha meio seculo, constitûi aqui a principal fonte do deploravel prolongamento do regimen teologico, não tem aqui partidarios sérios sinão no nosso mundo letrado; o rude, porem energico instinto dos nossos proletarios, transpoz definitivamente essa alta passageira que ele sempre repeliu essencialmente. E' o que torna especialmente irrizoria a dotoral mistificação que pretende conservar as crenças antigas para o uzo particular de uma classe que lhes é, na realidade, mais antipatica hoje do que nenhuma outra. » *

Essas indicações nos parecem suficientes para imaginar as emoções com que o nosso Mestre abria o seu curso popular. Em 25 de Janeiro de 1846, o seu nobre entuziasmo achava-se ainda mais exaltado pela manifestação de Magnin e os seus amigos. Era, alem disso, essa a primeira vez que a redentora evangelização realizava-se sob o patrocinio de Clotilde. O Reformador ia comunicar ao seu publico a transformação pela qual acabava de passar o Pozitivismo sob o influxo da sua regeneração moral. Quanto diferião as suas dispozições, nesse dia, das que, em data analoga, o dominavão nos anos precedentes! Antes de sahir para a sua predica, Ele quiz preparar-se para o digno preenchimento da sua missão, dirigindo uma

* Cartas a Stuart Mill, ps. 229-231.

efuzão especial á egregia Senhora a quem devia tão maravilhoza metamorfoze.

Centezima-quadragezima-setima carta

Domingo de manhan 25 de Janeiro de 1846 (10 h.)

Embora a reabertura do meu curso deva doravante diminuir muito a disponibilidade do meu Domingo, espero, minha carissima amiga, que ela não me tirará inteiramente a ventura de que tantas vezes gozei durante os seis ultimos mezes, de ocupar-me especialmente convosco nesse dia. Gosto bem de vo-lo provar já dirigindo-vos estas duas linhas cordiais antes de ir para a minha sessão inicial. O vosso nobre acendente ligou doravante profundamente em mim o surto habitual dos mais altos pensamentos ao dos mais ternos sentimentos. Não fiqueis pois sorpreza que eu timbre em inaugurar secretamente este decimo-sexto serviço anual por uma lembrança especial da minha bem-amada. Não posso ver voltar essa jornada sem recordar-me logo quanto o conjunto da minha existencia acha-se felizmente mudado, a partir da ultima reabertura, pela nobre ternura que me anima. Esta curta efuzão não póde aliás sinão preparar-me melhor para o ministerio que vou preencher, fazendo espontaneamente prevalecer a dispozição d'alma mais favoravel a tal ato filozofico.

O encantador bom-dia a que não pude responder ante-hontem deixar-me-á a lembrança permanente de uma afetuoza expressão carateristica, que sinto necessidade de agradecer-vos especialmente, quando vos dignastes mencionar a vossa ventura de *adquirir-me*. Com efeito, é bem esse, minha Clotilde, o termo que nos convem mutuamente, para dezignar a cada um de nós a sua melhor propriedade. Quanto mais a nossa intimidade se dezenvolve e se consolida, tanto melhor sinto diariamente que esta casta união tornou-se em mim a principal condição de uma felicidade que eu sonhára sempre ardentemente, porem sem poder, desgraçadamente! experimentar jamais antes de ter sofrido o vosso bemfazejo imperio.

Quanto o comprehendia eu hontem, por exemplo, durante essas horas demaziado rapidas de terna contemplação e de livre expansão que cada semana me reconduzem agora á vossa augusta solidão! Embora não vos tenha eu ainda agradecido assás diretamente essa incomparavel

concessão, sabeis que sinto dignamente todo o seu valor. Cada uma das nossas duas livres entrevistas hebdomadarias tem o seu afortunado carater proprio. No dia em que vos recebo, parece-me que começo enfim a possuir convenientemente um verdadeiro interior. Mas, quando vou ver-vos, sois vós-mesma que aprecio sobretudo. A nobre simplicidade do vosso modesto azilo lembra-me mais vivamente não só as vossas desgraças ecepcionais mas tambem as eminentes qualidades do vosso coração como do vosso espirito. Tudo o que me rodeia ahi tende especialmente a compenetrar-me mais de uma afetuoza admiração, que uma brilhante morada reanimaria menos. Esse contraste involuntario entre a vossa situação e o vosso merito me faz apreciar melhor então a amavel rezignação que vos dispõe habitualmente a esperar sem impaciencia um porvir mais digno, que a vossa santa perseverança em uma precioza elaboração determinará em breve, segundo espero.

Adeus, minha nobre e terna Clotilde; contai para sempre com o respeitozo amor pelo qual o vosso caro filozofo sente-se tão orgulhozo como feliz.

A^TE^ COMTE.

Embora eu tenha dormido muito pouco, estou assás bem disposto para esperar que a minha sessão ecitar-me-á sem fatigar-me, apezar da solene emoção que um longo habito e uma plena convicção não me impedem de experimentar por ocazião de cada comparecimento anual perante o meu publico. O ato de adoração que acabo de consumar rapidamente inspira-me, eu o sinto, um acrecimo de zelo e de confiança pelo dever que vai arrancar-me de vós.

XII

> Si eu tardei tanto a sentir a eficacia pessoal dessa solidariedade espontanea, foi porque o meu coração sempre careceu desgraçadamente até aqui de um digno objeto de adoração.
>
> (148ª carta, de *Augusto Comte a Clotilde*.)

Enquanto Augusto Comte traçava estas apaixonadas linhas, Clotilde esquecia os seus sofrimentos, absorta nos piedozos e ternos sentimentos que Ele lhe inspirava. Mais de uma vez esse enlevo a fez sorrir ao projeto de sorprehendê-lo com a sua angelica prezença entre os ouvintes da egregia expozição. E outras tantas vezes o estado de

sua melindroza saude lembrou-lhe os crueis obstaculos que se opunhão a realização de tão comoventes votos.

Foi nessas melancolicas dispozições que Ela recebeu, porventura na mesma tarde, a carta de Augusto Comte.

Nessa tarde o estado de saude do nosso Mestre agravou-se, talvez em consequencia mesmo das venturozas emoções que lhe cauzára similhante jornada. No Lunedia á noite quando encontrou-se com Clotilde na rua Pavée, ainda Ele não estava de todo livre das consequencias de tal perturbação. Porem a sua felicidade tornou eficazes as precauções que tomou para impedir que esses dezarranjos continuassem. E no Martedia, Ele dirigiu a Clotilde a seguinte carta onde carateriza as reações que a sua incomparavel paixão exercêra sobre a constituição do Pozitivismo.

Centezima-quadragezima-oitava carta

Martedia á tarde 27 de Janeiro de 1846 (4 h.)

Tenho vos agradecido muitas vezes, minha carissima Clotilde, pelo profundo melhoramento que o conjunto da minha existencia moral está experimentando, desde que tive a ventura de ficar enamorado de vós. A salutar reação mental desse nobre sentimento manifestou-se, desde o começo, pela minha cordial compozição sobre a vossa festa. Senti em seguida a sua eficacia filozofica ao encetar, durante as férias, a minha segunda grande obra. Agora a reabertura do meu curso voluntario traz naturalmente uma nova manifestação dessa feliz influencia, que vai certamente aperfeiçoar muito a minha ação oral, como antes a minha ação escrita; digo ação, porque, num filozofo, ela consiste sobretudo em falar ou escrever, em lugar de meditar. Entregando-me, quinze dias antes, ao prazer de compôr o intimo mimo que tivestes a bondade de pedir-me, sabeis que eu previa dahi uma precioza reação pessoal. Sinto, com efeito, que esse novo ato de um respeitozo amor contribuiu muito para o poderozo abalo que hoje me é ocazionado por uma nova expozição sumaria do espirito fundamental da minha filozofia, que eu não tinha ainda sistematizado publicamente de uma maneira tão firme e tão nitida. Sabeis, reciprocamente, minha bem-amada, em virtude de uma experiencia já suficiente, que o surto da minha vida ativa, como a da minha vida especulativa, assim aperfeiçoados ambos pela minha venturoza afeição

por vós, bem longe de tenderem a amortecê-la, acabão realmente sempre por torná-la não só mais pura como tambem mais profunda. A afetuoza carta que eu vos escrevi Domingo no momento de ir abrir o meu curso, e á qual ainda não respondestes nada, vos anuncia assás que a ação oral não me desviará mais de vós do que a ação escrita. Ao contrario, quanto mais se dezenvolve essa dupla atividade, tanto mais bem disposto me sinto a querer-vos ainda mais. Não fiqueis sorprehendida com isso, minha cara amiga, em virtude da natureza peculiar ao meu grande fito contínuo, que, fazendo-me sempre volver aos pensamentos de conjunto, deve tender a fortificar em mim todos os sentimentos benevolos.

Si eu tardei tanto em sentir a eficacia pessoal dessa solidariedade espontanea, foi porque o meu coração, embora profundamente disposto á ternura, tinha, desgraçadamente! por uma fatalidade demaziado explicavel, sempre carecido até aqui de um digno objeto de adoração. Pois que tal influencia mutua não póde aliás realizar-se, pelo menos de uma maneira perduravel, sinão com um amor verdadeiramente nobre que possa constantemente suportar uma apreciação refletida. E' precizo, como na casta paixão que eu tenho a ventura de experimentar, que todo o curso diario dos acontecimentos e dos pensamentos tenda naturalmente a fazer sobresahir melhor, a todos os respeitos, a ecelencia do ente adorado.

A esse nobre amor, deverei sempre, como filozofo, o sentir afinal convenientemente a preponderancia necessaria da vida afetiva, que eu tinha até então apreciado demaziado confuzamente, concedendo uma atenção exagerada á vida ativa ou á vida contemplativa. Eu bem tinha estabelecido, no meu livro fundamental, que nem o pensamento nem a ação podem constituir o centro essencial da existencia humana, que deve referir-se sobretudo á afeição. Mas era precizo que essa convicção racional fosse consolidada e animada por um profundo sentimento pessoal, sem o qual ela não podia adquirir um acendente assás uzual. Tal é o eminente serviço de que o conjunto do meu surto será sempre devedor, minha Clotilde, á vossa adoravel influencia, que assim contribuirá muito para tornar a segunda parte da minha carreira filozofica superior á primeira, sinão quanto á pureza e á originalidade das concepções, pelo menos quanto á plenitude e á energia

da sua sistematização final. Os nossos maiores progressos consistem em aperfeiçoar a unidade da nossa natureza, individual e coletiva, estabelecendo uma harmonia mais completa entre todas as suas tendencias ou impulsões quaisquer, tão diversas e mesmo tão opostas. Ora, esse aperfeiçoamento deve sobretudo rezultar de uma mais inteira preponderancia pessoal do sentimento que tende melhor para a união geral.

Eu sei, minha bem-amada, que vos dezenganais diariamente das prevenções vulgares que acuzão ainda o pozitivismo sistematico de secura e de frieza. Esses reproches, que não erão sem fundamento enquanto as concepções pozitivas permanecião parciais, incoherentes, e limitadas aos fenomenos materiais, se dissipão espontaneamente desde que elas se completão e se coordenão extendendo-se ás idéias morais e sociais. Tambem não é para continuar junto de vós uma justificação que se tornou doravante felizmente inutil que me deixei arrastar a essa rapida efuzão filozofica. O meu unico motivo foi naturalmente testemunhar-vos o reconhecimento especial que me inspira uma nova ocazião de sentir profundamente a vossa precioza influencia sobre o meu aperfeiçoamento total.

Todavia, minha Clotilde, sabeis que, nos ritos sagrados, depois do hino de ação de graças vem quazi sempre a solicitação de algum outro favor. Não ficareis, pois, espantada de ver-me terminar esse cordial agradecimento por um humilde pedido. Tem ele por fim regularizar doravante a amavel concessão que me fizestes espontaneamente, estas duas ultimas semanas, jantando sempre comigo na vossa bemfazeja vizita dos Mercuridias. A experiencia já deve vos ter tirado, a este respeito, todo escrupulo verdadeiramente razoavel, provando-vos que vos trato com uma simplicidade, não sómente amigavel, mas quazi conjugal; porque eu nunca convidei, mesmo a sós, os meus mais intimos amigos, sem ajuntar alguma coiza á refeição preparada para mim. Prometendo-vos perseverar nessa economica cordialidade, espero tirar-vos de antemão todo motivo de recuzar-me essa doce satisfação hebdomadaria.

Adeus, minha carissima Clotilde; beijo-vos como vos adoro, com respeito e fervor. Até amanhan.

A^TE^ COMTE.

As precauções de saude que tomei hontem surtírão bas-

tante efeito para tranquilizar-me contra qualquer continuação do dezarranjo sobrevindo na vespera.

Clotilde respondeu na mesma tarde.

Centezima-quadregezima-nona carta

Martedia á tarde, 27 de Janeiro de 1846.

Meu ecelente amigo, deixai-me recuzar daqui o tentador convite que me fazeis. Terei, como vo-lo provei, o maior prazer em reunir-me convosco de tempos a tempos; mas não posso realmente erigir tal prazer em habito agora; deveis ver que não sou escrava das conveniencias, e que não lhes sacrificarei nunca sentimentos honestos; mas na verdade uma mulher que vai jantar em caza de um homem faz alguma coiza de pouco natural. O cazo seria outro si pudesse receber-vos em minha caza. Comprehendereis isto, estou certa.

Fiquei bem reconhecida á vossa lembrança de Domingo, e tive tres ou quatro vezes o prurido de ir vos ouvir; mas o meu coração tem tanto medo do calor, da multidão, e do andar, que eu o deixo ainda no regimen das ninharias. De resto, vou recolhendo o fruto da minha paciencia e dos meus esforços, á medida que os pratico. Suporto a minha pequena dóze de trabalho, e tenho apenas acessos de mal-estar; agora espero que afinal sahir-me-ei bem.

Boa-noite, meu caro filozofo: sou bem feliz de ficar tranquilizada sobre a vossa saude; cuidai bem dela, e contai com o sincero interesse que ela me inspira.

Beijo-vos afetuozamente,

CLOTILDE.

XIII

Ah! como é doce amar um ente para o qual nos faz volver espontaneamente, em qualquer ocazião, a apreciação reflet da do menor incidente diario bem como dos cazos mais decizivos.

(*151 carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

No dia seguinte, Clotilde esteve em caza de Augusto Comte. O terno Pensador insistiu para que Ela ficasse para jantar; mas Clotilde perzistiu na sua recuza, o que penalizou extremamente o nosso Mestre. Clotilde, por seu

lado, sahiu preocupada com essa contrariedade, e á noite, escreveu-lhe este afetuozo bilhete:

Centezima-quinquagezima carta

Mercuridia á tarde, 28 de Janeiro de 1846.

Quero indenizar-vos agora mesmo da minha pouca amabilidade de hoje, meu caro amigo. Eu devia por certo ter posto tanta graça na minha recuza quanta havieis posto no vosso afetuozo oferimento; perdoai-me, pois, em favor eu mesmo não sei de que. Será, si o quizerdes, em favor da melhor das filozofias. Bem vêdes que eu tenho defeitos, até na casca! As minhas faltas fazem-me sómente sentir que tenho o coração em bom estado, e incapaz de cauzar, sobretudo a vós, a menor pena voluntaria.

Boa-noite, meu terno amigo; isto será para vós o bom -dia de amanhan; amai-me com indulgencia.

Vossa de coração,

CLOTILDE.

Está convencionado que eu vos pedirei de tempos em tempos o vosso jantar e a vossa sociedade, com toda a franqueza de coração e de palavras.

A recuza de Clotilde deixára Augusto Comte em amarga melancolia, que ainda se agravou em uma reunião familiar a que o nosso Mestre teve de assistir. Absorto nas suas ternas meditações, o Filozofo se retirára em meio da festa. No Jovedia recebeu o bilhete de Clotilde, e as meigas palavras da sua Bem-Amada não tardárão em dissipar as mais penozas emoções que o acabrunhavão. Respondeu -lhe na tarde do mesmo dia.

Centezima-quinquagezima-primeira carta

Jovedia á tarde, 29 de Janeiro de 1846 (3 h.)

O vosso cordial boa-noite ou bom-dia acaba de chegar muitissimo a propozito, minha bem-amada, para acalmar um acesso de spleen, ao qual a recuza de hontem não era extranha, como manifestando mais a amargura do meu izolamento. Com certeza eu não vos teria feito tal proposta, si ela me tivesse parecido verdadeiramente contrária ao genero de conveniencias que merece ser respeitado. Na simplicidade do meu coração, devo confessar-vos que, mesmo no prezente, mal comprehendo em que essa concessão habitual ultrapassaria o grau de inocente familiari-

dade que a nossa comum situação ecepcional comporta. Todavia, em tais cazos, será sempre com uma sincera deferencia que submeterei a minha propria opinião á vossa, não sómente porque trata-se de vós, mas sobretudo em virtude da superioridade, geral e especial, do vosso tato feminino. Eu entreguei-vos voluntariamente a direção total das nossas relações quaisquer; e tenho me achado até hoje muito bem com essa afetuoza dicíplina para jamais censurá-la seriamente, quando mesmo ela choca o meu parecer pessoal. Ficai pois a unica a decidir espontaneamente em cada vez si podeis ecepcionalmente prolongar até a tarde a vossa cara vizita hebdomadaria, e deixai-me sómente dezejar em segredo que isso se dê o maior numero de vezes possivel, sem duvidar aliás dos vossos pezares pessoais nos outros cazos.

Esse terno debate momentaneo não me deixará doravante outra lembrança permanente sinão a da adoravel ingenuidade que vos arrasta a reconhecer amigavelmente as vossas menores imperfeições. Ha um grande merito, e tambem uma viva felicidade, na sincera confissão de uma falta qualquer, mesmo ligeira! O regimen catolico jamais comprehendeu melhor, embora empiricamente, as nossas intimas necessidades morais do que regularizando, a seu modo, os habitos de confissão e arrependimento, tão eficazes para o melhoramento radical do coração humano. Quanto me tenho a miudo felicitado de haver francamente reconhecido as minhas faltas e os meus erros, mesmo antes da reparação deles! Pedindo a minha indulgencia a propozito de um fraco defeito acidental, merecieis ainda mais a minha respeitoza adoração. Ah! como é doce, minha Clotilde, como eu vos indicava ante-hontem, amar um ente para o qual nos faz volver espontaneamente, em qualquer ocazião, a apreciação refletida do menor incidente diario bem como dos cazos mais decizivos! Devem sobretudo sentir o valor de tal ventura aqueles que havião antes colocado mal as suas afeições. Mas tambem, depois de ter enfim achado um digno objeto de culto, quanto é dolorozo não poder realizar tão santa união!

Fiquei hontem á noite bem depressa quite da minha corvéa mundana. Todo esse tumulto ecepcional só fez-me lembrar o vosso gosto especulativo pela dansa; e, nesse turbilhão de vestidos brancos ou côr-de-roza, não tardei a não ver sinão vós, mesmo sem fechar os olhos. Quando

a afluencia chegou ao ponto de tornar impossiveis as minhas ternas meditações, retirei-me silenciozamente, e ás onze horas estava na cama, só tendo que lamentar tres francos de carro, que não me impedírão de dormir passavelmente.

As vossas duas boas linhas e a expansão especial que elas acabão de sucitar-me diminuírão assás a minha melancolia para permitir-me esta noite de voltar aos Italianos, onde espero bem fazer-vos depois d'amanhan ouvir enfim Mario em algum papel conveniente.

Amor e respeito,

A^te COMTE.

Nessa noite cantava-se nos Italianos *O Pirata* de Bellini, [1] e o seguinte bilhete [2] que o nosso Mestre dirigiu a P. Laffitte, em Janeiro do ano anterior, mostra o conceito que dessa opera Ele fazia:

Meu caro senhor Laffitte

Como suponho que gostais de muzica, envio-vos incluzo um bilhete para substituir-me nos Italianos, onde estou decidido a não ir esta noite. A obra que ides ouvir, sem ser uma verdadeira obra-prima muzical, contem varios trechos muito recomendaveis, e termina-se por um terceiro ato todo inteiro admiravel. Si não puderdes utilizar pessoalmente esse bilhete, peço-vos que me devolvais imediatamente.

Todo vosso,

AUGUSTO COMTE.

Sabado de manhan 4 de Janeiro de 1845 (8 hs.)

Envio-vos tambem o libreto correspondente, afim de que possais previamente conhecer assás o assunto desse melodrama para bem saborear a muzica.

O nosso Mestre encerrou o mez de Janeiro (Sabado 31), com a sua vizita habitual a Clotilde; e depois passárão ambos a tarde assistindo á reprezentação do *Il Proscrito* nos Italianos.

Correu assim na mais doce *intimidade* o primeiro mez de 1846 Clotilde e Augusto Comte desfrutavão a suprema

1 *Moniteur Universel.*
2 *Revista Ocidental*, 1ª serie, tomo XVII, ano 1886, ps. 200 e 221

felicidade compativel com o conjunto da sua cruel situação. E o nosso Mestre não cessava de extaziar-se no pensamento que a celeste harmonia assim instituida entre a éxistencia intima e a vida publica de ambos era devida á ecelencia da sua Bem-Amada. Graças á sua angelica influencia, Ele ia cada vez percebendo melhor que a *lei do dever* e a *lei da felicidade*, longe de se contrariarem, conforme a teologia e a metafizica o proclamavão, fundião -se nesta terna fórmula da LUCIA: *Que prazeres podem eceder os da dedicação!* Não era que a virtude cessasse de consistir, segundo a bela definição de Duclos, em um esforço sobre si em favor dos outros. Mas essa santa violencia ia custando continuamente menos com o habito de praticá-la; e, em lugar das penas oriundas da purificação do egoismo, dezenvolvião-se gradualmente os inexhauriveis encantos do amor libertado das demazias pessoais que o sufocavão. Tal era o mundo da bem-aventurança que Clotilde viera patentear ao nosso Mestre, e cuja sublime revelação constituia a incomparavel destinação que a Humanidade lhes confiára.

CAPITULO SEGUNDO

FEVEREIRO — PERFEITA IDENTIDADE

I

Eu, que posso glorificar-me de haver dignamente conhecido, por uma longa experiencia, os mais sublimes gozos da vida contemplativa, ouzo assegurar agora que nada na existencia humana é comparavel á felicidade habitual rezultante de uma afeição pura.

(*116ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

UMA crecente felicidade ia cada dia derramando maiores encantos na virtuoza existencia de Clotilde. Apezar disso, porem, a terrivel molestia, que, havia longos anos, a estava minando, proseguia no seu implacavel martirio! De volta dos Italianos, Ela sentiu que a respiração se tornára mais opressiva: e, durante a noite de Sabado para Domingo, a tosse recrudeceu, as hemoptizis reaparecêrão!...

Fevereiro começava pois com sintomas alarmantes a que Clotilde não atribuia o temerozo alcance que tinhão. E essa corajoza rezignação refletia sobre os que a amavão, mesmo sobre o nosso Mestre!...

No Domingo 1º de Fevereiro, Augusto Comte teve a sua segunda sessão do *Curso de Astronomia Popular*, na qual definiu o Pozitivismo. Não temos infelizmente nenhum documento especial das suas impressões nessa sessão memoravel onde a nova Filozofia deve já ter sido aprezentada com o carater de uma sinteze verdadeiramente final. Com efeito, já vimos, na sua carta de Martedia 27 de Janeiro, formulado o objetivo que carateriza a concepção sistematica da Religião. Como, pois, conceber que o nosso

Mestre não houvesse aprezentado no Domingo imediato a Filozofia Pozitiva como se propondo a realização desse supremo ideial?

Ao sahir do seu curso o nosso Mestre foi vizitar a familia Austin. Era a primeira vez que a procurava depois do regresso dela a Paris, e parece que ia retribuir a vizita que dias antes lhe fizera John Austin. Não encontrou, porem, ninguem; e na manhan seguinte recebeu a seguinte carta de Sarah Austin:

Caro senhor Comte,

Ha bem tempo que vos aprezentais quazi diariamente ao meu espirito, mais ou menos como uma alma do outro mundo, o que é perfeitamente culpa minha e não vossa.

A nossa chegada a Paris foi bastante mais tarde do que eu o tinha previsto, pois que fiquei tomada, á vista do Rheno, que é o outro extremo do Tamiza, de um ataque irrezistivel de nostalgia, e de Strasburgo a Paris fiz a volta por Londres.

O meu marido veio a Paris, mas sómente para negocios, depois do que, ele tambem foi á Inglaterra, deixando-me o cuidado de mobilhar, isto é de comprar moveis para o cantinho que ele tinha alugado. Ele fôra, segundo cria, por duas semanas, e lá ficou seis. Durante todo esse tempo passei fatigada, exhausta, ocupada com mizerias e sempre rezervando o prazer de ver os meus amigos para um tempo de repouzo e até a volta dele.

Por isso tambem, ha varios que ainda não vi e a quem não me anunciei.

Apenas de volta, ele que passára tão bem na Inglaterra, cahiu doente, e ha poucos dias sómente foi que sahiu para vos vizitar e ao Sr. Dunoyer. Eis ahi a minha historia. Procedi bem estupidamente, porque perdi um prazer bastante grande; mas ha momentos em que a gente duvída si póde gozar seja do que fôr. Tende a bondade de perdoar -me e voltar a ver-me Mercuridia ou Venerdia, de manhan ou á tarde; achar-me-eis sozinha, sabado de manhan, sou *sempre* encontravel, mas não a sós.

Estou traduzindo neste momento e sou obrigada a tomar um dia. Hontem, porem, tinhamos sahido ambos para fazer vizitas.

No proximo Domingo, si preferirdes, esperar-vos-ei depois da vossa lição. Dai-me uma linha pelo correio.

Concebeis que o mesmo torpor que me impedia de procurar quem quer que fosse me impedia de enviar-vos esse preciozo livrinho. *

Bem quizera fazer dele alguma coiza para o meu paiz, mas tenho as mãos atadas. Faço a minha tarefa.

Vossa bem afetuozamente,

S. AUSTIN.

Durante esse intervalo, o mal-estar de Clotilde perzistíra. Os temerozos sintomas da noite de Sabado para Domingo reproduzirão-se na de Domingo para Lunedia. Pela manhan, 2 de Fevereiro, Ela rezolveu ir consultar o Dr. Grandchamp, e de volta apressou-se a comunicar a Augusto Comte o que se passára.

Centezima-quinquagezima-segunda carta

Lunedia á tarde 2 de Fevereiro de 1846.

Acabo de saborear um prazer que vos devo, meu caro amigo; sou feliz em vo-lo agradecer. Restavão-me vinte e cinco francos dos cincoenta que tivestes a bondade de emprestar-me no mez findo: levei-os a M. Grandchamp por conta da minha conta corrente, e digo-vos entre nós que esse maldito dinheiro sempre espalha um reflexo agradavel nos rostos.

Tornei a escarrar sangue nas duas ultimas noites, e tenho sofrido muito da garganta. Isto decidiu-me a tomar o partido de recorrer a um exutorio, e acabo de o fazer aplicar. Não se falará de tal a *quem quer que seja* a não serdes vós: é um verdadeiro segredo de mulher. Será por tres ou quatro mezes, si todavia os nervos não sofrerem com isso, porque os considero e os temo mais do que os meus pulmões. Espero ter feito ainda desta vez um esforço util e que ser-me-á proveitozo.

Willelmina avança, e se colore; não tenho o defeito da admiração pelo que faço, sinto porem que não fiz uma coiza comum, eis tudo quanto dezejo para começar. As *Memorias de um padre* devem durar ainda um mez no *Nacional*, e eu quizera bem estar a postos antes do fim desse tempo.

* Parece ser isto aluzão ao opusculo postumo de Sofia Germain que o nosso Mestre lhe emprestára, e de cuja devolução lhe deixára um pedido, por ocazião da ultima vizita falhada. E' o que deprehendemos da resposta do nosso Mestre a esta carta — R. T. M.

Espero, meu caro amigo, que o vosso coração não me faltará nas minhas venturas mais do que nas minhas tristezas, e que, si me vierem algumas das primeiras, seremos dois a senti-las.

Até esta tarde já, e depois até Mercuridia. Não tivestes provavelmente hoje * as vossas corvéias: tive prazer em pensá-lo. Passai bem, e contai com os meus melhores sentimentos.

Beijo-vos afetuozamente,

CLOTILDE DE VAUX.

No Martedia seguinte, o nosso Mestre, respondendo a Sarah Austin, enviou-lhe uma cópia da SANTA CLOTILDE.

Minha cara Senhora,

Agradecendo-vos cordialmente a vossa afetuoza lembrança e as vossas tranquilizadoras noticias acerca da saude de ambos, lamento sómente que não me tenhais tratado um pouco menos cerimoniozamente do que vossos outros amigos, desde o momento da vossa volta a Paris. Si tivesseis tido a bondade de informar-me logo dela, talvez as nossas amigaveis conversas filozoficas tivessem contribuido para dissipar mais depressa um abatimento e uma melancolia que eu concebo aliás sem dificuldade. Mas enfim, eis-vos ambos aqui, e os vossos preparativos de estadia parecem anunciar, desta vez, felizes intenções duradouras. Urgentes ocupações impedem-me de utilizar imediatamente as vossas preciozas indicações de disponibilidade. Só Domingo proximo, ao sahir da minha sessão, entre 2 e 3 horas, tentarei pois reparar o meu dezapontamento de ante-hontem.

Tenho tambem a minha historia para contar-vos, embora simples e curta. Pouco depois da vossa partida, no momento em que começava a escrever o primeiro volume da minha segunda grande obra, sofri uma séria molestia nervoza, que eu tive todavia, apezar da sua gravidade, a honra de superar sózinho, com regimen fizico e moral, sem haver nunca consultado o meu medico. A convalecença foi longa e penoza: ainda no ultimo mez mesmo, perzistia a insonia e a agitação, conquanto em grau muito menor. Mas tudo isso está enfim dissipado completamente,

* Por ser 2 de Fevereiro, dia santo consagrado á *Purificação de Maria*. -- R. T. M.

e essa crize, porque o é, fez-me muito bem ao fizico, e sobretudo ao moral. Sómente, eis-me sujeito voluntariamente, mas para todo o resto da minha vida, sem duvida, a não beber mais sinão agua, o que eu considero aliás como um verdadeiro aperfeiçoamento.

Aguardando a satisfação de retomar as nossas doces e nobres conversas de outrora, vos envio como comunicação confidencial a pequena compozição incluza, que eu trarei no Domingo, si a tiverdes lido. Foi escrita a propozito da festa de uma digna amiga, a mesma dama para quem tornei a pedir-vos o meu preciozo exemplar de Sofia Germain. Vereis ahi, espero eu, uma face do pozitivo, faco que vos é ainda pouco conhecida, e que deve, mais de que nenhuma outra, merecer a atenção especial do vosso sexo. E' a obra do coração, tanto como do espirito, durante uma manhan da minha molestia nervoza. Talvez contribúa ela para dissipar em vós, como junto da dama a quem é dirigida, prevenções demaziado naturais, embora pouco fundadas realmente, sobre a pretensa secura e a frieza convencionada da nova filozofia geral, da qual as senhoras serião por certo bem excuzaveis de augurar assim, não julgando o espirito pozitivo sinão pelas amostras, incompletas e bastardas, que as nossas siencias e sobretudo os nossos sientistas hoje oferecem. Em todo cazo, essa compozição indicar-vos-á assás exatamente a natureza, ainda mais moral do que mental, da grande elaboração que instituí e mesmo esbocei durante a vossa auzencia, para dar á segunda metade da minha carreira filozofica um verdadeiro carater distintivo.

Todo vosso cordialmente,

AUGUSTO COMTE.

Martedia 3 de Fevereiro de 1846.

As minhas afetuozas lembranças especiais ao vosso nobre e ecelente marido.

II

Dissestes com justiça, minha bem-amada: seremos dois a sentir as vossas alegrias como fomos para as vossas tristezas.

(153ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.)

O exutorio trouxe um alivio momentaneo aos padecimentos fizicos de Clotilde. A sua vizita de Mercuridia

inspirou ao nosso Mestre uma feliz confiança no breve restabelecimento da sua saude. E, na tarde de Jovedia 5 de Fevereiro, Ele traduzia as doces emoções que similhante perspectiva lhe despertava.

Centezima-quinquagezima-terceira carta

Jovedia á tarde, 5 de Fevereiro de 1846 (3 h.)

Na nossa ecelente entrevista de hontem, vos expliquei, minha carissima amiga, como fui involuntariamente privado da ventura de responder á afetuoza carta recebida na vespera. Não ficareis pois espantada que eu procure hoje reparar esta perda, sem nenhum outro motivo especial. Agora que uma plena confiança docemente estabeleceu-se entre nós, a nossa casta intimidade não tem precizão nem de pretexto nem mesmo de ocazião. Para determinar cada expansão, basta a simples possibilidade. A oportunidade não se acha sempre justificada de antemão pela fatalidade geral que nos condena a viver habitualmente separados?

De resto, si eu carecesse hoje de um impulso especial, encontrá-lo-ia certamente na precizão de agradecer-vos a vossa ultima carta, sob diversos aspetos esseneiais que não pude hontem indicar verbalmente. Não podeis crer quanto sou feliz por ver a vossa precioza ternura assim disposta a associar-me espontaneamente a tudo que vos toca, sem ecetuar os menores incidentes. As nossas intimas simpatias achão-se desde então plenamente equivalentes; porque, ha muito tempo, nada vos sobrevem que não me emocione profundamente.

Felicitando-vos hontem pela vossa corajoza rezolução medica, tão rara e tão meritoria em qualquer mulher joven e bela, não vos testemunhava eu assás quanto me toca a confidencia privilegiada, antes conjugal do que amigavel, com que tendes a bondade de gratificar-me excluzivamente, quando podieis tão facilmente deixar-me, a este respeito, na ignorancia comum. Alem do meu justo reconhecimento por essa terna confiança, contai aliás, minha Clotilde, com a perfeita discrição que constitùi naturalmente a recompensa especial dela. O penozo esforço que sensatamente realizastes assegurará, não tenho duvida alguma, o inteiro restabelecimento da vossa precioza saude. Mas eu devo tambem indicar-vos uma outra eficacia natural, tanto mais merecida quanto de modo algum a pro-

curastes: é a tendencia de uma tal medicação a aumentar ainda a vossa beleza, consolidando a vossa encantadora frescura.

Fico sabendo com jubilo que *Willelmina* avança e prospéra. A vossa rara modestia, a um tempo tão nobre e tão ingenua, me é por tal fórma conhecida, que a vossa satisfação atual inspira-me de antemão uma inteira seguridade. Na interessante comunicação que espero proximamente, não vejo já sinão a fonte de um intimo prazer, e não o assunto de uma amigavel consulta. Ninguem saberá jamais tanto como eu quanto essa santa compozição se liga ás vossas profundas dôres ecepcionais. Eu assisti á sua concepção, e animei a sua primeira elaboração: o seu doce sucesso ser-me-á pessoal. A feliz criação das duas mãis faz-me aliás esperar que esse justo triunfo publico ficará finalmente izento de qualquer amargura privada; aplicando a si um dos tipos, a vossa mãi evitará sem duvida de escolher o mais desfavoravel.

Que afetuozos agradecimentos vos devo eu, a este propozito, pela ternura tão profunda como ingenua, de uma adoravel expressão da boa carta que estou respondendo tão tarde! Dissestes com justiça, minha bem-amada: seremos dois a sentir as vossas alegrias, como o fomos para as vossas tristezas. Tudo é doravante comum entre nós. Ficai pois segura, minha nobre e terna Clotilde, que o meu coração não vos ha de faltar na prosperidade como não vos faltou no infortunio. Vós que tendes sofrido tanto e tão heroicamente, eu teria tanto prazer em vos ver feliz, e em contribuir um pouco para isso! As grandes tribulações, morais e fizicas, estão agora passadas para a minha Clotilde: tudo deve fazer-nos esperar que ela toca enfim á serena felicidade que só convem a sua natureza. Nacidos ambos, ouzo assegurá-lo, para adquirir um renome perduravel, tivemos todavia a rara vantagem de bem sentir ambos que a verdadeira ventura depende sobretudo da vida interior. Apezar da triste fatalidade preliminar que peza sobre os nossos destinos respetivos, espero que acabaremos por obter, á nossa maneira, essa inestimavel recompensa da nossa constancia e da nossa pureza.

Adeus, adoravel companheira do resto da minha vida. Vós, que estais irrevogavelmente associada a todos os meus pensamentos como a todos os meus sentimentos, a todos os meus projetos como a todas as minhas esperanças,

contai que me esforçarei sempre por tornar-me cada vez mais digno de vós: não posso caraterizar melhor o conjunto do meu porvir pessoal.

Amor e respeito eternos,

A^{TE} COMTE.

III

Respeitamos ambos, vós e eu, muito cegamente desta vez a sabiduria doutoral.

(173ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.)

Triste fatalidade! no momento em que o nosso Mestre se extaziava com o pensamento de que estavão passadas as tribulações fizicas de Clotilde, os padecimentos da nossa rezignada Mãi Espiritual agravavão-se extraordinariamente. As sufocações dos dias anteriores aumentárão a tal ponto que Ela decidiu-se afinal a ir consultar novamente o Dr. Grandchamp e a escrever ao nosso Mestre pedindo -lhe o auxilio da piedoza Sofia.

Centezima-quinquagezima-quarta carta.

Jovedia á tarde, 5 de Fevereiro de 1846.

Meu terno amigo, vou tentar ver M. Grandchamp a esta hora (seis). Pedir-lhe-ei o seu aparelho até amanhan. Podeis ter a bondade de permitir que Sofia venha, á hora ordinaria, fazer-me a operação, e entregar, na volta, o objeto ao proprietario? Sinto o peito embaraçado, isto me aliviará.

Quanto ao Sabado, quereis ter por convencionado que, si não chover de manhan, chegarei á vossa caza meia hora depois do meio-dia? O sangue sentir-se-á bem com a troca.

Beijo-vos com ternura e amo-vos como parente proximo.

CLOTILDE DE VAUX.

Clotilde não encontrou o Dr. Grandchamp. O nosso Mestre só recebeu este bilhete na manhan seguinte, Venerdia 6 de Fevereiro, ás 11 horas, e quando voltava da caza do Dr. Grandchamp onde fôra para saber qual era realmente a sua opinião acerca do estado de Clotilde. Segundo o habito vulgar, o medico entendeu que não devia ser franco: e a confiança que nele depozitava, fez com que o nosso Mestre se iludisse acerca da gravidade das perturbações que ameaçavão a existencia da sua ido-

latrada Inspiradora. O bilhete de Clotilde vinha, pois, encontrá-lo cheio das mais sedutoras esperanças que apressou-se em transmitir á sua Bem-Amada:

Centezima-quinquagezima-quinta carta

Venerdia de manhan 6 de Fevereiro de 1846 (11 h.)

Acabo de ler, minha carissima amiga, o vosso bilhete de hontem á tarde, e lamento que ele me chegue demaziado tarde para que Sofia possa esta manhan prestar-vos o seu oficio acostumado. Todavia, a mando levar-vos esta resposta rapida, afim de que ela possa vos ser util, si houver lugar, de qualquer maneira. De resto, acabo de sahir da caza de M. Grandchamp, que eu tinha ido ver sobretudo em vossa cara intenção. Como ele disse-me que não vos tornou a ver desde Lunedia, prezumo que não o tereis achado hontem á tarde, e que, por consequencia, não tereis podido obter o seu aparelho. Entretanto, é melhor, em qualquer cazo, que Sofia vá imediatamente ter convosco: ela me fará saber, pelo menos, como vos achais hoje. Podereis aliás dar-lhe assim para amanhaa as ordens convenientes.

A conversa especial que acabo de ter sobre vós com o nosso doutor muito me satisfez. Agora que ele pôde bem apreciar o conjunto da vossa constituição e do vosso estado, devemos conceder uma plena confiança á sua declaração confidencial que não tendes nenhum vicio organico e que a vossa saude restabelecer-se-á completamente.

Logo depois de me haver expedido o vosso bilhete, devieis ter recebido hontem a minha carta das 3 h.

Segundo a vossa intenção, eu vos esperarei pois amanhan, em lugar de ir á vossa caza, a menos de avizo contrario, si não tiver chovido de manhan.

Adeus, minha Clotilde; recebei o casto beijo do vosso terno amigo.

Ate COMTE.

IV

> Vós, por quem experimento a estima e o apego mais sinceros, oxalá acheis a vossa recompensa no meu coração!
>
> (*156a carta, de Clotilde a Augusto Comte.*)

Prezume-se por estas cartas que, no Sabado 7 de Fevereiro, Clotilde passou a manhan na rua Monsieur-le-Prince.

A entrevista desse dia constituiu, em todo cazo, uma das *imagens normais* do culto intimo do nosso Mestre. Foi sob o influxo de tão venturozo encontro que se efetuou, no Domingo 8 de Fevereiro a terceira sessão do curso de Astronomia popular. Segundo o seu programa, o devotado Filozofo explicou então a *destinação* social da nova doutrina.

As perturbações da saude de Clotilde continuavão a agravar-se. E essas perturbações tornavão-se ainda mais temerozas pela escassez dos seus recursos. Porem a sua delicada energia procurava dominar as suas torturas, ocultando a extensão real dos seus sofrimentos. Sofia tornára-se a unica confidente das suas amarguras, e a discreta Senhora respeitava escrupulozamente a heroica rezerva de Clotilde. Urgida, porem, pelas circunstancias, Clotilde decidiu-se afinal, ainda uma vez, a apelar para a cavalheiresca afeição do nosso Mestre.

Centezima-quinquagezima-sexta carta

Lanedia, 9 de Fevereiro de 1846.

Meu caro e generozo amigo, recorro ainda uma vez á vossa perseverante bondade. Quizera munir-me de um pequeno aparelho de ventozas, que se me torna bem necessario. Precizo tambem de alguns utensilios que vão hipotecar o meu mez; si puderdes emprestar-me ainda cincoenta francos, far-me-eis um bem. Quizera que os vossos Inglezes pudessem conhecer o auxilio de que me cercastes; seria um belo exemplo para eles esse fato carateristico das nossas relações; permito-vos e vos peço mesmo que o citeis si houver ocazião, até que eu possa render-lhe a minha homenagem particular.

Espero que vos verei bem disposto esta tarde; estou recahindo nas minhas palpitações, porque a congestão torna a dar-se para o coração. Si não é abuzar de vós e de Sofia, serei feliz de a tornar a achar dois dias por semana; arranjar-me-ei para que o outro meio não impeça aquele. A circunstancia natural tendo lugar, esperarei até Venerdia para começar: isto me ajudará a acabar o meu trabalho.

Recebi esta manhan um convite dos Marrast para a soirée de 18 de Fevereiro; estou embaraçada com o pretexto a tomar para dispensar-me de lá ir. Quero, como vo-lo disse, rezervar-me tudo o que posso achar ahi. Conto que me concedeis bastante credito agora para crerdes na

segurança que vos dei de que estou segura de mim, a certos respeitos. Espero, pois, que não precizo tirar nada da minha confiança para convosco. Ela é um dos mais doces quinhões das nossas relações. Escrevi, ha algum tempo, a M. M... uma carta digna e séria, que ele é capaz de apreciar *com o seu espirito;* e estou persuadida que ele não tem mais nenhum engano a meu respeito. Pretextarei provavelmente uma viagem para justificar a minha recuza atual, e irei agradecer-lhes *na volta*.

Até Mercuridia, meu terno amigo; vós, por quem experimento a estima e o apego os mais sinceros, oxalá acheis a vossa recompensa no meu coração!

Beijo-vos ternamente,

CLOTILDE DE VAUX.

Augusto Comte recebeu esta carta talvez quando voltou da rua Pavée, onde estivera com Clotilde, ou talvez na manhan de Martedia. As seguranças do Dr. Pinel Grandchamp e as dispozições de Clotilde o tranquilizavão quanto ás perturbações fizicas que tão precaria tornavão a saude da abnegada Senhora. E essa tranquilidade ainda mais accessivel o tornou ás amargas impressões que lhe produziu a noticia do convite dos Marrast. Respondendo a Clotilde, na tarde de Martedia, o nosso Mestre se esforça por diminuir essas penozas emoções; mas a agitação do seu coração é mais poderoza do que os seus cavalheirescos propozitos e transparece na dignidade das suas ternas exhortações.

Centezima-quinquagezima-setima carta

Martedia á tarde 10 de Fevereiro de 1846 (3 h.)

Ha dois dias, minha carissima Clotilde, eu esperava com impaciencia o lazer de vos escrever, sem nenhum outro motivo sinão a necessidade sempre nova de vos repetir quanto vos amo. A vossa boa carta de hontem á tarde não faz pois sinão determinar melhor o exercicio da minha intenção.

Terei amanhan a ventura de vos entregar o que me pedis. Os meus embaraços atuais, que aliás vão, espero eu, acabar em breve, de qualquer maneira, não me privarão nunca de tal satisfação, segundo as minhas previzões iniciais. Contai tambem com a retomada das duas vizitas hebdomadarias da minha boa Sofia, a partir de Venerdia

de manhan. Ela terá sempre, estou certo, tanto prazer como eu em prestar-vos esses cuidados regulares, que aumentão tão pouco a sua facil tarefa diaria. Procedeis prudentemente adquirindo a bomba de ventozas, afim de uzar dela a vontade, sem receio de incomodar o nosso doutor, cuja oficioza intervenção junto do fornecedor aconselho-vos entretanto que reclameis.

Poderia eu não ficar comovidissimo, minha nobre amiga, com a cordial autorização que me ofereceis a propozito do minimo apoio que tenho tido a ventura de vos ver aceitar até aqui! Embora tal sentimento emane muito naturalmente de um coração como o vosso, confesso que eu não o tinha previsto. Mas a intima gratidão que ele me inspira não póde determinar-me a uzar dessa terna faculdade. A divulgação não seria aliás tão dignamente apreciada talvez quanto a vossa alma elevada o deve ter esperado. Todos esses misteriozinhos de amizade não devem jamais ultrapassar o recinto dos nossos corações. De mais, o exemplo seria sem duvida perdido para os meus patronos temporais, que deverão decidir-se por motivos de outra ordem, essencialmente relativa aos mais altos interesses publicos, independentemente de toda afeição privada. Deixemo -lhes pois esse merito, no interesse comum da filozofia e da Humanidade. De resto, estou longe de ter perdido de todo a esperança de os determinar afinal a proseguirem convenientemente a sua nobre intervenção primitiva. Continuemos, pois, a saborear, sem nenhuma mescla extranha, a pura satisfação mutua de aceitar e oferecer os secretos testemunhos naturais de toda verdadeira intimidade. Nas suas lutas, e mesmo nas suas dôres, a minha vida publica não deve jamais esperar da nossa santa afeição sinão os poderozos recursos indiretamente rezultantes das preciozas consolações e dos nobres impulsos que já tenho haurido tanto nela.

A plena confiança que me testemunhais a propozito do convite recebido hontem muito me comove. Tendes razão em ver nela um dos mais doces frutos da nossa amizade, de que ela constitũi tambem uma condição natural; porque eu ficaria profundamente aflito si me ocultasseis qualquer coiza de importante. Conto inteiramente, neste assunto, com a inalteravel firmeza das vossas rezoluções essenciais, sem estar sempre assás certo da prudencia continua dos vossos passos. Do vosso lado, os meus conselhos

não vos são jamais suspeitos de nenhuma personalidade, e espero que a minha justa severidade anterior quanto ao conjunto da conduta de M. Marrast para convosco não perturbou de modo algum, a este respeito, a vossa seguridade geral. Nada me impede, pois, de propor-vos livremente os meus conselhos nesta nova circunstancia.

Si crêdes dever agora limitar-vos a uma recuza atual, não careceis fingir nenhum pretexto, pois que a vossa saude vos fornece motivos demaziado reais, pela escrupuloza obrigação contínua de evitar, sobretudo á noite, o acumulo de pessoas e o calor, alem das vigilias prolongadas. Seria, porem, melhor, creio eu, utilizar esta ocazião de reduzir-vos nitidamente para com esse personagem a simples relações literarias, izentas de todos os contatos individuais. Alem de que essa atitude é conforme aos vossos proprios gostos, sobretudo em virtude do que se passou, ela parece-me importar muito aos vossos justos interesses. Porque, sem isso, conservareis muito dificilmente os contatos convenientes, que a necessidade de rezistir a odiozas tentativas póderia de outro modo forçar -vos a romper bruscamente. Tudo leva a prezumir que M. Marrast não renunciou de fórma alguma aos seus infames projetos. Por mais grave e digna que deva ter sido a vossa recente carta, ela não póde convencer o espirito quando o coração, ou antes a falta de coração, a tal se opõe radicalmente. Ela póde mesmo ter reanimado viciozas esperanças, deixando supor um secreto dezejo de reatar relações pessoais. Como eu vos escrevia ha dois mezes, esse poderozo jornalista não cessará jamais de contar, sobretudo para convosco, com o acendente da sua pozição e o prestigio do seu talento. Apanhai, pois, essa feliz ocazião de tomar decididamente para com ele, antes da comunicação da vossa obra atual, a unica atitude perduravel que vos convenha realmente.

Eu suponho aliás que eles convidárão tambem o vosso irmão, com quem os vizitastes. No cazo contrario, terião eles cometido uma grave inconveniencia, não sómente para com ele, mas tambem a vosso respeito; porque eles bem sabem que uma joven dama não póde ir sózinha a tais reuniões, sob pena de constituir involuntariamente uma sorte de apelo implicito a todos os homens disponiveis para acompanhá-la na volta á caza. Esse procedimento vos forneceria então uma nova confirmação irre-

cuzavel, embora superabundante, da perzistencia do mau dezignio, e da necessidade de opôr-se-lhe desde já uma vigilancia especiál.

Adeus, minha bem-amada, vós que a santidade das nossas relações permite-me de querer, não sómente como uma terna irman, mas tambem como a minha unica verdadeira espoza! Recebei na vossa nobre fronte, o casto sinal do meu respeitozo amor.

Ate COMTE.

V

O vosso coração é o santuario em que depozito tudo o que constitúi a minha vida; os pequenos como os grandes acontecimentos, tudo dela vos é conhecido.

(158ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.)

A vizita de Clotilde no Mercuridia seguinte, 11 de Fevereiro, deve ter precedido de poucos momentos a recepção desta carta. Essa vizita constituiu uma das *imagens normais* do culto do nosso Mestre, e a correspondencia sagrada faz supor que Ele absteve-se de aludir então ao convite dos Marrast.

No Jovedia seguinte, Clotilde escreveu a Mme Marrast desculpando-se de não poder aceitar o convite, e explicou ao nosso Mestre a sua conduta com a mais comovente candura:

Centezima-quinquagezima-oitava carta

Jovedia á tarde 12 de Fevereiro de 1846.

Meu terno amigo, chego da expozição Bonne-Nouvelle, com a qual ficareis contente, estou certa. Ha sobretudo um pequeno lugar rezervado a Ingres, donde se custa muito a sahir.

Esse prazer não me distrahiu da lembrança das vossas bondades de hontem, que sou feliz de agradecer-vos a meu comodo. Tendes um desses corações tão clarisemeados que fazem quazi entes privilegiados daqueles que os encontrão. Eu considero-me como tal desde que vos conheço.

Quanto á simples polidez, pago-a na mesma moeda. Agradeci a Mme Marrast o seu convite, dizendo-lhe que não me acharia em Paris no dia 18. Creio, meu caro amigo, que uma recuza não motivada teria vizos de rudeza; e eu

ficaria dezolada de passar por embiocada * ou enfastiada, como as mulheres pouco seguras de si.

M. M... não é homem para perseverar, mesmo em um capricho: e eu penso bem que ele ser-me-á util pelos motivos naturais. De resto, a experiencia não me amedronta. Eles não tinhão convidado o meu irmão: porem os meus ares de mulher independente dão-me o direito de entrada solitaria nas cazas mais decentes. Quero dispensar pouco a pouco os meus protetores naturais para as circunstancias desse genero. Uma mulher viuva e moça faz-se acompanhar por uma criada ou um porteiro. Tivesse eu embora vinculos mais proximos, que a sociedade nunca veria nada de mal nisso: sou de opinião que não se deve ostentar nada do que se vela ordinariamente; vós sois o unico homem com quem me possão ter visto; e, quando eu vos pedi para não sahir comvosco, não era isso certamente um capricho, mas um costume que datava de seis anos.

Espero que me aprovareis no que fiz, meu terno amigo. O vosso coração é o santuario onde depozito tudo o que constitûi a minha vida; os pequenos como os grandes acontecimentos, tudo dela vos é conhecido, e sabeis que ainda não fiz mal sinão a mim.

Termino esta a correr, para pô-la no correio antes das oito horas.

Beijo-vos ternamente como vos amo.

CLOTILDE DE VAUX.

Esta carta cruzou-se com a que Augusto Comte escrevêra algumas horas antes. O incidente relativo ao convite dos Marrast continuava a ralar o coração do terno Pensador. Ele não podia conformar se com a condute de Clotilde em similhante emergencia. Suspensas durante a entrevista de Mercuridia, 11 de Fevereiro, graças á prezença dela, as penozas aprehensões do nosso Mestre tinhão reaparecido logo que Ela se retirára. Depois de um penozo debate intimo, Ele decidiu-se a ter com a sua Bem-Amada uma expansão deciziva, como complemento da sua carta de Martedia. De sorte que, na hora talvez em que Clotilde dirigia a Mme Marrast a desculpa por não aceitar o convite, o nosso Mestre lhe solicitava que não tivesse com Marrast sinão puras relações de negocio.

* Não conhecemos outro termo para traduzir o vocabulo *prude*, o qual significa a mulher que afeta pureza. — R. T. M.

Centezima-quinquagezima-nona carta

Jovedia á tarde 12 de Fevereiro de 1846 (3 h

Apreciando ante-hontem, minha carissima amiga, vossas relações com M. Marrast, sinceramente evitei, como o fizera sempre até aqui, introduzir consideração alguma relativa a mim, para concentrar a vossa atenção sobre os motivos que vos concernem só. Porem, afim de prevenir ou afastar todo pensamento rezervado ou toda pozição falsa, tão nocivos cedo ou tarde á verdadeira intimidade, creio hoje dever, a este respeito, indicar-vos francamente algumas sucetibilidades pessoais que nada têm que não seja muito confessavel: elas merecem um sério exame que ainda não tivemos ocazião de efetuar diretamente. E' sómente assim que poderá achar-se essencialmente esgotada uma explicação indispensavel, cujo complemento exige a vossa cordial atenção, que deve ahi pezar todos os termos.

Eu não temerei nunca junto de vós qualquer concurrencia verdadeiramente cavalheiresca, sempre fundada sobre dignos meios, que me deixarião esperar um honoravel triunfo. Essas nobres lutas podem tornar-se tão favoraveis ao aperfeiçoamento mutuo dos diversos rivais como á felicidade real do seu idolo comum. Mas não devo medir-me com quem quer que emprega expedientes desleais, cujo uzo eu não posso aceitar. Ora, tal é a minha pozição atual para com M. Marrast.

Enquanto eu ignorei a sua verdadeira conduta a vosso respeito, os seus esforços não me inspirárão nenhuma sombra. Conquanto as suas intenções não me tivessem jamais parecido assás dezinteressadas, eu não podia a principio, mau grado os meus motivos anteriores de estimar pouco a sua moralidade geral, temer dele nenhuma indignidade. Desde então, sem me dissimular as vantagens da sua pozição e da sua amabilidade, devi esperar que, si o exercicio delas se subordinasse sempre a uma verdadeira lealdade, tais vantagens não prevalecerião jamais sobre a profundeza e a pureza da minha afeição, junto de uma d'uma tão capaz de apreciar cada valor intrinseco, intelectual e moral. Eu teria, pois, aceitado com confiança essa secreta rivalidade, que, ecitando-nos ambos a melhor merecer-vos, se vos tornaria honoravelmente util. Era assim que vós-mesma podieis conceber e animar essa

nobre emulação, si tivesseis reconhecido por toda parte uma afeição sincera.

A mesma seguridade não póde perzistir em mim, nem uma similhante neutralidade em vós, desde que me desvendastes a ignobil conduta de M. Marrast. Não se trata de modo algum aqui de amor propriamente dito, mas sómente de pura amizade. Não poderieis, Clotilde, ficar ao mesmo tempo minha amiga e a de um homem que eu desprezo, sobretudo pelo seu procedimento para comvosco. Quanto a ele, eu o dezafio bem de conceber ao meu respeito qualquer desprezo; mas eu lhe inspiro provavelmente uma aversão misturada de inveja, tanto pelo menos quanto a sua frivolidade e a sua fraqueza lhe permitem experimentar profundamente uma paixão qualquer. Sabeis aliás que, sem secundar ativamente os meus inimigos, ele deixou-lhes livre o campo, embora o seu pleno conhecimento da iniquidade das manobras deles lhe prescrevesse que opuzesse uma rezistencia que a sua pozição tornava-lhe tão facil como honroza.

Uma verdadeira amizade não póde ficar indiferente a tal conjunto de motivos. E' em nome dela que eu ouzo hoje, minha Clotilde, pedir-vos diretamente, por mim mesmo como por vós, que não tenhais com esse personagem sinão simples tratos de negocio, sem nenhuma relação de sociedade.

A minha carta de ante-hontem conveneeu-vos, espero eu, que essa conduta será doravante tão conforme aos vossos verdadeiros interesses como aos vossos proprios gostos. Suplicando-vos hoje que concedais ao meu apego tal rezolução, procuro tanto dissipar em vós toda perigoza flutuação como proporcionar ao meu coração uma justa seguridade. Vós não podeis conservar por escolha relações pessoais com um ente desmoralizado, que tendes tanta razão de desprezar. Ora, longe dos vossos negocios vos imporem essas relações eles devem empenhar-vos especialmente a evitá-las, afim de consolidar os contatos puramente literarios de que precizais, como de escritor a editor, ou, si quizerdes, de trabalhador a emprezario. Posso, pois, pedir-vos, em meu proprio nome, tal conduta, sem ter que exprobrar-me nunca de prejudicar em nada o vosso futuro só para a minha satisfação.

A vossa eminente natureza vos impedirá sempre, minha Clotilde, de menosprezar e desdenhar os perigos morais

naturalmente ligados, sobretudo hoje, á vida literaria. O mais grave de todos consiste seguramente na intima alteração da dignidade pessoal por seduções, tão dificeis de superar completamente, que rezultão da distribuição das nomeadas mesmo efemeras, e sobretudo do dom ou da recuza de publicidade. Animando-vos a seguir dignamente a vossa perigoza vocação, contei com a vossa rara elevação moral para evitar todos esses escolhos, quando eles vos fossem convenientemente assinalados. Eis porque a minha afeição, mesmo com o risco de dezagradar-vos um momento, não devia hezitar hoje em indicar-vos francamente a funesta direção em que vos empenharia uma imprudencia inicial, cujas consequencias naturais poderião sucitar-vos sérios embaraços e a mim profundos pezares.

Os injustos ataques a que a vossa independencia tem estado tão exposta até aqui, em nome mesmo das mais caras afeições, poderião, minha nobre e terna amiga, si me conhecesseis menos, inspirar-vos desconfianças muitissimo excuzaveis a propozito dessas amigaveis instancias, suscetiveis de serem facilmente confundidas com tentativas de dominação. Já apreciastes, porem, agora assás o conjunto do meu carater para que não tenha que temer hoje uma interpretação tão contraria á minha natureza e aos meus habitos. Nem as inquietudes que eu vos exponho ingenuamente, nem os pedidos que vos endereço com franqueza, excedem em nada os direitos necessarios de verdadeiro apego; sinto-me disposto a conceder-vos, a este respeito, uma perfeita reciprocidade, si algum dia tal cazo se aprezentasse. A união dos nossos corações nos é demaziado precioza para que não devamos ambos dissipar cuidadozamente, desde os primeiros germens, todas as influencias que pudessem alterar uma harmonia encarada, espero eu, por cada um de nós, como a principal fonte da intima felicidade permitida ao resto da nossa vida.

Amor e respeito,

ATE COMTE.

VI

Sabeis que ainda não fiz mal sinão a mim

(158ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.)

Esta carta produziu em Clotilde uma dolorozissima impressão. Mas a sua resposta traduz com candura não

menor a sua modesta dignidade e a sua bondoza ternura.

Centezima-sexagezima carta

Venerdia 13 de Fevereiro de 1846

Meu caro amigo, pois que a minha palavra de mulher de bem que vos dei não bastou para tranquilizar-vos sobre as tentativas a que me crêdes exposta, o que farieis da promessa tão modificavel que me pedis? Bem sabeis que não sou nem jamais fui amiga de M. M..., que as nossas relações forão de curtissima duração, e puramente banais; sabeis igualmente que não o vejo ha quatro ou cinco mezes, e não tenho procurado vê-lo; ele faz-me, em familia, um convite que eu recuzo; apenas o faço de maneira a não mudar em odio o interesse que por ahi me testemunhárão. Não vejo o que é que eu posso ajuntar ou tirar á minha conduta, e seria um puro charlatanismo render-vos homenagens seja pelo que fôr neste negocio. Não é no seu *bureau* que M. M... póde procurar seduzir-me; não é em caza da sua mulher; e ele é homem, como o vêdes, a não tornar a pôr os pés em minha caza sem a minha licença. Ahi se limita o meu meio de rigor para com ele, e eu m'o rezervo.

Quanto ás minhas flutuações, si as receais, não depende de mim tranquilizar-vos sobre este ponto. Não me acho no momento mais dificil da minha vida, bem longe disso: e tenho menos motivos do que tive para dar cabeçadas. Espero, pois, transpor ainda um ou dois passos maus que me restão sem quebrar o pescoço. O vosso apego secundou-me muito, testemunhei-vos todo o bem real que me tendes feito, e não vos ponho em rivalidade de estima e de afeição com pessoa alguma: não posso pois sinão espantar-me por ver-vos insistir sobre uma confidencia que vos fiz com perfeita liberdade e em toda simplicidade do meu coração. Na verdade, farieis pensar mal uma mulher mais moça.

Seja como fôr, meu caro amigo, contai, o mais que puderdes, com a minha sinceridade ao vosso respeito; amo-vos muito; não é amor, desgraçadamente, ainda mais por mim do que por vós, mas é um sentimento de elite, e como se experimenta talvez raramente na vida. O meu perfeito recato com os outros homens não vos dá nenhum motivo legitimo de queixar-vos de mim; não vos afljais pois, e deixai-me proseguir em paz as minhas emprezas.

Beijo-vos afetuozamente.

CLOTILDE DE VAUX.

Foi sob as indescritiveis emoções dessa nobre resposta que Augusto Comte encontrou-se com Clotilde, poucas horas depois, na sua vizita de Sabado. Essa vizita forneceu uma *imagem ecepcional* para o culto intimo do nosso Mestre. Clotilde, do seu lado, em parte pela molestia, em parte pelas aflições da carta do nosso Mestre, o recebeu espontaneamente com uma rezerva a que Ele já não estava habituado. Esse retrahimento não tardou a ceder ao abandono natural da bondoza Senhora. Mas a perturbação mal dissimulada da sua celeste fizionomia deixou uma impressão indelevel no coração de Augusto Comte. Só o aspeto dela era então mais pungente do que todas as queixas que porventura houvesse formulado. Parecia ao nosso Mestre que Ela lhe repetia continuamente a sua tocante efuzão da carta de Jovedia: « O vosso coração é o santuario onde depozito tudo o que constitûi a minha vida; os pequenos como os grandes acontecimentos, tudo dela vos é conhecido, *e sabeis que ainda não fiz mal sinão a mim.* »

Essa atitude de Clotilde era tanto mais impressionante quanto as intimas meditações do nosso Mestre já o entregavão ás mais cavalheirescas aprehensões. Ele sentia de fato a necessidade de dissipar as duvidas que inspirára a Clotilde acerca da confiança que depozitava na sinceridade das promessas e das rezoluções dela.

Mas as explicações mutuas dissipárão a nuvem que por alguns dias turvára a nobre felicidade dos nosos Pais Espirituais. E foi esta a ultima contrariedade em tão ecepcional paixão. A reação dessa entrevista sobre a evolução afetiva do nosso Mestre foi imensa. Como por encanto, ela produziu-lhe uma calma moral de que não gozava desde o inicio da sua paixão. Apezar de cantar-se nessa noite os *Puritanos*, Ele absteve-se de ir aos Italianos.

VII

> Adorando-vos, torno-me a todos os respeitos melhor; e esse aperfeiçoamento me conduz a vos amar ainda mais.
>
> (*161ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

No Domingo seguinte, 15 de Fevereiro, era a sua 4ª sessão do curso de Astronomia popular. O nosso Mestre devia apreciar a *formação* do Pozitivismo. Era ahi que se fazia a passagem do ponto de vista intelectual para o ponto de

ista social. A sua emoção era grande: Ele tinha de expôr a transformação dogmatica por que acabava de passar a nova doutrina mediante o acendente sistematico do amor sobre a inteligencia e a atividade. O sucesso coroou as suas esperanças; e, ainda sob a influencia de um incomparavel contentamento, onde se combinavão as mais fortes emoções da felicidade privada e do mais ardente entuziasmo social, Ele dirigiu a seguinte efuzão á imaculada Autora de tão sorprehendente ventura.

Centezima-sexagezima-primeira carta

Domingo á tarde, 15 de Fevereiro de 1846.

Pensando esta manhan na minha sessão, eu tinha prometido a mim mesmo, minha carissima amiga, que, si ela me satisfizesse realmente, recompensar-me-ia por isso consagrando-vos toda a minha soirée. O sucesso tendo confirmado a minha esperança, apresso-me de voltar para caza, contra o meu costume, ao sahir da minha predica filozofica, para melhor saborear essa doce ventura. Embora o correio não possa entregar-vos isto sinão amanhan, eu exprobrar-me-ia de retardar de qualquer fórma essa terna ocupação sem verdadeira necessidade. Afim de não ser perturbado, acabo de dar ordem a Sofia de não deixar entrar ninguem, mesmo o bom amigo diario, * não admitindo outra eceção sinão a que se aplica, ha nove mezes, a todas as minhas senhas quaisquer. Ganhei assás bem hoje esta inapreciavel satisfação para excuzar todas as precauções que podem garantir-me o seu pleno gozo.

A impossibilidade mesma de vos fazer chegar esta tarde uma carta que não esperais, fornecer-me-á, espero eu, um acrecimo de prazer, dispondo-me a demorar e a prolongar sem escrupulo esta livre expansão, que eu não temerei assim interromper algumas vezes, para contemplar e beijar o *dom do coração*, amorozamente colocado sobre este papel.

Concebeis facilmente, minha Clotilde, a ligação especial que hoje estabeleço entre o sucesso da minha sessão e a cordial recompensa que eu me tinha prometido; porque esse sucesso é sobretudo devido ao nosso intimo esclarecimento de hontem, sem o qual pelo menos ele teria sido impossivel. Aprendi, nessa ocazião, a abençoar, sob um novo aspeto, a vossa feliz organização das nossas entre-

* Não sabemos de quem se trata. — R. T. M

vistas hebdomadarias. Si, com efeito, a afetuoza nuvem que hontem docemente dissipâmos ao nacer tivesse devido perzistir até amanhan, essa intima perturbação teria alterado, ou embaraçado muito a sessão mais delicada talvez de toda essa sumaria expozição filozofica, porque consumei diretamente nela a passagem definitiva do ponto de vista intelectual para o ponto de vista social.

Estou felizmente dispensado, minha terna amiga, de voltar ás nossas explicações de hontem, e espero mesmo que o assunto que as tinha exigido não nos ocupará mais doravante. A tal respeito, o meu pedido e a vossa recuza ficavão igualmente nos limites naturais de liberdade peculiares á nossa intimidade atual; de sorte que esse incidente não póde deixar, de ambos os lados, o menor germen de azedume. A unica precizão fundamental do meu coração neste assunto consistia hontem em dissipar convenientemente as duvidas, excuzaveis embora irrefletidas, que eu tivera a infelicidade de inspirar-vos momentaneamente sobre a plenitude da minha inalteravel confiança na sinceridade das vossas promessas e na firmeza das vossas rezoluções. Ora, eu espero que não vos reste agora nenhuma inquietude a tal respeito. Quanto ao outro perigo essencial que as minhas instancias podião injustamente arrastar, fazendo-vos temer amigaveis ataques á vossa legitima independencia, vi hontem que as minhas precauções espontaneas tinhão sido, nesse particular, plenamente eficazes, ou antes felizmente inuteis, pois que, rejeitando embora o meu pedido, a vossa apreciação anterior do meu verdadeiro carater vos prezervou de toda suspeita dessa ordem. Espero aliás que essa perturbação ecepcional não alterará em nada a vossa terna dispozição geral, a um tempo tão necessaria e tão honroza para mim, a confiar-me sem restrição tudo o que vos concerne, em qualquer grau e de qualquer modo. Sois incapaz de aplicar voluntariamente uma punição contínua a uma falta momentanea e involuntaria. Assim nenhuma preocupação de futuro veio perturbar a minha satisfação dessa cordial terminação de um grave incidente. A minha prudente abstinencia muzical permitiu-me desde então de saborear, sob essa feliz impressão, a melhor noite que até hoje obtive desde que sou vosso, o meu longo e sereno sono não tendo sido interrompido sinão durante uma hora, cujo terno emprego facilmente advinhais. Tal foi, graças ao vosso

bemfazejo impulso, a minha salutar preparação imediata para a boa sessão de que acabo de sahir.

Essa nuvem tão passageira deixará todavia no meu coração uma melancolica impressão permanente. Não temais, minha bem-amada, que seja a propozito da rezerva dezuzada com a qual involuntariamente me acolhestes hontem; porque, alem de não ter durado, senti logo que eu a tinha merecido, por vos haver afligido um momento, embora certamente sem o querer, nem mesmo o suspeitar. Mas não esquecerei nunca a perturbação mal dissimulada da vossa celeste fizionomia que parecia, quando cheguei, exprobrar-me silenciozamente de enganar as vossas mais caras esperanças, dando-vos motivo de temer uma nova fonte de pezares nessa santa intimidade donde vos dignais agora esperar alguma compensação das vossas imensas dôres anteriores. Só o vosso aspeto era então mais pungente para o meu coração do que terjão podido tornar-se queixas quaisquer das quais vos abstivestes tão afetuozamente. Ele ligar-se-á sempre, nas minhas intimas lembranças, com essa tocante recriminação que tanto me comoveu no final da vossa terna carta de Jovedia á tarde: *Sabeis que não fiz ainda mal sinão a mim.*

Sim, minha Clotilde, a ingenua sublimidade dessa dupla exprobração indireta bastará para prevenir constantemente em mim toda manifestação, e mesmo, espero eu, toda dispozição que pudesse determinar a sua reprodução. Embora eu não pretenda estar completamente desprendido desse triste pendor ao ciume que parece inseparavel do verdadeiro amor, a minha profunda convicção habitual das vossas admiraveis virtudes prezervar-me-á sempre dos seus mais graves ataques, sobretudo quanto á sua reação sobre vós. Nenhum exemplo me havia jamais oferecido tão perfeita lealdade unida a tão eximia pureza, sem a menor mescla de *pruderie* nem ostentação. Essa rara combinação moral não parecia mesmo poder realizar-se sinão á custa da inteligencia. Que incomparavel ventura para mim tê-la afinal achado em um dos tipos mais eminentes do verdadeiro espirito feminino! Sabeis pouco mais ou menos a quem eu tive a desgraça de querer consagrar a minha vida. Sob aspeto algum, não era certamente uma mulher vulgar, bem longe estava de tal. Mas, nela, a falta radical de pureza moral bastou para acarretar o malogro quazi total de altas faculdades intelectuais, cujo surto foi

assim neutralizado por uma cega personalidade, um orgulho extravagante e uma vaidade sem medida. Si o coração é sempre indispensavel ao espirito para permitir uma elevação perduravel, é sobretudo no vosso sexo, embora o outro não esteja de modo algum libertado dessa grande solidariedade natural. Felicitai-vos, pois, minha nobre e terna Clotilde, de que o vosso belo porvir intelectual apoie-se solidamente sobre uma perfeição moral tanto mais segura quanto temeis espontaneamente a sua alteração involuntaria. Vós me sobrevivereis bastante, espero eu, para poderdes um dia glorificar-vos, mesmo publicamente, da minha profetica apreciação. Quanto a mim, conto que a minha perseverança infatigavel obterá enfim da vossa sincera modestia a precioza autorização de render convenientemente uma homenagem solene a essa natureza ecepcional, quando nada fosse para oferecer indiretamente ao vosso sexo um digno tipo real, mais eficaz do que as melhores demonstrações filozoficas. Essa aliança, unica deciziva, da pureza moral com a superioridade mental não se realizou, em nossos dias, sinão na ilustre mulher * de quem vos convidei a ler um eminente opusculo: porem uma deploravel imperfeição fizica devia então neutralizar muito o acendente natural de tal conjunto, cujo inteiro valor, segundo espero, vos está rezervado fazer enfim sentir dignamente.

Eu teria hoje, minha bem-amada, de dirigir-vos muitas outras expansões, que me acho forçado a adiar. Vêdes que não pude mesmo agradecer-vos especialmente a terna indulgencia com que apreciais o meu coração na primeira das duas cartas a que esta responde implicitamente. Espero, porem, que o meu silencio direto não vos impeça de sentir quanto estou profundamente comovido com uma apreciação que não se refere sobretudo ao meu espirito, objeto demaziado excluzivo das banais admirações de que me julgão avido. Só um meio me resta para reconhecer dignamente os vossos benevolos elogios: é esforçar-me sempre por merecê-los mais. Ha um, pelo menos, ao qual ouzo já atribuir-me verdadeiros direitos: é uma sincera dispozição geral ao reconhecimento permanente por todo obzequio real ou mesmo intencional. E' para convosco,

* O nosso Mestre alude a Sofia Germain, e o opusculo a que se refere é a publicação postuma que tem por titulo: *Considerações gerais sobre o estado das siencias e das letras nas diferentes epocas da sua cultura.*

minha Clotilde, que eu devo naturalmente rezervar o seu principal uzo, pelos profundos melhoramentos, não sómente morais, mas tambem intelectuais, de que a nossa intimidade é em mim a fonte imediata, e não, como o pensa a vossa admiravel modestia, a simples ocazião. Adorando-vos, torno-me, a todos os respeitos, melhor; e esse aperfeiçoamento conduz-me a amar-vos mais. Tal é a feliz conexão pela qual uma experiencia já deciziva obriga-me a render-vos uma intima homenagem diaria.

Adeus, enfim, minha digna amiga; custa-me a cessar essa doce conversa, incomparavel recompensa de uma boa jornada. Graças ás ternas interrupções previstas, ela conduziu-me insensivelmente até a hora razoavel do deitar filozofico, que vai, espero eu, proporcionar-me, sob essa salutar influencia, uma noite tão favoravel como a precedente, com a especial segurança que pelo menos todas as minhas vigilias vos serão especialmente consagradas. Adeus, pois, minha Clotilde, até a entrevista domestica de amanhan, feliz preludio do nosso caro Mercuridia. Dignai-vos receber com ternura os castos abraços do meu respeitozo amor.

Ate COMTE.

VIII

Estou contente por vós e por eles
(*163ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.*)

No Lunedia á tarde, Augusto Comte esteve na rua Pavée. A situação material de Maximilien Marie continuava precaria, e o joven matematico decidíra-se a tentar a vida industrial. Os passos que estava dando em tal sentido forão assunto das conversas dessa noite, e a eles se refere, segundo cremos, o seguinte epizodio narrado por Maximilien Marie:

« O caminho de ferro do Norte acabava de ser concedido a M. de Rothschild. M. Emile Péreire estava encarregado da escolha do pessoal. Dirigi um pedido de emprego. Recebi pouco tempo depois um convite para aprezentar-me perante o conselho. M. Péreire perguntou-me os meus titulos. Respondi-lhe: Ex-aluno da Escola politecnica, e aprezentei-lhe o meu livro. O titulo deste fê-lo sorrir: *Imaginarios*, disse-me ele. Respondi-lhe: *Todas as apti-*

dôres prendem-se entre si. Ele não me disse que não, mas passou ao exame de outro candidato. »[1]

Parece que foi a propozito dessa pretenção que Augusto Comte ofereceu-se então para falar a Talabot[2] em favor de Maximilien Marie. Ficára convencionado que o nosso Mestre procuraria Talabot no proximo Jovedia.

Porem depois que Augusto Comte retirou-se, ficou assentado que seria mais conveniente que Ele procurasse Talabot no dia seguinte mesmo. Nesse intuito, Clotilde, chegando á caza, escreveu o seguinte bilhete:

Centezima-sexagezima-segunda carta

Lunedia á noite (11 h.) 16 de Fevereiro de 1846.

Meu caro amigo, venho pedir-vos um verdadeiro favor: espero todavia que o subordinareis inteiramente ás vossas conveniencias, e que não vos imporeis nenhum incomodo grave para m'o outorgar.

Acabo de chegar da rua Pavée, onde discutiu-se depois da vossa sahida, o negocio de Max. Rezulta de tudo que foi dito que a tentativa que tendes a bondade de querer fazer junto do Sr. Talabot teria uma grande utilidade antes do conselho de amanhan, ao passo que depois ela se torna quazi nula. Si vos fosse possivel fazê-la amanhan em lugar de Jovedia, prestarieis um verdadeiro serviço. Bem sei que vos peço um ato de generozidade; mas enfim sois generozo. Max irá á audiencia segundo a resposta que mandardes dar, que não preciza ser sinão *sim* ou *não*. Si tiverdes de lá achar-vos por volta das nove horas, ele se arranjará de modo a chegar depois de vós.

Escrever-vos-ei provavelmente algumas linhas por Sofia amanhan: neste momento, a minha porteira está á minha espera, não pude deixar de ser breve.

Dezejo-vos uma boa noite,

CLOTILDE DE V.

Na manhan seguinte Clotilde agradecia ao nosso Mestre os passos que Ele havia dado.

1 *Théorie des Fonctions de Variables imaginaires.* Tome III, ps. 38-39 - 1876. — R. T. M.

2 No *Repertorio da Escola Politecnica*, figurão duas pessoas desse nome, das quais a primeira, Joseph-Léon, deve ter sido camarada do nosso Mestre, pois entrou em 1813 e sahiu em 1816. O *Repertorio* informa que ele entrou na carreira industrial e foi deputado. O outro Talabot (Paulino-François) entrou em 1819 e sahiu em 1821. Talvez se trate aqui do primeiro. — R. T. M.

Centezima-sexagezima-terceira carta

Martedia de manhan 17 de Fevereiro de 1846.

Meu terno amigo, quanto vos agradeço terdes tido a bondade de fazer a tentativa em questão! Isto fará bem e dará prazer, espero eu, na rua Pavée. Estou contente por vós e por eles. Conversaremos amanhan, depois que eu tiver ido fazer uma guerra de importancia ao pai Granch. * Estou exhausta esta manhan por ter passado horas inteiras da noite a tussir: o meu coração está como um castelo de cartas, parece-me que ele vai desmoronar-se: paz entretanto aos homens de boa vontade! Mas vejo que é precizo passar-se pelo oleo de figado de bacalhau neste mundo. Agradeço-vos ternamente a vossa boa carta de bontem. Mas isto não é sinão um bom-dia; e, como disse, conversaremos amanhan.

Beijo-vos afetuozamente,

CLOTILDE DE VAUX.

IX

A mesma agitação vernal que me impede hoje de utilizar para minha obra essa disponibilidade inesperada, recorda-me involuntariamente a venturoza epoca em que o meu coração começou a ser-vos irrevogavelmente adquirido.

(*164 carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

A semana continuou sem nenhum incidente especial. O nosso Mestre entregava-se á grata evocação do seu amorozo passado. Essa epoca lhe trazia á lembrança o termo das lutas que a santa paixão determinára entre o seu coração e o seu espirito. No Mercuridia, 18 de Fevereiro, Clotilde esteve na rua Monsieur-le-Prince; e, nos arroubos da sua angelica ventura, mal suspeitava o terno Pensador que seria essa a ultima vizita da sua imaculada Inspiradora! (VOLUME SAGRADO, p. 555). O Sabado, 21 de Fevereiro, foi assinalado por mais uma virtuoza entrevista na rua Payenne. Nesse doce enleio Augusto Comte viu chegar o Domingo 22 de Fevereiro. A demolição da sala em que fazia o curso de Astronomia popular ocazionou a suspensão momentanea das suas predicas redentoras. Ele consagrou por isso o dia a reler a sua correspondencia e a redigir uma longa carta apreciando a comovente

* Grandchamp — R. T. M

regeneração que devia ao imaculado influxo de Clotilde.

Centezima-sexagezima-quarta carta

Domingo á tarde, 22 de Fevereiro de 1846 (4 h.)

Para compensar hoje a minha chomagem forçada, sou naturalmente levado, minha carissima amiga, a consagrar -vos a maior parte desse lazer imprevisto, quer vos escrevendo, quer vos lendo. Do vosso, lado, talvez realizeis espontaneamente a caridoza intenção ficada ante-hontem sem efeito, de maneira a converter em uma jornada de intima satisfação o meu dia de dezapontamento filozofico.

Apezar do seu comprimento dezuzado, a minha ultima carta, como vos indiquei no final dela, está longe de haver exgotado tudo o que eu contava dizer-vos ao começá-la. Demais, a mesma agitação vernal, que me impede hoje de utilizar para a minha obra essa disponibilidade inesperada, recorda-me involuntariamente a venturoza epoca em que o meu coração começou a ser-vos irrevogavelmente adquirido. Ficareis, pois, pouco sorpreza que eu experimente uma precizão especial de celebrar entre nós essa sorte de aniversario, a partir do qual as minhas ternas lembranças vão começar a tornar-se periodicas. Não posso preencher melhor tão doce obrigação do que continuando, sob um novo aspeto, os meus agradecimentos anteriores pelos profundos melhoramentos pessoais de que sou devedor á vossa adoravel influencia.

Este inexgotavel assunto oferece-me, ha algum tempo, uma face até então despercebida, e agora de mais em mais sensivel, quanto ás notaveis modificações determinadas pouco a pouco pelo estado do meu coração na maioria dos meus habitos diarios, e mesmo, por assim dizer, no conjunto da minha propria constituição. Seria extranhavel, com efeito, que uma impressão, tão profunda como energica, cuja estréia foi marcada por uma verdadeira crize nervoza, não deixasse, neste particular, vestigios carateristicos e indeleveis.

Enquanto perzistiu a longa agitação que devia rezultar de tal abalo inicial, essa secreta influencia permanente deveu achar-se dissimulada pelas inquietudes ainda inherentes a uma situação mal assente. Porem a insonia e o estado convulsivo começárão a dissipar-se regularmente nas imediações da abertura deste ano, salvo os acidentes passageiros, sob a benigna influencia das nossas explica-

ções definitivas de Dezembro: creio poder fixar o seu termo essencial na cordial compozição que vos consagrei sobre a teoria filozofica do cazamento. Desde então, sinto cada vez mais que o meu respeitozo amor não se limita a produzir uma exaltação ecepcional, e que, sem todavia ter-se em nada arrefecido, ele acha-se doravante profundamente incorporado a toda a minha existencia habitual. E' sobretudo assim que experimentarei mais a sua precioza eficacia. A vida afetiva, tão tardiamente dezenvolvida em mim por falta de um digno objeto de adoração, adquire enfim, graças a vós, a sua justa preponderancia natural. Ela faz-me de mais em mais sentir quanto vos devo por essa resurreição moral, que eu começava já a agradecer-vos desde a primavera ultima, mas que agora eu aprecio tanto melhor quanto mais familiar se me vai tornando.

Nunca havia eu comprehendido bem toda a profundeza espontanea dessa feliz palavra *apego*, pela qual a sabiduria vulgar carateriza a verdadeira afeição, que não tem, com efeito, propriedade mais precioza do que a sua tendencia natural a *apegar-nos* radicalmente á vida, constituindo entre dois entes uma irrezistivel adherencia em virtude de intimas necessidades mutuas. Eu, que me posso glorificar de haver dignamente conhecido, por uma longa experiencia, os mais sublimes gozos da vida contemplativa, ouzo assegurar agora que nada na existencia humana é comparavel á ventura habitual rezultante de uma afeição pura, nem mesmo as intimas satisfações de elite que a descoberta das grandes verdades proporciona. O que não vos devo eu, pois, minha Clotilde, por me haverdes afinal plenamente iniciado nessa suprema felicidade!

Vós não oferecestes sómente a ocazião dela a um coração avido de afeições profundas. Na vossa influencia pessoal a este respeito, ha muito mais do que a vossa admiravel modestia vos leva a miudo a crer. Porque, de outro modo, um coração assim disposto teria tardado tanto a prender-se a alguem? Si o curso dos acontecimentos o tivesse arrastado a uma adoração menos eminente, esta estaria já dissipada sob uma insuficiente satisfação das necessidades intimas. Ao contrario, a minha afeição acha-se, após um ano de prova, mais profunda e não menos viva do que ao nacer. Nacida com a agitação, e arraigada pela calma, ela jamais cessou de oferecer-me ao mesmo tempo um primeiro e ultimo amor, que todas as minhas reflexões diarias

fortificão de mais em mais. Um filozofo habituado, desde a infancia, ás mais altas meditações, teria podido, na sua plena maturidade, deixar assim absorver o seu coração, si a sua adoração não se aplicasse a uma natureza verdadeiramente superior? Muitas mulheres tornárão-se imortais exercendo um imperio dessa ordem sobre homens nacidos para a posteridade. Vós, minha Clotilde, cujo nome póde adquirir direitos mais pessoais á sua eterna lembrança, aumentareis tambem, espero eu, os meus proprios titulos ao seu incomparavel reconhecimento.

A precizão sempre renacente de oferecer-vos ainda a intima gratidão do meu coração conduziu-me insensivelmente a uma carta bastante longa, sem ter mesmo ei tabolado a indicação especial que eu tinha anunciado no começo. Mantenho entretanto esse anuncio, relativo a uma comunicação que a sua permanencia natural torna felizmente pouco urgente, e que poderá fornecer-me assim a fonte proxima de um novo prazer. Essa precioza compensação do meu dezarranjo filozofico não me deixa outro motivo de lastima sinão o pezar ordinario de tão mal exprimir o que sinto tão bem. Mas a vossa cordial penetração suprirá, como de costume, a minha insuficiente expansão, sempre entravada involuntariamente por uma má vergonha de afetação sentimental, sobre a qual sei entretanto que ha muito fizestes plena justiça ao meu carater. De resto, a situação por si só bastaria quazi para dispensar hoje o meu coração de toda eloquencia. Porque, sem estar ocupado com trabalho algum, conservo-me insensivel, após uma ecelente noite, ao atrativo exterior de um dia magnifico, afim de melhor saborear essas ternas expansões, em que se concentra cada vez mais a minha principal satisfação, que eu me esforço em prolongar por inocentes artificios. Embora eu saiba que vós tambem vos dignais achar nisso um verdadeiro valor, experimento quazi tamanha ventura em entregar-me a elas agora como si o correio devesse transmiti-las esta tarde mesmo. Vós me conheceis por tal modo, é verdade, que não careceis esperar até amanhan para estar segura que vos consagrei espontaneamente este Domingo ecepcional.

Adeus, minha perfeita amiga. Mau grado a fatal dezigualdade das nossas ternuras, eu sinto que não desdenhareis jamais as castas caricias do meu respeitozo amor.

Aug COMTE.

X

Nas minhas horas de sofrimento, a vossa imagem paira sempre diante de mim.

(*165ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.*)

Clotilde tinha pensado em escrever a Augusto Comte nesse dia. Mas o seu estado de saude não lhe consentiu. A sua comovente resposta retraça bem o quadro da sua aflitiva situação.

Centezima-sexagezima-quinta carta

Lunedia 23 de Fevereiro de 1846.

Meu terno amigo, tinha tido o mesmo pensamento que vós hontem; queria passar convosco um momento desse belo dia votado ás loucuras; * mais tive um ou dois acessos tão pouco filozoficos, que me achei indigna de tomar a pena para vós; e adiei a minha intenção para hoje: vós só a aproveitareis amanhan por intermedio de Sofia, porque perdi o correio.

Não é que eu esteja para morrer, e não quero mesmo ocupar ninguem com tais enfados. E' que a febre me está voltando ás baforadas; quiz expulsá-la com um dos calmantes de M. Grandchamp, e dois copos bastárão para dar-me uma verdadeira inflamação de entranhas. Deus me livre, para aliviar os meus bronchios, de perder o meu estomago, e colocar outra vez os meus intestinos no estado em que os tive durante a minha infancia! Já abrandei-me um pouco á força de malva, cujos bons efeitos conheço ha muito. Ficarei nisso até que o meu trabalho esteja terminado; tomarei então um mez de repouzo o mais absoluto, durante o qual experimentarei o oleo de bacalhau. Não faleis mesmo da minha saude a Sofia, meu terno amigo; os comentarios sobre ela me aborrecem prodigiozamente de todos os lados. Eu quizera sofrer em uma casca de noz durante certos dias. Conheço as cauzas, os efeitos, etc.: e ninguem me póde servir para nada em nada disso.

Eis ahi uma carta começada de uma maneira bem egoista: mas era precizo que eu vos explicasse porque ela vos chega tão tarde; quero agora começar por agradecer-vos a vossa, que me é, como sempre, um florão de mais a ajuntar á corôa do vosso apego. Nas minhas horas de

* O dia 22 de Fevereiro de 1846 foi Domingo de *Carnaval*.— R. T. M.

sofrimento, a vossa imagem paira sempre diante de mi[m]. Digo a mim-mesma que uma afeição tão bem prova[da] como é a vossa deve adoçar tudo: e, com efeito, vós a consolais muitissimas vezes sem o desconfiardes, e talv[ez] estando a morigerar a mocidade.

De fato, acho-me agora na minha verdadeira trilha, [a] unica que eu teria escolhido para mim entre muitas sorte[s]; só lastimo sentir-me ainda por vezes preza do passa[do] pelo exgotamento em que ele me deixou. Mas todos tê[m] os seus labores na vida: é precizo pagar o seu direito [à] humanidade de qualquer modo; e ha bem grandes go[zos] ligados á organização do artista.

Boa-noite, meu terno amigo. Até Mercuridia, a meno[s] que eu não esteja, como hoje, meio de cama. Bem quize[ra] poder meter-me nela mais vezes; trabalharia ahi ás mar[a]vilhas; mas temo a dezordem.

Beijo-vos de todo o coração,

CLOTILDE.

XI

A afeição que aceitou necessidades doloros[as] deve estar cimentada.

(167ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.

O nosso Mestre passou a manhan de Lunedia inquie[to] por não ter noticias de Clotilde. E essa inquietude agra[]vou-se não a encontrando á noite na rua Pavée. Na ma[]nhan de Martedia, Sofia trouxe-lhe a carta que Clotild[e] escrevêra na vespera, e informou-o do estado melindroz[o] em que Ela se achava. Apezar, porem, de preocupad[o] com essa agravação dos padecimentos fizicos de Clotild[e], as informações do Dr. Grandchamp inspiravão-lhe uma verdadeira segurança quanto ao desfecho de similhant[e] crize. Em todo cazo, a ecitação moral do nosso Mestre não lhe permitiu de retomar a elaboração da POLITICA POZITIVA conforme tinha planejado.

Na tarde de Martedia respondeu a Clotilde.

Centezima-sexagezima-sexta carta

Martedia á tarde 24 de Fevereiro de 1846 (3 h.

Contava hontem, minha terna amiga, consagrar á minha obra toda a alegre folga de hoje. Mas as inquietude[s]

demaziado naturais sucitadas pela vossa doloroza auzencia de hontem á tarde não me pudérão deixar esta manhan suficiente liberdade de espirito. Até a volta de Sofia, tive de limitar-me a pensar vagamente, mais ainda em vós do que no meu trabalho, sem poder mesmo ler com atenção apezar da minha saude perzistir boa. Embora as noticias que acabo de saber sejão muitissimo pouco satisfatorias, prefiro-as ainda assim á cruel incerteza em que estava antes. A ecelente carta trazida tambem por Sofia me tranquilizaria mesmo inteiramente, pela terna serenidade que indica no meio dos sofrimentos fizicos, si tivesse sido escrita esta manhan. Mas, tendo precedido a pessima noite que acabais de passar, não me póde tranquilizar assás sobre a vossa dispozição atual.

Procedestes prudentemente suspendendo a heroica revulsão do nosso doutor, logo que os vossos intestinos a repugnárão; porque, importa sobretudo, como pensais, manter o bom estado do vosso aparelho digestivo. Espero que as vossas precauções cheguem bastante cedo para prevenir, a este respeito, toda perturbação duradoura: mas os vossos sintomas exigião essa pronta solicitude. Talvez M. Grandchamp haja considerado demaziado pouco esse perigo accessorio da sua energica medicação: Broussais teria pensado mais nisso. Pelo menos era precizo recomendar-vos que não a empregasseis sinão quando lhe pudesseis consagrar todos os vossos cuidados, e sobretudo sem mesclar-lhe nenhuma contenção cerebral. Agora que esse remedio começa a acreditar-se, familiarizão-se muito com o uzo dele. O que não se administrava, ainda ha dois anos, sinão de cama com dieta, mal póde entrar hoje, mesmo em dóze muito menor, em uma sorte de regimen ordinario. Aprovo, pois, a vossa rezolução de adiardes o seu ensaio até o momento, proximo sem duvida, em que puderdes preencher todas as condições exigidas para a sua inteira eficacia. A experiencia prescreveu-vos demaziado essa decizão para que o doutor não a retifique, sem poder certamente suspeitar de modo algum a vossa energica rezignação.

Em virtude da vossa triste saude atual, devo contar pouco amanhan, minha carissima amiga, com a vossa boa vizita hebdomadaria. Porem vos enviarei Sofia de manhan, primeiro para conhecer o vosso estado, e depois afim de que lhe peçais, sem nenhum escrupulo, qualquer serviço:

si, com efeito, ouzaveis apenas propôr-lhe esta manhan uma comissão que entretanto vos interessava muito, permití que eu condene amigavelmente essa rezerva imerecida. Podereis aliás fazer-me assim saber si devo esperar-vos, ou si, pelo menos, posso lá ir: não ignorais quanto uma ou outra coiza ser-me-ia doce; mas sabeis tambem que faço sobretudo empenho em èvitar-vos a menor perturbação.

Indo ver-vos, Sofia será encarregada amanhan de entrar em caza da vossa mãi, cuja saude pareceu-me hontem dezarranjada, embora sem perigo, em consequencia, prezumo eu, de algum resfriamento despercebido. Alem dos accessorios nervozos habituais, notei uma ligeira pontada de lado, que, si perzistir exigirá talvez a intervenção de uma meia duzia de sanguesugas. Soube aliás lá boas noticias de Macon, assim como o motivo da demora especial deles. Por mais natural que seja essa explicação, desconfio, entre nós, que poderia bem entrar nisso igualmente um pouco de manejo, para fazer melhor dezejar e apressar mais a volta da joven mãi, que, no fundo, póde considerar-se sem demaziada inverozimilhança como votada a uma sorte de exilio provizorio, em virtude de uma especie de golpe de Estado materno.

Rezervei demaziado para o fim os ternos agradecimentos especiais tão bem merecidos pelos novos testemunhos da vossa precioza afeição na boa carta que acabo de reler. Mas, embora reste-me apenas o tempo de vo-los indicar, sei que a sinceridade e a profundeza da minha gratidão vos são de antemão plenamente conhecidas. Essas cordiais manifestações constituem naturalmente a principal recompensa do meu puro devotamento. Santamente unido á minha Clotilde, mau grado a diversidade das nossas ternuras, eu sinto-me assim com forças para suportar tudo; ao passo que o menor ataque a esse laço fundamental tenderia a quebrar toda a energia da minha alma. Desde o nacer, essa inapreciavel simpatia tornou-me quazi imperceptiveis contrariedades que, sem tal prezervativo, ter-me-ião talvez profundamente perturbado. As novas perseguições, aliás muitissimo inverozimeis, não poderião doravante afetar-me sinão reagindo sobre vós, o que estou felizmente certo de poder sempre evitar. Na minha fórmula filozofica da vida humana, pensar, amar, agir, eu não coloquei assim a afeição entre a especulação e a ação

sinão para assinalar a sua tendencia necessaria a dominar igualmente uma e outra: a nossa escrita horizontal não comporta uma imagem mais fiel de tal concepção fundamental, que só a pintura poderia exprimir convenientemente. *

Adeus, minha adoravel amiga. Si eu tiver amanhan de não vos ver de modo algum, rezervo-me indenizar-me um pouco de tal por novas expansões. A minha carta de ante-hontem deixou-me muito que dizer, e apenas acabo de esboçar os afetuozos agradecimentos de hoje. Beijo castamente a fronte e os pés da minha Clotilde.

Amor e respeito,

A^TE COMTE.

Apezar de extremamente abatida, Clotilde respondeu imediatamente.

Centezima-sexagezima-setima carta

Martedia á tarde 24 de Fevereiro de 1846.

Vou procurar responder-vos algumas palavras com a minha mão tremula, meu caro amigo. Eis ahi um dia inteiramente passado em repouzo, e que me refrescou um pouco.

Tenho bem uma centena de pulsações ainda, e não sei o que fazer delas. Porem, á força de pensar nos meus andrajos, digo comigo: que a febre deve sempre ser cauzada por uma inflamação qualquer, e que, quanto mais eu adoçar o cofre, tanto melhor farei. Esses medicos têm os seus lados maus, o povo tem razão. Parece que as explicações do doente são um dezapontamento para eles; e então eles lhe fechão a boca por uma sentença, e o estomago por uma pilula. Vaidade!

Temo estar bem entravada para o meu final de romance, e entretanto não ficarei verdadeiramente tranquila sinão depois. Minha mãi foi obrigada a ver o seu medico hoje: lastimo faltar-lhe agora neste momento; mas entretanto contive-me, porque pago demaziado caro os meus esforços. Não penso decer tambem amanhan, e passarei a metade do meu dia na cama. Não venhais pois ver-me, meu caro

* O nosso Mestre adotou finalmente, como veremos, a fórmula: *Amar, pensar, agir.* — R. T. M.

amigo. E' provavel que eu possa fazer a viagem de Sabado.

Retribuo todos os vossos cumprimentos afetuozos. Como o dizeis, não penso que nada possa perturbar o nosso apego. A afeição que aceitou necessidades dolorozas deve estar cimentada. As almas escrupulozas e ardentes éncontrão muitos Golgotas neste mundo; mas, ao menos, elas escapão a miudo aos pezares e aos remorsos.

Contai com uma santa ternura da minha parte, meu caro amigo. Queria dar-vos provas: mas onde buscá-las?

Os nossos hospedes de Garges vierão hoje convidar-nos para uma soirée. Eu não recebi nada, e terei ainda de dizer não desta vez.

Espero que o meu mez de moratoria me retemperará. Porque não hei de poder completar o meu filho em uma boa jornada de trabalho!

Boa-noite, meu terno amigo. Sofia vos entregará essas quatro linhas, que são o unico rezultado do meu dia. Beijo-vos com ternura.

CLOTILDE DE VAUX.

XII

Na verdade, o amor não póde ser profundo si não fôr puro.

(DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO, 1848, p. 220.)

Na manhan de Mercuridia, Sofia trouxe a carta precedente e melhores informações acerca da saude de Clotilde. Augusto Comte consagrou á sua resposta o tempo da vizita de que se via fatalmente privado.

Centezima-sexagezima-oitava carta

Mercuridia á tarde, 25 de Fevereiro de 1846

Quanto estou comovido, minha cara amiga, pelo terno esforço que hontem á noite exigiu a vossa resposta imediata! Felizmente Sofia trouxe-me esta manhan melhores noticias. Fizestes muito criteriozamente tudo o que devia acalmar essa maldita febre, que atribuo, como vós, á

superecitação dos intestinos pelo oleo infernal: a cama, a dieta fizica e moral, e as bebidas doces, nada mais era precizo. Espero que perzistindo assim a melhora de hoje estará amanhan de manhan quazi completa. Sofia assegurar-se-á de tal entregando-vos isto. Segundo a sua narrativa, a saude da vossa mãi não deve agora inspirar-vos nenhuma inquietação.

O meu unico receio a vosso respeito rezulta da impaciencia muito natural que poderia impelir-vos a retomar um pouco demaziado cedo a vossa obra de predileção. Tende razão e firmeza até o fim, minha Clotilde. Partilho vivamente dos vossos justos pezares sobre as tristes delongas que está experimentando, no momento final, um parto tão caro a tantos titulos, no qual o conjunto de um dolorozo passado vai fundar um nobre porvir. Mas, em nome mesmo da vossa eminente criação, sabei adiar o seu fim tanto quanto o exigir a vossa precioza saude, condição primeira de todas as vossas legitimas esperanças. Não retomeis a pena sem que a febre esteja plenamente dissipada, e ficai rezignada a suspender logo que o pulso se reacelerar. O mez de pleno repouzo que contais excluzivamente consagrar a vos cuidar quando esta compozição estiver acabada, talvez sejais forçada a tomá-lo antes. Isso não vos deve repugnar, si tornar-se verdadeiramente indissavel; embora a medicação não possa comportar a sua inteira eficacia sinão sob a serena dispozição moral que seguir-se-á naturalmente a uma conveniente terminação do vosso importante trabalho. São esses aliás, minha bem-amada, conselhos extremos, que eu indico sómente para tudo prever, mas sem crer de modo algum na sua oportunidade imediata. Tenho motivo de esperar, ao contrario, que a perturbação atual não rezistirá ás vossas judiciozas precauções, e que, no decurso da semana proxima, podereis sem imprudencia retomar docemente a vossa cara elaboração. Desconfiemos todavia da ecitação perfida determinada pela aproximação da primavera, tão apressada este ano por uma tepidez insólita. Póde-se utilizar desta dispozição natural sem deixar-se arrastar por ela; mas é isso uma manobra delicadissima, sobretudo na vossa constituição. Este equinoxio, ainda mais do que o outro, deve sempre impôr-vos uma solicitude especial.

Pois que eu começo a tranquilizar-me sobre a vossa saude atual, posso prolongar sem escrupulo uma conversa

que me distrái da vossa auzencia, efetuando hoje a indicação pessoal que vos anunciei no começo da minha penultima carta, mas de que fui logo desviado pelas minhas ternas efuzões. Um mais longo silencio a este respeito poderia fazer-vos supôr nela uma misterioza importancia que ela não comporta de modo algum. Trata-se, como sabeis, da modificação duradoura determinada pela minha venturoza afeição no conjunto dos meus habitos, e mesmo, a certos respeitos, da minha propria constituição.

A crize inicial foi profunda, e talvez, ouzo vo-lo dizer hoje, perigoza. Sem a ativa vigilancia interior que terriveis lembranças pessoais me prescrevião especialmente, o fatal epizodio cerebral da minha mocidade teria sido, durante perto de um mez, sucetivel de renovação, si alguma fonte de importunações habituais se tivesse mesclado então a esse intimo abalo nervozo. Porem toda eventualidade de tal perigo dezapareceu plenamente ha muito tempo, embora a agitação consecutiva tenha perzistido até as proximidades do começo deste ano. Por essa febre de incubação, a minha maturidade devia pagar o atrazo ecepcional de uma aquizição peculiar á juventude.

Desde que essa inapreciavel afeição incorporou-se assim profundamente a todo o meu ser, não tenho mais do que sofrer serenamente a sua feliz influencia natural sobre o resto da minha vida. Já vos tenho muitas vezes indicado a eficacia, não menos mental do que moral, dessa tardia iniciação, cuja necessidade eu tinha até então sentido tanto sem poder satisfazê-la dignamente. Deveis agora reconhecer que essas explicações reiteradas não constituem afetuozos cumprimentos, mas a ingenua expressão de uma realidade que me tinha ficado desconhecida. Quanto aos melhoramentos fizicos devidos a esta santa evolução, já têm mais que compensado os perigos da estréia; quando nada fosse pelo salutar regimen que eu fui assim conduzido a adotar para sempre, e ao qual atribuo o pleno restabelecimento de um estomago estragado.

A custa de uma crize passageira, felizes modificações permanentes consumárão-se gradualmente, quazi sem que eu o percebesse, na maioria dos meus habitos diarios. Posso sobretudo assinalar-vos uma, que vos parecerá muito carateristica, e na qual a vossa escrupuloza modestia não poderá desconhecer a vossa influencia evidente. E' a dispozição sedentaria que, graças ás minhas ternas preocupa-

ções, substitúi definitivamente os meus antigo shabitos de passeio exagerado, contrahidos a principio sob o impulso natural da longa necessidade de evitar o mais possivel um dolorozo interior. Ao passo que eu não podia outrora ficar em caza sinão pregado ao meu bureau, passo agora nela em deliciozos devaneios dias inteiros, sem nenhuma necessidade, como Domingo, hontem, e hoje. Não duvido nada que os meus trabalhos ulteriores utilizem muito esse melhoramento espontaneo. As minhas sahidas muzicais mesmo tornão-se muito menos frequentes, e certamente sem que eu tenha a desgraça de ser menos sensivel ás verdadeiras emoções esteticas, cujo valor, ao contrario, a minha cara paixão faz-me sentir ainda melhor. Nas minhas diversas excursões, desde que possuo a paz domestica, havia, eu o reconheço hoje, uma secreta necessidade de ocupar o meu coração, porque não erão os homens que eu procurava. Não havendo nunca sido dominado pelos meus sentidos, o que iria eu pois hoje pedir a todos esses grupos femininos, agora que estou cheio de vós?

Eis-me conduzido, minha bem amada, a indicar-vos tambem o mais delicado e o mais preciozo dos melhoramentos, ao mesmo tempo fizicos e morais, que devo ao vosso santo acendente. Porque, posso assim ouzar enfim agradecer-vos uma castidade voluntaria que eu nunca comprehendêra, e que é com certeza obra vossa, mau grado a liberdade especial que a vossa perfeita lealdade acreditou dever conceder-me e quazi recomendar-me. Tal assunto não comporta, nem felizmente exige, longas explicações. Mas devo assegurar-vos que, depois de ter, durante alguns mezes, murmurado involuntariamente contra essa terna necessidade, abençôo hoje a virtuoza paixão que me impôz tão salutar constrangimento, tornado agora quazi familiar. A san teoria da natureza humana me indicava havia muito a sua poderoza eficacia, fizica, intelectual, e moral. Restava-me superar efetivamente uma energica animalidade, que eu não podia domar sem estar profundamente animado por um amor verdadeiramente puro. Deixai-me, minha celeste Clotilde, agradecer-vos de joelhos, tal beneficio, que deve tanto sustentar doravante a ativa plenitude das minhas mais nobres faculdades. Si, como não se póde duvidar, os nossos principais melhoramentos referem-se á nossa natureza interior, e não

á nossa condição exterior, não hezitareis, pois, mais, espero eu, em virtude de todas estas sumarias indicações, em comprehender a justa sinceridade do meu intimo reconhecimento para convosco.

Adeus, minha terna e nobre amiga. Recebei, com os meus castos beijos, os meus agradecimentos especiais pelos doces instantes que eu acabo de consagrar-vos. Quanto á nossa cara entrevista de Sabado, indicai-me o modo final que preferirdes.

Amor e respeito,

A^te^ COMTE.

Sofia levou esta carta na manhan de Jovedia 26 de Fevereiro. Clotilde experimentára algum alivio, e a sua nobre coragem a fazia desde logo considerar-se livre de perigo.

O nosso Mestre estava sob a impressão dessas noticias, quando á tarde recebeu o seguinte convite de Sarah Austin:

Caro Senhor Comte,

Tivestes a bondade de dizer que partilhareis de bom grado o nosso pequeno jantar um desses dias. E eu tomei a pena para pedir-vos que realizeis essa amavel intenção Domingo. Mas vem-me a idéia que será esse o primeiro Domingo de Março e que, por consequencia, estareis em caza de M. de Blainville.

Em tal cazo, quereis vir Lunedia? ou preferís adiar a vossa vizita para Domingo dahi a oito dias? Para nós, será a mesma coiza.

Tenho estado bem sofrente estes ultimos dias. Vejo que este tempo intempestivo não serve para as pessoas que têm os nervos e a circulação faceis de perturbarem-se.

O meu marido passa bem. Si lesseis alguma coiza, dar-vos-ia para ler uma pequenina brochura sobre essa tola emancipação das mulheres, escrita por uma dama com bastante espirito e força.

Conversaremos sobre isso e sobre muitas outras coizas.

A nossa hora ordinaria do jantar é ás cinco horas. Ela vos convem?

Vossa bem cordialmente.

S. AUSTIN.

O nosso Mestre respondeu na manhan seguinte; mas essa carta não está publicada e talvez esteja perdida.

Na mesma manhan, Venerdia 27 de Fevereiro, Clotilde dirigiu-lhe este enternecido bilhete.

Centezima-sexagezima-nona carta

Venerdia de manhan 27 de Fevereiro de 1846.

Mando lançar estas palavras no correio para agradecer-vos as vossas ternas solicitudes, meu caro amigo. Não fiqueis inquieto por mim: eu-mesma não o estou. Acabo de sofrer desta vez uma comoção puramente fizica, mas que, como todas as minhas comoções, me aproveitará. Está bem demonstrado para mim que os meus orgãos achão-se demaziado delicados agora para suportar os remedios. Escapei de uma inflamação dos intestinos que me podia ter levado; e eu limitar-me-ei ao grande meio que tomei para o meu peito, a malva aplacará o interior. O apetite voltou-me um pouco desde hontem, e eu não comprometerei mais esse pobre estomago que me póde prestar tantos serviços. Estou horrivelmente fatigada e abalada: mas é tudo.

Vinde ver-me amanhan, vos ouvirei. Talvez durma afinal esta noite. Beijo-vos ternamente, meu caro amigo, e estou bem comovida pela vossa constante solicitude.

Vossa do coração,

CLOTILDE V.

XIII

O verdadeiro amor satisfaz-se plenamente consigo mesmo.

(S. BERNARDO — *Tratado do Amor de Deus*, Cap. VII.)

A carta anterior do nosso Mestre nos indica as venturozas dispozições em que esse terno convite o achou. O seu incomparavel amor, purificando-se de dia para dia, o inclinava cada vez mais a confundir o afeto conjugal com a ternura de um irmão e a dedicação de um pai. As solicitações egoistas perdendo assim continuamente os encantos grosseiros na sua natureza, a paixão por Clotilde ia se transformando em um arroubo que bem simelhava aos extazes dos grandes misticos.

Essa afortunada situação moral era apenas perturbada momentaneamente pelas agruras da situação material do abnegado Regenerador. Porem no decurso da semana que findava, um novo genero de amofinações viera ameaçar a sua virtuoza felicidade. Ele recebêra uma carta em que Carolina Massin lhe comunicava a morte de um parente, e as esperanças de partilhar da herança por ser filha reconhecida. Nesse cazo, o nosso Mestre teria de dar os passos indispensaveis para tornar efetiva similhante pretenção.

Felizmente nada conseguia afastar por muito tempo o espirito de Augusto Comte da redentora imagem que ligára para sempre os mais doces sentimentos da sua vida privada aos mais nobres ideiais da sua existencia publica. Mau grado, pois, essas diversas perturbações, foi sob a influencia das mais santas emoções que Ele encontrou-se com a sua divina Inspiradora, no Sabado 28 de Fevereiro. Havia uma semana que a não vira; e a perigoza crize que a saude de Clotilde acabava de atravessar tinha enchido esse periodo de aflições para ambos. De sorte que, ao incessante anhelo de estar com a sua Bem-Amada, juntava-se agora no coração do nosso Mestre o anceio de constatar por si-mesmo o estado da delicada saude dela. Tal era a vizita que vinha festejar o primeiro aniversario da estréia da regeneração do incomparavel Pensador, encerrando o mez ditozo em que se operára o irrevogavel acendente de Clotilde sobre o seu coração. Tantas circunstancias afetuozas explicão a menção de tal data entre as que caraterizão as *Imagens normais* do culto intimo do nosso Mestre.

Clotilde parecia quazi totalmente restabelecida do cruel acidente; e, para consolidar esse preciozissimo rezultado, Augusto Comte imaginou que muita eficacia terião as distrações muzicais. Nesse intuito convidou-a para ir a um concerto no Domingo imediato. Ela, porem, estava preocupada com a terminação da WILLELMINA, e não dezejava empregar de outra fórma o tempo que a sua melindroza saude lhe deixava disponivel. A esse motivo acrecentavão-se as preocupações pelas sucetibilidades que, na sua Familia, estava despertando a afeição de Augusto Comte, e que uma vizita do seu irmão Léon, depois da retirada do nosso Mestre, parece ter avivado. Rezolveu, pois, dirigir ao cavalheiresco Filozofo uma afetuoza desculpa por não poder aceitar o oferecimento para o concerto.

Centezima-septuagezima carta

Sabado á tarde 28 de Fevereiro de 1846.

Meu terno amigo, quero dizer-vos já uma coiza, e não sei sobre que papel. Tendes a bondade de oferecer-me um prazer que me parece, como a vós, dever ser muito completo; mas, alem das razões que sabeis que me são peculiares para não ir agora a nenhuma assembléia, possuo outras sérias para ter a minha vida regrada como um papel de muzica até que haja atingido o meu fito. Daqui até lá, que me fiquem os meus direitos de doente, é tudo quanto precizo. Boa vontade ou não, quando não me veem decer as minhas escadas com um tempo como o que está fazendo, é bem força crer-se que ha alguma coiza: e ao menos evito os falatorios sobre a minha saude, sobre o meu trabalho, e sobre os meus projetos quaisquer. Só eu sei a paciencia que é necessaria para costear ao longo de todos os escolhos que tenho encontrado; mas eu a tenho, e a não serem perturbações fizicas de que espero garantir-me agora, não retrogradarei mais. Estou já bastante feliz por haver reconquistado essa herva de independencia que a tenho em grande conta a despeito de algumas mizerias: e depois, tantas pessoas me têm amado com a condição de eu amar só a elas, que é precizo perdoar á familia o achar-se ainda ahi. Conhecem os meus sentimentos por vós e sobre vós; e, apezar da natureza ecepcional destes, e talvez por cauza dela, ha sucetibilidades despertadas, que eu careço poupar. De resto, eis ahi um rodeio bem longo para uma coiza tão simples. Eu queria sómente prevenir a tempo da vossa parte qualquer passo que me concernisse a propozito do concerto.

Léon veio ver-me, apezar da senha. Entretanto não estou muito agitada esta tarde. A vossa boa vizita não devia, é verdade, ser contada sinão a titulo de balsamo: porque devem haver privilegios para um amigo tal como vós.

Oxalá possa eu retomar em breve o meu trabalho! Será realmente uma obra doloroza. Si eu retraçasse nela um só dos acontecimentos da minha vida, estarião bem no direito de procurar ahi a minha historia; mas é uma completa invenção, que dezenganará pelo menos a minha mãi.

Boa noite, meu terno amigo, e bom-dia, porque isto não será lançado no correio sinão amanhan. Bom Domingo;

nós o passaremos mais ou menos um como o outro. Dai-me noticias vossas. Dar-vos-ei minhas. Não façais andar muito a boa Sofia: mas, quando nada a isso se opõe, tenho prazer em vê-la.

Vossa do coração,

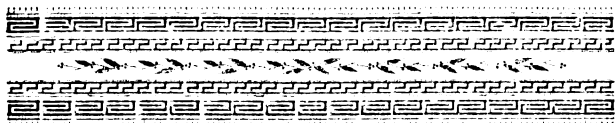
CLOTILDE.

28 de Fevereiro de 1846.

O mez em que as mulheres falão menos.

(Vós não vos queixareis desta vez do vago da minha data.)

O estado de Clotilde parecia tão lizongeiro que o nosso Mestre sentiu-se disposto a ir aos *Italianos*. A mediocridade da opera * que se cantou nessa noite, não permitiu, porem, que Ele encontrasse em tal diversão um alimento para as ternas emoções que o agitavão.

* *Un' Avventura di Scaramuccia*, opera de Frederico Ricci cantada nos *Italianos* pela primeira vez a 26 de Fevereiro de 1846. Vide o *Moniteur Universel*.

CAPITULO TERCEIRO

1 A 27 DE MARÇO — UNIÃO DEFINITIVA

I

Incomparavel Sofia, que a tua grande alma se comprazia em tratar como irman.

(AUGUSTO COMTE — *Dedicatoria da Politica.*)

SOFIA foi na manhan de Domingo 1º de Março saber noticias de Clotilde e prestar-lhe o concurso da sua comovente dedicação. Os contatos de ambas ião dezenvolvendo entre a nobre Proletaria e a bondadoza Dama uma afeição cada vez mais profunda e mais intima. A diferença das idades e a pozição de enfermeira davão ao tratamento que Sofia dispensava a Clotilde o encanto do carinho de uma irman mais velha. Clotilde, por seu lado, retribuia essa solicitude com uma meiguice onde se confundião a ternura fraterna e a gratidão filial. O encontro das duas Senhoras foi pois de uma extrema cordialidade. Clotilde não passára a noite bem; as vizitas a fatigavão e Ela vira-se obrigada a recomendar á porteira que não deixasse entrar nem mesmo as pessoas da sua Familia. Sentia-se contudo mais animada.

Era natural que a prezença de Sofia lhe avivasse o melancolico pensamento das reações que os seus padecimentos exercião sobre a saude do nosso Mestre. Intimamente Ela deplorava que as ordens rigorozas dadas em relação á sua Familia tivessem de extender-se ao terno

Filozofo. Bem sabia que essa fatalidade contribuia para mais amargurar a situação afetiva de Augusto Comte. No abandono das suas expansões com Sofia, Clotilde deixou patente quanto isso a afligia. E a nobre Proletaria revelou até que ponto era digna de tal confiança, manifestando, pela candura das suas apreciações, a convicção em que estava da pureza das relações entre Clotilde e o nosso Mestre.

Sofia deixára Augusto Comte absorvido a reler as cartas que Clotilde lhe escrevêra no mez de Fevereiro. O curso de Astronomia popular continuava interrompido pela demolição da sala em que ele tinha lugar. Este lazer garantia ao nosso Mestre uma quietude propicia á sua doce ocupação, e Ele só foi momentaneamente desviado por uma carta na qual Carolina Massin anunciava-lhe o malogro das suas esperanças como herdeira. Comovido pela amargura que a desgraçada revelava por esse dezapontamento, o piedozo Filozofo quiz dirigir-lhe algumas palavras de conforto. Mas a reflexão dominou esses assomos da sua natural bondade, lembrando-lhe as perturbações que as suas condecendencias para com esse coração viciozo lhe tinhão acarretado sempre.

Foi, pois, ainda extaziado na arrebatadora meditação da sagrada correspondencia que Sofia veio encontrar o nosso Mestre, e entregou-lhe a carta que Clotilde escrevêra na vespera. Ao mesmo tempo a piedoza Proletaria deu-lhe informações acerca do estado em que achára a santa enferma. A sua emoção era tal que as lagrimas tornárão-se em breve o unico interprete dos sentimentos e pensamentos que lhe inspirava a martirizante sorte da nossa Mãi-Espiritual. Similhante manifestação repercutiu no coração do nosso Mestre como si fossem os soluços do seu proprio pranto, e em breve a mesma efuzão entrelaçava os afetos que o terno Filozofo e a sua nobre Criada consagravão a Clotilde.

A suave segurança que transparecia na carta que acabava de receber corroborou as esperançozas noticias de Sofia. O juizo anterior do Dr. Grandchamp sobre a integridade organica de Clotilde já predispunha aliás o nosso Mestre para essa lizonjeira hipoteze. Augurando pois o pronto restabelecimento da sua Bem-Amada, Augusto Comte continuou entregue á sua encantadora adoração até depois do meio-dia. Foi então escrever-lhe uma longa

carta, na qual deleitou-se em rezumir os progressos sorprehendentes que efetuára o seu coração.

Centezima-septuagezima-primeira carta

Domingo á tarde, 1º de Março de 1846.

Acreditareis sem dificuldade, minha bem-amada, que a minha intenção de consagrar-vos a maior parte deste Domingo estava já formada antes de Sofia trazer-me a afetuoza carta que eu acabo de reler. Enquanto esperava a sua volta, estive cumprindo a doce obrigação que agora carateriza para o meu coração o primeiro dia de cada mez, relendo por ordem todas as vossas cartas do mez precedente. Alem desse dever regular, eu tinha hoje muitos outros motivos especiais para me retraçarem mais vivamente a vossa cara lembrança, a mais não ser em virtude da nossa delicioza entrevista de hontem. Desde que vos deixei, não cesso de ouvir, quazi como si estivesseis falando ainda, a suavidade particular dos vossos ultimos sons. Nunca tinha eu ficado tão comovido por essa voz pura e leal que tenho estudado tanto a principio afim de tranquilizar-me sobre o vosso peito. Quando mesmo eu não tivesse nada a responder-vos, não me faltarião pois motivos diretos de expansão atual. Partindo para a sua modesta folga periodica, a minha boa Sofia deve ter dado ordem ao meu porteiro para não deixar entrar ninguem: e, si alguem infringisse a senha, tocaria em vão a campainha. Demais o correio do Domingo não me deixa nenhuma esperança de ser lido esta tarde; Sofia vos entregará pois isto amanhan de manhan na mesma hora que o faria o carteiro. Posso, pois, sem pezar algum, prolongar esta cordial conversa até a hora do jantar mensal. *

Segundo a narrativa de Sofia, a vossa noite não foi ainda boa, apezar das pilulas. Aceito, com terna confiança, a absolvição especial pela qual prevenis neste particular os meus proprios escrupulos sobre a nossa boa entrevista de hontem. Mas lamento que o reproche de vos haver fatigado recaia assim sobre o vosso segundo irmão, que eu creio todavia, apezar da sua leviandade e do seu vigor, mais solicito a este respeito do que o mais velho, por ser mais afetuozo. Sêde mais inflexivel em todas as vossas senhas, minha carissima amiga, enquanto perzistirem a insonia,

* Jantar que Blainville dava no primeiro Domingo de cada mez, e ao qual o nosso Mestre costumava comparecer. — R. T. M.

a febre e o fastio. Conquanto eu não tenha mais inquietudes, nunca poderia recomendar-vos demaziado grandes precauções contínuas, até que esses tres sintomas fiquem nitidamente dissipados. Apezar das instancias e das importunações quai-quer, não façais nenhum esforço para decer antes. Não conto, pois, ver-vos amanhan á tarde em caza da vossa mãi, ao fazer-lhe a minha vizita hebdomadaria. Quanto ao nosso caro Mercuridia, espero que me permitireis ir, salvo a faculdade, sempre livre entre nós, de abreviar a entrevista como convier á vossa saude. Si mesmo outros motivos vos parecerem interdizer essa vizita, adiarei para Sabado a ventura de vos tornar a ver, rezervando-me a compensação natural de tal esforço.

Em geral, minha Clotilde, a minha afeição vai se purificando cada vez mais, á medida que se dezenvolve; vou aprendendo melhor a gozar sobretudo de vós em vós-mesma e não em mim. Saber que estais, a todos os respeitos, tranquila e feliz, constitûi de mais em mais a minha principal satisfação: a ventura mesma de concorrer para isso vem depois. Como vos dizia hontem, a minha maneira de querer-vos não consiste sómente em ver em vós uma santa espoza futura, mas tambem uma nobre filha atual. Ai de mim! minha terna Clotilde, ignorais ainda a que grau de realidade póde chegar em mim esta ultima imagem. Vós, que mereceis tanto as minhas mais intimas confidencias, sabei, pois, só entre todos os meus amigos, que esses sentimentos naturais não me forão completamente interditos. Desde a idade de vinte anos, tive, ou acreditei ter, de uma mulher que podia ter sido minha mãi, uma filha que ainda choro ás vezes, embora o croup m'a tenha arrebatado no seu nono ano. * Por mais suspeita que devesse parecer-me essa paternidade, eu a tinha moralmente aceitado, e até ao fim cumpri lealmente todos os seus deveres diversos, assás para ficar iniciado, tão cedo, tanto quanto a situação o comportava, nessas tocantes

* O nosso Mestre achava-se então ainda na sua faze de completo cepticismo, agravado nesse momento pelas relações com Saint-Simon. As CARTAS A VALLAT contêm os pormenores desse dolorozo epizodio da tormentoza carreira do Regenerador. Até hoje não conseguimos conhecer exatamente o estado civil da mãi de Luiza, que é dada, nas referidas cartas, como cazada. Desconfiamos, porem que o nosso Mestre estava, naquela epoca, enganado a tal respeito, como o estava em relação á idade dessa infeliz, segundo rezulta do confronto da carta atual com a referida correspondencia. R. T. M.

emoções, que deverão então contribuir muito para prezervar-me da fatal secura demaziado inherente ainda ás preocupações teoricas. Começando no ano ultimo a devotar-vos a minha vida intima, eu vos confrontava involuntariamente com a minha pobre Luiza, que era apenas tres anos mais moça do que vós, e que tambem anunciava tanto, merito como beleza. Vêdes, minha incomparavel Clotilde que não careço de muita imaginação para amar-vos tambem como pai. E' sobre vós que eu concentro dignamente quazi todos os sentimentos que o vosso sexo inspira,querendo-vos ao mesmo tempo como espoza, como irman, e como filha; porque só vós estaveis destinada a fazer-me as vezes das tres ordens de afeições femininas de que me priva uma injusta fatalidade. Teria mesmo dependido da vossa mãi completar tambem essa santa substituição; porque o meu coração disposto por vós ter-lhe-ia espontaneamente conferido essa sorte de maternidade voluntaria cuja honra e doçura ela desdenhou. Deveis agora sentir, minha Clotilde, quanto vos tornastes indispensavel a toda a minha existencia moral. Sem terdes sido tão frustrada como eu das diversas emoções naturais, e embora não possa eu esperar desgraçadamente! inspirar-vos nunca a mais energica de todas, sei todavia que a analogia efetiva das nossas situações vos dispoz agora tambem a ligar um verdadeiro apreço eterno ás nossas intimas simpatias pessoais. Deixemo-lhes pois um livre curso,tanto mais eficaz e mais perduravel quanto mais puro ficar. A minha ultima carta explica-vos assás como o vosso respeitozo acendente já expurgou-me das ultimas exigencias peculiares á nossa personalidade material. Nada póde pois alterar doravante o eterno surto deste angelico amor que, enchendo o coração, tende tambem a fortificar o corpo e elevar o espirito. O que a misticidade teologica relegou confuzamente no céu, a Humanidade conseguirá, de mais em mais, realizar dignamente. Prometi-vos organizar o culto da mulher, e espero ainda viver bastante para iniciar alguns eminentes adeptos em uma instituição cujo esboço pessoal já me é familiar. Si eu ouzasse descrever-vos de que modo começo agora cada dia, a vossa ternura está ainda demaziado pouco ao nivel, ou pelo menos ao tom da minha, para bem apreciar essas secretas efuzões regulares de que talvez arrisque-me todavia dar-vos em outra ocazião alguma idéia. Ah! não ser eu, minha Clotilde, tanto poeta como filozofo! Quanto

a minha ação social ficaria fortificada com isso! Mas essa reunião decisiva de sublimes atributos é certamente impossivel hoje, embora deva ela realizar-se um dia, após uma suficiente instalação das doutrinas fundamentais cujo sereno acendente unanime é préviamente indispensavel ao pleno surto poetico.

Eis-me, cara amiga, docemente arrastado para bem longe do primeiro objeto especial desta carta, destinada a principio a tranquilizar a vossa propria solicitude sobre o meu oferecimento muzical de hontem. Convosco sinto-me disposto livremente a todas as digressões, tanto de espirito como de coração, certo de antemão de que elas serão sempre comprehendidas e apreciadas. Não devo entretanto terminar esta cara conversa sem indicar-vos especialmente quanto concebo e respeito os diversos motivos involuntarios da vossa sensata recuza. Quanto mais a nossa intimidade se dezenvolve e se firma, tanto melhor reconheço osvossos justos direitos á excluziva superintendencia que vos conferi espontaneamente para com as nossas relações quaisquer, cujas conveniencias secundarias todas só vós podeis bem apreciar. Como eu não tinha ainda comprado os bilhetes, será essa uma dupla economia; porque tais concertos não são mais para mim assás novos para determinar-me a buscar neles sózinho uma compensação desta deploravel estação muzical. Alem de que todos os programas são mais ou menos mentirozos, esse não me oferece aliás um interesse decizivo. A propozito de muzica, não devo esquecer a obra-prima prometida para hontem. Essa nova opera, oficialmente bufa, e, no fundo, muito pouco engraçada, não destoará das outras pobrezas ensaiadas nesta triste sessão italiana. Ela parece-me muitissimo inferior mesmo a *Don Pasquale*, a julgar pelo primeiro ato, alem do qual não pude prolongar a minha paciencia, embora M. Lenoir tenha querido perzistir até ao fim, que deve ter tido lugar muito tarde, essa chata obra sendo aliás muito longa. O seu extranho sucesso na Italia confirma a triste observação de todos os verdadeiros conhecedores atuais sobre a decadencia radical do gosto muzical ahi. Quando esse desgraçado paiz houver tambem perdido até essa ultima superioridade especial, o que ficar-lhe-á pois de proprio, salvo as suas imensas lembranças e o seu admiravel clima?

Agradeço-vos profundamente a sincera confiança pessoal

que testemunhastes esta manhan á minha boa Sofia, que ficou muito comovida com isso. Essa mulher, tão realmente distinta, e tão digna de compreender, á sua maneira, a vossa eminente natureza, não se póde impedir de chorar sobre vós falando-me dos vossos infortunios ecepcionais, e eu não receei associar os meus ternos prantos ás lagrimas tão puras da minha nobre criada. A sua engenhoza candura contou-me um dito tocante, que mereceria, pela sua eximia delicadeza, ser imortalizado algum dia pela vossa pena feminina, quando ela vos exprimiu o pezar ingenuo de não ser eu mulher afim de poder estar mais vezes convosco. Não poderiamos certamente dezejar nada de melhor do que tal voto para caraterizar a sua justa convicção da perfeita pureza que distingue a nossa intimidade. Não é sem razão que se considerão muitas vezes as más suspeitas como indicios muito mais decizivos contra quem as fórma do que para com quem as suporta.

Adeus, minha nobre e terna companheira, vós que o nome por demais prodigalizado de amiga não póde qualificar bastante. Preenchestes deliciozamente todo o meu ativo dia de repouzo até o momento de ir para o livre jantar mensal, no qual nada poderá desviar-me da vossa encantadora imagem e da vossa doce voz. Beijo-vos cordialmente, ao mesmo tempo como irmão, como espozo e como pai.

Amor e respeito,

A[te] COMTE.

Aquelas minimas esperanças de herança de que vos falava hontem já se dissipárão. A infeliz acaba de escrever-me que, em virtude das explicações decizivas do seu notario, ela não tem realmente nenhum direito legal; porque o Codigo estabeleceu formalmente que o filho natural reconhecido, embora herdando dos seus pai e mãi, não póde herdar no lugar destes! Eis-me bem depressa quite de toda corvéa neste assunto.

Espero que aceitareis amigavelmente esta amostra que Sofia vos leva da geléia de maçans recentemente feita pelo meu especieiro, que é ordinariamente muito habil nisso. Esse genero de sobremeza parece-me dever convir muito ao vosso regimen atual.

II

Coloco-vos á testa das minhas verdadeiras afeições: sois-me pai e irmão ao mesmo tempo.

(172ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.)

A situação de Clotilde peioráva depois da sahida de Sofia. Ardeu em febre a noite inteira; só pela madrugada experimentou algum alivio. Por outro lado, a sua penuria chegára a deixá-la á mingoa dos objetos indispensaveis para o tratamento do exutorio. Foi nesse estado que veiu achá-la Mme Marie, na manhan de Lunedia, 2 de Março. A sua aflição comoveu profundamente a piedade filial de Clotilde, que se decidiu a vencer as suas escrupulozas rezervas, e falar-lhe com inteira franqueza sobre o seu tratamento.

A emoção da veneranda Senhora ao receber essa terna confidencia foi imensa; e não menor foi a de Clotilde contemplando similhante reação da sua filial ternura. Na mesma manhan recebêra tambem Clotilde uma carta que muito a condoêra. A sua alma achava-se preza dessas agitações piedozas quando Sofia entregou-lhe a carta do nosso Mestre.

As confidencias do Filozofo vierão produzir novos abalos no coração afetuozo da nossa divina Mãi Espiritual. Tudo quanto Ele lhe diz da sua vida e do seu amor a enche de um enternecido assombro. Quem sabe si desde então Ela sentia que já o amava... e só por amor do nosso Mestre... só pelo zelo da gloria dele... perzistia em não confessar-lhe a verdadeira natureza da afeição que Ele já lhe inspirava? Em todo cazo, Clotilde experimentou a necessidade de caraterizar a natureza desse afeto tanto quanto era possivel sem dar novo alento aos votos cuja realização o seu altruismo não consentia. Aproveitando, pois, um momento de lenitivo escreveu-lhe:

Centezima-septuagezima-segunda carta

Lunedia 2 de Março de 1846.

O vosso coração é doce como a vossa geléia de maçans, meu caro amigo; e eu tinha tido muitas vezes comigo mesma o pensamento que Sofia vos exprimiu hontem. Não era, da minha parte, um pensamento interesseiro, bem longe disso: porque bem sei a diferença que carateriza as amizades de mesmos sexos e de sexos diferentes.

Mas teria havido então para ambos paz, esse balsamo tão dificil de encontrar-se! Seja como fôr, coloco-vos á testa das minhas verdadeiras afeições: sois-me pai e irmão ao mesmo tempo. Feliz de quem acha assim um novo parentesco para continuar a vida! A febre se apodera de mim quando toco nesta maldita pena: eu gostaria bem entretanto de conversar enquanto durarem essas tristes férias. Espero livrar-me dela sem recorrer novamente a M. Grandchamp. Estava todavia bastante amedrontada da loucura da minha febre ainda esta noite. Até uma hora, tive tentações de levantar-me e sahir para a rua. Porem o meu acumulo de emolientes vai talvez preparar-me um pouco de repouzo. Minha mãi acaba de estar aqui, ela tinha pedido varias vezes para ver-me: ela tem sempre esse coração que não bateu um só instante para si na vida; eu a respeitaria si me fosse extranha; amo-a; e lamento-a por não ver mais nitidamente. Achei-me em uma singular situação, que determinou a minha confiança inteira para com ela, a respeito do meu tratamento. Cheguei a ter falta dos pequenos objetos necessarios para o meu braço; ela encarregou-se de m'os enviar amanhan bem embrulhados, de m'os trazer. Essa noticia cauzou-lhe tanto prazer que eu tambem o senti depois de lh'a ter dado. Ela sabe muito melhor que os outros que o meu peito requer cuidados, e ela tinha sempre querido levar o seu medico a tratar-me disso.

Recebi esta manhan uma carta da minha prima *das peras de quatillard.* * A definição não me agrada nada, mas creio que só ela póde lembrar-vos a pessoa. E' a mulher com quem estive tão ligada durante os dois anos que se seguirão ás minhas desgraças. Ela póde bem servir-me de ponto de comparação para a diferença de que vos falo no começo da minha carta. A pobre mulher dá-me noticia que a sua filha de quatorze anos está muito doente de uma *bronchite aguda* após um sarampo. Chamárão em conferencia as notabilidades, mas ela tem o ar inquieto: e na verdade o seu egoismo se concentra bem na sua ninhada; por isso eu a lamento do fundo do coração.

Ela acha desses acentos que vibrão na desgraça, onde se tem tanta precizão de ser amado. Não seria a mim que a felicidade tornaria nunca descuidada para com os meus verdadeiros amigos.

* *Catillor* ou *Catillard*, pera de inverno que se come cozida —R. T. M.

Porem, de bom ou mau grado, é força deixar-vos, meu caro e terno bemfeitor. Quizera terminar a minha carta por alguma coiza de mais amavel do que aquilo que vou dizer-vos; mas a razão está aqui verdadeiramente em jogo. Si viesseis Mercuridia e Sabado, depois de todas as ordens que dei e dou em baixo quanto á minha familia, ninguem o comprehenderia. Respeitemos, pois, os direitos naturais, e gozemos o mais que pudermos dos do apego. Eu vos beijo já com bastante agitação: estou como Tantalo no meio das minhas penas e dos meus livros. Mas a experiencia é o nosso verdadeiro avoengo: nada temos que não venha dela; infelizmente, a herança chega demaziado tarde. Deplorei o malogro daquela de que me falastes: os maus carecem muitas vezes mais de piedade do que os bons.

Adeus, beijo-vos ternamente. Respeitai as pernas da ecelente assistente; eu seria bem feliz si lhe provasse um dia o meu interesse e a minha estima.

Vossa de coração, caro amigo,

CLOTILDE.

A saude de Clotilde continuou a agravar-se. A noite foi porventura peior do que as anteriores. Sofia encontrou-a na manhan de Martedia mais abatida, e, quando retirou-se, deixou-a na esperança de que o Dr. Grandchamp a iria ver, e traria algum alivio aos seus padecimentos. Esteve de fato á espera dele até tarde; mas o medico não veiu. E essa falta foi interpretada por Clotilde como um sinal de que o Dr. Grandchamp considerava o seu estado dezesperador.

III

> Durante a maior parte do meu izolamento, a minha constancia foi em seguida sustentada pela admiravel conversão de um energico revolucionario, digno amigo do grande Carnot.
>
> (Augusto Comte — *Prefacio da Politica.*)

Enquanto esses amargos pensamentos ião consumindo Clotilde, Augusto Comte experimentava as melancolicas emoções provocadas pelas noticias e pela carta que Sofia lhe trouxera. O nosso Mestre quiz responder na mesma ocazião; mas foi impedido pela vizita de Charles Bonnin.

Charles Bonnin, que habitava Bourg-la-Reine, vinha a Paris receber as rendas de uma pequena pensão. Era nesse dia que o nosso Mestre dava os seus jantares mensais. Os convivas habituais erão Bonnin, Lenoir, Thales Bernard, e mais tarde Laffitte. Augusto Comte, que pouco falava, era alhi de uma perfeita simplicidade. *

Daremos aqui as informações que possuimos sobre essas relações do nosso Mestre.

Em carta de 10 de Janeiro de 1845, dirigida a Stuart Mill, referindo-se ás pessoas favoraveis ao projeto que tivera Littré de fundar uma *Revista Pozitiva*, o nosso Mestre dizia de Charles Bonnin:

« ... Um ancião dos meus amigos intimos, especie de convencional amador, que me serve de tipo eminente da escola puramente revolucionaria, dá a essa convergencia notavel ainda mais pezo;... (CARTAS A STUART MILL, p. 306.)

Na POLITICA POZITIVA, o nosso Mestre dizia:

« ... Todavia, durante a maior parte do meu izolamento, a minha constancia foi em seguida sustentada pela admiravel conversão de um energico revolucionario, digno amigo do grande Carnot. Charles Bonnin, que poderia ter sido meu pai, honrou-se, durante a sua nobre velhice, de tornar-se o meu primeiro dicipulo, desdenhando demaziado os seus proprios escritos. » (POLITICA POZITIVA, I, *Prefacio*, ps. 21-22.)

Bonnin tinha uma filha de nome Vitoria, que o nosso Mestre imortalizou no seu culto intimo, e a quem Ele se refere nos seguintes termos, na sua POLITICA:

« ... A desventurada filha do velho amigo acima lembrado testemunhava-me ingenuamente, alguns dias antes de expirar, quanto ela sentia tal premio, por esse tocante oraculo, que a associa á minha eterna Padroeira, então morta havia tres anos: *Ela é bem feliz, ei-la certa da imortalidade!* » (POLITICA POZITIVA, IV, ps. 50-51.)

Em carta de 22 de Julho de 1842, dirigida a Stuart Mill, o nosso Mestre fornecia um novo documento da sua bondade, dando as seguintes informações sobre Thales Bernard:

« Terminando esta carta, que eu prolongo com prazer, como uma sorte de feliz compensação antecipada das fadigas que vão começar amanhan, devo pedir-vos com

* *Revista Ocidental*, 1ª serie, tomo XVII, ano de 1886, ps. 204-205

franqueza, a titulo de serviço pessoal, a vossa solicitude especial para um moço por quem muito me interesso e cuja pozição é agora medonha. E' ele filho natural de um desses pretensos republicanos, como talvez tenhais encontrado que, no fundo, nacêrão para lacaios. Depois de haver perorado aqui muito, sob a Restauração, nas nossas vans agitações carbonaricas, esse personagem acabou por ir vergonhozamente aristocratizar-se na Russia, digno refugio de todos os que entre nós são, como ele, ao mesmo tempo superficiais e chatos. Cazando-se ahi, acabou ele, no fim de alguns anos, por abandonar totalmente a desgraçada mãi desse moço, assim carregada, apezar de simples operaria, de um filho de vinte anos e uma filha de vinte e dois, aos quais o mizeravel pai tinha sempre inspirado a esperança de uma vida dispensada de trabalho, e ornada sómente de uma brilhante e superficial educação literaria, profundamente discordante com a pozição real deles, que se faz agora sentir em todo o seu pezo, e que póde conduzí-los em breve a uma triplice catastrofe si não lhes vierem prontamente em socorro. O moço, embora leviano, mas espirituozo como um verdadeiro literato, acha-se animado de boa vontade de trabalhar de qualquer maneira, lamentando não poder assim ser operario, para tirar a sua mãi sobretudo dessa medonha situação. Essa mãi é tão estimavel pela sua energia e a sua elevação morais como pela sua inteligencia espontanea: é filha de um republicano, tão puro como vigorozo, que foi vitima quazi voluntaria da reação thermidoriana.

Apezar da sua admiravel constancia no trabalho mais penozo, é facil de comprehender, pela insuficiencia dos nossos salarios, que ela não poderá por muito tempo sustentar assim dois filhos que, em virtude da sua educação, para nada servirão até agora, apezar do melhor dezejo de aliviarem-na. O moço, para o qual solicito a vossa cordial intervenção, acha-se munido, alem da sua forte instrução classica, de um bom conhecimento espontaneo das nossas linguas ocidentais, ingleza, italiana, espanhola e mesmo aleman; passou, demais, alguns anos em uma caza de banco e de comercio que não foi bem sucedida, mas onde ele aprendeu a contabilidade comercial; ele não sabe de matematica sinão os elementos mais ordinarios. Eu não ouzaria pedir-vos de colocá-lo, a titulo de expedicionario ou de outro modo, no escritorio da Companhia das Indias.

onde deve-se naturalmente fazer questão entre vós de só empregar nacionais. Mas, si vos fosse possivel arranjar-lhe um pequeno emprego na India, ele estaria longe de recuzá-lo, e sentir-se-ia mesmo inclinado a afastar-se, contanto que ganhasse o bastante para aliviar imediatamente a sua mãi e ajudá-la mesmo proximamente.

« Esse moço está aliás nesse perigozo estado de republicanismo vago, mais afetivo do que intelectual, que me faz dezejar que o afastem, no seu proprio interesse, de um meio tão agitado como o nosso, no qual os seus defeitos naturais não podem sinão peiorar, ao passo que as suas qualidades reais se dezenvolverião muito melhor em um novo teatro exterior, em que, toda a divagação se lhe tornando impossivel, ele será forçado a especializar convenientemente os seus esforços. Si, em consequencia do meu pedido, tiverdes ocazião de vê-lo ulteriormente, estou persuadido que o achareis inteligente e leal, ativo embora um pouco gabólas, e muito disposto a trabalhar honoravelmente com verdadeira eficacia. » (CARTAS A STUART MILL, ps. 64-66.) *

Completaremos esses dados com as seguintes informações extrahidas da *Revista Ocidental*:

« ... M. Lenoir, diz o Sr. Laffitte, amigo intimo do famozo Ampère e de Ballanche, tinha sido sob a Restauração um dos membros ativos do Ateneu, onde Augusto Comte tinha exposto a Filozofia Pozitiva; foi provavelmente ahi que as relações se travárão. M. Lenoir tinha toda a graça polida e amavel de um homem do XVIII seculo, mas tambem com demaziada moleza na decizão e nas opiniões. M. Bonnin oferecia um contraste absoluto com ele; ele viera a Comte pelas preocupações politicas e sociais; amigo do grande Carnot, partilhára de todas as terriveis emoções da Revolução, e tinha conservado o ardor e a energia um pouco bravia dela. Lembrar-me-ei sempre com que sorte de furor concentrado ele falava dos Girondinos; podia-se julgar por ele do que forão as paixões vigorozas que permitírão á Convenção o grande esforço que salvou a França. Augusto Comte, com a sua amavel benevolencia, acalmava algumas vezes a volta violenta de M. Bonnin aos ardores revolucionarios, notadamente quando este deplorava que não se tivesse arrazado as Tuilherias.

* A *Revista Ocidental*, 2ª serie, tomo XV, Setembro de 1897, publicou a correspondencia entre o nosso Mestre e Thales Bernard. R. T. M.

Quanto a M. Thales Bernard, que era moço como eu, sem ser pozitivista, aceitava as principais vistas da nova doutrina que ele combinava com as da filozofia aleman, segundo um sincretismo muito frequente então. De resto ele era cheio de espirito, de erudição, e de amabilidade, com um gosto e um conhecimento extenso da arte. » *

IV

> A medicina aprezenta um vicio logico capital, pois que está sempre reduzida a proceder por meios gerais em cazos especiais.
>
> (Augusto Comte — *Ultimo ensino no seu leito de morte.*)

Apezar das aprehensões que a saude de Clotilde inspirava ao nosso Mestre, Ele não acreditava que a vida da nobre e piedoza Senhora estivesse em perigo. Na sua opinião, os acidentes de que Ela era vitima constituião apenas o cortejo de uma medicação salutar embora mais violenta do que convinha. A confiança na sinceridade do diagnostico que o Dr. Grandchamp lhe comunicára contribuia capitalmente para simillhante apreciação. Por isso, conquanto inquieto pelos padecimentos de Clotilde, não deixava o nosso Mestre de ter plena segurança no breve restabelecimento da sua imaculada Inspiradora.

Porem, sem alarmar Augusto Comte, o estado de Clotilde inquietou-o todavia bastante para determinar o reaparecimento das insonias e convulsões que desde o começo do ano se havião dissipado. Convem no entanto observar que, para esse rezultado, contribuiu não pouco a melancolica perspectiva que a carta de Clotilde oferecia ao seu amor. Porque confessando ao nosso Mestre a coincidencia do ingenuo pezar que Sofia manifestára com o que Ela mesma experimentava a respeito dele, Clotilde realçava, sem querer, as lacunas que o nosso Mestre deplorava na afeição que Ela lhe votava. E simillhante lembrança impregnava de uma amargura infinda a doce emoção que lhe cauzavão os afetos de filha e irman que Ela lhe oferecia com tão candida lealdade.

Entregue a esses pensamentos aguardou com melancolica anciedade a manhan de Mercuridia para obter noticias de Clotilde. Mas, enquanto esperava pela volta de

* *Revista Ocidental*, 1ª serie, tomo XVII, ano de 1886, ps. 294-295.

Sofia, rezolveu dedicar á sagrada correspondencia o tempo votado á angelica vizita de que se via privado.

O dezapontamento pela auzencia do Dr. Grandchamp contribuiu porventura para agravar ainda o aflitivo estado em que Clotilde passou o Martedia. A noite foi ainda de muito sofrimento segundo se deprehende do conjunto da Correspondencia Sagrada. Na manhan de Mercuridia os sintomas de uma hemorragia intestinal vierão aumentar as suas inquietudes. Este incidente não abateu, porem, a nobre alma de Clotilde, que tomou por si mesma as precauções que o cazo requeria.

Graças a essa tocante energia, Sofia a encontrou mais aliviada, embora fosse grande a sua debilidade. A presença da terna Proletaria foi um novo conforto para Clotilde. E quando Ela voltou, o nosso Mestre concluiu a carta que estivera escrevendo na sua auzencia.

Centezima-septuagezima-terceira carta

Mercuridia de manhan 4 de Março de 1846 (11 h.)

Encarreguei Sofia de exprimir-vos hoje, cara amiga, quanto lamentei hontem não ter podido responder a boa carta que ela me tinha trazido de manhan. Era o dia da vizita mensal de M. Bonnin, que chegou bastante cedo de modo a tirar-me toda disponibilidade. Em virtude dessa demora involuntaria, seria natural, sem duvida, adiar ainda a minha resposta atual até a volta de Sofia. Mas, essa imperfeita conversa oferecendo-me o unico meio de adoçar a minha cordial impaciencia, decido-me a escrever-vos antes, salvo o não fechar a minha carta sinão depois. A vossa molestia renovou um pouco os meus sintomas nervozos de sono insuficiente e de dispozição convulsiva, que se tinhão dissipado havia dois mezes, como vos expliquei. Sinto todavia que essa nova perturbação é de natureza muito outra, e cessará com a vossa crize atual: não vos precupeis pois nada com ela, a menos que isso apresse a vossa cura.

Na sua vizita de hontem, M. Grandchamp deve ter tomado medidas decizivas para reparar o mal que vos fez. Porque ele deve agora sentir que a sua medicação demaziado intensa ou demaziado brusca foi só o que determinou essa ligeira inflamação intestinal, que foi felizmente reconhecida e tratada a tempo, graças á vossa extrema sensibilidade que assinalou tal dezordem antes que ela pudesse

se ter tornado verdadeiramente perigoza. Nós respeitamo-
vós e eu, demaziado cegamente desta vez a sabiduria do-
toral, e eu exprobro-me sobretudo não haver assás tem-
esse acumulo exagerado de revulsões poderozas, que en-
tretanto parecia-me convir pouco a um organismo tã
delicado. Embora a experiencia, como o dizeis tão be-
frutifique sempre demaziado tarde, espero aproveitar des-
rude lição para não ser mais tão docil ás prescrições m-
dicas que me parecerem viciozas, pelo menos em relaçã
a vós.

Todavia o erro do nosso doutor não consiste aqui sin-
em uma insuficiente apreciação da delicadeza excepcion-
peculiar á vossa constituição. Porque o seu principio d
tratamento bronchico pela revulsão, primeiro para a p-
e depois para o intestino, é aliás muito são em si mesm-
Quando ficardes quite desta crize artificial, não tenho du-
vida que a vossa molestia principal achar-se-á muito le-
com essa comoção accessoria, que terá violentament-
dezafogado o vosso peito. Eu vi um rezultado dessa ord-
determinado outrora por uma erupção natural que v-
eitei: é sempre o mesmo principio medico, salvo o us-
e a fonte da revulsão.

Mas, para assegurar essa feliz compensação, importar-
muito que prolongueis as vossas diversas precauções d-
regimen muito alem da crize que vos decide a tomá-la
agora. Porque, ao sahir de tais comoções, o organis-
fica por muito tempo mais sucetivel de inflamação n-
suas partes especialmente irritaveis, sobretudo quan-
existe aliás alguma inflamação cronica, então particula-
mente predisposta á agudeza. O cazo de bronchite aguda
de que me falais, como sobrevindo após o sarampo, deve
pôr-vos sobretudo em guarda contra toda imprudencia
que, depois dessa crize intestinal, poderia expôr os vos-
pulmões, quer pelo resfriamento ou humidade devidos a
uma sahida prematura, quer por uma demaziado pronta
retomada do trabalho intelectual, etc. Quanto ao regimen
alimenticio, o nosso doutor ter-vos-á feito sentir hontem
a necessidade atual de comer muitissimo pouco, sobretudo
á tarde, e nunca sem fome. Essa prescrição é por tal fórma
indicada pela situação que, si ele não a houver formulado
a principio, será sem duvida por supô-la subentendida
segundo um costume demaziado ordinario da maioria dos
medicos. Não temais, Clotilde, enfraquecer-vos por uma

insuficiencia de alimento, em virtude de um preconceito muito acreditado na vossa familia: não fazendo agora quazi nenhum consumo de forças, tendes pouca necessidade de reparação; ao passo que a menor sobrecarga de alimentos póde atualmente prejudicar-vos muito. Quando mesmo devesse assim sobrevir um pouco de emagrecimento e palidez, não vos amedronteis. Esse sintoma momentaneo dissipar-se-ia logo com a perturbação que exige essas severas precauções. Excuzareis, espero eu, minha carissima amiga, a minha insistencia especial sobre todas essas indicações. Alem da minha terna solicitude constante pela vossa precioza saude, devo aqui fazer muito empenho em reparar o ecesso de confiança que me impediu de pôr-vos em guarda contra um perigozo exagero medico. Deixai-me, pois, minha Clotilde, vigiar doravante com mais atenção e clarividencia o conjunto de um tratamento que me concerne tão de perto.

Deveis lamentar pouco a vossa engraçada definição da prima, pois que eu ignoro o seu nome, e essa dezignação lembrou-me logo a pessoa. Ela forneceu-vos uma nova ocazião de manifestardes involuntariamente a ecelencia espontanea do vosso nobre coração, junto do qual o tom da desgraça apaga depressa a lembrança do egoismo prospero. Eu mesmo experimentei Domingo uma impressão analoga, a propozito do dezapontamento de herança que vos contei. Apezar das minhas imensas queixas, o meu primeiro impulso era escrever uma linha de condolencia por esse revez imprevisto, tanto ele enternecia momentaneamente aquele coração viciozo. Todavia, felicito-me agora por ter contido esse perigozo movimento, que teria parecido derogar a minha prudente pratica de evitar, para com essa desgraçada, toda comunicação que não é estritamente necessaria.

Terminando esta carta quazi medica, não devo dar-vos lugar, por um silencio irrefletido, de temer que levei a mal a vossa recuza de receber-me hoje. Crêde, minha terna amiga, que eu comprehendo e respeito os motivos naturais que vos impedem, mau grado os vossos proprios dezejos, de conceder-me agora uma faculdade de que o vosso regimen vos obrigaria a privar a vossa familia. Embora eu não tema a concurrencia de ninguem quando se trata de querer-vos, sinto todavia que não podeis ainda testemunhar tão abertamente a importancia que ligais aos

meus cuidados afetuozos. Sabeis aliás que a minha carta de Domingo previa expressamente essa doloroza necessidade. Espero contudo que me permitireis ir Sabado, si vosso estado pessoal não o interdisser. Si bem que poupando, tanto quanto conven, sucetibilidades respeitaveis embora egoistas, sei que não estais, em geral, disposta a subordinar-lhes cegamente a vossa conduta.

Pois que a vossa mãi acolheu tão bem a vossa intima confidencia medica, felicito-vos agora por haver-lhe enfim desvendado aquilo que não tinheis querido a principio confiar sinão a mim. Porque, no fundo, ela vos ama tambem, tanto quanto o permitem as suas injustas ilusões e os seus extranhos ciumes. Mas a necessidade que ocazionou essa confidencia era facilmente evitavel, encarregando-me da pequena encomenda, que Sofia ter-vos-ia entregado sem saber o que era.

Não me sobra tempo, nem talvez coragem, para voltar hoje sobre o ingenuo pensamento de Sofia, ao qual a vossa adoção inesperada imprime uma importancia de bem outra ordem, e mesmo um novo carater, cuja doçura fundamental não está izenta de uma involuntaria amargura. A propozito de Sofia, eu li para ela esta manhan a amavel passagem que a concerne no final da vossa ecelente carta: é a mais digna recompensa de tão puro devotamento.

Adeus, minha bem-amada; espero que essa inapreciavel auxiliar vai trazer-me melhores noticias de uma saude cuja alteração atual perturba o meu proprio repouzo e suspende os meus caros trabalhos. Aguardando a nossa boa entrevista de Sabado, si ela fôr possivel, recebei com ternura as santas caricias do meu respeitozo amor.

Ate COMTE.

P. S. As informações de Sofia acabão, com efeito, de tranquilizar-me um pouco. Não vos alarmeis por não ter visto hontem M. Grandchamp: ele procede assim nas molestias que julga pouco graves. Espero entretanto que ele irá hoje, e em uma hora conveniente. Mas não o espereis mais tão tarde, e aplicai-lhe sem escrupulo a senha geral, como eu tive de fazê-lo algumas vezes. A evacuação sanguinea desta manhan não deve de modo algum inquietar-vos: ela é pelo contrario, de muitissimo bom agouro. Ela exige, todavia, um severo redobramento de precauções continuas na vossa dieta fizica e moral.

V

A admiravel combinação de ternura e nobreza que carateriza a vossa alma não tinha nunca sobresahido tão bem, e eu sinto-me assim disposto a adorar-vos ainda mais.

(*175ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.*)

Parece que Sofia foi levar esta carta na mesma tarde. Clotilde continuava a melhorar. Mas o Dr. Grandchamp não apareceu ainda nesse dia. Na manhan de Jovedia 5 de Março, Clotilde sentiu-se bastante bem disposta, e dirigiu-lhe uma carta na qual lhe recordava o cumprimento dos seus deveres profissionais. Na mesma ocazião escreveu ao nosso Mestre:

Centezima-septuegezima-quarta carta

Jovedia de manhan 5 de Março de 1846.

Na verdade me amais bem, meu terno amigo. Vós me prestais serviços que nunca esquecerei na minha vida, durasse ela embora cem anos. Devo esperá-lo, apezar da crize prezente: tambem por isso peço-vos encarecidamente que não vos estejais fazendo mal algum a propozito do meu. Tendes noticias minhas mais do que ninguem: sabeis que eu sou um pote rachado, que as mais tenues crizes comovem; esta, conquanto assás viva, póde ter alguns bons efeitos. Não perturbeis pois nem o vosso repouzo nem a vossa saude por cauza de tal.

Em todo cazo, não deixo de ficar por isso o juiz um pouco irritado de M. Gr. O seu cambapé atual deu-me a sua medida moral, e eu escrevi-lhe em consequencia esta manhan. Obrigo-o a seguir o meu estado até o dezenlace (tanto quanto se póde obrigar tal homem): do que ele póde estar certo, é que não tem as minhas simpatias.

Si o virdes, caro amigo, não lhe deis mostras de saber nada disso. Os descontentamentos sérios devem se fazer sentir diretamente.

Estou bem fraca; segui o vosso conselho e o do meu estomago hontem, e não comi sinão as minhas seis ostras, com um pouco de geléa de maçan. Tenho ainda seis ostras para esta manhan e uma açorda: é o meu bom momento, e as ostras fazem-me apetite. Talvez o caldo de carne branca me seja salutar. Sofia teve a bondade de munir-me dele hoje: veremos. Os clisteres de malvaisco fazem-me deitar de cada vez muito sangue e catarro: foi

talvez esse montão de coizas que fez todo o mal. Pode-que, uma vez dezembaraçada de tudo isso, fique eu q... da febre e a fome volte. Felizmente governei-me ... bem, embora tateando.

Adeus, meu caro amigo; espero que poderei ver-... Sabado, e que estarei um pouco em melhor camin... Eu hipotecaria bem a gloria que me prometeis ás vez... para comprar uma noite de sono. Beijo-vos como vos a... de todo o meu coração.

CLOTILDE.

Cremos que esta carta foi trazida por Sofia qua... voltou de manhan, e a resposta do nosso Mestre le... pensar que Sofia foi duas vezes nesse dia á rua Payenne. Tanto a carta como as noticias parecêrão tão tranquili-doras que o nosso Mestre rezolveu ir á noite aos *Italianos*. Foi nessas animadoras dispozições que Ele respondeu ... mesma tarde:

Centezima-septuagezima-quinta carta

Jovedia á tarde 5 de Março de 184...

A vossa afetuoza carta desta manhan e as novas info-mações de Sofia reanimão a minha seguridade. Só tenh... cara amiga, que vos cumprimentar pelo criterio e a firm... com que governastes quazi sózinha esta crize inesperad... retificando, mediante um unico avizo cordial, os peque... erros de regimen sistematico que pudérão a princip... agravá-la. A negligencia do doutor merece bem a rep... menda que acabais de enviar-lhe, e que me dispensa, com... o dezejais, de exprobrar-lhe nada quando eu fôr fazê-lo co... versar sobre o vosso estado prezente. Porem, por ma... censuravel que seja moralmente tal conduta, perzisto ... ver nela um indicio espontaneo da sua plena confiança ... uma crize que ele prevíra, e mesmo provocára, sem pr... sentir-lhe a verdadeira intensidade, por não conhecer b... a vossa sucetibilidade ecepcional. Conquanto o materia-lismo medico haja exercido sobre ele as suas devastações ordinarias, ele não é, nem por natureza, nem mesmo p... habito, assás endurecido para descurar assim os ... deveres em uma molestia que julgasse verdadeiramente perigoza.

Desde que Sofia começou a estar fóra de perigo, fui obrigado a ir eu mesmo chamá-lo uma ou duas vezes para

tranquilizar essa pobre mulher, que se cria abandonada por não haver mais esperança de salvá-la. A imperfeição das teorias habituais, que não abração sinão os mais grosseiros fenomenos, leva todos os nossos clinicos a desprezarem irracionalmente essas graves inquietudes doentias, a menos que uma melhor tendencia não rezulte, em alguns, de uma bondade natural rarissima entre eles, e quazi incompativel com a atividade que lhes é atualmente peculiar. Conto saber amanhan que a vossa justa reprimenda determinou hoje uma vizita séria e oportuna.

M. Grandchamp deverá ter nela prestado atenção sobretudo ás vossas evacuações sanguineas, que me parecem constituir um sintoma muito favoravel, porem digno de madura apreciação, como caraterizando a plena eficacia da crize revulsiva. Contanto que o vosso severo regimen alimenticio não se desminta nunca, sei que não ha em tal nenhum perigo direto; ao passo que esse meio desviado tenderá em breve a dissipar radicalmente toda congestão anterior. O silencio mesmo que guardais acerca dos vossos habitos pulmonares faz-me prezumir que essa melhora deciziva, objeto principal de tão rude medicação, começa já a realizar-se.

Todo esse conjunto de noticias, reflexões, e esperanças, reagiu felizmente sobre a perturbação nervoza em que eu não havia recahido recentemente sinão em consequencia das minhas justas preocupações em relação a vós. Para tranquilizar-vos a tal respeito, limito-me a dizer-vos que me sinto muito disposto a saborear esta noite os ternos cantos da *Sonambula*, sempre tão bem adequados ao meu coração. Essa suave antigualha far me á facilmente esquecer a chata novidade do Sabado ultimo, que estou muito disposto a não suportar mais.

Alem das diversas considerações especiais que tendem diretamente a tranquilizar-me hoje, noto sobretudo a amavel serenidade e a doce rezignação que caraterizão o conjunto da vossa carta. Conheço, aliás, demaziado a vossa rara candura para receiar que essas impressões rezultem de um terno esforço destinado a aquietar-me. Essas crizes fizicas são, em geral, muito apropriadas para manifestar sem equivoco a verdadeira natureza moral, tornando ao mesmo tempo mais dificeis e menos importantes os diversos disfarces ordinarios. Ha muitissimo poucas pessoas que não percão nada nessa provação deci-

ziva. Vós, minha bem-amada, vós só podeis ganhar mui- e muito com ela. A admiravel combinação de ternura nobreza que carateriza a vossa alma nunca havia sobre- sahido tão bem, e eu sinto-me assim disposto a adorar-vos ainda mais.

Quanto me é doce a vossa cordial gratidão, embora demaziado pouco merecida até aqui! Na minha vida diaria, eu tinha reconhecido muitas vezes que o menor sacrificio voluntario proporciona espontaneamente amplas vantagens habituais. O lindo adagio de Franklin repousa sem duvida sobre essa reação natural. Mas, só vós, minha Clotilde, me fizestes dignamente apreciar os felizes resul- tados que comportão finalmente atos que parecem já assás recompensados pela intima satisfação de os praticar. E' sobretudo nas relações de coração que se realiza a pro- priedade essencial de toda troca leal, em que cada um deve adquirir mais do que dá.

Achar-me-ia assim conduzido a voltar de novo especial- mente sobre as preciozas efuzões sucitadas Lunedia em vossa ternura pela suave ingenuidade escapada á nossa Sofia. Porem, apezar de já haver eu hontem rezervado para depois esse encantador assunto, que ficará sempre oportuno, permiti-me de adiá-lo ainda hoje, porque sinto que ele prolongaria demaziado essa cordial conversa, que os testemunhos ordinarios da minha casta adoração ter- minão aqui.

AUG. COMTE.

Embora a minha carta acabe bem pouco depois das cinco horas, o correio não poderia entretanto vo-la entre- gar esta tarde. Confiá-la-ei, pois, amanhan a Sofia, que trar-me-á, sem duvida, a feliz autorização de ver-vos Sa- bado, si, como o espero, a vossa melhora sustentar-se. A mudança de tempo sobrevinda hontem vos é, creio eu, muito favoravel, dissipando uma sêca demaziado irritante, sem todavia acarretar um incomodo resfriamento.

VI

Or tristi augurii, e sogni, e pensier negri
Mi danno assalto, e piaccia a dio ch'in van !

(PETRARCA.)

As melhoras de Clotilde continuárão Venerdia e Sabado. De sorte que, nesse dia, 7 de Março, o nosso Mestre pôde

vizitá-la. Desde 28 de Fevereiro que não tinha a ventura de vê-la. Esta vizita constituiu uma das *Imagens ormais* do culto intimo do terno Pensador, que a assinalou muito especialmente na sua *Oração do meio do ia.* As palavras que a ela são ahi consagradas permitem nos mesmo conceber, até certo ponto, as melancolicas moções que assaltavão a ambos nessa comovente ocazião:

Oh amanza del solo amore, o diva,
Non é l'affezion mia tanto profonda
Che basti a render voi grazia per grazia.

Donna, sei tanto grande, e tanto vali,
Che qual vuol grazia ed a te non ricorre,
Sua disianza vuol volar senz'ali.
La tua benignità non pur soccorre
A chi dimanda, ma molte fiate
Liberamente al dimandar precorre.
In te misericordia, in te pietate,
In te magnificenza, in te s'aduna
Quantunque in creatura è di bontate.
(DANTE.)

Qual paura ho quando mi torna a mente
Quel giorno ch'i lasciai grave e pensosa
Madonna e'l mio cor seco! E non è cosa
Che sì volentier pensi e si sovente.
I'la riveggio starsi umilemente
Tra belle donne, a guisa d'una rosa
Tra minor fior; nè lieta, nè dogliosa,
Come chi teme, ed altro mal non sente.
Deposta avea l'usata leggiadria,
Le perle e le ghirlande e i panni allegri,
E'l riso e'l canto e'l parlar dolce umano,
Così in dubbio lasciai la vita mia:
Or tristi augurii, e sogni, e pensier negri
Mi danno assalto, e piaccia a dio ch'in vano!
(PETRARCA.)

A extrema emoção do nosso Mestre não podia ter escapado á nobre ternura de Clotilde. Preocupada incessantemente com as reações que podião ter sobre o cavalheiresco Filozofo as manifestações do seu afeto, quanto lhe devia

ter custado dominar os impulsos do seu piedozo coração!...

Entretanto, apezar dos vagos presentimentos que o assaltavão, Augusto Comte despediu-se possuido de uma santa esperança pelo estado auspiciozo em que encontrára a martirizada Senhora. Nessa noite, cantava-se a *Norma* nos Italianos, e é de prezumir que Ele tivesse ido buscar ali um inefavel alimento aos sublimes sentimentos que Clotilde lhe inspirava.

VII

O vosso apego torna-me bem venturoza, e muitas vezes, bem pensativa.

(177ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.)

Graças a esse conjunto de redentoras impressões, o altruismo do nosso Mestre vai adquirindo uma energia cada cada vez mais sorprehendente. E essa continua acensão moral reage sobre as suas mais trancendentes concepções, conforme o patenteia a carta do Domingo consecutivo a essa divina entrevista.

Centezima-septuagezima-sexta carta

Domingo de manhan 8 de Março de 1846 (11 h.)

A diminuição atual das minhas inquietudes, em virtude da minha vizita de hontem, convida-me hoje a esforçar-me por distrahir um momento os vossos sofrimentos voltando outra vez convenientemente sobre o doce assunto que as minhas justas preocupações da vossa cara saude me fizerão já adiar duas vezes desde a inapreciavel efuzão que vos ocazionou Lunedia o voto ingenuo de Sofia. Espero, minha bem-amada, que esse silencio provizorio não vos dissimulou nada o meu profundo reconhecimento por essa terna manifestação.

Em verdade, essa maneira de caraterizar os sentimentos que eu tenho a ventura de inspirar-vos é tambem de natureza a assinalar, com afetuoza lealdade, as suas graves lacunas involuntarias. A vossa admiravel penetração feminina deverá ter sentido a influencia espontanea dessa ultima indicação sobre o adiamento efetivo das minhas explicações neste assunto, do qual eu teria a principio receiado não poder assim afastar toda amargura indireta. Já afiz-me, porem, agora, a este respeito, com a inevitavel

parte da triste fatalidade que nos domina, e sinto-me capaz de testemunhar-vos um justo reconhecimento sem meselar-lhe nenhuma expressão de pezar.

Vós vos dignais pois, minha Clotilde, doravante ver em mim um irmão e um pai ao mesmo tempo! E' isso certamente tudo o que eu podia esperar hoje, e muitissimo mais do que as minhas ações o merecêrão ainda. Só me resta tornar-me verdadeiramente digno desse duplo titulo, ao qual espero adquirir afinal direitos inalteraveis. Por ahi autorizais-me duplamente a devotar-vos a minha vida, segundo uma afeição verdadeiramente reciproca. A santa austeridade de um desses laços e a doce igualdade do outro temperão-se felizmente, de maneira a constituir a mais perfeita intimidade, salvo aquela que nada substitûi, e que só equivale, nas grandes almas, a todas as ternuras reunidas. Mesmo sob este ultimo aspeto, embora o vosso coração não possa ainda, nem talvez desgraçadamente! nunca, corresponder plenamente ao meu, a vossa afetuoza pureza não me interdiz que vos testemunhe lealmente a energia total da minha santa paixão. Assim seguro de sempre achar em vós uma amavel irman e uma terna filha, autorizado aliás a querer-vos tambem como casto espozo devotado, eis-me doravante provido de um incomparavel tezouro de afeições, de que eu longo tempo acreditei que a minha triste existencia moral seria para sempre privada. Podia eu siquer, ha um ano, esperar tal aquizição? Perante essa ventura inesperada, compete-me acazo deplorar uma imperfeita reciprocidade? Eis-nos, pois, minha nobre e terna Clotilde, irrevogavelmente ligados por uma santa afeição, que, eu o sinto, consolidar-se-á de mais em mais por uma constante pureza, que só vós me fizestes conhecer e apreciar! Esse poderozo apoio mutuo permitir-nos-á lutar dignamente contra todas as dificuldades exteriores, quando os alarmas relativos á vossa saude estiverem plenamente dissipados. Uma triste experiencia ensinou-me recentemente quão pouco devo eu contar realmente com a maioria dos meus pretensos amigos: mas, por uma inestimavel compensação, adquiri então uma amiga sincera e devotada, que, por si-mesma erige-se me em filha e irman. Porque pois queixar-me da minha sorte?

A essa terna explicação pessoal, a encantadora passagem a que estou respondendo tão tarde ligava uma feliz apreciação geral sobre as condições sexuais da verdadeira

amizade. Sabeis de antemão quanto, a este respeito, concordamos completamente, pois que essa consideração fornece uma das bazes essenciais da minha teoria filozofica do cazamento, no secreto opusculo que tive a ventura de consagrar-vos ha dois mezes. A minha propria experiencia ensinou-me aliás demaziado que a amizade entre homens, embora parecendo mais estavel e menos imperfeita, não é, no fundo, muito mais satisfatoria do que entre mulheres, em virtude do mesmo motivo continuo, a inevitavel iminencia de intimas rivalidades. Todavia, para completar esta apreciação da diversidade do sexo como primeira condição indispensavel da perfeita amizade, é precizo juntar-se-lhe, creio eu, a existencia, em um dos dois, de um verdadeiro amor, aprovado, sem ser correspondido, pelo outro. Porque, por um lado, essa amizade não poderia durar entre corações verdadeiramente prezos alhures; e por outro lado, ela seria bem tibia, e mesmo muito precaria, si ambos estivessem sexualmente livres. Apresso-me em entregar esta indicação sumaria á vossa luminoza apreciação, quando a perturbação fizica cessar de interdizer-vos reflexões demaziado gerais e demaziado seguidas. A hora convencionada de enviar-vos Sofia aproxima-se rapidamente, e eu faço empenho em encarregá-la desta carta, cuja continuação poderá aliás ser retomada quazi á vontade, sobre um assunto que está incessantemente na ordem do dia entre nós. Adeus, minha adoravel amiga; recebei dignamente os ternos beijos que vos dirijo por tantos titulos.

A^TE COMTE.

Por um justo respeito das vossas conveniencias de familia, continuarei, tanto quanto fôr precizo, o dolorozo esforço de não vos ver agora sinão Sabado. Mas sabeis quanto estaria aliás disposto a ir tambem todas as vezes que o julgardes oportuno.

Não esqueçais, cara amiga, a vossa fraternal promessa de apoderar-vos da minha boa Sofia por todo o tempo que ela puder tornar-se-vos verdadeiramente util, sem temerdes que o meu estomago, doravante bem restabelecido, se dezarranje momentaneamente nos restaurants.

Espero tambem que não hezitareis em pedir-me filialmente tudo o que vos fôr necessario, sem esperar nenhuma penuria efetiva. Sabeis de antemão que eu vo-lo agradecerei sempre.

Clotilde tinha ficado entregue a um melancolico enleio, pensando nas reações que teria, sobre a vida publica do nosso Mestre, a incomparavel paixão que, sem querer, ateára. As poucas melhoras que parecia experimentar davão um novo alento a esse enternecido sismar. Sofia encontrou-a na manhan de Domingo 8 de Março, evidentemente preocupada. Mas então a sua inquietude era tambem devida ás aprehensões que a sua molestia lhe sugeria.

O Dr. Grandchamp receitára-lhe *conserva de rozas;* e esse medicamento agravára aínda mais a irritação intestinal. Rezolveu por isso suspender o uzo de tal remedio.

Foi nessas condições que a carta do nosso Mestre veio avivar os escrupulos da abnegada afeição de Clotilde. Quando Sofia retirou-se, Ela dirigiu algumas linhas ao cavalheiresco Pensador, expandindo as santas aprehensões que o amor dele lhe sugeria. E quiz a Fatalidade que fosse essa a ultima vez que escrevesse ao seu nobre Adorador... Tais forão mesmo, quiçá, as ultimas palavras sahidas da sua angelica pena!..

Centezima-septuagezima-setima carta

Domingo 8 de Março de 1846.

Meu caro amigo, eis aqui o resto das forças das quais contava dar-vos a melhor parte. A boa Sofia teve as alviçaras delas, e ter-vos-á contado o meu ato de autoridade quanto ás *rozas:* estou me dando muito bem com as ter substituido pela agua de arroz e o marmelo.

Queria, ha muito tempo, falar-vos de vós, e hontem esperava ter forças para tal: mas, é uma coiza assentada, mau grado toda a ternura que me impele para vós, a vossa exaltação obriga-me a voltar á pena.

Caro amigo, o vosso apego torna-me bem venturoza, e por vezes bem pensativa: pergunto-me a mim mesma si algum dia não me pedireis contas dessas distrações violentas atiradas no meio da vossa vida publica; de um laço que devia ser todo doçura, fazeis uma sorte de adstringente apimentado que dissipa o vosso tempo, o vosso pensamento, e que não reage sinão sobre mim... Enganais-vos quando dizeis que a amizade não ama: eu nunca ouzei ser eu-mesma convosco (e não volteis ás coizas vulgares ou grosseiras que supuzestes outrora). Quando

me sirvo da palavra *ouzar*, é que ela convem perfeitamente. Si estivessemos ambos calmos, eu vos provaria que a amizade sabe ser terna e ardente; eis porque patrocino o nosso apego com todos os nomes mais doces e mais santos: é para conduzi-lo a fazer-me lugar ao vosso lado junto do fogo. Tudo isso pede ser dezenvolvido, e eu vos prometo ocupar-me de tal logo que o puder. Tenho vizitas de sabre para dois dias: nem sei mesmo si isso me fará bem. Tenho muitas coizas amigaveis a dizer-vos. E' força cessar por hoje.

Recebei a eterna segurança da minha ternura.

Esta carta ficou sem assinatura. Sofia a trouxe na tarde de Lunedia 9 de Março. Na mesma ocazião, Clotilde encarregou-a de chamar o Dr. Grandchamp.

Augusto Comte respondeu imediatamente.

Centezima-septuagezima-oitava carta

Lunedia á tarde 9 de Março de 1846 (5 h.

Não posso, cara e digna amiga, imediatamente responder á carta profundamente afetuoza, embora um pouco misterioza, que a nossa boa Sofia acaba de trazer-me. Mas, quanto á comissão que lhe destes para o Dr. Grandchamp, devo informar-vos agora mesmo, segundo ela me disse, que o Dr. pensa não poder ir a vossa caza hoje, por ter de operar uma urgente amputação. Não o espereis, pois, esta tarde, de maneira sobretudo a retardar o vosso deitar, conquanto essa vizita, sem ser provavel, permaneça estritamente possivel. O sintoma sobre o qual dezejais falar-lhe não me parece de modo algum inquietante, e aliás um pouco de demora não póde alterar a sua significação medica. Procedestes, creio eu, neste particular, como o cazo exigia, bem assim quanto á conserva de rozas. Adeus, minha Clotilde.

Amor e respeito,

ATE COMTE.

Eu estava ainda Sabado um pouco agitado; mas, hontem e hoje, não tive uma só convulsão.

VIII

Para tornar-me um perfeito filozofo, faltava-me sobretudo uma paixão, a um tempo profunda e pura que me fizesse assás apreciar a parte afetiva da humanidade.

(179ª carta, de Augusto Comte a Clotilde.)

A saude de Clotilde continuou a agravar-se. No dia eguinte 10 de Março, Ela decidiu-se a abandonar o Dr. Grandchamp e a voltar ao Dr. Cherest, a quem nandou chamar. Essas noticias cauzárão uma viva inquietude em nosso Mestre. Póde-se imaginar as angustias em que esperou pelo Mercuridia 11 de Março.

Felizmente as informações que Sofia lhe trouxe nessa manhan forão mais tranquilizadoras. O estado de Clotilde era entretanto ainda bem melindrozo, tanto que Ela decidiu-se a pedir que Sofia fosse passar as noites consigo. Sentia-se, porem, disposta a ler. O nosso Mestre rezolveu, por isso, escrever-lhe nesta tarde: teria assim uma doce compensação, embora imperfeita, da santa vizita mais uma vez malograda.

Centezima-septuagezima-nona carta

Mercuridia á tarde 11 de Março de 1846.

As noticias trazidas esta manhan pela nossa digna Sofia acalmão um pouco as minhas graves inquietudes de hontem. E' sobretudo para mim uma felicidade, minha carissima amiga, saber que a vossa rezignação e a vossa serenidade não se desmentem, porque elas devem facilitar muito e apressar o vosso restabelecimento. Embora eu tenha a principio lamentado a vossa precipitação, aliás tão natural, para com M. Grandchamp, reconheço agora a sabiduria efetiva da vossa nova rezolução. Essa volta a um medico mais habituado com o vosso temperamento, e cujos defeitos mesmo tendem especialmente aprezervar-vos de toda medicação violenta, oferece-nos uteis garantias agora que se acha estabelecida a crize revulsiva que ele tinha outrora solicitado demaziado pouco. As suas prescrições de hontem parecem-me muito racionais: a inteira abstinencia de alimento figurava-se-me, como sabeis, uma condição fundamental, cuja urgencia eu estava sorprehendido que o outro doutor desconhecesse; a poção receitada é aliás assás ligeiramente alimenticia para acalmar as necessidades gastricas no meio da irritação

intestinal. O carater brando e escrupulozo desse joven medico convem melhor aliás á vossa natureza e mesmo ao vosso estado, que exige cuidados mais assiduos do que energicos, principalmente hoje. A sua pozição em relação á vossa familia oferece-vos tambem novas garantias de seguridade, sobretudo em virtude da sua justa autoridade natural para esclarecer os vossos parentes sobre a verdadeira gravidade desta crize, cujo carater soube que os vossos irmãos desconhecião alem de tudo quanto eu teria suposto. De resto, vigiarei cordialmente, sem nenhuma cega submissão, o conjunto do vosso tratamento, seja qual fôr a sua fonte: estou relendo seriamente o meu Broussais, em vossa cara intenção, lamentando ter no começo subordinado demaziado o meu proprio juizo ao de M. Grandchamp.

Pois que, segundo diz Sofia, estais hoje disposta a ler um pouco, creio poder, minha bem-amada, voltar novamente sobre a vossa precioza carta de Domingo, da qual não pude ainda falar-vos dignamente. Todavia, devo limitar-me aos dois pontos unicos que me parecem assás claros já, sem entabolar fóra de propozito uma apreciação que vós-mesma anunciais como exigindo proximos dezenvolmentos, que o vosso estado fizico vos interdiz de apressar demaziado.

Estou primeiro que tudo profundamente comovido com a suave delicadeza que carateriza as vossas ternas inquietações sobre a pretensa perturbação acarretada á minha vida publica pela minha nobre paixão por vós. Porem, bem longe de ter jamais de prestar nenhuma conta injusta dessa involuntaria influencia, ficai segura, minha Clotilde, que ela atrair-vos-á sempre as minhas sinceras bençãos. Tomastes pois até aqui por engenhozos cumprimentos ou amorozas iluzões as minhas frequentes declarações a este respeito? Uma convicção doravante familiar assegura-me entretanto que, para tornar-me um perfeito filozofo, faltava-me sobretudo uma paixão ao mesmo tempo profunda e pura, que me fizesse assás apreciar o lado afetivo da humanidade. A sua consideração explicita, que não tinha devido ser sinão accessoria na minha primeira grande obra, deve, ao contrario, dominar agora a segunda. Esta evolução final era-me ainda mais indispensavel hoje do que o foi, ha oito ou dez anos, o surto decizivo de todos os meus gostos esteticos.

A grande crize nervoza a principio inherente á invazão desse santo amor póde, sem duvida, retardar momentaneamente a execução direta da minha nova operação filozofica. Mas não podeis, caro anjo, sentir como eu quanto a sua concepção geral achou-se assim profundamente melhorada. Si soubesseis que progressos tenho feito ha um ano, no meio dessas perturbações aparentes, para o meu principal alvo filozofico, a sistematização final de toda a existencia humana em torno do seu verdadeiro centro universal: a afeição! Agora que me acho aclimatado nesse novo regimen, a execução vai experimentar em breve, a seu turno, a feliz reação cerebral limitada a principio á concepção. Tenho sobretudo de constatar, contra prevenções muito enraizadas, que o verdadeiro pozitivismo ultrapassa qualquer religião * em eficacia moral como em aptidão intelectual. Nada póde, sem duvida, adaptar-me melhor a tal missão do que uma intima cultura pessoal dos mais nobres e dos mais ternos sentimentos, pela casta adoração diaria de uma eminente natureza.

Ninguem poderia ainda, nem mesmo vós, apreciar bem os rezultados exteriores de uma paixão tão recente, cuja principal influencia deve ter ficado até aqui interior. Mas, quando as minhas justas preocupações de vossa saude atual estiverem assás dissipadas, o vosso intimo acendente não tardará a manifestar felizmente a sua reação permanente sobre os meus caros trabalhos. Longe pois da minha ventura privada dever alterar a minha vida publica, jamais uma tão perfeita harmonia tinha podido estabelecer-se até aqui entre as minhas duas existencias. Vós acabareis certamente reconhecendo a profunda realidade das minhas previzões iniciais relativamente a essa feliz conexão, aliás tão natural, cujo presentimento distinto mostrei-vos desde o começo da minha febre de amor.

Quanto á reação moral propriamente dita, já deveis comprehender melhor que poderozo acrecimo de energia me imprime espontaneamente essa nobre intimidade, para sustentar sem perturbação as lutas peculiares á minha situação, ao mesmo tempo privada e publica. Neste particular, já ganhei muito pelo indispensavel acontecimento que me proporcionou, ha quatro anos, uma tardia paz domestica, sem a qual não teria eu podido suportar com calma graves abalos pessoais. Mas, si novas lutas se apre-

* *Religião* é aqui sinonimo de *religião teologica*.- R. T. M.

zentarem, eu deverei certamente sentir-me ainda mais animado, depois que o meu coração saborêa cada dia tanto quanto o comporta a nossa dupla fatalidade, intimas consolações das quais nunca eu tivera nenhuma justa idéia. Dissipai, pois, minha Clotilde, esses nobres escrupulos, que, embora aumentando a minha justa adoração, alterão a felicidade que deveis tirar do nosso apego. Uma profunda convicção diaria far-me-á constantemente reconhecer que eu devo ao meu amor importantes melhoramentos, não sómente nos meus sentimentos e meu carater, mas tambem nas minhas principais concepções, e mesmo, segundo uma recente indicação, nos meus diversos habitos pessoais, morais ou fizicos.

Começando esta inexhaurivel explicação, eu contava discutir, em segundo lugar, a vossa lamentavel disposição a conter para comigo, em virtude da minha pretensa exaltação, a inocente expansão da vossa santa ternura. Mas essa apreciação direta ocorrerá novamente e melhor a propozito das comunicações anunciadas como proximas. Limitar-me-ei, pois, hoje a recomendar-vos, sob esse aspeto, o mais inteiro abandono habitual.

Depois das inquietações relativas á vossa saude, nada póde me perturbar mais do que o receio da vossa insuficiente confiança no meu imperio diario sobre mim-mesmo. Ouzai, pois, Clotilde, segundo a vossa feliz fórmula, ser sempre vós-mesma comigo; nós ganharemos ambos muito com isso. Não temais que eu atribua assim ao amor as demonstrações da amizade: eu estou agora demaziado preparado contra todo engano similhante. Si mesmo eu vos inspirasse um dia sentimentos verdadeiramente equivalentes aos meus, poderieis m'os manifestar sem nenhum perigo. Talvez mesmo então, o conjunto da nossa fatal situação prescrevesse a cada um de nós manter sempre, por uma virtuoza prudencia, os castos habitos impostos hoje pelas lacunas involuntarias do vosso coração e os justos escrupulos do meu. Mas, si uma apreciação calma e concienciosa nos demonstrasse a necessidade de tal, contai, minha Clotilde, que eu saberia suportar, com inalteravel energia, essa nova exigencia dos nossos fadarios, sem entretanto saborear demaziado pouco a inefavel doçura desde então prometida á plena troca dos nossos corações. Entre todos os vossos beneficios, não desdenheis, minha bem-amada, o de haver-me feito afinal conhecer o

verdadeiro valor da pureza, que, nessa hipoteze, desgraçamente! demaziado chimerica, tiraria, da nossa dupla vontade, um incomparavel acrecimo de nobreza.

Arranco-me com dificuldade a essa doce conversa, embora receie fatigar-vos. Excuzai especialmente a sua extensão imprevista, pois que esse dia de venturozo retiro é o da vossa cara vizita hebdomadaria, cuja amarga privação eu sinto menos assim. Esperemos que, pelo menos, não sereis forçada a interdizer-me tambem a entrevista de Sabado proximo, em que esta carta dispor-vos-á talvez a mais abandono. Adeus, minha nobre irman; adeus, minha terna filha.

Amor e respeito eternos,

A^te^ COMTE.

Entregando-vos isto, Sofia assegurar-vos-á que estou passando bem, apezar das inquietações por demais legitimas. A agitação em que me vistes Sabado dissipou-se de todo. A situação mesma fortifica-me, pela dupla ou triplice necessidade de não exigir nenhum cuidado pessoal.

Agradeço-vos o haverdes afinal aceitado todos os bons oficios da nossa precioza Sofia. Si fosse precizo realmente que, passando a noite perto de vós, ela continuasse a permanecer ahi uma boa parte do dia, não vos deixeis deter, a esse respeito, por nenhum cordial escrupulo. Tudo deve aqui ceder á solicitude do vosso pronto restabelecimento. Eu posso sobretudo arranjar-me facilmente para dispensá-la de manhan, aquecendo eu-mesmo, em um fogareiro já disposto, uma sopa preparada de vespera.

Pouco sucetivel, como o sentis, de saborear amanhan os Italianos, quando não se tratasse de uma triste palhaçada, junto aqui um bilhete para o vosso pai, com o digno libreto dessa chata novidade muzical. *

IX

> As almas ternas hão de haurir sempre uma justa satisfação na lembrança dos perigos aos quais acabão de escapar os que lhes são caros.
>
> *(181ª e ultima carta, de Aug. Comte a Clotilde.)*

A partir deste momento, o estado de Clotilde peiorou ao ponto de correr perigo a sua vida. Durante tres ou

* Segundo o annuncio do *Moniteur Universel* trata-se de *Una' Avventura di Scaramuccia*.— R. T. M.

quatro dias a consternação do nosso Mestre foi extrema. Nas suas angustias, Ele se entregava á leitura dos tratados de medicina para ver si neles encontrava algum conforto. Mas tudo quanto lia mais o aterrava pela sorte de Clotilde. A perspetiva da morte dela o assalta mesmo... e, diante dessa catastrofe, o dezespero tenta apoderar-se do seu coração. Mas, o amor de Clotilde mesmo o salva. Ele sente que seria então necessario viver para revelar a grandeza incomparavel da divinal Mulher em quem a Humanidade rezumíra os supremos tezouros da sua graça, de modo a assegurar a sua redenção. E este santo pensamento dá-lhe uma força de rezignação infinda.

Reagindo então sobre os sentimentos do egregio Filozofo, essa nobre missão produz uma nova evolução na purificação do seu amor. Ele sente-se capaz de amar Clotilde como simples filha, renunciando para sempre a todas as emoções da voluptuozidade masculina. Tais enleios abrem-lhe insensivelmente o coração a vizões mais rizonhas. Imagina a sua angelica Bem-Amada salva da cruel enfermidade e partilhando francamente do seu lar mediante uma adoção legal. Ainda faltavão-lhe dois anos para poder realizar tão encantador voto. Esses dois anos servirião para constatar a conveniencia do santo projeto.

Exhausto pelas leituras medicas, o nosso Mestre relê as *Memorias de Mme Roland* que jazião esquecidas desde a sua mocidade. Mas ahi tambem é o vulto meigo e nobre de Clotilde que a sua imaginação lhe retraça, fazendo realçar a superioridade da nossa imaculada Mãi Espiritual sobre a inclita heroina da Revolução.

Para o fim da semana, o perigo pareceu conjurado. Clotilde foi melhorando; uma santa alegria se derrama nos corações que a amão. E ninguem com certeza experimentou tão beneficas emoções mais vivamente do que o devotado Filozofo.

Na tarde de Martedia 19 de Março, Ele, dando ao mesmo tempo uma prova da sua ternura filial, podia, enfim, dirigir algumas palavras de conforto a sua idolatrada Inspiradora.

Centezima-octagezima carta

Martedia á tarde 17 de Março de 1846.

Segundo o vosso cordial dezejo, Sofia vos leva, minha carissima amiga, o mais preciozo dos meus dois relogios

suplementares. E' tudo quanto me resta de uma terna mãi, e isso mesmo só o obtive com dificuldade. Só vós no mundo podieis fazer-me desprender dele. Porem vo-lo confiando, por todo tempo que fôr precizo, não me sentirei em nada privado. Será mesmo para mim uma felicidade poder assim emparelhar especialmente a minha lembrança querida e a minha afeição dominante. Temo, todavia, que a utilidade efetiva desse instrumento corresponda mal ao seu merito sentimental. Por isso creio dever juntar-lhe, para o cazo de ser precizo, a minha outra reliquia, de bem menor importancia, mas de um uzo provado, o meu primeiro relogio de ouro, * que me serviu quinze anos com fidelidade: vós m'o devolvereis, si o outro estiver andando.

Pois que eis-vos afinal decididamente outra vez no uzo dos caldos, já podereis, espero eu, digerir tambem este novo bilhete, contanto que eu não o alongue mais. Renuncio, pois, a descrever-vos a intima ventura que me cauza essa volta deciziva, que vos proporcionará em breve, pelo melhoramento radical da vossa saude anterior, a justa compensação de tantos sofrimentos e perigos. Por maior que seja a necessidade que sinto de vos tornar a ver em breve, devo escrupulozamente esperar as vossas caras ordens, e mesmo recomendar-vos de não as apressar demaziado, enquanto essa entrevista vos deixar temer uma dezagradavel agitação. Poderiamos sómente acelerá-la um pouco sem perigo, quando estiverdes disposta a ouvir-me ler em lugar de conversar.

Adeus, minha Clotilde; vós, sobre quem se achão para sempre concentradas todas as minhas ternuras, aumentadas ainda por essa doloroza crize, recebei cordialmente caricias a um tempo paternais e fraternais.

A^TE COMTE.

No dia seguinte, Mercuridia 18 de Março, o nosso Mestre continuou as suas santas efuzões. Havia dez dias que não tinha a ventura de estar com a sua Bem-Amada; desde o começo do mez só a vira na comovente vizita do Sabado 7 de Março, cuja lembrança, conforme já notamos, constituiu uma das *Imagens normais* do seu culto intimo.

* Foi esse relogio que serviu durante as tres ultimas semanas de Clotilde, como se vê do *Testamento* do nosso Mestre. — VOLUME SAGRADO, p. 12[illegible] — R. T. M.

Centezima-octogezima-primeira carta

Mercuridia 18 de Março de 1846.

Pois que começais, cara amiga, a estar afinal fóra de perigo, quero celebrar esse renacimento tão dezejado consagrando-vos especialmente um dia rezervado de ordinario á precioza vizita hebdomadaria de que me acho dolorozamente privado ha um mez. Esta comovente ocupação, a unica que a vossa situação me permite ainda, deve oferecer-me uma legitima compensação das crueis inquietudes que recentemente me absorvêrão. Apenas abster-me-ei de enviar-vos isto antes que tenhais espontaneamente recomeçado a ler um pouco, e sem experimentar por isso nenhuma perturbação. Mau grado essa prudente delonga, que, espero eu, cessará brevemente, tal comunicação não póde depois carecer de oportunidade, tratando-se de um assunto de natureza a ficar por muito tempo atual entre nós. Posso assim saborear lentamente hoje a doce reação interior dessa melancolica expansão, sem temer ocazionar nenhuma agitação contraria aos escrupulozos contemplamentos de todo genero que vos são agora indispensaveis.

A poezia, sobretudo antiga, cantou demaziado o indigno prazer que um egoista experimenta em contemplar a luta dos outros contra um perigo do qual ele-mesmo está prezervado. Mas as almas ternas hão de haurir sempre uma justa satisfação na lembrança dos perigos aos quais acabão de escapar os que lhes são caros. Essas impressões tendem diretamente a estreitar os laços mutuos, lembrando provações e testemunhos proprios para constatar melhor a sinceridade e a profundeza das afeições reciprocas. Renuncio entretanto a descrever-vos as minhas intimas angustias da ultima semana, enquanto senti ameaçada a melhor parte de mim-mesmo. A minha unica ocupação voluntaria limitou-se então á triste mas atrahente leitura dos tratados medicos em que podia haurir algumas esperanças e algumas luzes sobre a vossa situação. Todos os outros atos meus, até os meus menores habitos diarios, tomavão aliás para vós uma direção espontanea, que tenho prazer em conservar-lhes ainda apezar da feliz cessação das minhas principais inquietudes

Fatigado dessas penozas leituras, que algumas vezes redobravão os meus alarmas em lugar de acalmá-los, quiz

distrahir-me pelas interessantes *Memorias de Mme Roland*, quazi esquecidas desde a minha mocidade. Ahi tambem tornei a achar a minha Clotilde, e sob fórmas ainda mais apropriadas para fazer-me apreciar a desgraça que eu sentia possivel. Essa eminente vitima de uma crize sanguinaria lembrava-me involuntariamente a vossa elevação e a vossa lealdade carateristicas, mas de maneira a melhor indicar-me quanto a pureza e a nobreza das vossas generozas convicções sociais sobrelevão os ardentes motivos de orgulho e de ambição que sobretudo determinárão as dela. Quando houverdes feito essa leitura, a minha comparação não vos parecerá de modo algum exagerada.

Nada podia, pois, desviar-me da vossa apreciação; e, a dizer a verdade, eu não o procurava, por mais doloroza que se me tornasse então a imagem querida. No meio dos mais graves tormentos que possão rezultar da afeição, não cessei de sentir que o essencial para a felicidade, é sempre ter o coração dignamente cheio. Si eu devesse um dia sofrer a medonha privação á qual acabo de escapar, o meu dever, a todos os respeitos, mesmo para comvosco, obrigar-me-ia certamente a sobreviver-vos, quando nada fosse afim de vos fazer convenientemente apreciar. Mas, desde que o meu coração está familiarizado com as santas emoções cujo doce surto vos devo, temo não poder mais suportar então o meu triste izolamento anterior. Si eu achasse forças para tal, elas não poderião pelo menos derivar sinão de uma irrevogavel consagração de toda a minha alma ao culto excluzivo da vossa eterna lembrança, guardando escrupulozamente á vossa memoria a constancia e a fidelidade que livremente votei-vos.

Esta doloroza crize sucitou-me, a outros respeitos, algumas impressões, das quais vos devo tambem conta sumaria, sobre a fatal dezigualdade das nossas ternuras.

Assim conduzido a examinar mais o conjunto atual da nossa casta intimidade, comprehendi melhor quanto importa aos corações delicados a perfeita harmonia de afeições que salva cada um deles do pezar diario de não poder retribuir um pleno equivalente do que recebe. Caraterizando a santidade das nossas relações, as nossas recentes explicações me havião sugerido, nestes dias ultimos, a esperança passageira de obter enfim esse preciozo equilibrio habitual, reduzindo os meus proprios sentimentos á simples medida que os vossos não podem ultrapassar

até aqui. A verdadeira natureza fundamental da minha insuperavel afeição achou-se assim um instante velada sob o duplo carater de fraternidade e de paternidade, que nela se mescla felizmente, e ao qual a vossa plena sanção espontanea acabava de proporcionar, aparentemente, um acendente incompativel com o estado real do meu coração.

Essa generoza iluzão me havia mesmo inspirado projetos de adoção legal, que, permitindo-vos tomar abertamente o meu nome e a minha caza, obrigar-me-ia a abandonar lealmente toda esperança ulterior de uma união mais completa. Não deploro de haver já pensado nisso, apezar da sua precocidade atual; porque poderiamos haurir ahi uma importante consolação, si as lacunas involuntarias do vosso coração se tornassem desgraçadamente irrevogaveis durante os dois anos que me separão ainda da idade requerida. Mas a nossa prezente situação deve deixar livremente prevalecer a afeição espontaneamente preponderante, atravez do mixto, accessorio embora sincero, de uma sorte de paternidade mental e de fraternidade moral. Importa-nos, antes de tudo, nunca desconhecer nem dissimular os nossos verdadeiros sentimentos respetivos, que permanecerão sempre plenamente irreprochaveis tanto de um lado como do outro.

Toda van tentativa para disfarçarmos entre nós a fatal diversidade deles, tenderia logo a alterar radicalmente a confiança ou a cordialidade indispensaveis ás nossas relações habituais. Certo de jamais sentir nada que não seja nobremente confessavel, nem eu devo atenuar a minha ternura nem vós deveis exagerar a vossa. Hoje, como em Julho ultimo, vejo em vós, *na realidade atual, uma perfeita amiga, e, nos meus sonhos de futuro, uma santa espoza.* Eu não aprecio menos por isso os doces sentimentos de filha e de irman que vos dignais reunir sobre mim, pois que eles caraterizão a mais profunda ternura que agora comporta o vosso coração. Mas si, correspondendo-lhe, o meu vai aliás alem, porque esconderei eu vanmente uma afeição mais completa? Enquanto durar essa involuntaria disparidade, não tentemos disfarçá-la, quando mesmo tiver ela de perzistir sempre. Retribuindo-vos com delicia a vossa inestimavel ternura filial e fraterna, deixai-me lealmente querer-vos tambem como amorozo espozo, pois que esse titulo só por si rezume, aos meus olhos, todos os outros. Ficando assim de todo franca, a

nossa ecepcional intimidade nem por isso permanece menos pura; e mesmo a sua santidade necessaria se enobrece mais pela minha justa rezignação habitual.

Adeus, pois, minha incomparavel Clotilde; aceitai sinceramente o meu coração todo inteiro, que só vós pudestes verdadeiramente dominar. Beijando-vos como uma nobre irman e uma terna filha, devo tambem adorar-vos castamente como uma digna espoza, cuja involuntaria dezigualdade de afeição não alterará jamais a plenitude espontanea do meu irrevogavel devotamento.

Amor e respeito eternos,

AUG. COMTE.

Vimos que, atento o seu melindrozo estado, Clotilde rezignára-se, no dia 11 de Março, a pedir que Sofia fosse passar as noites consigo. Parece, porem, que Ela só aceitou então o terno devotamento da compassiva Proletaria, durante o periodo mais grave da doloroza crize. Porque, na carta que o nosso Mestre foi obrigado a dirigir a Carolina Massin, a 10 de Janeiro de 1847, Ele se exprime assim:

« ... Ao entrar da primavera ultima, vi sucumbir essa nobre e terna vitima, apezar dos meus cuidados mais sustentados, assistidos pelo ativo devotamento que, *durante dezoito noites consecutivas*, reteve a minha ecelente Sofia junto daquela cuja alma era bastante grande para ouzar tratar como irman essa eminente criada. » (VOLUME SAGRADO, p. 42.)

Conclûi-se desta indicação que Sofia só começou a passar *consecutivamente* as noites ao lado de Clotilde, a partir do Mercuridia 18 de Março, pois que a nossa divina Mãi Espiritual faleceu a 5 de Abril.

X

Encontrei ahi um verdadeiro sofrimento, em lugar de uma feliz diversão.

(*181ª e ultima carta, de Aug. Comte a Clotilde.*)

No dia seguinte, Jovedia 19 de Março, perzistindo as melhoras de Clotilde, ou talvez sentindo-se Ela mais animada, conquanto a inexoravel destruição do seu melindrozo corpo continuasse, o nosso Mestre pensou ter o

coração em condições de assistir o espetaculo nos Italianos. Mas, desde o meio do primeiro ato, sentiu-se preza de uma agitação convulsiva. Eis como Ele mesmo narrava, na manhan seguinte, Venerdia 20 de Março, tão dolorozo epizodio, em um aditamento á carta precedente :

Venerdia de manhan 20 de Março.

A nossa segurança atual do vosso proximo restabelecimento fazia-me esperar poder saborear hontem a ultima reprezentação de *Il Barbieri*. Mas o contraste era sem duvida demaziado forte ainda; porque encontrei nisso um verdadeiro sofrimento, em lugar de uma feliz diversão. Não pude ir até o segundo ato; e, apezar da admiravel perfeição do primeiro, levei esperando impacientemente o fim dele para deixar essa cadeira, na qual acabava de ser preza da minha agitação convulsiva, que, certo não me teria momentaneamente voltado outra vez, si eu tivesse, como de costume, passado a soirée a contemplar-vos ternamente ao lado do meu fogo. Embora, ha dez dias, eu não cesse de ver vos sobre o vosso leito de dôr, essa melancolica imagem jamais comoveu-me tão penozamente como perzistindo, com energia nova, em meio dessas importunas distrações. Resta-me hoje de similhante soirée a dezagradavel lembrança de uma sorte de profanação involuntaria, pela qual experimento quazi a necessidade de obter, em virtude desta ingenua confissão, o vosso perdão especial. Talvez uma muzica terna ou tragica não me tivesse produzido tal choque. Não quero todavia expôr-me a isso de novo amanhan, e já estou decidido a dar os meus dois lugares, mesmo no cazo de *Othello*: já não me bastava hontem o pezar de ver vazia a cadeira que vos foi sobretudo destinada, e de que, desgraçadamente, bem pouco aproveitastes?! Si a vossa melhora continuar a aumentar, será tempo ainda, na semana proxima, de utilizar-me dos dois ultimos dias da minha assinatura atual.

XI

> Hoje me fizestes profundamente sentir o valor da nossa nobre pureza que nos permitiu perante a vossa mãi, conservar ternamente a vossa mão nas minhas enquanto eu contemplava essa angelica fizionomia cuja suave beleza torna-se mais tocante pela sua alteração passageira.
>
> *(181ª e ultima carta, de Aug Comte a Clotilde.)*

O nosso Mestre acabava porventura de traçar essas enternecidas linhas, quando teve a gratissima sorpreza de receber, por Sofia, o convite de Clotilde para ir vê-la. Que indescritivel sena não se passou então entre a piedoza Proletaria e o acabrunhado Filozofo! Que santas emoções não produzião naquelas almas, a lembrança dos sofrimentos passados de Clotilde, o contentamento pelas melhoras que Ela parecia aprezentar, e a encantadora perspetiva do seu breve e completo restabelecimento!

Foi sob o influxo de tão arrebatadores sentimentos que Augusto Comte dirigiu-se para a rua Payenne. Ahi, novas e tocantes sorprezas o aguardavão. O nosso Mestre encontrou-se com a extremoza Mãi da sua Bem-Amada, e a veneranda Senhora desfez-se em agradecimentos pela dedicação do cavalheiresco Pensador. E como essas palavras devião ter repercutido ao mesmo tempo nos corações dele e de Clotilde!...

Essa angelica vizita constitũi uma das *Imagens normais* do culto intimo do nosso Mestre, e os seus principais incidentes achão-se narrados no VOLUME SAGRADO. Havia treze dias que o terno Filozofo não tinha a ventura de contemplar a celeste fizionomia da sua idolatrada Inspiradora. Mme Marie pôde testemunhar durante algum tempo as profundas e nobres emoções que agitavão os nossos Pais Espirituais. A angelica entrevista continuou, porem, depois que Ela retirou-se; e foi nos enleios dessa santa intimidade que Clotilde disse meigamente ao nosso Mestre:

« Vós me haveis de dar um cacho dos vossos cabelos. » (VOLUME SAGRADO, p. 87.)

Chegando á rua Monsieur-le-Prince, o nosso Mestre rezolveu enviar a carta que desde 18 de Março estava escrevendo. Antes, porem, exarou nela a impressão das sublimes emoções pelas quais acabava de passar.

Venerdia á tarde 20 de Março.

Em virtude da nossa feliz entrevista, espero, minha bem -amada, não cometer nenhuma imprudencia não adiando mais a remessa desta longa carta, embora não tenha ainda de modo algum retomado a leitura. A nossa ecelente Sofia terá aliás o cuidado de avizar-vos que não ha nada nela de urgente, e de insistir convosco que a não leiais sinão amanhan, para melhor prevenir toda agitação noturna. Possa essa ingenua efuzão afastar tanto os vossos enfados quanto aliviou os meus pezares! Mas eu lamentaria muito que ela vos inspirasse o menor esforço para responder-me. Basta que a vossa tocante ternura permita -me espontaneamente esperar Domingo uma ordem tão doce como aquela que cordialmente me sorprehendeu hoje.

A conduta atual da vossa digna mãi comove-me profundamente. Quizera essa manhan ter ouzado agradecer-lh'a de joelhos, em lugar de receber a afetuoza gratidão que ela julga dever-me.

Por uma bizarra eceção, o vosso pai ouvirá amanhan dois segundos atos da *Semiramis* e da *Borralheira*. Conquanto o libreto mal convenha em tais cazos, junto aqui o unico que dos dois tenho.

Adeus, enfim, minha eterna companheira. Hoje me fizestes profundamente sentir o valor da nossa nobre pureza, que nos permitiu, perante a vossa mãi, conservar ternamente a vossa mão nas minhas, enquanto eu contemplava essa angelica fizionomia, cuja suave beleza torna-se mais tocante pela sua alteração passageira.

Augusto Comte esteve efetivamente com Clotilde no Domingo 22 de Março. Então, referindo-se á carta que lêra na vespera, a nossa modesta Mãi Espiritual disse-lhe com candura:

« Não tenho beleza alguma, tenho apenas um pouco de expressão. » (VOLUME SAGRADO, p. 87).

XII

> No meio dos mais graves tormentos que possão rezultar da afeição, não cessei de sentir que o essencial para a felicidade, é sempre ter o coração dignamente cheio.
>
> *(181ª e ultima carta, de Aug. Comte a Clotilde.)*

Infelizmente as melhoras de Clotilde forão de pouca duração. No Lunedia 23 de Março, já a saude dela agravava-se novamente, e uma semana de crueis angustias recomeçava para a sua Familia e o nosso Mestre. Do VOLUME SAGRADO, deprehendemos, que o estado da martirizada Senhora tornou-se outra vez tão melindrozo que Ela foi mesmo obrigada a privar-se das vizitas dos que a amavão e Ela amava.

Póde-se imaginar pois quanto era angustioza a situação de Augusto Comte quando Ele recebeu, no Martedia á tarde 24 de Março, o seguinte bilhete de Sarah Austin:

Caro Senhor Comte,

Eis ahi o que acabo de receber neste instante de Mlle de Haza (Henri Paris). Ficai pois com o exemplar que vos enviei e eu ficarei com o que recebi agora.

Ela é Polaca, o que explicar-vos-á o começo da sua carta. Com efeito, para quem tem visto e sofrido as realidades, as comedias que se reprezentão aqui são por demais tragicas. Eu-mesma o sinto, porque embora não haja sofrido pessoalmente, tenho visto e ouvido.

Si tiverdes o menor dezejo de conhecer ou de agradecer a Mlle de Haza, ela está na praça da Madalena, 21. E' uma pessoa singular, porem de muito espirito.

Estou como sempre muito ocupada e nada bem, as provas (folhas) e o trabalho me fazem mal, porem o que fazer? Tudo me fatiga. E vós, caro Senhor Comte?

Aceitai os meus cumprimentos afetuozos.

S. AUSTIN.

Similhante carta bem mostra que Sarah Austin ignorava as crueis provações pelas quais estava passando o nosso Mestre. Ele respondeu na manhan seguinte, Mercuridia 25 de Março; mas esta carta não está publicada, e talvez esteja perdida.

Foi nesse aflitivo periodo que os embaraços materiais do nosso Mestre o forçárão a apelar para um amigo da sua

Familia. No Jovedia 26 de Março, recorreu a M. Captier, comissario em Paris dos fabricantes de pano de Lodève, o qual nobremente emprestou-lhe mil francos. (VOLUME SAGRADO, p. 13). Esse emprestimo, segundo cremos, foi destinado a suprir uma parte dos mil e quinhentos francos que Blainville declarára não poder emprestar conforme antes prometêra. Não sabemos si o nosso Mestre dezistiu dos quinhentos francos que ficavão faltando para essa soma, ou si tal quantia foi afinal obtida, quer por meio de outras pessoas, quer por intermedio mesmo de Blainville, como póde fazer supôr a carta de 31 de Dezembro de 1845. *

Enfim, a 28 de Março, Sabado dessa dolorozissima semana, recebeu o nosso Mestre a resposta de Stuart Mill á nobilissima apreciação que Ele fizera do juizo do logicista sobre a conduta dos seus patronos inglezes. Mas as graves emoções que o absorvião determinárão o generozo Pensador a rezervar a leitura de similhante carta para quando o seu coração se achasse menos oprimido.

XIII

E' verdade que te propondo adotar-te por filha, eu ignorava ainda quanto a tua ternura se conformava realmente com a minha. Tu não o havias declarado sinão á nossa Sofia.,

(AUGUSTO COMTE—8ª *Santa Clotilde*.)

A convivencia cada vez mais intima que as ultimas crizes dezenvolvêrão entre Clotilde e Sofia aumentára insensivelmente a confiança e a afeição que os contatos anteriores havião feito aos poucos surgir em ambas. Perante a excelencia da nobre Proletaria e o sublime altruismo de Clotilde, abatêrão-se todas as barreiras com que as diferenças de origem, de educação, e de pozição separavão as duas Senhoras. A nossa piedoza Mãi Espiritual acabou por não ver mais na sua devotada enfermeira sinão uma carinhoza *irman*. E, apezar da sua profunda veneração, Sofia não pôde rezistir ao encanto de tamanha bondade, e deixou-se arrastar á mais doce familiaridade em relação á sagrada doente. Graças a essa mutua afeição, Clotilde encontrava no trato de Sofia uma

* Vide p. 595 deste volume.

precioza diversão ás dores de toda ordem que a torturavão. Entregando-se nas suas horas de alivio a deliciozas esperanças, — infelizmente tão depressa desfeitas! — Clotilde comprazia-se em falar então da nobre afeição que o nosso Mestre lhe votava e do venturozo futuro que o restabelecimento dela proporcionaria *aos tres*. Foi no celeste abandono dessas efuzões que Ela confiou a Sofia o segredo supremo que santamente guardava no seu martirizado coração. Com uma tocante candura, Ela confessou á sua *digna irman* que consagrava ao nosso Mestre todo o amor de uma verdadeira espoza.

As palavras do nosso Mestre induzem a crer que similhante confidencia teve lugar nos fins da segunda semana de Março ou principios da terceira, isto é, entre 11 e 18 de Março. Porque na sua oitava *Santa Clotilde*, Ele diz que, quando propoz a Clotilde o projeto de adotá-la legalmente por filha, ignorava *ainda* qual era a conformidade entre a ternura dela e a sua. *Tu não o tinhas então confessado sinão a nossa Sofia*, continúa Ele. (VOLUME SAGRADO, p. 182). Ora, o projeto de que se trata foi indicado na ultima carta de 18 de Março.

Essa comovente efuzão patenteia toda a grandeza moral de Clotilde. Porque foi a sublimidade incomparavel do seu altruismo que a levou a reconhecer o valor ecepcional de Sofia atravez da sua humilde condição, de modo a julgá-la digno objeto de tão delicada expansão. Por outro lado, ficou assim evidente que o zelo pela gloria do nosso Mestre bem como o respeito pela felicidade dos seus e pelas grandes instituições sociais tinhão sido os moveis supremos da sua nobre conduta. Só assim podemos avaliar bem todo o alcance que possuião para a nossa imaculada Mãi Espiritual as duas maximas por vezes mencionadas: — *Que prazeres podem eceder os da dedicação? — Só somos felizes quando a nossa felicidade a ninguem aflige ou ofende.*

Não se reduz, porem, unicamente a esse aspeto a importancia de tão nobre revelação. Com efeito, é facil de reconhecer a reação capital dela sobre a evolução religioza do nosso Mestre, e, portanto, sobre a regeneração humana. Porque, até ali, a sublime conduta de Clotilde para com o terno e abnegado Filozofo era explicada principalmente pela disparidade entre a mutua afeição de ambos. De sorte que esta circumstancia tendia a entreter a crença de que

a perfeita união entre a mulher e o homem era inseparavel dos deleites voluptuozos. E similhante crença reagia sobre as concepções relativas á nossa natureza moral, dispondo a manter indefinidamente, entre os instintos egoistas, relativos ao individuo, e os pendores altruistas, relativos á existencia social, a ordem média de inclinações concernentes á Familia.

Patenteada, porem, a perfeita correspondencia entre os sentimentos que Clotilde e Augusto Comte mutuamente se votavão, a questão mudava. Nenhuma duvida podia mais subzistir, daquele momento em diante, acerca da possibilidade de conciliar normalmente a mais escrupuloza pureza com a mais profunda ternura na mais intima união entre os dois sexos. A profunda meditação religioza desse cazo sublime havia de conduzir finalmente a constatar o carater egoista do *instinto sexual* e do *instinto materno*. Ficaria assim simultaneamente provada a natureza composta das afeições domesticas; donde rezultaria a concepção do limite que deverá constituir a futura perfeição delas. Para que as incomparaveis virtudes de Clotilde permitissem instituir a teoria pozitiva da alma humana, e, com ela, a religião final, só faltava pois que o nosso Mestre conhecesse toda a magnitude moral da sua divina Inspiradora. Sofia, porem, ou em obediencia a uma recomendação expressa de Clotilde, ou seguindo a sua espontanea discrição, aguardou que a nobre e terna Senhora concedesse, Ela mesma, essa derradeira graça ao seu cavalheiresco Adorador. Tal devia ser um dos mais comoventes epizodios da *Sagrada Paixão* destinada a selar a sublime vida da nossa imaculada Mãi-Espiritual.

EPILOGO

Sagrada Paixão

CAPITULO UNICO

28 DE MARÇO A 10 DE ABRIL DE 1846

I

> Essas novas impressões atingírão naturalmente o seu grau principal e o começo de Abril, em que regulei definitivamente, como complemento das nossas nove festas anuais, *o fatal periodo de onze dias peculiar ao ultimo ato do drama anual.*
>
> (AUGUSTO COMTE — *11ª Santa Clotilde*, 7 de Gutenberg de 67 — 19 de Agosto de 1855.)

> Os meus intimos quadros da doloroza semana assim terminada, quando eu os tiver suficientemente publicado na biografia prometida para 1864, serão talvez destinados a dotar os nossos sucessores com uma comemoração anual mais bem merecida do que aquela com que os nossos predecessores honrárão a *Paixão* chimerica do pretenso fundador do Catolicismo.
>
> (AUGUSTO COMTE — *Cartas a Edger*, 9 de Archimedes de 69 — 8 de Abril de 1857.)

EIS-NOS chegados á faze mais doloroza da patetica existencia dos nossos Pais Espirituais. Proseguindo na sua implacavel marcha a cruel molestia vai agravar, de dia a dia, os sofrimentos que, desde 11 de Março, prostravão Clotilde no seu leito de agonia. Mais cruciantes, porem, do que esse martirio, serão as torturas morais que lhe hão de dilacerar o coração ao contemplar os imensos padecimentos dos que a rodeião. São todas essas aflições indescritiveis que o nosso Mestre recolherá na sua alma, e, durante mais de onze anos, constituirão o santo alimento do seu inextinguivel amor!

Vamos reunir aqui os dados vindos ao nosso conhecimento sobre tão incomparaveis dias. Esforçar-nos-emos assim por esboçar a reconstrução do divino epizodio que

selou a redenção humana, de modo a permitir satisfazer, pela fórma ao nosso alcance, as tocantes esperanças encerradas na segunda epigrafe deste capitulo. Mas, para isso, carecemos aprezentar algumas ponderações preliminares.

A organização sistematica do culto bazeia-se no Calendario. O nosso Mestre nos legou essa instituição definitivamente acabada, e a sua ultima apreciação a tal respeito acha-se no IV tomo da POLITICA POZITIVA. Indicando ahi a distribuição do ano, Ele diz:

« Toda relação com a lua estando eliminada, e o mez tornando-se tão subjetivo como a semana, reconhece-se logo a necessidade de compô-lo sempre de quatro semanas, o que conduz a dividir o ano em treze mezes. O dia complementar que termina assim cada ano não deve ter nenhum indice, hebdomadario ou mensal, e nem tão pouco o dia adicional que é precedido por ele nos anos bissextos. Dezignando-os sómente segundo as festas respetivas, obtem-se a perpetuidade do calendario pozitivista, no qual todos os mezes, *começando sempre por um lunedia*, acabão por um domingo. *Ele conserva aliás a origem atual do ano ocidental*, colocada de maneira a reprezentar uma renovação, pois que os dias começão então a crecer no principal hemisferio do nosso planeta. » (POLITICA POZITIVA, tomo IV, ps. 133-134.)

Esta passagem mostra que, segundo o nosso Mestre, o ano deve encetar no Lunedia e nas imediações do solsticio de inverno para o hemisferio norte, o que tem lugar a 22 de Dezembro. Essa era tambem a opinião do judiciozo Delambre, o qual pondera que o ano ocidental começa atualmente poucos dias depois desse solsticio * (decimo dia).

Por outro lado, o nosso Mestre mostrou quanto é perturbadora para o nosso coração a discordancia entre as duas datas, mensal e hebdomadaria, correspondentes aos fatos cuja recordação mais nos afeta. Tomemos, por exemplo, o santo epizodio que despertou estas reflexões. O culto do nosso Mestre imortalizou a ligação entre os ultimos

* Na sua *Astronomia*, tomo III, p. 695, Delambre diz: « Mas para os uzos civis no nosso hemisferio, o começo que mais conviria seria o solsticio de inverno, e de fato, o primeiro de janeiro não está muito longe dele; e pois que a duração do ano não é um numero exato de dias, que a longitude média do sol não póde ser dois anos seguidos nula no primeiro dia do ano, que faltão para tal alguns minutos ou alguns graus, isso torna-se absolutamente indiferente, e é melhor ater-se ao uzo mais geral. »

dias de Clotilde e os nomes que eles tinhão na ocazião, segundo o calendario julio-gregoriano. De sorte que sente-se um mau-estar afetivo comemorando em qualquer outro dia da semana esses acontecimentos supremos. Ora, similhante inconveniente dezaparece com facilidade, aproximando mais o começo do ano do solsticio de inverno, que é, no fundo, o inicio que o nosso Mestre aconselhou.

De fato, para fazer com que, no calendario pozitivista, o dia 5 de Abril caisse em Domingo, bastaria começar o ano no setimo dia depois do solsticio de inverno, isto é, a 29 de Dezembro. Uma vez, porem, que se é levado a essa alteração, o melhor é tomar para origem do ano o proprio dia do solsticio de inverno, isto é, 22 de Dezembro. O dia 5 de Abril sendo o 105º a partir deste, será o domingo da 15ª semana do ano, e virá a coincidir com o dia 21 de Archimedes.

Convem agora notar que esta alteração, que aliás consiste realmente em manter as decizões do nosso Mestre acerca da origem do ano, torna-se, por uma melancolica coincidencia, igualmente favoravel ao culto da memoria dele. Porque o ano de 1857, em que Ele faleceu, reproduziu, no calendario julio-gregoriano, o de 1846 em que Clotilde expirou. De sorte que, assim, a mesma mudança basta para atender a todas as nossas exigencias afetivas neste particular.

Como ultima observação recordaremos que, em virtude da mudança proposta, as quatro estações ficarão comprehendidas dentro de cada ano, em vez de se acharem em parte fóra, como atualmente acontece.

Resta-nos, finalmente, indicar os motivos que nos levárão a adotar para este *Epilogo* os limites acima mencionados, 28 de Março a 10 de Abril. A data inicial rezulta da primeira das epigrafes deste capitulo: porque parece-nos que o *fatal periodo de onze dias peculiar ao ultimo ato do drama anual* vai de 28 de Março a 7 de Abril, dia do enterro de Clotilde. A meditação do VOLUME SAGRADO induz-nos a crer que foi a 28 de Março que as vizitas do nosso Mestre á sua imaculada e terna Inspiradora tornárão-se diarias. Quanto á data 10 de Abril, foi escolhida por ser o dia em que o nosso Mestre instituiu definitivamente as suas *Orações*. Esta circunstancia basta, ao nosso ver, para fixar, desde logo, a melhor epoca para inaugurar

solenemente a vida subjetiva da nossa divina **Mãi** Espiritual, cuja lembrança não poderá ser glorificada de modo mais tocante do que mediante as sublimes homenagens do seu primeiro e incomparavel Adorador.

II

Os medicos merecerião antes o titulo de veterinarios, si a cultura empirica não compensasse um pouco, nos melhores dentre eles, os vicios da instrução teorica.

(AUGUSTO COMTE — *Catecismo Pozitivista*, Agosto de 1852.)

A vossa invocação de uma angelica vitima em apoio de um perigozo conselho, é tanto mais cega quanto a minha Beatriz sucumbiu, não á sua molestia, mas sob os seus dous medicos.

(*Carta de Augusto Comte a D. Nizia Brazileira*, 22 de Gutenberg de 69 — 24 de Agosto de 1857.)

Clotilde era de constituição melindrozissima. A sua adolecencia fôra precedida de uma longa crize vegetativa que durou desde cerca dos 12 anos e quatro mezes até 13 anos e meio, proximamente. Pouco depois de ter completado 14 anos, Ela teve de deixar novamente, a 14 de Abril de 1829, a rua Barbette, por motivo de molestia, só tendo voltado em meiados de Maio seguinte. Era a esse estado vacilante da sua saude que Clotilde aludia na sua carta de 23 de Fevereiro de 1846: « Deus me livre, dizia Ela, para aliviar os meus bronchios, de perder o meu estomago, e colocar outra vez os meus intestinos *no estado em que os tive durante a minha infancia !* » (Vide este volume, p. 705.)

Esta referencia mesma indica indiretamente que a saude de Clotilde consolidou-se posteriormente. Mas os padecimentos morais não tardárão a abater-se sobre Ela logo depois do seu infeliz cazamento. Contidos, a principio, no recesso do lar, esses sofrimentos agravárão-se sobremodo quando uma cruel catastrofe veio lançar á publicidade o infortunio da egregia vitima. A partir desse instante as suas torturas não tiverão alivio até que um benevolo destino a fez conhecer o nosso Mestre. Só então a cavalheiresca adoração dele acabára, como vimos, por trazer-lhe

Retrato de CLOTILDE quando menina.
Reproducção de uma miniatura colorida, feita por sua Mãi, e pertencente á Familia Marie.

um doce conforto no prezente e as esperanças de uma virtuoza felicidade no futuro. E tantas lutas morais forão exacerbadas por duras privações que a pobreza dos seus e a sublimidade do seu altruismo lhe impunhão.

Ora, o fato de haver atingido aos trinta e dois anos, apezar de tão crueis circunstancias, constitûi uma prova incontestavel do ecelente organismo de Clotilde. O conjunto da sua existencia demonstra assim que Ela se achava naturalmente em condições de ter tido mesmo uma longa vida. O prematuro fim da sua glorioza carreira objetiva não é então explicavel sinão por motivos alheios ás suas dispozições congenitas. Simillhante catastrofe só póde, com efeito, ser atribuida ou ás reações das suas imensas penas morais e das suas privações juntas a uma generoza despreocupação de si-mesma, ou ás cegas intervenções dos medicos. Entre essas duas hipotezes, porem, o juizo do nosso Mestre não permite a minima hezitação. Doze dias antes de expirar, eis o que Ele respondia á unica das nossas compatriotas que teve a ventura de conhecê-lo, e que o solicitava a consultar os *primeiros* medicos:

« ... A vossa invocação de uma angelica vitima em apoio de um perigozo conselho, é tanto mais cega quanto a minha Beatriz sucumbiu, não á sua molestia, mas sob os seus dois medicos: é verdade que eles não figuravão entre os *primeiros*, isto é, os mais ricos, que são precizamente os que eu mais desprezo, tanto intelectualmente como moralmente. »

Para perceber todo o alcance desse juizo, não basta lembrar que ele foi pronunciado mais de onze anos depois do falecimento da nossa divina Mãi Espiritual. Cumpre tambem não esquecer que o nosso Mestre já havia nessa epoca instituido a definitiva regeneração da arte medica, não só construindo a teoria pozitiva da molestia, [1] como formulando os principios cardiais da terapeutica normal. [2] Parece-nos, porem, que, constatando essa cruel realidade, o nosso Mestre não teve a intenção de responsabilizar os dois clinicos que tratárão de Clotilde. Ambos forão vitimas do empirismo contemporaneo das escolas medicas, e que

1 Essa teoria está exposta em uma serie de cartas ao Dr. Audiffrent, e que têm sido varias vezes publicadas. Vide o *Apelo aos medicos* do Dr. Audiffrent ou os *Anexos* da Vida do nosso Mestre pelo Dr. Robinet.

2 POLITICA POZITIVA, tomo IV, pgs. 224-225.

rezultava fatalmente de uma anarchia cujo termo só a vitoria da Religião da Humanidade é capaz de trazer.

A medicação do Dr. Grandchamp agravára, como vimos, o estado de Clotilde, determinando uma profunda irritação nos seus orgãos abdominais. No meio de tão perigosa crize, a rezignada Senhora, esclarecida por uma criteriosa experiencia, procurára corrigir o erro do empirismo medico. Com uma doce energia Ela tomára as cautelas morais e vegetativas cuja eficacia o passado lhe tinha ensinado. Apezar, porem, da sabiduria da sua conduta, a perzistencia da perturbação a determinára a entregar-se aos cuidados do Dr. Cherest. Isto se dera a 10 de Março; e o nosso Mestre considerou *muito racional* as prescrições que o Dr. Cherest então fizera.

A partir desse momento nenhum dado especial possuimos acerca da marcha da molestia de Clotilde. Sabemos apenas, pela Correspondencia Sagrada, que a saude da nossa divina Mãi Espiritual atravessou então uma crize que chegou mesmo a fazer o nosso Mestre receiar a sua morte. A 17 de Março o estado dela já era, porem, bastante lizongeiro para animar o nosso Mestre a dirigir-lhe um curto bilhete. Essas melhoras continuárão nos dias seguintes, e Clotilde julgou-as tão satisfatorias que, no Venerdia 20 de Março, achou-se em condições de receber vizitas. Nessa data, o nosso Mestre foi sorprehendido, como vimos, pelo convite de Clotilde para ir vê-la, e teve um comovente encontro com a veneranda Mãi da sua imaculada Inspiradora. Então acabou tambem Ele a sua ultima carta!

Tão esperançoza situação durou até Domingo 22 de Março, em que o nosso Mestre esteve outra vez com Clotilde, conforme dissemos. Mas nesta semana, talvez mesmo desde a tarde desse dia, deu-se uma mudança fatal. E' o que concluimos do fato de não haver indicação de vizita alguma do nosso Mestre antes do Sabado 28 de Março. Porque não nos parece crivel que Clotilde tivesse deixado de recebê-lo, pelo menos no Mercuridia 25 de Março, si o estado da sua saude o permitisse. Esta circunstancia mostra, ao mesmo tempo, ao nosso ver, que Ela suspendeu então tambem todas as outras vizitas.

Similhante cautela por parte de Clotilde cauzava aos seus uma amarga contrariedade, e esse desgosto era tornado

ais acerbo pela desconfiança de que a mesma rezerva ão se estendia ao nosso Mestre. Concebe-se mesmo que, ão imaginando bem a gravidade da molestia, os parentes e Clotilde se chocassem com o fato dela recuzar vizitas e pessoas da Familia, ao passo que recebia a assistencia e Sofia. Por outro lado, comprehende-se que uma escru-uloza ternura filial levasse Clotilde a não consentir que sua extremoza Mãi, que tinha nessa epoca cerca de 5 anos, a viesse tratar ou afligir-se com a frequente con-emplação do seu dolorozo estado. Tal não foi infelizmente interpretação que teve a sua santa conduta entre os seus. Como acontece de ordinario, os parentes de Clotilde ficavão aguados por não poderem vê-la; e o objeto das queixas ra o nosso Mestre a quem se atribuia a principal sinão oda a responsabilidade do procedimento da martirizada Senhora.

Ou para ceder ás afetuozas insistencias das pessoas da ua Familia, ou porque se tivesse convencido que o seu stado era mortal e que de nada mais valião as cautelas, Clotilde decidiu entregar-se aos cuidados dos seus. Cremos que essa rezolução foi tomada no Sabado 28 de Março, porque desde essa data as vizitas do nosso Mestre tornã-ão-se diarias. Supomos tambem que foi desde esse mo-nento que a veneranda Mãi de Clotilde não se afastou nais da rua Payenne. Talvez infelizmente as relações entre o nosso Mestre e os parentes da sua angelica Inspi-adora já houvessem então sofrido uma alteração bastante profunda para fazer temer a iminente ruptura da santa afeição começada sob tão comoventes auspicios!...

A vizita de Sabado 28 de Março constituiu uma das *Imagens normais* do culto intimo do nosso Mestre; mas não possuimos nenhum esclarecimento a tal respeito.

A entrevista de Domingo 29 de Março fórma igualmente uma *Imagem normal* do culto intimo do santo Pensador. Foi nessa entrevista que Clotilde deu-lhe um exemplar da *Journée du chrétien*, como o seu livro uzual durante o tempo que estivera na caza da Legião de Honra, na rua Barbette. (VOLUME SAGRADO, p. 93.) Nesse livro, Clotilde escrevêra em 1837, cerca de dois anos depois do seu infe-liz cazamento, estas melancolicas linhas:

« Lembrança precioza da minha mocidade, companheiro

e guia das horas santas que soárão para mim, evoca... pre ao meu coração as cerimonias grandes e suaves... capela do convento!... »

O nosso Mestre legou este preciozissimo volume á... ecelente dicipula Mme Marie Robinet. A vista disto, ... ocazião da minha ultima viagem, pedi a nosso confr... seu espozo o favor de mostrar-me tão santa reli... O meu pedido não tinha unicamente por fim satisf... uma piedoza curiozidade: eu dezejava fotografar a p... onde estivessem as inscrições de Clotilde e do nosso Me... e bem assim tomar todas as indicações bibliograficas a... respeito. O Dr. Robinet disse-me na ocazião que, por m... da sua digna espoza, dera o santo volume a uma das... filhas, e prometeu satisfazer o meu pedido na nossa futu... entrevista. O nosso respeitavel confrade se tinha eq... nado: o volume não fôra doado a sua filha como Ele p... sava, e sim restituido ao archivo do nosso Mestre, na r... Monsieur-le-Prince. Em todo cazo ele prometeu-me d... passos para obter, por intermedio de um dos seus g... a reprodução fotografica que eu dezejava. Infelizme... tambem isso não nos foi possivel alcançar...

III

> Oh! quanto o amor dessa amavel Ma... é solido, quanto a sua caridade é perfeita... que efetivamente não são os seus proprios ... resses que ela procura!
>
> (S. BERNARDO. *Tratado do Amor de Deus*, Cap...

No Lunedia 30 de Março, o nosso Mestre esteve igu... mente com Clotilde; e essa entrevista constituiu u... *Imagem ecepcional* do seu culto intimo. Cremos que f... nessa entrevista que Clotilde confessou ao nosso Mest... toda a extensão real da afeição que lhe votava. A no... conjetura a tal respeito é bazeada no concurso de tres c... cunstancias. Primeiramente, o nosso Mestre diz pozitiva... mente, na sua *Oitava Santa Clotilde*, que esta santa efuzão da sua imaculada Inspiradora só teve lugar na *fatal s... mana*. Até então Clotilde só fizera similhante confidenc... a Sofia. (VOLUME SAGRADO, ps. 182-183.) Em segund... lugar, o nosso Mestre, rezumindo a evolução do seu incom... paravel amor, refere ao mez de Março a sua *união defini... tiva* com a sua imaculada Inspiradora. Estas duas circun...

ncias limitão a hezitação, cremos nós, a escolher entre dois dias finais de Março que são os unicos que per-tecem á fatal semana, começada no Lunedia 30 de Março terminada no Domingo 5 de Abril. Desde então, o fato corresponder uma *Imagem ecepcional* ao dia 30 nos duz a pensar que foi nele que se realizou a tocante nti-são.

Mencionaremos agora as passagens em que o nosso estre alude a esse comovente epizodio. Na sua *Terceira nta Clotilde*, Ele se exprime assim (p. 122):

« Tudo está pois preparado, minha Clotilde, para me rmitir saborear sempre, segundo o modo melancolico ie só me resta, essa vida habitual do coração cuja bene-a evolução te devi tão tarde. Doravante recolherei livre-ente os frutos inapreciaveis de uma profunda ternura ie permaneceu perfeitamente pura, e cujo inexhaurivel rativo todo escrupulozo exame não póde sinão fazer elhor sobresahir. Si a principio o meu coração mur-urou secretamente contra os obstaculos que tu tiveste opôr sempre á minha ardente natureza, quanto me licito hoje que as tuas ternas declarações tenhão sido -ás retardadas para que a nossa união haja conservado na inalteravel castidade, apezar da liberdade irrepro-iavel ecepcionalmente adquirida para cada um de nós! ão me basta que, nas nossas ultimas expansões, tu tenhas genuamente deplorado não teres concedido ao meu amor se penhor inefavel? Tal pezar espontaneo me deixará mpre uma lembrança mais precioza do que o poderia r doravante a memoria por demais fugidia de uma plena alização, que não me permitiria volver sem perturbação, não sem remorsos, sobre o conjunto do nosso caro pa ado.» (Mercuridia 2 de Junho de 1847.)

Na *Oitava Santa Clotilde*, o nosso Mestre refere-se nova-ente á mesma santa efuzão (p. 182):

« Tu te lembras, com efeito, que a minha adoração puri-ando-se de mais em mais sob a tua salutar rezerva, eu ojetei afinal uma adoção legal que te haveria em breve permitir tomar abertamente, sinão o meu nome, pelo enos a minha caza. Quando a minha apozentação filo-fica publicar a nossa santa correspondencia, esse tocante isterio achar-se-á plenamente revelado ás almas de elite, n virtude da ultima das minhas cartas. E' verdade que, opondo-te tal união, eu ignorava ainda até que ponto

a tua ternura se conformava realmente com a minha
não o tinhas então confessado sinão á nossa Sofia.
mesmo não m'o explicou sinão após a tua propria efu-
efetuada sómente na fatal semana. Mas eu ouzo
assegurar que essa inapreciavel conformidade não
em nada alterado a minha rezolução definitiva de
querer a simples titulo de filha. (9 de S. Paulo de
Venerdia 28 de Maio de 1852.)

Já assinalâmos no capitulo anterior as reações
santa revelação sobre a fundação da Religião da Huma-
dade. E' ela, com efeito, que acaba de patentear to-
sublimidade moral de Clotilde. Em primeiro lugar
superioridade do seu altruismo permitiu que Ela cor-
pondesse afinal ao amor do nosso Mestre, apezar dos
taculos que naturalmente contrariavão o surto de uma
paixão tão ecepcional. Mas, alem disso, a angelica sa-
duria com que Ela dirigiu a sua conduta, determinou
assim a assombroza evolução afetiva do nosso Mestre
recebe por essa reciprocidade um alcance para sempre
incomparavel. Porque a manutenção da sua nobre pureza
exigia esforços relativamente pouco consideraveis
quanto Ela não participasse da paixão do seu cavalh-
resco Adorador. Desde, porem, que o nosso Mestre torna-
-se para o seu coração um verdadeiro espozo, só a pre-
cupação pela gloria dele, pela tranquilidade da sua Familia,
bem como o respeito pelas grandes instituições socia-
puderão ampará-la.

O nosso Mestre teve desde então, para objeto das suas
santas meditações, uma alma capaz de patentear-lhe
verdadeiro alcance do altruismo no conjunto da existencia
humana. Com efeito, o exemplo dado por Clotilde não
demonstrava irrevogavelmente que a moralidade depende
sobretudo do altruismo, mas tambem que a perfeita união
entre os sexos é independente das satisfações voluptuozas.
Em uma palavra, Ela provou que as uniões devidas
amor podião ser tão puras como as que rezultavão da
amizade. Nada mais faltava, pois, para que o nosso
Mestre fizesse atingir á faze pozitiva a profunda concepção
de S. Bernardo acerca da nossa natureza moral. Como o
sublime Adorador de Maria, Ele podia de fato proclamar:
*«que não se póde fazer com que os nossos dezejos e afe-
ções não comecem pela carne.* Mas si eles vêm a regrar-
-se com o tempo, avançando gradualmente sob a conduta

da Graça, não ha duvida que afinal eles ver-se-ão consumidos pelo espirito, porque, segundo o pensamento mesmo de S. Paulo, *não é o espiritual que precede, porem o animal, e depois o que é espiritual.*» (TRATADO DO AMOR DE DEUS. Cap. XV.)

Quais não forão as emoções do nosso Mestre ao sahir dessa incomparavel entrevista! O conjunto da vida de Clotilde, bem como todo o cavalheiresco passado do nosso Mestre, demonstrão, porem, que essa tocante efuzão não alteraria a pureza do santo vinculo existente entre ambos, mesmo si a morte não tivesse vindo prematuramente o tornar irrevogavel. Com efeito, por um lado, o sublime empirismo de Clotilde haveria sempre de levantar as mais intransponiveis barreiras aos ardentes anhelos de Augusto Comte. Por mais convincentes que a este parecessem as razões ecepcionalmente justificativas de uma plena união conjugal entre ambos, elas não conseguirião dissipar os escrupulos do coração que desvendára as maximas proclamadas na LUCIA e na CORRESPONDENCIA SAGRADA. No meio da duvida universal, quando a MORAL definitiva estava por criar, *quando todos tinhão ainda um pé no ar sobre o limiar da verdade,* como ouzar romper com as mais fundamentais instituições do Passado? Como não tremer diante da responsabilidade imensa de comprometer a gloria do apaixonado Pensador? Como violar os nobres preconceitos da sua Familia, da sua veneranda Mãi sobretudo? Como esquecer *que não ha prazeres que ecedão os da dedicação; que só a gente é feliz quando a felicidade propria a ninguem aflige ou ofende?*

Todos esses angelicos motivos que o incomparavel altruismo de Clotilde lhe inspirava, e constituião os incessantes moveis da sua conduta, achavão-se corroborados pela admiravel evolução moral que essa mesma conduta determinára na alma do nosso Mestre. E' certo que o coração dele não deixára ainda, de todo, de murmurar contra os limites que a pureza da sua imaculada Inspiradora lhe impunha. Mas a sua lealdade não cessára tambem de o fazer testemunhar, a cada novo ensejo, o mais sincero reconhecimento pelo procedimento de Clotilde. Fôra Ela quem o prezervára de uma *verdadeira quéda;* fôra Ela quem lhe poupára *remorsos;* fôra só Ela quem lhe fizera conhecer e apreciar a pureza; fôra a eminencia da sua

natureza que lhe patenteára a possivel harmonia entre a mais perfeita pureza e a mais egregia inteligencia. Na carta de 11 de Março, Ele dizia:

« ... Uma convicção doravante familiar assegura-me entretanto que, para tornar-me um perfeito filozofo, falta-me sobretudo uma paixão ao mesmo tempo *profunda e pura*, que me fizesse assás apreciar o lado afetivo da humanidade.»

« ... Si mesmo eu vos inspirasse um dia sentimentos verdadeiramente equivalentes aos meus, poderieis mo'os manifestar sem nenhum perigo. *Talvez*, mesmo então, o conjunto da nossa fatal situação prescrevesse a cada um de nós manter sempre, por uma virtuoza prudencia, os castos habitos hoje impostos pelas lacunas involuntarias do vosso coração e os justos escrupulos do meu. Mas, si uma apreciação calma e concienciosa nos demonstrasse a necessidade de tal, contai, minha Clotilde, que eu saberia suportar, com inalteravel energia, essa nova exigencia dos nossos fadarios, sem entretanto saborear demaziado pouco a inefavel doçura desde então prometida á plena troca dos nossos corações. Entre todos os vossos beneficios, não desdenheis, minha bem-amada, o de haver-me feito afinal conhecer o *verdadeiro valor da pureza*, que, nessa hipoteze, desgraçadamente demaziado chimerica! tiraria, da nossa dupla vontade, um incomparavel acrecimo de nobreza. » *

Como, pois, diante de todas essas confissões, Clotilde não haveria de sentir-se cada vez mais segura nos santos propozitos inspirados pelo seu altruismo? O fato de ter ingenuamente deplorado, no seu leito de morte, o não haver concedido ao nosso Mestre o inefavel penhor que Ele anhelára não prova o arrependimento da nobre conduta que tivera. Essa comovente efuzão revela apenas que a sua ternura pelo nosso Mestre adquirira afinal o carater de um afeto verdadeiramente conjugal. Com efeito, duas ordens de motivos tinhão contribuido para que Clotilde não consentisse em dar á sua união com o cavalheiresco Pensador o completo carater matrimonial. Essas duas ordens de motivos erão: a falta de amor, e o conjunto das tradições ocidentais que não lhe permitia aceitar um vinculo sem consagração social, pelo menos civil. Ora a vida inteira de Clotilde induz a crer que, deplorando não ter

* Vide este volume, pgs. 748 e 750. R. T. M.

cedido aos votos do seu nobilissimo Adorador, Ela aludia ás condições fatais que se tinhão oposto á união de ambos, quando já havião cessado os obstaculos oriundos do seu coração. Tão comovente efuzão era naturalmente determinada, não só pela iminencia da morte, como pela confiança nas leais confissões do nosso Mestre.

Mas, por outro lado, a mesma evolução assombroza por que acabava de passar o terno Pensador demonstra que os santos esforços de Clotilde havião de ser correspondidos sempre por Ele. De sorte que nenhuma alma que tiver realmente experimentado os encantos de um amor profundo e puro póde hezitar acerca da veracidade desta efuzão do nosso Mestre:

« ... Mas eu ouzo agora assegurar que essa inapreciavel conformidade não teria em nada alterado a minha rezolução definitiva de te querer a simples titulo de filha.

« Só tal união convinha aos nossos fadarios ecepcionais. Embora as nossas situações respetivas nos proporcionassem *moralmente uma plena liberdade*, a nossa pureza crecente devia perzistir por sensatez, quando a delicadeza cessava assim de no-la precrever. Para que ela não se nos tornasse jamais penoza, bastava, nas nossas tristes situações, reprezentar-nos o nacimento de um ente sem nome. A *tua natureza* e a *minha experiencia* nos terião igualmente conduzido a renunciar irrevogavelmente ás satisfações carnais, quando cada um de nós se tivesse sentido certo da afeição que elas são sobretudo destinadas a constatar e a cimentar. » (VOLUME SAGRADO, p. 183.)

O Martedia 31 de Março é tambem assinalado como correspondendo a uma *Imagem normal* no culto intimo do nosso Mestre. Porem não possuimos nenhuma indicação especial a tál respeito.

Março terminava assim selando a união definitiva dos nossos Pais Espirituais. Quem poderá descrever as emoções que então agitavão a alma do nosso Mestre e da sua imaculada Inspiradora!... Ela, presentindo o fatal desfecho que não podia tardar muito, imaginando o dezespero em que a sua morte ia lançar Aquele para quem era tudo na vida, a dór imensa dos seus Pais que já tanto tinhão sofrido... E o nosso Mestre, recuzando-se a aceitar a cruel realidade, interrogando ao seu coração e ao seu genio, que

prodigios de dedicação ou que maravilhas de siencia serião capazes de conjurar a medonha catastrofe! E, para cumulo de infelicidade, os corações que uma dôr implacavel cingia no mesmo élo em torno do leito martirizante de Clotilde, erão ao mesmo tempo violentamente disjuntados pelas mais antagonicas dispozições!...

Nenhuma mulher no mundo foi jamais amada como Clotilde por Augusto Comte; ninguem adorava Clotilde com um amor mais devotado e mais dezinteressado; ninguem se achava em estado de melhor apreciar a incomparavel grandeza de uma existencia na qual a Humanidade tinha rezumido os supremos rezultados da sua magestoza evolução. Quem, sinão Ele, tinha desvendado, atravez da eximia modestia da nossa santissima Mãi-Espiritual uma preeminencia sem par, votada a um destino sem exemplo? Ninguem possuia tambem mais luzes para aprecıar os cuidados que Clotilde exigia afim de ser salva de uma morte iminente, tanto quanto esse fatal dezenlace achava-se ao alcance da sabiduria humana. O nosso Mestre tinha, pois, o dever de velar pela sorte da sua imaculada Inspiradora, fossem quais fossem, em relação a si-mesmo, as consequencias do seu devotamento.

Não era, porem, assim, infelizmente! que a nobre Familia da nossa divina Mãi-Espiritual encarava a situação. Nos ultimos dias, a atitude de Clotilde em relação ao nosso Mestre ecitava cada vez mais as sucetibilidades domesticas que a sua mutua afeição tinha despertado. O amor do Filozofo era julgado com o criterio geralmente aplicado na apreciação das paixões vulgares. A grande diferença das idades, bem como a circunstancia de contar o nosso Mestre mais de quarenta e oito anos, já dispunha a olhar com extranheza para similhante afeto. E acrecia a esta fatalidade que a prezença do Filozofo não oferecia os atrativos fizicos que de ordinario fazem aceitar de bom grado o contraste entre o verdor moral e a madureza corporea. De sorte que os parentes de Clotilde e especialmente Maximilien Marie não achavão outra explicação para a conduta do nosso Mestre sinão a combinação de um amor vulgar com um imenso orgulho!...

Esta opinião já bastava para criar bem amargas dispozições por parte dos parentes de Clotilde para com Augusto Comte. Mas essas dispozições erão naturalmente agravadas pelas condições sociais em que ambos se achavão. Com

efeito, comprehende-se que, si as circunstancias tivessem permitido consagrar pelo cazamento civil e religiozo a ecepcional união dos nossos Pais Espirituais, a situação teria mudado. Fosse qual fosse o desgosto com que tal laço pudesse ser encarado, é prezumivel que a dupla sanção social faria com que os parentes de Clotilde se conformassem com similhante vinculo. Mas, essa indispensavel solenidade não podendo existir, a pozição do nosso Mestre ficava completamente falsa, á vista das grandes normas morais instituidas pela evolução ocidental. Porque, toda preferencia que Clotilde concedesse desde então ás suas indicações e todos os conselhos que Ele desse em contrario das opiniões das pessoas da Familia, parecerião uma verdadeira uzurpação aos *direitos domesticos*. De sorte que essas intervenções, e mesmo a prezença do nosso Mestre, como talvez até a assistencia de Sofia, só podião subzistir por não ser licito contrariar a vontade de Clotilde, que era civilmente livre e estava na sua propria caza.

Mas tambem que conjunto de condições não era indispensavel para não se enganar sobre uma conduta tão acima dos costumes contemporaneos? Tudo tem vindo cada vez mais demonstrar que era precizo ser quazi Clotilde e Augusto Comte para comprehender, naquela epoca, a situação em que se achárão os Fundadores da Religião da Humanidade.

Não possuimos dados capazes de precizar com segurança o momento em que as sucetibilidades da Familia de Clotilde para com o nosso Mestre assumírão as proporções de um verdadeiro antagonismo. Conjeturamos, porem, que essa infeliz tranzição realizou-se na *semana fatal*. Porque foi então que, se amiudando os contatos entre o Filozofo e os parentes da sua divina Inspiradora, surgírão os ensejos de atritos, ou a propozito de intervenções terapeuticas, ou a propozito de vizitas que o nosso Mestre julgava imprudentes e procurava impedir. Essa atitude do nosso Mestre motivou as mais acerbas queixas por parte da Familia, que julgou ver nele o propozito de que Clotilde só fosse tratada por Sofia, com excluzão mesmo da sua extremoza Mãi! Todos esses atritos forão tornando cada vez mais embaraçozos os encontros do nosso Mestre com os parentes de Clotilde. As coizas fórão a tal ponto que, por fim, quando Ele chegava, a veneranda Mãi de Clotilde auzentava-se logo do apozento; e, si a vizita se demorava,

Ela insistia com o Capitão Marie para que fizesse o Filozofo retirar-se!...

Todos esses choques fatais ião repercutir sobre o coração de Clotilde!... Sem querer, Ela se tornára a cauza das imensas dôres que despedaçavão as almas que Ela mais amava! que mais a estremecião! E no meio de tamanhas torturas, o seu unico alivio consistia em procurar suavizar os padecimentos dos que a rodeavão!... Porque não se haverião de congraçar tambem fóra dela esses corações que tanto sofrião por amá-la, e que o seu inextinguivel altruismo tão intimamente fundira na sua propria alma!!...

IV

No amor não se vive sem dores.

(Tomaz de Kempis— *Imitação*, L. III, cap. 5.)

Os cotejos que esse angustiozo momento desperta ainda tornavão mais patetico o sagrado epizodio que se estava dezenrolando. O humilde apartamento de Clotilde já formava, nas condições habituais, um comovente contraste com a sublimidade moral dela. Era um terceiro andar amansardado, com duas janelas de frente dando acesso a uma sacada para a rua Payenne. Compunha-se de uma salinha correspondente a essas duas janelas, dois quartos que lhe erão contiguos, atraz, mais duas ou tres peças menores, incluzive a cozinha. Entrava-se na salinha pelo quarto onde vinha dar o corredor do apartamento, o qual se acha do lado mais proximo da rua Pavée. Da sala, passava-se ao segundo quarto, que ficava tambem em communicação com os outros comodos. Foi ahi que Clotilde fez o seu quarto de dormir; onde passou os seus derradeiros dias; e onde morreu. *

As exigencias materiais da cruel enfermidade tinhão realçado esse comovente contraste entre a humildade da habitação e a grandeza moral da sua angelica Moradora. Como era fatal, dezaparecêra o encanto do modesto arranjo sob as preocupações de acudir aos acidentes da molestia. Nessa angustiosa faina, partíra-se uma das vidraças da porta que da pequena sala dava entrada para o quarto

* Vide *Uma vizita aos Lugares Santos do Pozitivismo*, p. 153.

onde Clotilde se achava. Por toda parte se estampava, no sagrado apozento, os tão amargamente conhecidos sinais das dôres sem esperança e sem alento.

Fóra, a natureza ostentava as galas de uma primavera ecepcional. E quantas lembranças não trazia similhante estação, e esse mez de Abril que começava no meio de tão cruciantes afliçôes! Era o mez em que Clotilde contempláva o Mundo pela primeira vez; nele, Augusto Comte descobríra, sete anos depois, as leis fundamentais da evolução humana. Nessa quadra Ele enlouquecêra, e conseguíra, graças ao devotamento de Rozalia, recobrar de todo para sempre a energia incomparavel do seu cerebro! Fôra enfim nessa estação que o seu coração, dominado pelos encantos de Clotilde, começára, havia um ano, a transformação moral do Pozitivismo!

E essa ligação entre o surto de um amor sem par e a regeneração definitiva da Humanidade era tornada mais comovente pela coincidencia com a redenção precursora que o Catolicismo celebrava havia perto de dezenove seculos! Naquela mesma semana, o Ocidente preparava-se mais uma vez para comemorar a misterioza *Paixão* divinizada pela sublime abnegação de S. Paulo!

Que profundas reações esses inevitaveis confrontos, mais ou menos comuns aos corações que gemião em torno de Clotilde, devião determinar involuntariamente nos que a amavão! Com que redobrada vivacidade não repercutião tantas e tão imensas emoções, sobretudo nas almas dos nossos Pais Espirituais!...

O primeiro de Abril era Mercuridia. O nosso Mestre sahíra de caza naturalmente absorto no pensamento das crueis circunstancias que o privavão da vizita habitual da sua angelica Inspiradora! Fôra a 18 de Fevereiro que, pela ultima vez, Ela transpuzera o limiar da rua Monsieur-le-Prince; (vide este vol. pag. 764) e quem saberia si a sua prezença havia de vir jámais de novo avivar as santas imagens que até então ali havia deixado... Buscando nessas amargas reflexões o unico conforto para suas penas, o nosso Mestre chegára ao dolorozo apozento de Clotilde...

Mme. Maria nele se achava, alentando os seus sofrimentos de Mãi estremoza e velha na contemplação do martirio da inocente Filha. Mais de uma vez, se retraçára

porventura naquela manhan ao coração de Clotilde a grata lembrança da caza santificada pela sua prezença. Era natural que essas doces recordações se tornassem mais saudozas ao enfrentar com o seu terno Adorador. E corresponde quiçá ás emoções que tais pensamentos despertárão a unica fraze que nos é conhecida da comovente sena que nessa manhan se passou.

«*Eu quizera bem ir dormir em vossa caza*», — disse melancolicamente Clotilde ao nosso Mestre, na prezença da sua veneranda Mãi. Essa santa entrevista constituiu uma das *Imagens normais* do culto intimo do terno Pensador.

. . . .

Para a tarde a saude de Clotilde peiorou enormemente; e a Familia perdendo talvez a esperança na sua cura, rezolveu fazer conferir-lhe os ultimos sacramentos da Egreja. Foi com certeza a piedoza condecendencia para com os seus o movel a que essencialmente obedeceu Clotilde nesse angustiozo momento. Mas, apezar da sua completa emancipação teologica, Ela conservava uma sincera veneração pelas grandes instituições do Catolicismo. A principio devido á espontanea delicadeza do seu coração, similhante acatamento achava-se então já assás sistematizado pelo que Ela havia assimilado do Pozitivismo nacente. Para não ter duvidas a este respeito, basta recordar, independentemente das luzes que devião ter-lhe fornecido, neste particular, as conversas do nosso Mestre, as epistolas filozoficas sobre a *Santa Clotilde*, o *Batismo*, e o *Cazamento*. Comprehende-se, pois, que se conformando com o dezejo da sua Familia, Clotilde seguia as inspirações do seu coração que lhe mostrava a necessidade de solenizar, mediante a intervenção social, a terminação objetiva de cada digna existencia humana. E' mesmo prezumivel que Ela tivesse consultado o nosso Mestre, a tal propozito, e que a sua conduta tenha sido por Ele aprovada, já como uma deferencia aos votos da Familia, já pelos motivos sociais.

A doloroza solenidade teve lugar no Jovedia 2 de Abril. Esse dia corresponde a uma *Imagem excepcional*. Poucas horas depois Clotilde completava trinta e um anos! Num Jovedia tambem (28 de Agosto de 1845) tivera lugar a incomparavel ceremonia de onde o nosso Mestre datava o seu cazamento espiritual com a sua angelica Inspiradora.

E essas circunstancias tornão ainda mais comovente a decizão segundo a qual Ele determinou que os sacramentos pozitivistas fossem conferidos nos Jovedias.

O dezuzo habitual em que já cahiu a Extrema-Unção faz com que o ritual correspondente seja completamente desconhecido, mesmo pela maioria dos que entre nós se confessão catolicos. A generalidade dos leitores não podendo, pois, reconstruir espontaneamente a doloroza ceremonia, pareceu-nos conveniente proporcionar-lhes os dados indispensaveis para isso. Porque só assim seria possivel partilhar bem das emoções que então devião torturar não só a nossa divina Mãi Espiritual mas tambem os que a rodeavão, e especialmente o nosso acabrunhado Mestre. *

O sacramento é conferido pelo páraco ou qualquer outro padre delegado por ele ou pelo Ordinario. O padre dirige-se para a casa do doente com os seus trajes ordinarios e seguido por um clerigo. O sacerdote traz consigo o oleo dos enfermos, que é bento cada ano, pelo bispo, na *Quinta-Feira Santa*. O clerigo leva o crucifixo, a agua benta, o aspersorio e o ritual. Leva tambem a sobrepeliz e a estola roxa do sacerdote, si este não as trouxer consigo.

No quarto do enfermo deve estar preparada uma meza coberta com uma toalha branca. Sobre esta se colocão uma vela de cêra que deve ser aceza para alumiar o ungido, um vazo com sete novelos de estopa ou coiza similhante para enxugar as unções, miolo de pão para limpar os dedos do sacerdote, e uma bacia com agua para este lavar as mãos.

Chegado ao quarto do doente, o padre diz ao entrar: V. *Paz a esta caza*; e o clerigo responde: R. *E a todos os que nela habitão*. * * Aquele depozita então sobre a meza o vazo dos santos oleos e reveste a sobrepeliz e a estola roxa.

Assim paramentado, aprezenta o crucifixo ao doente para beijar, e tomando o aspersorio que o clerigo lhe oferece, esparge em cruz com agua benta, o quarto e os circunstantes, dizendo a antifona: *Aspergir-me-ás, Senhor, com*

* Vide o *Ritual Romano* e o *Ceremonial segundo o rito romano* de Le Vavasseur.

* * Está entendido que todas as palavras proferidas pelo sacerdote e o clerigo são ditas em latim.

o hissope, e ficarei limpo; lavar-me-eis, e ficarei mais alvo do que a neve.

Si o doente quizer confessar-se, o padre o ouvirá e o absolverá. Depois o consolará com palavras piedozas; si a situação permitir, explicar-lhe-á, em poucas palavras, a virtude e a eficacia do sacramento que vai receber; e o animará e ecitará nele a confiança e a esperança da vida eterna.

Acabado isto, o padre diz: V. O nosso socorro está no nome do Senhor. R. Que fez o ceu e a terra. V. O Senhor seja convosco. R. E com o teu espirito.

OREMOS — Dá, Senhor Jesus Cristo, que entre nesta caza com o ingresso da nossa humildade, a eterna felicidade, a divina prosperidade, a serena alegria, a caridade frutuoza, a sanidade sempiterna: fujão desse lugar os demonios: estejão prezentes os Anjos da paz, e abandone esta caza toda maligna discordia. Magnifica, Senhor, sobre nós o teu santo nome: e abençoa (faz o sinal da cruz sobre o doente) a nossa conversação: santifica a entrada da nossa humildade, tu que és santo e pio, e permaneces com o Pai e o Espirito Santo por todos os seculos dos seculos. R. Amen.

Oremos e supliquemos ao Nosso Senhor Jezus Cristo, para que, abençoando nós, benza (faz o sinal da cruz sobre o doente) este tabernaculo e todos os que nele habitão, e lhes dê um bom Anjo custodio, e os faça servir-lhe para considerar as maravilhas da sua lei; aparte deles todas as potestades contrarias: arranque-os de todo o temor, de toda perturbação e digne-se guardá-los sãos neste tabernaculo: Ele que como Deus vive e reina com o Pai e o Espirito Santo, nos seculos dos seculos. R. Amen.

OREMOS — Ouve-nos, Senhor santo, Pai onipotente, eterno Deus; e digna-te enviar um santo Anjo teu do céu, que guarde, favoreça, proteja, vizite, e defenda todos os que morão nesta habitação. Por Cristo nosso Senhor. R. Amen. *

Depois dessas orações o clerigo recita o *Confiteor*. Findo este, o Padre diz:

V. Compadeça-se de vós o Deus onipotente, e perdoados os vossos pecados, vos conduza á vida eterna. R. Amen.

* Estas orações podem ser omitidas de todo ou em parte, si o tempo não permitir recitá-las.

V. A indulgencia, a absolvição (faz o sinal da cruz sobre o doente), e a remissão dos vossos pecados vos conceda o Deus onipotente e mizericordiozo. R. Amen.

Em seguida o padre exhorta os assistentes a orarem pelo doente, e a recitarem, si as circunstancias o permitirem, os sete psalmos penitenciais com as ladainhas ou outras rezas enquanto ele procede ás unções. Tendo-se, pois, ajoelhado os assistentes, o padre diz:

Em nome do Padre (faz o sinal da cruz sobre o doente) do Filho (*idem*) e do Espirito Santo (*idem*), extingua-se em ti toda a virtude do diabo pela impozição das nossas mãos, e pela invocação de todos os santos Anjos, Archanjos, Patriarcas, Profetas, Apostolos, Martires, Confessores, Virgens, e de todos os Santos juntos. Amen.

Depois, embebendo o polegar direito nos santos oleos o padre unje o doente fazendo o sinal da cruz nas seguintes partes, começando pelo lado direito, e graduando a enunciação da fórmula sacramental de modo que ela termine com a unção de cada parte.

Nos olhos (sobre as palpebras)—Por esta santa Unção (faz o sinal da cruz) e a sua piissima mizericordia, perdoe-te Deus o que delinquiste pela vista. Amen.

Feita esta unção, como no fim das outras, o sacerdote (ou o acolito si tiver ordens) enxuga a parte ungida, servindo-se de cada vez de um novo novelo de estopa e o lança em um vazo limpo para ser levado para a Igreja, queimado e lançado ao sacrario.

Nos ouvidos—Por esta santa Unção (faz o sinal da cruz) e a sua piissima mizericordia, perdoe-te Deus o que delinquiste pelo ouvido. Amen.

Nas narinas—Por esta santa Unção, etc., o que delinquiste pelo olfato. Amen.

Na boca, sobre os labios fechados — Por esta santa Unção, etc., o que delinquiste pela paladar e pela fala. Amen.

Nas palmas das mãos (nas costas se fôr sacerdote). Por esta santa Unção, etc. o que delinquiste pelo tato. Amen.

Nos pés — Por esta santa Unção, etc., o que delinquiste pelo andar. Amen.

Nos homens, quando o estado do doente permite, faz-se tambem uma unção nos lombos. Esta unção é omitida nas mulheres por decoro. — Por esta santa Unção, etc., o que delinquiste pelos deleites dos lombos. Amen.

O sacerdote enxuga então os dedos em miolho de pão, e diz em seguida:

Senhor, tende piedade de nós. Cristo, tende piedade de nós. Senhor, tende piedade de nós.

Padre nosso, etc.

V. E não nos deixes cair em tentação. R. Porem livra-nos do mal. V. Salva o teu servo. R. Deus meu, que espera em ti. V. Envia-lhe, Senhor, o auxilio do santo. R. E o protege de Sion. V. Sê-lhe, Senhor, a torre da fortaleza. R. Contra a face do inimigo. V. Nada aproveite o inimigo nele. R. E o filho da iniquidade não consiga prejudicar-lhe. V. Senhor, escuta a minha oração. R. E o meu clamor chegue até a ti. V. O Senhor seja convosco. R. E com o teu espirito.

Oremos — Senhor Deus, que pelo teu Apostolo Jacob disseste: si algum de vós adoecer, mande chamar os Presbiteros da Igreja, e orem estes sobre ele, ungindo-o com o oleo em nome do Senhor: e a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o aliviará; e si estiver em pecados, ser-lhes-ão perdoados; * cura, nós te rogamos, Redentor nosso, com a graça do Espirito Santo os langores deste enfermo, sára as feridas dele, perdoa-lhe os seus pecados, e expele dele todas as dôres da mente e do corpo, e restitúi-lhe mizericordiozamente a plena saude interior e exterior: afim de que restabelecido com o socorro da tua mizericordia, fique novamente pronto para as antigas funções. Tu que como Deus vives e reinas com o Pai e o Espirito Santo pelos seculos dos seculos. Amen.

Oremos — Nós te suplicamos, Senhor, que olhes para o teu famulo N. (o nome da pessoa) que está desfalecendo na enfermidade do seu corpo, e lhe confortes a alma, que tu creaste: para que, emendado pelos castigos, sinta que foi salvo pela tua medicina. Por Cristo nosso Senhor. Amen.

Oremos — Senhor santo, Pai onipotente, eterno Deus, que infundindo a graça da tua benção nos corpos doentes, guardas a tua feitura com a tua multiplice piedade: acode benigno á invocação do teu nome, afim de que levantes com a tua dextra, animes com a tua virtude, protejas com o teu poder, e restituas á tua Santa Igreja com toda a prosperidade dezejada, o teu famulo libertado da molestia e dado á saude. Por Cristo nosso Senhor. R. Amen.

* E' nesta passagem que a Igreja Catolica bazea a instituição do sacramento da Extrema-Unção. R. T. M.

Finda assim a cerimonia, o padre póde dirigir ao doente algumas palavras que o animem para morrer no Senhor e o fortifiquem para evitar as tentações dos demonios. Deixa agua benta e um cruxifixo diante do doente para que olhe para ele frequentemente, e segundo a sua devoção o beije e abrace. Aconselha aos criados e enfermeiros que, si a molestia agravar-se ou o doente começar a agonizar, imediatamente chame de novo o pároco, para ajudá-lo a morrer e encomendar a sua alma a Deus.

Esta cerimonia cauzou ao nosso Mestre uma impressão dolorozissima. Mais de seis anos depois, caraterizando o sacramento pozitivista da *Transformação*, as seguintes palavras ressumão ainda as suas torturas:

« ... Ele deve substituir a horrivel cerimonia em que o catolicismo, entregue sem freio ao seu carater antisocial, arrancava abertamente o moribundo a todos os afetos humanos, para o transportar izolado ao tribunal celeste. » (CATECISMO POZITIVISTA. Tradução de Miguel Lemos, 1ª edição, ps. 98 e 99).

E as lutas de que a alma do terno Pensador era teatro tornavão-se ainda mais terriveis pela impossibilidade de dar-lhes uma justa expansão. Bem a custo, porventura, as lagrimas afogueadas do dezespero queimavão-lhe o rosto atormentado pelo pranto na solidão das suas longas noites de insonia... Mas, depois que o sacerdote retirou-se, quando a familia de Clotilde a cercava das comoventes demonstrações com que o amor traduz as agonias para as quais não sentimos alivio, o nosso Mestre não póde mais conter os gemidos que lhe estalavão o peito:

Fostes desconhecida, mas eu vos farei apreciar... Não, jamais nenhuma outra... — prorompeu Ele, com voz que a nobreza da sua dôr não consentiu que lhe transpuzesse de todo os labios... Porem o seu coração completou: — *A tua morte mesma consolida para sempre o laço fundado na minha afeição, minha estima, e meu respeito!*

Supomos que foi depois desse dolorozo epizodio que Clotilde legou a Sofia um dos seus vestidos (VOLUME SAGRADO, p. 13) e ao nosso Mestre o original da *Willelmina*. O ultimo desses legados, pelo menos, não foi então entregue por Ela. A *Dedicatoria* da POLITICA alude com efeito a *promessas formais* que neste assunto forão feitas ao nosso Mestre pela Familia de Clotilde. (POLITICA, I, p. 111.)

E tal passagem, combinada com outras do VOLUME SAGRADO, induz mesmo a crer que foi á sua veneranda Mãi que Clotilde recomendou a execução dessas ultimas vontades.

As referencias do nosso Mestre nos fazem tambem crer que Ele teve em seguida uma entrevista a sós com Clotilde. Supomos, com efeito, á vista de uma nota do *Testamento* (p. 15), que foi então que a nossa martirizada Mãi Espiritual pediu-lhe que levasse consigo as cartas que dele recebêra. Ela mesma as colocára na caixinha de luvas que o cavalheiresco Pensador lhe oferecêra por ocazião de batizar-se o filho de Maximilien Marie. Apenas as sete ultimas (de 4, 5, 8, 9, 11, 17, e 18 de Março) não couberão ahi.

Prezumimos por isso que o nosso Mestre voltou nesse dia á rua Monsieur-le-Prince. Porem, é certo que Ele passou a noite de 2 para 3 de Abril velando junto da sua imaculada Inspiradora. E foi essa a unica noite em que estiverão juntos. (VOLUME SAGRADO, p. 42.)

Clotilde perdêra completamente a esperança no seu restabelecimento. Diante, porem, da perspetiva da sua morte iminente, não é para si que o seu pensamento se volta. Exaltado pelo martirio, o seu altruismo não permite surgir na sua imaginação sinão os sofrimentos dos entes que Ela mais ama, e que ião ficar entregues aos horrores da sua eterna auzencia. A lembrança do seu nobre Pai e da sua extremoza Mãi sobretudo a enche de aflição. Mas as imagens dos seus irmãos como que vêm trazer um santo lenitivo a esses sentimentos: no amor por eles, e na ternura deles, na dedicação pelo netinho e nas caricias deste, os venerandos Anciãos encontrarião uma santa diversão ao seu tormento...

Outro tanto não acontecia ao nosso Mestre... Morta Clotilde, o terno Pensador recahiria no cruel izolamento donde Ela o tirára havia pouco mais de um ano! Esse pensamento dezenrola aos seus olhos doloridos todas as esperanças do seu cavalheiresco Adorador, agora desfeitas irremediavelmente, e transformadas em outros tantos incentivos do dezespero... Recorda as lutas imerecidas da sua vida publica, a perseguição pedantocratica de que é vitima, os dezapontamentos de amizade que o acabrunhão!... E Ele sózinho, sem o alivio que o seu amor lhe dava; tendo, pelo contrario, na imagem dela uma fonte

inexhaurivel de maiores dezalentos ainda! E o que seria da sua glorioza missão social contrastada por tamanhos obstaculos! O que seria da regeneração humana; o que seria de todos aqueles incomparaveis projetos pela grandeza da Posteridade, com que o egregio Reformador tantas vezes a arroubára nas suas deliciozas entrevistas?... Tudo isso tambem rolaria em breve na escuridão impenetravel de um tumulo?!...

E, a esses pensamentos grandiozos, a piedade da nossa terna Mãi Espiritual junta as emoções que lhe despertava a sorte da bondoza Proletaria que se tornára a sua Irmã de coração. O que seria da pobre Sofia? O que seria da felicidade que Clotilde augurava *para os tres?* O digno amparo e a paternal solicitude com que o nosso Mestre retribuia o devotamento da nobre Criada irião tambem esvaecer-se com a sua morte? Onde encontraria Sofia uma alma que, como a do terno Filozofo, soubesse comprehender tanta eminencia atravez de tão humilde situação?

Diante dessa pavoroza perspectiva um mixto de saudade infinda e de compaixão inexhaurivel derrama-se na alma de Clotilde. Ela se esforça, num elance supremo, por estender alem da campa a angelica influencia que exercêra sobre a tormentoza existencia do acabrunhado Pensador. Nesse intuito, exhorta-o com inefavel ternura a opôr a mais santa rezignação ao rude golpe que o Destino vai desfechar sobre Ele. Para sustentá-lo, cita-lhe com candura o seu proprio exemplo; lembra-lhe que tambem para Ela os sofrimentos imerecidos havião começado na aurora da mocidade, para não a deixar nem siquer á borda da sepultura... E entretanto morria com a conciencia de nunca ter feito mal sinão a si... Pede-lhe porventura, como ultimo testemunho do seu amor, a promessa de que não se deixaria abater pelo infortunio... Fala-lhe da sua boa Sofia... Queria morrer certa de que Ele saberia sempre transformar em fontes de beneficios sociais as mais crueis torturas que o futuro lhe rezervasse... *Que prazeres podem eceder aos da dedicação?* — *É indigno dos grandes corações derramar as perturbações que sentem*; — *Só somos felizes quando a nossa felicidade a ninguem aflige ou ofende*... — erão as suas incessantes reflexões.

Todas essas santas exhortações, que as aluzões do nosso Mestre mais tarde fazem entrever nas suas *Confissões*, devião trazer ao apaixonado Pensador espontaneamente

a melancolica lembrança da LUCIA. E similhante evocação tendia a retraçar-lhe com viveza extrema o tragico desfecho do amor que a sublime heroina inspirára. Mas era em vão que o dezespero tentava apoderar-se do seu coração dilacerado por tantas e tamanhas torturas. Porque as sagradas recomendações da sua divina Inspiradora vinhão ao encontro das proprias sugestões do seu altruismo exaltado pela incessante adoração dela. Ele sentia com indomita energia que precizava agora viver mais do que nunca, para patentear ao Mundo a incomparavel grandeza da Mulher que o seu feliz Destino lhe fizera encontrar... Precizava viver para retribuir dignamente por uma dedicação paternal a incomparavel solicitude com que Sofia zelára pela vida de Clotilde...

Foi, pois, com os acentos da mais augusta rezolução, que Ele, debulhado em lagrimas, jurou jamais esquecer-se dos ultimos conselhos de Clotilde, e esforçar-se por corresponder cada vez mais aos santos votos que Ela lhe exprimia com tão piedoza candura. Tais forão as extremas *promessas* que adoçárão os derradeiros dias da nossa terna Mãi Espiritual, como se deprehende das *Confissões* do nosso Mestre. (VOLUME SAGRADO, p. 42, *Dedicatoria da* POLITICA, p. 117.)

Da incomparavel entrevista só se acha, porem, consignada, nas *Orações* do torturado Pensador, uma melancolica fraze de Clotilde, proferida nesse começo da sua lenta agonia: — *Não tereis tido uma companheira por muito tempo!*

Cremos que a *Imagem ecepcional* do Venerdia 3 de Abril corresponde a esta santissima entrevista.

Tudo indica que até esse momento se conservavão ainda cordiais, embora tensas, as relações entre a Familia de Clotilde e o nosso Mestre. Pelo menos as *Orações* dele não assinalão nenhuma mudança grave nessas comoventes relações antes de Sabado 4 de Abril. Devemos á bondade de M.me V.a Maximilien Marie o conhecimento de dois epizodios, cada qual mais dolorozo, occorridos nesta fatal semana. Mas a nossa veneranda informante não precizou a data em que eles se derão. Creio que nos archivos da rua Monsieur le-Prince se encontrão documentos que permitirão um dia reconstruir completamente todas essas pungentes senas. Talvez tambem

M. Charles de Rouvre as mencione, com os detalhes indispensaveis, na projetada biografia da sua glorioza Tia-avó. Atualmente, porem, somos forçados a suprir com conjeturas tão penozas lacunas.

Acreditamos, pois, que os dois epizodios a que aludimos derão-se do Venerdia 3 de Abril para o Sabado 4. Supomos mesmo ligar-se a algum deles a comovente exprobração nesse ultimo dia dirigida á angustiada Mãi de Clotilde, e que só o vehemente dezespero da dôr pudéra arrancar ao nosso Mestre. Vamos reproduzir essa doloroza narrativa na ordem que nos parece ser a da sucessão de tão penozos incidentes, á vista da sua gravidade comparativa.

A *Imagem ecepcional* do Venerdia 3 de Abril parece estar ligada, conforme dissemos, á santissima entrevista que teve lugar durante a noite de 2 para 3. Não sabemos a que horas o nosso Mestre voltou então á caza; nem si, tendo lá ido, tornou a vir no mesmo dia á rua Payenne. Por outro lado, as informações de Mme Va Maximilien Marie levão-me a crer que a molestia aprezentou então enganadores sinais de melhoras. De sorte que o fato do nosso Mestre não ter passado mais nenhuma noite velando pela sua imaculada Inspiradora deve ser atribuido ou a essas melhoras aparentes, ou a que o estado das relações do nosso Mestre com a Familia Marie já era incompativel com a permanencia dele ao lado da idolatrada Senhora. Quando se reflete que esta deixou de receber as vizitas do nosso Mestre por não poder receber tambem as dos seus, fica-se propenso a admitir que Ela mesma lhe houvesse pedido o sacrificio de não permanecer junto de si.

Seja como fôr, o certo é que, quanto mais o estado de Clotilde se agravava, tanto mais redobrava o nosso Mestre de zelo para ver si a salvava, e tanto menos a sua atitude se tornava comprehensivel á Familia Marie e aos que a rodeavão. O perigo, crecendo a cada instante, aumentava por outro lado as dificuldades de dominar as emoções. Não vendo sinão a imensidade e a iminencia da catastrofe, não escutando sinão as inspirações do seu incomparavel amor, o cavalheiresco Filozofo assumíra a responsabilidade de velar, custasse o que custasse, por uma existencia intimamente ligada aos destinos supremos da Humanidade. *Eu vos confio o meu resto de vida*,—dissera lhe a propria Clotilde, na sua carta de 5 de Setembro de

1845; e o nosso Mestre aceitou essa terna missão com uma dedicação sem limites. As conveniencias ordinarias, da mesma sorte que os mais santos preconceitos vulgares, fosse qual fosse a nobreza e o cabimento geral deles, não podião pois, e não devião, detê-lo ou demovê-lo do seu abnegado propozito.

Mas a Familia Marie e os que a cercavão não comprehendêrão, e porventura não podião comprehender, assim essa situação ecepcionalissima. Ela não viu no nobre procedimento do cavalheiresco Pensador sinão as manifestações de um imenso orgulho e a exaltação de um amor vulgar, conforme já dissemos. Sentiu-se, pois, profundamente ferida com a conduta de um simples amigo que menosprezava as conveniencias habituais, e ouzava colocar-se acima do que se considera direitos incontestaveis da Familia. Os dois epizodios que vamos narrar podem dar uma idéia da exacerbação a que havião chegado os corações e os espiritos, naqueles dias funestos.

Em um momento dado, a veneranda Mãi de Clotilde quiz entrar com M^me^ Maximilien Marie no quarto da sua martirizada Filha. As vizitas fatigavão extremamente a compassiva Enferma, que entretanto sentia-se sem animo para contrariar o afetuozo dezejo dos que procuravão vê-la. O Filozofo tomou, pois, a rezolução de evitar as manifestações de um interesse cuja ternura Ele não desconhecia, mas que por isso não era menos cego e não se tornava menos perigozo. O nosso Mestre foi pois ao encontro de M^me^ Marie, e disse-lhe:

— *Não se póde deixar entrar sinão as mulheres de serviço, Senhora.*

Ao que M^me^ Marie respondeu-lhe:

— *Si assim é, lamento bem não ser uma mulher de serviço para poder tratar a minha filha.*

M^me^ V^a^ Maximilien Marie ao narrar-me essa doloroza sena, disse-me que parecia-lhe ainda ver Clotilde erguer os braços emagrecidos em um gesto que bem pintava a sua angustia, e com uma voz enfraquecida dirigir-se a sua Mãi:

— *Não foi para ti, Mamãi, que se disse isso!* — exclamou Ela.

Esta lancinante fraze mostra bem que a vehemencia da dôr da veneravel Mãi de Clotilde havia ocazionado um cruel engano. Ela tomára para si uma precaução que

concernia as outras pessoas que dezejavão vizitar a angelica Enferma.

Em outra ocazião, déra-se um acidente que lançára todos em grande consternação. Foi chamado precipitadamente o medico que morava na mesma caza, e era o proprietario do predio. Ele quiz fazer um certo curativo; mas viu-se por tal modo contrariado com a atitude do nosso Mestre, que deixou escapar estas palavras:

— *Ou o Sr. Comte tem aqui direitos incontestaveis, ou então está louco!*

Mme Marie interveio nesse momento para declarar que o nosso Mestre não tinha ali a minima autoridade, e para assegurar ao medico a liberdade de proceder como entendesse.

Foi porventura tão pungentissimo epizodio que arrancou ao nosso Mestre esta exclamação de invencivel dôr:

— *Senhora, vós amais a vossa filha como um objeto de dominação, e não como um objeto de afeição.*

Si assim foi, a amarissima sena aconteceu no Sabado 4 de Abril e na prezença de Clotilde, pois que a referida exprobração deu-se nessas incomparaveis condições!...

A esse dia corresponde uma *Imagem ecepcional* do culto intimo do nosso Mestre.

V

> Foi-me precizo toda a potencia das minhas convicções filozoficas contra o suicidio, fortificada pelo sentimento fundamental da alta missão social que me resta a cumprir, para sobreviver sem hezitação a tal catastrofe.
>
> (*Carta de Augusto Comte a Stuart Mill.*)

Clotilde achava-se na vespera do ultimo dia do seu martirio! A Familia Marie não contava que o fatal dezenlace estivesse tão proximo. Ela não imaginava mesmo o estado real de Clotilde. Mme Va Maximilien Marie assegurou-me que nunca ouviu dizer que a sua cunhada tivesse morrido tizica. O Dr. Cherest dizia que Ela morria porque as suas entranhas achavão-se inteiramente estragadas. Na manhan de 5 de Abril, Domingo de Ramos, Mme Maximilien Marie viera ver a sua divina Cunhada; e, beijando-a no momento de sahir, Esta lhe disse:

— *Sinto que vou morrer! Fazei com o vestido branco*

com que eu estava no dia do batismo do meu afilhado uma roupinha para ele...

Depois acrecentou:

— *Mas é melhor que seja assim!... Quem sabe o que aconteceria entre M. Comte e a minha Familia, si ela vivesse!...*

A vista do estado de saude de M^me Maximilien Marie não a deixavão ficar por muito tempo em caza de Clotilde, para poupar-lhe emoções que podião ter consequencias perigozas. Quando, em uma das incomparaveis entrevistas que teve a bondade de proporcionar-me, falei-lhe da Extrema-Unção de Clotilde, M^me V^a Maximilien Marie mostrou ignorar tal ocurrencia. Ela despediu-se, pois, da sua terna Cunhada, sem suspeitar que era esse o seu derradeiro adeus!... Porem a pungente reflexão com que rematou, mais de cincoenta e um anos depois, a narrativa de tão comovente epizodio bem patenteia toda a dôr dessa despedida: — *Pobre Clotilde! Quanto sofreu!...*

Havia alguns dias que M^me Marie não abandonava mais o apartamento da rua Payenne. Ela retirava-se em geral do quarto da sua estremecida Filha, logo que o nosso Mestre chegava, conforme já dissemos. Supomos que foi esta circunstancia que ocazionou a auzencia da veneranda Senhora no momento supremo. Mas não consegui saber precizamente dos motivos que impedírão que a veneravel Mãi de Clotilde recebesse o derradeiro alento da sua piedoza Filha. Só pude saber, em termos gerais, que tinhão imputado uma *conduta cruel* ao nosso Mestre nessa ocazião, e que similhante fato tornou-se uma das mais amargas queixas de M^me Marie contra Ele.

Sejão, porem, quais tenhão sido os dolorozos acontecimentos então ocorridos, o conjunto da vida do nosso Mestre demonstra de antemão que só um fatal engano sobre a interpretação deles permitiria atribuir-lhe a minima dureza de coração. Todo mundo comprehende espontaneamente a dôr da agoniada Mãi de Clotilde nesse terrivel transe. Como Esta dizia ao nosso Mestre, um mez antes de expirar: — « *Ela tinha sempre esse coração que jamais batêra um só instante por si-mesma na vida.* » — Mas o sofrimento do nosso Mestre não foi menor, conforme o devia atestar mais de onze anos de um culto sem exemplo.

Todas essas circunstancias nos induzem a crer que a morte da nossa divina Mãi Espiritual deu-se inesperada-

mente. O nosso Mestre chegou talvez depois do meio-dia, e encontrou a sua idolatrada Inspiradora naturalmente mais enfraquecida, porem ainda bastante animada. Já dissemos que Mme Marie se retirava do apozento de Clotilde logo que o nosso Mestre chegava. A proximidade da caza da rua Pavée, onde moravão os Pais de Clotilde, torna possivel até que Mme Marie lá tivesse ido enquanto durava a vizita do nosso Mestre. Assim se póde explicar que Este se achasse a sós com Clotilde e Sofia, quando a terrivel catastrofe o veio sorprehender.

E' provavel que no archivo da rua Monsieur-le-Prince se encontrem documentos detalhados do que se passou então. Os textos publicados do nosso Mestre apenas nos indicão, porem, as circunstancias que vamos mencionar.

Os acidentes que precedérão á morte parecem ter ocorrido pouco antes das tres horas da tarde. A essa hora já a nossa piedoza Mãi Espiritual tinha cessado de ver e ouvir; entretanto Ela conservou até o ultimo momento as suas faculdades superiores. (VOLUME SAGRADO, p. 116) Foi então, com efeito, que Ela proferiu cinco vezes consecutivamente esta santa exhortação, tocante rezumo das suas recomendações finais:

— *Comte, lembra-te que eu sofro sem o haver merecido !*

E, meia hora depois, exalou o ultimo suspiro!!! O quadro desse momento supremo foi caraterizado nas *Orações* do nosso Mestre com os seguintes versos de Virgilio:

> Illa, graves oculos conata attollere rursus
> Deficit: infixum stridit sub pectore vulnus.
> Ter sese attollens, cubitoque adnixa, levavit:
> Ter revoluta toro est, oculisque errantibus alto
> Quæsivit cœlo lucem, ingemuitque reperta.

> Tentando erguer os olhos já pezados,
> De novo ela desmaia; a crua chaga
> Fundo cravada sob o peito estride.
> Tres vezes o seu corpo alevantando,
> Firmada ao cotovelo, a custo ergueu-se;
> Tres vezes rolou no leito exhausta;
> E com's errantes olhos no céu alto
> A fugitiva luz buscou saudoza,
> E mal a encontrou, gemendo expira!

Essa indescritivel sena constituiu uma *Imagem cap-nal* no culto intimo do nosso Mestre.

No seu *Testamento*, e nas suas *Orações* Ele alude a um lenço de Clotilde e a um cacho de cabelos dela, cortado depois de morta. A redação de tal passagem indica talvez que esse lenço servíra, desde o momento da catastrofe, para envolver a preciozissima reliquia. Não sabemos por quem foi cortado o cacho de cabelos a que nos referimos e que o terno Pensador trazia consigo habitualmente, segundo parece.

O estado do coração do nosso Mestre durante esse cruelissimo transe mal póde ser imaginado por quem houver concebido toda a sublimidade de Clotilde e toda a magnitude do amor sem par que Ela inspirára. Si a perda de um ente idolatrado, apenas pelos seus dotes domesticos, determina tão frequentemente o dezespero, nos corações amantes, quem medirá a imensidade de uma dôr na qual se confundião as mais cruciantes angustias de espozo, de pai, e de regenerador?... Fulminado por simillhante catastrofe, o cavalheiresco Filozofo sentiu erguerem-se no seu cerebro, com força imensa, todas as seduções de um suicidio que fizesse acabar com a vida a sua divina felicidade! E só a imagem suave de Clotilde, de Clotilde martirizada, desconhecida,... só essa imagem suprema, despertando as suas mais vivas emoções privadas de envolta com os seus mais sublimes arroubos sociais, pôde salvá-lo do abismo que o atrahia! Não seria frustrando a Humanidade de todas as suas promessas que Ele havia de atestar ás gerações por virem a incomparavel ecelencia da Mulher a quem devia o ter experimentado os mais puros e profundos sentimentos da ventura! Não seria imolando a sua vida, imolando a vida que Ele lhe consagrára, que Ele lhe jurára votar á sua glorificação, que haveria de dezempenhar o solene compromisso: — *Fostes desconhecida mas eu vos farei apreciar!... Não, jámais nenhuma outra... A tua morte mesma consolida para sempre o laço fundado na minha afeição, a minha estima, e o meu respeito.*

E cada vez que Clotilde, com voz que a morte ia gradualmente sumindo, lhe fazia ressoar aos ouvidos as pungentes palavras: *Comte, lembra-te que eu sofro sem o haver merecido!*... de cada vez, esses pensamentos redentores, crecendo em energia, bradavão mais alto, domi-

ndo os rugidos medonhos da tormenta que convulsio-
.va o cerebro do agoniado Pensador!...
Como admirar-se, pois, que naquele momento de angus-
ıs sem nome, o nosso Mestre nada mais visse, de nada
ais se lembrasse, sinão da nossa Mãi Espiritual? Como
ıo comprehender que Ele contemplasse com horror a
ıssibilidade de virem arrancá-lo de junto do leito em que
;onizava Aquela que ninguem amava nem amára nunca
ım mais abnegada paixão? Talvez a perspetiva dessa
ıvoroza eventualidade se rasgasse mesmo mais de uma
·z diante dos olhos afogueados pelas lagrimas do seu
roz sofrimento, não menos do que ao coração de Clo-
lde, e tivesse vindo requintar o martirio de ambos. E,
·sse cazo, o que seria tanto dele como de sua angelica
ıspiradora?
Como, pois, extranhar que o nosso Mestre não houvesse
rovideneiado que para a Familia de Clotilde assistisse os
·us ultimos momentos, si é que a imensidade da sua dór
ermitiu ocorrer-lhe tal lembrança? Pois que? Ele haveria,
:le mesmo, de chamar para junto do leito fatal aqueles
ue absortos tambem na sua propria dôr, não compre-
endendo a ecelsa paixão que ali o prendia, espantados
as suas lagrimas, o relegarião quiçá para um canto, como
m intruzo importuno!... Os dolorozos conflitos de afei-
ão que até aquele momento se tinhão dado não erão
astantes para mostrar-lhe a dezesperadora pozição que o
guardava, si a Familia de Clotilde assistisse os seus derra-
eiros momentos! Só quem jámais amou devéras será
ıcapaz de conceber esse incomparavel martirio...
Sofia não podia aliás abandonar Clotilde agonizante só
om o acabrunhado Pensador, no momento em que o
ezespero deste chegou ao ponto de comprometer a sua
ızão.
Mas, si tudo isso é incontestavel, não são menos com-
rehensiveis as grandes dóres da Familia Marie quando
ɔi sorprehendida pela noticia da cruel catastrofe. O
ezespero da veneravel Mãi de Clotilde, sobretudo, não
omportou treguas nem alivio. O seu coração mortalmente
erido, *esse coração que não pulsára um só instante na
ida por si mesma*, não lhe permite sinão evocar o con-
raste que o despedaça. Havia pouco, estivera ao lado da
ua Clotilde, trocára, porventura, com Ela palavras de con-
orto e esperança; na serenidade do seu olhar angelico hau-

ríra um mundo de iluzões; separára-se dela apenas por um instante... E agora,... de subito,... ouve dizer que essa despedida fôra o ultimo adeus da Filha idolatrada... da Filha que Ela deixára viva e ia encontrar exanime... Dôres tais não se descrevem, mas não ha quem não as conceba e não as sofra simpaticamente. Por isso tambem parecem-nos comprehensiveis as dispozições que tão pungente epizodio determinou para com o nosso Mestre. Mme Va Maximilien Marie disse-nos que era essa, com efeito, a mais amarga queixa da veneranda Mãi de Clotilde: — *Não, não posso perdoar a Augusto Comte*, dizia Ela sempre nos transportes de sua inexoravel dôr, *não me ter deixado receber o ultimo suspiro da minha Filha!*

Mas tudo isto foi uma cruel fatalidade, que a situação não permitia evitar. Porque os sentimentos e as opiniões correntes obstavão á Familia Marie de comprehender e aceitar o vinculo ecepcionalissimo formado entre Augusto Comte e Clotilde. Nessas condições, si a Familia Marie se tivesse achado prezente no momento em que Clotilde expirou, é certo que teria sido vedado ao nosso Mestre dar livremente á sua idolatrada Inspiradora os testemunhos extremos do seu amor. E teria sido justo, teria sido humano, que, em nome dos direitos e das afeições domesticas, em nome das normas que a moralidade ocidental instituiu para os cazos gerais fossem menosprezados os mais nobres e puros sentimentos da propria Clotilde? Mas, como poderia a Familia Marie proceder de outra fórma, si a situação social e moral não lhe permitia ver na conduta do nosso Mestre sinão as manifestações de um imenso orgulho e de um amor vulgar? Como proceder diversamente si ninguem ali percebia a natureza ecepcionalissima da união surgida entre as almas que os antecedentes humanos havião investido com a missão da suprema regeneração politica e moral?

Só a clarivizão de tão angustiozo Prezente, mediante uma intuição nitida do Futuro, teria sido capaz de evitar similhante desfecho. Porque unicamente assim a Familia de Clotilde, reconhecendo a santidade do laço surgido entre a nossa divina Mãi Espiritual e o nosso Mestre, o teria incorporado a si, e concedido, portanto, o lugar que uma situação sem exemplo lhe outorgava. E cumpre observar que isso não exigia que a Familia Marie aceitasse uma completa ligação conjugal entre ambos. Pelo contrario, o preenchi-

mento da missão dos Fundadores do Pozitivismo requeria que a união entre eles fosse, como realmente foi, puramente espiritual. A Familia Marie devia, pois, zelar para que as relações entre Augusto Comte e Clotilde conservassem perpetuamente o carater imaculado que tiverão sempre. Mas, satisfeita, como aliás se achava espontaneamente, essa condição, a regeneração social, bem como a felicidade de todos que amavão Clotilde, exigia que se visse em nosso Mestre para com Ela um Irmão privilegiado no qual se fundião as afeições de Pai, Espozo, e Filho.

Diante, pois, dos dolorozos acontecimentos que acabámos de retraçar, nenhuma recriminação parece fundada. Porque tais calamidades devem ser essencialmente atribuidas á fatalidade da situação social e moral que a todos dominou então. Ora, a cegueira do Destino não permite siquer que voltemos contra Ele os movimentos do nosso coração oprimido pelos seus inevitaveis decretos. Aqui, como sempre, só nos cumpre haurir novos motivos para dezenvolver o nosso altruismo, porque, conforme esse dolorozissimo cazo mesmo o evidencía, só o acendente do amor permitirá evitar no futuro catastrofes analogas!

VI

Não ha nada irrevogavel na vida sinão a morte!

(*107ª carta, de Clotilde a Augusto Comte.*)

A imaginação perde-se nas mais pungentes conjeturas para conceber exatamente a doloroza sena no modesto apartamento da rua Payenne, quando a Mãi e os parentes de Clotilde contempláрão exanime Aquela que, havia pouco ainda, tinhão deixado viva! As incomparaveis entrevistas que Mme Va Maximilien Marie teve a bondade de conceder-me apenas me permitírão saber que houve, nesse angustiozo momento, uma troca de palavras bem acerbas entre Mme Marie, Maximilien Marie, e o nosso Mestre. Ponderei-lhe então que o Capitão Marie parecia não ter ficado ofendido com o procedimento do acabrunhado Pensador, tanto que o fôra vizitar depois da morte de Clotilde. Mme Va Maximilien Marie respondeu-me que o Pai de Clotilde se deixára comover pelas palavras de Augusto Comte que se lançára a seus pés. Mas afiançou-me que o

Capitão Marie acabára tambem por partilhar das opiniões dos seus. A este propozito convem lembrar que as referencias do VOLUME SAGRADO fazem supôr vacilações no animo desse nobre Ancião, no modo de apreciar a conduta do nosso Mestre. E' provavel que os documentos existentes na rua Monsieur-le-Prince expliquem completamente esses pontos; talvez tambem M. Charles de Rouvre os esclareça na sagrada biografia que projetou.

Na sua *Oração da noite*, o nosso Mestre consigna que escreveu na *Journée du Chrétien*, diante de Sofia, as palavras finais de Clotilde, *hora e meia* depois de as terem ouvido. E Clotilde havendo proferido essas palavras *meia hora* antes de expirar, conclúi-se dahi que o nosso Mestre e Sofia já estavão na rua Monsieur-le-Prince uma hora depois do terrivel desfecho. Por outro lado, as crueis circunstancias em que se deu essa catastrofe fazem supôr que Augusto Comte não permaneceu na rua Payenne depois do falecimento da sua angelica Inspiradora, e nem mesmo lá tenha voltado antes do enterro. Em todo o cazo, as aluzões do VOLUME SAGRADO parecem mostrar que o rompimento de relações com a Familia Marie não se deu desde então. Porque não foi por certo nesse momento que o nosso Mestre solicitou a entrega da *Willelmina* que lhe havia sido legada por Clotilde, e bem assim a restituição das suas sete ultimas cartas, que não havião cabido com as outras na caixinha de luvas. Ora, no seu *Testamento*, o nosso Mestre diz expressamente:

« . . . Essas sete cartas forão retidas pela mãi e o irmão da minha amiga, mau grado as minhas reclamações especiais, e contra as ordens formais do pai, quando ele mandou debalde restituir-me a *Willelmina* que me havia sido legada. » (VOLUME SAGRADO, p. 15.)

Concluimos dahi que o nosso Mestre teve com a Familia Marie, posteriormente á morte de Clotilde, uma entrevista pelo menos, na qual se deu esse dolorozissimo epizodio. A *dedicatoria* da POLITICA POZITIVA, escrita de 26 de Setembro a 4 de Outubro do mesmo ano 1846, sob a impressão de tão acabrunhadores conflitos, menciona, em termos mais dolorozos o angustiozo incidente. E a modificação que se nota entre os dois textos rezulta do progresso moral realizado pelo nosso Mestre durante os nove anos que medeiárão entre ambos, graças ao culto de Clotilde que o *expurgára gradualmente de todo azedume*.

(VOLUME SAGRADO, 11ª *Santa Clotilde*, p. 228.) Eis a passagem a que nos referimos.

« ... A secreta opressão que pezou sobre a tua vida não se deteve perante o teu tumulo: o preciozo manuscrito que me havias abertamente legado me foi afinal recuzado, com menospreço das mais formais promessas, e mau grado as ordens especiais de um nobre chefe de familia, cuja lealdade guerreira ficou logo revoltada com tal violação, devida talvez a uma doloroza rivalidade literaria. (VOLUME SAGRADO, p. 111.)

Amparado pela imagem de Clotilde e pela lembrança das sagradas exhortações dos seus derradeiros momentos, o nosso Mestre procurou sobrepujar a imensidade da sua dôr. E, donde, sinão do altruismo exaltado por uma adoração sem exemplo, poderia vir-lhe a força capaz de manter a unidade cerebral? Rezignando-se a uma fatalidade irremediavel, Ele sentiu que a sua vida não lhe pertencia: ela constituia a mais precioza das reliquias que a sua divina Bem-Amada lhe deixára. Cumpria-lhe pois zelar por esse inestimavel tezouro e não permitir que ele se extinguisse antes que as almas dignas houvessem podido avaliar a ecelencia da nossa suave Mãi Espiritual. Animado por esse zelo, o seu coração transbordou de gratidão para com um Passado que se rezumia em tão angelica criatura; de dedicação por uma Posteridade que havia de glorificá-la eternamente; de amor por um Publico que, embora inconcientemente, lhe garantia o surto da sua adoravel missão.

Graças a esse culto sem antecedentes, o nosso torturado Mestre pôde dominar assás a sua terrivel situação para deixar apenas repercutir no exterior, como um éco longinquo, o estado atormentado da sua alma. Nos assomos do dezespero, a voz angelica da sua terna Inspiradora lhe murmurava a extrema recomendação que mostrava em si-mesma consubstanciadas as maximas sublimes do altruismo: — *Comte, lembra-te que eu sofro sem o haver merecido!*... De sorte que, no dia seguinte, apezar de uma angustioza insonia, o nosso Mestre pôde receber Lewes, a quem, dias antes, marcára uma entrevista.

Mas, enquanto o nosso Mestre procurava na lembrança da apoteoze eterna de Clotilde o unico derivativo para a

dezoladora situação em que Ela o deixára, a Familia Marie buscava expandir a imensidade da sua dôr em tocantes homenagens tributadas ao sagrado Corpo. A extremoza Mãi de Clotilde especialmente esforçava-se embalde por achar nesses piedozos testemunhos de amor com que atenuar a cruel realidade que lhe dilacerava o coração. Não imaginando a incomparavel grandeza da Filha, a veneranda Senhora, da mesma sorte que os que a cercavão, não podia sentir as suas aflições privadas multiplicarem-se com a consideração dos incalculaveis prejuizos que essa catastrofe acarretava para a Humanidade! Ela não podia, pois, conceber outros meios para eternizar o seu amor e a sua magua. Era como Mãi extremoza, mas sómente como Mãi, que Ela deplorava sem consolo a imensa perda. Nem um instante Ela suspeitou que a desgraça que tão dezapiedadamente a acabrunhava havia de identificar, um dia, com o seu, todos os corações, na mais remota Posteridade!...

Concentrada embora assim no seu lar, a dôr da veneranda Senhora parecia-lhe tudo quanto era capaz de sofrer de mais atroz a alma humana. E quem ha que já tenha vivido algum tempo e não conceba essas explozões indescritiveis de um coração mortalmente ferido nas suas mais profundas afeições? Na violencia da sua paixão, Mme Marie procurava, pois, tributar á Filha exanime todos os testemunhos que a sua ternura materna lhe inspirava. Nada foi poupado para que os funerais se realizassem com uma digna pompa. Mme Marie quiz mesmo que o Corpo estremecido fosse embalsamado, porque, dizia Ela, não podia conformar-se com o pensamento de o ver cahir em uma horrivel decompozição. A exaltação afetiva não lhe permitiu apanhar que similhante operação, inutil completamente ao culto da memoria amada, importa em um verdadeiro sacrilegio. Entregando o cadaver querido á Terra, apenas nos subordinamos dignamente ás leis inflexiveis do Destino; ao passo que no embalsamamento alteramos a constituição do corpo idolatrado, fazendo penetrar na sua intimidade substancias profanas. *

A penoza operação deve ter sido executada no Lunedia 6 de Abril. Depois, foi o sagrado Corpo vestido de branco,

* Mais inadmissivel ainda é a cremação, porque então aplicamos a nossa atividade a acelerar uma destruição que não póde jamais ser imaginada sem profunda dor.

colocado em um ataúde de chumbo dentro de dois outros de carvalho. Na modesta salinha armou-se uma eça sobre a qual foi colocado o caixão, circundado e coberto de flôres. E' de prezumir que á cabeceira se tivesse posto o Crucifixo ladeado por cirios, e que em torno da eça fossem distribuidas tochas de cêra amarela. Na porta da rua foi estendido um pano preto com as iniciais da augusta Morta.

O enterro teve lugar no Martedia 7 de Abril. O fato de Clotilde ter recebido a Extrema-Unção e de haver o seu Corpo sido levado á Igreja indica que os funerais forão feitos de acôrdo com o ritual catolico.

A leva do sagrado Corpo deve ter tido lugar pela manhan. Pouco antes fôra Ele trasladado para o estreito corredor da modesta caza.

As razões alegadas a propozito da *Extrema-Unção*, nos determinão a dar aqui as indicações indispensaveis para permitir acompanhar subjetivamente o transporte do sagrado Corpo ao cemiterio. Tais informações servirão ao mesmo tempo para fazer sentir a imensa lacuna em que a decadencia do Catolicismo deixou, neste particular, os ocidentais. Porque, apezar da natureza deshumana da liturgia catolica, similhantes exequias patenteião a pungente aridez afetiva e mesmo a falta de conveniente decoro que caraterizão um enterro sem culto.

Segundo o ritual catolico, * o clero e as pessoas interessadas nos funerais devem reunir-se na igreja parochial ou outra, segundo o costume do lugar. (A igreja parochial era neste cazo a Igreja Saint-Denis-du-Saint-Sacrement, sita á esquina da rua S. Luiz, hoje rua Turenne, com a rua S. Claude.) Dahi, o pároco, paramentado com a sobrepeliz e a estola preta, ou o pluvial da mesma cór, conforme a solenidade dos funerais, e acompanhado por dois clerigos, levando um a cruz e o outro a agua benta, dirige-se para o lugar onde está o corpo. (No cazo atual, rua Payenne n. 5.) O porta-cruz, entre dois acolitos, põe-se á testa da procissão. O clero, formando duas tileiras, caminha adiante do pároco que prezide a cerimonia. O porta-agua benta coloca-se perto do pároco.

Chegando junto do corpo, o porta-cruz e os acolitos postão-se, tantó quanto possivel, á cabeceira do morto; o

* Vide o *Ritual Romano* e o *Ceremonial segundo o rito romano*, de Le Vavasseur.

paroco vem colocar-se aos pés. O porta-agua benta ao lado do paroco. Distribuem-se as velas de céra.

O paroco toma o aspersorio, asperge o corpo tres vezes, primeiro no meio, depois á sua esquerda, e em seguida á sua direita, e entrega o aspersorio. Diz então a antifona: — *Si observares, Senhor, as nossas iniquidades, quem, Senhor, poderá subzistir?* e o psalmo 129 — *De profundis*:

Psalmo 129 — Das profundezas clamei por ti, Senhor; Senhor, escuta a minha voz: Fiquem os teus ouvidos atentos á voz da minha suplica. Si observares, Senhor, as nossas iniquidades, quem, Senhor, poderá subzistir? Porque junto de ti existe o perdão e por cauza da tua lei pude comparecer diante de ti, Senhor. A minha alma sustentou-se na palavra dele: a minha alma esperou no Senhor. Desde a guarda matutina até á noite espere Israel no Senhor; Porque junto do Senhor existe a mizericordia e uma abundante redenção. E ele redimirá Israel de todas as suas iniquidades.

Findo este Psalmo, o oficiante diz: Dá-lhe, Senhor, descanço eterno, e a luz perpetua o ilumine.

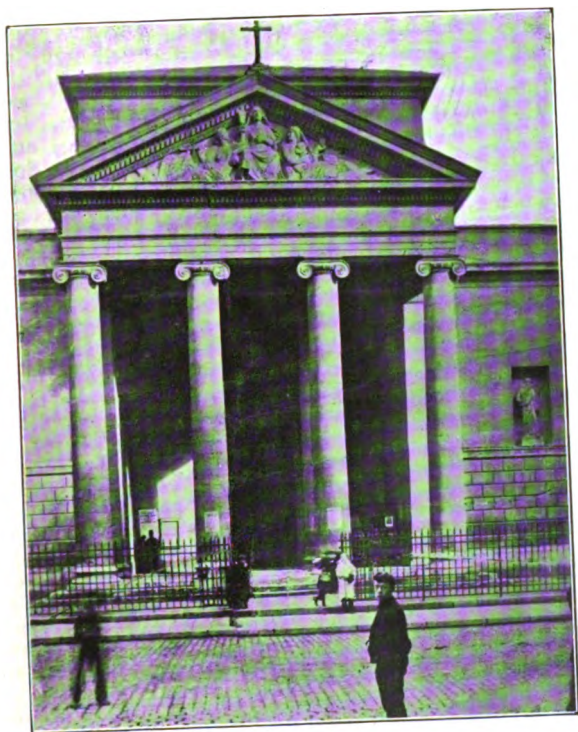
Repete-se a antifona: — *Si observares, Senhor, as nossas iniquidades, quem, Senhor, poderá subzistir?*

Acabado isto o porta-cruz e os acolitos vão colocar-se á testa da procissão, que se dispõe como acima. O mestre de cerimonias toma a vela destinada ao paroco, acende-a e lh'a entrega.

Põe-se então a procissão em marcha como na vinda. Todos levão as velas acezas. O feretro vai atraz do clero, de maneira que os pés do morto fiquem para diante. Póde ser levado a braços ou em coche. Os assistentes seguem atraz do feretro e vão rezando pelo morto. (Em Paris, o caixão vai no coche, e é uzo acompanharem-no a pé, salvo alguns carros de luto, especialmente para senhoras.)

O feretro póde ser coberto por um pano preto, cujas extremidades são sustentadas por quatro dos assistentes. Mas os ecleziasticos não podem fazê-lo.

O cortejo devendo dirigir-se para a Igreja seguindo o caminho mais direto, somos levado a supôr que o corpo da nossa santissima Mãi Espiritual foi conduzido á Igreja Saint-Denis-du-Saint-Sacrement, passando pelas ruas do Parc-Royal e de S. Luiz (hoje rua Turenne.)

Não temos nenhuma indicação explicita da prezença de

PARIS

Igreja Saint-Denis du S.t Sacrement, onde foi aprezentado o corpo de CLOTILDE.

(O ANO SEM PAR, p. 80.)

osso Mestre na santa procissão. Mme Va Maximilien [M]arie, que tomou parte nela, disse-me que não se lembrava de o ter visto entre os assistentes. Mas não se tendo [d]ado ainda o rompimento entre Ele e a Familia Marie, [c]onforme se deprehende das informações e dos motivos [a]cima expostos, parece-nos que o nosso Mestre acompa[n]hou a sua idolatrada Inspiradora até ao tumulo. Simi[l]hante supozição afigura-se-nos tanto mais fundada quanto [é] certo que, durante o primeiro ano de luto, forão os Mar[c]edias que o nosso Mestre escolheu para as suas vizitas [a]o cemiterio.

Algum tempo depois da procissão pôr-se em marcha, o [p]aroco começa em tom grave a antifona: *Exultarão no Senhor os ossos humilhados.* Os chantres entoão então o [p]salmo *Miserere.* O Clero o continúa alternadamente, e, [s]i este psalmo não bastar por cauza do comprimento do [c]aminho, ajuntão-se os *psalmos graduais* ou outros tira[d]os do *Oficio dos Mortos.* No fim de cada psalmo, diz-se: *Dá-lhe, Senhor, o descanço eterno; e a luz perpetua o ilumine.* O canto dos psalmos deve prolongar-se até que se tenha chegado á Igreja.

A distancia da caza em que faleceu Clotilde até á Igreja Saint Denis-du-Saint-Sacrement é pequena. Eis o psalmo *Miserere* cujo canto talvez tenha bastado para esse percurso:

Psalmo 50 — Compadece-te de mim, Senhor, segundo a tua grande mizericordia; E segundo a multidão das tuas comizerações apaga as minhas iniquidades. Lava-me de mais em mais da minha iniquidade, e limpa-me do meu pecado. Porque eu conheço a minha iniquidade, e o meu pecado está sempre diante de mim. Pequei contra ti só, e fiz o mal na tua prezença, para que fosses justificado nos teus discursos, e convenças quando me julgares. Porquanto fui concebido nas iniquidades, e a minha mãi gerou-me nos pecados. Porem tu amaste a verdade: e me manifestaste as incertezas e os reconditos da tua sabiduria. Aspergir-me-ás com o hissope e ficarei limpo, e tornar-me-ei mais alvo do que a neve. Darás aos meus ouvidos contentamento e alegria, e os meus ossos humilhados exultarão. Afasta o teu rosto dos meus pecados, e apaga todas as minhas iniquidades. Creia em mim um coração limpo, Deus; e renova um espirito novo nas minhas entranhas. Não me regeites da tua face, e não retires de

mim o teu espirito santo. Restitûi-me a tua alegria salvadora e fortifica-me com o teu espirito soberano. Ensinarei aos maus os teus caminhos, e os impios converter-se-ão a ti. Livra-me dos sangues, Deus, Deus da minha salvação; e a minha lingua exultará a tua justiça. Abrirás, Senhor, os meus labios, e a minha boca anunciará o teu louvor. Si quizesses sacrificios, eu t'os daria: mas não te deleitarás com holocaustos. O sacrificio para Deus é um espirito atribulado: não desprezarás, Deus, um coração contrito e humilhado. Sê benigno, Senhor, na tua boa vontade, para com Sion, para que sejão edificados os muros de Jeruzalem. Então aceitarás um sacrificio de justiça, as oblações e os holocaustos; então serão imolados bezerros sobre o teu altar.

Chegada a procissão á porta do templo, interrompem-se os psalmos, mesmo o *Miserere*, si não se tiver tido tempo de o acabar, e são ditos os versiculos: *Dá-lhe, Senhor, o o descanço eterno; e a luz perpetua o ilumine;* e repete-se a antifona: — *Exultarão no Senhor os ossos humilhados.*

No momento em que o corpo entra na igreja começa o responso *Subvenite:*—Vinde, santos de Deus, correi, Anjos do Senhor, Para tomar-lhe a alma, E levá-la á prezença do Altissimo. V. Receba-te Cristo que te chamou, e os anjos te conduzão ao seio de Abrahão. Tomando-lhe o corpo e levando-o á prezença do Altissimo. V. Dá-lhe, Senhor, o descanso eterno. R. E a luz eterna o ilumine. E levá-la etc. (como acima).

O feretro é então colocado com os pés voltados para o altar-mór no *leito funebre* erguido no meio da Igreja *. Este é coberto com um pano preto, no qual se destacão porventura as figuras da cruz e dos ossos humanos, dolorozos emblemas destinados a recordar a egoistica concepção da vida e da morte segundo o dogma catolico. Talvez tambem, apezar das prescrições canonicas em contrario, prevalece naquele ensejo o tocante costume de ornamentar o esquife com flôres e corôas.

A eça póde erguer-se sobre um estrado com varios degraus; em torno dela dispõe-se cirios, de modo que o celebrante e o diacono possão passar entre eles e o catafalco. Talvez tambem a Igreja é ornamentada de preto.

Acezas então as velas em volta do feretro, é cantado o

* Si é um padre, os pés são voltados para a porta da Igreja.

Oficio dos Mortos, isto é, os tres *Noturnos* e os *Laudes*, si não houver impedimento. Si não se cantarem os tres noturnos e os laudes, diz-se sempre o primeiro noturno com o *Invitatorio*. Nesse oficio, o celebrante está revestido com o pluvial preto ou a estola: póde tambem estar com ambos. A missa de corpo prezente segue-se ao oficio, e só deve ser omitida sendo dia de grande solenidade ou por alguma necessidade. Não sabendo o que se fez em relação á nossa Mãi Espiritual, indicaremos os funerais como devem ser no cazo normal.

Dois do côro começão o *Invitatorio: Vinde, adoremos o Rei para o qual tudo vive;* o Clero repete: *Vinde, adoremos etc.*

Segue-se o canto do Psalmo 94, e duplicão-se as antifonas.

Psalmo 94 — Vinde, exultemos no Senhor, alegremos o Deus nosso Salvador: aprezentemo-nos com louvores ante a sua face, e o jubilemos nos psalmos. Vinde, adoremos o Rei, etc. Porque Deus é o grande Senhor, e o grande Rei sobre todos os deuzes, Porque Deus não repele o seu povo, porque em sua mão estão todos os confins da Terra, e ele vê as alturas dos montes. Vinde, adoremos o Rei, etc. Pois que o mar é dele, e ele o fez, e as suas mãos fundárão a terra seca: Vinde, adoremos e caminhemos diante de Deus: ajoelhemo-nos diante de Deus que nos fez; porque ele é o Senhor nosso Deus, e nós somos o seu povo, as ovelhas do seu prado. Vinde, adoremos o Rei, etc. Si ouvirdes a sua voz hoje, não endureçais os vossos corações, como na exacerbação segundo o dia da tentação no dezerto: Onde os vossos pais me tentárão, me experimentárão, e vírão as minhas obras. Vinde, etc. Durante quarenta anos estive proximo a essa geração, e disse: Sempre eles errão pelo coração: não conhecêrão os meus caminhos, por isso jurei na minha ira, que eles não entrarião no meu repouzo. Vinde, etc. Dá-lhes, Senhor, o descanso eterno; e a luz perpetua os ilumine.* Vinde, exultemos, etc. Vinde, adoremos o Rei para o qual tudo vive.

No primeiro Noturno.—1. Antifona—Dirige, Senhor Deus meu, na tua prezença o meu caminho.

Psalmo 5.— Escuta as minhas palavras com os teus ou-

* No fim dos psalmos diz-se:— Dá-*lhes*, Senhor, o descanço eterno, e a luz perpetua *os* ilumine, mesmo quando o oficio é só por um morto

vidos. Senhor, ouve o meu clamor. Atende á voz da minha oração, Rei meu e Deus meu. Pois que eu hei de orar a ti: Senhor, desde manhan ouvirás a minha voz. Desde manhan me aprezentarei a ti e te procurarei; porque não és um Deus que queira a iniquidade. Nem o mau habitará contigo: nem os injustos permanecerão junto dos teus olhos. Odiaste a todos os que obrão iniquidades; perderás a todos os que falão mentira. O Senhor abomina o homem sanguinario e dolozo: Eu, porem, confiado na multidão da tua mizericordia, entrarei na tua caza, te adorarei no teu templo santo em temor de ti. Senhor, guia-me na tua justiça: por cauza dos meus inimigos, dirige na tua prezença o meu caminho. Pois que na boca deles não está a verdade: o coração deles está vazio. A guéla deles é um sepulcro aberto, com as suas linguas falavão dolozamente, julga-os, Deus. Decidão pelas suas cogitações; segundo a multidão da sua impiedade expele-os, porque te irritárão, Senhor. E alegrem-se todos os que esperão em ti; esses eternamente exultarão; e habitarás neles. E glorificar-se-ão em ti todos os que amão o teu nome, porque tu abençoas ao justo. Senhor, como com um escudo, nos coroaste com a tua boa vontade. Dá-lhes, Senhor, o repouzo eterno, etc.

1. Antifona — Dirige, Senhor Deus meu, na tua prezença o meu caminho.

2. Antifona — Volta-te, Senhor, e toma a minha alma: porque não ha na morte quem se lembre de ti

Psalmo 6 — Senhor, não me reprehendas no teu furor, nem me arrebates na tua ira. Compadece-te de mim, Senhor, porque sou doente: cura-me, Senhor, porque os meus ossos estão conturbados. E a minha alma está muito perturbada: mas tu, Senhor, até quando?... Volta-te, Senhor, e toma a minha alma: salva-me por cauza da tua mizericordia. Pois que não ha na morte quem se lembre de ti: no inferno quem te confessará? Cancei-me de gemer: lavarei o meu leito todas as noites; com lagrimas regarei o meu estrado. Os meus olhos estão perturbados pelo delirio: envelheci entre todos os meus inimigos. Afastai-vos de mim todos vós que obrais a iniquidade: porque o Senhor escutou a voz do meu pranto. O Senhor escutou a minha deprecação, o Senhor recebeu a minha suplica. Envergonhem-se e conturbem-se vehementemente todos

os meus inimigos: tornem atraz e envergonhem-se muito velozmente. Dá-lhes, Senhor, o descanço eterno, etc.

2. Antifona — Volta-te, Senhor, e toma a minha alma: porque não ha na morte quem se lembre de ti.

3. Antifona — Para que jámais arrebate alguem, como um leão, a minha alma, enquanto não ha quem a redima e me salve.

Psalmo 7.— Senhor Deus meu, esperei em ti: salva-me de todos os que me perseguem. e livra-me para que alguem não arrebate, como um leão, a minha alma, enquanto não ha quem a redima, nem quem me salve. Senhor Deus meu, si fiz isto, si ha iniquidade nas minhas mãos, Si retribui o mal aos que m'o fizerão, morrerei com justiça ás mãos dos meus inimigos. Persiga o inimigo a minha alma, e apanhe, e calque ao chão a minha vida, e torne em pó a minha gloria. Levanta-te, Senhor, na tua ira; e exalta-te contra os fins dos meus inimigos. E levanta-te, Senhor Deus meu, segundo o preceito que ordenaste: e a sinagoga dos povos te circundará. E no meio desta, sóbe ao teu solio: O Senhor julga os povos. Julga-me, Senhor, segundo a minha justiça, e segundo a inocencia que existir em mim. Consuma-se a maldade dos pecadores, e dirigirás o justo, Deus que preserutas os corações e os rins. Com justiça espero o socorro de Deus, que salva os retos de coração. Deus é juiz justo, forte, e paciente: si porventura se irasse todos os dias? Si não vos converterdes, vibrará a sua espada: ele distendeu o seu arco, e já o tem pronto. E nele preparou as armas da morte, aparelhou as suas flexas para os ardentes. Aquele que engendrou a injustiça, concebeu a dôr, e pariu a iniquidade, Abriu um poço, e aprofundou-o: esse cahiu na cova que ele mesmo fez. Cahirá a dôr que quiz cauzar sobre a sua cabeça, e sobre a sua fronte decerá a sua iniquidade. Confessarei ao Senhor segundo a sua justiça: e psalmodiarei o nome do Senhor altissimo. Dá-lhes, Senhor, o descanço eterno, etc.

3. Antifona — Para que não arrebate alguem, como um leão, a minha alma, enquanto não ha quem a redima, nem quem me salve.

V. Da porta do inferno. R. Arranca, Deus, as almas deles.

Padre nosso (recitado consigo mesmo.)

Lição 1ª Job 7. — Poupa-me, Senhor: porquanto os meus dias são nada. O que é o homem, para que o magnifiques? Ou porque pões defronte dele o teu coração? Tu o vizitas desde a madrugada, e a toda hora o experimentas. Até quando não me pouparás, nem me deixarás, siquer, para que eu engula a minha saliva? Pequei, o que te farei ó guarda dos homens? Porque me puzeste em frente de ti, e tornei-me pezado a mim mesmo? Porque não tiras o meu pecado, e porque não levas a minha iniquidade? Eis que dormirei agora no pó e si de manhan me procurares já não existirei.

R. Creio, porque o meu Redentor vive: e no ultimo dia resurgirei da terra: e na minha carne verei a Deus, meu Salvador. A quem verei eu mesmo e não outro, e os meus olhos o encararão, e na minha carne, etc. (como acima.)

Lição 2ª Job 10.— A minha alma está enfastiada da minha vida; soltarei contra mim a minha queixa, falarei na amargura da minha alma. Direi a Deus: Não me condenes. Indica-me porque me julgarás assim. Porventura parecer-te-ia bem me caluniar, oprimir-me, a mim, obra das tuas mãos, e ajudar o conselho dos impios? Porventura tens olhos de carne: ou como vê o homem, tambem tu verás? Porventura são os teus dias como os dias do homem, e os teus anos são como os tempos humanos, para que busques a minha iniquidade, e presentes o meu pecado? E sabes que nada de impio fiz, e entretanto, não ha ninguem que me possa arrancar das tuas mãos.

R. Tu que resucitaste a Lazaro de um monumento fétido: Tu, Senhor, dá-lhes o descanço, e o lugar da indulgencia. V. Tu que virás julgar os vivos e os mortos, e o seculo pelo fogo. Tu, Senhor, dá-lhes, etc.

Lição 3ª Job 10 b.— As tuas mãos me fizerão e me modelárão todo em volta: e assim de repente me destruirias? Lembra-te, eu te rogo, que como lodo me fizeste, e em pó me reduzirás. Não me vazaste como leite, e não me coalhaste como queijo? Vestiste-me de pele e carnes; e me compuzeste de ossos e nervos. Deste-me a vida e a mizericordia, e a tua solicitude guardou o meu espirito.

R. Senhor, quando vieres julgar a terra, onde me esconderei da vista da tua ira? Porque pequei muito na minha vida, tenho horror aos meus atos, e envergonho-me diante

de ti: quando vieres julgar não me condenes. Porque pequei, etc., (como acima.)

V. Dá-lhes, Senhor, o descanço eterno, e a luz perpétua os ilumine. Porque pequei, etc., (como acima.)

NO SEGUNDO NOTURNO — 1. Antifona — Em um lugar de pastagem, ahi me colocou ele.

Psalmo 22.— O Senhor me governa, e nada me faltará: ele colocou-me em um lugar de pastagem. Creou-me junto das aguas restauradoras; e retemperou a minha alma. Conduziu-me pelas veredas da justiça, por cauza do seu nome. Caminhe eu embora no meio da sombra da morte, não temerei males; porque estás comigo. A tua vara e o teu cajado me consolão. Preparaste uma meza para mim, defronte daqueles que me atribulavão. Ungiste de oleo a minha cabeça; e o meu calix inebriante quanto é preclaro? E a tua mizericordia acompanhar-me-á em todos os dias da minha vida. E assim habitarei na caza do Senhor por uma imensidade de dias. Dá-lhes, Senhor, descanço eterno, etc.

1. Antifona. — Em um lugar de pastagens, ahi me colocou ele.

2. Antifona. — Não te lembres, Senhor, dos delitos da minha juventude nem das minhas necedades.

Psalmo 24.— A ti, Senhor, elevei a minha alma, Deus meu, em ti confio, não me deixarás ficar envergonhado. Nem sirva de irrizão aos meus inimigos: porque todos os que confião em ti, não ficarão confuzos. Mas serão confundidos todos os que fazem iniquidades. Mostra-me os teus caminhos, Senhor; e ensina-me as tuas veredas. Dirige-me na tua verdade, e instrûi-me porque tu és o Deus meu salvador, e em ti esperarei todos os dias. Recorda-te da tua comizeração, Senhor, e da tua mizericordia, que são desde os seculos. Não te lembres dos delitos da minha juventude, nem das minhas necedades. Lembra-te de mim segundo a tua mizericordia: pela tua bondade, Senhor. O Senhor é doce e reto; por isso ensinará a lei aos que errão o caminho. Dirigirá os mansos na senda da razão: ensinará aos humildes os seus caminhos. Todos os caminhos do Senhor são mizericordia e verdade, para os que procurão o seu testamento, e o seu testemunho. Por cauza do teu nome, Senhor, perdoarás o meu pecado: porquanto é grande.

Qual é o homem que teme ao Senhor? Ele lhe ensinará a andar no caminho que escolher. A sua alma pouzará no bem; e a sua semente herdará a terra. O Senhor é o esteio dos que o temem: e o seu testamento é para manifestar-lhes. Os meus olhos sempre estarão dirigidos para o Senhor; pois que ele tirou do laço os meus pés. Olha para mim, e compadece-te de mim: porque vivo sozinho e pobre. As tribulações do meu coração multiplicárão-se: arranca-me das minhas necessidades. Vê a minha humildade, e as minhas penas; e perdoa todos os meus delitos. Olha para os meus inimigos pois que são muitos e me odiárão com odio iniquo. Guarda a minha alma, e me livra: não hei de ficar envergonhado, pois que esperei em ti. Os inocentes e os retos adherírão a mim: porque puz em ti a minha confiança. Livra, Deus, Izrael de todas as suas tribulações. Dá-lhes, Senhor, o descanço eterno, etc.

2. Antifona.— Não te lembres, Senhor, dos delitos da minha juventude, nem das minhas necedades.

3. Antifona. — Eu creio que hei de ver os bens do Senhor na terra dos vivos.

Psalmo 26.— O Senhor é a minha luz, e a minha salvação, a quem temerei? O Senhor é o protetor da minha vida, de que trepidarei? Quando se aproximárão de mim os malvados para comer as minhas carnes, Os inimigos que me atribulavão: adoecêrão e morrêrão. Si contra mim se levantarem exercitos, o meu coração não se aterrará. Si erguer-se contra mim uma guerra, esperarei em Deus. Só uma coiza pedi ao Senhor, e esta lhe rogo, que habite eu na caza do Senhor em todos os dias da minha vida. Para que eu veja as delicias de Deus, e vizite o seu templo. Pois que escondeu-me no seu tabernaculo: no dia das desgraças protegeu-me no recondito do seu tabernaculo. Exaltou-me sobre uma rocha: e agora elevou a minha cabeça acima dos meus inimigos. Rodeei, e imolei no seu tabernaculo uma vítima de gritos de alegria: cantarei e entoarei psalmos ao Senhor. Ouve, Senhor, a minha voz, que clama por ti: compadece-te de mim, e me escuta. O meu coração te falou, a minha face te procurou: buscarei, Senhor, a tua face. Não afastes a tua face de mim: não regeites o teu servo na tua ira. Sê o meu amparo; não me deixes nem me desprezes, Deus salvador meu. O meu pai

e a minha mãi me deixárão: mas o Senhor me tomou. Ensina-me, Senhor, o teu caminho: e dirige-me pela vereda réta por cauza dos meus inimigos. Para que não me entregues ás almas dos que me atribulão: pois que surgírão testemunhas iniquas contra mim, e a iniquidade mentiu para si. Eu creio que hei de ver os bens do Senhor na terra dos vivos. Espera no Senhor, age virilmente: e o teu coração será confortado; tem confiança no Senhor. Dá-lhes, Senhor, o descanço eterno, etc.

3. Antifona. — Eu creio que hei de ver os bens do Senhor na terra dos vivos.

V. Deus os colocará com os principes. R. Com os principes do seu povo.

Padre nosso, (dito consigo mesmo.)

Lição 4ª Job 13 d. — Responde-me: quantas iniquidades e quantos pecados tenho? mostra-me os meus crimes e delitos. Porque escondes a tua face, e me consideras teu inimigo? Ostentas o teu poder contra a folha que o vento arrebata, e persegues uma palha seca: pois decretas contra mim amarguras, e queres me consumir pelos pecados da minha adolecencia. Puzeste os meus pés no tronco, e observaste todas as minhas veredas, e consideraste todos os vestigios de meus pés; de mim que me estou consumindo como podridão, e como o vestido que é comido pela traça.

R. Lembra-te de mim, Deus, porque a minha vida é vento. Nem me veja o olhar de um homem. V. Das profundezas clamei por ti, Senhor; Senhor, escuta a minha voz. Nem me veja, etc., (como acima.)

Lição 5ª Job 14. — Homem nacido de mulher, vivendo por breve tempo, é cheio de muitissimas mizerias. Como uma flôr, ele dezabrocha e é esmagado, e foge como uma sombra, e nunca permanece no mesmo estado. E julgas digno abrir os olhos sobre tal ente, e leva-lo contigo a juizo? Quem póde fazer puro o que é concebido de uma semente impura? a não seres tu, que és unico? Os dias do homem são breves, o numero dos seus mezes está junto de ti: estabeleceste os seus limites que não poderão ser ecedidos. Afasta-te um pouco para que repouze, até que chegue, como ao trabalhador, o meu dia dezejado.

R. Ai de mim, Senhor, porque muito pequei na minha

vida. O que farei eu desgraçado? para onde fugirei, si não para ti, Deus meu? Compadece-te de mim quando vieres, no ultimo dia. V. A minha alma está muito perturbada, porém tu, Senhor, socorre-a. Compadece-te, etc., (como acima.)

Lição 6ª Job 14 c. — Quem dera que me sepultasses no inferno, e me escondesses, até que passasse o teu furor, e me fixasses o tempo em que te lembrarias de mim? Acreditas, porventura, que um homem morto torna a viver? Todos os dias em que estou agora militando, espero que chegue a minha rendição. Chamar-me-ás e eu te responderei; estenderás a dextra á obra das tuas mãos. Tu contaste os meus passos, perdoa porem os meus pecados.

R. Não te recordes dos meus pecados, Senhor, quando vieres julgar o seculo pelo fogo. V. Dirige, Senhor Deus meu, na tua prezença o meu caminho. Quando vieres, etc. (como acima.) V. Dá-lhes, Senhor, o descanço eterno: e a luz perpétua os ilumine. Quando vieres, etc. (como acima.)

No terceiro Noturno. — 1. Antifona. — Compraza-te, Senhor, levar-me: Senhor, corre em meu auxilio.

Psalmo 39. — Confiado esperei o Senhor, e ele atendeu-me. E ouviu as minhas preces; tirou-me do lago da mizeria, e do charco de fézes. E pôz os meus pés sobre a pedra; e dirigiu os meus passos. E colocou na minha boca um cantico novo, canto ao nosso Deus. Muitos verão, e temerão: e esperarão no Senhor. Bemaventurado o varão cuja esperança é o nome do Senhor: e não olhou para as vaidades e as loucuras falsas. Muitas maravilhas fizeste, Senhor Deus meu: e pelas tuas cogitações não ha ninguem que seja similhante a ti. Anunciei-as e as proclamei: multiplicárão-se alem de todo numero. Não quizeste sacrificio e oblação: apuraste, porem, os meus ouvidos. Tambem não pediste holocausto pelo pecado: então eu disse: eis aqui venho. A' frente do teu livro está escrito de mim que fizesse a tua vontade: eu o quiz, Deus meu, e a tua lei está no meio do meu coração. Anunciei a tua justiça na grande igreja: não cerrarei os meus labios; Senhor, tu sabes. Não escondi a tua justiça no meu coração: disse a tua verdade e a tua salvação. Não escondi no numerozo concilio a tua mizericordia e a tua verdade.

Tu, porem, Senhor, não retires de mim as tuas comizerações: a tua mizericordia e a tua virtude sempre me recebêrão. Já que me circundárão males sem numero: abrangêrão-me as minhas iniquidades, e não pude vê-las. São mais multiplicadas do que os cabelos da minha cabeça: o meu coração me abandonou. Compraza-te, Senhor, livrar -me; Senhor, corre em meu auxilio. Confundão-se e envergonhem-se todos juntos os que procurão a minha alma, para arrancá-la. Tornem atraz e fiquem cobertos de oprobrio os que me querem mal. Sofrão logo a sua confuzão os que me dizem: Ah! Ah! Exultem e alegrem-se em ti todos os que te buscão; e digão sempre: seja magnificado o Senhor: os que amão a tua salvação. Eu, porem, sou mendigo e pobre: o senhor é solicito para mim. Tu és o meu amparo, e meu protetor: Deus meu, não tardes. Dá-lhes, Senhor, o descanço, etc.

1. Antifona.—Compraza-te, Senhor, livrar-me; Senhor, corre em meu auxilio.

2. Antifona.— Sára, Senhor, a minha alma, porque pequei contra ti.

Psalmo 40.— Bem-aventurado aquele que se desvela pelo necessitado e o pobre: no dia do infortunio o Senhor o libertará. O Senhor o conserve, e o vivifique, e o faça bem-aventurado na terra: e não o entregue á alma dos seus inimigos. O Senhor o ampare no leito da dôr: tu mudaste de todo o seu leito na sua enfermidade. Eu disse: Senhor, compadece-te de mim: sára a minha alma porque pequei contra ti. Os meus inimigos dissêrão-me estas maldades: Quando morrerá ele, e perecerá o seu nome? E si alguem entrava para me ver, falava refalsadamente e o seu coração amontoava a iniquidade. Sahia para fóra, e falava da mesma fórma. Contra mim murmuravão todos os meus inimigos: contra mim imaginavão males. Contra mim proferírão estas palavras iniquas: porventura aquele que dorme não jaz ali para não mais erguer-se? Mesmo o homem da minha amizade, em quem confiava, que comia o meu pão, levantou sobre mim o seu calcanhar. Tu, porem, Senhor, compadece-te de mim, e resucita-me: e eu dar-lhes-ei o pago. Conheci que me quizeste, porque o meu inimigo não triunfará de mim. Recebeste-me, porem, pela minha inocencia; e me fortificaste na tua prezença para sempre. Bendito seja o Senhor Deus de Israel desde a

eternidade e para sempre. Amen, Amen. Dá-lhes, Senhor, o desCanço, etc.

2. Antifona.— Sára, Senhor, a minha alma, porque pequei contra ti.

3. Antifona.— A minha alma teve sêde do Deus vivo: quando irei aprezentar-me ante a face do Senhor?

Psalmo 41.—Como dezeja o cervo as fontes das aguas: as-im a minha alma te dezeja, ó Deus. A minha alma teve sêde do Deus forte, vivo; quando irei aprezentar-me ante a face do Senhor? As minhas lagrimas forão o meu pão noite e dia; enquanto me dizião quotidianamente: Onde está o teu Deus? Recordei-me disso e derramei em mim a minha alma; já que atravessarei no lugar do tabernaculo admiravel, até a caza de Deus, com vozes de alegria e louvor, sons de quem festeja. Porque estás triste, ó minha alma? e porque me conturbas? Espera em Deus pois que ainda o confessarei: meu salvador, e meu Deus. A minha alma está conturbada em mim mesmo: por isso me lembrarei de ti, da terra do Jordão e do Harmon, a montanha pequena. O abismo chama o abismo, na voz das tuas cataratas. Todos os teus vagalhões e as tuas ondas passárão sobre mim. De dia mandou-me o Senhor a sua mizericordia; e de noite o seu cantico. Comigo estará a oração ao Deus da minha vida, direi a Deus: tu és o meu protetor. Porque te esqueceste de mim? e porque ando eu contristado, enquanto me allige o meu inimigo? Enquanto meus ossos se confrangem, me exprobrarão os meus inimigos que me atribulão. Enquanto me dizem eles todos os dias: Onde está o teu Deus? Porque estás triste, minha alma? e porque te conturbas? Espera em Deus, pois que ainda o hei de confessar: meu salvador e Deus meu. Dá-lhes, Senhor, o desCanço eterno, etc.

3. Antifona.— A minha alma teve sede do Deus vivo: quando irei aprezentar-me ante a face do Senhor?

V. Não entregues ás feras as almas dos que te confessão.
R. E não esqueças as almas dos teus pobres no fim. Padre nosso, (consigo mesmo).

Lição 7ª Job 17. — O meu espirito se vai atenuando, os meus dias se vão abreviando, e só me resta o sepulcro. Não pequei, e os meus olhos vivem na amargura. Livra-me, Senhor, e põe-me junto de ti, e peleje contra mim a mão de qualquer. Os meus dias passárão, dissipárão-se

minhas cogitações, torturando o meu coração. Convertêrão a noite em dia, e de novo espero a luz depois das trevas. Si alguma coiza espero é que, o inferno será a minha caza, e nas trevas já estendi o meu leito. Disse a podridão: tu és meu pai e minha mãi; e aos vermes: sois meus irmãos. Onde está pois agora a minha esperança, e quem se importa com a minha paciencia?

R. O temor da morte me conturba, a mim que péco todos os dias e não faço penitencia: pois que no inferno não ha salvação, compadece-te de mim, Deus, e salva-me. V. Deus, salva-me em teu nome e liberta-me na tua virtude. Pois que no inferno etc. (como acima).

Lição 8ª Job 19 c. — Consumidas as minhas carnes, os meus ossos adherírão á minha pele, e só forão deixados os meus labios em torno dos meus dentes. Compadecei-vos de mim, compadecei-vos de mim, ao menos vós, amigos meus, porque a mão do Senhor me tocou. Porque razão me perseguis como Deus, e vos saturais com as minhas carnes? Quem me dera que fossem escritos os meus discursos! Quem me dera que fossem exarados em um livro com um estilete de ferro, e em uma lamina de chumbo, ou esculpidos com um cinzel na pedra! Pois sei que o meu Redentor viverá, e eu hei de ressurgir da terra no ultimo dia. E de novo serei envolvido pela minha pele, e na minha carne verei o meu Deus. A quem verei eu mesmo, e os meus olhos hão de encará-lo, e não outro: esta minha esperança está depozitada no meu seio.

R. Senhor, não me julgues pelo que eu fiz: nada obrei que seja digno em tua prezença: por isso imploro a tua magestade. Para que tu, Deus, apagues a minha iniquidade. V. Lava-me mais e mais, Senhor, da minha injustiça e limpa-me do meu delito. Para que tu, Deus, etc., (como acima.)

Lição 9ª Job 10 b.—Porque me tiraste do ventre; a mim que antes tivesse sido consumido, para que olhos não me vissem. Antes, como se nunca tivesse existido, houvesse eu sido levado do utero para o tumulo. Porventura não se acabará em breve a paucidade dos meus dias? Deixa-me, pois, para que eu pranteie um pouco a minha dôr: antes que vá para a terra tenebroza, donde não se volta, terra coberta pela escuridão da morte: terra de mizeria e de

trevas, onde habita a sombra da morte, e nenhuma ordem existe, porem o sempiterno horror.

R. Livra-me, Senhor, dos caminhos do inferno, tu que quebraste as suas portas bronzeas, e vizitaste o inferno e déste a luz, para que te vissem, aos que estavão nas penas das trevas. V. Clamando e dizendo: Chega-te Redentor nosso. Aos que estavão, etc. (como acima. V. Dá-lhes, Senhor, o descanço eterno, e a luz perpetua os ilumine. Aos que estavão, etc., (como acima.)

Quando se dizem as nove *Lições*, canta-se o seguinte responso, *Libera-me, Domine, de morte eterna*, etc.:

R. Livra-me, Senhor, da morte eterna, naquele dia tremendo, em que se hão de mover os ceus e a terra, quando vieres julgar o seculo pelo fogo. V. Tremulo e medrozo aguardo o teu exame e a tua ira. *Repete-se:* Quando se hão de mover os ceus e a terra. V. Aquele dia, dia de ira, calamidade e mizeria, dia grande e sobremodo amargo. *Repete-se:* Em que virás julgar o seculo pelo fogo. V. Dá-lhes, Senhor, o descanço eterno, e a luz perpetua os ilumine. *Repete-se:* Livra-me, Senhor, etc. até ao V. Tremulo, etc.

Aos Laudes.— 1. Antifona.— Exultarão no Senhor os ossos humilhados.

Psalmo 50. *Miserere.*— Compadece-te, etc. (Vide p. 805)

1. Antifona. — Exultarão no Senhor os ossos humilhados.

2. Antifona.— Escuta, Senhor, a minha oração; á tua prezença virá toda carne.

Psalmo 64.— E' em Sion que convem entoar-te hinos: é em Jeruzalem que se te farão votos. Ouve a minha oração: á tua prezença virá toda carne. As palavras dos maus prevalecêrão sobre nós: e tu perdoarás as nossas impiedades. Bemaventurado aquele a quem escolheste, e tomaste: esse habitará nos teus atrios. Nos fartaremos nos bens da tua caza: santo é o teu templo, admiravel em equidade. Escuta-nos, Deus, salvador nosso, esperança de todos os confins da terra, e do mar longe. Tu que cingido de teu poder preparas os montes com a tua força: que conturbas a profundeza do mar, o som das suas ondas. Perturbar-se-ão os povos, e, aos teus prodigios, temerão os que habitão os confins do mundo: deleitarás os povos do

Oriente e as nações do Ocidente. Vizitaste a terra e a inebriaste; multiplicaste nela as tuas liberalidades. O rio de Deus encheu-se d'agua, preparaste o alimento do sólo: pois é assim que este se prepara. Inebria os seus sulcos, multiplica as suas produções: humidecida ela com o orvalho, os seus germens se alegrarão. Abençoarás as estações do ano da tua benignidade: e os teus campos fartar-se-ão de uberdade. Os dezertos abundarão de preciozidades; e as colinas cingir se-ão de alegria. As montanhas se cobrirão de rebanhos, e os vales abundarão de trigo: todos as coizas cantarão, e entoarão um hino. Dá-lhes, Senhor, o descanço eterno, etc.

2. Antifona.— Escuta, Senhor, a minha oração; á tua prezença virá toda carne.

3. Antifona.— A tua dextra me tomou, Senhor.

Psalmo 62. — Deus, Deus meu, desde a madrugada velo para ti. A minha alma teve sêde de ti, a minha carne sobremodo anceia por ti. Como uma terra dezerta, invia, seca: assim te apareci no teu santuario, para ver a tua força e a tua gloria. Os meus labios te louvarão, porque a tua mizericordia é melhor do que vidas. Sim, te bendirei em toda a minha vida: e em teu nome alçarei as minhas mãos. Como de tutano e de gordura fartar-se-á a minha alma; e a minha boca louvar-te-á com labios de alegria. Quando acordar no meu leito, de madrugada, meditarei em ti: porque foste o meu amparo. E sob o velame das tuas azas exultarei; a minha alma adheriu a ti: a tua dextra me tomou. Eles, porém, buscarão em vão a minha alma; eles entrarão para baixo da terra: serão entregues á mão da espada, serão a partilha dos chacais. O rei, porem, se regozijará em Deus, serão louvados todos os que jurão por ele: porque foi obstruida a boca dos que dizem coizas iniquas.

Psalmo 66.—Compadeça-se Deus de nós e nos abençôe: resplandeça o seu rosto sobre nós, e se compadeça de nós. Para que conheçamos na terra o teu caminho: e a tua salvação entre todos os povos. Confessem-te, Deus, os povos: confessem-te todos os povos. Alegrem-se, e exultem as nações: porque julgas os povos com equidade, e diriges as nações da terra. Confessem-te, Deus, os povos: confessem-te todos os povos: a terra deu o seu fruto. Abençoe-nos Deus, o nosso Deus, abençoe-nos Deus: e o

temão todos os confins da terra. Dá-lhes, Senhor, o descanço eterno, etc., (como acima.)

3. Antifona.— A tua dextra me tomou, Senhor.

4. Antifona.— Arranca, Senhor, a minha alma da porta do inferno.

Canto de Ezequias. Izaias 38.— No meio dos meus dias, irei para as portas do inferno. Procurei em vão o resto dos meus anos: Disse: Não verei mais o Senhor Deus na terra dos vivos. Não contemplarei mais nenhum homem dos habitantes do mundo. A minha geração está acabada; foi-se de mim, como a tenda dos pastores. Foi cortada, como pelo tecelão, a minha vida: enquanto ainda tecia, cortou-me: de manhan até a tarde me terás dado fim. Esperava até de manhan; como um leão esmagou todos os meus ossos: Da manhan até a tarde me terás dado fim: clamarei como um filhinho de andorinha, arrulare como uma pomba. Os meus olhos enfraquecêrão-se, suplices para o céu. Senhor, sofro violencia, responde por mim. Mas que direi? ou o que responderá a mim, quando foi ele que assim fez? Meditarei diante de ti todos os meus anos, na amargura da minha alma. Senhor, si assim se vive, e si em tal está a vida do meu espirito, tu me arrebatarás, e me vivificarás. Eis que na paz a minha amargura é amarissima. Tu porem arrebataste a minha alma, para que eu não perecesse, lançaste nas tuas costas todos os meus pecados. Porque o inferno não te confessará nem a morte te louvará: não esperarão a tua verdade aqueles que decerem ao lago. Como o vivo te confessará, tambem eu vivo o farei hoje: o pai fará conhecida aos filhos a tua verdade. Salva-me, Senhor, e cantaremos os nossos psalmos todos os dias da nossa vida na caza do Senhor.— Dá-lhes, Senhor, o descanso eterno, etc.

4. Antifona.— Arranca, Senhor, a minha alma da porta do inferno.

5. Antifona.— Tudo quanto respira louve o Senhor.

Psalmo 148.— Dos céus, louvai o Senhor: louvai-o nas alturas: Louvai-o todos os seus Anjos: louvai-o todas as suas virtudes. Louvai-o, sol e lua: louvai-o estrelas todas, e luz. Louvai-o, céus dos céus: e as aguas todas que estão acima do céu louvem o nome do Senhor. Porque ele disse, e tudo fez-se: ele mandou, e tudo criou-se. Ele tudo esta-

‹eleceu para sempre, e para os seculos dos seculos: e deu lhes um preceito que não passará. Da terra, louvai o Senhor, dragões e abismos todos: fogo, saraiva, neve, gelo, espirito das procelas: vós que sois a sua voz. Montes, e todas as colinas: lenhos frutiferos e todos os cedros. Animais e todos os rebanhos: serpentes e aves aladas. Reis da terra, e povos todos: principes, e todos os juizes da terra. Jovens e virgens: velhos e moços louvem o nome do Senhor: porque o nome dele só foi exaltado. O seu louvor está sobre o céu e a terra, e exaltou a trombeta do seu povo. Hinos de gloria a todos os seus santos: aos filhos de Israel, o povo que se aproxima dele.

Psalmo 149.— Cantai ao Senhor um cantico novo: louvor a ele na igreja dos santos. Alegre-se Israel naquele que o fez, e exultem os filhos de Sion no seu rei. Louvem em côro o nome dele: psalmodeiem-no com o timpano e a harpa. Porque o beneplacito de Deus está no seu povo: e ele exaltará os mansos na salvação. Os santos exultarão na gloria: alegrar-se-ão nos seus leitos. Estejão as exaltações de Deus nas suas gargantas: e as espadas de dois gumes nas suas mãos: para tirar vingança das nações: e fazer increpações aos povos. Para prender com grilhetas os seus reis, e os seus nobres com algemas de ferro. Para que se cumpra neles o juizo escrito: essa a gloria para todos os seus santos.

Psalmo 150.— Louvai o Senhor no seu santuario: louvai-o no firmamento da sua força. Louvai-o pelas suas proezas: louvai-o segundo a multidão da sua grandeza. Louvai-o com o som da tuba: louvai-o com o psalterio e a cítara. Louvai-o com o timpano e o côro; louvai-o com as cordas e orgão. Louvai-o com cimbalos de alegria: tudo quanto respira louve o Senhor. Dá-lhes, Senhor, o descanço eterno, etc.

5. Antifona.— Tudo quanto respira louve o Senhor.
V. Ouvi uma voz que me dizia do Céu: R. Bem-aventurados os mortos que morrerem no Senhor.

Antifona.— Eu sou a resurreição e a vida, quem crer em mim, mesmo que esteja morto, viverá, e todo o que estiver vivo, e crer em mim, não morrerá para sempre.

Cantico de Zacarias. Lucas. 1 g.— Bendito seja o Senhor Deus de Israel: porque vizitou, e redimiu o seu povo. E levantou a trombeta da nossa salvação na caza

de David seu servo. Como prometeu pela boca dos seus santos profetas, que existírão desde o seculo: Para salvar-nos dos nossos inimigos, e das mãos de todos os que nos odiárão. Para uzar de mizericordia com os nossos pais e lembrar-se da sua santa aliança. Juramento que fez a Abrahão nosso pai, que se havia de dar a nós: Afim de que sem temor, libertados das mãos dos nossos inimigos, o servissemos, em santidade e justiça na sua prezença, todos os nossos dias. E tu, menino, serás chamado profeta do Altissimo: porquanto irás adiante da face do Senhor, preparar os seus caminhos. Para dar conhecimento da salvação ao seu povo: na remissão dos seus pecados. Pelas vizceras da mizericordia do nosso Deus: nas quais nos vizitou, nacendo do alto. Para iluminar os que se achão em trevas e na sombra da morte, para dirigir os nossos pés pelo caminho da paz. — Dá-lhes, Senhor, o descanço eterno, etc.

Antifona.— Eu sou a resurreição e a vida: quem crê em mim, mesmo que esteja morto, viverá, e todo o que estiver vivo, e crer em mim, não morrerá para sempre. Padre nosso (consigo mesmo).

V. E não nos deixes cahir em tentação. R. Porem livra-nos do mal. V. Da porta do inferno. R. Arrebata-lhe a alma. V. Descance em paz. R. Amen. V. Senhor, escuta a minha oração. R. E o meu clamor chegue até a ti. V. O Senhor seja convosco. R. E com o teu espirito.

Oremos.— Absolve, nós te rogamos, Senhor, a alma de teu famulo de todo vinculo dos delitos: afim de que na gloria da resurreição respire resucitado entre os teus Santos e os teus Eleitos. Por Cristo nosso Senhor. R. Amen.

Enquanto se estão cantando os *Laudes*, o Sacerdote prepara-se para dizer a missa pelo morto. O altar-mór está com os ornamentos pretos, e da mesma côr são a estola e a cazula do celebrante.

Acabada a missa,o sacerdote despe a cazula e o manipulo preto, e toma o pluvial preto. O sub-diacono pega a cruz e dirigindo-se para o feretro, vai colocar-se á cabeceira com o Crucifixo voltado para o altar, entre dois ciroferarios com as velas acezas. Os demais do clero dispõe-se com as tochas acezas em torno do catafalco, segundo a sua jerarchia, os mais elevados ficando mais perto do altar-mór. Segue-se o sacerdote, com o diacono, o assis-

ente, e os outros ministros, e tendo feito uma reverencia ao altar, vai colocar-se aos pés do corpo, em face do Crucifixo. Atraz e á esquerda dele ficão dois acolitos, um com o turibulo e a naveta do incenso, o outro com o vazo de agua benta, e o aspersorio. Então o celebrante canta sobre um livro sustentado pelo diacono ou um clerigo a seguinte oração:

Oração—Não entres em juizo com o teu servo, Senhor, porque nenhum se justificará perante ti si não lhe fôr concedida por ti a remissão de todos os pecados. Nós te pedimos pois que a tua sentença judicial não oprima aquele que a verdadeira suplica da fé cristã te encomenda: porem socorrendo-o a tua graça, mereça livrar-se do juizo vingador, aquele que, em vida, foi marcado com o sinal da santa Trindade: tu que vives e reinas em todos os seculos dos seculos. R. Amen.

Em seguida, os chantres começão o responso, Livra-me, Senhor, da morte eterna, etc. (Vide p. 818) que todo o côro continúa como acima.

Estando a terminar este responso, o turiferario passa a naveta ao diacono que aprezenta a colher de incenso ao celebrante. Este lança o incenso no turibulo; e acabado o responso, o chantre com o primeiro côro diz: *Senhor, tem piedade de nós*. O segundo côro responde: *Cristo, tem piedade de nós*. E todos juntos dizem: *Senhor, tem piedade de nós*.

Em seguida o sacerdote diz em voz alta: *Padre-nosso*, e todos o repetem consigo: ao mesmo tempo aquele recebe do diacono ou acolito o aspersorio de agua-benta, e tendo feito uma profunda reverencia á Cruz que lhe está defronte, o diacono se tendo genuflexado, e sustentando a fimbria do pluvial, faz a volta do catafalco, aspergindo o corpo. Depois, chegando ao seu lugar, recebe do diacono o turibulo, e do mesmo modo dá a volta do catafalco incensando o morto. Por fim, entregando o turibulo a quem lh'o deu, canta sobre um livro que outro acolito sustenta diante de si: V. E não nos deixes cahir em tentação. R. Porem livra-nos do mal. V. Da porta do inferno. R. Arrebata-lhe, Senhor, a alma. V. Descança em paz. R. Amen. V. Senhor, escuta a minha oração. R. E o meu clamor chegue até a ti. V. O Senhor seja convosco. R. E com o teu espirito.

Findo o canto diz o celebrante:

Oremos: Deus, que tens por atributo compadecer-te

e perdoar sempre: nós te rogamos suplices pela alma do teu servo (o nome do morto) que hoje mandaste que emigrasse deste mundo, para que não a entregues ás mãos do inimigo, nem a esqueças no fim, porem mandes que seja recebida pelos santos Anjos, e conduzida para a porta do paraizo, afim de que, tendo esperado e acreditado em ti, não sofra as penas do inferno, porem possua a felicidade eterna. Por Cristo nosso Senhor.

Acabada esta cerimonia, lavra-se o auto de depozito do corpo. Eis aqui a certidão relativa á aprezentação do corpo da nossa Santissima Mãi-Espiritual:

Eu abaixo assinado, vigario, declaro que a sete de Abril de 1846 foi aprezentado na Igreja Saint-Denis-du-Saint-Sacrement o corpo de Carlota Clotilde Jozefina Marie, mulher de Amedeu de Vaux (*sic*), morta a *cinco* de Abril de 1846, com a idade de 31 anos, na rua Payenne n. 5, (cinco.)

Forão testemunhas: Carlos Francisco Maximilien Marie; Anjo Gabriel (palavra ilegivel) Michel Dorferville cavaleiro da legião de honra. *

Pariz, 13 de Outubro de 1897.

Assinatura ilegivel.

Lavrado o auto, é o feretro retirado do catafalco para ser conduzido ao cemiterio. (No cazo atual, o Père-Lachaise.) A procissão dispõe-se na mesma ordem seguida para vir da caza mortuaria á Igreja. O trajeto deve ter sido no cazo atual: rua S. Claude, Boulevard des Filles du Calvaire, Boulevard Saint Antoine (hoje Beaumarchais), Praça da Bastilha, e rua de la Roquette.

Durante a marcha, os clerigos cantão a antifona: — Os Anjos te levem ao Paraizo; os Martires te recebão á tua chegada, e te conduzão á cidade santa de Jeruzalem. O côro dos Anjos te receba, e com Lazaro outrora pobre tenhas o eterno descanço.

* Esta certidão constitúi o documento publico que prova que Clotilde faleceu na rua Payene n. 5 (cinco). A certidão civil de obito que é um *documento reconstituido*, dá o n. 7 (sete), e menciona erroneamente um dos prenomes de Clotilde, *Jeanne* em lugar de *Joséphine*. Vide esta certidão no relatorio *Uma Vizita aos Lugares Santos do Pozitivismo*. — R. T. M.

O Père Lachaise

Planta da zona que encerra os tumulos de CLOTILDE (quadra n. 1), AUGUSTO COMTE, e SOFIA BLIAUX (quadra n.º 17)

(Extrahido de um mapa feito por Charles Moonen).

O ANO SEM PAR, *p. 824*

Chegado ao cemiterio o sagrado Corpo da nossa Mãi-Espiritual tinha de ficar depozitado em um carneiro provizorio enquanto se construia o que lhe era destinado. E prezumimos que ahi forão feitas as seguintes cerimonias prescritas pelo ritual catolico:

O porta-cruz e os acolitos, e depois o celebrante e os que o assistem, colocão-se como durante a absolvição, o clero dispondo-se como na ocazião da leva do corpo; o esquife é colocado á bórda do sepulcro. O padre dá então a sua tocha a um clerigo, e benze a sepultura (si esta já não estiver benta) recitando a seguinte oração:

Oremos.— Deus, por cuja comizeração descanção as almas dos fieis, digna-te abençoar este tumulo, e envia um santo Anjo teu para que o guarde: e absolve de todos os vinculos do pecado as almas daqueles cujos corpos forem aqui sepultados, afim de que se alegrem em ti sempre sem fim com os teus Santos. Por Cristo nosso Senhor. R. Amen.

Finda esta oração põe o incenso no turibulo, recebendo em seguida o aspersorio, asperge o feretro e o sepulcro tres vezes, primeiro no meio, depois á sua esquerda, e enfim á sua direita. Entregando o aspersorio, toma então o turibulo e incensa o esquife e o sepulcro da mesma maneira pela qual o aspergíra. Restitûi enfim o turibulo.

Feito isto, o padre entôa a antifona: *Eu sou a ressurreição e a vida, etc.;* canta-se o canto de Zacarias: *Bendito, etc.* e repete-se a antifona: *Eu sou a ressurreição.*

Finda esta o sacerdote diz: *Senhor, tem piedade de nós. Cristo, tem piedade de nós. Senhor, tem piedade de nós. Padre nosso.* E nesse interim asperge o corpo. V. E não nos deixes cair em tentação. R. Porem livra-nos do mal. V. Da porta do inferno. R. Arebata-lhe a alma. V. Descance em paz. R. Amen. V. Senhor, escuta a minha oração. R. E o meu clamor chegue até a ti. V. O Senhor seja convosco. R. E com o teu espirito.

Oremos.—Nós te suplicamos, Senhor, que uzes com o teu servo (ou a tua serva) morto mizericordia tal que não receba nas penas o premio dos seus feitos aquele (ou aquela) que dezejou guardar a tua vontade: afim de que assim como a verdadeira fé juntou-o (ou a) neste mundo ás turmas dos fieis, assim tambem a tua mizericordia o associe no outro aos córos angelicos. Por Cristo nosso Senhor. R. Amen. V. Dá-lhe, Senhor, o descanço eterno. R. E a

luz perpetua o ilumine. ℣. Descance em paz. ℟. Amen. ℣. A sua alma e as almas de todos os fieis mortos descancem em paz pela mizericordia de Deus. ℟. Amen. *

Tais são as cerimonias prescritas pelo ritual romano, para consagrar a passagem da vida objetiva á existencia subjetiva.

Colocado em um carneiro provizorio, o sacratissimo Corpo da nossa Mãi-Espiritual só foi dahi trasladado, a 8 de Maio do mesmo ano 1846, para a sepultura mandada construir pela Familia Marie, e onde atualmente jaz.

O fim da piedoza solenidade dispersou naturalmente aqueles que tinhão acompanhado Clotilde até o tumulo. Mas só a necessidade de ir trabalhar na glorificação da sua imaculada Inspiradora pôde arrancar do incomparavel sacrario o nosso acabrunhado Mestre. Pela primeira vez, desde o fatal Domingo, encontrava Ele a soledade propicia á efuzão das suas lagrimas sobre o Corpo idolatrado. Ajoelhado ali, até quando o manteve alheiado de si e de tudo a meditação inexhaurivel da imensa catastrofe !?...

VII

> O nada é o esquecimento; a gloria é a outra vida.
> . . . .
> A pedra do sepulcro é o teu primeiro altar!
>
> ELIZA MERCŒUR.

> Ela é bem feliz, ei-la certa da imortalidade!
>
> VITORIA BONNIN.

A morte de Clotilde veio fatalmente exacerbar as perturbações que a agravação da sua molestia determinára na saude do nosso inconsolavel Mestre. Desde esse terrivel momento, Ele não busca alivio e animação para a vida angustioza que se lhe oferecia sinão na meditação do ano incomparavel que a morte acabava de divinizar

* Voltando á Igreja, o celebrante e os clerigos dizem a antifona — *Si observares as nossas inquietudes*, com o psalmo *De profundis*, e a antifona — *Dai-lhes, Senhor, o descanço eterno.* — R. T. M.

para sempre! A sistematização definitiva do sublime culto que a Santa Clotilde o levára espontaneamente a instituir, surge ao seu coração atribulado como a primeira condição da sua melancolica existencia. Só assim conseguiria haurir forças para dezempenhar o solene compromisso que tomára junto da sua idolatrada Inspiradora agonizante. Logo que a agudeza da dôr lhe permitiu, Ele aplicou, pois, o seu genio á organização do sagrado plano que devia realizar até que o Destino lhe viesse arrancar o derradeiro alento.

Cremos que o nosso Mestre absorveu-se nessa tocante construção desde o dia imediato ao enterro da nossa divina Mãi-Espiritual. Era então o *Mercuridia-de-Trevas*, e o simpatico Pensador sentia o seu culto exaltar-se com a lembrança das emoções que dominavão as almas, sobretudo femininas, ainda alentadas pelas grandes e suaves cerimonias do Catolicismo. Viva, Clotilde teria vindo encantar mais uma vez com a sua prezença a modesta habitação da rua Monsieur-le-Prince. Morta, a sua martirizada imagem transforma a sala que Ela enchêra de alegrias, consolos, e esperanças, no funebre apozento onde expirára! Foi sob o predominio dessa vizão da horrivel catastrofe que o nosso Mestre entregou-se á meditação da sagrada correspondencia. A revizão o absorveu até o *Venerdia-Santo*, 10 de Abril, primeiro setenario depois do inicio da lenta agonia da sua imaculada Inspiradora. Tal é a data por Ele assinalada como a da primeira instituição sistematica das suas *Orações*.

Esses incomparaveis hinos de um amor sem exemplo forão revistos posteriormente, mas infelizmente não conhecemos as suas diversas redações. Prezumimos que elas existem nos archivos da rua Monsieur-le-Prince. Impossibilitados, porem, de consultar similhantes monumentos, só nos resta transcrever as *Orações* conforme se achão publicadas.

Encerrando assim o prezente *Epilogo*, as almas ternas poderão sentir bem o profundo contraste que oferece esse culto de amor com a tenebroza celebração consagrada aos finados pelo Catolicismo. No Pozitivismo, evocamos subjetivamente os nossos entes queridos, afim de testemunhar-lhes a nossa gratidão por nos habilitarem cada vez melhor para o serviço da Humanidade, segundo a lei: *os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos.*

Entre a natureza da nossa suave Deuza e a dos seus dignos filhos existe uma homogeneidade tão perfeita que cada um destes torna-se, em graus diversos, uma personificação dela. No Catolicismo, os vivos tremem diante de um Deus onipotente que se compraz em multiplicar as provações da propria feitura das suas mãos,e implorão a sua mizericordia para seres que nada valem por si-mesmos. A heterogeneidade entre o Ser-Supremo e o mesquinho produto do seu arbitrario poder é tal, que Aquele se ufana de dizer a este: *Eu te sou necessario e tu de nada me serves.* (*Imitação*, Livro IV, Cap. XII.)

Antes, porem, de transcrever as *Orações* do nosso Mestre, cumpre-nos assinalar as outras praticas cultuais que forão instituidas por Ele, no mesmo ano, sinão na mesma ocazião. Referimo-nos á leitura diaria de Tomas de Kempis e de Dante. Com efeito, na carta dirigida ao seu dicipulo Alfredo Sabatier em 8 de Shakespeare de 68 (17 de Setembro de 1856), Ele dizia:

« ... Lêde, como eu o faço *ha dez anos*, todas as manhans, um capitulo da *Imitação*, primeiro em latim, depois na tradução em verso de Corneille, e todas as tardes, um canto de Dante no original: não passeis nunca um ano sem haver relido o *Orlando Furiozo*, e mesmo a *Jeruzalem*, mais Homero seguido de Eschilo. Aprendei o hespanhol e tornai-vos familiar *El Ingenioso Hidalgo*, como o *Teatro escogido*, recentemente publicado, sob a minha indicação, pelo eminente pozitivista Flores digno amigo do vosso nobre irmão Lonchamt.» *

Lembramos tambem que, desde Dezembro de 1845, o nosso Mestre recitava todas as manhans a poezia de Clotilde — *Os pensamentos de uma flór.* (POLITICA POZITIVA, IV, pg. 549).

A propozito dessas leituras, recordaremos finalmente uma expansão do nosso Mestre, que patenteia, mais uma vez, quanto era profundo nele o sentimento de humildade, e quanto era contínuo o seu esfôrço de aperfeiçoamento moral para corresponder á sua santa missão. O Sr. Laffitte conta que Ele lhe dissera um dia, falando de Dante: — *eu me expurgo com ele do pecado do orgulho quando leio o Purgatorio.* **

* *Revista Ocidental*, 1ª serie, tomo VII, 1886, p. 77.

** *Ibidem*, p. 190.

Eis, agora, as *Orações* do nosso Mestre, segundo se achão publicadas no VOLUME SAGRADO:

O mor por principio,
E a ordem por baze:
O progresso por fim.

Ordem e progresso.
Viver para outrem.
Viver ás claras.

ORAÇÕES QUOTIDIANAS

Instituidas no Venerdia-Santo, 10 de Abril de 1846

Revistas primeiro a 6 de Abril de 1849, depois a 26 de Agosto de 1853, enfim a 25 de Dezembro de 1855, (após o depozito do meu Testamento), e completamente reescritas no *Venerdia-Santo* 10 de Abril de 1857.

ORAÇÃO DA MANHAN (de 5 horas 1/2 a 6 horas 1/2)

COMEMORAÇÃO (40 m.), de joelhos diante do seu *altar*

PREAMBULO (5 minutos)

1ª IMAGEM NORMAL DA VESPERA

Este culto de amor e reconhecimento não póde jamais cessar de aliviar-me e sobretudo de melhorar-me. *

Amar inda é melhor que ser amado.
Não ha nada real no mundo sinão amar.

Oh amanza del solo amore, o diva,
Non è l'affezione mia tanto profunda
Che basti à render voi grazia per grazia.

2ª IMAGEM ECEPCIONAL DA VESPERA

E' unicamente a ti, minha santa Clotilde, que eu devo não deixar a vida sem haver dignamente experimentado as melhores emoções da natureza humana. Um ano incomparavel fez espontaneamente surgir o unico amor, ao mesmo tempo puro e profundo, que o meu destino comportava. A ecelencia do ente adorado permitiu á minha maturidade, mais bem tratada do que a minha juventude, entrever, em toda a sua plenitude, a verdadeira felicidade humana: *Viver para outrem*. Eis ahi a verdadeira felicidade, como o verdadeiro dever! Só tu me ensinaste a

* Esta efuzão foi introduzida em Maio de 1848. Vide VOLUME SAGRADO p. 914. — R. T. ?1.

fundir as suas fórmulas! Que prazeres podem sobrepujar os da dedicação? Para tornar-me um verdadeiro filozofo, faltava-me sobretudo uma paixão, ao mesmo tempo profunda e pura, que me fizesse assás apreciar a parte afetiva da natureza humana.

A gente se cança de pensar, e mesmo de agir; jamais se cança de amar, nem de o dizer.

No meio dos mais graves tormentos que possão jamais rezultar da afeição, não cessei de sentir que o essencial para a felicidade é sempre ter o coração dignamente cheio... mesmo de dôr, sim, mesmo de dôr, da mais amarga dôr.

Sagrada es yà mi passion.
La divinizó la muerte!

COMEMORAÇÃO ESPECIAL (15 minutos)

Meditação sobre as nossas principais lembranças peculiares a este dia da semana, sob as imagens normais que a ele se referem.

Sagrada es yà, etc.

Mai non t'appresentò natura od arte
Piacer, quanto le belle membra in ch'io
Rinchiusa fui e che son terra sparte;
E se il sommo piacer si ti fallio
Per la mia morte, qual cosa mortale
Dovrà poi trarre te nel suo disio?

COMEMORAÇÃO GERAL (20 minutos)

IMAGEM PRINCIPAL DESTE DIA

Non, quella che'mparadisa la mia mente, a tua morte mesmo não quebrará jamais o vinculo fundado na minha afeição, a minha estima, e o meu respeito.

Revista cronologica de todas as nossas lembranças essenciais mediante as passagens correspondentes das nossas cartas

Vim agradecer-vos, Senhor, o vosso encantador mimo. (A sua vizita do Lunedia 2 de Junho de 1845, com a sua mãi e o seu irmão).

INICIAÇÃO FUNDAMENTAL

JUNHO.— *Estima.* Deixai-me livremente trabalhar no vosso aperfeiçoamento, pois que é a minha principal maneira de ocupar-me com a vossa felicidade, que me será sempre cara, sejão quais forem o grau e a fórma pelos quais possa concorrer para ela. (A minha carta de 6 de Junho).

E' indigno dos grandes corações derramar as perturbações que sentem. (A sua *Lucia*, publicada a 20 de Junho).

JULHO.— *Confiança.* O meu coração vê finalmente em vós, na realidade prezente, uma perfeita amiga, e, nos meus sonhos de futuro, uma santa espoza. (A minha carta de 3 de Julho).

Eu vos estendo a mão bem sinceramente, eu vos sou ternamente devotada, e terei sempre prazer em proporcionar-vos, nas nossas relações, toda a felicidade de que posso dispôr: vossa de coração. (A sua carta de 4 de Julho).

AGOSTO.— *Afeição.* O meu surto direto do amor universal se consuma sob a estimulação contínua do nosso puro apego. (A minha carta de 5 de Agosto).

Adeus, caro e digno amigo; vêdes que eu vos aprecio, e creio em vós: contai com o coração de Clotilde de Vaux. (A sua carta de 11 de Agosto).

A cada suspensão do meu trabalho, a vossa cara imagem volta docemente a apoderar-se de mim: longe de prejudicar depois a minha meditação, ela a sustenta e a anima. (A minha carta de 26 de Agosto).

CRIZE DECIZIVA

SETEMBRO.— Si crêdes poder aceitar todas as responsabilidades que se prendem á vida de familia, dizei-m'o, e decidirei da minha sorte... Eu vos confio o meu resto de vida. (A sua carta de 5 de Setembro).

Eis o meu plano de vida: a afeição e o pensamento. (A sua carta de 6 de Setembro).

Sinto-me ainda desgraçadamente impotente para o que ultrapassa os limites da afeição. Ninguem apreciar-vos-á como eu o faço; e o que não me inspirais, nenhum homem mais m'o inspira: porem o passado faz-me ainda mal, e foi

um erro meu querer arrostá-lo. Sêde generozo a todos os respeitos, como o sois a certos. Deixai-me o tempo e o trabalho, expôr-nos-iamos agora a crueis pezares. (A sua carta de 8 de Setembro).

Desde a Santa-Clotilde, verdadeiro inicio das nossas relações seguidas, nenhum pensamento carnal tinha até então, quer na vossa prezença, quer mesmo na vossa auzencia, jamais perturbado a minha intima adoração. Retomo pois, sem esforço, os meus caros habitos de ternura cavalheiresca. (A minha carta de 10 de Setembro.)

Sinto quanto vos amo de coração vendo-vos sofrer. (A sua carta de 13 de Setembro).

Comprehendi, melhor do que ninguem, a fraqueza da nossa natureza, quando ela não é dirigida para um alvo elevado, que seja inaccessivel ás paixões... Restão-me ao menos fontes de ensinamento para os outros: é ainda um interesse real na minha vida; quero explorá-lo... Contai com tudo que eu tenho de bom e de afetuozo no coração. (A sua carta de 14 de Setembro).

Envio-vos o dom do coração com os simples atavios que lhe deu a natureza; o pensamento é o unico artista capaz de ornar similhantes nadas. O meu proveito proprio está em ser-vos agradavel, e compenetrar-me da sinceridade do vosso apego, ao qual ligo todo o apreço que merece (A sua carta de 25 de Setembro).

Não encontrei ainda sinão em vós a equidade unida a amplas exigencias do coração... Porque não vos conheci eu mais cedo? (A sua carta de Garges)!

Amemo-nos profundamente, cada um á sua maneira, e poderemos ainda ser verdadeiramente felizes um pelo outro. (A minha carta de 2 de Outubro).

TRANZIÇÃO FINAL

OUTUBRO. — *Expansão total*: Caminhemos apoiados um ao outro, meu caro filozofo, deixemos que o tempo nos guie e nos forme. (A sua carta de 4 de Outubro).

As vossas cartas cauzão-me sempre prazer e sempre me fazem bem... Adeus, caro homem, amai-me, e ficai certo que vo-lo retribuo bem. (A sua carta de 18 de Outubro).

A nossa especie, mais do que as outras, preciza de deveres para fazer sentimentos. (A sua carta de 25 de Outubro).

Eis ahi o que eu comprehendo melhor do XIX seculo: é a tendencia universal dos seres para a razão em toda a sua simplicidade. Vendo as mais modestas inteligencias participarem naturalmente e sem esforço de todas as luzes obtidas, sinto cada dia mais que a siencia não carece sinão rezidir no ápice das sociedades para enriquecê-las na sua massa inteira: e, palavra, que me consolo de não ter sido iniciada nas maravilhas do quadrado de hipotenuza. (A sua carta de 30 de Outubro).

Novembro. — *Abandono sem rezerva.* Si fosse precizo que não me amasseis sinão um quarto de hora por dia para o vosso repouzo, eu dezejaria, de todo o meu coração, que isso se desse desde amanhan. (A sua carta de 2 de Novembro).

Aqueço-me e visto-me como mulher delicada, graças a vós. (A sua carta de 8 de Novembro).

A vós, em troca, o pensamento tão doce de haverdes reanimado um ente aniquilado, e vertido o balsamo em um coração ulcerado. (A sua carta de 9 de Novembro)!

Oxalá estivesse eu certa de tornar-vos feliz por vinculos mais intimos! eu não hezitaria em formá-los. (A sua carta de 18 de Novembro).

Sois o melhor dos homens; tendes sido para mim um amigo incomparavel; e sinto-me tão honrada como feliz pelo vosso apego. (A sua carta de 23 de Novembro).

E', pois, unicamente a vós, minha Clotilde, que deverei não mais deixar a vida sem ter dignamente experimentado as melhores emoções da natureza humana. (A minha carta de 24 de Novembro).

Dezembro. — *Familiaridade continua.* Congracemo-nos habitualmente, minha Lucia, em torno dessas sublimes concepções, que ligão diretamente a nossa afeição mútua ao conjunto da evolução humana. (A minha carta de 9 de Dezembro).

Contai com o apego mais terno que eu possa experimentar... Tenho por vós hoje mais do que o coração de uma parenta... E' precizo que não esteja em meu poder o tornar-vos feliz para não o fazer... Seja qual fôr a nossa sorte, espero que só a morte quebrará o laço fundado na minha afeição, a minha estima, e o meu respeito. (A sua carta de 10 de Dezembro).

Esse incomparavel ano fez surgir em mim o unico amor,

a um tempo puro e profundo, que comportava o meu destino. A ecelencia do ente adorado permite á minha madureza, mais bem tratada do que a minha juventude, de entrever em toda a sua plenitude, a verdadeira felicidade humana .(A minha carta de 26 de Dezembro).

ESTADO NORMAL

(IMAGENS ESPECIAIS E FIXAS)

JANEIRO.— *Intimidade completa.* Tendes o coração de um cavalheiro, meu ecelente filozofo. (A sua carta de 8 de Janeiro).

Todos nós temos ainda um pé no ar sobre o limiar da verdade... Só posso haurir a minha moral no meu coração, e edificá-la sobre o puro sentimento. E' esse, de resto, o quinhão de uma mulher, e basta. Ela ganha em caminhar modestamente atraz do prestito dos renovadores, embora tenha de perder assim um pouco do seu elance... Si eu fosse homem, terieis em mim um dicipulo entuziasta: ofereço-vos, como indenização, uma sincera admiradora (A sua carta de 15 de Janeiro).

O vosso nobre acendente ligou profundamente o surto habitual dos meus mais altos pensamentos aos dos meus mais ternos sentimentos. Não fiqueis pois sorpreza que eu queira secretamente inaugurar este decimo-sexto serviço anual por uma lembrança especial da minha bem-amada. Esta curta efuzão deve me preparar melhor para o ministerio que vou dezempenhar, fazendo espontaneamente prevalecer a dispozição d'alma mais favoravel ao meu oficio filozofico (A minha carta de 25 de Janeiro).

FEVEREIRO.— *Perfeita identidade.* O vosso coração é o santuario onde depozito tudo o que constitûi a minha vida: os pequenos como os grandes acontecimentos, tudo dela vos é conhecido; e sabeis que ainda não fiz mal sinão a mim (A sua carta de 12 de Fevereiro).

Nas minhas horas de sofrimento, a vossa imagem paira sempre diante de mim (A sua carta de 23 de Fevereiro).

As almas ardentes e escrupulozas encontrão muitos Golgotas neste mundo; mas, pelo menos, elas escapão a miudo aos pezares como aos remorsos (A sua carta de 24 de Fevereiro).

MARÇO.— *União definitiva.* Os maus precizão muitas

vezes mais de piedade do que os bons (A sua carta de 2 de Março).

Tenho muitas coizas amigaveis a dizer-vos. E' força cessar por hoje. Recebei a eterna segurança da minha ternura (Fim da sua 86ª e ultima carta, de 8 de Março de 1846).

Para tornar-me um perfeito filozofo, faltava-me sobretudo uma paixão, ao mesmo tempo profunda e pura, que me fizesse assás apreciar a parte afetiva da natureza humana (A minha carta de 11 de Março).

No meio dos mais graves tormentos que possão jamais rezultar da afeição, não cessei de sentir que o essencial para a felicidade é sempre ter o coração dignamente cheio (A minha 95ª e ultima carta, de 18 e 20 de Março de 1846.)

Vós me haveis de dar um cacho dos vossos cabelos (A sua efuzão verbal de 20 de Março).

Hoje me fizestes profundamente sentir o valor da vossa nobre pureza, que nos permitiu, perante a vossa mãi, conservar ternamente a vossa mão nas minhas, enquanto eu contemplava a angelica fizionomia cuja suave beleza torna-se mais tocante pela sua alteração passageira (Fim da minha ultima carta).

Não tenho beleza alguma, tenho apenas um pouco de expressão (A sua efuzão verbal de 22 de Março).

CONCLUZÃO!

ABRIL!— Eu quizera bem ir dormir em vossa caza (O seu voto de 1º de Abril de manhan diante da sua mãi).

Fostes desconhecida, mas eu vos farei apreciar... Não, jamais nenhuma outra... (A minha efuzão verbal de 2 de Abril, perante a sua familia, depois da sua extrema -unção).

Não tereis tido uma companheira por muito tempo! (Durante a nossa unica noite, de 2 para 3 de Abril de 1846!)

Senhora, vós amais a vossa filha como um objeto de dominação, e não como um objeto de afeição (A minha exprobração á sua mãi, perante ela, a 4 de Abril).

Comte, lembra-te que eu sofro, sem o haver merecido!... (As suas ultimas palavras distintas, nitidamente repetidas cinco vezes seguidas, no Domingo á tarde 5 de Abril de 1846, por volta das 3 horas da tarde, uma meia hora antes de expirar!!!)

Sim, a tua morte mesma consolida para sempre o laço fundado na minha afeição, a minha estima, e o meu respeito!

Sagrada es yà, etc.

EFUZÃO (20 minutos)

1º DE JOELHOS DIANTE DAS SUAS FLORES (5 minutos)

Imagem de 27 de Agosto de 1851. * — Nobre e terna padroeira, *quella ch'imparadisa la mia mente*, a tua adoravel influencia eterna melhorou profundamente o conjunto da minha natureza, moral, intelectual, e mesmo fizica. Agradeço-te sobretudo o me haveres espontaneamente inspirado essa pureza, cujo verdadeiro valor, até ti, ignorava, mas que, espero eu, continuará a sobreviver-te sem alteração, graças á perzistencia natural do teu involuntario acendente. A tua angelica inspiração deve de mais em mais dominar todo o resto da minha vida, tanto publica como privada, para prezidir ainda ao meu inexgotavel aperfeiçoamento apurando os meus sentimentos, engrandecendo os meus pensamentos, enobrecendo a minha conduta.

Imagem final.— Morta, como viva, minha santa Lucia, tu deves sempre permanecer o verdadeiro centro da segunda vida de que te sou essencialmente devedor. A tua doloroza transformação de uma triste existencia em uma glorioza eternidade não deve jamais alterar a diviza familiar que eu te fiz aceitar, amor e respeito eternos!

Imagem de 27 de Agosto de 1856.

Ah! se'l sommo piacer si mi fallio
Per la tua morte, qual cosa mortale
Potrà mai trarre me nel suo disio?
Oh, nulla, nulla, giammai.
Es hombre vil, es infame,
El que, solamente atento
A lo bruto del deseo,
Viendo perdido lo mas
Se contenta con lo menos!

* Cremos que essa imagem está ligada a um dos *extazes* donde rezultou a instituição do *cazamento casto*. — R. T. M.

2º DE PÉ JUNTO DO ALTAR (10 minutos)

Imagem de 5 de Outubro de 1851.— Minha cara filha, como foi cedo destruida a incomparavel felicidade que te trouxe tão tarde um laço santamente ecepcional (já me lamentei bastante, é a ti que eu devo lamentar)! Para mim mesmo, ela não está destruida, ela está apenas transformada; ela é agora inalteravel. Apezar da catastrofe, a minha situação final ultrapassou cada vez mais tudo o que eu podia esperar, e mesmo sonhar, antes de ti. Sobretudo, a minha virtuoza paixão não deve jamais perder a sua aptidão natural para secundar ativamente a alta missão social que, desde então me absorvendo todo inteiro, me pôde só oferecer uma santa compensação pessoal, cada vez mais precioza á medida que tu te achas nela mais bem incorporada. Os deveres do casto espozo continuárão a fortificar os do filozofo, quando tive de cessar de trabalhar no teu aperfeiçoamento para aspirar á tua glorificação.

Imagem de 11 de Fevereiro de 1852.— Caro anjo menosprezado, o teu admiravel acendente não se tornou dignamente apreciavel sinão dispondo-me sempre a melhor servir o Grão-Ser ao qual te sinto irrevogavelmente incorporada, e cuja melhor personificação me ofereces. Durante um ano sem par, o teu doce impulso espontaneo facilitou profundamente o pleno surto do verdadeiro carater finalmente peculiar á minha filozofia: a sistematização real de toda a existencia humana mediante a preponderancia fundamental do coração sobre o espirito, consagrando a inteligencia ao serviço contínuo da sociabilidade.

O Amor por principio, e a Ordem por baze; o Progresso por fim. O Amor procura a ordem e impele para o progresso; a Ordem consolida o amor e dirige o progresso; o Progresso dezenvolve a ordem e reconduz para o amor.

Um, união, unidade, continuidade; *dois*, arranjo, combinação; e *tres*, evolução, sucessão.

O amor universal, assistido pela fé demonstravel, dirige a atividade pacifica.

O homem torna-se cada vez mais religiozo.

Agir por afeição, e pensar para agir.

Referindo tudo á Humanidade, a unidade torna-se mais completa e mais estavel do que nos esforçando por tudo religar a Deus.

A submissão é a baze do aperfeiçoamento.

Adeus, minha casta companheira eterna! Adeus, minha bem-amada Lucia! Adeus, minha dicipula querida e minha digna colega!

(Lembranças intercaladas do meu velho amigo Carlos Bonnin e da sua desventurada filha Vitoria).

A mim cumpre obter, pelo meus nobres trabalhos, que o teu nome se torne inseparavel do meu, nas mais longinquas lembranças da humanidade reconhecida.

A pedra do sepulcro é o teu primeiro altar.

Addio, sorella! Addio, cara figlia! Addio, casta sposa! Addio, sancta madre! Vergine madre, figlia del tuo figlio, Addio!

Oh, amanza, etc.

(Reprodução, de joelhos, com os olhos abertos, da segunda parte do preambulo, sob a imagem fixa de 11 de Fevereiro de 1852).

3ª CONCLUZÃO (5 minutos)

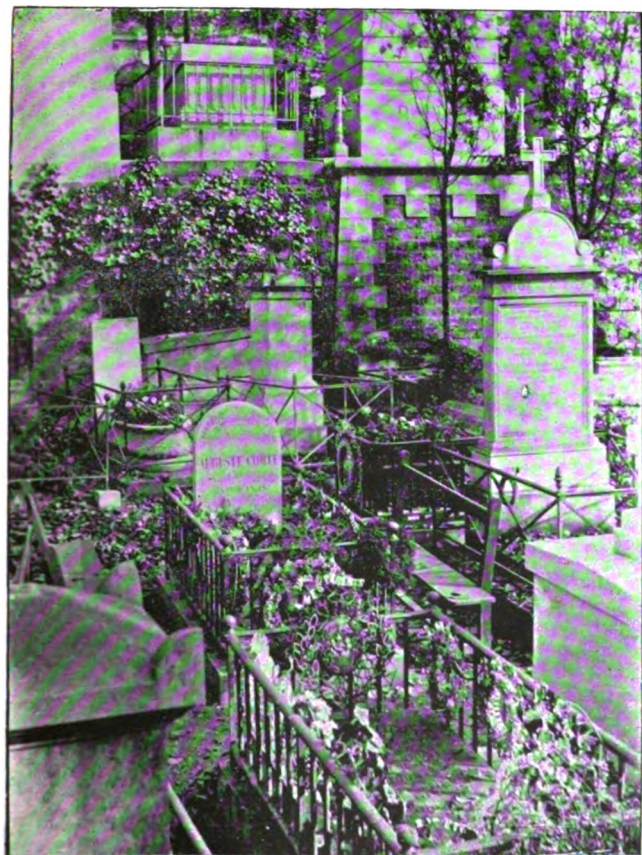
DE JOELHOS DIANTE DO ALTAR RECOBERTO

I.— (Quadro da minha verdadeira familia, objetiva e subjetiva, reunida, com os meus principais dicipulos, no Domingo 4 de Setembro de 1870, em Montpellier * no unico domicilio a que se referem as minhas lembranças do paiz natal).

A veneravel imagem de Rozalia Boyer foi se combinando de mais em mais com a amavel prezença de Clotilde de Vaux, primeiro na minha vizita hebdomadaria á tumba querida, em seguida durante as minhas orações quotidianas.

II. — *Imagem da tumba querida.* * * Rozalia, Lucia, Sofia, o vosso virtuozo conjunto, doravante inalteravel.

* 4 de Setembro é o dia em que a Igreja Catolica celebra a festa de Santa Rozalia; em 1870 cahia em Domingo. Esse quadro referia-se a um ideal que o nosso Mestre fazia da sua velhice e que a morte não permitiu realizar-se.—R. T. M,

* * Para comprehensão desta passagem, veja-se, no fim deste *Epilogo*, o trecho do Testamento do nosso Mestre relativo ao seu enterro e á sua sepultura.

O Père Lachaise

Vista dos tumulos de AUGUSTO COMTE e SOFIA

deve sempre oferecer-me o melhor tipo da verdadeira natureza feminina. Sob a vossa inspiração contínua, sistematizei melhor a influencia, publica e privada, do sexo afetivo, como o primeiro fundamento da regeneração final. Aquela de vós que sobrevive reanima, sem o saber, o santo impulso das outras duas, pelo doce espetaculo contínuo do nosso estado normal, a inteligencia e a atividade livremente subordinadas ao sentimento. Possa a minha justa gratidão publica tornar os vossos tres nomes igualmente inseparaveis do meu para a Posteridade reconhecida! Ouzei publicamente terminar a minha construção religioza encarregando todos os meus dicipulos de ambos os sexos de obter, como principal recompensa dos meus serviços, a minha solene inhumação no meio de vós tres, em nome do Grão-Ser, ao qual seremos irrevogavelmente incorporados. [1]

O que não faria eu, minha santa Lucia, para merecer plenamente a tumba comum diante da qual virá dignamente inclinar-se a bandeira coletiva do Ocidente regenerado!

III.— (*A' minha eterna companheira*). *Amem te plus quàm me, nec me nisi propter te!* [2]

(*A' Humanidade no seu templo, diante do seu altar-mór*). *Amem te plus quàm me, nec me nisi propter te!*

(*A' minha nobre padroeira, como personificando a Humanidade*). *Vergine-madre, Figlia del tuo figlio, amem te plus quàm me, nec me nisi propter te!*

Tre dolci nome ha' in te raccolti
Sposa, madre, e figliuola!

(PETRARCA).

(Introduzido no Domingo 25 de Cezar de 69). *

1 Desde 1849 que o nosso Mestre terminava a sua *Oração da manhan* com esse voto que infelizmente não póde ser cumprido até hoje (Vide a POLITICA POZITIVA IV, ps. 553 e 554).

2 Ame-te a ti mais do que a mim, e não me ame a mim sinão por amor de ti! — R. T. M.

* 17 de Maio de 1857.— R. T. M.

IMAGENS HEBDOMADARIAS (51)

31 NORMAIS

LUNEDIA.— 2 de Junho de 1845, 30 de Junho, 25 de Agosto.
MARTEDIA.— 29 de Abril de 1845, 12 de Agosto, 26 de Agosto, 31 de Março de 1846, (14 de Abril de 1846).
MERCURIDIA.— 27 de Agosto de 1845, 12 de Novembro, 14 de Janeiro de 1846, 11 de Fevereiro, 1º de Abril.
JOVEDIA.— 26 de Junho de 1845, 28 de Agosto, 16 de Outubro, (28 de Agosto de 1851). *
VENERDIA.— 16 de Maio de 1845, 18 de Julho, 8 de Agosto, 29 de Agosto, 20 de Março de 1846.
SABADO.— 11 de Outubro de 1845, 7 de Fevereiro de 1846, 28 de Fevereiro, 7 de Março, 28 de Março.
DOMINGO.— 7 de Setembro de 1845, 5 de Outubro, 29 de Março de 1846, (4 de Abril de 1847).

20 ECEPCIONAIS

LUNEDIA.— 9 de Junho de 1845, 30 de Março de 1846.
MARTEDIA.— 13 de Maio de 1845, 25 de Novembro, (3 de Junho de 1851), (3 de Junho de 1856).
MERCURIDIA.— 2 de Julho de 1845, 20 de Agosto, 3 de Setembro, (15 de Abril de 1846), (11 de Abril de 1855).
JOVEDIA.— 24 de Abril de 1845, 2 de Abril de 1846!
VENERDIA.— 3 de Abril de 1846! (11 de Janeiro de 1856), (10 de Abril de 1857).
SABADO.— 6 de Dezembro de 1845, 14 de Fevereiro de 1846, 4 de Abril!
DOMINGO.— 5 de Abril de 1846!!!

ORAÇÃO DA NOITE (uma meia hora)

(*Na cama, sentado*)

1º COMEMORAÇÃO (10 minutos)

Lembrança precioza da minha mocidade, companheira e guia das horas santas que soárão para mim, evoca sempre ao meu coração as cerimonias grandes e suaves da

* Introduzida em 1º de Cezar de 69.

capela do convento!... (A sua inscrição de 1837 na *Journée du chrétien* que ela me deu, no Domingo 29 de Março de 1846, como o seu livro uzual no convento da Legião de Honra, rua Barbette). *

Comte, lembra-te que eu sofro sem o haver merecido!!! (As suas ultimas palavras, que eu inscrevi nesse mesmo livro, diante de Sofia, hora e meia depois que as ouvimos).

Imagem principal do dia. — Sim, a tua morte mesma consolida para sempre o laço fundado na minha afeição, a minha estima, e o meu respeito.

Mai non l'appresentò, etc.
Oh amanza, etc.

2ª EFUZÃO (15 minutos)

Imagem de 28 de Fevereiro de 1852. — Sob a tua poderoza invocação, a mais doloroza crize da minha vida intima me tornou finalmente melhor, a todos os respeitos, dezenvolvendo, embora só, os santos germens cuja evolução tardia, porem deciziva devi sobretudo a ti. A idade das paixões privadas ficou então terminada para mim: podia ela acabar mais dignamente? Devi a partir desse momento entregar-me excluzivamente á eminente paixão, que, desde a minha adolecencia, votou sempre a minha vida ao serviço fundamental da Humanidade. Proseguindo a minha sublime missão, devo constantemente abençoar a tua salutar influencia, que não poderá jamais cessar de prezidir ao meu principal aperfeiçoamento. A preponderancia sistematica do amor universal, gradualmente emanada da minha filozofia, não teria podido sem ti se me tornar assás familiar, apezar da feliz preparação já rezultante do surto espontaneo dos meus gostos esteticos.

As minhas intimas satisfações não devêrão desde então provir sinão de um culto assiduo das puras e nobres lembranças que me deixou, para sempre, o nosso incomparavel ano de virtuoza ternura reciproca. Esse culto de amor e reconhecimento não póde jamais cessar de aliviar-me e sobretudo de melhorar-me. Sob as tuas diversas imagens tu nele me lembrarás sempre quanto, mau grado a catastrofe, a minha situação final ultrapassa tudo o que eu podia

* O nosso Mestre lia algumas paginas desse livrinho todos os Domingos á tarde, desde a morte de Clotilde. (Vide VOLUME SAGRADO, *Testamento*, p. 18). — R. T. M.

esperar, e mesmo sonhar, antes de ti. Quanto mais se dezenvolve a harmonia sem exemplo que te devo entre a minha vida privada e a minha vida publica, tanto melhor tu te incorporas, aos olhos dos meus verdadeiros dicipulos, a cada modo da minha existencia. A nossa perfeita identificação tornar-se-á a melhor recompensa de todos os nossos serviços, talvez mesmo antes que a bandeira universal venha solenemente inclinar-se sobre o nosso comum esquife.

Imagem de 20 de Agosto de 1851. *

Ah! se'l sommo piacer si mi fallio
Per la tua morte, qual cosa mortale
Potrà mai trarre me nel suo disio!

(Reprodução da segunda parte do preambulo da manhan).

Addio, la mia Beatrice! Addio, Clotilde! Addio, Lucia! Addio, quella che' mparadisa la mia mente. Addio!

(*Imagem da tumba querida*). A pedra do sepulcro é o teu primeiro altar.

Tre dolci nomi, etc.

A submissão é a baze do aperfeiçoamento.

3º CONCLUZÃO (5 minutos)

(*Deitado*)

(*Imagem principal do dia*). E' indigno dos grandes corações derramar as perturbações que sentem.

A nossa especie, mais do que as outras, carece de deveres para fazer sentimentos.

Os maus têm a miudo mais precizão de piedade do que os bons.

O Amor por principio, e a Ordem por baze; o Progresso por fim.

Virgine-Madre, Figlia del tuo figlio, Amem te plusquàm me, nec me nisi propter te!

Viver para outrem. — A Familia, a Patria, a Humanidade. — Viver ás claras.

* Parece concernir a algum *extaze* ligado á instituição do *cazamento casto* -- R. T. M.

ORAÇÃO DO MEIO DO DIA *

(A's 10 h. ½ em ponto.— 20 minutos)

1º COMEMORAÇÃO (10 minutos)

Imagem de 7 de Março de 1846.

Oh! amanza, etc.

(*A sua ultima carta*). Meu caro amigo, eis aqui o resto das forças das quais contava dar-vos a melhor parte. A boa Sofia teve as alviçaras delas, e ter-vos-á contado o meu ato de autoridade quanto ás *rozas:* estou me dando muito bem com as ter substituido pela agua de arroz e o marmelo.

Queria, ha muito tempo, falar-vos de vós, e hontem esperava ter forças para tal: mas, é uma coiza assentada, mau grado toda a ternura que me impele para vós, a vossa exaltação obriga-me a voltar á pena.

Caro amigo, o vosso apego torna-me bem venturoza, e por vezes bem pensativa: pergunto-me a mim mesma si algum dia não me pedireis contas dessas distracões violentas atiradas no meio da vossa vida publica; de um laço que devia ser todo doçura, fazeis uma sorte de adstringente apimentado que dissipa o vosso tempo, o vosso pensamento, e que não reage sinão sobre mim... Enganais-vos quando dizeis que a amizada não ama: eu nunca ouzei ser eu-mesma convosco (e não volteis ás coizas vulgares ou grosseiras que supuzestes outrora). Quando me sirvo da palavra *ouzar*, é que ela convem perfeitamente. Si estivessemos ambos calmos, eu vos provaria que a amizade sabe ser terna e ardente; eis porque patrocino o nosso apego com todos os nomes mais doces e mais santos: é para conduzi-lo a fazer-me lugar ao vosso lado junto do fogo. Tudo isso pede ser dezenvolvido, e eu vos prometo ocupar-me de tal logo que o puder. Tenho vizitas de sabre para dois dias: nem sei mesmo si isso me fará bem. Tenho muitas coizas amigaveis a dize--vos. E' força cessar

* A seguinte passagem do *Post-Scriptum* da SEXTA SANTA CLOTILDE, datado de 1 de Junho de 1850, indica que esta oração foi introduzida em 1847: « ... Durante a oração quotidiana que, *ha tres anos*, eu te dirijo entre os meus dois sonos (como entre as minhas duas refeições, etc.)... »— R. T. M.

por hoje. Recebei a eterna segurança da minha ternur[illegible]

Sim, minha nobre padroeira, eu a recebo respeitosa-
mente, como o principal tezouro de toda a minha segun-
vida.

(*Imagem final*).

> *Illa, graves oculos conata attollere, rursus*
> *Deficit: infixum stridit sub pectore vulnus.*
> *Ter sese attollens, cubitoque adnixa, levavit:*
> *Ter revoluta toro est, oculisque errantibus alto*
> *Quæsivit cælo lucem, ingemuitque reperta.*

(Beijando o meu cacho portatil dos seus cabelos: Reco-
nhecimento, Saudades, Rezignação.— A submissão é a
baze do aperfeiçoamento.

Imagem de 29 de Abril de 1845.— A vista completa o
encanto do ouvido... *Gli occhi smeraldi !*

(*A sua primeira carta*). As vossas bondades tornão-m[e]
bem feliz e bem orgulhoza, Senhor; e não me sinto co[m]
paciencia de esperar melhor ocazião para dizer-vos to[do o]
prazer que me cauzou *Tom Jones.*

Pois que a vossa superioridade não vos impede de fa[zer]
tudo para todos, regozijo-me com a esperança de co[n]-
versar convosco acerca dessa pequena obra-prima, e pod[er]
recolher por vezes no meu coração e no meu espirito [os]
vossos belos e nobres ensinamentos.

Aceitai, Senhor, com a expressão de todo o meu reco-
nhecimento, a da minha grandissima consideração.

(*A minha resposta*). Senhora, não posso tão pouco es-
perar até a venturoza ocazião de vos tornar a ver, para
testemunhar-vos quanto me tocou o preciozo acolhimento
com que vos dignais gratificar um leve sinal de atenção
apenas recomendavel por uma pressuroza oportunidade,
aliás demaziado natural para convosco.

O apreço que tendes a benevolencia de ligar á minha
conversação, anima-me a declarar-vos que eu veria com
muita satisfação multiplicarem-se tais relações tanto quanto
o crerdes conveniente. Fui muitas vezes julgado pouco
sociavel, por falta de achar, nos outros, uma dispozição
de espirito, e sobretudo de coração, suficientemente em
harmonia com a minha. Mas nem por isso apreciei sempre
menos, no fundo, essa doce troca de sentimentos e pensa-

mentos como a principal fonte da felicidade humana, quando as condições de tal comercio podem ser dignamente preenchidas. O confiante abandono que praz-me experimentar junto dos vossos pais deve indicar-vos assás a minha tendencia natural a saborear convenientemente o vosso amavel entretenimento. Alem da elevação de idéias e da nobreza de sentimentos que parecem peculiares a toda a vossa interessante familia, uma triste conformidade moral de situação pessoal constitúi ainda, entre vós e mim, uma aproximação mais especial.

Aceitai, Senhora, de novo a segurança bem sincera do afetuozo respeito do vosso devotado criado.

2ª EFUZÃO (7 minutos)

Imagem de 7 de Março de 1846.

(De joelhos)

DANTE

Donna, se' tanto grande et tanto vali
Che, qual vuol grazia e a te non ricorre,
Sua disianza vuol volar senz'ali.
La tua benignità non pur soccorre
A chi dimanda, ma molte fiate
Liberamente al dimandar precorre.
In te misericordia, in te pietate,
In te magnificenza, in te s'aduna
Quantunque in creatura è di bontate.

(Sentado)

PETRARCA

Qual paura ho quando mi torna a mente
Quel giorno ch'i lasciai grave e pensosa
Ma donna e'l mio cor seco! E non è cosa
Che si volentier pensi e si sovente.
I' la riveggio starsi umilemente
Tra belle donne, a guisa d'una rosa
Tra minor fior, ne lieta, ne dogliosa,
Come chi teme ed altro mal non sente.

Deposta avea l'usata leggiadria,
Le perle e le ghirlande e i panni allegri,
E'l riso e'l canto e'l parlar dolce umano.
Cosi in dubbio lasciai la vita mia!
Or tristi augurii, e sogni, e pensier negri
Mi danno assalto, piacia a dio ch'invano!

(*Imagem da tumba querida*). A pedra do sepulcro o teu primeiro altar.

PETRARCA

Dolci durezze e placide repulse,
Piene di casto amor e di pietate,
Leggiadri sdegni, che le mie infiammate
Voglie tempraro (or me n'accorgo) e'nsulse.
Gentil parlar, ovi chiaro rifulse
Con somma cortesia somma onestate,
Fior di virtù, fontana di beltate,
Ch'ogni basso pensier dal cor m'avulse.
Divino sguardo, da far l'uom felice,
Or fiero in affrenar la mente ardita
A quel che giustamente si disdice,
Or presto a confortar mia frale vita:
Questo bel variar fu la radice
Di mia salute, ch'altramente era ita.

3ª CONCLUZÃO (3 minutos)

(*Imagem da tumba querida*). *Quella che'mparadisa la mia mente!* Viver para outrem. Eis a verdadeira felicidade como o verdadeiro dever. Só tu me ensinaste a fundir as suas fórmulas! Que prazeres podem ceder os da dedicação?

(*A' minha eterna companheira*). *Amem te plus quàm me, nec me nisi propter te!*

(*A' Humanidade, no seu templo, diante do seu altar-mór*). *Amem te plus quàm me, nec me nisi propter te!*

(*As sete maximas da minha padroeira*). E' indigno dos grandes corações derramar as perturbações que sentem.
Que prazeres podem ceder os da dedicação?

Comprehendi, melhor do que ninguem, a fraqueza da ossa natureza, quando não é dirigida para um alvo eleado, que seja inaccessivel ás paixões.

A nossa especie, mais do que as outras, carece de deeres para fazer sentimentos.

Não ha, na vida, nada irrevogavel sinão a morte.

Nós temos todos ainda um pé no ar sobre o limiar da erdade.

Os maus têm a miudo mais precizão de piedade do que s bons.

(*A' minha padroeira, como personificando a Humaidade.*)

Vergine-madre, Figlia del tuo figlio,
Amem te plus quàm me, nec me nisi propter te!
Tre dolci nome hà' in te raccolti
Sposa, madre, e figliuola!

Paris, 10, Rua Monsieur-le-Prince.

Venerdia, 16 de Archimedes 69 (10 de Abril de 1857).

AUGUSTO COMTE

Fundador da Religião da Humanidade.

Nacido a 19 de Janeiro de 1798, em Montpellier.

NOTA

Dispozições do nosso Mestre acerca do seu enterro e da sua sepultura:

«No Sabado 1º de Maio de 1847, em uma santa vizita ao cemiterio de Leste, * fiz especialmente conhecer a M. Laffitte o lugar precizo da minha sepultura, no centro de um pequeno vale adjacente á tumba de Eliza Mercœur. E' para ahi que os pozitivistas, primeiro reunidos no meu domicilio, deverão conduzir-me, sob a bandeira sagrada

* E' o cemiterio vulgarmente conhecido pela denominação — Père-Lachaise. - R. T. M.

da religião universal [1], si, como espero, o Governo lhe permitir essa manifestação de um emblema de paz e de ordem. Convido esse cortejo a parar diante da igreja de S. Paulo (rua Santo Antonio), onde, desde o fim de Novembro de 1854, vou, todos os sabados, dia das minhas vizitas hebdomadarias a M^me de Vaux, orar uma meia hora, na capela contigua á do batismo. O meu coração instituiu essa pratica em comemoração da incomparavel cerimonia realizada nesse lugar no Jovedia 28 de Agosto de 1845, donde sempre datei o meu cazamento espiritual com a minha angelica colega, quando ahi fomos padrinho e madrinha do seu sobrinho. Em breve o meu espirito sancionou tal uzo, ao qual já devi felizes inspirações, dispondo-me a melhor sentir as relações normais entre o catolicismo e o pozitivismo. Uma tal explicação deve aqui prevenir todo engano acerca da manifestação que acabo de pedir; ela especificará o meu respeito geral para com os lugares de meditação [2] que a liberalidade catolica mantem sempre abertos ás almas avidas de cultura moral. Si interdissessem essa curta estação, bastaria inclinar respeitozamente a bandeira pozitiva fazendo o nosso sinal religiozo, [3] quando o cortejo passar diante do templo do verdadeiro fundador do catolicismo.

1 A bandeira sagrada do Pozitivismo é um estandarte tendo uma face branca e outra verde. Na face branca está reprezentada a Humanidade sob a imagem de uma Mulher tendo nos braços o seu filho. Na face verde que nas procissões deve ficar voltada para o cortejo, está inscrita a divisa sagrada do Pozitivismo: *O Amor por principio, e a Ordem por baze; o Progresso por fim.* O nosso Mestre emitiu, nas suas CONFISSÕES, o voto e a convicção de que a Posteridade escolheria Clotilde para essa personificação da Deuza que Ela lhe revelára.

No enterro do nosso Mestre não figurou a bandeira religioza. Mas o seu tocante voto acerca desse emblema do Pozitivismo foi pela primeira vez cumprido na cidade do Rio de Janeiro, por ocazião da procissão civica que, depois da proclamação da Republica, inaugurou entre nós a comemoração popular do proto-martir da nossa independencia—Tiradentes (21 de Abril de 1890). Essa idealização foi devida ao nosso correligionario, o insigne artista Decio Vilares.

2 O nosso Mestre refere-se ás igrejas catolicas. Em Paris, esses templos conservão-se abertos durante todo o dia, e creio que o mesmo acontece em toda a França.— R. T. M.

3 O nosso sinal religiozo consiste em recitar a fórmula:—*O Amor por principio, e a Ordem por baze; o Progresso por fim,*—colocando sucessivamente a mão direita sobre os tres orgãos cerebrais que, na região frontal antero-superior, correspondem ao amor (*bondade*), á ordem ([illegible]) e ao progresso (*firmeza*); ao passo que a mão esquerda colocada sobre o coração indica que para tudo isso é necessario sangue, isto, o concurso do corpo (Vide CARTAS A EDGER, ps. 31-32).

«Apezar da ingratidão dos que agora explorão os meus trabalhos sem concorrer para me prezervar da mizeria, eles se apressarão, pela maioria, em vir aos meus funerais ostentar os seus pezares, e talvez ufanar-se do seu reconhecimento. Convido os meus executores testamentarios a não repelirem nunca essas manifestações, que poderão algumas vezes se tornar sinceras, mesmo antes que o clamor publico as tenha imposto. Cumpre entretanto ecetuar dessa indulgencia tres personagens que sahírão, em 1852, da Sociedade Pozitivista, da qual eles erão membros desde a sua fundação. Si a indignidade da conduta deles não tivesse concernido sinão a mim, eu teria limitado a sua punição á minha rezolução, imediatamente proclamada, de não admitir jamais as suas subscrições quaisquer: devo porem estigmatizar aqui as suas ignobeis calunias sobre a minha filha adotiva. Alem dessas tres excluzões determinadas, acerca das quais, sem citar nomes que me repugnão, não receio nenhum engano, recomendo que o meu cortejo funebre seja prezervado de todo concurso, individual ou coletivo, emanado da minha indigna espoza ou da Escola politechnica.

«Si a capela publica do cemiterio de Leste se houver então tornado civilmente comum a todos os cultos, dezejo que o meu feretro seja primeiro para ahi levado, para cumprir-se com mais decencia a cerimonia que deve preceder a inhumação. * Em falta de tal modo, a celebração local deveria reduzir-se a algumas palavras pronunciadas sobre a minha tumba. Em todos os cazos, a verdadeira comemoração exige, segundo os nossos ritos, o lugar normal das nossas reuniões religiozas, convocando para ahi uma assembléia especial de todos os meus dicipulos de ambos os sexos, para o terceiro domingo após a inhumação.

«E' de temer que, mau grado o seu zelo, os meus executores testamentarios não possão realizar os votos proclamados no tomo final da minha *Politica pozitiva* (ps. 553 e 554) sobre a minha comunidade de sepultura com os meus tres anjos. [2] Si o voto principal cumprir-se, colocar-

* Este trecho mostra que os governos devem instituir, nos cemiterios civis, uma capela comum a todos os cultos.— R. T. M.

2 Eis o trecho da *Invocação final* da POLITICA POZITIVA, ao qual o nosso Mestre alude: «Ha cinco anos, completo a minha oração da manhan por esta rezolução: «Ouzarei terminar a minha construção religioza encarre-

-se-á, em um esquife ecepcional, o corpo da minha santa companheira á direita do meu, as nossas mãos entrelaçadas segurando a medalha que ela mesma guarneceu na minha caza com os seus cabelos, no domingo 5 de outubro de 1845, chamando-a o *dom do coração*. Esse talisman que, desde então, serve ao meu culto quotidiano, será sómente apertado ao meu coração pela minha mão direita na sua bolsa verde devida á nossa Sofia, si a reunião objetiva tornar-se impossivel. Nesse cazo, o meu esquife ecepcional encerraria, em lugar do corpo angelico, um simples cenotafio, com a inserição: *Clotilde de Vaux, eterna companheira de Augusto Comte, nacida a 3 de Abril de 1815 em Paris, e falecida a 5 de Abril de 1846 em Paris.*

«O esquife vazio deveria somente conter, no meu lenço de Mme de Vaux, a minha tufa dos seus cabelos, cortada sobre ela após a sua morte, mais o meu velho relogio de caixa e mostrador de ouro, que serviu á minha amiga durante as suas tres ultimas semanas. Relativamente á minha veneravel mãi, não posso agora esperar sinão um cenotafio, encerrando o pequeno relogio que é só o que me resta dela, e tendo a inserição: *A' digna mãi de Augusto Comte, Rozalia Boyer, nacida a 28 de Janeiro de 1764 em Jonquières (Hérault), e falecida a 3 de Março de 1837 em Montpellier.* Quanto áquela das minhas tres padroeiras que, espero eu, me ha de sobreviver, a sua comunidade de tumba comigo supõe o livre assentimento do seu ecelente espozo ou dos seus dois filhos.

«Após sete anos de provas diarias, eu a proclamei a minha filha adotiva, perante um numerozo auditorio de ambos os sexos, na cerimonia religioza do Jovedia 18 de Julho de 1850, relativa ao segundo cazamento pozitivista (o do Sr. Doutor Segond com Mlle Léonie de Lanneau). Porem esse laço ecepcional, de mais em mais respeitado por todos os meus verdadeiros dicipulos, não deve jamais alterar, mesmo em idéia, a harmonia normal do admiravel cazal cuja perfeita união posso diariamente apreciar, e poderia fazer com justiça repelir toda a separação de sepulturas. Si aqueles que o meu terceiro anjo quiz antes

«gando abertamente todos os meus dicipulos de ambos os sexos de obterem «um dia, como a principal recompensa dos meus serviços, a minha solene «inhumação no meio de vós tres (Rozalia, Clotilde, e Sofia), em nome do «Grão-Ser ao qual seremos irrevogavelmente incorporados». —R. T. M.

de mim se achassem mais aflitos do que honrados pela comunidade que dezejei, os meus executores testamentarios substituirião ao esquife filial um simples cenotafio, encerrando o vestido legado á Sofia pela nossa Clotilde. A inscripção a completar seria: *A' incomparavel filha adotiva de Augusto Comte, tratada como digna irman por Clotilde de Vaux, Sofia Bliaux, espoza de M. Martin Thomas, nacida a 18 de Setembro de 1804, em Oissy (Somme), cantão de Molliens-Vidame.* Vazios ou cheios, os dois esquifes, materno e filial, deverão ser colocados, o primeiro á direita, o segundo á esquerda do duplo esquife conjugal: cobrir-se-á o santo grupo com uma simples pedra, encimada por uma placa de marmore. Em torno do semicirculo que terminará a esta, a fórmula sagrada do Pozitivismo (*O Amor por principio, e a Ordem por baze; o Progresso por fim*) envolverá o titulo: *Augusto Comte e os seus tres anjos.* Todo enclauzuramento sendo especialmente descabido para com o filozofo que prescreveu *viver ás claras*, a comum sepultura será sómente cercada de uma balaustrada de ferro, cujos ambos os lados devem ser exteriormente providos de um banco de madeira com encosto.» (VOLUME SAGRADO, *Testamento*, ps. 10 a 13).

CONCLUZÃO

Indicação da acenção moral do nosso Mestre até que a Religião da Humanidade achou-se assás elaborada para comportar a expozição constante do Catecismo Pozitivista

Os sublimes rezultados da regeneração moral que o nosso Mestre deveu a Clotilde tornárão-se tanto mais patentes quanto mais o ardente culto da sua memoria dezenvolveu a angelica influencia que Ela exercêra em vida. Essa adoração produziu com efeito um surto sem exemplo na natureza afetiva de Augusto Comte, já pela expansão direta do seu altruismo, já pela purificação incessante dos seus pendores pessoais. Identificado assim gradualmente com a alma da sua divina Inspiradora, o Filozofo pôde perceber tambem cada vez melhor toda a grandeza dela. E, por outro lado, quanto mais se desprendia das sugestões egoistas, tanto melhor conseguia apreciar o problema da regeneração humana e caraterizar a solução definitiva que ela comporta.

Para imaginar, pois, cabalmente as reações que o culto da memoria de Clotilde exerceu sobre o nosso Mestre, é necessario considerar simultaneamente o seu surto moral e a sua evolução filozofica. Limitar-nos-emos, porem, nesta *Concluzão* a retraçar unicamente a sua santificação até que se lhe tornou possivel realizar a expozição constante do Catecismo Pozitivista. Porque ahi se acha definitivamente concebida a harmonia normal entre a pureza e a ternura, mediante a instituição do cazamento casto, que veio patentear o verdadeiro carater da união conjugal, prenunciando a utopia da Virgem-Mãi. Mencionaremos apenas as reações teoricas indispensaveis para comprehender essa maravilhoza acenção afetiva, por constituirem, a cada instante, o rezumo direto dos progressos morais efetuados. Teremos assim satisfeito o nosso propozito na publicação deste volume; porque os corações

amantes, sobretudo femininos, ficarão de posse de todos os elementos capazes de permitir apreciar bem a grandeza dos nossos Pais-Espirituais, e de influir para uma conversão á Religião da Humanidade.

Depois de instituidas as suas *Orações* e organizado o regimen da sua existencia intima, o nosso Mestre tratou de estabelecer o programa da sua vida publica. Nesse intuito rezolveu, no Domingo consecutivo á morte da sua divina Inspiradora, 12 de Abril de 1846, « recomeçar todo o primeiro volume da POLITICA com uma importante modificação filozofica fazendo-o preceder de uma justa dedicatoria á memoria bem-amada. » (*Revista Ocidental* 2ª serie, tomo VI, ano de 1892, p. 442.)

Cremos que essa importante modificação consistia no *Discurso sobre o conjunto do espirito pozitivo*.

No Martedia imediato 14 de Abril, setimo dia depois da inhumação de Clotilde, instituiu Ele as suas vizitas semanais ao cemiterio. Esse dia foi assinalado no seu culto intimo como uma *imagem normal*, e é a primeira das suas *imagens subjetivas*. Durante todo o ano de luto essas vizitas continuárão a ser feitas aos Martedias (VOLUME SAGRADO, p. 166); porem depois forão transferidas para os Mercuridias, em lembrança do dia em que Clotilde vinha á rua Monsieur-le-Prince.

No Mercuridia seguinte 15 de Abril, o nosso Mestre foi, segundo cremos, novamente á sepultura da sua santa Inspiradora. Era o segundo setenario que passavas em vê-la no dia escolhido por Ela para ir vizitá-lo, e esse dia proporcionou a segunda *imagem subjetiva* do culto intimo do terno Pensador. Constitûi uma *imagem eccepcional*. No mesmo dia, foi Ele sorprehendido pela manifestação que inaugurou as relações com o grupo dos dicipulos holandezes, donde lhe virião os seus principais patronos. *

Essa manifestação produziu uma bem grata emoção em nosso acabrunhado Mestre. Talvez a sua vizita ao Pere-Lachaise tenha tido por fim ir expandir junto ao tumulo da sua Inspiradora as lagrimas do seu reconhecimento. Era assim que Ele fazia ressurgir o culto fetichico dos

* Vide nas CARTAS A STUART MILL, p. 424, os documentos relativos a esta manifestação, cujos signatarios forão: o conde Limburg-Stirum, capitão de engenheiros, autor da carta, Kretzer, e van Hastelf, tenentes de engenheiros, todos tres adidos do ministerio da guerra holandez.

mortos, tornando a memoria da nossa terna Mãi-Espiritual a confidente dos seus sentimentos, pensamentos, e projetos, como fôra em vida!

Não conhecemos nenhuma outra indicação sobre a existencia do nosso Mestre nesses aflitivos dias até 29 de Abril, data em que recebeu uma tocante carta de Sarah Austin, que terminava assim:

« Estou passando muito mal. Tenho a gripe DUPLA. Porque é uma recahida, e tenho o que é peior, *saudades;* molestia de que não ficarei curada, porque ela afeta as minhas entranhas de mãi. Paciencia.

« E vós, caro Senhor Comte, serieis assás generozo para não mais lastimar aquela que já não carrega todos esses fardos? Si o bom Deus tivesse tido assás boa opinião de mim para levar-me aos 36 anos! » *

Esta carta faz prezumir que o nosso Mestre participára a Sarah Austin o falecimento da sua idolatrada Clotilde. Talvez mesmo refira-se a Sarah Austin a comunicação que Ele diz ter feito *algumas semanas* depois dessa catastrofe anunciando a perda de uma *filha adotiva.* (VOLUME SAGRADO, p. 183.)

No dia seguinte ao recebimento desta carta, o nosso Mestre respondeu á manifestação holandeza.** A passagem dessa resposta em que Ele carateriza a sua nova obra denuncia as comoventes emoções em que a escreveu. Não era possivel, com efeito, que, ao traçar similhantes linhas, não tivesse surgido diante do seu coração a imagem da Mulher divina a quem devia o surto moral da sua evolução filozofica. E que esforço não teve de exercer sobre si o terno Pensador, para não testemunhar a eterna gratidão que, naquele momento mesmo, lhe estava arrancando tantas lagrimas!...

Mas a doce expansão que uma discreta rezerva lhe impedia para com pessoas que apenas lhe havião manifestado uma simpatia filozofica, as suas cordiais relações com Sarah Austin proporcionavão-lhe no dia seguinte. Uma carta dessa digna Senhora indica mesmo que o comovente abandono do nosso Mestre a levou então a fazer-lhe confidencias penozas acerca da sua vida intima. Deprehendemos tambem do citado documento que o nosso

* Vide a *Revista Ocidental*, 2ª serie, tomo XX, ano 1900, p. 423.

** Vide essa resposta na *Revista Ocidental*, 1ª serie, tomo VIII, ano 1882, p. 177.

Mestre remeteu ou levou a Sarah Austin os dois numeros do *Nacional* onde sahíra a LUCIA.

Tal era a doloroza situação do martirizado Pensador quando Ele retomou, no Domingo 3 de Maio, por uma sessão de recapitulação, o seu curso de Astronomia popular. Este achava-se interrompido, como vimos, desde 15 de Fevereiro, em consequencia da demolição da sala da Mairie do III *arrondissement*. Ao subir á sua cadeira, o nosso Mestre vinha com a alma ainda mais cheia da lembrança da sua idolatrada Inspiradora. Perante a imagem ideal dela, o seu coração repetiu porventura a sagrada invocação com que, no começo desse ano, Ele abríra o seu curso:— *O vosso nobre acendente ligou profundamente o surto habitual dos meus mais altos pensamentos ao dos meus mais ternos sentimentos.*—O influxo redentor de Clotilde se fez desde então profundamente sentir na apreciação do espirito peculiar á nova doutrina. Simillhante preambulo ocupou mais sete sessões, das quais a ultima teve lugar no dia 21 de Junho, e versou sobre a *Educação*. Tal extensão foi devida ao desdobramento do programa que Ele anunciára.

Dois dias depois de haver retomado o seu curso popular e sob a impressão da vizita ao Père-Lachaise, recebeu o nosso Mestre uma comovente carta na qual Sarah Austin dizia, referindo-se a Clotilde :

« Restituo-vos os vossos preciozos jornais. Que desgraça! vê-se ahi demaziado bem os sofrimentos de um coração terno e nobre. Vê-se tambem ahi essa inteligencia justa e elevada que soube colocar-se acima das suas proprias esperanças e considerá-las como ecepcionais e não afetando as grandes regras da vida. E' esse um raro merito ao qual poucas de nós atingimos.

« Pobre mulher! Eu a deploro por vós e por mim-mesma, porque ela ter-me-ia sido uma precioza amiga. Quanto a ela, eu a acho demaziado digna de inveja.» [1]

Enfim, a 6 de Maio, um mez depois da morte da nossa terna Mãi-Espiritual, o nosso Mestre caraterizava o estado da sua alma em uma tocante carta a Stuart-Mill. [2] Limitar-nos-emos a transcrever o tópico relativo á morte de Clotilde:

«Eu vos indico primeiro essa precioza manifestação [3] afim

1 *Revista Ocidental*, 2ª série, tomo XX, 1900, p. 423 — R. T. M.
2 CARTAS A STUART MILL, p. 410 e seguintes.
3 Refere-se á manifestação dos holandezes.— R. T. M.

de adoçar-vos de antemão o triste anuncio do golpe medonho que, dez dias antes, votou á dôr, ou pelo menos á uma profunda melancolia, todo o resto da minha vida privada. A 5 de Abril, vi expirar, no começo do seu trigezimo segundo ano, a incomparavel amiga á qual dirigiu-se, o ano passado, a minha carta filozofica sobre a comemoração social, que eu vos comuniquei em Julho. Agora que essa confidencia não pertence, desgraçadamente! sinão a mim só posso indicar, a um coração tão apropriado como é o vosso para bem comprehender-me, que se tratava do meu primeiro e ultimo amor, embora essa afeição haja aliás permanecido sempre, de parte a parte, não menos pura do que profunda.

« No meu fatal cazamento, não houvera, outrora, sinão uma generozidade exagerada, em consequencia de uma aparente confiança total. No fundo, o meu coração, embora sempre devorado por necessidades simpaticas, tinha ficado essencialmente virgem até ás minhas primeiras relações com essa eminente dama, cuja concordancia organica achava-se fortificada por uma triste conformidade de situação moral, conquanto o seu infortunio domestico ecedesse muito o meu, e fosse, de resto, ainda menos merecido.

« A invazão deciziva dessa virtuoza paixão coincidiu, o ano passado, com a elaboração inicial da minha segunda grande obra. Concebeis assim a verdadeira gravidade de uma crize nervoza que até aqui vos era imperfeitamente conhecida, e na qual corri um verdadeiro risco cerebral, de que me prezervárão oportunamente energicas recordações pessoais, sem nenhuma van intervenção medica, só pela assistencia do severo regimen que introduzi, nesse ensejo, para todo o resto da minha vida.

« Salvo essa inevitavel estréia, sentia com delicias a admiravel harmonia espontanea dessa afeição privada com a minha missão publica, no momento em que começava uma nova carreira filozofica, na qual o coração, como vos anunciei, terá doravante, pelo menos, uma parte tão natural como o proprio espirito.

« Até então era o meu oficio social que tinha só compensado a minha fatalidade domestica. Ha um ano, eu via, pelo contrario, a minha vida privada contribuir profundamente para melhorar a minha vida publica, fazendo-me passar, embora tarde, por uma intima iniciação afetiva,

ultimo complemento indispensavel da minha inteira preparação filozofica, e sem a qual eu não podia preencher suficientemente a minha missão final para o serviço fundamental da grande regeneração humana. A minha nobre e terna Clotilde, dotada das mais altas faculdades mentais e morais, estava disposta a tornar-se espontaneamente, sob a minha direção, a minha digna colega nessa nova faze da minha vocação social. Para dar-vos uma idéia da sua dupla elevação, bastará fazer-vos saber que, mau grado os mais energicos e legitimos motivos pessoais para amaldiçoar a indissolubilidade do cazamento, ela tinha, segundo as minhas sumarias exortações iniciais, seriamente votado o conjunto da sua carreira literaria a compensar, a seu modo, os estragos morais exercidos, a este respeito, pelas deploraveis aberrações contemporaneas de um belo talento feminino, * do qual era, ouzo assegurá-lo, digna de triunfar finalmente.

« Podeis assim conceber toda a imensidade da minha perda e posso ajuntar que a Humanidade não está, no fundo, menos cruelmente frustrada, embora ela não possa suspeitar o verdadeiro valor do preciozo orgão que acaba de lhe ser roubado. Na idade em que tinha devido renunciar já a qualquer esperança séria de uma verdadeira ventura privada, eu começava a obter uma incomparavel felicidade, que jamais eu ouzára siquer sonhar! Ei-la bruscamente destruida, no momento em que os vexames da sua familia íão determinar a minha eterna amiga a aproximar-se mais de mim!...

« Foi precizo toda a potencia das minhas convicções filozoficas contra o suicidio, fortificada pelo sentimento fundamental da alta missão social que me resta preencher, para sobreviver sem hezitação á tal catastrofe. M. Lewes, que me viu no dia seguinte, poderá dizer-vos quão firme e rezignado ele encontrou-me já, pois que não dei siquer contra-ordem ao *rendez-vous* especial que lhe tinha marcado alguns dias antes.

« Essa horrivel provação permitiu-me tambem medir a inalteravel consistencia atual da minha saude cerebral, que, depois de haver rezistido a um golpe tal, acha-se por certo ao abrigo de qualquer ataque ulterior. Mas sinto profundamente, e cada vez mais, que a idade das paixões privadas acaba de terminar-se para mim: ela não podia

* George Sand. — R. T. M.

indar melhor. Não posso esperar outras satisfações intimas sinão as rezultantes do culto assiduo das puras e nobres lembranças que me deixa para sempre esse incomparavel ano de virtuoza ternura reciproca. A vida publica deve doravante empregar sózinha todo o tezouro de santas afeições que assim dezenvolvêrão-se em mim. Sob esse aspeto, ouzo dizer que nada perdi de essencial alem de uma nobre assistencia social. O aperfeiçoamento fundamental devido á evolução deciziva da vida afetiva estava já realizado suficientemente; espero que ele dará frutos assás grandes para que eu possa render com eles uma digna homenagem solene á memoria adorada.

« A sua admiravel modestia tinha afinal aceitado a dedicatoria publica de uma obra em que a sua doce influencia teve tamanha parte involuntaria. A nossa irrevogavel separação não póde desligar-me desse venturozo dever. Ele fornecer-me-á uma tranzição precioza da minha dôr para o meu trabalho. Explicando ahi convenientemente, aos entes dignos de bem comprehendê-la, essa poderoza estimulação dos sentimentos publicos pelas afeições privadas, terei aliás ocazião de indicar sumariamente ao mundo o alcance da perda despercebida que ele acaba de sofrer.

« A minha principal alegria pessoal consistiria agora em obter que o seu nome se tornasse enfim inseparavel do meu nas mais longinquas lembranças da Humanidade reconhecida.

« Para indicar-vos a que ponto já domino a minha irrevogavel melancolia, bastar-me-á dizer-vos que acabo de retomar no mesmo lugar o meu curso publico do domingo, interrompido em fevereiro, pela demolição da sala onde o fazia ha quinze anos. Dou este ano, sem nenhuma opozição do governo, e com grande satisfação do meu auditorio, uma extensão mais consideravel e uma fizionomia mais pronunciada ao meu preambulo filozofico, ao qual consagrarei ainda cinco sessões de duas ou tres horas, embora já tivesse tido quatro antes da suspensão. Este conjunto de nove sessões me permite, como o sentis facilmente, uma sumaria expozição verdadeiramente suficiente do espirito fundamental, a um tempo filozofico e politico, peculiar ao pozitivismo sistematico.

. . . .

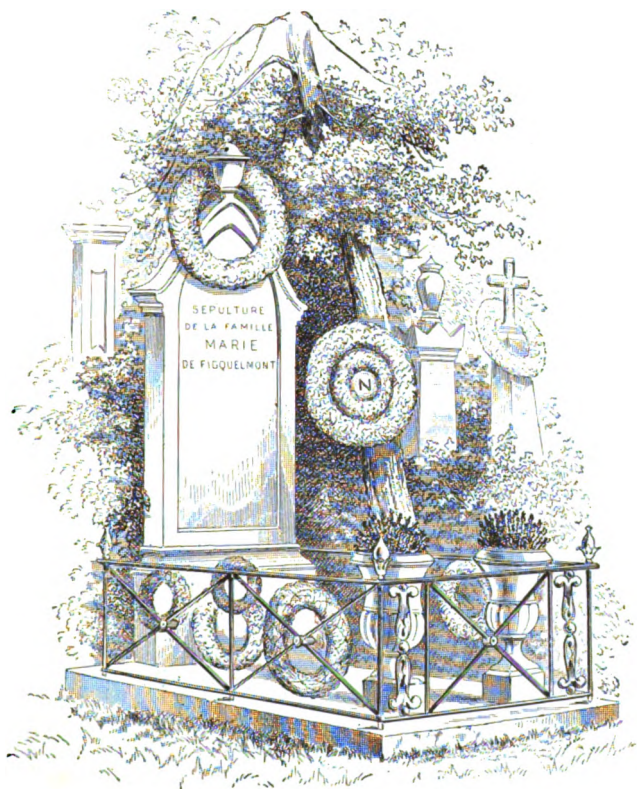
« A cordial solicitude expressa, no fim da vossa carta, sobre a minha situação pessoal, obriga-me a não terminar

sem dar-vos, a tal respeito, algumas sumarias indicações especiais, que compensarão assás o meu longo silencio anterior. Os meus embaraços imediatos são verdadeiramente graves, desde que consumei as economias mencionadas na minha carta de janeiro, e alem das quais começaria para mim a penuria real, que estou rezolvido a evitar, a menos de impossibilidade total.

« A doloroza catastrofe que acaba de ferir o meu coração exerceu mesmo, sob esse aspeto financeiro, uma pequena reação nova, sucitando um poderozo obstaculo moral a uma outra redução de quatrocentos ou quinhentos francos que eu contava ainda fazer em breve, sem nenhum embaraço sério, no preço anual de um apartamento demaziado consideravel para as minhas necessidades só, mas ao qual ligão-se agora recordações que constituem para sempre a parte mais precioza das minhas intimas riquezas. Seja como fôr, concebeis que essa condição accessoria agrava realmente bem pouco as principais dificuldades materiais da minha situação temporaria, que já me forçava, por outros motivos verdadeiramente insuperaveis, a recorrer á assistencia atual dos meus amigos pessoais. Salvo essa penoza necessidade, não tenho mais nenhuma outra inquietude séria sobre o meu futuro. A demissão que tinha feito vagar, em setembro, o lugar de diretor dos estudos politecnicos foi retirada a tempo pelo titular, de sorte que o Conselho dirigente não teve que votar nada sobre a minha candidatura oficial a esse respeito, nem quanto ás mutações consecutivas. » (CARTAS A S. MILL, ps. 413-421.)

No dia 8 do mesmo mez o nosso Mestre respondeu a Sarah Austin, mas esta carta não se acha publicada e talvez esteja perdida.

No mesmo dia operou-se a trasladação do corpo da nossa divina Mãi-Espiritual para a sepultura em que ainda jaz.

A gravura aqui junta, devida ao nosso devotado confrade Thomas Sulman, da Igreja de Londres, reproduz com fidelidade esse singelo monumento. Basta seguir a avenida principal do cemiterio Père-Lachaise, e tomar, á esquerda, um dos intervalos que separão o jazigo da familia Baurens dos que lhe ficão contiguos, para dar com ele. Quando cheguei a Paris, em Descartes de 109 (Outubro de 1897), o tumulo estava exigindo uma restauração; porque a arvore que foi plantada junto ao angulo

O Père Lachaise

Tumulo da Familia MARIE, onde se achão atualmente CLOTILDE e seus PAIS.

O ANO SEM PAR, *Concluzão p. 860.*

superior esquerdo do carneiro, do lado de fóra da grade, abraçára-se a esta, e acabára por determinar o seu despedaçamento, desviando, ao mesmo tempo, um pouco a pedra vertical da sua pozição primitiva. As plantas que se achão nos dois vazos forão ahi plantadas por Mme Robinet conforme me informou o nosso respeitavel confrade, seu espozo, hoje falecido.

A Familia Marie mandou, em Novembro do mesmo ano, restaurar o monumento, e, nessa ocazião a grade sendo substituida, teve a bondade de dar-me os fragmentos da antiga. Hoje essa preciozissima reliquia acha-se no Templo da Humanidade do Rio de Janeiro.

Nos domingos 17 e 24 de Maio o nosso Mestre foi vizitar a Familia Austin; mas não a encontrou. E escrevendo a Sarah Austin, a 25 do mesmo mez, Ele dizia:

« ... Quanto a mim, passaria muitissimo bem de saude si a minha doloroza situação moral me permitisse suficiente sono. » [1]

Na tarde do mesmo dia recebeu uma carta em que Sarah Austin, depois de explicar a sua auzencia nos domingos precedentes, dizia:

« Espero vos ver melhor, mas são palavras estupidas essas. Respeito muitissimo o vosso profundo apego para crer que a vossa dôr se dissipará como nos corações fracos e levianos, *eles não sabem porque.* » [2]

O nosso Mestre respondeu na manhan seguinte: [3]

« Minha cara Senhora,

« Embora o mercuridia seja ordinariamente o meu unico dia de inteira disponibilidade, eu não poderei amanhan aproveitar de modo algum a vossa boa indicação; eu não estou aliás quazi nunca livre nos venerdias.

« Eis-me, pois, reduzido a tentar ainda, sem dia determinado, porem o mais proximamente possivel, a viagem ao vosso *Vest-End*, salvo a não ser mais feliz do que nesses dois ultimos domingos.

« Agradeço-vos o haverdes dignamente comprehendido a inevitavel consequencia de uma dôr cuja alta legitimidade pudestes entrever! Partilhastes a principio um

1 *Revista Ocidental*, 2ª serie, tomo XX, 1900, p. 125. — R. T. M.
2 *Ibidem.*
3 *Ibidem*, tomo XXI, 1900, p. 123.

pouco para comigo dos preconceitos empiricos dos vossos amigos os metafizicos sobre a pretensa sequidão de coração inherente á preponderancia sistematica do verdadeiro espirito pozitivo.

« A minha desgraça terá pelo menos servido para fazer-vos melhor apreciar o verdadeiro carater final da unica filozofia que póde enfim conciliar radicalmente as exigencias, até aqui deploravelmente antagonistas entre os modernos, do espirito e do coração.

« Muito me custava sentir-me, a este respeito, imperfeitamente julgado por uma pessoa a cuja opinião ligo tão justa importancia, em um genero sobretudo em que as mulheres são naturalmente mais competentes do que os homens.

« Quanto mais aprofundardes doravante a tendencia fundamental da nova filozofia, tanto melhor reconhecereis até que ponto ela convem á vida afetiva, em virtude de seu espirito diretamente e francamente social, ao passo que o principio religiozo * é, no fundo, necessariamente pessoal, e não se torna simpatico sinão por artificio.

« Experimento para o meu proprio uzo a afortunada eficacia moral da minha filozofia que me fornece hoje as unicas consolações apropriadas á minha fatal situação, organizando o culto familiar e contínuo das minhas caras lembranças. A minha nobre e terna amiga tinha compreendido que a sistematização do culto da mulher devia constituir um dos principais rezultados sociais da nova filozofia. Era bem justo que a realização inicial dessa grande atribuição se aplicasse secretamente áquela que podia e queria tornar-se a digna companheira, sob uma fórma qualquer, de todo o resto da minha vida.

« Adeus, minha cara Senhora, até o momento de vos tornar a ver enfim.

Vosso todo dedicado

AUGUSTO COMTE.

Martedia de manhan 26 de Maio de 1846.

Foi talvez por esse tempo que um novo luto veio agravar os padecimentos do inconsolavel Regenerador. Com efeito, as aluzões do VOLUME SAGRADO (p. 168) indicão que Charles Bonnin faleceu *algumas semanas* depois de

* *Religiozo* aqui é sinonimo de *teologico*. — R. T. M.

Clotilde. Mas até hoje não nos foi possivel saber a data precisa em que Augusto Comte perdeu o seu velho amigo.

O culto da nossa imaculada Mãi-Espiritual constituia, o unico consolo do nosso acabrunhado Mestre. Ele procurava tornar cada vez mais vivas e mais nitidas todas as lembranças que o incomparavel ano lhe deixára, buscando dar a essa sublime convivencia ideial uma intensidade capaz de arrancá-lo, embora momentaneamente, ás aflições da sua esmagadora viuvez. O dia 2 de Junho vem encontrá-lo dominado por essa preocupação. Sob tão melancolicas emoções Ele recebeu a noticia de que, por intrigas eleitorais, o seu velho Pai acabava de perder, após quarenta e sete anos de serviços irreprehensiveis, o lugar de chefe de sessão da receita geral do departamento do Hérault. * O fatal rompimento que a conduta de Carolina Massin determinára nas suas relações filiais tornou ainda mais dolorozo esse inesperado golpe. No mesmo momento, o terno Pensador escreveu uma tocante carta ao respeitavel Ancião.

A 21 desse mesmo mez de Junho, o nosso Mestre terminou o preambulo filozofico do seu curso de Astronomia Popular; e foi em uma das tres sessões finais que se deu, segundo prezumimos, o seguinte epizodio narrado por Magnin, e ao qual o nosso Mestre aludiu mais tarde em uma carta a Stuart Mill.

« Em 1846, o curso de astronomia foi precedido de oito sessões filozoficas para servir de preambulo a essa expozição sientifica e preparar a da politica pozitiva. Foi em uma dessas sessões que Augusto Comte tendo de apreciar a influencia fatal exercida pelo primeiro Bonaparte sobre os acontecimentos politicos da sua época, declarou que em lugar de elevar tão alto o homem que melhor personificava o egoismo, era preferivel celebrar a incomparavel heroina cujo devotamento salvára outrora a França. « Es-« pero, disse ele, que uma manifestação publica em honra « de Joana d'Arco compensará em breve a vergonhoza apo-« teoze de Bonaparte ». Essa fraze não estava ainda acabada quando irrompêrão aplauzos de todos os pontos da sala. Quem deu o sinal foi um proletario, já muitissimo velho,

* Vide na *Revista Ocidental*, 2ª serie, tomo XIV, ano 1896, p. 115, o digno *memorial justificativo* publicado pelo Pai do nosso Mestre, e a carta do nosso Mestre.

que exercia a profissão de ajudante-machinista em Pari-
M. Gros-Jean, * antigo prizioneiro de guerra nos pontões
inglezes. * *

O escrupulozo dezempenho do cavalheiresco dever que o nosso Mestre aceitára como a consequencia da uma falta verdadeiramente grave de toda a sua vida, tornou-se no mez seguinte (Julho), ensejo para uma nova provação da sua delicadeza moral. Ele tinha, com efeito, de mandar entregar a Carolina Massin a pensão trimestral que afastadamente lhe remetia, desde que ela abandonára, pela ultima vez, o teto conjugal, a 5 de Agosto de 1842. Similhante remessa se efetuava por intermedio de M. Lenoir. E dado o propozito em que estava de divulgar a santa união com a sua angelica Inspiradora, o nosso Mestre não podia eximir-se ao penozo dever de revelá-la á fatal mulher que Ela tentára salvar por um rasgo temerario da sua mocidade. Pediu pois a M. Lenoir que se encarregasse dessa melindroza comunicação. Este aceitou a incumbencia; na ocazião, porem, de satisfazê-la, M. Lenoir não ouzou cumprí-la.

Uma tocante harmonia ia-se dezenvolvendo assim cada vez mais profundamente entre a *vida subjetiva* e a existencia *objetiva* do incomparavel Reformador. Agosto lhe veio evocar melancolicamente as mais venturozas emoções do seu amorozo passado. E, como em 1845, Ele recebeu então, ao terminar o seu curso de astronomia popular, uma manifestação de reconhecimento por parte dos seus ouvintes proletarios. Pouco depois, no Jovedia 27 de Agosto, Ele efetuava a primeira comemoração postuma da santa união com a sua terna e imaculada Inspiradora. Cremos que é a essa data que Ele alude quando, na sua QUARTA SANTA CLOTILDE se refere ao voto de sistematizar sonhos que lhe reprezentassem ao seu lado a sua Bem-Amada. (VOLUME SAGRADO, p. 128.)

Similhante voto, cujo malogro o nosso Mestre depois abençoou, carateriza assás o grau em que se achava ainda a sua evolução religioza. Tal anhelo mostra, de fato, que, guardando uma escrupuloza fidelidade á memoria d'Aquela

* Um dos que forão comprimentar o nosso Mestre em Agosto de 18[illegible] —R. T. M.
* * *Revista Ocidental*, 1ª serie, 1878, tomo I, p. 661.

que Ele proclamára a sua unica verdadeira Espoza, Ele perzistia em considerar os deleites voluptuozos como inherentes á perfeita união conjugal. A sua atitude perante Clotilde morta continuava pois a mesma que fôra enquanto Ela viveu: isto é, o nosso Mestre conformava-se dignamente com a fatalidade de uma união extreme de gozos sensuais, não porque concebesse tal estado como um ideal, mas por ser a isso obrigado por circunstancias insuperaveis. O culto de Clotilde, porem, avivando continuamente as santas *imagens reais* que Ela lhe deixára, o preparava gradualmente para emancipá-lo de todo dessas sugestões da personalidade masculina. Porque, por um lado, o predominio dessas imagens imaculadas tornava-se incompativel com qualquer ideial menos elevado. E, por outro lado, o dezenvolvimento crecente do altruismo exaltava as delicias das puras emoções, ao mesmo tempo que desvanecia os atrativos do individualismo cada vez mais enfraquecido por uma nobre repressão habitual.

Foi nesse mez, a 16 de Agosto, que o nosso Mestre recebeu a resposta de Stuart Mill á sua tocante carta de 6 de Maio. A demora dessa resposta havia feito o terno Pensador escrever novamente ao logicista, no dia 10 de Agosto, para certificar-se de que o silencio deste não era devido á molestia. Nessa curta resposta, Stuart Mill dirigia quanto ao terrivel golpe que sofrêra o nosso Mestre, algumas palavras de condolencias.

O nosso Mestre respondeu a 3 de Setembro:

« Fiquei muito comovido com a sincera simpatia testemunhada, na vossa carta de 13 de Agosto, a propozito da medonha desgraça pessoal que acabo de sofrer, e cuja verdadeira profundeza o vosso proprio coração vos faz dignamente sentir. Como o dizeis, só o tempo póde atenuar dores tais, que estão acima de toda consolação. Mas até aqui, quanto mais considero essa perda irreparavel, tanto mais aprecio a sua intima gravidade. A unica diversão eficaz que comporta agora a minha triste vida privada consiste em absorver-me ainda mais na minha vida publica, de onde devo doravante tirar tudo. Impedido pelos meus deveres profissionais de tomar, no momento dessa catastrofe, as duas ou tres semanas de repouzo total que tal comoção exigia, tive de consagrar antes de tudo a primeira metade das minhas férias atuais ao simples restabelecimento do meu sistema nervozo. Mas, embora ele permaneça ainda bem

abalado, espero utilizar a segunda metade desse pre[illegible]
lazer para retomar convenientemente a minha grande el[illegible]
boração do ano passado.» (CARTAS A STUART MILL, p. 4[illegible]

O nosso Mestre comunicava na mesma carta uma n[illegible]
tentativa junto a Salvandy, relativamente á creaçã[illegible]
cadeira de *Historia geral das siencias pozitivas*. [illegible]
Sr. Laffitte que Salvandy acolheu a proposta muito c[illegible]
venientemente, e prometeu ao Filozofo examiná-la c[illegible]
todo o cuidado. [1] Mas, admitindo que assim tenha si[illegible]
tudo ficou na promessa.

A carta termina apreciando o epizodio ocorrido no [illegible]
curso, a propozito da glorificação de Joana d'Arco, e o[illegible]
progressos do Pozitivismo.

Enfim, no Lunedia 28 de Setembro, a dôr consenti[illegible]
que o nosso Mestre encetasse a redação da santa *De[illegible]-*
toria da sua POLITICA POZITIVA. [2] Nessa comovente ela-
boração esteve ele absorvido até o Domingo 4 de Outubr[illegible]
que veio recordar a angelica entrevista na qual a sua te[illegible]
e imaculada Inspiradora lhe dera o *dom do coração*. [illegible]
A celebração do Martedia 2 de Junho, primeiro aniver-
sario postumo da piedoza vizita em que Ela viera agrade-
decer-lhe a *Carta sobre a comemoração social*, havi[illegible]
preparado a sagrada efuzão. O nosso Mestre caraterizo[illegible]
pois, como a sua SEGUNDA SANTA CLOTILDE, a primeir[illegible]
das suas *Confissões*. Nela se achão patentes os germe[illegible]-
das concepções religiozas que Ele deveu á sua rege[illegible]-
ração moral.

O nosso Mestre havia apenas terminado a santa *Dedi-*
catoria, quando recebeu a nobre vizita do venerando P[illegible]
de Clotilde, a quem Ele anunciou lealmente essa tocant[illegible]
manifestação. (VOLUME SAGRADO, p. 121).

Tal comunicação foi, segundo cremos, a origem de no-
vos atritos com a Familia Marie e dos quais rezultou o se[illegible]
fatal rompimento com o terno Pensador. Eis os motivo[illegible]
que possuimos para assim pensar.

Nas comoventes informações que teve a bondade d[illegible]
prestar-me, Mme Va Maximilien Marie não precizou a

1 *Revista Ocidental*, 2ª serie, tomo V, ano 1892, p. 300.

2 *Revista Ocidental*, 2ª serie, tomo VI, ano 1892, p. 442.

3 A entrevista aludida teve lugar no Domingo 5 de Outubro de 184[illegible]
porem a organização do calendario catolico acarretando em geral a dis[illegible]-
dancia entre as datas mensais e os nomes dos dias da semana, o culto d[illegible]
nosso Mestre o levava em 1846 a comemorar os seus aniversarios na ves-
pera, que reproduzia a denominação hebdomadaria.

data de tão dolorozo acontecimento. Contou-me apenas que, depois da morte de Clotilde, houve uma troca de palavras acerbas entre o nosso Mestre, de uma parte, Mme Marie e M. Maximilien Marie, de outra parte. Que, por esse motivo, algum tempo depois da inhumação de Clotilde, M. Maximilien Marie enviou testemunhas para exigir que o nosso Mestre retirasse certas expressões que ele considerava como ofensivas. Mas que o nosso Mestre respondeu que nada tinha de que retratar-se; que todo o mundo sabia que, em tais momentos, se dizia mais do que se queria. Que Ele encarregou M. Lenoir de entender-se com as testemunhas de M. Maximilien Marie, entre as quais se achava o Sr. Aguiar de Andrade que tinha sido dicipulo de M. Maximilien Marie e foi mais tarde ministro em Portugal. Lavrou-se uma ata, na qual todos, inclusive M. Lenoir, derão razão á Familia Marie. E que tal atitude de M. Lenoir determinára o rompimento do nosso Mestre com ele.

Cumpre-nos, a este propozito, notar desde já uma circunstancia. O nosso respeitavel confrade Dr. Robinet disse-me que, embora não se recordasse bem do que ouvira contar sobre tal, lembrava-se de ter havido, na ruptura com M. Lenoir, alguma coiza concernente á filha do ultimo.

M. Maximilien Marie chegou a supôr, conforme igualmente me informou a sua veneravel Viuva, que as santas relações havidas entre Clotilde e o nosso Mestre ião ser narradas por Este como tendo tido um carater bem outro do que realmente possuírão.

Eis ahi o que consegui saber acerca do dolorozissimo rompimento sobrevindo, após a morte da nossa divina Mãi-Espiritual, entre a sua respeitavel Familia e o nosso santo Mestre. Ora, comecemos por observar que a quebra de relações com Lenoir, foi posterior a Julho de 1846. Com efeito, ainda em tal mez, Lenoir se encarregára de revelar a Carolina Massin o sagrado vinculo que, para sempre, ligava o Regenerador á sua terna e imaculada Inspiradora (VOLUME SAGRADO, p. 41). E, na mesma carta de 10 de Janeiro de 1847, onde alude a este fato, o nosso Mestre diz: «*Uma ruptura, definitiva embora recente*, me impede de conservar, para as minhas remessas de dinheiro, o antigo intermedio de M. Lenoir, mau grado o seu oferecimento de continuá-lo.» (*Ibidem*, p. 39).

Em segundo lugar, a informação complementar d Dr. Robinet não se opõe a que a ruptura com Lenoir estivesse tambem ligada á ruptura sobrevinda com a Familia Marie, conforme a narrativa de Mme Va Maximilien Marie. Sendo assim, essa fatal quebra de relações deu-se depois de Julho; e a vizita do veneravel Pai de Clotilde parece de fato indicar que as relações se mantinhão ainda em Outubro. Isso é tanto mais provavel quanto Mme Va Maximilien Marie disse-me que esse nobre ancião acabou concordando com os seus na conduta em relação ao nosso Mestre.

Esse conjunto de dados leva-nos a supôr que o fatal rompimento definitivo deu-se ao saber a Familia Marie da *Dedicatoria* da POLITICA. Prezumimos que datão de então as dolorozas conjeturas de M. Maximilien Marie, acerca do modo pelo qual o nosso Mestre narraria as santas relações que havião existido entre Ele e a sua imaculada Inspiradora. Forão talvez os alarmas assim surgidos que ocazionárão novos e crueis atritos seguidos do envio de testemunhas, e a pungente serie de incidentes que consumárão o dolorozissimo dilaceramento de tão nobres afeições!...

Os archivos da rua Monsieur-le-Prince permitirão quiçá esclarecer um dia todos esses crueis acontecimentos, completando as informações já adquiridas e as explicações que M. Charles de Rouvre dará, segundo esperamos, na sagrada biografia que projetou.

A 22 de Outubro, o nosso Mestre dirigiu um curto bilhete ao Sr. Laffitte convidando-o para um jantar intimo. O Sr. Laffite conta que o objetivo desse convite era mostrar-lhe a sagrada *Dedicatoria*, e acrecenta: «submiti-lhe algumas observações, e tive a felicidade de obter a supressão de uma nota que podia acarretar discussões pessoais. Possuimos em nossos archivos um manuscrito da *Dedicatoria* que contém essa nota.» (*Revista Ocidental*, 1a serie tomo XVII, 1886, ps. 184 e 185).

A *Dedicatoria* marca a retomada da atividade teorica do nosso Mestre. Desde então Ele consagrou-se á sua missão religioza com ardor tanto maior quanto sentia que o proseguimento da sua obra iria constituir o eterno monumento de gloria da sua divina Inspiradora. O futuro curso

natureza composta de todos os afetos domesticos, de modo a desvanecer a distinção ficticia entre a *simpatia* e a *sociabilidade*. Isto exigia que o nosso Mestre descobrisse enfim o carater puramente egoista do *instinto sexual*, qualificado então de *amor conjugal*, e do *instinto materno*, dezignado então como *amor paterno*. E a principal dificuldade a superar consistia em convencer-se da natureza *puramente egoista* do instinto sexual, distinguindo entre os *impulsos* que são peculiares a tal pendor, e as *reações altruistas* que ele comporta, em consequencia sobretudo das suas ligações com o *apego*. Ora, só o culto da memoria de Clotilde conduziria o nosso Mestre a essa sublime descoberta, sem a qual a definitiva combinação da *ternura* com a *pureza* seria irrealizavel, e, portanto, seria impossivel a teoria definitiva da união conjugal.

Este quadro é só o que permite dar-nos bem conta da situação moral do nosso Mestre na epoca que estamos considerando. Porque, simillhante concepção da nossa alma é que prezidia á coordenação sistematica das sugestões espontaneas do seu coração. E' claro que Ele não podia organizar mais santamente a sua vida do que o permitia a teoria sientifica da natureza humana.

Nesse momento, o nosso Mestre mantinha ainda a sua constituição primitiva da escala teorica, reduzida aos seis termos: Matematica, Astronomia, Fizica, Chimica, Biologia, e Sociologia. Nestas seis *siencias* repouzavão as *artes*, decompostas em *artes* relativas ao *aperfeiçoamento da situação* da Humanidade, e que constituião a INDUSTRIA; e artes relativas ao *aperfeiçoamento da natureza humana*, e comprehendendo a POLITICA e a MORAL.

O quadro é dominado lateralmente pela fórmula *Humanidade*. Simillhante enunciado não dezigna, porem, ahi a concepção *religioza* da Humanidade e sim a *natureza humana*. Sem duvida o nosso Mestre já havia reconhecido, desde a sua FILOZOFIA POZITIVA, que o *conjunto* da nossa especie compõe um verdadeiro Ente. Ele tinha descoberto que o homem izolado é uma pura abstração, tão irracional como imoral. Mas essa concluzão não bastava para constituir o dogma da Humanidade, porque este não consiste simplesmente em simillhante verdade. Ele exige, alem disso, o reconhecimento de que, na constituição da Humanidade, o principal elemento é formado pelo *conjunto* da massa feminina, e que desde então a

Iulher reprezenta a melhor *personificação* do Grão-Ser. Ora, o nosso Mestre ainda não tinha atingido a similhante onclusão. Ainda mais: é precizo reconhecer o predominio do Passado ou a Prioridade sobre o Futuro ou a Posteridade e o Prezente ou a Atualidade.

Instituindo, no dia 2 de Novembro, a comemoração geral dos Mortos, o Catolicismo vinha juntar um estimulo diretamente social ás santas inspirações que, para esse passo, o nosso Mestre hauria no culto da nossa divina Mãi-Espiritual. Assim, no dia imediato ao da redação do primeiro esboço do quadro cerebral, Ele instituiu o segundo dos periodos que devião completar a sua comemoração habitual, associando o seu luto pessoal a todos os que essa imperecivel jornada catolica envolve com tanta felicidade uma tocante comunidade.* (VOLUME SAGRADO, p. 122.)
s, por isso, levado a crer que o nosso Mestre esteve, nedia 2 de Novembro de 1846, no tumulo de Clotilde;
z seja por haver consagrado então á sua memoria epção a que chegára acerca da alma humana que, ITICA, Ele refere a tal data o primeiro esboço do erebral (POLITICA POZITIVA, I, p. 679).

Dezembro, o nosso Mestre fez o SEGUNDO QUADRO CEREBRAL (Vide o *Quadro* ao lado).
ão da *vida afetiva* e da *vida ativa* continúa m, a coordenação da *vida contemplativa* anto ás *faculdades sientificas*. Não só as ornão-se sempre binarias, mas a con- ildade é mais nitida. Enfim, a *Fórmula* na, torna-se mais completa e sistema- a comprehensão mais aproximada da

ções forão proseguidas no meio da aterial do nosso Mestre. A tenta- o sortíra efeito; e um atrazo ecep- Laville obrigára o nosso Mestre la primeira vez, em atrazo na ntadamente dava a Carolina nstancia não tardou, porem,

transferida para o ultimo dia do

a oferecer um novo ensejo para Sofia manifestar a sua tocante dedicação. Contemplando a penuria do Filozofo, Ela veio modestamente oferecer-lhe as suas pequenas economias, insistindo para que o nosso Mestre aceitasse tão cordial emprestimo a que o seu digno Espozo dera o seu assentimento. Esse rasgo comoveu em extremo o nosso Mestre; mas Ele julgou então que não devia aceder aos votos filiais da egregia Proletaria (VOLUME SAGRADO, p. 145).

Para acabar de caraterizar a vida do nosso Mestre, durante o ano de 1846, recordaremos finalmente as seguintes informações dadas pelo Sr. Laffitte:

« A partir de 1844, as minhas vizitas a Augusto Comte forão aumentando, elas tomárão afinal uma grande fixidez; e enfim, tres tardes por semana me forão excluzivamente consagradas, no lunedia, mercuridia, e um outro dia da semana que era frequentemente o sabado. Mais tarde, ocupações profissionais fizerão-me renunciar absolutamente ao sabado; e a creação da *Sociedade Pozitivista*, em 1848, arrebatou-me finalmente o mercuridia; mas até a morte de Augusto Comte, não cessei jamais de passar a tarde do lunedia com ele, habitualmente a sós de todo; não havia outra interrupção sinão a da minha estadia na Gironda, no outono, de mez e meio a dois mezes. Eu chegava ás sete horas e meia mais ou menos, e levantava-me da minha cadeira, quando o relogio de Augusto Comte dava nove horas, mas algumas vezes a conversa se prolongava ainda por muito tempo de pé. Algumas vezes, nas minhas vizitas hebdomadarias, eu encontrava-me com MM. Lenoir e Thales Bernard...

« Alem das minhas vizitas habituais a Augusto Comte, ia dar com ele, de tempos em tempos, durante o verão, passeios solitarios a Sceaux, a Chatenay, e nos bosques de Verrières, algumas vezes tambem com um ou dois outros dos seus dicipulos, dos quais não vem ao cazo falar aqui. Sceaux e os seus arredores erão, desde a Restauração, o lugar habitual dos passeios campestres de Augusto Comte; depois do seu cazamento, Ele tinha mesmo alugado ahi um quarto para o verão. Ele contou me varias vezes como um dia, sob a Restauração, sorprehendido pela chuva, Ele se tinha abrigado debaixo das arvores e vira um lobo que fazia outro tanto; um não fez nada ao outro. Foi Au-

gusto Comte quem me mostrou, no Vale-dos-Lobos, a pequena propriedade de Chateaubriand, onde este terminou *Os Martires*. A conversa não se exgotava; vinhamos jantar á tarde no restaurante vizinho da estação da estrada de ferro e depois entravamos socegadamente em Paris. Algumas vezes paravamos apenas em Fontenay-aux-Roses ». (*Revista Ocidental*, 1ª serie, tomo XVII, 1886, ps. 199 e 205).

Foi no meio das suas preocupações morais e sociais que veio achar o nosso Mestre, a 5 de Janeiro de 1847, um bilhete em que Magnin lhe submetia um projeto de anuncio do seu curso popular, para ser distribuido entre os operarios. E ainda o magnanimo Pensador não lhe pudéra dar resposta, quando, a 8 de Janeiro, foi sorprehendido por uma carta de Carolina Massin ameaçando-o de voltar ao lar, cazo Ele não lhe pudesse continuar a dar a pensão. No dia seguinte, o nosso Mestre escreveu a Magnin, agradecendo e aprovando o anuncio, salvo algumas modificações. E no domingo 10 de Janeiro respondeu a Carolina Massin, patenteando a falsidade do trama que ela urdíra, e declarando-lhe que requeriria a separação legal, si ela fizesse qualquer tentativa de voltar ao lar que havia abandonado desde 5 de Agosto de 1842. Esta carta foi comunicada a Littré. Em um *post-scritum* o nosso Mestre revelava a santa paixão que acabava de regenerá-lo e lhe emparadizava a existencia:

« Fazendo muito empenho em não vos deixar nenhuma iluzão sobre a possibilidade de me tornar a ver jamais, devo apanhar o ensejo muito natural que me ofereceis hoje para fazer-vos convenientemente uma revelação decisiva, que M. Lenoir se tinha já encarregado de explicar-vos em Julho ultimo, embora a sua fraqueza inaudita o haja impedido de preencher esse oficio voluntario.

« Ninguem sabe tanto como vós quanto a minha verdadeira situação domestica teria autorizado, desde muito tempo, uma afeição ecepcional. Mas eu estou aqui dispensado de invocar para nada esses infelizes direitos. O simples cotejo de algumas datas irrecuzaveis pôria a minha conduta acima de qualquer ataque, quando mesmo o nobre vinculo de que vos devo fazer sabedora não tivesse conservado até o fim a perfeita pureza pela qual sentir-me-ei sempre feliz e orgulhozo.

« Dois anos após a nossa separação, vi, pela primeira vez, na caza dos seus pais, em Outubro de 1844, uma jovem dama, tão irreprochavel como encantadora, que excitou a principio a minha simpatia especial por um fadario domestico demaziado analogo ao meu, embora mais funesto ainda e mais injusto. Com um espirito não menos distinto do que o vosso, ela vos ecedia infinitamente pelo coração. A virtuoza paixão que eu tive a ventura de conceber gradualmente por ela constituirá sempre a principal faze da minha vida intima. Durante um ano sem par, a profunda revolução moral que só tal acendente podia produzir em mim reagiu venturozamente sobre o conjunto da minha nova elaboração filozofica, fazendo sobresahir, de uma maneira mais nitida e mais deciziva, o verdadeiro carater sentimental do pozitivismo. Embora mais moça do que vós doze anos, a minha angelica Clotilde concedeu-me em breve a reciprocidade de afeição que eu nunca tinha podido obter de vós. Porem, depois de haver assim entrevisto uma santa felicidade, não tardei em sentir, o mais dolorozamente possivel, quanto sou para sempre votado á desventura privada. Na entrada da primavera ultima, vi sucumbir essa nobre e terna vitima, mau grado os meus cuidados mais sustentados, assistidos pelo ativo devotamento que, durante dezoito noites consecutivas, reteve a minha ecelente Sofia junto daquela cuja alma era assás grande para ouzar tratar como irman essa eminente criada.

« Tal foi, Senhora, a minha só espoza verdadeira, aquela que, na unica noite que passei sob o seu této, no começo da sua agonia, em seguida á sua extrema-unção, caraterizava espontaneamente todo o meu fadario intimo por esse tocante rezumo: *Vós não tereis tido uma companheira por muito tempo!* Ha nove mezes, não deixei escoar-se uma só semana sem ir, sobre a sua tumba sagrada, renovar as solenes promessas que adoçárão os seus ultimos dias: esse culto exterior não é aliás sinão o sinal de um culto interior ainda mais assiduo, que durará tanto como eu, porque ele constitúi a minha principal satisfação privada. Após seis mezes de incomparaveis dôres, não consegui retomar dignamente o meu trabalho filozofico sinão executando a dedicatoria ecepcional prometida á minha eterna colega, para motivar publicamente a profunda gratidão, a um tempo pessoal e social, que a sua poderoza in-

luencia involuntaria sobre o melhoramento fundamental da minha segunda grande obra merece.

« A vista desta inevitavel publicidade ulterior, convinha, a todos os respeitos, Senhora, que fosseis primeiro informada especialmente de uma intimidade que, mau grado a sua curta duração, imortalizará talvez, ao lado do meu, o nome do anjo cuja vida não pude prezervar. Embora o meu coração não tenha jamais sido comprehendido pelo vosso, espero que me conheceis assás para sentir que experimento muita pena de dirigir-vos essa explicação, tornada tão indispensavel ao vosso repouzo como ao meu. A insuficiencia daqueles que eu tinha encarregado disso ha longo tempo obrigava-me, apezar do meu justo receio de vos afligir, a dezempenhar-me enfim, eu mesmo, de tal, apanhando um desses ensejos, necessariamente de mais em mais raros, que me determinão a vos escrever. Esse modo, de resto, era talvez o mais digno de um homem que nunca temeu viver ás claras, e que sobretudo não tem precizão nem de misterio nem de excuza a propozito de uma afeição da qual se honrará sempre. » (VOLUME SAGRADO, ps. 41 e 42.)

O nosso Mestre tendo referido aos dias da semana as recordações do ano sem par, esse Domingo, apezar de ser 10 e não 11 de Janeiro, constituiu naturalmente para Ele o primeiro aniversario postumo da santa jornada em que redigíra a carta filozofica sobre o cazamento. E esta circunstancia dá um tocante realce ás linhas que acabamos de ler. Tres dias depois, o terno Pensador oferecia um novo testemunho da delicadeza do seu coração. em uma carta a sua ama-seca, Madame Françoise Jourdain, que vivia em Montpellier. *

Graças ao contínuo surto do seu altruismo, as contrariedades não conseguião interromper a marcha das meditações regeneradoras do nosso Mestre. A reabertura do seu curso de Astronomia popular vinha oferecer-lhe, como dissemos, um comovente ensejo de patentear os imensos progressos devidos á sua regeneração moral. A apreciação do *Espirito pozitivo* constituia, conforme é sabido, a intro-

* *Revista Ocidental*, 2ª serie, Tomo XIV, 1896, p. 136-137. Na *tournée* de examinador em 1818, o nosso Mestre encontrou-se tambem com a sua ama, e nas despezas de então vêm mencionados 20 francos dados a ela. (*Revista Ocidental*, 2ª serie, tomo XI, 1895, p. 128.

dução desse nobre ensino. Em 1847, similhante apreciação mostrou que o Pozitivismo adquirira desde então a *dignidade final de uma religião real e completa* (POLITICA, I, *Prefacio*, p. 10), embora o nosso Mestre não adotasse ainda similhante epiteto para dezignar o sistema destinado a permitir a reorganização da sociedade moderna.

No Domingo que precedeu a abertura do curso, o nosso Mestre redigiu o programa do *Discurso de inauguração.* * E no Lunedia seguinte, 18 de Janeiro, foi instituido o sinete politico, *Ordem e Progresso* (VOLUME SAGRADO, p. 18.)

O *Moniteur Universel* de Mercuridia 19 de Janeiro publicou logo depois o seguinte anuncio :

« O curso filozofico de astronomia popular, professado gratuitamente por M. Augusto Comte terá lugar, como os dezeseis anos anteriores, todos os domingos, ao meio-dia em ponto, na maior sala da 3ª Mairie (nos Petits-Pères) a partir do domingo proximo 24 de Janeiro até o fim de agosto.

« As doze primeiras sessões serão consagradas a caraterizar a nova filozofia de que esse estudo sientifico constitûi um dos elementos indispensaveis. »

O Sr. Laffitte, que acompanhou integralmente essa expozição, deu na *Revista Ocidental* as seguintes informações :

« O curso foi seguido por um numerozo auditorio, no qual se achavão muitos proletarios. Entre os ouvintes mais assiduos, contava-se um escritor notavel, Daniel Stern, (madame d'Agoult), e um poeta prussiano Herweg. Este deu o sinal dos aplauzos, quando Augusto Comte fez o elogio das tavernas acrecentando: « Isto nada tem de suspeito na boca de um filozofo que não bebe sinão agua.

« Uma sessão foi consagrada á expozição, á apreciação e á refutação do *Comunismo*. A grande sala do primeiro andar estava repleta ; todos os principais proletarios comunistas de Paris tinhão se emprazado para essa sessão **... Eu realizára, nessa ocazião, uma leitura atenta da *Viagem a Icaria*, de Cabet, da qual fizera uma expozição muito

* *Revista Ocidental*, 1ª serie, tomo XVII, 1886, ps. 215-223.

** O Dr. Robinet diz, na Biografia do nosso Mestre, que essa sessão foi assistida por 200 comunistas.— R. T. M.

detalhada a Augusto Comte. » (*Revista Ocidental*, 1ª serie, 1886, tomo XVII, p. 194.)

Fabien Magnin informa alem disso que:

« Foi em uma dessas doze sessões, perto de um ano antes da revolução de Fevereiro, que Augusto Comte expoz o plano de um governo tranzitorio, na previzão do restabelecimento da Republica. (*Ibidem*, tomo I, 1878, p. 661.)

A sessão destinada a apreciar a *influencia feminina do Pozitivismo* cahiu no Domingo 4 de Abril. Essa data corresponde a uma *imagem normal* no culto intimo do nosso Mestre. Na ordem cronologica, é essa a terceira das suas *imagens subjetivas*. E, conquanto a morte de Clotilde se tivesse dado a 5 de Abril do ano precedente, foi esse Domingo que o nosso Mestre considerou então como correspondendo á incomparavel catastrofe. (VOLUME SAGRADO, p. 121; POLITICA, I, *Prefacio*, p. 10.)

Cremos mesmo, pela *Invocação final*, que o dogma da Humanidade surgiu nesse dia. Com efeito, o nosso Mestre diz ahi:

« ... A minha obra fundamental tinha irrevogavelmente desvendado a existencia composta e contínua que domina de mais em mais o conjunto dos negocios terrestres. Ela havia mesmo proclamado gradualmente a preponderancia do coração sobre o espirito, como unica fonte, espontanea ou sistematica, da harmonia humana. A natureza e a destinação do Grão-Ser achando-se assim reveladas, bastava, para instituir a religião universal, que uma santa ternura me tornasse assás familiar o principio fundamental a que acabava de chegar a minha primeira vida. *Eis como o dogma da Humanidade surgiu, no aniversario inicial da nossa catastrofe, no curso decizivo donde deriva todo este tratado.* Quem quer que bem sentiu essa filiação deve agora reconhecer que é precizo fazê-la remontar até a dedicatoria que, alguns mezes antes, formulou a primeira manifestação de todos os germens de tal progresso. » (POLITICA, IV, p. 546-547.)

O Sr. Laffitte descreve assim o epizodio mais solene desta incomparavel sessão:

« ... No momento em que Augusto Comte falou da mulher que ele tinha amado e da perda medonha que ele sofrêra, a sua voz alterou-se profundamente, o seu rosto decompoz-se, e uma viva emoção apoderou-se do auditorio;

o que ele pôde constatar, apezar da sua extrema miopia por aquilo que eu chamei o silencio no silencio. » (*Revista Ocidental*, 1ª serie, tomo XVII, 1886, p. 195.) *

Fabien Magnin conta que, na sahida, um personagem de aspeto e trage muito convenientes estranhou, em voz alta, e com grosseria, a tocante manifestação do cavalheiresco Pensador. Então, um proletario, M. Guilbert, mecanista trabalhador em Paris, e o menos falador do grupo de que Magnin fazia parte, voltando-se para o manifestante, respondeu-lhe com uma fraze de ironica indignação. « E acompanhou o que dissera, acrecenta Fabien Magnin, com um indescritivel movimento de hombros que, juntando-se ao nosso sussurro de reprovação desconcertou um pouco elegante critico. O incidente ficou nisso; mas não foi esquecido. » (*Ibidem*, tomo I, 1878, ps. 661-662.)

Não sabemos si o nosso Mestre fez nessa ocazião alguma redação de similhante prédica. A quarta parte do DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO, publicado em Julho de 1848, versa sobre o mesmo assunto, e contem essencialmente o que o nosso Mestre disse então.** Porem essa redação já corresponde a um estado mais adiantado da evolução religioza do nosso Mestre. Porque, a 4 de Abril de 1847, as suas opiniões morais erão ainda dominadas pela teoria afetiva constante do 2º *esboço do quadro cerebral*. Ao passo que o DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO foi escrito de 1º de Janeiro a 18 de Junho de 1848. Ora, nesse intervalo,—4 de Abril de 1847 a 18 de de Junho de 1848 — houve tres novos esboços do quadro cerebral.

Na sessão final o nosso Mestre proclamou o dogma da Humanidade, no meio de uma profunda emoção do seu auditorio, como Ele mesmo narra:

«O meu memoravel trimestre filozofico acaba sobretudo de caraterizá-la (a eficacia da santa união com Clotilde) fazendo sentir ao publico tanto como a mim mesmo a salutar influencia de uma digna afeição privada para tornar mais completo e mais respeitavel um verdadeiro sistema de sociabilidade. Nada podia tocar melhor ao mesmo tempo o meu coração e o meu espirito do que essa unani-

* No *prefacio* do DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO, p. X, o nosso Mestre agradeceu a manifestação do seu Publico. — R. T. M.

** DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO — *Prefacio*, p. VI — R. T. M.

neu
on-
so-
tu-
iro
ce-
ões
no-
em
oza
nte
ne-
4).
ue
or-
. 2
as
de

47
l;
á
lo

al
e
or

n
r,
l,

e

spontanea que, durante a sessão final, acolheu
ıdamente a minha fórmula decizi va sobre a con-
total do pozitivismo na concepção, mental e so-
umanidade, de quem a mulher constitûi natu-
a imagem familiar: *a esse unico verdadeiro
, de quem somos sientemente os membros nece-
se dirigirão sempre as nossas contemplações
hecê-lo, as nossas afeições para amá-lo e as no-
s para servi-lo.* Nenhum ouvinte pôde, sem
esconhecer a intima assistencia que essa precioza
ção de um imenso sistema devia indiretamente
te amiga que eu já havia recomendado á vene-
afeição do publico. [1] (VOLUME SAGRADO, p. 124).
os ouvintes deste curso figurou um homem que
estinado a reprezentar em breve um papel impor-
vida do nosso Mestre. Referimo-nos a Vieillard. [2]
mesmo a primeira menção que conhecemos das
ações com Augusto Comte, cuja carreira aliás ele
nhava desde 1822. [3]
nda durante o curso de Astronomia popular de 1847
nosso Mestre fez o 3º esboço do quadro cerebral;
de Mercuridia 28 de Abril, posterior, portanto, á
em que foi apreciada a influencia feminina do
ismo. (Vide o *Quadro* ao lado).
3º esboço só difere do 2º nas suas alinias inicial
da *fórmula da existencia humana individual e*
a, e na diviza *Moralidade e Razão*, substituida por
ento e Razão. No 2º o nosso Mestre dizia:
vida humana é destinada a aperfeiçoar a ordem
mental, primeiro quanto á nossa condição exterior,
s quanto á nossa natureza interior, fizica, intelectual,
retudo moral.

....

Em cada grande operação, o coração inspira e esti-
a, o espirito aconselha e prepara, a força decide e
uta; etc. »
ndicaremos em italico as modificações:
A nossa vida é destinada a aperfeiçoar, *tanto quanto*
sivel, a ordem fundamental, *consagrando a intelegen-*
ao serviço continuo da sociabilidade; primeiro, etc.»

1 Na sessão sobre a influencia feminina do Pozitivismo.
2 POLITICA POZITIVA, II, *Prefacio*, p. XXVII.
3 CARTAS A D. NIZIA BRAZILEIRA, p. 13.

estre começou a perceber quanto distanciavão de tão
obres emoções os deleitozos sonhos que Ele havia ambi-
onado embalde. E, esse santo contraste dezenvolvendo-se
e dia em dia, os encantos das satisfações voluptuozas
omeçárão a dissipar-se espontaneamente na sua alma,
omo si Ele tivesse sido até ali vitima apenas de uma
osidente iluzão. * De sorte que os venturozos sonhos pa-
sárão a ter cada vez menos atrativos e a sucitar-lhe menos
sforços, acabando o seu culto por conduzí-lo a os abando-
ar voluntariamente de todo. Tal foi o maravilhozo rezul-
ado da adoração que devia por fim *identificar* o seu
oração com o da sua terna e imaculada Inspiradora.

Esse contínuo progresso moral reagiu sobre as concep-
ões do nosso Mestre. De fato, foi, sem duvida, a partir
esse momento, que começárão a surgir, na sua inteligen-
ia, dúvidas acerca da verdadeira natureza do instinto
exual.

A TERCEIRA SANTA CLOTILDE nos mostra tambem que
o nosso Mestre estava, desde então, preocupado com a re-
so do DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO,
o evidencía esta passagem do final:

. Ao mesmo tempo, sinto-me assim disposto a co-
r *em breve* a importante compozição preliminar que,
ım sumario equivalente, completará e fixará a grande
va oral pela qual acabo de fazer passar a nossa cara
ozofia.» (VOLUME SAGRADO, p. 125).

Relaciona-se porventura com essa preocupação um bi-
te que, no Mercuridia 21 de Julho, o nosso Mestre
igiu a Magnin pedindo uma entrevista que se realizou
dias depois.

ando o nosso Mestre terminou o seu curso, os ou-
proletarios vierão, pela terceira vez, trazer-lhe as
gens do seu reconhecimento e da sua admiração.
z nessa ocazião que eles testemunhárão tambem
sentimentos que lhes inspirava a memoria de
indo ao culto da *Virgem Pozitivista*.
embro, o nosso Mestre redigiu o QUARTO
QUADRO CEREBRAL. (Vide o *Quadro*

ie p. 773 o trecho da TERCEIRA SANTA CLOTILDE em
felicita pela inalteravel pureza que o altruismo de
s relações entre ambos.

Esse quadro aprezenta as seguintes diferenças em relação ao anterior:

Em vez da dezignação *Fim*,—correspondente ao carater —está *Rezultado*. Na *vida contemplativa*, vem *materiais teoricos* correspondendo á *Observação*, em vez de *elementos teoricos*.

Na fórmula pozitiva da existencia humana, em vez da simples distinção *individual ou coletiva*, está: *quer* individual, *quer sobretudo* coletiva. Ao lado dessa fórmula surge o rezumo: *Destinação*, *Funções*, *Modo*.

Assim até esse quarto esboço nenhum progresso manifestou-se na apreciação da *vida afetiva*. Quanto á *vida especulativa*, o seu exame perziste no mesmo grau desde o segundo esboço. Enfim, a concepção da *vida ativa* adquiriu a sua fórma definitiva mesmo no primeiro quadro.

Desde o Mercuridia, 2 de Junho de 1847, porem, uma profunda transformação se estava consumando na alma do nosso Mestre, graças ao ardente culto da memoria de Clotilde. Conforme vimos, Ele abençoou então que a rezerva da sua angelica Inspiradora houvesse determinado a perfeita pureza das suas mutuas relações. E, a partir desse passo, o seu coração tendeu cada vez mais a purificar-se definitivamente de todas as solicitações peculiares á personalidade masculina. Ou em fins de 1847, ou em principios de 1848, em todo o cazo, antes de 19 de Janeiro de 1848, isto é, *antes de encetar o seu segundo meio seculo*, essa deciziva e imprecindivel evolução havia atingido a sua faze capital. (Volume Sagrado, p. 129). O nosso Mestre decidiu-se, com efeito, desde esse momento, a só buscar a sua felicidade na recordação das angelicas imagens que Clotilde lhe deixára.

Esse progresso moral não tardou a reagir sobre as suas concepções, levando-o a descobrir afinal o carater puramente egoista do instinto sexual.

No ano de 1847 a situação material do nosso Mestre começou a assumir proporções mais aflitivas ainda. Não sabemos mesmo como Ele conseguiu suprir então a deficiencia dos seus recursos.

Tantas e tão acerbas contrariedades mal podião retardar a expozição escrita dos incomparaveis rezultados das meditações do nosso Mestre, sem arrefecer em nada um entuziasmo continuamente avivado pelo culto de Clotilde. Em

2 de Janeiro de 1848 começou Ele a redação do *Discurso preliminar da Politica Pozitiva*, publicado em Julho com o titulo especial de DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO. No mesmo mez projetou pela primeira vez substituir o *Curso de Astronomia popular* por um *curso filozofico sobre a historia geral da Humanidade*. E, no numero de Domingo 23 de Janeiro de 1848, o *Moniteur Universel* publicava o seguinte anuncio:

« Sem renunciar ao curso anual de astronomia popular que professa gratuitamente desde 1831, M. Augusto Comte o substituirá, este ano, por um curso filozofico sobre a historia geral da humanidade. Esse novo curso é sobretudo destinado a dar ao povo uma justa idéia da intima ligação do prezente com o conjunto do passado, para conceber sem utopia o futuro social, tanto quanto uma san teoria historica permite de o determinar. As sessões terão lugar, como de costume, com inteira publicidade, todos os domingos, ao meio dia em ponto, na maior sala da mairie do 3º arrondissement (nos Petits-Pères), a partir do domingo proximo, 30 de Janeiro, até o fim de Julho».

Em começo de Fevereiro Augusto Comte foi sorprehendido pela carta entuziastica em que Jundzill vinha trazer-lhe o testemunho da sua adhezão á nova Filozofia. *

Pouco depois dava-se um acontecimento que bem pungentes impressões deve ter cauzado ao nosso Mestre. A's 3 horas da madrugada do Martedia, 8 de Fevereiro, faleceu, com sessenta e sete anos, a veneravel Mãi de Clotilde. O obito ocorreu na rua Petit-Bourbon n. 18, onde então morava Maximilien Marie. Não havia ainda dois anos que a nobre Senhora sofrêra, com a morte de sua divina Filha, um golpe irreparavel. E, dadas a sua idade e as terriveis emoções pelas quais passou nesse momento, é bem de prezumir que similhante catastrofe a tenha precipitado na sepultura, mais cedo do que o prometia a sua constituição. O enterro efetuou-se no Jovedia 10 de Fevereiro, e Ela foi a segunda pessoa a repouzar no mesmo sepulcro em que jazia Clotilde.

Dominado pelas mais santas preocupações, o nosso Mestre proseguia as suas meditações regeneradoras, enquanto as intrigas parlamentares e as agitações demago-

* Vide esta carta na SINTEZE SUBJETIVA, *Prefacio*, p. XLVII.

gicas tramavão, ás cegas, a destruição da ditadura de Luiz Filipe. Desde o Martedia 22 de Fevereiro um frémito insurreccional percorria Paris e prezagiava a tempestade que devia varrer o trono burguez. No dia 23 Guizot já era obrigado a deixar o governo, e a camara dos deputados recebia tal noticia tumultuozamente, entre aplauzos e exclamações como estas: *E' uma covardia!... E' uma vergonha!* *

Assim cahia para sempre o poderozo ministro empossado, desde 29 de Outubro de 1840, do governo da França, sem haver, em tão longo intervalo, achado ensejo para reparar a indigna conduta que em 1832 tivera para com Augusto Comte. Pelo contrario, esse ministro que aplaudíra a imortal estréia do incomparavel Pensador e conhecia o seu valor moral e mental, deixára que Ele fosse sacrificado iniquamente pelos pedantocratas...

Mas os crueis dilaceramentos da Metropole humana não pudérão impedir nesse Mercuridia, 23 de Fevereiro, a sagrada perigrinação do nosso Mestre ao cemiterio Pere-Lachaise. Como de costume, Ele foi haurir, junto ao tumulo da sua angelica Inspiradora, entre as lagrimas doces da saudade e do reconhecimento, o consolo indispensavel ao dezempenho da sua santa missão. E ahi, as lugubres explozões da luta fratricida vinhão terrivelmente ecoar aos seus ouvidos, como as exhortações supremas da Humanidade ao seu intrepido devotamento. (VOLUME SAGRADO, p. 135.)

No Jovedia seguinte, 24 de Fevereiro, a insurreição triunfava; a republica era restabelecida, sendo eleito por aclamação um *Governo provizorio*, para o qual entrárão Arago e Armand Marrast. O primeiro ocupou a pasta da marinha, e o segundo, nomeado a principio *secretario*, passou logo a *membro do governo* e foi feito *maire* de Paris. Para ministro da guerra foi escolhido primeiro o general Bedeau; mas ele foi substituido desde o dia seguinte, 25 de Fevereiro, pelo general Subervie. Para ministro da instrução publica e cultos, foi escolhido Hipolito Carnot, filho do famozo estadista da *Revolução*. Hipolito Carnot tinha sido saint-simonista.

Enfim Marcos Caussidière foi nomeado prefeito de policia. Ele tinha sido caixeiro viajante. O Sr. Laffitte conta que viu proclamações dele só com a diviza *Liberdade e*

* Vide o *Moniteur Universel*.

Fraternidade, e diz que ele organizou uma força de policia composta de energicos republicanos recrutados entre os que erão considerados como mais anarchistas. Informa tambem que recuzou a Luiz Blanc a comunicação de documentos comprometedores para varias familias adversarias decididas da Republica. (*Revista Ocidental*, 2ª serie, tomo VI, 1892, ps. 332-333.)

A proclamação da Republica veio apenas exaltar as esperanças regeneradoras do nosso Mestre. * O fato tinha sido presentido por Ele, e, no seu curso de 1847, Ele havia delineado o governo que a situação exigia. Por isso, tambem, no mesmo dia 24 de Fevereiro, enquanto o proletariado ainda batia-se nas ruas de Paris, o entuziastico Pensador planejava uma associação politica destinada a dirigir os dezesperados esforços do empirismo regenerador. Com esse fito distribuiu, a 25 de Fevereiro, em uma folha avulsa, a circular relativa á *Associação livre para a instrução pozitiva do povo.* [2] Essa associação teve por diviza *Ordem e Progresso.*

E não foi esse o unico passo dado então por nosso Mestre. Nos extazes do seu culto, a imagem compassiva da sua angelica Inspiradora sugeriu-lhe no mesmo dia um rasgo de santa generozidade. [3] Ele fórma o projeto de tentar uma reconciliação com Arago. E, certo da pureza dos moveis a que obedece, menosprezando o conceito que do seu ato podião fazer as almas pequeninas, rezolve apenas ouvir aqueles que considerava seus amigos. Nesse intuito dirige a Littré, no Sabado 26 de Fevereiro, um bilhete. (LITTRÉ, p. 581.)

Littré aconselhou que o nosso Mestre fizesse a declaração do seu nobre propozito na sessão do seu curso que devia

* O seguinte incidente, narrado pelo Sr. Laffitte, mostra que o nosso Mestre ainda continuava a sua assinatura nos *Italianos*: « Augusto Comte, no lunedia á tarde, me havia dado a sua cadeira para o jovedia 24 de Fevereiro; a revolução impediu-me que eu me servisse dela e eu escrevi por cima alguns dias depois: anulado por cauza de revolução. » (*Revista Ocidental*, 1ª serie, tomo XVII, 1886, p. 202.)

Abrirão-se subscrições em favor das vitimas dessas gloriozas jornadas, e na 4ª lista do XI *Arrondissement* em que habitava o nosso Mestre, figura a assinatura A. Comte, com 10 francos. (*Moniteur Universel*, suplemento do dia 3 de Março de 1848.)

2 Vide essa circular na Vida do nosso Mestre pelo Dr. Robinet, 3ª edição, p. 461.

3 DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO—*Prefacio*, ps. XI-XII.

ter lugar no dia seguinte. O cavalheiresco Pensador se procedeu; e, ao chegar em caza, escreveu a Littré uma carta narrando a sua conduta então. Esta carta foi reproduzida em varios jornais, francezes, holandezes, e ingle- (*Prefacio* do DISCURSO SOBE O CONJUNTO DO POZITIVISMO, p. XI.)

Os acontecimentos não tardárão em mostrar que Ar e os seus companheiros de goveno não estavão na al de comprehender a cavalheiresca iniciativa do nosso ab gado Mestre. A 29 de Fevereiro, Carnot, alegando urgencia de rezolver as questões novas que surgião instrução publica, creava uma *alta comissão de estu sientificos e literarios*, composta de dezenove membros Entre eles figuravão varios professores da Escola politecnica, incluzive o repetidor Transon. Mas o Fundador do Pozitivismo ficou fóra: o Governo Provizorio não precizava das luzes do unico Pensador que podia esclarecê-lo na sua incomparavel tarefa!

Por outro lado, desde o mez seguinte, ficava interrompido, por falta de local, o *Curso de historia geral da Humanidade* que o nosso Mestre encetára antes da Revolução. Magnin dá interessantes detalhes acerca das ultimas sessões. (*Revista Ocidental*, 1ª serie, tomo I, 187-, ps. 662-663.)

Mas o nosso Mestre teve em breve a satisfação de experimentar as santas reações do nobre passo que déra. Com efeito, no Mercuridia, 8 de Março, aniversario da ultima carta de Clotilde, uma comovente carta do seu digno Pai vinha sorprehendê-lo com a iniciativa da reconciliação pela qual Ele bem anhelava. Não conhecemos o teor desse preciozo documento; mas ele póde ser julgado atravez da resposta publicada na *Revista Ocidental* (2ª Serie, tomo XIV, 1896, ps. 135-136). Ahi o nosso Mestre dizia ao seu Pai e á sua Irmã:

« *P. S.* Devo, uma vez por todas, rogar-vos a ambos que nunca me soliciteis, de maneira alguma, em favor de Mme Comte. Aquela que viveu dezesete anos junto de mim sem apreciar (não digo o meu espirito, isso pouco me importa) mas o meu coração, não merece que eu consinta jamais em tornar a vê-la. Podeis contar que esse propozito é irrevogavel, após seis anos de separação.

« A minha unica espoza verdadeira, aquela que me ins-

irou uma paixão sempre pura, que não se extinguirá jamais, acha-se no cemiterio Lachaise. E' la que, ha dois anos, não deixo escoar-se um só mercuridia sem ir renovar ao seu tumulo sagrado, as solenes promessas de eterna viuvez que adoçárão os seus ultimos dias. O fim desta carta coincide exatamente com a hora acostumada da minha terna vizita hebdomadaria. * E' a sua santa imagem que eu devo a primeira inspiração da feliz rezolução pela qual tenho hoje tantos motivos novos de felicitar-me. Vou sobre a sua pedra derramar novas lagrimas de satisfação e de reconhecimento. »

Nessa mesma data, o nosso Mestre redigiu o manifesto que transformou na *Sociedade Pozitivista* a *Associação livre para a instrução pozitiva do povo em todo o Ocidente europeu*. Esse manifesto constitúi uma folha avulsa com o seguinte titulo: *O fundador da Sociedade pozitivista a quem quer que dezejar incorporar-se a esta.* ** Ahi o nosso Mestre mostrava que a nova Sociedade era destinada a reprezentar na faze em que entrava a Revolução moderna o papel que a Sociedade dos Jacobinos reprezentára durante a Grande crize. A nova Sociedade reunia-se aos Mercuridias na rua Monsieur-le-Prince.

No dia seguinte aparecia um decreto do Governo Provizorio criando uma escola de administração, destinada ao recrutamento dos diversos ramos da administração desprovidos até então de escolas preparatorias. Essa escola devia ser estabelecida sobre bazes analogas ás da Escola politecnica; e Carnot, como ministro da instrução publica, ficava encarregado de proceder á sua instituição.

Havemos de ver que esse decreto foi um novo ensejo para patentear o valor moral e politico dos homens que se consideravão então senhores dos destinos da França.

Poucos dias depois o nosso Mestre completava, com uma tocante efuzão, a terna resposta que escrevêra ao seu Pai e á sua Irman.

* Segundo as informações do nosso confrade Paulo Thomaz, o nosso Mestre sahia de caza ás 2 horas mais ou menos, para a sua vizita ao tumulo de Clotilde, e voltava ás 5 horas. (*Uma Vizita aos Lugares Santos do Pozitivismo*, p. 27.) — R. T. M.

** Existe uma tradução deste manifesto, feita pelo Diretor do Apostolado Pozitivista do Brazil, o Cidadão Miguel Lemos.

Foi tambem por esse tempo que Ele rezolveu institui[r o] tipo normal da domesticidade, convidando para vir [morar] na rua Monsieur-le-Prince o digno marido e o filho da [sua] devotada Sofia. E' o que se deprehende de uma passag[em] da carta que Ele escreveu a Tales Bernard a 28 de Ari[s]toteles de 62 (lunedia, 25 de Março de 1850).

«... Tendes podido apreciar a eminente proletaria que, amando como irman a minha casta companheira eterna, me votou em seguida um zelo incomparavel. *Ha dois anos que abrigo em minha caza o seu estimavel marido e o seu digno filho, embora eles não estejão de modo algum ao meu serviço.* A sua tocante união me fornece um espetaculo cada vez mais salutar, que me inicia mais no futuro normal, compensando aliás as minhas proprias fatalidades privadas». *

Este nobre epizodio favoreceu a Carolina Massin ensejo para uma nova malignidade que o seu campeão Littré não hezitou mais tarde em homologar. Diz este no seu perverso livro (p. 498), falando das relações pecuniarias entre o nosso Mestre e Carolina Massin, depois da separação: «Só uma vez houve conflito. Mme Comte tendo sabido que M. Comte *tinha um criado de mais*, ** pediu um aumento de quatrocentos francos. M. Comte recuzou. Antes disso Mme Comte o tinha deixado a seu comodo quanto á taxa da pensão».

Enquanto o nosso Mestre se entregava assim á realização dos santos projetos inspirados por um sublime altruismo, os dominadores do dia porfiavão em consumar a ruina da sua pozição material. Por decreto de 19 de Março, Arago havia sido encarregado tambem interinamente da pasta da guerra. Ele acumulou essa pasta com a da marinha até 7 de Maio, e nesse intervalo a sorte de Augusto Comte ficou diretamente dependente do seu arbitrio. Antes, porem, que se oferecesse a ocazião de patentear o uzo que Arago faria dessa pasta, um novo incidente vinha revelar as dispozições dos dominadores do momento. Com efeito, a 7 de Abril, Carnot aprezentava um decreto criando doze cadeiras novas no Colegio de França, como a solução do decreto que, um mez antes, instituira a Escola de administração. Tal decreto foi justificado por um relatorio de

* *Revista Ocidental*, 2ª serie, tomo XVI, 1897, ps. 244-245.—R. T. M.
** O grifo é nosso.—R. T. M.

Retrato de MARTIN THOMAS, Espozo de SOFIA BLIAUX.
a Filha adotiva do nosso Mestre.
(Segundo uma fotografia pertencente ao
nosso confrade Paulo Thomas.)

O ANO SEM PAR, *Introd. p. 100.*

Jean Reynaud, prezidente da *alta comissão de estudos sientificos e literarios*, de que acima falâmos. A escolha dos titulares de tais cadeiras realizou-se em ato contínuo, e recahiu em geral em membros do Governo Provizorio, ou do Instituto, ou da citada *alta comissão*.

Cremos que foi esse ato, ou quiçá o proprio decreto de 8 de Março, que determinou o nosso Mestre a renovar, junto ao Governo Provizorio, o projeto da criação da cadeira de *Historia das siencias pozitivas* que Ele já havia aprezentado a Guizot e depois a Salvandy. Parece-nos, com efeito, que este passo do nosso Mestre é diverso do que mais tarde deu Littré com o mesmo objetivo, como adiante se verá. Tal é o sentido que a nosso ver convem dar á passagem do *Apelo ao publico Ocidental*, na qual o nosso Mestre diz que *desde o advento da Republica renovou* a dita proposta. Mas desta vez nem resposta lhe derão!

Essa criação de cadeiras que nenhuma utilidade publica oferecião precedeu de poucos dias a reunião do Conselho do aperfeiçoamento da Escola politecnica, para a escolha de um examinador de admissão. Um pugilo de precoces ambições tinha vindo trazer sofregamente o seu apoio aos velhos rancores pedantocraticos. Bertrand, Transon, Wantzel, Hermitte, e Serret disputavão entre si o iniquo despojo. O primeiro aliava especialmente a ambição propria á inveja com que o seu tio Duhamel seguia, desde a Escola politecnica, o surto do Reformador, de quem fôra colega de ano. Em 1839, o nosso Mestre o examinára para ser admitido no famozo estabelecimento, e, nessa ocazião, fizera sobre ele um vaticinio que devia ter a mais cruel realização.

A sessão do Conselho de aperfeiçoamento que devia fazer a proposta, teve lugar a 11 de Abril. Poinsot foi nomeado prezidente da comissão especial encarregada de propôr ao Conselho os dois candidatos que devião ser aprezentados á escolha do ministro da guerra, Arago. Essa comissão colocou o nome de Augusto Comte em primeiro lugar. O conselho, porem, aprezentou em primeiro lugar Bertrand; em segundo lugar o incomparavel Pensador!

Não nos consta que o nosso Mestre desse passo algum depois dessa monstruoza iniquidade. Talvez Ele não pudesse recorrer para o ministro da guerra, que era Arago. Talvez

desde então já se contasse tambem com as duas vagas que ião ser deixadas por Bourdon e Dinet, e por isso o nosso Filozofo julgasse que nem siquer devia apelar ainda para o publico. Enquanto aguardava, porem, o desfexo dessa angustioza situação, o nosso Mestre continuava entregue ás suas preocupações sociais. Alem da *Sociedade Pozitivista* tinha Ele em sua caza uma reunião semanal dos aderentes mais intimos da nova Filozofia. Essas reuniões havião começado em fins de 1847. *

Na sessão de 26 de Abril o nosso Mestre fez a leitura da passagem do DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO relativo ao advento dos proletarios ao governo, ao passo que o poder local, reduzido ás atribuições financeiras, se consolidaria nos ricos.

Pouco tempo depois, a 29 de Abril, Arago mostrava-se impenitente nomeando Bertrand para o lugar de que tinha sido espoliado o nosso Mestre! O chefe da pedantocracia cosmologica, deixava assim escapar o afortunado ensejo que o Destino lhe proporcionava de reparar a sua conduta desde 1840, e especialmente o enorme atentado que os seus aceclas havião praticado em 1844, e cuja principal responsabilidade lhe cabia.

Similhante decizão veio encontrar o abnegado Pensador absorto na redação do seu DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO, que o ocupava como dissemos, desde 1.° de Janeiro e a cuja concluzão a revolução viera dar a maxima urgencia. Esse golpe não conseguiu interromper tão santo trabalho.

Alguns dias apenas se havião passado, quando abriu-se a Assembléia Nacional, e o Governo Provizorio rezignou nela os seus poderes, a 7 de Maio. A 9 do mesmo mez, a Assembléia decidiu confiar o poder executivo a uma comissão de cinco membros; e na sessão imediata forão eleitos membros da *comissão executiva do Governo da Republica* os seguintes membros do *Governo Provizorio:* Arago, Garnier Pagès, Marie, Lamartine, e Ledru-Rolin. Esta comissão escolheu um ministerio no qual a pasta da guerra foi dada ao general Charras enquanto não chegou o general Cavaignac, e a pasta da instrução continuou com Carnot. Marrast continuou *maire* de Pariz, e Caussidière prefeito de policia. Louis Blanc e o operario Albert, que represen-

* *Revista Ocidental*, 1ª serie, tomo XIII, 1884, p. 6.

ivão as aspirações proletarias no Governo Provizorio, eárão afastados.

Essa combinação durava havia só cinco dias, quando ebentou uma insurreição. A libertação da Polonia servia le tema ao movimento, de envolta com as reclamações socialistas. Esse levante foi sufocado no mesmo dia, e Armand Barbés, que se deixára arrastar por ele, foi prezo com outros e mandado para Vincennes. A *guarda republicana* foi dissolvida com os *montanhezes* de Caussidière. A primeira obedeceu; mas os segundos tentárão rezistir, e unicamente cedêrão á intervenção deste, que consentiu enfim em pedir a sua demissão de prefeito de policia de Paris. Foi no notavel discurso que proferiu na Assembléia a 16 de Maio, defendendo-se de injustas arguições, que Caussidière proferiu a celebre fórmula: *fiz a ordem com a dezordem.* Alem dessas medidas, a *Comissão executiva* julgou que devia propôr á Assembléia a proscrição de Luiz Napoleão Bonaparte.

Tal era a situação quando, no Mercuridia 24 de Maio, Fabien Magnin fez, perante a Sociedade Pozitivista, a leitura do *Relatorio sobre a questão do trabalho.* Ele era o relator da comissão, nomeada para tal desde fins de Março; os outros dois membros erão: Jacquemin, operario mecanista, e Belpaume, sapateiro. Este ultimo tornou-se mais tarde um dos mais ignobeis agentes de Carolina Massin.

O nosso Mestre apreciou desde então este trabalho em uma carta dirigida a Fabien Magnin, pela qual se vê que lhe enviou a Caussidière o DISCURSO SOBRE O ESPIRITO POZITIVO, e prometia enviar-lhe o DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO.

[illegible]e, 30 de Maio, o nosso Mestre formulou o [illegible] do seu QUADRO CEREBRAL (Vide o [illegible]

[illegible]signa o passo capital devido ás reações [illegible]rais que o culto de Clotilde havia deter-[illegible]m efeito, uma vez que, em nosso Mestre, [illegible]rificou-se assás das sugestões voluptuo-[illegible]ncia pôde constatar o verdadeiro carater [illegible] ao qual Ele atribuia a conservação da [illegible]estre não tardou assim a distinguir entre

a natureza excluzivamente egoista desse pendor e as reações que ele póde exercer sobre as propensões altruistas. Desde então a concepção do *egoismo* ficou quazi completa. Mas o nosso Mestre continuou a admitir uma distincão organica entre a *simpatia*, formada pelo conjunto dos *sentimentos domesticos*, e a *sociabilidade*, constituida pelo conjunto dos *sentimentos sociais*.

Alem desse progresso capital, o 5º esboço só difere do 4º porque a fórmula *Sentimento e Razão* é substituida por *Amor*, *Razão*, *Atividade*.

Uma parte do DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO já foi redigida sob a influencia dessa concepção, e é a ela que se deve ter prezente para bem apreciar a sublime expozição inaugural da nova Fé.

Tres dias depois, na sessão de 2 de Junho, a Assembléia revogava o banimento da familia Bonaparte, entre manifestações de entuziasmo pelo nefasto ditador que inaugurou essa nova tribu dinastica. Para dar-se bem conta desse fato e dos acontecimentos que se vão realizar, convem recordar alguns antecedentes.

« A quéda do primeiro Bonaparte fôra acolhida com memoravel satisfação pelo conjunto da França. Esta, alem da sua mizeria e opressão interiores, estava enfim cançada de se ver condenada a temer sempre, segundo uma irrezistivel alternativa, ou a vergonha das suas armas, ou a derrota dos seus mais caros principios. Porem a circunstancia de se ter realizado esse indispensavel destronamento mediante a invazão do sólo francez e a vitoria dos estrangeiros tornou possivel o estabelecimento de uma especioza solidariedade entre a gloria da França e a memoria do individuo que, mais prejudicial ao conjunto da humanidade do que nenhum outro personagem historico, foi sempre especialmente o mais perigozo inimigo de uma revolução de que uma extranhavel aberração tem conduzido a proclamá-lo principal reprezentante. » (FILOZOFIA POZITIVA, 1ª edição, tomo VI, p. 395.)

Tão monstruoza assimilação realizou-se explorando principalmente a atitude de Napoleão durante os *cem dias* que se seguirão á volta da ilha d'Elba. « Esse curto epizodio conduziu todos os ambiciozos sem convicções a ligar as suas pretenções politicas, concedendo-se mutuamente duas rehabilitações deploraveis, respetivamente contrarias ás

.as opiniões confessas. A anarchia mental deixando o
ıblico sem defeza contra as seduções concertadas e pro-
ngadas, é facil de explicar o sucesso dessa imensa cons-
.ração da imprensa franceza, mau grado dignos protestos.
.mbora a posteridade não possa distinguir ahi sinão um
ancionista (Beranger), a sua funesta influencia merece
ue se concentre nele o estigma pessoal de tal conluio. »
POLITICA, III, p. 608.)

Foi graças a essa ignobil propaganda que se formou e
›opularizou, durante a *Restauração*, a *legenda napo-
eonica*. Essa mistificação adquiriu um dezenvolvimento
recente durante o governo de Luiz Filipe, que afagou o
·himerico projeto de aproveitar-se dela, perseguindo en-
tretanto o partido cuja alma era ela. Desde 1830 agita-se
a questão de fazer voltarem para França os restos de
Bonaparte que estavão em Santa Helena. Vitor Hugo e
Edgard Quinet juntão-se a Beranger no endeozamento do
nefasto ditador. Em 1832, a morte do seu filho dá lugar a
manifestações de admiração por parte dos jornais da *es-
querda*. Em 1833 é restaurada a sua estatua sobre a
coluna Vendôme. *

Similhante situação não tardou em ser aproveitada por
Luiz Napoleão Bonaparte que se tornára o herdeiro do
trono imperial. Em 1836 a inauguração do Arco do Triunfo
oferecêra um novo ensejo para constatar o acendente da
lenda napoleonica. O pretendente julgou pouco depois o
momento azado para reproduzir, entrando na França por
Strasburgo, a *volta da ilha d'Elba*. A temeraria tentativa
foi malograda; Luiz Napoleão foi prezo, e mandado para
os Estados-Unidos. Os seus cumplices forão processados;
porem o juri os absolveu, e o fato ficou servindo apenas
para assinalar ás massas o novo pretendente.

Em 1840, Thiers tendo subido ao ministerio tomou a
iniciativa de trasladar para Paris os restos do primeiro
Bonaparte. Antes, porem, que se efetuasse a nefasta en-
trada triunfal, o segundo Bonaparte fez uma outra tenta-
tiva audacioza para assenhorear-se do poder, dezembar-
cando a 7 de Agosto em Boulogne. Foi novamente prezo,
e, sendo desta vez condenado a prizão perpetua pela Camara
dos pares, foi encerrado na cidadela de Ham. Dahi só
conseguiu evadir-se em fins de Maio de 1846, passando

* Vide sobre esses acontecimentos a obra de H. Thirria: — *Napo-
leão III antes do Imperio*, 1896.

para a Inglaterra, onde estava quando rebentou a revolução de 1848. Desde então a legenda napoleonica e os erros dos republicanos democratas favorecêrão cada vez mais a realização dos projetos dele.

Durante a ebulição das intrigas demagogicas e parlamentares, o nosso Mestre proseguia nos seus esforços regeneradores. Nas sessões de 7 e 14 de Junho, Ele explicou diretamente á Sociedade Pozitivista o conjunto do novo governo revolucionario, incluzive os modos de eleição adaptados á *generalidade* do poder central e á *especialidade* do poder local. Confiou depois o exame do projeto total a uma comissão composta de Littré, relator, Magnin e Laffitte. Ao mesmo tempo Ele escrevia afanozamente as ultimas paginas do DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO, cuja redação ficou terminada a 18 de Junho de 1848. Quatro dias depois uma nova insurreição vinha mostrar quanto era urgente a intervenção dessa redentora expozição da nova doutrina. Com efeito, a 22 de Junho rebentou uma luta tremenda entre a burguezia democratica e o proletariado socialista, luta que devia aniquilar a ambos e preparar a retrogradação organizada pelo segundo Bonaparte. Sob a pressão desse acontecimento aterrador, a Assembléia rezolve concentrar a ditadura nas mãos do general Cavaignac, ministro da guerra. A *Comissão executiva*, assim dezautorada, envia a sua demissão. E desta sorte baqueava Arago do seu ambicioso pedestal, menos de quatro mezes depois de Guizot, e havendo perdido o ensejo de reparar a iniqua perseguição que, desde 1840, movêra contra Augusto Comte!

« Nessa circunstancia ancioza e solene, em meio dos civicos alarmas e da doloroza perplexidade sucitados por tão terrivel dilaceramento, o anjo modesto que exercia, como filha, no lar de Augusto Comte, a salutar proteção da mulher, deixou escapar essa sentença memoravel: — *Os filozofos devem arrostar as espadas sem as ter.* » [1]

No Domingo, 25 de Junho, ainda se pelejava nas ruas de Paris, quando nosso Mestre escreveu a sua *Quarta Santa Clotilde*, á qual anexou um *Post-scriptum* no dia 27. Nesse momento, o proletariado estava vencido e a dominação da burguezia assegurada por mais algum tempo. Porem a população pariziense se havia devorciado dos

[1] Fr. Robinet, *Vida de Augusto Comte*, 3ª edição, p. 291.

republicanos democratas, e o segundo Bonaparte prevalecia-se da situação criada pela metafizica republicana, para preparar o triumfo nefasto do imperialismo.

No Mercuridia, 28 de Junho, o general Cavaignac rezignou os seus poderes, e a Assembléia Nacional decretou que ele havia bem merecido da Patria, e que os vencidos serião deportados para as colonias francezas. Em seguida decidiu-se confiar o poder executivo ao mesmo general, que tomaria o titulo de prezidente do conselho de ministros e nomearia o seu ministerio. Os ministros da *comissão executiva* havião se demitido desde que esta rezignára os seus poderes; tinhão entretanto se conservado nas suas pozições, a pedido de Cavaignac. Em virtude da decizão do dia 28 de Junho, este nomeou o seu ministerio, para o qual entrou, como Ministro da Guerra, o general Lamoricière.

No instante em que os senhores momentaneos da situação politica, inebriados pela cruenta vitoria, urdião essas combinações, crendo com elas enredar o Porvir, o nosso Mestre relia junto ao tumulo da Inspiradora da Religião Pozitiva a sua terceira *Confissão*. Ahi Ele celebrava a sua *identificação final* com Clotilde, proclamando este sublime principio: *E' ainda mais doce amar do que ser amado!* Limitar-nos-emos a transcrever a seguinte passagem:

«Esse culto querido já nos identificou assás para me fazer espontaneamente afastar o voto, demaziado pouco digno de nós, que a primeira celebração postuma da nossa eterna união me inspirou. Não tenho mais agora precizão de anhelar sonhos impuros, e felicito-me de não haver podido, mau grado a minha van expectativa sientifica, realizar a sua sistematização. Não é em uma letargia noturna que te sinto perto de mim. Doravante a tua encantadora imagem me acompanha por toda parte, sob as suas diversas fórmas diarias, mas sempre com a angelica pureza que não cessa jamais de caraterizar a nossa união. Antes de começar o segundo semi-seculo que se me acaba de abrir, eu tinha, pois, graças a ti, renunciado ás emoções carnais, sem ser menos sensivel ás doces impressões. Atingi, embora tarde, esse supremo aperfeiçoamento moral, a que tantos homens, mesmo eminentes, jámais chegárão, o surto contínuo do amor universal, afastando o grosseiro impulso

para a Inglaterra, onde estava quando rebentou a revolução de 1848. Desde então a legenda napoleonica e os erros dos republicanos democratas favorecérão cada vez mais a realização dos projetos dele.

Durante a ebulição das intrigas demagogicas e parlamentares, o nosso Mestre proseguia nos seus esforços regeneradores. Nas sessões de 7 e 14 de Junho, Ele explicou diretamente á Sociedade Pozitivista o conjunto do novo governo revolucionario, incluzive os modos de eleição adaptados á *generalidade* do poder central e á *especialidade* do poder local. Confiou depois o exame do projeto total a uma comissão composta de Littré, relator, Magnin, e Laffitte. Ao mesmo tempo Ele escrevia afanozamente as ultimas paginas do DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO, cuja redação ficou terminada a 18 de Junho de 1848. Quatro dias depois uma nova insurreição vinha mostrar quanto era urgente a intervenção dessa redentora expozição da nova doutrina. Com efeito, a 22 de Junho rebentou uma luta tremenda entre a burguezia democratica e o proletariado socialista, luta que devia aniquilar a ambos e preparar a retrogradação organizada pelo segundo Bonaparte. Sob a pressão desse acontecimento aterrador, a Assembléia rezolve concentrar a ditadura nas mãos do general Cavaignac, ministro da guerra. A *Comissão executiva*, assim dezautorada, envia a sua demissão. E desta sorte baqueava Arago do seu ambicioso pedestal, menos de quatro mezes depois de Guizot, e havendo perdido o ensejo de reparar a iniqua perseguição que, desde 1840, movêra contra Augusto Comte!

« Nessa circunstancia ancioza e solene, em meio dos civicos alarmas e da doloroza perplexidade sucitados por tão terrivel dilaceramento, o anjo modesto que exercia, como filha, no lar de Augusto Comte, a salutar proteção da mulher, deixou escapar essa sentença memoravel: — *Os filozofos devem arrostar as espadas sem as ter.* » *

No Domingo, 25 de Junho, ainda se pelejava nas ruas de Paris, quando nosso Mestre escreveu a sua *Quarta Santa Clotilde*, á qual anexou um *Post-scriptum* no dia 27. Nesse momento, o proletariado estava vencido e a dominação da burguezia assegurada por mais algum tempo. Porem a população parizienso se havia devorciado do-

* Dr. Robinet, *Vida de Augusto Comte*, 3ª edição, p. 291.

republicanos democratas, e o segundo Bonaparte prevalecia-se da situação criada pela metafizica republicana, para preparar o triumfo nefasto do imperialismo.

No Mercuridia, 28 de Junho, o general Cavaignac rezignou os seus poderes, e a Assembléia Nacional decretou que ele havia bem merecido da Patria, e que os vencidos serião deportados para as colonias francezas. Em seguida decidiu-se confiar o poder executivo ao mesmo general, que tomaria o titulo de prezidente do conselho de ministros e nomearia o seu ministerio. Os ministros da *comissão executiva* havião se demitido desde que esta rezignára os seus poderes; tinhão entretanto se conservado nas suas pozições, a pedido de Cavaignac. Em virtude da decizão do dia 28 de Junho, este nomeou o seu ministerio, para o qual entrou, como Ministro da Guerra, o general Lamoricière.

No instante em que os senhores momentaneos da situação politica, inebriados pela cruenta vitoria, urdião essas combinações, crendo com elas enredar o Porvir, o nosso Mestre relia junto ao tumulo da Inspiradora da Religião Pozitiva a sua terceira *Confissão*. Ahi Ele celebrava a sua *identificação final* com Clotilde, proclamando este sublime principio: *E' ainda mais doce amar do que ser amado!* Limitar-nos-emos a transcrever a seguinte passagem:

«Esse culto querido já nos identificou assás para me fazer espontaneamente afastar o voto, demaziado pouco digno de nós, que a primeira celebração postuma da nossa eterna união me inspirou. Não tenho mais agora precizão de anhelar sonhos impuros, e felicito-me de não haver podido, mau grado a minha van expectativa sientifica, realizar a sua sistematização. Não é em uma letargia noturna que te sinto perto de mim. Doravante a tua encantadora imagem me acompanha por toda parte, sob as suas diversas fórmas diarias, mas sempre com a angelica pureza que não cessa jamais de caraterizar a nossa união. Antes de começar o segundo semi-seculo que se me acaba de abrir, eu tinha, pois, graças a ti, renunciado ás emoções carnais, sem ser menos sensivel ás doces impressões. Atingi, embora tarde, esse supremo aperfeiçoamento moral, a que tantos homens, mesmo eminentes, jámais chegárão, o surto contínuo do amor universal, afastando o grosseiro impulso

que a nossa imperfeita natureza, sobretudo masculina torna indispensavel ao seu elance inicial. A experiencia já tem agora durado assás para que esse triunfo seja irrevogavel, pelo menos sob a tua proteção permanente. Desde que se acha enfim realizado, ele começa a não exigir nenhum esforço habitual, e eu apenas sinto a sua constante doçura. O mais nobre sucesso da arte humana consiste em transformar assim instintos brutais em estimulantes necessarios das mais eminentes afeições, que, de ordinario, não têm bastante energia natural. Esse sublime imperio sobre si-mesmo constitûi a ultima aquizição de cada um: mas é tambem a mais precioza, e a mais bem desenvolvivel. Sem ti, eu não podia jámais apreciá-lo assás ». (VOLUME SAGRADO, 4ª *Santa Clotilde*, ps. 128-129.)

E' prezumivel que a nomeação do general Lamoricière para a pasta da guerra tenha inspirado ao nosso Mestre esperanças de ser afinal reparada a iniquidade de que Ele era vitima desde 1844. Com efeito, o general tinha sido seu aluno particular: era mesmo o unico aluno que o nosso Mestre tinha quando se realizou o seu fatal cazamento com Carolina Massin, em Fevereiro de 1825. *

Sob essa auspicioza perspetiva teve lugar, a 3 de Julho, a reunião do conselho de aperfeiçoamento. Tratava-se de preencher as vagas deixadas por Bourdon e Dinet. Ouzárão concorrer com o incomparavel Pensador cinco ambiciozos dos quais tres já se tinhão aprezentado em Abril. Erão eles: Hermitte, Serret, Transon, Bonnet, e Catalan. A comissão especial encarregada de propôr ao conselho os dois candidatos que devião ser aprezentados, para cada cargo, á escolha do ministro, foi ainda desta vez prezidida por Poinsot. E, como anteriormente, ela indicou, em primeiro lugar, para ambas as vagas, Augusto Comte. O Conselho, porem, não corou de excluir de ambas o nosso Mestre, e aprezentar: em primeira linha, Hermitte e Serret; em segunda linha, Transon e Bonnet!

Dois dias depois, a 5 de Julho, Carnot foi substituido por Vaulabelle, na pasta da instrução publica, e Littré rezolveu fazer uma tentativa para ver se conseguia a creação da cadeira de *Historia geral das siencias pozitivas*. Com esse intuito escreveu no *Nacional* de 7 de Julho um

* Vide o livro de Littré p. 33.

artigo tendo por titulo: *Da historia filozofica das siencias e da necessidade que haveria de introduzir esse ensino no Colegio de França.* Ahi, ele mostrava a importancia de tal cadeira, e os direitos incontestaveis de Augusto Comte a esta, cazo fosse criada.

Em seguida a esse artigo, diz o lexicografo que foi procurar Vaulabelle e solicitou-lhe com instancia que fundasse a cadeira e nomeasse para ela Augusto Comte. Nada porem foi obtido. O ministro aludindo ás cadeiras criadas por Carnot para Lamartine, Ledru-Rollin, Marrast, e outros, cadeiras que não fôrão jámais ocupadas, respondeù a Littré que era impossivel cuidar em aumentar o numero já embaraçozo das cadeiras criadas. *

« Por outro lado, o partido, que bem quizera reduzir a revolução de 1848 a simples substituição de pessoas ou de camarilhas, afastára, (como dissemos), sob vãos pretextos, o ensino gratuito, pelo qual, durante dezesete anos, o nosso Mestre iniciára os proletarios parizienses na nova filozofia. » * *

Todas essas circunstancias rezolvêrão Augusto Comte a anexar ao seu DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO, que se estava imprimindo, um *Apelo ao publico ocidental.* Ahi o denodado Pensador explicava com tocante nobreza a sua situação, e, anunciando que ia retomar o ensino particular, invocava o apoio das almas dignas, para que não fosse malogrado esse esforço extremo. Tal apelo foi redigido no domingo 9 de Julho; cremos, entretanto, que só foi publicado com o DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO.

Mas, apezar de tudo, o nobre Pensador considerou ainda do seu dever tentar junto do general Lamoricière um passo para evitar a consumação da iniquidade praticada pelo Conselho politecnico. Escreveu, por isso, a 10 de Julho, dia seguinte ao da redação do *Apelo ao publico ocidental*, um bilhete ao seu ex-dicipulo, pedindo-lhe uma audiencia imediata.

Foi sob essas dolorozas reações da vida publica que o nosso Mestre inaugurou o segundo grau do culto pozitivista. Antes de ser publicada, a teoria feminina que só a

* Vide o livro de Littré, p. 219.

* * Vide o *Post-scriptum* do DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO, *Apelo ao publico ocidental*, p. 397.

ecelencia de Clotilde patenteára ao coração e ao genio do supremo Regenerador, recebia a sua primeira sanção pratica. No jovedia 13 de Julho realizou-se a celebração do primeiro cazamento pozitivista, no meio das mais tocantes emoções.

No mesmo dia, naceu, na rua Monsieur-le-Prince, o segundo filho de Sofia. A familia Martin Thomas seguia ainda então o culto catolico, porque o menino foi batizado tres dias depois. Os seus patronos fôrão o nosso Mestre e o fundador do monoteismo ocidental, S. Paulo.

Pouco depois do seu primeiro ato pontifical, o nosso Mestre realizou a cordeal tentativa de reatar os seus laços de infancia com aquela que, na sua adolecencia, lhe dispertára as sublimes emoções iniciais do culto feminino.

Assim passou-se a semana consecutiva ao bilhete que o perseguido Filozofo dirigíra ao general Lamoricière, sem que este houvesse dado resposta alguma. O nosso Mestre decidiu-se, por isso, a escrever-lhe no Domingo 16 de Julho uma carta acuzando de prevaricação o Conselho politecnico e pedindo a abertura do inquerito que Ele reclamava embalde desde o inicio da sua expoliação em 1844. A carta concluia insistindo pela entrevista solicitada.

Esta foi concedida; e o general de Lamoricière reconheceu completamente a necessidade de uma reparação geralmente esperada. «Ele admitiu (continúa o nosso Mestre na sua primeira circular anual), plenamente a realidade e a oportunidade do principio que eu invocava: todo oficio publico dignamente preenchido constitûi, enquanto a função subziste, uma propriedade tão sagrada como uma terra ou uma caza. Mas desde que, em virtude disso, acuzei diretamente de roubo a corporação que me havia despojado, ele iludiu essa irrecuzavel consequencia, esquecendo que se tornava assim cumplice do atentado reconhecido por ele mesmo e cuja reparação estava então no seu poder.» *

E de fato, nesse mesmo mez de Julho, o general de Lamoricière nomeava Hermitte e Serret para o lugar de que havia sido esbulhado o nosso Mestre!

A respeito das nomeações que se derão em 1848 para o lugar de examinador de admissão, o Dr. G. Audiffrent conta o seguinte:

« Uma nova vaga para o lugar de examinador acabava

* *Circulares anuais*, edição Jorge Lagarrigue, p. 2.—R. T. M.

de se dar. A situação de M. Comte tinha perzistido, desde a sua desgraça, sempre precaria; achavamo-nos em 1848, depois das terriveis jornadas de Junho. O Sr. general de Lamoricière era então ministro da guerra. Ele tinha sido aluno de Augusto Comte. Ele conhecia tão bem como quem quer que fosse os seus titulos ao lugar vago, assim como a negação de justiça de que ele fôra vitima. Ele nada tinha, nessas condições, a recuzar ao seu ex-mestre. A sua promessa foi formal.

« M. Comte recebeu um dia a vizita do tio de M. J. Bertrand, M. Duhamel, então diretor dos estudos na Escola. Ele tinha voltado ao tuteamento de outrora falando ao seu camarada de promoção. Ele rogou-lhe que diferisse qualquer outro pedido ao general, sob o pretexto de conseguir certos projetos de remanejamento interior, assegurando-lhe o concurso do Conselho da Escola. M. Comte acomodou-se facilmente a isso. O ministerio do general Lamoricière cahiu, e o Conselho da Escola dezignou um outro muito diferente de M. Comte: esse outro foi M. Jozé Bertrand, como este o declara no seu *factum*, com certa dezenvoltura de modestia. M. Bertrand, em uma das suas brochuras, fala da magnanimidade de M. Arago, do seu dezejo, quando era ministro da guerra, antes das jornadas de Junho, de ser util a M. Comte. Depois da retirada do Sr. general de Lamoricière, M. Arago tinha ainda uma influencia preponderante no Conselho da Escola. O que fez ele para provar tal magnanimidade? Nada. Ouvi todos esses detalhes de M. Comte mesmo. » *

O conjunto dos acontecimentos que expuzemos, apoiados nos documentos, patenteião que ha nessa narrativa algumas confuzões. Seria excuzado, porem, especificá-las, porque o leitor as reconhecerá facilmente por si-mesmo, confrontando a nossa expozição com a citação precedente. Esse cotejo mostra que a vizita de Duhamel deve ter sido a propozito do preenchimento das vagas deixadas por Bourdon e Dinet, por isso que Bertrand foi nomeado por Arago, a 29 de Abril de 1848, conforme dissemos. Por outro lado, acabâmos de ver qual foi a conduta do general de Lamoricière para com o seu ex-mestre, a quem ele preferiu, em Julho de 1848, Hermitte e Serret, apezar das reclamações de Augusto Comte.

* *Augusto Comte e a Academia das Siencias* — Resposta a M. J. Bertran , pelo Dr. G. Audiffrent — 1897, p. 14.

As angustias da sua situação material torturavão, porém infinitamente menos o ardorozo Regenerador do que a impossibilidade em que Ele se achava de publicar seu DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO. Felizmente a munificencia dos seus dicipulos holandezes Conde de Stirum, de Capellen, e Barão W. de Constans Rebecque, o havia aliviado dessa nobre preocupação. *

O Discurso redentor apareceu a 29 de Julho de 1848 e trazia as seguintes epigrafes: *Reorganizar, sem deus nem rei, pelo Culto sistematico da Humanidade.—Ninguem tem direito sinão de fazer o seu dever.—O espirito deve sempre ser o ministro do coração, e jamais o seu escravo.* O Sr. Laffitte conta que o jubilo do nosso Mestre por esse acontecimento foi imenso. « Eu teria morrido dezesperado, si não tivesse efetuado tal publicação, disse-lhe o abnegado Pensador; mas agora o essencial está feito, e eu poderia dezaparecer. » **

No *Prefacio*, o nosso Mestre agradece as manifestações do seu auditorio no dia 4 de Abril de 1847, e narra o nobre procedimento de Poinsot durante toda a perseguição pedantocratica. A este propozito, promete suprimir, na futura edição do seu SISTEMA DE FILOZOFIA POZITIVA, o que continha de desfavoravel a esse eminente geometra a nota mais consideravel do 6º volume.

No DISCURSO, depois de um *Preambulo geral*, são apreciados sucessivamente: na primeira parte, *o espirito fundamental do pozitivismo;* na segunda, *a destinação social do pozitivismo*, em virtude da sua conexão necessaria com o conjunto da grande revolução ocidental; na terceira, *a eficacia popular do pozitivismo;* na quarta, *a influencia feminina do pozitivismo;* na quinta, *a aptidão estetica do pozitivismo.* A estas cinco partes segue-se a *Concluzão geral* destinada a caraterizar o *Culto sistematico da Humanidade.* Para o objetivo com que publicamos o prezente volume, basta-nos transcrever a *quarta parte* que, conforme dissemos, reprezenta essencialmente a comovente sessão de 4 de Abril de 1847. Eis aqui esse capitulo incomparavel que assegurou a eterna vitoria do altruismo:

* Longchampt — *Vida de Augusto Comte,* tradução de Miguel Lemos, p. 141.

** *Revista Ocidental,* 1ª serie, tomo XVII, 1886 p. 194.

INFLUENCIA FEMININA DO POZITIVISMO

Por maior que seja o acendente que a ativa adhezão dos proletarios deva proporcionar á influencia social dos filozofos, o impulso regenerador exige ainda um terceiro elemento, indicado pela verdadeira teoria da natureza humana, e confirmado pela san apreciação historica da grande crize moderna.

A nossa constituição moral não se compõe sómente da razão e da atividade, que são reprezentadas respetivamente pelos dois elementos filozofico e popular. Ela é tambem caraterizada pelo sentimento, onde rezide mesmo o seu principio preponderante, segundo a teoria exposta no principio deste discurso. Ora, esse motor supremo, unica baze real da unidade humana, não se acha reprezentado de uma maneira assás direta nem assás completa na aliança fundamental que nós acabâmos de caraterizar entre os filozofos e os proletarios.

Sem duvida, o sentimento social dominará o surto decizivo de cada uma dessas duas potencias. Mas a sua fonte não é ahi assás pura nem assás intima para que a sua eficacia pudesse bastar á sua destinação, sem uma inspiração mais espontanea e mais bem sustentada.

A sociabilidade dos novos filozofos terá muita consistencia, por estar ligada a convicções sistematicas: mas a sua propria racionalidade amortecer-lhe-ia demaziado a energia, si um impulso menos refletido não viesse habitualmente reanimá-la. Embora o seu nobre oficio publico deva em breve imprimir aos sentimentos deles uma atividade desconhecida aos pensadores abstratos, essa ecitação coletiva não póde dispensar de emoções privadas. Mesmo o que os seus costumes ganharem no comercio dos proletarios, não poderia bastar para compensar as lacunas ordinarias da organização especulativa.

Por outro lado, si as afeições peculiares ao povo são mais espontaneas e mais energicas do que as dos filozofos, têm, em geral, menos perseverança e pureza. A destinação ativa delas não lhes permite serem assás dezinteressadas nem assás fixas. Todas as vantagens morais inherentes á sistematização do elemento popular serião incapazes de compensar neste as estimulações egoistas de uma situação exigente, sem a assistencia natural de emoções mais doces e mais constantes. Dispensando os proletarios de formular

as suas queixas ou os seus votos, os filozofos não lhe podem transformar a inevitavel personalidade.

Assim, a aliança necessaria que ha de dirigir a nossa reorganização carece ainda de uma suficiente reprezentação do supremo regulador humano. Este não póde entrar dignamente naquela sinão mediante um elemento que lhe seja diretamente peculiar, como o elemento filozofico o é á razão e o elemento popular o é á atividade. Tal será o motivo fundamental da indispensavel adjunção das mulheres á coalição renovadora, logo que as suas tendencias e as suas exigencias se tornarem assás apreciaveis. Só este terceiro elemento permitirá ao impulso organico tomar o seu verdadeiro carater definitivo, assegurando espontaneamente a subordinação contínua da razão e da atividade ao amor universal, de maneira a prevenir tanto quanto possivel as divagações de uma e as perturbações da outra.

Si a sua incorporação oferece ao pozitivismo um meio indispensavel, ela lhe aprezenta tambem um dever inevitavel, para completar o conjunto do movimento moderno, ao qual as mulheres permanecêrão até aqui demaziado extranhas.

A revolução não pôde ainda inspirar-lhes sinão simpatias individuais, sem nenhuma adhezão coletiva, por cauza do carater essencialmente negativo peculiar á sua primeira parte. E' sobretudo á idade-média que elas continuão a referir as suas predileções sociais. Ora, essa preferencia não é sómente devida, como se crê, aos justos pezares delas pela decadencia dos costumes cavalheirescos. Sem duvida, a idade-média lhes oferece a unica epoca em que o culto da mulher haja sido dignamente organizado. Porem um motivo mais intimo e menos interesseiro determina sobretudo o atrativo espontaneo que lhes oferecem essas belas recordações. O elemento mais moral da humanidade deve preferir a qualquer outro o regimen unico que erigiu diretamente em principio a preponderancia da moral sobre a politica. Tal é, ouzo asségurá-lo, a fonte secreta dos principais pezares que a irrevogavel decompozição do sistema social peculiar á idade-média inspira ainda ás mulheres.

Sem que elas desdenhem os diversos progressos especiais que a humanidade deve ao movimento moderno, eles não podem compensar, aos seus olhos, a retrogradação geral que lhes parece indicada por uma vicioza tendencia

a restabelecer a antiga supremacia da politica sobre a moral. A necessidade passageira de tal aberração, correspondente á ditadura temporal que a imperfeição da espiritualidade catolica exigiu, deve ser pouco apreciada, em consequencia da falta de uma verdadeira teoria historica, por espiritos quazi alheios á vida ativa. E' pois sem razao que as mulheres têm sido a miudo taxadas de tendencia retrograda, em virtude dessas nobres saudades. Elas estarião mais fundadas em dirigir-nos tal reproche, pela nossa cega admiração do regimen grego ou romano, colocado ainda tão acima da organização catolico-feudal. Mas tal erro deve sobretudo a sua perzistencia a uma absurda educação, da qual as mulheres estão felizmente prezervadas.

Seja como fôr, essas dispozições femininas reprezentão ingenuamente a principal condição da nossa verdadeira regeneração, a saber, a necessidade de restabelecer a subordinação sistematica da politica á moral, sobre uma baze mais direta, mais extensa, e mais perduravel do que a da idade-média. O culto da mulher constitûi desde então um rezultado carateristico de tal regimen. Eis, pois, a que preço o movimento renovador obterá a intima adhezão das mulheres. Tal programa não deve parecer retrogrado sinão aos filozofos incapazes de o satisfazer.

As mulheres não repelem, pois, a revolução, porem sómente o sentimento anti-historico que dominou a primeira parte desta, na qual a cega reprovação da idade-média chocava as suas principais simpatias. Podião elas acolher um regimen metafizico que parecia colocar sobretudo a felicidade humana no exercicio habitual dos direitos politicos, pelos quais nenhuma utopia lhes inspirará jamais verdadeiro atrativo? Mas elas simpatizão profundamente com as justas reclamações populares que caraterizão o alvo essencial da grande crize. Os seus votos espontaneos secundarão sempre os esforços diretos dos filozofos e dos proletarios para transformar enfim os debates politicos em tranzações sociais, fazendo dignamente prevalecer os deveres sobre os direitos. Si elas têm saudade da sua doce influencia anterior, é sobretudo por esta se apagar hoje sob um grosseiro egoismo, que não é mais modificado pelo entuziasmo revolucionario. Todas as repugnancias que se lhes exprobrão concorrem pois para fazer melhor sobresahir a necessidade fundamental de dissipar enfim

a intima anarchia moral e mental donde emanão todos os motivos essenciais das suas justas recriminações.

Afim de que as mulheres se associem plenamente á revolução, basta hoje que ela tenda diretamente para a sua destinação organica, sem prolongar viciozamente o seu preambulo negativo, cuja necessidade elas não podião comprehender assás para excuzar-lhe as aberrações. E' precizo que essa crize final, longe de repelir toda a solidariedade com a idade-média, se aprezente, segundo o seu verdadeiro carater historico, como vindo realizar, sobre melhores bazes, a universal preponderancia que foi então conferida á moral. Em uma palavra, o pozitivismo deve lhes fazer amar a segunda parte da revolução, fundando os nossos costumes republicanos sobre o sentimento cavalheiresco.

E' unicamente assim que se completará o impulso regenerador, que ficaria insuficiente sem o intimo concurso do elemento humano que reprezenta melhor o principio fundamental do regimen definitivo, a preponderancia da sociabilidade sobre a personalidade. Só os filozofos podem dar a esse principio uma consistencia verdadeiramente sistematica, que o prezervará de toda sofistica alteração. A sua energica atividade não póde emanar sinão dos proletarios, sem os quais a sua aplicação seria quazi sempre iludida. Mas só as mulheres devem proporcionar-lhe uma inteira pureza, izenta a um tempo de reflexão e de opressão. Assim instituida, a aliança renovadora oferecerá a imagem antecipada do estado normal da humanidade, e o tipo vivo da nossa propria natureza.

Si a nova filozofia não pudesse obter tal apoio, ela deveria renunciar a substituir totalmente a teologia no seu antigo oficio social. Mas a teoria fundamental exposta no começo deste discurso garante já a aptidão feminina do pozitivismo, ainda mais diretamente do que a sua eficacia popular. Porque, o seu principio universal, a sua maneira de conceber e de tratar o grande problema humano, não oferecem sinão uma consagração sistematica das dispozições que caraterizão espontaneamente as mulheres. A esse sexo, como ao povo, ele abre uma nova carreira social, ao mesmo tempo que assegura justas satisfações pessoais.

Em um e outro cazo, essas propriedades gerais, longe de serem em nada acidentais, constituem a consequencia necessaria da realidade que distingue a nova filozofia,

fundando sempre o seu livre acendente sobre a exata apreciação do que é. Empiricas prevenções não poderião longo tempo impedir as mulheres de sentirem que o pozitivismo satisfará melhor do que o catolicismo a todas as exigencias, não sómente intelectuais, mas sobretudo morais e sociais, que as prendem ainda a um regimen cuja decrepitude a judicioza sagacidade delas não lhes dissimula. Esses prejuizos rezultão hoje de uma confuzão excuzabilissima entre a san filozofia e o seu preambulo sientifico. A secura tão justamente reprochada aos sientistas acha-se assim imputada aos novos filozofos, cujo espirito teve de seguir a principio similhante regimen. Porem a injustiça dessa extensão tornar-se-á manifesta quando o contato estabelecer-se. As mulheres reconhecerão então que o perigo moral dos nossos estudos sientificos provém sobretudo da sua especialização dispersiva e empirica, que repele sempre o ponto de vista social. Elas sentirão assim que tal influencia não poderia extender-se á iniciação filozofica, mesmo espontanea, onde esses diversos estudos não constituem sinão uma serie indispensavel de degraus preliminares para se elevar dignamente ás teorias sociais, afim de melhor aplicar toda a nossa existencia ao aperfeiçoamento universal. Uma preparação sempre referida a esse unico fito não será mais confundida pelo tato feminino com uma vida inteiramente votada ás puerilidades academicas. De resto, o conjunto deste discurso bastaria plenamente para dispensar, a este respeito, de toda explicação prévia.

No regimen pozitivo, a destinação social das mulheres torna se logo uma consequencia necessaria da verdadeira natureza delas.

Esse sexo é certamente superior ao nosso, quanto ao atributo mais fundamental da especie humana, a tendencia a fazer prevalecer a sociabilidade sobre a personalidade. Por esse titulo moral, independente de toda destinação material, ele merece sempre a nossa terna veneração, como o tipo mais puro e mais direto da humanidade, que nenhum emblema reprezentará dignamente sob fórma masculina. Porem tal preeminencia natural não poderia proporcionar ás mulheres o acendente social que se tem por vezes ouzado sonhar para elas, embora sem a aquiecencia delas. Porque a sua superioridade direta quanto ao alvo real de toda a existencia humana se combina com uma

inferioridade não menos certa quanto aos diversos meios de atingí-lo. Para todos os generos de força, não sómente de corpo, mas tambem de espirito e de carater, o homem sobrepuja evidentemente a mulher, segundo a lei ordinaria do reino animal. Ora, a vida pratica é necessariamente dominada pela força, e não pela afeição, por exigir incessantemente uma penoza atividade. Si não se precizasse sinão amar, como na utopia cristan sobre uma vida futura libertada de toda egoistica necessidade material, a mulher reinaria. Mas é precizo sobretudo agir e pensar, para lutar contra os rigores do nosso verdadeiro fadario; desde então, o homem deve mandar, mau grado a sua menor moralidade. Em toda grande operação, o sucesso depende mais da energia e do talento do que do zelo, embora essa terceira condição reaja muito sobre as outras duas.

Tal é o defeito natural de harmonia geral entre as tres partes da nossa constituição moral, que condena as mulheres a modificarem pela afeição o reinado espontaneo da força. O justo instinto da sua superioridade afetiva lhes inspira ordinariamente dezejos de dominação, que uma critica superficial atribûi com demaziada frequencia a pendores egoistas. Mas a experiencia lhes lembra sempre que, em um mundo onde os bens indispensaveis são raros e dificeis, o imperio pertence necessariamente ao mais possante, e não ao mais amante, que entretanto seria mais digno de governar. Esse conflito contínuo acaba sómente em uma modificação permanente da preponderancia masculina. O homem se presta tanto melhor a isso, independentemente de toda sensualidade, quanto uma secreta apreciação lhe indica a superioridade natural da mulher no que concerne o principal atributo da humanidade. Ele sente que o seu imperio provêm sobretudo das exigencias da nossa situação, que nos impõe sempre operações dificeis, nas quais o egoismo age mais do que a sociabilidade. E' assim que, em todas as sociedades humanas, a vida publica pertence aos homens, e a existencia das mulheres é essencialmente domestica. Longe de apagar essa diversidade natural, a civilização a dezenvolve incessantemente, aperfeiçoando-a, como indicarei mais abaixo.

Dahi rezulta a similhança fundamental da condição social das mulheres com a dos filozofos e dos proletarios; de maneira a explicar a solidariedade necessaria entre esses tres elementos indispensaveis do poder moderador.

Quanto aos filozofos, a analogia provêm de que a mesma fatalidade, que impede as mulheres de prevalecerem em virtude da sua superioridade afetiva, priva ainda mais os pensadores da dominação que eles crêm devida â sua preeminencia teorica. Si as nossas exigencias materiais fossem mais faceis de satisfazer, a preponderancia pratica entravaria menos a potencia intelectual. Porem nessa hipoteze, a supremacia conviria mais ao elemento feminino. Porque a nossa razão se dezenvolve sobretudo para esclarecer a atividade; o seu surto proprio é pouco solicitado pela nossa constituição cerebral. Só o amor conservaria então a sua inalteravel espontaneidade. Assim, o imperio do mundo real pertence ainda menos aos seres pensantes do que aos seres amantes, embora o orgulho doutoral seja menos rezignado do que a vaidade feminina. Apezar das suas pretenções, a força intelectual não é, no fundo, mais moral do que a força material. Cada uma delas não constitûi sinão um meio, cuja moralidade depende do seu emprego. Não ha nada diretamente moral, na nossa natureza, sinão o amor, que, unico, tende imediatamente a fazer prevalecer a sociabilidade sobre a personalidade. Si, pois, o amor não póde dominar, a que titulo reinaria o espirito? Toda supremacia pratica pertence â atividade. A razão está assim reduzida, ainda mais do que o sentimento, a modificar a vida real. Eis ahi como o elemento filozofico acha-se excluido do poder diretor, pelo menos tanto como o elemento feminino. Na sua van luta para reinar, o espirito não consegue nunca sinão modificar. A impossibilidade de prevalecer torna se mesmo a fonte da sua moralidade indireta, que a sua chimerica dominação corromperia. Ele póde melhorar muito a ordem espontanea, mas com a condição de respeitá-la sempre. A sua aptidão sistematica o destina a ligar entre si todos os elementos sociais que, por natureza, tambem se achão dispostos a modificar felizmente a preponderancia material. E' assim que a influencia feminina torna-se o auxiliar indispensavel de todo poder espiritual, como a idade-média o mostrou.

A sua solidariedade natural com o elemento popular se caraterizarâ completando esta analize sociologica da potencia moral.

Primeiro puramente afetiva, a força moderatriz torna-se em seguida racional, quando o espirito se congraça com ela, por não poder reinar. Não lhe resta então sinão

tornar-se ativa, pelo acesso espontaneo da massa proletaria. Ora, esse complemento indispensavel rezulta de que o povo, embora formando a baze necessaria do poder pratico, permanece tão extranho como os outros dois elementos ao governo politico.

A força propriamente dita, aquela que rege os atos sem regular as vontades, emana de duas forças muito distintas, o numero e a riqueza. Embora reputado mais material do que o outro, o primeiro elemento comporta, no fundo, mais moralidade, porque, rezultante de um concurso, ele supõe uma certa convergencia de sentimentos e pensamentos, menos compativel com a preponderancia do egoismo do que o poder imediato da fortuna. Porem a esse titulo mesmo, a sua natureza é demaziado indireta e demaziado precaria para que ele possa habitualmente prevalecer. Ele se acha excluido do governo politico e reduzido á influencia moral, por uma ultima consequencia da necessidade material que impõe similhante situação social ás mulheres e aos filozofos. A preponderancia fundamental das exigencias corporais proporciona um acendente imediato á riqueza, por fornecer esta os meios de satisfazê-las. Porque os ricos são os depozitarios naturais dos materiais elaborados por cada geração para facilitar a existencia e preparar os trabalhos da seguinte. Assim, cada um deles condensa espontaneamente um poder pratico contra o qual nenhuma multidão póde prevalecer sinão em cazos ecepcionais. Essa necessidade se manifesta mesmo nos povos militares, nos quais a influencia numerica, apezar de mais direta, afeta sómente o modo de aquizição. Porem o estado industrial, no qual a violencia cessa de ser uma fonte habitual de riqueza, torna sobretudo sensivel tal lei social. Longe de diminuir pelo progresso da civilização, a sua influencia natural aumenta necessariamente, á medida que o acrecimo contínuo dos capitais multiplica os meios de fazer subzistir aqueles que nada possuem. E' sómente nesse sentido que permanecerá sempre verdadeira a maxima imoral da antiguidade: *Paucis natum humanum genus.* * Assim privada da potencia politica, a massa proletaria torna-se de mais em mais, entre os modernos, um elemento indispensavel da potencia moral, como o explicou a terceira parte deste discurso. A sua

* *Humanum paucis vivit genus,* —Lucano, *Farsalia*, livro V, v. 343, *o genero humano vive para poucos.*—R. T. M.

moralidade, ainda mais indireta do que a do elemento filozofico, supõe em grau maior a subalternidade pratica. Quando o governo passa, por ececão, á multidão, é a riqueza que toma, contra a sua natureza, uma sorte de moralidade, em virtude da sua aptidão a temperar uma preponderancia então violenta. Nós reconhecemos acima que as eminentes qualidades, de coração e de espirito, peculiares aos proletarios modernos, rezultão sobretudo da sua pozição social. Elas se alterarião muito si a autoridade pratica inherente á riqueza se achasse habitualmente transferida ao numero.

Tal é, em apanhado, a teoria pozitiva da força moral destinada a modificar o reinado espontaneo da força material, pelo concurso necessario dos tres elementos sociais que ficão exteriores á ordem politica propriamente dita. Dessa combinação fundamental rezulta o nosso principal recurso para rezolver, tanto quanto possivel, o grande problema humano, a preponderancia habitual da sociabilidade sobre a personalidade. Os tres elementos naturais desse poder moderador lhe proporcionão cada um qualidades indispensaveis. Sem o primeiro, faltar-lhe-ia pureza e espontaneidade; sem o segundo, consistencia e sabiduria; sem o ultimo, energia e atividade. Embora o elemento filozofico não seja nem o mais direto nem o mais eficaz, é entretanto ele que carateriza tal poder, porque só ele sistematiza a constituição e esclarece o exercicio deste, segundo as verdadeiras leis da existencia social. A esse titulo de orgão sistematico da força moderadora, a potencia espiritual lhe impôz o seu proprio nome. Porem tal denominação tende a sugerir uma falsa idéia da natureza de um poder ainda mais moral do que intelectual. Respeitando uma precioza tradição historica, o pozitivismo retificará todavia esse uzo, emanado de um tempo alheio á toda teoria social, e no qual o espirito era suposto o centro da unidade humana.

As mulheres constituem, pois, no regimen pozitivo, a parte domestica do poder moderador, de que os filozofos tornão-se o orgão sistematico, e os proletarios a garantia politica. Embora a instituição dessa combinação fundamental pertença ao elemento racional, ele não deve jámais esquecer que a sua propria participação é menos direta do que a do elemento afetivo e menos eficaz do que a do elemento ativo. O seu acendente social não é possivel

sinão com a condição de se apoiar sempre sobre o sentimento feminino e a energia popular.

Assim, a obrigação de associar hoje as mulheres ao grande movimento de regeneração, longe de sucitar nenhum entrave á filozofia que deve prezidir a ele, fornece-lhe, ao contrario, um poderozo meio, manifestando a verdadeira constituição da força moral destinada a regrar o exercicio de todas as outras potencias humanas. O porvir normal se acha então inaugurado já tanto quanto o permite a tranzição atual, pois que o impulso renovador rezulta do mesmo concurso fundamental que em seguida, mais dezenvolvido e mais bem ordenado, caraterizará sobretudo o regimen final. Esse estado definitivo da humanidade se anuncia assim como plenamente conforme á nossa propria natureza, onde o sentimento, a razão, e a atividade correspondem exatamente, quer izolados, quer combinados, aos tres elementos necessarios, feminino, filozofico e popular, da aliança regeneradora.

Todas as idades sociais permítem verificar mais ou menos distintamente, tal teoria, cujas tres faces rezultão sempre da mesma necessidade fundamental, relativa á lei biologica que subordina a vida de relação á vida de nutrição. Mas é sobretudo aqui que convem o principio geral (*o progresso é o dezenvolvimento da ordem*) indicado, na segunda parte deste discurso, para ligar, em sociologia, cada especulação dinamica á concepção estatica correspondente. Porque, a evolução humana aumenta sempre a influencia moderadora da força moral, quer pelo surto especial dos seus tres elementos, quer consolidando o seu concurso. A bela observação historica de Robertson sobre o melhoramento gradual da sorte das mulheres não é sinão um cazo particular dessa lei sociologica. Todos esses progressos têm por principio comum a lei biologica que diminúi a preponderancia da vida vegetativa sobre a vida animal á medida que o organismo se eleva e se dezenvolve.

Nos diversos modos do regimen politeico da antiguidade o poder moderador permaneceu sempre reduzido á influencia domestica do elemento feminino, sem nenhuma assistencia publica da força intelectual, que estava ainda reunida constantemente á preponderancia material, primeiro como fonte, depois como instrumento. Na idade-média, o catolicismo ocidental esboçou a sistematização da potencia moral, superpondo á ordem pratica uma livre

autoridade espiritual, habitualmente secundada pelas mulheres. Indiquei, na terceira parte deste discurso, como só a evolução moderna permitiu completar a organização do poder moderador, fazendo enfim surgir o seu elemento mais energico mediante a intervenção social peculiar aos nossos proletarios. A força moral, a principio reduzida á sua fonte afetiva, e tornada em seguida racional, póde assim tornar-se ativa, sem perder o seu carater fundamental, pois que permanece unicamente composta de influencias exteriores á ordem politica propriamente dita. Todas estas persuadem, aconselhão, e julgão: porem nenhuma delas manda nunca, salvo os cazos ecepcionais. Desde então, a missão social do pozitivismo consiste sobretudo em sistematizar a combinação espontanea desses tres elementos necessarios, dezenvolvendo a destinação peculiar a cada um deles.

Apezar das prevenções atuais, a nova filozofia é de natureza a preencher todas as condições desse oficio fundamental. Similhante aptidão está assás constatada nas precedentes partes deste discurso, para com o elemento filozofico e o elemento popular, quer separados, quer combinados. Só me resta aqui caraterizá-la diretamente para o elemento feminino.

Essa explicação rezulta espontaneamente do principio afetivo posto, no principio deste discurso, como a baze universal do pozitivismo. Fundando o conjunto da san filozofia sobre a preponderancia sistematica do coração, chama-se logo as mulheres a formar uma parte essencial do novo poder espiritual. A espiritualidade catolica não podia ver nelas sinão preciozos auxiliares; porque a sua origem direta era independente do concurso delas. Porem a espiritualidade pozitiva as aprecia como elemento indispensavel, pois que constituem ahi a reprezentação mais natural e mais pura do seu principio fundamental. Alem da sua influencia domestica, elas são sobretudo destinadas então a reduzir os outros dois elementos a essa comum unidade, que primeiro emanou delas, e da qual cada um deles está a miudo disposto a se afastar.

Por maior que deva ser, sobre verdadeiros filozofos, a potencia das demonstrações que estabelecem a preponderancia logica e sientifica do ponto de vista social, a qual conduz em seguida a fazer sistematicamente prevalecer o coração sobre o espirito, tal encadeiamento não poderia

dispensá-los de um estimulo direto do amor universal. Eles-mesmos conhecem a tal ponto a pouca eficacia pratica das influencias puramente intelectuais que, no interesse da sua propria missão, eles não iludirão jamais essa doce necessidade. Ouzo dizer havê-lo dignamente sentido quando escrevia, a 11 de Março de 1846, áquela que, mau grado a morte, será sempre a minha imutavel companheira: « Para tornar-me um perfeito filozofo, faltava-me sobretudo uma paixão, ao mesmo tempo profunda e pura, que me fizesse assás apreciar o lado afetivo da humanidade. » * Tais emoções exercem uma admiravel reação filozofica, colocando logo o espirito no verdadeiro ponto de vista universal, para onde a via sientifica não o pode elevar sinão por uma longa e dificil elaboração, após a qual a sua verve exhausta o impede de proseguir ativamente as novas consequencias do principio assim estabelecido. O surto direto do coração sob o impulso feminino não é pois sómente indispensavel ao acendente social de uma filozofia que não poderia jamais tornar-se popular si a sua intima adoção devesse exigir a sapiente iniciação que preparou a sua formação original. Essa influencia habitual é mesmo necessaria tambem a todos os seus orgãos sistematicos, afim de conter neles a tendencia natural das especulações abstratas a degenerarem em ociozas divagações, sempre mais faceis de proseguir do que as sans pesquizas.

Para sentir, a este respeito, a superioridade espontanea do novo espiritualismo, bastaria notar que o antigo achava-se radicalmente privado desse salutar impulso, pelo celibato sacerdotal, aliás indispensavel ao sistema catolico. Porque, a influencia feminina não podia assim exercer-se sinão fóra da corporação espiritual, sem aperfeiçoar diretamente os seus proprios membros, como a energica satira de Ariosto nitidamente o assinalou. Salvo os cazos excepcionais, não se devia contar com a eficacia moral das afeições contrarias á regra, pois que a sua reação sacerdotal era necessariamente corruptora, sucitando uma hipocrizia habitual.

Mas a comparação direta das duas espiritualidades, quanto ao seu carater fundamental, mostra ainda melhor quanto a nova será mais propria do que a antiga para

* Vide este volume, p. 748.— R. T. M.

dezenvolver dignamente, em todas as classes, a influencia moral das mulheres.

O principio afetivo do pozitivismo é, com efeito, necessariamente social, ao passo que o do catolicismo não pôde ser sinão essencialmente pessoal. Cada crente proseguia ahi sempre um fim puramente individual, cuja incomparavel preponderancia tendia a comprimir toda afeição que não se referia a tal fito. Na verdade, a sabiduria sacerdotal, digno orgão do instinto publico, havia intimamente ligado a esse objetivo as principais obrigações sociais, a titulo de condição indispensavel da salvação pessoal. Mas essa ceitação indireta não fornecia uma sahida regular aos nossos melhores sentimentos sinão alterando muito a espontaneidade e mesmo a pureza deles. A recompensa infinita, prometida assim a todos os sacrificios não podia jamais permitir uma afeição plenamente dezinteressada, que teria exigido uma renuncia impossivel, e aliás sacrilega, a uma inevitavel perspetiva, cuja personalidade necessaria vinha macular todo devotamento espontaneo. Foi de tal regimen que sahiu uma ignobil teoria moral, tornada tão perigoza entre as mãos dos metafizicos, que conservárão o seu viciozo principio, anulando os seus corretivos teologicos. Apreciando mesmo a mais perfeita pureza que comportasse realmente o amor de Deus, se reconhece que esse sentimento não podia ser social sinão de uma maneira indireta, pela identidade do fito assim assinado a todos os corações. Porem, no fundo, o seu carater proprio era a tal ponto egoista, que a sua preponderancia exigia; como tipo da perfeição, o sacrificio completo de toda e qualquer outra afeição. Essa tendencia é muito apreciavel nos mais eminentes orgãos do espirito e do sentimento cristãos. Ela se manifesta sobretudo na admiravel poezia desse monge, tão terno como sublime, que melhor do que ninguem caraterizou o ideial catolico. * A minha meditação diaria dessa compozição sem par, tão digna de ter sido embelezada pelo nosso grande Corneille, conduziu-me a miudo a sentir quanto tal regimen havia desnaturado a generozidade natural de um coração que, mau grado tantos entraves, se elança por vezes ao mais puro ardor. E' precizo que a espontaneidade das nossas afeições plenamente dezinteressadas seja muito mais pro-

* O nosso Mestre refere-se a Tomaz de Kempis e ao seu poema intitulado *A Imitação de Cristo*, traduzido em verso por Corneille.—R. T. M.

nunciada do que nunca se supôz, pois que não cessára de se dezenvolver sob uma diciplina tão opressiva, que prevaleceu durante doze seculos.

Em virtude da sua conformidade necessaria com o conjunto da nossa natureza, só o regimen pozitivo póde consagrar o surto direto, a um tempo privado e publico, desse admiravel atributo da humanidade, que ficou até aqui em estado rudimentar, por falta de uma digna cultura sistematica. A ecitação catolica do coração se achava essencialmente hostil ao espirito, que, do seu lado, tendia necessariamente a sacudir tal jugo. Pelo contrario, a diciplina pozitiva estabelece naturalmente a harmonia mais completa e mais ativa entre o sentimento e a razão.

A reflexão tende ahi sempre a fortificar a sociabilidade, tornando familiar a ligação real de cada um para com todos. A nossa inteligencia não podendo guardar as impressões que não estão sistematizadas, a auzencia de teoria social a impede ainda de perceber nitidamente essa solidariedade habitual, que só os cazos ecepcionais podem desvendar-lhe. Porem a educação pozitiva, na qual domina sempre o ponto de vista social, tornará naturalmente tal apreciação mais familiar do que nenhuma outra, porque toda a nossa existencia real, tanto individual como coletiva, se liga incessantemente a esses fenomenos. Só a fascinação teologica ou metafizica póde inspirar e acolher essas vans explicações doutorais em que se atribûi tão a miudo ao homem o que não convem sinão á humanidade. Quando uma san teoria permitir ver nitidamente o que é, cada um não terá sinão de contemplar a sua propria existencia, fizica, intelectual, ou moral, para sentir continuamente o que deve ao conjunto dos seus predecessores e dos seus contemporaneos. Aquele que se crêsse independente dos outros, nas suas afeições, nos seus pensamentos, ou nos seus atos, não poderia siquer formular tal blasfemia sem uma contradição imediata, pois que a sua linguagem não lhe pertence. A mais alta inteligencia é incapaz izoladamente de construir a menor lingua, que exige sempre a cooperação popular de muitas gerações. Seria aqui superfluo caraterizar mais a evidente tendencia do verdadeiro espirito pozitivo a dezenvolver sistematicamente a sociabilidade, lembrando-nos sempre que só o conjunto é real, as partes não podendo ter sinão uma existencia abstrata.

Alem dessa feliz reação contínua do espirito sobre o

oração, o estado final da humanidade deve proporcionar aos nossos melhores sentimentos uma cultura mais pura, mais direta, e mais ativa do que sob nenhum regimen anterior. E' unicamente assim que as afeições benevolentes podem ser enfim desprendidas de todo calculo pessoal. Elas tenderão a prevalecer, tanto quanto o comporta a nossa imperfeita natureza, como sendo a um tempo mais satisfatorias e melhor dezenvolviveis do que todas as outras. Só corações alheios aos terrores e ás esperanças teologicas podem saborear plenamente a verdadeira felicidade humana, o amor puro e dezinteressado, no qual consiste realmente o soberano bem, que tão vanmente as diversas filozofias anteriores procurárão. A sua preeminencia necessaria seria assás caraterizada por esta unica observação, cuja confirmação pessoal toda alma sensivel achará facilmente: é ainda mais doce amar do que ser amado. Embora tal apreciação deva hoje parecer exaltada, ela é diretamente conforme á nossa verdadeira natureza, sempre mais bem afetada como ativa do que como passiva. Ora, a ventura de ser amado não póde jamais ser izenta de uma volta egoista: como não ficariamos orgulhozos de haver obtido o apego da pessoa que preferimos a qualquer outra? Si, pois, amar nos satisfaz melhor, isso constata a superioridade natural das afeições plenamente dezinteressadas. A nossa enfermidade radical consiste sobretudo em que elas são espontaneamente muito demaziadamente inferiores aos pendores egoistas, indispensaveis á nossa conservação. Porem, quando uma vez elas forão ecitadas, mesmo por um motivo a principio pessoal, elas tendem a se dezenvolver ainda mais, em virtude da sua propria doçura. Cada um de nós é aliás convidado a isso e secundado por todos os outros, que, ao contrario, comprimem necessariamente os seus impulsos egoistas. Concebe-se assim como, sem nenhuma exaltação ecepcional, o regimen pozitivo poderá sistematizar essas tendencias naturais, de maneira a imprimir aos nossos instintos simpaticos uma atividade habitual que eles não podião ter até aqui. Uma vez desprendido da opressão teologica e da secura metafizica, o nosso coração sente facilmente que a felicidade real, tanto privada como publica, consiste sobretudo em dezenvolver tanto quanto possivel a sociabilidade, concedendo á personalidade apenas as satisfações indispensaveis, a titulo de enfermidades inevitaveis.

E' assim que o pozitivismo convem diretamente a tod-os seres e a todas as situações. Nas menores relações como para com as mais preciozas, a humanidade regenerada praticará em breve esta evidente maxima: dar mais do que receber.

A seu turno, essa ecitação contínua do coração exerce sobre o espirito uma feliz reação, especialmente comum ás mulheres. Eu já a caraterizei assás para estar aqui dispensado de insistir mais nisso, pois que só o sentimento nos forneceu o verdadeiro principio de toda a sistematização pozitiva, mesmo mental. A unica observação que devo agora juntar a essas indicações fundamentais, concerne á admiravel aptidão de tal marcha a superar facilmente as mais altas dificuldades filozoficas. Em nome do coração, póde-se impôr logo ao espirito um regimen sientifico cuja conveniencia ele contestaria longo tempo, si esta não lhe fosse assinalada sinão por um exame racional. Tente-se, por exemplo, demonstrar a um puro geometra, mesmo eminente e concienciozo, a superioridade logica e sientifica das especulações sociais sobre todas as outras contemplações reais, não se o convencerá sinão após longos esforços, que terão esgotado as suas faculdades indutivas e dedutivas. Pelo contrario, o sentimento indicará diretamente, ao proletario ou á mulher sem cultura, a verdade desse grande principio enciclopedico, do qual a razão de ambos fará logo ativas aplicações familiares. E' sómente assim que as altas noções filozoficas podem verdadeiramente prevalecer por toda parte, e que se póde obter de todos os estudos indispensaveis á sua eficacia social. O instinto simpatico é ainda mais proprio para ecitar ativamente o espirito de conjunto do que para sofrer dignamente a justa influencia deste. Por isso, quando a educação pozitiva houver prevalecido, as condições morais serão frequentemente invocadas como garantias da verdadeira aptidão intelectual. A sabiduria revolucionaria da Convenção presentiu, á sua maneira, tal solidariedade, ouzando colocar algumas vezes os titulos republicanos acima das provas sientificas. Embora similhante pratica se torne facilmente iluzoria, e mesmo abuziva, enquanto a moral universal não está sistematizada, o reproche de tendencia retrograda conviria mais ao uzo atual, que não faz concorrer em nada o coração nas garantias profissionais, sempre exigidas unicamente ao espirito. Porem essa

berrações se explicão historicamente, pela natureza opresiva das unicas crenças que hajão podido até aqui preidir á cultura direta do sentimento. O fatal antagonismo ue dura, desde o fim da idade-média, entre o espirito e coração, não póde achar sahida sinão no regimen pozi-ivo; nenhum outro é capaz de subordinar dignamente razão ao sentimento, sem prejudicar ao seu proprio surto, omo o estabeleci no principio deste discurso. Na sua van upremacia atual, o espirito é, no fundo, o nosso principal erturbador. Ele não póde tornar-se verdadeiramente rganico sinão abdicando em proveito do coração. Mas ssa abdicação não comporta eficacia sinão com a condição le ser perfeitamente livre. Ora, o pozitivismo é o unico ucetivel de tal rezultado, porque o funda sobre o principio nesmo que a razão invoca em apoio das suas pretenções, demonstração real, que o espirito não póde recuzar sem onfessar a sua personalidade. Qualquer outro remedio, teologico ou metafizico, aumentaria necessariamente o mal, provocando logo a inteligencia a novas insurreições contra o sentimento.

Melhores juizes do que nós na apreciação moral, as mulheres sentirão, por esses diversos titulos, que a superioridade afetiva do pozitivismo, para com as outras filozofias quaisquer, é ainda mais pronunciada do que a sua preeminencia especulativa, doravante incontestavel. Elas chegarão em breve a essa concluzão, quando cessarem de confundir a nova filozofia com o seu preambulo sientifico.

Embora o espirito delas seja menos apto do que o nosso para as induções muito gerais e para as deduções muitissimo prolongadas, em uma palavra, para todos os esforços abstratos, ele é, de ordinario, mais bem disposto a sentir essa combinação da realidade com a utilidade que carateriza a pozitividade. A razão delas aproxima-se muito, a este respeito, da dos proletarios, com a comum vantagem de ser felizmente extranha á nossa absurda educação atual. Porem elas têm de mais do que o povo uma situação normal favorabilissima ao justo surto espontaneo da vida contemplativa, em virtude da sua independencia habitual do movimento pratico. Nesse sentido, o espirito delas se acha naturalmente disposto para a san filozofia, que exige uma atenção dezinteressada sem indiferença. A sua afinidade mental com os verdadeiros filozofos é, no fundo, muito superior á dos sientistas propriamente ditos, porque

a generalidade é tão saboreada por elas como a positividade, unica apreciada, e isso grosseiramente, por aquelas. Foi ás mulheres que Molière destinou a admiravel formula racional que eu apliquei aos proletarios. * Por isso o primeiro esboço sistematico da nova filozofia, sob o grande impulso de Descartes, foi avidamente acolhido já pelo espirito feminino. Essa afinidade fundamental manifestou-se altamente, embora a sinteze pozitiva devesse interdizer-se ainda todas as altas especulações morais e sociais. Poderia, pois, ela não se dezenvolver muito quando o pozitivismo, enfim completo, tem para principal dominio o assunto mais digno das meditações de ambos os sexos.

A nova filozofia póde assim contar o espirito feminino como a razão popular entre os auxiliares naturais sem os quais ela não sobrepujaria jamais as profundas repugnancias das nossas classes cultivadas, sobretudo em França onde o seu surto decizivo deve entretanto consumar-se.

Porem essa indispensavel assistencia dependerá mais das simpatias morais do que das afinidades intelectuais, logo que as mulheres apreciarem diretamente o pozitivismo, em virtude da sua superioridade afetiva sobre o catolicismo da idade-média. O coração as impelirá então sobretudo para a unica filozofia que sistematiza dignamente a universal preponderancia do sentimento. Nenhum regimen póde inspirar-lhes tanto atrativo como aquele que as reprezenta como a personificação espontanea do verdadeiro principio fundamental da unidade humana, assim colocada sob a garantia especial delas. Si elas parecem hoje ter saudades do passado, é unicamente por não acharem alhures a justa satisfação dos seus preciosos instintos sociais. O carater geral do regimen catolico convem, no fundo, ainda menos ao sentimento feminino do que á razão masculina, porque ele choca diretamente o atributo dominante do coração da mulher. Na pretendida perfeição moral do cristianismo, sempre se confundiu a ternura com a pureza. Na verdade, o amor não póde ser profundo si não fôr puro. Porem é só nesse sentido que o regimen catolico favoreceu o surto da verdadeira paixão, ao passo que o politeismo consagrava sobretudo os apetites. O cristianismo provou aliás demaziado que a pureza

* Aluzão ao verso — *Consinto em que a mulher de tudo tenha luzes* — que o nosso Mestre aplicou aos proletarios na terceira parte deste discurso, p. 184. — R. T. M.

levada mesmo até ao fanatismo, póde existir sem nenhuma ternura. Tal é hoje a sua principal eficacia feminina, desde que o impulso cavalheiresco não corrige mais a austeridade cristan. No fundo, o regimen politeico era muito mais favoravel á ternura, embora esta carecesse então de pureza. A sistematização catolica dos sentimentos tinha para centro uma afeição radicalmente egoista, que chocava sobretudo os melhores pendores do coração feminino. Alem de que o amor divino impelia ahi cada um ao izolamento monastico, a sua preponderancia era diretamente oposta á ternura mutua. Forçado a amar a sua dama atravez do seu deus, o cavalheiro não podia seguir dignamente, sem uma contradição sacrilega, as melhores inspirações do seu coração, sempre amortecidas por tal interpozição, Assim, longe de estarem verdadeiramente interessadas na perpetuidade do regimen antigo, as mulheres sentir-se-ão em breve impelidas especialmente ao seu irrevogavel dezuzo, em nome mesmo dos seus sentimentos carateristicos. Essa inevitavel tendencia se manifestará quando as condições morais, naturalmente colocadas sob a justa solicitude delas, não estiverem mais comprometidas por uma sociabilidade de todo material. Ora, o pozitivismo oferece plenamente, ao seu coração ainda melhor do que ao seu espirito, essa indispensavel garantia. Em virtude de um profundo conhecimento da nossa verdadeira natureza, só ele póde combinar dignamente a ingenua ternura do politeismo com a precioza pureza do catolicismo, sem temer as diversas perturbações sofisticas peculiares á anarchia atual. Subordinando uma a outra essas duas qualidades fundamentais do coração feminino, ele não hezitará em colocar a ternura acima da pureza, como se referindo melhor ao verdadeiro fim geral do aperfeiçoamento humano, a preponderancia da sociabilidade sobre a personalidade. Toda mulher sem ternura constitúi uma monstruozidade social, tanto como todo homem sem coragem. Tenha ela embora aliás muita inteligencia, e mesmo energia, o seu merito não poderá desde então sinão redundar, de ordinario, em seu proprio detrimento e no de outrem, a menos de ser anulado por uma diciplina teologica. O seu carater não lhe inspirará sinão uma van insurreição contra toda autoridade real, e o seu espirito não se ocupará sinão em forjar sofismas subversivos, como a nossa anarchia o mostra demaziado a miudo.

Em virtude do conjunto da teoria precedente, o regime pozitivo oferece pois ás mulheres uma nobre destinação social, a um tempo publica e privada, plenamente conforme á verdadeira natureza delas. Sem sahir da familia elas devem, á sua maneira, participar do poder moderador com os filozofos e os proletarios, renunciando, ainda melhor do que eles, a todo poder diretor, mesmo domestico. Elas constituem, em uma palavra, as sacerdotizas espontaneas da Humanidade, como o indicarei mais no fim deste discurso. O seu oficio consiste sobretudo em cultivar diretamente o principio afetivo da unidade humana, cuja mais pura personificação elas oferecem especialmente.

A esse titulo, a sua influencia publica deve estender-se a todas as classes quaisquer, para lembrar a estas sempre a preponderancia fundamental do sentimento sobre a razão e a atividade. Já indiquei assás como elas reagirão assim sobre os filozofos, que, a menos de serem indignos da sua propria missão, sentirão a necessidade pessoal de ir a miudo retemperar a sua alma nessa fonte espontanea da verdadeira sociabilidade, afim de melhor combater a secura e a divagação que podem rezultar dos seus habitos. O sentimento tende por si-mesmo, quando é puro e profundo, a retificar os seus abuzos naturais, porque estes prejudicão necessariamente o bem que ele prosegue sempre. Mas, ao contrario, os abuzos da razão e os da atividade não podem ser assinalados, e sobretudo corrigidos, sinão pelo amor, que é o só a sofrer diretamente com eles. Dahi rezulta um dever natural de doce exhortação habitual do elemento feminino para com os outros dois elementos do poder moderador, afim de os reduzir ao principio fundamental, confiado á sua guarda especial, corrigindo em cada um deles, os vicios aos quais ele é inclinado.

Quanto aos proletarios, essa influencia feminina é, pois, destinada sobretudo a combater a sua tendencia espontanea a abuzar da sua energia carateristica afim de obterem pela violencia o que deverião esperar de um livre assentimento. Apezar das dificuldades de tal missão, as mulheres acharão ahi menos obstaculos do que em retificar nos filozofos o abuzo do raciocinio. Ha poucos exemplos até aqui de filozofos assim desviados de argumentar quando cumpre sentir. Ao contrario, embora a ação feminina não esteja hoje nada sistematizada, ela corrige frequentemente, no povo, o abuzo da energia. Essa

diferença provêm, sem duvida, da auzencia atual de verdadeiros filozofos, pois que não se póde qualificar assim vãos sofistas e retoricos, psicologos ou ideologos, incapazes de nenhuma meditação real. Porem, alem disso, é precizo sobretudo atribuir tal fato ao carater dominante de cada classe. O orgulho doutoral estará sempre menos disposto do que a violencia popular á eficacia do corretivo feminino. Porque o proletario se acha mais bem animado do que o filozofo pelo principio afetivo, cuja invocação direta constitûi a unica arma das mulheres. Um sofisma lhes oferece muito mais obstaculos do que uma paixão. A influencia feminina, dignamente suportada pelo instinto proletario, constitûi realmente a nossa principal garantia contra as imensas perturbações sociais que a anarchia atual das inteligencias parece dever sucitar. Embora o espirito não possa retificar sofismas subversivos, o coração sabe nos prezervar das dezordens que eles provocão. A admiravel inconsequencia pela qual felicitei os nossos comunistas oferece uma prova decisiva disso. * No meio das aberrações teoricas que tendem involuntariamente a dissolver ou a paralizar a sociedade, numerozos proletarios nos oferecem assim o espetaculo diario de uma terna veneração para com as mulheres, a qual não tem equivalente em nenhuma outra classe. Importa insistir nesses felizes exemplos, não sómente para render justiça a uma seita mal apreciada, ** mas sobretudo afim de sentir os grandes recursos morais que nos promete o porvir normal, a vista dessas manifestações espontaneas de um estado anarchico. As predicas doutorais não tiverão, por certo, nenhuma parte nesse precioso rezultado, que elas tendem antes a impedir, fortificando, por absurdas refutações, as proprias aberrações que atacão. Nós somos devedores de tal inteiramente ao sentimento popular, dignamente ecitado sob o impulso espontaneo das mulheres. As populações protestantes, onde a influencia delas é menor, estão hoje mais expostas ás devastações praticas do comunismo metafizico. Ás mulheres sobretudo devemos tambem as poucas lezões reais que experimenta a constituição da familia humana, apezar

* O nosso Mestre se refere ao fato dos comunistas modernos regeitarem a comunidade das mulheres e dos filhos, limitando-se a proclamar a comunidade dos bens. Vide a terceira parte deste discurso, ps. 152-153. — R. T. M.

** O nosso Mestre alude aqui ao *Comunismo*. — R. T. M.

de um republicanismo, profundamente retrogrado, que sonha, como tipo da sociabilidade moderna, a absorção ecepcional da familia pela patria em algumas povoações antigas.

Essa feliz tendencia á retificação pratica de todas as aberrações morais é a tal ponto peculiar ás mulheres que ela se extende mesmo ás seduções sistematicas que a grosseria masculina julga irrezistiveis. Os funestos efeitos do divorcio são atenuados, ha tres seculos, na Alemanha protestante, pelas repugnancias espontaneas do instinto feminino. E' assim que se achão contidos hoje os ataques ainda mais profundos de que está ameaçada a instituição fundamental do cazamento, em virtude das facilidades que a nossa anarchia oferece ao espirito metafizico para rejuvenecer as suas antigas divagações. Nenhum desses sonhos póde sériamente prevalecer entre as mulheres, embora todos pareção muito proprios para seduzi-las. Na sua impotencia para refutar tais sofismas, que só a verdadeira siencia social póde rezolver, os nossos doutores anarchicos se persuadem facilmente que a razão feminina deverá sucumbir a eles. Porem, felizmente, as mulheres, como os proletarios, não julgão então sinão pelo sentimento, que as guia bem melhor do que uma inteligencia desprovida agora de todo principio apropriado para prevenir ou corrigir as suas iminentes aberrações.

Seria aqui superfluo insistir mais sobre tais indicações para caraterizar a aptidão natural das mulheres a retificar por toda parte as dezordens morais peculiares a cada elemento social. Si essa precioza influencia é já muito eficaz só sob o impulso espontaneo do coração, ela deve adquirir muito mais consistencia, e mesmo extensão, com a assistencia sistematica de uma filozofia real, que afastará todos os sofismas, e dissipará todas as incoherencias, das quais o puro instinto não póde nos prezervar assás.

Assim, a influencia das mulheres sobre a vida publica não deve ser unicamente passiva, para conceder a sua indispensavel consagração á verdadeira opinião comum, formulada pelos filozofos, e proclamada pelos proletarios. Alem dessa participação contínua, individual ou coletiva, elas devem pois exercer uma ativa intervenção moral, afim de lembrar por toda parte o principio fundamental, de que serão sempre os melhores orgãos espontaneos depois de haverem fornecido a fonte inicial dele. Porem, para acabar

de caraterizar esse duplo oficio publico, importa notar a sua conciliação natural com a condição necessaria que lhes prescreve sempre uma existencia essencialmente domestica.

A civilização ocidental achou, ha longo tempo, uma sahida espontanea para essa aparente contradição, que os antigos devião julgar insoluvel, e que, de fato, subziste ainda por toda parte alhures. Depois que os costumes da idade-média houverão assegurado ás mulheres uma justa liberdade interior, o Ocidente viu em breve surgirem felizes reuniões voluntarias, nas quais a vida publica se mescla intimamente com a vida privada, sob a prezidencia feminina. Dezenvolvidos, sobretudo em França, durante a longa tranzição moderna, esses laboratorios periodicos da opinião espontanea parecem hoje fechados ou desnaturados, em consequencia da nossa anarchia mental e moral, que não permite nenhuma livre troca habitual dos sentimentos e dos pensamentos. Porem um uzo tão social, que ha pouco secundou muito o movimento filozofico donde rezultou a grande crize, não póde assim dezaparecer em um meio no qual a verdadeira sociabilidade tende, ao contrario, a melhor prevalecer. Ele retomará uma extensão mais vasta e mais decisiva, á medida que a nova filozofia congraçar os espiritos e os corações.

Tal é o modo natural que só convem ao exercicio publico da influencia feminina, ahi dignamente preponderante, com o pleno assentimento de todos os outros. Quando os salões estiverem assim reorganizados, eles perderão o seu antigo carater aristocratico, doravante tornado profundamente retrogrado. O salão pozitivista, sempre prezidido pela mulher, completará o sistema de reuniões habituais peculiar aos tres elementos gerais do poder moderador. Eles serão primeiro congregados solenemente nos templos da Humanidade, onde prezidem necessariamente os filozofos, ao passo que a participação das mulheres, como a dos proletarios, deve então permanecer sobretudo passiva. Nos clubs, onde o elemento popular domina naturalmente, os outros dois virão ainda juntar-se a ele, por uma assistencia simpatica porem silencioza. Enfim, os salões femininos dezenvolverão uma intimidade mais ativa e mais familiar entre as tres potencias moderatrizes, que aliás acolherão ahi cordialmente as influencias diretoras dignas de tal conjunto. E' ahi sobretudo que as mulheres farão

livremente prevalecer a sua doce diciplina moral, para reprimir, no estado nacente, todos os impulsos viciozos ou abuzivos. Um avizo indireto, porem oportuno e afetuozo, afastará então a miudo o filozofo de uma ambição extraviada ou de uma orgulhoza divagação. Os corações proletarios purificar-se-ão alhi habitualmente dos germens renacentes de violencia ou inveja, sob uma irrezistivel solicitude, cuja santidade eles apreciarão. Mediante uma delicada repartição do elogio e da censura os mais bem apreciados, os grandes e os ricos virão alhi sentir sinceramente que todas as superioridades quaisquer são moralmente destinadas ao serviço contínuo das inferioridades.

Por maior que seja a importancia real do oficio publico assim rezervado ás mulheres, no regimen final da humanidade, a sua nobre destinação social é sobretudo caraterizada pela sua augusta vocação domestica, fonte natural de toda a sua influencia como primeiro elemento necessario do poder moderador. Nenhuma filozofia atual póde dignamente consagrar essa baze espontanea da nossa verdadeira sociabilidade. A metafizica extendeu até lá a sua analize corroziva, sem que os seus sofismas sejão hoje racionalmente refutaveis. Porem os dogmas domesticos não sofrem menos do empirismo teologico, obstinando-se a retê-los sob a dezastroza proteção de crenças decahidas que, ha longo tempo, comprometem tudo que outrora garantião. Os cantos licenciozos dos trovadores nos atestão que, desde o fim da idade-média, os vãos protestos do sacerdocio erão impotentes contra os graves ataques que uma critica superficial dirigia já contra a santidade do laço conjugal. Essas reclamações pudérão ainda menos impedir em seguida o escandalozo acolhimento que obtiverão por toda parte essas frivolas maximas da imoralidade privada, publicamente aplaudidas, mesmo na prezença dos reis. Nada é, pois, mais chocante do que a cega pretenção da teologia a conservar a tutela dos dogmas domesticos, que ela não póde prezervar de uma discussão anarchica, e que não são verdadeiramente sustentados, entre os modernos, sinão por um feliz instinto publico, sobretudo feminino. Sem nenhuma outra sanção sistematica sinão uma ridicula ficção sobre a origem fizica da mulher, como terião eles rezistido a especiozos sofismas, quando a autoridade que os consagrava ficou tambem ela-mesma dezacreditada? Doravante só a filozofia pozitiva

póde garantí-los a um tempo contra a dissolução metafizica e contra a impotencia teologica, pela inalteravel ligação deles ao conjunto das leis reais da nossa natureza, pessoal e social. Esta relação será dogmaticamente estabelecida no segundo volume do novo tratado do qual este discurso é sómente o preludio sistematico. Forçado aqui a limitar-me a uma sumaria indicação sobre esse assunto fundamental, espero pelo menos que ela caraterizará a aptidão decíziva do pozitivismo a reorganizar enfim a verdadeira moralidade.

Uma grosseira apreciação, brutalmente formulada pelo herói retrogrado, * parece hoje não reconhecer á mulher outra vocação necessaria sinão a sua unica destinação animal, donde muitos utopistas destacarião mesmo a educação dos filhos, então abandonados á abstrata solicitude da patria. A teoria pozitiva do cazamento e da familia consiste sobretudo em tornar o principal oficio feminino plenamente independente de toda função propagadora, para fundá-lo diretamente sobre os mais eminentes atributos da nossa natureza.

Apezar da importancia moral da maternidade, um equivoco decizivo testemunha que o instinto publico considera a mulher como essencialmente caraterizada pela sua vocação de espoza. Alem de que o cazamento humano é muitas vezes esteril, uma indigna espoza não póde ser quazi nunca uma boa mãi. E' pois, a todos os respeitos, como simples companheira do homem, que o pozitivismo deve sobretudo apreciar a mulher, afastando a principio toda função materna. [2]

Assim concebido, o cazamento constitúi o grau mais elementar e mais perfeito da verdadeira sociabilidade, que não póde chegar em nenhum outro cazo a uma plena identificação. Nessa união, cuja ecelencia todas as linguas civilizadas testemunhão, o mais nobre fim da vida humana se acha atingido tanto quanto póde sê-lo. O pozitivismo reprezenta a nossa existencia como votada ao aperfeiçoamento universal, e ele eleva ao primeiro rango [3] o aperfeiçoamento

* Aluzão ao primeiro Bonaparte.— R. T. M.

2 Vide, a este respeito, a POLITICA, IV, ps 290 a 305. Ahi o nosso Mestre completa a sua teoria feminina mostrando a preponderancia da função materna no conjunto da missão santificadora peculiar á Mulher.— R. T. M.

3 Neologismo introduzido pelo Cid. Miguel Lemos.— R. T. M.

moral, caraterizado sobretudo pela subordinação da personalidade á sociabilidade. Ora, esse principio incontestavel, especialmente indicado na segunda parte deste discurso, conduz logo á verdadeira teoria do cazamento, de maneira a interdizer toda aberração e toda incerteza.

Com efeito, as diferenças naturais dos dois sexos, felizmente completadas pelas suas diversidades sociais, tornão cada um deles indispensavel ao aperfeiçoamento moral do outro. No homem, dominão evidentemente as qualidades peculiares á vida ativa, com a aptidão especulativa que lhe é inseparavel. Pelo contrario, a mulher é sobretudo votada á vida afetiva. Uma é superior em ternura como o outro para todos os generos de força. Nenhuma intimidade póde se comparar a de dois entes tão dispostos a se servirem e a se melhorarem mutuamente, ao abrigo de toda rivalidade habitual. A fonte plenamente voluntaria da sua união a fortifica por um novo atrativo, quando as escolhas são felizmente feitas e dignamente aceitas. Tal é, pois, na teoria pozitiva, a principal destinação do cazamento: completar e consolidar a educação do coração, dezenvolvendo as mais puras e mais vivas de todas as simpatias humanas.

Sem duvida, o sentimento conjugal emana primeiro, sobretudo no homem, de um instinto sexual, que é puramente egoista, e sem o qual, todavia, a afeição mutua teria, de ordinario, demaziado pouca energia. Mas o coração mais amante da mulher tem muito menos precizão, em geral, dessa grosseira ecitação. Desde então, a sua pureza superior reage felizmente para enobrecer o apego masculino. A ternura é, em si-mesma, tão doce de experimentar-se, que, quando ela começou sob um impulso qualquer, tende a perzistir pelo seu proprio encanto, após a cessação da estimulação inicial. Então a união conjugal torna-se o melhor tipo da verdadeira amizade, que uma incomparavel posse mutua embeleza. Pois a amizade não póde ser completa sinão de um sexo para outro, porque então sómente ela se acha izenta de toda concurrencia atual ou possivel. Nenhuma outra ligação voluntaria comporta uma plenitude assimelhavel de confiança e de abandono. Tal é, pois, a unica fonte onde possamos saborear inteiramente a verdadeira bem-aventurança humana, consistente sobretudo em viver para outrem.

Mas, alem do seu proprio valor, essa santa união toma

uma nova importancia social, como primeira baze indispensavel do amor universal, fito definitivo da nossa educação moral. Indiquei, na segunda parte, quanto é falsa e perigoza a opozição que tantos pretensos socialistas vêm hoje entre esses dois termos extremos da evolução do coração humano. Aquele que não póde apegar-se profundamente ao ente que havia escolhido para a mais intima associação, parecerá sempre muitissimo suspeito no devotamento que ostenta para com uma multidão desconhecida. O nosso coração não póde libertar-se dignamente da sua personalidade primitiva, sinão pela unica intimidade que seja completa e duravel, em razão mesmo da sua destinação excluziva. Dado esse passo decizivo, ele se eleva gradualmente a uma sincera universalidade de afeição habitual, propria para modificar ativamente a conduta, embora com uma energia decrecente á medida que o laço se estende. O instinto publico sente já essa solidariedade necessaria, claramente indicada pela verdadeira teoria da natureza humana, que a colocará definitivamente ao abrigo de todo ataque metafizico. Quanto mais sistematico se tornar o imperio moral da mulher, mediante o impulso pozitivista, tanto mais bem se apreciará a profunda sabiduria do uzo vulgar que procurou sempre na vida privada as melhores garantias da vida publica. Um dos sinais menos equivocos da universal decompozição moral inherente á nossa anarchia mental, resalta da vergonhoza legislação, não revogada ainda, segundo a qual, ha vinte anos, toda a vida privada foi *murada* em França, por psicologos que, sem duvida, tinhão precizão de tal muro.

Basta haver apanhado a principal destinação do laço conjugal para comprehender logo as suas condições necessarias, em relação ás quais a intervenção social não tende, em geral, sinão a consolidar e a aperfeiçoar a ordem natural.

Primeiro que tudo, essa união fundamental não póde atingir o seu fim essencial sinão sendo ao mesmo tempo excluziva e indissoluvel. Esses dois caracteres lhe são a tal ponto peculiares que as ligações ilegais mesmas tendem a manifestá-los. Só a auzencia atual de todos os principios morais e sociais permite comprehender que se tenha ouzado erigir doutoralmente a inconstancia e a frivolidade das afeições em garantias essenciais da felicidade humana. Nenhuma intimidade póde ser profunda sem concentração

e sem perpetuidade; pois a só idéia da mudança a provoca então. Entre dois entes tão diversos como o homem e a mulher, é porventura demaziado a nossa curta vida para se bem conhecerem e se amarem dignamente? Entretanto, os corações são, de ordinario, tão versateis que a sociedade deve intervir afim de evitar irrezoluções ou variações cujo livre curso tenderia a fazer degenerar a existencia humana em uma deploravel serie de ensaios, sem sahida como sem dignidade. O instinto sexual não póde tornar-se um poderozo meio de aperfeiçoamento sinão sob uma constante e severa dicíplina, cuja necessidade seria assás confirmada contemplando, fóra da grande republica ocidental, as numerozas populações que ainda não puderão institui-la suficientemente. Em vão se tem pretendido reduzir a uma simples condição de clima a escolha entre a poligamia e a monogamia. Essa frivola hipoteze é tão contraria á observação universal como á san teoria da humanidade. Aperfeiçoando sempre a instituição do cazamento, assim como qualquer outra, por toda parte a nossa especie parte da mais completa poligamia e tende para a mais perfeita monogamia. Ao norte, como ao sul, encontra-se o estado poligamo, remontando assás o curso das idades sociais: ao sul, como ao norte, o estado monogamo prevalece á medida que a sociabilidade se dezenvolve; o proprio oriente já o está tocando hoje, nas suas populações mais ocidentalizadas.

A monogamia ocidental constitûi, pois, uma das mais preciozas instituições que devamos á idade-média. Ela contribuiu talvez mais do que nenhuma outra para a esplendida superioridade social da grande familia moderna. Embora o divorcio a tenha gravemente alterado nas populações protestantes, essa aberração temporaria é ahi muito contida pelas santas repugnancias do sentimento feminino e do instinto proletario, que limitão os seus estragos ás classes privilegiadas. A recrudecencia empirica da metafizica oficial póde hoje sucitar alguns receios serios sobre a extenção franceza de tal flagelo. Mas a san filozofia chega a tempo para conter essencialmente essas tendencias efemeras e facticias, radicalmente contrarias ao conjunto dos costumes modernos. Essa luta póde ser dirigida de maneira a apressar o advento da san teoria conjugal. O pozitivismo tem tanto mais lugar de contar com isso quanto o seu espirito, sempre sabiamente relativo,

lhe permite fazer, sem nenhuma inconsequencia enervante, concessões ecepcionais, que o carater necessariamente absoluto de toda doutrina teologica interdizia. Só tal filozofia póde conciliar a indispensavel generalidade das diversas regras morais com as eceções motivadas que todas as prescrições praticas exigem.

Mas, longe de nada ceder assim ás tendencias anarchicas, ela aperfeiçoará a unidade fundamental do cazamento humano, fazendo consagrar pelos nossos costumes, embora sem nenhuma van injunção legal, o dever da viuvez eterna, complemento final da verdadeira monogamia. O instinto vulgar sempre honrou, mesmo no homem, essa escrupuloza concentração do coração. Nenhuma doutrina foi todavia assás pura até aqui, ou assás energica, para ouzar impô-la. Em virtude do acedente superior que é proporcionado por uma plena sistematização, sempre disposta a motivar as suas decizões sobre o conjunto das leis reais, o pozitivismo prescreverá facilmente a todas as almas delicadas uma obrigação complementar que decorre do mesmo principio que a regra fundamental. Pois que, si o cazamento pozitivista é sobretudo destinado a aperfeiçoar o coração humano, a viuvez torna-se uma consequencia natural da unidade do laço. O olvido de toda moralidade sistematica impede hoje de sentir a grandeza moral inherente a essa constancia postuma, que tantas mulheres praticárão outrora dignamente. Mas um profundo conhecimento da nossa verdadeira natureza reprezenta tal consagração como uma precioza fonte de aperfeiçoamento, facilmente realizavel, mesmo na mocidade, entre todos os homens nobremente organizados. Com efeito, a viuvez voluntaria oferece, ao espirito e ao corpo tanto como ao coração, todas as vantagens essenciais da castidade, sem expôr aos graves perigos morais do celibato. Essa eterna adoração de uma memoria que a morte torna mais tocante e mais fixa permite a toda grande alma, sobretudo filozofica, votar-se melhor ao serviço ativo da Humanidade, utilizando ahi a precioza reação publica de uma digna afeição privada. Assim, a verdadeira felicidade individual concorre com o bem comum para prescrever tal dever a todos aqueles que aprecião sanmente uma e outro.

Esse santo prolongamento do mais perfeito dos vinculos, alem da intima satisfação que proporciona sempre, achará aliás uma recompensa natural em uma extensão ainda

superior. Si a ligação sobreviveu a um, porque a gratidão publica não a garantirá tambem depois do outro, envolvendo no mesmo ataúde esses corações que a morte não pôde disunjir? Essa solene eternização de um digno cazamento poderia algumas vezes ser decernida de antemão quando os verdadeiros orgãos do sentimento publico o julgassem assás merecida. Ela ecitaria então a novos serviços aquele que visse nisso o penhor assegurado da plena identificação final das duas memorias. O passado nos oferece já alguns exemplos espontaneos de tal solidariedade, como entre Dante e Beatriz, ou Laura e Petrarca. Mas esses cazos ecepcionais não podem dar uma justa idéia dessa nova instituição, que pareceria assim limitada a eminentes anomalias. Ligando por toda parte a vida privada á vida publica, alem de toda possibilidade anterior, a regeneração final permitirá aplicar a mesma recompensa a todos os corações que a houverem merecido entre os limites locais da sua propria apreciação.

Eis como a ternura pozitivista achará naturalmente preciozas consolações, sem lamentar chimeras que dominavão degradão tanto o coração como o espirito. A superioridade moral do novo regimen se manifesta, mesmo a este respeito, em que ele não consola sinão fortificando o vinculo. Pois que, as consolações cristans tão preconizadas dispõe a outras uniões, que alterão a principal eficacia do cazamento, e que mesmo sucitão uma ambiguidade de afeição pouco compativel com a vaga utupia teologica. Até o pozitivismo, nenhuma doutrina havia dogmaticamente prescrito a viuvez, nem instituido a comunidade de ataúde como o duplo complemento extremo da monogamia humana. E' aperfeiçoando assim a nossa grandeza moral que a nova filozofia deve sempre responder a prevenções estupidas ou a infames calunias.

O pozitivismo torna pois a teoria do cazamento independente de toda destinação fizica, reprezentando esse vinculo fundamental como a principal fonte de aperfeiçoamento moral, e, por consequencia, como a baze essencial da verdadeira felicidade humana, tanto publica como privada. Essa purificação sistematica tem tanto mais valor, quanto, sem supôr nenhuma exaltação ecepcional, ela rezulta sómente de um estudo aprofundado da humanidade. Toda a eficacia pessoal e social do cazamento seria assim realizavel em uma união que, embora mais terna, permane-

esse sempre tão casta como o laço fraterno. Apezar do ıstinto sexual ser ordinariamente indispensavel, sobreudo no homem, para a ternura inicial, a afeição póde se lezenvolver sem que ele se satisfaça. Contanto que a reıuncia se ache, de parte a parte, assás motivada, ela stimula mais o apego mutuo.

Depois de haver assim apreciado a destinação propria lo cazamento, independentemente de toda a maternidade, ı teoria sociologica da mulher deve se completar conceıendo o oficio materno como uma extensão necessaria da uissão moral que carateriza a espoza.

Sob esse novo aspeto, o pozitivismo releva ainda a lignidade feminina, atribuindo á mãi a principal direção lo conjunto da educação domestica, da qual a educação ›ublica não constitũi em seguida sinão o complemento istematico, segundo as indicações da terceira parte.

Esta decizão filozofica rezulta do principio fundamental ıue, no estado normal da sociedade geral, contia necessariamente a educação ao poder espiritual, que a mulher reprezenta naturalmente no seio de cada familia. Tal regra não choca os preconceitos atuais sinão em virtude da tendencia revolucionaria do espirito a prevalecer sobre o coração, desde o fim da idade-média. Os modernos forão assim conduzidos a descurar de mais em mais a parte moral da educação, para se preocuparem desmezuradamente da sua parte intelectual. Mas, terminando o estado revolucionario pela preponderancia sistematica do coração sobre o espirito, o pozitivismo restitũi á educação moral a sua preeminencia natural, como o indiquei acima. Desde então, as mulheres, que serião, com efeito, pouco apropriadas para dirigir a instrução atual, retomarão, melhor do que na idade-média, a prezidencia geral de uma educação na qual a moral dominará sempre, e onde, até a puberdade, os unicos estudos seguidos se reduzirão a exercicios esteticos. Os nossos cavalheirescos avoengos erão, de ordinario, criados assim sob o acendente feminino, e por certo sem por isso ficar amolecidos. Si, pois, tal preparação conveio a guerreiros, como poder-se-ia receiá-la para com uma sociedade pacifica? Os homens não são indispensaveis sinão para a instrução, tanto teorica como pratica. Quanto á educação moral, os filozofos não deverão apoderar-se dela, como o indiquei, sinão na idade em que ela se torna sistematica, isto é, durante os ultimos anos

que precedem á maioridade. Mesmo a principal influencia
moral deles se ha de exercer sobre os homens feitos p..
conduzí-los na existencia real, quer privada, quer publica
a uma justa aplicação especial dos principios inculcados
na juventude. Toda a moral espontanea, isto é, a educação
dos sentimentos, aquela que, no fundo, mais afeta o con-
junto da vida, deve depender essencialmente das mãis.
E' sobretudo a esse titulo que importa deixar sempre
aluno no seio de sua familia, suprimindo os claustros
escolasticos, como o propuz.

A preeminencia natural das mulheres para esse ofi..
fundamental será sempre respeitada profundamente pe..
verdadeiros filozofos. Eles não esquecerão nunca que e
entes mais simpaticos são necessariamente os mais pro-
prios para dezenvolver em outrem as afeições que dev..
prevalecer. Consagrando a sabiduria vulgar, a filozofia
pozitiva reprezentará sempre a cultura do coração como
mais importante do que a do espirito. A sua realidade
carateristica a impede de exagerar jamais a eficacia da
sistematização, e de menosprezar as condições essenciais
desta. Não se póde verdadeiramente sistematizar, sobre-
tudo em moral, sinão o que preexiste espontaneamente.
Assim, nada dispensa de um surto proprio e direto dos di-
versos sentimentos humanos, anterior a toda diciplina
filozofica. Esse oficio fundamental, que começa com .
vida, e que permanece durante todo o curso do dezenvol-
vimento fizico, pertence necessariamente ás mulheres. A
aptidão delas é tal, a este respeito, que, em falta da mãi
uma extranha bem escolhida conviria melhor, de ordi-
nario, do que o proprio pai, si ela pudesse assás incorpo-
rar-se á familia. Só almas nas quais o sentimento domina
podem comprehender-lhe dignamente a importancia. Só
elas sabem realmente que a maioria dos atos humanos,
sobretudo na idade joven, devem muito menos ser apre-
ciados em si-mesmos do que pelas tendencias que mani-
festão e os habitos que sucitão. Em relação ao sentimento,
não ha ações indiferentes. Assim julgados, os menores
atos da criança podem assistir o duplo preceito funda-
mental de toda a educação pozitiva, tanto espontanea
como sistematica, dezenvolver a sociabilidade, e amortecer
a personalidade. As ações pouco importantes são mesmo
as mais proprias para permitir primeiro a san apreciação
dos sentimentos correspondentes, sobre os quais a obser-

ação póde então melhor concentrar-se, sem ser distrahida or circunstancias especiais. Alem disso, é sómente em irtude de pequenos esforços que a criança póde começar dificil aprendizagem da luta interior que dominará toda sua vida, para subordinar gradualmente os impulsos goistas aos instintos simpaticos. Sob esses diversos aspe- os, o preceptor mais eminente, mesmo pelo coração, stará sempre abaixo de toda digna mãi. Embora esta ossa ser incapaz de formular ou de motivar as suas deci- ões habituais, a eficacia final fará ordinariamente ressaltar superioridade real da sua dicipliua moral. Nenhum utro regimen poderia apanhar tanto as ocaziões proprias ara caraterizar, sem afetação, o encanto natural dos bons entimentos e a inquietude vinculada ás inspirações goistas.

Esta teoria sociologica da mãi vem naturalmente ligar se á da espoza, pois que a preponderancia materna, ape- ar do seu decrecimo espontaneo, continúa a dirigir o urto do coração até a idade ordinaria do cazamento. Então o homem, educado involuntariamente pela mulher, contrahe para com ela, para todo o resto da sua carreira, uma subordinação voluntaria, que completa a sua educa- ção moral. O ente destinado á ação vem fazer consistir a ua principal ventura em sofrer dignamente o salutar scendente do ente votado á afeição,

O oficio fundamental, ao mesmo tempo privado e pu- blico, assinado á mulher no regimen pozitivo, não cons- titúi, pois, a todos os respeitos, sinão um vasto dezenvol- vimento sistematico da sua propria natureza. Uma vocação tão homogenea e tão determinada não póde deixar ne- nhuma grave incerteza sobre a pozição social correspon- dente. Nenhum outro cazo essencial póde melhor confir- mar este principio universal da arte humana: a ordem artificial consiste sempre em consolidar e melhorar a or- dem natural.

Todas as idades de tranzição têm sucitado, como a nossa, aberrações sofisticas sobre a condição social das mulheres. Mas a lei natural que assina ao sexo afetivo uma existencia essencialmente domestica, jamais foi gra- vemente alterada. Essa lei é a tal ponto real, que sempre prevaleceu espontaneamente, embora os sofismas contra- rios ficassem sem refutação suficiente. A ordem domestica rezistiu aos subtis ataques da metafizica grega, então

animada de uma verve juvenil, e agindo sobre espiritos incapazes de nenhuma defeza sistematica. Não se póde, pois, conceber hoje receios sérios, vendo surgirem da nossa profunda anarchia mental, algumas vans reproduções das utopias subversivas contra as quais a energica satira de Aristofanes sobrelevava assás o instinto publico. Embora a auzencia de todos verdadeiros principios sociais seja agora mais completa do que durante a tranzição do politeismo para o monoteismo, a razão humana está em campensação muito mais bem dezenvolvida, e sobretudo o sentimento o está ainda mais. As mulheres estavão então demaziado rebaixadas para repelirem dignamente, mesmo pelo seu silencio, as doutorais aberrações dos seus pretensos defensores, que não tinhão pois a lutar sinão contra a razão. Mas, entre os modernos, a feliz liberdade das mulheres ocidentais lhes permite manifestarem repugnancias decizivas, que bastão, em falta de retificação racional, para neutralizar essas divagações do espirito inspiradas pelo desregramento do coração. E' o sentimento feminino quem só contêm hoje as devastações praticas que essas tendencias anarchicas parecerião dever produzir. A ociozidade agrava tal perigo nas nossas classes privilegiadas, onde a riqueza exerce aliás uma funesta influencia sobre a constituição moral das mulheres. Todavia, mesmo ahi, o mal é realmente pouco profundo ou muito restrito. Nunca se seduziria muito os homens, e ainda menos as mulheres, acariciando as suas más inclinações. Não ha de verdadeiramente temiveis sinão as seduções que se endereção aos nossos bons pendores, para desnaturar-lhes a direção. Devaneios que chocão diretamente todas as delicadezas femininas não podião pois obter nenhum acendente real, mesmo nos rangos mais bem dispostos a acolhê-los. Porem, no povo, onde as suas devastações serião tão dezastrozas, a repulsão é muito mais deciziva, porque a existencia proletaria indica mais aos dois sexos a sua verdadeira situação respectiva. Assim, no cazo sobretudo em que mais importa consolidar os dogmas domesticos, o pozitivismo achará poucos obstaculos á admissão completa da sua teoria natural sobre a condição social das mulheres segundo a destinação fundamental que acabo de lhes assinalar.

Na sua mais sistematica apreciação, essa teoria decorre do grande principio relativo á separação normal das duas potencias elementares, que domina todas as altas questões

ıis. Porque os motivos que concentrão a existencia nina no seio da familia, sem nenhuma participação omando, mesmo domestico, não são, no fundo, sinão mais completa aplicação dos que interdizem,em geral, poder moderador todo exercicio do poder diretor. Pois as mulheres constituem o elemento mais puro e mais ontaneo da força moral, elas devem melhor preencher ondições que lhe são proprias. A influencia afetiva as carateriza exige, ainda mais do que a aptidão espetiva, uma estrita renuncia á atividade habitual do dirigente. Si, portanto, os filozofos devem abster-se negocios praticos, as mulheres deverião tambem, por s forte razão, renunciar a estes, quando mesmo a ordem ural da sociedade lhes deixasse a escolha de tal. que a delicadeza do sentimento, que constitûi o merito encial delas e a fonte do seu verdadeiro acendente, inda mais alteravel pela vida ativa do que a nitidez e eneralidade dos principios teoricos. O exercicio da autoade pratica não póde se conciliar com o surto habitual espirito de conjunto, porque ele preocupa a inteligencia n questões especiais. Porem ele prejudica mais a pua das afeições dezenvolvendo os impulsos egoistas. Esse igo seria tanto menos evitavel para as mulheres, quanto coração delas eminentemente terno carece ordinariante de energia, de maneira a não poder lutar assás itra as influencias corruptoras. Quanto melhor se aproıdar esse assunto fundamental, tanto mais sentir-se-á e. longe de lezar a verdadeira vocação delas, a sua uação social é muito apropriada a dezenvolver, e esmo a aperfeiçoar, as suas qualidades principais. ordem natural das sociedades humanas é, a todos os speitos, muito menos vicioza do que o indicão hoje gas declamações. Sem o reinado espontaneo da preponrancia material, a força moral seria desnaturada, como rdendo a sua destinação carateristica. Os filozofos e os oletarios alterarião em breve as suas altas qualidades de pirito e de coração si obtivessem o acendente temporal. orem o exercicio do comando corromperia ainda mais a ıtureza feminina. Essa tendencia é demaziado apreciavel as classes superiores, onde a riqueza proporciona muitas ezes ás mulheres uma funesta independencia, e mesmo m poder abuzivo. Eis sobretudo o que obriga a procurar, ntre os proletarios, o melhor tipo feminino, porque a ter-

nura ahi dezenvolve-se melhor e ahi obtem mais e se justo acendente. A riqueza contribûi ainda mais do que a ociozidade e a dissipação para a degradação moral das mulheres privilegiadas.

A este respeito, como a qualquer outro, o progresso contínuo da humanidade não faz sinão melhor dezenvolver a ordem fundamental. Longe da situação respetiva dos dois sexos tender em nada para a igualdade que a natureza lhes interdiz, o conjunto do passado confirma nitidamente a tendencia constante da evolução humana a caraterizar mais as suas diferenças essenciais. Apezar do melhoramento capital que a idade-média trouxe á condição social das mulheres ocidentais, ela lhes tirou as funções sacerdotais que elas partilhavão com os homens sob o regimen politeico, no qual o sacerdocio era antes estetico do que sientifico. A medida que o principio das castas foi perdendo entre os modernos, o seu antigo ascendente, as mulheres fôrão sendo excluidas da realeza e de qualquer outra autoridade politica. As menores funções praticas manifestão uma tendencia equivalente a afastar de mais em mais as mulheres das diversas profissões industriais, mesmo daquelas que parecem dever melhor convir-lhes. Assim, a existencia feminina se concentra mais na familia, em lugar de desprender-se desta, ao mesmo tempo que ela dezenvolve melhor um legitimo acendente moral. Longe de se contrariarem, essas duas tendencias são, pelo contrario, necessariamente solidarias.

Sem discutir vans utopias retrogradas, importa sentir, para melhor apreciar a ordem real, que, si as mulheres obtivessem jamais essa igualdade temporal que os seus pretensos defensores pedem, sem a aquiecencia delas, as suas garantias sociais sofrerião com isso tanto como o seu carater moral. Porque elas se acharião assim sujeitas, na maioria das carreiras, a uma ativa concurrencia diaria que não poderião sustentar, ao mesmo tempo que a rivalidade pratica corromperia as principais fontes da afeição mutua.

Em lugar desses sonhos subversivos, um principio natural garante plenamente a existencia feminina, fixando os deveres temporais do sexo ativo para com o sexo afetivo. Só o pozitivismo póde, em virtude da sua realidade caraterística, sistematizar esse principio, de maneira a fazê-lo dignamente prevalecer. Mas a nova filozofia o

criou a tendencia universal que ela proclama assim, em virtude de uma justa apreciação do conjunto do movimento humano. *O homem deve sustentar a mulher:* tal é a lei natural da nossa especie, em harmonia com a existencia essencialmente domestica do sexo afetivo. Esta regra, manifestada mesmo pela mais grosseira sociabilidade, se dezenvolve e se aperfeiçôa á medida que a evolução humana se vai consumando. Todos os progressos materiais reclamados pela situação atual das mulheres se reduzem a melhor aplicar esse principio fundamental, cujas consequencias devem reagir sobre todas as relações sociais, sobretudo quanto aos salarios industriais. Conforme a uma tendencia espontanea, essa regra se liga á nobre destinação das mulheres como elemento afetivo do poder moderador. A obrigação é então analoga áquela que presreve á classe ativa de sustentar a classe especulativa, afim de que esta possa entregar-se dignamente ao seu oficio fundamental. Sómente os deveres materiais do sexo ativo para com o sexo afetivo são ainda mais sagrados, em consequencia mesmo da concentração domestica exigida pelo oficio feminino. Relativamente aos pensadores, a obrigação dos praticos é apenas coletiva; porem, quanto ás mulheres, ela é sobretudo individual. Todavia, essa responsabilidade direta, que peza especialmente sobre cada homem para com a companheira que ele escolheu, não dispensa o conjunto do sexo ativo de uma analoga obrigação indireta em relação a todo o sexo afetivo. Em falta do espozo, e dos parentes, a sociedade deve garantir a existencia material de cada mulher, quer em compensação de uma inevitavel dependencia temporal, quer sobretudo em vista de um indispensavel oficio moral.

Tal é, pois, neste assunto, o verdadeiro sentido geral da progressão humana: tornar a vida feminina de mais em mais domestica, e dezembaraçá-la mais de todo trabalho exterior, afim de melhor assegurar a sua destinação afetiva. Os privilegiados já reconhecêrão que todo esforço penozo deve ser poupado ás mulheres. E' esse quazi o só cazo em que os nossos proletarios devão imitar, quanto ás relações dos dois sexos, os costumes dos seus chefes temporais. A qualquer outro respeito, o povo ocidental sente melhor do que estes os deveres praticos dos homens para com as mulheres; ele coraria até o mais das vezes das barbaras corvéias impostas ainda a tantas mulheres,

si o nosso regimen industrial já permitisse evitar tal monstruozidade. E' sobretudo entre os nossos grandes e os nossos ricos que se vêm esses vis mercados, aliás tão frequentemente fraudalozos, nos quais uma imoral intervenção determina ao mesmo tempo a degradação de um sexo e a corrupção do outro. Fazendo melhor ressaltar a verdadeira vocação da mulher, e alargando mais a escolha conjugal, os costumes modernos vão extinguindo rapidamente a vergonhoza venalidade rezultante assim do uzo dos dotes, já quazi nulo entre os nossos proletarios. O principio pozitivista sobre as obrigações materiais do homem para com a mulher afastará sistematicamente este resto de barbaria, mesmo entre os nossos privilegiados. Para melhor conseguí-lo, bastará realizar uma ultima consequencia da teoria sociologica do sexo afetivo, interdizendo toda herança ás mulheres. Sem essa supressão, a dos dotes seria iludida por um desconto espontaneo. Desde que a mulher é dispensada de toda produção material, é ao homem só que devem reverter os instrumentos de trabalho que cada geração prepara para a seguinte. Longe de constituir nenhum viciozo privilegio, tal modo de transmissão se liga naturalmente a uma grave responsabilidade. Não é entre as mulheres que essa medida complementar sucitará uma séria opozição. Uma san educação lhes fará aliás comprehender a utilidade pessoal disso, para prezervá-las de indignos pretendentes. Essa importante prescrição não deve mesmo tornar-se legal sinão depois de haver livremente prevalecido nos costumes, pela universal convicção da sua aptidão a consolidar a nova constituição domestica. *

Para acabar de caraterizar a condição social das mulheres no regimen pozitivo, basta indicar, segundo a mesma teoria, a natureza da sua educação.

O seu oficio fundamental dissipa, a este respeito, toda incerteza, manifestando a obrigação de extender a ambos os sexos, de uma maneira quazi uniforme, o sistema de educação geral acima destinado aos proletarios. Esse sistema sendo dezembaraçado de toda especialidade, convêm tanto ao elemento simpatico do poder moderador como ao elemento sinergico, mesmo quanto aos estudos sientificos. Si, quanto aos proletarios, reconhecemos quanto é

* O nosso Mestre reconheceu e proclamou em breve que essa instituição não devia nunca tornar-se *legal*. — R. T. M.

ıdispensavel a san teoria historica, similhante necessi-
ade se extende tambem ás mulheres, afim de dezenvolver
ignamente nelas o sentimento social, sempre imperfeito
aquanto a continuidade não completa ahi a solidariedade.
ra, aplicando a ambos os sexos a precizão de tal estudo,
da sistematização moral que deste rezulta, não se póde
ntão desconhecer uma igual urgencia da preparação sien-
fica que ele supõe, e que aliás oferece diretamente a
dos uma importancia equivalente. Enfim, pois que as
ıulheres devem prezidir a toda a educação espontanea,
precizo que elas tenhão tambem participado da educa-
ão sistematica que constitûi o indispensavel complemento
esta. Não ha de verdadeiramente particular aos homens
inão o que se chama a educação profissional, que reco-
ıhecemos não comportar finalmente nenhuma organização
ropria, por dever sobretudo rezultar de um judiciozo
xercicio, sucedendo a um criteriozo surto teorico. As mu-
heres terão, pois, como os filozofos, a mesma educação
que os proletarios.

Todavia, proclamando essa igual participação de ambos
os sexos, estou longe de pensar, com o meu ilustre pre-
cursor Condorcet, que as suas lições publicas devão ser
simultaneas. A apreciação moral que deve sempre preva-
lecer, interdiz altamente similhante mescla, como igual-
mente funesta aos dois sexos. E' no templo, no club, e no
salão, que eles deverão juntar-se livremente, durante toda
a sua carreira. Porem, na escola, esses contatos prema-
turos impedirião cada um deles de dezenvolver o seu
proprio carater, alem da evidente perturbação que expe-
rimentarião por isso os seus estudos. Até que, de parte a
parte, os sentimentos estejão assás formados, importa
muito que as suas relações conservem-se parciais e cir-
cunscritas, sob a constante vigilancia das mãis.

Contudo, essa obrigação de separar as lições publicas
dos dois sexos, embora os estudos sejão então os mesmos,
não deve de modo algum conduzir a instituir para as mu-
lheres professores especiais. Tal instituição, além dos seus
inconvenientes financeiros, tenderia sobretudo a desna-
turar a educação feminina, sucitando um preconceito ine-
vitavel sobre a inferioridade dos seus orgãos proprios.
Para que a instrução fundamental seja verdadeiramente a
mesma em ambos os sexos, é precizo que os professores
sejão comuns, apezar da separação das lições. O plano

indicado na terceira parte deste Discurso concilia facilmente estas duas condições, não adstringindo cada filozofo sinão a uma só sessão hebdomadaria, e ás vezes duas. Tal serviço póde ser facilmente dobrado, sem atingir ainda ás mizeraveis corvéias dos mestres atuais. Devendo aliás cada filozofo percorrer então sucessivamente os sete graus anuais do ensino pozitivo, a obrigação de ensinar separadamente os dois sexos poderia regular-se de maneira a dispensar o professor de toda fastidioza repetição. Destarte, os homens distintos que serião sempre encarregados desse duplo oficio ficarião em breve esclarecidos, pela experiencia, sobre a diversidade didatica correspondente á diferença natural dos auditorios, sem entretanto alterar jamais a homogeneidade necessaria dos metodos e das doutrinas.

Realçando, aos olhos de todos, a dignidade dos estudos femininos, essa identidade de orgãos deve tambem exercer uma feliz reação sobre o carater intelectual e moral dos funcionarios filozoficos. Eles serão assim mais bem desviados das especialidades ociozas, e espontaneamente reduzidos ás vistas de conjunto. A subordinação fundamental do espirito para com o coração se lhes tornará tambem mais familiar, frequentando ao mesmo tempo as naturezas as mais racionais e as mais sentimentais. Essa igual destinação aos dois sexos completará a universalidade enciclopedica dos novos filozofos. Assim obrigados a tratarem indiferentemente todas as diversas ordens de concepções reais, e de interessar igualmente dois auditorios tão diferentes, é bem força que o seu merito pessoal fique ao nivel do seu oficio social. Mas, ao mesmo tempo, o conjunto dessas condições tende a tal ponto a diminuir o numero deles, que se poderá achar bastantes homens distintos para realizar tal plano, quando o seu recrutamento fôr criteriozamente instituido e a sua existencia material dignamente garantida. Não esqueçamos aliás que a sua corporação deve ser ocidental, e de modo algum nacional; de sorte que os funcionarios pozitivistas mudarão ainda mais a miudo as suas rezidencias do que o fizerão, na idade-média, os dignatarios catolicos. Combinando todas essas considerações, reconhecer-se-á logo que a educação pozitiva póde ser largamente organizada, em ambos os sexos, para todos os habitantes do Ocidente, sem exigir a metade das despezas inuteis, ou antes nocivas, que hoje são acarretadas

5 pelo clero anglicano. Cada funcionario filozofico acharia ntretanto uma digna existencia material, sem que nehum fosse jamais degradado pela riqueza. Um corpo de ez mil filozofos bastaria hoje, e talvez sempre, para todas s exigencias espirituais das cinco populações ocidentais; ois que ele permitiria instituir, em mil pontos pelo menos o territorio pozitivista, o sistema completo do ensino eptenario. A influencia das mulheres e a dos proletarios ião póde jamais tornar-se assás sistematica para dispensar de modo algum a intervenção filozofica. Entreanto a sua incorporação crecente ao conjunto do poder noderador diminuirá a extensão ulterior da classe puranente especulativa, que o regimen teologico multiplicou nuito demaziadamente. O privilegio do conforto sem produção será desde então assás raro e assás merecido para ião sucitar nenhuma recriminação legitima. Sentir-se-á or toda parte que as despezas consagradas á existencia ilozofica, como á existencia feminina, longe de serem merozas á sociedade ativa, constituem a mais precioza fonte do seu aperfeiçoamento e da sua verdadeira felicidade, assegurando o justo surto das funções especulativas e afetivas que caraterizão a humanidade.

Todas as questões relativas á teoria sociologica da mulher se rezolvem, pois, sem incerteza, mediante o principio fundamental posto, no principio desta quarta parte, sobre a destinação social do sexo afetivo, em virtude da sua constituição natural. Orgãos espontaneos do sentimento que prezide sozinho á unidade humana, as mulheres constituem o elemento mais direto e mais puro do poder moderador, destinado a moralizar de mais em mais o imperio necessario da força material. A esse titulo, elas são encarregadas, primeiro como mãis, depois como espozas, da educação moral da Humanidade. Dahi rezulta a existencia delas cada vez mais domestica, e a sua participação cada vez mais completa na instrução geral, afim de que a sua situação tenda sempre a melhor dezenvolver-lhes a vocação.

E' agora facil completar esta apreciação sumaria caraterizando tambem a recompensa natural de tal fadario.

Nenhuma outra vocação faz sentir tanto até que ponto a felicidade de cada ente consiste sobretudo em dezenvolver o seu oficio espontaneo. Porque as mulheres não têm todas, no fundo, sinão uma mesma missão, a de amar.

Mas é a unica que admite um numero ilimitado de orgãos e que, longe de temer nenhuma concurrencia, se extende pelo concurso. Encarregadas de entreter a fonte afetiva da unidade humana, as mulheres são, pois, tão felizes quanto o possão ser quando sentem dignamente a sua verdadeira vocação, e a podem seguir livremente. O seu oficio social tem isso de admiravel que ele as convida a dezenvolverem o seu instinto natural, e lhes proporciona as emoções que cada um prefere a todas as outras. Assim, as mulheres não têm, em geral, de pedir á regeneração final sinão que melhor adapte a situação delas á destinação que lhes é peculiar, quer dispensando-as de toda atividade exterior, quer assegurando-lhes a justa influencia moral. Ora, o regimen pozitivo satisfará diretamente esse duplo voto, pelo conjunto dos melhoramentos materiais, mentais, e morais, que ha de realizar na existencia feminina.

Mas, alem dessa recompensa natural de um venturoso oficio, o pozitivismo deve consumar, em relação ás mulheres, o que a idade-média não pôde sinão esboçar, sistematizando o reconhecimento contínuo que ha de inspirar de mais em mais o salutar acendente moral delas. Em uma palavra, só a nova doutrina universal póde instituir dignamente o culto, ao mesmo tempo publico e privado, da Mulher. Será esse o primeiro grau permanente do culto fundamental da Humanidade, no qual a concluzão deste discurso colocará finalmente o centro geral do pozitivismo, tanto filozofico como politico.

Os nossos cavalheirescos antepassados fizerão, neste particular, admiraveis tentativas, que não são mais apreciadas sinão pelas mulheres. Porem os nobres esforços deles não podião bastar, quer em razão de uma sociabilidade demaziado militar, quer em virtude da insuficiencia social da doutrina dominante. Todavia, eles deixárão lembranças imperecíveis, e mesmo lhes devemos ainda a melhor parte dos nossos costumes ocidentais, embora já muito alterados pela nossa anarchia.

A filozofia negativa do seculo ultimo reprezentou a cavalaria como não podendo jamais reviver, por estar ligada a crenças doravante retrogradas. Mas essa solidariedade era mais aparente do que real, e aliás puramente temporaria. Ela foi viciozamente exagerada pelos modernos defensores do catolicismo, que não podião assás dicernir a fonte afetiva dessa admiravel instituição sob a sua consa-

gração teologica. O sentimento feudal constituiu certamente a origem direta e natural da cavalaria, que sómente pediu em seguida ao catolicismo a unica sanção sistematica que ela podia então achar. No fundo, o principio teologico era pouco conforme ao impulso cavalheiresco; um concentrava a solicitude humana sobre um futuro chimerico, ao passo que o outro dirigia toda a nossa energia para a existencia real. Sempre colocado entre o seu deus e a sua dama, o cavalheiro da idade-média não podia conhecer essa plena unidade moral que era só o que teria inteiramente dezenvolvido a sua nobre missão voluntaria.

Tocando ao termo da tranzição revolucionaria, começamos a sentir que a cavalaria, longe de extinguir-se finalmente, deve melhor prevalecer no verdadeiro regimen moderno, em virtude de uma sociabilidade mais pacifica e uma doutrina mais humana. Porque essa grande instituição correspondeu a uma exigencia fundamental que se dezenvolve mais á medida que a humanidade se civiliza, o protetorado voluntario para com todos os fracos. A passagem da atividade conquistadora dos antigos para o regimen defensivo dos guerreiros feudais deveu sucitar-lhe a primeira manifestação geral, então sancionada pelas crenças dominantes. Mas a irrevogavel preponderancia da vida pacifica deve proporcionar-lhe uma melhor extensão, quando esse grande carater temporal da ordem moderna houver sido dignamente sistematizado e moralizado. Sómente, o sentimento cavalheiresco transformará a sua destinação, em virtude da feliz modificação que a nossa civilização acarreta de mais em mais na opressão habitual. A potencia material tendo cessado de ser militar para tornar-se industrial, a perseguição não se dirige mais á pessoa, porem sobretudo á fortuna. Essa transformação definitiva oferece muitas vantagens, quer diminuindo a gravidade dos perigos, quer tornando a proteção mais facil e mais eficaz. Mas ela não dispensará nunca o protetorado voluntario, mesmo sistematico. O instinto destruidor, peculiar a todo animal carniceiro, far-se-á sempre sentir vivamente em todos os que tiverem, sob um modo qualquer, o poder de se entregar a ele. Assim, o regimen pozitivo deve naturalmente oferecer, como suplemento geral da sistematização moral, o surto regular dos costumes cavalheirescos, entre os chefes temporais. Aqueles dentre estes que se sentirem animados de uma gene-

rozidade equivalente á dos seus heroicos predecessores, consagrarão, não a sua espada, porem a sua fortuna, a sua atividade, e, sendo precizo, toda a sua energia, á livre defeza de todos os oprimidos. Da mesma maneira que na idade-média, esse oficio voluntario se exercerá sobretudo para com as classes especialmente expostas ás perseguições temporais, isto é, as mulheres, os filozofos, e os proletarios. Não se póde supôr que a instituição mais bem inspirada pelo sentimento social deva ficar extranha ao regimen que mais dezenvolverá a sociabilidade.

Sob esse primeiro aspeto, a reconstrução final dos costumes cavalheirescos não oferecerá sinão uma renovação da grande instituição da idade-média, segundo um modo adaptado ao novo estado mental e social. Hoje, como então, o devotamento dos fortes aos fracos tornar-se-á a consequencia natural da subordinação da politica á moral. E' assim que o poder moderador acha generozos patronos no seio mesmo do poder diretor que ele deve reduzir dignamente a severos deveres sociais. Mas, alem desse oficio geral, a cavalaria feudal aprezentava, para com as mulheres, uma destinação mais especial e mais intima, para a qual a superioridade do regimen pozitivo será mais completa e mais evidente.

Esboçando o culto da mulher, o sentimento feudal foi mal secundado, e mesmo, a muitos respeitos, entravado, pelo principio catolico. Diretamente contrarios á verdadeira ternura mutua, os costumes cristãos não lhe assistirão o surto sinão por uma influencia indireta, prescrevendo a pureza habitual, indispensavel ao verdadeiro amor. Sob qualquer outro aspeto, as simpatias cavalheirescas não pudérão surgir sinão lutando sempre contra a egoista austeridade de um regimen que jamais consagrou o cazamento sinão a titulo de inevitavel enfermidade, desfavoravel á salvação pessoal. Mesmo a salutar prescrição da pureza achava-se então alterada por motivos interesseiros, que comprometião muito a sua principal eficacia moral. Eis porque, apezar da admiravel perseverança dos nossos generozos antepassados, o culto da mulher não póde ser, na idade-média, sinão imperfeitamente esboçado, sobretudo nos costumes publicos. Mau grado as empiricas pretenções do catolicismo, ha toda razão de prezumir, mediante o conjunto dessa apreciação, que, si a situação feudal tivesse podido se dezenvolver sob o politeismo,

os sentimentos cavalheirescos terião prevalecido ahi melhor.

Só o regimen pozitivo permite o pleno surto do culto das mulheres, pela sua inteira sistematização, na qual as opiniões secundarão sempre os costumes. Erigindo a ternura em principal atributo feminino, o novo culto fará entretanto apreciar então dignamente a pureza, ligando-a enfim á sua verdadeira fonte e á sua destinação essencial, como condição capital da felicidade e do aperfeiçoamento. Um estudo aprofundado da natureza humana afastará sem dificuldade os vãos sofismas que a nossa anarchia inspira, sobre esse importante assunto, aos espiritos superficiais unidos a corações grosseiros. Mesmo o materialismo cientifico aprezentará, neste particular, poucos obstaculos reais á missão moral do pozitivismo. O judiciozo medico Hufeland já observou que o vigor notorio dos antigos cavaleiros afastava de antemão toda objeção séria sobre os perigos fizicos de uma continencia habitual. Sem sindar os diversos aspetos de tal questão, a apreciação pozitiva estabelecerá facilmente que a pureza, imposta primeiro como condição de toda profunda ternura, não importa menos ao aperfeiçoamento material e intelectual do homem e da humanidade do que ao progresso moral de ambos.

Em virtude do conjunto das indicações peculiares a esta quarta parte, o pozitivismo dispõe tanto o espirito como o coração a organizar dignamente, em toda a vida real, quer privada, quer publica, o culto, ao mesmo tempo individual e coletivo, do sexo afetivo pelo sexo ativo. Nacidas para amar e ser amadas, libertadas de toda responsabilidade pratica, livremente retiradas no santuario domestico, as nossas ocidentais pozitivistas receberão ahi a pura homenagem habitual de uma gratidão plenamente sentida. Sacerdotizas espontaneas da Humanidade, elas não terão mais a sobrepujar os seus proprios escrupulos, nem a terrivel rivalidade de um deus vingativo. Cada um de nós aprenderá, desde a infancia, a ver, em todo o seu sexo, a principal fonte da ventura e do aperfeiçoamento humanos, tanto publicos como privados.

Todos esses tezouros de afeição que os nossos antepassados perdêrão para um fim mistico, e que os nossos costumes revolucionarios em seguida menosprezárão, serão então cuidadozamente recolhidos, e aplicados á sua verdadeira destinação, por populações extranhas a toda chimera

degradante. Entes nacidos para a ação, e que sentir-se-á os chefes do mundo conhecido, farão consistir a sua principal felicidade em sofrer dignamente o venturozo ascendente moral dos entes votados á afeição. Em uma palavra o joelho do homem não dobrará mais sinão diante da mulher.

Esse culto contínuo deriva naturalmente de um intimo reconhecimento, determinado por uma exata apreciação habitual dos beneficios reais do sexo afetivo para com o sexo ativo. Uma convicção familiar fará profundamente sentir a todo pozitivista que a nossa verdadeira felicidade, tanto privada como publica, depende sobretudo do aperfeiçoamento moral, e que este rezulta principalmente da influencia da mulher sobre o homem, primeiro como mãe, depois como espoza. E' impossivel que esse sentimento habitual não determine uma terna veneração ativa para com o sexo ao qual a sua pozição social interdiz toda concurrencia interesseira. A' medida que a vocação feminina fôr mais bem comprehendida e mais dezenvolvida, cada mulher tornar-se-á para cada homem a melhor personificação da Humanidade.

Mas esse culto, a principio emanado de um reconhecimento espontaneo, será consagrado em seguida, mediante uma apreciação sistematica, como um novo meio de felicidade e de aperfeiçoamento. A imperfeição moral do sexo ativo, lhe prescreve dezenvolver, por um exercicio assiduo, as afeições ternas que são nele demaziado inertes. Nada póde melhor preencher essa importante condição do que uma pratica familiar, ao mesmo tempo privada e publica, do culto feminino. E' sobretudo assim que o pozitivista reachará dignamente a alta eficacia moral que o catolicismo tirou da oração.

Uma grosseira apreciação reprezenta hoje esse uzo religiozo como inseparavel dos interesses chimericos que o inspirárão aos primeiros homens. Mas a sistematização catolica sempre tendeu a dezembaraçá-lo de tais interesses, embora o regimen teologico nunca o pudesse permitir inteiramente. Desde Santo Agostinho, todas as almas puras sentírão de mais em mais, atravez do egoismo cristão, que orar póde não ser pedir. A' medida que prevalecer a verdadeira teoria da natureza humana conceber-se-á mais bem essa alta função, que o regimen definitivo deve dezenvolver mais, em virtude de um melhor principio.

No estado normal da humanidade, a oração, purificada de todo calculo pessoal, tornar-se-á, segundo a sua verdadeira destinação moral, uma solene efuzão, individual ou coletiva, dos sentimentos generozos, ligados ás vistas gerais. O pozitivismo prescreverá a sua pratica diaria como propria para combater as impulsões egoistas e as idéias estreitas que a vida ativa inspira ordinariamente. E' sobretudo aos homens que ela será recomendada, pois que eles têm mais precizão de ser regularmente reconduzidos aos pensamentos de conjunto e ás afeições dezinteressadas, dos quais a sua existencia habitual tende a desviá-los mais.

Para melhor assegurar-lhe a eficacia, importa que o seu objeto seja nitidamente determinado. Ora, essa condição é naturalmente preenchida pelo culto feminino, que póde assim tornar-se muito mais salutar do que o culto divino. Sem duvida, a oração humana deve finalmente ter sobretudo em vista a Humanidade, como o indicarei especialmente no fim deste discurso. Mas esse fim seria demaziado vago para realizar os felizes efeitos morais de tal costume, si se quizesse a principio concentrá-lo assim. Talvez a ternura feminina comporte essa subita extensão direta. Seja como fôr, o sexo ativo não póde pretender isso, mesmo na classe contemplativa, mais bem disposta a tudo generalizar. E', pois, só o culto feminino, primeiro privado, depois publico, que póde preparar o homem para o culto real da Humanidade.

Ninguem é bastante desventurado para não achar, entre as mulheres, quer como espoza, quer como mãi, um digno objeto de afeição especial, que possa prezervar o seu coração de toda divagação na sua adoração privada do sexo amante. A morte, que parece dever destruir esse culto individual, póde, pelo contrario, consolidá-lo, purificando-o mais, quando ele é bem instituido. Não é sómente na existencia coletiva que o pozitivismo fará nitidamente sentir a ligação do prezente com o conjunto do passado, e mesmo do futuro. Ligando todos os individuos e todas as gerações, a sua doutrina familiar permitirá a cada um reavivar melhor as suas mais caras lembranças, em um regimen no qual a vida privada se reatará profundamente á vida publica, até nos menores cidadãos. Os espiritos bem cultivados já estão habituados a viver com os seus eminentes predecessores da idade-média, e mesmo da antiguidade, quazi como o farião para com amigos auzentes. Porque o coração,

muito mais energico, não comportaria tambem essa ideal ressurreição? A vida publica nos oferece já frequentes exemplos de simpatias e de antipatias dezenvolvidas, em alto grau, em imensas populações, a respeito dos principais personagens historicos, sobretudo quando a influencia atual destes é apreciavel. Nada impede de extender ás destinações privadas tal aptidão afetiva, para as relações sentidas por cada um. A nossa cultura moral efetuou-se até aqui sob um regimen tão pouco conveniente, que não podemos hoje conceber assás a eficacia habitual que comportará a sua regeneração pozitiva, concentrando sempre, na vida humana, as afeições como os pensamentos. Viver com os mortos, constitúi um dos mais preciozos privilegios da humanidade, que o dezenvolve mais á medida que as suas idéias se extendem e que os seus sentimentos se apurão. O pozitivismo deve proporcionar-lhe um vasto surto, a um tempo espontaneo e sistematico, não sómente publico, mas tambem privado. Ele o extenderá mesmo ao futuro, fazendo-nos viver tambem com aqueles que ainda não nacêrão; o que não era antes impossivel sinão por falta de uma verdadeira teoria historica, abraçando num só relance d'olhos o conjunto dos destinos humanos. Uma multidão de exemplos nos indica a aptidão do coração humano para as emoções desprovidas de todo fundamento objetivo, a não ser ideal. As vizões familiares do politeista, as misticas afeições do monoteista, assinalão, no passado, uma tendencia natural que o futuro deve utilizar proporcionando-lhe uma destinação mais real e mais nobre, mediante uma san filozofia geral. Assim, aqueles mesmos que fossem desgraçadamente desprovidos de um digno objeto de afeição pessoal, poderião todavia instituir convenientemente o culto privado da mulher, escolhendo, entre os nossos predecessores, um tipo adaptado á propria natureza do adorador. As mais possantes imaginações se abririão tambem o dominio do porvir, construindo neste um ideal ainda mais perfeito. No fundo, foi o que fizerão a miudo os nossos cavalheirescos avoengos, apezar da sua ingenua ignorancia. Porque o habito de uma san teoria historica não haveria de aumentar, a este respeito, as nossas faculdades naturais? Em relação ao futuro, como quanto ao passado, a doutrina pozitiva extenderá tanto melhor essa feliz aptidão quanto ela poderá prezervá-la de toda divagação enervante, impondo-lhe leis objetivas proprias

para conter a versatilidade espontanea do coração humano.

Devi insistir sobre essa instituição, ora real, ora ideial, do culto privado e individual da mulher, porque o seu culto publico e coletivo não póde de outra fórma comportar profunda eficacia moral. A reunião dos homens fortifica e dezenvolve muito os sentimentos que lhes são peculiares, mas sem os poder inspirar. Si, pois, cada um não experimentasse izoladamente uma terna veneração habitual para com aquelas que prezidem ás nossas principais afeições, uma multidão assim composta limitar-se-ia a repetir, nos templos da Humanidade, fórmulas vans em honra das mulheres. Mas aqueles que, todos os dias, lhes endereção sinceramente secretas homenagens, poderão, pelo seu concurso solene, exaltar a miudo os seus nobres sentimentos respetivos até o mais salutar entuziasmo. Na minha ultima carta á minha eterna companheira, eu lhe dizia espontaneamente: « No meio dos mais graves tormentos que possão rezultar da afeição, não cessei de sentir que o essencial para a felicidade é ter sempre o coração dignamente cheio. » Depois da nossa fatal separação, uma experiencia diaria tem confirmado melhor essa apreciação, aliás tão conforme á verdadeira teoria da natureza humana. E' por tais habitos individuais que se podem convenientemente preparar sinceras praticas coletivas.

A aptidão carateristica do pozitivismo é ainda mais irrecuzavel para esse culto publico da mulher do que para o culto privado. Porque, só a preponderancia sistematica do ponto de vista social permite render tal homenagem á destinação fundamental do sexo amante. Nas grandes reuniões da idade-média, os cavaleiros manifestavão ao mesmo tempo os seus diversos sentimentos individuais, porem sem nunca se elevarem acima de um simples prolongamento coletivo do culto privado. Embora este culto deva permanecer o preambulo do outro, este ultimo consistirá sobretudo em testemunhar diretamente o reconhecimento do povo pelo oficio social do sexo afetivo como orgão espontaneo do principio fundamental da unidade humana e primeiro elemento do poder moderador. Ora, tal apreciação era impossivel, na idade-média, por falta de uma verdadeira teoria social, abraçando o conjunto das relações humanas. Ela teria sido mesmo então inconci-

liavel com a doutrina dominante, na qual Deus uzurpava o lugar da Humanidade.

Essa glorificação convem por tal modo ao pozitivismo, que ele póde extendê-la até as anomalias. Sem duvida, o culto publico da mulher, como o seu culto privado, deve referir-se sobretudo á vocação afetiva que a carateriza. Mas é precizo tambem saber honrar dignamente as naturezas ecepcionais que houverem prestado verdadeiros serviços á humanidade, quer nas carreiras especulativas quer mesmo por uma atividade pratica ainda mais alheia ao tipo feminino. O carater absoluto do espirito teologico lhe interdizia tal flexibilidade, que teria gravemente comprometido as suas principais prescrições sociais. Tambem por isso o catolicismo foi obrigado, mau grado os seus pezares a principio sinceros, a deixar sem consagração augustas memorias femininas, cujo culto teria sido, com efeito, então mais prejudicial á moral do que util á politica. Nada carateriza melhor essa impotencia necessaria do que a admiravel historia da heroica virgem que salvou a França no decimo-quinto seculo. Uma canonização tão merecida foi nobremente solicitada pelo nosso eminente Luiz XI. e dignamente concedida pela autoridade pontificia. Entretanto ela jamais determinou nenhuma consagração pratica, e o seu dezuzo acarretou em breve o clero a uma sorte de afastamento espontaneo para com essa grande memoria, que lhe recordava sobretudo a sua impotencia social. Tal conduta nada tem de acidental, nem mesmo de censuravel; porque ela foi a principio inspirada por temores, então muito legitimos, sobre os perigos morais de similhante celebração, que teria tendido a desnaturar os costumes femininos. Mas a incompatibilidade não existe sinão para uma doutrina absoluta, incapaz de glorificar uma anomalia sem comprometer a regra. O pozitivismo reprova ainda mais do que o catolicismo a existencia guerreira das mulheres, como mais afastada do que qualquer outra da verdadeira vocação delas. Só ele póde, todavia, honrar dignamente a incomparavel virgem que a impotencia teologica desleixou, e que o cinismo metafizico ouzou macular, mesmo em França. A sua consagração solene, a cada aniversario do seu gloriozo martirio, será não sómente nacional, porem ocidental, como esse imenso beneficio, sem o qual o centro normal das populações de elite teria perdido talvez a independencia indispensavel

seu oficio europeu. Todo o Ocidente tendo aliás parti-
ado mais ou menos da torpeza voltairiana, deve igual-
ente concorrer para a reparação pozitivista. Longe de
mprometer os costumes femininos, essa glorificação
epcional os poderá consolidar, caraterizando a anomalia
manifestando as condições de tal apoteoze. Achar-se-á
i uma nova confirmação das vantagens morais propor-
onadas pelo espirito relativo do pozitivismo, unico apto
apreciar as eceções sem enervar as regras.

Tal indicação do culto pozitivista da mulher pelo homem
eita finalmente uma questão muitissimo delicada, quanto
maneira de satisfazer uma necessidade analoga no outro
exo. Si os homens não pódem se elevar diretamente ao
ulto real da Humanidade, sem preparar-se a ele por esse
reambulo natural, as mulheres, embora mais amantes,
ão talvez sujeitas tambem a uma preparação equivalente.
'odavia, ela deveria certamente tomar uma outra direção,
fim de melhor dezenvolver, em cada sexo, as qualidades
norais que a sua natureza deixa insuficientes. Porque,
humanidade é tanto caraterizada pela energia como pela
ernura, segundo o atesta familiarmente a feliz ambigui-
ladeda palavra *coração*. O homem não tendo natural-
nente bastante ternura, exige, a esse respeito, um exercicio
ssiduo, que o culto de reconhecimento devido á mulher
he proporciona espontaneamente. Pelo contrario, o sexo
fetivo, no qual a energia é insuficiente, deve dirigir a sua
preparação especial para o culto final da Humanidade de
maneira a dezenvolver antes a coragem do que o amor.
Porem, a minha impotencia masculina me interdiz de
perscrutar mais essas intimas exigencias do coração femi-
nino. A luz filozofica me conduz a assinalar essa lacuna
despercebida, sem me permitir preenchê-la. Só á mulher
pertence tal tarefa, que eu haveria de rezervar á eminente
colega cuja perda prematura farei, segundo espero, uni-
versalmente deplorar. *

* O culto assiduo de Clotilde acabou por desvendar ao nosso Mestre a
solução deste problema, como adiante se verá. Bastou, para isso, dezen-
volver a teoria dos *anjos da guarda*, mediante a instituição normal de *tres
tipos* de adoração correspondentes aos tres instintos simpaticos, o *apego*, a
veneração, e a *bondade*. Essa trindade é formada, para o homem, pela *Mãi*,
a *Espoza*, e a *Filha*; e, para a mulher, pela *Mãi*, o *Espozo*, e o *Filho*.
O culto da Mulher prezide pois, nos dois sexos, ao surto moral, em
virtude da supremacia do anjo materno igualmente preponderante em
ambos. E' em torno desses tipos que se grupão todas as nossas afeições;

O conjunto desta quarta parte me faz profundamente sentir, como filozofo, a nossa fatal separação. Eu constato aqui, sem duvida, a aptidão fundamental do pozitivismo a incorporar dignamente as mulheres ao grande movimento moderno, realizando, melhor do que o catolicismo, todos os seus votos domesticos e sociais, em virtude do seu nobre oficio natural no regimen definitivo. Não posso todavia esperar fazer-lhes saborear assás tal apreciação para obter a ativa adhezão delas, enquanto esta exposição não emanar de um orgão feminino, unico capaz de adaptá-la plenamente á sua natureza e aos seus habitos. Até lá, as suporão mesmo improprias para compreenderem jamais a nova filozofia, apezar da afinidade espontanea delas para o pozitivismo, em virtude das diversas indicações precedentes.

Todos esses obstaculos achavão-se plenamente afastados pela nobre e terna amiga a quem dediquei o grande Tratado de que este discurso é o preludio. Embora essa dedicatoria ecepcional possa parecer exagerada, temo hoje, vinte mezes após essa funebre homenagem, haver demaziado pouco caraterizado o intimo reconhecimento de que me sinto devedor a esse virtuozo acendente, sem o qual o surto moral do pozitivismo teria sido muito retardado.

Igualmente eminente de espirito e de coração, Clotilde de V*** sentia já a aptidão da nova filozofia a reorganizar dignamente a influencia feminina, tão alterada, desde o fim da idade-média, pela tranzição revolucionaria. Desconhecida por toda parte, sobretudo na sua propria familia, a sua grande alma a tinha entretanto prezervado de todo azedume. Apezar das desgraças tão extranhas como imerecidas, a sua pureza, ainda mais ecepcional, a garantia assás de todos os sofismas anti-domesticos, antes mesmo que a sua razão houvesse apreciado a verdadeira teoria conjugal. A unica compozição que ela publicou contém, a esse respeito, esta admiravel maxima, que o seu fadario torna tão tocante: «E' indigno dos grandes corações derramar a perturbação que resentem.» Nessa encantadora novela, que precedeu a sua iniciação no pozitivismo, acha-se, sobre a verdadeira vocação da mulher, esta opinião carateristica, tão deciziva em tal juiz: «Dar ao homem

assim o Pai é o anexo da Mãi; o Filho, da Filha; quanto á Irman, agrega-se á Mãi, á Espoza, ou á Filha, conforme os cazos; etc. Vide a teoria do culto privado no CATECISMO POZITIVISTA. — R. T. M.

os cuidados e a doçura do lar, recebendo dele em troca todos os meios de existencia que o trabalho proporciona, não é esse o verdadeiro papel da mulher? Eu antes quero vêr uma mãi de familia pouco abastada lavando a roupa dos seus filhos, do que vê-la consumindo a sua vida para espalhar fóra de caza os produtos da sua inteligencia. Está bem visto que não falo da mulher eminente, que o seu genio arrebata alem das esferas da familia. Esta deve ter na sociedade seu livre surto; porque a manifestação é o verdadeiro facho das inteligencios superiores.» Tal apreciação, emanada de uma joven dama, tão distinta pela sua beleza como pelo seu merito, refutava já as nossas utopias anarchicas. Porem, alem disso, a compozição mais extensa que a sua morte deixou incompleta era diretamente destinada a reparar os ataques dirigidos contra os dogmas domesticos por uma eloquente contemporanea, acima da qual o talento a elevava tanto como a virtude. Nobremente dominada pelo sentimento, essa alma privilegiada sabia entretanto conservar á razão toda a sua justa influencia. No principio dos seus estudos pozitivos, ela me escrevia: «Comprehendi melhor do que « ninguem a fraqueza da nossa natureza, quando não é di« rigida para um fim elevado e inaccessivel ás paixões. » Pouco tempo depois, no meio das mais graciozas expansões da amizade, a sua pena feminina introduzia, quazi sem que ela o percebesse, esta profunda sentença moral: « A « nossa especie, mais do que as outras, carece de deveres « para fazer sentimentos.»

Em virtude desta preparação espontanea, ficar-se-á pouco sorprehendido que a minha santa Clotilde tenha dignamente sentido a aptidão moral do pozitivismo, embora esse estudo não haja podido ocupar sinão o seu ultimo ano. Alguns mezes antes da sua morte, ela me escrevia, a esse respeito: «Si eu fosse homem, terieis em « mim um dicipulo entuziasta; ofereço-vos, como indeni« zação, uma sincera admiradora.» Essa mesma carta carateriza assim a sua participação projetada na instalação moral da nova filozofia: « Uma mulher deve caminhar « modestamente atraz do prestito dos renovadores, em« bora tenha de perder assim um pouco do seu elance.» Ela aprecia tambem ahi a nossa anarchia mental por essa encantadora imagem: «Todos nós temos ainda um pé no « ar sobre o limiar da verdade.»

Uma colega tal, que reunia todas as qualidades espase até aqui entre as diversas mulheres de elite, teria e breve associado o seu sexo á regeneração final. realizan já a reação normal do sentimento sobre a razão, que de em seguida constituir o principal oficio feminino. Quan a sua nobre elaboração estivesse terminada, eu quer assinar, ao conjunto da sua cooperação pozitivista, um determinado embora vasto, plenamente conforme á sua natureza intelectual e moral. Creio dever indicá-lo para melhor caraterizar a participação especial das mu res no advento ocidental do pozitivismo, segundo um mo espontaneamente analogo á final intervenção social dela Ele concerne sobretudo as duas grandes populações me dionais. Por toda parte alhures, ele limita-se aos indi duos cuja libertação mental se acha retardada tambem embora colocados em um meio emancipado. Mas os fr quentes sucessos que já constatei para este ultimo cazo confirmão de antemão a eficacia coletiva dos meios que vou assinalar.

A emancipação mental do Ocidente começou, nos se dois elementos septentrionais, com todos os perigos ine rentes a uma originalidade que não podia então ser sin empirica. Pelo acendiente legal do protestantismo, a ha metafizica tomou ahi uma consistencia que muito pe turbou os progressos ulteriores, e que hoje constitúi nel o principal obstaculo a uma renovação decisiva. Fe mente prezervado dessa pretensa reforma, o centro norma da republica ocidental compensou em seguida esse atra inicial passando de um salto, sob o impulso voltairiano uma plena emancipação, que lhe permitiu retomar em a sua prezidencia natural da comum regeneração fin Mas, evitando assim a inconsequencia e a flutuação pr testantes, a população franceza achou-se exposta ás tend cias anarchicas que a inteira preponderancia da m tafiz revolucionaria devia sucitar. Esse negativismo sistema constitúi agora, pelo seu viciozo prolongamento, o prin cipal entrave á reorganização definitiva que ele prepa tão utilmente. Póde-se desde então esperar que, na inevitavel extensão aos dois elementos meridionais emancipação ocidental se consumará hoje mais feliz nas populações em que o catolicismo melhor rezistiu aqui, primeiro ao protestantismo, depois ao deismo. França transpôz o calvinismo, porque a Italia, e me

Hespanha não transporião tambem o voltairianismo? ɪn compensação natural do seu atrazo aparente, os meri-ionais passarião diretamente do catolicismo ao poziti-ɪsmo, sem deter-se seriamente em nenhum negativismo. ɪmbora a nova filozofia não pudesse nacer nessas popu-ɪções, em virtude de tal falta de emancipação prévia, a póde todavia prevalecer ahi de um salto, depois de haver do assás elaborada no seu fóco natural. Basta que o po-tivismo, sem preocupar-se de nenhuma critica direta, prezente-se doravante ahi em concurrencia imediata com catolicismo, para todas as suas funções sociais, atuais ou ɪesmo passadas.

Todos os monumentos, sobretudo poeticos, atestão, elo menos quanto á Italia, que, antes da explozão lute-ɪna, as crenças ocidentais estavão mais decahidas no sul o que no norte. A rezistencia retrograda do catolicismo ão pôde reanimar ahi profundamente a fé cristan. Essas opulações, que taxão de atrazadas, não adherem verda-eiramente ao regimen catolico sinão por não sentirem ɪenhuma outra satisfação real das suas exigencias morais sociais. O coração está ahi mais bem disposto do que ɪlhures para o pozitivismo, em virtude de uma menor alte-ação dos instintos de fraternidade, tão comprometidos no urto industrial dos septentrionais protestantes. Ao mesmo empo, o espirito acha-se ahi menos afastado do principio undamental da nova politica sobre a separação normal los dois poderes. Assim, o pozitivismo obterá em tal cazo ɪm acendente decizivo, logo que se reconhecer a sua ɪptidão necessaria a preencher melhor do que o catoli ɪismo todas as condições que caraterizavão o regimen da dade-média. Ora, essa apreciação pertence mais ao senti-ɪnento do que á razão, pois que as referidas condições erão principalmente morais. Tal missão propagandista é pois plenamente conforme á natureza peculiar ao talento femi-ɪino. E' pelas mulheres que o pozitivismo deve penetrar ɪa Italia e na Hespanha, ao passo que os homens já nele niciárão a Inglaterra, e sobretudo a Holanda, vanguarda permanente, desde a idade-média, de toda a Germania. Porem esse apelo pozitivista ás Italianas e ás Hespanholas não póde emanar convenientemente sinão de uma emi-ɪente Franceza, e não de nenhum Francez, afim de que o coração fale então melhor ao coração. Possa essa su-ɪmaria indicação fazer apreciar a incomparavel colega a

quem eu destinava tal oficio, e preparar-lhe uma di[illegible] emula! *

Um primeiro exemplo decizivo confirma pois a min[illegible] esperança natural de associar intimamente os cora[illegible] femininos ao movimento filozofico que lhes assina[illegible] uma alta missão social, preludio caraterístico do seu fu[illegible] oficio normal. Por mais ecepcional que deva parecer [illegible] cooperação inicial, ela não póde sinão antecipar-se á [illegible] adhezão. Porque os entes privilegiados sofrem sóm[illegible] antes dos outros as transformações universais, cujos [illegible]lhores orgãos eles se tornão assim. Salvo a sua admira[illegible] natureza, moral e mental, amadurecida de antemão [illegible] infortunio, a minha santa colega não oferecia nenhu[illegible] dispozição especialmente favoravel á sua iniciação [illegible]vista. Proletaria ou iletrada, ela teria talvez ap[illegible] ainda mais facilmente o espirito fundamental e a destina[illegible]ção social da nova filozofia.

Em virtude do conjunto desta quarta parte, o elem[illegible] mais sistematico do poder moderador não tem menos a[illegible]nidade com o elemento mais simpatico do que com o m[illegible] sinergico. Só tal adhezão feminina permite aos filoz[illegible] completarem a organização da força moral, fundada [illegible]meiro na aliança popular. Instituindo hoje o impuls[illegible] regenerador que deve terminar a revolução, esse conc[illegible] decizivo inaugurará já a ordem final, pois que cada ele[illegible]mento moderador ahi agirá de conformidade com a sua futura destinação normal e a sua dispozição natural [illegible] com o poder diretor. Aquele que deve congraçar os outros dois achará assim, no seio de cada familia, uma feliz assis[illegible]tencia privada para a sua missão social, secundada já, em cada cidade, por uma possante cooperação publica. Todas as influencias que devem ficar extranhas ao governo pra[illegible]tico concorrerão então para submeter a politica especi[illegible] ás regras constantes da moral universal. Nos cazos ecep[illegible]cionais, a ativa participação do povo dispensará mesmo os outros dois elementos moderadores de qualquer inter[illegible]venção direta tendente a desnaturar-lhes o carater esp[illegible]

* O nosso Mestre mostrou, no 4º tomo da sua POLITICA POZITIVA [illegible] as dispozições especialmente favoraveis ao acendente politico e rel[illegible] do Pozitivismo nas populações de origem iberica verificavão-se [illegible] na expansão americana, ou mesmo oceaneana, das referidas [illegible]. E a aceitação que o Pozitivismo veio encontrar no Brazil constitu[illegible] confirmação desta profecia do nosso Mestre. (Vide POLITICA POZITIVA, vol. IV, ps. 485-490). — R. T. M.

ıtivo ou afetivo, que importa manter inalteravel por
a invariavel excluzão de todo comando.
Ias esse duplo apoio fundamental, tornando a força
ral mais eficaz do que na idade-média, imporá dificeis
dições aos seus orgãos sistematicos. Será precizo sobre-
o que o coração do padre da Humanidade corresponda
ıpre ao seu espirito de conjunto. A adhezão do sexo
:ivo e a aliança do povo não lhe serão adquiridas sinão
ındo ele tornar-se tão simpatico e tão puro como uma
lher, e, ao mesmo tempo, tão energico e tão desenidado
si como um proletario. Sem esse raro concurso moral,
ovo poder teorico não obteria jamais o acendente social
: a sistematização pozitiva comporta. Apezar desse
ıjunto de meios interiores e exteriores, ele sentirá em
·ve que a extrema imperfeição da natureza humana
›e eternos obstaculos á missão carateristica do poziti-
ıno, a preponderancia habitual da sociabilidade sobre a
:sonalidade. (DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO PO-
ΓIVISMO, *Quarta parte;* 1ª edição, Julho de 1848,
198-267.)

Γal foi a incomparavel expozição que veio fixar os ma-
·ilhozos rezultados da regeneração moral que o nosso
·stre deveu á adoração da alma angelica da nossa terna
maculada Mãi-Espiritual. O acrizolamento de tão como-
ıte culto estava destinado a conduzir a teoria pozitiva
. Mulher a um grau de perfeição ainda mais assombrozo,
mo o demonstraria a utopia da Virgem-Mãi, no tomo
ıal da POLITICA. Mas, desde esse momento, todas as
·nquistas essenciais achavão-se plenamente realizadas,
a regeneração definitiva da Humanidade garantida para
mpre.
Na primeira sessão da *Sociedade Pozitivista* depois da
ıblicação do DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITI-
ISMO, a 2 de Agosto de 1848, foi aprezentado o *Relatorio
·erca da natureza e plano do novo governo revolucio-
·rio da Republica Franceza.*
No mesmo mez, o nosso Mestre explicou, na *Sociedade
'ozitivista,* as suas concepções sobre a natureza e o plano
a *Escola pozitiva,* assim como sobre as suas diversas des-
ıações especiais, então melhoradas segundo as indica-
›es de varios adeptos da nova doutrina. Forão escolhidos
ıra o exame do respetivo projeto tres medicos, a vista da

principal especialização de tal instituição. Eis os nomes desses tres medicos: Dr. Segond, bibliotecario da Escola de Medicina de Paris, *relator*, De Montègre, doutor em Medicina pela Faculdade de Paris, e Charles Robin, professor adjunto da Escola de Medicina de Paris. Os dous ultimos acabárão dezertando o Pozitivismo e aliando-se a Littré.

Infelizmente os esforços regeneradores do nosso Mestre erão tão impotentes para demover os republicanos das suas aberrações como para esclarecer os conservadores. A pratica continuava, pois, entregue a um empirismo grosseiro que fazia tudo esperar da *violencia* ou da *corrupção*, sem contar com as aspirações do Proletariado e da Mulher. Os fatos entretanto se ião encaminhando para ratificar as previzões do nosso Mestre acerca da unica especie de regimen politico que a situação comportava.

Com efeito, cada momento tornava mais pronunciada a urgencia de um governo que aliasse a liberdade com a preponderancia do poder central sobre o poder local. E, desde que os republicanos recuzavão-se a satisfazer tal necessidade inspirando-se na clarivizão do Futuro, mediante as luzes do Pozitivismo, era fatal que prevalecesse a empirica imitação do Passado. Ora, o passado francez como o passado ocidental, em geral só oferecia o tipo de uma *ditadura monocratica*; a *ditadura parlamentar* constituia uma eceção, que diversos motivos confinavão na Inglaterra. Eis porque Luiz Napoleão, apoiando-se na legenda bonapartista, ia se constituindo o objeto de uma popularidade cada vez mais alarmante para os democratas divorciados dos socialistas.

Desde os fins de Agosto recrudece a agitação imperialista. Em Setembro devião haver novas eleições afim de serem preenchidas as vagas da Assembléia; e Luiz Napoleão aprezentou a sua candidatura. Para conciliar-se as simpatias dos socialistas, ele foi mesmo vizitar Louis Blanc que estava refugiado em Londres. Foi então que escreveu ao general Piat a carta terminada pela fraze que o nosso Mestre incorporou á sua sistematização: « Para tornar a volta dos governos passados impossivel, não ha sinão um meio, é de fazer melhor do que eles, porque, vós o sabeis, general, *não se destrói realmente sinão o que se substitúi.* » O modo pelo qual Luiz Napoleão men-

ɔna a fraze que sublinhamos parece indicar que ele a vocava como uma maxima formulada por outro antes ; si. E de fato, um trecho da *Biographie des Ministres ; la Révolution*, obra publicada em 1825, vinte e tres ıos portanto antes da carta de Luiz Napoleão, induz a ribuí-la a Danton. Ahi se diz: « Danton parecia estar ›nvencido deste principio politico, que *só se destrói verıdeiramente o que é substituido*, e ele fazia consistir ·da a revolução neste sistema. » (Vide a nota de Miguel emos á p. 4 do CATECISMO POZITIVISTA.)

As eleições realizárão-se a 17 e 18 de Setembro, e Luiz 'apoleão foi eleito, como já o fôra em Junho, por varios ·partamentos, incluzive o departamento do Sena, alem ·· obter votos em outros. Em Paris, no dia da apuração, nome de Luiz Napoleão foi acolhido, como da primeira ·z, com manifestações que alarmárão o governo. A 25 do ıesmo mez, ele tomou assento na Assembléia, aprezenındo-se acompanhado por Vieillard, e indo ocupar, ao ıdo deste, um banco da *esquerda*. Logo depois tratou de ntrar em relação com os socialistas e montanhezes, tendo ıesmo no dia 26 de Setembro, uma conferencia com 'roudhon, na qual reconheceu que os socialistas erão aluniados, e censurou a politica do general Cavaignac.

Enfim, na sessão de 11 de Outubro foi mais uma vez evogada a lei de banimento da familia Bonaparte.

Foi no meio das emoções sociais que esses aconteciıentos despertavão que o nosso Mestre recebeu, a 9 de)utubro, a carta na qual Sarah Austin agradecia a remessa lo exemplar do DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZI'IVISMO. Ahi ela dizia, depois de uma expansão acerca la agitação revolucionaria em que se achava a Europa: *

« A vossa filozofia oferece-vos a perspetiva consoladora lo estado que deve surgir desse estado de anarchia; mas 'u, pobre mulher, que amo os meus amigos, não vejo inão existencias destruidas, sinão a amargura lançada m todas as taças.

« Não tive ainda tempo de ler o vosso livro como o hei le ler. Fiquei porem encadeiada por algumas paginas sobre o meu sexo. Neste assunto, *não ha sinão vós*. Os outros ou dão á mulher uma pozição essencialmente subal-

* A carta é datada de 29 de Setembro, Weybridge-Surrey. (Vide a *Revista Ocidental*, 2ª serie, tomo XXI, ano 1900, p. 126 a 128.

terna, subordinada ás exigencias materiais do homem, ou procurão assinar-lhe uma essencialmente fóra da sua natureza e dos seus instintos. Só vós, Senhor, sabeis combinar a sua dignidade moral e intelectual como companheira, com a sua natureza fizicamente e moralmente dependente. Enfim, vós concebeis o *laço conjugal*, que encerra tudo isto, submissão e acendente, pureza e ternura. Dezenvolveis admiravelmente esse belo dito de Vauvenargues: « Todo grande pensamento vem do coração! » Derivais a moralidade das afeições. Enfim, eu vos agradeço haverdes tratado com o desdem que merece a opinião de que a vida privada nada tem que ver com a vida publica, maxima com que se tem, por tempo demasiado longo, enganado e corrompido os povos. Que confiança póde a gente ter em um Marrast, em um Girardin?

« Enfim, caro Senhor Comte, jamais estaremos de acórdo, vós e eu; porem, apanharei sempre com avidez as perolas que acho nos vossos escritos.

« Acho a enorme superioridade que reclamais para a França espantoza e um pouco grotesca. Mas digo a mim-mesma que todo homem que não conhece sinão a sua nação tem a mesma persuazão e que a iluzão é mais perdoavel nos Francezes, por cauza da preponderancia de que eles verdadeiramente gozárão sob Luiz XIV e sob Napoleão. Chega, porem, um momento em que é sensato esquecer os triunfos passados, e colocar-se de boa vontade ao nivel atual das nações. A parte da França será sempre assás bela, sem que ela se arrogue uma supremacia que não conta com o estado atual do mundo. Eu luto sempre contra essa arrogancia nacional no meu paiz, fiz as mesmas reclamações na Alemanha (menos, porque não existe tanto ahi), não cederei jamais a pretenções injustas e absurdas em França. Por toda parte e entre todos, elas têm a mesma raiz — *a ignorancia*. Os que têm visto, conhecido e julgado as primeiras nações da Europa sabem que pezo e medida é precizo empregar para pezá-las justamente. Eu não creio que conheçais a Alemanha. Estou *segura* que ignorais profundamente a Inglaterra. Não ha uma só palavra do que dizeis sobre ela que não o prove. Porque falar dela? Eis ahi, espero eu, a franqueza, quazi a brutalidade. Perdão, caro Senhor Comte, eu não quizera vos ver prejudicar todas essas grandes e belas verdades. Não disse uma palavra siquer sobre vós-mesmo, e no

entanto quanto fiquei comovida com essa triste e vergonhoza historia! Ah! si eu pudesse ajudar-vos! Nós tambem temos sofrido muito. Perdemos em França mais de 5.000 francos, perdidos para sempre. da nossa escassa fortuna.

« O meu marido não está comigo neste momento, acha-se em caza da minha filha, mas ele vos enviaria bastantes saudações se estivesse aqui.

« Conheceis assás a minha respeitoza amizade por vós, aceitai ainda a segurança dela.

S. Austin.

O nosso Mestre respondeu no dia seguinte, mas a resposta não está publicada.

Enquanto os acontecimentos ião patenteando a incomparavel importancia dos esforços regeneradores do nosso Mestre, as reações da perversa expoliação de que Ele fôra vitima não cessavão de criar obstaculos novos ao preenchimento da sua santa missão. Em fins de Outubro de 1848, Laville anunciou-lhe que não podia mais contá-lo no numero dos seus professores. Era mais uma perda de 3.000 francos anuais que o perseguido Pensador sofria. Ao saber dessa nova calamidade, Sofia foi a primeira a trazer o seu carinhozo apoio ao devotado Reformador. Diariamente iniciada em todas as vicissitudes da tormentoza vida, Ela insistia desde 1846 para que o nosso Mestre aceitasse, como emprestimo, as modestas economias que lhe proporcionava o seu salario de criada. Dessa vez, (20 de Outubro), o terno Filozofo não pôde recuzar a sua tocante intervenção, já ratificada sinceramente pelo seu honesto marido, e aceitou os 600 francos que a piedoza Senhora filialmente lhe oferecia. (Volume Sagrado, *Confissões*, p. 145; *Testamento*, p. 13.)

Tão angustioza situação levou-o em seguida a procurar Littré, a quem comunicou a cruel rezolução de Laville. O erudito lembrou-se então de propôr ao acabrunhado Pensador promover uma *subscrição* para subsidiá-lo, enquanto a sua situação material não melhorasse, idéia que o nosso Mestre aceitou com satisfação. No mesmo dia, proposta similhante foi feita espontaneamente, no pequeno grupo de proletarios pozitivistas, por um operario de Saint

-Pierre-les-Calais, Luiz Jozé Mignien, operario-mec
então rezidente em Paris. *

No dia seguinte, 21 de Outubro, o nosso Mestre es
veu a Littré uma carta confirmando essa rezolu
A vista disto, Littré preferiu que a circular fosse co
tiva em vez de ser pessoal, e, nesse intuito, convidou pa
subscrevê-la os principais dicipulos que o nosso Mes
tinha em Paris. Este aprovou o projeto, como se vê do
bilhete de 7 de Novembro.

Littré redigiu então a circular e a submeteu á apre
ção do nosso Mestre, que lhe respondeu a 13 do mes
mez de Novembro. Aprovando-a, Augusto Comte prop
a substituição do termo *Sociologia* á denominação d
Historia que Littré escolhêra para dezignar a sienci
social. Esta circular foi imediatamente enviada ás pessoa
que o nosso Mestre e Littré pensárão dever com mais pr
babilidade responder a similhante apelo. **

Tal foi a origem do subsidio pozitivista. Littré conta,
respeito, o seguinte epizodio caraterístico:

« ... Quando M^me Comte soube do que eu tinha feito
ela me censurou, dizendo por um lado que eu tinha m
amedrontado depressa de mais, e que um homem como
Sr. Comte acabaria bem por achar recursos que lhe fossem
proprios; por outro lado (e era o mais grave), que uma
ocupação que obrigasse o Sr. Comte a subtrahir algumas
horas de cada dia a meditação unica das questões filoso
ficas lhe era salutar, e que um espirito que já tinha so
frido por uma demaziado grande contenção e concentração
poderia de novo sofrer si nenhuma distração obrigatoria
não interviesse». (*Littré*, p. 601).

Nada conseguia entretanto interromper a acensão reli
gioza do nosso Mestre. No Martedia 21 de Novembro de
1848, Ele fazia o SEXTO ESBOÇO DO QUADRO CEREBRAL.
(Vide o *Quadro* ao lado.)

Esse quadro contem uma serie de mdificações impor
tantes. A apreciação da vida afetiva continúa entretanto

* *Revista Ocidental*, 1ª serie, tomo I, ano de 1878, p. 662.

** Vide esta circular na Vida de Augusto Comte pelo Dr. Robinet,
3ª edição, p. 468.

Para comprehender exatamente a conduta de Littré em tudo isso, cumpre
não esquecer que as dificuldades financeiras de Augusto Comte reagião
sobre a situação material de Carolina Massin.

Progresso.)

IMPULSO
(O CORAÇÃO)
Decrecimo de energia,

CONSELHO
(O ESPIRITO)

DECIZÃO
(O CARATER)

de 1848.

MTE,

pozitiva.
ince.)

fórmula ao
neiro do meu

dro cerebral.)

mesma; apenas a bondade é identificada com a caridade. Eis as mudanças: Em vez das distinções—vida afetiva, vida contemplativa, vida ativa,—vem: *motores afetivos*, *funções intelectuais*, e *qualidades praticas*. Nas funções intelectuais é que se encontrão as principais diferenças. Em vez da distinção entre funções sientificas e funções esteticas, vem a decompozição ternaria: *Contemplação*, donde materiais, *Meditação*, donde construções, e *Expressão*. As funções dezignadas pelas palavras *Imitação* e *Idealização* dezaparecem; e a *Expressão* se decompõe em *Vocal* e *Mimica*.

A fórmula pozitiva da existencia humana torna-se mais precisa e mais sistematica, aprezentando uma apreciação mais decisiva da MORAL. Esta é, com efeito, considerada desde então como *espontaneamente emanada do amor*. Aqui é tambem que aparece sistematicamente a *fórmula sagrada* do Pozitivismo, segundo o seu enunciado primitivo: *O amor por principio, a ordem por baze, e o progresso por fim*, que já fôra enunciada no DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO, (p. 315). A data 31 de Dezembro parece referir-se á sistematização de tal fórmula.

O mesmo mez foi ainda assignalado pela primeira redação do *Calendario Historico* (28 de Novembro), submetido logo depois ao exame da Sociedade Pozitivista. Nessa primeira redação Clotilde de Vaux era celebrada no sabado da ultima semana do mez de Descartes, prezidida por Hume. A angelica Inspiradora da Religião final vinha logo depois de Sofia Germain, e tinha por adjunta Eliza Mercœur. Porem, a consideração de que a glorificação de Clotilde era inseparavel da influencia regeneradora que Ela exercêra sobre o nosso Mestre o rezolveu posteriormente a não manter tal colocação. (VOLUME SAGRADO p. 141).

Nessa elaboração inicial, o nosso Mestre inscrevêra Jezus-Cristo depois de S. João Batista, no sabado da ultima semana do mez de Moizés, prezidida por Mahomet. * Tal decizão provocou um debate aprofundado no seio da Sociedade Pozitivista, segundo conta o Sr. Laffitte. Foi após essa discussão que o nosso Mestre rezolveu riscar Jezus-Cristo. O Sr. Laffitte diz a este propozito: «Augusto Comte que nunca teve muita simpatia pelo tipo de Jezus-Cristo, ter-

* Depois o nosso Mestre projetou colocar Jezus-Cristo como *adjunto* de S. João Batista. (Vide CARTAS A HUTTON, p. 2.)

minou a discussão por estas palavras: «Já que ele fez-se Deus, fique-o sendo!» (*Revista Ocidental*, 1ª serie, t. XXI, 1888, ps. 93-95).

A reação do culto intimo tornou-se manifesta na instituição do novo Calendario. Porque forão as praticas da sua adoração que fizerão o nosso Mestre sentir a necessidade de harmonizar as datas do mez com os nomes dos dias da semana. Essa harmonia não existe no calendario Julio-Gregoriano, em consequencia da independencia entre a contagem hebdomadaria e o computo anual dos dias. A discordancia dezapareceu tornando a decompozição em semanas circunscrita a cada ano, sem passar para o seguinte. Restava a saber qual a melhor maneira de dezignar o dia complementar dos anos comuns e o suplementar dos anos bissextos. Diz o Sr. Laffitte que foi Littré quem propôz que eles fossem simplesmente assinalados pelas respetivas festas.

Pela elaboração primitiva, essas solenidades erão: no dia complementar dos anos comuns, *a festa geral dos Mortos*, transportada para o fim do ano; e no dia suplementar dos anos bissestos, *a reprovação* de Juliano, Filipe II, e Bonaparte. Simillhante estigmatização, proposta no DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO, (p. ...) para o aniversario da morte do ultimo (5 de Maio), era restrita aos quatro primeiros anos bissextos da tranzição organica. Normalmente o dia bissexto seria consagrado á *festa das Santas Mulheres*.

A condenação solene dos *reprobos* figura nas duas primeiras edições do *Calendario Pozitivista* (Abril de 1849 e Abril de 1850). * Porem as ponderações de um senhor sugerírão depois a supressão de Filipe II de tal grupo. Não conhecemos as edições do *Calendario* anteriores ao CATECISMO (5ª edição). A segunda edição do DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO, e que vem no tomo primeiro da POLITICA (Julho de 1851), já não menciona Filipe II entre os *reprobos* (p. 103). O Dr. Eug. Bourdet diz que os motivos nos quais o nosso Mestre bazeou a sua rezolução forão: «1º que a dominação desse rei não tinha sido realmente retrograda sinão na Holanda, onde suscitou a mais pura e a mais honroza das revoluções politicas, ao

* Eug. Bourdet, *Vocabulario dos principais termos da Filozofia Pozitiva* contendo noticias biograficas pertencentes ao Calendario Pozitivista, p. 161

so que o seu governo na Hespanha não foi sobretudo
io conservador; 2º que os progressos do protestantismo,
astrozos para o equiliorio da Europa, devião ser detidos
medidas quaisquer, cujo ecesso cruel não foi imputavel
ão ao fraco filho de Filipe; 3º que a dura mas forte
ıra desse Filipe não merecia ser atada ás duas mons-
ozidades historicas, assim realçadas fóra de propozito
a interpozição de um tipo menos odiozo entre o sofista
traidor, entre o insensato e o criminozo, porque ambos,
liano como Bonaparte, empregárão um imenso poder
ra fazer retrogradar as duas principais revoluções da
manidade, o cristianismo e a Republica.» *

Mais tarde as reflexões do seu dicipulo Dix-Hutton de-
minárão o nosso Mestre a suprimir de todo a solene
ndenação dos *reprobos*. (Vide POLITICA, I, p. 103; IV,
404; CARTAS A DIX-HUTTON, ps. 28 e 31.

Tambem em Novembro, o nosso Mestre deu passos junto
general Cavaignac no intuito de obter a sala de que
recia para efetuar o seu curso popular. Mas essas ten-
tivas forão infrutiferas. (Vide Littré, p. 610).

No fim desse ano realizou-se a entuziastica eleição de Luiz
apoleão á prezidencia da Republica. Ele obtivera cerca
5.500.000 sufragios, ao passo que o general Cavaignac
io alcançou sinão perto de 1.500.000.** Para esse rezultado
ntribuírão incluzive os socialistas.

Similhante fato veio criar uma situação mais favoravel
propaganda do Pozitivismo, em consequencia da in-
uencia que o senador Vieillard podia exercer. Mas essa
ortunada circunstancia era contrabalançada pelo empi-
smo revolucionario dos democratas e socialistas, por um
do, e a cegueira dos que se tinhão na conta de conserva-
ores, por outro lado. Luiz Napoleão subíra ao poder
zendo os mais decizivos protestos de fiel dedicação á
publica; mas o concurso desses elementos anarchicos e
trogrados o arrastavão gradualmente a lançar-se nas
venturas de um segundo imperio. Para conjurar simi-
ante fatalidade, só existia a intervenção do nosso Mes-
e, procurando atuar simultaneamente sobre as massas e
bre o homem investido da confiança geral. A primeira
nfluencia era exercida por intermedio da Sociedade Pozi-

* *Ibidem.*—R. T. M.

** Vide, no *Moniteur Universel*, a sessão de 20 de Dezembro de 1848.

tivista e da expozição popular da nova doutrina. A segunda bazeava-se no prestigio de Vieillard junto a Luiz Napoleão.

Apezar, pois, dos imensos obstaculos que se levantavão á regeneração humana, o nosso Mestre não dezalentou. A 28 de Fevereiro de 1849, era aprezentado á Sociedade Pozitivista o *Relatorio sobre a natureza e o plano da Escola Pozitiva*. E a 5 de Março o *Moniteur* publicava o seguinte anuncio:

« Após um ano de interrupção por falta de local, o curso filozofico sobre a historia geral da humanidade, professado gratuitamente pelo Sr. Augusto Comte, terá lugar como de costume, com inteira publicidade, todos os domingos, ao meio dia em ponto, na sala da assembléa geral do *Comptoir d'escompte* (no Palacio Nacional), a partir do domingo proximo, 11 de Março, até o fim de Agosto. Este curso é sobretudo destinado a dar ao povo uma justa idéia da intima ligação do prezente com o conjunto do passado, para conceber sem utopia o futuro social, tanto quanto uma san teoria historica permite determiná-lo».

O programa desse curso acha-se publicado no livro de Littré. E' esse o primeiro documento, segundo cremos, que contêm a locução *Religião da Humanidade* para caraterizar a sistematização pozitiva da existencia humana. No *Prefacio* do IV tomo da POLITICA, p. XIII, o nosso Mestre diz que: «foi no meio pratico que surgiu a qualificação de *religião pozitiva*, que Ele só tornou uzual depois de a ter visto espontaneamente empregada por eminentes proletarios.»

Durante essa expozição, foi publicada, em Abril de 1849, a primeira edição do *Calendario historico*. E nesse curso o nosso Mestre proclamou francamente os motivos essenciais pelos quais excluíra Jezus-Cristo do sistema de comemoração. Eis esses motivos conforme vêm rezumidos em uma carta ao nosso confrade Dix-Hutton: «A utilidade real aliás involuntaria de similhante personagem reduziu-se a dispensar espontaneamente S. Paulo de deificar-se a si-mesmo, sem cessar entretanto de preencher a condição essencial do moneteismo ocidental.» (CARTAS A HUTTON, p. 2). Essa condição consistia na deificação do fundador de tal monoteismo para que o sacerdocio adquirisse, sob o

teologico, um prestigio capaz de equilibrar o
nporal que cabia fatalmente aos guerreiros.
-nos que foi tambem neste mez que o terno Filo-
a dôr de ver expirar a desventurada Vitoria.
seu velho amigo Charles Bonnin. E' o que con-
la seguinte passagem da POLITICA (IV, ps. 50-51),
ito da imortalidade subjetiva.
A desventurada filha do velho amigo acima lem-
e testemunhava ingenuamente, alguns dias antes
ar, quanto ela sentia esse premio, por esse tocante
que a associa á minha eterna padroeira, então
avia tres anos: *Ela é bem feliz, ei-la certa da*
dade!
alvez na primeira revizão que então fez das suas
que o nosso Mestre introduziu a glorificação dessa
arada Virgem. (6 de Abril de 1849.)
e Maio, o nosso Mestre elaborou o SETIMO ESBOÇO
QUADRO CEREBRAL. (Vide o *Quadro* ao lado.)
s progressos sobre o quadro anterior: Quanto aos
afetivos, o nosso Mestre indica uma hezitação
ore o carater de função simples atribuido ao *amor*
ao *amor fraterno*. Quanto ás funções especulativas,
ica uma hezitação acerca da decompozição do orgão
ressão em *mimica* e *vocal*.
rmula *Amor*, *razão*, *atividade*, é substituida por
, *pensar*, *agir*. A fórmula pozitiva da existencia
na, é abraçada pelo vocabulo *Religião*. O nosso
e só aceitou esse termo para caraterizar o novo sis-
destinado a permitir a regeneração social, depois que
aplicado pelos proletarios, conforme a citação supra.
mbem nesse quadro que aparece a fórmula *Viver*
outrem, já uzada no DISCURSO SOBRE O CONJUNTO
POZITIVISMO (p. 230), e a menção 11 de Cezar de 61,
spondente a 3 de Maio de 1849 e que está escrita por
, parece indicar a data da sua instituição siste-
ca.
31 de Maio o nosso Mestre começou a redação da sua
NTA SANTA CLOTILDE que comemorou a *irrevogavel*
orporação de Clotilde ao verdadeiro Grão-Ser. Essa
a expansão foi continuada no dia seguinte e terminada
imediato a este, para ser lida sobre o santo tumulo no
reuridia proximo. Ahi o nosso Mestre proclamava o
nno da moral pozitiva: *A verdadeira felicidade con-*

siste em viver para outrem. Limitar-nos-emos a transcrever o topico em que Ele compara a nova elaboração religioza com a sua fundação filozofica:

« Menos de seis anos após a minha obra fundamental, em que o pozitivismo parecia excluzivamente destinado aos pensadores sientificos, eis um Discurso decizivo,* no qual contra a espectativa universal, o seu conjunto repouza diretamente sobre a preponderancia contínua do coração, de maneira a convir sobretudo ás mulheres. Esse progresso sem exemplo te é radicalmente devido, minha Clotilde, embora tu não tenhas podido, desgraçadamente, assistir a ele, nem quazi entrevê-lo, apezar dos meus infatigaveis anuncios. Uma paixão menos pura e menos profunda ter-me-ia impedido de consagrar assim a minha plenitude mental a sistematizar definitivamente o regime normal do porvir. Apezar da fragilidade da sua doutrina e da insuficiencia da sua sociabilidade, a idade-média tem admiravelmente um esboço prematuro dessa harmonia final em que a razão e a atividade, dignamente subordinadas ao sentimento, tenderião sempre a consolidá-lo e dezenvolvê-lo, em virtude da relação necessaria dele para com a ordem universal. Esse imenso preludio carateriza assás o alvo para que se possa hoje marchar diretamente para este, todas as preparações mentais e sociais tendo sido suficientemente consumadas desde essa grande epoca. Tal é a missão fundamental que tu amadureceste tanto em mim. Ela requer sobretudo um concurso permanente entre o digno padre (filozofo ou poeta) e a santa mulher (espoza ou mãi) ». (VOLUME SAGRADO, ps. 146-147.)

Pouco depois concebia o nosso Mestre a esperança de que P. Laffitte viesse a ser o seu sucessor, como se vê de uma passagem da sua SEXTA SANTA CLOTILDE. (VOLUME SAGRADO, p. 154.)

A 9 de Julho foi escrito o OITAVO ESBOÇO DO QUADRO CEREBRAL. (Vide o *Quadro* ao lado.)

Eis os progressos realizados. A concepção da *personalidade* torna-se mais sistematica, mediante uma decompozição sempre binaria do interesse. Nesse quadro o instinto da conservação do individuo já é qualificado de *instinto*

* Refere-se ao DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO.—R. T. M.

nutritivo. Quanto á conservação da especie, o unico instinto egoista parece ser o *pendor sexual*, denominado ahi *sensual.* Até então o *instinto materno* continúa a parecer puramente *simpatico.* Perziste a hezitação acerca do *amor filial* e do *amor fraterno*, como sentimentos simples.

A locução, — fórmula pozitiva da existencia humana, — é ligeiramente modificada. Ela é abraçada pelo vocabulo *Religião*, de um lado, e do outro lado pelas tres virtudes, *Caridade*, *Fé*, *Esperança.* Demais na parte inferior do Quadro a palavra HUMANIDADE que domina a fórmula *Viver para outrem* por baixo da qual está a data Santa Clotilde 61 (9 de Julho de 1849), parece indicar a concepção da Humanidade como consistindo sobretudo na legião dos mortos, conforme se acha exposto na QUINTA SANTA CLOTILDE.

Pouco tempo depois (a 16 de Julho), Littré começou, no *Nacional*, uma serie de artigos acerca da aplicação da Filozofia Pozitiva ao governo das sociedades e em particular á crize que a França atravessava. A 20 de Agosto sahia o artigo sobre o *socialismo;* e tres dias depois o nosso Mestre recebia um oficio de Bineau, ministro das obras publicas, retirando-lhe, sem dar motivo algum, a sala concedida seis mezes antes pelo seu antecessor. O nosso Mestre comunicou o fato imediatamente a Vieillard, e, apelando para a sua intervenção afim de que a sala lhe fosse dada em 1850, dizia: « Seja qual fôr a cegueira dos poderozos do dia, não penso que eles queirão seriamente interdizer a unica diciplina filozofica que póde regular os corações e os espiritos populares. » * Depois escreveu a Littré contando o que se tinha passado.

As duas ultimas lições forão feitas na rua Monsieur-le-Prince, segundo informa Fabien Magnin. **

No domingo, 28 de Gutemberg de 61 (9 de Setembro de 1849), o nosso Mestre rezumia as suas meditações morais no seguinte documento, que fixou desde então o tipo normal da mulher. Quanto ao tipo normal do homem, a

* Vide o livro de Littré, ps 608 e seguintes.— R. T. M.

** *Revista Ocidental*, 1ª serie, tomo I, 1878, p. 663.

evolução posterior do nosso Mestre leva a colocar finalmente a *ternura* acima da *energia*.

Ternura, Pureza, Energia (verdadeiro tipo normal da mulher).
Energia, Ternura, Pureza (verdadeiro tipo normal do homem).

Ternura, Energia, Pureza (tipo feminino imperfeito).
Energia, Pureza, Ternura (tipo masculino imperfeito).

Pureza, Ternura, Energia (tipo cristão da mulher).
Pureza, Energia, Ternura (tipo cristão do homem).

Paris, Domingo 28 de Gutemberg de 61.

AUGUSTO COMTE.
10, rua Monsieur-le-Prince. *

Similhante evolução atingiu a sua faze deciziva a 21 de Shakespeare de 61 (30 de Setembro de 1849), data do NONO ESBOÇO DO QUADRO CEREBRAL. (Vide o *Quadro* ao lado).

Neste quadro foi que o nosso Mestre realizou enfim a eliminação do grupo ficticio relativo aos sentimentos domesticos. Tal passo foi devido aos progressos morais determinados pela adoração incessante de Clotilde. Com efeito, esses progressos o fizerão primeiro reconhecer o carater egoista do instinto sexual. Mas Ele continuou a supôr que o amor conjugal devia ser atribuido a um pendor distinto do *apego*, assim como o amor materno era distinto da *bondade*. Então Ele não descobriu que o *amor materno* constituia em si-mesmo um pendor essencialmente egoista, desde que se izolava da *bondade*. Havendo, porem, dezistido de todas as imagens voluptuozas, Ele foi sentindo cada vez mais nitidamente que o *amor conjugal* identificava-se com o *apego*, á medida que a sua pureza menos esforços lhe exigia. Eliminado assim o suposto pendor destinado a explicar o amor conjugal, Ele não tardou em reconhecer tambem a verdadeira natureza do instinto materno.

Desde então o nosso Mestre reduziu os nossos pendores aos dois grupos destinados respetivamente á *personalidade* e á *sociabilidade*. Assim Ele conseguia afinal fazer atingir á faze pozitiva a concepção da nossa constituição

* *Revista Ocidental*, 2ª serie, tomo XI, 1895, p. 436. Ahi se diz por engano que a data 28 de Gutemberg de 61 corresponde a 9 de Setembro de 1850, quando de fato corresponde a 9 de Setembro de 1849. – R. T. M.

moral esboçada teologicamente por S. Paulo, mediante a distinção entre a *natureza* e a *graça*. O quadro cerebral ficou, pois, essencialmente acabado desde 21 de Shakespeare de 61 (30 de Setembro de 1849).

Na fórmula da vida humana, á palavra *Religião* segue-se a distinção *Dogma*, *regimen* e *culto*.

E' tambem nesse quadro que surge o enunciado: *agir por afeição e pensar para agir*.

A 22 de Shakespeare do mesmo ano, (1 de Outubro) o nosso Mestre começou a redação da POLITICA, e a 17 de Descartes seguinte. (24 de Outubro) instituiu o sinete moral: *Viver para outrem*. (VOLUME SAGRADO, p. 18.)

A teoria cerebral rezumiu assim o conjunto dos progressos morais realizados pelo nosso Mestre até os fins de 1849. Foi então que Ele pôde conceber nitidamente a natureza da incomparavel *união* com a sua imaculada Inspiradora. Porque a teoria pozitiva da alma humana a que Ele acabava de chegar lhe demonstrava que apezar da liberdade moral ecepcional de ambos não lhe teria sido ...ito ter objetivamente com Ela um vinculo diferente ...uele que realmente existíra.

...ano de 1850 abriu-se por uma vizita coletiva dos ...istas prezidida por Littré. E a 3 de Janeiro, o Mestre fez a 10ª redação do QUADRO CEREBRAL, ...ntão definitiva. (Vide o *Quadro* ao lado.)

...esmo tempo o nosso Mestre proseguia na redação ...ITICA cujo primeiro volume ficou concluido a 24 ...ereiro desse ano.

...utro lado, dava Ele passos no sentido de obter a ...a o seu curso popular da *Historia geral da Humanidade*. Nessa ocazião, Carolina Massin, sabendo das ...ades que estava encontrando o proprio Vieillard ...u intervir junto de Bineau, a quem ela conhecia ...nente. Os seus esforços fôrão bem sucedidos, e o Mestre agradeceu a sua iniciativa e a assinalou aos ...cavão. * A 16 de Abril, o *Moniteur* publicava o ...anuncio:

...so filozofico sobre a historia geral da Humanidade ...essado gratuitamente pelo Sr. Augusto Comte, ...como de costume, com inteira publicidade, ...ingos, ao meio-dia em ponto, a partir do

...le Littré, ps. 610-617.

domingo proximo 21 de Abril até 13 de Outubro, na mesma sala que o ano passado (antiga sala de fizica), no Palacio Nacional, rua Massena n. 8 (antiga Montpensier), no 3º andar. Este curso é sobretudo destinado a dar ao povo uma justa idéia da intima ligação do prezente com o conjunto do passado, para conceber sem utopia o futuro se tanto quanto uma san teoria historica permite determiná-lo. »

Antes de concorrer para este rezultado, Carolina Massin se tinha esforçado por obter a restrição habitual do justo silencio do nosso Mestre. « Apezar da afetação dos seus rogos e da imperfeição das suas confissões, diz Este, julguei que seria falta de piedade, e mesmo parecer revelar a minha propria irrezolução, repelir inteiramente estes tristes suplicas de uma desgraçada doravante privada de atrativos e já condenada a um sombrio izolamento. Consenti, pois, em responder-lhe pontualmente, mas depois de lhe ter diretamente lembrado a irrevogavel consagração de toda a minha alma á casta companheira eterna que um santo tumulo assiduamente honrado torna mais excluzivamente inseparavel. » (VOLUME SAGRADO, *Sexta Santa Clotilde*, p. 157.)

Littré informa que o programa desse curso foi o mesmo de 1849, tendo havido apenas uma sessão adicional sobre a *teoria cerebral*. Mas nesse curso fôrão aprezentados os progressos que o nosso Mestre acabava de fazer quanto á instituição sistematica do *culto intimo* e do *culto domestico*.

Foi no meio dessas emoções que o veiu sorprehender a morte repentina de Blainville. Junto a seu tumulo, Augusto Comte proferiu a 15 de Cezar (7 de Maio) um discurso funebre que veiu inaugurar o sacramento pelo qual a Religião da Humanidade soleniza a passagem da vida objetiva para a existencia subjetiva. Este discurso foi publicado logo depois com esta fórmula colocada por cima do titulo: RELIGIÃO DA HUMANIDADE — *O amor por principio, a ordem por baze, e o progresso por fim.* *

Laffitte diz que, depois da morte de Blainville, o nosso Mestre deixou os seus passeios habituais. (*Revista Ocidental*, 1ª serie, tomo XIII, 1884, p. 272.)

A 7 de S. Paulo (27 de Maio) o nosso Mestre começou a redação da sua *Quinta Confissão*, lida sobre a santa se-

* Vide a *Vida de Augusto Comte*, pelo Dr. Robinet, 3ª edição, p. 470

pultura no Mercuridia seguinte. Ahi o nosso Mestre inaugurou o *culto final* da sua terna e imaculada Inspiradora, proclamando a fórmula pozitivista sob o seu enunciado primitvo: *O amor por principio, a ordem por baze, e o progresso por fim.* E' essa a ultima *confissão* em que Ele invoca Clotilde como a sua *nobre e terna espoza.* Depois de indicar a teoria pozitiva dos *Anjos da guarda*, Ele diz:

« Tal rezultado me faz melhor sentir o valor especial da nossa ecepcional pureza. Porque si esse santo oficio só pertence ao teu sexo, uma escrupuloza castidade não importa menos á sua plena eficacia.

« A tua justa incorporação ao Grão-Ser, já sancionada por um primeiro grau de adhezão publica, me tornará mais salutar esse patrocinio habitual. Do teu ativo ministerio emanarão cada vez mais os supremos impulsos que a Humanidade deve exercer sobre mim, para melhor adaptar-me á sublime fundação que me coube por sorte. Sem a tua secreta assistencia, eu não poderia siquer construir assás a verdadeira logica final, onde as emoções e as imagens tenderão sistematicamente a fortificar a nossa mesquinha razão. Antes de passar pelo teu admiravel acendente, eu já sentia a popularidade necessaria de uma filozofia que a principio parecia rezervada aos pensadores teoricos. Mas é só á tua influencia que eu devo agora poder, sem iluzão, considerá-la tambem como eminentemente apropriada ao teu sexo. O culto das mulheres e a logica feminina tornão-se doravante atributos carateristicos da religião demonstrada. Ora, sem a tua irrezistivel intervenção, todos os meus esforços de coração e espirito jamais terião dezenvolvido assás esse duplo privilegio, que tanto deve influir no proximo advento da verdadeira espiritualidade. (VOLUME SAGRADO, ps. 152-153.)

No mez seguinte a conduta de Carolina Massin acarretou a cessação da correspondencia epistolar que, por extrema piedade, jo nosso Mestre consentíra em ter com ela, durante cinco mezes. Segundo informa Littré, a santa generozidade de Augusto Comte o fizera escrever, nesse intervalo, 26 cartas á desgraçada a quem ele, por um temerario cavalheirismo, quizera confiar a sua vida em 1825. Depois de similhante experiencia, o nosso Mestre decidiu não admitir mais nenhuma correspondencia com Carolina Massin, sob pretexto algum.

A partir desse momento redobrárão naturalmente os esforços de Carolina Massin para atrahir a si não só os antigos amigos do nosso Mestre, mas tambem aqueles que o dezenvolvimento social do Pozitivismo vinha grupando em torno do supremo Reformador.

Enquanto essas nefandas intrigas se urdião, o nosso Mestre proseguia na sua tocante evolução. Os episodios de tão prodigioza acenção são celebrados nas suas *Confissões*. Chegados, porem, a este ponto, o objetivo do prezente volume apenas exige mais algumas indicações sumarias. Porque o acabamento do quadro cerebral, formulando a concepção definitiva da natureza humana, constituia, como dissemos, a condição indispensavel para a teoria pozitiva da união conjugal. Só então podia o nosso Mestre apanhar o verdadeiro carater do laço excepcional que vinculava uma á outra a alma da sua egregia Inspiradora e a sua. E', pois, bastante assinalar agora rapidamente os fatos que se derão até o atingimento desse sublime rezultado.

No jovedia 3 de Dante (18 de Julho) desse ano, efetuou-se o cazamento pozitivista do Dr. Second com Mlle Leonie de Lanneau. Era a segunda união conjugal que o nosso Mestre consagrava, e foi a primeira cerimonia do novo culto em que aparecêrão assinaturas femininas. Ele expôz então a teoria dos nove sacramentos pozitivistas. Na mesma cerimonia o terno Pensador proclamou a adoção de Sofia como filha da sua escolha. (VOLUME SAGRADO, p. 12.)

Agosto foi infelizmente assinalado por uma segunda ruptura com a sua Irman. A triste situação assim recomeçada para com a sua Familia só cessou posteriormente, graças aos aperfeiçoamentos morais devidos ao incessante culto de Clotilde.

Em Setembro o nosso Mestre conseguia completar a teoria dos *Anjos da guarda* instituindo-a tambem para o sexo feminino, problema que Ele supuzera apenas soluvel por uma Mulher, conforme vimos.

Em Outubro, a terminação do seu curso vinha oferecer-lhe ensejo para uma segunda expansão publica em relação á Clotilde. E nesse mesmo mez perdeu as esperanças de que Laffitte viesse a ser o seu sucessor. (VOLUME SAGRADO, p. 172). Ao terminar o seu curso, o nosso Mestre definiu a atitude final dos pozitivistas desligando-os completamente de qualquer solidariedade com os revolucio-

narios. Essa apreciação deu lugar, em Novembro, a uma discussão no seio da Sociedade Pozitivista. No fim do mesmo mez foi celebrado pela primeira vez o sacramento da *Aprezentação*, inaugurando então o nosso Mestre o selo pontifical que instituira a 4 de Frederico (8 de Novembro). (VOLUME SAGRADO, p. 18).

Em Dezembro foi começada a redação do segundo volume da POLITICA pela elaboração da *Teoria geral da Religião*.

Terminando, em Janeiro de 1851, esta teoria, o nosso Mestre sentiu-se assás adiantado para projetar a redação do CATECISMO POZITIVISTA. Em Fevereiro, Ele fez a leitura desse capitulo na Sociedade Pozitivista, e no mesmo mez teve a sua terceira entrevista com Vieillard, que lhe manifestou uma adhezão mais viva e mais completa á nova doutrina.

Em Março foi publicado o QUADRO CEREBRAL. Foi tambem então que o nosso Mestre rezolveu dezistir de qualquer lucro pecuniario com a venda dos seus escritos. Decidindo-se igualmente a publicar o primeiro tomo da POLITICA, e a impressão encontrando dificuldades, Longchamp ofereceu como fiança a sua propriedade territorial. Graças a essa generoza iniciativa, o nosso Mestre já podia ler em provas a santa *Dedicatoria*, na hora mesma da terrivel catastrofe. No dia seguinte, a abertura do seu 3º curso de historia geral da Humanidade permitia-lhe definir novamente a atitude final dos pozitivistas e fazer a sua terceira manifestação publica a Clotilde.

Essa comovente referencia forneceu ensejo para patentear os tristes rezultados que já tinhão obtido as intrigas de Carolina Massin. Na sessão de 22 de Archimedes (16 de Abril), em plena Sociedade Pozitivista, Belpeaume censurou grosseiramente que o nosso Mestre ouzasse falar de Clotilde no seu curso, dizendo que isso era injuriozo para Carolina Massin.

Achavão-se prezentes Laffitte, Segond, Jundzill, Fili, F. Magnin, de Montègre, Lefebvre, Belpeaume, Peyronnet, e Piéton. Agredido assim brutalmente, o nosso Mestre viu-se forçado a explicar a sua conduta, desmascarando a indigna mulher que a sua temeraria generozidade o fizera tomar por espoza. Esses dolorozos esclarecimentos forão dados nas sessões ecepcionais de 22 de Archimedes e 1 de Cezar (16 e 23 de Abril). Mas, apezar de provocado,

o cavalheiresco Pensador não revelou então a verdadeira sobre Carolina Massin.

Ao saber do que se passára, Littré julgou-se autorizado a escrever uma longa carta em prol de Carolina Massin. Essa carta ofereceu ao nosso Mestre ocazião para reproduzir as explicações que dera, e assinalar ao mesmo tempo os rezultados morais da sua assombroza evolução. Foi então, com efeito, que Ele indicou, pela primeira vez a solução que a Moral Pozitiva oferece para as desgraças conjugais. Limitar-nos-emos a transcrever esta parte de tão memoravel documento:

« Antes de caraterizar a minha situação domestica, devo indicar um esclarecimento provocado pela sua teoria do cazamento, distinguindo neste a união legal e a união moral.

« A primeira não comporta justa dissolução sinão em cazos extremamente ecepcionais, em que não me acho, mas de que a minha nobre e terna Clotilde ofereceu o mais tocante exemplo, assás explicado aos nossos confrades. Quanto á união moral, ela póde sempre cessar pela indignidade prolongada de um dos conjuges. Si o laço legal perzistir então, mas sem filhos, ele se reduz a deveres materiais. Ele não comporta outra reação moral sinão impôr a castidade ás ternuras ecepcionais. A sociedade não póde nem deve exigir nunca que um coração renuncie a dezenvolver-se, só porque o seu surto inicial abortou sem reproche.

« Sou, de resto, muito dezinteressado nessa questão geral. Porque entre M^me^ Comte e mim, nunca se tratou de quebrar a união moral, pois que esta não existiu jamais. Quanto ao laço legal, suportarei dignamente todas as consequencias materiais da sua justa perpetuidade. Escrupulozamente aceitei as suas reações afetivas, pois que a minha santa paixão permaneceu sempre tão pura como profunda. A minha eterna viuvez garante plenamente a perzistencia espontanea de tal condição. » (VOLUME SAGRADO, p. 48.)

No fim de Maio o nosso Mestre começava a redação da sua SETIMA SANTA CLOTILDE que caraterizou a *adoração universal* da sua angelica Inspiradora. Desde então a nossa imaculada e terna Mãi-Espiritual passou a ser invocada como a *nobre e terna Padroeira* e o *Juiz supremo* do nosso Mestre. E, ao terminar essa incomparavel efuzão

Ele dizia a Clotilde: « Eu não seria um digno pontifice da Humanidade, si não estivesse profundamente convencido da minha inferioridade moral em relação a ti. E' pois em esforçar-me por parecer-me contigo que devo empenhar-me de mais em mais. Sem cessar de ser a minha verdadeira espoza, tu te tornarás sobretudo a minha santa padroeira, e a fonte crecente dos meus melhores progressos, á medida que eu combinar melhor os dois elementos da feliz diviza que eu te fiz aceitar,— Amor e respeito eternos. » (VOLUME SAGRADO, p. 178.)

Assim, desde Junho de 1851, Clotilde se achava definitivamente transformada de angelica Companheira em divina Padroeira do nosso Mestre. No mez seguinte o aparecimento do primeiro tomo da POLITICA vinha tornar possivel a apreciação direta da influencia que Clotilde exercêra sobre a acenção da Filozofia Pozitiva para a Religião da Humanidade. Esse volume trouxe o QUADRO
rma normal, que constitûi, portanto,
. (Vide o *Quadro* ao lado.) E, como
DICATORIA, o nosso Mestre anexou:
ARTA FILOZOFICA SOBRE A COME-
3º OS PENSAMENTOS DE UMA FLOR.
z, o nosso Mestre concebia esperanças
r (Cezar Lefort), sobre o qual se dezi-
mo já se havia dezenganado antes a
Laffitte. E infelizmente o abnegado
sem encontrar entre os seus dicipulos
de preencher similhante função!
onsulta feita por um membro do
Lyon conduzia o nosso Mestre ás me-
determinar, em Setembro, a institui-
sto. Era natural que tais meditações
omento decizivo a 27 e 28 de Agosto,
s lhe lembravão a tocante cerimonia
de S. Paulo. Cremos, por isso, que a
igão os *extazes* donde rezultárão as
de 27 e 28 de Agosto de 1851. Foi
e Ele concebeu de todo a verdadeira
que só podia ter existido entre Ele e
Ele dizia na sua OITAVA SANTA

patrocinio final se me tornou assás

familiar, ele dispõe-me a voltar sobre o nosso curto passado objetivo, para reprezentar-me como teriamos vivido sem a fatal catastrofe. Sinto assim que a nossa união objetiva teria, no fundo, pouco diferido do laço subjetivo que foi só o que póde dezenvolver-se entre nós.

« Tu te lembras, com efeito, que a minha adoração purificando-se cada vez mais sob a tua salutar rezerva, eu projetei afinal uma adoção legal que te haveria de permitir em breve tomar abertamente, sinão o meu nome ao menos a minha caza. Quando a minha apozentação filozofica publicar a nossa santa correspondencia, esse terno misterio achar-se-á plenamente revelado ás almas de elite pela ultima das minhas cartas. E' verdade que, propondo-te tal união, eu ignorava ainda quanto a tua ternura se conformava realmente com a minha. Tu não o tinhas então confessado sinão á nossa Sofia, que mesmo não m'o explicou sinão depois da tua propria efuzão, realizada somente na fatal semana. Porem, eu ouzo assegurar agora que essa inapreciavel conformidade não teria em nada alterado a minha rezolução definitiva de querer-te a simples titulo de filha.

« Só tal união convinha ás nossas fatalidades ecepcionais. Embora as nossas situações respectivas nos proporcionassem moralmente uma plena liberdade, a nossa pureza crecente devia perzistir por sabiduria, quando a delicadeza cessava assim de no-la prescrever. Para que ela se não nos tornasse jámais penoza, bastava, nas nossas tristes situações, reprezentar-nos o nacimento de um ente sem nome. A tua natureza e a minha experiencia nos terião igualmente conduzido a renunciar irrevogavelmente ás satisfações carnais, quando cada um de nós se tivesse sentido certo da afeição que elas são sobretudo destinadas a constatar e cimentar.

« A minha ardente organização não me impediu de instituir recentemente o cazamento casto, para regular dignamente a procreação humana, como explicar-te-ei adiante. Sinto agora que ela ter-me-ia permitido a aplicação pessoal dessa instituição, á vista dos graves motivos que no-la impunhão. E' para ahi que tendia, no fundo, o meu projeto espontaneo de paternidade legal. Em virtude da similhança natural de todas as afeições simpaticas, a nossa eterna renuncia aos vinculos sensuais dissipava a unica distinção que as nossas idades deixavão realmente

entre a espoza e a filha. A amargura ordinaria de tal constrangimento dezaparecia inteiramente pela certeza mutua que este provinha de um simples dever de situação, sem nenhuma insuficiencia de afeição. Assim, a preponderancia definitiva da veneração me faz melhor sentir hoje qual o carater habitual que teria tomado a nossa união objetiva, si a sua duração nos tivesse sido permitida. As mesmas dispozições que te fazem doravante adorar subjetivamente como mãi, terião feito então querer-te objetivamente como filha; porque, a plena castidade conjugal comporta igualmente esses dous modos.

« Eu pressentia essa apreciação final da nossa santa intimidade, quando, algumas semanas após a catastrofe, anunciava dignamente a perda de uma filha adotiva. A tua ingenua expansão a Sofia acerca da ventura de nós *tres* indicava uma equivalente tendencia. Os apegos de ambas vós, tornárão-se, com efeito, essencialmente similhantes, como cada um deles se aproxima daquele que me liga á minha santa mãi objetiva. Renunciando aos nós corporais, não subzistem ahi outras diferenças que não as que rezultão naturalmente da diversidade de educação e de carreira. Tu te haverias pois de achar legalmente, como já o eras moralmente, a verdadeira irman daquela que todos os meus amigos tratão agora como a minha filha adotiva.

« Quanto me é doce sentir essa santa uniformidade que carateriza finalmente as minhas principais afeições privadas! Ela consolida e dezenvolve a unidade total da minha existencia, ligando melhor as minhas simpatias intimas aos meus sentimentos publicos. Por ahi, a minha vida objetiva aproxima-se mais da vida subjetiva, que a posteridade reconhecida me rezerva. Apezar do meu izolamento filozofico, tive a ventura de obter tres admiraveis afeições femininas, assim dispostas a confundirem-se essencialmente. As justas homenagens de um publico de elite ratificarão em breve essa fuzão espontanea, na qual a tua imagem prevalecerá sempre, sem enfraquecer de modo algum as outras duas.

. . . .

« No mez mesmo em que se realizou (a nossa ultima entrevista anual), senti profundamente o melhoramento do teu santo culto em virtude da tua transformação final de companheira em padroeira. Porque é verdadeiramente

a titulo de mãi que doravante te invocarei cada vez mais, á medida que se dezenvolver a segunda vida de que tu só és a fonte e a alma. O contraste das idades apaga-se aqui perante a superioridade moral, como o pressentiu Dante quando seguiu como filho a sua celeste condutora. Quanto mais prosigo na minha santa carreira, melhor sinto quanto o teu coração sobreleva o meu, e quanto a preeminencia é preferivel a qualquer outra. O meu culto intimo não oferece desde então nada de ecepcional, salvo a substituição necessaria de uma mãi subjetiva á mãi objetiva que o conjunto dos nossos fadarios privou de prezidir ao meu principal surto moral. A tua terna deferencia para com ela diminúi aliás essa unica anomalia. Na nossa angelica harmonia, Lucia honrará sempre em Rozalia a primeira fonte dos germens afetivos cujo dezenvolvimento devi a ti. No fim desse mez querido (mez de Junho) a publicação decisiva do volume sagrado (1º tomo da POLITICA) veio já consolidar esse estado final do meu culto intimo, proporcionando uma sanção social ao teu acendente privado. (VOLUME SAGRADO, ps. 182-185.)

A 19 de Outubro encerrou-se o *Curso de historia geral da Humanidade*. Foi em uma das sessões finais desse curso, que o nosso Mestre ouzou propôr que se devolvessem para Santa Helena os restos do primeiro Bonaparte, e fossem colocados no tumulo dos Invalidos os despojos do general Mallet. O nosso Mestre encerrou o curso depois de uma sessão de 5 horas com esta proclamação que serve de introito ao prefacio do CATECISMO POZITIVISTA:

«Em nome do passado e do porvir, os servidores teoricos e os servidores praticos da HUMANIDADE vêm tomar dignamente a direção geral dos negocios terrestres, para construir enfim a verdadeira providencia, moral, intelectual, e material; excluindo irrevogavelmente da supremacia politica todos os diversos escravos de Deus, catolicos, protestantes, ou deistas, como sendo, ao mesmo tempo, atrazados e perturbadores.»

Depois de similhante sessão e antes do fim desse mez Etex veio oferecer-se para fazer o busto do abnegado Pensador e o seu retrato a oleo.

Desde o mez seguinte, o nosso Mestre retomava a redação do II tomo da POLITICA. Achava-se nessa elaboração quando recebeu a noticia de lhe haverem arrancado o

lugar de repetidor da Escola Politecnica. Para esse lugar foi nomeado Bertrand, a 20 de Novembro. « Essa ultima iniquidade, diz o nosso Mestre, foi especialmente devida ás manobras perseverantes do digno par algebrico * em relação ao qual o meu prefacio precedente me impede de receiar nenhum engano involuntario. Todavia, as suas vis intrigas não terião bastado sem a assistencia deciziva que achárão espontaneamente em virtude dos ignobeis rancores de um famozo mercador de planetas subjetivos (Leverrier), a quem a nossa anarchia proporciona agora um funesto acendente politecnico. Nessa escola irrevogavelmente degenerada, onde os alunos mesmos decêrão, pelo coração e o espirito, ao nivel dos mestres, não ha mais de verdadeiramente estimaveis sinão os funcionarios praticos, quer militares, quer administrativos. Recebi sempre deles, apezar de frequentes mutações pessoais, um acolhimento honoravel embora impotente, digna imagem das dispozições constantes do poder que eles reprezentão. Logo depois desse ultimo golpe, o seu nobre chefe atual me expримiu espontaneamente essa precioza simpatia por uma admiravel carta que eu conservarei incessantemente como um testemunho incomparavel. Mas, nesse desgraçado estabelecimento, todas as autoridades praticas gemem mais do que nunca sob a opressão pedantocratica, na qual se acaba sómente de substituir, ao estreito misticismo dos algebristas, o grosseiro empirismo dos pretensos engenheiros. » (POLITICA, II, *Prefacio*, ps. VI-VII.)

Essa expoliação veio agravar as condições economicas do nosso Mestre. Havia tres anos (1849, 1850, 1851) que Ele procurava em vão adquirir dicipulos particulares. Os acontecimentos impelião assim o intrepido Filozofo para a situação material que normalmente convinha á sua incomparavel missão de Fundador do novo Sacerdocio. O nosso Mestre decidiu-se, pois, a assumir dignamente esse posto, apezar dos riscos que ele oferecia. Desde então dezistiu de todos os proventos literarios, renunciando mesmo aos vencimentos como diretor da projetada *Revista Ocidental*.** Rezolveu, ao mesmo tempo, não aceitar nunca

* Duhamel e Bertrand.— R. T. M.

** O dezenvolvimento da sua evolução religiosa patenteou posteriormente ao nosso Mestre que o regimen pozitivista era incompativel com toda especie de *periodismo*, qualquer que fosse o intervalo obrigado da publicação.

qualquer retribuição dada pelo poder temporal, nem siquer como compensação das expoliações de que fôra vitima. Em uma palavra, assentou em apoiar a sua subzistencia excluzivamente sobre o subsidio pozitivista, que perdeu o carater de uma medida tranzitoria, para tornar-se uma instituição destinada a permitir o advento do novo Poder Espiritual.

Em Dezembro, o nosso Mestre respondeu á carta do Comandante da Escola politecnica. No dia seguinte, Luiz Napoleão dava o golpe-de-estado contra o parlamentarismo. Esse acontecimento reagiu favoravelmente sobre a constituição da Sociedade Pozitivista, determinando a retirada de Littré e de varios outros revolucionarios. Eles alegárão para fundamentar a sua dezerção o fato do nosso Mestre ter aprovado o ato de Luiz Napoleão, como si o rezultado direto de tal ato não fosse instituir a *ditadura republicana* sistematizada pela siencia social. Porem, no meio do dezanimo geral, Augusto Comte proseguia inabalavel a sua incomparavel missão. Na ultima semana desse mez Ele conferia a consagração pozitivista ao cazamento que o Dr. Robinet efetuára tres anos antes, quando ainda não conhecia a nova Fé. Tal solenidade inaugurou a tocante cerimonia do *Cazamento renovado*, para os conjuges cuja união não tiver sido celebrada pela Religião da Humanidade.

Em Janeiro de 1852, o nosso Mestre retomou a redação do segundo volume da POLITICA. Foi nessa elaboração que veio sorprehendê-lo uma apreciação da nova doutrina feita em uma revista metodista dos Estados-Unidos, dirigida por Klintock. No mez seguinte, o nosso Mestre, agradecendo essa manifestação, invocava nobremente o apoio dos seus dignos adversarios. Por outro lado, escrevia uma carta ao senador Vieillard apreciando a situação politica. * Ahi comunicava a rezolução de só viver dos livres subsidios dos que reconhecessem a utilidade social dos seus esforços regeneradores.

O dezinteresse do nosso Mestre recebeu em Março uma digna recompensa. Thunot, o impressor da POLITICA.

* Vide essa carta no tomo II da POLITICA POZITIVA, ps. XXV-XXXII.

ofereceu-se para efetuar a publicação do segundo volume sem nenhum compromisso especial. Desde então foi começado o trabalho de impressão. Em Abril estava terminada a redação desse segundo volume. Logo depois (Maio), o nosso Mestre foi vitima de uma grave perturbação fizica. Nesse mesmo mez, Etex ofereceu-lhe o quadro em que o santo Reformador era reprezentado trabalhando sob a inspiração dos seus tres Anjos. Então começou Ele a elaboração do CATECISMO POZITIVISTA que foi concluido a 23 de Gutenberg (2 de Setembro), e apareceu em Outubro. Ahi vinhão consignados todos os progressos morais e mentais efetuados sob a inspiração incessante de Clotilde. Tais progressos se rezumião na introdução da MORAL como o termo supremo da jerarchia teorica, passo que havia sido consumado no ultimo capitulo do segundo volume da POLITICA.

Chegados a este ponto acha-se preenchido o objetivo do prezente volume. Porque o nosso fito consistiu em mostrar a maravilhoza evolução moral que conduzíra á fundação da Religião da Humanidade, mediante a combinação das evoluções de Clotilde e Augusto Comte. Ora, acabamos de contemplar, por um lado, como a sublimidade de Clotilde conseguíra patentear nitidamente a verdadeira natureza do altruismo, realizando espontaneamente, no meio da mais profunda anarchia e do mais comovente martirio, o tipo eterno da verdadeira santidade. Por outro lado, vimos a incomparavel grandeza do nosso Mestre permitir-lhe vencer todas as dificuldades da sua situação, e conceber pela nossa divina Mãi-Espiritual o amor puro e profundo sem o qual Ele teria falhado ao seu gloriozo destino. Graças a essa paixão sem exemplo, Ele alcançára regenerar imediatamente os seus habitos antes mesmo de transformar as suas opiniões. Augusto Comte póde assim experimentar dignamente a influencia regeneradora de Clotilde enquanto Ela viveu. E, depois que uma terrivel catastrofe a arrebatou, o ardente culto da memoria dela assegurou a continuação da sua prestigioza influencia. De sorte que o sublime Pensador, proseguindo na sua acenção religioza, chegou afinal a atingir o ultimo grau que S. Bernardo assinalára ao amor. Ajoelhado ante a imagem da sua terna e imaculada Inspiradora o Fundador do Pozitivismo póde desde então aplicar a Ela a invocação

e o voto dos dois sublimes interpretes da idade-média, Dante e Tomaz de Kempis:

Vergine-Madre, Figlia del tuo Figlio!
Amem te plus quam me, nec me nisi propter te.

Tal é o assombrozo espetaculo que selou o Passado e inaugurou o Porvir, atravez do mais convulsionado Prezente. Os corações amantes e especialmente os que tiverão a ventura de ter experimentado uma digna cultura catolica, dispõe assim, segundo cremos, de todos os elementos para apreciar a grandeza moral dos nossos Pais Espirituais. Contamos, por isso, que a leitura destas paginas não se limitará a determinar nas melhores almas contemporaneas de quem forem conhecidas, sobretudo femininas e proletarias, uma profunda simpatia pelos Fundadores do Pozitivismo. Acreditamos tambem que muitas serão levadas a querer examinar diretamente a nossa Religião, e que esse exame acarretará a plena conversão delas á nova Fé. Essas encontrarão no CATECISMO POZITIVISTA todos os esclarecimentos indispensaveis para a sua redenção. Oxalá assim seja; e a Humanidade conte em cada leitor destas linhas um novo adorador!

Templo da Humanidade no Rio de Janeiro.

Vista do altar-mór. A HUMANIDADE é ahi personificada em CLOTILDE, segundo o voto do nosso Mestre.
(Idealização do pintor brazileiro Decio Vilares.)

O ANO SEM PAR, *p. final.*

SEXTO MEZ

S. PAULO

C. normal—A Domesticidade

C. historica—O Catolicismo

Estilo Julio-Greg. Abril	Ano bis.	Estilo pozit.		Estilo Julio-Greg. Maio	Ano bis.
13	12	1		11	10
14	13	2		12	11
15	14	3		13	12
16	15	4		14	13
17	16	5		15	14
18	17	6	Advento do Pozitivismo Religiozo.	16	15
19	18	7	F. da Domest. permanente completa.	17	16
20	19	8		18	17
21	20	9		19	18
22	21	10		20	19
23	22	11		21	20
24	23	12		22	21
25	24	13		23	22
26	25	14	F. da Domest. permanente incompleta.	24	23
27	26	15		25	24
28	27	16		26	25
29	28	17	Comp. da Carta sobre a comemoração social.	27	26
—30	29	18		28	27
Maio 1	—30	19		29	28
2	1	20		30	29
3	2	21	F. da Domest. passageira completa.	31	30
4	3	22		Junho 1	—31
5	4	23	Inauguração do Culto pozitivista (culto intimo).	2	1
6	5	24		3	2
7	6	25		4	3
8	7	26		5	4
9	8	27		6	5
10	9	28	F. da Domest. passageira incompleta.	7	6

NOTA á p. 77 da *Introdução*

Carta de S. Bernardo aos conegos de Lyon, sobre a
acepção de Maria.

(Escrita no ano 1140)

1. E' certo que, entre as igrejas de França, a de Lyon
n ocupado até aqui o primeiro rango, quer pela digni-
de da sua sé, quer pela pureza dos seus sentimentos,
er pelo merito das suas instituições. Onde jámais bri-
árão tanto como nela, a severidade da diciplina, a
avidade dos costumes, a prudencia dos conselhos, o pezo
autoridade, o respeito da antiguidade? E' sobretudo
s solenidades eclezíasticas, que nunca se viu essa igreja
eia de juizo aceder facilmente a novidades repentina-
ente introduzidas, nem se deixar dezhonrar por uma
viandade pueril. Eis porque ficamos muitissimo sor-
rehendido que nos ultimos tempos, alguns dentre vós
nhão julgado a propozito querer embaciar o vosso bri-
ante esplendor, introduzindo uma festa nova que a
rgia da Igreja não conhece, que a razão não aprova,
a antiga tradição não recomenda. Somos nós mais
do que os nossos pais, ou mais religiozos do que
perigo para nós em abordar aquilo que nessas
prudencia deles deixou de lado. Porque esse
tal natureza, que, si não devesse ter sido afas-
ria podido escapar á atenção deles.
recizo, dizeis vós, grandemente honrar a Mãi
A vossa opinião é sábia, mas a gloria dessa
niga da justiça. A Virgem real, cumulada de
onra verdadeiros e revestida de explendidas
, não preciza de uma falsa gloria. Honrai a pu-
u corpo, a santidade da sua vida, admirai a sua
e fecunda, venerai a sua maternidade divina.
por não haver conhecido a concupicencia na
o, nem a dôr no parto. Publicai que ela tem
o respeito dos anjos, que ela foi dezejada das na-
sentida pelos patriarcas e pelos profetas, escolhida
dos, preferida a todos. Glorificai-a como a fonte da
como medianeira da salvação, como reparadora dos
. Exaltai enfim aquela que foi exaltada acima dos
los anjos nos reinos celestes. Eis ahi o que a Igreja

canta em sua honra, e o que ela me ensina a cantar. Quanto a mim, conservo com segurança e transmito o que recebi dessa fonte; mas o que não recebi dela, terei, confesso, mais escrupulos em admitir.

3. Aprendi, pois, da Igreja que é precizo celebrar, com a maior veneração, o dia em que a Virgem, retirada deste seculo mau, transportou aos céus as alegrias de uma festa solene. Aprendi ainda na Igreja e da Igreja a reconhecer sem hezitar como solene e santo o nacimento da Virgem, e creio muito firmemente com a Igreja que ela recebeu no seio da sua mãi, a graça de nacer santa. Li, com efeito de Jeremias que ele foi santificado antes de nacer; tenho o mesmo pensamento sobre João Batista que, do seio da sua mãi, sentiu o Senhor no seio da dele. [1] Vêde vós-mesmos, si é permitido pensar outro tanto do santo David, em razão do que ele dizia a Deus: *Eu me apoiei em vós antes do meu nacimento e vós sois o meu protetor desde o seio da minha mãi* [2]; e ainda: *Vós sois meu Deus desde o seio da minha mãi, não vos afasteis de mim* [3] E do mesmo modo foi dito a Jeremias: *Antes que eu te formasse no seio da tua mãi, te conheci; e eu te santifiquei antes que tu tivesses sahido dele.* [4] Como o oraculo divino distingue bem a formação no seio materno do parto! Ele mostra assim que a formação foi sómente prevista, mas que o parto foi ornado do dom de santidade, afim de que não imaginassem que se devia limitar os privilegios do profeta á só predestinação ou á pre-siencia.

4. Concedamos entretanto que assim seja para Jeremias. O que responderão para João Batista, a respeito de quem um anjo anunciou de antemão que o Espirito Santo o encheria, quando ele estivesse ainda no seio da sua mãi? Eu não penso que se possa referir esse dito á predestinação nem á pre-siencia. Porque as palavras do anjo forão sem duvida cumpridas no momento mesmo que ele tinha predito, e não é permitido crer que aquele que tinha sido anunciado como devendo ser cheio do Espirito-Santo, não o tenha sido no tempo e no lugar fixados pela profecia. Ora, o Espirito-Santo certissimamente santificou aquele que ele encheu. De resto, eu não teria a temeridade de indicar até que ponto essa santificação póde prevalecer contra o pecado original, quer no Precursor, quer no Profeta, quer em qualquer outro, si ha outros que tenhão sido

1. Lucas, I, 41—2. Ps. LXX, 6—3. Ps. XXI, 11—4. Jerem., I, 5.

prevenidos pela mesma graça. Entretanto eu não hezitaria em dizer que aqueles que Deus santificou são santificados, e que sahírão do seio materno com a santidade que ahi recebêrão; o pecado que eles tirárão da sua concepção, não póde de modo algum impedir nem roubar de antemão a benção que estava ligada ao nacimento deles. Quem poderia dizer, com efeito, que aquele que foi cheio do Espirito-Santo permaneceu não obstante um filho de colera e que, si lhe tivesse acontecido morrer no seio materno com tal plenitude de graça, teria incorrido nas penas da condenação? Isso seria duro. Entretanto eu não ouzo decidir nada sobre tal segundo o meu sentimento. Mas, seja como fôr, a Igreja que julga e proclama precioza a morte e não o nacimento dos outros santos, por uma eceção unica, celebra com razão por alegres festas e venera o nacimento só daquele de quem o anjo anunciou, como se lê na Escritura, *que muitos se regozijarião no seu nacimento.* * Porque, com efeito o nacimento daquele que pôde saltar desde o seio da sua mãi, não seria santo e festejado com alegria?

5. Não é, por certo, permitido duvidar que aquilo que foi concedido, mesmo a um pequeno numero de mortais, tenha sido recuzado a uma tão grande Virgem, por quem toda a carne mortal elevou-se á vida. A Mãi do Senhor, tambem ela, foi santa sem duvida alguma antes de nacer, e a santa Igreja não se engana quando considera como santo o dia da sua Natividade, e acolhe cada ano a volta de tal fato com uma festa solene e uma alegria universal. Quanto a mim, penso que uma medida mesmo mais abundante de santificação deceu sobre ela, e, não sómente santificou o seu nacimento, mas ainda prezervou a sua vida pura de todo o pecado; o que não se crê ter sido jámais concedido a nenhum outro filho da mulher. Convinha, com efeito, que a Rainha das Virgens, pelo privilegio de uma santidade singular, passasse toda a sua vida sem nenhum pecado, pois que, pondo no mundo o destruidor do pecado e da morte, obtinha para todos os homens o dom da vida e da justiça. O seu nacimento foi pois santo, porque foi santificado pela santidade infinita que devia sahir do seu seio.

6. O que pensamos que seja ainda precizo ajuntar a essas honras? E' precizo honrar tambem, diz-se, a concep-

* Lucas, 14.

ção que precedeu esse nacimento gloriozo; porque, si aquela não tivesse precedido a este, não se teria de honrar o proprio nacimento. Mas o que se responderá, si um outro, pela mesma razão, sustentar que é precizo render as mesmas honras solenes a cada um dos seus pais? Poder-se-ia ainda reclamá-las por motivo similhante para os seus avós e os seus bisavós; ir-se-ia assim ao infinito e as festas serião sem numero. Essa abundancia de alegrias é boa para a patria, não para o exilio, e essa multiplicidade de festas convem a cidadãos, não a banidos. Mas aprezenta-se um escrito, * que é, diz-se, de revelação superior, como si cada um não pudesse aprezentar um escrito similhante, onde a Virgem pareceria ordenar a mesma coiza para os seus pais, segundo o preceito do Senhor que diz: *Honrai o vosso pai e a vossa mãi.*** Quanto a mim não me deixo facilmente comover nem persuadir por escritos tais, que a razão não parece aprovar e que nenhuma autoridade certa confirma. Como concluir que a concepção deva ser considerada como santa, do fato de haver precedido o nacimento que foi santo? E' porque precedendo-o ela o santificou? Precedendo-o, ela acarretou a sua existencia, não a sua santidade; porque donde lhe teria vindo a ela-mesma a santidade que devia transmitir após si? Não é antes porque a concepção começou sem a santidade, que se tornou precizo santificar a criança concebida, afim de que esta fosse santa ao nacer? Mas talvez a concepção tivesse tomado a sua santidade ao fato que devia seguir-se-lhe? Sem duvida, a santificação que teve lugar após a concepção, podia passar ao nacimento que era posterior; mas ela não pôde de modo algum remontar á concepção que a havia precedido.

7. Donde viria, pois, a santidade da concepção? Dir-se-á que a Virgem foi prevenida pela santificação, afim de que fosse concebida, sendo já santa, e que assim a propria concepção fosse santa; da mesma maneira que se diz que ela foi santificada no seio materno, afim de que o seu nacimento fosse santo? Mas a Virgem não póde ter sido santa antes de existir; ora, ela não existia antes de ser concebida. E por que acazo a santidade se teria meselado á concepção mesmo no meio das caricias conjugais, de modo

* Este escrito é atribuido a Elsin, abade da Inglaterra. (Vide Santo Anselmo, oper. p. 507).

** Exodo, XX, 12.

que a santificação e a concepção tivessem lugar ao mesmo tempo? Mas a razão não admite isso. Como, com efeito, a santidade teria sido possivel sem o Espirito que santifica? Ou, como o Espirito-Santo achou-se mesclado ao pecado? Ou, enfim, como o pecado não se acharia onde não faltou a concupicencia? Dir-se-á por acazo que ela foi concebida do Espirito-Santo, e não de um homem; mas ainda não se ouviu dizer nada de similhante. Leio, com efeito, que o Espirito-Santo veio a ela, e não que tenha vindo com ela, segundo a palavra do Anjo: *O Espirito-Santo virá sobre vós.* * Si é permitido dizer o que pensa a Igreja, que pensa sempre a verdade, eu digo que a Virgem tem a gloria de ter concebido do Espirito-Santo, mas que ela não foi concebida dele. Ela pariu virgem, ela não foi parida por uma virgem. De outro modo, onde estaria essa prerogativa da Mãi do Senhor em virtude da qual se crê poder glorificar só a ela de ter sido mãi e de ter permanecido virgem, si concedeis o mesmo privilegio á sua mãi? Isso não é honrar a Virgem, mas é minorar a sua gloria. Si, pois, ela não póde de modo nenhum ser santificada antes da sua concepção, porque não existia ainda, nem durante a sua concepção mesma, por cauza do pecado que a isso estava ligado, resta a crer que ela foi santificada depois de haver sido concebida, quando já estava no seio da sua mãi, e que essa santificação, banindo o pecado, santificou o seu nacimento, mas não a sua concepção.

8. Eis porque, conquanto tenha sido concedido a um numero, aliás pequenissimo, de filhos dos homens nacerem santificados, não lhes foi todavia dado serem concebidos da mesma fórma, afim sem duvida de que a prerogativa de uma santa concepção fosse rezervada só Áquele que devia santificar todos os outros, e que só, vindo a este mundo fóra do pecado, devia purificar os pecadores. Assim o Senhor Jezus foi o unico concebido do Espirito-Santo, porque só ele foi santo, mesmo antes da concepção. Ecceto ele, todos os filhos de Adão podem se aplicar estas palavras que um deles confessa de si-mesmo com humildade e verdade dizendo: *Fui gerado na iniquidade, e minha mãi me concebeu no pecado.* * *

9. Pois que as coizas são assim, que razão ha pois para festejar a Concepção? Que meio, digo, ha ou de sustentar

* Lucas, I, 35. * * Ps. L, 7.

que essa concepção é santa, quando não vem do Espirito-Santo, para não dizer que ela deriva do pecado, ou de celebrar-lhe a festa, quando ela nada tem de santa? A Virgem glorioza dispensa de bom grado essa honra que parece ou honrar o pecado, ou revesti-la de uma santidade mentiroza. Nada poderá agradar-lhe nessa novidade emprehendida contra o rito da Igreja, e que é mãi da temeridade, irman da superstição, filha da leviandade. Mas, si julgassem de outra fórma, seria precizo consultar primeiro a autoridade da Sé apostolica e não seguir com tanta precipitação e irreflexão a simplicidade de alguns ignorantes. Eu já havia constatado esse erro em algumas pessoas, e dissimulava, poupando uma devoção que vinha da simplicidade do coração e do amor da Virgem. Mas, achando a superstição entre os sabios e em uma Igreja nobre e celebre da qual sou especialmente filho, * não sei si teria podido calar-me sem irrogar-vos, mesmo a vós todos, uma grave ofensa. Entretanto o que disse, seja dito sem prejuizo de uma opinião mais sábia. Sobretudo eu rezervo todo esse negocio, como os que são da mesma natureza, ao exame e á autoridade da Igreja romana. Si penso de modo diverso dela, estou pronto a reformar o meu sentimento sobre o dela.

(OBRAS DE S. BERNARDO, traduzidas por Armand Ravelet, sobre o patrocinio de Monsenhor Bispo de Versailles, precedidas da historia de S. Bernardo e do seu seculo pelo P. Teodoro Ratisbonne. Tomo I, ps. 455-458. 1870.)

* S. Bernardo era filho da Igreja de Lyon; porque nacêra em Fontaines perto de Dijon, e o seu mosteiro de Clairvaux estava na dioceze de Langres que dependia da metropole de Lyon. (Vide ainda a carta 172.)

Errata

CORREÇÕES DIGNAS DE NOTA

Pag. 26. Pela *Revista Ocidental*, 2ª serie, 1892, VI, p. 438, vê-se que as lições 50 e 51 forão escritas de 16 de Junho a 9 de Julho de 1839. Vide para todas as referencias analogas o mencionado numero da *Revista Ocidental*.
» 45, linha 22—em vez de *relações paternas*, leia-se *relações fraternas*.
» 126, ante-penultima linha—em vez de *desde 1830*, leia-se *desde 1831*.
» 140, nota 3—em vez de *Carta do Dr Audiffrent*, leia-se *Carta ao Dr. Audiffrent*.
» 143, linha 35—em vez de *dignais-vos*, leia-se *vos dignais*.
» 189 » 37—em vez de *afetos e sentimentos*, leia-se *afetos e pensamentos*.
» 190, ultima linha—em vez de *suavidade*, leia-se *marioxidade*.
» 204, linha 18—em vez de *afeição*, leia-se *feição*.
» 305, primeira linha da nota—em vez de *tomo V*, leia-se *tomo VI*.
» 316, ante-penultima linha—em vez de *Nova Santa Clotilde*, leia-se *Nona Santa Clotide*.
» 344, linha 36—em vez de *antecendes*, leia-se *antecedentes*.
» 363 » 22—em vez de *tiveste*, leia-se *tivestes*; em vez de *impedir-me*, leia-se *impelir-me*.
» 471, primeira linha—em vez de *vinha*, leia-se *vinhdo*.
» 514, linha 10—em vez de 86, leia-se 66.
» 752 » 35—em vez de 19, leia-se 17.
» 797 » 17—em vez de *que para a Familia*, leia-se *para que a Familia*.
» 800 » 36—em vez de 26, leia-se 28
» 854 » 27—em vez de *passavas em*, leia-se *passava sem*.
» 888 » 16—em vez de *favoreceu*, leia-se *forneceu*.
» 892 » 8—suprima-se a palpvra *só*
» » » 10—acrecente-se: e a consideração distinta da *moral* depois da *politica*.

O ANO SEM PAR

Indice alfabetico

ADVERTENCIA

Publicando este *indice alfabetico*, tenho o prazer de consignar aqui o meu reconhecimento ao nosso prestimozo confrade e amigo Dr. Joaquim Bagueira Leal, a cujo provado zelo pela propaganda da Religião da Humanidade devemos tão util trabalho. A ele devo tambem o assinalamento de uma lacuna sensivel em que incorri deixando de transcrever nos lugares competentes as cartas do nosso Mestre a seu Pai, a sua Irman, e a sua Ama-seca. Para reparar essa lacuna, anexarei antes do referido *indice* esses tocantes documentos, juntamente com a *errata* que o nosso confrade teve igualmente a bondade de confeccionar, e o *indice das gravuras*.

R. TEIXEIRA MENDES.

Rio, 1 de Homero de 47/113 (29 de Janeiro de 1901).

Indice das gravuras

As iniciais T. S. indicão as gravuras devidas ao nosso dedicado confrade Tomaz Sulman da Igreja de Londres; e as iniciais E. B. indicão as que forão feitas pelo Sr. E. Brand.

INICIO E DEDICATORIA

INTRODUÇÃO

O ANO SEM PAR

CONCLUZÃO

Adenda a errata

(Exts. da *Revista Ocidental*, 2ª serie, tomo XIV, ano 1896, p. 134-137)

PAGINA 863, linha 19

Paris, martedia 2 de Junho de 1846.

Meu carissimo pai,

Uma carta da minha prima Victorina Boyer acaba de fazer-me saber agora mesmo a iniquidade recentemente cahida sobre ti, e que eu nunca teria julgado possivel. Embora eu não conheça ainda nem os detalhes nem os pretextos de tal, sinto a necessidade, apezar dos nossos penozos dissentimentos, de testemunhar-te desde já, no meio dos meus profundos pezares e dos meus graves embaraços proprios, quanto estou aflito e indignado de vêr-te, após quarenta e cinco anos de um irreprehensivel exercicio, privado das funções que sempre honraste, de maneira a merecer que elas jamais cessassem sem ti. A minha prima me informa que tu suportaste com uma nobre calma esse golpe imprevisto, e espero que a plena convicção, tão geralmente partilhada em torno de ti, de haver constantemente preenchido todos os teus deveres, sustentará assás a tua justa firmeza para que esse abalo não produza a tua saude nenhum novo ataque. Uma equivalente iniquidade privou-me tambem, ha dois anos, como sabes, sem duvida, da minha principal pozição politecnica, embora eu tenha todo motivo de pensar que ela me será proximamente restituida; mas tu acreditarás, espero eu, sem dificuldade que a indignidade de que acabo de ser informado afeta-me muito mais do que aquela de que sou momentaneamente vitima pessoal. Lamento vivamente que a minha pozição atual, e sobretudo o dolorozo estado das nossas relações mutuas, não me permitão ir em breve

testemunhar respeitozamente ao meu caro e digno pai a parte filial que eu tomo na sua desgraça e o meu vivo dezejo de adoçá-la tanto quanto estiver em meu poder.

Teu filho dedicado

Ate COMTE.

Ainda não vi M. Captier depois de sua volta do sul. Mas espero em breve obter dele todas as informações essenciais sobre essa enormidade imprevista.

PAGINA 875, linha 31

Paris, mercuridia 13 de Janeiro de 1847.

Minha cara Ama,

Muito vos agradeço, assim como ao vosso marido, a boa lembrança que ainda guardais de mim, e peço-vos que aceiteis os votos que vos ofereço em troca dos vossos dezejos pelo novo ano. Possa ele ser para todos nós menos funesto do que o precedente!

Quando vos tornei a ver em Montpellier, ha cinco anos, fiquei muito comovido de encontrar, após tanto tempo, válida e afetuoza aquela que cuidou dos meus primeiros anos. Si eu sou agora quazi desconhecido na minha cidade natal, me é bem consolador pensar que alguem lembra-se ahi cordialmente de mim. Quando eu fôr levado a lá voltar momentaneamente, sentir-me-ei sempre feliz de vos rever. Essa sorte de vinculos, tão propria para reunir todas as condições, merece, aos meus olhos, muito mais respeito do que se lhes costuma conceder hoje.

Recebei, minha cara ama, a expressão sincera da minha afetuoza lembrança.

AUGUSTO COMTE.

A minha saude por muito tempo perturbada por profundos pezares começa a restabelecer-se bem. Conquanto eu toque ao meu quinquagezimo ano, como o deveis saber melhor do que ninguem, sinto em mim mais vigor de espirito, de coração, e mesmo de corpo, do que trinta anos antes.

PAGINA 886, linha 33

Paris, mercuridia 8 de Março de 1848.

Meu caro e bom pai,

Não posso rezistir á ventura de responder já á afetuoza carta que acaba de sorprehender-me.

O afortunado passo pelo qual me felicitas fez-me demaziado saborear a inestimavel doçura das emoções benevolas para deixar-me a menor hezitação acerca da tocante abertura que te dignas fazer-me. Esqueçamos, pois, com plena franqueza, todas as nossas longas dissidencias, e não pensemos sinão em dezenvolver dignamente as nossas santas afeições mutuas. Nobremente comecei, a todos os respeitos, o meu segundo semi-seculo, e espero te poder ainda testemunhar por muito tempo a minha ternura filial. Pódes contar com a minha vizita cordial em Setembro, a menos de obstaculos totalmente independentes da minha vontade. Felicito-me que a tua constancia em suportar a iniquidade te haja assegurado uma saude da qual terei agora noticias mais diretas e mais frequentes pela minha boa prima ou M. Captier.

Teu filho devotado

AUGUSTO COMTE.

Minha cara irman,

Aceito plenamente a reconciliação que tens a benevolencia de me propôr, e te prometo de nunca voltar ao que está passado. Quanto me felicito que a minha sincera manifestação para com M. Arago tenha assim fornecido o ensejo de restabelecer as minhas preciozas relações de familia!

Teu irmão

AUGUSTO COMTE.

(Segue-se o *P. S.* transcrito na p. 886, línha 35.)

PAGINA 887, linha 35

Paris, Jovedia 16 de Março de 1848.

Minha cara Irman,

Na precipitação da minha carta de 8, receio não te haver

manifestado a minha solicitude especial pela tua saude, em relação a qual davão-me algumas inquietudes. Sem esperar a tua resposta, apresso-me hoje em reparar espontaneamente essa distração involuntaria. Espero que me tranquilizarás brevemente sobre um assunto que interessa tanto em si mesmo, e que aliás me deve ser tão precioso pelos cuidados contínuos para com o nosso bom pai, cuja solicitude o conjunto da nossa pozição te confia excluzivamente. Adeus, beijo-te fraternalmente, dezejando muito que nada venha impedir a minha cordial vizita de Setembro.

AUGUSTO COMTE.

PAGINA 984. Calendario abstrato

Nas *Observações* está mencionado, como *era normal* 1855, segundo o que o nosso Mestre indicou no IV tomo da POLITICA POZITIVA, p. 400, publicado em Agosto de 1854. Acredito, porem, que a Posteridade adotará para *era normal* o ano de 1845, a vista desta passagem da *Quinta Santa Clotilde*: « ... *O pozitivismo religioso começou realmente em nossa precioza entrevista inicial do Venerdia 16 de Maio de 1845*, quando o meu coração proclamou inopinadamente, perante a tua familia maravilhada, a sentença carateristica (*não se póde pensar sempre, mas se póde amar sempre*) que, completada, tornou-se a diviza especial da nossa grande compozição. » (VOLUME SAGRADO, p. 146.) Acrece que, na mesma *Santa Clotilde*, explicando os motivos pelos quais Ele não manteve a colocação da nossa Mãi-Espiritual no *calendario historico*, o nosso Mestre diz: « Apezar dos teus verdadeiros titulos a tal apoteoze, a tua digna celebração não pertence sinão ao *culto desse porvir* que tu podias tanto preparar, alem da tua poderoza reação sobre mim. » (*Ibidem*, p. 141.) Enfim o ano 1845 foi o da publicação da *Lucia*, onde se acha empiricamente instituida por Clotilde a *Moral pozitiva*. A diferença entre as duas datas consiste, pois, em

ue 1845 marca o *advento espontaneo* do Pozitivismo eligiozo, ao passo que 1855 assinala a epoca do *acabamento* da sua construção sistematica.

ERROS QUE DEIXÁRÃO DE SER MENCIONADOS NA ERRATA

Pagina	*Linha*	*Em lugar de*	*Leia-se:*
41	26	subverção	subversão
65	37	nocessidade	necessidade
74	32	atingirão	atingírão
76	5	diregir	dirigir
84	17	si	se
149	18	falar sobre a Academia	a Academia relatar
155	9	A'	A
192	32	mesmo	mesmo tempo
217	37	Os dois ultimos paragrafos	formão um paragrafo só
218	1	passei	passarei
	7	seu	seus
219	23	a caza	a linda caza
220	3	Tu dissestes	Tu disseste
	5	barreira,	barreira;
224	28	proprio	proprio repouzo.
346	8	dividas	duvidas
363	21	infinida	infinda
366	14	tivessem	tivesse
368	ultima	utupia	utopia
633	30	adbalo	abalo
679	12	faco	face

INDICE ALFABETICO

ORGANIZADO PELO

DR. JOAQUIM BAGUEIRA LEAL

ABREVIAÇÕES PRINCIPAIS. — *Cl.* Clotilde. — *N. M.* (Nosso Mestre) ;usto Comte.— *C. a. r.* Concepção de N. M. anterior á sua regeneração a influencia de Cl. — *R. c. s.* Assunto referido na correspondencia sa-la. — *Q. c.* Assunto tratado nos quadros cerebrais. — A letra *g* ou *q* ta a um numero indica a gravura ou o quadro da pagina respetiva.— udicação do mez refere-se ás festas do calendario abstrato, quadro da ;ina 984.— Quando o assunto é tratado em varias paginas seguidamente, indicada sómente a primeira.

---

saude, 285.— AGOSTO. *5.* N. M. mostra o carater da crize que acaba de atravessar, 287; manifesta a sua gratidão pela afeição que Cl. Lhe inspirou, carateriza a influencia dela no trabalho que vai escre- crever (*Politica*), explica como sua afeição pessoal vai aperfeiçoar sua atividade social, 288; expõe sumariamente sua vida anterior, sua missão, seus estudos sientificos, seus primeiros trabalhos, sua fundação filozofica, sua crize de 1826, 289; as cauzas que retardárão a terminação filozofica, a segunda parte de sua carreira, a distinção das duas fazes da sua vida; mostra o duplo aspeto da reorganização espiritual, como a das idéias deve preceder á dos sentimentos, 290; mostra a distinção entre a filozofia e a politica e a correlativa em sua vida privada, diz como cedo reconheceu a necessidade das afeições ternas para a plenitude de sua ação social, motiva o seu fatal cazamento, compara a crize de 1826 com a atual, 291; mostra como a sua segunda elaboração, mais moral que intelectual, exige maior surto do sentimento, o que torna precioza a amizade de Cl. 292; fala de sua crize de 1838, do dezenvolvimento de seu gosto pelas bel- -artes, de seus aperfeiçoamentos fizicos ligados às tres crizes, 293; mostra como a teoria pozitiva dos sacramentos deriva do fundo da ligação de um aperfeiçoamento fizico a um aperfeiçoamento moral; sua abstenção do café, do fumo e do vinho; mostra a necessidade da expansão do sentimento para o bom exito de sua segunda vida, o que espera de Cl. nesse sentido, 294; afinidade entre o pozitivismo e o catolicismo, a instrução de Cl. não A impede de influir sobre seus trabalhos, 295; disposições com que emprehende a *Politica*, mostra como, graças a Cl., os embaraços materiais pouco O afetárão moralmente, 296.— *7.* Cl. agradece a remessa das *Cartas a Marcia* de George Sand, aprecia de passagem esta autora, manifesta dezejos de iniciar-se no pozitivismo, 299.— *11.* Pede a N. M. um pequeno serviço de amigo intimo, expõe o plano da *Willelmina*, impressão dessa carta sobre N. M. 302. N. M. agradece a prometida vizita, o pedido do pequeno serviço, exalta a idéia da *Willelmina*, augura-lhe bom exito, profe-

nhece não ter agradado a N. M. a mudança das vizitas; comunica projetos sobre a *Willelmina*, 442. — *29*. N. M. motiva o seu dezagrado, 443; regozija-se com a aparencia florecente da saude de Cl. 444; sanciona os seus projetos, mostra a aptidão social do pozitivismo, projeta colaborar com Ela na *Revista Pozitivista*, 445. — *30*. Cl. defende-se contra o menor vislumbre de pedantismo; suas frazes sobre a tendencia geral das inteligencias e sobre o quadrado da hipotenuza, 446; retoma os mercuridias para as suas palestras, interessa-se pela saude de N. M. 447. — *31*. N. M. comprehende como Cl. o pozitivismo de Wilhelmina, 447; mostra, das diferentes maneiras de abordar o pozitivismo, qual é a mais deciziva, aptidão afetiva dessa doutrina, grau de instrução teorica da mulher, 448. — NOVEMBRO. *2*. Cl. deixa de ir á caza de N. M. por não poder andar, 459; fala das dispozições dos seus para com Ela e N. M.; desculpa-se de não ter numerado as cartas, interessa-se extremamente pelo repouzo de N. M. 460. N. M., alarmado, faz-lhe recomendações higienicas e medicas, 461; aprecia os membros

da familia dela se... modo porque ele á ... cião, entrevê um... dade mais comp... suas relações ... 461, 462; mostra-... Ela é a sua cola... 463. — *6*. Pede-lhe p... do inconsiderado ... da despedida, dá ... de sua saude e tra... interessa-se pela dela, ... desculpa da m... precaução de con... numerar as cartas. ... -se á fraze com que ... negação de Cl. ca... o interesse pelo seu ... zo, 465. — *7*. Cl. fala ... culo com a mais ... delicadeza e de su... com a mais indul... simpatia, 466. — *8*. N. ... admira e aplaude a ... ternura filial, insiste ... recomendações sobre ... saude, 468; volta a ... da plenitude que a... para a sua felicidade. ... Cl., sentindo-se fatig... participa não poder ir ... *Italianos*; tranquili... dando-lhe detalhes de ... vida intima, 471. — *9*. N. ... manda Sofia para Ela ... Cl. de toda fadiga. ... de vê-la cuidar serian... da saude, manda-lhe co... selhos a respeito, 473; re... ponde-lhe sobre a sua ... tuação na familia, aco... lha-a a comunicar a s... pai a pensão austr...

M., refere-lhe a consulta do Dr. Grandchamp, 500. —*22*. N. M. explica a origem e natureza de sua perturbação fizica, fala sobre as qualidades do medico, 502, e sobre a molestia dela, consola-a pelas suas dores morais e fizicas, 503; a propozito do trabalho de Maximiliano, tratá-lo-á com precauções, 504.— *23*. Cl. dá os motivos porque não tem correspondido aos anhelos de N. M., oferece-lhe o sacrificio de seu repouzo, sua fraze: *Nada ha irrevogavel na vida sinão a morte*, 505.— *24*. N. M. não aceita o sacrificio, aguarda que se faça sentir em Cl. a necessidade da completa união, 506; felicita-se por ter rezistido á perigoza crize de Setembro, felicidade de sua situação atual, comparação com a sua primeira paixão, 507; conversa com o medico sobre a saude de Cl., 508.— *30*. Cl. relata uma nova crize domestica, 510; fala de seus projetos sobre a *Willelmina*, e das flores que Lhe levará, 511. — DEZEMBRO. *2*. N. M. aprecia *Os pensamentos de uma flor*, pede-lhe outros ensaios para a sua biblioteca intima. 525; felicita-a pela volta á *Willelmina*, agradece de ante-mão as flores, 526.—*4*. Cl. exprime o pezar de não poder conceder a intimidade conjugal, 531. N. M desculpa-se de não ter tido a suficiente energia para combater o dezanimo de Cl. em sua ultima vizita, 532, o que faz agora, dando-lhe esperanças sobre a sua saude e sobre a sua situação, 533; propõe modificações nos versos, 534; convida-a para assistir á *Semiramis*, 535.— *5*. Cl. acuza-se do dezanimo da ultima vizita, dá boas noticias da saude, 536; pediu a sua Mãi a entrega da pensão; irá á *Semiramis*; narra a apreciação de sua poezia pela familia, envia outra, 537. N. M. examina o principal vicio de suas relações com Cl. concebendo sempre á esperança da intima união, 538; atribúi-o á falta de confiança de Cl. no imperio dela sobre si-mesmo, 539; exprobra-a delicadamente por tê-lo suposto capaz de uma brutal negridão, 540. Cl. explica que não é a liberdade material que lhe falta para dispor de si, é a plena liberdade moral, 541. —*7*. N. M. conta a aflição que Lhe cauzou esse dezengano das esperanças sugeridas pelas cartas anteriores, 542; toma a afirmação de Cl. como pre-

nambula e para jantar em sua companhia, 560. — *12.* Cl. agradece, mas não aceita os dois convites, expande mais uma vez os seus sentimentos, 561.— *14.* Participa a vizita de M^{me} Marrast, concebe esperanças de voltar ao *Nacional*, expande os seus sentimentos, pede uma suspensão das vizitas dos mercuridias para adiantar a *Willelmina*, 564.— *16.* N M. mostra os perigos do jornalismo, 565; promete conseguir fóra dele a publicação da *Willelmina*, 566; consente, com pezar, na supressão das vizitas, combate com o seu exemplo a invocação do trabalho como motivo, 566. — *19.* N. M. inquieta-se pela saude de Cl., oferece -lhe os serviços de Sofia, e, sendo precizo, o seu quarto; desculpa-se de sua falta de amabilidade na ultima vizita; apreciando os sentimentos mutuos e a preeminencia de Cl., diz o unico motivo da insistencia que tanto tempo fez, 581.— *25.* Cl., a propozito de umas luvas que N. M. Lhe prometêra, pede-lhe para não fazer despezas com o que chama o seu luxo, 583.— *26.* N. M. acalma as inquietudes de Cl. sobre os sacrificios que Ela pensa cauzar-lhe, 584; aprecia o primeiro ano de sua ligação, a era mais memoravel de sua vida privada, manifesta mais esperanças para o ano novo em relação á independencia de Cl., 58[illegible] Cl. noticia agravação em sua saude, mostra a pouca importancia que merece a conduta de Marrast, 5[illegible]; considera a publicação no *Nacional* como um recurso possivel, 587.— [illegible] N. M. faz uma apreciação da conduta de Marrast, 587; insiste nos perigos do meio jornalistico, 589. Cl. narra o que se passou com Marrast, 590; fala de seu tratamento, aceita os serviços de Sofia, 591 — [illegible] — N. M. realça as raras qualidades de Cl., continúa a reprovação de Marrast, 592.

Correspondencia Sagrada (1846). — JANEIRO. *2.* Cl. dá boas noticias de sua situação domestica e de sua saude, 603. —*4.* N. M. expande os seus sentimentos, engrandece a superioridade moral e mental de Cl., 604; fala da bulhenta solidão dos salões atuais, cumprimenta Cl. pelo seu sinete, pede a remessa de mais composições como os *Pensamentos de uma fior*, faz mais oferecimentos de auxilio pecuniario, 605. Cl. faz a N.

672.— FEVEREIRO. *2*. Cl. dá noticias de sua saude, 677.— *5*. N. M. agradece-lhe a confidencia intima sobre os menores detalhes de seu tratamento, 680, e a ternura da expressão em que Cl. diz que Ele partilhará as suas venturas como as suas tristezas, 681. Cl., tendo-se-lhe agravado a doença, vai procurar o Dr. Grandchamp, e pede o auxilio de Sofia, 682.— *6*. N. M. manda Sofia, e transmite a Cl. as boas informações que Lhe dá o Dr. Grandchamp sobre o seu estado, 683.— *9*. Cl. recorre mais uma vez á generozidade de N. M.; participa um convite dos Marrast para uma soirée, 684; projeta mandar uma desculpa, 685.—*10*. N. M. atende ao seu pedido, 685; agradece-Lhe a autorização de poder comunicar os auxilios que Lhe presta, 686; aconselha-a a aproveitar o convite para reduzir a simplesmente literarias as relações com Marrast, 687.— *12*. Cl. participa ter ido á expozição Bonne-Nouvelle, agradece-lhe com encantadora fraze os seus auxilios pecuniarios, diz como se dezembaraçou do convite Marrast, 688; termina por outra fraze em que diz que o coração de N. M. é o santuario em que depozita tudo o que constitui sua vida, 689. N. M. insiste com Cl. para não manter com Marrast sinão relações de negocio, 690.— *13*. Cl., dolorozissimamente impressionada pela ultima carta, traduz com candura a sua dignidade e a sua ternura, 693.— *15*. N. M., sob a influencia do contentamento cauzado pelo sucesso de sua lição, dirige-lhe uma terna efuzão, 695.—*16*. Cl. pede-lhe para falar a Talabot a favor de Maximilien Marie, 700.—*17*. Agradece-lhe os passos que deu, 701.— *22*. N. M. recapitula e agradece os serviços que deve a Cl., 702.—*23*. Cl. dá noticias de sua saude e de seu tratamento, 705, e exprime-se encantadoramente sobre a afeição de N. M. 706.— *24*. N. M. diz não ter podido retomar a elaboração da POLITICA, inquieto quanto á saude de Cl., sobre a qual se estende bem como sobre o tratamento, 707. Cl. dá noticias da saude, suas expressões sobre os medicos, 709; fala de seu apego por N. M., 710.—*25*. N. M. ocupa-se da saude de Cl., sobre a qual aconselha, 711; continúa a apreciar a influencia de sua afeição sobre a sua natureza, melhora-

APENDICE

Aos Srs. Conde de LIMBOURG-STIRUM, *capitão de engenheiros*; KRETZER, *tenente de engenheiros*; e VAN HASFELT, *tenente de engenheiros, adidos ao ministerio da guerra holandez, em Haya.* *

Paris, Jovedia 30 de Abril de 1846.

Senhores,

Lamento não ter podido testemunhar-vos mais cedo quanto me comove a vossa nobre carta coletiva de 11 de Abril. Tal apreciação, lealmente proclamada no vosso honrozo prefacio, constitúi a mais precioza recompensa e o mais digno encorajamento que comporte a grande elaboração a que, desde o principio da minha mocidade, votei o conjunto da minha vida. Esses sufragios competentes e espontaneos parecem fazer já pressentir o juizo da posteridade, e fortificão a ativa convicção de um intimo acordo com a marcha fundamental da razão humana.

Salvo toda comparação pessoal, caraterizastes plenamente a minha operação filozofica vendo nela o complemento necessario e a sistematização deciziva da renovação geral concebida e esboçada por Bacon e Descartes. Ao seu poderozo impulso inicial, é precizo hoje ligar diretamente o esforço final que deve realizar a imensa sinteze então confuzamente entrevista como rezervada a um vago porvir, e cujos diversos elementos essenciais devião primeiro sobresahir sucessivamente das diferentes analizes preparatorias peculiares aos dois seculos intermediarios. Tornada enfim completa e homogenea pela fundação da verdadeira siencia social, a san filozofia tende doravante a incorporar-se ativamente ao conjunto da existencia humana, de maneira a substituir irrevogavelmente o regimen provizorio que, unico conveniente á nossa infancia, ficou depois incompativel com a nossa plena virilidade.

Mas essa conexão carateristica achava-se implicitamente anunciada já no concurso espontaneo desses dois diferentes reguladores primitivos do espirito moderno, do qual um considerou sobretudo a constituição especulativa e o outro a destinação ativa. A principal pro-

* Resposta do nosso Mestre á manifestação holandeza. Vide p. 855.

priedade do meu esforço filozofico consiste pois, como o haveis sentido, na intima combinação final dessas duas tendencias fundamentais, que deverão por muito tempo parecer inconciliaveis.

Estou profundamente comovido, Senhores, com a generoza simpatia que vos dignais exprimir-me por tribulações privadas naturalmente ligadas á minha missão publica, e ás quais só a minha falta total de fortuna pessoal proporciona perigoza gravidade. As condições intelectuais e sociais que, em virtude do conjunto do passado europeu, assinão á França a perigoza honra de uma indispensavel iniciativa na grande regeneração ocidental, rezidem essencialmente em classes com as quais o verdadeiro espirito filozofico não póde ainda instituir um contato suficiente. Por toda parte alhures, este deve encontrar aqui poderozas opozições coletivas e não póde esperar sinão preciozas adezões individuais, indiferentemente emanadas de todas as camadas sociais. Ele não podia sobretudo evitar uma luta caracteristica contra o falso espirito sientifico que, mais poderozo em França do que no resto do nosso Ocidente, constitúi aqui realmente o principal obstaculo atual á sinteze fundamental diante da qual deve extinguir-se o reinado por demais prolongado da analize especial. Em camarilhas matematicas onde a aversão das idéias gerais comprime o surto dos nobres sentimentos, as covardes animozidades que assinalei forão impelidas alem mesmo do que se devia supôr. Abuzando do poder exagerado que lhes concede a cega liberalidade do nosso governo, elas destruírão ha dois anos, diretamente a metade dos recursos materiais da minha laborioza existencia, ouzando arrancar-me, após sete anos consecutivos de irreprochavel exercicio, as minhas principais funções politecnicas. Embora um exame aprofundado haja conduzido a administração suprema a estigmatizar solemente tal iniquidade, os nossos preconceitos pedantocraticos não lhe permitírão ainda uma intervenção assás energica para prevenir, ou siquer reparar a sua consumação efetiva.

Fazendo-vos saber, Senhores, este dezagradavel desfecho provisorio de uma luta inevitavel, devo assinalar tambem á vossa honoravel solicitude diversas manifestações que me oferecêrão então uma precioza com-

ɪensação, completada hoje pelo vosso nobre passo. Conheceis já a eminente justiça que ouzou, primeiro que todos, me render publicamente um leal filozofo inglez, que vos forneceu uma benevolente epigrafe. A propria França tomou, no ano seguinte, uma digna desforra dessa iniciativa ecepcional, pela admiravel apreciação filozofica á qual um dos principais membros do nosso Instituto (M. Littré) submeteu o conjunto da minha obra, em seis artigos do *Nacional*, que formárão em breve uma publicação especial, aliás adiantada espontaneamente em Utrecht. Enfim, quando a ignobil perseguição foi conhecida na Inglaterra, alguns membros do Parlamento (*) concertárão-se logo para me votar um honoravel subsidio, equivalente a um ano dos vencimentos de que eu fôra despojado: essa medida dezuzada retardou utilmente de um ano a perturbação material que os meus inimigos tinhão sobretudo em vista.

Apezar dos graves embaraços temporarios em que ela me lança hoje, essa crize pessoal não trará, espero eu, nenhuma alteração notavel á continuidade real da minha principal elaboração. A inteira publicação dos dois tratados secundarios, que eu tinha outrora prometido como tipos didaticos, permitiu-me enfim emprehender, ha um ano, a minha segunda grande obra, consagrada, de uma maneira direta e especial, á constituição dogmatica da siencia social, em harmonia necessaria com a arte correspondente. O principal carater desse novo trabalho consiste em sistematizar a superioridade moral do Pozitivismo, cuja superioridade intelectual o meu livro fundamental estabeleceu assás. Esta simples indicação póde fazer sentir quanto tão dificil complemento importa ao acendente social da nova filozofia geral, proporcionando-lhe a unica aptidão que, aos olhos mesmo mais bem dispostos, parece faltar-lhe ainda, e sem a qual entretanto nenhuma doutrina póde verdadeiramente sahir do circulo restritissimo das inteligencias contemplativas para penetrar dignamente na massa ativa. Em uma palavra, o conjunto desses quatro novos volumes tenderá diretamente a rezolver o fatal antagonismo que, desde o fim da idade-média, existe, em todo o Ocidente, entre as necessidades, igualmente

* O nosso Mestre refere-se a Grote, Molesworth e Raikes-Currie.

irrezistiveis, do espirito e do coração: ele constatará, espero eu, que a unica filozofia que póde hoje satisfazer a umas é tambem aquela que doravante melhor convem ás outras.

A util publicação, da qual tivestes a bondade, Senhores, de enviar-me um magnifico exemplar, realiza, pelo menos em parte, um voto que eu havia muito tempo formado para secundar a propagação sistematica do Pozitivismo: consistia ele em reunir em um volume distinto os dois capitulos de preliminares gerais e os tres capitulos de concluzões gerais que começão e terminão a minha obra, cuja primeira apreciação por vezes facilitei assim. Aumentar-se-ia ainda a eficacia dessa iniciação, sem eceder os limites ordinarios, abrindo esse volume unico pelo importante exame de M. Littré, mais apropriado do que qualquer outra expozição possivel de igual extensão para bem caraterizar a minha dupla concepção fundamental, e, enfim, poder-se-ia tambem colocar utilmente ahi o discurso que publiquei, com a mesma intenção, um ano antes desse belo trabalho; peço a cada um de vós, Senhores, que aceiteis, a titulo de lembrança pessoal, um exemplar incluzo desse discurso.

Permití-me, Senhores, apanhar este nobre ensejo para testemunhar especialmente a simpatia espontanea que me inspirou sempre a interessante nação que foi, a tantos respeitos, um dos orgãos mais precoces e mais carateristicos do verdadeiro espirito moderno. Creio haver assás indicado a minha constante dispozição para com ela, na minha sumaria apreciação sistematica do passado ocidental. Os verdadeiros filozofos francezes não esquecerão jamais que a patria de Grotius e de Huyghens ofereceu por muito tempo um honoravel azilo a Descartes e a Bayle. Apezar da universal perturbação peculiar á nossa epoca, o vosso paiz, sem duvida, saberia si fosse precizo dignamente exercer ainda esse nobre privilegio tão preciozo aos pensadores por demais adiantados.

Aceitai, Senhores, a segurança da minha gratidão a um tempo pessoal e filozofica, com a homenagem da minha afetuoza estima.

AUGUSTO COMTE,

10, rua Monsieur-le-Prince.

EXTRATO DO CATALOGO DAS PUBLICAÇÕES

DO

Apostolado Pozitivista do Brazil.

Catecismo Pozitivista, por Augusto Comte. Tradução e notas de Miguel Lemos. 2ª ed. 4$

Apelo aos Conservadores, por Augusto Comte. Tradução e notas de Miguel Lemos. . . . . 4$

Epitome da vida e dos escritos de Augusto Comte, por J. Lonchampt. Tradução e notas de Miguel Lemos (com gravuras). 5$

Ensaio sobre a oração, por J. Lonchampt. Tradução de Miguel Lemos. . . . . 2$

Santa Tereza, comemoração da sua vida e meritos, por Miguel Lemos (2ª edição). . . 1$

As ultimas concepções de Augusto Comte, ou ensaio de um complemento ao *Catecismo Pozitivista*, organizado por R. Teixeira Mendes. . . . . 5$ e 6$

Uma vizita aos Lugares Santos do Pozitivismo (contem um esboço da vida de Clotilde até que o nosso Mestre conheceu a sua Inspiradora), por R. Teixeira Mendes. 3$